THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

1530

... GOVERNAM OS QUE CÁ ESTÃO

DIRECTOR

JOAQUIM LEITÃO

EMPREZA

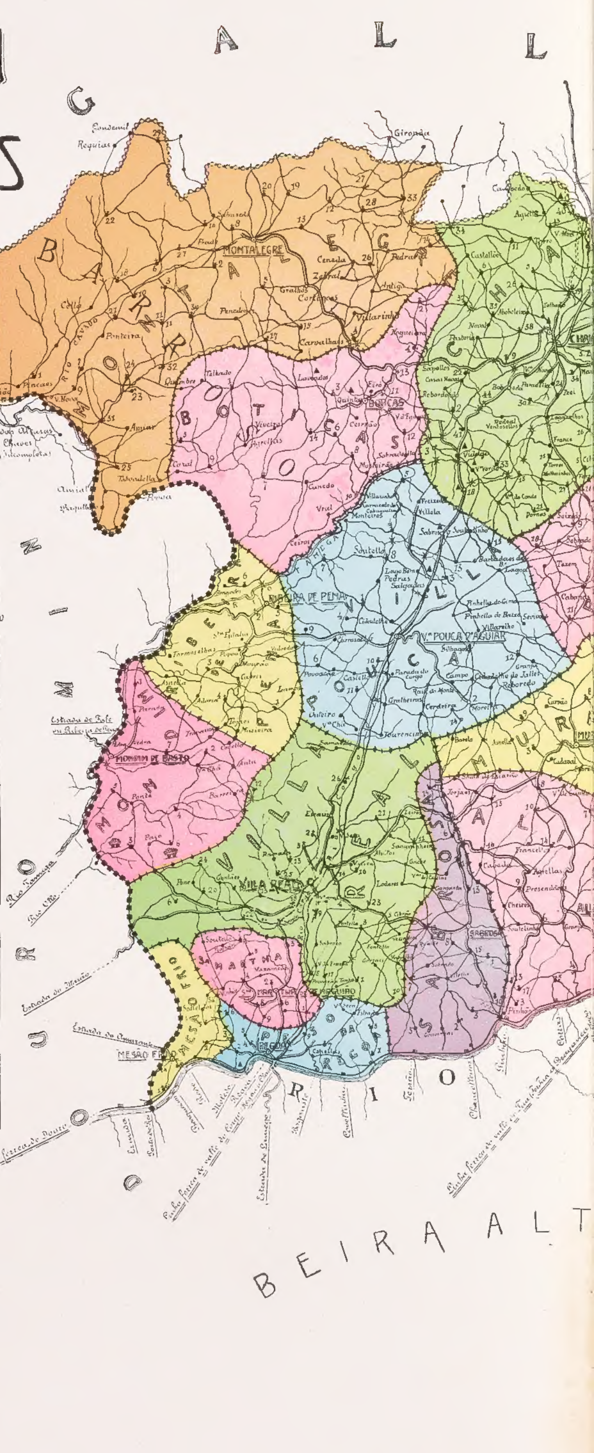
ANTONIO AUGUSTO CORRÊA

ANTONIO TERRIO

JOAQUIM DA COSTA CARREGAL

CARTA CHOROGRAPHICA DAS TERRAS TRASMONTANAS

DISTRICTOS DE BRAGANÇA E VILLA REAL



CONCELHOS E FREGUEZIAS DA PROVINCIA

Alfandega da Fé

1 Agrobom — 11 Sta Justa
2 Cerejaes — 12 Sendim da Rib.ª
3 Eucisia — 13 Sendim da Ser.ª
4 Ferradosa — 14 Soeima
5 Gebelim — 15 Valle de Pereiro
6 Gouveia — 16 Valles
7 Parada — 17 Valverde
8 Pombal — 18 Villar Chão
9 Saldanha — 19 Villarelho
10 Sambade — 20 Vª da Villariça

Alijó

1 Amieiro — 11 Sto Eugenio
2 Carlão — 12 S. Mamede de Riba Tua
3 Casal de Loivos — 13 Vª de Mendiz
4 Castedo — 14 Villa Chã
5 Cottas — 15 Villa Verde
6 Favaios — 16 Villar de Maçada
7 Pegarinhos — 17 Villarinho de Cottas
8 Populo
9 Sanfins
10 Ribalonga

Boticas

1 Alturas do Barroso — 8 Curros
2 Ardãos — 9 Dornellas
3 Beça — 10 Fiães
4 Bobadella — 11 Granja
5 Cerdêdo — 12 Pinhão
6 Codeçoso — 13 Sapiãos
7 Covas do Barroso — 14 Villar do Porto

Bragança

1 Alfaião — 26 Outeiro
2 Avellada — 27 Parada
3 Babe — 28 Paradinha Nova
4 Baçal — 29 Paramio
5 Calvelhe — 30 Pinella
6 Carragosa — 31 Pombares
7 Carrazêdo — 32 Quintanilha
8 Castrellos — 33 Quintella de Lampaças
9 Castro de Avellãs — 34 Rabal
10 Coelhoso — 35 Rebordainhos
11 Deilão — 36 Rebordãos
12 Donai — 37 Rio Frio
13 Espinhosella — 38 Rio Onor
14 Failde — 39 Salsas
15 França — 40 Samil
16 Gimonde — 41 Sta Comba de Rossas
17 Gondesende — 42 S. Julião
18 Gostei — 43 S. Pedro de Sarracenos
19 Grijó de Parada — 44 Sendas
20 Izêdo — 45 Serapicos
21 Macedo do Mato — 46 Sortes
22 Meixedo — 47 Zoio
23 Milhão
24 M. de Rebordãos
25 Nogueira

Carrazeda de Anciães

1 Amedo — 13 Pinhal do Nort.
2 Beira Grande — 14 Pombal
3 Belver — 15 Ribalonga
4 Castanheiro — 16 Samorinha
5 Fonte Longa — 17 Seixo
6 Lavandeira — 18 Selores
7 Linhares — 19 Villarinho da Castanh.ª
8 Marzagão — 20 Zedes
9 Mogo de Malta
10 Parambos
11 Pereiros
12 Pinhal do Norte

Chaves

1 Aguas Frias — 26 Sanfins
2 Anelhe — 27 Sanjurge
3 Arcossó — 28 Sta Leocadia
4 Bobadella — 29 Faiões
5 Bustello — 30 S. Julião de Montenegro
6 Calvão — 31 S. Pedro de Agostem
7 Cella — 32 S. Vicente
8 Chaves — 33 Seara Velha
9 Cimo da Villa da Castanh.ª — 34 Selhariz
10 Curalha — 35 Soutellinho da Raia
11 Eiras — 36 Soutello
12 Ervededo — 37 Travancas
13 L. de Arcos — 38 Tronco
14 Loivos — 39 Valle d'Anta
15 Mairos — 40 [illegible] de Chaves
16 Moreiras — 41 Villar de Nantes
17 Nogueira da Montanha — 42 Villarelho da Raia
18 Oucidres — 43 Villarinho das Paranheiras
19 Oura — 44 Villas Boas
20 Outeiro Secco — 45 Villela Secca
21 Paradella — 46 V. de Samega
22 Povoa de Agrações
23 Redondello
24 Roriz
25 Samaiões

Freixo de Espada á Cinta

1 Fornos — 4 Mazouco
2 Lagoaça — 5 Poiares
3 Ligares

Miranda do Douro

1 Atenor — 8 Paradella
2 Cicouro e Constantim — 9 Picote
3 Duas Igrejas — 10 Povoa
4 Genisio — 11 S. Martinho
5 Ifanes — 12 Sendim
6 Malhadas — 13 Silva
7 Palaçoulo — 14 Villa Chã de Braciosa

Macedo de Cavalleiros

1 Ala — 20 Moraes
2 Amendoeira — 21 Murçós
3 Arcas — 22 Olmos
4 Bagueixe — 23 Peredo
5 Bornes — 24 Lamas
6 Burga — 25 Salsellas
7 Carrapatas — 26 Sta Combinha
8 Castellãos — 27 Sesulfe
9 Chacim — 28 Soutello
10 Corticos — 29 Talhas
11 Corujas — 30 Talhinhas
12 Edroso — 31 Vª Benfeito
13 Espadanedo — 32 Vª da Porca
14 Ferreira — 33 Vª de Prados
15 Grijó — 34 Villar do Monte
16 Lagoa — 35 Vª do Agrochão
17 Lamalonga — 36 Vª do Monte
18 Podence — 37 Vinhas
19 Lombo

Mesão Frio

1 Barqueiros — 4 Villa Jusã
2 Cidadelhe — 5 Villa Marim
3 Oliveira

Mirandella

1 Abambres — 20 Orelhão
2 Abreiro — 21 Marmelos
3 Aguieiras — 22 Mascarenhas
4 Alvites — 23 Murias
5 Avantos — 24 Navalho
6 Avidagos — 25 Passos
7 Barcel — 26 Romeu
8 Bouça — 27 S. Pedro Velho
9 Cabanellas — 28 S. Salvador
10 Caravellas — 29 Sucçães
11 Carvalhaes — 30 T. D. Chama
12 Cedães — 31 Vª d'Asnes
13 Cedainhos — 32 . de Gouvinhas
14 Cobro — 33 . de Salgueiro
15 Fradizella — 34 . de Sancha
16 Franco — 35 . de Telhas
17 Frechas — 36 Valle Verde
18 Freixeda — 37 Villa Bôa
19 Guide — 38 Villa Verde

Mogadouro

1 Azinhoso — 15 Peredo
2 Bemposta — 16 Remondes
3 Bruçó — 17 Saldanha
4 Brunhosinho — 18 Sanhoane
5 Brunhoso — 19 S. Martinho
6 Castanheira — 20 S. Payo
7 Cast. Branco — 21 Soutello
8 Castro Vicente — 22 Tó
9 Estevaes — 23 Travanca
10 Figueira — 24 Urrós
11 Macedo do Peso — 25 Vª de Madre
12 Meirinhos — 26 . do Porco
13 Paradella — 27 Valverde
14 Penas Roias — 28 Vario
29 Ventosello — 32 Villar dos Sinos
30 Villa de Alla — 33 Vilarinho dos Gallegos
31 Villar do Rei

Mondim de Basto

1 Ateu — 5 Paradança
2 Bilhó — 6 Pardelhas
3 Campanhó — 7 Vª de Ferreiros
4 Ermello

Montalegre

1 Cabril — 19 Padornellos
2 Cambezes — 20 Padroso
3 Contim — 21 Paradella
4 Cervos — 22 Pitões das Junias
5 Chã — 23 Pondras
6 Covelhães — 24 Reigoso
7 Covello do Gerez — 25 Salto
8 Donões — 26 Sarraquinhos
9 Ferral — 27 Sezelhe
10 Fiães do Rio — 28 Solveira
11 Fervidella — 29 Tourem
12 Gralhas — 30 Viade de Baixo
13 Meixedo — 31 Venda Nova
14 Meixide — 32 Villa da Ponte
15 Morgade — 33 Villar de Perdizes
16 Mourilhe
17 Negrões
18 Outeiro

Murça

1 Candedo — 6 Palheiros
2 Carva — 7 Sobreira
3 Fiolhoso — 8 Vallongo
4 Jou — 9 Villares
5 Noura

Peso da Regoa

1 Covelinhas — 6 Moura Morta
2 Fontellas — 7 Poiares
3 Galafura — 8 Sedrellos
4 Godim — 9 Vª dos Freires
5 Loureiro

Ribeira de Pena

1 Alvadia — 4 Limões
2 Canedo — 5 Sta Marinha
3 Cerva — 6 Alem Tamega

Sabrosa

1 Celleirós — 8 Passos
2 Covas do Douro — 9 Provezende
3 Gouvães — 10 S. Christovão
4 Donello — 11 S. Lourenço
5 Gouvinhas — 12 S. Mart.ª d'Anta
6 Parada de Pinhão — 13 Souto Maior
7 Paradella — 14 Torre do Pinhão
15 Vª de S. Romão

Sta Martha de Penaguião

1 Alvações do Corgo — 5 Fornellos
2 Cever — 6 Lobrigos
3 Cumieira — 7 Louredo
4 Fontes — 8 Medrões
9 Sanhoane

Torre de Moncorvo

1 Adeganha — 9 Horta
2 Açoreira — 10 Larinho
3 Cabeça Boa — 11 Lousa
4 Cardanha — 12 Maçores
5 Carviçaes — 13 Mós
6 Castedo — 14 Peredo
7 Felgar — 15 Souto da Velha
8 Felgueiras — 16 Urros

Valle Passos

1 Agua Revez — 16 Friões
2 Algeriz — 17 Lebução
3 Alvarelhos — 18 Padrella e Tazem
4 Argeriz — 19 Possacos
5 Barreiros — 20 Rio Torto
6 Bouçoães — 21 Sanfins
7 Canaveses — 22 Santa Valha
8 Carrazedo de Monte Negro — 23 S. Pedro da Veiga de Lila
9 Corveira e Nozedo — 24 Serapicos
10 Crasto — 25 Sonim
11 Curros — 26 Tinhella
12 Emeres — 27 Valles
13 Ervões — 28 Vassal
14 Fiães — 29 Veiga de Lilla
15 Fornos do Pinhal — 30 Villarandello

Villa Flor

1 Assares — 12 Sampaio
2 Benlhevae — 13 S. Comba da Villariça
3 Candoso — 14 Seixo
4 Carvº Egas — 15 Trindade
5 Freixiel — 16 Vª Frechoso
6 Lodões — 17 . de Torno
7 Mourão — 18 Villarinho das Azenhas
8 Nabo — 19 Vas Boas
10 Roios
11 Samões

Vilª Pª d'Aguiar

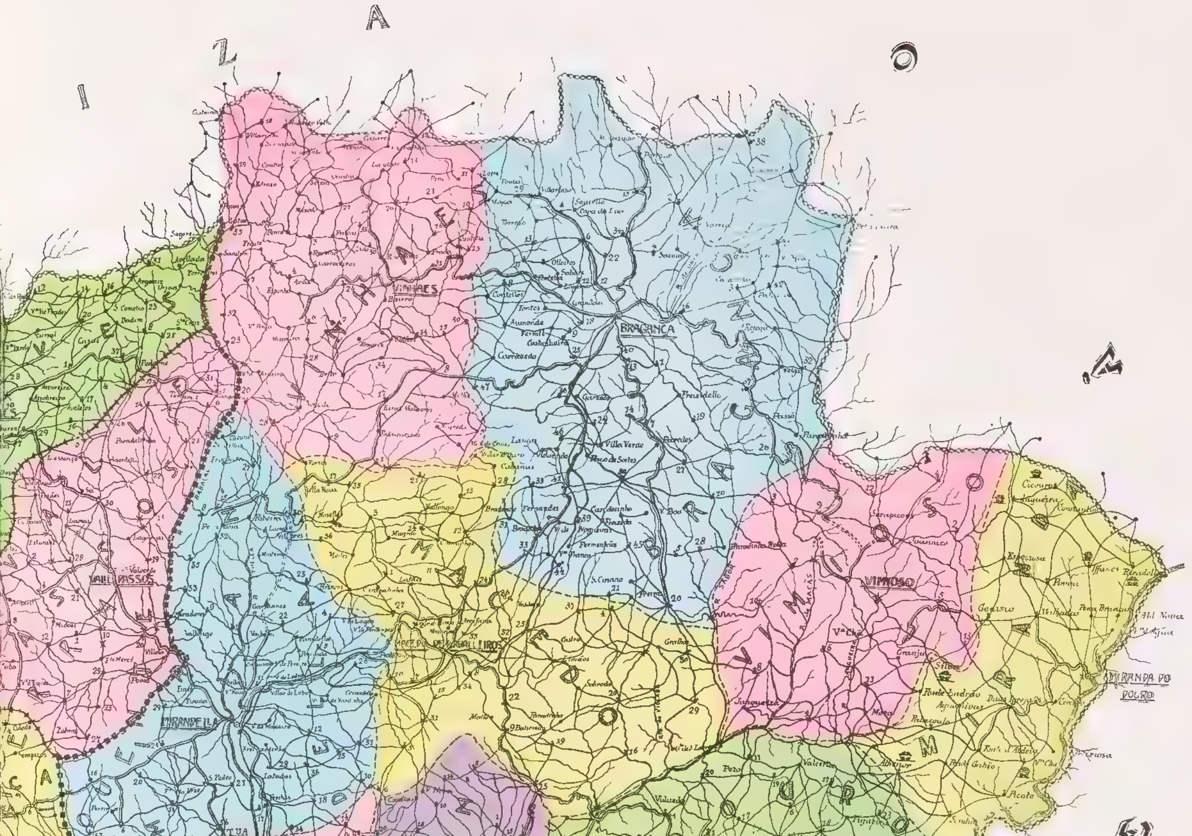
1 Affonsim — 9 S. Martha da Montanha
2 Alfarella — 10 Soutello
3 Bornes — 11 Telloes
4 Bragado — 12 Tres Minas
5 Capelludos — 13 Vreia de Bornes
6 Gouvães da Serra — 14 . de Jalles
7 Parada de Monteiros — 15 Valloura
8 Pensalvos

LEGENDA

Fronteira
Divisão districtal
Divisão concelhia
Rios
Pontes
Caminho de ferro
Estradas
Caminhos ruraes
Capital de districto
Freguezia
Logar
Cabeça de concelho
Aguas mineraes, thermas, etc.
Estação de C. de ferro
Região mineira

Organisada e desenhada por Carlos de Magalhães - 1907

Occidenta



VINHAES
BRAGANÇA
VIMIOSO
MIRANDA DO DOURO
MACEDO DE CAVALLEIROS
VALLE PASSOS
MIRANDELLA
ALFANDEGA DA FÉ
MOGADOURO
TORRE DE MONCORVO
CARRAZEDA D'ANCIÃES
FREIXO DE ESPADA Á CINTA
TUA
RIO DOURO
BEIRA BAIXA
Escala 1:50000
Villa Real
1 Abaças 16 Mouços
2 Adoufe 17 Nogueira
3 Andrães 18 Parada de Cunhos
4 Arroios 19 Pena
5 Borbella 20 Quintã
6 Campeã 21 S. Thomé do Castello
7 Constantim 22 Torgueda
8 Ermida 23 Valle de Nogueiras
9 Folhadella 24 Villa Cova
10 Guiães 25 Villa Marim
11 Lamares 26 Villarinho da Samardã
12 Lamas de Olo
13 Lordello
14 Matheus
15 Mondrões
Vimioso
1 Algoso 8 Matella
2 Angueira 9 Pinello
3 Argozello 10 Santulhão
4 Avellanoso 11 Uva
5 Caçarelhos 12 Valle de Frades
6 Campo de Viboras 13 Villar Secco
7 Carção
Vinhaes
EDIÇÃO DA ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

ARCHIVO PITTORESCO, LITTERARIO E SCIENTIFICO DAS TERRAS TRASMONTANAS.

1.º ANNO — 1908

PROPRIEDADE
DA
Empreza da Illustração Trasmontana

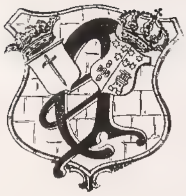
Rua dos Clerigos, 61 — 1.º
PORTO

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
RUA DA FABRICA, 80

1908

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

Traz-os-Montes



AO iniciarem-se as primeiras epocas geologicas da terra, e cerca do fim do primeiro periodo, quando ao de cima das aguas revoltas, que então cobriam tudo, começaram de apparecer, aqui e alem, as manchas lodosas das primeiras terras, a provincia de Traz-os-Montes, de constituição primaria, foi uma das que primeiro emergiu do fundo ainda instavel do oceano universal.

Constituida toda, salvo ligeiras particulas graniticas aflorando aqui e ali, disseminadamente, em manchas esbranquiçadas do fundo escuro da terra circumdante, de schistos cambrianos, o fogo central, levantando-a mais e mais, empolando-a de montanhas, enrugando-a de colinas, sulcando-a de valles, deu logar a que na sua forma definitiva, essa ampla zona da futura terra portugueza ficasse, qual hoje a conhecemos, povoada de espessas serranias, atulhada de profundos barrancos, por onde algum minguado fio d'agua se contorse e escachôa, marulhoso e revolto, aqui achatando-se em acanhados planaltos onde a flora exhuberante das altas latitudes se desenvolve em troncos lenhosos de vegetaes gigantescos, alem escavando-se em profundas depressões que as correntes fertilizam e fecundam com a humidade das suas aguas, com os ricos nateiros das suas aluviões.

E' como que um enxerto da germanica Suissa, adaptado ao tronco latino da terra portugueza, sem a elevação desmesurada das suas cordilheiras nem as vastas e limpidas toalhas dos seus lagos, mas tambem sem as asperezas hibernaes dos climas do norte, nem os mantos de perpetuas neves cobrindo as cumeadas agudas, quando não despenhando-se em avalanches tragicas, a semearem de destroços e de ruinas, de cadaveres e de luto, as aldeias pacificas aninhadas nos seus flancos, ou o *chalet* solitario alcandorando-se nos pendores declivosos dos montes abruptos.

A zona quasi tropical, como a zona semi-artica, encontram aqui os similares dos seus climas e dos seus productos, da sua flora e da sua fau-

na, e desde as ribas accidentadas do sul que o Douro banha e o sol torrido fecunda e abrasa, até ás cumeadas pedregosas que a neve envolve de gelo e frio, ha como que a temperatura de todas as latitudes e os fructos de todas as regiões. O carvalho secular e herculeo, de tronco tortuoso e duro, como o negrilho gigantesco, copado e conico, hombream com o castanheiro frondoso e rico em messes, e o pinheiro esguio e possante, de grossos troncos arredondados, todos elles trepando montes acima, das fraldas ás cumeadas,—emquanto em baixo, nos reconcavos soalheiros e abrigados dos valles profundos, em leiva regada e fertil, brotam á luz viva d'um sol creador os pomares virentes, n'uma ridencia festiva de natureza fecunda e rica. E se a fauna, mais escassa hoje com o exterminio de monstros que o homem destruiu quando não pôde submettel-os, diminuiu em numero, pelos trilhos invios das montanhas esburacadas de covis, ainda enxameiam, destructivas e perigosas, as alcatêas de lobos eternamente famintos, como pelos sopés das cordilheiras, a perderem-se na espessura cerrada dos bosques povoados de fojos, pasce ainda em manadas o porco montês, feroz e voraz. Do alto das penedias que demoram pelas proximidades das suas luras, o olhar perceptivel do lince, solitario e raro, segue os movimentos suspeitosos da corça e da cabra silvestre, mais raros ainda; e mais humildes, mas carniceiros tambem, a gineta e a foinha, a doninha e o teixugo, o toirão e o raposo, giram pelas trevas da noite em cata da ave que dorme confiadamente entre a folhagem das grandes arvores immoveis, do coelho timorato e da lebre suspeitosa,—emquanto lá em cima, nas arestas mais agudas que corôam os cucurutos das montanhas penhascosas, ou fendendo o espaço em largos vôos sinuosos, a aguia altaneira ou o milhafre ladravaz, espreitam a presa que corre no solo ou esvoaça no ar, o roedor inoffensivo ou a ave assustadiça.

As correntes abundam, já descendo dos cumes agrestes das serranias em torcicolos precipitosos pelos leitos em declive, já sulcando fundo a gleba das terras baixas, semeada de reprezas, estacionada de moinhos. E nos tempos revoltos do inverno, quando os vendavaes desencadeados estrugem nos ares com os uivos da ventania que se engolfa nas gargantas das serras e empapa a terra com as cataractas diluvianas do céo, o mugir raivoso das torrentes engrossadas, põe uma nota sinistra no clamor da noite tragica, quando não destroe e arrebata, na onda revolta das suas aguas embravecidas, a cabana humilde que estancêa nas suas margens, ou o moinho prestante que se debruça nas suas reprezas.

Quando o remoto atlantida, aportando do mar largo em fuga desapoderada da sua terra que baixava aos poucos ás profundidades do mar revolto

VILLA REAL
Cliché do Ex.mo Snr. A. Lopes Martins

apégou ás terras occidentaes, o homem primitivo da idade paleolitica, contemporaneo do mammouth e do rinoceronte prehistorico, de ha muito errava já por entre o bravio matagal das florestas trasmontanas, e as cavernas profundas do Marão e Padrella, Nogueira e Bornes acaso lhe offereciam guarida e refugio nos seus recessos misteriosos; e os monstros ferozes da selva virgem, de certo baquearam aos golpes impiedosos do seu machado de pedra bruta, manejado ás mãos ambas pelo seu robusto pulso de athleta. Mas depois, esse antepassado do homem, cujos vestigios de pedra tosca, achados em abundancia, nos dizem uma parte da sua historia sumiu-se, por ventura exterminado pelo invasor, se não fundido com elle, mais tarde, depois de ter errado por annos longos, perseguido e fugitivo, como a fera que elle mesmo caçava.

Em todo o caso sem duvida foi elle, o misero troglodyta quasi anthropoide, de bruteza selvatica, o constructor de muitos dos monumentos que a antiguidade nos legou,—*antas, arcas, menhirs, cromeleks, rochedos oscillantes*, etc., que por esta terra se contam ás dezenas. A outras raças, posteriores, mas por certo menos selvagens, se devem alguns outros d'esses monumentos veneraveis. Aos atlantidas talvez, apoz ascendentes dos iberos tidos, mas algo civilizados já, e por alguns considerados como berberes de raça, povo antigo e numeroso que espadanou pela Europa austro-occidental como uma inundação que tudo submerge, desde as boccas do Reno até aos contrafortes do Etna, desde a foz do Tejo até os despenhadeiros das Thermopilas, onde os pelasgos a custo lograram deter-lhe a marcha victoriosa, em quanto que outras hordas se espraiavam norte d'Africa alem até ao valle do Nilo, onde o civilizado egypcio conseguiu sustal-o,—aos celtas depois.

Quando o arya aventuroso instalado na Gallia, galgou a muralha pyrinaica em demanda das terras

PINHÃO — Cliché do Ex.mo Snr A. Pinheiro

do sul, um dos seus ramos, o gallaico, destacando-se do tronco principal, tomou para oeste até estacar com as aguas do Atlantico que referviam nas praias occidentaes, na courela planturosa onde se instalou

Chaves — Aspecto parcial — Cliché do Ex.mo Snr. S. Carneiro

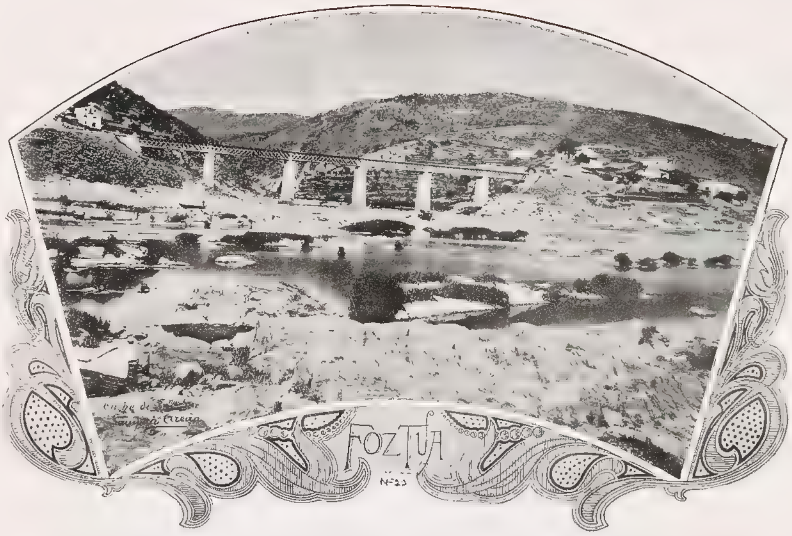
e a que deu o nome — Gallecia —. O indigena, fraco e disperso, recuou diante da onda invasora, buscando refugio nas serranias alcantiladas do interior, e a terra trasmontana foi, talvez, um dos asilos onde elle encontrou momentanea segurança. Perseguido ahi mesmo e conquistado, incorporada a sua terra na area avassalada pelo celta, mesclando-se mesmo com o adventicio mais tarde, quando o rodar do tempo amaciou as asperezas do odio e as violencias do resentimento, as suas affinidades ethnicas, tenazes e resistentes, só fracamente se resentiram dos effeitos da fusão, e os anthropologistas dos nossos dias notam entre a quasi totalidade do povo de toda a provincia as mesmas dimensões e as mesmas formas do craneo, que não é a do celta do Minho. Se o arya conquistador pôde impor a sua vassalagem ao vencido, não assim a sua preponderancia ethnica. Não absorveu, foi absorvido. As suas colonias, entre os indigenas estabelecidas, desappareceram tão completamente, que não ha hoje estremar o adventicio celta do indigena de origens incertas.

Regoa — Cliché do Ex.mo Snr. J. A. Barreto

Depois outros povos vieram, — lusitanos, gregos, fenicios, cartaginezes, ligurios, — uns que se instalaram nas suas praias, outros que se infiltraram no interior, até ao dia em que o romano, vencida a resistencia indomavel do lusitano com a punhalada traiçoeira que cortou os liames da vida ao heroico Viriato, e afogada n'um mar de sangue a defeza aturada dos bravos cantabros, se estabeleceu como senhor n'um predominio ininterrupto e beneficamente civilisador, de mais de quinhentos annos de duração.

A irrupção fatal dos barbaros do norte, rolando como uma avalanche destructiva atravez das campinas ridentes da peninsula, saqueando, violando, assassinando, ao clarão rubro dos incendios que consumiam os povoados e ao estrondo dos muros que desabavam derruidos pelas inves-

tidas do invasor, fez em toda a terra o vacuo do deserto, e o habitante fugitivo, que não encontrou guarida por detraz das muralhas das praças de guerra ou nos recessos arredios das montanhas inaccessiveis, caíu em montões ceifado pelo ferro impiedoso do germano e do tartaro, — do vandalo e do alano. E dizem as chronicas do tempo, que de dez milhões de habitantes que povoavam a Lusitania, um milhão somente escapou á sanha feroz das hordas invasoras!



A dominação do godo, estabeleceu um pouco de ordem; mas afeminado e corrompido a breve trecho, uma batalha, uma só, nas margens do Crissus, basta para entregar toda a Hespanha ao senhorio do Islam, e as rapidas cohortes berberes tudo submergem nas suas ondas, até que os seus cavalleiros esbarram na chacina feroz de Covadonga, onde o velho heroismo cantabro resurge á voz de Pelaio.

Então, inicia-se essa lucta epica e secular, que gasta para mais de sete seculos em expulsar o invasor, e uma nacionalidade, que é apenas a continuação de uma outra obliterada por treze seculos de escravidão, resurge e affirma-se na vontade soberana dos seus filhos, no vigor heroico das suas armas. Tudo passou: mas d'esses povos que dominaram por annos ou preduraram por seculos, de todos ficaram rastos ou residuos, das obras que fizeram ou dos destroços que commetteram, da lingua que nos deixaram e das colonias que comnosco se fundiram. Mas este caldeamento immenso, operado n'uma fusão lenta de seculos, se avigorou a raça com a transfusão d'um sangue robusto e novo, só mediocremente alterou as affinidades ethnicas, e o trasmontano de hoje, salvas influencias de outra ordem, continua apresentando uns caracteristicos por toda a parte identicos, que vão da côr morena da pelle á côr escura dos cabellos e dos olhos, desde a estatura agil, viva e robusta, até ás dimensões e formas do craneo. — E n'isso assenta a suspeita para a hypothese d'uma raiz iberica, attenta a tenacidade reconhecida d'esta raça, resistindo sempre a todas as influencias, triumphando sempre de todas as fusões.

E comtudo, predominando por toda a extensão da provincia a mesma raça, vigorando sempre a mesma supremacia, as duas metades, de leste e oeste, algo se extremam uma da outra. O rio Tua, que se entalha tão profundamente na gleba trasmontana e a scinde em duas partes quasi eguaes, se não separa duas regiões distinctas nem divide dois povos diversos, delimita comtudo de algum modo duas zonas que o clima, a cultura e as contingencias da emigração tem modificado um pouco. A Cistudana e a Transtudana não são absolutamente identicas.

Na primeira, a cultura quasi geral da vinha, subindo até latitudes que a convisinham da raia, soffreu por isso mesmo influencias que modificaram um pouco os seus caracteres primitivos. Limitrophe do Minho e da Galliza, ponto forçado das emigrações celtas de todos os tempos, já de Alem-Tamega, já de Alem-Fronteira, operando-se sempre de um modo continuo e lento, resultou d'isto ao habitante uma feição mixta que o extrema algo do Transtudano. Domina a mesma indole; prepondera a mesma raça; impôe-se a mesma supremacia

ethnica: mas o typo individual experimentou alterações que dão na vista,—emtanto que Alem-Tua o typo genuino parece accentuar-se.

As contingencias migratorias das regiões precedentes, não influiram tanto aqui; e os elementos adventicios, dispersos por entre o indigena, de proveniencia e raças diversas, tendiam antes a fixal-o do que a modifical-o. Alem foi a intervenção do arya; aqui foi a influencia do semita.

Não é conhecida a origem do ibero; mas anthropologistas ha que o filiam na raça berber, isto é, semita; e foi precisamente de semitas o maior e mais duravel contingente que recebeu.

Os arabes e os mouros apégaram muito por aqui, e do seu labor adveio a esta parte da provincia uma prosperidade extincta. Mesmo depois de mano e o arabe comsigo trouxeram em copia, acresceu o numero. Accentuada mais tarde, esta emigração, quando D. João II offereceu acolhida aos fugitivos, que Izabel expulsava em chusma do seu paiz, a situação fronteiriça da provincia garantiu-lhe por annos largos um asilo propicio á fuga, quando os queimadeiros da inquisição rechinavam as carnes sangrentas dos perseguidos. Muitos... ahi ficaram. E a estes, em data recente, mas incerta, vieram juntar-se novas levas, acossadas da Hespanha por uma perseguição e uma revolta.

Raça prestante e activa, laboriosa e sobria, genuinamente portuguêsa hoje pelo nome e pela lingua, convertida na sua maioria senão na sua totalidade, infiltrando-se aos poucos na massa geral, tem, ella tambem por sua vez, concorrido para distanciar o

repelidas, não já de Portugal Transduriano, mas de todo o paiz, as hordas agarenas, ainda os islamitas submettidos ao christão eram numerosos n'esta parte da provincia, estimados e desejados, até ao ponto de se pedir a sua exclusão do decreto da expulsão em massa que D. Manoel ordenou para ser agradavel á sua grande mas cruel e fanatica sogra Izabel a Catholica. Eram operarios habeis em sericicultura, que nas mãos d'elles prosperava em nomeada e credito. Eram aos milhares ainda.

Tolerados primeiro, convertidos depois, pouco a pouco foram desapparecendo diluidos na população.

A par d'este elemento, um outro, semita tambem, vingou e perdurou: o israelismo.

Começou cedo, este exodo que de longes terras aqui veio buscar acolhida,—e o palestino que o ro-

trasmontano de leste do seu comprovinciano de oeste.

Para o sul, na zona ribeirinha, o trasmontano sumiu-se. O habitante das ribas do Douro não é trasmontano, como não é minhoto nem beirão: é um hibrido d'estes tres povos, com alguns elementos mais á mistura, mal fusionados ainda, a formarem uma salgalhada que faz lembrar a confusão lendaria da velha Babel.

Não estão bem determinados, para as bandas do norte, os limites da Lusitania, por forma a descriminar se ella incluiria a Gallecia, e os limites que os romanos lhe deram, obedecendo a uma divisão administrativa, raro tinham em conta as affinidades éthnicas. Mas a correlação que parece existir entre os minhotos e os alto beirões, a par da facilidade

com que se operou a fusão entre cisdurianos e transdurianos, apenas enfeixados no fragil nucleo da nacionalidade nascente, se não implica a tendencia rediviva d'uma nacionalidade antiga, demonstra comtudo uma affinidade que póde bem prender-se n'uma filiação commum.

Seja como fôr, tão depressa Portugal, ainda apertado nos estreitos limites d'um condado hereditario, surgiu á luz da independencia, a provincia de Traz-os-Montes foi uma das duas que formaram o primitivo senhorio portucalez. E oito seculos volvidos sobre a constituição da nacionalidade, a provincia trasmontana acinge-se aos mesmos limites.

Una e integra até ao advento do constitucionalismo, o modernismo cartista, parodiando a França departamental, scindiu-a em dois districtos de grandeza e riqueza desiguaes. Muitos dos antigos concelhos, com existencias de seculos, sumiram-se para a ampliação de outros; e da antiga divisão essencialmente scientifica, porque se baseava nas leis naturaes de limites e de raças, — geographico e stnographico — nada resta hoje de historico se não ao longo da raia e da cintura liquida com que o Douro pelo sul e parte de leste a limita.

Arredonda 11:110 kilometros quadrados, a provincia inteira, 4:600 que pertencem ao districto de Villa Real e 6:510 ao de Bragança. Subdividem este territorio 26 concelhos, 14 incorporados no primeiro districto e 12 somente no segundo; e ha 430 e tantas freguezias para toda a provincia. Infelizmente, inculta em parte consideravel, não alimenta senão uma população escassa, que mal attinge 35 habitantes por kilometro quadrado.

Essencialmente montuosa, salvo um ou outro plató de proporções diminutas e um ou outro valle estreito e fertil, toda ella é, por assim dizer, uma cordilheira extensa e continua, d'onde emergem, dominadoras e altaneiras, as cristas pedregosas de quatro serranias principaes, Marão, Padrella, Nogueira e Bornes, de que os montes circumdantes são simples ramificações prolongando-se ao infinito. Das suas vertentes inexgotaveis, nascem ou avolumam quatro cursos d'agua principaes, sulcando fundo a terra elevada: o Tamega, o Corgo, o Tua e o Sabor, affluentes do Douro todos elles, todos pedregosos e inavegaveis, cortados de reprezas e semeados de moinhos, não raro serpeando por algum estreito valle que regam e fecundam, como o Sabor no valle da Villariça. Mas todos elles são piscosos, e alguns, como o Corgo, tem fama pelos seus saveis e lampreias.

Climatologicamente, a região transtudana, que em grande parte forma o districto de Bragança, mais elevada e mais fria, mais inculta e mais despovoada tambem, quasi que faz dos cereaes a sua cultura geral, — o trigo, o centeio, a cevada, o milho ainda, a par da batata e do nabal em que é fecunda; e, entre as arvores fructiferas, o castanheiro, a cerejeira, a nogueira, a macieira e pouco mais. A vinha, só em latitudes chegadas ao sul, comvisinhas já da zona viticula do Douro, e a oliveira que pouco mais sóbe para o norte. E' n'este districto que as terras a monte abundam mais, abandonadas á giesta e ao tojo, quando n'ellas não brota, expontanea e bravia, a urze carbonifera de extracção difficil e cara, que torna a sorriba das terras maninhas difficil e penosa; como é aqui tambem que a propriedade attinge proporções enormes, desconhecidas no Baixo Douro.

Aqui, uma parte da riqueza, de rendimento certo, jaz no sub-solo. A rica montanha de ferro de Moncorvo e as pedreiras de marmore e alabastro de Vimioso, são elementos d'uma prosperidade enorme, quando á facilidade das communicações se juntar a actividade da exploração.

No districto de Villa Real, mais favorecido pelo clima, excepção feita da parte septentrional, a cultura da vinha é quasi geral, e a região dos vinhos generosos estende-se até Villa Real; d'ahi para cima, até não longe da raia, predomina o vinho de pasto, bom ainda, mas sem já possuir a fragancia caracteristica do legitimo Douro. A oliveira acompanha a vinha, e a veiga de Chaves é rica em productos agricolas. Todavia, aqui como no districto de Bra-

PARADA DE CUNHOS, concelho de Villa Real Cliché do ex.mo snr. Antonio Pinheiro

gança, o pomar não ultrapassa uma linha muito baixa e circumscripta; e se pelas margens dos rios, baixas e abrigadas, essa vegetação se estende mais longe para o norte, não é isso de um modo geral mas parcial.

Todos os cereaes, sem excepção, prosperam aqui; mas o accidentado das terras, pondo não raro embargos á lavra animal, torna, por vezes, estas culturas difficeis e caras.

A parte mais rica da provincia, embora desde tempo assolada por crises multiplas, é a região do Douro, cujos productos são sem similares no mundo; mas essa, por desgraça, a par das difficuldades provenientes d'uma dolorosa estagnação commercial, enferma por egual dos mesmos males que affectam toda a provincia: a falta de boas vias de communicação que favoreçam o transito.

E' um facto incontestavel, desgraçadamente: as estradas faltam, os caminhos vicinaes escasseam, as pontes sobre as correntes não existem, e ahi, onde o automovel, complemento da locomotiva, poderia chegar, apenas o carro de bois, ronceiro e primitivo, consegue abrir caminho. São raras as estradas que deem accesso das estações ferro-viarias para o interior das terras, rarissimas as pontes que liguem duas margens, e na linha do Douro, como na do Corgo, como na do Tua, a maior parte do transito faz-se ainda a pé e a cavallo para o viajante, em carros de bois ou récuas de machos para as mercadorias. D'uma terra sei, a um kilometro d'uma estação, cujos habitantes, por falta d'uma estrada e d'uma ponte, tem de andar dez kilometros para tomar o caminho de ferro; e nas terras da Regoa, a uma escassa meia legoa da villa, funcciona ainda o historico carroção puxado a bois, por entre os silvos das locomotivas e as serêas dos automoveis, passando á curta distancia de alguns centos de metros!

Quatro arterias ferro-viarias em construcção, duas já adeantadas, — Corgo e Tua — duas iniciadas, Tamega e Sabor, — sulcam hoje mais ou menos a terra trasmontana, que a linha do Douro corta pelo sul; mas sem estradas vicinaes que deem facil ingresso ás estações, a via accelerada só incompletamente servirá á provincia.

No dia, porém, em que uma rede completar a outra, a provincia attingirá, em curto espaço, uma prosperidade enorme. Com a venda facil dos seus productos, surgirá o arroteamento dos maninhos e a exploração mineira; e a riqueza cerealifera, viticola, mineral e florestal, fará d'esta região, hoje tão

Sabrosa.
Cliche do Ex.mo Snr A. Pinheiro

abandonada, a mais rica parcella da terra portugueza.

Não foram poucos os grandes homens de que esta terra foi berço, e d'esses alguns houve de fama mundial. Foi aqui, em Sabrosa, que nasceu Fernão de Magalhães, o primeiro circumnavegador do mundo; foi aqui egualmeute, em Villa Real, que viu a luz o descobridor do Congo e Angola, Diogo Cam.

A gloria militar aqui teve filhos illustres, e a historia archiva os nomes de Antonio da Silveira, o heroico defensor do primeiro cerco de Diu, d'aqui originario senão natural, do general Silveira descendente do primeiro e natural de Canellas da Regoa, conde de Amarante, bravo soldado da guerra peninsular, do general Bacelar, commandante geral das milicias durante a mesma guerra e do habil estrategico e acrisolado liberal general Claudino, natural de Moncorvo, vencedor glorioso de Coruche da Beira e victima da ferocidade miguelista.

VILLAR DE MAÇADA—Cliché do ex.mo snr. Antonio Pinheiro

Entre os estadistas, para só dos maiores fallar, Rodrigo Pizarro d'Almeida Carvalhaes, barão da Ribeira de Sabrosa, de Alijó, energico companheiro de gabinete do austero Sá da Bandeira, e D. Antonio Alves Martins, da Granja de Alijó tambem bispo de Vizeu, rijo athleta que empunhara a espingarda do soldado antes de florear o baculo episcopal, e cuja voz, liberal e patriotica, fez recuar a audacia reaccionaria de Pio IX.

Entre artistas, dois recordo sómente, João Baptista Ribeiro, de Arroyos, cultor consumado, que entre os cargos que exerceu desempenhou o de director da Academia Polytechnica do Porto, e frei Filippe das Chagas, dominicano que sobre a arte escreveu com larga proficiencia.

Entre os escriptores e poetas, a lista, se não é mais consideravel, é, ao menos, por egual grandiosa como a dos descobridores. Aqui, na Samardã, perto de Villa Real, passou boa parte da sua vida o nosso primeiro romancista, Camillo Castello Branco, descendente d'uma familia d'aqui originaria; aqui, na Regoa, nasceu o distincto poeta João de Lemos; aqui, finalmente, em Freixo d'Espada-á-Cinta, alvoreceu para a vida o maior e mais genial poeta dos ultimos tempos, Guerra Junqueiro. E para que nem a esta terra falte a consagração do seu patriotismo proverbial a enaltecel-a,—foi d'aqui, de Bragança, que partiu o grito da revolta contra o predominio francês que esmagava o paiz, solto a plenos pulmões por Sepulveda, como foi ainda d'aqui, do Salgueiral da Regoa, que se desferiram os primeiros tiros contra as hordas de salteadores arregimentados ás ordens do feroz Loyson, que em precipitosa retirada, carreando mortos e feridos, mostrou ao mundo que as legiões do grande corso, uma vez por outra, tambem sabiam fugir!

Salgueiral da Regoa, 20 de outubro—1907.

VIEIRA DA COSTA.

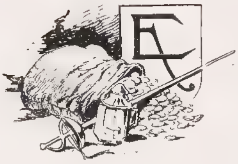
Costumes trasmontanos—De volta do cemiterio

A conta do "Abre-te ziombre,"[1]

(CONTO POPULAR)

Á SENHORA

D. Carolina Michãelis de Vasconcellos



ERA UMA VEZ dois irmãos; um era muito rico e o outro muito pobre. O que era pobre foi fazer carvão; e quando estava no meio da serra, viu vir muitos homens, e escondeu-se atraz d'uma fraga.

Os taes homens chegaram á fraga e disseram assim:

—Abre-te, ziombre!

E a fraga abriu-se, e logo entraram; e o carvoeiro reparou quantos entravam. D'ali a um bocado sairam os mesmos que entraram, porque o carvoeiro estava espreitando não ficasse lá algum, e viu que era a conta certa.

Foram-se os homens, e elle foi á fraga e disse tambem:

—Abre-te, ziombre!

E a fraga abriu-se logo. O homem entrou: viu muita riqueza—uns montões d'oiro!—e muita coisa!

A elle só lhe agradou o dinheiro. Foi buscar os saccos do carvão e encheu-os; e carregou a gerica e *moscou-se.*

Lá chegou a casa; e disse logo assim para a mulher:

—Não te agonies! que nós já somos ricos!

—Então, homem?! O que te aconteceu?!

—Trago aqui uma carga de dinheiro (mas olha que é segredo). -Vae a casa de meu irmão, que faça favor de nos emprestar a raza (isto dizia o pae para o filho).

O rapaz trouxe a raza e mediram o dinheiro, —todos muito contentes.

P'r'o outro dia o carvoeiro tornou lá ao sitio e trouxe outra carga.

Torna a pedir a raza ao irmão, para medir o dinheiro; mas a mulher do irmão rico disse assim:

—Ora elles são tão pobres... P'ra que quererão a raza?! Só se fôr para *medir* o carvão! Pois hei-de saber p'ra que é...

E botou-lhe uns poucos de pingos de cera no fundo, e lá deu a raza ao rapaz.

Chegou o rapaz, e mediram o dinheiro; e tornaram-lhe a mandar a raza, aonde iam algumas moedas pegadas no fundo. - A mulher foi logo mostrar a raza ao homem, e disse-lhe assim:

– Abre-te, ziombre!

—Olha o teu irmão sempre aqui a chorar, a dizer que não tem nada,—e sempre aqui a pedir a raza p'ra medir dinheiro?!

Respondeu o homem admirado do que ouvia:

—Já me lá vou, a ver d'onde arranjou tanto dinheiro!

[1] Em Traz-os-Montes, ao menos no meu concelho (Mogadouro) não se diz *o conto* ou *a historia*. Diz-se *a conta*, no feminino. Como tambem se não diz *o riso*, mas *a risa*. No feminino, que é mais docinho.

T. C.

Lá foi a casa do irmão pobre. E disse para o irmão:

—Então não me dizes aonde agenciaste tanto dinheiro?

O irmão contou-lhe tudo o que lhe tinha succedido. E respondeu o irmão rico:

—Então ámanhã, eu tambem quero ir comtigo, sim?

Disse o irmão pobre:

—Pois sim. Mas isto muito segredo.

P'r'o outro dia lá foram. Chegaram á tal fraga e disseram:

... Mas ha-de levar os olhos tapados ...

—Abre-te, ziombre!

A fraga abriu-se logo. Encheram os sacos e escaparam-se. E no caminho disse o irmão pobre para o rico:

—Agora já ficamos bem com este dinheiro. Não tornamos lá porque póde haver aqui alguma coisa. Eu já me remedeio com este; e tu já és bem rico, já não precisas mais.

E o irmão rico—calado ...

Tornava o outro:

—Então não é assim?...

Dizia o rico:

—Pois é.

Chegaram a casa, estavam filhos e mulheres a bailar de contentes—de ver tanto dinheiro!

... Para o outro dia, o irmão rico foi elle sósinho, sem dizer nada senão á mulher, outra vez lá ao sitio do migalheiro.

Chegou lá e tambem disse:

—Abre-te, ziombre!

Abriu-se logo.

Entrou, encheu os saccos; e depois ia-se embora.

Mas um dia, chegou á fraga e não lhe lembrou o «Abre-te, ziombre».

De maneira que lá vieram os ladrões e agarraram o *melro*, e fizeram-lhe muita festa. Depois mataram-no e tiraram-lhe a cabeça, e o corpo embarraram-no (1).

N'isto já tinha passado uma noite. A mulher estava muito agoniada, e foi a casa do cunhado a perguntar pelo homem.

O irmão pobre, como não sabia aonde tinha ido, perguntou á cunhada:

—Elle iria lá ao *sitio?* ...

A mulher disse:

—Parece-me que foi.

O irmão foi logo lá direito. Chegou.

—Abre-te, ziombre!

Entrou, e a primeira coisa que viu foi o irmão pendurado. Não teve mais que ver:—agarra com o irmão, mette-o no sacco e leva-o para casa. A cabeça deixou-a lá no ziombre.

Depois foi a uma povoação a buscar um sapateiro; e disse-lhe assim:

—Quer ir comigo? Mas ha-de levar os olhos tapados, e quando vier tambem os ha-de tapar.

—Pois sim (respondeu o sapateiro). E perguntou: —Quanto ganho?

—Uma tigela de dinheiro.

O homem acceitou. Lá foram. Apresentou-lhe o morto para que cosesse. Coseu, metteram-no n'um caixão; lá lhe arranjaram a cabeça e lá o enterraram.

Os ladrões chegaram ao ziombre—e não viram o homem morto, ficaram abysmados!

Aconteceu ir um dos ladrões ao tal sapateiro que coseu o morto,—que lhe cosesse uns sapatos. Mas isto era á noite. E disse-lhe assim o ladrão:

—Agora é de noite, não ha-de ver bem.

Respondeu o sapateiro:

—Vejo, vejo. Assim como vi outra noite coser um morto, melhor vejo coser os sapatos.

—E aonde foi...—perguntou-lhe o ladrão.

—Eu não vi. Fui com os olhos tapados; mas se agora me tapassem os olhos—ia lá direito.

O ladrão tapou-lh'os e lá foram. O sapateiro poz a mão na porta, e o ladrão fez uma cruz na dita porta. Isto era de noite escura.

De manhã o irmão pobre foi para ali, e viu a cruz na porta e fez cruzes em todas as portas d'aquelle *correr*.

De maneira que vieram os ladrões com a cabeça do morto, para ver se choravam em na ver; mas como estavam todas as portas marcadas, não sabiam a qual haviam de bater.

D'aquella vez não *pescaram* nada. Depois andaram com a cabeça a rodar por aquella rua, e lá ouviram chorar uma das filhas.—Entrou o tio, e cortou um dedo a um dos sobrinhos. Quando chegaram os ladrões, perguntaram o que tinha.

—Foi um dos meus sobrinhos que se cortou com aquella machada; e agora esta está a chorar—pensa que fica aleijado.

Os ladrões lá se foram embora; elles ficaram bem ricos; e eu não soube mais nada.

TRINDADE COELHO.

(1) *Embarraram-no,* quer dizer *dependuraram-no. Delingar* tambem quer dizer o mesmo. Mas *delingar,* delinga-se um mólho de cordas. por exemplo.—«Delinga ahi essa engrideira».

T. C.

NESTA quadra entorpecida e frigida em que a natureza lentamente adormece, é melancolica e tristonha a intensa e titanica paizagem do Douro. Aos serros mais altos dos montes empilhados que se aglomeram a perder de vista, afága-os, numa caricia doce de noivado, o arminho incomparavel da neve deslumbrante. As neblinas galgam as encostas como phantasticos tropeis de lendarias figuras de sonho a fundirem-se nas nuvens pardacentas e humidas. O vento sopra, ofegante e vivo, abalando tudo num pandemonio indescriptivel e fazendo aconchegar á roda das *brazeiras* onde se extinguem vides, as mãos tiritantes das mulheres patricias.

Nestas noites pesadas e longas a chuva monotonamente alaga e fertilisa as terras, cavando profundos córregos nas descaidas por vezes a pique dos môrros altivos e bravios.

Como louco, o vento turbilhona e geme pelos estreitos valles poderosamente cavados onde escachoam os ribeiros fundos desfazendo-se nos pedregulhos lisos em ondas d'espuma e rendas.

AZENHAS NO RIO DOURO

Nas moradas dos *ricos,* as fogueiras vermelhas das vastas cosinhas chamuscam e levam myriades de *choinas* até ao docel do fumeiro enfiado em cannas donde cahem lagrymas de *pingue* a estralejarem nos brazidos violentos. Mesmo no casebre humilde do pobre, os *guiços* apanhados furtivamente aqui ou acolá nas mattas alheias, ardem com nuvens de fumo aquecendo-lhe a miseria negra e fria.

A paizagem é tão confinada como monotona!! As aldeias quasi sempre abrigam-se num vallesito carinhoso e quêdo onde as brancas casarias se juntam, amparadas como irmans, ao redor da modesta torre da egreja.

Fecham o horisonte longinquos e difusos cabeços onde alvejam capelinhas devotas por entre o perfil frondoso dos negros pinheiraes pensativos.

Pelas ladeiras das serranias imponentes, ao lado de penhascos que as urzes beijam e os fétos enchem de caricias e junto aos carreiros fraguentos das vinhas despidas de folhas, sómente viceja a symbolica arvore da paz - a doce oliveira de ramagem de prata —onde os melros a assobiar s'empoleiram, na busca dos lustrosos bagos que a ventania atira ao chão para as frinchas das lageas das paredes

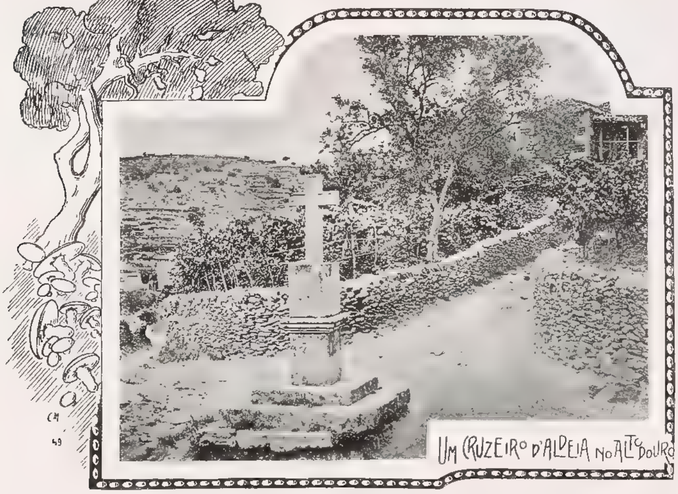
desfeitas ou para a guarida agreste dos silvedos bravos e ofensivos.

Para além do rio, d'agua turva e pesada, neste ou naquelloutro sitio, das solitarias casas de quinta fogem, pelas telhas vans, longos cordões do fumo amoroso das lareiras. Chove! . . .

Mas, se o tempo múda e a agua bemfazeja e creadora pára — num gárulo encantamento, o grande sol resplandece em delicadas ondas d'oiro, portador da doce alegria que aviventa os montes adustos onde pascigam longos rebanhos ondulantes num chocalejar nostalgico a morrer pelas quebradas ermas.

Nas terras cultivadas das vinhas novas que, num desvairamento tentaram o duriense, houve grande labutar. Os grandes terrenos mortos foram arroteados, numa pertinacia funesta e num delirio morbido. Renovaram-se parte dessas interminaveis escadarias que, servindo para gigantes treparem, dão aos morros do Paiz do Vinho um aspecto de arruinadas barbacans de imaginarios castellos legendarios.

Pelos vallezitos, tão aconchegados que repercutem sem esforço, num echo indiscreto, os mais intimos segredos dos namorados, apparece então ao lado dos braços despidos da figueira, o relvedo amigo e matizado das hortas, com os seus casebres humildes e onde, sahido da rocha viva, canta o murmurio da agua — agua verdade, agua purissima e sem males que bebel-a lembra o paraizo!


UM CRUZEIRO D'ALDEIA NO ALTO DOURO

Quando se dobram os caminhos rusticos abertos por entre pedregulhos, umas *alminhas* onde se incendeiam em laivos vivazes bustos inexpressivos ou cruzeiros hirtos e musgosos, marcam as encruzilhadas por onde á tarde, antes que a lua suba, nos crepusculos breves, passam cantando as *gerigôtas* raparigas que vém das plantações onde homens esforçados continuamente, ainda dão batalha á terra.

Oh! revolvedores insaciaveis das *Terras do Douro,* o vosso afinco é cruciante; a vinha atraiçoa-vos numa miragem absorvente. Deixae-a! Reparae na placida oliveira onde ides buscar o precioso azeite e que, por estas tardes curtas e manhans geadas, apanhaes na sucosa e negra azeitona. Attentae para o eterno sobreiro donde se extrahe a cortiça sempre valiosa. Cuidae de semear pinheiros que chorariam lagrymas d'oiro nas rezinas essenciaes. Enchei os terrenos proprios de pereiras saborosas, de pecegueiros de pômos divinos, de laranjaes com doirados fructos. Cultivae até o proprio *tabaco* para animar o vicio criminoso. — Mas abandonae a vinha que vos tem feito naufragar tanta vez — e repovoae os vossos terrenos, antes mais não seja, com a doce amendoeira de viçosas flôres onde a abelha vae chupar o primeiro mel dos perenes nectarios e que é o inicio pelos campos da gentil Primavera e o resurgimento da Vida na aurora do anno.

Demais, o culto da arvore é a evocação do bello. E que graciosas não seriam as serras do Douro donde a vista se desenvolve pelo valle augusto do rio gigantesco, em sentimentaes lu-

ctas, amarelento e cheio, se os olhos poisassem em florestas de sobreiros annosos, em bosques de cerejaes copados, em mattas de pinheiros ainda mais do que as que existem e em pomares de fructos tão afamados nas carnes sucosas, nos perfumes intensos e no valor indiscutivel.

O Douro seria o Eden...

Quando as geadas, condensação lapidada do orvalho que é o chorar da terra, deixam de vitrificar tão intensamente as hervas maninhas, desentorpecem-se e expludem ridentes as intimas energias da vida por esse abril formoso em que as aves chilream pelos arvoredos novos de folhagens tenras e o ar se enche com os aromas fragantes das primulas delicadas e emocionantes.

A paizagem, de núa e aflicta, detalha-se gradativamente com harmonico enlevo em que o bello mais se accentúa, provocando, pela successão cariciosa dos tons que resurgem a cada recanto, um particular interesse de satisfação exthesiante.

RIO PINHÃO - PONTE DA RIBEIRA

CM.

O rio magestoso parece ter aberto, nas rochas marginaes e á força, o seu profundo leito e as suas aguas onde azenhas no verão soluçam e barcos typicos sulcam de vélas pandas, vão rapidas descendo até ao Porto, eriçadas em cachões difficeis e *pontos* traiçoeiros.

Os cabeços surgem em mamillões, recortados de asperas ribas alpinas, esmaltadas com as primeiras folhas das vides que triumpham das urses selvaticas, onde as céleres perdizes se aninham, escondidas do caçador sertanejo.

O panorama descortinado dos altos é cheio de intensidade e austero, mesmo se os olhos se voltam para as terras interiores que ribeiros discretos e torcicolados poetizam, na caricia dos amieiros e dos salgueiraes que a brisa ramálha sobre as aguas tranquillas dos açudes que o dinamite reflue por vezes nas barbaras pescarias.

CM.

UM CAMINHO DAS ENCOSTAS DO DOURO

Mais no planalto, já em transição para o esforçado e altaneiro Traz-os-Montes e para as gloriosas Beiras, surgem huberrimas cearas em alcatifas luxuriantes ao pé dos soutos musculosos e os batataes enramam-se promettedores nas terras chans com amoraveis matizes. Que doçura e que paz nesses prados por onde os regatos espreitam rindo em fios de prata e que as codornises velozes para refugio escoslhem!

Encravados entre rochedos graniticos que silvas mordem e os lichens protegem,

os pecegueiros vestem-se de rubi, as giestas cobrem-se d'oiro onde poisam, buliçosas, as borboletas voluveis e voltijantes.

Desdobra-se, pathetica, essa extraordinaria symfonia da natureza num movimento inexhaurivel de seiva a accentuar, nas metamorphoses das folhagens novas, o chromatismo das petalas donde se desprendem, numa exhibição de joias singulares, perfumes volateis e raros. E' o vestido nupcial da Terra nos corpos grosseiros das plantas, scintilando emocionante d'amor para um extranho idylio da volupia pantheista.

O frémito das aves que se enamoram em dôce volatas a perpetuarem-se na chilreante prole dos ninhos, risca apressado o velludo quasi impeccavel do ceu azulino.

Infiltram-se, pelo Douro ao cabo, as pulsações acceleradas da vida: na agua murmurante das nascentes discretas, no colorido aberto da paizagem austera onde mal apparece por sobre as relvas o sangue rubro das papoilas que ao calor abrasante envolve as ravinas, reflectindo-se pelas lombas estereis e áridas.

Resuscita, para o culto pagão da terra, a região quasi morta do vinho excelso.

E o sol vae aos poucos tocando de novos vigores o quadro que se desdobra explendente.

Os vinhedos apresentam os cachos temporãos, tremulos e sensiveis como creanças debeis, nas manhans frias. Das amendoeiras cahem as flores formando tapetes virginaes na terra negra. Os primeiros ouriços hostis cobrem os castanheiros patriarcaes e solemnes.

Pelas tardes calmas, as sombras vão apetecendo remansosas. Um ar fino e puro espalha, pelas madrugadas claras, alegria e forças.

Vém depois as malhas fortes pelas eiradas, as espadeladas pelos eidos e toda a paizagem se anima ao calor das tremulinas estivaes asfixiantes, com rutilações vivas pelos montes e calores mornos e concentrados nas gargantas estreitas.

O Douro, então, semelha um recanto d'Africa afogueado e ardente.

A passarada parece cahir sem forças dos arvoredos pobres que se quedam hirtos na calma argelina.

Nas cristas das serranias altivas, a luz do ceu espelha e vibra candente nos paroxismos da allucinação vivaz das labarêdas.

Pelas terras de vinha pendem os cachos entumescidos de succos cuja tintura se define e accentua.

O sol faisca com reverberos esbraseantes tornando o Douro uma estufa colossal, propicia á maturação dos bagos.

E' o preludio das vindimas, essa festa encantada presidida por Baccho de thyrso em punho, festejada em todos os logares. Bella sem duvida nas suas monotonas cantigas, nos seus aspectos excepcionaes – mas triste neste tempo ingrato em que o vinho generoso e celebre quasi nada vale!!

A paizagem do Douro reflecte, como nunca, duma verdade flagrante, a physionomia intima dos seus desventurados habitantes.

E' audaciosa e violenta – e que desolação não marca entre a altivez dos morros e o acanhado dos valles!

Prende sempre num liame forte os seus filhos, identificados na desgraça mas sempre egoistas e prodigos, mesmo com as vinhas mortas e a fome em casa... Paizagem dorida e formidavel! E' por certo a mais tragica de Portugal.

Amilcar de Souza.

Manoel Duarte d'Almeida

N'ESTE nosso presadissimo amigo e conterraneo, um dos mais cultos espiritos da velha guarda trasmontana, recebemos a mimosa carta que na integra publicamos como modesta homenagem ao seu reconhecido talento e acrisolado amor patrio.

Ex.mo Snr. e meu presado conterraneo.

Penhoradamente agradeço o honroso convite, que V. Ex.a teve a amabilidade de me dirigir, para collaborar na sua projectada revista, amoravelmente destinada a pôr em relêvo pessoas e cousas trasmontanas que justificadamente o mereçam e a exaltar no conceito público os indisputaveis méritos da nossa tão formosa quanto esquecida provincia.

Teria muito prazer não só em lhe ser pessoalmente agradavel, mas ainda em contribuir quanto em mim coubesse para o engrandecimento e a justa consideração do valor social da região trasmontana, á qual me prendem as mais doces recordações da minha vida e a que sempre consagrei um culto verdadeiramente filial.

O aspecto severo e grandioso, mas ao mesmo tempo plácido e calmo, das suas graníticas montanhas; a deliciosa frescura e o picturesco flagrante dos seus valles umbrosos, pujantes de vegetação e serpeados de limpidas correntes, ora de agua mansa e crystallina, ora agitada e revôlta, refervendo em borbulhões espumantes e despenhando-se com fragor, de quéda em quéda, pela penedia escalvada e abrupta — é do que mais perduravelmente ficou gravado no meu espírito, d'onde tantas impressões profundas se me teem diluido e apagado no decurso da já longa e torturada existencia; e é ainda, e será sempre, tambem, um vivo e poderoso estímulo á minha inextinguivel saudade de tempos que não voltam mais.

Mas V. Ex.a — permitta-me dizer-lh'o — contou mal com o meu fraco auxílio para a realização da sua patriótica e sympáthica emprêsa

Vontade não me falta de secundar com o meu modestissimo concurso qualquer emprehendimento ou tentativa, que tenha por objectivo dar ao povo trasmontano a consciencia da sua força, do seu valor como elemento éthnico ponderavel na formação da collectividade e do caracter nacional e no progresso e desenvolvimento harmónico da marcha luminosa, embora lenta, d'essa mesma collectividade para um grau cada vez mais elevado de incontestavel civilização. Ser-me-hia, de todo o ponto, positivamente agradavel auxiliar com o meu, se não proficiente, pelo menos com certeza dedicado esfôrço, todo o movimento intellectual tendente a despertar-lhe e avivar-lhe o sentimento innato das suas nobres e altivas tradições de liberdade política, de coragem pessoal e cívica, de sacrosanto amor á independencia do torrão natal; a incutir-lhe a clara noção do seu génio inventivo e imaginoso, profundamente impregnado do sentimento poético da natureza, da larga e forte poesia resumbrante da sua paysagem opulenta, das suas antigas virtudes familiares, das suas hospitaleiras e cavalheirescas tradições.

E, de par com isso, e como resultado natural d'esse mesmo processo de revivescencia das energias e tradições locaes, se conseguiria chamar para elle, para esse honrado e laborioso povo, de tão accentuado perfil moral, de tão aberto e generoso coração e tão fidalga e aprumada linha de nativa altivez, a attenção mais cuidadosa d'aquelles que tão mal conhecem e reconhecem as suas qualidades fundamentaes, os seus fastos gloriosos, os sacrificios por elle incessante e valorosamente feitos, através da historia, em prol da patria commum, desdenhosamente votando-o, com rarissimas excepções, a um ingrato e humilhador esquecimento.

Tudo isso é bello, é justo, e é necessario mesmo que se faça. E quanto se fizer nessa reivindicadora e progressiva orientação é largamente merecedor do mais sincero e caloroso applauso. Não lh'o regatearei eu, de certo, que devotadamente commungo no mesmo justiceiro e emancipador pensamento.

Mas, repito, contou V. Ex.a muito mal commigo para o desejado exito da sua meritória e opportunissima emprêsa.

A doença, que dia a dia me vae minando e, em progressão rápida e incontrastavel, consumindo as ultimas e debeis forças, tolhe-me inexoravelmente toda a manifestação regular exterior da phenomenalidade mental.

Sou o escravo da fatalidade mórbida, que dispõe de mim a seu talante, sem remédio que valha, sem um allívio moral sequer — antes pelo contrario; e não só d'essa, desgraçadamente, mas de quantas fatalidades mais se possam imaginar e conceber.

Nestas deploraveis condições, já V. Ex.a vê que me é naturalmente defêso tomar qualquer compromisso, que me obrigue a occupar-me, litterariamente, e em prasos prefixos, de um determinado assumpto, seja ou não escolhido por mim, ou mesmo a divagar, *ad libitum*, pelos jardins da litteratura amena.

O maximo esfôrço a que posso, em taes circumstancias, abalançar-me no campo das letras é o de responder a algumas cartas, que imperiosamente exigem de mim esse penoso sacrifício.

E, d'essas mesmo, sabe Deus quantas não ficam, indefinidamente, á espera da resposta, que o meu coração ou a simples noção das conveniencias sociaes, o mero sentimento de cortezia e delicadeza, tão arraigado e forte no meu espírito, desejaria immediatamente dar-lhes.

E quantas outras — valha-me Deus! — nem sequer me decido a abri-las, senão tarde e a más horas (mêses, annos! não raro, depois de as receber); porque, no momento em que chegaram, toda a impressão estranha a um estado de alma que não posso definir, mas que, por assim dizer, em certos períodos, me bloqueia inappellavelmente para a vida de relação, podia actuar no meu espírito com a maior intensidade, penetrar até ás origens mais profundas da minha sensibilidade moral, aguçar-me até ao paroxysmo a vontade contrariada. Tudo isso, e muito mais, podia, e póde, em análogos casos, qualquer impressão alheia á psychose a que alludo provocar e determinar em mim.

O que não conseguirá nunca, porém, por mais intensa e aguda que seja, desde que não revista a fórma concreta de um impreterivel dever de honra ou de humanidade, é arrancar-me a essa especie de encantamento lethárgico de que venho falando — mixto de cansaço e de renúncia dolorosa, abstracção suprema de qualquer ordem de interesses ou ligações materiaes, que exclusivamente me affectem; desatar os liames d'essa força mysteriosa e invencivel que despoticamente me encarcera dentro do meu proprio ser; fazer, em summa, que toda essa immensa vontade paroxystica, e platónica, se traduza e corporize no mais insignificante facto real.

Eis o caso. Explique-o quem puder, que eu, humilhadamente, renuncío á glória immortalisadora de o decifrar. Basta-me, e sobra-me, a desventura de o sentir.

A seguir a umas, véem outras e outras cartas, outros cuidados, outros deveres. A difficuldade avoluma-se, enkista-se, petrifica-se. As mais modernas, como é natural, preferem ás mais antigas, disputam-lhes victoriosamente a primazia da minha attenção. Do que resulta, logicamente, é claro, que as mais antigas — sem nunca todavia me esquecer ou desinteressar d'ellas, o que é tambem um género curioso de tormento, que não cessa um único dia de me saltear e affligir essas, coitadas, irremediavelmente, lá vão ficando para trás.

Postas assim as cousas, com perfeita sinceridade e translúcida franqueza, não quer isto dizer, comtudo, que eu recuse em absoluto a minha desvaliosa cooperação na emprêsa para que tão gentilmente V. Ex.a me convida, invocando até saudosas e antigas recordações locaes e de familia, d'essas que falam enternecida e cariciosamente ao coração.

O *como* e o *quando*, porém, tal collaboração passará do estado de crysállida, em que tudo, mais ou menos, tanto as cousas mais simples como as mais ardentes e impetuosas concepções e amadurecidos planos, vae ficando inviolavelmente cerrado para mim, como se fôsse num recipiente de maravilhoso bronze, infracturavel e infusivel — rígido e immutavel como um destino — eis o que, em boa verdade, só o futuro poderá dizer. E o futuro... a Deus pertence, como, em seus conceituosos dizeres, gravemente opina a cartilha de Mestre Ignacio ou de outro conspícuo mestre qualquer.

Com os protestos da minha elevada consideração, creia-me

De V. Ex.a
respeitador e agradecido cr.o

Lisboa, 23-9-907.

M. DUARTE D'ALMEIDA.

Homenagem da ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

D. Antonio Alves Martins, Bispo de Vizeu

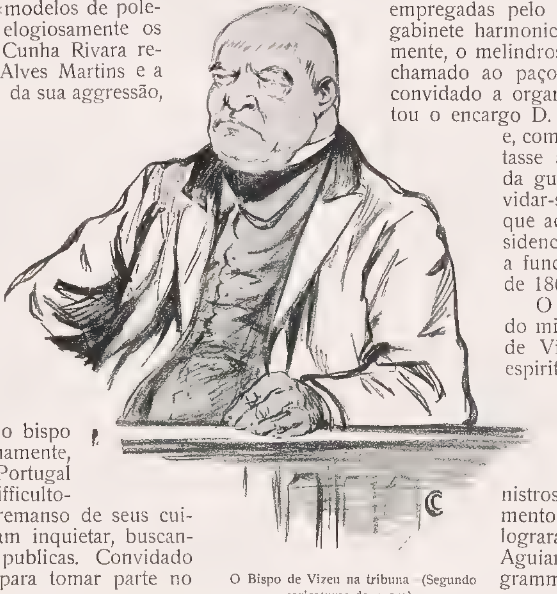
(Sanguinia do pintor Antonio Carneiro)

Antonio Alves Martins

O ILLUSTRE bispo de Vizeu, D. Antonio Alves Martins, é uma gloria nacional que directamente pertence á provincia de Traz-os-Montes, porquanto foi em esta provincia, na Granja de Alijó, que elle nasceu, aos 18 de fevereiro de 1808, oriundo de uma familia de abastados, honestos, laboriosos lavradores. Sob o exterior de uma rudeza severa, palpitava n'elle um coração compassivo e bondoso e tam celebrisados fôram os seus ataques politicos, na imprensa e na tribuna, como conhecidos, apezar do afan por elle posto em os esconder, os primores dos beneficios da sua caridade dadivosa e prompta.

Era um luctador intemerato e apaixonado mas sempre leal e correcto, incapaz de recorrer aos expedientes cavillosos e de lançar mão de armas condemnaveis e illicitas. Como jornalista, Camillo Castello Branco frisou que os artigos de Alves Martins, redigidos com admiravel presteza, e momentos antes ou simultaneos da composição typographica, eram «modelos de polemica», que assim tam elogiosamente os capitula. Como orador, Cunha Rivara registra a vehemencia de Alves Martins e a impetuosidade irresistivel da sua aggressão, em que não «cuida em dourar a pilula» ao adversario; e seus adversarios fôram tribunos da estatura combatente de Antonio da Cunha Souto Maior. «Se travam lucta, não ficam a dever nada um ao outro», n'este conceito de remate a ambos judiciosamente os sentenceia Cunha Rivara.

Consoante é sabido o bispo de Vizeu dirigiu soberanamente, os destinos politicos de Portugal em crise atormentada e difficultosissima, visto como ao remanso de seus cuidados apostolicos o fôram inquietar, buscando-o, as necessidades publicas. Convidado pelo duque de Loulé para tomar parte no governo cuja organisação lhe fôra encarregada pelo rei D. Luiz, em seguida á queda do ministerio Avila, inutilisadas as diligencias empregadas pelo duque para constituir gabinete harmonico, resignou este, finalmente, o melindroso encargo, e então foi chamado ao paço o bispo de Vizeu, e convidado a organisar ministerio. Acceitou o encargo D. Antonio Alves Martins e, como quer que se difficultasse a escolha do ministro da guerra, elle lembrou convidar-se o marquez de Sá, que acceitou a pasta e a presidencia; o gabinete começou a funccionar em 22 de julho de 1868.



O Bispo de Vizeu na tribuna (Segundo caricaturas da epoca)

O fundamento da politica do ministerio, em que o bispo de Vizeu consubstanciava o espirito è actividade dos seus collegas, n'estas poucas palavras se definia: augmentar a receita e diminuir a despeza. Todos os ministros eram alheios ao movimento popular de janeiro que lograra a queda do ministerio Aguiar; apezar d'isso, o programma da revolução paci-

fica não podia ser substituido e o bispo de Vizeu manteve desfraldado o estandarte que tinham arvorado os impulsores portuenses. Esse estandarte escreve Camillo Castello Branco que «proclamara batalha campal e inexoravel ás prodigalidades, aos sacrificadores do povo, á voracidade dos incartados no sêvo da fazenda publica». Presume-se a voz em grita que levantariam todos os devoristas, prejudicados ou ameaçados; o clamôr foi atroante e formidavel; os embaraços suscitados ao bispo de Vizeu, á sua politica e á sua administração, continuos e immensos, multiplicados e amontoados. Na extremidade opposicionista, virulenta e desabrida, a que a situação chegou, o bispo de Vizeu, para quem tinha corrido um anno de acerbos dissabores e excruciantes desenganos, sentiu — Camillo com clarividencia psychologica assim se expressa o desalento que prostra os homens de bem; perdido o apoio n'uma questão momentosa, o ministro do reino briosamente repulsou o alvitre de sondar o espirito da camara n'outra votação; demittiu-se o bispo de Vizeu, o gabinete cahiu.

ALIJÓ - Egreja onde foi baptisado D. Antonio Alves Martins. -(Cliché do snr. Arião)

Estes brios de dignidade susceptivel e recta fôram sempre o caracteristico moral da conducta de D. Antonio Alves Martins, nos varios lances graves de uma existencia accidentada mas proseguida com exemplar e rigida nobreza, como cumpria a uma personalidade austera e firme na disciplina consciente das proprias responsabilidades, que acceitava integras e cabalmente desempenhava.

D. Antonio Alves Martins, segundo uma photographia antiga

Assim, com o caso typico e para elle tam honroso que ao bispo de Vizeu succedeu em Roma em 1867. Em junho e julho d'esse anno concorrera D. Antonio Alves Martins á capital do orbe catholico para assistir ás festas do centenario de S. Pedro e canonisação de alguns santos. Em certo dia o soberano pontifice recitou na Capella Sixtina «um como discurso do throno» (estas são as palavras de que Camillo se serve), ao qual de estylo seja responderem os bispos com uma saudação a S. Santidade. N'essa saudação, préviamente elaborada, realçavam pontos doutrinarios e controversos, grandemente incongruentes com as convicções do prelado viziense ácerca da infallibilidade e do poder temporal do papa. A saudação ou resposta ao discurso pontificio não havia sido discutida nem consentaneamente redigida por alguma assemblêa episcopal. Era papel já de antemão impresso; os prelados concorrentes á Capella Sixtina, no acto de se apartarem, receberam convite impresso a comparecerem, no segninte dia, no palacio Altieri para o intento de lêrem e assignarem a saudação. O cardeal que rubricava o convite não compareceu na assemblêa dos prelados, os quaes, á medida que entravam, iam recebendo os exemplares e eram advertidos de que lêssem, assignassem e os não levassem. «O snr. bispo de Vizeu — incisivamente remata Camillo —, já que ninguem abria discussão,

Moralidade e marmeleiro
(Caricatura de Raphael Bordallo, no *Album das Glorias*)

nem o peremptorio do aviso a permittia, leu e deliberou, tambem peremptoriamente, não assignar».

Porém aqui explode uma escandalosa temeridade de reprehensivel abuso. E foi que, em o 1.º de julho apparecendo a saudação a S. Santidade em acto solemne ao qual D. Antonio Alves Martins, divergente de seus collegas, não concorrera, não obstante, entre os signatarios d'aquelle manifesto em prol da infallibilidade e do poder temporal do papa, encontrou o bispo de Vizeu incluido o seu nôme. Sem interpôr tempo, o bispo portuguez protestou, por via do embaixador de Portugal em Roma, contra a sua assignatura, nem feita nem auctorisada. Foi uma celeuma no episcopado catholico, já nada afeito á independencia e ao qual o desusado procedimento de D. Antonio Alves Martins, aliás simplicissimo e natural, exasperou, quando o ponto era, comtudo, o de uma abusiva falsificação. O bispo de Vizeu, porém, impassivel ás asperas censuras e encontrado pela opinião de todos os seus collegas, contentou-se bastantemente do applauso da propria consciencia, como quem, com rectilinea equidade o professa Camillo, «praticava um mero acto de moralidade».

Uma commissão de tres prelados procurou seguidamente o bispo de Vizeu para lhe declarar que fôra engano e não proposito a subscripção do seu nôme no documento official. A esse tempo já D. Antonio Alves Martins havia sahido de Roma. A mesma commissão fez identica declaração perante o embaixador de Portugal, rogando que se transmittisse a satisfação ao prelado portuguez e se lhe pedisse que se houvesse por contente. Em Paris recebeu D. Antonio Alves Martins o officio do secretario da embaixada, relatando os successos e sollicitando o remate da pendencia. Conveio e acquiesceu D. Antonio, «bastando-lhe — notandas são estas relevantes palavras de Camillo — que na legação portugueza em Roma se inscrevesse, muito ao claro, que o bispo viziense não assignára nem mandára assignar a saudação ao pontifice, infallivel e monarcha».

Não admira que por suas convicções arrostasse com a malevolencia dos juizos do mundo, interessados ou facciosos e apaixonados, quem por ellas não hesitara em jogar a propria vida.

Com effeito, para Alves Martins, á ousadia de manifestar-se affeiçoado ao levante d'armas, no Porto contra o absolutismo usurpador emprehendido a 16 de maio de 1828, seguiu-se ser elle ris-

Cemiterio de Alijó

Tumulo do Bispo de Vizeu, onde se lê a seguinte inscripção:

D. ANTONIO ALVES MARTINS EPISCOPUS VISENSIS
PAUPER ET MODESTUS QUOAD VIXIT
OSTENTATIONE PROCUL, LITTERIS DEDITUS
PATRIAM, LIBERTATEM SUOSQUE VEHEMENTER
DILEXIT ET UBI NATUS
IBI JUXTA PATREM SE SEPELIRI JUSSIT.
ANNO DOMINI MDCCCLXXIII
V S T L M.

cado da Universidade, quando frequentava o terceiro anno theologico. Alves Martins, no momento em que as tropas liberaes revolucionadas no Porto evacuavam Coimbra, acompanhou-as e sentou praça no regimento de Voluntarios de Alijó. Sem demora lhe foi instaurado processo no tribunal secular e nas commissões militares de Traz-os-Montes; recolhendo-se ao claustro, em 1832 foi de novo processado, preso nas cadeias de Coimbra e sentenciado com mais tres companheiros na Conservatoria da Universidade.

GRANJA DE ALIJÓ—Terra natal de D Antonio Alves Martins
(Cliché do snr. José Joaquim Pestana de Magalhães)

Na tarde do dia 28 de janeiro d'aquelle anno, uma leva de presos, ida de Coimbra para Almeida, conseguiu fugir na altura de Santo Antonio do Cantaro, favorecida talvez, perspicuamente conjectura Camillo, pelo commandante da escolta. N'aquella leva iam tres presos já sentencionados na Conservatoria. A sentença era um modelo de concisão e ferocidade. Chegados a Vizeu, deviam ser espingardeados no campo de Santa Christina. Um dos tres condemnados era Antonio Alves Martins.

Um aspecto da casa onde nasceu D. Antonio Alves Martins, na Granja de Alijó. (Cliché do snr. Arião)

«As alegrias d'uma salvação muito incerta prosegue narrando Camillo Castello Branco não compensaram ao sentenciado e a tres companheiros as angustias que se seguiram. Desviados de todo trilho, desprovidos do minimo recurso, e até desconfiados da caridade do lavrador a quem pedissem um pouco de pão e agasalho, durante onze dias e noutes, erraram por serranias, retranzidos de frio e fome. Quando ao nono dia de tamanha miseria chegaram á margem do Mondego, junto de Villa Verde, e reconheceram que o passo era guardado por sentinellas, os quatro fugitivos ás nove da noute entraram na agua, e, como submersos em uma salina, esperaram, quatro horas de formidavel agonia, a menos perigosa opportunidade de vadear o rio».

Homem assim provado não conseguiria, ainda que quizesse forçar-se a uma abatida complacencia, acceitar de bôa-feição as indecisões e frouxas pusillanimidades alheias.

Escusado seria, de feito, procurar Alves Martins extranho á revolução de 1846 e 1847. Elle conheceu os homens que formaram o gabinete revolucionario, visinhou d'elles com o seu conselho e pratica dos negocios; mas pendia Camillo em 1870 a crêr que muitissimos actos da Junta, nomeadamente os militares e diplomaticos, mereceram a sua reprovação. Em 1849, José da Silva Passos, com modestia opportuna diz Camillo que fiando demasiadamente da idoneidade d'elle Camillo para historiador, o convidara, segundo relata, a escrever, sob sua influencia, a *Historia da Junta do Porto*. Como a José Passos inquirisse Camillo concernentemente ao que viria mais tarde a ser bispo de Vizeu, respon-

O Bispo de Vizeu — Estatua de Teixeira Lopes

dera-lhe o ex-ministro da *Junta:* «Alves Martins não sympathisava comnosco. Se o tivessemos feito ministro da guerra, tudo isto tinha voado n'uma barrica de polvora». Commenta Camillo que José Passos, gracejando, consoante o seu genio ás vezes brincão, n'aquellas palavras, aliás desconcertadas de sentido e substancia, «elogiava involuntariamente a actividade resoluta de Alves Martins e censurava a accomodaticia e transigente indole de alguns seus collegas, postos em trabalhos onde o seu temperamento soffria grave violencia».

D'essa quadra revolta da nossa historia constitucional, accidentada toda ella de episodios sanguinolentos, os quaes como que (até á crise da Regeneração em 1851) constituiram a guerra civil em permanencia no malfadado reino portuguez, um documento attestativo resta, de valiosa importancia e emanado da penna de Alves Martins, se bem que substituido seu nôme pela designação, aliás ahi tam legitima, de *Um liberal.* É a obra, impressa no Porto, em a Typ. da Revista, no anno de 1849 e intitulada *O nove de Outubro, ou breves considerações sobre a ultima guerra civil.* Em 1867, ampliando sua anterior noticia, escrevia Innocencio que um exemplar, devido á bondade do conselheiro Diogo Antonio Palmeira Pinto, quando governador civil de Lisboa, lhe fizera conhecer a existencia d'este livro, que até ao lance o bibliographo ignorava.

Elle mencionara o volume das *Grandes questões d'Economia Social tractadas por M. M. Thitti e Lammenais, postas em vulgar* por Alves Martins, que não se denomina e que ulteriormente se assignalou em documento que conjunctamente assignado está por seus collegas, os dous outros membros da commissão idonea, parecendo, porém, que a coordenação e redacção do alludido documento *(Desaffronta da commissão de inquerito nomeada por Decreto Patriarchal de 22 de julho de 1856 para conhecer do exercicio da Camara Ecclesiastica de Lisboa)* encarregada especialmente a elle fôra, Alves Martins. Mas entre os primorosos dotes d'este homem excellente contava-se outro sim o da modestia, que é a qualidade moral por assim dizer ingenita no merito mental.

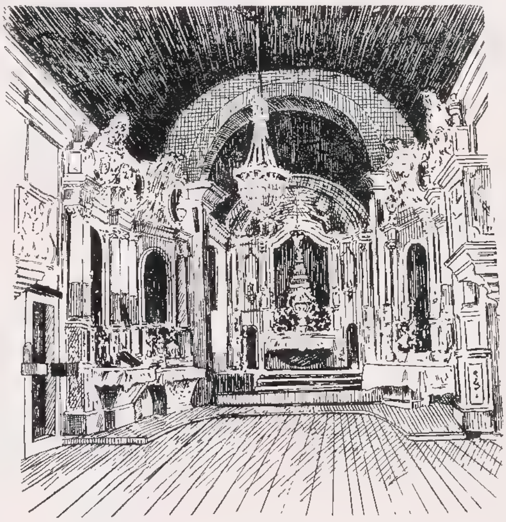
Dos talentos eximios do sacerdote, testemunhos publicados existem no *Sermão nas exequias de Sua Magestade Fidelissima a Senhora D. Maria II mandadas celebrar pela Camara Municipal de Alijó* (Lisboa, 1855); no *Sermão prégado no mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Portalegre na solemnidade de S. Bernardo, patriarcha d'aquella Ordem* (Lisboa, 1859); na *Oração funebre recitada nas exequias de S. M. elrei o snr. D. Pedro V, no dia 11 de dezembro de 1861, na egreja patriarchal de S. Vicente de fóra* (Lisboa, 1862); no *Discurso moral e politico, recitado em 4 de abril de 1836, na Sé Cathedral de Coimbra, por occasião da benção da bandeira do corpo da Guarda nacional da mesma cidade* (Coimbra, 1836).

Do vigor do polemista, impressiva nota nos queda em o opusculo onde Alves Martins exarou suas *Duas palavras ácerca da eleição do Porto em 1851* (Lisboa, no mesmo anno, em a Typ. de Francisco Jorge Ferreira de Mattos). No anno immediato de 1852, sahiu, no Porto, da Typ. Commercial, uma replica a este opusculo. Ella se intitula *Meia palavra ás* «Duas palavras», *ou A bon entendeur demi-mot.* O auctor d'esta resposta era o eminente advogado Sebastião de Almeida e Brito, que membro fôra da Junta organisada no Porto em 10 de outubro de 1846 com o titulo de Provisoria do Governo Supremo do Reino, e n'ella encarregado estivera da repartição dos negocios da justiça. «Bom entendedor» reputava elle seu antagonista, e assim o poderia dizer de rigor e a sério, e tam bom entendedor no pensamento como no acto, assim perfeito e exemplar pelo entendimento como pelo caracter, concomitantemente talentoso e virtuoso.

Jornalista, após haver mencionado, em 1858, que

lhe constava que Alves Martins havia sido por vezes collaborador em varios periodicos politicos de Lisboa e Porto, e principal redactor do jornal *A Esperança* que em Lisboa se publicava no anno de 1853, em 1867 Innocencio additava que elle fôra em 1858, e suppunha que nos annos seguintes, com algumas interrupções, collaborador do *Jornal do Commercio*, e que tinha tambem alguns artigos importantes no *Archivo Universal*, tomo IV, impresso em 1861.

A firmeza do temperamento do escriptor revela-se na sua prosa; ella procede pela deducção em serie de maximas irrefutaveis, marcadas com o cunho profundo da convicção; estamos em frente d'um persuadido e d'um sincero, assim generoso e leal como erecto e inquebrantavel.



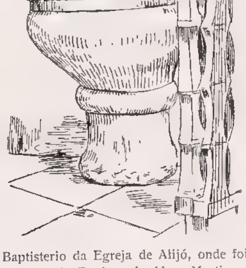
ALIJÓ Interior da Egreja matriz onde foi baptisado D. Antonio Alves Martins

Mas a energia do caracter em Alves Martins conjugava-se perfeitamente com a ingenita bondade da indole; e ensejo se lhe deparou de dar publico testemunho d'esta benemerita concordancia; foi quando, em 1861, foi nomeado enfermeiro-mór do hospital de S. José; ahi se desvelou quanto cabia em suas muitas faculdades e prestantissimos alvitres. A imprensa louvou-o então unanimemente pelas reformas que em sua administração se operavam. Cortou abusos. Pautou rigorosamente obrigações. Gratificou serventuarios benemeritos. Exauthorou os nocivos. Feriu pela raiz—n'este teor resume e synthetisa Camillo—a arvore dos desperdicios á sombra da qual se medravam muitos, com aggravo da pobreza e do infortunio. Protector dedicado dos desvalidos, bem sabiam os que de perto conviviam com o prelado viziense qual o era, elle que «facilmente enternecereis a lagrimas e vereis commiserado aquelle aspeito que se vos figura severo e inaccessivel ás dôres maviosas da compaixão».

N'esta nota, humana e profunda, substancial, de Camillo para com D. Antonio Alves Martins, bispo de Vizeu, par do reino e ministro de Estado, me quero ficar; aqui, com ella, é que decido pousar a penna.

A coragem d'este homem, a sua afouteza, a sinceridade sem refolhos da sua linguagem, franca e desempenada; o seu patriotismo, o seu liberalismo; a sua lealdade e a sua dignidade: por certo que são bem nobres, bem altas e prestantes qualidades. Ellas lhe attrahiram o respeito das classes cultas e o amor das camadas populares. Ellas serviram de exemplo e licção em epochas turvas da crise politica nacional. Mas a bondade structiva do personagem sollicita para a sua memoria toda a nossa veneração; ella lhe é concedida sem reservas pelas novas gerações, aliás educadas n'um espirito mais amplo e ciosas de mais rasgadas revindicações.

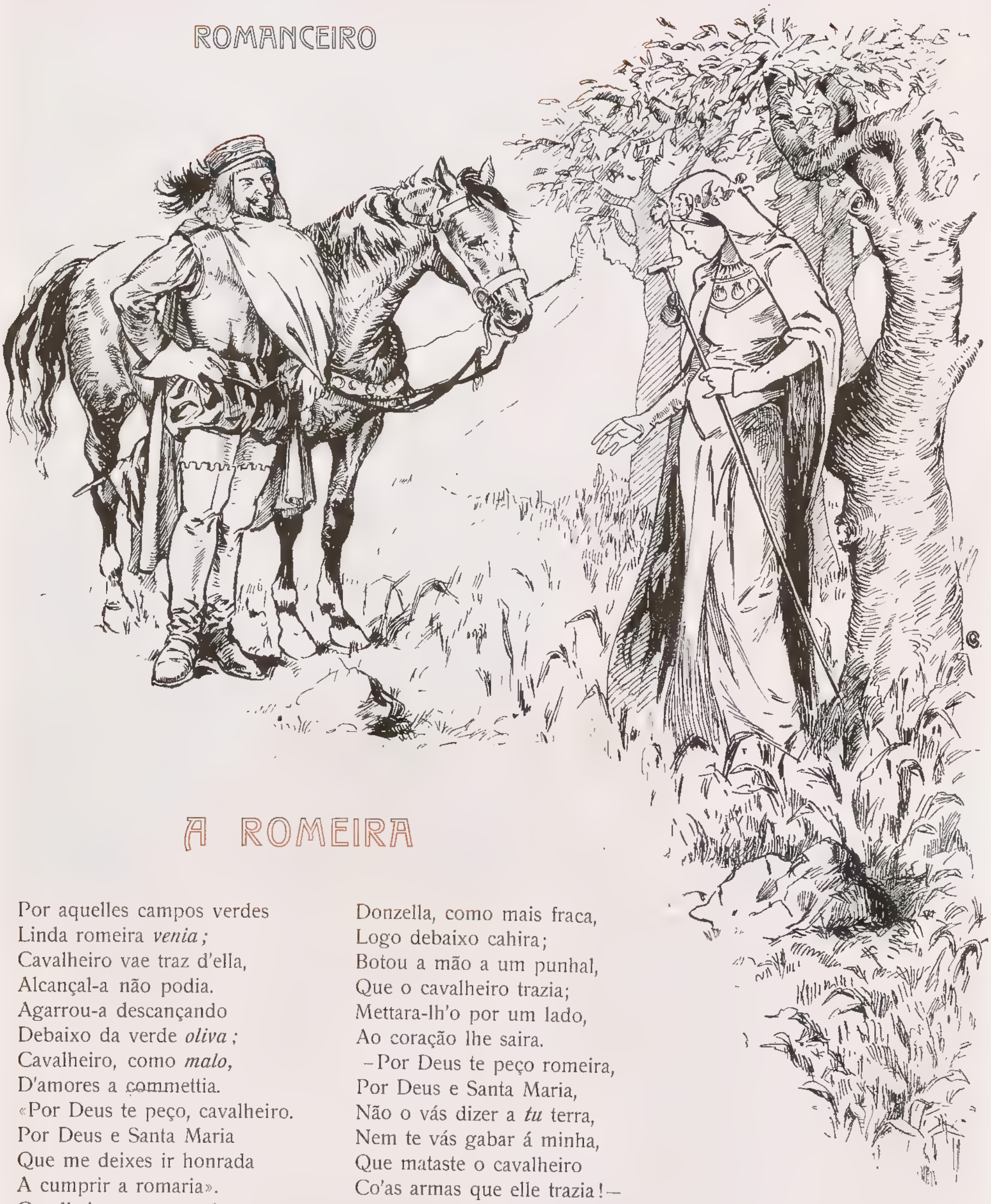
J. PEREIRA DE SAMPAIO (BRUNO).



Baptisterio da Egreja de Alijó, onde foi baptisado D. Antonio Alves Martins

FOLK-LORE TRASMONTANO

ROMANCEIRO



A ROMEIRA

Por aquelles campos verdes
Linda romeira *venia;*
Cavalheiro vae traz d'ella,
Alcançal-a não podia.
Agarrou-a descançando
Debaixo da verde *oliva;*
Cavalheiro, como *malo,*
D'amores a commettia.
«Por Deus te peço, cavalheiro.
Por Deus e Santa Maria
Que me deixes ir honrada
A cumprir a romaria».
Cavalheiro, como *malo,*
Disse-*le* que não queria.
Foram de braço a braço
A ver o que mais podia.

Donzella, como mais fraca,
Logo debaixo cahira;
Botou a mão a um punhal,
Que o cavalheiro trazia;
Mettara-lh'o por um lado,
Ao coração lhe saira.
–Por Deus te peço romeira,
Por Deus e Santa Maria,
Não o vás dizer a *tu* terra,
Nem te vás gabar á minha,
Que mataste o cavalheiro
Co'as armas que elle trazia!–
«Hei de o dizer em *tu* terra
E hei de me gabar na minha,
Que matei um cavalheiro
Co'as armas que elle trazia».

(Do concelho de Vimioso)

ABBADE TAVARES.

Pelas vias da Arte e das Industrias trasmontanas

I

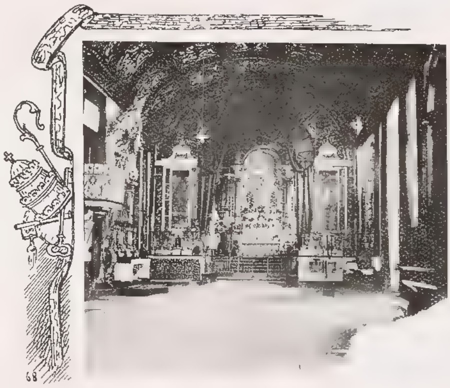
Patria — salus vitæ.
Amor — vitæ salus.

PROMETTER um programma seria estreiar-me por um processo que o leitor portuguez está farto de conhecer, e deve condemnar sem piedade. Prefiro expôr os factos, com a expressão sincera de quem falla sómente do que viu e tornou a vêr, com cuidado, voltando mais de uma vez aos mesmos logares, attrahido pelo affecto ás menores cousas da sua terra. Levado pelo amor de quem observou durante largos annos o que *vae lá por fora*, educado (orphão desde os quatro annos) por extranhos, que me souberam todavia ensinar a amar o que ha de bello na peninsula, o que ha de incomparavel na historia do meu paiz, não o perdi de vista, apesar de seis annos de ausencia.

«Lembre-se — diziam-me — é o *seu* Portugal! Estude uma Historia sem rival, a não ser a da nação visinha. *Non sibi, sed mundo* — foi a divisa dos antigos Portuguezes . . .».

Foram allemães os meus mestres em Historia; e são elles grandes mestres na materia, pois lá escreveram a sentença: *Weltgeschichte — Weltgericht!*

. . . .
. . . .



VILLA REAL — Interior da Egreja matriz de S. Pedro

Não sou trasmontano, pois que minha familia é oriunda de Freixo de Numão. Meu pae, emigrado por causa das luctas civis, que tantas familias desuniu, fixou-se no Porto, onde partilhou das agruras do formidavel cêrco de 1833. Comtudo, acceitando, como acceito, a classificação scientifica da geographia nacional (*Cartas elementares de Portugal* por Bernardino de Barros Gomes, Lisboa, 1878 — Carta II orographica e carta IV agronomica) fico, com o Freixo de Numão de meus paes, envolvido na região que o rio Douro banha e talha em duas partes quasi eguaes na cultura e na orographia: *Alem-Douro trasmontano* e *Beira trasmontana.* Freixo de Numão e Numão mesmo, são gemeos de Freixo de Espada-á-Cinta.

Saúdo pois, cordealmente esta Revista e sua corajosa e intelligente redacção, que não podia appellar debalde para quem examinou, para estudo demorado, toda a provincia trasmontana, não para distrahir-se apenas, mas para conhecer a região que os filhos da terra diziam então ser a mais abandonada de Portugal. E com razão o affirmavam. Ora a cavallo, ora em velha e desconjuntada diligencia, ora pelos rios, em barca; uma vez até doente, em carro de bois, sobre colchões, envolvido carinhosamente em cobertores de lã, no frio mez de Março, graças aos cuidados de um medico que ajustou o archaico vehiculo (1) — venci as asperas estações d'essas vias pittorescas, que, uma vez vistas, não mais esquecem! E não esquecem ainda mesmo a quem pôde admirar os mais lindos panoramas da formosa França e da lendaria Ger-

(1) N'um trajecto sempre memoravel para mim, de Vinhaes a Bragança, onde presenciei um *nevão* no dia immediato! De Bragança a Vinhaes tinhamos ido, o medico e eu, a cavallo para que?
Para estudar, paixão de archeologo, umas egrejinhas romanicas da villa e dos arredores.
O meu bom amigo Dr. Albino Moreira de Souza Baptista, eminente clinico da Estancia balnear de Entre-os-Rios, aturou, com exemplar paciencia, os caprichos do antiquario; e livrou-o de uma doença que ia tomando um aspecto grave.

VILLA REAL – Fachada principal da Egreja de S Domingos
(Cliché do snr. S. Guimaraes)

mania, os vergeis de Andaluzia e a *huerta* de Valencia, e atravessou os Pyreneus hespanhoes a cavallo, pela *puerta* de Canfranc, no meio da insurreição carlista de 1875 ([1]).

Não menos attrahente, variada, significativa é a industria caseira trasmontana do que a propria paisagem dentro da qual ella nasceu, e se manteve, haurindo de innumeras radiculas a forte seiva que a alimenta. Com o termo *industria caseira* abrangemos o conjuncto de innumeras aptidões que nascem no berço e só terminam na sepultura, repetindo-se em cada filho ou filha que surge á luz do dia, a metamorphose da phenix, das proprias cinzas resurgida ([2]).

Cousas raras são e admiraveis, e muitas unicas, na sua especie, ou no seu genero! Os *tecidos de lã,* estamenha, burel ou saragoça; o *linho* que, depois de reduzido por mil processos – mil voltas dá o linho e suas estrigas ([3]) – a estopa, é fiado e tecido; a *olaria,* arte incomparavel, dotada de memoria admiravel, que mantém sem estampas, sem guia, vivendo ao desamparo, com uma simples iniciação patriarchal na familia, as mais puras tradições de uma arte ancestral que enfeitiça e seduz o critico mais exigente; as modestas peças de *mobilia,* modestas no aspecto, mas perfeitissimas no fabríco, na solidez da mão de obra, no cuidado de uma execução, calculada *para durar,* para regalo e contentamento de uma serie de gerações; *o lavor de cobre* e de latão, vasilhame quasi eterno, batido a martello, soldado por modos e processos que denunciam uma metallurgia, um saber technico empirico, mas surprehendente nos seus resultados; *a obra do ferreiro,* toda tradicional, gemea da do espadeiro.

Em tudo ha uma nota original, um cunho in-

VILLA REAL Interior da Egreja de S. Domingos
(Cliché do snr. S. Guimarães)

([1]) Havendo os carlistas cortado em fins de Maio d'esse anno a linha ferrea de Zaragossa a Barcelona, forçoso me foi acceitar o trajecto, ainda assim arriscado, por Huesca, a *urbs vitrix Osca,* onde terminava a linha ferrea do Alto-Aragão. D'ahi em diante segui em diligencia muito hespanhola, muito phantastica, até Jaca; depois em mullas, e finalmente ás costas de mineiros hespanhoes (eu, dous hespanhoes e dous inglezes, um dos quaes membro do Parlamento) pela *puerta* de Canfranc por La Paillete e Urdos até Oléron. Poderá parecer inverosimil o caso: ás costas de mineiros, mas é a verdade, porque a *gave* d'Aragon, e depois uma serie de *gaves* menores (nome dos ribeiros que a chuva torrencial dos Pyreneus transforma, em poucas horas, em rios furiosos) haviam cortado todas as carreteras e até desfeito parte da estrada real que conduz de Oléron a Pau. *Puerta* é o nome hespanhol correspondente a *Passo,* em portuguez.

([2]) Sobre as *Industrias caseiras portuguezas,* em especial, sem restricção a determinadas provincias, mas com exclusão da grande arte e da grande industria, está no prélo um trabalho do signatario. E' um ensaio historico, traçado sob o ponto de vista economico, technico e esthetico, em artigos successivos, destinados á notavel revista *Portvgalia* dos snrs. Ricardo Severo e Rocha Peixoto. Será amplamente illustrado com photographias e desenhos primorosos.

Para lá remettemos o leitor que tiver interesse em entrar nos pormenores de um assumpto novo, entre nós. Todavia, ambos os estudos, este e o inedito, completam-se.

([3]) Um adagio aconselha: «Do linho arestoso faze camisa a teu esposo». Outro entende que: *ao bebedor não lhe falta vinho, nem á fiandeira linho;* mas sempre vae advertindo, pela bôcca da comadre vizinha: *por um cabellinho se pega fogo ao linho.* E toda a boa dona de casa portugueza sabe ou deve saber *que o linho apurado dá lenço dobrado.*

VILLA REAL Um exemplar interessante de cama antiga, que pertenceu ao fallecido P.e Manoel de Azevedo

delevel; no feitio do canteiro, pedreiro [1] e carpinteiro; emfim: no governo do moinho e da azenha, com sua complicada e cuidadosa instrumentação! —por isso se estima o pão trigo trasmontano, se guarda carinhosamente a fanega.

Em tudo e por tudo é portugueza essa obra variadissima!

A vida em Traz-os-Montes—a vida toda, economica, da agricultura, da industria e do commercio tende a transformar-se rapidamente. A provincia mais conservadora nas suas tradições, nos seus habitos, nos seus affectos vae sentir em breve o arfar das grandes, poderosas machinas. O ferro, o carvão omnipotentes, a hulha branca—a força das poderosas aguas que do céu cahem e ao céu voltam, vão despertar á voz da sciencia.

Então, adeus idyllio affectuoso! Adeus illusões mil, adeus fagueiros habitos do doce, suave lar tradicional . . . E' tempo de traçar o inventario. Quanto ás tentações da vida moderna, fiemo-nos na constancia, valor e lealdade nativas da raça.

Com as mesmas virtudes antigas, que o saber humano, a energia, tenaz, imperecivel de vossos filhos está pondo em acção, ireis longe. Esta revista o provará.

Salvè, pois, vida nova!

Não passes, caminhante! . . .
Huma memoria nova e nunca ouvida,
De hum que trocou finita e humana vida
Por divina, infinita e clara fama.

. . . .

Não será, como até aqui só o labutar improbo da charrua, arduo, excessivo, duro, que fez o trasmontano tambem duro e inflexivel. Vede-o incansavel no campo e no monte, no manejo do arado; agil e industrioso na manobra das rêdes complicadas, em rios caudalosos. Contemplae essa mulher de Urrôs, habilissima n'um rude, informe tear manual, de onde sahem primores da arte de Penelope. Em tanta cousa ha que pensar e reflectir n'esta maravilhosa provincia, que por si só podia viver, e tem vivido, uma vida da Edade Media portugueza; tanta cousa ha ainda que admirar, que faz da existencia do lavrador—nervo da republica, segundo o juizo de El-Rei D. Diniz—a mais interessante encyclopedia, onde o sabio mais pintado tem ainda que aprender!

. . . .

Farei a estreia com o mobiliario, porque convém á redacção aproveitar clichés já tirados em grande numero; de outro modo começaria pelos tecidos populares. A mobilia não pode separar-se da casa, quer particular, quer publica, isto é, do monumento. E assim terei de attender á obra de talha, es-

VILLA REAL Aspecto de uma adufa
(Cliché do snr. A. L. Martins)

(1) É facto significativo que o linho se peza com uma pedra; diz-se *pedra de linho* o pezo de oito arrateis de linho, depois de granado; meia pedra correspondia a quatro arrateis. O linho depois de semeado e crescido se arranca e se ripa; e deitado ao sol abre a baganha, sahindo a linhaça. Ata-se o linho em molhos ou feixes e se enterra na areia do rio, donde a seu tempo se tira; e depois de seccado ao sol se maça e, maçado, se grana e granado se tasquina e tasquinado se asseda para o apartar da estopa. Após tão longa jornada, fia-se Santa rócca e santos fusos de nossas mães! quem não vos admirou á lareira?

E depois de fiado se faz panno.

Vide a serie dos nossos Estudos sobre as *Industrias portuguezas*; trinta artigos no *Commercio do Porto* de 1886 e 1887: os escriptos de Fradesso da Silveira (Bibliotheca das Fabricas) sobre os linhos de Torres Novas. Lisboa, 1863; emfim, a obra indispensavel, magistral do fallecido Prof. Ferreira Lapa *Technologia rural*. 3.ª Parte pag. 232 e seguintes. A pag. 244 trata do celebre canamo (ou canhamo) da VillariçaVide tambem differentes monographias sobre o linho e a lã nacionaes, na serie da *Memorias economicas* da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

VILLA REAL A feira dos Pucarinhos em dia de S. Pedro

culpida ou torneada, fixa, dos templos e ao lavor transportavel, ao mobiliario propriamente dito, de uso sagrado e profano. Tanto me captiva a alfaia domestica mais modesta e barata, como o cadeiral sumptuoso, onde gordos conegos e frades ainda mais gordos estiraram commodamente seus corpos; tanto me interessa o arcaz magestoso de pau preto que guarda, sob ferragens reluzentes, preciosas colchas matizadas de crysanthemos, e cravos orientaes, dalmaticas e pluviaes, illuminados de angelicas figuras, como a lisa caixa de castanho, rescendente a alfazema, onde a avózinha escondia cuidadosamente as suas estrigas douradas.

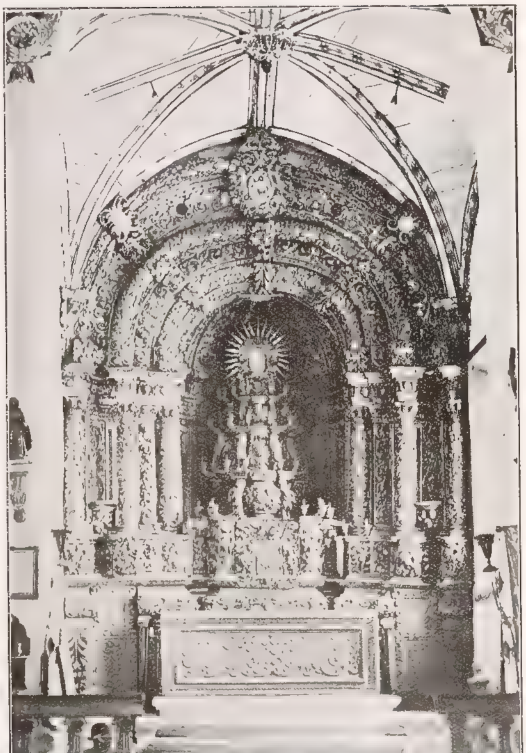
De resto, foi a provincia de Traz-os-Montes a ultima onde encontrei a *adufa* de grande estylo, por tanto, a carpintaria de construcção, com caracter monumental, em numerosos e bellissimos exemplares.

O exame foi feito nos annos de 1879-1898. De então para cá tem-se perdido alli muita reliquia d'essas, preciosas, por incuria simplesmente, por indifferença e desconhecimento do seu valor. Salvei nos meus cadernos tudo o que foi possivel desenhar sob um sol ardente, ou chuva fria, ou vento agreste, para demonstrar tambem, para o meu Portugal, que a obra do carpinteiro popular foi, tanto como a do marceneiro, seu collega mais altaneiro e muito mais pretencioso, a legitima expressão da vida intima nacional.

Não foi só a fé que fez do esposo da Virgem um santo portuguez tão popular. Santo Antonio, o incomparavel S. João ainda teem no coração da gente moça, nas cidades, nos campos e nas serras um culto fervoroso, a primasia. Mas na Arte, na grande e na pequena, no lavor das industrias menores e minimas S. José ainda é o primeiro, o patriarcha, o advogado para todas as angustias, o confidente para todos os segredos. Ora no seu burrinho, ao lado de Nossa Senhora, ora na officina, trabalhando á banca de carpinteiro é o symbolo do povo infatigavel, bom, carinhoso, humilde, que se contenta e se sensibilisa mais com uma palavra affectuosa do que com ostentosas dadivas. E quem não olhar para essas cousas menores e minimas que elle debuxa e talha, molda e torneia, que ora cobre de lineamentos symbolicos, ora illumina com polychromia surprehendente, nunca o entenderá, a essa grande criança desconhecida, a esse povo, nunca! A peninsula é hoje pobre de florestas; importa muita madeira, tanto da rara para marceneiros e entalhadores, como da barata para o carpinteiro. Mas não foi assim outr'ora. E tempo houve, no seculo XIV e XV e ainda no decimo sexto em que a carpintaria de construcção e a das habitações, revelou no interior e exterior do edificio, grande mestria—não fallando, é claro, na carpintaria naval, arte em que fomos os mestres de todo o mundo, incluindo flamengos e inglezes, que depois nos ecclipsaram e de nós se esqueceram, quando lhes aprouve, depois de nos arrancarem as conquistas.

Porto, 10 de Fevereiro.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.



SABROSA—Interior da Egreja matriz

A RIBA-TUA

A REGIÃO do Tua fica no extremo leste da privilegiada zona vinicola do Douro a que serve de balisa o proprio rio d'onde lhe vem o nome e a sudeste do concelho d'Alijó que é onde se encrava o coração do paiz vinhateiro. Para quem desce d'esta villa, assente no leve recosto da serra de Villarenho, e, pelos ultimos avanços do seu plató, deriva para a formidavel arteria de viação accelerada que o transporte aos grandes centros, é mais curta a distancia pela estrada de S. Mamede.

A povoação de S. Mamede de Riba Tua logo se avista dos cotovellos do macadam alvadio, percorridos que sejam dois terços da jornada, poisando n'um comoro em fórma de pinha, cujo vertice é coroado pelo campanario aldeão fazendo o registro do tempo, no quadrante d'aquella vida rustica, recolhida e humilde, com sonoridades de bronze. Esta aldeia alcandorada na margem direita do Tinhella offerece o aspecto pittoresco d'um povoado castrejo; as suas habitações, na escurenta côr do granito, caracterisam-se pelo typo rural d'escada exterior e alpendre e com larga varanda correndo ao longo d'uma das fachadas defendida pelo agasalhante beiral distendido. Como em todas as povoações trasmontanas, á semelhança do systhematico processo adoptado nos logarejos luso-romanos, nenhum dos edificios do agrupamento se desvia ou tresmalha: todos se congregam e agglomeram, irradiando o enxame dos habitantes d'estas colmeias para a labuta do aro agricola, envolvente, onde se cultiva o pão, planta a vinha e cresce, com o olivedo cinzento, o oiro verde gracioso dos laranjaes de nomeada retumbante. Mas, leitor amigo, fica sabendo que S. Mamede não conta só entre os seus meritos as excellencias do solo d'aspecto sáfaro e rude, produzindo taes dons preciosos da Mater natura; desvanecidamente se ufana de ter sido o berço da dynastia dos artistas Teixeira Lopes...

O TUA — A barca d'Alvella

A estrada prosegue derivando em encurvamentos que bizarramente furtam e restituem á vista do viandante os effeitos scenicos do povoado proporcionando-lhe ao mesmo tempo rapidas incidencias sobre as courellas e os risonhos esmaltes de vinhedo que custam ao homem, n'esta altura da montanha hostil sob um ceu nem sempre clemente e benefico, o melhor da sua energia e da sua vida para afinal apenas lograr, como recompensa, um arrepelante sudario de miseria: a sementeira abrazada pelo sol ardente, umas plan-

tações feridas de morte pelo phylloxera, outras absolutamente inuteis por as respectivas colheitas não sahirem da adega em face da concorrencia nefanda e avassalladora das contrafacções, que se offerecem no mercado com o mesmo rotulo e por preços d'nma inferioridade incompetivel. Casaes vendidos, carencia de serviços com que grangear uns magros salarios, o rebate da extrema calamidade... O conceito litterario da existencia rustica não lembra n'estas paragens, quando se divisa ao longe uma figura agrilhoada á terra n'uma tarefa violenta e exhaustiva para a fazer valorisar ingloriamente com o seu braço, ou outras passam perto, saudando submissamente e despedindo olhares d'uma supplice tristeza que dizem toda a sua desdita e a biblica resignação com que a soffrem...

MARGENS DO TUA—As regadas

O macadam vae giboiando, e, dentro em pouco, rompe com audacia para a vertente da montanha, sobranceiro ao rio Tua que foge angustiosamente por entre a torva penedia n'uma profundidade extranha, vertiginosa e sinistra. A escarpada tem grandeza e os olhos surprezos n'este magestoso imprevisto, gulosamente se precipitam e rolam até ao longinquo leito onde a corrente fugidia sussurra. Em tão aprumado pendor, que a propria rocha contraforta, não brotam culturas, mas simplesmente uma vegetação bravia e rasteira cobrindo e adornando as anfractuosidades e as protuberancias do fraguedo. Aqui e acolá, como essencias vegetaes de maior valia e porte, emerge o penacho d'agulhas d'um pinheiro ou as ageitadas frondes d'um olival debruçadas no abysmo.

Na riba d'além o mesmo arranjo, e, n'um plano extraordinariamente inferior ao da estrada, mais á beira d'agua, talha-se a via ferrea que leva a Mirandella e desapparece de quando em quando, sorvida, tragada, pela negra bocca em ferradura dos tunneis, resurgindo mais adiante, sem se afastar de sobre o leito do Tua, embora tenha de transpor algares e ravinas sulcadas no flanco da massa montanhosa atravez de pontes metallicas sob que tantas vezes se despenham com fragor, torrentes espumantes... ([1]).

Para o sul, já se descobrem os cimos ondulosos das serranias d'além Douro entre a Pesqueira e Taboaço, e mais um trecho do trajecto feito, por terreno schistoso, continuador do granitico findo, avista-se ao fundo a foz do Tua com a povoação a cavalleiro, á esquerda, e a ponte de ferro por onde passa a linha duriense e que liga as duas margens.

A estrada, logo abaixo, entra n'um declive mais intenso descendo em rapidos laços para attingir, da maneira mais suave, a base da encosta que olha para o Douro e onde sita a quieta estaçãosinha de S. Mamede. Cumpre abandonal-a, porém, e enveredar com sangue-frio para os empinados carreiros do ingreme alcantil e por elles baixar cautamente até ao rio que ali remata o seu curso.

([1]) Dos percursos a fazer no paiz é este sem duvida um dos mais interessantes e que parallelo póde affrontar com certos, assaz gabados lá fóra, entrevistos pelos attrahentes processos de vulgarisação e de cujo desconhecimento resta ao lusitano uma pena sem fim.

As ribas vão assumindo proporções grandiosas e aspectam recortes de scenario phantastico e gigantesco, o que mais avulta e subjuga quando ao lume

MARGENS DO TUA — O Botirão — Ancêda

d'agua. A corrente, livre do informe pedregulho que cahoticamente atulha o leito, a montante, espraia-se, com placidez, quasi até ás ladeiras marginaes, franjadas d'areia clara e fina; n'uma angrasinha, entre umas linguetas de terra, ancóra a barca em leves baloiços como a bater compasso ao sonido perenne das aguas. O barqueiro desloca-a para a outra banda com lentidão e methodo, aos impulsos da vara na vasante do estio, e com o auxilio d'uma corda fixa a um e outro lado emquanto duram as enchentes, invernaes (1). Assim se faz a travessia, com recolhimento, para o ancoradouro opposto d'onde sobe uma azinhaga que logo obliqúa e crusa a via ferrea em direcção ao logarejo de Foz Tua, composto d'alguns casinholos amontoados entre vielas irregulares e tortuosas, muitas das quaes com o piso coberto de fofa mattugem. Os casarelhos, escalando o cerro, são vestidos de caiaço, não obstante se lhes auscultar interiormente o desconforto e a penuria reinante, as privações e a mingoa d'um viver amargo.

No sopé, arrumada a leste, fica a estação do Tua, inesquecivel tortura dos que n'ella aguardam qualquer trasbordo na quadra estival pelo calor de brazido, concentrado, calcinando tudo, decompondo o asphalto, fendendo a rocha, entontecendo, asphyxiando. Para esta ardencia desesperadora dos 50 graus centigrados da fornalha solar não ha um refugio, uma guarida, uma sombra! A ramaria dos esguios eucalyptos, que formam nave, dispensa um abrigo tenue, quasi frustre, ante a intensidade da torreira celeste; aproveita-se, todavia, para a contemplação do Douro, enrugado, carrancudo e faiscante ás incidencias da luz banhando a ourela das quintas fronteiras: a do Milleu no ponto de embarque, e, em escala ascendente, a dos Negrilhos, a dos Acyprestes, a da Boa-Vista, pertencentes ao reputadissimo dominio da Ferreirinha, e, mais ao longe, a das Barreiras com a sua vivenda muito alva, como branco ninho emergente do affago verdejante da vinha. De cá fazem-lhes *pendant* a do Zimbro e, visinhando, scindida pela estação, a da Chousa, com a vivenda achalézada, uma bandeira flammulando no pateo da vanguarda, o escadoz d'accesso em duplice lanço guarnecido de glicinia, estendendo-se a propriedade por cinco cerros, cujos pincaros, separados pela estrada caracolante que leva a Carrazeda d'Anciães, são cobertos de matta frondosa; d'além Tua a dos Inglezes e a dos Malvedos. Que delicioso sabor tradicional,

(1) Fenece este processo de passagem tanto em uso, outr'ora, no Douro e que era e é ainda em alguns pontos, como na Barca d'Alva, uma reminiscencia da arca biblica, graças á promiscuidade amigavel n'ella estabelecida entre passageiros e animaes.

espontaneo, suggestivo, a que tantas recordações andam presas, na nomenclatura das quintas durienses!...

Entretanto o comboio parte pela via, rasgada na ilharga da montanha a golpes de dynamite, sumindo-se nos tunneis que mostram as lacerações

MARGENS DO TUA—Valle Escuro

da rocha feitas pelo explosivo, saltando precipicios, comprimindo-se entre botareus tremendos, nunca se afastando um instante da caprichosa bacia em cujo fundo o Tua penosamente deriva por entre o lagedo abundante. Por vezes, involuntariamente, se procura a corrente occulta pelos pedregulhos, que a poucos passos lhe formam lagoa onde parece immobilisar-se espelhando as margens; estas constituem-se por verticalidades de rocha, e encostas accidentadissimas mas onde o bipede não trepidou em fazer taboleiros d'olival e socalcos de vinhedo por tantos tractos cadaverisado...

A impaciencia d'inicio acalma-se no encanto d'esta bizarria panoramica e uma vaga quietude envolve o viandante pensando no leitão—a comesaina excelsa!—que lhe ha-de servir o Zé Maria ao fim da jornada em Mirandela.

MANOEL MONTEIRO.

Costumes trasmontanos Preparos para as vendimas

CELEBRIDADES TRASMONTANAS

Guerra Junqueiro

(Sanguinea do pintor Antonio Carneiro)

GUERRA JUNQUEIRO

Como os livros sagrados de certos poetas mysticos da antiguidade, a obra de Guerra Junqueiro é constituida por um grupo de poemas que poderiam ser englobados para formar uma grande e vasta epopeia religiosa.

E' que o altissimo poeta da *Patria* é essencialmente um poeta epico e um poeta mystico. A *Patria,* que é uma grandiosa epopeia nacional, é, no dizer do proprio poeta,—um poema religioso. A *Oração á luz* é o canto fervoroso d'uma epopeia pantheista, que faz recordar a grandeza dos canticos sagrados, dos hymnos vedicos.

Atravez dos tercetos finaes da *Patria,* em que o poeta evoca o perfil cavalleiroso e santo do condestabre e a alma sublime e simples d'essa extranha figura de heroe e louco, passa o sopro de enthusiasmo epico e religioso que animou as melhores estancias dos *Lusiadas.* Desde Camoens, ninguem como Guerra Junqueiro encarnou poeticamente a fé heroica e a simplicidade epica da raça portugueza.

A *Morte de Dom João* e a *Velhice do Padre Eterno* são os dois primeiros cantos d'uma epopeia religiosa inacabada. O *Prometheu Libertado* seria o canto final d'essa epopeia, melhor, a ultima parte d'essa trilogia epica. *Os Simples,* sendo o poema das cousas obscuras e humildes e das almas silenciosas, nem por isso deixa de irradiar aquella religiosidade epica que envolve n'uma atmosphera luminosa e mystica toda a obra do poeta.

GUERRA JUNQUEIRO

(Reproducção de uma photographia antiga)

GUERRA JUNQUEIRO

(Reproducção de uma photographia antiga)

Guerra Junqueiro dizia-me uma vez que «o conflicto de dois atomos de hydrogenio com um atomo de oxygenio era um espectaculo que o emocionava como a tragedia do Calvario». Isto define o caracter epico e religioso da sua poesia. Para Guerra Junqueiro não ha grandes tragedias, nem pequenas tragedias: ha tragedias ruidosas e tragedias de silencio—a tragedia do Calvario e essa tragedia muda, luminosa, que é o *Prestito funebre.* O Doido crucificado, o carvalho morto, o melro suicida, o trigo esmagado, são sempre a mesma epopeia tragica, a mesma tragedia de redempção libertadora. De resto, para Guerra Junqueiro, no universo ha uma tragedia unica, a mesma sempre: é a tragedia do Sêr, subindo, subindo sempre, dolorosamente, amorosamente, anciosamente, para as divinas claridades. A sua poesia é uma perpetua aspiração para uma atmosphera de perfeição mystica e de grandeza heroica. Para o grande poeta o sentido da vida é subir, é a ascensão ardente dos homens e das cousas até Deus, é o Sêr percorrendo, fervoroso, a infinita escala da perfectibilidade moral.

A ascenção até á divindade, como synthese de

uma philosophia poetica, não basta para definir o caracter epico e religioso da arte em Guerra Junqueiro?

Eu bem sei que, para muitos, dizer que Guerra Junqueiro é um poeta mystico, corresponde a affirmar um paradoxo vão e indemonstravel, mais, um absurdo manifesto.

E todavia é assim. Guerra Junqueiro é um poeta religioso. Nunca foi outra cousa. Affirma-o o poeta e, mais do que o poeta, a sua obra.

E' paradoxal?

Mas é assim. Foi sempre assim em todos os tempos e em todos os logares.

Schiller dizia que «não professava religião nenhuma em nome da religião». Guerra Junqueiro, o ruidoso demolidor da *Morte de Dom João* e da *Velhice do Padre Eterno*, não contradiz Guerra Junqueiro, o mystico das oraçoens pantheistas: affirma-o. Guerra Junqueiro combateu muitas cousas religiosas, em nome da religião. Nun'Alvares, antes de ser o santo, foi o combatente. E, antes de combater, ajoelhava para resar. Guerra Junqueiro antes de entrar a demolir como um titan formidavel superstiçoens e mentiras religiosas, tambem ajoelhava deante do seu ideal para erguer-lhe um hymno de fé. Será bom não esquecer que a *Morte de Dom João* abre por uma «Introducção», que é um cantico cheio de extactica beatitude á Justiça e á Verdade; e que a *Velhice do Padre Eterno* começa por uma ode enternecida «Aos Simples», que é um transe de fé irradiando da alma de um crente. A *Patria*, antes de irromper n'um canto esplendoroso de religiosidade epica, é uma rajada santa de indignação contra tudo o que conspurca e devora o chão sagrado de Portugal.

OS VENCIDOS DA VIDA
Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Anthero de Quental, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro
(Cliché da «União»)

GUERRA JUNQUEIRO
Charge de Raphael Bordallo (Reducção d'uma pagina do *Antonio Maria* de 1892)

Guerra Junqueiro é um poeta demolidor? Decerto em nome do ideal. Demolir, em Guerra Junqueiro, não significa um acto de puro negativismo: é um acto de affirmação, é uma fórma de proclamar a sua religiosidade, o seu ideal.

A sua arte não é uma força dissolvente, é uma inergia constructiva. Não destroe, cria.

Demolidor? Sim, de fórma mystica. E' um demolidor genesico. Como um mystico que combatia a vida da terra para edificar a vida do ceu; como um santo que derrotava o homem carnal para purificar-se e crear o homem divino: Guerra Junqueiro combate para destruir o imperfeito e realisar o perfeito. Como um santo, que, para viver em Deus, se adapta a Deus e não ao homem, Guerra Junqueiro combate o mal para glorificar o bem, guerrêa o injusto e a mentira para erguer a Justiça e a Verdade. Os mysticos não se adaptam á realidade; adaptam-se ao ideal.

Demolir cathedraes, derrubar algumas mitras, não é destruir a religião. Ás vezes é affirmar a religião. A religião para Junqueiro não está em Roma, nem em Meca: estende-se ao universo, abrange o mundo. Não é a cegueira fanatica d'alguns crentes: é a crença. Não é a religião de alguns sêres: é a religião do Sêr.

Por isso, apezar d'essa lenda falsa que fazia d'elle um poeta anti-religioso, um corruptor de consciencias imaculadas, elle é um poeta essencialmente mystico.

Mystico por temperamento, filho d'uma raça mystica e heroica, a sua obra d'arte é uma efflora-

GUERRA JUNQUEIRO
(Reproducção de um retrato a oleo do pintor Antonio Carneiro)

ção de mysticismo epico, onde estremece o sangue portuguez e a alma portugueza. Como aquelle poeta a que Garrett chamou «o corpo da maior alma que deitou Portugal», o altissimo poeta da *Patria* é n'este momento para nós o symbolo grandioso da alma de Portugal, a synthese da alma collectiva, d'essa alma que parece adormecida e da alma d'esta terra que parece estagnada e morta e em cujas entranhas germinam silenciosamente, obscuramente, espiritos creadores, attingindo as alturas em que só voam o genio e as aguias.

Se hoje, em Portugal, alguem existe que possa orgulhar-se de sentir bater-lhe no peito a alma da nossa terra, esse alguem é Guerra Junqueiro. Elle exprime e resume, emblema vivido e humano, a nossa aspiração para uma vida superior; elle é o Interprete, o emersoneano *representative man*, d'esse desejo vago e forte de redempção que parecia jazer latente no seio da carne portugueza como um diamante radioso esquecido no ventre da terra.

E' de resto o retrato que d'elle faz o pintor Antonio Carneiro n'uma d'essas horas de inspiração em que o artista se sobreexcede para abranger na sua retina poderosa a alma das cousas e dos homens.

D'um fundo difuso e crepuscular, como o do *Precursor* de Leonardo da Vinci, a cabeça do poeta, aquilinea e dominadora como a fronte radiante de um apostolo extasiado, resalta para a claridade, como uma ideia germinada na alma brumosa do chaos a irromper para a luz. N'essa tela inolvidavel, a physionomia de Guerra Junqueiro tem a expressão do typo humano e avulta como symbolo d'uma humanidade que nos dá a sensação consoladora e orgulhosa de sermos homens.

Precisamente por isso, porque a personalidade de Guerra Junqueiro abrange a latitude do symbolo, é que ella é difficil de definir. Para a definir uma phrase basta, ou é necessario todo um livro.

De resto para que tentar definil-a n'este momento em que os nossos destinos atravessam a sua hora decisiva? Antes de tudo o que se nos impõe a nós portuguezes, n'esta hora tragica para nós, é ir em peregrinação nacional, em peregrinação mystica,—e porque não?—em busca da fé que nos é precisa a casa d'esse poeta que guarda no peito a alma de Portugal cantando dolorosamente a sua ancia de resuscitar.

* * *

Guerra Junqueiro é por temperamento, pelo sangue, pelo determinismo physiologico da carne, pelo fatalismo do espirito, se quizerem, um poeta epico e um poeta mystico.

Talvez a sua origem de raça, melhor, a sua hereditariedade, explique um pouco o caracter da sua arte. Guerra Junqueiro é trasmontano, o que de

certo modo esclarece o espirito epico da sua obra; e a sua religiosidade transcendente, exuberante, talvez possa atribuir-se á influencia de sangue judaico, esse sangue que alimentou a alma de Spinoza, o philosopho sereno d'essa religião ideal de que Guerra Junqueiro é o supremo poeta.

Talvez, talvez: uma tal hypothese não seria totalmente destituida de fundamento. Teria pelo menos verosimilhança.

Um admirador do caracter ethnico regional da raça portugueza trasmontana dizia-me ha dias estas palavras calorosas, de culto: «Admiro o caracter trasmontano como se admira tudo o que é forte e sereno. E o traço mais saliente do caracter trasmontano é a força, na significação nobre do termo. Em Traz-os-Montes, os mesmos assassinos matam lealmente, arriscando a propria vida. Seja qual fôr o ideal por que combata ou se sacrifique, o gesto do trasmontano é sempre um bello gesto de força, de coragem e de simplicidade. O navegador Fernão de Magalhães era trasmontano; o capitão Roçadas é trasmontano; as nossas campanhas d'Africa são feitas com soldados trasmontanos. O proprio Guerra Junqueiro é um exemplar triumphal d'esta caracteristica de raça. A força, quando se converte em arte, é poesia epica. E Junqueiro é um poeta epico,—é o poeta dos fortes».

GUERRA JUNQUEIRO
Caricatura de Raphael Bordallo

(Reproducção d'uma pagina dos *Pontos nos ii,* de 1885)

GUERRA JUNQUEIRO—Cliché da Photographia Universal (inedito)

Esta opinião não deixa de conter um fundo de verdade, áparte o que n'ella possa haver de hyperbolico e exagerado.

De resto esta hypothese serviria para explicar singelamente, sem recorrer a outras hypotheses muito problematicamente architectadas, a chamada *crise mystica* de Guerra Junqueiro.

A meu vêr, Guerra Junqueiro nunca atravessou na vida uma crise philosophica e moral, pela bem simples razão de ter sido sempre um mystico. Uma crise mystica é sempre uma derrocada moral e uma elaboração moral consecutiva: é uma inversão penosa da formula do sentido da vida. Em Guerra Junqueiro nada d'isto se passou. Na sua obra não ha nada que indique a existencia d'um d'esses cataclysmos affectivos que constituem o fundo de todas as crises mysticas. E' ler com cuidadosa attenção a *Morte de Dom João* e a *Velhice do Padre Eterno* e lá se encontrarão em germen as oraçoens pantheis-

tas. Que os seus primeiros poemas são essencialmente intuitivos e os ultimos, a *Oração á luz*, por exemplo, são essencialmente raciocinados, é innegavel. Nem mesmo podia ser d'outra fórma, visto ser essa a trajectoria evolutiva de todos os artistas de genio. Mas, e isto é que é fundamental, desde a *Morte de Dom João* até á *Oração á luz*, a sua obra é sempre a mesma mystica semente de emoção germinando e florescendo em versos epicos como linhas de cathedraes e hieraticos como versiculos sagrados.

E decerto, para nós portuguezes, n'este momento, d'esses versos, os mais bellos, os de mais intensidade mystica, os de mais religiosidade epica, são aquelles em que o poeta, n'uma hora em que sentiu bater dentro de si a alma da sua terra, cantou dolorosamente as desgraças e as esperanças da sua patria.

MANUEL LARANJEIRA.

GUERRA JUNQUEIRO

Charge de Raphael Bordallo (Reproducção de uma pagina de *A Parodia*)

FOLK-LORE TRASMONTANO

D. JOÃO

(INEDITO)

Tristes novas me vieram
Lá do centro da Hespanha
Estava D. João doente,
Doente por sua dama.

Mandou chamar os doutores,
Os melhores que lá havia,
Um dizia muitas cousas,
Outro nada lhe dizia.

O mais entendido d'elles
Tres horas de vida julgava:
Tres horas pouco valiam
Uma já vae acabada.

«Uma é para satisfazer
Para bem da minha alma.
Outra para me despedir
Da minha querida amada».

Estando elle n'esta conversa
Pae e mãe alli chegaram.
—Que é isso, oh D. João,
É verdade o que contaram?

Se deves alguma cousa
A alguma menina honrada?
«Eu devo a Dona Isabel,
Que a deixei desfamada».

«Deixo-lhe cem mil cruzados
Para haver de ser casada».
—Cem mil cruzados não é nada
Para uma menina honrada».

«Deixarei-lhe mais duzentos
Para a mesma desgraçada».
Estando elle n'esta conversa
Dona Isabel alli chegava.

«D'onde vens Dona Isabel,
Minha rosa encarnada?»
—Venho pedir a Deus
E mais á Virgem Sagrada
Que te levantes d'essa cama,
D'essa cama desgraçada.

.Se d'esta cama me levantar
Oh minha rosa encarnada
Eu te vestirei d'ouro
E de prata agaloada».

Lançou as mãos á cabeça
E chamou-se desgraçada.

«Não chores, Dona Isabel
Não chores, pela tua gala,
Que não te chame o mundo
Viuva sem ser casada.

—A quem me deixas tu, João,
A quem me deixas entregada?
«A meu pae e minha mãe,
Para haver de ser casada».

Aqui n'esta sala morro,
Aqui me entrego á morte
Aqui me virão buscar
Nos braços d'amor mais forte.

(Bragança).

DANIEL RODRIGUES.

Pelas vias da Arte e das Industrias trasmontanas

II

Patria — salus vitæ.

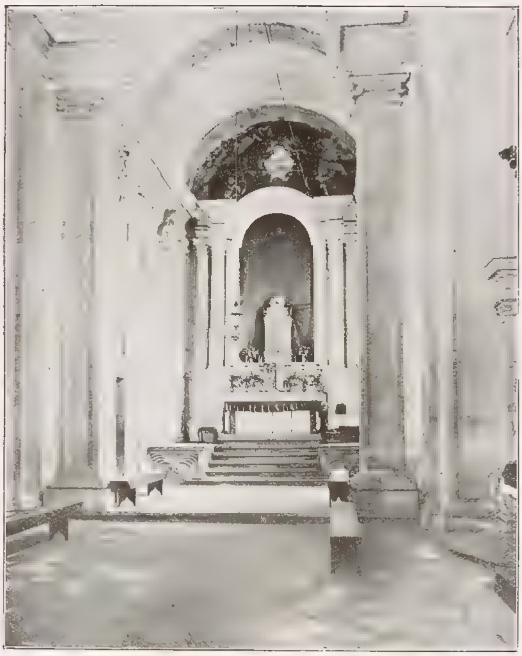
Amor vitæ salus.

Como é que tal succedeu, como é que fomos mestres de extranhos isso ficou tão amplamente justificado ha trinta annos [1] que me julgo dispensado de repetir aqui os documentos comprovativos. De 1439-1440 se achavam nada menos de *quarenta carpinteiros e calafates portuguezes* ao serviço da côrte de Borgonha, trabalhando em Antuerpia, Heuberghe-les-Amiens e outros logares. O facto impressionou de tal modo o nosso fallecido amigo trasmontano Luciano Cordeiro que lhe tivemos de ceder uma parte dos documentos correlativos da Feitoria de Portugal em Flandres—que pertencem á historia d'essa celebre e tão ignorada instituição quinhentista. Concentrava ella todo o movimento diplomatico, commercial e financeiro n'um escriptorio (hoje diriamos Repartição) que primeiro esteve em Bruges e depois em Antuerpia, notando-se que o afan dos negocios da *especiaria*, das coisas raras e preciosas do Oriente, não afastava os feitores do caminho das lettras, nem das artes.

Poucas provincias mantiveram como Traz-os-Montes a technica tradicional da officina popular, que sem duvida é a mais conservadora, mais duradoura. Assim como em Traz-os-Montes a tinturaria era pelos annos de 1881-1886 baseada na exploração das côres vegetaes (poucas: quatro ou cinco), obtidas pelos processos mais ingenuos e primitivos, e obtidas brilhante e seguramente, assim me bastou

1—**VILLA REAL**—Paço de Matheus. Solar dos snrs. condes de Villa Real. (Cliché do ex.mo snr. Antonio Pinheiro A. Leite)

[1] Vide os seguintes capitulos de um Estudo de 1877. *Archeologia artistica,* fasc. IV (Dúrer, etc.).
Cap. I. Intervenção de Portugal na scena europea (1499); e os seguintes, sobre a Feitoria de Portugal. No Supplemento do mesmo vol. os capitulos:
I. Sobre as relações de Portugal com a côrte de Borgonha (seculo XV e XVI).
II. Sobre as relações de Portugal com a Allemanha.
III. Sobre o commercio de Portugal no seculo XV e XVI.
Estes capitulos completam em mais de um sentido os trabalhos do Visconde de Santarem no *Quadro Elementar* e no *Corpo Diplomatico.*
Emfim, o Ensaio que publiquei em homenagem ao Atheneu Commercial do Porto (31 de maio de 1885) *A Feitoria de Portugal em Flandres,* que condensa em dez paginas o trabalho de uma dezena de annos, sobre documentos ineditos que achei na Torre do Tombo.



2—Interior da capella do Paço de Matheus. (Cliché do ex.mo snr. Antonio Pinheiro)

n'essa epoca um exame de alguns mezes para verificar que toda a carpintaria de construcção obedecia a uma tradição remota, sendo os carpinteiros de obra branca e de côr habilissimos, mas em pequeno numero. Marcenaria popular, não a havia já. Onde aprendiam, não havendo escolas profissionaes? As primeiras escolas industriaes datam de 1884.

N'uma loja de Villa Real encontrei a explicação do enigma. O fragmento de um livro, com os mais toscos desenhos geometricos era guardado, apesar de rôto e bastante sujo, como Alexandre o Magno guardou outr'ora os canticos de Homero! Vi um resumo elementar, que o artifice declarou, com ar de mysterio, ser de *Mestre Valerio* (sic).

Quem era o Mestre Valerio? Impossivel apurar o caso. O personagem parecia um mytho, como certo Grão-Vasco, que intrigou tanto o diplomata prussiano Conde de Raczynski em 1840 e ainda perturba o juizo de alguns escriptores curiosos. Cheguei a suppôr que o velho carpinteiro trasmontano o inventára para seu uso particular!

Só annos depois é que atinei com o segredo, pois nenhum carpinteiro das outras provincias se lembrava de tal Mestre, a ponto de eu desconfiar ainda mais da boa fé do primeiro, que o baptisára! Fui injusto, confesso.

Eis o que descobri, com não pequeno trabalho; é, como a historia de outro livro não menos popular, adiante citado, um capitulo muito instructivo na existencia do operario aldeão.

Mestre Valerio chamou-se verdadeiramente: Valerio Martins de Oliveira. Foi mestre pedreiro e carpinteiro na cidade de Lisboa. Além d'isso exerceu as funcções de Juiz do seu officio na antiga Casa dos Vinte e quatro, isto é, casa da assembleia dos vinte e quatro mestres ou delegados das classes operarias, e residencia official dos *mesteres* ou officios, a que D. João I deu organisação legal, definitiva, embora a sua instituição seja de epoca anterior. Existiu casa semelhante tambem no Porto, que ainda se póde vêr no largo da Sé, mas transformada. O mestre Valerio nasceu a 25 de novembro de 1695 e ainda vivia em 1757. Escreveu e publicou em 1739 um tratado da sua arte, de que o cartapacio de Villa Real era um fragmento; as estampas concordavam e concordavam tambem passagens do texto, que lá copiára. Eis o titulo do tratado que vale mais do que uma mera curiosidade bibliographica, como hão de vêr. E' uma revelação:

Advertencias aos modernos que aprendem os officios de pedreiro e carpinteiro. Tenho presente a edição de Lisboa, de 1860, que é a sexta! Obtive-a com difficuldade. Custava 400 réis na Typographia de Costa Sanches—Calçada do Sacramento do Carmo n.º 40. Pois tive de a pagar por 1$200 réis e não dei por perdido o meu dinheiro, nem o tempo das buscas. O nosso mestre carpinteiro foi um grande erudito pois cita n'uma vertigem de pasmosa erudição toda a Antiguidade classica e mais os tratadistas christãos, os mysticos da Edade Media, a immensa cohorte dos legisladores patrios—capitulos inteiros das *Ordenações do Reino* sobre os *Edificios* e *Servidões* Liv. I, t. 1, 68 § 22. Não falta, é claro, o nosso Camões (pag. 164) etc., etc.

Mestre Valerio não deixa os seus creditos por mãos alheias. E razão tinha o velho carpinteiro de Villa Real para me dizer em 1881, quando lhe fallava nas lindissimas *adufas*, semeadas pela povoação, na excellente ta lha do seculo XVII que as nossas es tampas põem em tanto realce: «is so, meu senhor, foi bom tempo. Nin guem paga hoje es-

3—**SABROSA**—Solar dos Canavarros. (Cliché do ex.mo snr. Antonio Pinheiro)

ses feitios. A obra fina dos fusos — referia-se ao lavor torneado semelhante ao da cama, apresentado na estampa — vem de longe, do Porto»: O leitor deve sabel-o — a cidade da Virgem é para todo o Norte do paiz um symbolo das cousas poderosas, ricas e raras. — «A nós, cá da terra, fica-nos a obra barata das casas» (carpintaria de construcção), como quem diz: não ha estimulo, emulação.

Vemos a officina portugueza popular (por falta de organisação racional), ligada, abandonada ao acaso, viver de livros de ensino verdadeiramente archeologicos e realizar prodigios pela intuição genial dos artifices; porque note-se: o livro de Mestre Valerio é de certo modo o reflexo de um tratado de arte mosarabe, hispanica, do seculo XVII. Diogo Lopes de Arenas é seu auctor; imprimiu-o em Sevilha em 1633. Póde classificar-se como um tratado completo e perfeito de todos os processos technicos mosarabes ou mouriscos, para carpinteiros e pedreiros. Este compendio, de primeira ordem para a epoca em que sahiu a publico, obtendo logo grande voga em toda a peninsula, e o *Suplemento ó adiciones* de Don Santiago Rodriguez Villafañe (Sevilha, 1727) foram os modelos que inspiraram Mestre Valerio. Tão necessario e util foi a pequena reducção portugueza que até hoje já verifiquei a existencia de seis edições — seis!, sendo a ultima de 1860. Possuo esta.

O facto é tão caracteristico para a historia da officina e da industria portugueza, como o são as aventuras de outro volume — n'este falla um trasmontano legitimo: — o *Thesouro de Prudentes* de Gaspar Cardoso de Sequeira, mathematico, natural da Villa de Murça, que o publicou em 1612, em Coimbra, cidade onde foi professor, como em Lisboa e em outros centros de Portugal e Hespanha. Teve o nosso trasmontano o gráu de Mestre em Artes pela celebre Universidade de Alcalá. Póde gabar-se a sua terra natal de tal filho, pois durante mais de dous seculos se imprimiu o seu tratado, que teve e tem ainda util applicação em differentes industrias populares de Traz-os-Montes e do paiz inteiro. O aldeão, lavrador ou artifice continúa procurando de preferencia esse tratado nas lojas, como presenciamos mais de uma vez; e paga por elevado preço (1) — até meia moeda, um alfarrabio do principio do seculo XVII, que é hoje, pura e simplesmente, *un bouquin*, um *bacamarte* curioso... mas se não lhe offerecem cousa melhor! Até ha muito pouco tempo não havia quasi nada que se recommendasse aos frequentadores e povoadores da officina aldeã, em qualquer ramo do seu programma (2). Tenha-se em vista, no meio da penuria das fontes de consulta, que são: tratados, compendios, estampas, padrões, emfim modelos, a falta de mercados, a raridade e decadencia das feiras locaes; as raras vias de communicação, e, nas que existem, a carestia dos transportes!

4 — **VILLA REAL** — Capella Nova (S. Pedro Novo). (Cliché do ex.mo sr.r. S. Guimarães)

O governo tentou levantar ha poucos annos a antiga industria da creação do bicho de seda, utilissima, que outr'ora enriqueceu a provincia trasmontana. Foi um leve chuveiro d'oiro que passou de 1860-70, rapidamente, sobre aquella Danaë abandonada.

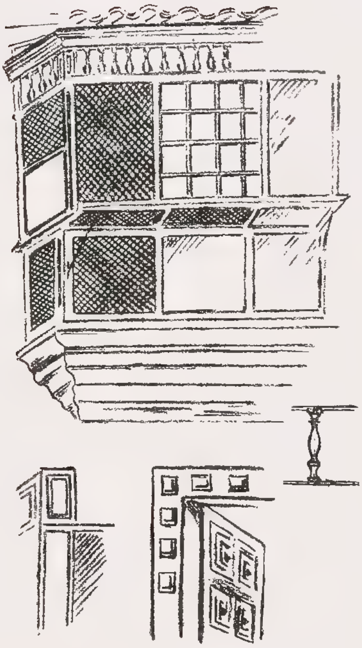
Por que passou tão depressa?

Durou sómente emquanto a França e a Italia

(1) Um habil livreiro do Porto, fallecido muito novo, o Cruz Coutinho, sobrinho, com loja na rua do Almada, era o astuto explorador d'estes livros de sabedoria popular. Vi-lhe vender o *Thesouro de Prudentes*, comprado a peso nos leilões dos duplicados das livrarias dos conventos extinctos, por elevados preços, exemplares velhos, por 2 — 3$000 réis! que o lavrador promptamente pagava. Pretendia reimprimir o Mestre Valerio, mas tal qual a edição antiga, com as mesmas pessimas estampas, um facsimile de espertalhão! — Assim se venderá melhor! dizia...

Fiz-lhe vêr que tinha obrigação de recommendar o excellente *Manual do carpinteiro de moveis e de edificios*, traduzido por Castro Freire de Macedo, Paris 1875, tratado completo, modelar, bellamente illustrado e custando apenas 1$000 réis. Mas com esse não podia fazer usura! «Você tem ainda o *Manual do Carpinteiro* da Bibliotheca do Povo. Editor Corazzi Lisboa, 1884, por 50 réis». A isto respondia mal. Fingia ignorar a existencia de taes livros! — «Que se importa o senhor com o meu negocio?...» E era um livreiro instruido, lidando, como seu tio, o celebre fundador do *Jornal do Porto* e tambem livreiro — com a melhor gente lettrada da cidade!

(2) Felizmente estamos agora (1908) mais bem servidos. A *Bibliotheca de Instrucção profissional* do benemerito editor T. Bordallo Pinheiro — são já uns 30 volumes de variadissimos assumptos, bellamente illustrados — constitue um serviço de primeira ordem, prestado a todas as classes operarias e ao estudioso em geral. São baratissimos.



5 - **BRAGANÇA** Adufa na rua de Traz
(Desenhada por J. de V. em Abril de 1886)

não se abasteceram de novas sementes, depois da doença do bicho?

Por que não mantiveram alli, na provincia das tradições populares arreigadas, uma das mais rendosas e mais antigas industrias subsidiarias da agricultura, deixando quasi extinguir as preciosas amoreiras, arrancando-as mesmo?

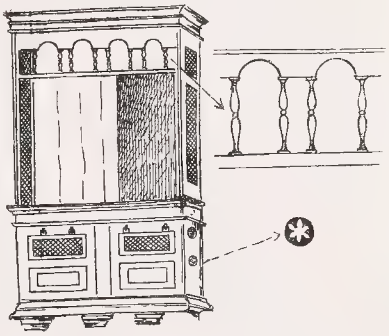
Ninguem o sabe. Desleixo, incuria, falta de iniciativa nos centros productores, onde ouvi heresias. Visitando-os mais de uma vez de 1881-1886 notei que accusavam os agentes francezes de intrigas monstruosas, a elles que vinham comprar a Traz-os-Montes o sirgo nacional, pagando-o por bom preço. Attribuiam-lhes um sacrilegio, uma barbaridade: o haverem provocado—(envenenando o *bombyx* por inveja)—a doença do bicho nacional, até alli indemne.

Aquella gente popular, embora leal e trabalhadora, sincera, é em muitos casos ignorante. Cruza os braços perante a fatalidade do seu destino.

O bicho decahiu, pereceu, porque não havia o mais elementar aceio, bom methodo de cultura e tratamento cuidadoso, nem se fazia ideia do que era selecção das sementes. Os tratadistas portuguezes, que possuimos quasi todos, verberam erros e preconceitos antigos que se avolumaram desmedidamente, quando as exigencias dos cultores francezes, quasi arruinados com a epidemia do *bombyx* nacional, provocaram um desenvolvimento subito, espantoso da cultura portugueza. Todo o mundo quiz ganhar depressa e facilmente, sem escrupulo; a occupação que até alli fôra o entretenimento de poucas pessoas, sabedoras—o tratamento das sementes—tornou-se a ambição de toda a gente! D'ahi a confusão, a ruina. Houve abusos e logros. O viajante estrangeiro reagiu e—não voltou. Eu mesmo observei de 1870-72 e com mais intensidade de 1881-86, em casas fidalgas, remediadas, e pobres do concelho de Moncorvo, porque tudo e todos suspiravam pelo dinheiro dos corretores francezes—quasi o mesmo abandono de todos os preceitos de hygiene. A epidemia, até alli reduzida a casos esporadicos, alastrou, venceu tudo. Foi um horror. A reacção, o despeito contra os estrangeiros póde imaginar-se em gente ignorante, impulsiva.

Se as auctoridades da nova estação official de Mirandella não forem zelosas e vigilantes na fiscalisação dos serviços da industria renascida, receio muito que se repita a engraçada historia que nos conta - um trasmontano do tempo do Marquez. O mal começára pelas plantações. A historia deve ser verdadeira, fallando elle com conhecimento de causa, como perito.

Nas obras do doutor Sá a achareis, com outras noticias inapreciaveis sobre Traz-os-Montes. Poucos conhecem os escriptos tão notaveis desse Doutor José Antonio de Sá, filho de Bragança (1). Foi lente da Universidade, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa e Juiz de Fóra

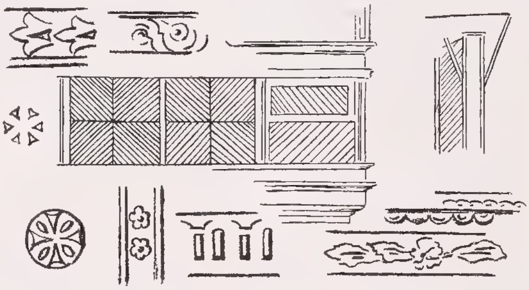


6—**VILLA REAL**—Adufa na rua do Portello n.º 7
(Desenhada por J. de V. em Junho de 1886)

(1) Para a curiosa biographia d'este alto funccionario, especie de **Vice-Rei de Portugal,** consulte-se o *Diccionario Bibliographico* de Innocencio da Silva, vol. VI, pag. 246 e 464; e ainda as fontes que o celebre bibliographo cita a pag. 236 do vol. XII. Nem Innocencio, nem o seu continuador Brito Aranha conseguiram todavia encontrar certas obras do Doutor Sá, como os *Corollarios praticos,* Lisboa, 1787. Reservamos para o fim d'estes artigos uma indicação completa, quanto possivel, da *Bibliographia economica trasmontana.* N'este logar temos de reduzir a documentação. As suas *Dissertações philosophico-politicas sobre o trato das sedas na comarca de Moncorvo.* Lisboa, 1757, representam um serviço de grande valor, pela documentação authentica e abundante que encerram. Havemos tido occasião de apreciar a sua exactidão ao estudar a bibliographia da industria da seda entre nós, que dispõe como poucos ramos da nossa actividade industrial, de numerosos e bons livros, mais de duas duzias; são elementos preciosos, desde 1679. *(Instrucçam sobre a cultura das Amoreiras, & criação dos Bichos da seda* de Rafael Bluteau, Lisboa, por Joam da Costa) até 1869: *A sericicultura em Portugal*—na *Bibliotheca das Fabricas.* Lisboa, 1869, collecção do benemerito Fradesso da Silveira. Collecciones e possuo tudo o que aqui cito e mesmo mais do que cito. A lista completa, mais

da Villa de Moncorvo, fallecido em 1819. Os seus numerosos tratados revelam um conhecimento profundo de toda a economia trasmontana. O saber profissional, sagaz e previdente do legislador; o tino, a prudencia do funccionario technico rivalisam com a probidade exemplar e o patriotismo fecundo, que não se limita a aconselhar; dá o exemplo, trabalhando sem descanço.

Conta elle que no principio do seculo XVIII chegou a Lisboa, pedida pelas auctoridades uma certidão authentica em como no espaço de um anno se haviam plantado só na provincia do Minho e Douro nada menos de 18:000 amoreiras; mas, passando quatro ou cinco annos depois pelas duas provincias pessoa competente, não vira sequer uma amoreira! Disseram então ao espantado fiscal que a certidão se fundára na successiva transplantação de *uma só estaca*, a qual correra toda a provincia.



7 **VILLA REAL** Adufa na rua Direita, detalhes de construcção.
(Desenho de J. de V. em 1886)

A historia parece uma anecdota, mas é typica. Posso provar que nos foi transmittida por pessoa competente, muito antes do Doutor Sá. Um escriptor não menos serio o P.e D. Raphael Bluteau a insere já no seu celebre e precioso *Vocabulario portuguez e latino* (1712, Vol. I, na palavra: *Amoreira* pag. 349 (1). Elle e o Doutor Sá mereciam ambos uma estatua n'essa original villa de Moncorvo, que elles tanto amaram e eu tambem amo e admiro, na pessoa da sua cathedral (2), pura, intacta, nas suas linhas austeras, fabricada com summa arte, n'um apparelho de granito, subtilissimo, em que cada pedra falla: sou perfeita; — ou, como dizia o florentino: ... *anzi un dio per la sua bocca parla!*

A campanha que ambos, Bluteau e o austero magistrado, emprehenderam não se perdeu; está apenas interrompida. Ousámos ter essa esperança, pois não se concebe que um programma economico com base historica tão antiga e tão bem fundamentada, estudado com um criterio excepcional, possa apagar-se da memoria de uma provincia inteira!

Em 1868, ainda não ha 40 annos, a creação do sirgo existia em todos os concelhos do districto de Bragança e produzia em casulo o seguinte:

Alfandega da Fé	14:580	kilogr.
Bragança	5:990	»
Carrazeda de Anciães	12:104	
Freixo de Espada-á-Cinta	4:430	
Macedo de Cavalleiros	18:000	
Miranda do Douro	2:914	
Mirandella	10:218	
Mogadouro	10:828	
Moncorvo	22:000	
Villa Flor	8:799	
Vimioso	3.525	
Vinhaes	2:147	
Total.	115:535	kilogr.

Da informação do snr. Paulo Candido Ferreira, perfeitamente authentica, deduz-se de um modo egualmente fidedigno que essa producção foi assim aproveitada: 32:100 kilogr. foram empregados na extracção da semente para fóra do paiz; 10,220 foram reduzidos a fio e produziram 1.022 kilogr.; e os restantes 73.215 suppõem-se parte vendidos em secco, para fio, e outra aproveitada pelos creadores para sementes. Calculava-se então (1868) que 10 kilogr. de casulo em fresco produziam um de seda em fio, e que 5 kilogr. de casulo em estado secco rendiam 1 kilogr. de seda em fio. A experiencia já havia demonstrado a preferencia que devia dar-se á folha de amoreira branca de Italia, para a alimentação do bicho, sob o ponto de vista de maior rendimento em seda. A curiosa informação remata assim:

«Dizem pessoas de bons creditos pelos seus conhecimentos em sericicultura que o districto chegará ao que deve ser n'este reino, quando houver plantado **um milhão de amoreiras**».

Que n'isto não ha o minimo exagero dizem os documentos em parte ineditos em parte esquecidos que tenho sobre a mesa de trabalho, e que representam só uma das multiplas faces do problema economico trasmontano, estudado amorosamente no decurso dos ultimos vinte e cinco a trinta annos. Pedimos só que nos acompanhem fielmente até ao fim. Outros farão melhor serviço em fórma litteraria mais apurada, mas não o provarão com documentos mais authenticos e razões mais convincentes.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

tarde. E' tudo raro, até rarissimo infelizmente, porque são livros indispensaveis para a historia das Industrias em Portugal e ninguem os encontra. Não exagero, affirmando que trabalhei durante mais de vinte annos para obter o seguinte precioso opusculo do Visconde de Santarem, que nem o meu illustre amigo fallecido, Mr. Ferdinand Denis, Bibliothecario de Sainte-Geneviève me pôde alcançar em Paris! E quem poderá prescindir d'elle? De *l'Introduction des procédés relatifs à la fabrication des étoffes de soie dans la péninsule hispanique sous la domination des arabes.* Paris, 1838 — 8.º gr., de 64 pag.

Remato, citando mais um volume extremamente curioso e muito util, ainda hoje, quando tanto se falla da necessidade das Excursões escolares para conhecermos a nossa terra! E' ainda do Doutor Sá. Tem o titulo: *Compendio de observaçoens, que formam o plano da Viagem politica e filosofica, que se deve fazer dentro da Patria.* Lisboa, 1783, 8.º peq., de XVIII — 248 pag. e 2 mappas.

(1) D'ahi passou naturalmente ainda para a historia da Real Fabrica de sedas publicada sob o titulo: *Noções historicas, economicas e administrativas,* etc., de Accursio das Neves, 1827, pag. 22 e para outras obras.

(2) Não deve chamar-se *cathedral,* bem o sei, porque não tem *séde* de prelado, mas uso do termo, de proposito. E' o symbolo de uma grandeza antiga, de uma prosperidade antiga, fundadas na fecundidade agricola da região, na riqueza e no engenho industrioso das officinas de uma *comarca,* celebre pela sua arrojada iniciativa de outros tempos. Já assim me exprimi a respeito de Moncorvo e da sua Sé, *(Commercio do Porto* de 15 de Outubro de 1886) ha 22 annos; não combino lisonjas, agora.

As Miserias e Explendores do "Douro,,

PERDIDA por completo a eterna esperança de melhores dias cheios de feliz abastança — a estoica população duriense tomba no mais extranho marásmo. Deixa-se dolorosamente algemar pela misera sorte que, desde annos, mais alanceadoramente vém cingindo e perturbando a tenacidade heroica dos mais extranhos cultivadores do mundo! A *Idade d'Oiro*, dum passado gloriosamente celebre, desvirtua-se dum modo assustador pelos degraus apressadamente descidos da mais rigida miseria, na mais profunda e alanceada crise que tem invadido a passos agigantados a inimitavel *Região do Vinho*. E, pelos algares quasi desertos, onde por tantas vezes a energia humana plantou a esperançosa vide, unica rainha d'aquelles sitios penhascosos e austeros, desprende-se, mais intensa e cruel, a aza negra da fome, crucitando nos reflexos sonorosos das ingremes colinas, a indicar ao duriense (tão apegado á terra agreste que o creou), o caminho do exilio forçado, unico recurso que lhe resta, unica dadiva que as governações portuguezas entregam ao mais denodado patriota que existe no paiz! A despovoação da «Terra do Vinho» accentua-se com dados estatiscos cada vez mais progressivos. Aldeias ha, onde só velhos se encontram, pelas tardes de sol, estirados junto ás paredes esburacadas das mesquinhas casinhólas de telha vã, primitivas e sórdidas, onde o porco esgalgado grúnhe, ao pé do catre imundo, emquanto os nétos se espolinham, de corpos esqualidos e osseos e caras enfarruscadas, pelas lamas das estrumeiras medievas que são os tapetes insolitos e infectos de quasi todos os povoados rudes. As gentes válidas, essas, por motivo da fome que lhes bateu já muito ás portas imperiosas do estomago, tendo vendido os ultimos pedaços de terras ingratas, empenhando as ambicionadas *arrecadias* e o cordão relusênte das mulheres, eil-as que abandonam tudo, lagrymas nos olhos energicos, saudades a comerem-lhe o coração, na lembrança dos filhos que para o canto ficam, á revelia, só amparádos pelo sol fortalecedor e pelo ar vivificante. Embarcados no porão desses modernos gigantes dos mares, empilhados como sardinhas em canastra, comendo nas *gamélas* o rancho da *terceira*, vão em busca dalgum bem-estar, na cruzada moderna da labúta, no tropismo innato da vitalidade, que, desde o mais rudimentar ser, se gradúa até ao homem pelo desejo de vida que se recebe, e ainda bem, no leite das mães, carinhosas e ternas, quando dos seios uberrimos vae subtilmente para os seres queridos que santamente proliferaram.

Mulher deitando o jantar para a "ranchada,, –J. V. Pinto, phot. am.

A vida de cada duriense é um exemplo de heroica tenacidade. Mas, por fim, sente-se vencido e mortalmente. Pelejou como um guerreiro inconsciente e audaz. Mas a derrota é formidavel e unica. E será eterna!? Por certo.

O Douro, nesta miseravel quadra em que o vinho excelso das suas «quintas» está pela *hora da morte*, só vive do dinheiro que do Brazil sempre vem, n'uma periodicidade consoladora, fazendo mais veridica ainda a affirmativa justissima de A. Herculano, que qualificava esse Paiz colossal *da melhor colonia portugueza*. A Africa envia tambem o seu obulo, entretanto mais modesto que o da grande Republica, onde se encontram, generosas, as grandes e inextinguiveis qualidades de trabalho do povo duriense que para lá se vae transplantando, rúde e franco porém nunca desmerecendo a origem amada. E que bens cauzam, pelas aldeias do Paiz Vinhateiro, essas «libras» chegadas pelas festas! Ou seja no Natal, essa consoada dos lares, viva exemplificação do convivio o mais intimo da familia, em volta do escano negro de fumo, junto ás fogueiras estimadas onde se ássa o lombo que não tem rival, se comem as alheiras saborosissimas e inimitaveis, fritas na sertã lusênte donde mais tarde o presunto afamado com ovos, numa *fritangada* opipara, vai regalar os estomagos que se enfartam

depois em goluseimas especiaes, saciadas por bons calices de vinho fino, daquelle que dorme nos pipótes, nos vãos das escadas, guardado para os dias festivos! Ou, pelos tempos floraes da Paschoa, alegre, de ramilhêtes brancos nas amendoeiras idylicas, as andorinhas já noivando pelos ares em alegres trilos amaviosos e trinfando a pureza do azul, na abençoada cantiga que por toda a parte entôa a primavera gracilissima, abrindo por largos haustos á consoladora idea do christianismo decrepito o sentimento intimo e jubiloso da vida!

Mas são esses lavradores do Douro os felizes! Poucas canceiras teem. Cultivam os vinhêdos sem resultado, mas os filhos mandam-lhes de longe o pão, que compram *ás forneiras, em boroas,* as quaes nuns primitivos fornos aquecidos a chamiça lá mettida com *ranhões* que activam grandes lavaredas, são cosidas, de centeio alimenticio que só na «montanha» se dá!

Quantas mães decrepitas, vergadas ao peso dos annos, nas varandas bem expostas, com os pés ao sol carinhoso, e o lenço de ramagens puchado para a frente fazem meia, num mecanico vae e vae de dedos, a linha saída aos poucos do novêllo, que está na cesta, no chão d'onde o gato, quasi sempre anafado, o quer tirar. Emquanto a meia vae tomando forma, nas *vóltas* dos *crescidos*, ou nos *mingádos*, essas mães vão pensando nos filhos que, em afastadas terras que desconhecem, mas sabem ser muito longe, para ellas trabalham e por quem á noite, ao toque nostalgico das Trindades fugidias, rezam piedosas, numa psalmodia vibrada, avé-marias monotonas... Oh! santas creaturas compostas e amaneiradas, de boas fallas e compassivas: sois o élo que chama ao Douro algum bem-estar ainda! Vossos filhos, com a saudade do exilio, com a lembrança dos vossos primeiros beijos, e prezos no laço do vosso sangue, mandam-vos com que viver e mandarão até irdes para os retirados e silenciosos cemiterios dormir na paz excelsa da terra que é o

Á porta dum lagar; homens dos cestos, com a "troixa,,—J. V. Pinto, phot. am.

receptaculo forçado de todas as ambições, por mais altas e por mais extranhas que se criem!

O lavrador autentico e conhecido do Douro foi um ambicioso! Nenhum português na basofia como honestidade o igualou sequer! Era vel-o aqui ha 20, ha 30 annos. O vinho dava-lhe para as mais exoticas e variadissimas loucuras.

Nesse tempo o Douro era Golconda. Hoje é o antro de Miseria! O viticultor do Douro, montado no seu cavallo de preço e ajaezado com luxo, era lá por cima olhado como um rei, um principe. No Porto gastava como um Rajah. Deante das suas insolencias, por vezes estultas de *morgado* arrogante, vergava-se toda á cidade invicta. As suas orgias, a tradicção celebra-as ainda nas paginas brilhantes de muitos escriptores de nomeada.

Nos pateos das suas casas que asolarengavam com pedras d'armas ouviam-se as patas dos cavallos de preço escarvarem, latiam matilhas de podengos e as festas succediam-se cada uma mais ricas e faustosas. Foi uma era de desperdicio nos braços d'uma opulencia fugaz! O vinho precioso e sem rival pagou-se a oiro: cada pipa dava uma sacca de loiras e encantadas Libras. O Douro semelhou-se ao reino, nos tempos *heroicos* das conquistas em que as pedrarias andavam aos pontapés nos palacios dos fidalgos que do Brazil ou da India regressavam, depois da pilhagem insofrida em que se cifrara a conquista!...

O duriense ganhava pelo seu vinho sublime como ninguem! O Douro era o Pactolo. Não sonhou sequer guardar; não reparou para a exemplar fabula da formiga; não empregou a sua actividade noutro ramo e, d'ahi, dessa *unicultura,* é que vem a grande crise... Se cortou até parte das oliveiras valiosas e seculares que circuitavam as vinhas votadas a morrerem. Hoje esmóla e foge, mendigo de novo genero! Triste destino d'um grande povo!

Os costumes mudaram tanto e encontram-se tão diversos que causa pena dizel-os. Tudo se difunde em males! Até nas *festarolas* que, por toda a região ainda se conseguem realisar, adeus alegria! tudo

"Parelheiros,, conduzindo telha M. Villela, phot. am.

Fazendo o "espicho,, á porta d'adega—M. Villela, phot. am.

são miserias encobertas pelo estralejar do foguetorio e pelos trombones das musicatas que pretendem ainda aturdir, desviando o pensamento dos males intimos onde o duriense se afunda e sem energia estiola. Lá arranja ainda a enganar a fome num *bródio* onde réga uma *posta* de rica vitella assada, a quartilhos ou distrahe o espirito nalgum bailarico, em redor das ermidas modestas, no qual atira o corpo num sapateado inclemente ao lado da moçoila que o *derriça!*

Mas o que mais o hypnotisa e encanta são as comedias» representadas ao ar livre por amadores locaes e que, até ao romper da manhã, nessas noites de festa, o entreteem sobremaneira. Apinhada e suenta, a multidão, em bancos adrêde, vê passar as horas, seguirem-se os actos dos dramas, emquanto *machinas*, com luses em redor e de *reposta* sobem ao ar, provocando grande enthusiasmo e alarido!

Mas tudo acaba e lá ficam *sem festa e sem dinheiro.* As videiras tornam a prender os miseros luctadores do vinho nas gavinhas que sem remedio os estrangulam. E' um inglorio amontoado de canceiras que lhe causam as cepas que enterraram nas terras, como unica solução agricola! Tratam as vides com um carinho tão intensificado que podem deixar de comer o caldo leve onde nadam coives que, mulheres distribuem aos trabalhadores em ranchos bivacados nos intervallos da faina, aqui e acolá —mas o que o lavrador do Douro não deixa ainda agora é de *podar* carinhosamente com toda a maestria consumada a vide ludibriante, fazer *gemer* as varas na *erguida*, provocar a *cava* e a *redra* das terras, e colher as uvas nas festas das vindimas outrora tão alegres e hoje uma mortalha!

O lavrador já sabe que nada ganha com o vinho—mas é teimoso, pertinaz, rotineiro e tanto que não crê ainda na sua dura miseria, custando-lhe muito e muito a acreditar que, tendo o seu vinho tido tão alto preço, hoje *esteja de rasto!* E, quando para o provar, nos principios dos annos, á porta das adegas faz o espicho de madeira e fura os toneis donde o jacto vivo e saltitante corré para a *malga* que se tinge—pensa sempre, oh doce illusão! —ter vinho sem rival, o melhor de cheiro, o mais bello de corpo e o mais intenso de côr! E' assim o seu egoismo rustico, levantado de caracter, que, se fosse bem dirigido n'um sommatorio definido e marcado, faria dos viticultores do Douro a phalange mais unida, mais poderosa do reino. Mas não—o seu egoismo dobra-se perante os potentados politicos como carneiros de Panurgio. E' de pasmar como votam de chapa num *cacique* qualquer a quem servem de degrau e que só d'elles quer saber para esse fim!

200.000 pessoas tem o Douro ainda e tudo definhará na queda certa! Oh denodados filhos da Terra do Vinho -erguei o brado da vossa Fome, levántae a bandeira da vossa Miseria e exigi, da forma mais devotamente impulsionadora, garantias de Exclusivismo para a vossa TERRA! Dae esse necessario passo de rebelião urgente; não vos importeis com as falazes admoestações! Revoltae-vos quando vos pedirem tributos que não podeis pagar, pois o vosso vinho não tem valor nenhum!

E a «Epoca d'Opulencia» ha tanto tempo morta, poderia erguer-se de novo, amplamente, por motivo da vossa União, num fim generoso!

Voltariam de novo a *chiar* carros de bois carregados de generos e viriam «parelheiros» com telha para os casebres arruinados!

Resurgiriam as vindimas cantantes e loucas, de ranchadas» fortes a transportarem as uvas deliciosas e finas nos cestos abarrotados, pelos carreiros dos vinhedos huberrimos, para os lagares.

Já os trabalhadores, vossos auxiliares preciosos na conquista das terras, teriam mais feijões no caldo que, lhe servem nas vinhas, á sombra dos raros arvoredos!

E o Douro, amortalhado nos crepes da «Fraude» que invadiu o commercio desmoralisante, volveria de novo a ser a terra de costumes intensos e vivos, hospitaleira e generosa, altiva e heroica que tanto contribuiu para a grandeza de Portugal.

Porto, 13-3-1908.

AMILCAR DE SOUZA.

Carro de bois, carregado de generos—M. Villela, phot. am.

(Fac-simile de Fernão de Magalhães)

(Sanguinea do pintor Antonio Carneiro)

Fernão de Magalhães

NOTAVA com estranheza, ha dezoito annos, um escriptor estrangeiro, o snr. Guillemard, nas linhas que precedem a sua obra ácêrca de Fernão de Magalhães, que, lançando-se quasi todos os dias aos mercados litterarios do mundo biographias de personagens menos illustres, não houvesse, até á data, sobre o grande navegador trabalho algum escripto em lingua ingleza, ou mesmo n'outra qualquer lingua. Exceptuando sómente o de Diego de Barros Araña, traduzido em portuguez pelo secretario da Escola Polytechnica de Lisboa, homonymo, com mais o appellido de Villas-Boas, e parece que descendente do insigne trasmontano, elucidava ao mesmo tempo Guillemard, com razão, que a obra do escriptor chileno, apezar de cuidadosa, não descia a minudencias, aliás indispensaveis á interpretação exacta da empreza geographica e da figura que a tentou, condensando, por exemplo, em poucas paginas os primeiros annos da carreira de Magalhães.

Quanto a mim, creio que a lacuna tão opportunamente assignalada pelo auctor de *The Life of Ferdinand Magellan* não deve ser motivo de surpreza.

FERNÃO DE MAGALHÃES

Copia de um retrato da collecção de Versailles, segundo uma photogravura publicada no livro *The World's Great Explorers*, London, 1890

Á primeira vista, póde parecer vergonhoso, com effeito, que, depois de quasi quatro seculos decorridos sobre a morte d'um dos mais notaveis vultos e a execução d'um dos mais arrojados emprehendimentos da historia, ainda estejamos reduzidos a conjecturas relativamente a muitos problemas interessantes, e alguns d'elles capitaes. Póde parecer ignominia que não tenhamos tirado definitivamente a limpo se o grande portuguez nasceu em 1480 e em Sabrosa (perto de Villa Real, e não de Chaves, como inadvertidamente escreve o snr. Guillemard), como decorreu a sua infancia, a instrucção que recebeu, o que levaria a familia a fixar residencia no Porto, d'onde é positivo ter sido «visinho», a epocha e as circumstancias em que foi apresentado na côrte de D. João II, as pessoas e os incidentes que, em Lisboa, lhe influiram no espirito e no caracter até á sua viagem inicial na esquadra que, sob o commando de D. Francisco d'Almeida, ia implantar na India, com a victoria de Diu sobre os Rumes, o dominio de Portugal, ou melhor ainda, da Europa. Póde parecer vexatorio que, durante todo o tempo que percorreu o Oriente, servindo ás ordens d'aquelle vice-rei, d'Affonso d'Albuquerque e de Diogo Lopes de Sequeira, tenhamos muito pouco adiantado as narrativas dos chronistas do seculo XVI, aliás abarrotadas, com frequencia, de episodios e de figurantes microscopicos, e uma ou outra vez tão enraivadas no pormenor como o mais bisbilhoteiro dos informadores d'um jornal contemporaneo.

N'esta phase d'iniciação, ou antes, d'incubação da grandiosa tentativa em que se propoz arriscar tudo - phase, entre todas, seductora, ao menos para os apaixonados por quanto, na mente humana, representa um *processus* genesiaco — é deveras lastimavel que nos tenhamos contentado com lhe vislumbrar o perfil vago atravez dos informes, desconnexos, parciaes, consignados n'esses relatos diffusos, desistindo de rebuscar mais factos e documentos, d'apurar, na medida do possivel, o contheudo integral da correspondencia com Francisco Serrão (estabelecido em Ternate, nas Molucas, como é sabido), de rastrear, emfim, de perto os moveis e os elementos ideativos, conjecturaes e reaes, que lhe permittiram amadurecer o seu projecto. A correspondencia com e de Serrão, sobretudo, nunca se-

riam demasiados os esforços que se empregassem para a rehaver por completo, ou pelo menos, reconstituir com bastante verosimilhança sobre os fragmentos já conhecidos e que viesse a conhecer-se, não só pela immensa luz que a espontaneidade das confidencias epistolares derrama sempre na trama intima dos caracteres e dos successos, mas por n'ella estar a chave da concepção e do procedimento ulterior de Magalhães. E que não seriam de todo infructuosos, legitimamente, nos é licito inferir do facto de terem sido apprehendidos nas Molucas, por Antonio de Brito, os papeis de F. Serrão e capturada a «Trinidad», nau «capitana», onde não é improvavel existirem documentos de Magalhães, a não ser que se tivessem removido antes para a «Victoria», ou ficassem confiados, ao partir da expedição, á guarda da familia, ou amigo residente na Hespanha, onde, se não se perderam, deverão dormir ainda em recanto ignorado. O largo transcorrer de quatro seculos não é argumento a produzir contra o exito das indagações dos eruditos. Bastava recordar aqui est'outro facto, para não fugirmos ao assumpto, de só no meiado do seculo passado, em 1855, se ter descoberto em Lisboa o primeiro dos dous testamentos do excepcional navegador, — precisamente o mais interessante (dezembro de 1504), por anteceder pouco a sua partida para a India na esquadra de D. Francisco, por ter sido redigido em lingua portugueza e por mão propria (ao que se crê), e por conferir plausivelmente á modesta povoação de Sabrosa a honra de ser o berço d'uma das poucas figuras que servem de marcos milliarios na historia.

Mas, concedendo já, generosamente, que na avaliação da grandeza das acções humanas o heroe importa menos que a façanha (o que é, no meu conceito, contestavel, e talvez o contrario da verdade), o que chega a parecer inverosimil é que, na propria narração estricta da incomparavel viagem, dos seus antecedentes immediatos, a contar da proposta feita a D. Manuel, das intrigas, incidentes e difficuldades que a complicam, das suas consequencias no alargamento das relações mundiaes e no progresso do saber, se não tenha procurado deslindar bastantes duvidas, esclarecer não poucas sombras, resolver varios enigmas. E quando a carencia de dados não permittisse projectar luz nas obscuridades subsistentes, não parece que fosse impossivel esboçar um quadro geral, documentado com escrupulo, dos conhecimentos e das hypotheses da cosmographia e geographia da epocha, dos recursos, condições e resultados das explorações do globo realisadas até ao anno da partida de S. Lucar de Barrameda (20, setembro, 1519), proceder a uma analyse minuciosa do novo condicionalismo, isto é, de todos os prós e contras da expedição que se tentava, referidos, claro, á magnitude sem exemplo do seu objectivo, de maneira a determinar por uma vez a significação exacta do emprehendimento de Magalhães no conjuncto dos esforços seculares para o descobrimento e conquista do planeta, o que n'elle representa impulso collectivo, enthusiasmo impessoal dos povos peninsulares da Renascença, e o que póde, sem exaggero, attribuir-se á sciencia e ás eminentes qualidades pessoaes do navegador.

FERNÃO DE MAGALHÃES passando o Estreito Reproducção de um desenho allegorico De Bry

N'uma palavra: parece inconcebivel que, na apreciação d'um homem de raro relêvo e d'um facto de proporções extraordinarias, se não tenha posto a dedicação, o escrupulo, a pertinacia prodigalisados, a figuras e a episodios de muito menos realce, quando não até d'escasso interesse, nem usado sequer mais amplamente do criterio comparativo, pedindo contribuição mais larga aos seguros processos da critica moderna, no sentido de extrahir do fundo irrefragavel da documentação actual quanto ahi jaz ainda despercebido ou desprezado para a comprehensão do facto e do homem.

Tudo isto, venho insistentemente observando, *parece* inacreditavel; mas, reflectindo, percebe-se depressa que a penuria de bibliographia moderna magallanica, em absoluto, e sobretudo comparada com a abundancia da que se refere, por exemplo, a Colombo, «não deve ser motivo de surpreza».

Fernão de Magalhães era portuguez, e um portuguez que repudiara a sua patria. Embora com as attenuantes de que o repudio foi posterior á estupida negativa d'esse mediocre coroado que se chamou D. Manuel, de que só razões muito graves e desinteressadas, no alto e nobre sentido do qualificativo, o impozeram, de que a viagem de 1519 era o complemento logico, ou antes, fatal dos descobrimentos anteriores dos portuguezes no extremo

Oriente e na Sul-America, em todo o caso, o remate genial das soluções parciaes aos problemas geographicos achadas por Vasco da Gama e por Colombo, e de que um dos scopos que visou, a posse e a exploração commercial das Molucas, veio a redundar, mais tarde, em beneficio de Portugal,—a expedição era hespanhola, organisou-se e ultimou-se na Hespanha, e o audacioso trasmontano ficou sendo sempre, mais ou menos, para o nosso patriotismo curto e morbido, um renegado e um traidor. A Hespanha que se aviesse lá com elle, e pagasse em commemorações posthumas, ao heroe, os serviços que, ao capitão-general, Carlos V começara por abonar em maravedís e concessões.

Infelizmente, para os hespanhoes, algumas das attenuantes alludidas volviam-se n'outras tantas aggravantes, e havia ainda a ponderar que a perigosa revolta durante a invernagem no porto de S. Julião fôra tramada e conduzida por compatriotas seus, que Mendoza e Quesada foram summariamente justiçados e Carthagena (com um clerigo) condemnado a succumbir na desolação da Patagonia, que a «*Santo Antonio*» comquanto a instigações do piloto, portuguez, desertara em plena travessia do estreito, quer dizer, na phase aguda, cruciante, decisiva, no momento verdadeiramente critico da lucta formidavel contra a natureza hostil e desconhecida, que os postos de responsabilidade acabaram por cahir nas mãos de portuguezes, que o capitão-general era e continuaria sendo, mau grado todas as desnaturalisações imaginaveis, um portuguez de sangue puro;—e o orgulho castelhano difficilmente se resigna a commentarios e confrontos deprimentes. Não obstante, appareceu um ainda Navarrete, que—honra lhe seja—desdenhando preconceitos, sobrepondo ao amor-proprio nacional a justiça e a verdade, devotadamente recolhesse para os historiadores futuros os elementos principaes em que fundamentarem seus juizos.

Nós, conterraneos, nós, iniciadores d'um programma maritimo de que Fernão de Magalhães disse, na realidade, a palavra adequada e definitiva, nem isso. Ficamos nas objurgatorias officiaes e nos dados incompletos de João de Barros e dos chronistas dos seculos XVI e XVII, permanecemos alheios ao menor proposito d'introduzir no grande debate historico, sequer, mais um depoimento elucidante.

Accresce que, durante a epocha constitucional, no seculo precisamente de immensa renovação dos estudos historicos, não contamos senão tres nomes que, com desigual merito e aptidões muito diversas, tenham collaborado n'ella com alguma largueza de vistas e bastante desdem dos prejuizos correntes sobre o nosso passado de nação. E, por um complexo de circumstancias que, nem por alto, se me torna possivel mencionar n'este momento, nenhum d'elles ergueria o monumento litterario a que Fernão de Magalhães e a primeira circumnavegação do orbe têm direito, e mais tarde ou mais cedo inspirarão a um espirito superior.

Além d'isso—é este novo motivo da lacuna que Guillemard aponta no prefacio ao seu volume—a tendencia que se vem accentuando dia a dia nas investigações historicas modernas é a tendencia *democratica*, a quasi mania de fazer de cada acontecimento, cada aspecto, cada transformação da vida humana, sem attenção a raças e a epochas, o resultado de não sei que mysterioso parto collectivo, ou mais tendenciosamente, popular, e o prurido consequente de negar systematicamente á personalidade o menor poder de os dirigir, provocar, ou, até, n'elles interferir em grau qualquer. E a ignorancia, a preguiça, a lastimavel pequenez mental do nosso meio chamado culto dão-se admiravelmente com esta demolição dos grandes homens, dos heroes... por pygmeus.

Ora, n'esses e outros obstaculos á reintegração no seu logar d'uma das maiores figuras da historia, e que sinto não poder expôr e desenvolver n'este leve artigo de revista, ha, sem sombra de duvida, além d'ignavia, iniquidade e grosseira illusão de perspectiva. O passado não é o presente; o seculo XVI não é o seculo XX; a theoria que mais se adapta ao facto social d'hoje póde muito bem não se accommodar ao facto congenere d'hontem. Será bom tambem não esquecer que as theorias passam, e os factos permanecem; e o facto é a execução, de 1519 a 1521, d'um vasto e difficil plano por um homem que, apezar de todos os myopes iconoclastas do passado e do presente, valia incomparavelmente mais do que a turba dos invejosos que lhe contrariaram os projectos, e o punhado d'enthusiastas que lhe obedeceram ao commando. Este homem era um portuguez, um nosso compatriota de Traz-os-Montes, sem que, a proposito, a desnaturalisação possa jámais invocar-se a não ser para estygmatisar a mesquinhez intellectual e moral do adventicio enthronisado que lhe rejeitou os offerecimentos. E á memoria d'elle, como primeira e justa homenagem de gratidão e admiração, muito seria para desejar que os governos d'este paiz se lembrassem de mandar proceder nos archivos publicos, incluindo os estrangeiros, á investigação methodica dos documentos que lhe respeitem, e que algum temperamento de historiador escrevesse, em fim, o livro cuja falta, se digna já de reparo na litteratura ingleza, é absolutamente indesculpavel nas duas litteraturas da Peninsula.

BAZILIO TELLES.

Cota d'armas de Fernão de Magalhães

FOLK-LORE TRASMONTANO

BRANCA NINA

«Branca Nina. Branca Nina,
Branca eras como o sol
Oh! quem dormira comtigo
Uma noute sem temor».

—Esta noute, cavalleiro
Tem bella occasião
Foi meu marido á caça
Por esses montes d'Aragão.

Os corvos lhe tiraram os olhos
As aves o coração
Quem me trouxera noticias
Daria-lhe um gibão.

Estando ella n'essas razões
Seu marido alli chegou.
—Abre-me a porta Branca Nina
Abre-me a porta, que eu sou.

‹De quem era aquelle cavallo,
Que na loja relinchou?

—Aquelle cavallo é nosso
Que meu pae no-lo mandou.

«De quem era aquella capa,
forrada de camellão?
Quem era aquelle mancebo
Que na cama suspirou?

—Elle era um irmão meu
Que inda agora aqui chegou.

«De quem é aquella espada
Que d'ouro tem guarnição?

—Essa espada, meu marido,
Enterra-m'a no coração.

«Matar, já te não mato,
Que te mate, quem te creou,
Hei-te levar a teu pae
Que tal ensino te dou».

Esta romanza e a que foi publicada no n.º 3 da *Illustração Trasmontana,* sob o titulo «D. João» andam na tradição popular em Traz-os-Montes.

D. João é uma personagem historica dos tempos medievaes e dos tempos modernos. A Cavallaria, no periodo da decadencia, contava muitos paladinos, que realisavam esse typo, que as litteraturas aproveitaram.

Cervantes, na sua immortal obra, julgou ter enterrado todas essas personagens, cobrindo-as de ridiculo, e ellas vivem, resuscitadas pelo povo, cantadas e deificadas pelos poetas.

O D. João popular, o D. João da ballada, não é bem o D. João da litteratura classica. Este é ebrio, sem sentimentos, corrupto, sensual.

O D. João da ballada é um cavalleiro, altruista, apaixonado, bom.

Garrett diz que «é preciso estudar as nossas primitivas fontes historicas, os romances em verso e as legendas em prosa e accrescenta que a provincia de Traz-os-Montes, «é uma das mais ricas em contos e tradições populares .

O Romanceiro é ainda uma obra incompleta.

A nossa provincia trasmontana possue muitas balladas, xacaras e romanzas d'alto valor historico, litterario e philologico, desconhecidas ainda na litteratura nacional. Ellas cantam os feitos dos cavalleiros, o amor pelas damas, as scenas da cavallaria e da vida monastica, as luctas contra os christãos e mouros: é uma sociedade antiga que se espelha n'ellas: são costumes velhos que apparecem, é quasi uma lingua que se ouve de novo, é quasi uma sociedade que se levanta.

Se a Allemanha se ufana da posse das balladas de Bürger: se a Inglaterra lê ainda com enthusiasmo *The song of the last Minestrel,* nós temos, na nossa provincia, verdadeiras preciosidades litterarias, que têem andado de bocca em bocca, ha seculos, de paes para filhos, atravez do correr do tempo e do passar das edades e gerações.

A poesia popular é a que melhor define uma nação, é onde se espelha a alma d'um povo: a moral, a philosophia, o cavalheirismo, ahi apparecem, ahi se encontram. Para formar uma poesia nacional é necessario basea-la na poesia popular: foi o que fez a Allemanha: é o que devemos applicar.

Garrett e Theophilo Braga, organisando o Romanceiro, fizeram uma obra patriotica da futura reorganisação litteraria.

Essas romanzas, tão simples na fórma, cantadas pelos ceifeiros, nas tardes de julho, nas dobras das nossas serras, acordam no nosso espirito um passado remoto, trazendo á imaginação cavalleiros d'armas reluzentes, frades, castellãs, todo esse passado longinquo, cujos ligeiros rumores vem quebrar-se nos ouvidos e fazer echo na alma.

E' a opera na Natureza.

DANIEL RODRIGUES.

IGNACIO PIZARRO DE MORAES SARMENTO

Poucos homens da envergadura de Ignacio Pizarro cahiram tão depressa no esquecimento como elle.

E todavia não ha ninguem por esse paiz fóra que não tivesse ouvido aos cegos, nas suas vozes roucas e sumidas, cantar trovas de Ignacio Pizarro, com esse sentimento que só talvez a cegueira faz assim comprehender!

Para gloria do poeta trasmontano bastaria o seu *Romanceiro*, livro adoravel onde Pizarro colligiu preciosamente a chronica oral e poetica do nosso povo entrelaçando a flôr melancolica da xacara com a ridente flôr da cantiga descuidosa:

Vae a lua declinando
Em seu rapido correr,
Os seus raios occultando
Vae-se no mar esconder.
Como é lindo esse momento
Em que a lua vae sumir-se
Ao cabo do firmamento,
E co'as ondas confundir-se!

Appareceu em 1841 o primeiro volume do *Romanceiro*, esse conjunto de poemas inspirados nas chronicas e na historia patria, romantisando os lances de patriotismo e as aventuras galans.

Quatro annos depois, animado pelo enthusiastico acolhimento que teve o primeiro volume, publicou Ignacio Pizarro o segundo da sua obra d'amor e cavallaria.

Só quem conhece o famoso livro do poeta trasmontano póde comprehender o enlevo, o prazer com que as meninas d'aquella epocha, da edade em que o primeiro amor desabrocha, não teriam lido os versos adoraveis do *Martim de Lucena!*

Do mancebo a voz sonora
Perdeu-se na solidão;
Silencio tudo é agora,
Só fallava o coração.

N'esse continuo arquejar
Manda suspiros de envolta,
Suspiros! mudo fallar!

De todos os poemas que compõem o seu *Romanceiro*, n'aquelle em que Pizarro foi verdadeiramente admiravel na grandeza e na naturalidade elegante é sem duvida o *Frei Luiz de Souza* que a Camillo suscitou o reparo de ter o drama de Garrett apparecido tres annos depois.

«Quem lesse as oitavas do snr. Pizarro, diz Camillo, sentiria para logo a sublimidade dramatica do successo; e se o leitor tivesse em si o *ecce Deus* de Garrett, faria resaltar do poemeto do snr. Pizarro a formosa tragedia para a qual nunca se hão-de esgotar elogios nem lagrimas».

A obra de Ignacio Pizarro é grande. Abordou todos os generos. O seu primeiro escripto appareceu no *Panorama* de 1838. Chamava-se *Mestre Gil* o romance publicado n'esse jornal, bello modelo de romance historico. Comprehende os factos essenciaes do reinado de D. João II, e alli se descrevem verdadeiros de terror os assassinatos dos duques de Vizeu e Bragança.

N'esse valioso trabalho o illustre escriptor suppriu com verdade as lacunas que no desenho do caracter moral do Principe Perfeito o temor dos chronistas nunca deixou preencher.

Ignácio Pizarro de Moraes Sarmento

A esta obra seguiram-se os dramas *Lopo de Figueiredo*, *Diogo Tinoco* e *Henriqueta ou o Proscripto*, os dois primeiros historicos e conforme as chronicas da epocha e este ultimo em verso hendecasyllabo.

Publicou tambem uma comedia *A filha do sapateiro* cheia de peripecias e de graça portugueza.

Em 1846 deu á publicidade dois pequenos volumes d'um romance *O Engeitado*, n'um a pureza de dicção tal que ainda hoje póde servir de modelo.

O Cantaro d'agua, outro bello romance entre historico e phantastico que tem a virtude de prender a curiosidade á maneira que a sua acção se vae desenvolvendo.

Pouco sabemos do que Pizarro foi como politico. Tomou parte no movimento popular de 1846 sobre o qual escreveu o *Memorandum de Chaves* em que revindica para si honrosamente toda a responsabilidade que lhe cabe em tal movimento, e foi em 1837 eleito deputado da nação ao congresso constituinte. Aqui impugnou e evitou a emissão do papel moeda com que João d'Oliveira, depois de Conde do Tojal, quizera brindar o paiz.

Por fim, cançado e convencido de que nada poderia fazer um deputado contra os desatinos d'um governo, depoz nas mãos do soberano o seu mandato e nunca mais acceitou procuração a côrtes!

Hoje, um procedimento d'estes por parte d'um deputado seria singular.

Pouco dissemos do illustre escriptor mas estão ahi os seus livros para dizerem tudo.

Porto, abril de 1908.

EUGENIO PIMENTEL.

O CORGO EM VILLA REAL

Uma agradavel impressão acolhe o viajante que desembarca em Villa Real. Ella resulta das inequivocas denuncias de terra civilisada logo exhibidas e da delicia panoramica que amplamente se desenrola em frente.

Com effeito, transpostos os humbraes da nova estação em fórma de chalet, o forasteiro, depois de liberto d'um sem numero de vozes apregoando e exaltando outras tantas casas d'hospedagem e safo d'entre infinitas garras humanas disputando serviçalmente as malas, vê-se n'um espaçoso largo cortado em semi-circulo d'onde rompe uma ampla avenida moderna descendo em leve declive para a ponte metallica que, pelo extremo inferior, a liga á historica e aristocratica villa erguida irregularmente n'uma elevação marginal d'além Corgo, a recortar-se no fundo magestoso da serra do Marão.

É este um quadro simples, sobriamente polychromado e circumscripto em linhas formidaveis d'uma soberana grandeza, que, no alto da avenida, inevitavelmente detem os passos curiosos do recem-chegado: o velho burgo dos Menezes emerge do barranco que o separa do primeiro plano e sobe, por entre hilariancias e affagos d'arvoredo mosqueado de tons verdes e côr insipida das fachadas, até ao dominante terreiro do Calvario onde uma igreja do seculo XVIII expõe francamente aos quatro ventos a sua banalidade architectonica; tão graciosa composição, alegremente manchada, avulta e destaca em traços nitidos e precisos sobre a massa pardacenta e já vaga da grande montanha que, pelo poente, arqueia o seu dorso de monstro adormecido d'encontro á abobada celeste, mas onde se distinguem ainda os tosquiamentos das sortes de matto roçado, farrapos d'arborisação, ingurgitamentos de flancos, rochedos nus, vivendas caiadas poisando nas melhores situações do panorama . . .

VILLA REAL - Um aspecto da villa tomado da estação do caminho de ferro - (Cliché do snr. A. Pinheiro)

VILLA REAL Cascata de Peneda, na encosta do Corgo (Cliché do snr. A. Pinheiro)

Uma natural e aguda curiosidade do inédito, porém, logo impelle o visitante que percorre a momentosa alamêda, varrida e clara, tendo a um lado e outro globos da illuminação electrica suspensos de columnas de ferro e arvores noviças, enjauladas em grades de madeira para as defender de qualquer brutalidade selvagem das mãos arboricidas, e ostentando para a direita um jardim amaneirado em que o municipio se dignou transformar toda a planura adjacente para mais captar a sympathia e a boa disposição do visitante. Este, percorrido o imponente arruamento que tanto desvanece o patriotismo dos villarealenses, queda irresistivelmente sobre o rio o qual passa, a uma profundidade medonha, sob o minusculo arco da velha ponte de granito — o traço de união da esquecida via macadamisada vermifugindo por entre os encolhidos e humildes edificios das margens absortos na musica das aguas. Bem suggestivo é o episodio para os espiritos attentos: o do passado que fica, esquecido e submerso, ante o progresso do presente avassalador e audaz.

E' surprehendente o panorama que do elevadissimo taboleiro de ferro se descortina para norte pelas vertentes e quebradas do Amezio e pelas bucolicas e verdejantes subjacencias do valle fertilisado pelo Corgo que vem dos distantes planaltos de Villa Pouca d'Aguiar; o raio visual dilata-se imprevistamente por esse cavado scenario de culturas matisadas com alvos casaes dispersos, docemente subindo pelas suaves collinas, mais ou menos em amphiteatro, e cujos tons se fundem pouco e pouco, á medida que se afastam na perspectiva, morrendo no vaporoso azulamento das ultimas serranias que fecham o horisonte.

Uma aragem leve circula envolvendo o espectador no intraduzivel e mysterioso segredo das coisas que ella banhou e fazendo-lhe despertar o instincto pantheista adormentado no intimo do ser.

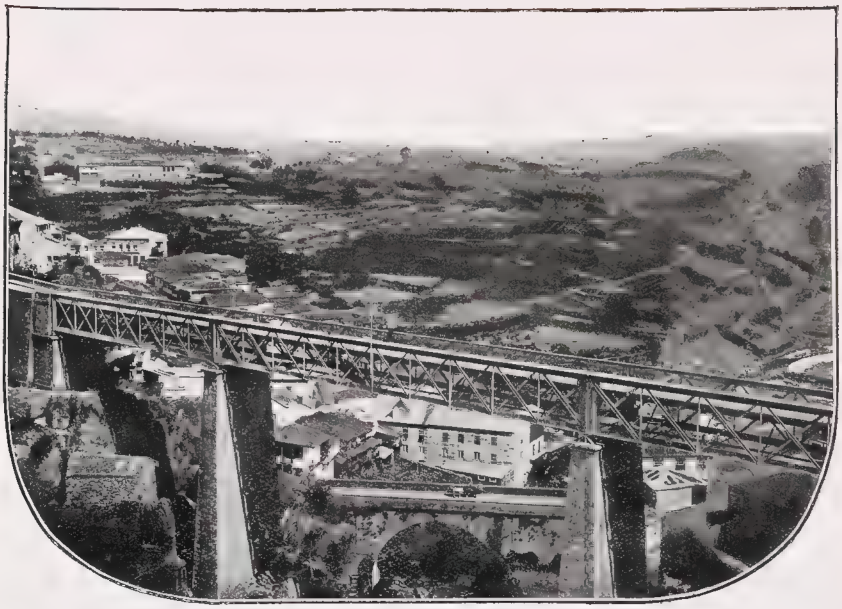
Para jusante o leito fluvial estrangula-se no estreitamento abrupto da rocha e o espectaculo diversamente começa a prender a esperta attenção do observador, quando uma voz desconhecida, mas solicita em ciceronar, interessadamente recommenda a *vista* do cemiterio.

Sem mais delongas se envereda para o interior da typica villa provinciana e, cumpridos os deveres e cuidados que a fraca argila impõe, inquire-se do alludido e celebre chão sagrado onde repoisam, no socego da morte, as gerações extinctas: fica no extremo do promontorio em que assenta Villa Real e occupa o sitio da originaria povoação medieva encravando-se entre o Corgo e o Cabril.

Ora não ha duvida que, uma vez lá, se verifica não aproveitar o seu tempo e perder o seu dinheiro quem, de visita áquella terra de Traz-os-Montes, não dá uma fugida a este local para se extasiar com o scenario bizarro, embora circumscripto, que, extra-muros do recinto funerario, a natureza lhe desvenda sob os pés. Para descrevel-o bastam dois traços.

Do passeio que contorna o cemiterio, para leste, o olhar cáe desabaladamente para a profundissima corrente do Corgo que se precipita com tumulto, no *Agueirinho*, por quedas successivas, em massa lactea, alvissima e refervente logo adeante desnevada e limpida em plano mais tranquillo de curso.

O leito comprime-se entre as ribas pedregosas que adentram, avançam ou inflectem n'um capricho bizarro e extravagante. Nos pendores, horrendas cristas de schisto amarellecido e aggressivo galgando n'um impressionante arrepio de linhas dentadas que dividem estreitas pregas e ravinas onde o ho-



VILLA REAL – A nova ponte metallica e a antiga ponte de Santa Margarida – (Cliché do snr. S. Guimarães)

VILLA REAL – Aspecto da linha ferrea na passagem de Peneda – (Cliché do snr. A. Martins)

mem se arriscou para fazer socalcos e nelles reunir e fixar alguns punhados de terra vegetal que pennachos de pinheiros e fructeiras ensombram e nesgas de vinha e retalhos de seara e hortejo risonhamente esmaltam de verde.

De resto, das fendas e anfractuosidades da sinistra penedia chaoticamente talhada espirram tufos de hervagens bravias, como pensos e encabellamentos carinhosos ás lacerações e cicatrizes do fraguedo lichenisado.

Na margem d'além, n'uma ruga da vertente, enfileira-se, desde o sopé do precipicio quasi até ás culminancias da linha ferrea, um numeroso e disciplinado bando de moinhos — os moinhos da *Peneda* — movidos pelo mesmo jacto d'agua, espumosa e branca, resvalando, de rodizio a rodizio, no fundo d'uma negra e puida estria até baralhar-se com o rio.

Singelos casarelhos, tristonhos e amosendados nas dobras do accidente alpestre, abrigam a pobre gente que o destino violento para ali encurralou e com resignação supporta as crueis violencias da vida infortunada sem outra esperança da sorte, porque, segundo diz uma voz de sonoridade crystallina e modulada pelo vento:

> ... mais alta vae a ventura
> que Deus tem para nos dar.

Mas o vento que a traz é o mesmo que a leva e a trova desfaz-se e vagamente se perde nos longes arrastando comsigo o espirito preso á expressão fatalista e dolente que resume o sentido e inditoso queixume d'uma raça...

A retina alheiada novamente se fixa na voragem tocada pelo sol d'um colorido satanico. O despenhadeiro, para sul, ganha em profundidade e rude estreiteza dizendo o estrepitoso sussurro da agua a angustia da sua passagem nos esbarrondamentos dos rochedos obstruentes. Um desafogo todavia surge e que os ouvidos reconhecem pelo ruido bonançoso d'agua espraiada antes que os olhos, da ponta da alameda envolvente do cemiterio, divisem a juncção do Corgo com o Cabril que surrateira e mansamente vem de oeste confundir-se com aquelle, perdendo o seu nome, e com elle encaminhar-se para o anniquilamento fatal do seu destino.

A corrente, então mais opulenta, vae-se escapulindo pelo boqueirão escancarado em frente, revelando o dedalo de linhas montanhosas que se interpenetram, indefinida e crescentemente, a tortura do seu curso para o mar.

E' sobre o elevado bordo d'essa extranha valla que serpentêa a via ferra de Villa Real á Regua — a civilisada commodidade que, agora, quasi torna prescindiveis e dispensaveis as estradas d'outr'ora tão sympathicas pelo pittoresco, quão aborrecidas pelos inconvenientes.

VIALA REAL — Aspecto da estação do caminho de ferro (Cliché do snr. A. Martins)

VILLA REAL—O Agueirinho. Margens do Corgo (Cliché do snr. A. Pinheiro)

No emtanto, se o viajante já não tem hoje de fazer o testamento e recommendar a sua alma a Deus, antes de encetar a jornada, pelo receio do lendario bacamarte de bocca de sino do bandoleiro, ou do tremendo facalhaz do facinora nas execrandas estalagens de pouzo, leva, porém, o seu coração em permanente sobresalto ao ponderar da portinhola da carruagem, a horripilante distancia que o separa do fundo do alvéo; e ninguem dirá que faz sem açodamento a busca dos cordeaes ao apeiar-se na estação terminus.

Manuel Monteiro.

— FAVAIOS —

A TREZE kilometros, á direita do Douro, e seiscentos metros acima do seu nivel, perto das faldas do Villarelho, encontra-se a muito antiga, e outr'ora opulenta povoação, na antiguidade conhecida pelo nome de Flavias, por corrupção de Flavios, seu fundador, segundo manuscriptos antigos reproduzidos por Viterbo.

Administrativamente faz parte hoje do concelho d'Alijó, de cuja villa dista cêrca d'uma legua, assente n'um pequeno oiteiro de pittoresco e interessante aspecto.

Perde-se na noite dos tempos a data da sua origem bem como o nome dos seus primitivos habitantes. Consta, porém, do pouco e incerto que se escreveu ácerca d'esta provincia, com respeito á antiguidade, que se chamaram *originitas* os habitantes da margem direita do Douro, desde o Tua ao Tamega, pelo tempo em que os romanos se apoderaram d'este delicioso e uberrimo cantão, conhecido, em tempos mui distantes, pelo nome de Terras de Panoias, e de que Flavias foi uma das suas principaes povoações ou, talvez, uma das suas egrejas ruraes.

Aspecto geral de FAVAIOS—(Cliché do snr. Arião)

Era, pois, Panoias ou cidade de Panoias, como então se dizia, um aggregado de povoações romanas com séde em Constantim (antiga Feira) cuja jurisdicção se estendia a todos os povos desde o Tua ao Marão e desde o Douro até um pouco acima de Murça (que ainda hoje conserva o nome de Murça de Panoias) n'uma extensão de 38 a 40 kilometros sobre 30 de largo.

Depois que os romanos conquistaram a Peninsula, expulsando d'ella os cartaginezes, pelo tratado feito apoz a desastrosa batalha de Zama, em Africa, pelos annos 202 antes de Christo, principiaram logo, por um acto da sua artificiosa politica, a civilisar e beneficiar os povos, á medida das suas conquistas, e ao mesmo tempo, para se defenderem de seus inimigos e conter em respeito os naturaes, a fortificar-se com castellos de que muito abundou este cantão e de que ainda hoje se encontram vestigios em Cidadelhe, Villarinho dos Freires, S. Thomé do Castello, Covellinhas, Provezende, Pópulo, Favaios, etc.

Durante o dominio dos Vandalos e Suevos, de que Brachara, hoje Braga, foi côrte, continuou esta região a ter grande importancia e representação, como se justifica, além de outras provas, por ser já Panoias, no anno de 569, uma das vinte e sete egrejas principaes do Arcebispado; e é de crer que esta importancia continuasse sob o poder dos godos, a quem esteve sujeita desde 580, até á chegada dos mouros, pelos principios do seculo VIII, sob o commando de Tarique.

Depois da infeliz batalha de Guadalete, onde morreu o ultimo rei godo (segundo alguns) D. Rodrigo, ás mãos do mouro Tariko e em que a

sorte se declarou a favor das armas agarenas, quasi todo o solo da «Hispania», á excepção d'alguns pontos da Cantabria, teve de submetter-se aos vencedores.

Senhores da Peninsula os mouros vieram tempo depois occupar o castello de Flavias (pelo que o povo ainda hoje o chama «Castello de Mouros») e ahi viveram por muitos annos sempre em guerra com os flavienses.

Julgando-se pouco seguros e vivendo sempre sob a pressão do perigo da visinhança do castello, d'onde os mouros faziam continuadas sortidas, talando os campos, destruindo as searas ou saqueando os casaes, os flavienses obrigaram-se a procurar rarem, ficando embora filiaes d'esta, a cuja egreja, que era ao tempo a da quinta de S. Jorge, concorriam todos os annos com ladainhas os seus moradores, em dia do referido santo, pagando por essa occasião cada um seu vintem para o respectivo parocho.

Em nosso tempo de rapaz muitas vezes nos encorporámos n'essa manifestação tradicional, que aqui se organisava, no geral composta de muito povo em que principalmente se destacava o mulherio, cantando em côro muito desafinado e obrigado ao — «ora . . . pro . . . nobis».

N'esse dia as senhoras da quinta, a quem o povo chamava as Senhoras de S. Jorge, costumavam dar

FAVAIOS—*O Compasso*. O parocho tirando o folar em dia de Paschoa—(Cliché do snr. Arião)

outras paragens: uns foram fundar novas povoações, que depois se denominaram Villarinho e Cottas; outros, os mais ousados, foram estabelecer-se a tres kilometros d'aqui, n'um local chamado S. Bento, d'onde sustentaram contra os mouros guerra sem treguas, pelo que eram obrigados a ter continuamente de dia e de noite *sculcas* (sentinellas) para, logo que presentissem o inimigo, pôr de sobreaviso os moradores por este grito de guerra: «Mouros na terra, moradores ás armas».

E assim viveram por mais de duzentos annos, até que, expulsos os mouros pelo meado do seculo XI, vieram novamente occupar a querida Flavias.

Os de Villarinho e Cottas continuaram em suas novas povoações, formando todavia com os de Flavias uma só freguezia, para mais tarde se sepaum bôdo á pobreza e o almoço ao reitor. Esta usança, porém, que vinha de seculos e que proporcionava annualmente ao rapazio da terra horas d'alegre folgar, ao faminto uma succolenta refeição e ao povo ensejo de invocar a intercedencia dos santos, afim de que o bom Deus se dignasse abençoal-o e derramar a graça da abundancia nas suas colheitas e searas, desappareceu totalmente no tempo do ultimo parocho, por desleixo d'este, ou, quiçá... por se haver desmoronado quasi toda a egreja. Qual tenha sido a verdadeira causa não nos propomos averiguar; porém o que provoca a nossa admiração é que o povo, tão cioso das suas festas e praticas religiosas, assistisse, no meio da maior indifferença, á extincção d'este uso, a que se achavam ligadas as mais interessantes tradições do seu passado.

D'estas ladainhas resta-nos uma recordação inte-

ressante e saudosa da nossa infancia: D'uma das vezes que alli fomos, sentimo-nos agarrados por um dos creados da quinta, que, á força e sem se preoccupar com o nosso susto e protestos lacrimosos, nos foi deitar no altar de S. Jorge, porque, segundo a crença supersticiosa da época, tinha a grande virtude de amansar os rapazes travessos, de cuja fama gosava o auctor d'estas linhas dentro e fóra de muros.

Na sua volta de S. Bento os flavienses tiveram de reedificar a sua Flavias, que, na ausencia, a furia sarracena havia inteiramente arrasado e destruido; e, sobre as suas ruinas, levantou-se a actual Favaios. Não se sabe precisamente qual tenha sido a verdadeira posição topographica da primitiva Flavias; mas é de crer, pelos vestigios encontrados, que se estendesse até ao sitio em que ha annos se construiu o cemiterio. Nas fundações d'elle, sob uma camada de terra approximadamente de quatro metros de espessura, appareceram, entre outros, alguns restos de casebres desmoronados, fragmentos de telha e louça de barro vermelho, uma infusa, uma forja de ferreiro e escorias d'esta, uma atafona, uma corrente d'oiro, que a sorte deparou ao operario Manuel Garcia, etc.

FAVAIOS—Estação telegrapho-postal. Antigos Paços do Concelho—(Cliché do snr. Arião)

O historiador João de Barros, fallecido em 1570, diz que passando por Favaios vira muitos monumentos antigos. Deveriam ser, sem duvida, por aqui não haver noticia d'outros, os restos do castello romano e a egreja de S. Jorge, e ainda uma tôsca figura humana, á qual o povo chamava *o Favaios*, e que existiu no adro da egreja velha, ha annos reedificada, bem como uma lapide com esta inscripção: «F... á memoria de seu marido Flavio, fundador d'esta povoação».

Ambos os monumentos estão sepultados nas fundações da torre da egreja nova, segundo o testemunho ocular d'um meu visinho, o snr. Francisco Rodrigues de Araujo, já fallecido, e muito entendido nas antiguidades cá da terra.

Situada em logar alto e desabrigado e exposta aos ventos que sopram de todo o quadrante, Favaios, frigidissima d'inverno é, no verão, d'um calor tão intenso que, em muitos dias, mal se póde supportar.

Da capellinha de Santa Barbara, que na gravura se vê ao cimo da villa, descobre-se um horisonte vastissimo, d'um raio de muitos kilometros, limitado ao longe pela magestosa aspereza das montanhas e serras circumjacentes, sobresaindo entre estas, para leste, o elevado pico da Senhora da Cunha, de cujo cume se avistam terras de Hespanha; para o occidente, o Marão com a sua alvissima manta de inverno e a sua enorme, penhascosa e cavada careca de verão; para o sul, o colosso da Estrella com a sua espessa coberta de neves esbatendo-se, lá no extremo do horisonte, na apparentemente azulada concavidade dos céus.

FAVAIOS—Solar dos Sepulvedas, na quinta de S. Jorge—(Cliché do snr. Arião)

A multipla variedade dos montes, dos picos, das collinas, dos oiteiros, affectando varias fórmas e separados uns dos outros por planicies mais ou menos extensas e regulares; a côr ferruginosa das montanhas e serras de schisto e de granito, em perfeito contraste com a verdura da folhagem da sua vegetação; a differente inclinação das suas encostas desdobrando-se em variadas ondulações; a profundidade de seus valles por onde se escoam os seus regatos, os ribeiros e os seus rios em demanda do oceano, formam uma paizagem a que dá realce o virente copado dos seus arvoredos, dos seus arbustos, dos seus vinhedos e a innumera quan-

tidade de casas, casaes e povoados dispersos por esse grande circulo que a nossa vista descreve, offerecendo no seu conjuncto o mais bello e formoso aspecto.

Favaios, outr'ora rica e opulenta, compartilhando da sorte dos outros povos d'esta região vinicola, decahiu rapidamente do pedestal da sua grandeza sob o peso descommunal de duas enormissimas calamidades—o *oidium* e o *philoxera*.

FAVAIOS—O Oiteiro (Cliché do snr. Arião)

Pois este povo empobrecido de um para outro momento, desamparado de governos e de qualquer auxilio, sósinho e á custa do seu proprio esforço, conseguiu, ao fim de um arduo e aturado labor e inauditos sacrificios, restabelecer muitos dos seus vinhedos, dar maior desenvolvimento á sua agricultura, quasi que fonte exclusiva da sua riqueza, e assim preparar a esta boa terra uma nova era de prosperidades.

Porém, quando esta se affigurava conquistada para a compensação dos sacrificios que a replantação e plantação de novas vinhas e mais serviços agricolas haviam custado ao lavrador, uma outra ordem de calamidades desabou sobre a malfadada freguezia.

FAVAIOS O Jogo (Cliché do snr. Arião)

A um anno abundantissimo succederam-se tres, em que Favaios perdeu quasi por completo as suas colheitas, por effeito das grandes geadas que cahiram então; e a seguir a medonha crise vinicola que ameaça anniquilar, dentro em pouco, toda a região duriense.

Favaios foi cabeça de concelho desde os primeiros tempos da monarchia até 1855, em que um injustissimo decreto poz termo á sua autonomia municipal, reduzindo-a a simples freguezia do concelho de Alijó, apezar de ser esta uma das mais populosas, a mais central e a mais rica de todas as que compõem o actual.

Para a creação e manutenção d'este concelho foram doadas generosamente, por doze cavalleiros villãos, as terras denominadas—Lameiras da Egreja—pelas quaes a junta parochial paga annualmente um fôro de quarenta mil réis á camara de Alijó.

Deram foraes a este concelho: D. Affonso II, a 29 de outubro de 1211; D. Affonso III, a 10 de julho de 1270; D. Diniz, a 20 de julho de 1284; D. Manuel, a 15 de julho de 1514, confirmando-lhe e ampliando-lhe os seus privilegios. Para memoria mandou a camara collocar no alto do chafariz as

O VILLARELHO—Cordilheira granitica, ao norte de Favaios, onde existem os restos do castello romano—(Cliché do snr Arião)

armas d'este monarcha, que constam do escudo real das quinas sobre a esphera armillar e encimadas por uma corôa.

Foi esta freguezia berço de frei Francisco dos Prazeres Maranhão, varão eminentissimo por seu saber e virtudes e auctor do *Diccionario Geographico Abreviado de Portugal*, publicado em 1852.

Tem tambem esta freguezia algumas casas brazonadas pertencentes a familias da fidalguia antiga, destacando-se d'estas, por seus sentimentos liberaes, a distinctissima familia dos Sepulvedas, da quinta de S. Jorge, onde tem o seu solar, procedente directamente do bravo e brioso general Manoel Jorge Gomes de Sepulveda, por seu filho Antonio Corrêa de Castro e Sepulveda, 1.º visconde de Ervedosa, casado com D. Maria Josefa Taveira Figueiredo Teixeira de Barros, herdeira do morgadio da referida quinta.

Nasceram d'este matrimonio cinco filhos; entre estes, os desventurados Manoel Jorge Sepulveda e Francisco Jorge Sepulveda, dois elegantes e esperançosos mancebos, presos na volta de Coimbra onde frequentavam a Universidade, e assassinados em plena primavera da vida, a 27 de julho de 1833, a golpes de machado, nas cadeias de Extremoz, pelos sicarios do Nero do absolutismo.

F. J. Sampaio Arião.

FAVAIOS—Monte de Santa Barbara—(Cliché do snr. Arião)

CELEBRIDADES TRASMONTANAS

Camillo Castello-Branco

(Sanguinea do pintor Antonio Carneiro)

Camillo Castello-Branco

QUANDO o scepticismo de certos philosophos pessimistas para ahi desanda a proclamar a nossa definitiva e irreductivel fallencia mental, eu pergunto a mim mesmo, com assombro, como é possivel affirmar-se a decadencia intellectual d'uma raça que ainda produz exemplares do genio com a envergadura suprema e forte de Camillo Castello-Branco.

Camillo foi uma actividade litteraria exuberante, caudalosa, inexgotavel, peninsular, á semelhança dos genios de Calderon de la Barca, ou Lope de Vega. A sua obra é torrencial, desmedida, desegual, como os grandes rios que atravessam todo um continente.

E como os grandes rios que abraçam um continente inteiro, essa obra abraça todo um povo, toda uma raça. E' nossa, é portugueza: tão nossa e tão portugueza, que, d'aqui a alguns seculos, quando Portugal fôr apenas uma centena de paginas de historia, a nossa raça ainda viverá no espirito dos homens, evocada atravez d'essa obra indestructivel como uma chamma de radiação eterna.

Guerra Junqueiro dizia-me uma vez que, «se a obra de Camillo podesse ser destruida bruscamente, d'uma vez, ella deixaria um rombo insubstituivel na litteratura portugueza».

E' exacto e justo.

D'aqui a seculos não seria possivel reconstituir a vida portugueza contemporanea e a alma portugueza do nosso tempo, senão atravez da obra de Camillo.

De tal modo a nossa raça vive dispersa dentro d'essa obra; e de tal modo essa obra se funde no espirito e no sangue da nossa raça: que dir-se-ía que vivem uma da outra, indissociaveis, ainda como os grandes rios que, tendo por bacia todo um continente, fertilisam a terra com a agua que d'ella receberam.

Se ha obra d'arte que intensamente recebesse o influxo da raça e do meio, é a obra de Camillo. Camillo, por assim dizer, não precisou de crear: bastou-lhe reflectir. D'ahi a desegualdade sem medida da sua obra, onde ha paginas supremas e paginas que são lacunas.

Camillo Castello-Branco em 1852

(Segundo uma gravura antiga, em madeira)

Por isso mesmo, porque reflectiu a vida portugueza nas suas oscillaçoens absurdas, nos seus impetos passionaes e grandiosos, e nas suas banalidades piegas, é que essa obra está cheia de altos e baixos, de claridades e de manchas.

E' uma obra desegual, com vôos e quedas — como a vida.

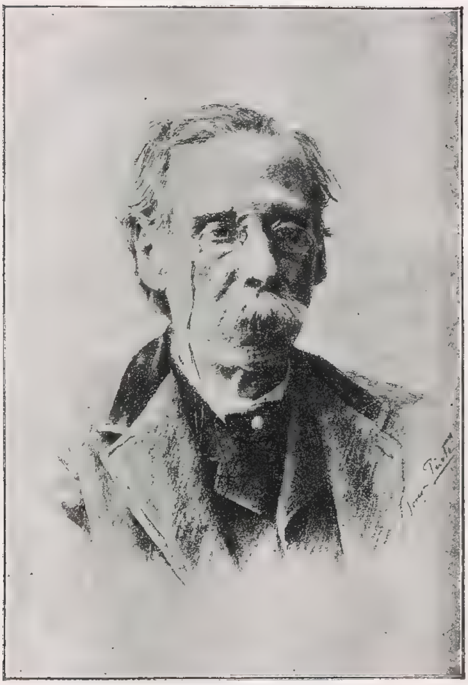
Os seus romances, na sua maior parte, encontrou-os elle já feitos, concebidos e realisados, no mundo que o cercava: elle escreveu-os apenas. Não compoz romances: contou scenas vividas, narrou dramas a que estava assistindo quotidianamente. Raras vezes quiz ser o interprete da vida que o cercava: quasi sempre se limitava a ser testemunha — e a contar com aquelle poder de evocação emocional, que foi o segredo da sua arte.

Não que elle não podesse, ou não soubesse crear tambem typos, attingindo a generalidade do symbolo. Camillo era um genio creador, uma força creadora.

Para dar a medida exacta da pujança da sua imaginação creadora, bastaria apontar essa figura cervantesca de Calixto Eloy, o homem-anjo que se despenha das alturas immaculadas.

Tam sómente Camillo preferia reproduzir a crear. Por isso os seus personagens, mais do que typos raciocinados, mais do que symbolos, interpretando e exprimindo uma ideia, eram creaturas, simplesmente creaturas, como nós, como a vida as tinha talhado; ora sublimes, ora triviaes; ora tragicas, ora ridiculas; ora virtuosas, ora viciosas; ora grandiosas, ora ordinarias; ora passionaes, ora tristemente piegas; ora ennobrecidas, ora envilecidas; ora heroicas, ora pusilanimes no soffrimento; ora voando como aguias, ora esgaravatando como gallinhas, ou rastejando como sapos: como na vida e consoante a vida as modelava.

Dir-se-ía que Camillo na sua obra, mais do que a ficção da vida, pretendia realizar a propria vida. Na sua obra ha riso amassado em lagrimas e lagrimas transluzindo no riso; ha lagrimas, sinceras e limpidas como a pureza, transudando de almas de lama; ha heroismo e grandeza no crime e na vir-



Camillo Castello-Branco

(Reproducção de um desenho de Souza Pinto publicado no *Amor de Perdição*, editado por Alcino Aranha & C.ª)

tude; ha mesquinhez, coroando ás vezes a nobreza; e ha sobretudo a paixão, a paixão damnada e redemptora, a paixão que ergue e que despenha, a paixão que ennobrece e acanalha, a paixão que nos alevanta, abysmando-nos, a paixão que nos perde, dando-nos a felicidade, e nos faz saborear a ventura de ser desgraçados, a paixão que cria a intuição das verdades mais requintadas e transcendentaes e faz dizer as pieguices mais grottescas; em summa, ha a vida, toda a vida portugueza contemporanea.

E de tal modo ali se reflectem a vida e a alma portuguezas, que esse mesmo reflexo foi por vezes injustamente apontado como um defeito empanando a claridade genial de certos pedaços d'essa obra.

Assim, por exemplo, disse-se, com verdade, é certo, mas com injustiça tambem, que os personagens de Camillo são piegas, exaggeradamente piegas, e que muitas vezes as suas mulheres são meninas bem fallantes.

E' certo.

Qualquer das heroinas de Camillo é trasbordante da pieguice, ridiculamente romanesca, se quizerem. Essas creaturas não sabem dizer o seu amor com sobriedade elegante, com palavras bem escolhidas: exprimem-no como sabem, como a vida e a sua expontaneidade as ensinou — com exuberancias inuteis de lyrismo piegas, intoleravel, e com simplicidade sublime.

Querem um exemplo?

Ahi vai:

Virginia, n'um dia, traduz a sua paixão por Guilherme do Amaral com esta insupportavel pieguice:

«Porque n'esse dia olharei as flores da minha corôa virginal, e direi douda de alegria: «foi elle que as queimou com o seu halito de fogo».

E no dia seguinte tradul-a por esta forma suprema:

«Se alguma vez me disseres: «amo-te!» ouvirás da minha alma um grito de jubilo, e sentirás nos teus braços uma mulher . . . perdida, proclamando como um triumpho a sua perdição!»

Mas, se é verdade que as mulheres de Camillo são por vezes lyricas, bem fallantes, rethoricamente piegas, não é menos verdade que isso representa um traço caracteristico da affectividade portugueza.

A mulher portugueza, será bom repetil-o ainda, não sabe dizer o seu amor com elegancias de prosa, nem com subtilezas e artificios de estylo importado de França. Dil-o á maneira portugueza, passionalmente, torrencialmente, com effusoens de lyrismo piegas, ou com simplicidade suprema: como a Thereza ou como a Marianna do *Amor de Perdição*. Nas mulheres da obra de Camillo nem tudo é pieguice: ha n'ellas tambem muita simplicidade sublime. Poder-se-á, por exemplo, attingir singelleza maior e mais bellamente emocional do que aquella com que Cassilda, n'esse idylio inacabado que se intitula *Via-Sacra*, confessa o seu amor ao primo, n'um dialogo sobrio de palavras e intenso de silencios?

Creio que não.

Como as heroinas de Camillo, as mulheres portuguezas são assim, piegas e sublimes, e amam assim. Camillo não as inventou: descreveu-as.

Essa exuberancia sentimental, piegas, com que

Camillo Castello-Branco

Retrato publicado pela *Revista Contemporanea* em 1864

certas mulheres de Camillo dizem a sua paixão não é, pois, um defeito maculando a obra do grande romancista; quando muito, seria um defeito do assumpto. É preciso não esquecer: Camillo não modelou as suas mulheres pelos figurinos vindos de França; as mulheres da obra de Camillo são — portuguezas.

Depois a obra de Camillo foi realisada, ás golphadas, por attaques, por accessos de emoção. Esta espontaneidade, se é certo que a prejudica em harmonia, em equilibrio, imprime-lhe tambem uma inexcedivel força de sinceridade.

A essa obra falta-lhe talvez a unidade artificial que existe em tantissimas obras d'arte; mas não lhe falta, por certo, aquella unidade natural, apparentemente absurda, illogica, mal equilibrada — que é a unidade da propria vida.

A obra de Camillo assemelha-se áquelles fructos, que trazem comsigo as qualidades bôas e más da terra e da arvore em que foram creados.

Essa obra é portugueza, toda portugueza, até nas suas imperfeiçoens.

Desegual, brusca, mal equilibrada?

Decerto: — como a vida.

*

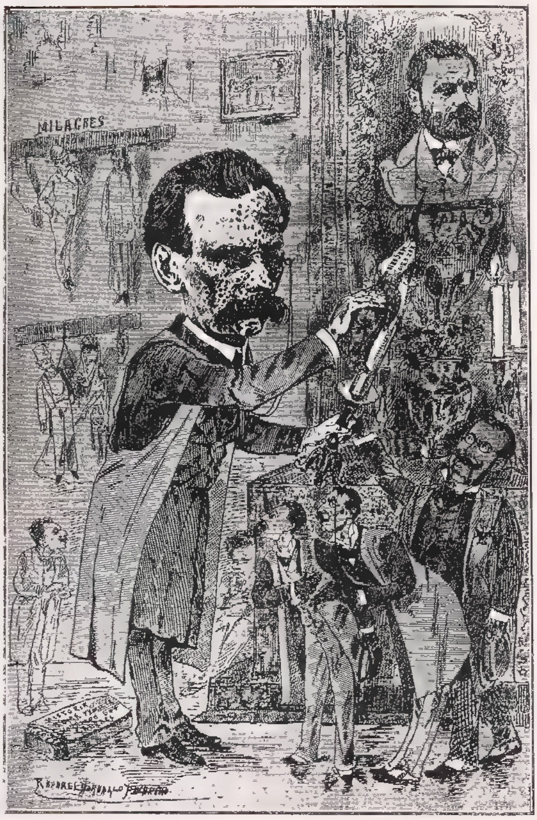
Se ha uma obra d'arte a que possa ser applicada com justeza a definição de Zola, essa obra é a de Camillo.

A obra d'arte é sempre um pedaço da natureza atravez d'um temperamento. A obra de Camillo é-o, porém, d'uma maneira especial, mais intensa e mais intima, se é possivel.

Eu me explico.

Essa obra não é apenas a vida portugueza, toda a vida portugueza, toda a alma portugueza com os seus defeitos e qualidades, atravez do espirito de Camillo; é tambem o espirito de Camillo. O romancista é sempre adentro da sua obra uma figura d'acção: Camillo é sempre um personagem dos seus romances.

Ha artistas que se escondem por detraz da obra d'arte; Camillo não: o seu espirito, o seu temperamento, surgem, desvelados, atravez de todas as paginas dos seus livros.



A litteratura realista
(Charge de Raphael Bordallo, no *Antonio Maria*)

Camillo communga plenamente na vida dos seus personagens; como elles faz parte da acção, commenta e discute a vida; como elles chora, ri, resa, blasphema, ama, odeia, despresa, acaricia, fere,

O antigo theatro de Villa Real
onde se representou *O Agostinho de Ceuta*, primeira composição dramatica de Camillo Castello-Branco

Casa da primeira mulher de Camillo Castello-Branco
em Friume,
(Segundo uma gravura antiga)

Picado do genio e das bexigas
(Charge de Raphael Bordallo no *Album das Glorias*)

beija e assassina. E' um expectador talmente embebido na acção da peça, que a todos os momentos está intervindo n'ella.

Camillo não sentiu apenas estheticamente a sua obra: viveu-a toda. E de tal modo essa obra está impregnada do temperamento do escriptor, que a primeira figura, a primeira personalidade, que avulta espontaneamente n'essa vasta galeria de typos portuguezes — é o proprio Camillo. A vida, a alma, o espirito, o sangue, a carne do romancista, estão espalhados fragmentariamente, aos pedaços, aos farrapos, atravez da sua obra. Ha paginas em que o romancista falla exclusivamente de si, como se fosse uma figura primacial na acção.

E é, na verdade: Camillo é o primeiro personagem dos seus romances.

* * *

Camillo, pelo feitio ethnico do seu espirito, pelo sangue, pelo temperamento, e até pela educação, é um portuguez do norte — um trasmontano.

Nasceu em Lisbôa, bem sei. Mas isso importa pouco. Na vida do romancista é um detalhe minimo, accidental. A patria não é a terra onde se nasce; a patria é a terra do nosso sangue, e a terra que nos modela o espirito.

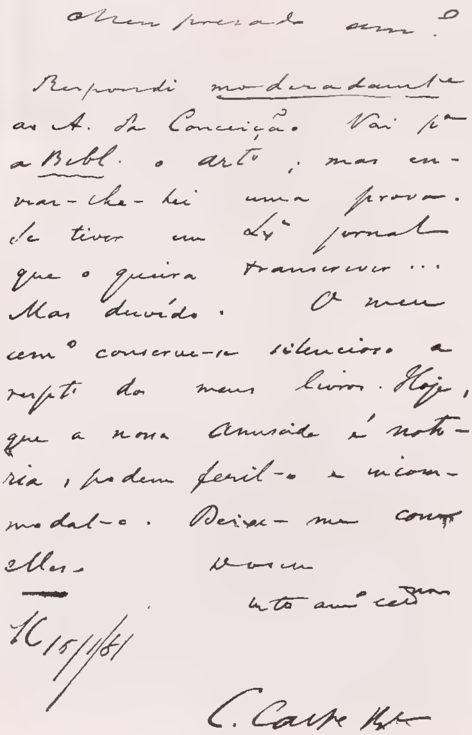
João de Deus pudera ter nascido no extremo norte do paiz e seria sempre um portuguez do sul, elegiaco, idealista e sonhador.

E senão é vêr: João de Deus foi o poeta da mocidade e da paixão; Camillo foi o seu dramaturgo. O amor, em João de Deus, convertia-se em canto fervoroso e limpido; em Camillo transformava-se em acção, em drama. João de Deus espiritualisou a mulher e o amor: Camillo dramatisou-os.

Um era o portuguez do sul, contemplativo e melancholico; o outro o portuguez do norte, activo e tragico.

E Camillo tanto era trasmontano pelo temperamento e pela educação, que a sua emoção pela natureza nos ultimos annos da sua vida ainda se resentia d'isso: na paysagem dos seus ultimos romances, apezar de minhota, ainda não estavam apagadas de todo a côr e a luz da paysagem trasmontana, no meio da qual viveu os primeiros annos da sua vida. Camillo nunca esqueceu a terra onde floresceram os primeiros dias da sua juventude intercadente e agitada.

Trazia-a no espirito, gravada e inextincta, guardada mysteriosamente, silenciosamente, como se guarda para toda a vida a luz inolvidavel e a graça carinhosa dos olhares maternaes.


Meu presado am.º

Respondi moderadamente ao A. da Conceição. Vai p.ª a Bibl. o art.º; mas enviar-lhe-hei uma prova. Se tiver em Lx.ª jornal que o queira transcrever... Mas duvido. O meu am.º conservou-se silencioso a respeito dos meus livros. Hoje, que a nossa amisade é notoria, podem feril-o e incommodal-o. Deixe-me com elles.

Seu
muito am.º e cr.º

S. M. 15/1/81

C. Castello Branco

Autographo inedito de Camillo Castello-Branco

* * *

Nos ultimos tempos a alma portugueza teve poetas supremos, grandes como os maiores: Anthero de Quental foi o seu poeta intellectual, philosopho e goetheano; João de Deus foi o seu poeta lyrico; Guerra Junqueiro o seu poeta epico e religioso; Camillo — o seu poeta tragico.

De todos, Camillo é o que está mais perto de nós, porque está no meio de nós todos. Anthero de Quental faz-nos subir ás alturas vertiginosas, cheias de luz e de sombra, até onde só vôa o pensamento; João de Deus transporta-nos á atmosphera ideal onde a alma se extasia; Guerra Junqueiro arrasta-nos para as fortes cumeadas da religiosidade e do heroismo, d'onde só se contemplam a Patria e Deus.

Camillo não nos tira da terra, arrasta-nos pela terra, atravez da vida e dos homens, e faz-nos viver com elle a vida — a vida horrivel e saborosa.

Esses dois instrumentos supremos da poesia dramatica, que é a poesia da vida de dia a dia, — o riso e o choro — como elle os maneja intensamente com destreza emocional raras vezes ultrapassada!

É que na verdade poucas vezes alguem possuiu como elle o segredo do riso immortal e das lagrimas immortaes.

* * *

Precisamente por isso, porque elle possuia o segredo divino do riso immortal e das lagrimas immortaes, porque elle sabia, como ninguem, rir tragicamente, venenosamente, a soluçar tragicamente, contagiosamente, é que nenhum escriptor em Portugal é tão lido, tão amado, e tão odiado. Na sua obra não ha apenas a bebida confortante; ha tambem o veneno doloroso; ha o choro que enternece e alevanta e o riso que envenena.

Essa obra não reflecte apenas um aspecto grandioso e bom da alma portugueza. Reflecte a vida portugueza toda — no seu aspecto nobre e no seu aspecto vil.

Atravez das paginas d'essa obra estremece a alma portugueza toda, com todas as suas formosuras e todas as suas fealdades, com todas as suas virtudes e todos os seus vicios.

Por isso, aquelles que o escriptor nobilitou pela paixão e pelo soffrimento — não o esquecem; e aquelles que elle azorragou — não lhe perdoam.

De resto, em Portugal, a obra de Camillo, mais do que lida, é vivida. Todos a vivem. Todos: quem ha ahi, que seja portuguez, e se não tenha sentido uma vez na vida personagem d'um romance do genial suicida?

Camillo, impiedosamente, n'um accesso de arte, tomou toda a sociedade da sua terra e do seu tempo, e aos beijos e ás bofetadas, com afagos e a chicote, a rir e soluçar, foi-a desnudando perante si mesma e perante a posteridade.

É por isso que, um dia, quando Portugal só fôr um nome do passado, a raça portugueza ainda ha de viver na memoria dos homens, evocada atravez da obra de Camillo.

É que, repito, essa obra está construida com a argamassa das cousas que nunca morrem — o riso immortal e as lagrimas immortaes.

MANUEL LARANJEIRA.

No olho da rua
(Charge de Raphael Bordallo nos *Pontos nos i i*)

Casa de Villarinho da Samardã,
onde Camillo Castello-Branco foi educado. — (Segundo uma gravura antiga)

— FAVAIOS —

COMO additamento á monographia d'esta importante povoação, publicada no n.º 4 da *Illustração Trasmontana*, reproduzimos agora, como documentos interessantes, que então não poderam ser publicados, por falta de espaço, o foral do antigo e hoje extincto concelho de Favaios, e a interpretação d'uma inscripção tumular na egreja da quinta de S. Jorge.

A reproducção d'estes documentos é feita tanto quanto possivel, com fidelidade, salvo impossibilidades materiaes de composição que não foi possivel evitar.

COPIA DO FORAL DADO POR D. MANUEL AO CONCELHO DE FAVAIOS COM A ORTHOGRAPHIA DO ORIGINAL

Dom Manuell per graça de Dš Rey de purtugual e dos alguarves daaquem e dalẽ mar emafrica Senhor de guinee e dacomquista e naveguaçam e comerçio de ethiopia arabia persya e dahindéa e etc. Aquantos esta nossa carta deforal birẽ dado ao concelho de favaios fazemos sabeer que per beem Das deligẽnçias Isames e Imquireçoos que è nossos Regnos e Senhorios mamdamos fazer pera Justificaçam e decraraçam dos foraaes delles E per alguũas semtẽças e determinaçoos que com os denosso comselho e letrados passamos e fizemos. Acordamos bisto ho forall dodito comcelho dado per El Rey Dom denis que as Rendas e direitos Rš se derem nodito comcelho de paguar e aRecadar namaneira e forma seguinte AVemos daver pollo comcelho e moradores delle em cadahum anno dous mill e quatrocentos e bĩte e cimquo Rš pollas livras e pollos cĩquoemta maravedis que pollo dito foral lhe foram arremdados e aforados todollos direitos Reaães aRezam de binte e sete soldos homaravedi.

FAVAIOS — O chafariz — (Cliché do snr. Arião)

E aquaremta e oito rrš e meyo desta moeda corrente por cada huũ delles Das quaaes se descomtaram ao Senhorio tamta parte quamta se montar berdadeiramète nas terras e leiras que traz ouaodiamte trouxer na dita terra defavayos:

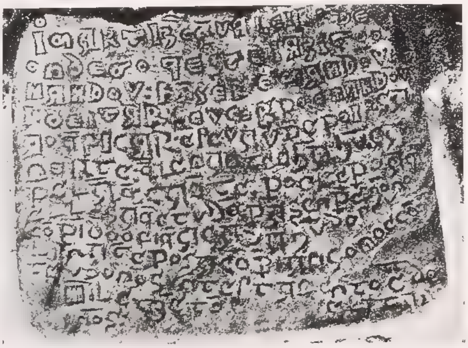
PeLa justificaçam daquall cousa sefara loguo agoura E per comseguimte despois sempre desete em sete anñs Repartică E avalliaçam per todollos beẽs de Raiz que ouver na dita terra defavaios e seu termo Da quall avaliação não será escussa nenhuũa pessoa por privilegyo que tenha posto que seja crerigo E per este rrespeito paguara osenhorio das propriedades que tem ouaodiamte tiver soldo a livra segundo as outras pessoas da dita terra: E Adita pagua foram aas terças do anño — J.º pollos primeiros dias desetembro e dejaneiro e de mayo sobpena de porcadadia que passar adita pagua sendo Requeridos paguarem binte Reaaes:

E Posto que pellos ditos dous mille quatrocẽtos e XXb Reaaes lhe Fossem dados todos nossos direitos Reaães odito comçelho porem nã está emposse deos levar E portamto nom levara odito comçelho daquy emdiamte nẽ outrẽ emseu nome nẽ nonosso deuemhũa sorte nẽ nome que possam teer os ditos direitos salvo Oguado de vemto oqual se Recadara pera odito comçelho segũdo nossas ordenacaões comdecraracam q̃ apessoa acuja maao for ter odito guado ho benha esprever adez dias primeĩros seguimtes sopena de lhe seer demãdado de furto E Dapena darma senõ levara nemhuũa pena salvo semdo tomadas nos proprios malleficios pellos juizes daterra ou pollo meirinho dacomarqua qũe primeiro ha tomar E doutra maneira nã E levaram por ella duzentos Rš e aarma perdida cõ estas limitaçaoes — J.º que adita pena se nom levara quamdo alguũas pessoas apunharẽ espada ouquallqr̃ outra arma sem atirar Nem pagaram adita pena

Aquellas pessoas que sempreposito e ẽ Reixa nova tomarẽ paao oupedra posto que cõ elle facãmall E posto quedepreposito tomẽ odito paao oupedra senã fizerẽ mall com elle nã pagaram adita pena Nem apagaara moço dequĩze anños pa baixo Nẽ mulher dequalqr̃ idade Nem paguaram adita pena aquellas pessoas que castiguamdo sua mulher e filhos e escravos tirarem sãgue Nem paguaram adita pena quem juguamdo punhandas sem armas tirar samgue combofetada ou punhada E as ditas penas nemcadahuũa dellas nã paguaram Iso mesmo quaaes quer pessoas que em defendimẽto de seu corpo ou apartar e estremar outras pessoas emaRoido tirarem armas posto que comellas tirem samgue Nem escravo dequallqr̃ Idade que com paao oupedra tirar samgue:

Dos montados e maninhos usaram como atequy fizeram Sẽ nenhuũa comtradiçom:

Quallqr̃ pessoa que for comtra este nosso foral levando mais direitos dos aqui nomeados ou levando destes maiores comtias dasaqui decraradas hoavemos por degradado por huũ anno fora do comçelho e termo e mais pague decadea trimta Rs̃ por huũ detodo oque assy mais levar pa aparte aque os leuou E sea nom quiser leuar seja ametade paguẽ ho acussar e aoutra pa os catinos e (R) damos poder aqualqr̃ justiça homde acomtecer assy Juizes como bimtaneiros ouquadrilheiros que sẽ mais processo nem ordem dejuizo sumariamente sabida auerdade comdessem os culpados nodito casso dedegredo e asy do dinheiro athee comtia de dous mill Rs̃ semapellaçam nemagravo e sem disso poder conheçer almoxarife nem comtador nem outro officiall nosso nem denosa fazenda emcaso ho hiaja E seo senhorio dos ditos direitos odito forall quebramtar per sy ouper outrem seja loguo sospenso delles e dajurdiçam dodito comçelho seatiuer emquamto nossa merçee por E mais as pessoas que em seu nome ouper elle ho fizerem emcorreram nas ditas penas E os almoxarifes escrivaaes dos ditos direitos que oassy nam comprirem perderam loguo os ditos oficios e não aueram mais outros. E portanto mandamos que todollas cousas comtheudas neste nosso forall que nos pomos por ley secumpram pa sempre de theor do qual mandamos fazer dous huum delles pa camara dodito comçelho e outro pa nosa torre do tombo pa em todo tempo se poder tirar quallquer duuida que sobre isso possa sobrebyr dada em anossa muy nobre e sempre leal cidade delixboa ha Xb dias do mes dejulho Anno do nacimento denosso Senhor de mill e quinhentos e quatorze. bay escp.[to] em quatro folhas com esta comcertado per my fernam de pyna:



Inscripção tumular na egreja de S. Jorge, em Favaios
(Cliché do snr. Arião)

Interpretação da inscripção tumular na egreja de S. Jorge

João Martins Cavalleiro de Mondego que este jazigo mandou fazer e mandou ahi deitar seu corpo e mandou ao que ficar com o seu haver depois da sua morte que lhe mantenha um capellão que cante por elle e por aquelles a quem é tudo para sempre: nao-n-o cumprindo fique a cada um do povo qu'e possa cumprir assim como é contheudo em seu testamento, era de 1137 sete annos.

GLOSSARIO TRASMONTANO

INICIANDO hoje esta secção, a *Illustração Trasmontana* obedece á necessidade de recolher todos os termos, todos os vocabulos, todos os verbos que os lexicons desconhecem, mas que o povo falla, e muito dos quaes, infelizmente, vão desapparecendo dia a dia, perdidos para a tradição e para a lingua. Sem já fallar na vantagem palpavel que resulta para o peculio, ainda bem pobre, da sinonymia, da admissão de termos genuinamente portuguezes á lingua vulgar, o conhecimento exacto de muitos vocabulos que fazem viva luz nas trevas densas do passado interessa-nos a muitos respeitos tambem.

Assim como do estudo comparado das linguas indo-europeias se apurou o intimo parentesco dos diversos povos de raça aria, e do estudo dos idiomas arameanos se averiguou a filiação commum das varias nações semitas, assim tambem do estudo consciencioso de muitas palavras desconhecidas dos homens de sciencia se podem apurar elementos que nos instruam sobre os nossos primevos.

O predominio romano, transmittindo-nos a sua lingua, quasi obliterou o idioma primitivo, já alterado por outros povos que precederam o latino; mas assim como na leiva revôlta escapa sempre uma ou outra raiz, assim por egual d'entre a unidade d'uma lingua transparecem, mais ou menos deturpados, ás vezes até com significações differentes, termos extranhos a essa lingua, que nos dizem a origem de um povo, ou a influencia que sobre esse povo exerceram as migrações de outros povos, conquistadores violentos ou invasores pacificos.

Na lingua portugueza existem, hoje ainda, vocabulos ibericos, celtas, gregos, germanicos, arabes, normandos, e por elles podemos saber que raças aqui estacionaram e a influencia que exerceram. E se a isto juntarmos um exame aprofundado do typo predominante—as dimensões e as fórmas do craneo, a côr da pelle, o relevo da face, a estructura do corpo e até a coloração dos cabellos, a par da archeologia historica e pre-historica e ainda as tradições e o folk-lore, mais facil nos será conseguir um *desideratum* sobre as origens e filiação tão obscuras dos habitantes primitivos d'uma região ou d'um paiz.—E é a isto que precisamente miramos em parte, quando nos propomos a recolher cuidadosamente tudo que diz respeito aos termos que o povo emprega ainda e os diccionarios por completo desconhecem: concorrer um pouco para fazer alguma luz sobre a raça e procedencia das nações que primeiro aqui aportaram.

Infelizmente um homem só é impotente para um inquerito que tem de abranger uma região de 444 leguas quadradas de superficie, povoada por cêrca de 400:000 habitantes. Sem um auxilio dedicado e prestimoso, collaboração collectiva de todos os que estudam ou simplesmente se distrahem, a nossa tentativa resultará esteril, a nossa boa vontade, inutil; e é por isso que d'aqui appellamos para todos os que, como nós, tem um interesse sincero e patriotico, como portuguezes e trasmontanos, para a resolução d'um problema que a todos os respeitos deve interessar-nos.

VIEIRA DA COSTA.

GLOSSARIO

* *Apégada* -Especie de plata-fórma á ré dos barcos rabellos, d'onde o arraes manobra a espadella.

* *Acócádo*—Aturdido. Jogador acócádo—atordoado.

* *Búlzera* (Termo chulo)—Bandulho. Encher a bulzera, comer á custa alheia. (Toma-se em mau sentido).

* *Bardo*—Cordão de vinha em espalda.

* *Burros* (plural) Nome dado ás extremidades das varas d'uma cepa mergulhada.

* *Coqueiro* Pequena cazota á ré dos barcos rabellos.

* *Coda*—Gêllo.

Cardenha ou *cardanha*—Especie de choupana pertencente a qualquer propriedade, e que serve de casa de malta aos trabalhadores.

* *Cóio*—Pedra das margens, polida pelas aguas.

* *Cêpo* (jogo do)—O mesmo que batalho ou pátéiro.

Cerdeira—Cerejeira.

* *Carangueijo* (ameixa)—Tambem chamada ameixa caranguejeira, ameixa carangueja ou rainha Claudia.

* *Dornas* (plural)—Redomoinhos perigosos em alguns sitios fundos do rio Douro.

Espadélla Sorte do leme muito comprido com que se dirigem os barcos no rio Douro. Da fórma alongada d'esse leme, parecido com um *rabo*, é que vem a designação de *rabellos* dado aos barcos do Douro.

Embude—Especie de engôdo sem anzol para a pesca de enguias.

* *Farrapella* ou *farpella* (farrapo-pella)—Especie de pella feita de trapos usada pelas creanças n'um jogo determinado.

* *Galripo* Sorte de filtro de linhagem para coar os vinhos.

* *Góllas* (derivado de galleiras)—Rapidos do rio Douro.

Infusa—Bilha.

Jóga—Pedra miuda, polida pelas aguas.

* *Molliqueiro*—Chuva miuda e fina. Mollinheiro.

* *Pousa*—Espaço de quatro horas de piza n'um lagar.

* *Rága* (radical rogar)—Conjuncto de vindimadores, homens, mulheres e rapazes, adstrictos á vindima de um só proprietario. Ranchada.

* *Ru-ru*—Jogo das escondidas.

Ramada—Latada.

Réssa—Jacto de sol muito forte.

Sapáda (Derivado de *sapa*, mina destinada a derrocar as muralhas). Desmoronamento de um muro. Desabamento.

V. C.

* *Boneca*—E' o nome que o povo trasmontano dá á castanha chôcha ou sem polpa.

* *Caibro*—Barrote.

* *Cambalheira*—Corrente ou cadeado grosso de ferro.

* *Canniço*—Rede de varas de castanho ou salgueiro que se colloca sob a chaminé, na direcção do fogo do lar, e que se destina á secca da castanha.

Canastro—Espigueiro. Barraca destinada para deposito das espigas do milho.

Capão—Molho de vides ou sarmentos seccos de videira, em fórma conica.

Chedas—A parte posterior ou plata-fórma dos carros de bois.

Choina—Faúlha.

Chula, * *ronda* ou * *esturdia*—Assim se designa o conjuncto instrumental e descantes que constitue o essencial das festas populares trasmontanas. Na região duriense é onde se encontram as mais interessantes *esturdias*, pela epocha das vindimas e *lagaradas*. A parte instrumental compõe-se de rebecas, bombo, ferrinhos e castanholas. Nos concelhos de Chaves e Villa Pouca (Villarinho das Paranheiras, Oura, Vidago, Pedras Salgadas e Bornes) as *rondas* compõe-se de descantes e cavaquinhos, que os naturaes repicam com maestria.

* *Escano*—Termo tambem commum á Beira Alta. Designa um banco de madeira, com encosto, que se usa nas cosinhas, ao lado dos lares, onde, no inverno, se fazem os serões.

Estadulho—Fueiro dos carros da lavoura.

Falacha—Bolo de massa de castanha secca.

* *Frades*, * *vaccas* ou * *sanchas*—Termos que designam varias especies de cogumellos.

Fuste—Lenha miuda.

Guisso—Tem a mesma significação.—Vamos ao *guisso*, corresponde á phrase: vamos apanhar lenha para accender.

* *Nipos*—Rebentos de couve gallega.

* *Milhão*—O milho. Em Traz-os-Montes o povo serve-se sempre d'aquelle termo para designar esta graminea.

* *Milhos*—É a fórma de designar o milho triturado que, convenientemente adubado e preparado, como o arroz, é aproveitado na cosinha popular transmontana.

* *Molhelha* Acolchoado de couro e estôpa que se colloca na cabeça dos bois para n'elle assentar o *jugo*.

Mourão—Pedra que se usa nas lareiras para encosto da lenha, separando-a da pilheira.

* *Pichorra*—Bilha. Cantara de barro com bico.

Pingo—Gordura de porco. Banha.

* *Pio*—Cavidade n'uma pedra destinada a triturar o milho com o auxilio de um pilão de madeira.

Pitas Termo usado em toda a provincia para designar as galinhas.

Pitos—Pintos, frangos.

* *Pocho*—Termo que serve para o chamamento de um cão.—Cachorro.—*Estar com o pocho*, é uso dizer-se das pessoas mal humoradas ou desconfiadas.

* *Ranhão*—Pau destinado a ageitar a lenha dentro dos fornos.

Reco—E' tambem termo de quasi toda a provincia, mas de maior vulgaridade no concelho de Villa Real, para designar os porcos.

* *Salão*—Saibro.

Tanchão—Estaca, no geral de castanho, em uso nas vinhas para supporte das videiras.

* *Trolha* (femenino).—Especie de funil para ensaccar a carne de porco.

Tamaninho, tudo-nada—É phrase muito vulgar no concelho de Chaves que corresponde a—coisa de pouca importancia.

Teso—O cume d'um monte ou oiteiro.

C. M.

Nota O asterisco, que precede os termos, indica que elles ainda não figuram em nenhum dos diccionarios da lingua, pelo menos na accepção em que são usados na provincia trasmontana.

ETHNOGRAPHIA TRASMONTANA

APÓDOS TÓPICOS

É manha de Portugal,
Comer e dizer mal.

Dict pop.

A EMULAÇÃO de raças, castas, nações e partidos não escapa geralmente ao reparo de quem, na derivante multiplicidade de embates sociaes, dedicou leituras, ouviu narrativas ou consagrou attenções. O episodio tam interessante e ainda latente, embora attenuado, da tradicional rixa entre christãos e judeus, principalmente no leste trasmontano, o caso, sempre exuberante de infindos pormenores, da separação de castas na India, já descriptos pelos chronistas e ainda viçosos nos relatos dos que ora de lá veem, a delida mas não extincta antipathia de portuguezes e hespanhoes, principalmente nas fronteiras, e, por ultimo, os recentes acontecimentos politicos com os seus tradicionaes aspectos de sectarismo ferino, breve nos estimulam a attenção alheiada para esta irreductivel, universal, voluntariosa e inane malquerença dos homens!

O *homem lobo do homem* define, n'uma radiante synthese, a estructura essencial da besta abominavel que é semelhante bicho! Porque nem só as grandes massas collectivas differenciadas pelo sangue ou pela religião, os grupos mais circumscriptos das nacionalidades, nomeadamente as confinantes, os aggregados politicos antagonicos a dentro d'um mesmo paiz se desprezam ou se detestam por motivo de ideias e de formulas ou sob a egide de Principios e Figuras: descendo, a mesma inimizade resumbra, egual antinomia não raro transparece nas relações entre gentes de regiões contiguas, de provincias chegadas, de localidades proximas, de bairros na mesma aldeia, de profissões diversas e até dos mesmos mistéres! Ao espirito desattento estes episodios de detalhe surgem frequentemente como casos isolados, caracterisando pejorativamente uma terra, um povo ou uma occupação; e afinal integram-se, como moleculas se restringidos aos factos individuaes, como pormenores de mais vulto se extensivos a populações, na infinita e impiedosa maldade humana!

Mulheres de Pitões

Para a apprehensão d'alguns dos seus reflexos é interessante exhibir e archivar uns vagos materiaes n'este vago artigo de revista litteraria—ligeiramente, brevemente, desde a zona larga ou densa até á molecula social originaria, accentuando inicialmente a percentagem insignificante das caracteristicas benevolas ou justas contraposta á grande maioria das injurias e sarcasmos.

E' banal recordar, como um dos innumeros motejos entre as duas nacionalidades peninsulares, de par com varias anecdotas populares ou historicas, e sempre deprimentes ou picaras, a asserção portugueza

De Hespanha nem bom vento,
Nem bom casamento.

ao que os nossos visinhos oppunham

Portugueses pocos,
Y eses locos.

A multiplicidade inexgotavel de anecdotas ácerca dos gallegos, como no sul de Portugal a extensão do qualificativo escarninho ás gentes do Minho e

Douro, o mesmo desdem na propria Hespanha pela sua provincia atlantica, parallelo ao despeito, enxertado n'outras razões, que lhe provoca a Catalunha, correspondem, em maior amplitude, ás facecias e invenções allusivas aos *rabudos* ou judeus, ás rivalidades *alfacinhas* e *tripeiras*, ás discordias ou remoques entre provincias e regiões.

Na Ribeira do Alto Minho contava-se, para deprimir o castrejo, que, consultando-se para Castro Laboreiro ácerca da vaccina necessaria em face da ameaça d'uma epidemia variolica, os montanheiros apenas reclamavam *meio cabaço* d'ella! E' o caso affin do chá serrano, em Terras de Barroso, no Marão e tambem em Castro, com ligeiras variantes.

Capa de honras de Miranda (frente)

Tendo alguem dado umas folhas de chá a uma serrana, esta as devolveu pouco depois n'um prato e cosidas, perguntando se deveria deitar môlho n'aquellas hervas, ou estranhando a pequena quantidade das *couvitas* para um caldo, ou ainda fazendo outros commentarios que variam consoante as regiões e os narradores. A balela attribue-se a numerosas localidades e entram n'ellas ou padres, ou viajantes, ou caçadores e até pessoas da familia de quem conta: — palavra d'honra!

O beocio na antiguidade, o *auvergnat* em França, o gallego na propria Hespanha foram e são, identicamente, o alvo de analogas chacotas. A qualquer d'elles se attribuiria, como na Campeã, o caso do café fervido e coádo por um ramo de carqueja! Na denominação depreciativa de *rabos de lobo* com que os habitantes das baixas definem os montezinos do Marão, resume-se, como em varias outras, a caracteristica popular e chasqueante d'esses monticolas!

De provincia para provincia a hostilidade reveste tambem varios aspectos. Para o beirão a fidalguia portugueza lá tem o primado e lá subsiste, como affirma por seu turno o minhoto com egual emphase. O trasmontano monopolisa o privilegio da força e da franqueza, apanagios afinal tam exclusivos e tam exactos como a chimera, apenas litteraria ou de comicio, de que *para além do Marão governam os que lá estão!* Com exacção parallela é frequente ouvir-se em Traz-os-Montes chamar gallegos, pejorativamente, aos minhotos; e a seguinte caracteristica popular d'estes ultimos de lá procede, certamente:

Homem do Minho
Calça de pau, *(sócos)*
Veste de linho,
Cóme pão de passarinho, *(milho miudo)*
Bebe vinho de enforcado,
Arrenega d'elle como do diabo!

Capa de honras de Miranda costas)

Mais vulgarisada ainda, sob multiplas variantes plasticas, é outra classificação provincial pelas respectivas capitaes:

Livra-te do mouro e do judeu,
E da gente de Vizeu;
Mas lá vem o braguez,
Que é peor que todos tres.
E o Porto no seu contracto,
E' peor que todos quatro.

Os despeitos das localidades, principalmente das contiguas, se bem que modernamente attenuados, contavam-se outr'ora, bem por certo, pelo numero das povoações. Numerosos exemplos, aliás de bem curta inventiva na maledicencia e bem pallidos como ironia, era facil juntar, ou colhidos directamente na tradição oral ou buscados nos folkloristas. Como exemplificação alguns bastam, apenas:

Caçarelhos já foi villa,
Miranda nobre cidade,
Vimioso ladroeira,
Como toda a gente sabe.

Castro Vicente,
Ruim villa,
Peor gente.

Aboá,
Pouca terra,
E essa má.

Das duas ultimas, referentes, como a primeira, a localidades trasmontanas, póde approximar-se a que o snr. Theophilo Braga, no seu *Povo portuguez*, insere ácerca d'uma terra alemtejana:

Serpa, serpente,
Ruim terra,
Peor gente.

o snr. Thomaz Pires, na *Revista Lusitana*, sobre uma villa da mesma provincia:

Villa Boim,
Terra boa e gente ruim.

o snr. Leite de Vasconcellos no seu breve escripto intitulado *Dictados topicos*:

Em Barrô (Lamego)
De cem homens,
Nem um bô.

e ainda, analogamente, o snr. Adolpho Coelho na *Portugalia*:

E' como os da Mealhada,
Que o que dizem á noite,
Pela manhã não é nada.

correspondente a est'outra ouvida em Bragança:

Os de Villa Meão,
O que dizem á noite,
Já o não dizem pela manhã.

e ainda a esta, a bem dizer equivalente:

Os de Arrayolos,
Grande cabeça,
Poucos miolos.

Ás vezes caracterisam-se as povoações ou pelos seus productos de estima:

Boa raba de Soeira,
Bom pão trigo de Paçô,
Bom vinho de Alvaredos,
Boa castanha de Sobreirô.

ou pelas suas deficiencias:

Se fôres a Lomba,
Leva pão,
Que o vinho,
Lá t'o dão.

Se fôres a Monforte,
Leva merenda e capote.

e, até certo ponto, pelas suas distancias ou asperezas de itinerario:

Quem quizer saber o que é mau caminho,
Vá de Soutello para Montesinho.

Quem quizer saber o que as legoas são,
Vá de Izeda a Santulhão;
E se quizer saber a verdade,
Vá de Bornes á Trindade.

Mas são casos menos communs a oppôr aos que precedem ou similares:

Com os de Villa Real
Nem de bem, nem de mal.

Mirandella,
Mirar de longe,
E fugir d'ella.

Santagões (Villa do Conde)
Doze moradores
E treze ladrões (O 13.º é o abbade)

comparavel ao indicado pelo snr. Thomaz Pires:

Mulher de Sendim de Miranda

Santa Eulalia de Tenões, (Braga)
São 29 freguezes,
E com o abbade,
São 30 cabrões.

e ainda ao colhido pelo snr. Vasconcellos:

S. Martinho de Leitões, (Minho)
Vinte e nove freguezes
E trinta ladrões (O 30.º é o parocho).

Na *Portugalia* o snr. Adolpho Coelho archivou:

De Vizeu,
Queria eu,
O cão para coelho
E não o homem para conselho.

Mulheres da Campeã

É uma das varias sentenças em que se distingue, nas localidades, o bom e o mau. Elogiando-se as cerejas da Penajoia nunca esquece, simultaneamente, a historia de os seus habitantes irem um dia atraz d'um melro, que lhes roubára um d'esses fructos, até á Teixeira, no Marão. Entre outros casos semelhantes bastará apontar o de Chaviães, no concelho de Melgaço. Muitos trabalhadores, mas muito miseraveis, todos os visinhos perseguiram um dia, até á villa, um passaro que lhes roubára um figo!

D'estes e d'outros factos similares derivam muitas das arrelías com que se escarnecem os naturaes de certas localidades. No *Minho pittoresco* J. Augusto Vieira aconselha a que ninguem pergunte, passando em Vallongo, pelo padre Verissimo: fôra um garanhão emerito justificando a lenda

lubrica de excelso povoador local! A offensa emerge diaphana.

A classificação de populações, breve, em regra zombeteira ou injuriosa, rimada ás vezes, com ou sem rythmo, é em Traz-os-Montes, como em nenhuma outra provincia do paiz,—pelo menos segundo o que está apurado—uma fórma communissima de chasco, vaia e surriada. E' licito affirmar-se que rara é a terra trasmontana onde não se nos depare uma qualificação pejorativa das localidades de em volta.

O snr. Adolpho Coelho trasladou na *Portugalia* umas dezeseis referencias ás populações de Aveiro e logares proximos; na sua obra já citada o snr. Theophilo Braga aprẽsenta trinta e seis dictados topicos allusivos a alemtejanos; avulsos e em pequeno numero são ainda os que transcreve, no folheto dito, o snr. Leite de Vasconcellos. A litteratura trasmontana da especialidade, porém, é incomparavelmente mais vasta e susceptivel, por indagação facil e simples, de acrescer enormemente. Poucos exemplos bastam para legitimar o asserto. Em seus *Subsidios para a syntaxe historica e popular* o snr. Julio Moreira insere os apódos seguintes dizendo respeito ás proximidades da Regoa:

Pastor do Marão

Materiaes (ferradores) de Jugueiros,
Caneantes (garotos) de Fontellas,
Turbulentos de Loureiro,
Cuquilhos de Oliveira,
Velhacos de Moura Morta,
Sacadores (ladrões) de Sediellos,
Fachineiros (ladrões de matto) de Medrões,
Arêos (bulhentos?) de Fontes,
Infernaes de Sanhoane,
Flatuantes de Lobrigos.

O snr. Pedro de Azevedo reproduz d'um jornal, na *Revista Lusitana*, a enumeração com as respectivas qualificações, nem sempre comprehensiveis, das localidades que ficavam no caminho de Braga para a Terra Quente, passando por Chaves:

Almocreves são da Lage,
Tacheirinhos são do Prado,
Lavamalgas Romeirinho,
Os maus homens do Carvalho,
Videirinhos do Pinheiro,
'Stalajadeiros de S. Gens,
Saem grillos ao Torrão,
Papa-santos Igreja Nova,
Borradouros Pousadouros,
Boas pingas na Arrechão,
Rasga-baetas no Penedo,
Fura-bolos são da Foz,
Cega-mochos das Gosgominheiras,
Mosquinhas são do Cubo,
Os moleiros são de Cella,
Demandistas de Salamonde,
Ruivães, poucos e que taes,
Esfola-cabras nas Boticas,
Tripa-longa Lamalonga,
Arranjados são de Campos,
Grande femea de Padrões,
Pára-borra Venda Nova,

Homem de Pitões

Saca-bolsas Codeçoso,
Mata-lebres Pae Affonso,
Os lobeiros são da Serra,
Manteigueiros das Alturas,
Ratoneiros da Atilhó,
Perfumados das Lavradas,
Arrebita Carvalhelhos,
Arrinca-nabos são de Beça,
Os rabinos são das Quintas,
Futriqueiros das Boticas,
Muitas femeas tem a Granja,
Sapellos e Sapiãos,
E muitas mais Bentuzellos,
Ferra-moscas Casas Novas,
Ribeirinhos de Curalha,
Cornudinhos são do Cando,
Trampolineiros Casas dos Montes,
Pouca nobreza ha em Chaves,
Padeirinhas de Faiões,
Castanheiros d'Assoreiras,
Castello de Monforte,
E paro aqui que vou p'r'o norte.

Um dos mais prestimosos e intelligentes investigadores trasmontanos, o snr. vigario Francisco Manuel Alves, fornecia-me, em Bragança, a documentação inedita que segue:

Fidalgos da Carregoza,
Carvoeiros de Soutello,
Malhadores de Montesinho,
Cavadores de Villarinho,
Carêgos de Paçô,
Orelhudos de Espinhosella,
Cucos de Terroso,
Caga-tascas de Portella,
Carunheiros de Oleiros,
Cerejeiros de Donae,
Rabeiros de Soeira,
Salseiros de Villa Nova,
Telheiros do Castro,
Louvados de Gostei,
Subiotes os de Sortes,
Capadeiros de Rebordãos,
Ceboleiros de Nogueira,
Vassoureiros de S. Pedro,
Bogalhudos de Santa Comba,
Quebra-cornaes de Deilão,
Estoura-jugos de S. Julião,
Basofias de Babe,
Saquitas de Rio d'Onor,
Escalda-pobres de Baçal,
Passa-pontes de Rabal,
Cadellos de Meixedo,
Gorretas de Avelleda,
Coelheiros de França,
Péla-cães de S. Gemil,
Esfola-gatos de Villar.
Merendeiros de Edral,
Justiceiros do Brito,
Saias altas de Frades,
Fraguiceiros de Ferreiros,
Porcos-piscos de Amauso,
Quebra-nozes de Sendim,
Bailarotes de Gestoza,
Estripa-bogas de Sernande,
Onzeneiros de Cisterna,
Fura-gateiras de Passos,
Cerra-cancellas de Villar Secco...

E ainda outro trasmontano illustre, de longa data ausente da provincia, conservava as reminiscencias dos apódos que ouvira, em creança, no Mogadouro:

Rajadinhos de Valverde,
Cigarristas de Mogadouro,
Valentões são de Meirinhos,

Serrana de Montesinho

Chascos dos Estevaes,
Remondes, meza de engonzos,
Os de Soutello, tero-lero,
Maleitosos são das Quintas,

. . . .

Com estas qualificações dos povos ou logares coexistiam, e ás vezes ainda perduram, as antipathias de gentes de bairros da mesma terra e até de ruas, differenciados ás vezes, e outras não, pelos mistéres ou categorias sociaes. Os officios, sobretudo, distinguem frequentemente, com ciume, certas classes. Disputam-se primazias, dominio, importancia economica e artistica—talqualmente, nas repartições publicas, as controversias entre empregados menores sobre a hierarchia de guardas e serventes!... As condições de vida e suas exterioridades naturaes e dependentes promovem egualmente gracejos ou apupos das classes que se julgam superiores.

Serrana de Montesinho

Entre muitas anecdotas attribuídas aos pescadores da Povoa de Varzim, n'uma se conta que elles costumavam estar ás portas comendo pão com os proprios piolhos! Inquiridos sobre tal abominação responderiam que *comiam o seu sanguinho!* Por seu turno o pescador limita-se, como represalia, a chamar á *gente da terra*—elles são *do mar!—peixes de coiro.*

Varias profissões—estalajadeiros, almocreves, arrieiros, moleiros, carvoeiros, magarefes, etc. eram consideradas despreziveis, traduzindo-se esse desdem, em algumas d'ellas, com os casamentos effectuados, principalmente, só entre os membros da mesma occupação. Menos depreciadas mas ainda desdenhadas foram outras, como a dos ceramistas populares: é com bem tenue consideração que se allude aos *paneleiros* de Mirandella, de Villar de Nantes (Chaves), de Pinella (Bragança) e de Bisalhães (Villa Real).

O ecclesiastico, porém, motiva, e em toda a parte, a mais varia, caustica e burlesca collecção de mofas, de historias lubricas, de referencias crueis á sua voracidade e sua cubiça, de escarneos e pilherias ácerca da insignificancia suave, facil e parasitaria dos seus labores—collaborando mesmo muitos dos que, com mais ostentosa assiduidade, praticam os deveres exteriores da religião! A serie era longa para este apressado e ligeiro artigo de jornal; mas todos recordam ter ouvido facecias, aos padres referentes, em contos, anecdotas ou versos:

Vou-me casar a Salzedas,
Que me deram para degredo;
Que é terra de muito padre,
Canta lá o cuco cedo.

Annos de missão,
Annos de creação.

O snr. Theophilo Braga, no excellente capitulo do seu livro em que trata de semelhantes hostilidades, reune varias chufas rimadas, algumas das quaes conhecidas e vulgarisadas por todo o paiz:

Alfaiates não são homens,
Carpinteiros tambem não,
Homens são os Lavradores,
Que enchem a casa de pão.

Sapateiro mangoneiro,
Come tripas de carneiro.

Trolha, mirolha,
Rabo de solha.
Etc.

Espontanea e naturalmente imitativos os rapazes ensaiam já e reproduzem, não raro com mais fereza, as rivalidades, antagonismos e despeitos dos seus maiores. Todos lembram as antipathias creadas já nas escolas, ás vezes geraes e de impiedosa crueldade para com outro que justa ou injustamente determina o desagrado. São communs os casos de perseguição, de lucta ou de chocarrice, como este, n'uma villa do norte, em que, á sahida das aulas, certo effeminado e *accusador,* filho d'um sacerdote e ao deante beato e avaro, era diaria e systematicamente corrido, a vaia e á pedrada:

Oh! Fortunato,
Oh! engeitado,
Mal amanhado,
Mal amassado,
Feito ao torno,
Cara de corno,
Filho de padre,
Filho da p...
Pum! Pum!

Como exemplo de luctas entre rapazes da mesma localidade tem este, de Meirinhos, no Mogadouro, numerosos similes. Dividiam-se os moços em dois grupos, os da Soalheira e os da Avesseira, afim de praticarem o *puxar.* Para tal tomavam uma vara em cujas extremidades se agarravam os dois partidos, e, com esforços reiterados de parte a parte, ás vezes lentos e frequentemente raivosos, cuidava cada um d'elles de levar o antagonista para determinado logar, uma pôça, por exemplo. Era, sob um aspecto minusculo, um exercicio de lucta cuja expressão definitiva se exhibia nas celebradas

Barrozã

guerras de rapazes. Todas as localidades, mais ou menos, as contam entre os seus episodios pittorescos e, uma ou outra vez, sangrentos.

Em geral as discordias dos homens provocam ulteriormente a imitação dos rapazes: no Porto, depois do 31 de janeiro, as campanhas dominicaes á pedrada foram tão renhidas que só se estrangularam com a intervenção da guarda municipal.

N'uma villa do Alto Minho, em Arcos de Val de Vez, os rapazes d'aqui tiveram, ha bons 50 annos, uma celebrada guerra com os das freguezias de S. Paio e de Giella. Os dos Arcos occupavam o seixal da Valeta, junto ao Vez; os de Giella distribuiam-se por cima dos muros da quinta de Requeijo e viellas; os de S. Paio, por ultimo, reuniam-se aos seus alliados vindo pela Lamella. Ás duas horas da tarde de todos os domingos começava o prelio, annunciando-o um tiro de peça; e, em regra, era pelo pontilhão do rio que os de S. Paio e Giella tentavam invadir o seixal e desalojar o inimigo. Succedia, porém, que os dos Arcos levantavam sempre no burgau um *castello*, ou seja uma enorme massa de seixo por traz da qual se defendiam, collocavam os feridos e, nos angulos, dispunham as esculcas além d'outras rondas e vedetas. Ao alto drapejava a bandeira. Encetada a peleja, a que ulteriormente mesmo os homens adheriam, durava até á noite, com impedimento, até para as auctoridades que pretendiam intervir, do transito pelo pontilhão e adjacencias. E ficaram na memoria dos d'então algumas astucias de guerra, já suggeridas e praticadas n'aquelle alvorecer de mocidade: certo domingo um dos de S. Paio, o *Tenente*, desceu por uma quelha do Espirito Santo em direcção ao rio, pelo poço do Caldeirão, sem que o vissem nem presentissem, e, mergulhando, atravessou o Vez, com a traça occulta e heroica de arrebatar a bandeira do castello por surpreza. Mas quasi ao fim do lance dão com elle as vigias e obrigam-o violentamente a retrogradar remergulhando!

Mirandez

Camponez de Rebordãos
(Serra da Nogueira)

Em Villa Real as guerras eram entre o Piolêdo ou Calvario e o Cemiterio. Ás vezes,—o que é frequente—collaboravam paes e mães, estimulando e fornecendo a metralha. E como, ha algumas dezenas de annos ainda subsistissem restos de muralhas na villa velha, era lá que se desfraldavam as bandeiras, davam os signaes e barricadavam as hostes.

Em Bragança, como em Chaves, foram terriveis estas guerras de rapazes, com ferimentos, campos talados e intervenção final da cavallaria. Entre os da Sé e os da *Villa* combatia-se a pedra e á funda; e se a tropa sahia, uniam-se então todos contra o inimigo commum—como no Porto, depois de janeiro—e por vezes recuava a força armada!

... D'esta ferocidade intrinseca, fundo eterno do ruim bicho dissimulado, egoista e fatuo que é o homem, do berço ao fim, resulta bem verdadeira, a phrase que já Hobbes applicava ao mundo antigo: «Guerra *omnium contra omnes!*»

Clichés da *Portugalia.*

Porto. Julho, 1908.

ROCHA PEIXOTO.

CELEBRIDADES TRASMONTANAS

Rodrigo Pinto Pizarro d'Almeida Carvalhaes

(Sanguinea do pintor Antonio Carneiro)

Rodrigo Pinto Pizarro d'Almeida Carvalhaes

(Barão da Ribeira de Sabrosa)

No meio do descalabro ignobil da politica portugueza nossa contemporanea, maculada das suspeições indecorosas quando não ennodoada de sangue, não o sangue heroico e fructuoso dos combates, mas a sangueira triste dos assassinios, consola um pouco volver um olhar ás brumas luminosas do passado, onde as sombras, epicas muitas vezes, grandes sempre, dos que se foram, parecem pairar ao de cima das cousas e dos homens do nosso tempo como fogos de Santelmo ao de cima dos charcos estagnados e putridos, fortes em miasmas, terriveis em contagios morbidos. E então d'aquella rude e heroica phalange que brotou, por assim dizer, como uma ceara vingadora de sob o tropel dos cavallos de guerra do Attila moderno, Napoleão, e foi, de victoria em victoria, da foz do Tejo ás nascentes do Garonna, levando diante de si, de bayoneta sobre os rins, as hordas ferozes e ladravazes do grande aventureiro corso, e mais tarde, annos volvidos, resistiu intrepidamente, com as armas na mão, ao despotismo sangrento e ferino dos sicarios de Carlota Joaquina e de seu muito amado filho D. Miguel, a messe é opulenta, e Traz-os-Montes colheu louros que farte pela espada ou pela penna de alguns dos seus filhos mais destemidos que a illustraram. Rodrigo Pinto Pizarro d'Almeida Carvalhaes, barão da Ribeira de Sabrosa, foi um dos mais distinctos no seu tempo e um dos primeiros na sua provincia.

Barão da Ribeira de Sabrosa
Segundo gravura antiga

Natureza multipla manifestando-se em successivos avatares, homem de guerra e de gabinete, escriptor e soldado, politico e estadista, insurrecto em nome da lei e rebelde em defeza do direito, toda a sua vida foi um combate continuo, já com a espada em favor da sua patria escravisada aos pés do invasor, já com a penna em nome das regalias collectivas contra a tyrannia individual. Nascido em Villar de Maçada, na provincia de Traz-os-Montes, em 30 de março de 1788, alli falleceu em 8 d'abril de 1841 de uma apoplexia fulminante, segundo a voz geral, se bem que alguns attribuissem a sua morte a outra causa não bem especificada. Membro distincto da velha nobreza, foi 8.º senhor do morgado da Ribeira de Sabrosa, 9.º senhor do Monte Calvos e Soutellinho, e foi por decreto de 22 de setembro de 1835 agraciado com o titulo de barão da Ribeira de Sabrosa. Era commendador das ordens de Nossa Senhora da Conceição e da Legião de Honra, (esta franceza), Cavalleiro da Ordem de S. Bento d'Aviz e condecorado com as medalhas das campanhas peninsular e do Rio da Prata.

A darmos credito a Soriano ([1]), a primeira phase da existencia de Rodrigo Pizarro, teria sido monachal. Singular começo de vida, este da estagnação conventual, para um homem cuja vida tão agitada foi!

Frade loio nos inicios da sua mocidade, Rodrigo Pizarro despiu a roupeta, mal a alma collectiva da nação vibrou n'um grito de revolta contra o dominio estrangeiro. Alistado na arma de cavallaria, n'essa arma fez a campanha da peninsula e a seguir a da America do Sul. Intelligente, illustrado e bravo, segundo o testemunho insuspeito d'um adversario seu contemporaneo ([2]), Rodrigo Pizarro subiu rapidamente na hierarchia militar, e finda a guerra peninsular foi servir na campanha do Rio da Prata, sendo depois nomeado governador e capitão-general do Maranhão.

E' a partir d'esta data, ao que parece, que elle começa a ingerir-se mais activamente na politica e a cultivar as letras. Eleito membro do governo provisorio d'aquella provincia, a seguir á acclamação do governo constitucional, Rodrigo Pizarro festejou esse successo com uma ode assignada R. P. P. e inserta na *Gazeta Universal*, de Lisboa. De volta ao reino em 1821, foi promovido a tenente-coronel em 1822.

Depois de ter tomado uma parte mais que lastimavel na *campanha da poeira*, a *villafrancada* de triste memoria, de que Saldanha, então nas boas graças de D. Miguel, foi um activo corypheu, Rodrigo Pizarro adheriu ao governo constitucional, de que até á morte foi um dos mais acerrimos defensores.

Envolvido na revolução desgraçada de 1828,

([1]) *Historia da Guerra Civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal.*
([2]) Pinho Leal: *Portugal Antigo e Moderno*, artigo *Porto*.

teve por esse motivo que emigrar, refugiando-se em França.

Por causa d'isto incorreu no odio, á vez feroz e fanatico do absolutismo triumphante, e a famosa alçada que estabeleceu no Porto o seu tribunal de sangue, requintou de malvadez na condemnação infligida. Por essa sentença foi Rodrigo Pizarro «exauctorado e privado de todas as honras, privilegios e dignidades de que gozava n'este reino, do qual o haviam por desnaturalizado, e condemnado a que com baraço e pregão fosse conduzido pelas ruas do Porto até á Praça Nova e ahi, em um alto cadafalso morresse de morte natural de forca. E depois de lhe ser decepada a cabeça, fosse exposta na estrada de Mattosinhos, ficando alli até que o tempo a consumisse, e fossem o corpo e o cadafalso reduzidos pelo fogo a cinzas, que seriam lançadas ao mar, para que d'elle e da sua memoria não houvesse mais noticias; e além d'isso na confiscação e perdimento de todos os seus bens (1). E porque se achava ausente, foi pronunciado e havido por banido, e se mandou ás justiças que appellidassem contra elle toda a terra para ser preso, ou para que todo e qualquer do povo o podesse matar livremente, sabendo que era o proprio banido e não sendo seu inimigo (2)».

Rodrigo Pizarro, e felizmente para elle, estava ao tempo em França, a coberto da sanha miguelina, mas não, desgraçadamente, a coberto das miserias da emigração.

Braço direito de Saldanha, e uma das cabeças mais bem organisadas da facção *saldanhista,* foi adversario irreconciliavel de Palmella e do seu bando, a quem fez guerra encarniçada e crua, tomando parte activa e saliente nas miseraveis contendas que dividiam os membros da emigração, e que por pouco não pozeram a causa constitucional em risco. Depois de ter collaborado, segundo se affirma, n'um opusculo de Saldanha—*A perfidia desmascarada,*—publicado contra os *palmellistas,* Pizarro publica a curtos intervallos diversos opusculos que lhe acarretaram o odio figadal da regencia e do proprio D. Pedro, que nunca lhe perdoou:

Desembarque do Conde de Saldanha na Ilha Terceira, impedido pela marinha ingleza (3) (1829).

Debarquement du Comte de Saldanha dans la Ile Terceira empêché par la marine anglaise. Traduit du portugais. (Mesmo anno e differe do precedente).

Observações sobre alguns paragraphos da carta que a junta provisoria da cidade do Porto escreveu de Londres a S. M. I. e R. em data de 5 de agosto

Terra natal do barão da Ribeira de Sabrosa

(1) Esta sentença, desgraçadamente executada em alguns infelizes condemnados em egual pena, pinta tão bem o que era o paternal governo do snr. D. Miguel *Primeiro,* que não é precizo pôr mais na carta. Em parallelo com estes graves magistrados que tiravam aos adversarios simultaneamente vidas e fazendas, João Brandão surge-nos como um bom homem e José do Telhado como um santo. O peor é que esta raça de togados deixou descendentes... e continuadores.

(2) *Portugal Antigo e Moderno,* artigo *Porto.*

(3) No que respeita á collecção bibliographica das obras de Pizarro, servimo-nos do *Diccionario Bibliographico* de Innocencio.

de 1828 e publicada no Paquete de Portugal *em 13 de outubro de 1829* (1830).

Norma das regencias em Portugal, applicada á menoridade de S. M. a rainha D. Maria II (1831), em que elle se insurgia contra o proceder de D. Pedro nomeando-se regente a si mesmo, e sustentava ser a nomeação da regencia da attribuição exclusiva das côrtes.

Estes escriptos, mórmente o ultimo, grangearam-lhe o rancor de D. Pedro IV e mais membros da regencia, e Rodrigo Pizarro, prohibido com Saldanha, os irmãos Passos e outros, de tomar parte na expedição que desembarcou no Mindello, foi prevenido por uma carta de Candido José Xavier, secretario particular de D. Pedro, de que seria preso se apparecesse em Portugal. A isto seguiu-se, tempo depois, ser riscado dos quadros do exercito.

Rodrigo Pizarro não se atemorisou, e respondeu ás arbitrariedades do governo com a energia do desassombro. As publicações devidas á sua penna multiplicam-se, e successivamente escreveu:

Carta ao Marquez de Palmella sobre a sua elevação ao emprego de ministro e secretario da senhora D. Maria II por carta regia de 2 de janeiro de 1829.

Comparação do paragrapho 14 do manifesto de 2 de fevereiro com o decreto de 3 de março de 1832 (1832).

A philantropia constitucional dos Ministros constitucionaes do governo do Porto (1832).

Justiça de mouros (1833).

Appellação do coronel Rodrigo Pinto Pizarro para o tribunal dos seus concidadãos (1833).

Conde Saldanha
(Segundo uma gravura antiga)

Apeculium justitiae! (Titulo em latim, conteudo, em portuguez 1833).

A Carta estrangulada (1833).

Copia e traducção de uma carta dirigida pelo coronel Rodrigo Pinto Pizarro ao editor do Globo em 31 de novembro de 1833.

Prisão, degredo, demissão e saco (1834) [1].

Esta serie de escriptos, productos da mais alta hombridade, levaram ao seu auge o rancor de D. Pedro e dos seus ministros, e Rodrigo Pizarro não podia crear-se illusões sobre a sorte que o esperava se em Portugal apparecesse. O governo constitucional, installado e victorioso, não esquecia facilmente aggravos, e o exilado tinha tudo a recear da sua sanha feroz. Isso, porém, não obstou a que elle resolvesse affrontar corajosamente a tempestade que bramia contra elle, e no dia 23 de junho de 1834 desembarcou em Lisboa, arcando com o perigo de frente, bravamente, como soldado que era.

Sabida a sua chegada, foi ordenada immediatamente a sua prisão, mas os esbirros encarregados da deligencia tiveram duvidas em obedecer ás ordens recebidas, quando Pizarro, disposto á resistencia, lhes abocou aos peitos os canos ameaçadores de duas pistollas, fallando por essa occasião de D. Pedro e dos seus ministros alto e rijo, com a mesma sobranceria com que costumava escrever.

Só no dia seguinte foi preso e conduzido ao castello de S. Julião da Barra, onde ficou incommunicavel. Foi por essa occasião que elle escreveu a *Carta de Rodrigo Pinto Pizarro ao governador da torre de S. Julião da Barra, em 27 de junho de 1834,* carta que Innocencio possuia, mas que não sabe se teria sido publicada.

A sua prisão irritou vivamente o partido *saldanhista*, em que elle era personagem de destaque, e o seu nome, em justo e legitimo desaggravo, foi incluido na lista dos deputados pela provincia do Douro.

O governo sobresaltou-se, e D. Pedro, que sobretudo receava que Pizarro, a ser eleito, fosse reintegrado nos quadros do exercito d'onde abusiva e arbitrariamente fôra riscado, resolveu conjurar o perigo fazendo uma visita aos seus bons amigos do Porto. Trabalho baldado! Rodrigo Pinto Pizarro foi eleito pelo escrutinio de 1834!

O governo, porém, persistia em conserval-o preso. Não tendo podido obstar á sua eleição, resolveu fazel-a annullar. Isto motivou sessões tempestuosas no parlamento, onde a opposição tentou vivamente fazer validar a eleição, mas sem resultado. A maioria, que não consentiu que Pizarro viesse á barra defender-se das accusações que lhe assacavam, tambem não consentiu que elle tomasse assento.

Com a morte de D. Pedro, succedida por essa epocha, Rodrigo Pizarro viu-se desaffrontado d'um inimigo irreconciliavel. Reintegrado nos quadros do exercito e promovido a brigadeiro, a sua personalidade politica poz-se em maior evidencia após a revolução de setembro de 1836 levada a cabo pelo seu partido, que a contar d'então passou a denominar-se *setembrista.* Eleito deputado ás constituintes, de 1837, senador pelo circulo de Bragança em 1838, foi chamado em abril de 1839 aos Conselhos da Corôa e encarregado de organizar ministerio, fi-

[1] Soriano (*Historia da Guerra Civil*) inclina-se ainda a dal-o como redactor d'um jornal anonymo, — *O usurpador D. Miguel justificado por seu irmão, o ex-imperador do Brazil,* — em que D. Pedro era rudemente tractado; mas concede a primazia das suas suspeitas aos irmãos Passos.

cando com a presidencia do conselho, a pasta da guerra, e, interinamente, a dos estrangeiros. Um dos seus collegas de gabinete, era o austero e incorruptivel Sá da Bandeira.

Foi um ministerio ephemero, que durou apenas sete mezes, de abril a novembro, mas que em tão curto espaço de tempo teve ensejo de mostrar a rija tempera dos homens d'aquella epocha, forçados a defrontarem-se com a insolencia ingleza.

Escasseia-nos o espaço, e já vamos ultrapassando os minguados lindes que nos foram prescriptos; mas assim mesmo, e embora de relance, relataremos a contenda em que Rodrigo Pizarro se salientou na sua qualidade de ministro dos negocios estrangeiros.

Fazendo cavallo de batalha, como sempre que quer pescar nas aguas turvas, da questão da escravatura, Lord Brougham, interpretando a opinião ingleza, fizera a Portugal accusações violentas, que Rodrigo Pizarro, então senador, rebateu e repelliu n'um discurso energico pronunciado na sessão de 26 de fevereiro de 1839, e que anda impresso com o titulo de: *Portugal desaggravado das injustas asserções de Lord Brougham.* Em fins d'esse anno, sendo já ministro, e presidente do conselho em Inglaterra Lord Palmerstron, a questão aggravou-se, e as insolencias da Inglaterra, tanto como as suas exigencias, tocaram a meta. Foi então que elle redigiu a famosa *Nota dirigida a Lord Howard de Walden, ministro de Sua Magestade Britannica, ácerca do procedimento do governo inglez para com Portugal,* — nota cheia de hombridade, que constitue o mais patriotico, viril e nobre desforço que jámais se vira desde o tempo do marquez de Pombal, e que jámais se tornou a vêr até os nossos dias. Repellindo com indignação o epitheto de negreiros que se nos fazia, a nota de Rodrigo Pizarro proclamava alto e claro não ser estranho para a Gran-Bretanha, não já o trafico dos negros, se não mesmamente o dos brancos.

Irritado com uma altivez de que os portuguezes de ha muito o tinham deshabituado, o governo inglez exigiu a demissão do gabinete, fazendo apoiar a sua exigencia por uma demonstração naval, com ameaça de fazer occupar a ilha da Madeira, se não fosse attendido.

Perante esta imposição brutal da força, o governo cahiu, mas honradamente, de rosto para o inimigo, como costumam sahir os combatentes nos campos de batalha.

Se a memoria do que algures lemos se não equivoca, teria sido ainda o governo a que presidiu, que reclamou da Inglaterra o cumprimento de antigos contractos.

Caso foi ter-se a Gran-Bretanha compromettido, dado que tomasse a ilha de Ceylão aos hollandezes, que nol-a tinham tirado, a restituir a Portugal a cidade e porto de Colombo.

A ilha passou ao dominio inglez, mas a Inglaterra é que não quiz saber de compromissos, e a reclamação do governo portuguez não conseguiu senão enfurecel-a.

Rodrigo Pizarro, já feito barão da Ribeira de Sabrosa havia quatro annos, pouco sobreviveu a este successo.

Quinze mezes depois, e sendo então senador eleito em 1840 pelo circulo de Aveiro, falleceu em

Manoel da Silva Passos
(Segundo uma gravura antiga, publicada em 1864)

Villar de Maçada, terra da sua naturalidade. Tinha apenas 51 annos de idade.

Foi illustrado como poucos e corajoso como nenhum. Manejando com egual maestria a penna e a espada; fazendo frente aos inimigos no campo e aos adversarios na arena; cultivando mesmo a poesia como o prova a sua ode e ainda um poema satyrico que lhe attribuem — *D. Rodrigo* sahiu da vida publica com as mãos honradas e a sua reputação immaculada. Forte nos seus direitos e conscio dos seus deveres, arcou sempre a rosto descoberto com todas as tyrannias, com todos os despotismos, sem curar de saber dos perigos a que se expunha e dos rancores que podia crear. Perante o estrangeiro que pizava affrontosamente o solo sagrado da sua patria, abandonou o remanso tranquillo do claustro pela agitação temerosa dos campos de batalha; com a mesma serenidade de animo de quem cumpre um dever sagrado, insurgiu-se contra a tyrannia sanguinaria de D. Miguel e o despotismo abusivo de D. Pedro; e hoje, encarado a sangue frio, em parallelo com os politicos do nosso tempo, elle surge-nos tão grande, que ao pé d'elle, os homens de agora, nos apparecem como um bando de tristes e dessorados pygmeus.

Isto já não é descer, — é cahir.

Alexandre Herculano, outro dos tempos heroicos, enojado com as miserias da nossa politica mesquinha e baixa, dizia desconsoladamente que *isto, lhe dava vontade de morrer.*

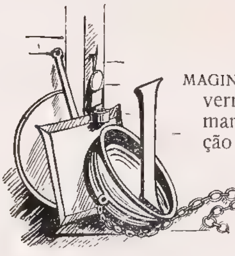
E ainda o illustre historiador não presenceara o que nós outros, que amamos a nossa patria e tanto por ella nos interessamos, temos presenceado com o coração comfrangido de tristeza: a decadencia a que constantes e successivos erros de todos, governantes e governados, nos tem conduzido. Se assim fôra, se elle podera, como nós, contemplar o miserando espectaculo d'uma nacionalidade desorientada e inconsciente, sem a noção exacta dos seus direitos e por vezes até sem a comprehensão rigorosa dos seus deveres, não se limitaria ao simples desejo de morrer. Iria mais longe: era capaz de se matar!

VIEIRA DA COSTA.

Os serões de inverno

ENTRE

OS MIRANDEZES



IMAGINEMO-NOS em pleno inverno, mezes de dezembro a março, periodo de paralysação dos trabalhos agricolas e do descanço, por isso mesmo, das populações ruraes. Todos recolheram o cereal, principal alimentação, e fizeram, ou se preparam para fazer, a matança do porco, cuja carne preparada, muito contribue para resistir ás neves e geadas d'este periodo frigidissimo.

É noite e, pelas ruas dos povoados, veem-se as pequenas luzes das lanternas portateis, em geral de um só vidro e alimentadas por azeite d'oliveira, movendo-se e indicando o caminho e direcção do conductor. Seguindo-o, observar-se-ha que elle entra para a loja dos animaes que, á porta, esperam pacientemente a vez de entrarem e collocarem-se á mangedoura, que o habito lhes faz conhecer, sem perigo de engano, e onde os espera a ração, que vem supprir a deficiencia das pastagens, na epoca invernosa, e que cuidadosamente foi armazenada nos mezes de verão.

Estão *accommodados*, como elles dizem, as vaccas, as bestas e todos os animaes; a lanterna mostra, ao conductor, o caminho da lareira, onde é esperado para a ceia, em commum com a familia e familiares. A lenha arde, e, sentados nos escabelos, todos estendem, e esfregam as mãos, para a fogueira afim de lhe absorver o calor, que vá animar o corpo frio. Conversam em assumptos agricolas, dando cada um conta das observações feitas nas sementeiras; um e outro manifestam as suas impressões; o tempo corre molhado ou secco; é proprio ou não para as sementeiras, para os gados; diagnosticam bom ou mau anno de *pão*, de pastagens ou outros productos.

Vem a ceia. Em seguida os visinhos apparecem para fazerem o serão e installam-se tambem á lareira. A conversação continúa no mesmo sentido e uns dão a outros informações sobre o que viram nas suas e alheias propriedades ou gados. Estabe-

... e, pelas ruas dos povoados, veem-se as pequenas luzes das lanternas portateis ...

(Desenho do snr. João Augusto Ribeiro)

lece-se uma especie de inquerito expontaneo, em que o visinho informa o visinho das observações, do que viu, nas propriedades ou gados. D'aqui a facilidade com que, entre os mirandezes, se descobrem os attentados contra a propriedade, os damnos causados por pessoas ou animaes em propriedade alheia, os furtos e roubos; os proprietarios fiscalisam as suas coisas e as dos visinhos e informam-se reciprocamente.

Em volta da lareira, que é continuamente alimentada, veem-se homens e mulheres; estas, de rocca á cinta, fazem girar o fuso, e vão enrolando

Em volta da lareira, que é continuameute alimentada, veem-se homens e mulheres.
(Desenho do snr. João Augusto Ribeiro)

o fio de linho e da lã, que os ha-de vestir, e que no começo da primavera irá ao tear para fazer os tecidos. A conversa prosegue animada, mas o dono da casa bate as palmas e annuncia que se vae rezar a *corôa*. Faze-se silencio; o fuso continúa a girar, os homens tomam posição respeitosa, o dono da casa faz o signal da cruz (persigna-se, dizem elles), todos o imitam e pronuncia o primeiro *pater-noster* (padre nosso) que é correspondido, em côro, por todos os presentes, passando em seguida uma conta do rosario. Seguem-se as *ave-marias*, a que o côro responde com as *santa-marias*, e por cada uma vae correndo uma conta do rosario, até que mais não haja.

Seguem-se as orações aos santos, ás santas, pelos vivos, pelos mortos, pelos ascendentes, aos anjos, pelas almas, pelos navegantes, pelos viajantes, escolhendo os santos patronos dos animaes, das sementeiras (até tem santos para os ventos, para as trovoadas, para as epidemias humanas e animaes) e termina por uma *salve-rainha* á virgem; então as creanças que, de olhos meio fechados, por força do somno, acompanharam as orações, pedem as bençãos aos presentes, beijando a mão, que se lhes estende.

E já que fallamos no uso da benção familiar, patriarchal, e na qual se manifesta o respeito e confiança dos novos pelos velhos, devemos accrescentar que esse uso transpoz, como era natural, o limiar da familia, para se exercer, com o mesmo caracter, no convivio social.

O parocho é reconhecido como um verdadeiro pastor e a elle se dirigem, onde quer que passe ou seja encontrado, todas as crianças pedindo a benção, para o que deixam ou interrompem os brinquedos. O mesmo praticam com o mestre escola — o professor.

Não é só a corôa que se reza em commum. Com as Ave-Marias, annunciadas pelo sino de manhã e á tarde, succede outro tanto. No fim da reza o mesmo uso da benção.

Pedem a benção os filhos aos paes, os afilhados aos padrinhos, os novos aos velhos; os padres dão, a beijar, a palma da mão, e as outras pessoas as costas, acompanhando o acto com as palavras sacramentaes «Deus te abençõe, e te faça um santo».

Em familia este uso faz parte, ou antes, constitue uma regra educativa. Os filhos solicitam a benção a seus paes de manhã e á noite, ao levantar e deitar. É mais alguma coisa que respeito e consideração; é o reconhecimento da superioridade do chefe de familia, o symbolo de união entre elle e seus membros. Será por isto, além d'outras causas, que a familia mirandeza não se dispersa, ainda que seus membros deixem o tecto sob que nasceram; é por isso que teem certo culto pelo *tronco*, como elles dizem, ou seja em manter na familia os bens patrimoniaes.

Finda a corôa tomam todos o aspecto anterior, animam-se na conversação que vae derivando para outros assumptos, até que o cançaço indica as horas de ir repousar na cama. As mães deitam os filhos, os visinhos sahem para suas moradas, as portas fecham-se, desapparecem as luzes, o silencio estabelece-se em toda a aldeia, apenas interrompido de longe a longe pelos latidos de algum cão mais vigilante, e que á porta da rua se constituiu o guarda da paz, tranquillidade e repouso reparador.

N'estes usos e costumes ha muito que estudar se os submettermos ao criterio da sciencia social; e d'elles ha muitos ensinamentos a tirar. Ficará isso para outro artigo ou para os competentes.

CARLOS ALVES.

FOLK-LORE TRASMONTANO

«Apeia-te, ó cavalheiro,
Que hemos d'ir a merendar».
—Tu que tens, D. Eugenia,
Guardado para me dar?
«Tenho vinho de ha sete annos
Para t'o dar a provar».
—Eu que sei, ó D. Eugenia,
Será muito guardar!
Dá-me cá um copo d'elle,
Que 'inda t'o quero provar.—
Lá no meio da bebida
Começou-se a agoniar.
—Que me déste, ó D. Eugenia,
Que me *fizo* tanto mal?!—
«Dei-te o sangue de cobra
Envolto c'um rosalgar;
Já que me enganaste a mim,
Outra não has-de enganar».
—Coitada da minha mulher,
Que fica sem seu marido;
Coitados dos meus meninos,
Que ficam o meu abrigo.
«'Spira, 'spira, cavalheiro,
Acaba de suspirar,
Que eu ainda tenho dinheiro
P'ra tua morte pagar».

(Carção)

Carviçaes, junho de 1908.

ABBADE TAVARES.

PROVEZENDE

PROVEZENDE é, segundo relato minucioso e bem observado do snr. Saavedra, modesto e intelligente collaborador de Pinho Leal, uma das mais antigas povoações da região duriense em Traz-os-Montes, pois as suas origens se vão esbatendo, pelo decorrer dos tempos, até ao turbilhão mal comprehensivel de lendas e tradições, sem registo de fidedignidade acceitavel nos codices ou documentos antigos.

Aspecto geral de Provezende

Não obstante, como affirma o snr. Saavedra, meu excellente guia n'este trabalho, a deficiencia de elementos que habilitem o monographo a um estudo regular e claro sobre a sua fundação, póde affirmar-se que o velho burgo, com este ou outro nome, já existia no seculo XI, e como tal se póde ter na conta de uma das mais antigas povoações do paiz; e as origens da povoação primitiva vão confirmar-se em tempos anteriores aos romanos, visto haver documentos inconfundiveis que assim o garantem.

O snr. Visconde de Villarinho de S. Romão affirma ter observado uma data gravada na fonte de Santa Marinha, antes de ser reformada, onde se lia 3966, ou sejam 38 annos antes de Christo; e a apparição de moedas de prata e cobre, relativas a varios imperadores, como Trajano e Augusto Tiberio Cezar, garantem, decerto, a existencia d'aquelle povo n'estas paragens. D'estas moedas ha collecções interessantes nas casas da Calçada (solar da familia Cunhas Pimenteis) e do Santo (solar do snr. dr. Joaquim Pinheiro d'Azevedo Leite).

Como documentos archeologicos que authentiquem a antiguidade do velho burgo (quero referir-me á povoação primitiva conquistada pelos mouros e 23 annos depois reconquistada pelos christãos, como reza a lenda), contam-se a antiga egreja parochial, hoje capella ou ermida de Santa Marinha, ou antes, Santa Marinha do Senhor Jesus, e varias sepulturas, singelas e de fabríco muito primitivo, que o povo, na sua natural ignorancia, tem destruido ou aproveitado para alvenaria de edificações.

Esta capella, como affirma o snr. Saavedra, é um dos mais interessantes documentos da antiguidade, na região, por ter atravessado, intacta, tão apreciavel numero de seculos. Ficava situada em local ermo, embora aprazivel, e isto mostra a razão de ella talvez ter sido não só matriz de Provezende,

PROVEZENDE—Romaria do Senhor Jesus que annualmente se realiza no largo e capella de Santa Marinha

mas tambem dos povoados de Gouvães, S. Thomé do Castello e ainda de outras terras de Além Douro, na Beira Alta. Pelo menos os mortos d'estes logares eram enterrados em Provezende. E tambem prova esta presumpção a existencia de um altar exterior que só se justifica para n'elle ser dita a missa, quando o povo não coubesse na egreja.

Parece que esta capella pertenceu a um mosteiro, talvez de templarios, como se esclarece pelas cruzes da ordem que ainda lá se veem; e do mosteiro, ainda ha pouco se verificava a accumulação de materiaes que se aproveitaram para muros de vedação e outras applicações (1).

Pelo aspecto actual da antiga villa, nada se conclue da sua antiguidade, porque nem uma unica edificação coeva das suas origens se constata alli hoje.

A antiga Provezende ou antes a provisoria povoação que os christãos fundaram em seguida á conquista dos mouros, compunha-se de tres pequenas aldeias situadas no valle ou lameirão, ao fundo da montanha, e não onde se encontra presentemente, logar a que ainda chamam São Joannes ou San Joanne, que era o nome do antigo povo e cujo padroeiro, S. João, continua a ser o orago da freguesia. D'estas aldeolas não restam vestigios sequer, porque as suas construcções, demasiado ligeiras, em schisto, sem serem rebocadas, facilmente desappareceram. E parece que semelhante norma de construir obedecia á esperança, bem fundada, de mudar a povoação para o logar primitivo, mais apropriado e sadio, como era aquelle que então occupavam os mouros, e que os christãos contavam em breve conquistar, como realmente se verificou.

Largo da Praça e Egreja Matriz

O nome de Provezende, que tudo leva a crer tenha sido dado á povoação como homenagem ou reconhecimento a algum homem assim chamado, digno de semelhante honraria por serviços prestados na expulsão dos mouros ou outros de qualquer especie, é justificado por uma lenda, embora pouco verosimil, todavia interessante, e que, como tal, aqui vae reproduzida:

Um mouro (os mouros, para justificação de etymologias difficeis e imaginosas, foram sempre elementos soberbos) um mouro, dizia, chamado Zaide apossou-se, batendo os christãos seus possuidores, de uma fortaleza que existia no monte de S. Domingos, onde hoje se vê a capella sob a invocação d'este santo, e ahi se installou, restaurando-a e convertendo o templo romano (?) que lá encontrou em mesquita propria para o seu culto.

Os expulsos christãos, que se haviam installado no valle, não se conformaram com semelhante visinhança; e em occasião propi-

(1) Logo que seja possivel a *Illustração Trasmontana* obterá o material photographico indispensavel para a monographia d'este interessante documento historico, que será confiada a um dos seus mais illustres collaboradores, archeologo distincto e scintillante escriptor.

cia, atacaram a fortaleza com denodo, exterminando toda a mourama que encontraram, escapando milagrosamente o mouro Zaide, montado no seu fogoso cavallo.

Succede, porém, cavallo e cavalleiro cahirem na encosta hoje chamada Gache (a lenda conserva todos estes detalhes preciosos!) e ahi, os christãos que o perseguiam, assassinaram-nó a golpes terriveis. E, no acceso da lucta desigual, sem esperanças de soccorro, o infeliz mouro bradava: Prove Zaide! Prove Zaide! E assim, muito commodamente, ficou arranjada a etymologia de Provezende.

PROVEZENDE e ROSARIO

Ainda outra lenda, variante da primeira, pretende justificar a etymologia; mas, ainda que mais acceitavel e tambem interessante, não é de todo verosimil, nem d'ella consta referencia em qualquer documento que auctorise credito seguro.

O snr. Saavedra aventa a possibilidade de o nome de Provezende não ser mais do que a corrupção de *Provisolo,* nome que os romanos haviam tambem dado a um ribeiro nas proximidades de Pedralva; mas, ainda que mais acceitavel do que a lenda de Zaide, não me parece tambem muito provavel. Aponto-a, apenas, como curiosidade e em consideração ao auctor.

Ultimada a conquista da fortaleza, e expulsos definitivamente os mouros d'esta região, trataram os conquistadores de installar, em melhor local, a sua povoação, o que só levaram a effeito completo 73 annos depois, que parece ter sido o tempo indispensavel para as novas edificações, ahi por 1188, no reinado do rei povoador, ou, segundo outra interpretação, em 1150, no governo de Affonso Henriques.

Aqui construiram egreja matriz, da qual não ha memoria, senão por suas ruinas definitivamente demolidas para a construcção da parochial de hoje, bastante espaçosa e de solida construcção, mas sem nenhum detalhe artistico digno de nota e sómente do registo de suas optimas alfaias e paramentos (1). Da antiga fortaleza poucos vestigios ha a não ser uns restos de muralhas e uns desmantellados signaes do que deveriam ter sido os baluartes ou torres, encontrando-se em seu logar como disse, a capella de S. Domingos, de construcção recente, mas já bastante damnificada pelo vandalismo indigena, que, na ancia de descobrir thesouros, tem por alli minado o sub-solo!

PROVEZENDE — O Pelourinho.

E em toda a parte, cujas origens remontam ou se suppõem remontar ao periodo arabe, mourisco ou serraceno, a pittoresca phantasia das *mouras encantadas*, a dobarem as suas brilhantes meadas de fio d'oiro, não se despe do espirito do nosso povo.

É uma prova incontestavel, evidentemente, da sua falta de instrucção e dos poucos esforços que se tem empregado para desobstruir e lapidar estes cerebros embotados.

E afinal bem simples seria a missão, se os nossos professores primarios, como bons e excellentes educadores que deviam ser, e os parochos — os parochos principalmente — com toda a sua auctoridade moral, se quizessem entregar a este humanitario e benefico trabalho.

(1) A parochial de Provezende era provida de ricos paramentos e alfaias valiosas que, em grande parte, foram roubadas pelos francezes quando por estas paragens tudo invadiram.

* * *

Provezende teve, como muitos outras povoações, todas as regalias e privilegios especiaes relativos aos *coutos* ou *homisiados* do reino, podendo a ella recolher-se todos os criminosos ou facinoras de outras terras, sem que podessem ser incommodados, presos ou condemnados pelas auctoridades estranhas ao couto, nem mesmo por ordem expressa do rei (1).

Estas regalias e privilegios dimanavam da exclusiva vontade dos reis que os concediam indifferentemente a esta ou outra povoação e que, no geral, serviam para d'ellas fazer mercê, como recompensa de serviços a personalidades de vulto, a congregações ou collectividades religiosas.

Casa do Santo, do snr. dr. Joaquim Pinheiro d'Azevedo Leite

O couto de Provezende parece que foi concedido antes do reinado de Affonso I; todavia só no governo do conquistador é que apparece a primeira carta de doação ou renovação que é feita a favor da congregação de Santa Marinha, em 1128, a qual, por seu turno, a legou ao arcebispado de Braga, sendo esta herança confirmada depois em Guimarães pelo mesmo monarcha e todos os do seu conselho (2).

E' muito curioso o theor d'esta carta de confirmação e que por isso merece aqui ser transcripta, conforme a traducção do snr. Saavedra:

«Faço doação e concedo este couto, que agora irijo, á Sé de Braga.

Se algum homem vier, *quer seja eu* ou pessoa do meu sangue, e queira entrar e violar o seu terreno será obrigado a pagar 6:500 soldos, por preceito real, tanto a vós (arcebispo) como aos vossos successores, e além d'isso, quanto prejuizo fizer pagal-o-ha quadruplicadamente, e seja excommungado da Santa Madre Egreja, como Judas, o traidor, e seja castigado por sentença de anathema perpetuo, etc.».

PROVEZENDE—Casa do Belleza

Por este documento e outro ou outros anteriores, o arcebispado de Braga tinha n'este couto jurisdicção plena, civel, crime e orphanologica, com mero e mixto imperio, sendo de sua unica e exclusiva competencia nomear os seus funccionarios e juizes, não admittindo ordens de outra procedencia, nem mesmo reaes.

Este poderio dos arcebispos está confirmado pelas inquirições de Affonso III sobre a doação do couto de Provezende, d'onde se colhe este interessante documento, cuja traducção já feita do latim, aproveito:

«Pedro Mendes, juiz de Provezende, ajuramentado e interrogado se o rei é o padroeiro d'esta egreja, respondeu que não.

Perguntando-se-lhe de quem ella é, respondeu que da Sé de Braga. Perguntado d'onde a houve, respondeu que ouviu dizer a homens que o sabiam, que uma irmã do conde D. Henrique, deu esta egreja e esta

(1) Ainda hoje Provezende, sem que isto involva desconsideração pelos seus moradores, parece usufruir as regalias do antigo couto; pelo menos nos jornaes se affirma que criminoso grave por aquellas paragens vagueia intangivel á acção das justiças do paiz.

(2) É opinião do snr. Saavedra, que D. Affonso Henriques foi levado a *coutar* as terras de Provezende á congregação de Santa Marinha, como reconhecimento da fórma como elle alli foi recebido e agasalhado. A tradição diz que o fundador da monarchia se alojára n'uma casa que existiu até meados do seculo 17.º, e que por isto ficou conhecida pelo nome de paço; é, porém, pouco provavel, porque era costume da epocha os principes christãos hospedarem-se em casas religiosas, nas terras onde não tinham palacios proprios.

villa á Sé de Braga».

E assim todo o poder judicial e administrativo residiu, por largos annos, na sé primaz, visto que as auctoridades dependiam de sua nomeação e conservação, até que o couto foi extincto ou eliminado em 1836, como todos os outros, passando Provezende a ser cabeça de concelho até 1853.

Em 1834 ainda a então villa de Provezende tinha juiz ordinario do civel, crime e orphãos, que realisava uma audiencia por semana; possuia camara, almotaceis (¹), alcaide, contador, distribuidor e procurador; e sob o ponto de vista militar contava um capitão mór e sargento mór com predominio nos tres coutos — Provezende, Gouvães e S. Mamede de Riba Tua — tendo cada um d'elles uma companhia de ordenanças com seus respectivos capitães, que tanto se salientaram n'aquella região no agitado periodo politico das luctas civis do paiz.

Aspecto geral de Gouvães

O povoado actual fica situado n'uma encosta de mortificante accesso, por esta quadra calmosa, a quem, do Pinhão, por S. Christovam, se abalança a tal commettimento, por caminhos vicinaes quasi impraticaveis mesmo para as alimarias trainadas n'estas ascensões temerarias, ou pela estrada municipal do Pinhão a Sabrosa, que passa junto da capella de Santa Marinha, dois kilometros afastada da povoação.

Pelourinho e paços do extincto concelho de S. Mamede de Riba Tua

Faz parte do concelho de Sabrosa, como uma das mais importantes freguesias; e, judicialmente, constitue um julgado ou juizo de paz que abrange as freguesias de Provezende, S. Christovam, Gouvães, Covas do Douro, Gouvinhas, Paradella de Gouvães e Celleirós de Panoias, dependente do juizo de direito de Villa Real.

Sem uma unica estrada ordinaria que a ligue directamente á cabeça do concelho ou á estação ferro-viaria mais proxima na linha do Douro, o seu commercio e industria, que residem na viticultura, outr'ora florescente, tem decahido extraordinariamente; e a

(¹) Almotacel ou almotacé era uma especie de fiscal ou inspector dos pezos e medidas, que a seu cargo tambem tinha a missão de estabelecer ou taxar o preço dos viveres.

sua situação geral economica é semelhante á da maioria das povoações viticolas do Douro - sómente miseravel.

Com uma população pequena, mas relativa aos seus duzentos e tantos fogos (dados estatisticos exactos, é coisa difficil obter-se n'este paiz), agglomera-se o povoado, ao contrario de muitos outros, n'um só grupo de casas arruadas, algumas de conforto e espaçosas, apalaçadas outras, como se vê pelas gravuras que illucidam esta nota descriptiva; mas na sua maioria de aspecto pobre e humilde, que bem dão a taxa do viver da grande parte dos seus habitantes. As ruas, porém, são tortuosas e de nenhum acceio, consentindo-se ainda alli, até ha pouco, o uzo quasi sempre tão nefasto á salubridade, de n'ellas se prepararem estrumeiras ou montureiras para adubação das terras.

O extincto concelho compunha-se das freguesias de Provezende, S. Christovão do Douro, Gouvães, com o seu couto, logar do Pinhão, hoje uma das mais importantes freguesias do concelho de Alijó, Covas do Douro, Gouvinhas e Paradella de Guiães; actualmente é uma freguezia de restricta importancia, tendo por limites, ao norte, a serra da Cuca; ao NO. o ribeiro da Terra Feita; ao SE. o rio Pinhão; ao S., SO. e O. o ribeiro do Fontão e a serra do Infantado, que é o prolongamento da serra da Cuca.

Fonte publica de Provezende

Como a maior parte do solo do Alto-Douro, a natureza d'este terreno é de rocha sedimentar (schisto) pertencente ao periodo Siluriano, sem duvida muito productivo, mas, no geral, de difficil cultura, excepto a vinha, por falta de agua para boa irrigação.

Todavia, as suas producções, além do vinho que é considerado como um dos melhores do Douro, especialmente o branco, constam de excellente azeite, ainda que no seu fabríco só se empreguem processos antigos, batatas e fructas muito apreciaveis.

A industria da freguesia é apenas a da vinicultura, pouco prospera, devido á formidavel crise que avassala toda a região duriense, e que não ha esperanças de debellar; e, em pequena escala, o fabríco, ou industria caseira, do pão de centeio, que é excellente, para consumo proprio e das freguesias e herdades do termo.

Gosam aqui justa fama de entendidos viticultores, e dos mais praticos de toda a região vinicola, muitos dos seus habitantes, destacando-se, entre elles, o proprietario da casa do Santo, dr. Joaquim Pinheiro d'Azevedo Leite, que foi o primeiro introductor da vide americana no Douro, e é um dos mais abastados e antigos proprietarios do concelho.

A vida em Provezende, como em todas as aldeias da região vinicola, só é interessante durante o periodo das vindimas e restante faina do fabríco do vinho; depois cahe no monotonismo habitual, só amenisado para uns pelas restrictas distracções que lhe proporciona um club recreativo, ha annos organisado, e para outros, pela palestra amena que se obtem pelo convivio, facil de estabelecer, com as pessoas illustradas da terra.

Como signal de civilisação moderna, teve já esta povoação, ha annos, um periodico semanal; mas curta foi a sua vida porque, talhado para propulsor do progresso local, enveredou por errado caminho, estiolando-se dentro em breve á mingua do auxilio indispensavel para a sua existencia.

Como já se viu Provezende não possue monumentos, antigos ou modernos, dignos de nota e que attestem a vetustez do povoado ou a sua importancia actual.

Além das casas apalaçadas do Belleza, do Santo, etc., aqui reproduzidas de excellentes photographias d'um prestante filho de Provezende, snr. Antonio Pinheiro d'Azevedo Leite, obsequioso e dedicado collaborador d'esta revista e habilissimo photographo amador, só ha a registar, além de algumas capellas de minguado ou quasi nullo valor architectonico ou historico, com excepção da de Santa Marinha do Senhor Jesus, o pelourinho, construido em 1573 e que se compõe de uma columna monolithica encimada por uma especie de gaiola, muito semelhante ao pelourinho de Guiães, conservando ainda parte d'uma corrente de ferro; e uma fonte publica ou chafariz construido em 1755, onde se encontram gravadas as armas portuguezas e as insignias archipiscopaes, como signal evidente da antiga aucto-

ridade da egreja bracarense.

Em tempos, pelas festas do Espirito Santo, realizava-se uma feira annual que foi bastante concorrida; hoje ha apenas um mercado semanal onde abunda toda a especie de hortaliças e excellentes fructas produzidas na região.

O commercio, além do vinho de que já fallei e cuja producção regula por mil e duzentas pipas annuaes, conforme as informações colhidas recentemente, é muito pouco importante, limitando-se á importação de milho e batata para consumo local, e que a freguesia não produz em quantidade sufficiente e dos generos de principal necessidade e fazendas de mais facil venda. Ha, para este effeito, varios estabelecimentos, mas só dois de relativa importancia.

Pelourinho de Guiães

Para a instrucção contam-se duas escolas officiaes primarias, uma para o sexo masculino e outra para o feminino, muito pouco frequentadas, e uma particular proficientemente dirigida.

O recenseamento escolar, porém, accusa um movimento de 220 alumnos de ambos os sexos, em média annual, e a percentagem de analphabetos, sobre a população total de 1:200 habitantes, regula por 70 %! E vá que não é das freguesias onde se regista maior numero de analphabetos.

Ainda segundo o snr. Saavedra, Provezende foi berço de varios homens de especial notabilidade, especialmente em epochas mais arredias, distinguindo-se, entre todos, os que seguiram a carreira das armas. D'estes ultimos tem direito a registo especial Nuno Gonçalves de Gusmão, que viveu no reinado de Affonso v, e com este monarcha fez a expedição a Arzilla em 1471. Era de linhagem fidalga, vendo-se em seu escudo as meias luas que indicam victoriosos feitos dos antepassados contra as armas agarenas.

Amaro Fernandes Godinho, cavalleiro professo da ordem de Christo, que foi altamente recompensado por D. Pedro II, pelos seus brilhantes feitos militares, assistindo ao assalto e tomada de varias praças e tomando parte activa e valorosa em oito formidaveis combates.

Ambos tiveram larga descendencia que tambem se destinguiu pelo seu valor e audacia militares ou pela sua alta vocação para as sciencias e para as letras.

Em epochas mais modernas o concelho destacou-se por seus filhos illustres e pessoas de alta distincção, como Jeronymo da Cunha Pimentel, da casa da Calçada, que foi juiz de fóra, desembargador, conservador dos inglezes, ouvidor do crime e familiar do santo officio, etc., e outros egualmente notaveis pelas altas posições que occupavam ou pelo seu saber e intelligencia.

Por estes tempos era Provezende terra prospera e rica e o seu nome gosava a fama que a sua prosperidade justificava. Hoje é o definhamento lamentavel a que se assiste, como caracteristica inconfundivel dos povoados durienses.

E se o futuro da viticultura regional não fôr mais desafogado e feliz do que, desde alguns annos a esta parte, tem sido; se as pessoas a quem o caso compete se não interessarem pelos melhoramentos materiaes de que esta região carece, principalmente da construcção do ramal já estudado que deve ligar a povoação, pela estrada municipal, á villa de Sabrosa; a antiga e pittoresca villa de Provezende continuará a jazer em deploravel quietude, quando não tenha de ceder ao anniquilamento completo provocado pela indolencia d'uns ou pela incapacidade governativa d'outros.

Estes dois factores terriveis, que tanto se tem empenhado na derrocada do famoso paiz do vinho, uma das mais formidaveis fontes de riqueza d'este paiz, completarão a sua nefasta obra de abatimento, se uma nova e superior força de vontades e energias incansaveis de excellentes patriotas, mas patriotas simplesmente, desintegrados de conluios politicos, que toda a iniciativa entravam, não se oppozer energicamente á realização da catastrophe.

Junho de 1908.

CARLOS DE MAGALHÃES.

Glossario Trasmontano [1]

* *Aganar*—Murchar. *Figos, uvas aganadas:* molles e encorrinhadas, que não chegaram a amadurecer.

* *Arincú*—Pyrilampo.

Bêbra (Bebera ou abebera)—Especie de figo branco ou preto retinto, esguio e comprido, que parece peculiar do Douro. É o mais saboroso dos figos, mas o que mais rebenta a bocca. Os melhores são das margens do Douro e Córgo.

* *Borrista*—Trapaceiro no jogo.

* *Cócora*—Castanha cosida que não foi parcialmente descascada.

* *Empalhada* Vagens seccas de que se serve depois de longamente demolhadas. *Caldo de empalhada.*

* *Farta velhacos*—Especie de feijão grande e branco, geralmente chamado *feijóca.*

* *Flôr do caniço*—Fuligem. *Homem ou mulher côr de flôr do caniço:* negro como um tição.

Gadanha—Colher de ferro em fórma de concha com que se mexe ou esvasia as panellas. É tambem termo usado nas Beiras.

* *Hórtos*—Rebentos das couves.

* *Inchume*—Inchaço artificial. Diz-se d'uma saliencia muito pronunciada: *fazer inchume.*

* *Interpicar*—Implicar, metter-se com alguem. (Em geral applica-se á perseguição d'um rapaz a uma rapariga).

* *Marósca*—Bebida feita de bagaço, agua e vinho ou uvas. Difere da agua-pé e do vinho chamado de bagaço.

* *Pila, pila!*—Modo de chamar as gallinhas. É seguido de *chú, chú.* Pila, pila, chú, chú! Sendo gallo diz-se *pilão.*

V. C.

(1) No numero anterior sahiu por equivoco *rága* em vez de *róga.*

Agulheta ou musgo Folha de pinheiro.

* *Alla*—Phrase intimativa que significa: vá-se embora, não se demore. (Do franc. *aller?*).

* *Brôeira*—Movel de madeira destinado á guarda e conservação do pão de milho.

Caiador—O que caia ou branqueia com cal. Trolha. Alvaneu (termo alemtejano).

* *Calço*—Socalco. Leira estreita nas encostas dos montes para cultivo das vinhas.

* *Caldeira*—Vaso cylindrico de ferro para uso de cal.

Canelha ou *canelho*—Quelha, passagem apertada.

* *Ceboleira*—Maçã rainêta.

* *Cherubia*—Cerefolio, planta umbellifera hortense, muito cultivada no concelho de Chaves.

* *Cobêrto*—Alpendre, telheiro, etc. Cobertura de telha para abrigo de alfaias agricolas, lenhas, lagares, alambique, etc., no geral dentro do *quinteiro.*

Felugem—Fuligem.

* *Geira*—Salario ou diaria dos trabalhadores do campo.

* *Ingarilho* ou *ingarêlho*—Pessoa doente ou fraca. Tambem se emprega no sentido de presumido, bunifrate.

Lustro ou *lustre* - Relampago.

* *Malapio* - Desconfiado, descontente, adoentado.

* *Pico, picão*—Ferramenta de pedreiro da fórma de martello com uma ou as duas extremidades em bico, para desbastar a pedra.

Pote—Panella de ferro com tres pernas.

* *Quinteiro*—Recinto fechado pela casa de habitação, curraes e outras dependencias. Eido.

* *Sporrir*—Estenter. (Do latim *sporrigere*).

* *Torgo*—Raiz da torgueira ou urze.

* *Torgueira*—Queiroga, urze.

C. M.

CELEBRIDADES TRASMONTANAS

Antonio José Claudino d'Oliveira Pimentel

(Sanguinea do pintor Antonio Carneiro)

General Claudino

ANTONIO JOSÉ CLAUDINO D'OLIVEIRA PIMENTEL, uma das mais radiantes figuras trasmontanas e tambem vulto grandioso na nossa historia politica e militar do primeiro quartel do seculo passado, nasceu na pittoresca villa de Moncorvo em 1776, sendo seus paes o capitão mór João Carlos d'Oliveira Pimentel e D. Violante Engracia da Silva Torres.

A historia, embora até hoje, em injusta e lamentavel antithese, conserve semi-apagada esta figura insinuante e de valor, para thuribular homens de mediocre grandeza que só tiveram a felicidade de operar em successos de maior importancia, concederá, mais tarde, depois de melhor conhecido esse interessante periodo de luctas, ao grande caudilho da constituição, um registo digno, que lhe perpetue a memoria illustre pelo decorrer dos tempos.

General Claudino

(Segundo uma gravura antiga)

«Durante a guerra peninsular, diz Pinheiro Chagas n'uma illucidativa biographia que acompanhamos, Claudino Pimentel era apenas um official de fileira, e não podia, portanto, adquirir a fama que só cabe aos que figuram nos primeiros planos. Quando se travaram as campanhas epicas da liberdade, jazia Claudino sepultado nas trevas d'uma masmorra. Quando o paiz entrou no seu periodo constitucional, e quando elle, que era homem de parlamento, podia manifestar os seus meritos debaixo d'esse novo ponto de vista, já não pertencia ao numero dos vivos.

Quando o general Claudino mostrou o que valia como parlamentar e como general, foi n'esse curto interregno de 1826 a 28, em que o governo, cuja causa o general defendia, parecia sympathisar mais com a causa dos seus adversarios do que com a causa dos seus defensores, em que tinha o parlamento uma vida perfeitamente ficticia. Pois o general Claudino mostrou então que estava fadado para desempenhar em theatro mais adequado, os mais importantes papeis».

A sua estrella, ainda nos lances menos difficeis e nos mais triviaes detalhes da sua vida, nunca lhe foi propicia, de molde a conduzil-o, por caminhos seguros, ao encontro da fama que lhe devia aureolar a fronte.

Depois de preliminares preparatorios, como relata o Visconde de Villa Maior ([1]) no seu excellente livro *Memorial biographico de um militar illustre*, Claudino Pimentel iniciou a sua carreira militar assentando praça, como cadete de cavallaria de Alcantara, em 1793, obtendo transferencia, n'este mesmo anno, para a brigada real de marinha, suppondo assim que mais breve teria ensejo de entrar em campanha para que o chamava espirito aguerrido e audacioso.

Não foi feliz na preferencia: a importancia guerreira da brigada real resultou muito secundaria, limitando-se a comboyar a divisão portugueza, que, em esquadra mercante, se expediu á Catalunha, para tomar parte na campanha do Roussillon; e o novel marinheiro, de temperamento irrequieto e avido de gloriosos feitos, viu depois a sua acção limitada a cruzar em diversas esquadras que, entre Portugal e Brazil, protegiam o commercio nacional contra as sortidas devastadoras dos corsarios francezes.

([1]) O Visconde de Villa Maior, sobrinho do general Claudino, é tambem um trasmontano illustre, entre os mais illustres, que, pelo seu saber, pela vigorosa intelligencia e pelos relevantes serviços prestados á sciencia portugueza, de que era um dos mais brilhantes ornamentos, tem direito a figurar na vanguarda das «Celebridades Trasmontanas»; e, como tal, devida homenagem lhe será prestada n'um dos futuros numeros d'esta revista.

Terminada esta missão, por desnecessaria, depois da paz de Amiens, já como tenente effectivo, em 1805, Claudino Pimentel obteve licença para proseguir nos seus estudos; e assim frequentava a Academia de Marinha, quando em 1807, Portugal era invadido pelas hostes francezas capitaneadas por Junot.

Depois da conquista pacifica d'este paiz, pelos francezes, que uma criminosa inercia não ouzou perturbar, como excellente medida de segurança futura, ordenada pela tutella estrangeira, o exercito portuguez era reduzido a uma simples e escolhida legião que foi incorporada no grande exercito do avassalador da Europa.

Claudino Pimentel, porém, desalentado por não presentir sequer vestigios de reacção séria e patriotica, como outros officiaes, pondenoroso, abandonou a vida militar e recolheu-se á sua casa de Moncorvo.

Parece, no entanto, que dentro d'aquelle peito valoroso e coração a trasbordar de patriotismo, se abrigava o fermento seguro da revolta, que havia de iniciar o movimento que, de terras trasmontanas, partiria, dentro em pouco, para a expulsão dos invasores.

E assim foi.

MONCORVO—Terra natal do general Claudino

A honra e gloria d'um dos mais energicos gritos de verdadeira revolta pertencem, não ha duvida, á nobre e heroica villa de Moncorvo, que, a 17 de junho de 1808, depois de nomeada uma junta provisoria de governo, presidida pelo desembargador Thomaz Ignacio de Moraes Sarmento (ascendente da familia, ao depois, dos condes de Moncorvo) e apoiada pelas tropas regulares reunidas e organisadas pelo capitão de ordenanças João Carlos d'Oliveira Pimentel, se conspirou energicamente contra o dominio francez, creando assim, com notavel vigor, por todo o norte do paiz, profundo e arreigado espirito de rebellião (1).

Claudino, como engenheiro chefe, foi encarregado da fortificação da villa, para evitar as consequencias da natural investida de Loison, o celebre maneta, ao tempo com quartel general em Almeida; mas não se realizou a previsão porque os acontecimentos do Porto, consequencia evidente do movimento trasmontano, obrigou Loison a correr sobre a capital do norte, o que lhe ia custando graves dissabores, se a tempo não retrocedesse, já com prejuizo das proprias bagagens (2).

Os apertados desfiladeiros trasmontanos não eram já faceis de transpor impunemente, como o tinham sido os da Beira na marcha, sem resistencia, sobre a capital do paiz! E a lição mais salutar teria sido se logo, no inicio, se não houvesse opposto resistencia séria, deixando internar pelas montanhas o feroz general. Assim, diz Pinheiro Chagas, «o desfiladeiro dos Padrões da Teixeira tornava-se tão celebre na historia como o de Baylen, o tenente coronel Silveira ganharia o prestigio que Castaños obteve, e Loison partilharia a triste sorte de Dupont».

N'esta actividade pasmosa de insurreição patriotica, e reorganisado velozmente o exercito portuguez sob o prestigio do famoso tenente-general Manuel Sepulveda, o intrepido e valoroso militar trasmontano, Claudino Pimentel alistava-se novamente no 24 de infanteria, como tenente, para pouco depois substituir os seus galões pelos de capitão; e, n'este posto, acompanhando o seu regimento, tomou parte no bloqueio de Almeida, nas escaramuças de Abrantes e Malpartida, e nas decisivas acções da Roliça e Vimeiro, que constituem, evidentemente, a primeira e mais gloriosa *etape* da guerra peninsular.

Na campanha de 1809, quando o exercito estava convenientemente preparado e disciplinado pelo marechal Beresford, Claudino Pimentel desempenhava o alto cargo de ajudante de campo do general Silveira, heroico defensor da ponte d'Amarante, cujo feito tanto nobilitou o nome d'este militar e o dos officiaes ás suas ordens.

O general Silveira commandava então uma divisão, conhecida pelo nome de «Divisão Trasmontana» que tinha por fim especial guarnecer e defender esta provincia; e se, na campanha de 1809, as tropas, sob o seu commando, se salientaram pela acção de Amarante, pela reconquista de Chaves, quando Soult veio sobre o Porto, e pelo constante

(1) Pinheiro Chagas, seguindo naturalmente o Visconde de Villa Maior, affirma que foi o movimento de Moncorvo o verdadeiro inicio de revolta contra o predominio napolionico. Não foi bem assim: Além dos primeiros alvores de revolução apreciados no Porto e Braga a 9 de junho de 1808, logo abafados pelas auctoridades francezas, como o illustre historiador relata, a 11 do mesmo mez rebentava em Bragança uma revolução de bases solidas, bem cimentada em plano antecipada e maduramente estudado por Manuel Antonio de Souza Madureira Cirne, pelo capitão do 24 de infanteria Bernardo de Figueiredo Sarmento, pelo P.e Paulo Miguel Rodrigues de Moraes, e por Manuel Ferreira de Sá Sacramento, sargento mór de melicias, que proclamaram chefe do movimento o tenente-general Manuel Jorge Gomes de Sepulveda.

Tambem logo alli foi nomeada uma junta provisoria do supremo governo, presidida pelo general Sepulveda, mas semelhante supremacia não foi reconhecida pela junta nomeada em Moncorvo, nem pelos adeptos d'esta de Mirandella e Alfandega da Fé, o que de nenhuma fórma prejudicou o movimento geral do norte do reino, porque todas adheriram á do Porto, depois organisada, como relata L. Soriano na sua *Historia da Guerra Civil.*

(2) D'estas fortificações de Moncorvo ainda restam vestigios apreciaveis na quinta do Campo, nas proximidades da villa.

incommodo que causavam ás communicações do exercito invasor; na campanha de 1910 não menos mostraram o seu valor e coragem tendo de abandonar a provincia trasmontana para se baterem como leões nas provincias hespanholas, sendo os primeiros que, ao som de guerra, pisaram solo francez.

Não partilharam das glorias e laureis do Bussaco e de Torres Vedras, mas sustentaram com valor indomavel as gloriosas batalhas dos Pyreneus com as forças de Soult, em que tanto se distinguiu o capitão Claudino Pimentel.

Regressando ao reino, no posto de major, ganho por distincção, Claudino era encarregado d'um alto cargo de confiança — instruir e organisar novas forças de infanteria, com recrutas modernos, para no mais curto prazo de tempo possivel ir dar novo alento ao exercito anglo-luzo, já depauperado e exhausto de tanta fadiga.

Felizmente a guerra peninsular terminava com exito pleno para as nossas armas, e as forças organizadas e instruidas por Claudino não foram necessarias para a continuação da epica lucta.

Antigo solar dos Pimenreis em Moncorvo, onde nasceu o general Claudino

*

A campanha do Rio da Prata se não veio rasgar novos horisontes para a vida triumphal de Claudino Pimentel, mas só proporcionar-lhe mais feliz ensejo para provar o que valiam a coragem e o denodo de um experimentado combatente, serviu tambem, pelo menos, para justificar o conceito em que era tido, porque, em 1815, sendo promovido a tenente-coronel, foi-lhe confiado o commando de caçadores 3, um dos corpos escolhidos para fazer parte da expedição determinada por decreto de 15 de maio d'aquelle anno, e que embarcou para a America em principios de 1816.

Igual cargo era dado ao tenente-coronel Callado, que commandaria caçadores 4; e os dois regimentos iam constituir a divisão expedicionaria, que operaria sob as ordens supremas do marechal-general Beresford, que ao tempo, com a côrte portugueza, estava no Rio de Janeiro.

O auctoritarismo despotico d'este chefe bretão e a sua excessiva vaidade como authentico *generalissimo* do exercito portuguez, levaram-no a praticar a inconcebivel arbitrariedade de exonerar os commandantes dos corpos da expedição para os substituir pelos coroneis João Carlos de Saldanha e Francisco de Paula Azeredo, o primeiro, ao depois, duque de Saldanha, e o segundo, mais tarde, conde de Samodães, sem sombra de respeito por direitos adquiridos, nem consideração pelas glorias conquistadas na guerra peninsular, mas só confiado na incapacidade e indolencia de um rei cobarde, incapaz de uma imposição vigorosa e opportuna, ou de assumir qualquer responsabilidade.

Assim ferido estupidamente no seu orgulho e brio militares, Claudino Pimentel tomou a resolução de pessoalmente se queixar ao rei, talvez na convicção de que justiça lhe seria feita, como se a corôa portugueza residisse em mãos vigorosas e experientes.

Absoluta illusão:

D. João VI reconhecia, em boa verdade, a justiça que assistia ao brioso official, que se acolhia á sua directa protecção; mas a vontade do soberano ia de encontro, sem poder vencer, á teimosia do feroz inglez, que sabia destruir a real e tão debil energia, e Claudino Pimentel entregando o commando do regimento, que passou a ser de infanteria, além d'outras humilhações, que constituiam grande prazer ao estrangeiro marechal, correu o risco de ser obrigado a recolher ao reino, com prejuiso de todas as regalias communs a outros officiaes!

O rei continuava a reconhecer-se impotente perante a audacia e ferocidade do marechal-general; mas animado pela intervenção do ministro, conde da Barca e por Thomaz Villa Nova Portugal, resolveu, por ultimo, negar terminantemente a assignatura para a consummação de tão revoltante acto de injustiça, accedendo então o general inglez a que se desse a Claudino o commando de uns contingentes que deveriam constituir a vanguarda da expedição.

N'este posto de incontestavel responsabilidade e confiança, provou Claudino mais uma vez as suas excepcionaes aptidões de commandante disciplinador e arrojado, contribuindo, por uma fórma inegavel, especialmente pela acção da India Morta, para o bom exito da campanha. Entretanto, diz Pinheiro Chagas, «como Beresford partiu para a Europa, onde ia enforcar Gomes Freire, já que no Brazil não pudera enforcar Claudino Pimentel, este, apenas foi promovido a coronel graduado, tomou conta do commando de infanteria 1, que era o seu antigo 3 de caçadores, e ahi se conservou, até coronel effectivo, estando n'este posto, em Montevideu, quando teve noticia da revolução do Porto».

Aproveitando o ensejo para abraçar os seus principios, depois de se manifestar n'este sentido á frente do regimento que commandava, no posto de brigadeiro regressa a Portugal onde veio prestar relevantes serviços á causa liberal, mas ainda sem que a boa fortuna lhe sorrisse.

Encarregado do commando das tropas aquarteladas em Lamego, o novo brigadeiro, que festivamente tinha sido recebido pelos primeiros generaes do liberalismo—Luiz do Rego, Pego e Pamplona Moniz, foi pelo primeiro chamado como elemento valiosissimo, não só pela importancia das forças de que dispunha como pelo valor da sua tactica militar, tão util n'aquelle momento critico da causa, depois da desastrada prisão de Pamplona Moniz e infanteria 21, pelas tropas dos contra-revolucionarios commandadas pelo conde de Amarante.

Foi então nomeado segundo commandante do exercito; e, como tal, fez frente ao novo golpe d'aquelle titular general que projectava lançar-se sobre o Porto. Foi uma acção renhidissima em que, de parte a parte, houve provas de heroismo extraordinario, salientando-se, porém, em vivo destaque, o batalhão de caçadores 5 que obrigou, por ultimo as tropas do conde a precipitada fuga.

Nomeado em seguida general das armas da provincia de Traz-os-Montes, em breve viria a recompensa do seu valor e da derrota infligida aos inimigos da causa liberal!

A contra revolução conseguira vingar; e os absolutistas, uma vez no poder, pozeram em pratica toda a ordem de vinganças, a cuja acção não podia furtar-se o general Claudino. Sem vestigios de processo, foi demittido e desterrado para a ilha do Fayal e em seguida para a Graciosa, e lá esteve detido dois annos, até que o conde de Barbacena, então ministro da guerra, cedendo a solicitações da familia do proscripto, auctorisou o seu regresso ao continente, indo viver para a sua casa de Moncorvo.

Egreja parochial de Moncorvo, onde parece ter sido baptisado o general Claudino

Proclamada a carta constitucional, cujo facto tão profundamente surprehendeu e enthusiasmou o velho João Carlos d'Oliveira Pimentel, a ponto de ser victimado por uma congestão, o general Claudino foi para Lisboa e alli era recebido com jubilo pelos marechaes do constitucionalismo, reintegrado no antigo posto de brigadeiro, e nomeado general das armas de Lisboa e Belem.

Não exerceu, porém, por largo tempo este logar, como tambem, sendo eleito deputado por Traz-os-Montes, sequer tomou assento nas camaras, porque viu a necessidade de tomar o commando de uma divisão para operar contra os manejos absolutistas.

E d'esta missão se houve brilhantemente, não só repellindo com vigor o inimigo em Amarante, mas tambem em seguida, 9 de janeiro de 1827, o anniquilou em absoluto no famoso combate de Coruche, auxiliado por José Benedicto de Mello, que commandava uma das columnas, e pelos generaes Azevedo e conde de Villa Flôr, que n'esta acção tinha as honras de commandante em chefe.

Não ha duvida, porém, que foi a pericia e excellente tactica de Claudino que trouxeram a victoria e salvaram a constituição de uma derrota mortal, como se confirma. pela voz dos soldados vencedores, n'esta quadra que cantavam ao som do hymno da carta:

Dia nove de Janeiro
De *Claudino a divisão*
Fez em C'ruche triumphar
Liberal constituição.

Concluida esta campanha brilhante, veio Claudino continua a defesa do seu ideal nas camaras, onde se conservou até final da legislatura, para só voltar na sessão de 1828 a tomar então o commando de força armada de Lisboa.

Mas pouco depois, dissolvidas as côrtes por D. Miguel, quando assumindo a regencia, restabeleceu o regimen absoluto, Claudino Pimentel em vez de seguir o prudente exemplo de outros vultos da constituição, como Saldanha, Villa Flôr, etc., que se expatriaram, sem calcular as represalias dos realistas que reconheciam n'elle inimigo vigoroso nas armas e no parlamento, pediu uns mezes de licença para tratar da sua saude em Moncorvo, suppondo talvez que podesse lá conservar-se esquecido dos seus inimigos.

Mas um vulto da grandeza do vencedor de Coruche não esquece facilmente.

Em todo o paiz, mas especialmente em Traz-os-Montes e Beira, a horda miguelista não conhecia limites aos seus desmandos e cannibalismo da vingança que exercia sobre os inimigos carlistas.

Em toda a parte se registam violencias em absoluto improprias de homens civilisados; as traições, as delações criminosas e falsas, os roubos e os assassinatos são as armas temiveis de que se servem os proselitos de D. Miguel, e em cuja execução se salientam, pela selvageria e audacia, os fradalhões, a maioria do clero e o povo estupido e fanatico.

Não é já uma lucta de principios que se debate; é uma briga accesa de paixões ignobeis que degladia duas familias—realista e constitucional, e que traz o luto e a fome a tantos lares!

E Claudino Pimentel, que se julgava esquecido e ao abrigo de vinganças mesquinhas, ia em breve experimentar as consequencias de uma imprevisão lamentavel, que o lançava no periodo mais angustioso da sua vida e que o levaria ao tumulo, sem ter a satisfação de vêr hasteada em Portugal a bandeira da liberdade!

A reacção miguelista em toda a provincia tras-

montana, e já em Moncorvo, tocava as raias do inverosimil; e só então Claudino comprehendeu o risco que corria a sua vida, deliberando, a instancias de seu irmão, a fuga para o Porto. N'esta occasião os realistas preparavam-lhe ignobil cilada:

Claudino Pimentel recebia um mysterioso bilhete de Joaquim Antonio de Magalhães com esta solicitação velhaca e traiçoeira: *Venha, precisamos da sua presença.*

Este convite, acceite com sinceridade, resolveu definitivamente a jornada de Claudino, acompanhado do irmão Luiz Claudio.

A cilada, porém, desmascarou-se em breve, sendo presos os fugitivos a bordo do barco que, pelo Douro, os devia conduzir ao Porto.

As torpezas, as infamias e os maus tratos de que foi victima o illustre prisioneiro não se descrevem no acanhado espaço de que se póde dispôr n'um artigo de revista; era assumpto para largo relato, de incontestavel interesse para bem se avaliar o que foi esse terrivel periodo de luctas intestinas.

Essa via dolorosa que o vencedor de Coruche teve de percorrer sob constante insulto do populacho e padralhada miguelista, dá bem a nota do estado da civilisação portugueza da epoca.

Conduzido a Lamego, a auctoridade local não quiz assumir a responsabilidade do abuso commettido, e enviou ao governador de armas de Traz-os-Montes, o supposto delinquente, para que resolvesse do seu destino.

Debaixo das mesmas vaias e insultos seguiram os prisioneiros para Villa Real, e alli foram recebidos a apupos e aos gritos de «morra Claudino!» E, já cançado de tanta insolencia do populacho local, em dado momento, com toda a auctoridade da sua figura, bradou energicamente o perseguido general:

«O Claudino sou eu! Se ha ahi algum bastante atrevido para me assassinar, aqui me tem!» E esta attitude energica bastante foi para que os insolentes se retirassem, suspendendo-se os insultos!

A auctoridade militar de Villa Real, como em Lamego, não quiz tomar resolução definitiva sobre o assumpto, e devolveu os prisioneiros com destino a Lisboa, fazendo novamente escala por aquella cidade beirã.

D'esta vez o trajecto e a entrada em Lamego fizeram-se com mais regularidade e sem os incidentes desagradaveis dos desmandos populares, acirrados pela ferocidade reaccionaria, graças á intervenção benefica e energica do novo commandante da escolta.

De Lamego seguiram para a capital da provincia, commandando a força o conhecido Espadeiro que não evitou aos presos a mais deploravel recepção, repetindo-se os insultos grosseiros da fradalhada e clerigos miguelistas.

De Vizeu continuou a sua marcha amargurada Claudino Pimentel até Valbelhos, proximidades do Zezere, onde pernoitou, tendo successivamente passado por Mangualde, ponte da Cabra, sobre o Mondego, Serra da Estrella e Carvalhos Juntos.

O que foi esta horrivel travessia não se descreve sem que um justificado sentimento de odio e de desprezo nos anime contra essa horda fradesca que o acompanhava á laia de escolta, assim descripta pelo Visconde de Villa Maior, tal como a reproduz Pinheiro Chagas:

«Não tardou em apresentar-se o commandante d'esta singular escolta.

Era um formidavel frade franciscano: trazia o habito arregaçado, calça justa, botas de montar, banda militar, grande espada á cinta, bacamarte a tiracol; cobria-lhe a tonsura enorme chapeu com plumas e todo enfeitado com fitas e laços encarnados. Doze frades igualmente ajaezados e armados compunham a escolta, que, na rua e já montada, estava esperando os presos.

Poz-se em marcha esta seraphica e ridicula escolta no meio da furibunda multidão dos vadios, expressamente convidados para insultar e maltratar as duas victimas dos odios politicos».

Egreja dos Grillos, no Porto, onde está sepultado o general Claudino

Na Covilhã, foram os prisioneiros aggregados a uma leva de quarenta presos politicos que seguia para Lisboa; e d'alli, por Alpedrinha, Sobreira e Abrantes, quasi sempre sob uma chuva constante de insultos, clemente n'uns pontos, verdadeiramente infernal n'outros, até serem entregues ao tenente Soares que os fez recolher ao castello onde se conservaram alguns mezes.

Depois foram transferidos para a torre de S. Julião da Barra, onde mais tarde ficaram sob a alçada e governo do inquisitorial e estupido general Telles Jordão, figadal inimigo dos constitucionaes, e que os submetteu a inconcebiveis e torturantes provas.

Nos começos de 1830 Claudino Pimentel e Luiz Claudio recebiam ordem de transferencia para o Porto; e para esta cidade vieram com as commodidades que n'estes periodos de barbarismo era costume conceder-se a presos politicos.

E aqui chegados, sob os clamores da gentalha ignobil, deram entrada nas cadeias da relação nas quaes Claudino Pimentel veio a fallecer a 13 de agosto de 1831, com 54 annos de edade.

Tempos depois entrava na invicta cidade o exercito libertador, e já ao general Claudino lhe não era dado ouvir troar o canhão liberal, jazendo no modesto coval da egreja dos Grillos, em que foi sepultado sem honras militares!

«Sem honras militares! diz Pinheiro Chagas. Como não havia de perder-se um partido, por mais numerosos que fossem os seus exercitos, que tinha generaes como Telles Jordão, e onde não havia um homem só que soubesse dizer aos outros que é de boa politica ser generoso com os inimigos que succumbem?!»

CARLOS DE MAGALHÃES.

FOLK-LORE TRASMONTANO

TROVAS POPULARES

1.ª

Nem no mundo ha dois mundos,
Nem no céo ha dois Senhores;
Nem ha coração que possa
Ser leal a dois amores.

2.ª

A paixão que me domina
Dura em quanto a vida dura;
O amor que nasce d'alma
Só tem fim na sepultura.

3.ª

Procurae *ó* sete *estrellos,*
Que bem *no ande* saber,
Em que ponto vae a lua
Quando quer amanhecer.

4.ª

Ó alto balcão d'Italia
De flores *aguarnecido;*
Eu sempre pensei que fosses
Das minhas penas alivio.

5.ª

Fui *ó* jardim da sciencia
Encontral-o meu amor;
Encontrei o teu retrato
Na mais delicada flor.

6.ª

Das flores que ha no campo
O junquilho é o rei;
Tivesteis penas por mim,
Chorasteis que eu bem *no* sei.

7.ª

Chamasteis amor-perfeito
Á herva que o campo cria;
Amor perfeito é só Deus,
Filho da Virgem Maria.

8.ª

Tenho um copo *d'esmeraldo,*
Feito por mão de Cupido,
Fechado com chave d'ouro
Para me fechar comtigo.

9.ª

Lindos prados reverdecem
Para passeiar e vêr;
Quem ama o Bom Jesus
Do mundo se ha-de esquecer.

10.ª

Amar a Deus é doce,
Esp'rança firme e doçura;
Amargos zelos padece
Quem outros amor's procura.

11.ª

Tudo quanto em ti diviso
O mundo me faz esquecer;
Eu trago-te na memoria,
Suspiro só por te vêr.

12.ª

Os mimosos passarinhos
Puxando c'o bico vão,
C'uma cadeia que liga
O teu *ó* meu coração.

13.ª

Do meu coração *ó* teu,
Do teu *ó* meu coração;
Bem unidos e ligados
N'este lenço os fiz então.

14.ª

Vós *chamasteis-me* cereja
E eu cereja não sou;
Sou a Custodia dos Anjos,
Onde o Verbo encarnou.

15.ª

N'este lenço deposíto
As tristes lagrimas, que choro,
Por não poder expirar
Nos braços de quem adoro.

16.ª

Quando te eu dei o sim
No lameiro da verdura,
Então havia de eu dar
O meu corpo á sepultura.

17.ª

Amor puro e verdadeiro
Só em ti o consagrei;
Hei-de-te amar até á morte,
Por ti a vida darei.

18.ª

Auzente d'um bem que adoro,
Que alegria posso ter?
Quanto mais vivo — mais peno,
Mais me valera o morrer.

19.ª

Aqui estou entre caminhos
Onde a desgraça me tem;
Fallo, ninguem me responde,
Olho e não vejo ninguem.

20.ª

Atirei, tu atiraste
Encontraram-se as pedrinhas;
Quando se as pedras ajuntam,
Que farão nossas fallinhas!

21.ª

O amor que em ti puz
Mais valera pôl-o n'agua;
A agua passa e molha,
Não fica pena nem magua.

22.ª

Todas as flores em maio
Se ajuntam a *Solindra*;
Tambem me assubjeitei
A' tua afeição, que é linda.

23.ª

Negro céo, lua não tem,
Tem *relampagos* e *truvões*;
Negra vida não tem goso,
Tem ciumes, tem paixões.

24.ª

'Stá d'anil o céo sereno,
Vae *ó* campo, colhe flores;
Não me importa o céo sereno,
O céo muda as suas côres.

25.ª

As estrellas do céo correm
Tres a tres para o norte;
Menina, se has-de ser minha
Para que te pões tão forte?

26.ª

Soffre o frio de janeiro,
Vae-se junho, fica agosto;
Só tu podias ser causa
De eu provar meu desgosto.

27.ª

Eu bem vi nascer o sol,
Eu bem *no* vi a raiar;
Eu bem vi uma menina
P'lo seu amor a chorar.

28.ª

Já se foi o sol embora,
A' portelinha passou;
Se não era do teu gosto,
Meu amor, quem te obrigou?

ABBADE TAVARES.

REGOA

DENTRO, outr'ora, do paiz do vinho, a Regoa, mercê da falta de criterio dos seus dirigentes, da errada orientação das suas vereações e da inconsciencia dos seus habitantes, continúa, hoje ainda, a ser uma simples villa da provincia trasmontana, tendo aliaz todas as condições para ser, de ha muito, a maior e mais importante cidade de Traz-os-Montes. Nucleo da mais rica zona viticola do paiz, enterporio do movimento commercial entre a fronteira e o Porto, na vasta bacia do Douro, ponto de partida do caminho de ferro do Córgo, e, n'um futuro proximo, do de Lamego, servida por uma via fluvial de primeira ordem, convisinha do fertilissimo valle de Jugueiros e das thermas importantes do Mollêdo de nenhum d'estes elementos soube aproveitar-se para o seu engrandecimento.

Trinta annos depois da abertura do caminho de ferro do Douro, continúa a ser o que era, -com o mesmo perimetro que então tinha, com o mesmo numero das suas ruas, a mesma exiguidade das suas viellas! Augmentou; mas as suas casas novas, quando não foram parar ás margens do Córgo, como filhas emancipadas que se afastam de sua mãe, escalonaram-se pelas encostas de vinha, n'uma confusão de quem busca os effeitos attrahentes do pittoresco.

* * *

A Regoa (1) de hoje, é de origem recente. Remonta a meiados do seculo XVIII, á epocha em que o marquez de Pombal, creando a Companhia Geral das Vinhas do Douro, lhe deu foros de existencia que não tinha. Ao tempo era um deserto, d'onde apenas emergia a igreja matriz, e á beira mesmo do rio, a cabana solitaria d'algum pescador. Para os altos, bom kilometro desviado, estacionava o Pezo, já populoso, tirando o nome d'um antigo casal assim chamado, que ahi houve. Conheceram-n'a os senhores do mundo antigo, a d'uma casa de campo romana, -a *villa Regula* -cujas ruinas ainda hoje existem soterradas, tomou e conserva, pouco alterado, o nome. Pretença, ao depois, de um convento de frades destruido no seculo IX por uma algara mourisca, passou, em parte, nos começos da monarchia, a senhorio dos bispos do Porto, e

Panorama geral da REGOA

em parte o dominio de Egas Moniz e seus descendentes. Séde de parochia desde os começos do seculo XII, só em principios do seculo XVIII foi erecta em concelho. Até ahi pertenceu ao de Godim, extincto em 1837, e no da Regoa incorporado.

O impulso que lhe adveio da creação da Companhia dos Vinhos foi prodigioso, e a Regoa, apenas nascida, cresceu e medrou de tal modo e arte, que chegou a assustar as suas visinhas, Villa Real e Lamego; mas foi tudo um lampejo que se apagou depressa. E desde 1840, epocha em que se ex-

(1) Sobre a historia da Regoa desde meiados do seculo XVIII em diante, é util consultar o livro *Apontamentos para a historia da villa* do *Pezo da Regoa*, por J. Affonso d'Oliveira Soares. Regoa.

tinguiram os privilegios da Companhia, até hoje, marasmada n'um entorpecimento de ser indifferente ou gasto, raro soube tirar partido dos multiplos elementos de riqueza e prosperidade que lhe concederam. N'uma inconsciencia que chega a tocar as raias do crime ou as manifestações da loucura, deixou que lhe inutilisassem todos os meios de engrandecimento, de que outros povos tanto partido sabem tirar.

Foi assim que deixou levar para um kilometro distante do seu centro a ponte do Dóuro, quando na sua parte central tanto e tão profundamente a beneficiaria; foi ainda em harmonia com este principio funesto, que deixou construir a estação do caminho de ferro em local improprio, já pela distancia, já pela impossibilidade de a Regoa poder expandir-se para ésses sitios; e como remate a esse montão de erros funestos, nenhuns exforços empregou para que a linha ferrea do Córgo, estudada primeiro pelo valle de Godim (¹), atravez das ferteis glebas do valle de Jugueiros, Lobrigos, Cever, Cumieira, por alli seguisse e tivesse o seu ponto de partida na parte occidental da villa, no que tanto podia engrandecel-a! Por vezes, até, parece recrear-se com os proprios desacertos, e, quando foi do movimento de Godim, em 1900, para a construcção d'um apeadeiro, em vez de intervir para que o fizessem mais proximo, entre o Senhor dos Afflictos e os Quatro Caminhos, que tanto lhe aproveitaria, achou preferivel oppor-se clara e nitidamente, esquecendo por egual o interesse proprio e os direitos alheios!

REGOA—Barcos no rio Douro

Como consequencia de tudo isto, a Regoa continúa, e continuará a ser uma villa sertaneja de 3:500 habitantes, quando muito, quando podia e devia ser uma bella cidade de 7 a 8:000.

Com a construcção do caminho de ferro de Villa Real pelo valle do Córgo, a Regoa não lucrou, perdeu! Todo o movimento de Santa Martha para o norte cessou, e os de Alem-Douro e Alem-Córgo, retidos na estação situada extra-muros em nada lhe interessam. De modo que a Regoa está hoje reduzida ao movimento, mais que restricto, de algumas freguezias de oeste e duas ou tres do concelho de Santa

REGOA—A rua dos Camillos

(¹) Assim m'o affirmaram. Mas se, contrariamente, tal estudo se não fez, é caso de lastima que a Regoa o não tivesse reclamado, pelo interesse que lhe adviria d'um tal traçado.

Martha. São raros, já hoje, os trens que a percorrem, e estes uuicamente occupados por nm outro regoense em demanda de alguma freguezia rural ou das thermas de Mollêdo. E já nem tem o privilegio de ser, como foi, o emporio principal do paiz vinhateiro, pois o caminho de ferro do Douro reduziu-a a um simples ponto de escala, sem mais importancia, que o Pinhão.

Tal é o quadro hoje; tal o será amanhã e depois, se uma acção energica, reagindo contra um torpôr que tudo depaupera e definha, não determinar uma orientação que rompa de vez com um modo de ser estagnado e depressivo, que tudo estiola e mata. Mas se esta reacção se não der, d'aqui por trinta annos a Regoa será, como hoje, uma pequena villa trasmontana, vegetando n'uma inercia enfermiça de terra condemnada e sem futuro.

REGOA Aspecto do caes

O caes da Regoa, hoje, não é já senão uma pallida e esbatida sombra do que foi. Outr'ora, os barcos, conglobavam-se ahi ás dezenas, e os seus mastros, erguidos a prumo, eram como que uma floresta de arvores seccas, emaranhadas pelos cipós das cordoagens retezadas, e as grossas e largas espadellas, similhando outros tantos troncos derribados, mergulhando as extremidades na agua. Havia-os de todos os tamanhos, de 10 pipas a 80, compridos, esguios, de prôas alongadas e ponteagudas e pôpas conicas; as suas grandes véllas, quadradas e brancas, douradas ás vezes pelo sol nascente ou avermelhadas pelo sol poente, enfunadas pelo vento, eram como immensos papagaios infantis pairando ao de cima das aguas mansas; ao largo, em pleno pégo, as embarcações, subindo ou descendo, sulcavam a corrente de esteiras numerosas, que o sol listrava de luz; mugidos sonoros de buzinas, atroando os ares, annunciavam ás familias dos mareantes o barco atrazado, que chegava emfim; pelas margens pedregosas, longas fillas de marinheiros ou juntas de bois pacificos, sirgavam a embarcação que a calmaria immobilisava; e o ranger caracteristico das espadellas, soando ao longe, como que demarcava, com o alcance dos seus sons, a zona privilegiada onde o vinho generoso prospera e medra. Pelos caes, sulcado de carros de bois e alas de carrejões, subindo e descendo as rampas, amontoavam-se pipas aos centos, não raro aos milhares, vazias ou cheias, de pé ou deitadas, de envolta com fardos de mercadorias, — rimas de saccos e pilhas efemeras de caixas, montões de liaças e materiaes de cascaria; e era nota caracteristica do quadro, a chusma fervilhante da marinhagem, com os seus trajes a preceito, — a carapuça vermelha ou azul,

REGOA—Ponte sobre o rio Douro

REGOA — Grupo de barqueiros preparando uma refeição

erecta e truncada no alto, as ceroulas brancas, ás vezes curtas, a deixarem vêr as pernas nuas até ás coxas, um colete sómente sobre as camisas sujas, vozes nazaes, arrastadas, impando *upas!* no esforço enorme da carga ou da descarga — emquanto flamejava aqui e além o fogacho enfumaçado da lareira ao ar livre, com a pá do barco a servir de prato, e a larga panella de ferro onde se cosinhava o jantar ou a cêa, a caldeirada da sardinha fresca e o magro caldo de batatas e feijões servido em tijellas vermelhas com cogúlos de borôa esfarellada.

De tudo isso, nada ou quasi nada resta já, senão um fugitivo reflexo do que foi, sombra semi-apagada d'um tempo prospero que talvez não volte mais . . .

GODIM

Fallando de Godim, na segunda edição (Corazzi) das *Farpas*, o illustre escriptor snr. Ramalho Ortigão, chama-lhe o *pingue e risonho valle de Jugueiros, superlativo culminante do coração do Douro;* e diz-se que a rainha, snr.ª D. Maria Pia, contemplando-o do alto comoro em que assentam os paços do concelho, o comparara a uma paisagem suissa, com a bacia do Douro em vez d'um lago, e um monte fertil, coberto de vinha virente até ao espinhaço agudo da sua cumiada, em logar d'uma montanha asperrima e núa, toucada d'um chapeu alvejante de perpetuas neves.

É, com effeito um cantão fecundo e bello, a disputar primasias de fertilidade ao valle celebre da Villariça. Constituido, quasi todo, de alluviões, em grande parte provenientes dos ricos nateiros do rio Douro, no seu solo, fundo e uberrimo, medram por egual, a vinha e a seara, os tuberculos e os legumes, os fructos das terras quentes e os fructos das terras frias. Antes que o lavrador, inconsciente e rotineiro, entregasse a fertilidade da leiva á cultura quasi exclusiva da vinha, o castanheiro e a cerejeira, a macieira e a oliveira, a laranjeira e o limoeiro, o pecegueiro e o damasqueiro, a pereira e a tangerineira, a ameixoeira e a nespereira, o medronheiro e a figueira, ahi cresciam e prosperavam; o lodão é quasi espontaneo e o marmelleiro é celebre pelos seus productos. Mas o cultivo geral e intensivo da cepa absorveu tudo, e das arvores fructiferas acima nomeadas, apenas restam hoje umas como

REGOA — Aspecto do Salgueiral

que amostras, escassas em numero. Em 1808 produziu 4:138 pipas de vinho, baixando em 1840, em virtude do *oidio*, a 2:400; hoje deve arredondar, talvez exceder, 5:000. Mas por desgraça, esta riqueza enorme, é o que, no momento presente de crise atroz, constitue a sua verdadeira ruina.

* *

Godim parece ter sido conhecido dos romanos. Auctoriza esta supposição a descoberta recente de um celeiro subterraneo de tijôlo, *(dolia magna)* usados pelos homens de Lacio. A seguir á barbara invasão nordica, coube em partilha aos gôdos, que parece terem-n'o fraccionado em dois senhorios a que deram nome: *Godim (de Gothini, Godinho)* e *Ariz (*de *Alarici* fórma latina de *Alarico)*. Com o advento da monarchia portugueza, Godim, arvorado em concelho e favorecido por tres foraes de D. Affonso Henriques, D. Sancho I e D. Manoel I, passou a constituir um reguengo, que D. Affonso II dividiu em *jugadas* ou *jugarias*. Da designação d'esses agricultores chamados *jugadeiros* ou *jugueiros*, é que veio o nome ao ribeiro assim denominado, e por extensão, e impropriamente, a toda a freguezia.

REGOA Um estabelecimento caracteristico

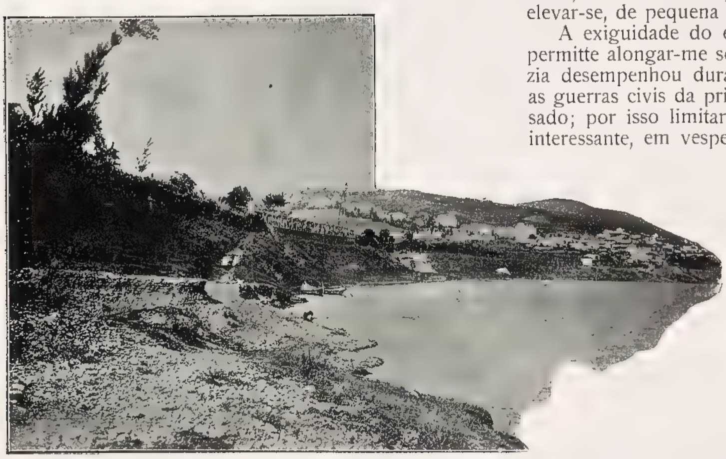
Esta freguezia data de 1744, epocha em que se construiu a igreja matriz, tendo pertencido até ahi á freguezia de S. Prisco, hoje S. Faustino. O concelho, que abrangia quasi a freguezia actual, e a da actual séde do concelho da Regoa, foi extincto em 1836, concluindo-se a transferencia do archivo em 1837.

A freguezia de Godim, dividida em numerosas aldêas de que o Salgueiral, com dois terços quasi da sua população é a mais importante, deve abranger cêrca de 3:000 habitantes. O censo, porém, de 1900, deu-lhe a mesma população que tinha em 1840, isto tendo ella augmentado bons 50 por cento!

A quando da construcção do caminho de ferro do Douro, todas as reclamações d'esta freguezia para que a estação da Regoa lhe ficasse mais proxima, foram systematicamente desprezadas; e desprezadas tem sido por egual, contra todo o direito e toda a justiça, os pedidos d'um apeadeiro, que ainda aos mais insignificantes logarejos se concede!

Mais esclarecidas, as ultimas vereações, começaram a occupar-se d'esta freguezia, e a illuminação que aqui vae, dizem, ser estabelecida, é um começo de reparação a um abandono desdenhoso de longos annos, mas a reparação só será completa quando lhe concederem uma estação ou um apeadeiro entre a Ameixoeira e os Quatro Caminhos, porque só então poderá progredir e prosperar. Pensem n'isto, cuidadosamente, os que anciam vêr a Regoa elevar-se, de pequena villa a cidade populosa.

A exiguidade do espaço de que disponho, não permitte alongar-me sobre o papel que esta freguezia desempenhou durante a guerra da peninsula e as guerras civis da primeira metade do seculo passado; por isso limitar-me-hei a um episodio mais interessante, em vesperas de completar um seculo, e que por isso mesmo lhe dá uma actualidade palpitante.



REGOA Vista geral do Pezo

Na manhã de 21 de junho de 1808, o general francez Loison, — o *maneta*, como lhe chamavam, — vindo dos lados de Lamego, atravessou o rio Douro a vau em frente do Salgueiral, e demandou as terras do Porto em som de guerra. Trazia comsigo tres batalhões de infanteria com alguma cavallaria e artilheria, — um escasso conjuncto

de 1:800 homens, se tant.o. A sua passagem por terras da Beira assignalara-se por atrocidades sem conta e latrocinios sem medida. As populações, exasperadas, fremiam de patriotismo e de raiva, e a proclamação patriotica de Sepulveda, chamando a nação á revolta contra o estrangeiro, levara a excitação ao cumulo. Tinha-se projectado uma espera nos Padrões da Teixeira, e o capitão-mór da Regoa para alli partira na vespera com as ordenanças que pôde reunir á pressa, deixando ao sargento-mór o encargo de reunir os retardatarios e conjunctamente com o regimento de melicias de Villa Real, que se esperava, ficarem á rectaguarda do inimigo e cortar-lhe a retirada!

Regoa — Um aspecto do mercado.

A estrada que os francezes tomaram era a mesma que hoje existe, mais estreita então, com proporções de viella. Por esse caminho tomou a columna franceza, mas as suas avançadas de cavallaria, chegando ás proximidades de Mezão-frio, encontraram tudo sublevado, e sabendo que no Marão lhes disputavam a passagem, retrocederam a prevenir o general.

REGOA -Um aspecto do Jardim Publico

Ao tempo atravessava a malta franceza o logar do Santinho, encosta abrupta de accesso difficil, onde se embuscavam umas trinta ordenanças. Á vista dos exploradores que voltavam, faz crer n'uma retirada e precipitou a acção. Uma chuva de ballas dirigida ao monte, abriu um claro nas fillas cerradas do inimigo tomado de panico, emquanto outros combatentes, simplesmente armados de varapaus e de fouces, saltavam á estrada e investiam os francezes corpo a corpo, n'uma lucta épica que fazia lembrar a furia desesperada dos antigos amoucos. Depois outras ordenanças correram a tomar parte na acção, e o combate estendeu-se, generalisou-se, obrigando os francezes a baterem em precipitosa retirada. Na Regoa Loison quiz cevar a sua furia, mas desistiu, repassando o rio a toda a pressa. Durou pouco, este combate, porque poucos eram os atacantes; mas se alguns ahi ficaram, golpeados de mil feridas, o inimigo, escarmentado, contava tambem bastantes mortos e cincoenta feridos e entre elles o proprio commandante.

Este combate, travado por trasmontanos em terras de Traz-os-Montes, foi o signal da guerra santa que sublevou todo o paiz contra o dominio francez. Alguns escriptores, Soriano entre outros, lamentam este ataque por precipitado. Não me parece. Sem este combate, os francezes teriam retirado sem uma lição. O que foi para lastimar é que todas as forças da capitania alli não estivessem, e com ellas o regimento de milicias que não appareceu, não se sabe porquê, que então teria sido mais rude a lição, e Loison e a sua quadrilha, teriam pagado alli, por inteiro, todas as atrocidades commettidas e por commetter.

Salgueiral da Regoa, julho de 1908.

(Clichés de C. P. Cardoso).

VIEIRA DA COSTA.

GENEALOGIA TRASMONTANA

Tenens, pobradores, meyrinus, alcaides-móres, governadores militares, prefeitos provinciaes e governadores civis de Bragança e seu districto.

I

Com quanto estes diversos nomes não se correspondam integralmente nas suas attribuições, representam, pelo menos, o primeiro magistrado do concelho, districto ou provincia, e por isso aqui registamos a lista d'elles, não completa, por escassearem subsidios, mas simplesmente os que encontramos em documentos authenticos.

Tenencia, cargo exercido por um *tenens*, era o governo superior d'um districto, como diz Herculano, segundo a divisão feita do reino pelos seculos XI e XII, e só era dada aos ricos-homens. Os que governavam as cidades e villas acastelladas chamavam-se *alcaides*, que eram immediatamente inferiores na hierarchia social aos *princeps terræ tenens*, quasi similhantes aos actuaes governadores civis ou administradores de concelho. Ambos eram amoviveis (1).

Falando sobre o assumpto, diz Pinho Leal: «os meirinhos-móres das comarcas e provincias, que os houve em Portugal desde o principio da monarchia e cujo officio se exprimia pela palavra *tenens*, duraram em Portugal até ao reinado de D. Affonso V, que os aboliu inteiramente, creando em seu logar os corregedores, que existiram até 1834, mas não tinham a amplissima jurisdicção que uzavam os meirinhos-móres; pois estes proviam os juizes ordinarios das villas e concelhos de seu districto, tomavam conhecimento do que se decidia nos tribunaes e eram com pouca differença uns adiantados ou regedores das justiças» (2).

O alcaide era um official do rei revestido do triplice caracter administrativo, jurisdiccional e militar.

Os alcaldes exerciam exclusivamente uma magistratura municipal (3). Tambem eram conhecidos pelos nomes de alvasis e juizes, e, n'algumas terras, como em Monforte de Rio Livre, segundo se vê pelo seu foral, havia um alcalde e dois juizes, e em Bragança 8 alcaldes (4).

O governador civil é o chefe superior de toda a administração no seu districto. Succedeu n'estas funcções com jurisdicção e faculdades menos extensas aos prefeitos provinciaes (5).

Nas povoações importantes, diz Herculano, ainda quando eram fundadas de novo e o castello ou alcaçova, sua manifestação material da força publica, e o symbolo do poder do rei apenas se achava delineado, nomeava-se logo para alli um alcaide, o qual ás vezes uzava tão sómente do titulo de povoador, (pobrador) emquanto se não realizava a edificação do castello, chamando-se depois alcaide (6).

Do foral de Bragança (1187), continua o mesmo historiador, apenas se póde concluir que é uma terra importante, a cujos moradores, peões e cavalleiros se concedem extensos privilegios e jurisdicções sobre si, posto que nenhuma allusão haja no dito diploma aos magistrados duumviraes, nem ao alcaide, antes o chefe militar da alcaçova parece não ter a menor auctoridade sobre os visinhos porque os cavalleiros villãos podem ir ser homens d'armas de quem quizerem: — os varões de vossa cidade sirvam a quem quizerem a el-rei, ao conde, ou aos enfanções.

Parece comtudo que o alcaide da alcaçova vem a adquirir o duplicado caracter em geral annexo ao cargo de official do rei e ao mesmo tempo municipal, porque como tal nos apparece nos documentos do seculo XIII, onde tambem achamos já expressamente mencionada a existencia de magistrados duumviraes com o titulo ora de alcaldes ora de juizes.

Em 1261 Affonso III escreveu ao alcaide, juizes e concelho ácerca de representações que em nome d'elles lhe haviam feito contra os exactores fiscaes, que pretendiam sujeitar os bens dos cavalleiros villões ao nuncio (luctuosa dos cavalleiros) contra o disposto no seu foral, que elle effectivamente manda respeitar (7).

Por Alvará de 3 de agosto de 1767 foi extincto o cargo de alcaide mór e alcaide pequeno em todas as praças da raia, e por outro de 3 de novembro de 1769 no resto do reino. D'ahi por diante foram substituidos pelos cargos de governadores das praças.

Fernandus Menendis ou Mendiz

1130 – 1145

«Fernandus Menendis qui tenet terram» assigna n'uma doação da villa de S. Jorge e Rio Frio feita por D. Affonso Henriques a 4 de agosto de 1145 ao mosteiro de Castro d'Avelãs ([8]). N'este mesmo anno duou elle aos Templarios o castello de Langroiva ([9]). Tambem na Torre do Tombo está a doação feita por el-rei D. Affonso em 16 de maio de 1145 á egreja de S. Salvador em terra de Bragança (Livro dos Foraes de Leitura Velha fol. 13 e 15) e entre os confirmantes vemos — Fernandus Mendis qui tenet terram confirmat.

Fernandus Mendiz potestas in Bragancia, et Lampassas. Assim assigna o foral de Civitate Nomam, cognomento Monforte, dado aos 8 de julho de 1130 (era 1168) por elle e seus filhos ([10]).

Este *tenens* de Bragança antes de casar com a infanta D. Sancha Henriques, filha legitima do conde D. Henrique já fôra casado com D. Thereza Soares, filha de Soeiro Mendes d'Amaia, *o bom*, e foi progenitor de illustre linhagem ([11]).

A proposito dos filhos de Fernão Mendes, mencionados no foral de Nomam, lê-se na *Monarchia Lusitana:* «este Fernão Mendes entendo que era o Bragançāo pela concorrencia dos annos. Nem obsta que lhe assignem filhos, o que parece encontrar o Conde D. Pedro quando affirma que a terra de Bragança ficou á corda d'este reino por via da infanta mulher do mesmo Fernão Mendes; porque sem falta teve filhos, que chamaram Pero Fernandes, o qual possuiu parte d'aquellas terras e d'elle vem os do appellido Chacim, fidalgos mui estimados no tempo antigo» ([12]).

1187

Petrus Fernandi qui tenet terram — confirma no escambo feito em 1187 entre el-rei D. Sancho e o mosteiro de Castro de Avelãs ([13]).

Fernandus Fernandi

1199

Provavelmente era filho de Fernandus Menendis. Aos 5 kalendas de dezembro da era de 1237 (ann. christ. 1199) confirma com outros o foral da Guarda e assigna d'este modo: Fernandus Fernandi qui tunc tenebat braganciam. E' de crer que transitasse de Bragança para Panoias, porque no foral de Guiães, dado no sexto idus kalendas (sic) aprillis da era de 1240 (ann. christ. 1202) assigna um Fernandus Fernandi mandante Panonias ([14]).

Poncius Alfonsi

1211

Na era de 1249 (ann. christ. 1211) aos 29 de setembro deu D. Affonso foral a Favaios e n'elle confirma com outros — «domnus Poncius alfonsi tenens Blaganciam» (sic) ([15]).

De 1211 a 1217, diz Herculano, apparece em documentos, Poncio Affonso, *tenens*, rico-homem, governador militar do districto de Bragança, confirmando as doações de Affonso II quando muitos fidalgos o abandonaram por causa dos esbulhos feitos a suas irmãs, parecendo que conservou sempre as boas graças d'este rei e depois as de seu filho, Sancho II, pois quando as facções dos nobres se degladiavam n'um frenesi ambicioso de mando, favorecido pela incapacidade do rei, o nosso *tenens* o acompanha sempre estranho ás intrigas palacianas, ou raposa manhosa, supperando-as. Seria um accommodaticio? E' certo que foi um dos homens mais notaveis dos que seguiram a côrte de Sancho II. São muitissimas as doações que elle confirma ([16]).

Os Livros das Linhagens, falam n'um Poncio casado com uma Bragançã ([17]). As Inquisições de D. Affonso III tambem falam n'um Poncio que teve Bragança. A geneologia dos Pimenteis, vem nos mesmos Livros de Linhagens ([18]) e um d'estes entroncou na familia dos Chacins ([19]).

Andaria o senhorio de Bragança sempre entre os Bragançãos que só se extinguiriam com a primeira dynastia?

1227

Gundisalvo Ramiri tenente bregancia. Assim confirma no foral dado pelo abbade de Castro de Avelãs, Frei Fructuoso a Milhão em 1 de dezembro de 1227 ([20]).

Baçal, julho de 1908

P.e Francisco Manuel Alves.

(1) Herculano, *Historia de Portugal,* livro 4.º pag. 166.
(2) *Portugal Antigo e Moderno*, artigo — Maiorino. Viterbo, *Elucidario,* artigo Maiorino.
(3) Herculano, *Historia de Portugal,* livro 8 p. 1.ª pag. 112 e nota 2 ao vol. 4.º pag. 475.
(4) Livro das *Leis e Posturas.* Lei 40 de D. Affonso III.
(5) *Codigo Administrativo Annotado,* nova edição official 1863 pag. 148 em nota.
(6) Herculano, *Historia de Portugal,* livro 8.º parte 2.ª pag. 160.
(7) Livro 1.º de D. Affonso III, fol. 48 in Herculano, *Historia de Portugal,* livro 8.º parte 2.ª pag. 164.
(8) *Doações e privilegios,* Manuscripto do Cabido de Bragança fol.
(9) Viterbo, *Elucidario,* artigos — Bemquerença, Numam, Podestades e Tempreiros em nota á pag. 235.
(10) Brandão, *Monarchia Lusitana,* edição da Academia 2.ª pag. 183.
(11) Viterbo, *Elucidario,* artigo — Numam.
(12) Rodrigo Mendes da Silva, *Cathalogo Real e Geneologico de España,* pag. 48.
(13) *Monarchia Lusitana,* livro IX cap. 12 pag. 361 3.ª parte.
(14) *Doações e privilegios* já citados.
(15) *Portugaliæ Monumenta Historica,* Foralia.
(16) *Portugaliæ Monumenta Historica,* Foralia.
(17) Herculano, *Historia de Portugal,* nota 8.ª ao 2.º vol. e nota 16.ª e tambem na *Portugaliæ Monumenta Historica.*
(18) *Os Livros das Linhagens* in *Portugaliæ Monumenta Historica,* pag. 288, 312, 331.
(19) *Os Livros das Linhagens* in *Portugaliæ Monumenta Historica,* pag. 227.
(20) *Os Livros das Linhagens* in *Portugaliæ Monumenta Historica,* pag. 229.

CELEBRIDADES TRASMONTANAS

Trindade Coelho

(Sanguinea do pintor Antonio Carneiro)

Trindade Coelho

I

A QUEM anda habituado ás planuras do sul ou á ridencia minhôta, a mésologia trasmontana—, a despeito de todo o enaltecimento préannunciador da sua grandeza e da nossa boa vontade em lhe amar o grandioso—não é dos aspectos mais faceis de entender nem, por conseguinte, mais ásos de amar.

A flora amazonica, immarcessivel, douda, mais alta que a vista humana, semeando ophtalmias com a polychromia ardente das suas cômas, é tão decididamente enorme, tão sobrenatural que logo ao primeiro relance o olhar pasma e a imaginação aquece.

A floresta virgem, com as suas selvas de mysterio, o silencio sussurrante das suas lianas auricrinitas, luctando peito a peito com o homem, oppondo um tronco centenario a cada invasor, uma maralha de frondes a cada braço humano,—é o sobrenatural, é a magia.

Desde que é o sobrenatural, o delirio da sua estatura deixa de nos preoccupar por não o comprehendermos, por não o podermos medir por nós; e se alguma coisa nos fica d'elle é uma vaga impressão de vexame que se desvanece escurecida na treva de tedio em que nos submerge aquella constancia da côr, aquella mithologica altura dos seus caules, aquella perpetuidade de viço e de seiva, de eterna pubescencia, de secular estio que desencanta e entontece a retina, saudosa das nossas arvores maneirinhas, de folhas caducas, em que sentimos a mesma solidaria fragilidade de seres pequenos e mortaes.

TRINDADE COELHO, quintanista de direito

E desinteressamo-nos d'ella, suffocados de aborrecimento, como se tudo, a mesma fertilidade do sertão fosse hostil ao homem e no inexgotavel dos seus perfumados dominios chlorophilinos não houvesse ar para pulmões humanos.

Da paysagem trasmontana, não, não podemos desinteressar-nos.

E' um pedaço da nossa carne, um trecho da Patria, uma quina de Portugal,—e tudo quanto é portuguez nos interessa, clama pela nossa admiração e pelo nosso amor.

Se nos affoitamos aos nevões trasmontanos é porque Traz-os-Montes previamente nos interessava e por nós chamava.

Ah! mas abordoados á ancia de lhe penetrar o coração, de lhe perscrutar o soffrimento, de lhe ouvir o echo do seu morto esplendor, de lhe avistar os sêrros da sua coragem civica, andámos a manhã, andámos a tarde, palmilhámos toda uma anciedade até ascender, por fim, exaustos e turbados, aos seus schistos martyres, até nos embrenhar pelos boqueirões dos seus montados, até transpôr montes traz montes, sempre á espera do extasis,—como um mineiro á espera da luz solar—, e o extasis não chega!

Vae longa a jornada e vem perto a noite.

O cerebro já protesta, e nós guardamos para o outro dia o reconhecimento d'esse terreno sphyngico, a decifração d'essa personagem que, longe da esperança, nos não domou a admiração á primeira scentelha do seu olhar, da qual não sabemos ainda se gostamos se desgostamos, se hemos de dizer bem se mal.

Na manhã seguinte, a impres-

são teima em se abster de nos dar uma definida noção do caracter da região.

E' bella? é feia?

Diziam-nos que era bella e grande.

Nós só nos sentimos cercados de tristeza e blindados de rocha . . .

E a unica coisa que podemos recolher d'esses primeiros dias trasmontanos é a vaga desconfiança de que nos não levaram ao coração de Traz-os-Montes, que nos deixaram á porta da rua, em qualquer garganta da provincia, por essa ironia da fabula do *Rei Vae Nú* ou por esse mesmo espirito de *blague* gauleza com que Pasteur, quando da romaria scientifica da doença da vinha, levou sabios estranhos e delegados peritos a declarar a visão de maravilhas em microscopios deshabitados de preparação!

A probidade do nosso depoimento pergunta, pois: será bem Traz-os-Montes estes cabêços negros que já vimos succeder a outros montes e para lá dos quaes se não espera mais do que outros schistos que o sol lapida e o crepusculo encinéra? . . .

De dia o sol pleno ainda alegra as leiras que vão subindo o calvario, com a esperança florecendo nas sandalias.

Mas quando o sol cáe, Deus nosso! que tristeza de horizonte, que paysagem carrancuda, que catadura de monstro cobre estes montes que a illusão da luz faz parecer uma pyramide de cinzas, como a corôa d'um montado após uma queimada! . . .

TRINDADE COELHO, segundo a ultima photographia

E á primeira impressão de que o nosso quadro está por acabar, de que lhe falta a personagem do primeiro plano, a mancha generatriz, distinguidora, segue-se est'outra da região não ser tal grandiosa nem tropicalmente exuberante, nem ardente, nem fertil sequer.

As vinhas ora erguem para os céos injustos os braços de tisicas, a clamar redempção ou vingança, ora os deixam cair n'uma consumpção de paralyticas.

A terra bem trepa pelas fendas dos schistos, bem se finca nas geias dos montes, mas o menor pêso desthrona-a e o espinhaço da cordilheira apparece além, descarnado, desesperador e auguado.

O luto da cultura, ainda vá, ainda o explica a estação: a festa das messes já passou e já tornará a passar.

Mas o córte panoramico da provincia esse é que é duro, sombrio, parecendo antipathisar comnosco, negar as tradições hospitaleiras dos seus *habitades,* parecendo expulsar-nos com essa sanha muda das possessas.

E em nós entra a fixar-se esta nova noção, — novamente falsa — da região trasmontana: carrancuda, sêcca, arisca, tristonha, pouco sociavel e nada alegre.

Quem convivesse com ella apenas oito dias, não entenderia a paysagem e retiraria detestando a região.

O tempo, porém, vae-nos educando a retina, levando-nos pela mão de monte em monte, preleccionando ascensões e horizontes, apresentando-nos a novos môrros e novos valles, e, a pouco e pouco, aquelle scenario que nos incommodava por ser de poucas fallas, não tagarellar em riachos e nos não estender os braços amaveis como a louçania do Minho, essa paysagem entra a ser-nos indifferente, habitual.

Caíu no pacifico dominio dos corpos neutros.

E' o primeiro passo.

O ultimo é aquelle que vae mais depressa e que se dá para ficar irremediavelmente pousado sobre a plata-fórma d'esta firme impressão; é Traz-os-Montes afinal grandioso, terra, scenographia, tradição, costume, desenho topographico cheio de caracter, de pessoalidade.

Alguem!

E, como tudo quanto se odiou na primeira abordagem, fica-se a amar Traz-os-Montes com ardor de paixão.

Como tudo quanto nos levou tempo a amar, ama-se para sempre.

O Minho é alegre, e a alegria captiva, é intromettida, facil.

Tanto faz, porém, estar n'um concelho como n'outro, á beira d'um regato atoalhado de fetos como a cavalleiro n'um planalto, o Minho é sempre o Minho — exaggeradamente, egualmente amavel para toda a gente.

As suas boas maneiras, a sua amabilidade não distinguem ninguem: em compensação, a sua fisionomia tanto agrada como esquece.

E' a valsa da *Bohemia:* a todos os tympanos lisonjeia, toda a gente a canta, todos a entendem.

Mas quem a ama?

O espirito musical despreza-a.

O ouvido da multidão troca-a pelo primeiro estribilho que depois vier: a *Fornarina*, o *Senhor dos Navegantes*.

O *Canto da Estrella*, do TANHAÜSER não é para todos.

Leva tempo a trautear, mas nunca mais esquece.

E' uma pagina de esthetica que tem um pantheon em cada ouvido onde entra.

Traz-os-Montes só póde ser entendido pelos que provem longamente da sua grandiosidade e pelos que tenham estatura moral para communicar com gigantes.

Os sem-caracter, os que não são peixe nem carne, nunca terão da cadeia de montanhas da região do vinho outra noção que não seja esta: estar ali é sentir-se a gente n'uma prisão!

Os que um dia alcancem a sua cumiáda amarão uma vida toda Traz-os-Montes.

II

O trasmontano dá o mesmo trabalho para se comprehender, a mesma difficuldade a amar.

Trindade Coelho era trasmontano e poucos trasmontanos —rócem ou não, como elle, os nervos e as virtudes nataes pelo rebôlo da civilisação, —conservarão tão retintos os traços e tão aciculadas as arestas do calvario trasmontano, poucos ao cabo da vida e ao cabo das tormentas d'essa vida dirão tão bem, tão depressa que são filhos de Traz-os-Montes.

MOGADOURO—Naturalidade de Trindade Coelho
(Cliché do ex.mo snr. dr. Alfredo d'Oliveira)

Toda a gente se queixava do quê de brusqueria, de azedo e carrancudo que tinha o Trindade Coelho.

Quem pela primeira vez o visse, sentiria o mesmo que olhando as primeiras vezes para os cómoros da sua provincia.

Aquelle semblante fechado repellia como o amuralhado horizonte das cordilheiras trasmontanas.

O substractum do seu caracter era feito de sobrevivencias do caracter trasmontano, tão differente do do minhôto.

O minhôto é o descante; o trasmontano a acção.

O Minho annuncia-nos que nos fará um convite para um jantar... que nunca chega a cosinhar-se.

Traz-os-Montes, se lhe batemos ao ferrôlho, idos de longe, quando abre a porta já traz atravessado na faca o gasnête d'um cabrito:

—«A este já o meu amigo não vale! Já sabe que não vae d'aqui sem jantar comnosco!»

E' mais o pó e a gritaria que os varapaus da romaria minhôta levantam do que as cabeças que abatem.

Antes de terçarem os lódos na encruzilhada, esfaqueiam-se com cantigas ao desafio, por todos os adros do concelho.

A faca e a bala são, na mão do trasmontano, o mesmo que um prato de cabrito: quando os offerece é do coração, é a valer, é para se aceitar.

Um cadaver n'um caminho do Minho interrompe para semanas o transito de toda a mais conversa; para Traz-os-Montes remove-se com um dialogo curto, de mestre:

—O que foi?

—Nada! Uma picada!...

E está arrumado.

Cada trasmontano, pois, é uma creatura muito mais serena que o minhôto, muito mais calada, muito mais sobrio de palavras e mais decidido de gestos.

A seccura de Trindade Coelho provinha primeiramente do seu caracter regional.

Depois vinha o habito profissional da neutralidade dar a esse interlocutor uma mascara dura de frieza que lhe disfarçava o calor do sentimento e o brilho communicativo do cerebro.

N'outra qualquer profissão isso passava á conta de «feitio»; no delegado do Ministerio Publico interpretravam-o como crueza do officio.

Em Traz-os-Montes esse temperamento seria corrente, ninguem repararia n'elle; no Porto mesmo, na brusca cidade dos negocios passaria ainda; em Lisboa,—capital de assucar sobre collinas de perfidia—um caracter d'esses era uma teia d'antipathias.

Mas como Lisboa desvergonhada, e interesseira que nem alcovêta, saltaria por cima da sua antipathia para ir amanhã cercar o delegado, adulal-o, requerel-o, importunal-o, peital-o com a cartinha corruptora, o homem sociavel, cheio de solidariedade para com os seus concidadãos e a sua Patria, era o primeiro a defender a integra probidade do funccionario, retrahindo-se e cerceando-se relações.

A meia cidade fugia elle.

E, se algum habitante d'essa metade um dia communicava com Trindade Coelho, ficava tão surprehendido de vêr o aspécto carrancudo desanuviar-se em amabilidades e a sua toga de azedume rasgar-se em claridades de sociabilidade, tão surprehendido, tanto, tanto como quem jornadeando por Traz-os-Montes, um dia, dobados muitos dias, vê desmoronar-se o scenario sombrio e erguer-se em sua vez um quadro final de apotheose pantheista.

Mas como Trindade Coelho fugia a meia cidade, poucos o *entendiam* e só o acaso era seu inter-

prete. Outra metade da cidade fingia não o *entender* para o perseguir, como o perseguiu, com o rancor antropomorphico, tão do portuguez que vê sempre no odiado Principio que o persegue, o odio e a perseguição pessoal do applicador do Principio.

E ahi temos Trindade Coelho entregue á sãnha popular de certa imprensa.

Cauteloso, até escrupoloso na interpretação do seu papel de auctoridade, observando sempre a mesma céga impassibilidade do symbolo, – nunca pôde ser atacado de venalidade ou de rancor.

De que o haviam de accusar, então?

De dualidade de accusador da imprensa, na cadeira do Ministerio Publico, e de defensor da mesma imprensa, na sala das suas associações.

Dualidade?! mas quem é que em Portugal não representa esse espectaculo da dualidade? Quem é que n'este mundo de relatividades, não é ao mesmo tempo um tyranno e uma victima, um dominador e um dominado, um patrão e um dependente, um livre-pensador e um mystico, um conservador e um rebelde?!

Quem?

Só quem acreditar ainda na fantasmagoria do livre arbitrio é que poderá reclamar para si uma independencia unitaria!...

Casa onde nasceu Trindade Coelho

O mesmo perseguidor de Trindade Coelho é simultaneamente um revolucionario e um aristocrata, um pamphletario e um principe, um rancoroso e um sentimental, um audaz e um timido, um independente e um funccionario publico, uma dualidade que seria contraditoria se a vida fosse coherente e o globo tivesse um só hemispherio.

Trindade Coelho era um homem-de-letras antes de ser um agente publico, na litteratura trabalhou sempre, encheu tantas ou mais folhas de impressão do que folhas de papel sellado, era um autôr publicado, com obras exgotadas e reimpressas, mesmo depois de terem passado pelas columnas dos jornaes. Ninguem ignorava a sua entidade de escriptor, ninguem devia estranhar a sua filiação em aggremiações jornalisticas e litterarias onde, se não estão, teem estado cavalgaduras de todo estranhas ao *metier* que apenas apresentam esta cathegoria: dinheiro para as quotas.

Além de ter uma bagagem litteraria, esse homem tinha uma familia, uma mulher, um filho.

Amava a Idea, amava a Alma humana, amava a Creança, amava a Belleza eterna e a eterna Esperança!

Pois bem, até a verdade dos seus amores lhe negaram, até o direito de chamar a um livro *Os Meus Amores* lhe recusaram (1).

Porque?

Porque em litteratura o amor haja infallivelmente de ser escandaloso ou tragico, de cheirar a sangue ou a pós d'arrôs?

Não.

Porque queriam que Trindade Coelho não fosse outra coisa que uma toga de agente do Ministerio Publico, que só apparecesse na Boa-Hora, que não pertencesse a qualquer associação de jornalistas ou homens de letras, que nem sequer fizesse parte da humanidade!

E sempre que de Trindade Coelho emanasse um acto publico: uma proposta de lei de imprensa, uma pagina, um conto, um alphabeto, esse acto era excommungado como o gesto maldito d'um intrujão, d'um transfuga de todos os crédos, d'um intruso em todas as bandeiras, – judeu errante da Idea que odiosamente offerecesse esta duplicidade civica: pró e contra a sociedade.

Foi toda uma vida assim.

Uma vida inteira a ler e ouvir chamar-se um caracter duplo, a sentir atirarem-lhe á face uma mascara de duas faces.

A' medida que envelhecia esse odio, mais esse odio crescia.

E nos ultimos tempos, do *Manual Politico* para cá, essa perseguição que o acompanhou como a sombra cobarde da populaça que temia atacal-o, – convicta de que amanhã haveria de ir rogar-lhe a bondade mais de perto e mais de rijo lhe malsinou a intenção dos seus actos, o ideal da sua litteratura, os propositos do seu civismo.

Trindade Coelho tinha um filho a saír da Universidade, a entrar na vida.

N'um homem de bem, ver-se apontado como um incoherente deshonrado á hora em que não era elle só a ouvir esses insultos, em que tinha a seu lado outro homem para quem sonhára toda a honra e todo o prestigio publicos –, essa systematica perseguição, que durou a sua vida, havia por força de gerar o drama moral.

A um decreto que annexava ás attribuições do delegado do Ministerio Publico outras attribuições e deveres, o caracter de Trindade Coelho, o seu coração, os seus nervos, a sua paciencia, a sua tristeza adivinham as pedradas e os baldes d'agua suja que a superstição politica lhe vae despejar em cima do cerebro, do coração e do caracter; e aos cincoenta annos, a poder d'uma longa, pertinaz, calculada perseguição, esse homem entra a sentir a asphixia da

calumnia e a pretender provar — a quem não quereria olhar para essas provas — que é um homem de bem, a experimentar a necessidade de ser consolado, compensado de tanto insulto pela apotheóse dos que o aggridem ainda.

Estava gerado o drama.

Qual é o homem que, aspirando um nome honrado para o seu filho, não hesitaria uma vez na vida e não perguntaria se, com effeito, a directriz da sua vida vem errada e se o caminho que lhe apontam não será o verdadeiro?

Qual? . . .

Nenhum.

Mas se o ha, esse não é Trindade Coelho que — tão accusado de desprezar a sociedade portugueza — quer provar que considera essa mesma sociedade e annuncia o seu sacrificio em nome dos que tiram de condição que para se ser santo e para se ser genio é preciso estar com elles.

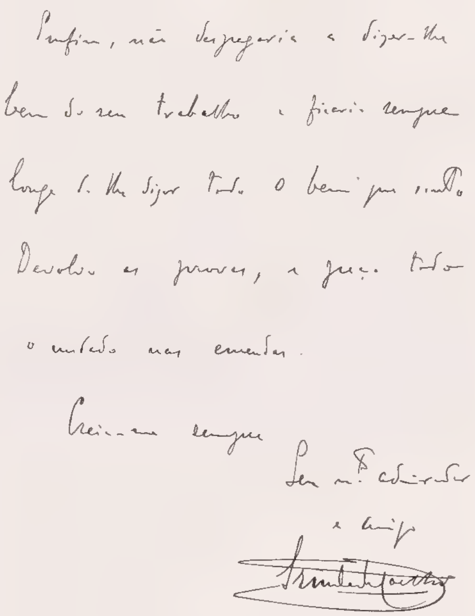
Não se lembrou Trindade Coelho que o homem de letras nada de commum tem com a Politica, monopolio dos que d'ella vivem ou d'ella esperam vir a viver.

Mas já lhe festejam o bello gesto, ainda apenas esboçado n'um boato.

Ha um ondular da opinião d'essa parcella das opposições em torno do seu nome; Trindade Coelho demitte-se; o alcatruz do insulto despeja a agua suja, sóbe novo alcatruz com a areia da apotheóse que o vento ha-de varrer e dispersar.

O drama ia consummar-se.

Acabava o prólogo.



Autographo de Trindade Coelho
(Excerpto d'uma carta enviada ao director da *Illustração Trasmontana*)

III

O homem amavel, o homem bom, o formoso espirito que a penumbra foscosa do tribunal entenebrecia até parecer opaco a muitos, e sombrio aos que o não frequentavam — respirou.

Iam, emfim, fazer-lhe justiça.

Iam, emfim, conceder-lhe um grau zoologico mais elevado do que o do bicho do matto, concordar que Trindade Coelho não era um inquisidor, nunca fôra um instrumento de partidos, um politico.

Os politicos offerecem-lhe, com instancia, o favor da gloria partidaria.

O homem de letras, o homem de bem responde:

— «Não! eu nunca fui nem sou um politico. Estive e estarei sempre ao lado do povo; simplesmente, julgo ser-lhe mais util e ser mais homem de acção movendo o dialogo d'um conto do que indo agitar as assembleias d'um partido».

Era a prova esmagadora da sua coherencia.

Não lh'a perdoaram.

Esses politicos, mais jesuitas do que os jesuitas que accusam, têm esta divisa: «quem não é por nós é contra nós».

E assim o sacrificio de Trindade Coelho, repudiando o pão da familia, ficou desde logo inutil, sem ao menos o ter enganado com essa breve embriaguez da notariedade partidaria com que muitos ingenuos-bons enganam a fóme.

Ser-se um rebelde não chêga: é obrigatorio ser-se um filiado, ter um numero, uma senha, fazer o carrêto da aggressão e da calumnia partidarias.

Trindade Coelho não se filiou.

Em volta de Trindade Coelho fez-se, portanto, um vácuo muito maior do que aquelle em que vivêra até ali.

O seu gesto esquecêra, a sua figura já não incommodava ninguem, a sua vida passára a ser indifferente.

Entretanto o drama seguia . . .

A' lucta moral veio juntar-se a lucta pela vida, que Trindade Coelho não estava nem podia estar preparado para travar.

Não é impunemente que aos quarenta e sete annos, no fim da vida, um homem passa subitamente da tranquilidade d'um orçamento para as angustiosas incertezas do *sur le pavé.*

Não é no fim d'uma carreira official que tem soldo, que tem reformas, mas que não deixou tempo para outras tentativas economicas que um homem vae crear uma clientella na advocacia, talhar-se uma columna n'um jornal, emmaranhar-se no difficil labyrintho dos negocios.

Mas que fossem ainda horas de Trindade Coelho recomeçar a vida, essa machina não se monta da noite para o dia.

Emquanto novas receitas se criam, o *deficit* cresce, a serenidade depaupéra, a iniciativa amortece, os nervos succumbem, morre a esperança.

Faz-se mister uma brava coragem para pensar simultaneamente no crédor e no trabalho que ha-de render o dinheiro para se lhe pagar; o proprio tempo minga n'essa dispersão de desculpas ao crédor, de preoccupações e de tormentos.

Aos vinte annos aprende-se essa bravura.

Cincoenta annos de relativa tranquillidade tornam impossivel essa aprendisagem da conquista do pão.

Para mais, os homens ainda podem preoccu-

par-se com a nossa felicidade, por inveja ou por amor platonico pelo dinheiro.

A nossa infelicidade, essa não interessa a ninguem.

A desgraça é um romance sem editor.

Faz-se facilmente ideia do quanto Trindade Coelho se havia de horrorisar ao sentir essa vontade-de-fugir que os nossos amigos, mesmo os amigos ricos, não podem esconder ao saber-nos em difficuldades de dinheiro.

Encontrarem-nos na miseria é peor do que se nos encontrassem na rua, de braço dado com uma *cocotte*.

O homem que viveu a coberto d'um honorario e nunca soube o que era a desconfiança, a falta de credito, se lh'o revelarem aos cincoent'annos carece ser de ferro para não caír congestionado.

Isto até n'um homem normalmente são quanto mais em quem, — antes mesmo d'essa situação que parece ser a mãe mais fecunda dos neurasthenicos, — já padecêra o bastante para ser um neurasthenico adeantado.

A perseguição passada, sem um queixume nem um remêsso, pela existencia fóra, havia de, á falta de vasante, dar com este homem neurasthenico.

Se, em vez de se calar, de curtir comsigo todos esses enxovalhos, levanta a penna a toda a altura do seu caracter e desanca a cáfila, Trindade Coelho morreria serenamente n'uma cama, beijado por netos.

Com a perseguição recuaria a neurasthenia, e a coragem não chegaria a adoecer.

Assim, concentrado na dôr, tomando a serio o ataque com a ingenuidade d'um poeta que lê uma allusão humoristica ao joven lyrismo da sua estrêa; sem jámais se ter habituado a despresar a aggressão escripta, Trindade Coelho adoeceu.

Morreu um Rei.

Salta-se uma pagina em claro.

Passam dois reinados.

Está no poder a Revolução.

E o constitucionalismo das opposições de hontem é menos dedicado aos que como o Trindade, indirectamente, as serviram, do que a ditadura da vespera, aos mesmos que, do mesmo modo, a atacaram.

Esta repara no seu acto, discute-o, tenta sustel-o, evoca-lhe o nenhum direito de se sacrificar e de sacrificar a familia á especulação de terceiros.

Aquellas não communicam com Trindade Coelho, não querem saber do sacrificio que lhes serviu ensejos de ataque, e, como agradecimento á sua hora de solidariedade com a Opposição, a Opposição deporta-o.

O perseguidor do titulo dos *Meus Amores*, da proposta de lei de imprensa, dos intuitos do *Manual Politico*, da feição litteraria de Trindade Coelho, — não appareceu mais.

Esse perseguidor escrevêra emquanto fôra preciso para envenenar a vida do Trindade, para lhe malsinar a sua obra, para o tornar um neurasthenico, para o demittir, para lhe tirar o pão, para lhe incutir a ideia do suicidio, para lhe metter um revolver na mão.

Assim que o vira em *tete-à-tete* com o suicidio, a Perseguição deixara-o, saíra pé ante pé do seu quarto de trabalho, fôra para defronte beberricar *Chery* ao «Tavares», de olhos na janella, á espera de ouvir a explosão do drama.

Demorou mezes, mesmo assim.

Evocar as conquistas do trasmontano era o mesmo de quando se evocam as angustias de Traz-os-Montes.

Ninguem ouve gemer a vinha.

Ninguem toma a serio a crise vinicola.

Ninguem dá crédito ao desespero do vinhateiro.

A perseguição já ía outra vez a duvidar da sinceridade de Trindade Coelho, já ía outra vez a supprimir-lhe a honra.

Os homens são assim: só acreditam na nossa honra quando lh'a impomos a tiro.

Um dia ouviu-se uma detonação n'um andar da rua de S. Roque.

Era o revolver de Trindade Coelho.

Foi tiro certeiro, tiro transmontano.

A imprensa encabeçou o necrologio com o desqualificado normando dos *suicidios*.

E até hoje o assassino de Trindade Coelho — que o perseguiu toda a vida, na imprensa, na palestra, na rua, ainda não foi procurado.

Só o será quando em Portugal fôr permittido encontrar os verdadeiros assassinos de D. Carlos I.

Agosto — 1908.

JOAQUIM LEITÃO.

(1) Para presentir o que era a affectividade de Trindade Coelho, quanto esse homem era superior no sentimento bonda ler essa 10.ª carta que elle dirige ao snr. Paulo Osorio e que este fez muito bem em publicar agora, depois de morto o amigo, n'um pequeno opusculo de 48 paginas, impresso pela Empreza Litteraria e Typographica cujo proprietario Joaquim Antunes Leitão demonstrou a saudade por Trindade Coelho offerecendo as despezas, a favor d'um fim beneficente, em memoria ao auctor dos *Meus Amores*. A Paulo Osorio ha não só a agradecer o ter-nos dado a conhecer certas delicadezas do caracter intimo de Trindade Coelho, com esses documentos ineditos, desprevenidos e sinceros portanto, como a lealdade com que seleccionou do legado epistolar de Trindade Coelho aquellas cartas essenciaes á documentação, sem lhe escancarar quaesquer laudas — se as possue — que, por escriptas n'uma hora de desanimo ou de azedume, viessem agora deprimir o escriptor ou denegrir o amigo, meticulosidade pouco rara entre os nacionalissimos processos da critica.

Só um cynico que tenha uma urze no logar do coração poderá ler a olhos enxutos essas linhas que só á elevada sentimentalidade de Stendal se poderiam attribuir se não estivessem assignadas por Trindade Coelho.

E é a este homem que se nega coração e se desacredita nos seus amores!

Ceu Transmontano

A minha sobrinha

Julia (Azeredo Antas)

Ceu de Vidago, ceu de transmontanos!
Incomparavel ceu, que me nutriste
De esplendores nocturnos a alma triste
E a fizeste inimiga de tyrannos...

Cortido, já, de amargos desenganos,
Grave, descrido como um velho antiste,
Ó ceu da minha terra! aqui me viste,
Aqui me vês, no derruir dos annos.

Nestas silentes noites de Vidago
Pude encontrar-te, ainda, o encanto vago,
O confidente olhar dos teus luzeiros...

Bebo, sôffrego, a luz que tu me envias,
E, no berço dos meus primeiros dias,
Dormíra bem meus dias derradeiros...

Vidago, agosto 24 - 908.

M. DUARTE D'ALMEIDA.

(Desenho de Christiano de Carvalho)

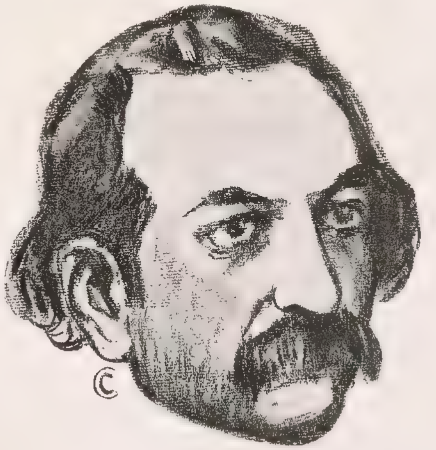
JORNALISTAS TRASMONTANOS

AUGUSTO CESAR

As honras da primeira tentativa jornalistica em Traz-os-Montes, ou da primeira publicação regular d'uma folha periodica n'esta provincia, julgam muitos que pertencem á antiga capital, por n'ella se ter iniciado a publicação do *Trasmontano* em 1873, quando, já em 1845, em Bragança, existia um periodico mensal de instrucção e recreio que se denominava *Pharol Trasmontano.*

Não póde, pois, Villa Real reclamar para si mais que a gloria, se assim lhe apraz classificar o facto, de ter sido berço do primeiro jornal que, com rotulo de democrata sincero e ingenuo, ousou perturbar alguma digestão pacata.

Augusto Cesar, seu fundador, conseguiu dar-lhe, com estoicismo épico, para vencer difficuldades de toda a ordem, uma longa existencia de 24 annos, só terminada quando se extinguia, sob o peso intoleravel da miseria e do desconforto, o ultimo lampejo de vida.



AUGUSTO CESAR
Desenho de Christiano de Carvalho, segundo uma photographia antiga

Sem bagagem litteraria ou scientifica tão completa que lhe permittisse largos vôos na vastidão dos problemas politicos ou sociaes, *O Trasmontano* revelava, todavia, excellente criterio e sobretudo sinceridade, fé segura e nitida comprehensão dos grandes principios que se propunha propagar n'uma evangelisação que de todo absorviam a intellectualidade e trabalho material de Augusto Cesar.

Visionario adoravel pela simplicidade e pela crença absoluta, caminhava seguro na esteira evolutiva das ideias da sua epoca, cheio de fé na redempção proxima e convicto, sem receios, na immediata conquista da democracia.

D'aqui a natural deficiencia expansiva da sua folha e a necessaria concentração d'espirito que não dispunha de outras vias communicativas além do seu *Trasmontano.*

Misanthropo, excessivamente taciturno e de irreductivel communicabilidade, a sua figura impressionante do lendario vagueava involta em estranho mysterio, cujas origens não foi dado apurarem-se.

Toda a sua vida se concentrava alli, no seu periodico, que elle só produzia, desde a composição até á cintagem para o correio, e no seu leal companheiro, o cão inseparavel e dedicado que tambem participava da apparente origem lendaria que o povo lhe creára.

O Trinta Diabos é o nome que a narrativa phantastica lhe creou na bisbilhotice indigena e que nas minhas evocações de infancia me desenha nitida a sua curiosa silhuete d'um typo creatura alentada, mas parecendo vergar ao peso da farta cabelleira que vinha aos hombros sob a pressão de largo chapeu molle.

E n'essas evocações o vejo ainda nos seus passeios predilectos, matutinos ou noctivagos, em direcção ao *Arcabuzado* seguido do meigo e dedicado companheiro, onde ia beber, a largos sorvos, o ar refrigerante das montanhas que lhe suavisaria a candencia de mortificantes paixões mysteriosas que, decerto, lhe deviam torturar profundamente a alma de verdadeiro puritano.

E assim um longo periodo de 24 annos foi passado sem um afago de familia, sem uma palavra de conforto, sem um vestigio de commodidade; mas sempre crente, como um illuminado, no provir e no resurgimento de novas e felizes eras para a sua patria querida!

Porto, agosto de 1908.

CARLOS DE MAGALHÃES.

RIO CÓRGO

Ao José Forte de Carvalho

PEDEM-ME uma monographia sobre o rio Córgo. Ora eu sou, sem duvida alguma, o mais avesso dos homens ao estudo monographico. A monographia assenta em exigencias que a minha paciencia irresistivelmente repudia — quer a enumeração de datas, impõe a necessidade de elementos solidos, que elucidem a historia e a sciencia, que pelo menos as corroborem, demandando ainda a sequencia ordenada e chronologica dos factos e dos numeros.

O meu olhar amortece-se, apaga-se-me o cerebro se os obrigo a seguir a linha inflexivel dos numeros, a coordenar dados positivos que se ajustem aos moldes da historia ou da sciencia. De maneira que, se hoje ou amanhã, me visse na impreterivel contingencia de traçar uma monographia, revelaria capacidade monographica identica á capacidade architectonica d'um hortelão a quem mandassem affeiçoar pedra aos requintes graciosos de uma arcaria Renascença. Além d'isso, eu entendo que tudo, desde a mitra pontifical de S. Pedro ao primeiro pé de tabaco plantado em torrão patrio, poderá caber nos limites apertados d'um trabalho sereno e methodisado tudo, excepto o rio Córgo.

O rio Córgo, com as suas ribas inaccessiveis como panos de muralha, com as suas cachoeiras refervendo espumantes no abraço rigido das penedias, romperia por certo as regras estreitas da monographia, para seguir, á vontade, em rugidos ou em murmurios repousados, a marcha livre do descriptivo. E o descriptivo mesmo, para fixar a expressão irregular da verdade, obriga a cuidados que o menor descuido volveria em percalço descaroavel. Por exemplo: quem dissesse, nos impetos da descripção, sem as reservas precisas, que o rio Córgo se estorce, todo em bramidos, de encontro ás arestas convulsionadas do seu leito, tanto podia

Ponte sobre o rio Córgo, na Regoa

estar na verdade, como nos dominios afastados da phantasia. E' vê-lo agora, em plena canicula: não leva agua para moer dois parcos alqueires de grão. Faz lembrar um thysico nos ultimos dias da vida — tão debilitado, tão sumido que nem a voz se lhe ouve, que nem se sente o ruido incerto dos seus passos. Apenas o leito avulta, accidentado de rochas negras e seccas, cortadas de rugas, á maneira de

rôstos de fome, contrahidos em attitudes revoltadas. E d'onde a onde, abaixo das levadas, elanguescidas á superficie limosa dos charcos, rãs tristonhas, com os olhos dilatados de *miopes*, fitam a inclemencia do espaço, mudas e pensativas.

* * *

Córgo dos meus faceis e verdes annos! Quem podera transforma-lo, por um estranho prodigio, sequer pela magia milagrosa do sonho, no bello rio d'então!... Porque então attingia, atravez dos meus olhos virgens das reverberações d'outro rio, aos meus ouvidos cheios dos seus murmurios e dos seus bramidos, para os meus affectos de quasi irmão pela terra d'onde brota, as proporções dos grandes rios historicos! E tão vasto me parecia, que muitas vezes, despeitado, estranhei que as suas levadas, as suas brancas cachoeiras não fossem enobrecidas pelo sulco lento dos transportes e das esquadras!...

Margens do Córgo—Ponte do Tanha

Vem d'ahi, da memoria do meu despeito, a lembrança que para sempre guardo d'uma senhora illustre, de gentil pórte, que ha uns cinco annos dulcificou o meu espirito com revelações singulares — senhora que porisso associo, inalteravelmente, ás recordações da provincia em que nasci. Vejo ainda o seu rôsto reflectido e perfeito, o seu ar serio de quem muito sabe, aberto n'esta enternecedora pergunta:

—Mas esse Córgo... é visitado por esquadras inglezas... americanas?

Eu respondi, singelamente, revendo com saudade a minha meninice n'esse lindo espelho:

—Não, minha senhora. As aguas do rio Córgo são cortadas, de estio a estio, pela *prôa* dos que se lançam a ignorados desafios de natação...

—Ah...—volveu com candura a senhora illustre.—Suppunha o Córgo assim... como o Tejo, alli desde Cacilhas ou do Barreiro ao Terreiro do Paço...

Não era, dizia eu commovido. E todo o meu regionalismo se exacerbou ao descrever o curso do meu Córgo—desde a minguada nascente, que meus avós aproveitavam na rega das suas couves, até se perder na corrente tôrva do Douro.

Tenho presente o seu rôsto attento, os olhos claros muito fixos, no espanto dos meus gestos, das minhas hyperboles, ao falar-lhe das ribas fragosas, recobertas d'urze e de giestas, que lhe seguem o curso do Mezio á Regoa... Até áquella serra, elle desce tranquillo como os pensamentos serenos dos que meditam o bem, por entre veigas viçosas, ao abrigo de velhos salgueiraes, na suavidade e na frescura do valle de Villa Pouca. Por isso, o pobre rio, ao vêr-se apertado de repente por asperos fraguedos, ruge, esbraveja, na colera do socêgo perdido, na saudade dos silencios extaticos que lhe adormeciam o deslizar á sombra d'arvores. E assim, elle vem de fugida, precipitadamente, como se quizesse galgar depressa o leito pedregoso—descançando aos poucos, junto das hortas complacentes dos moinhos, em frente da affabilidade risonha

No Córgo—Estação de Carrazedo

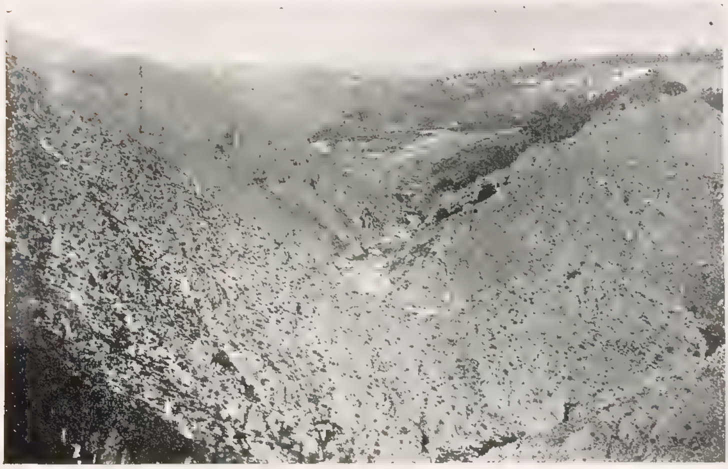
Um aspecto do rio Córgo

dos povoados que se debruçam nas quebradas sobranceiras, e refletem a cal das paredes no remanso dos açudes. Transposta porém a paz dos açudes, o fado continúa, a malfadada agua, toda em soluços, em raivas espumantes, segue o seu desordenado destino, espadanando de encontro a um tronco d'arvore solitaria, alisando as arestas mordentes dos rochedos. Tambem, se assim não fôsse, se os seculos lhe não prestassem auxilio no desbaste dos faguedos, as suas coleras seriam bem maiores...

Aqui, a gentil senhora d'olhos claros, interrompeu-me, murmurou n'um placido sorriso:

—Ora... as dôres e as coleras do rio!... Os rios sentem coleras e dôres como eu, como você sente a esta hora o sol do Egypto...

Louvei-lhe a imagem—e contestei, caloroso, a affirmação. As aguas deviam sentir—não revela mais espirito, nem tanto sequer, um amollentado e gôrdo senhor de dinheiros a usura, e esse gôrdo senhor de certo não será indifferente á mordedura d'um inseto, á picada d'um alfinete. A sciencia, despida de escrupulos piedosos, revela com precisa certeza que o sentir pertence á materia—o sentir e o pensar. E sendo originariamente identicas a materia que deu fórma á corrente do rio Córgo e á soffrega adiposidade do gôrdo usurario, a agua e o usurario devem irmanar-se no sentir. Apenas o sentir do homem de usura será invariavelmente guiado pelo instincto de accumular—visto que o rio não soffre a tortura permanente de não converter a terra inteira em exclusivo dominio. O rio, pelo contrario, é um prodigo generoso, se o interesse do homem o compensa com uns momentos faceis de repouso. Mal chega a uma levada, reparte-se paternalmente pela roda do moinho, pelo lameiro proximo, pelas raizes sequiosas dos milharaes que sem ella, sem as excellencias da sua humidade, não produziriam um magro grão... Só d'ahi, talvez, a differença do sentir do gôrdo insaciavel e das aguas do rio... Quem poderá—proseguia eu, sob a sua attenção indulgente quem poderá asseverar que o rugido da torrente, que se despenha, não corresponde ao rugido do animal que se sente ferido? E aquelle murmurio enlevado, quasi em segredo, d'um fio d'agua pura que deslisa entre verduras? Eu não sei de certeza—mas deve ser o prazer de quem se sente acariciado. Ao deslizar recebe o afago das relvas macias, a doçura dos perfumes errantes, e assim, a agua agradecida, sob afagos e perfumes, murmura agradecimentos... A sua linguagem, harmonia e verdade, traduzida em verso, daria o poema luminoso e eterno das coisas innocentes em oração...



Margens do Córgo—O Tarragido

—Ah! mas... -balbuciou, assombrada, a senhora que me escutava.

E eu, serenamente, respondendo ao seu assombro:

Minha illustre senhora, V. Ex.ª certamente não ignora Guyot, Hackel...

Ella esboçou um gesto resignado, eu voltei ao rio Córgo, de que a sensibilidade da agua me distanciára.

O Tarragido—Outro aspecto

Accentuei de novo que o rio, ao alizar as fragas que lhe cingem o curso, trabalha em seu beneficio. E que trabalho, que obstinado trabalho de seculos, para abrir um sulco que suavise a queda n'um precipicio, para perfurar no seio frio da rocha o abrigo d'uns segundos, o repouso ephemero d'uma gotta d'agua mais feliz! Mas trabalha sempre, pertinaz, heroico, rendilhando a pedra que o opprime. E na sua eterna carreira, desde que a muralha d'um açude o não obrigue á contemplação, nem attenta no desdobramento das perspectivas que lhe illustram as margens, e em que o nosso olhar se demora, na surpreza do assombro ou na delicia inesperada que nos traz o sorriso aos labios e ás pupilas... São as ravinas d'entre Samardã e Timpeira succedendo-se e evocando convulsões remotas, horrores tragicos da terra na noite indefinida do chaos. Vêm depois os vinhedos que, d'aquella povoação á ponte metallica de Villa Real, se inclinam pelas ligeiras quebradas, cheias de viço, no esplendôr triumphante que a humidade transmitte ás seivas. A perspectiva, porém, seguindo a corrente de Villa Real para o Douro, toma bruscamente um aspecto imprevisto—servindo a ponte metallica de traço de divisão entre as duas modalidades de paizagem. D'um lado, o da nascente, a terra, plantada de vinha e hortas, tem a amenidade acolhedora d'um ser hospitaleiro. Do outro, em direcção á foz, o solo convulsiona-se de repente, hostil e selvagem. E abrangemos assim, no mesmo conjuncto, sem um ponto de transição, a colina affavel a erguer-se do leito do rio ajoujada de verdura, e a encosta abrupta, cortada a prumo, phantasticamente bordada de rochedos—em cima, á direita, vê-se a casaria branca da villa, emergindo de hortas e pomares que descem em socalcos, aos solavancos, até á raiz do monte. E d'ahi até ao Douro o rio segue, inalteravelmente estrangulado no abraço dos penhascos...

Villa Real Ponte sobre o rio Córgo na Timpeira

Ah... levado pela impetuosidade da corrente, que n'este declive rapido não tem vagares, deixava sem commentario o Tarragido... O Tarragido fica a uns centos de metros abaixo de Villa Real—especie de fenda, da altura de quatro andares, por onde a agua redomoinha, esbravejante, tão embranquecida de espumas como se fôsse neve em flócos, rolando em successivas cascatas. No Tarragido esquecemo-nos da terra que produz pão e mel, para de todo nos absorvermos no dominio absoluto da ro-

cha, em que não rasteja musgo, nem aresta de urze. Rocha que é esterilidade, seccura, desolação — e odio, principalmente odio! E' o odio do granito que n'um momento terrivel de egoismo, ao ouvir cantar perto a agua, se levanta e apruma, negro e aspero como uma maldição, para embargar a marcha á corrente que lhe perturba o somno. Sente-se ainda o estremecimento da pedra saccudida de colera, que se distendeu em garras, que se dobrou em attitudes de revolta, que se apossou do segredo da sua força bruta e fatal — para sempre paralisada, ao precipitar-se sobre o ruido perturbador da sua grande paz mineral.

O inaccessivel encontrou alli a sua dura expressão de desafio, vigorosamente definida. E as aguias, rainhas do espaço pelo vôo e pela garra, tão bem lhe reconhecem a aspereza inviolavel, que, apenas as primaveras verdejam nas colinas distantes, procuram o abrigo d'uma das suas cristas, e é a esse abrigo que chocam o ôvo fecundado e agasalham sob as azas a cria mal revestida de pennugem.

— Aguias?! — faz a illustre senhora surprehendida.

— Aguias, sim... Aguias reaes, das authenticas... E a proposito: vou contar a V. Ex.ª um caso tragico que teve por tablado o Tarragido e uma aguia por protagonista ... uma aguia e uma cobra ...

E contei o caso. Comecei por lhe pintar a aguia, enorme, de envergadura tão larga que encobria o sol, ao pairar sob o seu disco ardente — nem podia deixar de ser assim uma aguia do Tarragido ... Em certo dia, de calor calmo, em pleno maio, ella elevara-se no azul transparente, d'azas distendidas, quasi immoveis, como em espasmos sensuaes. Fitava o sol, gosava a immensidade da perspectiva, e velava com zelo um filho já crescido que dormia, descuidado, nas palhas macias do ninho. Mas estacou de subito, cravou a pupila na rocha em que palpitava o seu sangue e o seu amor — e viu subir, pelas saliencias do penhasco, lenta e subtil, uma cobra enorme, aguçando a lingua esfarpada, á maneira d'aquelles que lambem o beiço antes do prazer d'um manjar cubiçado. N'um instante, como se perdesse o equilibrio e se despenhasse, a aguia desceu vertiginosamente, lançando aos ares o seu grito de guerra — um grito estridente que as quebradas de quatro concelhos repercutiram. Foi então que a tragedia se desenrolou: a cobra, da espessura d'um calabre, ouvindo o estrepito das azas que se approximavam, fixou-se na cauda, levantou a cabeça, á espera do ataque. E a aguia, logo, leal pela força e pela tradição, cega pela raiva, cravou-lhe a garra, embebendo as pontas d'aço no dorso arqueado. Confundiram-se um silvo e um grito — mas a velha aguia, na altivez de mil victorias, ao tentar librar-se de novo no espaço, com a preza bem segura, decidida por certo a precipita-la na propria rocha em que o filho socegadamente dormia, percebeu-se envolvida, dominada a sua envergadura de rainha nos anneis frios e asperos do ophidio que a apertava, que se enroscava, silvando ... Tentou ainda despedaça-la com o bico — guerreira que não esmorece ao primeiro revez. Envolveram-se, enrodilharam-se no desespero do combate. E dentro em pouco, a aguia e a cobra, confundidas no mesmo blóco, na mesma angustia e na mesma agonia, rolaram exanimes na corrente caudalosa, batendo nas arestas do rochedo que para a soberana dominadôra tinha sido esperança e amor ...

— E depois? — inquiriu a senhora gentil e attenta, sobre uma pausa inesperada ...

Depois ... o corpo da aguia e o corpo da cobra, ennovellados, perderam-se nas aguas revoltas que seguiram, indifferentes, em curvas de SS, até se confundirem nas aguas barrentas do Douro ...

Perguntou-me ainda pela aguia que dormia no seu berço. Encolhi os hombros, no gesto natural de quem quer significar uma nova tragedia que não se conta ... a fome, o frio, o abandono, a avidez das formigas que não respeita sequer carnezinhas innocentes que a morte apodreceu ...

* * *

Assim, eu dei a essa senhora illustre uma fugitiva ideia do meu Córgo, o vivo interesse d'uma tragedia e a ampliação inesperada do horisonte do seu mundo. Porque o mundo, para ella, até então, todo se circumscrevia ao Chiado, ao Grandella, á Outra-Banda e aos rumores appetecidos dos *boulevards* longiquos... Hoje, na sua carta geographica, corre tambem um riacho que não comporta o bôjo aggressivo de esquadras, mas que desliza, canta e ruge atravez de prados e serranias, alegrando os simples povoados que vivem das suas prodigalidades paternaes ...

Villa Real, 10-8-908.

Sousa Costa.

Genealogia Trasmontana

Tenens, pobradores, meyrinus, alcaides-móres, governadores militares, prefeitos provinciaes e governadores civis de Bragança e seu districto.

II

Fernandus fernandi

1229

Provavelmente é o mesmo de quem se falou no capitulo anterior, intercalando-se na sua tenencia a de Poncio Alfonsi. Confirma com outros o foral de Sortelhe dado pelos annos de 1228-1229, reinando D. Sancho II e subscreve-o — Fernandus fernandi tenens Braganciam. Assignando da mesma maneira legalisa os foraes de Idanha a Velha em 1229, Salvaterra, a 2 de maio do mesmo anno e ainda outro dado durante o anno em referencia (1).

Velascus Menendis

1235-1236

Confirma, com outros, a doação de Aljustrel em 31 de março de 1235 e assigna: D. Velasci Men[endis] T.[enens] Braganciam. Da mesma fórma legalisa e assigna a doação de Arronches ao mosteiro de Santa Cruz, a 7 de janeiro de 1236, e já antes d'este anno apparece a assignar os documentos regios, mas só como simples infanção, pois não ajuntava ao seu nome *o confirmo*, só permittido aos ricos-homens (2).

Fernandus Lupi

1253-1255

Confirma, com outros, o foral de Vinhaes, dado por D. Affonso III a 20 de maio de 1253 e assigna: — Fernandus Lupi tenens Braganciam. —

No de Beja, dado aos 16 de fevereiro de 1254, vem: — Fernandus Lupi *tenens* terram de Bragança. Igualmente confirma o de Penumxel dado em 1254, o de Aroche em 1255, o de Villa Nova de Gaya, no mesmo anno e o de Odemira aos 5 das kalendas de abril do mesmo anno que parece ser a sua ultima confirmação como *tenens* de Bragança (3).

Alfonsus teliz

1256-1257

Confirma, com outros, o foral de Penagarcia dado pridie kalendas novembris de 1256 e assigna: — comnus Affonsus teliz *tenens* Braganciam. Confirma igualmente o de Monforte dado em 1257 sem fixar o dia nem o mez (4).

Martinus alfonsi

1258-1261

Confirma no foral de Extremoz dado aos 11 dias das kalendas de janeiro de 1258 e assigna: domnus martinus alfonsi tenens Braganciam. Do mesmo modo confirma o de Melgaço, o de Santo Estevão de Chaves, o de Aguiar da Beira e o de Vianna, todos dados no mesmo anno.

Confirma em 1260 o de Prado e aos 12 de março de 1261 o de Monção (5).

Nuno martini

1266-1278

Confirma no foral de Silves dado em agosto, sem precisar o dia, de 1266 e assigna: Nuno martini meyrinus tenens Braganciam (6). Parece que por este tempo se acabou a tenencia de Bragança

ou pelo menos este nome. Decairia esta cidade ou seria supplantada por Chaves que parece sempre ter tido certo engrandecimento á custa de Bragança? O *tenens* d'aquella villa começa a confirmar nos foraes desde 1266 por diante, ao passo que o de Bragança desapparece e em seu logar vemos nos documentos o titulo de «procurador e pobrador d'El-Rei»; verdade é que os magistrados designados por estes nomes e pelos de — meyrinus, alcaides-móres — succederam aos *tenens* na dignidade, como se deduz de Viterbo (7) e n'este vemos pela indistincta mistura d'estes nomes. Mas seria *tenens* um titulo mais honroso?

Na doação da villa da Lourinhã feita por D. Affonso III a seu filho D. Affonso, aos 5 dias por andar de fevereiro da era de 1316 (ann. christ. 1278) entre os confirmantes assigna: D. Nuno Martins ayo de D. Diniz tenente Bragança (8).

AFFONSO RODRIGUES

1285-1292

Affonso Rodrigues, «Procurador e Pobrador d'El-Rei em terra de Bragança e de Miranda». Assim se acha escripto n'um documento do Azinhoso de 31 de dezembro de 1285 (9). Foi este Affonso Rodrigues quem deu foral aos habitantes de Sezulfe datando-o de Bragança aos 15 de março da era de M.CCC.XR, que El-Rei D. Diniz confirmou a 3 de maio d'esse mesmo anno.

Ruy Martins de Moraes foi alcaide-mór de Bragança e d'elle fez menção Sanches de Baena no *Archivo Heraldico genealogico,* part. 1.ª pag. 19, ao tratar de André Soares de Madureira da nobilissima casa da Parada dos Infanções e tambem a *Arvore genealogica da familia dos Figueiredos da Quinta de Arufe* casa 2.ª que o aponta como avó de João Affonso Pimentel, tambem alcaide-mór de Bragança e 1.º conde de Benavente.

PEDRO DIAS

1335

Em 1335, reinando D. Affonso IV, era Pedro Dias procurador d'El-Rei em terra de Bragança e então se occupava no *refazimento* dos muros da villa de Móz (Moncorvo) (10).

Baçal, agosto de 1908.

P.e FRANCISCO MANUEL ALVES.

(1) *Doações e privilegios* já citados.
(2) *Portugaliæ Monumenta Historica,* foralia.
(3) Herculano, *Historia de Portugal,* nota 23 ao vol. 2.º.
(4) *Portugaliæ Monumenta Historica,* foralia.
(5) *Portugaliæ Monumenta Historica,* foralia.
(6) *Portugaliæ Monumenta Historica,* foralia. — Viterbo, artigo - Maiorino.
(7) *Portugaliæ Monumenta Historica,* foralia.
(8) Viterbo, *Elucidario,* artigo — Pobrador, Castellatico.
(9) *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza,* livro 1.º documento n.º 3.
(10) Viterbo, *Elucidario,* artigo — Azinhoso e Pobrador.

CELEBRIDADES TRASMONTANAS

General Sepulveda

(Sanguinea do pintor Antonio Carneiro)

General Sepulveda

Manuel Jorge Gomes de Sepulveda

ESTE illustre trasmontano nasceu em Bragança (pag. 18 da *Memoria abreviada*, de Francisco Xavier Gomes de Sepulveda) a 16 de abril de 1735 e falleceu em Lisboa a 28 do mesmo mez do anno de 1814, e não a 18, como erroneamente está exarado a pag. 205 do anno de 1844, 2.ª série, da aliás excellente revista de *O Panorama*, que foi, como é sabido, a quem cabe a honra da iniciativa d'este genero moderno de litteratura periodica entre nós.

Sepulveda era filho de Antonio Gomes de Sepulveda, natural de Mirandella, sargento-mór da cavallaria de Almeida, e de D. Maria Luiza Pereira, filha de Matheus Rodrigues d'Eiró e de sua mulher D. Maria Alves Pereira, e neto de Antonio Gomes d'Abreu e de Serafina de Sepulveda, ambos de condição e ascendencia humilde, consoante se encontra dito, a pag. 530 do vol. I de sua *Resenha de Familias Titulares e Grandes de Portugal*, pelo commendador Albano da Silveira Pinto.

No emtanto, este tronco humilde bragançano produziu rebentos de notavel pujança, como foram este Manuel Jorge Gomes de Sepulveda de quem aqui tractamos e seus filhos Bernardo Corrêa de Castro Sepulveda, Antonio Corrêa de Castro e Sepulveda, 1.º visconde de Ervedosa, no concelho de Macedo de Cavalleiros, marechal de campo, que falleceu em Bragança a 4 de março de 1875, e João Antonio Corrêa de Castro e Sepulveda, deão da Sé de Bragança, vigario capitular da mesma diocese, que nasceu em Bragança, freguezia de Santa Maria, a 17 de fevereiro de 1796, e na mesma foi seu obito em 14 de julho de 1876; deixou escripto um opusculo intitulado *Documentos justificativos* (Porto, typ. de Faria Guimarães, 1842, 8.º de 42 pag.). Este opusculo, raro, pois se não encontra mencionado nas varias bibliographias portuguezas, comprehende uma série de documenos e representações, dirigidos á rainha D. Maria II, para que não consinta que o bispo D. José da Silva Rebello assuma de novo o governo da diocese.

Quanto ao marechal de campo Antonio Corrêa de Castro e Sepulveda, foi elle pae de Manuel Jorge e Francisco Corrêa, que na calamitosa epocha de nossas guerras civis morreram assassinados nas cadeias de Extremoz, a 27 de julho de 1833 (*Diario do Governo*, de 19 de junho de 1848); bem assim de Bernardo Corrêa de Castro Sepulveda, pae de outro do mesmo nome, actual secretario do governo de S. Thomé, em Africa, e unico representante hoje d'esta notavel familia. Aquell'outro Bernardo Corrêa, irmão do visconde de Ervedosa, coronel de infanteria 18, foi, como se não ignora, a alma militar do movimento revolucionario de 1820; deputado ás Côrtes Constituintes em 1821, morreu em Paris a 9 de abril de 1833.

Manuel Jorge Gomes de Sepulveda — que casou no Rio de Janeiro, a 24 de setembro de 1781, com D. Joanna Corrêa de Sá Vellasques e Benevides, natural da mesma cidade, filha de Martim Corrêa de Sá, alcaide-mór do Rio de Janeiro, e de sua mulher e prima D. Isabel Corrêa de Sá — foi governador da provincia do Rio Grande do Sul, no Brazil, onde se comportou brilhantemente, já na defeza da fronteira já na administração interna, creando sete freguezias, erigindo dois collegios para educação dos nativos e aformoseando a villa, hoje cidade, de Portalegre, da qual póde ser considerado como o fundador.

No lance, consigne-se a nota de que é curiosa a carta regia de 28 de novembro de 1783 (*Livro de Registo da Camara de Bragança*, fol. 106 v. e 107, onde está transcripta na integra); n'ella, a rainha, tendo em consideração os «distinctos serviços que n'este reino — assim diz — me fez Manuel Jorge Gomes de Sepulveda até ao posto de capitão-commandante de cavallaria do regimento dos Voluntarios Reaes, e nos estados do Brazil com o nome de José Marcellino de Figueiredo no posto de coronel de cavallaria, encarregado do governo do districto do Rio Grande de S. Pedro com a patente de brigadeiro da mesma cavallaria, por carta regia de 14 de junho de 1764», o nomeia governador da cidade de Bragança.

Que razões pergunta o compilador dos apontamentos que sigo—levariam Sepulveda a mudar de nome? Addita que parece que o citado José Marcellino de Figueiredo foi alcaide-mór de Bragança, porquanto a 2 de dezembro de 1772 fez el-rei D. José mercê d'essa alcaidaria a D. Luiz Antonio Botelho de Souza Mourão, morgado de Mattheus em Villa Real, cargo então vago pela deserção de José Marcellino de Figueiredo Sarmento (*Livro do Registo da Camara de Bragança*, fol. 226 e s., onde se acha transcripta a referida carta regia, com um relato dos feitos de Mourão).

Por outra carta regia, de 11 de novembro de 1793, foi Manuel Jorge Gomes de Sepulveda nomeado governador das armas da provincia de Traz-os-Montes, cargo vago «pelas occupações e legitimo impedimento do conde de Sampaio», que até alli o exercera (Idem, fol. 219, onde esse documento se encontra na integra).

N'esta honrosa commissão permaneceu Sepulveda até que, por carta regia de 15 de fevereiro de 1809, foi substituido pelo brigadeiro Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, sendo então chamado para conselheiro de Guerra, por decreto de 2 de outubro de 1808 (*Chaby, Excerptos historícos,* 3.ª parte, vol. VI, pag. 85, e documento n.º 44), pois que a nomeação do marquez de Alorna, por decreto de Junot, de 22 de dezembro de 1807, para inspector geral e commandante das tropas portuguezas, de todas as armas, estacionadas nas provincias de Traz-os-Montes, Beira e Extremadura, teve curta duração (Idem, pag. 19).

General Sepulveda

(Segnndo photographia d'um desénho antigo)

Durante o tempo que esteve no Brazil, muito se distinguiu Sepulveda no combate de Santa Barbara e na defeza dos fortes de S. Martinho e de Santa Tecla do Rio Pardo, atacados pelo general hespanhol D. Jorge Vertize.

Mas Manuel Jorge Gomes de Sepulveda é conhecido principalmente na nossa historia pela parte que tomou na restauração do reino em 1808, e a respeito d'essa epocha da vida do general diz Simão José da Luz Soriano, em sua *Historia da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo parlamentar em Portugal,* «2.ª epocha, Guerra da Peninsula», pelo theor seguinte: «N'uma *Memoria abreviada* dos serviços prestados pelo tenente-general Manuel Jorge Gomes de Sepulveda diz-se que foi elle o primeiro chefe da acclamação do governo legitimo em Traz-os-Montes, tendo o seu primeiro rompimento no dia 11 do... mez de junho, d'onde rapidamente se espalhou e repetiu pelas mais terras d'aquella provincia, como Miranda, Torre de Moncorvo, Ruivães e Villa Real, a respeito das quaes se imprimiram tambem relações especiaes dos factos que em cada uma d'ellas se passaram por aquella occasião.

Sepulveda, posto que de avançada edade, desenvolveu, a favor da revolução que começara, bastante actividade e energia. A noticia da que primeiramente tivera logar no Porto chegara a Bragança pelas cinco horas da tarde do citado 11 de junho.

Sepulveda, pondo-se immediatamente á frente de alguns patriotas, procedeu logo á acclamação do principe regente, dirigindo elle mesmo o povo que tinha sido o primeiro a romper os vivas. N'esse mesmo dia 11, chamou o general ás armas todos os trasmontanos e os milicianos a quem se tinha dado baixa, por ordem dos francezes.

Acudindo os povos a este chamamento, Sepulveda passou logo a organisar alguns corpos de linha e de milicias, e, não obstante o esmorecimento que a este respeito causou o desmancho do que se tinha feito no Porto, todavia a firmeza e prudencia do velho general nada afrouxaram n'elle, a ponto de que, pela sua parte, fez sempre progredir o movimento começado, installando-se no dia 21 uma Junta do governo que no principio se chamava Junta Suprema e depois se denominou Provincial, da qual elle general foi presidente.

N'esse mesmo dia, Sepulveda tornou a renovar o chamamento de todos os cidadãos ás armas, sem excepção de pessoa, contra o inimigo commum, ordenando, a par d'isto, que todos os francezes sahissem da provincia, no prazo de tres dias.

Além d'estas medidas, tomou tambem as que lhe pareceram adequadas para o estabelecimento de uma linha de defeza no Douro, para cujo fim se combinou com os generaes Pignatelli e Cuesta, commandando aquelle em Zamora e este em toda a Castella, como capitão-general.

Desde então a revolução rebentou com todo o enthusiasmo em todas as terras do Minho e algumas da Beira, concorrendo muito para isso o exemplo, as participações e os convites feitos pelo mesmo Sepulveda aos respectivos generaes e governadores militares».

A *Memoria abreviada* a que acabamos de vêr que Soriano começou por fazer referencia foi escripta por um padre, Francisco Xavier Gomes de Sepulveda, irmão do illustre general Manuel Jorge Gomes de Sepulveda, e que nasceu em Hespanha pelos annos de 1760, mas veio em creança para Traz-os-Montes, provincia da sua familia, fallecendo em 1851, com mais de noventa annos de edade. Foi abbade da freguezia de Rebordãos e entrou activamente na politica do seu tempo.

O opusculo a que se reporta Soriano intitula-se *Memoria abreviada e veridica dos importantes serviços que fez á nação o excellentissimo senhor Manuel Jorge Gomes de Sepulveda, Tenente-General, e Governador das Armas da Provincia de Traz-os-Montes, na feliz origem e progresso da Revolução, que salvou a Portugal; e que deve servir para dar luz á Historia Lusitana.* Este opusculo foi impresso, em 1809, em Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira.

Os preciosos serviços de Sepulveda certamente que eram dignos de louvor, pondera o abbade de

Rebordãos e accrescenta que, com effeito, varios impressos se não haviam esquecido de quem os fizera.

Os primeiros escriptos que lhe tributam elogios sahem da sua mesma provincia. A Proclamação aos trasmontanos por um amante da Religião e do Principe (esta proclamação que, é das primeiras que appareceram no reino, imprimiu-se no Porto, na typographia de Antonio Alvares Ribeiro) chama-lhe o honrado e benemerito general que com os seus intrepidos provincianos fôra o primeiro em arvorar as Reaes Bandeiras e em tomar as armas para sacudir o insoffrivel jugo; e a oração que a camara de Villa Real lhe recitou, na sua entrada solemne n'aquella villa, a 9 de julho—a qual foi impressa na mesma typographia –, não póde dizer mais em seu abono, nem com maior exacção e critica.

O *Leal Portuguez*, impresso no Porto (n.º 2.º), lhe dá, e á sua provincia, a gloria da primazia na revolução nacional e lhe faz um dos maiores elogios. E, perguntando o abbade de Rebordãos, quando estivera no Porto, ao impressor quem mandara pôr aquelle artigo na gazeta, elle lhe respondera que tivera ordem da Suprema Junta (pag. 19 da *Memoria abreviada*).

Fr. Joaquim Soares, no seu *Compendio Historico*, reconhecera a primazia do general Sepulveda em Bragança e em todo o Traz-os-Montes, e quer que o seu nome ande a par dos Pereiras, dos Castros e Albuquerques. As cartas que o bispo do Porto e presidente d'aquella Suprema Junta (á data Patriarcha eleito de Lisboa) dirigia ao mesmo general Sepulveda eram, de resto, um testemunho honroso do seu merecimento e do quanto no Porto se apreciavam os serviços que prestado havia, logo desde o principio da revolução.

O auctor da relação da viagem de Junot a Portugal, dada por elle-mesmo a Napoleão, impressa pela primeira vez em Coimbra e depois em Lisboa, a Junot faz dizer que, em meio de seus bem fundados receios, foi que um valoroso velho, muito amante dos costumes da sua patria, general intelligente e governador d'uma provincia bellicosa (a quem chamam Sepulveda) arvorou o estandarte da insurreição, cujo fogo lavrou violentamente por toda a provincia e pela do Minho. O auctor do engraçado dialogo entre as principaes personagens francezas no banquete dado por Junot a bordo da *Amavel*, impresso em Lisboa em 1808, puzera, entre os implacaveis inimigos que nas diversas provincias do reino juraram eterno odio aos francezes, a Sepulveda em Traz-os-Montes. O auctor dos *Successos de Portugal, ou Prodigiosa Restauração da Lusitana feliz*, tambem impressa em Lisboa em 1809, reconhecera e confessara que a revolução rompera espantosamente em Bragança, Chaves, Villa Real e por todo o Traz-os-Montes, e ajuntara que o echo d'esta trombeta lusitana resoou no Porto, onde logo se patenteou o mais extraordinario enthusiasmo pela guerra. O auctor da *Carta escripta a um patricio da Bahia*, impressa em Lisboa em 1808, João Xavier Ferreira Taborda, na sua *Epis-*

Aspecto geral de Bragança, segundo uma photographia antiga

tola ás senhoras portuguezas na occasião de irem os regimentos para a guerra, impressa tambem em Lisboa em 1809, e outros mais, que o abbade de Rebordãos deixava por não enfastiar o leitor, da mesma sorte se não haviam esquecido do nome de Sepulveda. D'aquella *Epistola ás senhoras portuguezas*, de Ferreira Taborda, tirara, de pag. 13, o abbade a quadra com que dera principio á sua *Memoria*. E' assim:

Cantai-lhe esse General
Que dá gloria aos Lusitanos,
Depois de luzir nas guerras
Dos fieis Americanos!

Finalmente, logo que o governo do Principe Regente se vira restabelecido, bem certos os Governadores do Reino de que o general Sepulveda tinha sido a origem da restauração da monarchia e de elles entrarem novamente no exercicio do seu ministerio, lhe dirigiram uma carta de agradecimento, em nome do alludido Principe Regente, que muito o honra e distingue. Esta carta tambem se encontra impressa no *Leal Portuguez*, n.º 2.º, de 11 de janeiro de 1809.

Era que, consoante o relembrou Pinheiro Chagas em 1883, fôra, iniquamente, assás contestada, na epocha, a gloria de ter sido Manuel Jorge Gomes de Sepulveda quem primeiro soltasse o grito de insurreição contra os francezes, e por isso sahira em 1813 outra obra, que se attribuia tambem a este padre Francisco Xavier Gomes de Sepulveda, abbade de Rebordãos, mas que apparecera anonyma, intitulada *Sepulveda patenteado, ou voz publica e solemne depositada em documentos authenticos que devem servir para resolver a questão: Quem foi o primeiro chefe a proclamar a revolução trasmontana em 1808?* Esta obra imprimira-se, como dissera já aliás, em 1813, e era acompanhada com um retrato do general.

Innocencio Francisco da Silva, em 1859, na verba consagrada ao padre Francisco Xavier Gomes de Sepulveda, diz que ignorava ainda se será porventura d'este escriptor a obra *(Sepulveda patenteado)*, de assumpto similhante á que ficara descripta sob n.º 1934 *(Memoria abreviada)*, e que se imprimiu anonyma.

Porém na Prefação do *Sepulveda patenteado* (Londres, impresso por T. C. Hansard, Peterborough Court, Fleet-stret), a pag. VII, seu auctor remata declarando que, no fundamento da decisão da questão a que vae entregar-se, renunciará a auctoridade de tantos e tão respeitaveis escriptores que já tinham fallado sobre essa materia, porque a todos pedia licença «para os dar agora por suspeitos, ainda que alguns certamente o não mereção, pelas suas luzes e pelo seu caracter». O capitulo IV da obra tracta *Do Quarto pretendente.* Outro pretendente illustre exara o auctor do *Sepulveda patenteado* que se offerece á sua penna, em cujo exame se persuade lhe deve dar maior extensão, porque tambem acha materia mais vasta em que se occupe; e é o Ex.mo Tenente-General, e Governador das Armas que então era da Provincia de Traz-os-Montes, Manuel Jorge Gomes de Sepulveda, na occasião Conselheiro de Guerra com actual exercicio n'este Tribunal. Algumas razões e fundamentos da sua pretenção já haviam sahido á luz em 1809, em uma abreviada Memoria, do abbade de Rebordãos. «Mas eu (accrescenta, proseguindo), eu, que tenho protestado recusar a authoridade de todos os Escriptores particulares, que fallarão sobre este ponto, muito mais recusarei a d'hum parente, para em nada me servir agora do seu discurso, ou raciocinio: buscarêmos outras fontes mais puras, e livres de todas as suspeitas, em que o Publico possa beber sem receio, alcançar a simples verdade dos factos, e não achar o menor obstaculo á sua decisão .

O «parente» de Sepulveda, seu irmão, abbade de Rebordãos, affirmara, com legitimo e respeitavel orgulho, que «até alguns diarios da Hespanha fazem menção d'elle, e o louvão com desvanecimento .

Mais longe do que a Hespanha haveria de chegar a fama do nome meritorio de Sepulveda. Na mesma remota Allemanha, o egregio historiador Schaefer ensina que foi, a 11 de junho, o octogenario Gomes de Sepulveda, tenente-general e antigo governador da provincia de Traz-os-Montes, quem proclamou o restabelecimento do governo do principe-regente e chamou os habitantes da sua provincia ás armas (Tomo V da minha edição portugueza, pag. 370).

Em consequencia da sua edade avançada, o general Sepulveda não pôde tomar parte activa na guerra da Peninsula «e morreu exactamente na occasião em que o novo Cesar, que havia tentado subjugar a nossa patria, era obrigado a depôr a corôa imperial». Frisantemente assim rematava Pinheiro Chagas em 1883.

Nós, n'este ensombreado 1908, entendemos cumprir um sacrosanto dever patriotico apresentando perante os olhos abatidos da geração contemporanea o exemplo varonil d'este ancião, que corajosamente se abalança a todos os perigos e se dedica a todos os sacrificios, em prol e a bem da terra mui amada que lhe foi berço. E' bello aquelle momento da decidida iniciativa, quando chega o correio a Bragança com as alvoroçadoras noticias particulares do Porto. Logo que essas cartas se leem, vão sem demora alguns patriotas de Bragança (o capitão Bernardo de Figueiredo, seu irmão o conego Bento de Figueiredo, o abbade de Carrazedo Manuel Antonio de Souza, o bacharel Pedro Alvares Gato e outros) participar a jubilosa noticia ao general Sepulveda, que a essa hora estava na egreja de S. Vicente, com seus dous filhos, Antonio Corrêa de Castro e Sepulveda, sargento-mór da praça, e Bernardo Corrêa de Castro e Sepulveda, ajudante d'ordens. O general Sepulveda, cheio de enthusiasmo, é dos primeiros que rompem o ar com suas cordeaes acclamações, a que todos os circumstantes correspondem; o povo em chusma as repete; em todas as ruas retumba o echo dos gritos pairioticos; a bandeira nacional é arvorada; e os sinos da sé e da cidade, com accelerados golpes festivaes, annunciam a commum e geral alegria.

Estava dado o começo á grande obra; e por sua iniciativa arrojada, que soube depois conservar firme e tornar em seguida coherente e consequente, Manuel Jorge Gomes de Sepulveda coroara seu nome de immarcessivel gloria.

J. Pereira de Sampaio (Bruno).

ETHNOGRAPHIA TRASMONTANA

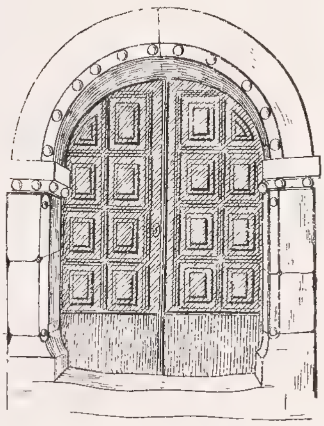
APÓDOS TÓPICOS

Aos *Apódos tópicos* apontados pelo distincto, notavel ethnographo e erudito escriptor snr. Rocha Peixoto, no seu excellente artigo publicado a paginas 78 d'esta revista, pertencentes á região trasmontana, convem ainda accrescentar, pela sua originalidade e interesse, os seguintes que julgo ainda ineditos:

EXTINCTO CONCELHO DE VILLAR SECCO DE LOMBA,
HOJE PERTENCENTE AO DE VINHAES

Estoura jugos de Tresmonte.
Mocosos de Edrôso.
Coelheiros do Pinheiro.
Mamóteiros de Villarinho.
Lavradores de Quiráz.

Portico em ogiva de lanceta, seculos XIII e XIV, da egreja de Parada, concelho de Bragança
(Croquis segundo um cliché de Robs)



Porta principal, estylo renascença, da egreja matriz de Avellêda, concelho de Bragança
(Croquis segundo um cliché de Robs)

CONCELHO DE BRAGANÇA

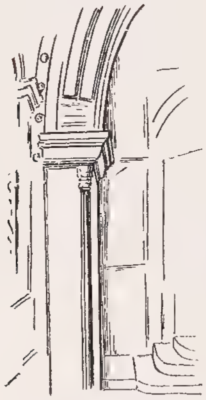
Atavãos em Rebordãos.
Na Sarzêda burra quêda.
Cães os de Meixedo,
Burros brancos em São Pedro.

Desateta bezerros de Outeiro,
São gorras os de Milhão.
São calouros os de Babe,
Lagartos os de Alfaião.

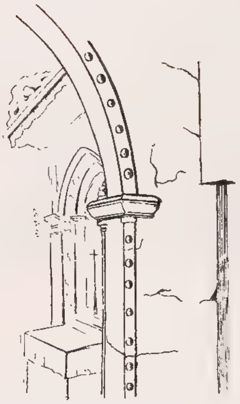
Direitinhos os de Valle de Lamas,
'Scalda pobres os de Baçal.
Cáras altas de Sacoias
'Stoura jugos de Rabal.

Aguas frias em Nogueira
Boa avó em Castanheira.

Parada não dá nada,
Paredes bem o vêdes.



Secção do arco cruzeiro da egreja parochial de Varge, vista do fundo da mesma egreja
(Croquis segundo um cliché de Robs)



Secção do arco cruzeiro da egreja parochial de Varge, observada do lado do altar-mór
(Croquis segundo um cliché de Robs)

Em Parada te veja eu; mas não sem merenda.
Arraiólos os da Réfega.
Runicates os das Veigas.
Carvoeiros os de S. Julião.
Moscardos os de Pallacios.
Rezungões os de Caravella.
Pica-peixes os de Quintanilha.
Cevados de Grijó.
Larégos de Freixedello.
Caróças de Carocedo.
Arraiócos de Paredes.
Xedes de Coelhôso.
Cucos da Paradinha.
'Scaravelhos de Calvelhe.
Panellos de Pinella.
Tranca portas os de Izeda.
Carvoeiros os de Serapicos.
Burros brancos os de Tailde.

CONCELHO DO VIMIOSO, COM REFERENCIAS A POVOAÇÕES D'OUTROS

Os alhos são da Matella,
As porretas de Avinhó,
As meninas são de Thó;
Os cucos da Paradinha,
E os boubélos de Paçó.

Surradores de Argosello,
Curtidores de Carção;
Os tendeiros são do Campo,
E os bons homens de Santulhão.

CONCELHO DE MIRANDA DO DOURO [1]

Se fores a Miranda, vê a Sé e anda.
S. Martinho das tijellas,
Constantim dos pucarinhos,
Cicouro das moças guápas
E tambem dos valentinhos.

Baçal, setembro de 1908.

P.e FRANCISCO MANUEL ALVES.

[1] A este proposito vêr o *Dialecto Mirandez* por Albino J. de Moraes Ferreira, pag. 40.

VILLA REAL—A feira dos pucarinhos

Glossario Trasmontano [1]

Assadura -Lombo de porco. (Villa Real).

Andadeira—Mó, ou pedra que tritura e moe os cereaes. (Chaves).

Arralentar ou arralar—Tornar ralo, espassar as plantações. (Villa Real).

Argolar—Intrujar, enganar.

Arganel—Argola de ferro que se põe no focinho dos porcos para que não possam fossar.

Amerigada—Romã.

Asuaes—Dois cestos de vime ligados para conduzir estrumes em cavalgaduras.

Azada—Pote de barro com duas azas.

Bocanho—Bom tempo. (Barroso).

Bocanhar—Fazer bom tempo (em seguida a uma trovoada). Barroso.

Badil—Pequena pá para tirar a cinza do lár.

Benairo—Farrapo, boccado de tecido.

Bilhó—Castanha assada.

Buncho—Bochecho.

Barbião—Travessas nos carros de bois onde encaixam as *ingarellas*.

Baleio—Vassoura comprida para varrer as eiras.

Bósta—Mulher indolente.

Botêlha—Abobora, calondro.

Baldão—Pau comprido com que se faz mover a pedra ou mó do lagar do azeite.

Botilho—Taboa com pregos, que se põe no focinho das vitellas para impedir que ellas mamem nas mães.

Bóto—Odre.

Bóta—Borracha ou odre pequeno para vinho.

Cabeção—Rol, relação.

Catrofe -Cachaço.

Cassame -Maçador, aborrecido.

Congoxa—Mágua, pena.

Colgar -Dependurar, suspender.

Cuchal—Mulher mal trajada.

Caleja—Rua estreita, viella.

Carnal—Tira de couro, que serve para jungir os bois.

Côxo Eczêma.

Chêta—Vitella que ainda mama.

Cunca -Tigella de pau.

Delingar—Dependurar.

Especies—Recheio de amendoas, cravinho, assucar em ponto, canella, etc., empregado na pastellaria.

Embarrar—Dependurar, atar.

Escoura—Residuos do ferro da frágoa.

Estransilhado -Mal ageitado.

Emplasteiro Bajulador.

Fustes—Maravalhas.

Fertir—Frigir.

Fóro—Cacete.

Ferros Alambique. O conjuncto de utensilios para a destillação.

Gravano—Balde de folha, com cabo de pau, para tirar agua dos poços.

Ingrilorio—Homem atarrecado, sem maneiras correctas.

Ingarrar—Trepar, subir.

Ingrideira—Corda propria para segurar a carga das cavalgaduras.

Ingarella—Especie de caniço usado nos carros de bois.

Lapáda—Pedrada.

Lambão—Bruto, estupido.

Lastra—Lage.

Lafráu—Maroto.

Lúria -Corda usada nos carros de bois.

Láres—Cadeia de ferro que suspende a caldeira sobre a lareira.

Landaina—Mentira, desculpa.

A. F.

[1] A maioria d'estes termos pertence ao districto de Bragança, e especialmente aos concelhos do Mogadouro e Vimioso.

RIBEIRA D'OURA

AHI tens o Reigaz, meu Claudio, a matta dos meus pavôres de moço e menino...

Claudio olhava o vasto pinhal com olhos de apreciar, seguindo os contornos do monte que se destaca do valle de Sabrôso e se estende para o norte, a dominar o valle mais fundo da Ribeira d'Oura. E nas curvas da estrada, na descida rapida para as veigas ferteis em pão e vinho, elle estacava, media com a vista as alturas ensombradas de pinheiros, na sua densidade enigmatica e tristonha.

Dei-me então a fallar-lhe do Reigaz, antiga floresta a que se ligam tradições enegrecidas pelo crime. Era o Azambuja d'estes sitios—e se não o egualava nos commettimentos audaciosos, na cifra dos crimes perpetrados, egualava-o por certo no terror que infundia áquelles que a obrigação ou o desejo das viagens forçavam a confiar-se aos seus traiçoeiros caminhos.

Cada um dos pinheiros—e são tantos, tantos! - perfilados agora á beira da estrada, havia sido para mim, em edade de facil crença, testemunha muda e indignadamente severa de extorsões á mão armada, de emboscadas assignaladas pelo sangue. Hoje, porém, do passado tenebroso da floresta apenas restam evocações, e uma ou outra cruz de madeira, tôsca e desbotada, lembrando á piedade dos que passam as victimas sacrificadas á rapinagem. O tempo continua a ser um demolidor irreverente—nem sequer permitte já o pittoresco dos que d'antes procuravam segurança e impunidade no abrigo complacente dos arvoredos. De maneira que, a grande matta, toda no luto da vegetação cuja verdura não sorri, cuja seiva não dá flôr nem fructo, já não é mais do que a sadía morada dos melros e dos gaios, e o conforto dos povoados que de inverno se aquecem e se alumiam ao fôgo dos seus ramos sêccos.

Percorridos nove kilometros de pinheiral encontramos Oura, a primeira povoação do largo valle de que se nutrem Villa Verde, Loivos, Vidago, Arcossó, Villarinho. Oura descança uns metros abaixo da estrada, para a direita, alegrada pela verdura das vinhas e dos milharaes. E' uma povoaçãosinha d'algumas dezenas de lares, com casas rusticas abrindo para ruas estreitas e sinuosas—d'onde destacam dois unicos predios nobres, typo severo do velho solar trasmontano. Mas o que lhe

VIDAGO A mais importante povoação de Ribeira d'Oura

VIDAGO — Ponte sobre o Oura na estrada de Villa Pouca a Chaves

mingua em bens urbanos, sobeja-lhe em varzeas de copiosa colheita e cêpas afamadas pela excellencia das uvas.

Em frente d'Oura eu pensei em alargar a vista por todo o valle. E comecei a acender o ardôr apaixonado de Claudio pelas excursões e perspectivas, falando-lhe d'uma derivante no trajecto que nos traçaramos, antes de abordarmos as commodidades civilisadas do Hotel do Vidago. Exalcei-lhe ainda a frescura bucolica da manhã, o choutear brando das azemolas, que nos transportariam por plainos e aldeias, felizes na paz da terra que as alimenta, sob o sol generoso que lhes dá alegria, pão e claridade. Ao atravessar as aldeias, seriamos biblicamente saudados por mulheres sadías, cheirando a esteva e rosmaninho — e insinuei de novo, ardilosamente, o apperitivo das mulheres tão faceis no saudar ...

Claudio bocejou, esticou os braços n'um amollecimento de fadiga, lançou o olho supplicante para os lados em que suspeitava Vidago e os seus confôrtos. Esporeei a azemola, que se contorceu de dôr e de surpreza — e mettêmos estrada abaixo, a par um do outro e longamente afastados pela reserva d'um silencio agastado. Por fim, Claudio, ergueu o olhar, á procura do meu olhar, no desejo da reconciliação. E arriscou, muito humilde:

— Comprehendes, filho... Já cá temos umas leguas... Ainda se fôsse n'um bom cavallo... caspité! até para o cabo do mundo ... Mas n'esta azemola... derrêa-me, olha que me derrêa ... Ámanhã, esta tarde mesmo, se quizeres ...

Eu mantinha a minha reserva hostil, acompanhando com a cabeça e o tronco desconjuntados o balancear preguiçoso do quadrupede.

E elle, mais humilhado:

— Palavra, não foi para te contrariar ...

Abri-me em mil perdões, já sensibilisado. E, na ancia de accentuar perdão, entrei a admirar-lhe o garbo sobre a azemola, as calças justas á perna, e a indicar-lhe de permeio certos trechos dos campos que nos ficavam á esquerda, cujo silencio as detonações da minha caçadeira incruenta tantas vezes quebraram. Claudio, agora de todo rendido ás solicitações da carne fatigada, ás promessas d'um proximo leito que se prestasse ao repouso e ao somno, mal ouvia os louvores e as recordações. E assim fizemos a nossa entrada na celebrada terra onde se concertam visceras derrancadas, eu murmurando palavras de reconciliação e de saudade, Claudio mascando distrahidamente um vago «sim, sim», de quem do mundo, a essa hora da manhã, com as pupilas abertas para a exuberante natureza a faiscar de luz e de mocidade, não comprehendia mais do que a necessidade d'um leito e as seduções appetecidas da bemdita inercia.

Já cantavam os gallos, no silencio calmo da manhã, quando, ao outro dia, nos abalançamos fóra do hotel.

— E cá estamos no Vidago, carissimo Claudio!

Elle, refeito do cansaço, um brilho satisfeito nos olhos negros, acrescentou a meia voz:

— Cá estamos...

E decidimos satisfazer logo a nossa soffrega curiosidade de impressões e de imprevisto. Mettemos á estrada d'Oura e torcemos pouco adeante para os lados de Villa Verde. Ao passarmos alem dos pinheiraes bravios do monte Meão, descobrimos encantados o extenso valle; — com pequenas aldeias marginaes emergindo da sua abundancia, á maneira de colmeias abrigadas nas courellas do solo que se offerece, magnanimo, em vergeis e moitas floridas. Cortamos Villa Verde, aninhada na frescura das hortas, dos milhos e dos vinhedos, n'um socego dormente. Depois, acompanhando o curso da ribeira, que n'esta epocha de séccas não é mais do que um areal esbranquiçado com manchas d'agua estagnada, trepamos a um pequeno cabeço d'onde se domina Loivos, na sua graciosa subida pela encosta que limita o valle. E admiramos Loivos ao longe, pela brancura dos seus muros e dos seus telhados, denunciando um povoado com exigencias urbanas, uma aldeia rica, fartamente abastecida d'aguas do monte, e de pão e legumes da planicie. E como o nosso intuito todo se resumia a um desejo rapido de impressões, seguimos d'alli, torneando a encosta em que assenta Selhariz e Valverde, por entre arvores e fraguedos, para o outro lado do monte, que fica ao norte da chã. Quando avis-

VIDAGO — Costumes regionaes. A partida da mala-posta

tamos Villarinho, Claudio, estropeado e faminto, mal pôde murmurar:

—Apre, que o caminho é aspero...

—Meu Claudio, tem paciencia. A graça divina só pelo sacrificio se alcança. E olha, regala-te no encanto d'aquellas aguas que das montanhas da Galliza correm para o Douro...

—O Tamega!...—fez Claudio, admirado.

Era o Tamega, na verdade. O Tamega na sua majestade serena, com rendas verdes de choupos e salgueiros a enfeitar-lhe as margens, em crispações e reverberos de sol, como se gottas de fogo lhe salpicassem as aguas. Deslizava preguiçosamente, como se o ar e a luz, muito tepidos, lhe provocassem um espasmo sensual, um desmaio lubrico... Ao lado, uns centos de metros desviada, brilhava a aldeia, banhada no deslumbramento do sol e da paisagem—tendo em volta castanheiros e parras ajoujadas de fructo a pintar; ao nascente o monte, revestido de carqueja e pinheiros; e para lá do rio os primeiros contrafortes das serranias de Barroso, mosqueadas de povoados tristes, negrejando entre a vegetação triste de pinhaes e sobreiraes, lembrando uma emergencia d'essa vegetação de luto e de melancolia.

VILLARINHO DOS PARANHEIROS—Pittoresca povoação na Ribeira d'Oura

OURA Antigo solar da familia Azerêdo Antas

Claudio achava magnifica a aldeia e o seu variado scenario—mas o corpo exausto requisitava-lhe repouso.

Marchamos pois pela estrada mais curta, em busca do repouso. Ainda absorvemos um novo hausto de impressões á passagem em Arcossó, edificada ao alto d'uma ribanceira que dá para o Tamega, n'um ponto em que o Tamega ruge estrangulado nas muralhas agrestes da penedia. E meia hora depois, apertados por um appetite famelico, abancavamos impacientemente a uma meza do Grande Hotel do Vidago.

—E agora, meu amigo, sobre o repouso e o jantar, visitaremos o Vidago...

Claudio, communicativo, ao subirmos a povoação, dizia-me que ninguem em Portugal, desde o vêrde Minho ás praias alegres do Algarve, pelo menos entre os que conhecem o alphabeto e as quatro operações arithmeticas, ignora o Vidago e os seus milagres. O que devia dar-se, por certo, com muitos dos que o conhecem pela fama das suas aguas, era o que se dava com elle, na edade anterior á geographia, relativamente ao Ceylão, por exemplo—que apenas conhecia pela fama das suas perolas. O Ceylão tomava no seu espirito um aspecto original e estreito. Era um ponto negro de terra e fraga perdido na immensidade do mar, sem mais vestigio dos beneficios da natureza do que as conchas de que se extrahiam as perolas—resteas de luar que o escuro das grutas sub-marinas concentra em gottas d'agua, crystalisadas na casca dos moluscos. E n'essa ilha, d'esse mar que lhe rugia e espumava em torno, só as perolas attrahiam o olhar e a cubiça do homem.

Para quantos o Vidago, esta vasta aldeia com apparencias de villa, cabeça de concelho, este solo

VIDAGO Nas margens do Tamega. Typos e costumes regionaes

affavel que as vegetações tocam de coloridos de téla, não passa d'uns palmos de rocha de que brota um perenne manancial de esperança e de regosijo para os que soffrem, e para os que soffreram? E afinal, este solo abençoado, escondido no regaço dos montes que o cingem, é tão copioso em aguas medicinaes como em requintes naturaes de belleza, em exuberancias de fertilidade. Tudo isto, collinas verdes sob a magnificencia das vinhas e a gravidade dos olivaes, campos e vinhas tomando o valle, parece ter sido concertado e disposto para offerecer aos doentes, com os alivios do corpo, a doçura do olhar – doçura que se transmitte ao espirito e ao corpo.

Eu apoiava, por lentos acenos de cabeça, as considerações do meu amigo. E não pude reprimir uma gargalhada franca de vivo prazer, ao vê-lo estacar, surprehendido, no momento em

OURA - Costumes regionaes. A entrada para os lagares

OURA – Uma paysagem interessante

que estranhava a pequenez das arvores da região, deante do velho olmo que ostenta a sua magestade e os seus annos ao cimo do povoado.

Este olmo é um patriarcha dos vegetaes, que conserva a recordação da convivencia ora amiga, ora hostil dos tres ultimos seculos. E' um velho secular, bondoso e acolhedôr como todos os que n'uma longa vida aprenderam a amar e a soffrer. Tem todas as ternuras d'um avô carinhoso para os que lhe pedem abrigo — acolhendo-os sob as longas ramagens que as primaveras conhecem como a bom irmão. E na sua aspiração de bem servir os que se lhe acercam, elle não tem mais cuidados para o homem, do que para a casa em que o homem nasce, ou do que para a ovelha que lhe prodigalisa a lã. De inverno mesmo, mal ouve os uivos da natureza que se agita nas ancias da concepção, despe-se das suas fôlhas, que os pobres utilisam no lar desabrigado — deixa até que lhe mutilem os ramos, habituados aos rumores das vindimas e ás caricias do sol, para que não falte a crepitação d'uma fogueira a aquecer a frialdade das choupanas. Além d'isso, a arvore paternal, que nas noites claras de lua cheia parece um gigante a velar, attento, o somno do povoado, é o *forum* e a melhor lição dos que crescem e medram á sua sombra. Alli se discutem, na linguagem impetuosa e ingenua dos simples, os casos politicos da terra, o casamento da senhora morgada, e a opportunidade das sementeiras e das pódas. Os avisos ao povo, bons e maus, os lançamentos de impostos, o annuncio de objectos achados ou perdidos, fixam-se na sua casca rugosa, tão aspera por fóra, e que por dentro, em contacto com a seiva, unida ás fibras do

VIDAGO Um aspecto da quinta de Freineda pertencente ao coronel snr. Julio de Souza Machado

tronco, tem a macieza voluptuosa das pennugens. Como lição não a póde haver de mais alto ensinamento. O pae, mostrando aos seus filhos a vida recolhida da arvore, que trabalha incessantemente para viver, que vive semeando o bem, que resiste ao desvastar dos seculos com a tranquilidade heroica que lhe provem da confiança na sua força, ensina-lhe mais moral do que a que encerra todo um tratado da educação social.

Claudio architectou conceitos substanciosos sublimando o forte róble e a grossura do seu tronco. Eu interrompi-o, porém, porque o sol já quasi coroava a serra, e tinhamos marcado para essa tarde a nossa visita ás nascentes mineraes. Descemos outra vez ao hotel—d'ahi, contornando o parque, seguimos para as nascentes. Pelo caminho, uns mil metros de estrada suave cortando campos pejados de fartura, nós falamos das mil curas que a agua modesta, nascida d'uma

ARCOSSO - Portico do antigo solar do Barão de Villa Pouca e Arcossó

OURA—Quínteiro interior da casa solarenga da famiiia Azerêdo Antas

dura rocha, todos os annos milagrosamente opera.

—Se ao descobrirem a agua—affirmava Claudio, convicto—se lembrassem de collocar uma santa junto da nascente, tinhamos alli uma segunda Lourdes... com peregrinações, templos, e milhares de offerendas de valor incalculavel...

Effectivamente, ellas seriam um logar de devoção, em que os milagres teriam o esplendôr mystico de favores do céo. E nós mesmo, quem sabe? áquella mesma hora, seriamos talvez dois fervorosos perigrinos, com dôres no figado ou calculos na bexiga, a caminho da cura pela agua, tornada milagrosa pela presença da Senhora. Assim, profana e recolhida n'um humido pavilhão, as suas curas não attrahiam offerendas nem rezas commovidas...

Tinhamos attingido o extremo da avenida que dá para o recinto onde o pavilhão se levanta: deante de nós, a curtos passos, a frontaria d'um novo hotel mostrou-se em toda a sua largueza—mais extensa do que uma rua, as linhas seguras e nobres talhadas em granito, erguendo-se d'entre a espessura dos pinheiros, n'uma ancia de contraste, como um grito audaz de luxo e de modernismo lançado no seio selvagem da natureza inculta.

—E' verdade—considerava Claudio—que esse contraste breve se desvanece. O selvagem e o inculto tomam depressa feição civilisada e elegante. A insaciedade do homem tudo amolda ás exigencias da sua commodidade; de maneira que, a matta que cerca o hotel e trepa pela encosta aspera do monte, será amanhã um lindo bos-

VIDAGO Typos e costumes regionaes

que, affeiçoado ás necessidades do meio. Vê-lo-hemos povoado de grutas e caramanchões, com estradas em caracol, e fios d'agua calculadamente dispostos, n'um effeito de natural...

Assim seria, assim deveria ser...—accrescentava eu. E entramos no recinto das *aguas*, com o seu extenso parque arborisado, cingido d'ameias toscas, com o seu lago de curvas caprichosas, e a segunda nascente, lá ao fundo, um pavilhão de granito cuja architectura faz lembrar a cupula esbelta dos templos egypcios.

Quando regressavamos ao Vidago, o formigueiro de operarios que se movia junto do edificio em construção, evocou-nos edades remotas, em que milhares d'homens se congregavam para erguer montanhas de pedra que lhes perpetuassem a memoria, ou que os garantissem de inimigos. Hoje, á semelhança d'então, esse formigueiro humano alisava o granito, sobrepunha blocos sobre blocos, cimentava-os, dava-lhes harmonia e relêvo, para garantir os que soffrem, dos rins ou do figado, contra as inclemencias do tempo, os estragos da doença, os tédios da vida afastada das cidades...

Coimbra, 25-10-1908.

SOUZA COSTA.

(Clichés de Carlos Pereira Cardoso).

Margens do Tamega

FOLK-LORE TRASMONTANO

D. GARCIA

Eu montei no meu cavallo
Por aquella serra acima;
Pois a neve era mui grande,
Minha esposa ia perdida.
—*Visteis* por aqui minha mãe,
A minha esposa linda?—
«A tua esposa ahi vae,
Mui contente que ella ia!
Tocando n'uma guitarra,
Bom romance ella fazia,
E dozentos perros mouros
Vão em sua companhia;
No romance vão dizendo:
Morra, morra D. Garcia!»
—Valha-me Deus, minha mãe,
Ella isso não dizia;
Vou saber de minha sogra,
Que ella isso não dizia.
—*Visteis* por 'qui, minha sogra,
A minha esposa tão linda?—
«A tua esposa ahi vae,
Mui triste que ella ia,
Tocando n'uma guitarra
E dozentos perros mouros
Vão na sua companhia;
No romance ia dizendo:
Vale-me aqui, D. Garcia,
Se me não vales agora,
Não me vales outro dia!»
—Adeus, adeus, minha sogra,
Que eu a valer-lhe já ia!—
Chegou ao meio da serra,
Vira ir a D. Garcia:
«Descança ahi, ó moiro,
Que eu cançadinha já ia;
Tomaremos um taquinho,
Beberemos uma pinguinha;
Cavalleiro que além vem
Elle vae p'ra a mouraria.»
—Se elle era o teu pae,
De beber se lhe daria!—
«Ah! elle meu pae não é,
Que eu pae já não o tinha.»
—Pois se elle era teu irmão,
De beber se lhe daria!—
«Elle meu irmão não é,
Que eu irmão já o não tinha.»
—Pois se elle era teu marido,
De beber se lhe daria.—
«Meu marido elle não é,
Que eu ainda o não tinha.»
—Deus os guarde, meus senhores,
E Deus os queira guardar!—
«D'onde será o senhor,
Que é tão cortez no fallar?»
—Eu sou mouro da mourama,
P'ra lá vou a caminhar.—
«Se é mouro da mourama,
Ha de levar esta *ninha*,
Que levamos d'esposa
Ao nosso rei da Turquia.
—Menina que não tem honra
No meu cavallo não ia,
Pois de beijos e de abraços
Que voltas já levaria?—
«Pois, se a tinha, ainda a tem,
Ninguem lh'a tiraria,
Pois levamol-a d'esposa
Ao nosso rei da Turquia.
Pegara-lhe pela mão,
Sobre o cavallo a poria;
Os moirinhos mar abaixo
E os *christanos* mar acima
«Torna-nos cá, cavalleiro,
Torna-nos a nossa *ninha*,
Que a levamos d'esposa
Ao nosso rei da Turquia.
—Dizei lá ao vosso rei
Que a *ninha* que era minha;
Que me pertencia a mim,
E não ao rei da Turquia.—
«Torna-nos cá os vestidos
Que já comprámos á *ninha*.»
—Os vestidos não são vossos,
Os vestidos são da *ninha*.—

Vinhaes (Nozedo de Cima).

JOSÉ HENRIQUES PINHEIRO

NASCEU na villa de Moncorvo em 20 de fevereiro de 1835 e falleceu na cidade do Porto em 7 de outubro de 1904.

Era filho de Luiz Bernardo Pinheiro, pharmaceutico e, por vezes, administrador do concelho de Moncorvo.

Ainda rapaz, veiu para o Porto com o fim de se habilitar para exame de pharmacia, frequentando ao mesmo tempo a Academia Polytechnica, onde fez um curso distincto, sendo diplomado no anno lectivo de 1856 a 1857.

Em 1857 fez exame de pharmacia na Escola Medico-Cirurgica do Porto, e em 1863 foi nomeado, por concurso, professor de francez, desenho e geometria para a Escola Industrial de Guimarães.

De 1857 a 1863 esteve em Moncorvo como pharmaceutico; e, dotado de grandes qualidades de trabalho e iniciativa, dedicou-se tambem á creação do bicho da seda em grande escala e foi encarregado da montagem e direcção d'uma fabrica de sabão n'esta localidade.

Em 1870 foi nomeado professor provisorio para o lyceu de Bragança, e definitivo em 1881. N'este lyceu exerceu o cargo de secretario e reitor, sendo jubilado em 13 de fevereiro de 1896.

José Henriques Pinheiro—(Segundo uma photographia antiga)

Por differentes vezes foi nomeado procurador á junta geral do districto de Bragança.

Tinha a medalha de ouro e diploma da Associação dos Benemeritos Italianos e era socio correspondente da Sociedade Martins Sarmento, publicando na revista da mesma extensos e muito apreciados artigos sobre archeologia.

Em Castro de Avellãs, pittoresca e pequena povoação situada a 4 kilometros da cidade de Bragança, descobriu as ruinas d'um Castro Romano e templo tambem romano, varias sepulturas préromanas, alguns marcos miliarios de Cesar Augusto, bem como grande numero de lapides funerarias, moedas d'aquelles tempos e objectos de uso proprio, enriquecendo com todos estes achados o museu da Sociedade Martins Sarmento em Guimarães.

Começou em Castro de Avellãs o seu estudo sobre a Estrada Militar Romana de Braga a Astorga, publicando em 1896 um interessante livro em que, desenvolvidamente, todas as suas descobertas archeologicas são mencionadas.

Em Bragança, continuou com as suas tentativas industriaes, montando alli uma fabrica de massas que por muitos annos abasteceu esta cidade.

Henriques Pinheiro era um apaixonado por musica, organisando frequentemente concertos em sua casa nos quaes tomava parte tocando violoncello.

Foi um desenhador distincto e d'uma correcção de traço pouco vulgar, sendo, por isso, muito apreciados os seus trabalhos a lapis em que revelou uma grande aptidão de artista.

Como se vê a primeira parte da vida de Henriques Pinheiro foi dedicada a emprehendimentos de caracter industrial e se não fructificou mais foi porque a sociedade em que viveu estava muito arredada d'elles. A segunda parte destinou-a ao estudo d'antiguidades.

Prof. MIGUEL JOSÉ RODRIGUES.

CELEBRIDADES TRASMONTANAS

Emygdio Navarro

(Sanguinea do pintor Antonio Carneiro)

Emygdio Navarro

A Hespanha teve —creio que já lhe morreu—, um jurisconsulto notavel e tribuno de destaque, chamado Bugalhal.

Um dia, discutindo-se em Mondariz a elevação a ministro da Justiça d'esse mesmo Bugalhal, o dono do hotel, seu adversario politico, arrazou-o assim:

—«Bugalhal? Pero yo lo conozco... Es un a-nal-pha-be-to!»

O povo portuguez, menos respeitoso pela intelligencia, não a considerando o bastante para reputar necessario negar o valor intellectual d'um homem cujo renome queira escavacar, vae por outros caminhos menos humoristicos e mais sangrentos do que o do hoteleiro de Mondariz declarando *a-nal-pha-be-to* um bacharel em direito, orador e jurisconsulto de nomeada e valor incontestados.

N'esta santa terra de benignos céos e azêdos figados, Bugalhal não seria accusado de analphabeto; ao contrario declaral-o-hiam um genio e, depois de o pôrem nas hastes desemboladas da lua, Bugalhal ouviria dos seus adversarios:

—«E' tão *bô* com'a tão *bô*! Todos são frescos para *assar*. Tanto faz ser Bugalhal, como Sanches, como Martinho, isto é tudo mas é uma corja de ladrões! O que elles querem é arranjar-se!...

Esta nacionalissima definição de ministro de Estado adoptou-a Portugal genericamente, indifferentemente, para todos os seus homens publicos mesmo para aquelles que accumulam notoriamente essa qualidade com a de homens de bem.

Pinheiro Chagas, um varão, e varão illustre, que viveu penosamente da penna, a quem, depois d'um dia de trabalho no seu *Jornal da Manhã*, nas Camaras, na Bibliotheca, prostrado de fadiga, sobre o jantar, a boa dona d'aquelle lar de bem-casados ia acordar—sabe Deus a magua!—para elle ali mesmo, na mesa de jantar, rever as provas d'um romance, encher o folhetim ou escrever um capitulo da Historia; Pinheiro Chagas, que viveu honradamente e pobremente, não escapou á calumnia.

Nem esse!

Sabia-se que D. Luiz lhe perguntára uma vez porque não levava a sua mulher ao Paço; sabia-se que a dignidade spartana de Pinheiro Chagas respondêra:

—«Não trago minha mulher ao Paço porque não tenho posses para lhe dar *toilettes* de gala».

Mas foi preciso que o auctor da «Morgadinha» morresse para se saber isto:

—No dia em que a imprensa aggredia deslealmente e grosseiramente Pinheiro Chagas por, como ministro da Marinha e Ultramar, haver negociado a Companhia do Zambeze, insinuando que o ministro «levára rasca na assadura», n'essa mesma manhã esse fecundo e glorioso homem de letras, esse formidavel orador que esculpiu a dymnastia d'Aviz no mais bello e sonoro marmore que na pedreira da lingua se pôde até hoje encontrar; esse ministro de Estado, na mesmissima manhã em que a imprensa politica o dizia enriquecido na cumplicidade d'uma negociata, mandava a um livreiro alfarrabista, (uma d'essas dedicações obscuras que chegam ás vezes a ser sublimes) pedir uma libra emprestada! O amigo, tão pobre como o ministro, tambem a não tinha e, tão elevado como elle, mandou empenhar o relogio para lhe attender o pedido.

Pinheiro Chagas morreu pobre como vivêra, o Rei quiz tomar á sua conta a educação do filho mais novo, e os mais velhos cumpriram, sem arrogancia mas intransigentemente, o unico legado que o pae lhes deixára: o encargo da familia.

Pois bem, a opinião publica nunca se penitenciou d'essa injuria da manhã do Zambeze, nem mesmo agora com esse monumento que em Lisboa acaba de descerrar-se, porque elle é apenas a logica continuação da modesta vida de Pinheiro

Chagas: o preito inicial d'um grande e justo coração [1].

E ainda Chagas era um homem de habitos simples, o homem da familia, (pae d'esse outro grande jornalista e homem honrado que é Alvaro Chagas e cuja figura eu não sei evocar senão singelamente trajado de jaquetão e camisa molle, e banhada da mesma bondade paterna); por isso nada se podia encontrar no velho Chagas que comprometesse a sua probidade de homem publico e favorecesse a calumnia.

Mas os que têm exterioridades aristocraticas?...

E' essa futilidade, sempre capital e perigosa das apparencias, que gera este historico episodio da Regeneração.

Ha uns bons vinte annos, n'um centro partidario de Lisboa, um homem de espirito vê atravessar a sala dois correligionarios evidentes.

Um, ministro de Estado em phases culminantes do reinado que findou quando abria a primavera de 908, era um homem que, apenas deputado, tinha debaixo do leito de ferro, da casa de hospedes onde vivia, o melhor de cincoenta contos da legitima paterna, em inscripções e outros papeis, guardados n'uma mala de tapete. Sem ninguem o suspeitar rico, atravessou a vida chorando-se, tiritando debaixo da sua apparente capa da miserias.

O outro doirava a sua miseria authentica com esse estoicismo dos que, debatendo-se em agonias de enforcado, deitam primeiro as mãos ao collarinho do que ao pescoço.

EMYGDIO NAVARRO—O retrato familiar. 1892. Paris

Um dia, Fontes ouviu com espanto a voz d'esse anonymo a reclamar na Camara não sei que documentos, para se habilitar á discussão d'um projecto de fomento em cujo debate se inscreveu desde logo, formando não na columna dos defensores mas na dos sitiantes.

Fontes mandou-o chamar, e, a sós com elle perguntou-lhe com a intenção d'um entendedor da alma e dos actos humanos:

—Quem é o senhor?...

—Quem sou eu?

—Sim.

—Mas V. Ex.ª quer que lh'o diga francamente...?

—Quero.

—Mas dá-me licença de lh'o dizer abertamente?

—Dou.

—Pois, então, fique sabendo: eu sou um homem *(e como quem procura a substituição d'um realismo violento e afinal o adopta, proseguiu)* sou um homem... f*all*ido. Vivo de leccionar meninos! *(Supponhamos que elle disse fallido).*

Fontes riu valentemente, soube traduzir na crueza realista d'este dialogo o desespero que elle continha e tirou d'aquella vida de leccionar meninos esse homem de valor, nomeando-o uma d'essas coisas que ha nas nossas repartições e que tanto podem servir para premiar talentos como para cevar ineptos, que têm como ninguem o talento do memorial.

Este nomeado de Fontes usava uma cadeia de oiro no relogio.

O outro, que pelo braço d'este atravessava a sala do centro partidario, e que era rico de nascença sem o dar a conhecer, prendia o relogio com uma fita de seda preta.

O terceiro, o homem de espirito cumprimentou-os e como quem toma o peso á cadeia d'oiro do primeiro, disse:

—«Este a fingir de rico!»

E, destacando do colete do segundo a fita preta que substituia a cadeia de relogio:

—«E este a fingir de pobre!»

Profunda ironia que resume a mais profunda synthese d'essas duas figuras da politica portugueza contemporanea.

O da fita de seda preta morreu deixando no Banco de Londres umas centenas de contos.

O outro nunca se soube bem a quanto montavam as suas dividas.

Evidentemente que se a opinião publica tivesse de acusar e aggredir estes dois homens politicos, ao segundo, vendo-o com cadeia de oiro, chamaria:

—Ladrão!

Ao que usava dissimuladamente uma fita a prender o relogio, chamar-lhe-ia todos esses nomes feios que, começados com maisculas, á força de ennegrecerem o papel com a sua muita tinta de impressão acabam por ennegrecer tambem, na superstição politica das multidões, os homens contra quem são desfechados:

[1] José de Mello, uma bella alma, um bom caracter e um bom amigo, director e proprietario da *Mala da Europa*.

—«Reaccionario! Anti-liberal! Traidor! Vendido á Inglaterra! etc., etc., mas ladrão, nunca!

Ladrão, só depois de morto e mesmo assim com admiração, já não com rancor!...

Tal é a atmosphera que rodeia o homem publico em Portugal.

O portuguez, ao vêr subir pela primeira vez ao poder um concidadão, não se alarma em receios da pobreza intellectual do iniciado ou perante a miseria da sua illustração.

A questão da incompetencia nunca foi proposta em Portugal. Nunca um ministerio caiu por ser acusado e convencido—mediante sentença da opinião publica—, de ignorante ou incompetente.

«Bugalhal analphabeto» faria rir e exclamar:

—Quanto mais burro mais peixe!

E só indirectamente, por se concluir que quanto mais burro mais sorte em descobrir o «peixe», essa acusação faria mal a qualquer dos nossos Bugalhal.

À prióri, este paiz de ideias, feitas tem esta acusação feita para todos os seus homens publicos:

—«Vae arranjar-se! Anda a arranjar-se! Arranjou-se!»

Nos paizes pobres, como nas casas pobres, os ralhos são sempre por falta de pão.

E como nos lares miseraveis em que o homem acusa a companheira de não administrar com economia e previdencia o magro quartinho semanal, nos povos individados o contribuinte atribue esbanjamentos a todos os seus governos.

Por isso a velhacaria politica, não podendo cognominar Emygdio Navarro: estupido, ignorante, illetrado, jornalista pêco, lançou-lhe esse epitheto acusatorio que quanto menos verificavel é tanto mais credito encontra na alma ingenua das multidões.

Muitos portuguezes deve haver que nunca leram um dos tersos artigos de Navarro, que ignorarão a sua bondade de homem, a sua rectidão de estadista, o seu patriotismo de politico; mas poucos haverá que não saibam que elle tinha um *chalet* no Luzo.

* * *

Em Portugal só ha uma unica maneira de não se ser calumniado: vivendo obscuro.

Desde que se apparece nos jornaes mais vezes do que aquellas que um sapateiro meu conhecido concedia á mulher que saísse de casa: «para se baptisar, para se casar e para se enterrar», está-se irremediavelmente perdido.

Não se vá, porém, concluir que se está perdido por se entornar o caldo da inveja.

Nada d'isso.

«O hespanhol», diz Unamuno «tem a obcessão de sobreviver a si mesmo. Por isso toureia, por isso combate embora com moinhos. Mazzantini ou D. Quixote—é a vaidade posthuma».

O portuguez não se importa com a gloria; o que elle quer é a brôa.

Nada de sobreviver: viver é a questão.

Ora desde que elle vê um seu semelhante fallado e admirado, logo conclue que esse felizardo é um rei da terra e que lhe não falta nada.

Se fossem só honras bem estava; o peor é que a *muchedumbre* presuppõe tambem proveitos.

E, como para o facto de viver bem, á grande e á franceza, todo o mortal tem instinctivamente de cór aquelle pedaço da Historia da França que affirma que «todos os homens nascem e são eguaes em direitos», segue-se que o atrevimento de Emygdio Navarro não passar a caldo e centeio é um abuso, uma prepotencia que lesa a resignação dos precisados.

D'ahi a calumnia prompta sobre a procedencia do seu pão.

A *Cour d'Assises* não disse tanta coisa aos acusados do Panamá como a população portugueza atirou á face d'esse homem.

E' mais uma vez o desconhecimento e o desprezo da intelligencia, a ignorancia do peso esmagador d'uma triste canêta de dez réis.

N'uma população um boccadinho maior do que esta e um pouco mais culta do que esta de quatro milhões e meio de analphabetos,—dentro da qual um livreiro ou uma empreza jornalistica podem contar pelos dêdos os seus leitores,—Emygdio Navarro teria deixado uma fortuna, mesmo gastando a fortuna annual de Rochefort.

E' certo que as *Novidades* ascenderam ao maximo de expansão e ao maximo de peso na balança politica, como jámais alcançou e tarde virá a alcançar um jornal conservador; mas essa venda, já notavel, não é a bastante compensação ao valor, representado em brilho, em assiduidade, em trabalho, em estudo e em producção, do seu director politico.

Quarenta contos que pela propriedade das *Novidades* deu o snr. marquez de Valflor, repartidos pela viuva e pelos filhos de Navarro, não passam das moedas de cinco réis que uma dona de casa burgueza póde juntar ao fim do anno, dentro d'um mealheiro de barro, para comprar uma prenda de annos ao marido ou se habilitar á loteria do Natal.

E a fazer juizo pela maledicencia, Emygdio Navarro deveria ter deixado uma fortuna muito maior do que a que deve vir a legar o snr. conde de Burnay.

Pois a sua vida não era tão faustosa que tivesse de ser explicada por verbas secretas.

Creio bem que essa preversa lenda de que a penna de Navarro era um funccionario do Estado, não passava d'uma reles vingança dos mediocres, ministros de Estado, deputados, altos funccionarios, —todo o aventureirismo da vida publica portugueza—que assim pela sórna se vingavam do vexame intimo que á ingratidão dos inferiores causa a protecção d'um dominador generoso.

Ha muita prova para a honestidade civica e jornalistica de Navarro: desde a denuncia, feita pelas *Novidades*, de certo intrujão, francez salvo erro, apparecido em Lisboa a encorporar companhias e que, d'*emblée* roubava o Estado portuguez e os seus proprios accionistas, que toda a gente recebeu e cortejou, acceitando-o como um financeiro, até á questão com o snr. conde de Burnay, a quem até hoje nenhum outro jornalista politico se atreveu a declarar guerra.

... Não é, porém, chegada a hora de se fazer a nossa historia contemporanea...

Seria preciso justiçar os vivos.

E a Historia é como os necroterios: só recebe cadaveres.

Fazer a biographia de Emygdio Navarro abertamente como o manda a justiça e a logica e a boa-critica demanda de alguns responsos a mais.

Dependia de traçar o momento politico em Portugal, pelo menos desde o Bispo de Vizeu para cá, descer do Pacto da Granja á Dissidencia Progressista, analysar os homens e as obras, folhear todo o *Diario do Governo*, fazer em primeiro logar anthropologia, cotejar, decifrar entrelinhas e patentear tudo, para depois determinar quem ha de ir para a valla commum ou para a crypta dos monumentos.

Contentemo-nos em narrar á opinião publica alguns traços do caracter d'essa figura do Portugal Contemporaneo, dar-lhe a saber algumas das suas qualidades que os seus amigos e os seus protegidos já podiam ter contado se a gratidão não fosse um fardo para a maioria dos homens e que veem a ser reveladas por quem, como eu, nunca deveu nem pediu a Emygdio Navarro nem o menor favor, nem a menor attenção e que, em vida do gigante, só a elle se referiu para, em época mental menos esclarecida dos homens e da complexidade das coisas, o atacar.

* * *

Em geral, o politico profissional é um vadio que á têta do Estado se agarra e que não é mais nada: que tem um bacharelato, quando tem, que dispõe de dois votos, o seu e o do barbeiro, quando dispõe, que falla na Patria sem sequer lhe conhecer geographicamente os seus limites, que vive entre a casa de hospedes e a carteira de S. Bento —, vaias da mangedoura —; que quando baixa ao cemiterio dos Prazeres baixa tambem de posto, decahindo das andas de «homem importante» ao zero de «homem obscuro», que ninguem sabe porque foi grande nem porque foi nutrido... pelo paiz, e cuja grandeza ninguem sabe explicar senão pelo tamanho da bocca.

São assim os nossos deputados, muitos analphabetos, são assim os nossos ministros, muitos estupidos, são assim, em regra, os nossos estadistas, muitos criminosamente ignorantes.

E são assim justamente porque o povo portuguez -*paiz de lojistas*, como o caracterisou Oliveira Martins, — apenas cura de honradez, sem se lembrar que um imbecil é muito mais pernicioso ao paiz do que um bando de malfeitores, e sem poder comprehender que mil contos que um homem de talento esbanja estão compensadoramente saldados com uma ideia.

Navarro foi, como Pinheiro Chagas, uma excepção, n'este charco de intellectualidades que coaxam nos lameiros da politica.

A politica não foi que o fez.

A politica, quando muito, desfel-o, porque desfez o homem de letras que n'elle havia inato.

Não o foi buscar ao meio da rua.

Encontrou-o, na redacção do jornal, abancado a uma mesa de escriptor, onde elle traçava as primeiras scenas d'uma peça de theatro — que em precioso autographo publicamos aqui, — por onde elle queria e podia ter feito carreira.

EMYGDIO NAVARRO
Fardado de Ministro d'Estado Honorario

O seu talento partiu, pois, do jornalismo, para a politica e estadismo, mostrando assim qualidades bastantes para immortalisar tres homens: 1.º um jornalista; 2.º um politico; 3.º um estadista.

Febril como foi a sua vida, essas qualidades atropellaram-se, não chegando a afamar-se senão o jornalista.

E se a Monarchia tem encontrado ministros de largas vistas, capazes d'uma longinqua visão pombalina, um d'esses foi Emygdio Navarro.

Á sua gerencia na pasta das Obras Publicas bastava, para assignalar-se gloriosamente, a organisação do ensino industrial — que o snr. conselheiro Bernardino Machado desmantelou — para o qual importou mestres e artistas de valor d'esse grande Nicola Bigaglia que em outubro findo Veneza viu morrer (¹). Ahi, n'essa missão de estadista, cujas responsabilidades o seu valor tão bem comprehendeu,

(¹) «... Bigaglia veio para Portugal ao mesmo tempo que outros artistas de valia, contratados por Emygdio Navarro na sua fulgurante passagem pelo ministerio das obras publicas, para professores das escolas industriaes criadas por elle e pelo seu antecessor Aguiar.

L. MANO — *Cousas e Lousas, Diario de Noticias* n.º 1:5442.

como o póde attestar Traz-os-Montes—que tanto lhe deve—Navarro ficou o mesmo homem superior, capaz de vêr mais do que o palmo dianteiro do nariz.

Na direcção geral havia quem embirrasse com certo funccionario elevado do ministerio; a intriga preveniu logo Navarro contra esse homem. E Navarro, tendo, como todos os bons, a ingenuidade de acreditar nos maus, deportou esse homem para uma secção das Obras Publicas de ... Aveiro, supponhamos.

Ainda ahi, a competencia do engenheiro botava a sombra alta do seu valor technico e do seu zêlo á Direcção Geral.

Nova teia, nova intriga, nova remoção.

O funccionario apresenta-se em Lisboa, requer audiencia ao ministro e declara que não acceita a nova commissão.

—Não acceita?! pergunta congestionada a auctoridade de Navarro.

—Não, senhor!

—Pois ha de acceitar!

—Se V. Ex.ª insiste ... demitto-me.

—Mas porque é que o senhor recusa uma commissão mais rendosa do que aquella em que está?!...

—Porque é superior á minha competencia...

Navarro apertou a mão do seu subordinado hierarchico e seu egual em superioridade moral, e chamando os Vagos das Obras Publicas, atirou-lhes esta apostrophe:

—E é com um homem d'estes que os senhores andam aqui a intrigar-me!...

E d'ahi em deante esse funccionario perseguido foi o homem de confiança... technica de Navarro.

Este outro episodio anecdotico, mas authentico, prova a isempção d'esse estadista na pasta, já n'outras mãos tradicionalmente *rendosa*, das Obras Publicas:—Navarro não abria uma carta emquanto ministro, respondendo assim com o mais compenetrado silencio a todos os pedidos impertinentes dos milhares d'amigos que um ministro só conhece depois de estar no poder.

Quando se despediu do pessoal superior do ministerio, que foi descançar dos cuidados do governo, Navarro puxou para o pé de si a montanha de correspondencia por abrir e exclamou:

—«Ora vamos lá a fazer psycologia!»

Uma das cartas era d'um homem do Alemtejo, amigo particular, que lhe perguntava se tinha recebido os payos.

—«Os payos?!...»

Navarro não se lembrava de semelhante presente. Horas depois achou outra carta, anterior áquella, do mesmo homem: era a que continha a guia dos payos. Mandou buscar o caixote ao caminho de ferro: estava tudo pôdre. E, quando não tivesse perdido outra coisa na sua passagem pelo poder, Navarro teria perdido pelo menos esse explendido presente de payos alemtejanos.

* * *

Quando a politica o desfeiteou, Navarro não ficou desarrumado: voltou para o seu logar de jornalista e tornou a pegar na sua penna que ainda não estava enferrujada.

Corpulento de mais para caber no recinto da fileira partidaria, mas grande bastante para se esphacelar ao de lá sair, assim que abandonou a politica parlamentar e que deixou de esperar pela vez de encher o canéco da inveja na fonte das successões governamentaes, não abriu as dissidencias do despeito.

Ficou elle, só e todo poderoso, a ter mão nas dissidencias dos outros, unificador e uno.

E, ironia curiosa, foi justamente depois de deixar o Poder que este homem mais poderoso foi.

A opinião publica em Portugal era a que as *Novidades* queriam que fosse.

Lisboa esperava pelas *Novidades* para pensar e para adormecer.

E, d'esse poder, quem talvez menos aproveitava era elle—especie de roble á sombra do qual se abrigavam todos os que tinham uma aspiração ou uma ambição.

Conta Eduardo de Noronha—com a gratidão confêssa dos homens de bem—que uma tarde, estando a rever provas na redacção das *Novidades* (que Noronha pujantemente secretariou durante annos) ao lêr um d'esses avisos officiaes de logares a concurso que são, nas gazetas, o original do typo 6, exclamára:

—Ora aqui está um logar que me convinha!

—O que é?—perguntou Navarro, lá do meio da sala, onde estava debruçado sobre uma mesa, a consultar uma collecção da folha.

—Um logar de professor na Escola...—respondeu Eduardo de Noronha.

Navarro não ajuntou mais palavra.

Passaram seis mezes; nunca mais se tornou a fallar n'isso, e um dia Eduardo de Noronha recebeu a noticia de que fôra nomeado para o dito logar.

E dentro d'esse poder que generosidade, que lealdade, que bondade!

Por exemplo:

—Certo escriptor, que desafortunadamente para as bellas-letras andou durante tempos na má companhia dos politicos, quiz um dia prestar um favor ao snr. conselheiro Campos Henriques. E aproveitando o ensejo de qualquer lei referendada pelo ministro, então da Justiça, escreveu um artigo para o *Jornal do Commercio*, outro para o *Dia* e outro que foi levar ás *Novidades*.

Navarro pegou no artigo, leu-o e disse:

—Olhe: eu publico-lhe o artigo tal qual está, mas amanhã os jornaes da opposição atiram-se ao Campos Henriques. Não é porque isto não esteja muito bem escripto, mas pelo elogio franco desmedido, declarado que contém.

E, com o assentimento do auctor, Navarro foi-se ao artigo, desarticulou-o, virou-o de pernas para o ar, metteu-lhe meia duzia de ripadas condiccionaes e de evocações amargas a erros passados, e publicou-o.

No dia seguinte, á volta das Camaras, o Ministro da Justiça passava em claro a redacção do *Jornal do Commercio*, esquecia-se em que predio da rua Garrett fica a redacção do *Dia* e apeava-se á porta das *Novidades*.

Ao agradecimento do snr. Campos Henriques, Navarro respondeu:

—A mim nada tem que agradecer. Agradeça-o ao Malheiro Dias.

Esse traço do caracter de Navarro — que revella o profundo conhecimento que das coisas e dos homens do seu paiz tinha o director das *Novidades* — tanto eleva o jornalista como eleva o snr. Malheiro Dias que m'o contou.

Só uma grande superioridade intellectual permitte ao homem a declinação d'aquella gratidão; só os homens de talento, muito habituados a ser justamente admirados, teem a satisfação e o desassombro moral de confessar tambem admiração a alguem, como Emygdio Navarro confessou tanta vez ao seu ultimo secretario, o Mello Barreto, cuja penna nos ultimos tempos chegou a confundir-se com a do mestre.

Já na primavera que precedeu o verão em que Navarro falleceu, escrevia elle do Bussaco a Mello Barreto pouco mais ou menos estas palavras que a minha memoria reproduz:

«Gostei muito do seu artigo. Você está a escrever lindamente. Parece ...», não me lembro que penna illustre do jornalismo parisiense Navarro foi evocar.

Esse elogio de bem escrever só o faria quem como elle soubesse escrever, dispondo de erudição prompta e estylo feito.

A sua figura de cavador, ancha, reforçada e plethorica attingia o congestivo ao sair d'um d'aquelles artigos tersos, espirituosos, insinuosos ou destemidos, conforme o assumpto o requeria, esgrimidos a florête italiano ou descarregados a estadulho.

Tres dias na Serra da Estrella davam a essa erudição latente e a esse estylo sempre em rubro o maior, o unico livro que, sobre essa estancia, possuimos.

Tres horas n'um gabinete das *Novidades* davam ao paiz uma pagina da sua historia politica.

Entrando no jornalismo ainda com a penna amaneirada do romantismo, o que a litteratura e o Theatro perdeu n'essa cabeça privilegiada, n'esse temperamento polyrythmico, adquiriu-o o jornalismo portuguez que conta em Emygdio Navarro um dos seus maiores, mais clarividentes, mais gloriosos escriptores. Herdou-lhe a penna um vulto de destaque tambem, mas de temperamento muito differente: Barboza Colen.

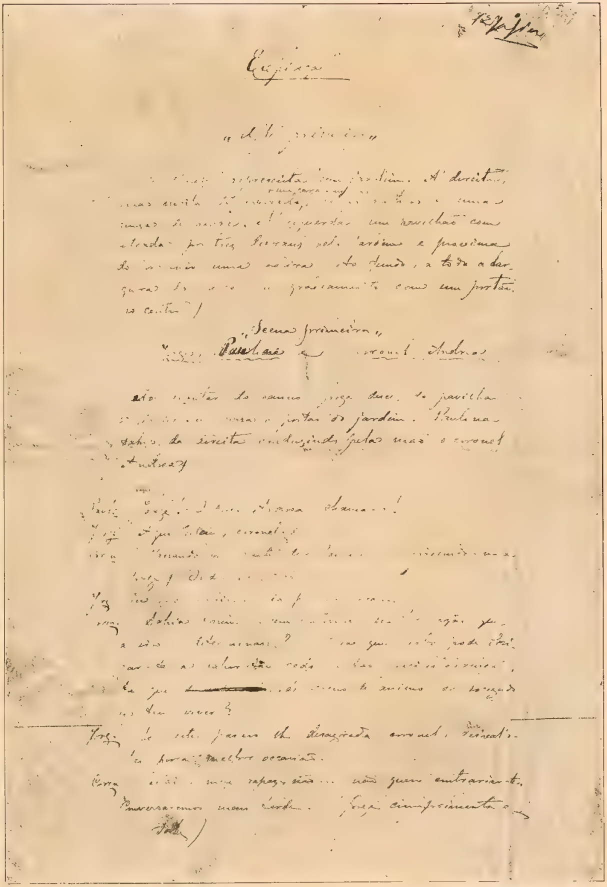
Navarro tinha esse *quid* argucioso, difficil de definir e impossivel de imitar, que é inato em todo o trasmontano mesmo no mais inculto, essa facilidade de tecelão do argumento, de lavrante da logica, que os do sul, affogueados pelo seu já exaggerado meridianismo, lisongeados pela musica das aguas, menos sobrios e menos senhores de si não conseguem sequer tentar.

Colen é um demolidor que representa no jornalismo o papel terrivel da cançoneta politica na historia da França.

Mas Navarro era o trasmontano em todo o seu poder creador, capaz de dynamitar um monte inteiro, rocha a rocha, mas para na vala do sêrro reconstituir logo uma vinha alinhadinha: escavacava um assumpto ou um homem, atirava pelo ar, — com a sua argumentação explosiva, — os schistos da tolice e do erro, mas para logo correr ao valado e dispôr a estacaria da sombra e do fructo futuros.

Outubro, 1908.

JOAQUIM LEITÃO.



Autographo inedito de Emygdio Navarro que deve corresponder aos seus primeiros tempos de Lisboa

Philologia Trasmontana

I

UM DIALECTO TRASMONTANO

O RIO D'ONORENSE

Debaxo d'huna nugueira encontrarum dous rapaces una noece.

—I y é mia, dixo Ignacio, porque a bi ieu primeiro.

—No, yé mia, dixo Bernardo, porque fui al primeiro ca alebantei.

Ambos entrorum a raiar.

—Iou quiero decedir ésto, dixo al rapaçe de mas idá, que passou por aili n'aquella occasion.

Metteu-se nu meio dos dous rapaces, abriu a noece e dixo:

—Una casca toca-le al primeiro cabiu: a outra casca al primeiro ca alebantou; you guardo al carozo, por a sentencia.

—Esto ié el fin, dixo elle rindo, de todas as rinhas.

VERSÃO

Debaixo d'uma nogueira encontraram dous rapazes uma noz.

—E' minha, disse Ignacio, porque fui o primeiro que a vi.

—Não, é minha, disse Bernardo, porque fui o primeiro que a levantei.

Ambos entraram n'uma grande disputa.

—Quero decidir isto, disse um rapaz de mais edade que passou por ali n'aquella occasião.

Metteu-se no meio dos dous rapazes, abriu a noz e disse:

—Uma casca pertence ao primeiro que a viu; a outra casca ao primeiro que a apanhou, e eu guardo a amendoa, pela sentença.

—Este é o fim, disse elle rindo, de todas as questões.

* * *

Um cuneio dixo pa sua mái:

—Ó mái, deixa-me d'ir pal lameiro a saltar e comer hierba macia.

—Bien, dixo a mái, mas se vês os passos d'algun home u ladrar algun perro bien longo pár chi.

Dixo ao cuneio:

—Estae descansada, ó mái,—e saltou d'aili a fuchir cun alegria. Dou moitos saltos asta que oiiu un voce, que le dixo:

—Querido cuneio, cumo stas contente! Bien a brincar cumigo.

Al cuneio lebantou as oureias, e biu n'un buraco d'uma semba un animal com o cuerpo cumpriu, e al fucinho agução.

Olbidou-se dos conse-os de sua mái, e dixo:

—Quiero brincar cuntigo.

Mas apenas habia entrão nu buraco da semba a *demunciella* agarrou-ao e matou-al.

VERSÃO

Um coelho disse para sua mãe:

—Mãe, deixe-me ir para o lameiro saltar e comer herva macia.

—Bem, disse a mãe, se ouvires os passos d'algum homem ou ladrar algum cão vem logo para aqui.

—O coelho disse:

—Mãe esteja descançada e saiu d'alli a fugir, alegremente.

Deu muitos saltos, até que ouviu uma voz, que lhe disse:

—Querido coelho, como estás contente! Vem brincar comigo.

O coelho levantou as orelhas, e viu n'uma fenda d'uma rócha um animal com o corpo comprido e o focinho aguçado. Esqueceu-se dos conselhos de sua mãe e disse:

—Quero brincar contigo.

Apenas entrára na fenda da rócha, a doninha agarrou-o e matou-o.

* * *

Un die un arrîeiro cuntou q'habia curriu as cinco partes d'al mundo, e que entre outras cousas habia bisto una an que ningum habia fallado.

—Iéra un pié de berzas tan alto que cincoenta cavallieiros puestos a dreito uns dos outros pudian andar du caballo de baixo d'un a d'estas foias.

Un dos que uiram, nun s'acordando d'una d'estas cousas dixo cun o maior descanço:—el tamien habia viaxau, e que chegando al Xapon, habia bisto cun grande admiracion mas de tres cientos caldeireiros a trabaiar n'un grande caldeiron drento d'al qual stabam mas de cien pérsos a limpal-o.

—Mas que querien ellos fazer cun aquelle grande caldeiron? procurou al primeiro.

Era para cozer al tou pié da berza.

VERSÃO

Um dia um arrieiro contou que tinha corrido as cinco partes do mundo e que, entre outras cousas, tinha visto uma na qual ninguem tinha fallado.

—Era um pé de couve tão alto que cincoenta cavalleiros formados podiam cavalgar de baixo d'uma das folhas.

Um dos ouvintes, não se lembrando de tal coisa, disse com a maior placidez: que tambem tinha viajado e que, chegando ao Japão tinha visto, com grande admiração mais de trezentos caldeireiros a trabalhar n'um grande caldeirão, dentro do qual estavam mais de cem pessoas a limpal-o.

—Mas que queriam elles fazer com aquelle grande caldeirão? Perguntou o primeiro.

—Era para cozer a tua couve.

* * *

Un pai iba cun o fiio por lo caminho e acharun hua ferradura no sólo.

—Alebanta aquella ferradura dixo al pai pal fiio.

—Nun bale al baixar-se un home pun hua ferradura, respondeu al fiio.

Al pai alebantou-a d'al sólo e bendeu-a a un ferrador na ciudá, para onde iban; e na mesma cidá cun esse mismo dinheiro cumprou alguas cerexas.

Passarum pur un sitio d'onde nun habia una fonte; e cumo al dia staba moi caliente, tenia al fiio una sed moi grande. Al pai deixou caher hua cerexa. E al fiio á la agarrou e comeu. Depois deixou caher outra, que tamien foi agarrada por lo rapaze, e foi-as deixando caher, asta que caheram todas as q'abia comprao. Al pae mirou ao fiio e dixo-le:

—Se tobieras dobráo par lebantar a ferradura, non'tabias dobrao tantas vezes cumo te dobraste pa lebantar as cerexas.

VERSÃO

Um pae ia com o filho pelo caminho e acharam uma ferradura no chão.

—Levanta aquella ferradura, disse o pae ao filho.

—Não vale a pena abaixar-se uma pessoa, por uma ferradura, respondeu o filho.

O pae levantou-a do chão, e vendeu-a a um ferrador, na cidade para onde iam; e na cidade com esse dinheiro, comprou algumas cerejas.

Passaram por um logar, onde não havia uma fonte, e, como o dia estava muito quente, o filho tinha muito grande sêde. O pae deixou cair uma cereja, que o filho apanhou e comeu. Depois deixou cair outra, que tambem foi apanhada pelo rapaz, e foi-as deixando cair, até que cairam todas as que comprara. O pae olhou para o filho e disse-lhe:

—Se te tivesses dobrado para levantar a ferradura, não te terias dobrado tantas vezes como te dobraste para levantar as cerejas.

* * *

—Despois d'uma grand troena parceu un ourello da vieia mui bonito. Henrique mirou por la buraca para fûra, e dixo chêu d'alegria:

—Nunca bi na minha bida colores tan bonitas. As foias das arbores stan deitando buelta a buelta aquellas tintas. Bou iá par li, e ei-de encher a mia caxa cun ellas.

Brincou depriesse canto pôdo, endreito al matto. Mas, para son spanto, staba a chober, e nun se conhezia calor ningua.

Muiado pur chover e triste, bicuo para casa e queixou-se al pae, da sua mala suerte. Al pae, riu e dixo:

—Estas tintas non se enzierram en malgas, as pingas de chuber brian assi enquanto le dá al sol; al que suzedeu cun ellas, aconteze cun a pompa nu mundo. A figura-se una cousa yé outra. No te deixes enganhar senó al prazer para ti yé dolor.

VERSÃO

Depois d'uma grande trovoada appareceu um arco-iris muito bello; Henrique olhou pela janella e disse cheio d'alegria:

—Nunca vi na minha vida côres tam bonitas. As folhas das arvores estam deitando gotta a gotta aquellas tintas. Vou já para lá, e ei-de encher a minha caixa com ellas.

Saltou tam depressa quanto pôde para o matto. Mas, para seu espanto, chovia, e não se conhecia nenhuma côr.

Molhado pela chuva e triste, veiu para casa e queixou-se, ao pae, da sua sorte. O pae riu-se, e disse:

—Estas tintas não podem ser encerradas em caixas, as gottas d'agua brilham assim emquanto lhes bate o sol. O que succede com ellas acontece com a pompa no mundo. Parece-nos uma cousa e é outra. Não te deixes enganar, senão o prazer é para ti dôr.

O RIO D'ONORENSE

Este dialecto tende a desapparecer. Como lingua que é está sujeita ás alterações que as linguas soffrem. No povoado onde este dialecto é fallado ha só um velho que o conhece na sua antiga pureza.

Desapparecendo elle, desapparece essa curiosa fonte philologica que se presta a admiraveis estudos glottologicos. As relações da vida social moderna alteraram aquelle dialecto, como têm alterado outros.

Em poucos annos operou-se n'elle uma evolução profunda. Comprehendi que, antes de o estudar, é necessario fixa-lo e com isto julgo prestar um serviço á philologia nacional. Offereço-o, pois, aos nossos philologos, a fim de completarem o seu estudo.

O progresso d'um povo e o seu desenvolvimento philologico são factos simultaneos e demonstrados.

Um povo estaciona e a lingua não se modifica. Ás modificações sociaes correspondem alterações morfologicas. O Rio d'Onorense é uma lingua tão estacionaria como estacionario é o desenvolvimento do povo que a falla.

Os costumes, modo de viver e industria do rio-d'onorense sam hoje o que eram ha seculos: a lingua que alguns ainda hoje empregam é a lingua que, ha seculos, outros fallaram.

Situados na fronteira, raiando com Hespanha, atrazados centenas d'annos no progresso social, o rio—d'onorense é um portuguez muito antigo e muito modificado pela influencia castelhana.

O portuguez dos seculos treze e quatorze não existe só nos documentos litterarios d'esse periodo, não é uma lingua morta: essas fórmas philologicas historicas ouvem-se ainda hoje pronunciar, como documentos vivos d'um passado remoto, na povoação raiana e sertaneja de Rio d'Onor.

Pela sua situação geographica, estado de cultura e progresso d'aquelle povo a lingua fallada por elles é tão antiga como os seus costumes, modos de viver e atrazo social.

Para estudar a civilisação d'um povo, basta estudar-lhe a lingua. O grao de cultura intellectual d'um povo manifesta-se logo pelo estudo da lingua porque ella é a expressão do pensamento e é, por isso, a melhor chave para entrar no campo psychico e moral dos povos.

Assim encarada, a philologia é uma sciencia auxiliar da philosophia e até da sociologia.

Esta é a orientação da escola allemã: esta deve ser a orientação da escola philologica nacional.

Os recursos que a sciencia de Bopp e de Sehlegel tem prestado ás sciencias são apreciaveis. Niebuhr e Mommsen reconstituiram a Historia de Roma em bases seguras, apoiando-se em dados philologicos.

A philologia é uma sciencia auxiliar da Historia. Saber lêr, escrever e fallar uma lingua não é conhecer a lingua scientificamente. Por uma inscripção reconstitue-se a historia d'um povo. A lingua, evolucionando com o povo, é um documento para a reconstituição da historia d'esse povo, apparecendonos n'ella mais do que simples factos historicos:— o progresso espiritual d'uma nacionalidade.

O methodo de Wolf deve ser applicado aos dialectos do portuguez e á lingua portugueza.

Outubro, 1908.

Daniel Rodrigues.

MONCORVO

Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana.

Entre outras villas sale floresciente
La Torre de Moncorvo; la apacible
Villa Flor: Mirandela com gran puente:
Belica Chaves, Villa Real plausible,
Freixo d'Espadacinta muy valiente,
Alfandega de Fé apetecible.

In Mappa de Portugal de João Baptista de Castro.

A nobreza d'esta villa sempre foi amiga de honras; briosa e auctorizada, inclinada aos nobres exercicios de montarias a javalis, corças e mais caças e de cavallaria, em que houve homens consumados nos tempos antigos e modernos, como tambem em doutrinar os potros andaluzes, de que chegou a haver n'esta villa grande numero de cavallos bem doutrinados: nas guerras procederam com valor; os que seguiram as letras se avantajam nas sciencias; os que povoaram as religiões, foram singulares na virtude; os que sairam a vêr terras estranhas, sempre n'ellas se fizeram bom lugar.

Carvalho da Costa, *Chorog. Port.* tom. 1, pag. 424.

Do caracter dos seus naturaes o que dissessemos com verdade pareceria encarecimento. Os que se dedicam ás armas são valorosos; os que se consagram ás lettras illustres são nas sciencias e todos generosos, bons e hospitaleiros. Enfim são verdadeiros trasmontanos.

João Maria Baptista, *Chorog. Mod. do reino de Port.* artigo—Moncorvo.

Não gosando Gaspar Alvarez de Lousada de probidade historica ([1]), devendo, portanto, regeitar-se as noticias que originariamente não constam d'outra fonte, tem, comtudo, feito fortuna, entre os nossos chorographos ([2]), as extrahidas do foral que apresentou como sendo de Moncorvo, dado em 1062 pelo capitão Mem Corvo ([3]).

Segundo alguns escriptores ([4]), baseados n'esse foral, que el-rei D. Affonso Henriques confirmou em 1128, e que outros dizem em 1140, Moncorvo foi depois destruida pelos arabes ou leonezes, despovoando-se, e indo seus moradores viver em Santa Cruz da Villariça, que D. Sancho II fez villa, dando-lhe foral aos 8 dos idus de junho da era de 1263 (6 de junho de 1265). Esta, por sua vez, padeceu identico infortunio, regressando seus moradores a Moncorvo, por se lhe tornar impossivel alli a vida, devido á multidão de formigas que devoravam tudo ([5]). Deu-lhe então D. Diniz «por uma carta regia datada de Beja em 17 de novembro de 1295, e depois de ouvidos os concelhos da Torre de Moncorvo e Villa Flor, os terços das egrejas d'estas duas villas, para se gastarem na fortaleza que andavam fazendo os que, da villa de Santa Cruz da Villariça, se haviam mudado para a Torre de Moncorvo, por ser esta praça mais fronteira» ([6]).

A lenda das formigas, de resto commum a ou-

tros locaes assignalados por vestigios das civilisações luso-romanas, tem explicação archeologica muito diversa; e a carta de D. Diniz, que adiante damos ([7]), não falla em taes despovoamentos, mas simplesmente ordena que se empreguem primeiramente as terças das egrejas de Villa Flor nas fortalezas de Moncorvo e concluidas estas irão as de Moncorvo para Villa Flor. D'onde apenas se colhe que D. Diniz fortificava primeiramente Moncorvo por ser «mays fronteyra e lugar que se deve mays aguardar».

Para explicar semelhantes despovoamentos vê-se Pinho Leal bastante embaraçado, e chega a perguntar se coexistiriam estas duas villas—Moncorvo e Santa Cruz da Villariça. Da sua coexistencia não resta a menor duvida; lá as apontam as *Inquirições* de D. Affonso III, feitas em 1258 ([8]), das quaes, por fazerem ao nosso proposito, transcrevemos a parte respeitante a Moncorvo.

Dizem ellas:

«Dommes Salvator de Turre de Menendo corvo inratus et interrogatus dixit quod scit quod in ipsa villa de Turre de Menendo corvo stat una Ecclesia et est sufraganea de Ecclesia de Sancta Cruce et scit quod ipsa Ecclesia de Turre de Menendo corvo tenent hereditatem forariam de ipsa villa quam sibi mandaverunt homines de ipsa villa pro suis animis iu tempore Regis domny Sancii fratris istius et de suis antecessoribus et non facit inde forum sed faeiunt inde forum illi qui remanerunt in erancia de illis qui mandaverunt hereditatem predicte Ecclesia.

Gonçalvus menendi de Turre de Menendo corvo inratus et interrogatus dixit quod scit quod homines de Sancta Cruce dederunt domno Poncio Alfonsi hereditates et domos in ipsa villa de Sancta Cruce quando populaverunt eam et ipse domnus Poncius Alfonsy fecit ibi unum molinum et modo filiy ipsius domny poncy Alfonsi tenent ipsum molinum et ipsas domos et hereditates et non faciunt inde forum domino Regi» ([9]).

Pelo mesmo theor depõem mais duas testemunhas, tambem naturaes de Moncorvo.

D'onde se mostra que já Moncorvo existia, não só no tempo de D. Sancho II—regis domny Sancii fratris istius, mas no dos seus antecessores—et de suis antecessoribus.

Devemos, pois, advertir que nunca alguem viu tal foral e, como Lousada não merece credito, regeitamos *in limine* as noticias que os escriptores apresentam dimanadas de tal proveniencia.

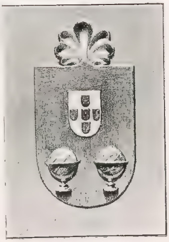
MONCORVO—Aspecto geral da villa.—(Cliché de Boaventura Pinheiro)

Do mesmo modo, fundado no texto das *Inquirições*, acima transcripto, creio poder concluir que erram os que dão D. Affonso II como fundador de Moncorvo em 1216, fazendo mudar para esta villa o resto dos habitantes de Santa Cruz da Villariça; por isso datam d'este anno o seu despovoamento ([10]).

Ignoro em que se fundam os que attribuem a fundação de Moncorvo a D. Fernando, o magno, rei de Castella e Leão, em 1040 ([11]).

BARCA DO DOURO E SABOR. SUA IMPORTANCIA

Alguns escriptores ([12]) dizem que D. Diniz deu foral a Moncorvo em 1288; não sei onde foram buscar esta data. Viterbo ([13]) attribue-lhe o anno de 1285. Ainda não foi possivel encontrar este foral, posto que não seja licito duvidar da sua realidade.



Armas de Moncorvo, segundo Vilhena de Barbosa, nas *Cidades e Villas da Monarchia Portugueza*

(Desenho de João Augusto Ribeiro)

N'um livro constante de seis folios pequenos, de pergaminho, existente no Archivo da Camara Municipal de Moncorvo, que contem o processo d'uma demanda, no tempo de D. Manuel, entre os de Moncorvo e os de Villa Nova de Fóz Côa, a proposito dos direitos da barca de passagem, que aquelles tinham no Douro, se lê, que D. Diniz dera foral a Moncorvo, no qual lhe assignava estes limites de termo:

«por Penafria e daly pello casall do gado e dally aa tonça de Santa Maria e daly aa foz fontaõs e daly a peredo e daly por tallamos e daly por sagom de moos e daly como vay pello pego do cucodaly como vay pella serra gouvea e daly como vay pello souto de sambade daly pela burgaã e daly como vay pella fallayosa daly aos pios daly aa cruz asy como parte no freixial e daly aa palla de teiras dally como toma aa pena fria».

Os Documentos 3 e 12, adiante transcriptos, alludem igualmente a este foral.

Sobre a questão da barca ha ainda, no mesmo Archivo, outro pergaminho. Contem a sentença dada por D. Diniz a 22 de julho da era de 1340 (ann. Christ. 1302) contra os de Villa Nova de Fóz Côa, sobre a *navagem* do Douro. Diziam estes que lhes devia pertencer a *meiadade* da dita navagem; contestavam os moncorvenses allegando que a parte do rio, onde andava a barca, «des porto velho ata agua do porto do seixo e ata dereito de peredo que era seu termho, tambem o porto do rio como a barca que en ele andava, e que esa barca aportava da hua e da outra parte com o termho da dita vila da torre de meen corvo» o que effectivamente assim lhes foi confirmado.

Esta sentença de D. Diniz foi depois transcripta por tabellião publico n'este pergaminho aos 10 de janeiro da era de 1355 (ann. Christ. 1317), datado de «Moncorvo, na casa da escrevaninha, na rua dos çapateiros». Devia já então ser importante esta classe, para assim impôr o nome a uma rua. Olhando á sua topographia devemos lembrar que tambem por esse tempo havia a rua do Castello, pois, na era de 1384 (ann. Christ. 1346) aos 8 de maio, comprou n'ella a Camara umas casas, cujo titulo ainda se conserva no seu Archivo.

A proposito da importancia da barca moncorvense no rio Douro vêr os Documentos 5 e 6.

Respeitante ao assumpto, vi ainda no Archivo de Moncorvo, n'um pergaminho, uma carta do iffante D. Pedro filho primeiro e erdeyro do mui nobre dom Affomso, pela graça de Deos Rey de Portugal» dada no Mogadouro a 9 de agosto da era de 1384 (ann. Christ. 1346) ([14]), onde manda que os de Mós forneçam, gratuitamente, do seu pinhal, aos de Moncorvo, a madeira necessaria para as barcas do Douro e Sabor.

Diz Pinho Leal, «que D. João I lhe dera (a Moncorvo) outro foral, em 4 de janeiro de 1423; outros dizem que foi em 1390» e que tambem o mesmo rei «lhe alargara o termo até Fóz Côa».

Sem duvida, ao escrever tal, fundamentava-se em Carvalho da Costa ([15]), a quem seguiu Lima ([16]), quando affirma que «El-rey Don João primeiro, em 4 de janeiro de 1423 por provisão, que ainda se conserva no Archivo da Camara, lhe deu por aldeia de seu termo a villa de Villa Nova de Fóz Côa».

Encontrei, em abril de 1907, quando visitei o Archivo de Moncorvo, cinco cartas em pergaminho, de differentes datas, d'aquelle rei para esta villa; nenhuma porém, contem foraes além d'aquelle que n'este trabalho se mostra. E' todavia certo que, d'uma d'ellas, por a julgar de somenos importancia, não apontei no meu canhenho de notas a sua data e apenas esta referencia: «pergaminho de D. João I confirmando a Moncorvo os privilegios concedidos pelos reis anteriores. Outro, de D. Pedro, contendo igual confirmação», bastante comtudo para indicar que não se trata de foral novo.

Creio que ha engano em tal asserto. Existem, effectivamente, no Archivo de Moncorvo, dois pergaminhos de D. João I, datados da era de 1423 ([17]): um, a tres de fevereiro e outro a 26 de novembro, mas essa era corresponde ao anno de Christo de 1385, e n'elles simplesmente manda el-rei que, os de Alfandega da Fé, Castro Vicente, Mogadouro, Bemposta e Penas Roias, com todos os seus termos, prestem *adua*, ou seja - ajudem a *ffazer* e *repairar* os muros de Moncorvo, afim de que esta villa se possa *mylhor afortelezar*. De resto, como já advirtiu Pinho Leal ([18]), é preciso ter muito cuidado com as datas dos foraes apontados pelo auctor da *Chorographia Portugueza*, que baralhou muitas vezes a era com o anno de Christo.

Dado, porém, que no caso presente assim succedesse, o documento em referencia, da era de 1423, não trata de Villa Nova de Fóz Côa, que, já desde 1377, havia sido, por D. Fernando, obrigada a prestar *adua* nas fortificações de Moncorvo; d'este facto, decerto, se não deve concluir que lhe fosse annexada como aldeia do seu termo, mas simplesmente para os effeitos dos serviços das fortificações ([19]). D'aqui julgo bem deduzir que Carvalho da Costa confundiu dois documentos differentes, attribuindo a D. João o que pertence a D. Fernando e induzindo a erro os que o teem seguido, por não declarar se o anno que assigna pertence á era de Cezar ou de Christo.

A expressão dos chorographos — que D. João I alargára o termo de Moncorvo até Fóz Côa ou sujeitára esta áquella villa — servirá talvez para nos explicar o que alguns dizem de Villa Real, em tempo pertencer ou estar sujeita, a Anciães; sujeição que afinal se reduziria a qualquer serviço de *adua* ou similhante, pois no Livro 28, fol. 1330, da Chancellaria d'el-rei D. Manuel I, existente na Torre do Tombo, se transcreve um documento d'el-rei D. João I, datado de 19 de junho da era de 1422 (ann. Christ. 1384) pelo qual se vê que os de Anciães, que até alli tinham a sua villa cercada de pedra

miuda, a queriam *afortelezar* de *canto talhado* e *torres*. Para tal fim o rei ainda então *mestre*, lhes concedeu as *aduas* de Freixiel, Murça e Abreiro.

IMPORTANCIA DE MONCORVO NO TEMPO ANTIGO

Como vimos, á data das *Inquirições* de D. Affonso III, em 1258, Moncorvo nenhuma importancia tinha; nem sequer era parochia autonoma, mas sim suffraganea da de Santa Cruz da Villariça, de cuja comarca fazia tambem parte.

Data do tempo de D. Diniz o seu incremento, que os reis D. Fernando e D. João I mais e mais foram ampliando. A' sua posição topographica, em relação ao resto do districto, deve ella a incontestavel superioridade que disfructou durante seculos.

Antes de se abrir a estrada real a macadam, de Bragança a Villa Real, por Mirandella, toda a communicação do alto do districto, com o resto do reino, se fazia mais vantajosamente pela via do Valle da Villariça, Moncorvo e rio Douro.

A primitiva ponte é muito antiga, como se conclue da provisão regia de 1535, que lançava uma derrama sobre Villa Real e seu termo, para a sua construcção ([20]).

MONCORVO – Chafariz das Avelleiras, com as antigas armas de Moncorvo – (Cliché de B. Pinheiro)

Facilmente se comprehende quanto este trafico redundaria em prol da sua riqueza commercial, accusada, de resto, pelas suas obras de arte, e ás quaes adiante me referirei; pelos seis edificios brazonados que alli vi; pelas cinco capellas particulares de elegante talha dourada em alto relevo, que todas ostentam, e pela notavel quantidade de quadros a oleo, em tela e madeira, que as decoram, o que tudo traduz, sem duvida, certa elevação de sentimento esthetico, facilidade e commodidades de vida sedentaria.

O districto de Bragança, defendido por montanhas e obstaculos naturaes, apenas tinha de facil accesso, para a restante parte do reino, a via de Moncorvo: as estradas a macadam, e mais ainda, a via ferrea, rasgando os flancos das nossas montanhas, acabaram-lhe com este factor de valimento, deixando-a simplesmente reduzida aos proprios recursos da fertilidade do solo e ás notaveis qualidades intellectuaes de seus moradores. A linha ferrea, que lhe passará á porta, brevemente prompta a funccionar, ainda lhe trará, e só n'este particular, um vislumbre da vida antiga, valorisando n'um futuro, não muito distante, a sua importantissima riqueza mineralogica.

Claramente expressam o pensamento que levamos dito os documentos antigos. Assim na carta d'el-rei D. Fernando de 7 de maio de 1370 declara-se que os de Moncorvo teem «hum porto no rio Douro e barcas en el, a huma legoa da dita vila no seu termho e se a dita vila da torre fosse perdida ou gaanhada dos inimigos, o que Deos num queira, embargarsoia o dito porto por tal guisa que nestas fronteyras non poderyam por aquel porto aver passagem para myranda, nem para Samora nem para outras partes do meu senhorio, o que a my e aos mêos sogeitos seria mui dapnoso» ([21]).

Mais expressiva ainda é a de 1376. Diz ella: «ham hum porto de passagem no ryo doiro a huma leugua da dita vylla da Torre e a tres leuguas de castella que ssempre foy guardado e deffeso pello concelho da dita villa da Torre e parque he sseu. O qual porto he o melhor e mays chaão e seguro... outro nenhum que aia no dito ryo desa nossa cidade do porto ataa vylla de myranda que he em cabo de nosso reyno, e que o dito porto he tall que cada quer nossa merce.... poderemos aver por ello passagem pera a dita comarca de tras os montes assy em tempo de guerra como de paz para acorrymento e defensom da dita comarca em quanto a dita vylla da Torre ffor pobrada e mantyuda como ora he, e que ssendo a dita vylla da Torre despobrada ou guanhada dos enymiguos cousa que deos non queyra que o dito porto sse embarga por tall guysa que non poderemos por elle aver passagem para accorrer aas outras villas da dita comarca.

E que ainda que o dito logo de ffreixo despada cynta e mogadoiro e penas royas e braçança e myranda estevessem por nos seendo cercadas dos eunmigos que sse poderiam perder sse pello dito porto e villa non ffossem accorridos e que posto que as outras vyllas sobreditas ffossem perdidas ou cercadas sse o dito logo da torre e o dito porto estevessem por nos que por ellas poderiamos guanhar as outras que perdidas ffossem e que non ha outro ponto nem vylla na dita comarca perque esto podessemos ffazer, e porem sse he pella dita villa da torre» ([22]).

ENGRANDECIMENTO TERRITORIAL

Já Anciães (23), Freixo de Espada á Cinta (24), Mós (25), Urros (26), Junqueira (27), Villarinho da Castanheira (28), Santa Cruz da Villariça (29), Mogadouro e Penas Roias (30), e Alfandega da Fé (31), haviam visto realizado o ciclo das suas aspirações que de simples *pobras* e nucleos reguengueiros as elevavam na escala social a villas autonomas, quando irrompeu Moncorvo, talhando-se quinhão distincto, embora á custa das suas irmãs mais velhas.

E' que cada epocha tem criterio especial que propulsa as collectividades n'uma aspiração de melhoramentos e conquistas das quaes julga depender a sua prosperidade; e a orientação guerreira que presidiu á localização d'alguns d'esses primitivos povoados, evolucionava, pela relativa tranquillidade e fomento agricola da epocha, pelo novo factor importado da navegação e suas vantagens estrategico-economicas, para um burguezismo egoista que ás honrarias das fadigas guerreiras preferia os commodos sedentarios filhos da riqueza.

Vimos como conquistou a Villa Nova de Fóz Côa a *navagem* exclusiva do Douro, elemento primordial do seu engrandecimento. Mal dirá o descuidoso viandante as luctas que motivou essa innocente barca que no Pocinho o transporta d'um lado ao outro do rio com heroica resignação.

Haja em Moncorvo quem comprehenda de quanto ella é crédora; e, quando o silvo da locomotiva a houver escorraçado de todo, por gratidão, resguardem-na, reliquia veneranda, em respeitoso local do seu municipio, como symbolo d'uma era de prosperidades a ella devidas.

Logo em 7 de maio de 1370 D. Fernando, attendendo ás vantagens já declaradas do porto do rio Douro, deu a Moncorvo a aldeia do Souto da Velha, até então do termo da villa de Anciães e as do Castedo e da Louza, que pertenciam ao de Villarinho da Castanheira, annexando-lhe ao mesmo tempo os julgados de Peredo e Urros, até então villas autonomas.

Urros ainda protestou allegando os seus direitos, as suas tradições de independencia; mas em vão. N'um pergaminho d'el-rei D. Fernando, no Archivo de Moncorvo datado de 13 de julho da era de 1414 (ann. Christ. 1376) vê-se que Urros obtivera privilegios dos reis D. Diniz, D. Affonso, D. Pedro e do proprio D. Fernando e «outro sy hum foral escripto em hum livro que lhes foy dado pello dito rey dom Affonso» (32).

Baseadas n'estes documentos pretendiam eximir-se da sujeição a Moncorvo, mas, a despeito de tudo, por esta manda D. Fernando, visto ser logar desguarnecido de fortificações e sem facil defensão em tempo de guerra, que fique sujeito e considerado como termo de Moncorvo.

Nas costas d'este documento e em varios outros do mesmo Archivo encontram-se, synthetisando a sua interpretação, umas notas de letra da epocha presente, assignados por — Moraes Leal Junior.

Estão longe de corresponder ao contexto do documento; dizem algumas vezes o contrario do que elle encerra e outras, cousas muito diversas. Não podem servir de guia a ninguem.

De Antonio Bernardo de Moraes Leal Junior, nascido em Moncorvo a 8 de junho de 1836 e fallecido em Lisboa, que gosou em seu tempo de certa fama pela virulencia de seus escriptos, falla o *Dicc. Bibliographico;* ignoro, porém, se as desastradas notulas lhe pertencem.

A antiga villa de Mós (Molas), como visinha, soffreu logo as consequencias da tendencia avassaladora de Moncorvo. Foi tenaz a resistencia que oppôz, mas alfim houve de succumbir.

(Segue).

P.e FRANCISCO MANUEL ALVES.

(1) *Monarchia Lusitana,* edição da Academia, tom. 1, pag. XXXII.

(2) *Chorograph. Portug.* tom. 1, 1.a edição, pag. 419; *Portug. Antig. e Mod.* artigo — Moncorvo e outros.

(3) Póde vêr-se em Viterbo, *Elucidario,* artigo Fossadeira II.

(4) Viterbo, *Elucidario,* artigos — Fossadeira e Aginha; *Port. Antig. e Mod.* logar citado, a quem seguiram outros.

(5) João de Barros, *Breve Summa da Geogr. da Comarca dentre Douro e Minho e Traz-os-Montes,* mss. existente na Biblioth. Municip. do Porto; *Santuario Mariano,* tom. 4, tit. 31, pag. 130; *O Archeologo Portuguez,* 8, pag. 218.

(6) *Port. Antig. e Mod.* artigo — Moncorvo; Viterbo, *Elucidario,* artigo — Castellatico.

(7) *Documento* n.o 1.

(8) *Livro 2.o* fol. 101 a 104.

(9) Pela occorrencia do tempo este Poncio Affonso, deve ser o tenens de Bragança.

(10) *Port. Antig. e Mod.* logar citado; D. Luiz Caetano de Lima, *Geogr. Hist.* tom. 2, 1736, pag. 64; Frei Pedro de Jesus Maria José, *Chronica da Santa e Real Provincia da Immaculada Conceição,* tom. 2, 1760, pag. 301 e seg. ambas alludem ao despovoamento de Santa Cruz por causa das formigas; Perestrello, *Dicc. Geogr.* Viterbo, *Elucidario,* artigo — Pelago; Rodrigo Mendes da Silva, *Poblacion General de España,* 1645, pag. 185.

(11) Os mesmos.

(12) *Portug. Antig. e Mod.* logar citado; *Chorograph. Portug.; Chronica da Immaculada Conceição,* etc.; Almeida, *Dicc. Abreviado,* etc., artigo — Moncorvo. Á excepção do primeiro, nenhum lhe aponta o anno.

(13) *Elucidario,* artigo — Aginha.

(14) A parte que por extenso indica as centenas é leitura duvidosa, por não estar clara. A estada do mesmo infante em Izeda, concelho de Bragança em 1341, consta de um pergaminho do Museu de Bragança.

(15) *Chorograph. Portug.* tom. 1, pag. 420 da 1.a edição, 1706.

(16) D. Luiz Caetano de Lima, *Geograph. Histori.* tom. 2, 1736, pag. 46.

(17) *Documento* n.o 10.

(18) *Portug. Antig. e Mod.* artigo — Foraes.

(19) Vide *Documentos* 7 e 10.

(20) *Portug. Antig. e Mod.* artigo — Villa Real, vol. 11, pag. 974.

(21) *Documento* n.o 5.

(22) *Documento* n.o 6.

(23) Teve foral em 1055-1065.

(24) Data de 1152 o seu foral.

(25) Data de 1162.

(26) De 1182.

(27) Tem foral em 1201.

(28) Teve foraes concedidos em 1218, 1263 e 1287.

(29) Em 1225.

(30) Em 1272 e outro em 1273.

(31) Em 1294.

(32) Como já disse este foral é datado de 1182, vem na *Portug. Monum. Hist.-Leges.* et Consuetudines, pag. 424.

O REI DOS FLORISTAS

BEMQUISTAVA-SE o seculo XIX com as transformadoras horas da sua Historia, quando Paris conteve dois thronos e acclamou dois monarcas: Luiz Filippe, Rei dos Francezes; Constantino, «Rei dos Floristas».

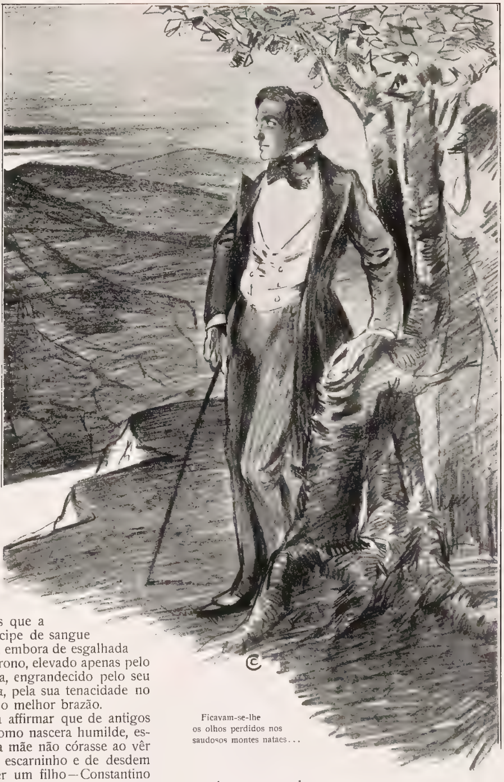
Este soberano, que submetteu as admirações da França, foi muito mais que a herança casual d'um principe de sangue —foi um trasmontano que, embora de esgalhada arvore fidalga, subiu ao throno, elevado apenas pelo seu temperamento d'artista, engrandecido pelo seu esforço, pela sua inventiva, pela sua tenacidade no trabalho—que foi sempre o melhor brazão.

Talvez, quasi se possa affirmar que de antigos fidalgos provinha. Mas, como nascera humilde, escondidamente, para que a mãe não córasse ao vêr a turba fital-a, n'um riso escarninho e de desdem —como se fôra crime ter um filho—Constantino José Marques de Sampaio e Mello não pôde extrahir dos archivos heraldicos a certidão da sua linha na opulenta arvore da genealogia trasmontana.

Ficará atravez dos tempos e das gerações como um enxerto de garfo, de que essas illustres familias não quereriam o fructo, se elle, pelo seu talento, após uma existencia aventurosa, não conseguisse elevar-se e distinguir-se, honrando-se e exaltando até o seu paiz, na cidade-luz, na capital e cerebro do mundo.

Vale realmente muito o trabalho. Vale tudo. Trabalho e tenacidade fazem heroes, illustram gentes, conquistam a admiração e a devoção civica da Humanidade.

E' a verdadeira fidalguia.



Ficavam-se-lhe os olhos perdidos nos saudosos montes nataes...

A que vem do sangue, se se amodôrra nos titulos, impa de soberbia e desadora a lucta, cahe no abatimento e torna-se um trambolho, assim como um tambor ôcco e cheio de vento que faz barulho e apenas atordôa a passarada.

Mas, que fosse realmente de linhagem fidalga, Constantino José Marques de Sampaio e Mello nada lhe deveu para conquistar em Paris, ha mais de 60 annos, o titulo de *Rei dos Floristas*, tendo na grande capital do mundo intellectual o renome, a fama e a aura de gloria que só os grandes espiritos—e raros—conseguem em derredor do seu nome. Jornaes e revistas d'aquella epocha d'elle se occuparam, com o maior e mais desinteressado elo-

gio,—n'aquelle tempo em que ainda na imprensa se não explorava o réclamo, n'aquelle tempo em que ainda não estava desbragadamente organisado o elogio-mutuo...

E, demais, porque era um estrangeiro, um portuguez que, n'aquelle tempo especialmente, não encontrava com facilidade abertas e francas as tubas da grande publicidade da imprensa.

Não pediu; não exorou.

Conquistou. Venceu. Impôs-se pelo seu talento e pelo seu trabalho primoroso, extraordinario, unico.

Se fidalgo era, a fidalguia dos seus parentes só o reconheceu como tal depois das suas glorias, depois do seu nome atravessar os Pyrineus, depois de sabêr que todas as côrtes europeas e as mais importantes casas da America, todo o mundo opulento e rico, se fornecia de flores artificiaes do seu estabelecimento da rua d'Antin.

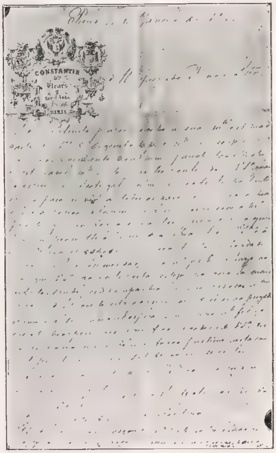
Emquanto criança, emquanto soldado voluntario de caçadores 5, emquanto expatriado em Florença após a lucta sangrenta que terminou pela convenção d'Evora Monte, os parentes—que o tinham mandado crear para uma ama de Larinho e, depois, o mandaram para casa d'um tendeiro d'Alfandega da Fé, Antonio José Candido,—não lhe queriam a sombra.

Nem as lagrimas da infancia, nem os sorrisos da meninice. Mas quando, após 49 annos, o descobrem no paiz, os parentes surdem de todos os lados, todos querendo recebel-o e acarinhal-o na epocha das suas prosperidades, do seu renome, da sua gloria e da sua fortuna.

UMA CARTA DE
CONSTANTINO JOSÉ MARQUES DE SAMPAIO E MELLO

Esta affirmação que, sem aggravo, se póde lançar aos seus parentes, prova-a a carta inedita, de que damos o *fac-simile*, e que ha pouco foi offerecida á Bibliotheca Municipal do Porto por um dos nossos distinctos collaboradores, o snr. P.e Francisco Manoel Alves, que a obteve, nas suas cuidadas pesquisas archeologicas, no Mogadouro, do snr. Macario Augusto Felgueiras Leite Velho, d'aquella villa, e que, segundo o parecer d'este, fôra dirigida a um membro da importante familia Pegado, da mesma villa.

A' amabilidade do distincto homem de lettras, snr. Rocha Peixoto, um dos espiritos mais cultos da nossa terra, director da Bibliotheca do Porto, por intermedio de quem o nosso distincto collaborador snr. P.e Francisco Manoel Alves fez a offerta—«para que se não perca, diz elle, documento tão interessante relativo a um bragançano que no estrangeiro honrou a sua patria e curioso por deixar vêr como os parentes surdiam ao grande artista como por encanto... no tempo das suas prosperidades», deve a *Illustração Trasmontana* a generosa auctorisação para a reproducção em *fac-simile* de tão precioso autographo.



Carta autographa do Rei dos Floristas

Documento muito curioso, encabeçado com o timbre do soberano, infelizmente não venceu o revez da reproducção. E para que o leitor não fique apenas conhecendo d'elle a calligraphia, traduzimol-o para caracteres typographicos (1).

(1) Paris, 11 de janeiro de 1851

Mt.o presado Primo e Snr.

Com infinito prazer recebi a sua mt.o estimada carta de 17 de Dezembro p. p. e mt.o me lisonjeio de fazer conhecimento com um parente tão illustre e estimavel; mt.o sinto não ter conhecido a V. S.a quando estive em Portugal, porem eu não tinha bastante tempo para ir ver a todos os parentes, eu não conhecia quasi a pessoa alguma, e fui morar com o pr.o parente que por acaso encontrei, porem espero que Deos me permittirá ir um dia abraçal-o a V. S.a e a sua estimavel esposa a q.m peço tenha a bondade de dar mil recommendações da minha parte. Praza aos Ceos que V. S.a ao receber esta esteja no gôzo da mais perfeita saude em companhia da sua esposa m.a prima. Aproveito esta ocasião para desejar ao prezado Primo e a sua amavel esposa um anno mt.o feliz e cheio de prosperidades: aqui fico ás ordens de V. S.a, disponha como quizer do meu fraco prestimo nesta capital, pois terei a maior satisfação em servil-o.

Tenho a honra de ser de V. S.a com a maior amizade e respeito

Primo mt.o affectuoso e Criado

Paris
7—rue d'Antin

Constantino.

P. S. Mil recommendações da m.a parte ao snr. Barão de Moncorvo e ao snr. Pegado d'Oliveira e que me escrevão, pois dar-me-hão com isso mt.o gosto».

UMA VIDA AVENTUROSA—A PSYCOLOGIA DE UM LUCTADOR—HORAS DE DESALENTO E HORAS DE TRIUMPHO

Constantino José Marques de Sampaio e Mello (para não enunciar toda uma dezena de appellidos com que se sublinhava nos seus tempos felizes, n'um prurido de vergontea fidalga), nasceu e creou-se e foi até tarde apenas . . . Constantino.

É natural de Moncorvo onde viu a luz do dia em 18 d'agosto de 1802, filho natural, que a mãe occultou, mandando-o escondidamente, como dissemos, aleitar na povoação de Larinho, proximo da villa.

Depois de creado, farto o organismo do forte leite da ama, que é de suppôr fosse uma d'essas mulheres robustas de Traz-os-Montes, luctando com a necessidade e sempre altivas perante as desditas da sorte, foi mandado para Alfandega da Fé, para casa de um tendeiro chamado Antonio José Candido. Ahi esteve até aos 15 annos.

Estudou as primeiras lettras n'essa villa, em plena liberdade de um espirito despreoccupado, com a amisade do pequeno negociante que o estimava, senão á mezada que pontualmente lhe era entregue todos os mezes.

Porque se não affeiçoou ao negocio, elle que devia muitas vezes ajudar o «patrão» na pequena labuta da locanda?

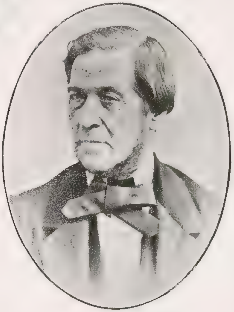
Não lhe sorriu o commercio... Nas suas horas vagas, por aquelles montes, n'aquellas encostas tapetadas de flores silvestres, elle entretinha-se a tecer ramos de papoilas e de violetas selvagens. Era a sua caricia predilecta. E quando os goivos e as rosas rubras punham uma mancha sanguinea nos prados que, do fundo do valle, olhavam as vinhas exuberantes de seiva, elle sentia perpassar-lhe pelo cerebro um desejo estranho de levar para casa,—para poder fital-o e sentil-o á vontade, esse lindo panorama da natureza.

Mas a vida começava a ser-lhe positiva. Começava a ter as primeiras necessidades. Que fazer?

E' de suppor que os parentes o protegessem com esta protecção que se finge dar a estranhos. Foi para Moncorvo e alli exerceu o mister de creado grave (elle que ainda era tão novo) em algumas casas particulares. Talvez servindo o pae, talvez a mãe—que honra para elle!—filho bastardo muita seria n'aquelles tempos.

Quem o subsidiava, quem lhe dirigia a educação, desde creança, eram umas tias que, naturalmente, beatas e tementes a Deus, queriam fazel-o frade, tendo-lhe ordenado que seguisse estudos no convento dos franciscanos de Moncorvo.

Mas o rapaz resistiu. Não sentia bojo para a vida enclausurada, elle que tinha conhecido já a liberdade ampla da natureza, que se extasiava pelas ravinas adorando o sol, sorvendo a largos haustos a vida livre, o aroma das flores, o cantico das aves.



Constantino José Marques de Sampaio e Mello
(Copia de uma photographia antiga)

Resolveram as velhas retirar-lhe o subsidio.

Succumbiu perante a fome que o ameaçava? Não.

Em 1820 fugiu de Moncorvo, com 18 annos feitos, e foi sentar praça no batalhão de caçadores 5 que então estava em Vizeu.

Começa verdadeiramente aqui a sua vida aventurosa.

Tres annos depois era cabo e n'este posto acompanhou o seu batalhão para os Açores.

Foi aqui, na ilha Terceira, que se dedicou verdadeiramente a fazer flores, especialmente de pennas; e quando, pouco depois, obteve baixa de serviço, foi d'esta curiosa industria que tirou os pequenos proventos para occorrer ás necessidades mais exigentes da vida.

A epocha era de luctas.

As tropas liberaes entraram na ilha, e elle—que não quizera ser frade—foge á chegada aos Açores das forças que levavam na bandeira as anceadas promessas da liberdade. Era o atavismo? Filho de absolutistas, e educado, se não em conventos, pelo menos á sombra das suas doutrinas, as tropas liberaes amedrontam-no e foge, em 1828, para Portugal, sentando praça no batalhão de voluntarios *realistas* de Villa-Flôr.

Contrariando a vontade das tias, que o queriam frade, mette-se na lucta fratricida tomando logar ao lado d'aquelles que representavam a fradaria, o absolutismo, a obediencia passiva, os principios retrogrados que de todos os lados da Europa estavam sendo batidos e combatidos á «outrance».

Sóe haver nos grandes espiritos d'estes desequilibrios mentaes.

Foi, pois, um «miguelista» apaixonado e valente.

Valente, porque, tendo vindo com o seu batalhão para o cêrco do Porto, em 1832, como 2.º sargento, obteve «por distincção» o posto de porta-bandeira, depois do combate de 29 de setembro d'esse anno, combate renhido em que deu provas de grande sangue-frio, valor e ousadia.

Apaixonado, porque, tendo ido em 1833 com o mesmo batalhão para o cêrco de Lisboa, acompanhou o exercito legitimista até á derrocada final, seguindo o *seu* rei no caminho do exilio, depois da convenção de Evora-Monte, chegando com elle a Genova em 5 de junho de 1834.

Vencido, expatriado em terra estranha, sem recursos, sem familia, o que fez Constantino? Podia sentar praça em qualquer regimento da linda cidade italiana, como outros fizeram, no mesmo posto que levava de Portugal.

Não o quiz. A sorte das armas ficára-lhe morta para sempre nos plainos longinquos da patria.

Preferiu dedicar-se a florista.

Esta ideia sorrira-lhe desde creança.

—«As suas flores teem apenas uma differença das naturaes: é que estas murcham e as suas não» —disse a Rainha.

Ainda hoje ha em Moncorvo ramos e grinaldas de flores que elle tecera com grande perfeição quando ali exercia o mister de creado de servir.

Com esta aspiração, e para poder viver, offereceu os seus serviços a M.me Vieillard que n'aquella cidade tinha um estabelecimento de flores artificiaes.

Entrou e dedicou-se então, elle que manejára uma clavina, elle que ainda devia ter as mãos callosas das luctas em campanha, a entretecer ramos e grinaldas de flores - que mais deviam falar-lhe ao coração do que os esforços titanicos de luctador, atravez da fuzilaria e do estrondo das metralhas.

Aprendeu muito, especialmente os segredos da confecção das tintas. Em pouco tempo, o pobre expatriado portuguez era o melhor artifice do estabelecimento de M.me Vieillard.

Aventureiro, com este espirito vago e insatisfeito da nossa raça, foi para Paris, dando-lhe M.me Vieillard uma carta de recommendação.

Antes, porém, de se apresentar na grande capital do mundo, visitou, com o peculio que juntára em Genova, as principaes fabricas de flores de Turim e Lyon, chegando a Paris em 13 de dezembro de 1834, e apresentando-se a Mr. Flamet, um dos industriaes de flores mais reputados d'aquella epocha.

Que poderá, que saberá fazer, pensou o francez, este expatriado, soldado de linha no seu paiz, vencido e foragido em terra estranha?

Mandou-lhe fazer um ramo de flores de pennas.

Pois, tão perfeito e tão mimoso sahiu, que a Guarda Nacional o comprou por 500 francos para offerecer á rainha D. Amelia, mulher de Luiz Filippe.

A rainha ficou encantada e quiz saber quem fôra o artista que com tanta perfeição trabalhava.

Desde então a fama de Constantino tornou-se universal.

Tinha chegado a hora dos seus triumphos, das suas glorias, da sua popularidade.

Imitava, diz um escriptor contemporaneo, admiravelmente as flores naturaes, tanto na flexibilidade, côr, aroma e frescura, como em todos os accidentes da natureza que tudo era por elle reproduzido com pasmosa habilidade.

Sorriu-lhe a fortuna. Estabeleceu-se por sua conta.

Mas o homem que mais tarde havia de ter a febre da fidalguia, tinha ainda n'esse tempo apenas este timbre no seu estabelecimento:

CONSTANTIN

FLEURS

7—Rue Autin

PARIS

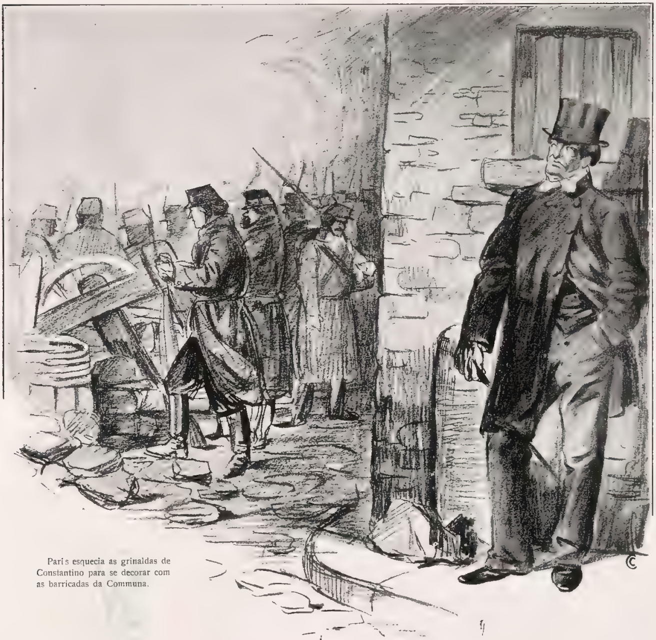
Quando foi do casamento da princeza Clementina, filha de Luiz Filippe, a rainha D. Amelia encommendou-lhe uma grinalda de flores de laranjeira para a noiva.

Constantino levou-lhe duas. Uma de flores naturaes e outra artificial. Vendo a rainha perplexa na escolha, disse-lhe que iria no dia seguinte buscar a que a Magestade recusasse.

A rainha apenas distinguira a que era artificial --porque não murchára, como a outra. Quando o nosso compatriota se apresentou, dlsse-lhe a mulher de Luiz Filippe:

—«As suas flores teem apenas uma differença das naturaes: é que estas murcham e as suas não.»

Estas palavras, reproduzidas nos jornaes da gran-



Paris esquecia as grinaldas de Constantino para se decorar com as barricadas da Communa.

de capital, tornaram o nosso trasmontano enormemente conhecido e popular.

Em 1844 houve nas Antilhas, na ilha de Guadalupe, uma grande catastrophe. As victimas foram immensas e os sobreviventes ficaram na mais desoladora miseria. Para suavisar as dôres dos desgraçados e angariar-lhes recursos, organisou a rainha D. Maria Amelia, duqueza d'Orleans, uma kermesse de caridade no Palais-Royal.

Entre as prendas offerecidas destacavam-se enormes «bouquets» e grinaldas de flores artificiaes tão artisticamente fabricadas por Constantino, imitando com tão flagrante realidade as mais formosas e delicadas flores, que a multidão, assombrada, rompeu n'este espontaneo grito:

—*Vive le roi des fleurs! vive le roi des fleuristes!* sendo, desde então, Constantino consagrado o Rei dos Floristas.

Ha quem affirme que este titulo lhe fôra dado primeiro pelo nosso poeta Castilho, na *Revista Universal*, de Lisboa, e que os francezes o approveitaram por o acharem justo e bem merecido.

Não crêmos, porém, que a leitura da *Revista Universal* tivesse tão larga circulação em Paris, a ponto de impôr um titulo a um compatriota nosso.

Para a fundação do seu estabelecimento concorrêra como socio capitalista um tal Mr. Isidore.

Constantino, porém, passou a ser o florista da moda, e, tendo encommendas de flores das principaes casas da Europa e da America, fez fortuna, pagando o capital de que se servira e ficando só com o estabelecimento.

Não se envaideceu, no entanto. Applicou-se cada vez com mais ardor á sua arte. Fez demoradas viagens pela Allemanha, Gran-Bretanha e Italia, e esteve nos Pyreneus para estudar meticulosamente a flora especial d'aquelles paizes.

Dos Pyreneus colheu com especialidade plantas raras, que depois reproduzia maravilhosamente na sua fabrica.

Concorreu á Exposição de Paris de 1844, nos Campos Elyseos, que foi uma das melhores, regionaes, porque as Exposições universaes só se iniciaram com a de Londres, de 1851, à que tambem levou os seus productos.

Na de 1844 obteve um verdadeiro triumpho, sendo o seu nome um dos primeiros proclamados por Luiz Filippe.

Na de 1851, onde concorreram 13.927 expositores e 6.039:000 visitantes, foi-lhe conferida a medalha d'ouro. Depois d'este verdadeiro triumpho universal, os floristas de Paris, em grande commissão, pediram a Luiz Napoleão que lhe fosse dada, como realmente foi, a Legião d'Honra.

Tinha o seu nome feito.

Vencera pelo seu esforço unico, pela sua tenacidade.

Lembrou-se então da sua patria, dos dias felizes que vivera na casa do tendeiro d'Alfandega da Fé, das suas «partidas» de soldado de caçadores 5, do seu enthusiasmo de voluntario *realista* no cêrco do Porto e no de Lisboa, quiz vêr, —já não humilde creado de servir, já não o abandonado aventureiro, mas homem rico e independente, acclamado pelas multidões e saudado por magestades e imperadores, —o sol lindo do seu paiz, os campos floridos onde passára a infancia, ouvir talvez os sinos da egreja onde fez a sua primeira communhão, e a toada melancholica dos regatos cahindo das quebradas e das serranias da sua terra natal.

Não ha ninguem, no mundo, tão aferrado, tão saudoso da sua terra como são os povos do Minho e Traz-os-Montes.

Com facilidade emigram. Deixam os seus lares e os seus parentes para em longes terras procurarem a «fortuna» sonhada na visão de uma felicidade que a patria lhe não póde dar.

Mas, depois de juntarem algum peculio, a sua primeira e unica aspiração é voltar para a sua terra, para o seu casal, e augmental-o, alindal-o, até que a morte os deixe dormir o eterno somno no *campo raso onde já dormem todos os seus.*

Isto não podia fazer Constantino, porque não tinha casal, não se aquecera ao lar de sua familia, não resára, em noites de inverno, as orações «deitadas» por sua avó. Mas a saudade da patria e do torrão natal, fel-o deixar a sua casa, a sua industria, e trouxe-o por ahi fóra, a apagar desejos do seu coração affectivo.

Veio então, em 1849, demorando-se no paiz até fins de 1850.

Esteve em Lisboa e alli lhe foram consagradas festas particulares, devendo citar-se um jantar de honra que lhe foi offerecido, por iniciativa do grande escriptor visconde de Almeida Garrett, e por elle presidido, a que assistiram os nossos primeiros homens de lettras e artistas d'aquella epocha.

Foi recebido no Paço pela rainha D. Maria II a quem offereceu algumas das suas mais primorosas e bellas flores.

Foi á terra natal onde então lhe appareceram parentes á farta, que o receberam em triumpho.

Todos o queriam acolher e honrar-se com a sua visita.

Mas elle *não conhecia quasi a pessoa alguma,* como diz na carta que trasladamos.

Foi hospedar-se com o primeiro que lhe appareceu, devendo lembrar-se, talvez, com amargo sentir, que essas honrarias que lhe prestavam os não podia absolver do abandono a que o tinham votado, 40 annos antes.

D'elle escreveu o distincto poeta portuense Pinheiro Caldas, celebrando a sua gloria e os seus triumphos:

> Rival de Deus sobre a terra,
> Quem te nega adoração
> Quando a França te sauda
> —Novo rei da creação—?!
> Quando a Europa, d'espantada,
> Curva a fronte laureada
> Ante o teu genio immortal!?
> Quando colhes d'entre os louros
> O mais rico dos thesouros:
> —Um triumpho a Portugal?! (¹)

Em fins de 1850 voltou para Paris. Com tenções de voltar a Portugal?

Sim. Fôra depois das festas e das acclamações recebidas em Lisboa, no Porto e outras terras, que naturalmente se sentiu feliz. Devia ser então que elle accrescentára ao seu nome de trabalho, ao seu no-

(¹) Allude á exposição de 1844, onde obteve, como dissemos, o primeiro premio.

me industrial de *Constantin* a infinidade de appelidos que arrancou do parentesco heraldico — «que elle não conhecia antes» e que o despresára nos seus tempos de infortunio, como outra vez lhe havia de succeder nos ultimos contratempos da sorte.

Como aqui ficam bem aquelles versos maravilhosos de Ovidio, o poeta das «Tristes»:

> *Dum eris felix multos numerabis amicos:*
> *Tempora si fuerint nubila, solus eris!*
>
> Em quanto feliz não te faltam amigos;
> Na adversidade ver-te-has sósinho.

Tinha realmente desejo de morrer na sua patria o nosso illustre artista. Por isso, de volta a Paris, tratou do trespasse do seu estabelecimento, o que realisou, ficando com elle, debaixo de varias clausulas de pagamento, Marchais Frères.

Constantino foi viver para uma quinta que havia comprado nos Pyrineus, em Tercis-Terry, nada lhe faltando ahi, nem de conforto, nem de recordações.

Ali tinha o seu sonho, as prendas offerecidas por altas personalidades, entre as quaes o acariciava uma taça de ouro, lavrada, que lhe dera a princeza imperial da Prussia, como lembrança de algumas lições que lhe dera; os seus diplomas, as suas medalhas... e muito especialmente a rara e exquisita flora que elle maravilhosamente imitára e que o fizera feliz.

Mas a doença minava-o já lentamente. Sem familia, tendo no seu lar apenas estranhos que não sentiam as suas dôres nem sorriam com os seus triumphos, resolveu voltar para Portugal, fazendo-o em 1854.

Marchais Frères, porém, o seu successor no estabelecimento, deixou, logo que o viu distante, de cumprir algumas clausulas do trespasse commercial.

Volta no mesmo anno a Paris, faz annular judicialmente o contracto e fica outra vez á testa da sua fabrica.

Preparava-se-lhe a queda.

A França agita-se e move-se na desastrada guerra franco-prussiana.

Estabelece-se em Paris a *Communa*. Ha um estertor de lagrimas e de crimes. A cidade é quasi posta a saque.

O seu estabelecimento soffre immensos prejuisos.

Depois, com a facilidade de communicações que a invenção das machinas estabelecera, o seu commercio diminue extraordinariamente. Em toda a parte se haviam já multiplicado estabelecimentos do genero do seu.

Constantino, abatido, doente, acabrunhado por uma vida de lucta, resolve partir para a sua quinta e liquidar, depois socegadamente, o resto dos seus haveres.

Não tem, porém, tempo de o fazer, porque a sua doença aggrava-se cada vez mais, e em 1874 morre em Terry quasi ignorado, sem uma mão amiga a dar-lhe nos ultimos momentos a consolação de um beijo de paz.

Nem um filho, nem um parente, nem um amigo.

Infeliz ao morrer, como o fôra ao nascer.

Amigo devia ter um, a dar-lhe ao menos uma gota de agua para refrescar-lhe os labios nas ultimas horas de febre. Era o portuguez José Domingues, hoteleiro em Paris, seu afilhado, a quem elle não só protegera mas deixava herdeiro do resto dos seus bens.

Mas, de «amigos», lembramos outro conceito do grande poeta Ovidio: «*Ex milibus unus: hic albo corvo rarior esse solet*».

Entre mil, um só verdadeiro; e este ainda é mais raro do que os corvos brancos.

E a prova está em que, tendo Constantino José Marques de Sampaio e Mello manifestado ao seu afilhado e herdeiro que o seu maior desejo era que os seus restos mortaes viessem para Portugal, para dormir na terra querida qne o viu nascer, José Domingues nunca se lembrou de satisfazer e cumprir essa aspiração ultima do seu compatriota, padrinho e bemfeitor.

E' geralmente assim a alma humana. Só se lembra dos bemfeitores emquanto duram os beneficios. E, no entanto, não ha nada mais odiento, mais bestial, do que a ingratidão.

N'um artigo do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* de 1879, lembra-se á camara de Moncorvo o pagamento d'essa divida a um dos seus mais illustres filhos.

Ainda o poderá fazer?

SILVA ESTEVES.

Á VIOLA

Ao meu presado sobrinho Dr. A. F. de Azeredo Antas

Cantadeira de Vidago,
Môça do campo ou da aldeia,
Nos ouvidos levo o affago
Do teu cantar de sereia...

Ha quem diga que andas suja
E até quem te chame feia,
Mas digam lá se ha quem fuja
Ao teu cantar de sereia.

Eu por mim não me arreceio
De dizer, á bôca cheia,
Que escuto, meu doce enleio,
O teu cantar de sereia.

Á noite—por sôbre o valle,
Quando passa a lua cheia—
Onde ha música que eguale
O teu cantar de sereia?

Que a noite deixa no escuro
O que a vista lisonjeia,
Mas torna ainda mais puro
O teu cantar de sereia.

Como vem morrer na praia
A vaga que o vento alteia,
No meu ouvido desmaia
A tua voz de sereia.

E julgo ouvir, do passado,
Como em vaga melopeia,
Um echo extincto, acordado
No teu cantar de sereia...

Ah, cantadeira sem arte,
Mas de sentimento cheia!
Hei de ouvir por toda a parte
A tua voz de sereia...

Essa voz que exprime tudo
Quanto o coração anceia,
Voz que é d'oiro e de velludo,
O teu cantar de sereia...

Vidago, 28-8-908.

M. Duarte d'Almeida.

MONCORVO

Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana.

(Continuação)

Já vimos como Mós devia fornecer, a Moncorvo, madeira para as barcas. No Archivo de Moncorvo guarda-se em pergaminho a carta de D. Diniz datada de Santarem aos 18 de setembro da era de 1346 (ann. Christ. 1308) na qual ordena el-rei a Vaasco Afonso, seu vassalo que, para evitar as continuas disputas entre as duas villas, por causa das confrontações dos respectivos termos, lh'os vá delimitar.

Ainda no mesmo Archivo vi outro pergaminho datado de 4 de maio da era de 1384 (ann. Christ. 1310) contendo uma carta do mesmo rei, sobre esta questão dos limites dos termos, no qual, guiando-se pelas confrontações antigas, lhes assigna os seguintes que registamos pela importancia archeologica inculcada pelo onomastico de alguns: — «S — pela *auta* amproom pelo ribeyro que vay a soo val dos ferreyros como vay por par da cidadona e dessy aas *arcas* de mondego e dessy volvente pelo pelago do couquo e como se vay ferir ao serro da cegonha em Savor e averlo a torre de Mem corvo». Em 1315 ainda continuava esta questão que em 1471 volveu a agitar-se (1).

MONCORVO—Ponte sobre o rio

Viterbo, no *Elucidario*, artigo — Amprom — allude a este documento, mas no artigo — Enxeco — esquecido do verdadeiro anno de 1310, que lhe assignára, dá-o como datado de 1309, no que padeceu evidente engano.

O illustrado abbade de Carviçaes, José Augusto Tavares, publicou em 1902 na *Torre de Moncorvo* alguns documentos e extractos d'outros pertencentes a este rico Archivo, devido, porém, á impericia dos typographos n'esta especialidade de graphia, sairam com algumas incorrecções estes trabalhos do erudito e trabalhador abbade.

Outro pergaminho de Moncorvo contém o requerimento feito a 2 de junho da era de 1408 (ann. Christ. 1370) por Gonçalleanes, taballiam d'elrei nas villas e julgados do almoxerifado da Torre de Meem corvo a pedido de varios visinhos de Valle Torno, termo de Villarinho da Castanheira, no qual diziam que: «elles estavam a gram medo e aperto dos corpos e dos averes por razam desta guerra que durava porque deziam que a cerca da dita villa de villarynho era muy pequena e de poucas casas que non avya hy mays que dez e seis casas nem logar onde as façam outro sy que non avia na dita cerca augua nenhuma nem almazem nem açalmamento nenhum e que non moravan hy mays que tres homeens com sas mulheres e que por estas» razões e porque se não podiam ahi defender pela mingua de casas e fortaleza e porque «a cerca da villa da Torre de meem corvo era boa e grande e a terra e as companhas della boas e que podem hy caber muitas companhas com seus mantimentos e que estava beem afortalezada e açalmada e percebuda daquellas cousas que lhes eram compridas» pediam a el-rei que os désse por «termho e por jurydiçam e aldeyaãos da villa de Moncorvo» (2).

Assassinado Pedro, o cruel, rei de Castella, por seu meio irmão D. Henrique que tambem se lhe assenhoreou do reino, D. Fernando, rei de Portugal, lh'o disputou, como bisneto de Sancho, o bravo, e em 1369 invadiu a Galiza tomando a Corunha que logo abandonou sabendo que D. Henrique vinha sobre elle.

Em desforço, o castelhano veio sitiar Guimarães que não poude tomar, graças á heroica resistencia de seus moradores; recuou sobre a nossa provincia «é foi se entom caminho de Braganza, é foi a cercar é filhoua» ([3]) em 1369 ([4]).

O panico causado por esta incursão na região bragançana foi enorme; os frades, desamparando os conventos, vagueavam afflictos, fugindo ao furor da soldadesca castelhana: os moradores das aldeias abandonavam suas casas refugiando-se nas serras ou recolhendo-se «para as cercas e castellos com suas cousas e mantimentos» ([5]).

Sobre o assumpto diz Fernão Lopes: «e todos os montes daquella comarca (Traz-os-Montes) foram então cheios de homens e mulheres e moços, gado e viveram na Abbadia Velha e em Ventuzello e em todas as aldeias dos montes altos, e todos os monges e abbades dos mosteiros d'aquella comarca todos fugiram; e foi isto do mez de agosto até Santa Maria de setembro» ([6]).

Ao particular d'estas guerras terminadas pela paz de Alcantim, celebrada a 31 de março de 1371, fornece o Documento n.º 9 especies até hoje não mencionadas. Por elle vemos que a villa de Villarinho da Castanheira, levada sem duvida do panico apontado, e porque, como vimos, não tinha condições de defesa, se entregou aos castelhanos antes mesmo de ser combatida e que outro tanto fez a sua visinha de Mós; por isso a 24 de dezembro de 1372 el-rei D. Fernando as deu como termo da villa de Moncorvo que n'essas guerras se defendeu corajosamente, sujeitando-os em tudo á sua jurisdicção ([7]).

Mariana ([8]) dá as pazes acima como celebradas a 1 de março, data que parece menos exacta e muito mais o é ainda o anno de 1369 que Pinho Leal ([9]) lhe assigna.

Diz Fernão Lopes que D. Fernando andava «mui prasmado dos povos» por causa da pouca coragem mostrada n'estas luctas e, ignorando «que um fraco rei faz fraca a forte gente» elle, o poltrão que não se atrevia a maiores viagens que de Lisboa a Santarem, ainda quer dar a perceber que viria soccorrer Villarinho e Mós!

Por isso o povo o frechou n'esse celebrado epigramma, mixto de satyra ironica que anniquila pelo ridiculo, conservada pelo velho chronista — ex vollo vae, ex vollo vem de Lisboa para Santarem — asnos vão, asnos veem, etc.

Similhante proceder de D. Fernando nada affecta os sentimentos briosos das villas citadas; quando, como que á porfia, despejavam favores e favores sobre Moncorvo, obrigando os julgados circumvisinhos, ainda os mais distantes a trabalhar nas fortificações d'essa villa, como adiante mostraremos, deixa-se permanecer desguarnecida e sem condições de defeza Villarinho, e depois estranha-se-lhe o procedimento!!!

MONCORVO Aspectos da tosquia de gado lanigero

COOPERAM PARA O ENGRANDECIMENTO DE MONCORVO EM CONDIÇÕES DE EXCEPCIONAL FAVOR MUITAS TERRAS

Sabido como na idade média as condições determinantes da importancia d'uma villa ou cidade dependiam, principalmente dos seus elementos defensivos, e, depois de vermos quanto Moncorvo prosperou em engrandecimento territorial, passemos rapido olhar sobre a fortuna especial que gozou, de ser auxiliada pelos povos circumvisinhos que, em prejuizo do proprio, se viam obrigados a cooperar para o bem-estar d'esta villa.

Parece que foi D. Diniz quem levantou Moncorvo da obscuridade, tratando logo de a fortificar; pelo menos

desde o seu tempo começa a manifestar-se a boa estrella que jámais a desamparou.

Vimos já a 17 de novembro de 1295 a ordem d'esse rei para se gastarem, nas suas fortificações além dos terços das egrejas de Moncorvo, tambem os de Villa Flor e só depois que estejam completos terá logar o dispenderem-se nos d'esta ultima villa (10).

Similhantemente vimos setenta e um annos depois, no de 1366, Urros e Peredo julgados independentes, obrigados a trabalhar dois dias na semana e em cada um com vinte homens em quanto durassem as obras para «ffazer ho muro da dita vyla da torre e aa barbacaa» e para «aalympar a carcova da dita vylla» (11).

Em 1377 os moradores de Villa Nova de Fóz Côa, Villa Flor, Urros e Maçores são obrigados a prestar *odua* ou seja serviço nas fortificações de Moncorvo (12). Igual onus fez impender D. João I em 1385 sobre os de Alfandega da Fé, Castro Vicente, Mogadouro, Bemposta e Penas Roias (13). Desnecessario será advirtir que os povos pertencentes a estas villas eram comprehendidos na *odua*. Ao passo que isto succede, Moncorvo é escusada de concorrer para as fortificações de Freixo de Espada-á-Cinta (14).

Parece que Peredo não acceitava resignadamente taes imposições, porquanto, no Archivo de Moncorvo se guarda em pergaminho a sentença datada de 9 de janeiro da era de 1436 (ann. Christ. 1398) que os obriga a virem «carrear a pedra e ajudar a fazer no cubo que ora se fazia» nas fortificações de Moncorvo.

Além do Documento n.º 2 que se refere a obras nos muros de Moncorvo, dando-nos o nome de dois architectos desconhecidos nos auctores d'esta especialidade, convem juntar a estes Antonio Fernandes, mestre da obra do castello da villa de Moncorvo em 1556 (15).

Do que temos dito resultou ser a comarca e correição de Moncorvo, como traz Pinho Leal, a maior de Portugal, ou sómente a maior de toda a provincia, como aponta D. Luiz Caetano de Lima, assignando-lhe ambos 26 villas em seu territorio, n'uma extensão de 96 kilommetros de comprimento por outro tanto de largo. Igual numero de villas lhe adjudicam Freire (16) e Carvalho da Costa (17) e, sómente 20, Ribeiro de Castro (18). Em 1645 tinha apenas nove villas em treze concelhos (19).

D'esta importancia de Moncorvo resultou ser cabeça de um dos arabiados em que estava dividi-

Padrões existentes na camara de Moncorvo

do o reino estendendo-se no tempo de D. João I a jurisdição do seu rabi sobre toda a provincia de Traz-os-Montes (20).

E na ordem ecclesiastica, séde de um vicariato dos arcebispos de Braga, mas em virtude da circumscripção diocesana de 1882, sendo encorporado no bispado de Bragança o concelho de Moncorvo e varios outros do sul do nosso districto, D. José Alves de Mariz, prelado d'esta diocese, attendendo a que já não tinham logar as razões de ser d'esta comarca ecclesiastica, dada a proximidade da nova séde da diocese e a facilidade das actuaes vias de communicação e outras razões de ordem administrativa, supprimiu-a por Provisão de 7 de abril de 1888.

IMPORTANCIA ECONOMICA DE MONCORVO. FEIRAS (21)

A posição especial de Moncorvo que a tornava chave da região bragançana, emporio indispensavel do seu commercio de importação e exportação nas relações com o resto do reino, cedo se traduziu em accrescimos de riqueza e factores que a produziam.

Aos 2 de novembro da era de 1357 (anno Christ. 1319) el-rei D. Diniz, attendendo ás pretensões dos moncorvenses que, apezar de terem já uma feira mensal, como alguns seus visinhos, não bastava, segundo allegavam, para a venda de seus generos e gados, concedeu-lhes outra annual de um mez de duração a começar 15 dias antes da Paschoa e outro tanto tempo depois.

É notavel esta feira pelos privilegios de que vem acompanhada a concessão. A Bragança só em 15 de julho de 1455 el-rei D. Affonso V concedeu feira franqueada, com privilegios similhantes á de Moncorvo e ainda assim de menos duração, pois começava aos 25 de janeiro e terminava a 9 de fevereiro, conforme se vê n'um pergaminho existente no Museu Municipal de Bragança; é verdade que d'outro pergaminho existente no mesmo Museu consta que já el-rei D. João I concedera a Bragança uma feira «ffranqueada ssegundo ha ffeyra de Trancoso» mas do mesmo se vê que caíra em desuso.

Uma das prerogativas que gosava a feira de Moncorvo era a de ninguem ser penhorado n'ella nem nos oito dias anteriores, a não ser por dividas contrahidas na propria feira.

Quem aggravasse os feirantes pagaria a el-rei seis mil réis e em dobro «aquelle que filhar» o seu senhor (22).

Viterbo no artigo—Azinhoso—junto ao fim pa-

rece, dar a entender que esta feira fôra concedida por D. João I; não devemos, porém, confundil-as uma com a outra.

Pinheiro Chagas ([23]) allude ás feiras concedidas por D. Diniz a Villa Flor, Moncorvo e Freixo de Espada-á-Cinta.

Depois, talvez, porque as guerras com Castella, no tempo de D. Fernando e D. João I houvessem damnificado muito a região moncorvense ([24]) cahiu em desuso esta feira e el-rei D. João I na era de 1433 (ann. Christ. 1395) afim de a Torre de memcorvo «ser mais nobrecida concedeu-lhe uma feira franqueada» de 15 dias de duração a começar no primeiro de maio com «todallas honras privilegios e liberdades e franquezas que ha a feyra de Trancoso» ([25]).

De outro pergaminho, tambem existente no Archivo de Moncorvo vê-se, que o local da feira era intra-muros, dentro da *cerqua* da villa, como elle aponta, segundo uma concessão d'el-rei D. Affonso passada aos 22 de junho de 1459 e baseada em privilegios que para isso concedera D. Fernando afim de que a villa se não «despoborasse fosse melhor poburada».

Estas concessões obtidas de D. Fernando para as feiras e mercados se fazerem intra-muros e não nos arrabaldes, mostram-nos a exhuberancia das respectivas populações a romperem os recintos das primitivas muralhas. Em Bragança ha, sobre o mesmo facto, no Museu Municipal, tres cartas regias em pergaminho. Foi só depois de renhidas luctas que os dos arrabaldes conseguiram vêr ahi feiras.

MONCORVO—Hospital D. Amelia e bairro da Corredoura

Similhavelmente Moncorvo, pois, n'uma sentença de «Dom affomso per graça de deus Rey de purtugal e du algarve e de cepta e dalcacere em africa» guardada no seu archivo, passada aos 6 de junho de 1463, vemos Juça marcos, judeu, rendeiro principal do almoxerifado de Moncorvo, como auctor de um lado, e pelo outro os moradores de dentro da *cerqua* da villa em pleito. Allegava, aquelle, que entre as condições estipuladas no seu contrato para a cobrança das rendas havia a de a feira e mercado semanal se fazerem no arrabalde, mas que os officiaes da camara a mandavam fazer dentro da *cerqua*. Mais se mostra como já Pero Teixeira, contador d'el-rei na comarca de Traz-os-Montes perante quem Juça marcos levara o feito, o attendera n'elle e que os moradores intra-muros apresentavam um privilegio de D. Fernando, já confirmado pelo mesmo D. Affonso, onde aquelle rei lhes concedia entre outras liberdades e de os ditos mercados e feiras se fazerem dentro da *cerqua* e não em outra parte ([26]).

El-rei considerando: que nos arrabaldes estam alpendres e bons chafarizes de muita agua e dentro da cêrca nada d'isso, sendo, de mais a mais, logar apertado, ruas estreitas e querendo «uzar de cremencia equidade e benidade, para se evitarem bandos, arroidos, e dissensões, e desconcordias» observando em tudo «a justa igualleza e a boa temderança» manda que a feira se faça dentro da *cerqua* cinco mezes no anno, de maio a setembro inclusivè e nos outros sete na praça do arrabalde; mas para isso far-se-ia construir á custa do concelho dentro da *cerqua* uma praça com alpendres para recolhimento dos vendedores e dos generos e emquanto se não fizessem essas obras a feira continuaria no arrabalde.

Pelo que toca aos outros privilegios concedidos por D. Fernando aos habitantes intra-muros manda el-rei que continuem em vigor ([27]).

Como vêmos esta sentença annullou, em parte, a outra do mesmo rei, de 22 de junho de 1459, atraz referida, e ainda uma outra constante de um pergaminho guardado no mesmo Archivo, de 31 de maio de 1457 ao qual nos referiremos ao tratar dos privilegios de Moncorvo.

Porque de algum modo tem relação com o assumpto, devemos aqui dar conta de dois pergaminhos que vimos no Archivo de Moncorvo relativos ao systema proteccionista. Contém o primeiro, datado da era de 1404 (ann. Christ. 1356) a transcripção de uma postura municipal da era de 1394 (ann. Christ. 1356) na qual se vê que Moncorvo e termo gosavam do privilegio de não deixarem introduzir vinho estranho para venda, emquanto o houvesse do termo e villa. Contém o segundo identica postura revigorada em 1436.

Estas disposições de que encontramos similares relativamente a Bragança n'um pergaminho do seu Museu datado de 1448, além de outras cousas, mostram a intensidade da cultura vinicola na região.

VANDALISMO, DESTRUIÇÃO DE MONUMENTOS ARTISTICOS, CHAFARIZ, CASTELLO

O documento citado de 1463 mostra como ao tempo havia já no arrabalde bons chafarizes de muita agua, mas não o mencionado por Almeida—«a praça (de Moncorvo diz elle) é aformoseada por um elegante chafariz de cantaria de quatro bicas, em fórma de urna, alimentado por um abundante manancial de excellente agua, conduzida por canos de cantaria na distancia de mais de um quarto de legua» ([28]).

Por identica fórma e descripção se referem ao chafariz Pinho Leal ([29]) e João Maria Baptista ([30]) indo assim de accordo com Carvalho da Costa ([31]) onde se lembra que o manancial vinha «quasi da imminencia do monte Roboredo». De «bom chafariz» o classifica Flaviense na sua *Chorographia* publicada em 1833 e de «bello» o *Dicc. geogr.* de Perestrello Camara.

Diz a tradição em Moncorvo que este elegante monumento foi mandado construir no tempo d'el-rei Filippe I de Portugal. O Alvará regio de 8 de

junho de 1591 ([32]) trata da canalização da agua do monte Roboredo para um chafariz que se anda a fazer no centro da praça, ficando parte d'essa agua no convento dos frades e a outra parte n'um chafariz «que hei por bem se faça pela traça e ordem que melhor parecer defronte da egreja de Santo Antonio».

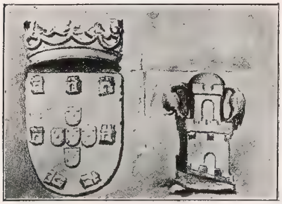
Longas e renhidas pendencias e demandas sustentou a villa com os frades por causa d'esta agua ([33]) cuja canalização veio a arruinar-se pelos annos de 1668, resultando talvez da reconstrucção motivada por esta causa a data de 1704 que se encontra gravada no chafariz ainda hoje existente ao cimo da rua de Santo Antonio.

Haverá engano na tradição? será este o chafariz construido no tempo de Filippe I?

O monumental, o artistico, o elegante chafariz seria anterior, pois João de Barros ([34]) que escreveu em 1549 já o dá como existente: «tambem tem (Moncorvo) um chafariz de mais de quarenta palmos d'alto que deita quatro canos no meio da praça».

Quando visitei Moncorvo em abril de 1907 já o chafariz desapparecêra; fôra destruido sem piedade, sem respeito pela sua artistica estructura, nem consideração pelas attenções que tão distinctos escriptores lhe haviam votado. Vandalismo igual arrebatou o bello cruzeiro da praça da Sé em Bragança, rico de ornamentação da renascença, agora aos tombos no cemiterio publico para vergonha, e quem a tem de similhantes crimes de lesa-arte?! de uma cidade que tem obrigação de ser culta. A triste e acanhada monomania dos modernos alinhamentos sem obedecerem a um criterio esthetico, solido e scientificamente orientado, dá-nos d'estas vergonhas.

Seria destruido em 1878, sendo presidente da Camara Antonio Joaquim Ferreira Pontes, bacharel em direito, deputado em varias legislaturas e governador civil do districto de Bragança, para formarem o passeio publico arborisado que a figura junta mostra no plano em baixo ao sopé do muro de supporte do terreno onde se levantam os paços do concelho ([35]) para os quaes se sobe por duas compridas escadarias, accusadas igualmente na gravura, ou seria já destruido anteriormente a 1866, pois, Almeida, que publicou n'esse anno a sua obra, já dá parte do terreno das fortificações do castello convertido em passeio publico.



MONCORVO—Escudo ainda existente no chafariz ao cimo da rua de Santo Antonio—(Desenho de João Augusto Ribeiro)

Alguem nos disse que o chafariz de Moncorvo era similhante nos detalhes architetonicos ao que ainda se vê em frente dos paços do concelho em Carrazeda d'Anciães que nos apressamos a archivar aqui antes que mão barbara o supprima.

MONCORVO — Passeio Publico e Paços do Concelho

E' de fórma quadrada, derivando para arco, no meio, as linhas de cada um dos seus quatro lados. Ao meio d'este reservatorio ergue-se uma elegante columna muito ornamentada, do alto da qual se despeja a agua n'uma bacia de fórma arredondada, tambem muito ornamentada, que está na sua parte superior, a qual por sua vez a deixa por quatro bicas caír no tanque. Como é sabido, este modelo architetonico para tanques vogou muito na renascença ([36]).

Por ultimo lembraremos o conhecido rifão— depois de annos mil volve o carro a su carril e o rego por onde suele ir;—em 1463 havia pelo menos na praça extra-muros dous chafarizes e outros tantos ha agora despidos de qualquer ornamentação inculcadora de elevação de sentimento, grandiosidade de ideia, a traduzirem chatamente o egoismo utilitario e burguez da epocha.

A tradição do artistico, do monumental, vive já na lenda que o intelligente abbade de Carviçaes José Augusto Tavares, recolheu:

Linda terra é Moncorvo
Dá de beber a quem passa
Quem não tem dinheiro
Tem o chafariz na praça.

Referindo-se ás fortificações de Moncorvo, diz Carvalho da Costa ([37]): tem esta villa «muralha ao uso antigo com tres portas, e a seus lados baluartes ou cubellos redondos; hum Castello de cantaria em fórma quadrada com duas torres, quatro cortinas e dous baluartes redondos».

Com esta ultima parte relativamente ao castello concorda Columbano de Castro ([38]) e Almeida ([39]). Devemos notar que já quando este escreveu, 1866, estavam em ruinas estas fortificações e o seu terreno, plantado de arvores, servia de passeio publico: «tudo, menos o castello foi arrazado, ha poucos annos e o terreno occupado pelas antigas fortificações está actualmente plantado de arvores e serve de passeio publico» ([40]).

Por ultimo nem o velho castello escapou. Veio a illustrada vereação de 1878 presidida pelo bacha-

rel Antonio Joaquim Ferreira Pontes [41] deputado em varias legislaturas pelo districto de Bragança e tambem seu governador civil e, escudado com o camartello dos aformoseamentos, ajardinamentos et reliqua, acabou de arborizar e converter tudo em passeio e lá se foi essa veneranda reliquia sem que as cans de tantos seculos impozessem respeito a seus demolidores! e lá se foi esse representante d'uma epocha e ciclo artistico peculiar em Portugal á região do norte [42]! e lá se foi esse symbolo da autonomia de Moncorvo, da sua força e importancia! e lá se foram, esfrangalhadas pelos proprios filhos essas fortificações que tantas vezes souberam impor respeito aos inimigos, tantissimas acobertaram e protegeram debaixo de suas azas os naturaes e tantos sacrificios custaram aos povos da larga região moncorvense! e lá se foram . . . e ficam! e não se vão! e não se elimina para sempre o velho sangue dos hunos e vandalos que, de quando em vez, nos dá reformadores iconoclastas de tão dolorosa invergadura! . . .

Por isso, indignado, grita o grande historiador: «com estes exemplos de governo não é de admirar que ahi mesmo em Santarem se derrubem as portas das velhas muralhas para calçar as ruas ou que na antiga villa da Torre de Moncorvo, hoje Moncorvo, a antiga torre que dera origem e nome á povoação, fosse deitada por terra com o mesmo intuito» [43].

Parece que este brado não se refere ao castello, mas a alguma das Torres que o circuitavam, pois, já o encontramos proferido pelo mesmo escriptor com quasi identicas palavras e destino dos materiaes da Torre [44].

Em algumas d'estas investidas foram, sobre as ruinas das fortificações, construidos os actuaes paços do concelho em 1867, anno que se vê escripto na base do corucheu da frente, lado direito de quem entra.

Das antigas fortificações pouco resta, apenas de onde a onde se conhecem alguns vestigios taes como, na muralha exterior que circuitava o recinto em volta do castello, na parte olhando ao nascente, um portal ainda completo em arco de volta redondo, tudo de granito aparelhado, chamado de Nossa Senhora dos Remedios por em cima d'elle estar uma capella d'esta invocação. Os degraus da escaleira por onde se entra para esta capella, que dá tambem serventia a uma casa particular contigua são formados de varias lapides de granito, contei sete, que deveram outr'ora ser campas de sepulturas, ainda com abundantes vestigios de letras impossiveis de dar sentido, por gastas pelo roçar do calçado e sobre tudo pelo pico do canteiro para as ajustar á nova serventia.

Ahi vão as letras da mais completa.

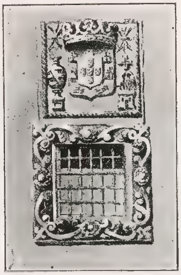
S^A D I M G^D . . . .
O M E S C . . . .
A B R E I R O . . . .
D M E N D E L . . . .

A capella, pequena e pobre de ornamentação é antes um oratorio, mas n'elle se celebra missa. A sua origem não deve remontar á primitiva construcção das muralhas, provavelmente só depois que estas cairam em ruinas é que na parte superior da porta adaptaram a capella a construcção que servia para a defender. Ao Ex.^mo Balthazar Margarido Pacheco, que n'esta visita me serviu de cicerone, não poupando incommodos para me mostrar quanto Moncorvo tinha de interessante, aqui gostoso significo o meu reconhecimento pela amabilidade e coragem com que supportou as minhas maçadas e impertinencias de investigação.

As campas dos escalões viriam da egreja profanada do antigo convento franciscano, hoje com a cêrca adjunta convertida em propriedade particular, bem cuidada, como merece, pela fertilidade do seu terreno assaz grande, amenidade do sitio, um dos mais apraziveis da villa, abundancia de aguas, pela belleza do largo panorama que d'elle se disfructa em sitio sobranceiro a Moncorvo que lhe fica como que assentada aos pés, e pela pureza de seus ares.

Fizeram-nos dó os destroços e ruinas d'este convento quando em 21 de maio de 1907 as visitamos, em companhia do nosso amigo Manuel Antonio Monteiro, intelligente secretario da Camara Municipal de Moncorvo. Capiteis, fustes, bases de columnas, aqui e alli deslocados, coroavam socalcos de paredes, serviam de supporte a latadas de parreiras ou jaziam abandonados pelos cantos! campas com brazões d'armas e inscripções já mutiladas guarneciam os muros de vedação ou adoptadas para mezas rodeadas de outras á laia de assentos á sombra das arvores, sem respeito pelas cinzas que abrigaram, como muitos corregedores e pessoas nobres, entre as quaes D. Lourenço Coutinho fallecido em 1640, filho do conde de Redondo D. João Coutinho que foi vice-rei da India [45] faziam lembrar um festim de insania após horrorosa bachanal! ou antes mostravam apenas a indole portugueza em face dos monumentos do passado.

Indubitavelmente o portal da Senhora dos Remedios é um dos tres existentes na muralha exterior de que nos falam os chorographos. Fica voltado ao nascente. Vestigios de outra: os quicios e as canhoneiras que a defendiam na quina nascente do muro de supporte da actual praça. Seria esta a porta do castello a que se refere o Documento n.º 2?



MONCORVO — Escudo existente por cima d'uma janella na sala do tribunal e casa da cadeia, em cujo edificio, antigamente, foram os Paços do Concelho. (Desenho de José Augusto Ribeiro).

Felizmente Raczinski ([46]) conservou-nos os desenhos dos signaes dos canteiros gravados nas pedras das muralhas e do castello de Moncorvo e Possidonio ([47]) dá-nos a explicação d'estes hieroglíphos de nova especie, que um dia, reunidos e estudados conjunctamente algo accrescentarão á historia da arte architetonica, devendo nós resenhar a titulo de inventario que signaes identicos apparecem no exterior e interior da cisterna do castello de Freixo de Espada-á-Cinta e sobre o mesmo castello, muros e egreja; no castello de Bragança e respectiva antiga casa da Camara; na egreja intramuros da antiga villa de Anciães, isto para só fallarmos das do nosso districto.

O convento acima referido é o dos franciscanos (capuchos) da provincia de Santo Antonio de Portugal, fundado pela Camara e povo da villa em 1569, anno que lhe assignam commummente os escriptores, bem como a chronica da ordem respectiva ([48]) embora confesse não ser bem liquido este ponto. Em 1796 ([49]) era habitado por 13 religiosos, 6 leigos, 4 donatos e dois moços, ao todo 25 pessoas; os seus rendimentos de proveniencia incerta orçavam por 620$000 réis ([50]).

Extinctas as ordens religiosas e profanada a egreja do convento estabeleceu-se n'ella uma saboaria dirigida por José Henriques Pinheiro, natural de Moncorvo, benemerito iniciador dos estudos archeologicos em Bragança em cujo Lyceu foi professor de francez, indo morrer a 7 de outubro de 1904 na cidade do Porto, depois de aposentado.

A tradição d'esta industria fabril em Moncorvo é antiga, e pelos annos de 1706 «a fabrica do sabão molle, que n'esta villa se obrava, dava provimento a muitos lugares d'esta provincia, á cidade do Porto, á provincia do Minho e cidade de Lamego».

Supponho que Pinheiro estivesse á frente d'esta exploração pelos annos de 1857 a 1863, data que mediou entre a conclusão do seu curso e o ingresso no magisterio secundario no Lyceu de Guimarães d'onde depois foi transferido para o de Bragança.

O genio emprehendedor de Pinheiro levou-o a montar n'esta cidade uma fabrica de macarrão que cultivou emquanto aqui viveu, e pelos annos de 1884 uma outra de sabão que em 1888 vemos mencionada entre as treze que concorreram á exposição da Avenida com a producção annual de 600 kilos ao preço de 140 réis por cada um ([51]).

D'estas industrias, tanto em Bragança como em Moncorvo nada resta. Ainda depois a mesma egreja do convento foi convertida em theatro e ultimamente em abegoaria da propriedade circumjacente.

(Segue).

P.e Francisco Manuel Alves.

([1]) Viterbo, *Elucidario,* artigos – Logo III e Vogaria. Vêr tambem Pelago.
([2]) Viterbo achou n'este documento elementos para os artigos: Açalmamento, açalmar, mengoado e ogano do seu *Elucidario.*
([3]) *Chronica Conimbricense* in Flores, *España Sagrada,* tom. 23, pag. 333.
([4]) Oliveira Martins, *Vida de Nun'Alvares,* Hist. do Estabelecimento da dynastia de Aviz. 1893, pag. 29.
([5]) *Chronica d'el-rei D. Fernando* por Duarte Nunes de Leão, pag. 192.
([6]) Fernão Lopes, *Chronica d'el-rei D. Fernando,* livro 1.º cap. XXXV.
([7]) Vêr Pinheiro Chagas, *Hist. de Portug. popular illustrada,* vol. 1, pag. 304, 306 e 316.
([8]) *Hist. General de España,* tom. 6, pag. 226, da edição de Valencia.
([9]) *Port. Antig. e Mod.* artigo Moncorvo.
([10]) *Documento* n.º 1.
([11]) *Documento* n.º 4.
([12]) *Documento* n.º 7.
([13]) *Documento* n.º 10.
([14]) *Documento* n.º 6.
([15]) Sousa Viterbo, *Dicc. dos Architetos,* Supplemento, artigo - Fernandes (Antonio) 2.º
([16]) *Descripção Geographica do reino de Portugal,* por Antonio de Oliveira Freire. 1755.
([17]) *Chorographia Portugueza,* etc.
([18]) *Demarcação da Provincia de Traz-os-Montes* pelo juiz demarcante Columbano Pinto Ribeiro de Castro, manuscripto da Bibliotheca Municipal do Porto. 1798,
([19]) Rodrigo Mendes da Silva, *Poblacion General de España,* pag. 185.
([20]) Viterbo, *Elucidario* artigos – Arabi e Contrauto com judeos; José de Sousa Amado, *Historia da Egreja Catholica em Portugal,* vol. 5, pag. 233.
([21]) A proposito das feiras de Moncorvo vide: *Hist. da Administração publica em Portugal nos seculos 12 a 15* por Henrique da Gama Barros, tom. 2, (1896) pag. 211; João Ignacio Pimentel, *A Sericultura Portugueza,* pag. 65 e nas pag. 82, 84, 111, 136, 137, 140 e 159 a importancia que esta industria teve em Moncorvo.
([22]) Viterbo, *Elucidario,* artigo – Aginha e Azinhoso, allude a esta feira. O pergaminho constante da concessão existe no Archivo de Moncorvo.
([23]) *Hist. de Port. popular illustrada,* vol. 1, pag. 499.
([24]) Vide *Documento* n.º 9.
([25]) Pergaminho existente no Archivo de Moncorvo.
([26]) Vide *Documento* n.º 8 e sobre a feira Viterbo, *Elucidario,* artigo – Cremencia.
([27]) Vide *Documento* n.º 8.
([28]) José Avelino Almeida, *Dicc. Abreviado de Chorographia,* etc. 1866, pag. 302 do tom. 2.º
([29]) *Portug. Antig. e Mod.* artigo Moncorvo.
([30]) *Chorographia Moderna do Reino de Portugal.*
([31]) *Chorogr. Portugueza,* 1706, tom. 1, pag. 424.
([32]) *Chronica da Santa e Real Provincia da Immaculada Conceição,* etc., tom. 2.º, pag. 327, 1.ª col. onde vem transcripto.
([33]) Podem vêr-se na Chronica e logar citado.
([34]) *Breve Suma da geographia da Comarca d'entre Douro e Minho e Traz-os-Montes.*
([35]) P.e José Augusto Tavares in a *Torre de Moncorvo* de 22 de novembro de 1903.
([36]) *L'Architeture de la Renaissance,* par Léon Palustre, pag. 238 e 242.
([37]) *Chorogr.,* etc., pag. 420. Confirma o mesmo a *Geogr. Historica* de D. Luiz Caetano de Lima, tom. 2.º, pag. 64 e a *Chronica da Santa e Real provincia da Immaculada Conceição,* tom. 2.º, pag. 301 e quem seguir Pinho Leal, Baptista e em geral os modernos chorographos.
([38]) *Demarcação da provincia de Traz-os-Montes, etc.*
([39]) *Dicc. Abreviado de Chorogr.* tom. 2, pag. 302.
([40]) *Portug. Antig. e Mod.* artigo - Moncorvo.
([41]) *Torre de Moncorvo* de 22 de novembro de 1903.
([42]) Manuel Monteiro, *S. Pedro de Rates,* 1908, pag. 10 e 11.
([43]) A. Herculano, *Opusculos,* tom. 2.º, 1873, pag. 46.
([44]) *O Panorama,* 1839, pag. 50.
([45]) *Chronica da Provincia da Immaculada Conceição,* logar citado, onde podem vêr-se os nomes de varias outras pessoas de distincção ahi sepultadas.
([46]) *Les Arts en Portugal,* pag. 332.
([47]) Joaquim Possidonio Narciso da Silva, *Memoire de l'Archeologie sur le veritable signification des signés sur les ancienes monumentes du Portugal.*
([48]) *Chronica da Santa e Real Provincia da Immaculada Conceição,* tom. 2.º, pag. 301, onde, em 50 paginas a duas columnas, se trata larga e profusamente da historia d'este convento, acompanhada de copia de noticias interessantes á villa. *Agiologio Lusitano,* ao dia 12 de maio.
([49]) *Demarcação da provincia de Traz-os-Montes.*
([50]) Idem.
([51]) *O Recreio,* revista litteraria, 1893, pag. 164.

FOLK-LORE TRASMONTANO

DONA SILVANA

(Variante recolhida em Villa Real da bocca do povo pelo meu amigo, o ex.mo snr. Joaquim Ribeiro da Costa, que generosamente ma offereceu).

Andando Dona Silvana
Pelo corredor acima
Tocando n'uma viola,
Até acordaram seus pais
Co'strondo qu'ella fazia.
—Que tens, ó Dona Silvana,
Que tens tu, ó filha minha?
—Tres irmãs que nós eramos
São casadas e teem familia,
E eu por ser a mais formosa
Por que causa ficaria?
Já não ha com quem tu cases
Nem palacio havia;
Só se fôr o *condi Arbel*...
E' casado e tem familia.
—Mande-me cá chamar *ess'home*
Da sua parte e da minha.
—Aqui está o *condi Arbel*...
Que me quer Vossa Senhoria?
—Manda el-rei que mates tua mulher
Para casar com minha filha.
—Minha mulher não a mato
Q'ella a morte não merecia.
—Mata, conde, mata, conde,
Antes d'uma Ave-Maria
Traz-me aqui a cabeça
N'esta sagrada bacia.

Foi o conde para casa,
Tão triste como se via;
Mandou vestir a familia
De luto, que bem par'cia;
Mandou fechar as janellas,
Coisa que elle nunca fazia;
Puseram-lhe o jantar na mesa
E o conde não comia!
Os suspiros eram tantos,
Que até a mesa estremecia!
—Que tens, que tens, conde?
Que tens tu, ó vida minha?
—Manda el-rei que te mate
P'ra casar com sua filha.
—Escuta, escuta, conde,
Que isso remedio teria;
Manda-me para um convento,
Além de Santa Maria.
Manda-me o pão por onça
E a agua por medida,
O bacalhau ás arrobas
Para me acabares com a vida.
—Se isso remedio tivesse
Por fazer não ficaria.
Manda que leve a cabeça
N'esta maldita bacia.
—Deixa-me dar um passeio
Da sala para a cozinha:
«Adeus, moças, adeus, aias,
Adeus filhinhos que eu tinha.
Anda cá, filho mais velho,
Que te quero ensinar
A' madrasta que tiveres
Como a has-de tratar:
Deita os joelhinhos em terra
P'ra t'ella não *cascar*.
Anda cá, filho *chegante*,
Mamma o leite da paixão,
Amanhã por estas horas
Outra mãe te dará pão.
Anda cá, filho mais novo,
Mamma o leite da ternura,
Amanhã por estas horas
Já estarei na sepultura».

Tocam os sinos na Sé...
Ai Jesus, quem morreria?
—Morreu a Dona Silvana
Co'a traição que comettia:
Descasar os bem casados
Era cousa que Deus não queria.

Porto, 16—11—08.

A. Gomes Pereira.

A DOCUMENTAÇÃO da vida economica e social das nossas provincias, antes do regimen constitucional, está quasi por fazer. Dos primordios da sua actividade e do seu desenvolvimento não ha registro algum especial a que recorrer.

Ha elementos dispersos, aqui e acolá, em monographias, em estudos preliminares de averiguações historicas, nos velhos foraes, em doações de casas solarengas, nas *Chronicas* dos reis e nas dos conventos, em escripturas da epocha, nas queixas e requerimentos dos povos ás antigas côrtes; mas tudo desconexo e incompleto, sem um fio conductor que nos leve a fixar, com segurança, o estado social do paiz, a sua progressão ascencional de população, a marcha do seu progresso economico, das suas industrias fabris, o seu funccionamento intellectual e a sua elevação moral.

Da população do paiz, desde o principio da monarchia até D. João I, não ha um só elemento valioso e acceitavel para uma estatistica. Não se tinha até então feito um arrolamento; e só depois de liquidada a guerra com Castella, só depois de assegurada a paz do reino, D. João I o mandou fazer em todas as comarcas, dando para isso instrucções especiaes.

Ora, o computo da população d'um paiz demonstra evidentemente a sua força e o seu poder. «A população mede a força e a riqueza das nações» [1].

Para fazer a nossa historia nacional, o primeiro encargo do historiador tem de ser o basear-se nos elementos vivos e activos da sua população. Fazendo a ementa historica do seculo XV, diz o auctor citado:

«Para esta averiguação, as manifestações da vida social ou economica, que se não traduzem em algarismos, são muito fallaciosas. No proprio seculo XV não encontramos, porém, nenhum facto expressado em numeros, do qual possamos deduzir com segurança uma estimativa, quão pouco plausivel, da população. A distribuição por concelhos dos quatro mil e oitocentos bésteiros do conto de todo o reino, —(*Ordenações Affonsinas*, liv. I, tit. LXIX, § 3.º) vigente pelos fins do primeiro quartel do seculo XV no reinado de D. João I, de que alguns escriptores se teem servido, não nos fornece nenhuma condição de acerto. Os bésteiros do conto constituiam apenas em cada concelho um contingente, geralmente determinado pelo costume e muito arbitrario, da força armada do paiz; e não possuimos nenhum dado, que nos habilite a determinar, a proporção entre esse contingente e o resto dos habitantes» [2].

A população do paiz foi, até fins do seculo XIV, muito reduzida e inconstante. «Conta-nos Fernão Lopes—(*Chronica* de D. João I, part. I, cap. 120) que em 1384, durante a guerra com Castella, em uma sortida que fizeram os moradores do Porto contra os castelhanos, armaram-se todos em tanto que, do maior até ao mais pequeno, não ficou nenhum que se não armasse para sair fóra»; e assim, com alguns fidalgos e escudeiros estranhos «eram por todos, com os da cidade, até sete centos homens».

Por esta mesma epocha, um fidalgo de Braga lançava um pregão para que todos os moradores da cidade se reunissem «nos claustros da Sé» para alli accordarem sobre certa resolução a tomar.

A população de Braga cabendo nos claustros

[1] *Historia da Sociedade em Portugal no seculo XV* por A. de Sousa Silva Costa Lobo, Secç. I—Lisb. Impr. Nac.
[2] Ibidem.

da Sé, e os setecentos homens que o Porto conseguiu reunir para uma sortida, dão-nos claramente a ideia da escassez da população.

Mas já na segunda metade do seculo XV são incontestaveis os indicios do augmento da população.

«Em um orçamento das despesas do Estado para o anno de 1478, elaborado, segundo julgamos provavel, pelas côrtes de Montemór-o-Novo celebradas no anno anterior, se presupõe como facto indubitavel o augmento de receita resultante do crescimento do reino».

«Em relação ás provincias do Minho e de Traz-os-Montes, possuimos uma prova semelhante do seu incremento.

Depois da conquista de Ceuta, os moradores d'essas duas provincias pagavam, por convenção entre o rei e os concelhos, uma capitação de dez reaes, pelo que ficavam isentos de servirem n'aquella possessão—(Côrtes de Evora, 1475—Doc. da Torre do Tombo—*Chronica* do Principe D. João c. 17, e João Pedro Ribeiro *Reflexões hist.* part. I, n.º 16).

Nas côrtes de Evora de 1490 affirmavam elles que esse tributo ascendêra de trezentos a quinhentos mil reaes, em virtude do accrescimo da população.—«Quanto maes que este remdimento soya de seer trezentos mil reaaes e agora he quinhentos mil pella multiplicaçam das gentes» Torre do Tombo—*Cortes*, maço 3.º n.º 5, fl. 12 (1).

* * *

No seculo XV, diz Costa Lobo, as terras mais populosas em Traz-os-Montes eram Bragança, Chaves e Villa Real, de que comprehendia cada uma approximadamente o mesmo numero de familias: —Bragança 480; Chaves 485; Villa Real 478.

Bragança e Chaves, como quasi todas as terras fronteiriças, eram coutos de homisiados. Pelas luctas de quasi todos os dias com gentes de Hespanha, que invadiam a fronteira com seus gados, que levantavam questões, urdiam pleitos á mão armada, muitos dos moradores—os mais pacatos ou os mais timidos—abandonavam as villas e emigravam.

Decrescia a população, e d'aqui a concessão de couto para homisiados, que em geral era gente que tinha em pequena conta a morte e, por isso, facilmente investia contra as arremettidas dos invasores.

Além da concessão de coutos, os foraes davam ainda ás povoações certas regalias, como aos moradores de Miranda o não pagarem sisa, e os da comarca só a pagarem por compras, vendas e trocas por contracto.

«Bragança, para a qual o primeiro duque d'esse titulo, sempre avido e ambicioso, tivera o desassombro de pedir e alcançar o titulo de cidade em 1464, foi durante todo o seculo XV, como quasi todas as terras da fronteira, um couto de homisiados» (2).

No entanto, apezar de todas as luctas, do receio dos mais timidos, da incultura das terras,—porque o paiz era por esse tempo uma matta continuada, densa, cheia de animaes selvagens, de ursos, de lobos e porcos bravos—tanto do agrado dos reis e dos fidalgos para as suas excursões venatorias de montaria—regulares e da praxe até D. Fernando—«no extenso alfoz do concelho de Bragança residiam já, no principio do seculo XV, 5:169 familias» (3).

Escravos da terra, por sem duvida, a quem esse primeiro duque de Bragança, que o snr. Costa Lobo classifica de avido e ambicioso, prestou relevantes serviços.

Havia em Castro Avellans, não longe de Bragança, e desde os primeiros reinados da monarchia, um sumptuoso e opulento mosteiro benedictino que, por doações de soberanos e infantas, se assenhoreara de quasi toda a terra circumjacente em dezenas de leguas.

«Entre os tributos que o cenobio impusera aos colonos das suas terras, comprehendia-se o de *maneria* ou *maninhádego*, gravame usual n'aquella região, que consistia na attribuição ao senhorio de uma parte da herança do morador defunto.

D'essa imposição libertava o foral de Sancho I os visinhos de Bragança, de quem ficassem parentes. O mosteiro, porém, não se cingiu a esta restricção com os seus tributarios. No seculo XV a pretensão havia-se encurtado até á terça da herança dos fallecidos sem deixarem filhos. No meiado d'esse seculo o primeiro duque de Bragança restringiu-a ainda mais, sómente ao caso d'aquelles fallecidos, que nunca tivessem tido filhos, e não d'aquelles, cujos filhos houvessem previamente morrido.—(*Elucidario*, s. v. Maninhádego).

O faustoso mosteiro, que assim accumulára vastas possessões, foi, a instancias de D. João III, extincto em 1545 pelo papa Paulo III, que fulminou sobre a communidade a sentença, de que a sua devassidão e vida escandalosa excluiam toda a esperança de reforma» (4).

Era ainda, como se vê, a Idade-Media pesando como uma clava no arcaboiço do trabalhador e sugando-lhe todo o sangue, todos os elementos de vida, em favor da theocracia ambiciosa e absorvente.

Dissertando sobre a disparidade das freguezias do reino, diz o snr. Claudio Adriano da Costa na sua *Revisão do Recenseamento da População de Portugal em 1838:*

«A extrema disparidade das parochias parecenos ter provindo de prerogativas que assumia o clero em Portugal. Assim se deprehende da *primeira concordia feita com El-Rey D. Diniz em Roma, por quarenta artigos em latim,* transcripta por Gabriel Pereira de Castro no seu tractado de *Manu Regia*, Part. I, p. 329 aonde pelo art. 8.º pede o clero, que lhe seja permittida a divisão das igrejas, que os Reis e as Municipalidades tratavam de embaraçar e de que os Prelados em Roma se queixavam a Nicolau IV.

As razões ecclesiasticas, é bem de vêr, que não haviam de faltar ás apparencias especiosas. Além d'estas, menos se faltava ás formalidades. Precediam *per edictum publicum*, á missa dominical, por tres

(1) Ibidem.
(2) Ibidem.
(3) Ibidem.
(4) Gama Barros, *Hist. da Administração Publ.*, v. I, c. 2, secç. I.

differentes vezes, *coram populo*, a intimar a desmembração, e esta intimação deveria valer contra Rei, ou Barões, ou *milites*, ou os filhos d'elles.

Assim se acha por extenso no citado artigo...

O reino do Algarve tendo sido conquistado mais tarde, a influencia sacerdotal teve ahi menos imperio, e por isso as freguezias são as maiores de todo o reino.

A mola real para ellas serem maiores ou menores, não era sempre a propagação da fé catholica. Tendo sido as Collegiadas em Coimbra, Senhorios dos dizimos nas *terras Clerigas*, ellas encravarão e estenderão as suas Parochias, o mais que poderão, exorbitando assim do Direito Commum. (J. P. Ribeiro — *Obs. Hist. Crit. Dipl. Port.*, parte 1.ª pag. 33 — 1798)».

Assim, «as menores freguezias depois de Braga, são as de Bragança, Guarda, Vianna e Villa Real. O Minho tem 6 freguezias onde o Algarve tem uma, e perto de tres em relação a Traz-os-Montes» (1).

Os vexames dos povos não se limitavam sómente ao arbitrio do clero, aos pesados tributos das pensões, algumas fabulosas, que levavam ao cultivador, no fim do anno, quasi o producto total do seu trabalho.

Se a sua arca ficava vasia, ou porque a colheita foi má, ou porque o onus da terra era pesadissimo, enchiam-se as tulhas dos conventos e os dizimos e premissas tinham de ser pagos integralmente.

Mas accresciam ainda outros gravames.

As camaras abusavam do povo, na sua maior parte, obrigando os moradores, como a de Moncorvo, a ir uma pessoa de cada casa assistir ás suas aposentadorias, muitas vezes em locaes incertos, obrigando assim os povos, debaixo de grandes multas, a perder dous e tres dias do seu trabalho, sem lei que tal auctorisasse, nem proveito. Coimavam arvores que os povos tinham plantado em baldios, e que de largo tempo eram de seu usofructo, e praticavam grandes irregularidades, como na nomeação dos juizes de vintena, fazendo-a recahir em gente pobre que muito soffria pelo grande trabalho que lhe cabia e outro a que obrigavam abusivamente — como era fazer os avisos das citações dos escrivães, mettendo estes, depois, em conta propria os serviços feitos pelos juizes.

A estes e muitos outros abusos, como o de continuas vistorias pela menor causa, se refere circumstanciadamente, n'um *Manuscripto* existente na Bibliotheca Municipal do Porto, sob o n.º 203, o corregedor de Moncorvo José Antonio de Sá (2).

* * *

O accrescimo da população accentua-se, em todo o reino nos fins do seculo XV. Do que se refere particularmente á provincia de Traz-os-Montes não podemos, porém, colher uma base comparativa com os accrescimos accusados progressivamente nos differentes e posteriores arrolamentos, porque a area da provincia foi por vezes alterada e os proprios recenseamentos, até depois do governo constitucional, não se cimentam em dados seguros.

Assim, pelo recenseamento mandado fazer por D. João I e levado a effeito só em 1530, «esta provincia comprehendia aquella parte entre o Douro e o Tamega que hoje geralmente se attribue ao Minho; findava na confluencia d'aquelles dois rios; e a somma de todos os visinhos era de trinta e cinco mil seis centos e desesseis... não se contando os frades».

Na *Revisão do Recenseamento da População de Portugal em 1838* publicado no *Diario do Governo* em 21 de abril de 1840 — por Claudio Adriano da Costa, a população de Traz-os-Montes é computada em duzentas noventa e seis mil nove centas e sessenta almas.

E já no precioso documento a que nos vamos referir, manuscripto, vemos pouco antes, em 1796, uma população de duzentas cincoenta e um mil quinhentas e vinte e uma almas.

O que se prova á evidencia é que a população augmentava progressivamente; e isto demonstra a força e a actividade dos habitantes, o desenvolvimento da agricultura, o alargamento das povoações que já não se limitavam a dentro dos muros acastellados das villas e cidades, mas se estendiam pelos campos e pelos outeiros, creando novos ajuntamentos e novas communidades.

Onde se accentuava mais este accrescimo de população, este progressivo desenvolvimento da riqueza publica, pelo arroteamento dos campos incultos, pela arborisação dos montes, pelo aproveitamento das quedas d'agua para a fertilisação dos campos e alargamento das culturas?

Onde mais livre era a terra, menos sujeita a vexames de ricos ou de conventos.

MANUSCRIPTO PRECIOSO

O documento precioso, que a *Illustração Trasmontana*, — por concessão gentilissima do illustre escriptor snr. Rocha Peixoto, director da Bibliotheca Publica do Porto, um dos mais aturados e conscienciosos pesquisadores dos nossos antigos monumentos e etnographo distinctissimo — vae publicar na integra, tem um alto valor pela copia de informações que nos dá, especialmente pelos seus mappas estatisticos, (o mappa da população destrinçando classes) que é o primeiro de que temos noticia; e porque, referindo-se a uma epocha já afastada de nossos dias nos deixa vêr como a terra trasmontana tem progredido, pela rigidez spartana de seus filhos, sempre em lucta com elementos de toda a ordem, mas sempre tenazes e ousados, vencendo, caminhando, avançando; como fizeram da terra inculta e dos montes escalvados deliciosos valles e ravinas esplendidas; novas povoações que sahiram do solo virgem dos seus vinhos sem rival no mundo; como, finalmente, devem ainda vencer a crise que ora atravessa as cristas dos seus montes e cobre de luto a ossatura dos seus valles.

Quem fez de ninho d'aguias e de covis de feras a terra farta trasmontana deve ter no sangue globulos bem quentes de força e de generosidade — para arcar com a difficuldade do presente e preparar novos dias de felicidade e de bem-estar á sua querida patria.

(1) Claudio A. da Costa, documento citado.
(2) *Memoria dos abusos das Camaras e provimentos dados pelo A. quando corregedor de Moncorvo* — 1 vol.-ms.

O manuscripto, que tem por titulo *Descripção da Provincia de Tras os Montes, suas comarcas, e População, feita no anno de 1796* está classificado, na Bibliotheca Municipal do Porto, entre os «manuscriptos chartaceos», 1.ª secção, - geographicos, corographicos e topographicos — no tomo II do Catalogo, sob o n.º 186, e assim descripto:

«Castro (Columbano Pinto Ribeiro de), Juiz demarcante da Provincia de Traz-os-Montes, suas comarcas e população, feita no anno de 1796, com Mappas Estatisticos, 1 vol. fol. Encadernado em setim côr de cravo. Da Livraria do Visconde de Balsemão . . . E' autographo, assignado; e tendo como 2.ª guarda uma Carta dedicatoria a Luiz Pinto de Souza Coutinho (o futuro visconde referido). O A. collou-lhe, no principio, um velho Mappa de Portugal, por J. Bap. Hommann, de Nuremberg, com legendas latinas e francezas. Na dedicatoria, datada de Lisboa, 25 de Agosto de 1798, diz o A. que este trabalho é «o resumo da descripção que fiz da Provincia de Traz-os-Montes no anno de 1796 . . .»

D'este *Codice* ha uma copia, sob o n.º 187, encadernada em pelle, sem data nem nome de copista.

O Manuscripto tem formato 4.º, é encadernado em setim vermelho, já um pouco descórado pelo tempo, dourado por folhas, e, depois do velho Mappa de Portugal collado á capa, abre, n'uma só folha grande, dobrada, com o interessante «Mappa total da existente população das Cidades, Villas, Concelhos, Coutos, e Honras da Provincia de Traz-os-Montes», destrinçando, por freguezias, a distancia á capital do reino e á sede da respectiva comarca, o numero de fogos, de almas, de homens, mulheres, ecclesiasticos seculares, regulares, de freiras seculares e recolhidas, pessoas litterarias, negociantes, cirurgiões, barbeiros, etc., etc.

É uma estatistica interessantissima pelos dados que nos fornece, positivos e claros, sobre a vida social de Traz-os-Montes nos fins da segunda metade do seculo XVIII.

E tanto mais interessante e de valia quanto é certo nada se ter feito até então de semelhante.

Nas considerações prévias ao *Censo da população de 1864* que, «conformando-se com as conclusões dos congressos internacionaes de estatistica de Bruxellas e Paris, devia abranger sexos, *estados civis*, idades, *profissões*, ou *condições sociaes . . .*» diz-se que «no tocante á condição dos habitantes que faziam profissão habitual do trabalho, foi tão imperfeita e incompletamente preenchida, que não animou a emprehender o seu apuramento».

Dizendo dos motivos porque se não podéra apurar essa estatistica, — a falta de registos, o haver individuos com duas profissões, etc., lê-se ainda: «Tomadas em conta estas circunstancias, é facil comprehender quão graves obstaculos era preciso superar para apresentar *pela primeira vez*, a par de tantos outros elementos, o quadro dos empregos, profissões, artes ou officios da população. Força de inercia nos povos, mais indicios que provas, contradições nas informações, pareceres distinctos nas classificações, duvidas na apreciação dos officios, reduziram esta parte do censo a esteril desejo. Melhor occasião facilitará o primeiro *ensaio*».

Não era o *primeiro* ensaio.

O auctor da *Descripção da Provincia de Traz-os-Montes em 1794* já o tinha feito, e sem «agentes especiaes, retribuidos, nas freguezias, sem commissões nas parochias, nos concelhos e nos districtos», como em 1864.

Mas ainda mais avulta o valor e o interesse do trabalho de Columbano Pinto Ribeiro de Castro o saber-se que ainda no *Censo* de 1878 as profissões dos individuos não appareceram.

«Não póde a repartição, escreve Luiz Augusto Palmeirim, em officio ao então ministro das obras publicas Augusto Saraiva de Carvalho, ainda d'esta vez incluir e conglobar no recenseamento a *estatistica e nomenclatura das profissões* dos recenseados» [1].

Depois da Estatistica, o manuscripto insere numa só folha a carta dedicatoria ao visconde de Balsemão e começa na folha seguinte com a *Descripção da Provincia de Traz-os-Montes, suas Comarcas, e População, feita no anno de 1796.*

E' uma descripção geral, a que seguem mappas indicando as feiras da provincia, de mez e anno, as medidas, a relação das pessoas nascidas e fallecidas em toda a provincia nos annos de 1768-1769, 1770-1771 e 1772, dos que não chegaram á idade de communhão, e do accrescimo que teve a população; a somma total do rendimento dos dizimos de toda a provincia, e as forças militares, tropa paga, milicias, ordenanças e situação de cada um dos regimentos.

Depois, passa á descripção especial por cada comarca, primeiro, e em seguida por cada cidade, com o mappa dos conventos de religiosos, suas ordens, fundação, rendimentos, relação das pessoas nascidas, dizimos, «carta corographica da existente população» das cidades e villas de cada comarca, etc.

Descreve ainda os rios mais notaveis, «seus nascimentos, occasos e direcções», por ordem alphabetica, e termina com o «Resumo da nova Demarcação e Regulação das comarcas e districto da Provincia de Traz-os-Montes».

Dissemos já que, pelo esforço e tenacidade dos trasmontanos, a sua população crescêra, e os seus casaes e povoações se estenderam pelas encostas dos seus montes accidentados e unicos de Portugal: que da região dos seus vinhos sem rival no mundo surgiram villas e povoações importantes.

A uma d'ellas, que hoje agonisa, porque os vinhos licorosos da região soffrem de ha longos annos duas crises assoladoras — a das doenças cryptogamicas das cêpas e a contrafacção das marcas nos paizes importadores, — á Regoa, Columbano Pinto Ribeiro de Castro não se referia ainda, porque não existia.

A Regoa, como o Pinhão, e outras terras trasmontanas, deve a sua existencia ao commercio dos vinhos do Douro.

Depois que a Companhia dos Vinhos do Alto Douro estabeleceu na Regoa os seus armazens, ha perto de duzentos annos, e que este commercio se desenvolveu, a ponto de na feira dos vinhos de embarque, que alli se fazia em fevereiro, antes de 1820, o valor das vendas chegar de seis a oito mil cruzados, é que essa povoação attingiu o grau de prosperidade a que, com tanto enthusiasmo, se refere Pinho Leal.

Pelas notas comparativas do que foi em tempos idos a provincia de Traz-os-Montes, pelos dados que apresenta e pelas conclusões immanentes, o *Manuscripto* inedito que a *Illustração Trasmontana* vae publicar, conservando-lhe a ortographia original, é de um altissimo valor documentativo para o estudo da vida social e economica da excepcional região do nosso paiz.

Dezembro, 1908.

Silva Esteves.

[1] Officio de 15 de novembro de 1880.

— INQUERITO —

Illm.º e Exm.º Snr. Luiz Pinto de Sousa Coutinho

Tenho a honra de por na presença de V. Exc.ª o resumo da descripção que fiz da Provinçia de Tras os Montes no anno de mil sete centos noventa e seis com os Mappas de População, tanto da Provinçia, como das Comarcas, e do augmento que a mesma teve nos annos indicados, e o mais que se acha descripto: — assim como tambem, o arbitrio, e regulação das novas Comarcas com as Villas, e Povoações, que lhe devem pertençer, seus Fogos, e Almas Desejarei que este meu trabalho mereça a aprovação de V. Exc.ª.

Lx.ª 25 de Agosto de 1798.

O juiz demarcante da Provinçia de Tras os Montes – COLUMBANO PINTO RIBEIRO DE CASTRO.

DESCRIPÇÃO DA PROVINÇIA DE TRAS OS MONTES, SUAS COMARCAS, E POPULAÇÃO, FEITA NO ANNO DE 1796

A Provinçia de Tras os Montes compoem-se de quatro Comarcas, duas Cidades, sessenta e duas Villas, cinco Conçelhos, oito Honras, cinco Coutos, sete centas e onze freguezias, mil quatroçentas oitenta e sete Povoações, setenta e sete mil cincoenta e quatro fogos, e duzentas cincoenta e huma mil quinhentas e vinte e huma Almas.

Està situada entre os Rios Douro e Tamaga que a fertelizão com suas correntes, e lhe facilitão o commercio, e a exportação, denomina-se assim por lhe ficar a Provinçia do Minho ao occidente de tras da Serra do Marão, que a divide por esta parte, confina pelo Oriente com o Reino de Leão, pelo Septentrião com o Reino de Galliza, e pelo meio dia com o Rio Douro, que serve de demarcação a toda a Provinçia, a qual tem de comprido trinta Legoas, vinte de largo, e mais de cento e trinta de circuito, compoem-se de quatro Comarcas – Miranda, – Moncorvo Bragança – e Villa Real –, de cada uma d'ellas se tratarã em particular, assim como tambem da sua população.

O Clima d'esta Provinçia em geral hẽ aspero, e desabrido, de inverno por causa dos grandes frios neves, e gelos, de verão pelos excessivos calores, e falta d'agoas, sujeita a trovoadas muito prejudiciaes, porem hẽ saudavel, e quasi nunca hã epidemias, e ainda que este seja ardente, como os ares são puros, e não hã agoas estagnadas, ou monturos que as inquinem, e tem abundancia de fructos succusos [que] supre a falta de agoas.

As molestias que de ordinario hã no verão, são algumas febres intermittentes, terçãs simples ou dobres principalmente nas pessoas do campo, o que procede da agoa que bebem estando suados, e dos orvalhos que reçebem, tanto de dia, como de noute, que sendo bastante frescos lhe embaração a transpiração, porem cedem facilmente aõs remedios purgantes, e ã casca peruviana da qual hã abundançia, da melhor qualidade, vinda de Castella em bom preço.

De inverno as catarraes, e pleurises, causadas pelos continuos frios, ventos, e nevoeiros, mas facilmente obedeçem ã aplicação de remedios proprios: tambem são vulgares em todo o tempo os carbunculos, principalmente em gente rustica, causados das carnes infiçionadas de cabras, e ovelhas que comem de verão, e outros alimentos quentes, e se os atalhão no principio sarjando-os, e cauterisando-os não são noçivos, alias difficultosos de cura.

Os Homens em geral são corpulentos, robustos, e muito aptos para o serviço militar, por causa da aspereza da situação, são valentes, e cobiçosos de honra - as Mulheres, são igualmente fortes, e ajudão seus maridos na cultura das terras, estas produsem toda a qualidade de fructos com abundançia, de bom gosto, e sabor, tanto dos que se semeião, como dos que colhem das arvores, e podião ainda ser mais productivas se os habitantes não fossem preguiçosos, porque deixão mais de metade das terras por cultivar, e fazer as plantações necessarias, conforme as suas circumstançias, não se aproveitando dos Rios immediatos que lhe podião servir de grande vantajem para a rega das terras, desterrando assim da Provinçia o oçio, cresçendo a industria, e riqueza.

A população da mesma està com muito augmento, combinando a descripção que fez Busching, conformando-se com o deduzido por Luiz Caetano de Lima, pois nesse tempo tinha quarenta e quatro mil quinhentos, e oito Fogos, e cento trinta, e cinco mil, oito centas, e oito Almas, e oje se acha com mais vinte mil tresentos trinta e sete Fogos, e setenta mil seis centas, e tres Almas.

Agora com a união de vinte e dous Conçelhos, Villas, e Coutos, que pela Lei de sete de Janeiro de mil sete centos noventa e dous se accrescerão ãs Comarcas desta Provinçia, que eram contadas como parte da Beira e Minho, hẽ que faz a importançia de setenta, e sete mil cincoenta e quatro Fogos, e duzentas cincoenta e huma mil quinhentas, e vinte e huma almas.

A agricultura tambem não està diminuta, porem como hẽ objecto de maior interesse ã humanidade, se pode adiantar muito mais, roteando as terras, que hã incultas, tanto de particulares, como baldias, e hẽ o modo de felicitar a Provinçia, augmentar, e enriquecer a População, estas são as verdadeiras conquistas de que depende a subsistencia dos Exercitos, a renda dos Princepes, a riqueza dos Povos e do estado, pois quantos mais fructos tiver, mais rico e opulento serã, e por isso seria justo animar os Lavradores, isentando-os das vexações com que são opprimidos, tanto de carretos, como de aposentadorias, e outros onus, premiando aquelles que mais semente lançarem ã terra, e tiverem maior colheita.

A plantação das vinhas està em grande augmento, não só nas margens do Douro, e sitio do vinho de melhor Lotação, mas em toda a Provinçia, por que geralmente se tem posto muita quantidade de baçelo, rompendo para esse fim, montes, e terras de toda a qualidade, reduzindo-as ã cultura, sendo oje neste districto hum dos ramos mais interessante, e de mais commerçio.

Os Gados nesta Provinçia, são tambem huma grande parte de negoçio, porque como tem muita extenção de terrenos baldios, e terras que se não cultivão, se crião de toda a qualidade, tirando igual vantajem nas creações, e lãas.

A seda dã grande conveniençia, e se cria muito principalmente nas comarcas de Miranda – Moncorvo, e Bragança, quazi toda nutrida em folhas de amoreiras pretas, porque das brancas hã poucas, e não são tão proprias no País por ser secco, este seria o negocio em que se devia cuidar mais na Provinçia, por ser serviço feito por mulheres, que se conclue em pouco tempo, tendo prompta a venda, e transporte.

Ha Fabricas de preparar e teçer sedas de toda a qualidade, não so as nossas, mas as que vem de fora, tambem as hã de lãa, em que se fazem pannos grossos, cobertores, e outros generos.

Os tributos que se pagão na Provinçia não são excessivos antes suaves, tambem não estão carregadas as terras de foros, e pençoes, porque como não ha conventos de Frades Monacaes, e poucos de Freiras, não são opprimidas com estas imposições; porisso quasi todos os bens são livres, a que chamão dizimos a D., e somente ha alguns foros de particulares, e conçelhos, mas estes em pouca quantidade.

As Camaras podião ter adiantado as suas rendas se ouvesse mais facilidade nos afforamentos de seus bens, beneficiando-se ao mesmo tempo o publico, e reduzindo as terras ã cultura, floreçendo a agricultura, e população, o que merece todo o cuidado, assim como tambem o fazer e reformar os tombos dos conçelhos para o augmento dos mesmos, que pelo descuido de se não ter desta forma praticado se achão privados de muitas terras, que lhe devem ser restituidas na factura delles, do seu estado e rendimento, consta em cada huma das terras.

A maior parte dos dias do mes hã feiras em que commerçeião, vendendo os generos do Pais, e comprando os de fora de que necessitão, as quaes vão declaradas na seguinte folha.

FEIRAS DA PROVINCIA

	DE MES	DE ANNO
1	Miranda Villarinho da Castanheira.	1.º de Agosto Villarinho – 1.º de Nov.º Chaves
2	A 1.ª segunda feira Vigides – e a ultima Peso da Regoa.	. . . .
3	Mirandella Mondim.	3 de Fev.º S. Braz de Caravellas – 3 de Maio Moura Morta.
5	Donna Chama – Gravellos.	5 de Dez.º Donna Chama – Freixo de Espada á Cinta.
6	No prim.º sabado Mogadouro.	. . . .
7	S. Maria d'Emeres – Chãos.	. . . .
8	Moncorvo – Viso – Villar de Macada.	8 de 7b.ro Azinhoso 8 de 7b.ro N. Snr.ª da Vreia 8 de 7b.ro – Vizo.
9	Vilharandello – Algozo – Sabrosa.	. . . .
10	Vimioso.	10 de 7b.ro S. Lourenço de Jilleda 10 de 7b.ro Chaçim.
11	Alfarella – Alijó.	. . . .
12	Sindim.	. . . .
13	Murça Teixeira.	13 de Junho Villa Real – 13 de Ag.º Moncorvo.
14	Oiteiro.	. . . .
15	Loivos – Villaflor.	15 de Ag.º Villas boas – 15 de 8b.ro Mogadouro – 15 de 7b.ro o mesmo – 15 de Janeiro Sanhoane 3.ª 8 da Paschoa Godim.
17	Alfandega da Fé Justes.	
18	Monforte de Rio Lure.	
19	Chaçim.	. . . .
20	Boticas – Hermello – Carvalho.	. . . .
21	Bragança – Franco.	. . . .
23	Vinhaes Ribeira de Penna.	24 de Junho Mirandella – 24 de Agosto Grijo.
25	Villa Pouca de Aguiar.	25 de Ag.º Marmellos – 25 de Junho Mirandella 25 de Junho Teix.ª
28	Montealegre.	28 de 8b.ro S. Simão de Vidago.
31	Chaves – Carrazeda.	30 de Dezb.ro Mezãofrio.

MEDIDAS DA PROVINÇIA EM GERAL

São differentes na maior parte das Cidades e Villas tanto a dos Liquidos como a dos Solidos, tambem não são iguaes os pesos varas, e covados, quanto a dos Liquidos, e Solidos huns seguem a medida de Lisboa, outros a do Porto – e a maior parte as regulações arbitrarias, que as Camaras, e Pessoas de governança tem estabelecido conforme os seus interesses, das quaes se fará menção nos seguintes extractos.

Nos pesos varios e covados não hã tanta alteração, por que se segue a sua uniformidade na forma abaixo indicada, que hẽ a que se pratica na Capital, e segunda Cidade do Reino, assim como tambem na Provinçia, e so fas differença nas Villas de Santa Martha - Fontes, e Godim –:

Extracto das medidas dos Liquidos, Solidos, pesos, e do mais expendido, de que actualmente se uza, so com a differença da sua grandeza

SOLIDOS

Meia oitava

2	Oitava				
4	2	Quarta			
8	4	2	Meio alq.r		
16	8	4	2	Alqueire	
32	16	8	4	2	
64	32	16	8	4	Fanga

LIQUIDOS

Meio quartilho

				Quartilho	2
			Meia canad.	2	4
		Canada	2	4	8
	Cantaro	6	12	24	48
Almude	2	12	24	48	96
Pipa 21	42	252	504	1008	2016

PESOS

Mei quarta

2	quarta							
4	2	meio arratel						
8	4	2	arratel					
32	17	8	4	meio quarteirão				
64	32	16	8	2	quarteirão			
128	64	32	16	4	2	meia arroba		
256	128	64	32	8	4	2	arroba	
1024	512	256	128	32	16	8	4	quintal

MEDIDA D'AGUA

Penna

							2
						2	4
					2	4	8
				2	4	8	16
			2	4	8	16	32
		2	4	8	16	32	64
Manilha	2	4	8	16	32	64	128

Mogadouro

Ruinas do castello

Quando o Mogadouro não occupasse uma pagina brilhante na chorographia portugueza, como uma das mais illustres e antigas villas de Traz-os-Montes, bastava a sua privilegiada altitude — 1008 metros acima do nivel dos mares —, para a destacar, pela sua doce, fidalga, bemfazeja climatologia.

A origem d'esta villa perde-se na noite dos tempos.

Os romanos encontraram-n'a já feita; mas decerto com outro nome, porquanto o actual lhe foi dado pelos arabes, que lhe chamavam Macaduron, nome proprio de homem que significa tambem «o que tem de succeder fatalmente».

Foi outr'ora um excellente ponto de defeza, tendo sido fortificada com muralhas e castello, de que hoje só resta o velho torreão.

A torre que hoje serve de relogio e que está ao lado do castello, como se vê na respectiva gravura, esteve em tempos ligada com ella, o que bem indica que pertencia ao mesmo castello, servindo talvez de vigia. Hoje, porém, não restam vestigios de tal ligação.

Não se sabe quem mandou construir o castello. Diz uma monographia que encontramos no *Domingo Illustrado*, e de que nos soccorremos para este humilde trabalho: «seria o castello e mais obras de defeza, feitas desde os primeiros tempos dos Romanos, talvez reparadas nos primeiros annos da Monarchia Portugueza».

D. Affonso deu-lhe foral em 18 de novembro e 27 de dezembro de 1273; e D. Manoel em 4 de maio de 1512.

D. Diniz doou-a aos Templarios como Commenda, e com a designação de Commenda de São Mamede de Mogadouro e de Santa Maria de Penas Royas, doação esta que tem as necessarias confirmações civis e ecclesiasticas.

Durante 14 annos pertenceram, pois, as igrejas de Mogadouro e Penas Royas aos Templarios, passando depois para a Ordem militar de Christo que D. Diniz muito habilmente fundou, para não deixar sair de Portugal os importantes rendimentos que o Papa Clemente V reclamava como pertencentes á riquissima ordem dos Templarios, então extincta por um Breve Apostolico.

Foram os marquezes de Tavora donatarios do Castrovicente e Mogadouro, cobrando os respectivos dizimos, foros e mais tributos, e aqui viveram algum tempo. Por um d'elles foi mandado construir o convento de São Francisco em remissão de um voto feito de ir aos Logares Santos. Na igreja d'este convento, templo magnifico, espaçoso e elegante, conserva-se ainda a imagem da Senhora da Conceição, a que a tradição dá a sua historia. Conta-se que esta imagem fôra esculpida por um frade do dito convento, e que n'uma occasião de festividade, querendo collocar-lhe a custodia entre as mãos, o não poderam fazer por estarem unidas. E então, reza a tradição, que a Santa abriu as mãos o sufficiente para poder segurar a custodia!!! ... Esperteza de frade, que preparou assim *um milagre*.

Tambem n'este convento existem ainda intactas, no arco cruzeiro, as armas dos Tavoras, a despeito do decreto que as mandou destruir em todo o

reino, após a horrivel carnificina de 1759 em que foi chacinada em Belem aquella illustre familia.

No anno de 1885, foi este convento destruido por um violento incendio, tendo-se salvo apenas a igreja e a parte occupada pelo theatro, que é o melhor do districto, depois do de Bragança. Pouco depois foi mandado reconstruir, adaptando-o ás repartições publicas, que alli se encontram installadas. O magnifico Tombo, que a camara possuia, foi destruido n'este incendio, nada se podendo salvar.

Foi Mogadouro patria de Santa Marinha, fundadora do convento da Verde na provincia de Salamanca.

E' séde de comarca e concelho.

Tem uma feira importantissima, *a dos Gorazes*, que dura tres dias (15, 16 e 17 de outubro) sendo muito concorrida e n'ella se fazendo um enorme commercio. Normalmente tem duas feiras mensaes, regularmente concorridas. O solo é bastante accidentado, mas muito fertil.

Ha muitos jazigos mineraes, ricos em ouro, prata e chumbo, mas nenhum d'elles está em exploração, devido á falta de vias de communicação. E' o concelho muito productivo em batata, castanha, vinho, azeite, gado lanigero e vaccum, e sobretudo em cereaes.

Quando o *phyloxera* destruiu a vinha portugueza, a freguezia de Bemposta, cuja producção quasi exclusiva era o vinho, parecia um ponto inatacavel.

Durante alguns annos o terrivel *phyloxera* respeitou os seus vinhedos, e era tal a producção que durante sete ou oito annos abasteceu uma grande parte do districto, chegando por este motivo a dizer-se que era impossivel não se fazer alli contrabando de vinho hespanhol.

E pelo que toca á producção de cereaes bastará dizer, para bem se avaliar da sua importancia que tendo ha annos o negociante d'esta villa snr. Eduardo Rodrigues manifestado, no Mercado Central, dois milhões de kilos de trigo, um deputado chamou no Parlamento a attenção do governo para este facto, dizendo que tal quantidade de trigo não podia ser produzida n'esta região, e que, pela proximidade que estamos do reino visinho, bem poderia ser hespanhol o cereal manifestado. Pois o trigo em questão era todo produzido *em algumas* povoações do norte do concelho e em duas dos concelhos limitrophes: Sandim e Algoso!

São assim conhecidas as nossas coisas...

Tem Mogadouro duas estradas reaes: uma que a liga com Macedo de Cavalleiros e Alfandega da Fé; a outra que a liga á antiga cidade de Miranda, está, porém, ainda incompleta.

A situação economica é geralmente boa, e a população de indole muito activa e trabalhadora.

Antigamente houve aqui uma industria importante em sirgo, mas ha muitos annos extincta. Hoje o principal commercio é o dos cereaes, lãs e gados, sobretudo bovino e vaccum.

A população—419 fogos com 1773 almas—agglomera-se em dois bairros de casas arruadas. N'um d'elles, ainda se encontram casas confortaveis e ruas regulares; no outro, é geral o aspecto de pobreza e humildade que se encontra, as ruas tortuosas e immundas, cheias de estrumeiras, e no inverno intransitaveis.

Um aspecto da Feira—Avenida

Capella de Nossa Senhora do Caminho

Tem a villa duas escolas, a do sexo feminino e a do masculino, está installada em casa propria.

Na entrada da villa, ao lado da estrada real, encontra-se a ermida da Senhora do Caminho, com

uma extensa alamêda que serve de passeio publico e que, em verdade, é um sitio deveras aprasivel.

Na Misericordia, antiquissima mas pobre, ha uma bella imagem do Senhor dos Passos, offerta dos marquezes de Tavora, que me dizem ser igual á do Senhor dos Passos da Graça, de Lisboa. Com a imagem foi tambem offerecida uma tunica, tecida de sêda e ouro, que é uma preciosidade pelo valor real e artistico, pela antiguidade e pelo bom estado de conservação em que se encontra. Esta tunica é tambem igual á do Senhor dos Passos da Graça.

Uma rua da Villa

Na capella-mór da Misericordia existem ainda bem conservados uns frescos da Renascença, de muito merecimento.

Na igreja matriz, que é tambem muito antiga, vêem-se ainda umas sepulturas que deverão ter pertencido aos marquezes de Tavora, pois que n'ellas se encontram gravadas as armas d'aquella illustre familia.

Em volta da igreja vêem-se tambem, abertas em pedra, diversas sepulturas romanas.

A Igreja Matriz

* * *

Abrange o concelho de Mogadouro 32 freguezias, mas poucas d'ellas são dignas de menção.

O Azinhoso é povoação antiquissima, e a igreja suppõe-se ter sido construida pelos Templarios e reedificada por D. João I que, por alli, acampou em 16 de março de 1386, no sitio que ficou denominado Eiras de El-rei. Por esta occasião foram concedidos á localidade muitos privilegios e foros e o titulo de villa, sendo tudo confirmado por seus successores até D. Maria I, que foi a ultima pessoa real que referendou esses privilegios.

Martins Soeiro d'Andrade, natural de Azinhoso, fundou alli Misericordia e Hospital, legando os seus bens áquellas instituições sob a clausula de ser entregue 100 S a cada pobre que lá se acolhesse e durante cada dia que lá estivesse. Este benemerito deixou camas e roupa para uso hospitalar, e testou em favor dos pobres da freguezia quarenta alqueires de pão, annualmente distribuidos. A Misericordia existe ainda e com alguns rendimentos, mas a respeito de Hospital e legados respectivos tudo desappareceu.

Palacio do ex.mo snr. Moraes Pimentel Castello Branco

Castrovicente tem muitos seculos de existencia, não se sabendo quem a edificou, e suppondo-se que os romanos, que alli habitaram, a encontraram já fundada, não no actual sitio, mas a uns 300 metros para o lado do sul, a que hoje chamam a Villa Velha e onde ainda se conserva a sua antiga igreja matriz. Na Villa Velha tiveram os romanos um castello a que chamaram Castro Vicente, por ser assim o nome do seu primeiro alcaide.

A primitiva villa era muito maior que a actual, e lá estão ainda a comproval-o os vestigios de edificações e fortificações.

Castrovicente e tambem Mogadouro tinham justiças collocadas pelos donatarios, sem que o corregedor tivesse direito a fazer correição, privilegio concedido aos marquezes de Tavora, desde o primeiro possuidor.

Foi villa com foros e privilegios.

D. Diniz deu-lhe foral em 3 de dezembro de 1305, assignado em Evora e D. Manoel deu-lhe novo foral em Santarem, a 1 de julho de 1510. Hoje nada resta da sua antiga grandeza.

Castello-Branco—Esta freguezia é tambem antiquissima. No sitio denominado de Santa Maria a Velha encontram-se vestigios de antigas edificações, tendo-se tambem encontrado, em excavações feitas, medas e varios objectos que bem provam ter havido alli povoado. Reedificada, conserva-se ainda a capella que foi commenda e é antiquissima, pois foi das primeiras que houve por esta região, e a ella vinha ouvir missa, em dias determinados, a *gente de terras de Miranda*.

Proximo de Castello-Branco, e no sitio que o povo denominava a *Fonte Santa*, ha uma nascente de aguas sulfurosas, pouco abundante, mas muito boas, aguas que estão em completo abandono.

Ao cimo da povoação ergue-se o bello e elegante palacio do snr. Moraes Pimentel que é inquestionavelmente o melhor edificio d'esta região.

PENAS-ROIAS — E' muito antiga esta povoação, que foi commenda de Santa Maria de Penas-Roias. Ainda alli se conserva o seu antigo castello. Tem Misericordia pobre.

Foi celebre a questão havida entre a commenda de Penas-Roias e a de Mogadouro, por causa da cobrança dos dizimos, questão em que teve de intervir, sentenciando, a auctoridade diocesana.

BEMPOSTA — Situada na margem direita do rio Douro, a dois kilometros de distancia, confinando com as visinhas provincias de Zamora e Salamanca.

A quatro kilometros de distancia encontram-se vestigios do castello de Oleiros, defrontando com a pequena fortaleza a que os hespanhoes chamam Castillo-Moro.

Ruinas do Castello—Igreja e convento de S. Francisco

Proximo de Bemposta, e debruçado sobre o Douro, ha um rochedo que, na parte inferior e poucos metros acima do nivel das aguas, tem umas concavidades que parecem salões, de proposito abertos pela mão do homem. E' este rochedo denominado *Faia dos morcegos.*

Os pastores, quando colhidos pelos temporaes, costumam alli abrigar-se com os rebanhos porque o recinto comporta seiscentas rezes...

N'estas alturas, o rio Douro estreita-se muitissimo. Cinco kilometros acima de Bemposta á margem do rio ha um penedo enorme d'onde facilmente se salta para a outra margem, — terras de Hespanha.

— «Kilometro e meio além da povoação ha um sitio que offerece um espectaculo magnificamente bello. Vae por alli correndo a ribeira de Lamoso, mas de repente precipita-se ella em toda a força da corrente e cae trinta e cinco metros abaixo com enorme estrondo, formando uma esplendida cascata. Chama-lhe a gente da terra *Faia d'agua alta.* Aos amadores do bello e aos enthusiastas pelas bellezas da natureza, indicamos esta formosa cataracta que os olhos do vulgo vêem com a indifferença da myopia artistica. Os fraguêdos por onde vem a agua conservam um carreiro sempre secco e por onde transitam os pastores, guiando o gado que não se intimida com o estrondear da formosa cachoeira.

Além do desmantelado Castello de Oleiros cuja feitura é attribuida aos arabes, encontramos um reducto, entre a igreja parochial e o povoado. Comprehende-se a necessidade de fortificar um ponto tão proximo de um paiz que levou o melhor da sua existencia hostilisando Portugal e que mesmo na sua dolorosa decadencia tem por vezes pruridos de *conquistas e iberismos* que a alma portugueza repelle com santa indignação». —

D. Diniz deu-lhe foral em 15 de julho de 1315 e D. Manoel em 4 de maio de 1512. Foram donatarios de Bemposta os senhores de Villa Flor, a cuja ouvidiria eram subordinadas as justiças locaes, que eram juiz ordinario e camara. Pelos annos de 1827 a 1828, appareceu nas immediações do castello uma espada de prata e moedas antiquissimas de ouro umas e outras de prata, cujas legendas eram inintelligiveis, e tambem um marmore branco com esculpturas e lindos desenhos; mas não se procedeu a investigações archeologicas.

VILLA D'ALLA — Nada tem esta povoação que a recommende, a não ser o facto de haver sido berço de Tello Caldeira, o heroe que foi arrancar a bandeira aos hespanhoes levando-a para Elvas. Depois de haver dado quatro voltas ás muralhas para que lhe abrissem as portas, e vendo que não lh'as abriam nem podia já livrar-se dos hespanhoes que vinham em sua perseguição, atirou com a bandeira para dentro da praça dizendo: — *morra um homem e fique fama.*

Foi então aprisionado pelos castelhanos que o levaram para Badajoz onde o frigiram em um caldeirão.

Parece que ainda hoje tanto em Elvas como em Badajoz se relembra esta heroicidade em dia de Corpus Christi, ostentando uns a bandeira e outros o celebre caldeirão.

ACCACIO AUGUSTO DA FONSECA.

FOLK-LORE TRASMONTANO

O CAVALLEIRO E MARIVANES

(VERSÃO TRASMONTANA)

Os que jogam e não perdem
Regalo é ve-los jogar.
Postado tenho madre
Minhas armas meu punhal
Q'hei-de dormir com Marivanes
Antes do gallo cantar.
«Não apostes, ó meu filho,
Que tu não has-de ganhar»
—Vós a mãe de sete filhos
Vós me haveis de ensinar.
«Veste meus vestidos de sêda
Calça sapatos de prata,
Depois de asseadinha
Á praça vae passear»
Marivanes, como mais nobre
Á janella vae olhar.
«D'onde é esta senhora
Com tão lindo passear?»
—Sou tecedeira da sêda
D'aquellas bandas do mar.
Sete saias tenho urdido,
A sua venho buscar.
«A minha saia, tecedeira
Ainda está por dobar
Entra dentro, tecedeira
Nós a vamos dobar».
Tenho medo a seus perros
Porque eis hão-de ladrar.
Os meus perros, tecedeira
Eu os mandarei encerrar».
—Tenho medo dos seus creados,
Q'eis ande-me estranhar.
«Os meus creados, tecedeira,
Eu os mandarei deitar».
Entraram para dentro
Foi-lhe a pôr de cear.
Ó fim da ceia
Trataram de se deitar.
Deitaram-se ambos na cama,
Para melhor a guardar.
Lá pelo meio da noute
Marivanes deu um ai.
Estando seu pae na cama
Elle a ouvira gritar.
—Que é isso, Marivanes,
Ou tu estavas a sonhar?
«Foi a tecedeirinha nova
Que n'isto veio a dar».
Levanta-te, Marivanes,
Vae-lhe fazer d'almoçar.
Por baixo d'alvas toalhas,
Punhal d'ouro para o matar.
—Tenha-se lá, ó meu pae,
Apostado tinha elle,
Suas armas e punhal,
Veja lá, ó meu pae,
Quem aposta quer ganhar.
Foi uma mãe que teve
Q'este conselho lhe quiz dar.

Dezembro, 1908.

DANIEL RODRIGUES.

MONCORVO

Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana.

(Continuação)

PRIVILEGIOS CONCEDIDOS A MONCORVO

As prorogativas especiaes que gosava Moncorvo e faziam d'esta villa terra essencialmente privilegiada, fomentando assim o seu engrandecimento, acham-se compendiadas no Documento n.º 8 para o qual remettemos o leitor.

Da Inquirição feita em 1356 consta que os juizes de Moncorvo e os jurados das aldeias são isentos de pagar foro (1).

Depois, no tempo d'el-rei D. Affonso V allegaram os moncorvenses que por el-rei D. Fernando «fora dado prevyllegio aos que morassem dentro na cerca da dita villa, que fossem liberdados dos encarregos do concelho por ser melhor poborada. E que da dita liberdade non husavam grande tempo avya ataa gora que se a dita villa despoborava em cada huum dia por tal guysa que ja em ella non vevyam agora parte da gente e as casas eram todas derribadas e destruidas» e por isso pediam que se restabelecessem os privilegios concedidos por D. Fernando, em toda a linha, e muito principalmente sobre fazer-se a feira intra-muros, ao que os do arrabalde se oppunham tenazmente, tendo havido já sobre o caso varias disputas e sentenças de corregedores e outros representantes da auctoridade real. Por sua sentença de 31 da maio de 1457, conservada em pergaminho no Archivo de Moncorvo, manda el-rei que as concessões feitas por D. Fernando se restabeleçam e tenham pleno vigor.

MONCORVO—Solar do barão de Palerme pertencente hoje ao snr. dr. Antonio Balbino Rego

Quando tratamos das feiras, vimos já como, pouco depois, o mesmo rei alterou em parte esta confirmação mandando que a feira se fizesse alternadamente no arrabalde e intra-muros.

A allegação dos despoboramentos afim de apanhar concessões a pretexto de utilidade publica, como em 1379 as de D. Fernando, mencionadas no Documento n.º 8, mostram-nos que já então a chicana politica era o mesmo de hoje e sempre: burla consumada, explorando em proveito proprio quanto se lhe antolha apto á consecução dos seus fins ainda mesmo que tenha de se deturpar o verdadeiro sentido dos factos.

Assim, a grande epidemia que assolou Portugal em 1348 (2) deu pretexto aos de Moncorvo para conseguirem mais alguns privilegios (3). Tambem por uma carta d'el-rei D. Fernando de 1377, existente no Museu de Bragança, vemos que esta cidade se valeu das mesmas razões attinentes á consecução de identicos fins.

Ainda no Archivo de Moncorvo se conserva em pergaminho a resolução d'el-rei D. João I da era de 1448 (ann. Christ. 1410) na qual attende as queixas dos moncorvenses contra as prepotencias dos corregedores que tomavam por seus officiaes as roupas e pousadas dos habitantes.

Um outro do mesmo Archivo contém a sentença do corregedor da comarca de Tralos Montes, dada em Murça de Panoias a 13 de agosto de 1466, contra as arbitrariedades do senhor de Sampaio e de Villa Flor, familia poderosa e fidalga na qual andava hereditariamente a alcaidaria-mór do castello de Moncorvo. Dispunham os privilegios d'esta villa outorgados pelos reis: que «alguem por podrosso que seja non pouse de noute na dita cerqua nem lhes tomem roupas nem gallynhas on outra cousa», isto não obstante, o senhor de Sampaio se «vinha lançar na villa e pousava dentro

della» contra a vontade dos seus moradores e «fazia aposentar seus homens com elles rompendolhes suas roupas tomandolhes suas outras cousas» e, embora lhe requeressem no sentido de respeitar taes privilegios, elle tudo desprezava sem fazer caso.

As disposições adoptadas pela Camara de Moncorvo em 1298 ([4]), embora no fundo obedeçam ao plano economico tendente a evitar a passagem da propriedade foreira ás mãos das classes privilegiadas que, ou os não pagavam ou d'elles se eximiam facilmente, visariam tambem a desviar da terra os poderosos.

N'uma carta, em pergaminho, d'el-rei D. João I, datada de 1396, existente no Museu de Bragança, relatam-se as malfeitorias que os cavalleiros e cavalleiros villãos faziam á terra e cidade, principalmente o senhor d'ella, João Affonso Pimentel.

Ainda outro do mesmo Museu contém os capitulos de queixa, apresentados pelos procuradores de Bragança nas côrtes de 1439, e o 5.º reza: «Outro ssy Senhor o dito concelho e lavradores do termo da dita vylla ffazem ffazem (sic) ssaber a vossa mercee que o corregedor da comarqua lhes ffaz muytos agravos o primeiro he que elle sse vem lançar em a dita vylla dous e tres mezes do ano e ffaz caretar aos lavradores as palhas e lenha per fforça byr ssuas noutadas muito contra direito de hua legoa e duas e tres ffazendos ocupar com os corpos e boys e carros ssem lhes pagando nenhuma cousa por seu trabalho».

MONCORVO – Casa onde viveu a *Plicana*, mãe de D. Antonio, Prior do Crato

O capitulo setimo é ainda mais explicito; diz elle: «Outro ssy Senhor vos pedimos por mercee que a vossa Senhoria praza por veer ssobre esta vylla e terra que se lhe deos e vos non acorre, ella he estragada e perdida de todo ponto que vosso ssobrinho dom duarte que em ella esta a tem estragada ffazendo em ella tomadyas, de todadas (sic) aquellas coussas que elle quer e tem por bem, tomandolhe, sseus paães e vynhos e boys e vaquas e carneyros e galynhas e cabritos e ssuas bestas assy de carrega, como de sselas ssem lhe por ellas pagar nenhuma coussa, as qaees malfeitorias ssom tomadas de longos tempos por qua, e non cessam de as tomar quanto podem, em guysea que a vylla honde ssuyam de morar, dentro em ella quando hi veeo sseu padre cento – homes e non moram ora may de vynte e no temo onde ssoya aver dous myl non morem ora myll».

D'aqui colhemos a razão de ser d'uma garantia que os foraes de muitas terras consignam como conquista social de grande importancia. Lá diz o fabulista: Sacius vivere cum socio pari, quam cun potentiori.

O de Villarinho da Castanheira, de 1287, para só nos servirmos dos do nosso districto e bispado diz: «E mando que ricomem non pouse em essa vila nem em seu termho salvo se fazer per y passada dum dia». Identicas disposições se encontram no de Roios em 1258, no de Lamas de Orelhão em 1259, no de Monforte de rio Livre em 1273, no de Trieira em 1282 e no de Alfandega da Fé em 1294.

N'este particular, o de Castrellos dado em 1325 reveste clareza especial: «E outro sy mando que Ricohome nem Rica dona: nen Infãçõ: nen Cavaleiro: nen dona: nen sendeiro nen outro poderoso nehuñ non faça hy pousadea nen em seus termhos salvo se passarem per hy que pousem huñ dia e se vaam logo di em outro dia e non estarem hy mays».

Parece que esta classe de gente constituia então um perigo social de que era necessario fugir como da peste; ainda hoje o rifão memora: em tua casa, nem fidalgo, nem galgo. As suas pousadas em casa dos humildes filhos do povo «rompendolhes suas roupas tomandolhes suas outras cousas» deixam vêr nas entrelinhas ([5]) que mais adiante avançariam reeditando, quiçá frequentes vezes a picaresca scena relatada em *Os Livros de Linhagens* ([6]) onde figura D. Affonso Henriques *doneando* a mulher do *home boom* D. Gonçalo, que o hospedara em sua casa, emquanto lhe *adubavam* de comer.

E já que fallamos em Castrellos será conveniente advertir que o povo d'este nome mencionado no foral não é o do concelho e a duas leguas de Bragança, como dizem os chorographos ([7]). O errado de tal informação proveio de se não examinar cuidadosamente o respectivo foral que está na Torre do Tombo ([8]). Pelo mesmo titulo que o encima se percebe o engano. Diz elle: «Aos moradores das aldeas darçadigas de Terrosso de Regesemde de souto chaaõ de verrandy de meyalde de sancta comba de Castrelos de mourisco. E doutro Castrelos e da veyga forall que lhe deu el Rey dom afonso per que lhe outorgou que fezessem villa em o lugar de santa cruz aquall aja nome villa nova de sancta cruz».

No texto, diz el-rei que os moradores dos povos acima referidos lhe «enviarom pedir por mercee por pedro anes seu procurador que lhis desse foro e lhis mandasse assignaar lugar em que fizessem villa na dita terra das dictas aldeyas e que eles fariam hy assa custa hũa cerca de muro de cem braçadas para defendimento de ssa terra ... e que os de vinhaaes e os de lomba de Monforte de Rio Livre os amparassem e defendessem e nõ sofressem a nynguem que lhes fezesse mal nen força e sayssem com elles em meu nome quando fosse mester pera defendimento das dictas aldeyas».

Mais adiante declara que a procuração a Pedro Anes foi passada em Vinhaes.

Já o facto de os postulantes implorarem, d'el-rei, mandado especial para que os de Vinhaes, Lomba e Monforte de Rio Livre os soccorressem, como effectivamente concedeu segundo o texto do foral declara, sob pena de ficar por seu inimigo quem assim o não praticasse e não falar em Bragança, a duas leguas distante, se realmente fosse o Castrellos

apontado pelos chorographos, deve causar estranheza.

Não é crivel que deixassem os visinhos para se irem valer de estranhos, como os de Monforte de Rio Livre e Lomba, hoje concelhos extinctos, a nove e seis leguas afastadas, por caminhos intransitaveis, cheios de corregos, ladeiras infindas, sulcadas por fortes correntes como as do Mente, Rabaçal, Tuella, Baceiro e outros ribeiros e linhas de agua que em tempos chuvosos tomam grande volume e de todo impedem o transito.

Quem conhecer bem a escabrosidade dos caminhos que por Lomba conduzem a Monforte de Rio Livre vê logo os inconvenientes de tal supposição. Lomba, bem estendida, dava terreno para uma provincia, dizia-me ha annos o meu illustrado amigo João da Cruz Teixeira, abbade de Bouçoaes, natural da região e que por isso mui bem a conhece; tantas são as ravinas e refregos do terreno, fundamente sulcado por torrentes.

MONCORVO—Cobrideiras de amendoa

Além d'isso os povos mencionados no foral não concordam nos nomes, com os circumvisinhos de Castrellos perto de Bragança, como naturalmente succederia se lhe pertencesse.

E' que o Castrellos do foral e mais povoados n'elle mencionados não ficam em Portugal, mas sim na Galliza, a raiar com os concelhos de Lomba (Villar Secco de) e Monforte de Rio Livre, hoje respectivamente encorporados nos de Vinhaes e Chaves: defrontam com as freguezias portuguezas de Mairos e São Vicente da Raia, ambas no concelho de Chaves e conservam ainda hoje os mesmos nomes com pouca differença, que são: Arçadegos, Terroso, Regesende, Souto Chão, Berrande, Moialde, Santa Comba, Castrellos de Baixo, Castrellos de Cima, Mourisco (hoje uma quinta) e Veiga, todas a confinar umas com outras.

Relativamente a Villa Nova de Santa Cruz, o meu velho e bom amigo, saudoso condiscipulo das lides escolares em Bragança, João da Cruz Teixeira, que antes de ser abbade de Bouçoaes o foi de Edrol onde se creou, freguezia convisinha das mencionadas no foral, disse-me em carta que com este nome não havia povoado visinho algum e apenas uma Villa Nova a legua e meia distante.

Vem de molde notarmos agora uma asserção menos exacta de Herculano. Diz o grande historiador: «desde Montalegre até Bragança nenhuns documentos nos auctorizam a suppor que os limites do paiz fossem subsequentemente alterados devendo-se por isso crer que são os mesmos desde o principio da monarchia» ([9]).

Acabamos, porém, de vêr como Portugal se estendia em terra de Galliza sobre dez povoações que tendiam a formar concelho autonomo.

Que o nosso reino n'esta parte comprehendia uma larga facha de terreno acima da actual raia, vê-se pelas *Inquirições* de D. Affonso III ([10]) que, tratando do pedicatum de Vinhaes, adscrevem a Portugal as povoações de Mauzalvos e Sagarçoso, hoje pertencentes á Galliza na raia do concelho de Vinhaes.

Voltando á questão dos fidalgos serem prohibidos de pousar com demora de dias nos herdamentos reaes, quer reguengueiros, quer foreiros, sente Herculano ([11]) que esta providencia, em vez do caracter local que pelos foraes lhe temos assignado, ella fosse lei geral do reino e por isso como tal incluida no Titulo 27 do livro 2.º da *Ordenação* affonsina.

Em 1798 ([12]) a população de Moncorvo constante de 3228 homens e 3302 mulheres dividia-se assim:

Barbeiros, 20; ecclesiasticos seculares, 59; ecclesiasticos regulares, 19; freiras recolhidas, 15; litteratos, 8; sem occupação, 72; negociantes, 12; cirurgiães, 20; boticarios, 3; lavradores, 775; jornaleiros, 485; alfaiates, 40; sapateiros, 55; carpinteiros, 24; ferreiros, 20; serralheiros, 9; moleiros, 43; cordoeiros, 8; pintores, 1; louceiros, 20; creados, 96; creadas, 73.

RECOLHIMENTO DE SANTO ANTONIO
DO SACRAMENTO ([13])

Este estabelecimento religioso do padroado da Camara de Moncorvo foi fundado em 1665, aproveitando para isso a importante verba deixada no testamento de D. Francisca Borja de Menezes, feito em Lisboa e codicilo feito na quinta de Covello, termo de Vizeu, onde morreu a 9 de abril d'esse anno? que destinava «tresentos mil reis para a compra do sitio, que erão duas moradas de casas juntas com sua cerca na villa da Torre de Moncorvo .... para a fundação de hum Recolhimento de donzellas e pessoas nobres da dita villa com a invocação do Recolhimento do Sacramento».

Encontra-se este testamento n'um livro manuscripto de capas de pergaminho existente no Archivo da Camara de Moncorvo com este titulo na lombada: «Sentenças e outros titulos a favor do Recolhimento» e por dentro, na primeira pagina diz: «Escritura de transação composição e contra-

cto de partilhas dos bens da Sra. D. Francisca Borja de Menezes, que fez seu marido Antonio Ribeiro de Barros com o Sr. Ayres de Saldanha Menezes e Sousa—Anno de 1665».

Segundo se vê por este livro a benemerita D. Francisca Borja de Menezes, ao parecer natural de Moncorvo, pelo menos ahi tinha um morgadio, casara em 1645 com Antonio Ribeiro de Barros, fidalgo da casa de Sua Magestade, que em dote de casamento recebera de sua mãe seis mil cruzados em moveis para ornato da casa e mais um morgadio em que ella succedera a um seu irmão fallecido sem successão.

Parece que estes Ribeiros eram de Evora, onde tinham propriedades, e viviam em Lisboa.

Na mesma camara ha ainda outro manuscripto intitulado «Livro que hade servir para recepta e despeza do thezoureiro do dinheiro applicado para as obras do Recolhimento de Santo Antonio do Sacramento desta villa da Torre de Moncorvo . . . Torre de Moncorvo aos vinte e quatro de dezembro de 1665».

D'elle se vê que o Recolhimento se fez então, pois este livro aponta dia a dia o andamento das obras e a despeza respectiva.

Que foi habitado tambem se vê de outros livros existentes no mesmo Archivo, nos quaes se encontram as contas respeitantes á sua administração, feitas pelos diversos regentes que á sua frente estiveram, devendo continuar a sel-o até á suppressão das ordens religiosas, pois em 1798 ainda Columbano Ribeiro de Castro o menciona habitado por 15 recolhidas.

EGREJAS, CAPELLAS PUBLICAS E PARTICULARES

Como a matriz de Moncorvo, que merece «particular memoria, assim pela boa ideia da architetura, como pela nobreza de seus materiaes» ([14]), já se acha amplamente descripta nos chorographos—Carvalho da Costa, Caetano de Lima, Avelino Almeida, Pinho Leal, etc., e algumas de suas singularidades architectonicas em mestres especialistas, como Manuel Monteiro ([15]) que, no seu trabalho, d'ella insere uma bella photogravura, acompanhada da respectiva descripção. Para estes auctores remettemos o leitor, apontando apenas alguma cousa que reputamos menos conhecida.

Mas antes d'isso seja-nos licito destacar algo da interessante descripção com que Manuel Monteiro acompanha a photogravura, que nos dá em primeira mão, do triptico gothico em madeira existente n'essa matriz. Representa elle o casamento de Santa

Armas actuaes de Moncorvo, usadas no sello do concelho

MONCORVO—Egreja da Misericordia.—(Cliché de Boaventura Pinheiro)

Anna com S. Joaquim, o encontro d'este com sua esposa á porta de Jerusalem e a revelação prophetica do anjo.

«Este precioso exemplar da talha gothica, diz Monteiro, succumbindo todavia ante os reflexos do renascimento, eloquentemente se insinua como um producto de commovida e sincera mentalidade. Abstraindo da negligencia no acabamento de certos pormenores, é uma peça bellamente modelada no respeito harmonioso do arranjo e do modelo, na ostentação e galante execução dos detalhes e no gracil e affavel sentimento que diffunde! E' pois valiosa».

Quando Almeida ([16]) diz: que a «egreja matriz (de Moncorvo) é a melhor de todo o reino» ou seja «o mais capaz edificio de freguezia que tem o reino» como traz Carvalho da Costa ([17]) deve entender-se como sendo dos templos que servem de cabeça de freguezia, e ainda assim é exaggerada tal affirmação, e não que ella seja o melhor templo do reino.

A proposito d'ella traz Barros ([18]): «Item a villa da Torre (de Moncorvo) tem huã igreja que ha vinte annos que se commeçou e não é acabada e sempre trabalhão nella he de bobeda e tambem tem (Moncorvo) um chafariz de mais de quarenta palmos dalto que deita quatro canos no meio da praça».

Segundo Almeida, a quem seguiu Pinho Leal e João Maria Baptista, lançou-se a primeira pedra n'este edificio em 1544, durando «a sua construcção quasi um seculo, como consta dos livros da camara». E na padieira da porta lateral do norte lê-se—1566, e na do sul—1567—que certamente indicam os annos em que essas obras se fizeram, e ainda por cima d'esta ultima—1868—referente, talvez, a alguns reparos.

Vê-se que não concordam exactamente na epocha inicial da construcção.

Pelos Documentos n.os 13, IV, e 14 vê-se que os rendimentos da fabrica dessa matriz, de que a camara era padroeira, provinham de terras no valle da Villariça, celebre desde tempos antigos pela producção e boa qualidade do linho canhamo ([19]). O Real Armazem da feitoria d'estes linhos para apres-

tes da armada, estabelecido em Moncorvo, chegou a manufacturar 160:000 arrateis por anno no valor em bruto de 48.000$000 réis ([20]).

Por 300$000 réis regulava em 1796 o rendimento da fabrica da egreja ([21]), cuja parte principal abre na capella da Soreira que hoje não tem configuração alguma d'isso e apenas referente a ella em largos caracteres, fundamente gravados no granito da parede á esquerda de quem entra esta inscripção de algumas letras conjunctas e inclusas:

CAPELA DA SOREİRA COM OBRIGAÇAO DE 30 MISSAS NESTA IGR.ᴬ
ꝗVE. HE DA DATA DE SVA MGD.ᴱ DE ꝗVE HE ADMINISTRADOR FRC.º ROZ
DE MEIRELLES DESTA VILLA E SE REFORMOV O TOMBO DE LA POR MAN
DADO DO DİTO SENHOR A 30. DE MAIO. 1622

CAPELLA DO ESPIRITO SANTO NO HOJE DITO HOSPITAL VELHO

Esta capella muito pequena tem apenas um altar rico e profusamente ornamentado em talha dourada de alto relevo; columnas cobertas de folhagem: anjos, parras, cachos e aves depenicando n'ellas. Era do padroado real e ainda no seu frontespicio se vê o escudo das quinas do reino e ao lado a esphera armillar, emblema de D. Manuel ao tempo de quem, por isso, suppomos remontar a sua construcção.

Ainda em 1726, segundo se deduz da inscripção abaixo, tinha o caracter de albergaria.

No tempo de Carvalho da Costa (1706) as suas rendas montavam a 120$000 réis dos quaes recebia o administrador a quarta parte ficando apenas liquido ao hospital 90$000 réis.

Na verga da porta d'esta capella ha o seguinte letreiro:

DENTRO ESTAM ESCRİPTAS AS OBRİGAÇÕES DESTE HOSPITAL 1726.

e dentro d'ella n'uma pedra de granito á esquerda de quem entra, embutida na parede:

CAPELLA DO ESPİRİTO SANTO COM HOSPİTAL
PARA PASSAGEİROS POBRES. DOS SEUS RENDİMENTOS
RESERVOU S. MGD.ᴱ A 4.ᴬ P.ᵀᴱ P.ᴬ DAR AO ADMI
NİSTRADOR. TEM HUM CAPELAM COM 14000
P.ᴬ DIZER 4 MISSAS CADA SOMANA. HOSPITA
LEIRO COM 2000 HUM ALMUDE DE AZEITE
P.ᴬ A LAMPEDA E 2 CARROS DE LENHA. ŦERA
TRES CAMAS LİMPAS DE COLCHOİS E TRES
DE ENXERGOİNS E DOSE MANTAS. E O QVE
SOBEİA SE MANDA DİZER DE MISSAS DE 50
REIS CONSTA DO L.º DAS AVALİAÇOİNS DOS
NOVOS DİREITOS FL 15 E PROVISAM. FL 6 ŦEM
4 LIVROS COM O DO TOMBO E DO INVENTR.º
O MORGADO DE MENDEL DOS BORGES DARA
CADA ANNO HUMA CVBERTA DE BVREL NO
VO DE 6 VARAS, HUM JANTAR AOS POBR
ES. ESTA NO L.º DOS REGİSTOS FL 60. TOMA
O PROVEDOR CONTAS TODOS OS ANNOS
SENDO PDO.ᴿ DO.ᴿ ROİZ SERAİVA. 1726

(Segue).

P.ᵉ FRANCISCO MANUEL ALVES.

([1]) Gaveta 15, maço 8, n.º 23 in Herculano, *Hist. de Portug.* livr. 8, part. 2.ª, pag. 182.
([2]) Viterbo, *Elucidario*, artigos — Levadigas e Morteidade.
([3]) Idem, artigos — Pertença e Talhas.
([4]) Viterbo, *Elucidario*, artigo — Molleira.
([5]) João Ignacio Pimentel, *Sericultura Portug.* pag. 67.
([6]) *Portug. Monument. Hist.* pag. 176 e 190.
([7]) *Port. Ant. e Mod. Geogr. Mod. do Reino de Portug.* por João Maria Baptista; *Dicc. de Geogr. Universal por uma sociedade de homens de sciencia; O Novo Dicc. Chorogr. de Port.* por Francisco Cardoso de Azevedo, respectivamente no artigo — Castrellos e ainda outros.
([8]) *Livro de Foraes Ant. de Leit. Nova*, fol. 153, col. 2.ª.
([9]) *Hist. de Portug.* nota 1.ª ao vol. 2.º, pag. 431.
([10]) Livro 2.º.
([11]) *Hist. de Port.* nota x ao vol. 3.º.
([12]) Demarcação da provincia de Traz-os-Montes, etc.
([13]) Para a sua historia, vide: *Chronica da Santa e Real Provincia da Immaculada Conceição*, logar já citado, e tambem a *Demarcação da provincia de Traz-os-Montes*, igualmente citada tambem.
([14]) D. Luiz Caetano de Lima, *Geograph. Hist.* tom. 2.º pag. 64.
([15]) *Arte e a Naturcza em Portugal*, n.º 78.
([16]) *Dicc. Abreviado de Chorogr.* tom. 2.º, artigo — Moncorvo.
([17]) *Chorogr. Portug.* tom. 1.º pag. 420.
([18]) João de Barros, *Breve Suma da Geographia da Comarca d'entre Douro e Minho e Traz-los-Montes.*
([19]) Viterbo, *Elucidario*, artigos — Alcanavi e Canameiro, onde cita documentos do principio do seculo XV (1407) que a ella se referem.
([20]) Carvalho da Costa, *Chorog. Port.* tom. 1, pag. 424; Antonio de Oliveira Freire, *Descripção Geogr. do reino de Portugal*, 1755.
([21]) *Dcmarcação da provincia de Traz-os-Montes.*

INDICE DO 1.º VOLUME

1908

PAG.

Frontispicio, *Christiano de Carvalho*

Carta chorographica das terras trasmontanas, (acompanhando, em separata, as primeiras 16 paginas d'este volume) *Carlos de Magalhães.*

Traz-os-Montes, *Vieira da Costa* 9

A Conta do «Abre-te Ziombre», *Trindade Coelho,* illustrações de *Christiano de Carvalho* . . . 11

A Paizagem Duriense, *Amilcar de Souza* . . . 15

Manoel Duarte d'Almeida, Carta, *M. Duarte d'Almeida* 16

Antonio Alves Martins, Bispo de Vizeu, *J. Pereira de Sampaio (Bruno),* sanguinea do pintor *Antonio Carneiro,* illustrações de *Christiano de Carvalho* 23

Folk-lore trasmontano, «a Romeira», *Abbade Tavares,* illustração de *Christiano de Carvalho.* . 24

Pelas vias da arte e das industrias trasmontanas, *Joaquim de Vasconcellos* 28

A Riba-tua, *Manuel Monteiro* 32

Guerra Junqueiro, *Manuel Laranjeira,* sanguinea do pintor *Antonio Carneiro,* illustrações de *Christiano de Carvalho* 39

Folk-lore trasmontano, «D. João», *Daniel Rodrigues,* illustração de *Christiano de Carvalho* . . 40

Pelas vias da arte e das industrias trasmontanas, *Joaquim de Vasconcellos* 45

As miserias e explendores do «Douro», *Amilcar de Souza* 48

Fernão de Magalhães, *Bazilio Telles,* sanguinea do pintor *Antonio Carneiro* 52

Folk-lore trasmontano «Branca Nina», *Daniel Rodrigues* 53

Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento, *Eugenio Pimentel* 54

O Córgo em Villa-Real, *Manuel Monteiro* . . 59

Favaios, *F. J. Sampaio Arião* 64

Camillo Castello Branco, *Manuel Laranjeira,* sanguinea do pintor *Antonio Carneiro* 70

Favaios (copia do Foral e interpretação d'uma inscripção tumular). 72

Glossario trasmontano, *V. C. e C. M.* 74

Ethnographia trasmontana «Apódos tópicos», *Rocha Peixoto* 80

Rodrigo Pinto Pizarro d'Almeida Carvalhaes, «Barão da Ribeira de Sabroza», *Vieira da Costa,* sanguinea do pintor *Antonio Carneiro* . . 85

Os serões de inverno entre os Mirandezes, *Carlos Alves,* illustrações de *J. Augusto Ribeiro* . 87

Folk-lore trasmontano «O Cavalheiro», *Abbade Tavares,* illustração de *Christiano de Carvalho.* 88

Provezende, *Carlos de Magalhães* 95

Glossario trasmontano, *V. C. e C. M.* 96

Antonio José Claudino d'Oliveira Pimentel «General Claudino», *Carlos de Magalhães,* sanguinea do pintor *Antonio Carneiro* 102

PAG.

Folk-lore trasmontano «Trovas populares», *Abbade Tavares* 104

Regoa, *Vieira da Costa* 110

Genealogia Trasmontana, *P.e Francisco Manuel Alves* 112

Trindade Coelho, *Joaquim Leitão,* sanguinea do pintor *Antonio Carneiro* 119

Ceu Trasmontano, (Poesia); *M. Duarte d'Almeida,* illustração de *Christiano de Carvalho* . . . 120

Jornalistas trasmontanos — Augusto Cezar, *Carlos de Magalhães* 121

Rio Córgo, *Souza Costa* 126

Genealogia trasmontana, *P.e Francisco Manuel Alves* 128

General Sepulveda (Manuel Jorge Gomes de Sepulveda), *J. Pereira de Sampaio (Bruno)* sanguinea do pintor *Antonio Carneiro* 133

Ethnographia trasmontana, Apódos tópicos, *P.e Francisco Manuel Alves.* 135

Glossario trasmontano, *A. F.* 136

Ribeira d'Oura, *Souza Costa,* clichés de *Carlos Pereira Cardoso* 142

Folk-lore Trasmontano, «D. Garcia», *Abbade Tavares* 143

José Henriques Pinheiro, prof. *Miguel José Rodrigues* 144

Emygdio Navarro, *Joaquim Leitão,* sanguinea do pintor *Antonio Carneiro* 152

Philologia Trasmontana, Um Dialecto Trasmontano, O Rio d'Onorense, *Daniel Rodrigues,* illustrações de *Christiano de Carvalho.* . . . 155

Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana), *P.e Francisco Manuel Alves,* desenho de *J. Augusto Ribeiro* 160

O Rei dos Floristas, *Silva Esteves,* illustrações de *Christiano de Carvalho* 167

A' Viola, (Poesia), *M. Duarte d'Almeida,* illustração de *Christiano de Carvalho* 168

Moncorvo, (Continuação), *P.e Francisco Manuel Alves,* desenhos de *J. Augusto Ribeiro* 175

Folk-lore Trasmontano, «Dona Silvana», *A. Gomes Pereira* 176

Demarcação da Provincia de Traz-os-Montes em 1796 pelo juiz Demarcante Pinto Ribeiro de Castro, precedida d'um estudo do documento por *Silva Esteves,* illustração de *Christiano de Carvalho* 177

Mogadouro 183

Folk-lore Trasmontano, «O Cavalleiro e Marivanes» (Versão Trasmontana), *Daniel Rodrigues* 187

Moncorvo, (Continuação), *P.e Francisco Manuel Alves* 188

Os nossos collaboradores 193

OS NOSSOS COLLABORADORES

Abbade Tavares
Collaborador litterario

Accacio Augusto da Fonseca
Collaborador litterario

P.e A. Gomes Pereira
Prof. do Lyceu D. Manuel II
Collaborador litterario

Dr. Amilcar de Souza
Medico e publicista
Collaborador litterario

Antonio Augusto Corrêa
Collaborador Photographico

Antonio Carneiro
Pintor
Collaborador artistico

Basilio Telles
Escriptor publico
Collaborador litterario

Dr. Carlos Alves
Bacharel em direito
Collaborador litterario

Carlos de Magalhães
Collaborador litterario e artistico

Carlos Pereira Cardoso
Collaborador Photographico

Christiano de Carvalho
Collaborador artistico

Dr. Daniel Rodrigues
Professor do lyceu de Bragança
Collaborador litterario

P.e Francisco Manuel Alves
Abbade do Baçal
Collaborador litterario

J. Augusto Ribeiro
Pintor
Collaborador artistico

Joaquim Leitão
Escriptor publico e Director da ***Illustração Trasmontana***

José Pereira de Sampaio (Bruno)
Jornalista e escriptor publico
Collaborador litterario

J. Sampaio Arião
Collaborador Photographico
e Litterario

Manuel Duarte d'Almeida
Poeta
Collaborador litterario

Dr. Manuel Laranjeira
Medico e escriptor. Collaborador
litterario

Dr. Manuel Monteiro
Advogado e Archeologo
Collaborador litterario

Marques Abreu
Collaborador Photographico

Rocha Peixoto
Ethnographo e publicista
Collaborador litterario

Silva Esteves
Publicista
Collaborador litterario

Dr. Souza Costa
Bacharel em Direito e Romancista
Collaborador litterario

† Dr. Trindade Coelho
Magistrado e Escriptor
Collaborador litterario

Vieira da Costa
Romancista
Collaborador litterario

. . . GOVERNAM OS QUE CÁ ESTÃO

DIRECTOR

JOAQUIM LEITÃO

EMPREZA

ANTONIO AUGUSTO CORRÊA

ANTONIO TERRIO

JOAQUIM DA COSTA CARREGAL

PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
RUA DA FABRICA, 80

1909

A VARANDA TRASMONTANA

A varanda trasmontana

SOCEGUEM os espiritos cultos que algum dia prenderam a sua attenção ao chamado problema da habitação nacional.

O titulo d'este artigo não pretende indicar, nem de leve significar, desde que não ha um typo definido da casa portugueza, a existencia d'um pormenor architectonico com caracteristicas proprias e inconfundiveis na vivenda transmontana.

Tranquillizem-se os homens de pensar que se não permittem nutrir illusões, nem phantasiosamente devaneiam ácerca das faculdades inventivas e estheticas do nosso povo...

A varanda, tanto dos edificios ruraes como urbanos, repete-se, por egual, em Traz-os-Montes, no Minho, no Douro, nas Beiras, em Lisboa nos velhos bairros e até no sul, se se attender aos famosos solares heraldicos aqui sobreviventes.

No emtanto, n'uma publicação exclusivamente consagrada ao estudo d'uma provincia, cabe e bem merecido é o relato das variantes que assume tão interessante accessorio da sua architectura domiciliaria, porque é da observação e do exame de todos os seus aspectos, nos mais comesinhos detalhes, que, a seu respeito, póde resultar um conhecimento pleno e seguro. Tradicionalmente consagrado e adaptado á indole do lusitano imprimia, como ainda hoje imprime, não obstante a sua deformação e obliteramento, uma feição especial a taes ou quaes aggregados populosos: haja vista, e só para alludir a dois exemplos typicos, Villa Real e S. Mamede de Riba-Tua.

De resto é muito sympathico esse elemento architectural que com tanto realce e harmonia se integra no organismo constructivo da casa pela sua natural funcção de desafogo illuminante, de commodidade visual sobre o panorama dos campos ou montanhas, ou sobre o scenario da rua e de conforto, agasalho e arrecadamento; pelas ideias que suscita e pelo ar que reveste em certos meios.

Com effeito, nada para revelar melhor a physionomia intima da morada que a varanda, porquanto, além do seu papel importante na composição scenographica dos arruamentos citadinos ou dos logarejos e subordinada aos factores que dictaram aquella, foi e é o tablado em que se desenrola e d'onde se entrevê toda a vida domestica.

Basta prescrutal-a, interrogal-a com o olhar para que ella diga logo a confidencia desejada n'uma docilidade commovente que arrasta a nossa affeição.

A singeleza primeira do viver, a amargura da existencia, a sobriedade, a mediania, a fortuna, as aspirações immoderadas, a petulancia enfatuada, o feitio recolhido de beaterio, o isolamento altivo ou bronco, a franqueza, a sovinice, a bisonharia, etc., tudo isto a varanda explica, ou ella não tivesse uma origem muito secular, não entroncasse n'uma estirpe que nasce do *maenianum* romano, já conhecido na Grecia e no Oriente hellenico, e não fosse atravez das idades e dos povos, principalmente dos mais mimoseados com o sol e com a luz, a testemunha presencial das vicissitudes internas do lar e das qualidades e defeitos do homem.

Se a habitação, além de ser um producto dos condicionamentos mesologicos, é um reflexo e limpido espelho do modo de

ser social e da psychologia do dono ou morador, por nenhum outro orgão architectonico, este e aquelle, podem definir-se tão bem como pela varanda. E de facto assim é.

A varanda, como o edificio de que é elemento constitutivo, subordina-se aos recursos do solo, ás influencias climaticas, á situação economica e á educação do proprietario.

Por isso, embora sempre defendida pelo mesmo telhado da casa a que pertence, ella é feita de granito sómente, de granito e ferro ou madeira, de schisto e taboado, ou simplesmente de pau; corre ao longo d'uma frontaria ou occupa-lhe apenas uma parte; abre e é mais ou menos rasgada, conforme a topographia e o resguardo necessario dos agentes atmosphericos, tendo o parapeito cerrado ou fendido em grade; nivela-se com a parede ou sobresáe; ostenta-se, emfim, n'uma simpleza franciscana, ou com mão d'obra custosa e enfeites d'apparato.

Com estas modalidades se exhibe, em Traz-os-Montes, desde o planalto de Barroso ao de Miranda e a toda a *terra quente* e desde as frias altitudes de Bragança até Villa Real.

A varanda, no emtanto, não tem um logar definido na casa.

Se esta fórma um pateo interior (Tourem e Moncorvo), recordando o claustro conventual, aquella corre ao nivel do sobrado pelas tres faces; quando a residencia tem annexo, a um dos lados, quinteiro, terreno productivo ou eira (Vidago, Alijó, Villa Flor, etc.), ahi se expõe a varanda com escada d'accesso, perpendicular ao centro, a um dos extremos, ou apposta em prolongamento de qualquer d'estes.

Fóra estes typos, propriamente circumscriptos á vivenda rural e d'um arranjo tão discreto, tão independente, e tão ligado á existencia familiar e respectiva labuta agricola, a varanda mostra-se para a rua. E desde que conquistou a liberdade de mirar para as arterias das povoações jámais se submetteu a regras e disciplinas, quanto a postura, feitio, tamanho e capacidade.

A' face da via publica e occupando todo ou parte do comprimento da fachada assenta sobre a parede mestra (Miranda, Freixo d'Espada á Cinta, etc.), ou esta recolhe e então firma-se em varões de ferro, o que não é vulgar (Vidago, Cheires, Regua), em esteios de granito (Vidago, Miranda, Cheires, S. Mamede de Riba Tua), ou schisto (Freixo d'Espada á Cinta), segundo na região abunda uma ou outra rocha.

N'este caso, agasalhante e amavel, a varanda serve de cobêrto, forma inferiormente um alpendre offerecendo um facil refugio contra o sol ou contra a chuva e proporcionando um grato poiso, se sob ella se acha installada a taberninha onde cumpre decilitrar.

Todavia, ultrapassando estes limites de compostura tão regulamentar, ella avança, com toda a semcerimonia, por sobre o espaço do leito destinado ao transito resaltando da muralha. Então constitue um balcão que vae de lés a lés, ou se contenta com metade, um terço ou apenas uma abertura da frontaria.

Não ha na provincia mais copioso museu d'estes

specimens que Villa Real. Para quem os queira estudar miudamente, ali se lhe apresentam n'uma variedade infinita de perfis, attitudes e aspectos: compridos, esguios, rachiticos, curtos, ventrudos, flaccidos, pacovios, humildes, empertigados, solemnes, poeticos, galantes, aristocratas, mysticos, hypocritas...

Desrespeitam symetrias, alinhamentos e pragmaticas de codigos, na intransigencia irreductivel da sua classe, do seu estylo e do seu tempo, servindo embora, indistinctamente, desde quatro seculos, as conveniencias da raça.

Para todos ou quasi todos os exemplares, porém, se topam similes por Traz-os-Montes que é possivel systhematisar.

Se a varanda se salienta, abrangendo plenamente o frontispicio, o seu lastro, de madeiramento ou pedra, assenta em cachorros de granito: uns semelhantes aos que se veem nos *machicoulis* medievaes (Pegarinhos, Gralhoz, Vidago, Riba Tua, etc.), outros, suggerindo as lindas, as admiraveis, as ideaes consoles dos balcões da Renascença (Villa Real, Miranda, Bragança, etc.). Mas o meio de suspensão modifica-se prolongando para fóra da parede mestra o travejamento do sobrado e a varanda reproduz então, fielmente, o gracioso modelo de Pompeia, tão conhecido pelo nome de *balcone pensile* (Bragança, Montalegre, Vidago, Macedo de Cavalleiros, etc., etc., etc.).

Excepcionalmente, aqui ou além, se offerece um typo mixto, excrescendo da habitação e alpendrando ao mesmo tempo, como em Sendim de Miranda, o qual dá ideia d'um trecho de claustro deslocado do grave interior d'um mosteiro para a libertinagem da rua.

Quando a morada tem dois andares a varanda passa para o ultimo como as atalaias encobertas das torres das antigas fortalezas (Vinhaes, Chaves, Montalegre, Quintella), cujos mais bellos exemplares se podem admirar, no sul do paiz, em Beja e Extremoz; o mesmo acontecia tambem com os mirantes dos conventos de freiras.

Identicamente, n'esta posição sobranceira, vem facear com a frente (Vidago, Riba Tua, Villa Real, etc.), ou d'ella emerge e avulta (Provezende, Chaves, Bragança, Villa Real, Vidago, etc.). Taes são as variantes que, sem de modo algum serem exclusivas, as vivendas trasmontanas accusam sobre este seu tão interessante detalhe.

Resta agora averiguar da sua vestidura, isto é, da sua grade ou resguardo.

Este, na casa agricola, é singelissimo como simples é a vida rustica; um estricto varal de madeira, horizontal, entre columnas em que descança a vanguarda do telhado.

Tal desatavio logo denota a franca rudeza, a aberta sinceridade e a corajosa exposição aos riscos da existencia, ou tambem parcimonia, apoucamento e penuria (Gralhoz, Macedo, Miranda, etc., etc., etc.).

Casos ha e abundantemente se repetem na residencia urbana em que se registra a mais a inserção de balaustres lisos, de fasquias de madeira, denunciando previdencia e cuidado, a par da pobreza, da modestia, honestidade ou sisudez; mas os balaustres são vasados e abertos em arabescos varios, como os espadeladouros de prenda do Minho, e dão ao balcão um ar de catitismo e prosapia (Bragança, Macedo, Vidago, Villa Real, etc., etc.).

A grade, porém, póde ser de ferro, inesthetica e solida, a descobrir o burguez rico, ou com caracteristicos desenhos e lavores a evidenciar uma epocha e a nobreza.

Por vezes, a grade elimina-se e uma vedação de tabuas de forro a substitue (Montalegre, Chaves, Bragança, etc.), pelo espirito de solitude e acintoso desprezo da exterioridade e mundanismo.

Esta apparencia carrancuda e secca attenua-se, comtudo, se os apainelamentos apparecem e um ou outro caracter se accentua quando elles alternam com os caixilhos de gelosia, ou esta predomina sómente, como em Villa Real, obsidiantemente, se observa. O passado resandeiro e velhaco, o mysterio da rotula freiratica, a educação mentirosa, a bisbilhotice, tudo isso revivesce na gelosia, herdada já da Roma antiga, e de que se vislumbram ainda na provincia formosos specimens, como as duas adufas do renascimento reproduzidas na *Illustração Trasmontana* pelo considerado historiador da arte nacional, snr. Joaquim de Vasconcellos.

Certas varandas corridas não teem escada apparente, e quando niveladas com a frontaria recordam a de algumas construcções historicas, como o Palacio real da Nazareth edificado no alto da Rocha, junto ao *Sitio;* outras recortam-se em arcadas (Macedo de Cavalleiros) e lembram as galerias de nobres e velhos solares, como o da Bacalhoa e alguns d'Evora e redondezas.

O telhado acompanha e abriga sempre a varanda n'uma solicitude carinhosa, quer ella seja larga ou extensa, mesquinha ou curta e se integre no perimetro do edificio, quer se reduza a um balcão saliente da fachada.

N'esta hypothese, o beiral dilata e sustem-se no espaço sobre compridos cachorros de madeira, com entalhes ornamentaes d'uma barbara ingenuidade, ou prolonga-se a cobertura que se apoia nas columnas erguidas do peitoril circunscrevendo-se, ás vezes, apenas a uma sacada (Moncorvo, Freixo d'Espada á Cinta, etc.), suggestiva reminiscencia dos adoraveis motivos da Renascença que tanto radicaram na architectura urbana da Hespanha archaica. Quem se não lembra dos formosissimos varandins da Torre de Belem?...

A varanda, por ultimo, é uma arca de tradições. N'ella já os antepassados, como hoje, espadelaram e fiaram o linho, seroaram na quadra estival, seccaram o cereal, estenderam a roupa, guardaram a alfaia, resaram o terço, fizeram as bodas; ella foi e é o refugio da familia nas ardencias do verão durante o repouso nocturno e a paragem consoladora ante as benignidades do sol na dura invernia; e, já que a vida, ainda a mais crassamente material, não abdica d'uma restea de poesia e sentimento, é na varanda que se põe o craveiro, a açucena, a roseira, a grinalda de vides, o mangerico e o alecrim e é do alto d'esta tribuna florida, como leito de nupcias, que se dizem as arengas d'amor ou é sob ella que, á luz dos astros, as guitarras gemem o fado.

Janeiro de 1909.

MANUEL MONTEIRO.

(Clichés de Carlos Pereira Cardoso).

— INQUERITO —

(CONTINUAÇÃO)

Medidas de Comprimento desde Polegada até o grão Circulo da Terra

Polegada	Palmo	Pé	Covado	Vara	Passo geometrico	Braça	Estadio	Milha	Legoa	Grão	
8											
12	1/2										
24	3	2									
40	5	3 1/3	1 1/3								
60	7 1/2	5	2 1/2	1 1/2							
80	10	6 2/3	3 1/3	2	1 1/3						
9400	1175	783 1/3	391 2/3	735	156 2/3	117 1/2					
75200	9400	6266 2/3	3133 1/3	1880	1253 1/3	940	8				
225600	28200	18800	9400	5640	3760	2820	24	3			
4060800	507600	338400	169200	101520	67680	50760	432	54	18		
1461888000	1827360000	121824000	60912000	36547200	24364800	18273600	155520	19440	6480	360	Grão circulo da terra

Relação das Pessoas nasçidas e falleçidas em toda a Provinçia nos annos indicados, dos que não chegarão a idade de Communhão, e do accrescimo que teve a população

Annos	Nasçidos		Falleçidos		Sem id.e de Com.am		Aug.mts a pop.am	
1768 / 1769	Homens	16493	Homens	10053	Meninos	3571	—»—	—»—
1770	Ao todo	»		»		»	4944	
1771 / 1772	Mulheres	15879	Mulheres	10273	Meninas	3531	—»—	—»—
	Somma	32372	—»—	20326	—»—	7102	—— » ——	

Annos	Nasçidos		Falleçidos		Sem id.e de Com.am		Aug.mts a pop.am	
1788 / 1789	Homens	18370	Homens	10122	Meninos	4002	—»—	—»—
	Ao todo	»		»		»	7492	
1790 / 1791	Mulheres	17947	Mulheres	10666	Meninas	4095	—»—	—»—
1792	Somma	36317	—»—	20788	—»—	8097	—— » ——	

Somma total do rendimento dos Dizimos de toda a Provinçia no anno de mil sete centos noventa e dous em que se fez o calculo

DIZIMOS

Importarão em 1792 —— » —— » 409:667633

E o total rendimento — » —— » — 4:096:676330

FORÇAS MILITARES DA PROVINÇIA

Tropa paga

Cinco Regimentos – Tres de Cavallaria e dous de Infantaria.

Miliçias

Cinco Regimentos.

Ordenanças

Quarenta e quatro Capitães Mores – quarenta e dous Sargentos Mores duzentos oitenta e sete Capitães e quarenta e seis Ajudantes.

Situação de cada hum dos Regimentos

Miranda		Moncorvo		Bragança		Chaves		Villa Real	
Miliçias	1	Miliçias	1	Cavallaria	1	Cavallaria	2	Miliçias	1
				Infantaria	1	Infantaria	1		
				Miliçias	1	Miliçias	1		
Somma	1		1		3		4		1

Comarca de Miranda

Tem esta Comarca huma Cidade, doze Villas cento, e vinte e cinco freguezias, sete mil oito centos noventa e dous fogos, e vinte e nove mil quatro centas quarenta e cinco Almas, he a mais fria de todas as da Provinçia no tempo de inverno, assim como tambem a mais quente de verão, os seus fructos em geral são trigo, centeio, vinho, azeite, e castanhas, mas a sua maior abundancia he centeio, tendo para isso mais propriedade por ser muito fria, o seu negoçio são gados pelos muitos pastos que tem, o ramo em que se pode adiantar mais hẽ na agricultura, fazendo cultivar as terras incultas tanto particulares, como baldias de que hã muita abundançia, cuidando igualmente na plantação de arvores assim fructiferas, como silvestres, de que se tirã muita vantagem, primeiramente dos fructos para o alimento, e regalo do homem, segundo nas Folhas, Lenhas, e Madeiras, terçeiro porque as arvores conservão o Pais fresco, e o fazem temperado, defendendo as Sementeiras dos ventos frios, e Sol, e não hã Provinçia, nem Comarca que preçize mais de semelhante providençia do que esta por ser destemperada em ambas as Estações.

Cidade de Miranda

Dista esta Cidade da Capital do Reino setenta e quatro Legoas, estã situada sobre as margens do Rio Douro, hẽ da Real Coroa, e foi creada Cidade por El-Rei o Senhor D. João 3.º – em mil quinheutos quarenta e tres, que nella erigio Bispo, separando do Arcebispado de Braga o districto da mesma cidade, com mais o terreno de vinte e duas Legoas de comprimento desde Miranda até Monforte de Rio Livre, e de Largura desde Bragança até Mirandella, hẽ Praça d'Armas tem Governador que tambem serve de Capitão Mor, e de guarniçaõ hum destacamento do Regimento de Infantaria da cidade de Bragança.

Seus muros estão arruinados desde a infeliçidade de arrebentar o Castello no anno de mil sete centos sessenta e dous, tem Alcaide Mor, que hẽ o Conde de Sampaio, Corregedor, Provedor, Juiz de Fora que serve igualmente nos Orfãos, e Juiz de Alfandega, hẽ Cabeça de hum Regimento de Miliçias, tem Sargento Mor de Ordenanças, e oito companhias que lhe são sujeitas, sua cathedral mandada fazer pelo dito Monarca, ã qual aplicou a Comenda de Santa Maria da Ordem de Christo, e outros muitos bens que lhe accresçerão do Mosteiro de Castro de Avelans, tem um bom Paço, denominado o Palaçio de S. José, oje sem exerciçio por assistirem os Bispos em Bragança, instituiu-se depois huma Collegiada por Bulla de Pio 6.º no anno de mil sete centos, e oitenta, a qual até agora não teve efeito, mais do que no Conego Prior, e Conego Coadjutor, que são os Parochos da Cidade da Real aprezentação, hã um convento de Religiosos Trinos descalços fundado em mil sete centos e desoito, hum Hospital de S. João de D. para cura dos Soldados, Casa de Misericordia com o rendimento annual de setenta mil reis, hã Caudelaria que se compoem de cinco ramos, são izentos os moradores da Cidade de pagarem Sisa, e os da Comarca a não pagão de compras, vendas, e trocas por contrato, o foral hẽ do Senhor D. Manoel de mil quinhentos e dez.

Mappa dos Conventos de Religiosos que tem a comarca de Miranda suas Ordens, fundações, rendimentos, e o numero de Almas de que se compoem

Nome das Terras	Conventos	Ordens	Fundações	Religiosos	Leigos	Donatos	Moços	Renda certa	Renda incerta
Algozo	Hospicio d' S. Ant.º	Marianos Polacos	1782	2	2	— » —	— » —	90000	30000
Miranda	Trinos	Santiss.ª Trindade	1718	9	3	2	3	— « —	550000
Miranda	— » — » —	Hospital d' S. João de D.	— » —	1	1	— » —	3	o q̃. lhe da S. Magestade	— » —
Mogadouro	S. Franc.º	Terceiros	1618	9	3	2	2	279680	300000
Vinhaes	Real Seminario	S. Franc.º Missionarios	1752	17	6	6	4	186535	1:542700
Somma	— » — » —	— » — » —	— » —	38	15	10	12	556215	2:422700

MONCORVO

Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana.

(Continuação)

Não deve causar estranheza a pequena esmola das missas então — 50 réis e ainda 10 e 12 réis no *Documento* 15 comparativamente com a de hoje, pois, sendo o valor do dinheiro relativo ao preço dos generos de primeira necessidade e custando no seculo XV e XVI um alqueire de trigo 20 réis, e hoje 600 réis, vêmos que os dez réis de então correspondem hoje a 300 réis isto é trinta vezes mais, ou seja que com dez réis então se comprava a mesma quantidade de generos que n'este nosso tempo com 300 réis; ergo, as taes missas de dez réis equivalem ás de 300 de agora.

Eis a tarifa porque foram computados os generos no almoxerifado da Torre de Moncorvo e Villa Real em 1515, segundo Viterbo (1) que devia regular para muitos annos, porquanto representa o preço médio correspondente a rendas que se deviam pagar, ou em generos, ou no seu equivalente em réis:

Um alqueire de trigo. . . .	20 réis
Dito de centeio	15 »
» milho	12 »
» cevada	12 »
» castanhas	5 »
Um almude de vinho. . . .	20 »
Um pato	20 »
Um cordeiro ou cabrito . . .	20 »
Uma pedra de linho cañamo .	50 »
Uma canada de mel	20 »
Um frango	$7^1/_2$ »
Um leitão	40 »

Menor era ainda em annos anteriores o preço dos generos, pois da escriptura que o condestavel D. Nuno Alvares Pereira fez com os officiaes que trabalhassem no convento do Carmo, pelos annos de 1389 consta que aos mestres se devia dar por dia 30 réis, aos officiaes 13 e aos serventuarios da obra 10 réis «que era muito abondo para comprar dois alqueires de trigo, que naquelle tempo estava a 5 reis o alqueire» (2).

Segundo o regimento de 1480 dado por D. Affonso V, deviam os sapateiros dar «o par de sapatos brancos esflorados, e raspados de pedra pomes, por 24 reis... e sapatos brancos de frol com sola, e vira, ou sem vira, por 22 réis» (3).

Pelos annos de 1150 a 1180 vendia-se o alqueire de trigo a 2 reaes, o jornal de um pedreiro era de tres e o de um soldado a pé de 1 $^1/_2$ (4). Em 1430 já vêmos o infante D. Henrique a mandar vir trigo da Madeira, á razão de 4 réis o alqueire, sem duvida pela falta d'esse genero em Portugal (5).

Parece que os elementos financeiros para a creação d'este hospital provieram das disposições testamentarias do benemerito Affonso Domingos e sua mulher Fillippa Vaz (6); por elle vêmos a exiguidade dos preços por actos judiciaes em comparação com os do nosso tempo.

Relativamente ao jantar ou bodo aos pobres da inscripção retro, encontramos facto similar na egreja matriz de Paradella, do extincto concelho de Monforte de Rio Livre, hoje de Chaves. Consta da seguinte inscripção, tambem de letras inclusas e conjunctas, gravada em granito n'uma pedra embutida na parede do lado externo da egreja, junto á porta lateral.

Diz ella:

NESTA IGERA SE DIZEM TERS
MISSAS REZADS E HA CATAD
CAAD ANO CŌ HA PERIA D VAC
CA PERA OS POBRES PREZE
NTES PELA ALMA D OS INSTITV
IDORES DE Q̄ SE NAO SABE
OS NOMES HE AD CROA 625

Vem a dizer: N'esta igreja se dizem tres missas rezadas e hũa cantada cada ano com hũa perna de vacca pera os pobres prezentes pela alma de os instituidores de que se não sabem os nomes he da coroa [1] 625.

Comprimento da lapide $1^m,17$, largura $0^m,73$, corpo das letras $0^m,8$. Foi rebaixada á profundidade de $0^m,02$ na parte que contém a inscripção.

Por Decreto de 28 de agosto de 1865 ([7]) foi concedida á Misericordia de Moncorvo e Hospital do Divino Espirito Santo da mesma villa, licença para se encorporarem n'um só estabelecimento com a denominação de «Santa Casa da Misericordia de Moncorvo» e na mesma occasião se approvaram os seus novos Estatutos.

Ás 8 horas da noite do dia 9 de outubro de 1895 fallecia em Lisboa o par do reino, Manuel Antonio de Seixas, natural de Moncorvo onde nascera em setembro de 1808, deixando uma fortuna de quasi dez mil contos de réis feita pelo commercio em Lisboa. O bom uso que d'ella soube fazer colloca o seu nome entre os mais dignos benemeritos memorados com louvor perante as gerações vindouras.

No seu testamento le-se: «Deixo ao hospital da villa da Torre de Moncorvo quatro contos de réis. Deixo trinta contos de inscripções para o rendimento ser applicado á creação em Moncorvo da escola de instrucção primaria ou secundaria, separando-se do rendimento cento e vinte mil réis para annualmente se distribuirem em roupa e calçado pelos alumnos pobres que por seu comportamento e applicação forem dignos d'esse beneficio. A camara municipal de Moncorvo, de accordo com o ministro do reino, são as competentes para receber o legado e dar cumprimento á minha disposição.

Deixo quatro contos de réis para estabelecimentos pios e de caridade de Lisboa, e dois contos de réis para os de Moncorvo, distribuidos ao prudente arbitrio dos meus testamenteiros.

Deixo dois contos de réis para esmolas a pobres de Lisboa e deixo quinhentos mil réis para os pobres de Moncorvo . . . . . . Deixo á associação dos albergues nocturnos de Lisboa dois contos de réis».

Quando um dia publicarmos a historia da instrucção no nosso districto e as biographias dos seus filhos, illustres pela virtude, pelas letras, nas armas e na benemerencia, diremos da applicação d'este legado e do ainda mais avultado deixado pelo distincto filho de Moncorvo e grande capitalista Francisco Antonio de Meirelles, sobrinho do precedente.

Basta agora dizer-se que o Decreto de 11 de março de 1896, em execução do testamento Seixas, creou em Moncorvo a escola de instrucção secundaria denominada «Manuel Antonio de Seixas» regida por um só professor onde se ensinavam as disciplinas de francez e latim.

Pela mesma razão nada diremos do «Collegio de Santo Antonio» fundado em Moncorvo em 1888 pelo illustrado moncorvense P.e Adriano Augusto Guerra, onde se professavam as disciplinas lyceaes que chegou a contar passante de setenta alumnos internos, e durou até 1895.

Igual reserva faremos sobre a «Academia dos Unidos» de Moncorvo, da qual «tem saidobras dignes de estimação e distincta acceitação entre os doutos» ([8]), cuja primeira sessão inaugural teve logar a 12 d'abril de 1731 com os socios José Luiz Carneiro de Vasconcellos, Thomé de Menezes da Silveira Lobo, Francisco Ignacio Botelho de Moraes, Mathias de Vasconcellos Cabral, João José de Madureira Lobo, Paulo Botelho de Moraes, Antonio de Carvalho Gamboa (presidente), Lourenço Carneiro de Vasconcellos, Eustachio Carneiro Lobão, Paulo Botelho da Costa, Gonçalo José de Sousa e Vasconcellos, Luiz Camello de Castro, Gaspar da Silva Moniz (que é o pae do celebrado Camões do Rocio) ([9]).

Assumptos litterarios constituiam o objectivo d'esta corporação.

MONCORVO — Pulpito de pedra da Misericordia
(Cliché de Braz Antonio Saraiva)

EGREJA DA MISERICORDIA

Edificio pobre intra-muros da primitiva villa, realçado apenas pelo portal em estylo da renascença do seu frontispicio com modilhões e um nicho cavado sobre a architrave e tympano.

Junto a esta porta, ao ar livre! á esquerda de quem entra, é que está esse interessante monumento architetonico, um dos mais importantes que possue Moncorvo, o Pulpito da Misericordia «talves o mais notavel depois do de Santa Cruz de Coimbra» ([10]) accusado na gravura junta . . . E' todo de granito de fórma polygonal tanto no corpo superior como no fuste da columna que o sustenta. Nos lados do corpo superior avultam relevadas em medalhões, com o respectivo distico, as imagens em corpo inteiro de S. Jeronymo, S. Paulo, S. Marcos, S. Matheus, Santo Agostinho e ainda outra que não pude distinguir.

Em volta do toro circular do capitel e ao longo dos lados do fuste ha essa moldura que tanto se repete no districto de Bragança: em volta do arco em semi-circulo da porta principal da matriz de Avelleda e nas importas do arco cruzeiro, no da egreja de Varge, annexa d'esta, em volta do arco em ogiva da matriz de Parada, tudo no concelho de Bragança; no fuste do pelourinho de Pinhonello, concelho de Macedo de Cavalleiros, etc., constante de uma especie de ornato semilhante ás arruelas heraldicas em relevo. A base em estylo gothico, seculo XIV, é notavel pela profusão e elegancia dos ornatos em que sobresae a folhagem classica do acantho.

MONCORVO — Praça Municipal, esquina da antiga rua do Cano

O mimo, o gracil do todo d'este monumento impõem-no á veneração dos amantes da arte, tornando-o digno de visita e está bradando contra a incuria, o desleixo caracteristicamente portuguez, que deixa esfacelar-se, corroer-se ao ar livre exposto ás inclemencias do tempo este elegante producto d'um sentimento artisticamente requintado.

A Misericordia de Moncorvo em 1796 tinha de renda 17$000 réis ([11]).

Se a educação civica tivesse realidade, ou melhor, se a politica portugueza em vez da bandalheira pulha e reles que é, obedecesse a um plano bem orientado de melhoramentos e interesses nacionaes, se curasse de mais alguma cousa do que de encher as fauces insaciaveis das clientelas ás quaes sacrifica o bem publico, Moncorvo teria no amplo legado, superior a cem contos de réis, deixado pelo seu benemerito filho Francisco Antonio de Meirelles, fallecido em Lisboa em janeiro de 1904, um estabelecimento de caridade, no genero das misericordias, de primeira ordem; mas assim tem... a villeza infamante sobre quem ás disposições testamentarias, e por isso sagradas, substitue as interpretações elasticas d'uma consciencia de barrigas ([12]).

CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA

E' curiosa a seguinte noticia extractada das *Memorias Parochiaes de 1755* ([13]) «Junto á villa (de Moncorvo, diz ella) ha a capella de S. João Baptista aonde está instituhida a notavel confraria dos cavalleiros que todos os annos tem obrigação de festejar ao mesmo santo fazendo huma Mourisca de a cavallo na manhã do seu dia para o que os seus estatutos mandão que cada confrade tenha cavallo proprio e decente para festejos e soccedendo que algum por infelicidade da sua sorte se ponha em termos de não ter com que o comprar são obrigados todos os mais por força do mesmo estatuto a concorrerem para a sua compra e por ser esta confraria tão illustre tem huma Provisão Regia para se lhe dar todos os annos do rendimento do concelho 4:000 reis para refresco dos cavalleiros em hum pucaro de agoa que se dá no dia do mesmo Santo, porem todos os capitaens (que são os que por sua conta fazem o festejo) costumão deixalos de esmola para a confraria dando elles á sua custa magnificos banquetes. Nesta confraria só entram pessoas de colificada nobreza».

Disposição similar encontramos em Chaves.

«Instituio o dito duque (D. Affonso, filho bastardo de D. João I) na cidade de Bragança a confraria da nobre cavallaria de S. Thiago e logo depois instituiu a de S. João na villa de Chaves, a que se chama hoje a confraria da nobre cavallaria de S. João Baptista, a qual fez Estatutos, que por tempo se guardarão; e estando a dita confraria algum tanto attenuada, se tornou a renovar no anno de 1625, sendo pontifice da Igreja Urbano VIII, que lhe concedeu muitas indulgencias, e se fizerão novos Estatutos pelo que se sabia dos antigos.

Hum delles he que no dia de S. João o capitão cavalgará com todos os cavalleiros, e pessoas de qualidade, e todos seguirão a bandeira até ao Mosteiro de S. Francisco muito quietos, sem correrem nem escaramuçarem até ouvirem ahi missa na Capella de S. João; e sahindo da missa, no campo de S. Francisco, e dentro da villa; e em qualquer parte, assim pela manhã, como á tarde, segundo o capitão ordenar, serão obrigados os cavaleiros a fazerem escaramuças, e correrem, jogar canas, sortilha, e outra qualquer cousa que pelo capitão lhes fôr ordenado, etc.

D'este Estatuto, continua o auctor, bem se infere ser instituida esta confraria para o alegre festejo de alcancias e mais festas de cavallo. . . . . . na dita confraria não entrão senão homens de conhecida nobreza. No dito dia pela manhã vão ao nosso convento, tem o guardião mandado fazer até trinta Capellas de flores naturaes, e o sachristão muito composto o Altar do Capitulo, ornando-o com toda a curiosidade . . . . . Poe o Sachristão no Altar seis castiçaes sem vellas, porque elles as levão, e deixão para a communidade. Levão o seu capellão, que lhes diz missa rezada, á qual assistem todos os religiosos, e no fim della dá o Alferes da bandeira uma tocha ao Guardião, e este ao capitão, e mais cavalleiros a cada um a sua capella de flores, e com ellas sahindo vão fazendo o seu festejo costumado..... e mandava o capitão um jantar famoso aos religiosos, o que ainda hoje fazem os que são generosos» ([14]).

No Archivo da Camara em Bragança conserva-se um livro, folio pequeno, intitulado *Manuscriptos antigos 4* e n'elle, desde folio 122 a 140 se encontram diversos documentos referentes á confraria de S. Thiago em Bragança e festejos respectivos dos quaes se mostra a sua florescencia pelos annos de 1600.

As festas então revestiam este apparato scenico que traduz o modo de ser das collectividades ethni-

cas, a feição predominante que as caracteriza e congrega temperando-as na revivescencia das tradições nacionaes, tornando-as conseguintemente grandes; o burguezismo utilitario e egoista dos nossos dias cosmopolita e por isso mesmo demolidor por desnacionalizante, chato e incaracteristico, tirou-lhes toda a poesia inherente ás tradições de um povo que vive vida propria ([15]).

CAPELLA DE S. SEBASTIÃO

Fica no bairro da Corredoura ([16]), arrabalde da villa.

CAPELLA DE S. BENTO, DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E DE S. LOURENÇO

Estas tres capellas ficam fóra da villa em volta d'ella semeadas pela encosta do monte Roboredo dando-lhe ao longe uma bonita vista.

CAPELLAS PARTICULARES

SANTA THEREZA

Fica na quinta das Avelleiras, elegante propriedade junto á villa pertencente ao dr. Bernardo Dontel.

NOSSA SENHORA DOS PRAZERES

Na casa de Luiz Carlos de Vasconcellos, hoje representado por D. Josepha de Vasconcellos, moradora em Braga. O retabulo do unico altar, que tem, em talha dourada de alto relevo, columnas profusamente ornamentadas de folhagem, parras, cachos e aves depenicando n'elles, representa muito trabalho artistico. O tecto é apainelado com quadros e quatro em tela a oleo pendem das suas paredes. Na fachada vê-se o escudo da familia.

SANTO ANTONIO

Na casa de Antonio de Carvalho e Castro Freire Cortez, moço fidalgo por diploma de 25 de fevereiro de 1865 e visconde de Marmeleiro por outro de 2 de maio de 1880, que nasceu a 13 de dezembro de 1823 e falleceu a 11 de novembro de 1902, representado por seu filho o distincto engenheiro Antonio Eugenio de Carvalho e Sá, descendentes ambos de Affonso Domingues e Filippa Vaz, instituidores do morgadio de que falla o Documento n.º 15.

Por baixo do escudo que no frontispicio d'esta capella ostenta as armas da familia lê-se a data 1490—.

Como o da antecedente, o retabulo d'esta é tambem em talha dourada de alto relevo, muito elegante mas não tem columnas; tecto apainelado e quadros em tela a oleo pendentes das paredes, representando passos da Paixão. A meza da credencia que está na sacristia é de notavel trabalho artistico. Vi n'esta capella, n'uma caixa, um menino Jesus em vulto deitado n'uma gruta com relva entre duas uvas de vulto tão perfeitas que parecem naturaes. E' n'esta capella onde está depositado S. Jorge que sae nas processões publicas da villa.

Esta familia tem ainda outra capella na importante quinta do Marmelleiro, perto da villa, que tambem na fachada ostenta um brazão d'armas.

S. JOSÉ

Fica á entrada da villa, subindo do Douro na casa que foi de João Tenreiro,, hoje representado por Abel Tenreiro, morador em Villa Flor. E' tambem brazonada. Tanto a capella, como a casa foram vendidas e pertencem hoje ao dr. Ramiro Guerra.

(Conclue no proximo numero).

P.e FRANCISCO MANUEL ALVES.

([1]) *Elucidario*, artigo—Decimas prope fine; *Port. Ant. e Mod.*, artigo—Villa Real, pag. 974, do vol. 11.
([2]) Viterbo, *Elucidario*, artigo Abondo.
([3]) Idem, artigo Desfrolado.
([4]) *Dicc. Geographico de Portugal* por Paulo Perestrello Camara, 2.º vol. pag. 118.
([5]) Ibidem.
([6]) Vide *Documento* n.º 15.
([7]) *Diario de Lisboa*, do dia seguinte.
([8]) *Chronica da Santa e Real Provincia da Immaculada Conceição*, etc., tom. 2.º, pag. 301.
([9]) O manuscripto 126 da Collecc. Pombal. fol. 84 traz a origem d'esta Academia e no fol. 85 vem a sua empreza. Vide tambem Ms. 127 fol. 99 e *A Arcadia Lusitana* por Theophilo Braga, 1899, pag. 56.
([10]) *Boletim da Real Associação dos Architectos civis e Archeologos Portugueses*, 4.ª série, pag. 40 e 161.
([11]) Columbano Pinto Ribeiro de Castro, *Demarcação da Provincia de Traz-os-Montes*, etc.
([12]) Vide discurso proferido na sessão da Camara dos deputados do dia 8 de julho de 1908 pelo deputado por Bragança, conselheiro Abilio de Madureira Beça e tambem o *Portugal* de 13 de setembro de 1908.
([13]) *O Archeologo Portuguez*, tom. 8 pag. 218.
([14]) *Chronica da Santa Provincia de Nossa Senhora da Soledade*, por Fr. Francisco de Santiago, 1762, cap. 3 pag. 214 e seg.
([15]) A proposito das festas de então, vide *A Confraria do Divino Jesus de S. Vicente em Bragança*, 1908, pag. 24.
([16]) Sobre a proveniencia d'este nome vêr Viterbo, *Elucidario*, artigo—Carreira, e a nota respectiva de João Pedro Ribeiro e tambem o Livro 1.º titulo 68, n.º 41 das *Ordenações*.

ACTUALIDADES

O INCENDIO DA FAZENDA DE ALIJÓ

O edificio das Repartições da Fazenda e Recebedoria: frente á porta principal arde um monte de papellada

São um verdadeiro documento historico estes dois clichés do incendio das repartições da Fazenda e Recebedoria de Alijó, que a accendalha anonyma ateou com a cumplicidade do vento d'este tumultuoso janeiro de 1909.

O que foi a dispersão dos documentos das duas repartições publicas póde imaginar-se pelos papeis que cobrem esses telhados de armazens e da *Villa-Piedade* (antigo Solar dos Arriagas) propriedade do ex.mo snr. Antonio Augusto Corrêa, auctor dos clichés que illustram esta pagina

Flagrantes, ineditos e originaes, destinados pela objectiva do nosso querido amigo ex.mo snr. Antonio Augusto Corrêa á *Illustração Trasmontana* unica publicação que documentou photographicamente este facto—elles provam, na sua eloquente simplicidade, como é suggestionavel e perigosa essa creança grande que é o Povo.

Os acontecimentos de Alijó, filiem-n'os no que quizerem, interpretem-n'os como entenderem, serão sempre um documento gravissimo da psychologia das multidões trasmontanas. A multidão é soberana e por isso terrivel.

Manejal-a é manejar um explosivo. O explosivo não se commanda. Uma vez inflammado é elle quem impera. O incendio de Alijó não foi ainda a symphonia heroica da Revolução.

Mas é já um pamphleto.

Movimento popular, executado por milhares de homens do concelho, não teve até hoje a traição d'um acaso ou d'um inimigo a denunciar os seus auctores ou os seus actores á magistratura que os procura. E' mais uma vez a prova de que esse luminoso cerebro de Wagner, ao crear os seus formidaveis symbolos, não tecia o panno rasteiro das magicas: esculpia as syntheses da humanidade sempre irmã pelas terras e pelos seculos fóra; mais uma prova de que os tumultos, as batalhas, as revoluções, todas as paginas sociaes—esteja quem estiver a voltar as fôlhas do infindavel in-folio da Historia—quem as escreve é a Alma ingenua das multidões, sempre explorada, sempre rogada, sempre enganada, e sempre crédula.

O Varre-Canêlhas

NOVELLA TRASMONTANA

POR JOAQUIM LEITÃO

A Antonio Augusto Correia – um trasmontano.

PRIMEIRA PARTE

I

Por uma estrada da raia, elle seguia descançadamente, animado de se bater com a extensão interminа, de encontrar terra após terra, estrada sobre estrada, n'uma tranquillisadora esperança de leguas sem fim para os seus passos sem destino...

Os campos de trigo, que franjavam a longa tira saibrenta da *carretèra*, pareciam prometter ao caminhante que, por onde quer que elle fosse, o pão o acompanharia sempre.

De vez em quando, para aquecer os pés ou para cortar a monotonia da marcha, estugava o passo, batendo no chão com os seus sapatos de couro, lustroso do uso e do suor; e vêr, de longe, passar assim ás rajadas, hora açodado como um postilhão, hora vagaroso como um convalescente, o seu vulto de creança, coberto de bombazina côr de pomba, remendada a grandes quadrados de outro tom – era ter a visão de uma ave, largando vôo aqui, para ir além descer, rasando a ladeira.

Ia o dia em meio. E os seus passos senão levavam as azas offegantes da fuga, tambem não arrastavam o chumbo do cansaço.

Dir-se-hia o symbolo da aspiração insatisfeita da alma humana condemnada á caminhada eterna...

Subito parou, firmou-se n'um risco que luzia no pó e, abaixando-se, apanhou uma d'essas taxas que, fartas de andar pelas estradas hespanholas a proteger calçados previdentes, se desprendem um dia e, recuperando a liberdade, se vingam espetando qualquer calçado desprevenido.

Guardou-a no papo da faxa e, de novo, se pôs em marcha, assobiando uma *vidalita*.

Grandes trechos de caminho passavam, sem que viv'alma cruzasse com elle.

De maravilha, lá d'um plano recuado das terras lavradias a figura d'um campesino, estacada no fundo verde do scenario, esboçava uma illustração de germinal, e, inclinando-se a um lado e outro, a procurar melhor luz para estudar a sombra desconhecida que calcava o caminho, dobrava outra vez para a terra, desinteressada e indifferente.

De longe em longe uma carrocita, com uns mólhos de fêno ou umas latas de leite, passava ao trote d'um macho que uma mulher açoitava, de pé, até um galão mais forte do animal a projectar sobre a taboa tosca que fazia de boléa.

Elle arredava-se para a valêta, levava a mão á boina, saudava:

—*Buenas!*

A mulher, sem pousar o chicote, correspondia:

—*Buenas!*—e, breve, apenas de via, entre um halo de pó, a mancha gárrula d'um lenço de tres pontas, sobre o qual a trança da mulher batia a cada solavanco do vehiculo . . .

Outra vez se lhe abria na frente terra infinda, de que os seus olhos eram unicos senhores . . .

A pouco e pouco, a estrada foi sendo mais frequentada, indicio de povoado proximo.

E, telhada d'uma parreira rachitica, não tardou a apparecer-lhe a parede branca d'uma *Fonda*, a cuja porta um grupo basto rodeava um *taxolèro* que, sobre uma fôrma de ferro, mettia taxas novas n'uma chanca.

Espetou na terra o ferrão do guarda-chuva de panno verde, immenso como umbella de doceira, cruzou as mãos no punho grosso, e installou-se, como quem não tem pressa nem cuidados, para vêr trabalhar o *taxolèro* que, attentando n'elle, lhe gritou:

—Tens calçado para compôr, menino?

Um energico torcer de cabeça recusou seccamente os serviços do artista ambulante.

Mas assim que este acabou o trabalho e que acabou uma *copa*, o pequeno metteu com elle á estrada; e, postergada, pela primeira curva do caminho, a vide que decorava o muro caiado da *Fonda*, travou conversa de jornada:

—Com que, vocemecê é *taxolèro?*

—Com muita honra!

—E faz muito negocio?

—Em Madrid, *quê* Madrid?!... em toda a Hespanha *y sus colonias* não ha sapateiro que conte em todo o anno metade da freguezia que eu tenho n'uma semana! . . .

—Então deve consumir muitas taxas?

—Um jazigo de metal cada seis mezes!

—Quer-me comprar esta? eu vendo-lh'a—e tirou da algibeira a taxa que o seu instincto de economia e de commerciante apanhára da estrada.

—Quanto queres tu por ella, senhor negociante? perguntou, sorrindo, o *taxolèro.*

—Um quarto de pão, *no mas* . . .

—Sabes? que me parece um bom negocio . . .

—Não é verdade?

— . . . para ti. Mas eu agora estou sortido, não preciso da tua mercadoria. N'outra qualquer occasião . . .

—Hoje é que me convinha . . .

—Estás com o teu apetite ao quarto de pão . . . Pois lá por não fazermos negocio, isso não impede que eu te convide para jantares commigo.

—E eu que aceito com muito gosto. Já me não lembra que comesse. Desde que sahi da terra nem um desjejum . . .

—Sim?! Pois vaes comer do que eu tiver . . .—e, estacando, a escolher sitio proprio para merendar—E é já aqui.

Sentaram-se ambos no bordo da valeta; o *taxolèro* affrouxou os cordões do saquitel e ao passo que ia tirando, enumerava a lista:

—Pão de milho . . . queijo . . . duas maçãs . . . figos . . . e a competente borracha!—E offerecendo-lhe a navalha:—Peg[illegible]e-te: eu de vez em quando gosto de sentar [illegible]migo á minha mesa. Ah! eu sou de S. Felix, e [illegible] ha gente mais franca que a de S. Felix. E' verd[illegible]e, d'onde és tu?

—Do *ayuntamiento* de Lugos, S. Tiago.

—E porque saiste de lá?

—Mêdo . . .

—De que os velhos te chegassem a roupa ao pêlo, ein?

—Não, senhor. Mêdo da guerra! Diz' que vão todos, velhitos e *niños* . . .

—Que guerra, homem?! Senão ha guerra alguma em Hespanha, agora . . .

—Mas diz' que vae haver . . . a guerra carlista . . .

—Vamos! que 'stás tão informado que nem um embaixador! Mas . . . os teus paes?

—Morreram.

—E não tens mais ninguem no mundo?

—Um irmão . . .

—Mais velho ou mais novo do que tu?

—Mais velho; mas é o mesmo que não ter ninguem, ha muito que não sei d'elle! . . . Fiquei só com uma avó que já estava entrevada quando o pae e a mãe faltaram. Eu não podia trabalhar porque, muito pequenito, ainda não tinha ganho forças bastantes para a vida; ella porque, muito velhita, já as tinha gasto todas . . . Mas, como em Lugos todos nos conheciam, juntaram-se tantas familias quantos os dias da semana, e cada dia a sua casa differente eu ia buscar o sustento para mim e para a avosita. Era eu que tratava d'ella, que a ajudava a virar-se, que lhe dava agua, que a entretinha e a animava. Viviamos como pobres . . . resignados e tranquillos. Depois quando se começou a falar d'isto de revoluções, a avó entrou a assustar-se, a dizer que nunca estava socegada emquanto eu saía a buscar a comida e . . . uma tarde, chegando a casa com a lata do jantar, encontrei-a deitada de costas, os olhos parados . . . a bocca aberta . . . muito feia, estava morta, a pobre!

O *taxolèro* ruminava, em silencio, aquelle travo de desgraça; para banir a emoção, perguntou:

—E como te chamas?

—Angelito.

—Tratas-te bem!

—Era como me chamava a avosinha.

—E que pensas fazer?

—Eu? . . .

—Sim.

—Eu . . . não penso . . .

—Menos trabalho tens . . .—e, n'um arrepio de solidariedade:—Ouve lá! queres tu aprender a *taxolèro?* E' um modo de vida como outro qualquer: algo lucrativo e mui digno!—affirmou com ufania castelhana.

—Mas eu não sei!

—Pois por isso é que vaes ser meu aprendiz e eu teu *mestre*. Depressa aprendes, rapaz! A questão é estares resolvido a trabalhar!

—Tomára eu ter em quê!...

—Pois, então, estás nomeado: de hoje em deante, ficas ao meu serviço. Terás cama, roupa e mesa; a cama, onde calhar: debaixo d'um telheiro, um canto de curral ou na aba d'uma serra, no verão; roupa a que trazes... até eu deixar esta, (e indicou com um gesto de liberalidade as suas calças e blusa de pelle-do-diabo, quadriculadas de remendos) e mesa... a que arranjarmos!

E erguendo-se:

—Assume já o teu cargo; leva-me essa fôrma.

Angelo, muito satisfeito, pôs ao hombro a fôrma dos *taxolèros*, prêsa a tiracollo com uma correia, e marchou adeante, desempennado e ligeiro, ancioso de se tornar util e merecer a côdea de milho.

Mez e meio, mestre e aprendiz palmilharam juntos estradas e quêlhas de povoados, repartindo as suas forças, collaborando na mesma obra: o pão de cada dia.

A Angelo seis semanas bastaram para surprehender os principaes segredos do officio de *taxolèro* e para, juntando todas as pequeninas moedas com que mestre e freguezes o gratificavam, forrar duas brilhantes pesêtas—um capital!

—«Já posso estabelecer-me por minha conta!» —confirmou entre si, descozendo a costura da jaquêta onde trazia escondido o dinheiro.

E, indo ter com o mestre, annunciou-lhe:

—Vou estabelecer-me.

—Uma pensão vitalicia?

—Não senhor: uma officina ambulante de *taxolèro*.

—Ah! ah! Gabo-te o arrojo! Com que, então, já te suppões um sabio? Pois, amigo! Nada mais difficil do que executar o que feito pelos mais se nos afigura facil. Dize-me cá: viste alguma vez um trabalhador agricola deitar a semente á terra?

—Lá isso vi...

—E' escusado perguntar se te pareceu facil... Aquillo, cuidas tu, é tirar um punhado de grãos do avental e jogal-os pelo ar, encarregando o vento de os pousar onde fôr preciso. Ah! tambem na tua edade assim julgava! mas uma vez, que o meu avô andava a semear e o quiz imitar, apanhei uma coça do velhote, que não era para graças, e que, quando viu uma porção de semente estragada, deu por paus e por pedras. Ficou-me de escarmenta para nunca mais me metter a fazer aquillo de que não entenda. Ainda hoje, quando calha passar n'uma granja, pego n'uma mancheia de semente a vêr se consigo atiral-a pelo buraquinho do punho como fazia o meu avô: isso sim! Ou não sai nem grão ou atiro com todo elle junto, de roldão, que parece que estou a chegar milho a gallinhas ou a jogar o carnaval! Cada um no que foi creado, homem!...

—E' verdade isso, mas eu já dei a pratica...

—Que pratica, Angelo, que pratica? Umas tristes semanas!... Que queres tu ter aprendido? Sabes tanto de *taxolèro* como de relogios. Mas vae, vae ao teu destino; não quero que supponhas que te temo a concorrencia. Adeus. E que sejas feliz!...

Angelo, inflexivel nas suas decisões, gastou cento e vinte centimos n'uma fôrma, vinte centimos n'um primeiro fornecimento de taxas, sessenta n'um martello, tornando a intrometter nas duas grossuras da *sempre-dura*, que elle mesmo cozeu, a sobrevivente rodéla de prata.

Despediu-se, então, do patrão que retrocedia ao reencontro da clientella já creada, tomou, lealmente, rumo opposto para não ser accusado de concorrente, e, só quando presumiu que entre elle e o mestre já distava uma boa meia legua, é que lançou pela primeira vez, por sua conta, o pregão ufano da sua industria:

—*Ta... xo... lè... ro!*

O seu instincto de ganhão, laborioso e agenciador, o seu desvanecimento de se vêr exercendo uma profissão, a sua natural alegria de menino e moço davam a esse pregão a retumbancia victoriosa d'um clarim.

Era a marcha calorosa e excessiva da esperança, a symphonia d'uma vida que, cheia de frescura e de confiança, rompia os primeiros calhaus da pedreira dos trabalhos e das luctas...

Por onde passava, ás portas dos casaes assomava gente, os grupos de creançada que brincavam na estrada, ou nas eiras, estacavam, ao assalto intimativo d'aquella voz proclamadora, com um tremor de echo em cada syllaba:

—*Taaa... xo... lèèè... ro!*

E a canalhada meúda das aldeias, ao ouvir o pregão, cruzava a perna direita sobre o joelho esquerdo, a examinar se o calçado precisaria de protectores, para correr ás choças a lembrar ás familias o concerto, ou seguir atraz de Angelo, a arremedal-o n'um nasalado gaiato:

—*Tããã... xo... lèè... ro!*

Nos primeiros dias, quando o chamavam, Angelo sentia a falta de serenidade dos operadores novos, e mais do que da sua pouca experiencia receava elle da sua pouca edade, com a carita redonda dos seraphins da talha da Renascença, a que a freguezia podia não querer confiar a segurança e a fortaleza das suas chancas. Nos treze annos, porém, d'essa creança havia já uma tal reflexão, no seu olhar azul, virilisado pela orphandade, uma tal gravidade que a clientela se lhe offereceu e se lhe lançou nos braços, facil, como escravas no rastro d'um dominador.

Assim corria a vida e assim percorria as estradas da sua provincia, *Angelo, o taxolèro!*

Poupado como uma formiga, diligente como uma abelha, por muito pouco que grangeasse em cada dia, gastava sempre menos do que ganhava.

Cada kilometro transposto era um freguez a mais, uma migalha de pão que ficava assignalando as passadas do retorno.

Porque Angelo pensava em voltar, recapitular a freguezia, estabelecer a sua vida n'aquella corda de terra, reservando-se, monopolisando, como o mestre, uma zona de trabalho. Mas emquanto ia encontrando desimpedido o caminho, ia avançando, adiando sempre a volta, levado successivamente mais para diante por mãos que o chamavam para lhe dar a cardar umas chancas ou uns sapatos de serrano.

Andava já nas cercanias de Verin, quando uma miniatura de gitana—tez de mel virgem, cabellos d'um negro d'oxydo, o olhar em febre e inquieto de contrabandista perseguida,—gritou, n'essa voz dormente, registada ao sussurro d'aguas bafejadas pelo favor do sol:

— *Taxolèro!... niño!... venid!...* — e deu-lhe um par de sapatos de verniz, descosidos na vira.

Angelo considerou a encommenda assustado da responsabilidade; era a primeira obra delicada que lhe ia ter ás mãos. Quiz ainda recusar, mas o calor da mesma voz quebrou-lhe a timidez:

— Quando acabares deixa ali no pateo! Tenho que fazer. Toma, fica pago. Adeus! — e, com essa generosidade dos jogadores, dos contrabandistas e dos bandidos, de todos quantos ganham muito e arriscam mais, atirou-lhe uma pesêta.

Angelo olhou para a palma da mão e vendo luzir o disco tentador:

— «Uma pesêta!»

Ninguem lhe pagára jámais uma pesêta por uma cardadéla!... Até era bom ir-se dedicando a esse trabalho fino que, pelos geitos, deixava muito mais.

Pousou a móca que dera em trazer comsigo para os seus imprevistos de caminheiro, alliviou o costado do sacco e do guarda-sol de panninho, passou a cabeça por baixo da correia que á tiracólo segurava a fôrma ao hombro, saccou a ferramenta e começou a trabalhar.

A sua primeira idêa foi coser a gaspia com a linha que usava para pregar os botões do fato ou as costuras da jaqueta, seu seguro mealheiro. A agulha quebrava, a linha d'algodão, sem cêra sequer a induzi-la que a fizesse correr e resistir, partia.

Resolveu experimentar as taxas; e enfiando um dos sapatinhos de verniz na ponta aguçada da fôrma, segurando-a com a mão direita, com a esquerda tirou do bolso duas taxas, metteu uma entre os dentes, apontou a outra á gaspia e, zás! uma martellada. Pae do céo! o verniz rasgou como papel.

Outra taxa mais dentro para repuxar o cabedal e esconder o fracasso: peor!

Afflicto, a suar, Angelo atirou com a boina para o lado, e, sentado no chão, com a fôrma entre os joelhos, experimentou o outro sapato. O mesmo insuccesso, total, irremediavel, fulminante!

Desanimou, rendeu-se, abatido como se os demonios dos sapatos tivessem dentro d'elles um pé irado a carregar-lhe no cachaço.

Levantou-se lentamente, pegando em pêso n'aquella tremenda fatalidade.

E nada mais desolado, mais succumbido do que o gesto de Angelo, juntando aquelles dois caprichosos sapatos de mulher, pegando-lhes com a ponta dos dêdos, considerando um momento a deformidade a que os reduzira a sua incapacidade profissional, antes de os ir pousar, de mansinho, á porta da casa da cigana.

Apanhou do chão, atabalhoadamente, a mochila da ferramenta, o pau, o guarda-chuva e, mesmo a andar, foi enfiando pela cabeça a correia da fórma, pendurando do dorso a bagagem, ancioso de desapparecer, até que se sumiu por entre campos, agachado, como os assassinos.

Caminhou, caminhou, caminhou, com o anceio repêso de Abel, e o pavor da consciencia no encalço... Mas, desorientado, quanto mais andava, mais se internava no ramo da parabola opposto áquelle em que encontraria Verin, a redempção, a fronteira de Chaves! Elle, que tanta legoa devorára para se distanciar donde podesse topar a pluma d'um capacête, demandava agora, como uma aspiração, uma praça d'armas, uma terra de dragões e epopeias!

Quanto mais longe cuidava estar, mais perto via luzir os sapatos da cigana escancarando para elle os boqueirões disformes, como a querê-lo tragar. E assim que o cansaço e a noite cerrada deram com o corpito do *taxolèro* no chão d'um souto, Angelo julgou ouvir o *mestre* recrimina-lo:

— «Que te dizia eu, meu sabio das duzias? Sabes tanto de *taxolèro* como de relogios! Olha a semente, vê se és capaz de a atirar como o avô!»

Ao acordar já dealbava.

Sobresaltado, orientou-se para retomar a marcha, arrastando, com as munições da sua vida errante e as inquietações da vespera, este outro pesadello, mais angustioso e mais atroz:

— «A fronteira! como passaria elle a fronteira! E se as duas pernas não alcançavam as extremidades dos dois Reinos?...»

Punha-se, então, a observar as proprias passadas, fazendo por as alargar, exercitando-se, preparando-se para devorar a linha da raia.

— «Sim, porque Hespanha e Portugal deviam de estar separadas por um cavado fôsso e, naturalmente, passar a fronteira era perigoso, difficil!... De tanta gente ouvira contar que fôra presa na fronteira!... Decerto, transpôl-a devia ser consideravel...»

A luz já revellava uma paizagem côr de esperança.

Reverdecia setembro, mez pagão, gravido de môstos e de súmmos.

Com o alvorecer d'esse dia entrou a fronteira trasmontana a vida alvorocente do emigrante; duas auroras, duas esperanças, tocadas do mesmo raio de sol!

E, apesar de exausto da marcha offegante e sobresaltada, foi com commoção que Angelo deu essa primeira passada em terra estranha, continuando a caminhar voluptuosamente, surpreso e enternecido de que a terra se continuasse fraternalmente, de que tudo, terras de Hespanha e terras de Portugal, tudo fosse a mesma terra dada ao Homem!

VILLA REAL — TORRE DE QUINTELLA

ULTIMA CORRIDA

DE

Gallos em Alijó

A TRADIÇÃO já sabia que, ao reabrir-se a escola depois das ferias de Natal, o «senhor professor» tirava a sua usual pelle de tyranno para vestir a tunica complacente da bondade.

Se até ahi fuzilava a sua gravidade e rispidez de mestre escóla, qualidades essas abonadas com uma fama de saber *puchar* os rapazes, cujo prototypo na especialidade de *puchar* era o *Pito*, de Villa Real, e que todos os collegas contemporaneos ambicionavam imitar— d'essas ferias de Natal ao Entrudo, o senhor Germano, desfazia-se em blandicias para os rapazes. É que elle bem sabia, de experiencia segura, que faltas de benevolencia por esse tempo, podiam resultar n'alguns galaroses a menos, que esperava em domingo gordo, para quebrar a sua abstinencia de carne a que a negra missão de professor primario o forçava.

Esse antegosto da quebra do jejum punha-lhe doçuras até'li desusadas, e a tal ponto, que já nem para os distrahidos dizia: «... estes piratas que estão sempre a olhar para os abysmos...» Isso sim! Era de mel!

N'esse tempo o supremo saber na escola abitolava-se pelos conhecimentos de historia sagrada; e, rapaz que explicasse a vida do casto José, resistindo ás seducções da mulher de Putiphar, e que descrevesse o tocante achado do menino Moysés, boiando no cestinho nas aguas do Nilo, pela filha de Pharaó—era, indiscutivelmente, reputação feita, não só entre a população da escola mas até nas povoações em redor. N'essa quadra do anno, porém, podiam a quarta e terceira classes—unicas que estudavam assumptos tão transcendentes—ser o mais anachronicas, falseando a verdade do texto biblico, que o senhor Germano não tinha uma palavra de reprovação. Era um veludo!

Essas classes, com os decuriões á frente, no que então se occupavam com mais ardôr era na colheita

A casa da Escola de Alijó em 1869 (Cliché do ex.mo snr. Arthur Botelho)

de donativos para a corrida do gallo. Importavam-se lá bem, os rapazes, com o sonho das sete vaccas magras e outras tantas vaccas gordas, que o Pharaó teve lá no Egypto!...

O que elles queriam era que a subscripção fosse gorda do que dependia inquestionavelmente o brilho da *funcção*, avaliando-se por aqui a importancia d'este preliminar.

Depois da subscripção feita, havia a distribuição dos papeis, pelos figurantes, segundo as suas *aptidões*, as quaes eram avaliadas para o caso pelo seu valor em réis, com que cada um se esportulava.

Parece que hoje, como então, ainda é de uso essa pedra de toque para aferir da aptidão de cada um.

Ora foi por estas razões, expressas n'esse anno por sete pintos, (!) que, o nosso condiscipulo Zé da Moreira, *provou* mais uma vez estar super-apto para desempenhar ainda n'aquelle anno o ambicionado papel de capitão — como o de mais brilho e de difficuldades n'essa tragedia de domingo gordo.

Sete pintos!!! Qual o *Cagaçal* d'então que lhe podia deitar a barra adiante? Só elle, o finorio, que nos intervallos da escola tinha na venda do seu pae — o Bonifacio — partilha oculta nas vellas de cêbo e nas taxas suecias, que ia vendendo aos freguezes, embora, depois da festa, o Bonifacio fizesse contas com o socio de seus lucros, lançando-lhe a debito dos lombos uma valente cóça com o rabeiro do mácho, préviamente demolhado na cêlha do vinho que vendia aos freguezes. Que significava porém uma cóça, em que o couro já ia de mais a mais embebido no remedio para os vergões, perante a magestade d'aquelle papel de capitão cujo brilho ainda causaria inveja a gerações futuras! Ou bem que somos ou bem que não somos.

Papeis distribuidos, segundo os referidos processos, vinham os ensaios em que o mestre escola o era tambem de declamação. E então era vêr a nossa admiração por aquelle profundo saber, traduzida por longos ohs! e ahs! quando o professor, a meio da sala, olhos no tecto, onde imaginariamente se encontrava o gallo, e com um vigor de voz que dava a impressão de que realmente já o tinha comido — elle ia emphaticamente, com intonações solemnes no fim de cada verso, dizendo o papel de cada um, para que o imitassem.

Lá ia o ensaio até o fim, não sem grandes datas de «burros» e «camellos», sem que isso fizesse perder a nossos olhos a linha de benevolencia do professor, por serem expressões das mais suaves que continha o seu reportorio de castigos para a nossa ignorancia.

Ao approximar-se domingo gordo indispensavel era, cada um, estar munido de sua espada.

Das suas relações e das suas pernas se valiam os rapazes, correndo o concelho em busca de catanas que, em breve, brilhariam ao sol do glorioso dia.

A actual Escola de Alijó — (Cliché do snr. Antonio Augusto Corrêa)

Já de antemão se conheciam esses providos arsenaes: na casa dos Veigas do Castedo onde houvera um caudilho *patuléa* — havia muitas; em Sanfins e Soutelinho, terras de alferes, *malhados* e capitães de milicias, havia bastantes; e então em Favaios, nas casas dos fidalgos *migueis* — não se falla!...

Mas não obstante o cuidado com que esses atributos mavorticos eram guardados nas arcas, como sagradas recordações d'essas familias trasmontanas, a ferrugem era tanta que, se não conseguia empanar o seu brilho glorioso — tão grande elle seria! — pelo menos empanava o seu brilho metallico, que para nós era tudo.

Que remedio senão convertermo-nos em Alfagemes?... E esse rego que atravessa a villa, elle viu, por horas, o nosso afan em polir essas armas embolatadas em areia e terra — esmeril o mais precioso que então conheciamos.

Que espadas tão diversas n'esse fio d'agua se espoiam! Não faltava a da Restauração, lamina hespanhola, direita, guardas em tigela de ferro; a recurvada como folha de seitoira, da cavallaria napoleonica; o *quitó dos peraltas* de D. Maria; o espadagão dos dragões de Chaves do Silveira; o espadim de D. Miguel; a espada preta, delgada e longa como espêto de convento; não raro a flamula com a sua lamina tremida como a do archanjo S. Gabriel; talvez a de Nun'Alvares, a de Alvaro Paes, quem sabe?...

*

Emfim!

Tudo prompto! Sabbado.

Qual de nós dormiria n'essa noite?

Eu não dormi.

Domingo; 10 horas. O carro dos padecentes estaciona á porta da escola — carro de duas rodas enfeitado a buxo, que o João Castelhano tinha carpinteirado, de vespera, com tres arcos de pipa e quatro ripas.

Croquis reconstituindo um episodio da corrida do gallo—(Desenho do snr. Christiano de Carvalho)

Soldados do meu commando
Passeai e andai álerta
Que com a morte d'este gallo
Principia a nossa festa.

Pouco se perderia com a falta de clareza, por causa dos criticos que haveria entre os ouvintes. O diabo é que as outras quadras afinavam pelo mesmo primôr artistico.

O capitão, depois de refeito do embaraço, lá seguia conforme as lições do ensaiador, gesto largo, espada na dextra, fazendo as delicias do publico, até que deu a palavra ao

Accusador que, sinistro no aspecto, iracundo, desfiava um longo libello accusatorio, até que n'uma invectiva que, logicamente, se não podia dirigir a um capão, elle profere:

D'um arco que nascia do eixo das rodas e se elevava como portico romanico, iam pendurados seis gallos; como remate a esse arco a palmatoria, erecta e ameaçadora para nós, como um *memento:* lembra-te rapaz que vens da palmatoria e para a palmatoria voltarás.

Formou-se a guarda ao carro, o capitão commandou suas hostes d'espadas nuas, penachos ao vento, em desfile para a casa de *cima,* por onde n'esse anno principiava a corrida, segundo determinação prévia do mestre.

Para *cima* queria dizer a casa dos Pintos; se fosse para *baixo* seria a casa dos Barbosas.

Não seria sem custo para o coração do professor quando preferiu a corrida pela casa de *cima,* e pouco se importava elle com essa designação que lhe dava a sua topographia em relação á outra casa; mas é que essa casa dos Pintos, estava n'esse anno de 69, realmente de *cima* na politica, porque estava no ministerio o Avila. Se em vez d'este estivesse o ministerio Loulé—então a casa de *baixo* passava a estar de *cima* para todos os effeitos e até para as premicias da corrida do gallo, com grande aprasimento do senhor Germano.

Muito se aprendia nas escolas!...

Mas vamos á corrida.

Sacadas e janellas dos Pintos já estavam cheias de quanto havia de melhor nas redondezas; em baixo, o largo, tambem cheio, e tudo com uma avidez de espectaculo de sangue como no circo de Nero.

Desembocou o cortejo, abriu alas: defensores a um lado, accusadores ao outro; carro ao centro, capitão ao cimo. No ar já uma corda diagonava de uma janella á outra, como patibulo bamboleante onde um gallo—elle tão altivo! tão orgulhoso!—agora estava na posição ignominiosa, de pernas para o ar, aguardando o julgamento.

O capitão pigarreou, teve o nó na garganta proprio dos grandes actos, tentou lubrifical-a com saliva, mas a saliva faltou, e pouco clara, amaravalhada, sahiu a primeira quadra da *ouverture:*

Quantas vezes te disse:
«Tu, gallo, não sejas mau»?
Mas chegavas-te ás gallinhas
E fazias-lhe o *catatau!*...

Eu não sei que poder de magia tinha este ultimo verso no auditorio para elle romper no que hoje se chama—a piada—a ponto de interromper o orador por muito tempo.

Aquelle *catatau* dava no gotto!

Era preciso que se insistisse na voz de *silancio! silancio!* para elle continuar. E continuou até chegar a vez ao

Defensor, lacrimoso, gemebundo, exhortando o tribunal de sangue a não commetter o gallinicideo. De joelhos, suplice, implorava:

.... Capitão
Do desgraçado tende compaixão.

E mal se levantava d'aquella genuflexão, atirava com gana uma cutilada ao pobre gallo.

Não sei se algum dos bellicosos rapazes de então, hoje passados 40 annos sobre os «sangrentos» acontecimentos, sente remorsos da ferocidade com que atassalhou os pobres bichos, que, no fim da corrida, eram levados, exangues e amortalhados entre manhuças de salpicões e linguiças, n'aquelle carro florido, á satisfação da gula do nosso mestre. Não sei.

Mas se se perguntar a qualquer dos que ainda vivem como: o Visconde d'Alijó, P.e Augusto Martins, Guilherme Vilella, Joaquim Rufino, José Corrêa, dr. José Martins, Bernardo Lopes, Francisco Mansilha, Gaspar Diniz, se sentem uma saudade profunda por um outro gallo que depois d'aquelles já morreu tambem, e que era como elles de plumagem dourada, vigoroso e brilhante, alegre e valoroso—elles dirão que sim. Esse gallo era a nossa mocidade; morreu. Não resuscitará jámais!

Para nós todos porém—que hoje comprehendemos a melancolia dos poentes raiava, então, uma manhã soalheira.

E,—a mocidade póde ter generosidades, mas não tem enternecimentos—, nenhum de nós, com certeza, se apiedou dos galliscos, apartados para a corrida. Sobretudo n'esse momento em que era chegada a scena de mais effeito na tragedia.

No calor dos debates um dos defensores agride o capitão, de espada em riste, acudindo os seus leaes soldados a defendel-o.

As espadas n'um momento de generosa disciplina cobrem a cabeça do chefe em perigo. Quadro bonito, de effeito certo!...

Mas n'estes casos, nunca o artista conta com o imprevisto, e o imprevisto foi o que alli surgiu na figura tetrica, e sedenta de vingança, do pae Bonifacio, que tinha dado, momentos antes na sua loja, pela falta dos pintos com que seu filho conquistára o brilhante posto que alli representava.

Oh gloria de mandar, oh vã cubiça!

Não esteve com contemplações com a solemnidade do acto; agarrou logo no rabeiro do macho, que sempre estava de môlho, e, como um gáucho que vae laçar a rez, elle cresce para o filho: «Ah! cão que me roubaste um *rôr* de pintos!...»

*

Julgo-me incapaz de descrever a impressão de pavor que passou por mim e por todo aquelle bando de mocidade, perante a sinistra e vingadora figura do Bonifacio.

Chegaram a formar-se partidos pelo pae e pelo filho, e, se não é a intervenção pacifica do dono da Casa de *cima*—o bom Joaquim Pinto,—aquelle bando, que tinha por mister exterminar gallos, muitos gallos teria feito na eminente refrega.

«Não as perdes, braganáu!»—foram as ultimas ameaçadoras palavras, proferidas pelo Bonifacio, ao retirar.

Continuou a corrida para outros lugares, mas no seu seio já levava o germen do seu aniquilamento. Seria a ultima.

*

Ao invez da de Salvaterra de Magos, em que o marquez de Marialva desce á arena para vingar, n'um toiro, a morte do filho querido—aqui, um pae, vem á arena para vingar em seu filho a morte de sete pintos!!!

Alli terminaram as corridas de toiros; aqui terminaram as corridas de gallos!

Effeitos semelhantes por causas tão diversas!...

Alijó, fevereiro 1909.

TORQUATO DE MAGALHÃES.

— INQUERITO —

(CONTINUAÇÃO)

Das Religiosas na forma sobredita

Nomes das Terras	Conventos	Ordens	Fundaçoes	Religiosas	Seculares	Moças: Da Communidade	Moças: Particulares	Renda	Dotes
Vinhaes	St.ª Clara	Franciscanas	1664	31	9	11	19	356000	500000

Relação das Pessoas nascidas, e fallecidas em toda a Comarca nos annos indicados, com declaração dos que não chegarão ãidade de Communhão, e do accresçimo que teve a população — »

Annos	Nasçidos		Falleçidos		Sem id.e de Com.am		Aug.mta a pop.am
1768 1769	Homens	2659	Homens	1613	Meninos	568	»
1770	Ao todo						966
1771 1772	Mulheres	2536	Mulheres	1460	Meninas	579	
»	Somma	5195		3082			

Annos	Nasçidos		Falleçidos		Sem id.e de Com.am		Aug.mta a pop.am
1788 1789	Homens	2579	Homens	1538	Meninos	540	»
1790	Ao todo						900
1791 1792	Mulheres	2758	Mulheres	1674	Meninas	685	»
»	Somma	5337		3212		1225	»

Dizimos

Renderão os Dizimos de toda a Comarca no anno de 1792 — em que se fez o calculo 42:143800 »

E o total rendimento da Comarca ——— 421:438000 »

Carta Corografica da existente População das Cidades, e Villas da Comarca de Miranda

Distancia á cabeça da Comarca		Fogos	Almas	Homens	Mulheres	Ecclesiasticos Seculares	Regulares	Freiras	Seculares	Pessoas Literarias	Sem occupação	Negociantes	Cirurgiões	Barbeiros	Boticarios	Lavradores	Jornaleiros	Fabricantes de seda	Fabricantes de lã	Fabricantes de Courama	Alfaiates	Sapateiros	Carpinteiros	Pedreiros	Ferreiros	Ferradores	Chapeleiros	Almocreves	Pintores	Louçeiros	Molleiros	Pastores	Creados	Creadas
	Miranda	2040	7259	3606	3653	72	14	»	»	8	146	11	8	»	2	1194	218	»	80	»	68	64	42	8	31	8	»			»		90	138	123
4	Algozo	880	3261	1660	1601	42	4	»	»	5	33	13	»	5	»	490	159	»	38	»	10	41	14	5	19	»	»			»	11	63	61	70
7	Azinhozo	80	243	117	126	4	»	»	»	1	7	4	2	»	»	32	13	»	»	»	2	5	3	»	»	»	»	5	»	»	2	»	4	6
5	Bemposta	467	1525	818	707	6	»	»	»	»	7	»	3	1	»	292	64	»	»	»	2	14	»	9	8	»	»		»	33	»	»	31	12
7	Fiulde, e Caroçêdo	55	183	97	86	6	»	»	»	»	»	»	»	1	»	19	11	»	»	»	2	2	»	»	»	»	»	»	»	»	»	5	7	7
7	Frieira	23	94	46	48	1	»	»	»	»	2	»	»	»	»	20	2	»	»	»	»	»	»	»	»	»	»	1	»	»	»	2	2	3
7	Mogadouro	1630	5641	2761	2880	51	12	»	»	3	41	»	7	8	1	621	367	»	»	11	40	77	45	10	18	3	»	33	»	»	»	78	121	99
13	Paço	252	1027	496	531	6	»	»	»	2	30	»	2	3	»	75	43	»	»	»	9	2	1	»	2	»	»		1	»	»	»	24	38
6	Penna Roias	421	1781	850	931	17	»	»	»	1	15	»	»	»	»	259	96	»	»	»	15	19	16	5	12	»	2		»	»		37	42	37
9	Rebordainhos	50	276	137	139	2	»	»	»	»	»	»	»	»	»	34	8	»	»	»	1	2	1	1	»	»	»	»		»		2	5	6
7	Sançeris	30	136	66	70	1	»	»	»	»	»	»	»	»	»	24	1	»	»	»	1	2	»	»	»	»	»	»		»		1	1	2
18	Villar secco de Lomba	542	2146	1013	1133	26	»	»	»	3	31	»	5	»	»	335	209	»	»	»	16	16	28	10	2	»	»			»	8	44	60	53
13	Vinhaes	1422	5873	2787	3086	69	23	31	9	5	148	12	5	3	3	594	373	34	4	»	38	29	33	14	13	6	»		»		2	60	85	116
»	Somma	7892	29445	14454	14991	303	53	31	9	28	460	40	32	21	6	3989	1564	34	122	11	204	273	185	62	105	17	2	39	1	33	23	382	581	572

Comarca de Moncorvo

Tem esta Comarca vinte Villas, cento sessenta e tres freguezias, quatorze mil quatro centos quarenta e seis fogos, e cincoenta e huma mil seis centas e onze Almas, foi muito extença segundo a tradição que hã, porem oje somente tem dezesseis Legoas de comprido de Norte ã Sul, e quasi outro tanto de Leste a Oeste, Confina pelo Nasçente com a Comarca de Miranda, Poente Villa Real, Norte com o Reino de Galliza, e parte do Termo de Bragança, e do Sul com o Rio Douro.

O seu Clima em geral hẽ temperado, mas como hẽ montuoza, e dilatada, fas mudança conforme asituação, e por isso não deixa de ter algumas muito dezabridas em ambas as estações, produz toda a qualidade de Fructos, pois tem para elles terras admiraveis, sendo as mais notaveis a do grande Campo de Vellariça, que hẽ inundado pelo Rio Sabor, e as Canameiras de Mirandella, e Carvalhaes. Colhe azeite em abundançia, Linhos Canhamos, Mouriscos, e gallegos, assim como tambem fructas preciosas, tem abundancia de gados de toda a qualidade, e bôas Lãas.

Moncorvo

Hẽ constante que esta Villa se fundou das ruinas da Villa de Santa Cruz, que tinha oseu acento entre o Rio Sabor, e Ribeira de Vellariça, e oje estã situada na fralda do monte Reboredo entre os Rios Douro, e Sabor em distancia de huma Legoa ã cada hum delles.

Sua fundação hẽ do Snr. D. Sancho 2.º de mil duzentos, e dezesseis, pertençe ã Real Coroa, dista da Capital do Reino sessenta e huma Legoas, foi circuitada de muros, e tem um castello de cantaria em forma quadrada com duas torres, quatro cortinas, e dous baluartes redondos do qual hẽ Alcaide Mor o Conde de Sampaio, tem hum sumptuoso Templo construido de cantaria por dentro e por fora levantado em columnas, donde hẽ a freguezia, e Collegiada de N. Snr.ª de Assumpção, tem de rendimento esta Igreja trezentos mil reis o que proçede das terras que desfruta sitas na ribeira da Vellariça, hã um convento de Religiosos Capuchos fundado em 1569, – hum Recolhimento de que a Camara hẽ Padroeira fundado em 1665. Casa de Mizericordia com a renda de – 170000 – Hum Hospital do Padroado Real denominado do Espirito Santo que administra o Provedor da Comarca, e de seu rendimento se applicão tres partes para a despeza do mesmo, e a quarta para D. Brites Severina da Cidade de Lisboa, tem Corregedor, Provedor, Juiz de Fõra, Vigario Geral posto pelo Arcebispo de Braga, a quem esta Villa pertence pelo Ecclesiastico, hẽ Cabeça de hum Regimento de Miliçias, tem Capitão Mor, Sargento Mor, e çinco Companhias de Ordenanças, – seu Foral hẽ do Snr. D. Manoel de 1512 – »

Mappa dos Conventos de Religiosos da Comarca de Moncorvo, suas ordens, fundações, rendimentos, e o numero de Almas de que se compoem

Terras	Conventos	Ordens	Fundação	N.º de Religiosos	Leigos	Donatos	Moços	Renda certa	Renda incerta
Chacim	N. Snr.ª de Balsemão	Marianos Polacos	1732	– 14 –	– 6 –	– 2 –	– 3 –	100000	600000
Freixo d'Espada á Cinta	S. Filippe Neri	Congregação do Oratorio	1673	13	3	»	4	900000	– » –
Louza	N. Snr.ª dos Remedios	Santiss.ª Trindade	1474	7	1	»	2	300000	— » —
Mirandella	Santiss.ª Trind.e descalços	– » –	1718	11	5	2	3	50000	7100000
Moncorvo	S. Franc.º	Capuchos da Conc.am	1569	13	6	4	2	– » –	620000
Sezulfe	N. Snr.ª das Flores	Terc.os de S. Franc.º	1690	12	4	2	2	300850	50000
Villaflor	Hospicio d' N. S.ra d'Assumpção	Fran.cos da 3.ª ordem do dezagravo	1791	– » –	2	– » –	– » –	– » –	»
Somma	»	– » –	– » –	70	27	10	16	1:650850	1:980000

Relação das Pessoas nasçidas, e falleçidas em toda a Provincia (1) *nos annos indicados, com declaração dos que não chegarão aidade de Communhão e do accresçimo da população.*

Annos	Nasçidos		Falleçidos		— Sem id.e de Com.am		Aug.mta a pop.am	
1768 1769	Homens	3903	Homens	1995	Meninos	900	» —	» —
1770 Ao todo	— »		— » —	- » —	— » —	· » —	— » ·	1836
1771 1772	Mulheres	3677	Mulheres	1946	Meninas	903	— »	— »
Somma		7580	— » —	3941	— »	1803	— » —	— »

(1) Aqui ha naturalmente lapso do A. Deve ser – de *toda a comarca*, e não de toda a provincia, a relação apresentada, o que condiz com outros mappas identicos de cada comarca.

Annos	Nasçidos	—	Falleçidos	—	Sem id.e de Com.am		Aug.mta a pop.am	
1788 1789	Homens	4494	Homens	2403	Meninos	1055	— » ·	— » —
1790 Ao todo	— »		· » —	— » ·	— » —	»	— »	1894
1791 1792	Mulheres	4138	Mulheres	2259	Meninas	1021	— » —	— »
Somma		8632	— »	4662	— » ·	2076	— » —	— » ·

Descripção Corografica da existente População das Villas da Comarca de Moncorvo

Distancia a cabeça da Comarca	Villas	Fogos	Almas	Homens	Mulheres	Ecclesiasticos Seculares	Ecclesiasticos Regulares	Recolhidas	Pessoas literarias	Sem occupação	Negoçiantes	Cirurgiões	Barbeiros	Boticarios
	Moncorvo	1755	6530	3228	3302	59	19	15	8	72	12	5	20	3
9	Agoa Reves	135	550	281	269	6		»	»	5	»	1	»	
4	Alfandega da Fé	1236	4687	2275	2412	56		»	3	64	25	2	6	3
4	Carrazeda de Ançiães	1692	6172	2921	3251	44		»	10	188	11	3	9	1
7	Chacim	220	849	439	410	10	20	»	4	5	»	»	2	1
7	Corticos	141	510	299	441	5		»	»	3	»	1	1	
6	Crasto Vicente	823	3047	1513	1534	47		»	4	41	»	6	»	
5	Frechas	131	427	224	303	3		»	1	3	2	1	2	
5	Freixo de espada á Cinta	943	3267	1602	1665	17	20	»	4	29	4	3	2	2
6	Mirandella	1888	6081	3075	3006	54	16	»	12	124	29	8	19	4
12	Monforte de Rio livre	2145	7191	3504	3687	62		»	6	185	4	12	17	3
2	Mez	334	1325	651	674	10		»	2	3	3	»	4	
9	Pinho Velho	21	71	35	36	1		»	»	2	»	»	»	
3	Sampaio	98	325	151	174	5		»	»	7	»	»	1	
9	Sezulfe	60	164	94	70	1	16	»	»	»	»	»	2	
9	Torre de Donna Chama	712	2080	1391	1289	17		»	3	41	6	4	4	2
7	Valdams	97	362	170	192	1		»	»	6	»	»	»	
4	Villasboas	234	934	483	451	8		»	»	13	»	1	1	1
3	Villaflor	854	3083	1588	1495	38	2	»	6	53	51	3	6	3
3	Villarinho da Castanheira	927	3326	1760	1566	19	8	»	8	66	17	5	3	1
	Somma	11446	51611	25684	25927	463	101	15	71	910	164	55	90	24

Villas	Lavradores	Jornaleiros	Fabricantes de seda	Fabricantes de Lãa	Fabricantes de ferro	Alfaiates	Sapateiros	Carpinteiros	Pedreiros	Ferreiros	Ferradores	Chapeleiros	Almocreves	Pintores
Moncorvo	773	485	»	»	»	40	55	24	24	20	9		»	1
Agoa Reves	75	30	»	»	»	5	2	7	»	»	»		3	»
Alfandega da Fé	369	306	»	217	»	30	33	15	8	11	4		»	»
Carrazeda de Ançiães	731	738	»		»	45	32	70	14	4	7		»	»
Chacim	39	25	54		»	6	11	7	2	5	1		3	»
Corticos	46	19	»		»	1	7	»	»	1	»	»	»	»
Crasto Vicente	232	200	»		»	25	24	17	4	13	1		5	»
Frechas	26	24	»		»	3	5	5	»	1	»		»	»
Freixo de espada á Cinta	258	221	»		»	26	29	8	»	13	2	16	»	»
Mirandella	451	383	»		»	46	35	17	2	9	7	»	»	1
Monforte de Rio livre	1441	264	»		»	81	35	49	2	20	3		10	»
Mez	107	57	»		2	5	7	3	1	2	1		8	»
Pinho Velho	4	3	»		»	1	1	1	1	»	»		»	»
Sampaio	40	30	»		»	2	1	1	4	1	»	»	»	»
Sezulfe	2	25	»		»	2	2	1	1	»	»		»	»
Torre de Donna Chama	290	149	»		»	24	20	7	14	4	5	1	7	»
Valdams	25	6	»		»	1	2	1	»	1	»		»	»
Villasboas	92	144	»		»	7	5	4	»	3	»	»	»	»
Villaflor	232	222	»		»	29	30	3	»	5	5		»	1
Villarinho da Castanheira	213	509	»		»	28	21	24	14	6	3		»	1
Somma	5482	3840	54	217	2	411	357	204	87	119	48	17	36	4

Villas	Louçeiros	Molleiros	Cardadores	Barqueiros	Pentieiros	Cerieiros	Selleiros	Caldeireiros	Cordoeiros	Soqueiros	Pastores	Creados	Creadas
Moncorvo	20	43		»	»	»	»	»	8		»	96	73
Agoa Reves	»	»		»	»	»	»	»	»		7	6	10
Alfandega da Fé	»	»	77	»	»	»	»	»	»		36	146	68
Carrazeda de Ançiães	»	»	14	»	»	»	»	»	»		169	157	92
Chacim	»	»		»	»	»	»	»	»		6	37	18
Corticos	»	»		»	»	»	»	»	»		»	27	9
Crasto Vicente	»	27	34	»	»	»	»	»	»		21	77	23
Frechas	»	4		1	»	»	»	»	»		12	10	9
Freixo de espada á Cinta	»	»		»	11	»	»	»	»		»	48	42
Mirandella	»	12		»	»	6	2	»	»		152	133	123
Monforte de Rio livre	2	7		»	»	»	»	»	»	24	48	80	74
Mez	»	2	7	»	»	»	»	»	»		56	7	5
Pinho Velho	»	»		»	»	»	»	»	»		1	3	2
Sampaio	»	»		»	»	»	»	»	»		7	7	8
Sezulfe	»	»	2	»	»	»	»	1	»		»	16	4
Torre de Donna Chama	»	»		»	»	»	»	»	»		»	56	47
Valdams	»	»		»	»	»	»	»	»		»	4	2
Villasboas	»	2		»	»	»	»	»	»		»	37	16
Villaflor	»	6		»	»	2	»	»	»		25	134	87
Villarinho da Castanheira	»	2		»	»	»	»	»	»		»	50	35
Somma	22	105	134	1	11	8	2	1	8	24	540	1131	747

Dizimos

Renderam os dizimos de toda a Comarca no anno de 1792 — ——— » 65:173268—

E o total rendimento da Comarca 651:732680

Philologia Trasmontana

II

UM DIALECTO TRASMONTANO

O RIO D'ONORENSE

O PRIMEIRO DIA DE ESCOLA

Eran passaos dous messes depoeis que salia dal scoela da maestra Guilhermina.

Iella iera bô, alegre e mueito amiga dos soua estudiantes.

Brincaba mueito cun nós, trabaiando siempre para nós, de dia e de nueite. De dia, ensinhando-nos; de nueite, preparando las noestras escriptas e coentas.

Mieu paè, un dia dixo-me: — Alberto, iá stás crecido e, por esso, vás a deixar a tua maestra; alhá desso, necessitas aprender más do que aquello que ellá te poede ensenhár.

Eu colorei e tubo pena.

Sali, contra mieu gusto, dal scoela e, desde al fein dal mês de outubro, nontornei alá.

Passei dous messes em nuessa casa, que etá n'al campo, mirando cum pessar, paral xardim, despido de flores, e pás arbores dál bosque, desnudadas de fueias. Tenia saludades dos passaricos. Contodo brincaba mueito, staba alegro e contento, porque ouia a cada ratico la voze de mia máe.

A bida alegro, que iou passaba em cassa, fizo-me olbidar a mia maestra.

Al dia 7 de xaneiro eutrei para nueva scoela.

Mieu paè acompanhou-me stá lá.

Iera al primeiro dia de scoela despoeis de las bacantes de la Nabidá, e, por isso, al dia destináo para entrada dos noevos estudiantes.

Gustei mueito da lá encontrar al Xoãn e al Augusto Camacho, que hubian siu mieus companheiros na scoela de la maestra Guilhermina e de los quales ieu iéra mueito amigo.

Entrorum mueitos ninos n'este dia e al scoela tenia mas de cientu e cincoentu studiantes.

Ieu dibu mueito triste e contruriáo.

Habia mueita difficulda eu subir as escaleiras dal scoela, tal iéra la affluencia de perssões que subien e baixaban, nas alegres e riendo-se, outras tristes e lhorando.

Iéra grande a buia que fazian.

Mieu paè, al apartar-se de mi, despueis de me haber entregáo al director, dixo-me: — Alberto, coraxe! Necessitas aprender, respeita a los teus maestros, sê amigo d'elheos e acuerda-te siempre que todo quanto te digan ié para tou biên e ca sua preocupacion ié solo al tou futuro.

Mieu paẽ saliu e ou quedei más triste ainda.

Acordabasse-me dal canpo e de los mieus brinquedos e parecia-me que ouia a cada instante a voze de mia máe.

Acordaba-me tambien da mie maestra, dos sous carinhos, da sue bondá e dos sous rissos, tan alegre, e bia bien como todo iéra differente.

Esta scoela non me parecia tão bonita, como aquelha donde habia salido.

Al nuesso director ié alto, ussa de la barba toda, que xá stá rucia, la cabeça siempre lhebantada, nirar bibo é penetrante, e la sue voze és fuerte mas agradabele; mira-nos a todos e nó se rie pa nos otros, más al sou mirar no mos caussa miedo.

A la hora de la sahida, era mie máe quien me esperaba.

Me bio triste e se riou diciendo-me: - Entonces, Alberto, que ei esso? Coraxe! Bien sabes que ió serei em cassa la tue companheira, estudiaremos las liciones guntos.

Beixei a mie máe e pariciou-me que un grande pesso me cahia de las costilhas.

VERSÃO

Eram passados dois mezes depois que sahi da escola da mestra Guilhermina.

Ella era boa, alegre e muito amiga dos seus discipulos.

Brincava muito comnosco, trabalhando sempre para nós, de dia e de noite. De dia, ensinando-nos; de noite, preparando as nossas escriptas e contas.

Meu pae, um dia, disse-me — Alberto, já estás crescido e, por isso vaes deixar a tua mestra; além d'isso, precisas aprender mais do que aquillo que ella te póde ensinar.

Eu corei e tive pena.

Sahi, effectivamente, da escola e, desde o fim do mez de outubro, não voltei lá.

Passei dois mezes em nossa casa, que é no campo, olhando com pezar para o jardim, despido de flores, e para as arvores do bosque, despidas de folhas. Tinha saudades dos passarinhos. Comtudo, brincava muito, estava alegre e contente, porque ouvia a cada instante a voz de minha mãe.

A vida alegre, que eu passava em casa, fez-me esquecer a minha mestra.

No dia 7 de janeiro entrei para a nova escola.

Meu pae acompanhou-me até lá.

Era o primeiro dia de aula depois das ferias do Natal, e, portanto, o dia destinado para a entrada dos novos alumnos.

Gostei muito de lá encontrar o João e o Augusto Camacho, que tinham sido nossos companheiros na escola da mestra Guilhermina, e dos quaes era muito amigo.

Entraram muitos meninos n'este dia e a escola tinha mais de 150 alumnos.

Eu ia muito triste e contrariado.

Havia difficuldade em subir as escadas da escola, tal era a affluencia de pessoas que subiam e desciam, umas alegres e risonhas, outras, tristes e chorosas. Era grande o barulho que faziam.

Meu pae, ao separar-se de mim, depois de me ter entregado ao director, disse-me:—Alberto, coragem! Precisas aprender, respeita os teus mestres, sê amigo d'elles e lembra-te sempre que tudo quanto te disserem é para teu bem e que a sua preoccupação é só o teu futuro.

Meu pae sahiu e eu fiquei mais triste ainda. Lembrava-me do campo e dos meus brinquedos e parecia-me que ouvia a cada momento a voz de minha mãe.

Recordava-me tambem da minha mestra, das suas caricias, da sua bondade e do seu sorriso, tão alegre, e via bem como tudo era differente. Esta escola não me parecia tão bonita, como aquella d'onde sahira.

O nosso director é alto, usa a barba toda, que já está grisalha, cabeça sempre levantada, olhar vivo e penetrante, e a sua voz é forte, mas agradavel; fita-nos a todos e não se ri para nós, mas o seu olhar não nos causa medo.

A' hora da sahida, era minha mãe quem me esperava.

Viu-me triste e sorriu-se, dizendo-me:—Então, Alberto, que é isso? Coragem! Bem sabes que eu serei em casa a tua companheira, estudaremos as lições juntos.

Beijei minha mãe e pareceu-me que um grande pêso me sahia das costas.

Matheus Lopes
cujos 84 annos de idade foram a tradição oral que subsidiou o archivo d'este interessante dialecto

O NOSSO MESTRE

Sinto-me goie más saptisfeito. Fue classificado para la quarta classe. Beio que al nosso maestro nos aze cumprimentado a todos com mueito agrado e gosto de lo sorrisso de la bondá, que tráe algumas bezes en labios.

Todos los estudiantes de las outras classes, al passar por la nuestra, lo saludan. Estienden la cabeza para dientro de la puerta e dizen:—Boên dia, Senhor Nobrega.—Boên dia, Senhor Maestro.—Algunos entran, ban hablar com elle e la piertan las máos com mueita amistá, dando a entender tener pezar en degrar-lo. Be-se bien como todos son amigos de elle. Al noestro maestro conresponde siempre áquelhas saludaciones, mas mirando pouco para los que le cumprimientan. Ié novo aun, cara rapada, um póco triste, mas mucho esseiáo dal son bestin.

Fuei antiguo estudiante de la scoela, mueito distinto e mueito estimado por todos.

Al senhor director lo quier mueito. Pergunta figar-se en los nuestros nombres e los nuestros rostros, mirando-nos a todos uno por uno.

Principiou a dictarnos la priméra licion, que iéra un trecho classico dal senhor Alegandro Herculano, tiráo dal Eurico.

Passeaba, enquanto dictaba, parando de repente para mirar para nos ótros.

E nuno destos entreballos, enformou-se para uno estudiante que a gunta de nú, mui amarilho e mui fraquito, e, arrimando-se de elle, perguntou-le: Al ninho stá malo?—siente algua coussa? E tocou-le em la cara.

Ne este istante, un rapaze, que staba nos ultimos bancos, principiou a echar bolas de papel e una d'elhas acertou al maestro, que se bolbieu de prissa para traz.

Al nosso companheiro, se encolhou todo, enbergonzado, esperaba iá al castigo, quando al maestro, cercando-se al pié de elle, lhe dixo:—Esso no se [illegible] ió, espero que elle ninho nunca más haga seme[illegible]ante accion—e continuou a dictar.

No fim de la lecion sintou-se en le sue tambo[illegible] grande, que queda gunta a la messa en que [illegible]baga, alhá a riba en el ultimo ex la sala, e digo[illegible]s com voze moderada:—El mi maior dessêo és que este tiempo que los ninhos tienen de passar em esta classe seã passaó em paze. Iou fuei descipulo di esta escoela, e, quando para aqui entrei, iá habia perdiu mieu pãe e mia máe. Acostumei-me a estimar a los mios maestros e a tomar como mieus irmães os mieus companheiros. Sai solo en este mundo e, por esso, a mie unica familia ié esta, sodes

vós, a quien estimo fios e a quiem desseio todas as felicidades. Pido-vos que seieis todos mieus amigos e que me libreis al desgusto de castigar nin al menos a un solo. Grande será al mieu contentamiento, e muito maior al meu argulho, se al fim dal anno todos alcançaren premio. A mocidá iê na aurora e sou siempre guenerossos los impulsos d'al sou coraçon. Conto al vosso e espero que nas voessas consciencias iá tengaes promettiu que habeis esforçar-vos para dardes sola mente alegrias al voésso maestro, que apenas pergunta proponervos al voesso been.

Estas palabras, pronunciadas com uma voze tão graciosa, entristeceran-nos a todos e quando nos ibamos a lenvantar pa salir, bimos cal nino que habistáo atirando bolas de papel se chegaba al pié del maestro con a cabeça baixa e com os oios no soelo dicindo-lhe en voze triste e remula: — Senhor maestro, perdou.

Al maestro, beixando-al na tiesta, respondeoulhe: — xa estabas perdonáo.

VERSÃO

Sinto-me hoje mais satisfeito. Fui classificado para a quarta classe. Vejo que o nosso mestre nos cumprimenta a todos com muito agrado, e gósto do sorriso de bondade, que traz ás vezes nos labios.

Todos os alumnos das outras classes, ao passarem pela nossa, o saudam.

Estendem a cabeça para dentro da porta e dizem: — Bom dia, snr. Nobrega. — Bom dia, snr. professor. — Alguns entram, vão falar com elle e apertam-lhe as mãos com muita amizade, mostrando terem pezar em o deixar. Vê-se bem como todos são amigos d'elle. O nosso mestre corresponde sempre áquellas saudações, mas olhando pouco para os que o cumprimentam. E' novo ainda, cara rapada, um pouco triste, mas muito asseiado no seu vestuario.

Foi antigo alumno da escola, muito distincto e muito estimado por todos.

Procura fixar os nossos nomes e as nossas physionomias, fitando-nos a todos, um por um.

Começou a dictar-nos a primeira lição, que era um trecho classico do snr. Alexandre Herculano, extrahido do *Eurico*.

Passeava, emquanto dictava, parando de repente, para olhar para nós.

N'um d'estes intervallos, fixou um menino que estava junto de mim, muito amarello e muito fraquinho, e, approximando-se d'elle, perguntou-lhe: — O menino está doente? sente alguma cousa? e tocou-lhe no rosto.

N'este momento, um rapaz, que estava nos ultimos bancos, começou a atirar bolas de papel, e uma d'ellas acertou no mestre, que se voltou de repente para traz.

O nosso companheiro, encolhendo-se todo, vexado, envergonhado, esperava já o castigo, quando o mestre approximando-se d'elle, lhe disse: — Isso não se faz, e eu espero que o menino nunca mais pratique semilhante acção — e continuou a dictar.

No fim da lição, sentou-se na sua cadeira grande, que fica junto á meza em que trabalha, lá em cima, no tôpo da sala, e disse-nos com voz pausada: — O meu maior desejo é que este tempo que os meninos teem de passar n'esta classe seja passado em paz. Eu fui discipulo d'esta escola, e, quando para aqui entrei, já tinha perdido meu pae e minha mãe. Habituei-me a estimar os meus mestres e a considerar como meus irmãos os meus companheiros. Sou só n'este mundo e, portanto, a minha unica familia é esta, sois vós, a quem estimo como filhos e a quem desejo todas as felicidades. Peço-vos que sejaes todos meus amigos e que me poupeis o desgosto de castigar qualquer de vós. Grande será o meu contentamento, enorme o meu orgulho, se no fim do anno todos alcançarem premio. A mocidade é uma aurora e são sempre generosos os impulsos do seu coração. Conto com o vosso, e espero que nas vossas consciencias já tenhaes promettido que haveis de esforçar-vos para dardes sómente alegrias ao vosso mestre, que apenas procura proporcionar-vos o vosso bem.

Estas palavras pronunciadas n'um timbre de voz tão agradavel, impressionaram-nos a todos, e, quando nos iamos levantar para sahir, vimos que o menino que tinha estado a atirar bolas de papel se approximava do mestre, com a cabeça baixa e com os olhos no chão, dizendo-lhe em voz sumida e trémula: — Snr. professor, perdão.

O mestre, beijando-o na testa, respondeu-lhe: — já estava perdoado.

Fevereiro, 1909.

DANIEL RODRIGUES.

FOLK-LORE TRASMONTANO

D. JOÃO

«Ai! Que tens tu, ó meu filho,
O' filho da minha alma?!»
—'Stou deitado n'esta cama,
O' minha mãe, não é nada!
Só me doe D. Izabel,
Que a deixo desfolhada!—
«Deixa-lhe cem mil crusados
Para que seja morgada».

«Eu não quero morgadios
Nem tão pouco ser morgada;
Em morrendo D. João,
O mundo p'ra mim acaba».
—Se me eu erguer d'esta cama,
Minha roseira abanada,
Ha de ser em tumba d'oiro,
Em *alcatrunfa* doirada!
Não lances as mãos ás galas
Emquanto se a hora acaba,
Que te não chamem viuva
Sem nunca seres casada!—

Mandou chamar *surjões*,
Em que se ella mais fiava.
«Quatro horas tens de vida:
Uma já vae acabada;
Uma é de sacramentos,
Hora tão bem empregada!
Outra é de testamento,
Deixa bens por tua alma;
Outra é de despedida
Da tua querida amada.

Volveu-se para a parede,
Não tornou a dizer nada.

(Ligares).

O GALFEIRO

Sentado estava Galfeiro
Num taboleiro real;
As cartas tinha na mão,
Os dados 'stá p'ra jogar.
«Sentado tu 'stás, Galfeiro,
Em taboleiro real;
Tua mulher entre os Mouros,
Sem a ires resgatar!»
—Tres annos ha já por terra,
Outros tres annos por mar;
Ha seis annos que a busco,
Sem a poder encontrar!—
«Pois ella está em Salselhas,
Lá em palacio real!
Minhas armas, meu cavallo,
Tenho p'ra te acompanhar;
Meu dinheiro, minha força,
Se a queres ir buscar».
—Eu tambem tenho dinheiro,
Forças e o meu cavallo:
N'esse caso irei só eu,
Para não dar tanto abalo.—

Chegou á borda da praça,
Encontrou a sentinella.
«Diz'-me tu, ó sentinella,
Por onde posso passar,
Para ver a Melizende,
Que está em casa real».
—Vá por esta rua direita
Ter ao palacio real.—

Chegou junto do palacio
E tratou de examinar:
Logo viu a Melizende
Lá em palacio real
C'um pente d'ouro na mão;
Estava p'ra se pentear.
«Desce cá, ó Melizende,
Que tenho que te fallar».

Pegara-lhe pela mão,
Puzera-a no cavalgar.
«Olhae que a vêdes ir,
Não a vereis cá voltar!»

(Vinhaes).

ABBADE TAVARES.

O Varre-Canêlhas

NOVELLA TRASMONTANA

POR JOAQUIM LEITÃO

PRIMEIRA PARTE

II

Assim se foi internando Angelo por terras trasmontanas, conformando o frio do seu desterro de pária com o d'aquellas rochas desoladas—desterrados apocalypticos pungindo a saudade do chaos sobre o dente hydrophobo da fraga.

De barrocal em barrocal, as mesmas agruras se continuavam para Angelo: schistos da emigração e serros nataes tudo a mesma terra penhascosa, a mesma terra martyr, ora crucificada em valles estreitos bebendo, abrazados de sêde, lagrimas d'agua, ora despenhando-se em precepicios onde, arrojada, se esmigalharia a propria Desgraça!

Mas ... já assim era em Hespanha.

A terra é toda o mesmo calvario!

Como que congregando toda esta tristeza, Angelo que parára, hesitando, sobre o espinhaço d'um monte—lombo estratificado de monstro,—desafogou-se:

—Ora! Se não fôr mais, tambem não hei-de ser menos feliz em Portugal do que seria em Hespanha. Cá como lá! ...

E deu em andar para deante, resoluto e descuidoso.

Comendo de esmolas, dormindo na abada do

acaso, bebendo a frescura hospitaleira dos córregos, Angelo foi transpondo montes e atravessando mezes, acompanhando a pé as peregrinações das vinhas que pelas encostas erravam, a caminho da Messe. E por ali abaixo foi indo, indo, sem saber como nem por onde, entoando como as Vinhas o mesmo versiculo da Esperança, cujo cantico elle ouvia todo o romeiro da Vida — homem e vegetal — recitar pelos caminhos fóra, do nascer ao morrer dos dias.

As horas d'alguns mezes e as terras d'alguns concelhos ficaram para traz de Angelo.

O ultimo dia de novembro escureceu-lhe ao dar com os olhos no negrume d'umas muralhas desmanteladas que pareciam conter toda a treva das Edades.

— O que é isto aqui? preguntou para um obreiro que descia o planalto.

— E' do tempo dos moiros!...

— E a povoação... ahi abaixo?

— O Populo...— gritou-lhe o homem, seccamente, sem se deter.

Angelo com a volupia do viajante que dá o primeiro passeio em terra nova, embuçado na capa do seu incognito, foi perscrutar, de mãos nas algibeiras e canção nos labios, essa activa colmêa do concelho d'Alijó, já sumida na bacia da serra, a fugir ao calor dos bardos, reçumando felicidades da fartura graminea dos lameiros.

Subiu o condescendente escadós do Castro ([1]), em rampa cortada a taboleiros de indestrutivel tijolo romano, que, na resignação dos vencidos, patenteava n'um primeiro e segundo panno de muralhas a decadencia do unico povo que soube conquistar.

Cruzeiro do Alto do Populo (Cliché de Antonio Augusto Corrêa)

Padroada lá do alto por N. Senhora do Populo, anichada no seu templo do seculo XVII, com seus arcos mostenses e seus pictoricos symbolos desbotando a mesma tinta ingenua do Christo-Cruzeiro que esbraceja na solidão fronteira, — a povoação arredonda lá em baixo o seu lar, escorregando por lages, grimpando e agarrando-se ao fraguedo, atravessando-se, de alicerces fincados nos penedaes.

Assim assente sobre fragas, aproveitando o proprio schisto para cravar os seus habitaculos, o Populo é afinal uma mancha granitica dando de longe o aspecto de paredes de solares desmantelados que uma bulha cosmica houvesse fragmentado.

Casas de lapa, hora terreas com corcovas de penedos, polidos pelos pés, por baixo das portas, arqueando do chão da quêlha para o chão da toca, hora de andar e varanda corrida, arejam-as postigos quadrados e sem vidros, com o castanho das portadas em osso ou sequer sarrentas, ladeadas de duas lascas tôscas á guiza de cachorros para os têstos da herva de N. Senhora ou os canteirinhos das folhas pelludas das sardinheiras.

E a todo o correr da varanda, descahido da telha da telheira de Presendães ou do colmo previdente e poupado, um beiral protector, hospitaleiro e candido.

Angelo ponderou a grandeza do monumento, lastimou com interesse aquella barbara obstrucção da porta que no flanco da muralha ainda assignalava uma das saídas praticaveis da *mina*, optimo agasalho para quem rondava á procura de toca natural onde pernoitar; e impacientava-se de descobrir abrigo por ali, se, justamente no alpendrado da Senhora do Populo, não dá em cada angulo com seu banco recatado e vago.

— Ora até que se encontra uma hospedaria decente n'esta terra! — saudou Angelo, fazendo da propria carga de caminheiro a travesseira.

Quando o creador soprou a luz já Angelo, enroscado na providencial tarimba, convictamente dormia.

Somno de andarilho e somno de bambino, só findou com o correr dos ferrôlhos de N. Senhora do Populo nas portadas de castanho.

Recemnascia a manhã.

Angelo, estremunhado, entrou nessa ingenua nave quasi serrana, onde um padre e um acolyto, sem fieis, sem espectadores, sem apparato cumpriam singelamente o seu dever de pastores.

Terminada a missa, que o immigrante acompanhou com a inspiração d'alma d'essa edades em que se entende tudo, o expatriado de Lugos foi para defronte, sentar-se nos degraus do Cruzeiro, com os joelhos ao sol, como os gatos.

— Que fazes tu aqui?

Angelo voltou-se á procura de quem o interrogava e, lestamente, se pôs de pé:

— Ah! o cura!...

Era effectivamente o padre, que Angelo vira officiar, já desvestido dos paramentos sagrados, reconduzido á sua bota de cano, á sua perpetua sobrecasaca, á sua cartolinha de sêda, commum aos corregedores e aos galãs do romantismo.

([1]) *Touca-Rôta*, castro romano, junto á egreja de N. Senhora do Populo.

—Sou o cura, sou. E tu quem és, que fazes aqui?

—Eu... vim ouvir missa por alma da minha avó...

—Oh! patife! lá que m'a não encommendasses vá, mas que m'a não pagasses!... — e brandiu o immenso sombreiro de paninho azulado.

Angelo escudado com o braço, desculpou-se:

—Eu... julguei que era de graça, em Hespanha não se paga...

—'Stá bô, 'stá bô! vocemecê então vem de Hespanha!... ganhar a vida, bem de vêr, mas em quê? roubar, não, pois não?

—Nunca roubei nada a ninguem...—repelliu sombriamente.

Um homem de faxa e sapato cardado, typo de jornaleiro, passou bamboleando, atadas numa corda sebenta, as chaves da igreja:

—O sôr reitor, não manda mais nada?

—Por hoje, nada.

—Se voss'oria quer que o acompanhe por 'hi p'ra baixo...

—Obrigado, tenho a egua já ahi adeante.

—Então espero lá, para ajudar o sôr reitor a montar.

—Homem!... é melhor não esperar, que eu ainda me demoro um cibo a confessar aqui este garôto.

—Se voss'oria quer *qu'aibra* p'ra ir p'ro confessionario.

—Não, não é preciso: confessar é como quem diz; varejar-lhe a chronica.

—Então, até *amanhê*, se Deus quizer.

—Adeus, João da Maria.

O reitor foi outra vez para interrogar Angelo, ficando-se, momentos, a observal-o e a falar entre si:

—«Pareces-me atilado!... Está-me cá a palpitar que ainda vaes parar a Alijó!»

E para Angelo:

—Diabo! já estou arrependido de não ter deixado o João da Maria abrir a igreja... Mas não tem duvida, eu confesso-te mesmo aqui: está á tua vontade que ninguem nos escuta, só se fôr Deus... e esse até te convém que ouça.

Recostou-se o reitor na haste do cruzeiro, tirou em respeito ao acto o seu chapeu de pello, e, puxando pela tabaqueira de confessor, sorveu, fungou e, com a mão polpuda, cheia do lenço, convidou o rapaz a ajoelhar.

Angelo, com o recolhimento e a devoção da raça, dobrou sobre a terra, ainda ressentida do pranto da madrugada.

Nada mais conciliador! terras de semeadura, aguas fecundas, sombras de soutos e pinheiraes, 'qui e além, e um que outro sorriso de vinha muravam o Populo da sua cinta ditosa; dos casaes saía a ninhada para o formigal agricola; os pedrogões cinzentos do Castro, entrevistos agora ao sol nado, pareciam render-se com todo o seu cortejo épico á victoria da luz; e dominando o valle meigo, lá cima, no planalto, um velho e uma creança fundiam as almas á mesma poalha d'oiro.

—E' verdade!... esqueceu-me perguntar-t'o na confissão, mas isto tambem não é segredo: tu sabes latim?—inquiriu o reitor, já a encaminhar-se para o atalho.

—Não senhor, mas sei hespanhol.

—Pois fazia-me conta para me ajudares á missa: vae-me casar o moço... E' o mesmo! ou tu aprendes o latim da missa ou eu a digo em gallego. Deus, para poder andar ao facto dos pensamentos dos homens, por força que havia de ter aprendido todas as linguas, por isso tambem deve entender a tua, e senão entender que pergunte!... Que tambem, senão deres para a missa, ficas para andar com as cabeças, e tudo é lidar com ovelhas!..

—Como o snr. cura quizer...

—Cura, não: reitor!

—Do Populo?

—Tambem, não. O Populo tem o seu parocho, eu apenas vim aqui hoje cumprir um legado. Sou reitor da minha terra: Alijó!

E, parando, agarrou-lhe no braço, como quem acautéla o inexperiente d'um precipicio que se avisisinha:

—Has-de encontrar muito quem te diga mal d'Alijó: foge a sete pés, que alguma fizeram elles para se queixarem da justiça de Alijó! que é sempre por'môr da justiça que elles dizem mal da terra. Bem haja eu que a vou fazendo por minhas mãos: a chicote, com a varinha magica do marmeleiro e com o meu rico bacamarte. E' até por causa do bacamarte que elles me chamam o «varre-canêlhas». Malhados, patifes!

Angelo seguia-o d'olhos no chão e ouvidos no ar, muito intrigado com aquelle cura tão differente dos da sua terra: alto como um *spada*, sanguineo como um vitral de profunda cathedral, sem balandraus pretos e sem olheiras.

—Tu sabes o que é um «varre-canêlhas»?

—E' um reitor.

—E' uma gaita!... Ora o hespanhol! ainda agora chega, já me chama «varre-canêlhas?...» Culpa tive eu em te dizer a alcunha.

—O snr. cura... o snr. reitor foi quem disse.

—Que é qu'eu disse?!—averiguou logo o reitor, collocando-se na frente de Angelo, disposto a não lhe deixar dar nem mais um passo, sem elle se explicar,—sim, que é qu'eu disse?...

Angelo não sabia o que dissera o snr. reitor.

—Eu disse que m'o chamavam, que m'o *cha-ma-vam* — gritou, excedido; e, depois de esperar momentos a olhar o interlocutor, a vêr se elle o contestava, mais uma vez se esbaforiu:—*cha-ma-vam!*

E, satisfeito de ter dominado a confusão de Angelo, condescendeu em seguir o seu caminho, com a serenidade de quem é incapaz de se affastar d'um inimigo, sem o deixar prostrado no solo.

Mas, d'ahi a pouco, o seu meredionalismo irrompeu outra vez:

—Segue-se que não sabes o que é um «varre-canêlhas». Não admira. A lingua de Camões não é maninho nenhum! Que haja quem saiba de cór e salteado o nome de todas essas estrellas que á noite apparecem pelo ceu, meudas e douradas que nem migas fartas d'azeite,—*crédo!* homem que conheça todas as palavras da lingua portugueza, no livro dos assentos não consta que tenha sido baptisado.

Cada vez mais influido e excitado com o estridor da propria voz:

—Nem constará! Por consequencia, não me admira que não saibas o que é um «varre-canêlhas». Não me admira mesmo nada! ora aprende lá: um «varre-canêlhas» é... é... ó senhores não ha nada

mais estupido do que semear intelligencia! Um «varre-canêlhas, é um bacamarte, até ahi toda a gente sabe; agora, porque é que ao bacamarte se chama varre-canêlhas? E' porque...—e zangado comsigo proprio pela difficuldade em se exprimir:—como queres tu que te diga porque é que se chama varre-canêlhas, se eu ia apostar que tu não sabes o que é um canêlho?!... Olha: um canêlho é um caminho estreito, uma cousa ainda mais acanhada que um cano, um cano pequeno: ca-nê-lho ou ca-nê-lha! Percebeste?

—Percebi, sim, snr. reitor.

—Muito bem! agora dize-me cá: qual é a melhor vassoura para espanar um canêlho? Não sabes. Ora põe-te ahi deante de mim: faz de conta que nos encontramos n'um caminho, que eu quero passar e tu que te atravessas na minha frente. O canêlho é só um, os animaes são dois, o que é que eu hei-de fazer? Uma coisa muito simples:—e circunvagando o olhar como que á procura dum objecto—aperrar um bom bacamarte e zás! desfechar. Assim, olha, assim como o meu sombreiro, *zzz!*—e pegando no guardasol pela ponteira, impellia-o, imitando a bocca de sino dum bacamarte—Ai Pae do Céo! quando as buchas saem do fusil e que se espalham como a roda d'uma garrida, não fica poeira no canêlho. E' um varredoura. Ah! bom «varre-canêlhas», bom «varre-canêlhas», quero-te tanto como ao meu violão!... ó *repaz* traz o animal p'ra aqui p'ro pé d'esta pedrinha!—gritou para um pequenito que estava a tomar conta na egua.

E esperando a cavalgadura, enfiou o estribo de caixa que o pequeno lhe ageitou, deu o lanço de cima da pedra, cahiu sobre a mansa egua com um regalado *ah!*

—Adeus, Chico!... E tu—voltando-se para Angelo—tens pernas para me acompanhar d'aqui á Alijó?

—Ellas que me trouxeram de Hespanha... se o snr. reitor não largar a galopar...

—Ai, está descançado que nem os caminhos nem eu estamos para galopes.—E picando a egua com o tacão desarmado da bota:—então vamos lá por ahi fóra, ao som do cavaco... qu'isto é, se sempre estás resolvido a ficares ao meu serviço? Nós não fizemos nenhuma escriptura...

—Porque não estivera?

—Isso não sei eu, isso é comtigo. Lá a barriguinha cheia, na minha casa graças a Deus todos trazem; senão p'ró quê, pergunta aqui á bicha—e bateu duas palmadas na barbella da egua que correspondeu ao mimo com um relincho—agora grandes ordenados não dou; até vêr, tens um pinto por mez, convém?

—Convém, sim, senhor.

O reitor estacou a cavalgadura, como quem se orienta:

—Se tu te não perdesses, voltavas por esse atalho, mettias além por *antre* aquelles campos que poupavamos, tu uma boa duzia de passos e eu, dando uma trotada, uma boa meia hora.

—Eu vou.

—És capaz? Nada, nada, é melhor não ires, perdes-te por ahi e eu tenho de voltar para traz em tua procura e ainda demoramos mais. Mais vale vires sempre ao pé de mim.

Os dois, folgadamente mas pertinazmente pelos mesmos canêlhos, lá chegaram juntos á residencia.

—Julguei que o snr. reitor tinha ficado pelo Populo ou ahi por Presendães, a voltas com o fumeiro do compadre.

—Nada, a demora foi de vir a passo d'anjinho, para trazer este pequeno na minha companhia. E tu quando chegaste?

—Ha bocadinho!

—Trouxeste os papeis?

—Deixe-me ahi snr. reitor: os de Chaves tiveram sua razão quando puzeram os santos de Villa-Real a fazer de judeus na Semana-Santa...

—Então que foi?

—O que havia de ser? o sôr reitor disse-me que os papeis e tal, tudo isso podia andar ahi por uns dois pintos.

—Disse e está dito.

—Pois eu, fiando-me em que o sôr reitor era pessoa muito sufffciente para saber d'estas coisas, para essa despeza fui prevenido mas para mais não; chego lá a Villa-Real pedem-me quatro pintos... voltei pelo mesmo caminho!

—Quatro pintos, Julio? Quatro pintos! elles queriam roubar-te! Pois não lhes dás nem quatro pintaínhos. Vae chamar a rapariga.

—O sôr reitor fica por casa?

—Por esta hora mais chegada fico a almoçar.

—Antes d'isso já eu cá hei-de estar com a rapariga.

E estava. Ainda o reitor ia apenas no quarto copo de «consumo», já o Julio Cacilhas reapparecêra na residencia.

O reitor mandou-os entrar para a sala de jantar, e, arredando um pouco a cadeira de braços, voltou-se para a rapariga:

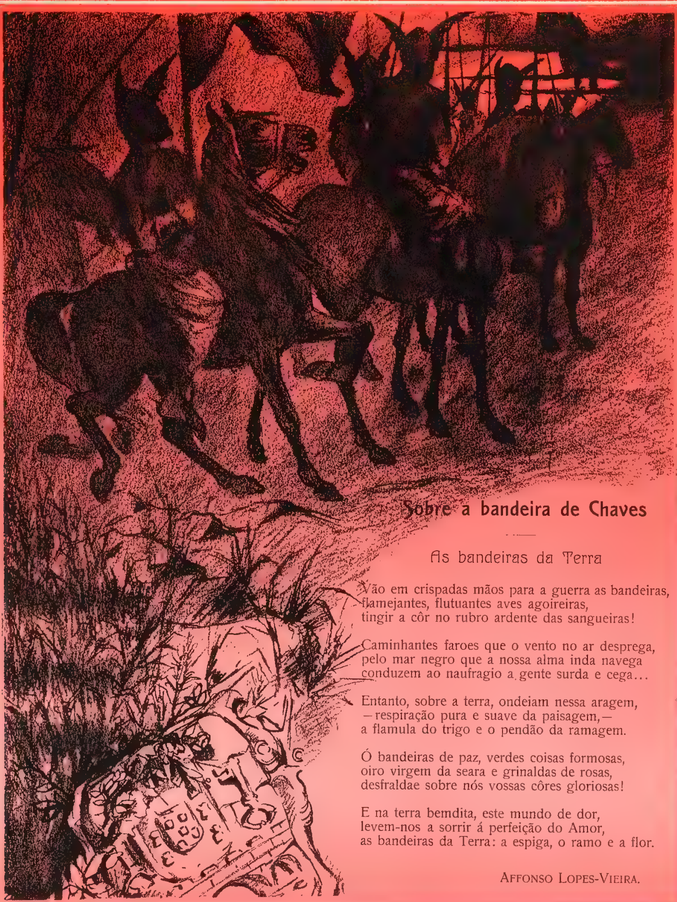
—Então é de sua vontade casar com este rapaz?

—Elle é snr. reitor.

—Pois quando quizerem venham cá que eu caso-os sem ser preciso documento algum.

E, aos agradecimentos alvoroçados dos dois, o reitor objectou, com um arrôto:

—De nada, de nada. Os papeis não é que casam, os papeis só servem para dizer quem as pessoas são; ora quem mais precisa de saber quem são os noivos são elles proprios. Tu sabes que ella é a Rosa, exposta da roda de Villa-Real; ella está farta de saber que tu és o Julio Cacilhas; a Egreja do que deve fazer questão é de abençoar o consorcio, p'ra que elle seja fecundo. E' preciso augmentar a população de Traz-os-Montes, rapazes, morreu muita gente na guerra de D. Miguel!



Sobre a bandeira de Chaves

As bandeiras da Terra

Vão em crispadas mãos para a guerra as bandeiras,
flamejantes, flutuantes aves agoireiras,
tingir a côr no rubro ardente das sangueiras!

Caminhantes faroes que o vento no ar desprega,
pelo mar negro que a nossa alma inda navega
conduzem ao naufragio a gente surda e cega...

Entanto, sobre a terra, ondeiam nessa aragem,
—respiração pura e suave da paisagem,—
a flamula do trigo e o pendão da ramagem.

Ó bandeiras de paz, verdes coisas formosas,
oiro virgem da seara e grinaldas de rosas,
desfraldae sobre nós vossas côres gloriosas!

E na terra bemdita, este mundo de dor,
levem-nos a sorrir á perfeição do Amor,
as bandeiras da Terra: a espiga, o ramo e a flor.

AFFONSO LOPES-VIEIRA.

AQUÆ FLAVIÆ

CHAVES «Uma formosa ponte, solida como toda a legitima obra romana...

Ainda nenhum archeologo regional tomou a fecunda resolução de revolver o subsólo da famosa Chaves, em busca scientifica dos documentos authenticos, indispensaveis para a integral reconstituição historica da celebre *urbs* dos Flavios.

Antes de esplandecer na *Lusitania* dos primeiros seculos, já quando a notoria riqueza thermalifera lhe angariára uma clientella numerosa, opulenta e emprehendedora, que valor material e social lhe caberia nos tempos antehistoricos, e, a seguir, no periodo protohistorico? E, mesmo depois, em plena florescencia historica, que vastidão, que monumentos possuiria; que grau haveria attingido nas artes, nas industrias, na architectura, em todas as manifestações do trabalho e da civilisação, emfim?

Seguramente que são problemas palpitantes de interesse; mas, no momento, insolucionaveis ante a desoladora deficiencia de elementos positivos no registro litterario e scientifico. Ora, as lacunas só o alvião e a enxada as podem hoje cumular.

Sabe-se que a região era da *Callaecia*, e mais proximamente do grupo ethnico dos *Turodi*, segundo o verbete ptolemaico (1); detinham-na varias *civitates* ou communidades, algumas de *barbaros* nomes, que o enciclopedico Plinio seccamente transmitte, em parte (2), e a celebre inscripção da ponte sobre o Tamega addita, totalisando-as em dez—taes, em ordem alfabetica, os *Aquiflavienses, Aobrigenses, Bibali, Coelerni, Equaesi, Interamici, Limici, Naebisoci, Quarquerni* e *Tamagani* (3).

A epigrafia das redondezas, com a exhibição de nomes indigenas, préromanos, probabilisa, a mais, a existencia de velhos povoados, assentes por alli antes mesmo da incursão do latino; e porventura até d'um aglomerado urbano, precedendo a cidade aquaflaviense.

CHAVES Columna vial, encimada apocriphamente pelas armas portuguezas

Da vida intima e publica d'esses nucleos sociaes, porém, nada ou pouco se conhece ainda, se não se contarem umas poucas notas ethnograficas, genericas e imminudentes, que Estrabão insinuou nos capitulos da sua obra referente á *Hispania*.

Peior contudo, se recuámos na indagação retrospectiva do passado. Alguns indicios, sobre tenues e vagos deficientemente registrados na palethnografia nacional, facultam retrogradar na vastidão dos seculos e presumir que, se não a propria Chaves citadina, pelo menos a area circundante foi tambem povoada em as eras prehistoricas.

Assim é que a habitação nos tempos neolithicos já foi attestada pelo achado de duas lanças de silex n'um monte de ao pé de Chaves (4); e a occupação nas idades dos primeiros metaes indiciada pelo apparecimento de dous machados de cobre ou bronze, sem azas, proximo á povoação e freguezia de Lama de Arcos (5). O celeberrimo thesouro de Lebução, composto de uma *armilla*, de um *torques* e de fragmentos de uma *manilha*, tudo d'ouro e opulentamente ornamentado, foi encontrado não muito longe, já na circumscripção administrativa de Valpaços; e é um precioso testemunho de que, por aquellas paragens, estancearam povos dos tempos protohistoricos, em posse d'uma joalheria custosa e rica (6).

Como quer que seja, assente o dominio romano sobre os destroços das velhas tribus autochtonas, as thermas de Chaves começaram a ser procuradas; e, seguramente a sua virtude curativa sendo efficaz, a frequencia engrossaria depressa, gestando para a cidade *bracaraugustana* um periodo de grande prosperidade.

Aquæ Flaviæ resultou afinal um centro populoso, a que os divinos Imperadores não se dedignavam de prestar escrupulosa

attenção. Da cornucopia dos favores officiaes tombam-lhe em numero os melhoramentos. Uma importante *via* militar ([7]) visita-a no percurso da tortuosa directriz — de *Bracara Augusta,* a cujo *conventus* pertenceu, para a *Asturica.*

Uma formosa ponte, solida como toda a legitima obra romana, subjuga em seu serviço o rio *Tamega.* Por herança legitimaria, Chaves — a descendente, adindo o nome ([8]) e presumivelmente o sólo da avó lusitano-romana, ainda hoje utilisa esta monumental obra, que altaneira desafia, ha perto de dezenove seculos, a affronta dos tempos e a sanha dos homens.

Referem as *Memorias parochiaes de 1758,* e outros escriptores como Pinho Leal depois repetem sem positiva verificação, que a cidade dos tempos dos Flavios ([9]) «se extendia distancia de hũa legoa da parte do meyo dia, para a do Norte, descobrindose na mesma varias columnas, capiteis, plintos, aqueductos, que bem mostrão terem servido em obras, Templos e sumptuosissimos Palacios» ([10]). Com os descontos devidos e os justos abatimentos á fantasiosa inferencia do ingenuo A. das *Memorias* — que pretende estupeficar-nos com a sua maravilhosa *legoa de palacios e templos* — ainda póde crêr-se que, já fóra do termo aquaflaviense, pousariam argentarios derrancados as *villae* luxuosas, para a seu tempo fazerem a periodica estação thermal. Estava-lhes no gosto e nos habitos, e não já para reparar avarias do lupanar e do banquete orgiaco, senão tambem por simples moda e pura ostentação.

Mas só uma pesquisa nos estratos subjacentes poderia esclarecer devidamente o que fossem essas pedras artificiadas e outras, que andam na tradição e ninguem ainda descreveu ou figurou. E, á mingoa de subsidios assim colhidos, fica-se, pois, hesitante sobre o thema fundamental dos limites da lusitanica *Aquæ Flaviæ,* que entanto não abrangeriam certamente a maravilhosa *legoa* inculcada.

Da abundante epigrafia romana da região não dimana mais luz sobre esse ponto capital: pouco concorre para ella o sólo da villa de Chaves — quatro inscripções quando muito. D'essas sae uma informação curiosa acêrca da religiosidade dos aquiflavienses: adoravam-se na *urbs* o *Jupiter Optimus Maximus,* bem como umas *nymphas* anonymas ([11]). A epigrafe mais importante é, porém, a da dedicação da ponte sobre o Tamega no anno 79 p. C. aos imperadores Vespasiano, Tito e Domiciano, e ao seu legado Valerio Festo,

. . a dedicação da ponte sobre o Tamega aos imperadores . .

pelo catalogo das dez communidades que contribuiram para a obra e que já enumeramos acima ([12]).

Da epigrafia do extramuros sobreleva a que consta dos *marcos milliarios,* escalonados ao longo da *via* de Braga a Astorga, com que archeografos canceirosos, taes como Capella, Pinheiro e Lopo, têm procurado reconstituir-lhe o dilatado e onduloso traçado até Babe, atravez de Villarandelo, Valle Telhas, Lamalonga, Castro d'Avellães, Bragança e Gimonde.

De resto a nascente das aguas thermaes, que deram o nome e o renome de Chaves na antiguidade dos primeiros seculos, essa ainda subsiste brotando perennemente ahi n'um rincão pittoresco da villa, sem obra de realce que rememore a pristina e velha fama. Das *thermas* ou sequer *balineum,* onde o romano magnificente as utilisava em installações usualmente luxuosas, já não aflora vestigio relevante.

Eis, em *susbtractum,* o que se sabe de *Aquæ Flaviæ.* Mas que vale esse pouco ha longo tempo e espaçadamente averiguado? Andamo-nos a reproduzir sem originalidade, nem mérito, reeditando estafadas e mingoadas informações — verdadeira poalha archeologica, com que nada de valioso se architecta. Quando o unico e efficaz esforço seria exhumar a *Aquæ Flaviæ* subterranea, com o rigor dos modernos processos de investigação! Sirva ao menos esta ligeira amostra do muito que se ignora como incitamento a archeologos locaes — que benemerentemente removam esta deprimente ignorancia.

Porto, março de 1909.

José Fortes.

([1]) Ptolemeu, *Geograp.,* II, VI, 39.

([2]) Cit. alguns apenas, para evitar o aborrecer o leitor, *citra fastidium!...*

([3]) Cfr. Borges de Figueiredo, in *Bol. da Sociedade de Geographia de Lisboa,* pags. 337 e segs.; C. I. L., II, 2477 e 5616; Plinius, *Naturalis Historia,* III, IV, 14.

([4]) *O Archeologo Português,* t. I., pag. 326.

([5]) *Ibidem,* pag. 130.

([6]) Ricardo Severo, *O Thesouro de Lebução,* in *Portugalia,* t. II, pags. 1 e seg.

([7]) Tem-se affirmado que de Chaves partiam varias *viae* romanas. Cf. *O Arch.,* t. VI, pag. 146 e XII, pag. 162.

([8]) Segundo o snr. Leite de Vasconcellos, in *Revue Hispanique,* t. II, *Chaves* provém de *Flaviis,* caso ablativo de *(Aquæ) Flaviæ.*

([9]) C. I. L., II, 5682.

([10]) In *O Arch.,* t. III, pag. 203-4.

([11]) Dr. Emilio Hübner, *Noticias archeologicas de Portugal,* trad., Lisboa, 1871, pag. 87; e C. I. L., II, 2468 e 2474.

([12]) C. I. L., II, 2477 e 5616.

A Terra de Chaves

CHAVES – Mercado

A actual villa de Chaves occupa proximamente o mesmo local em que outr'ora existiu a famosa cidade romana *Aqua Flavia*. A sua posição é definida pelas linhas geographicas 41°,11′ de latitude e 1°,39′ de longitude E de Lisboa.

A altitude da parte mais importante da povoação, tomada junto á torre da egreja matriz, é de 350 metros.

Sob o ponto de vista corographico, a *terra de Chaves* pertence ao systema trasmontano, intimamente ligado com a corographia da Galliza, devendo considerar-se as serras de Traz-os-Montes como contrafortes da serra de S. Mamede, a seu turno ramificação da cordilheira dos Pyreneus asturianos.

A uns 12 kilometros apenas da fronteira norte do paiz, Chaves assenta as suas edificações em plena bacia hydrographica do Tamega, separada a oeste, por um dos contrafortes da serra da Cabreira, das bacias do Ave e do Souza, e a leste, da bacia do Tua, por uma cordilheira que começa no monte denominado *Cota de Moiros*, já em territorio gallego, d'onde segue para SO até á serra de Padrella, voltando ahi para O até á serra do Marão.

Definindo mais especial e proximamente o valle do Tamega, n'esta primeira parte do seu curso em Portugal, Chaves tem ao nascente as alturas do Brunheiro, com a altitude de 919 metros, e ao poente as alturas de Paranhos (742 metros) e Bandeira (744 metros) que formam o primeiro degrau das alturas de Barroso, conhecidas pelo nome de serra do Larouco.

Entre estas duas séries de alturas, cujas vertentes fronteiras são bastante asperas, fica uma faxa de terreno pouco accidentado, com a largura de 7 a 8 kilometros, que constitue o valle do Tamega, um dos principaes affluentes do Douro.

Entre a margem esquerda do rio e o sopé das alturas do Brunheiro, estende-se uma grande planura, de uns 8 kilometros de extensão norte-sul e da largura media de uns 3 kilometros, cujos terrenos feracissimos formam a chamada *veiga de Chaves*, sem duvida a mais bella de Portugal, pelas suas dimensões, pelo seu aspecto e pela sua producção.

A villa disfructa este formoso panorama de duas pequenas colinas situadas sobre a margem direita do rio, separadas por uma depressão pouco profunda no sentido leste-oeste.

Até aos meados do seculo XVII a povoação, mettida no pequeno rectangulo das muralhas de D. Diniz, com os seus *cubellos* e *barbacans*, occupava apenas uma d'estas colinas, a do lado do sul, em cujo ponto culminante se erguia a alterosa *torre de menagem* ainda hoje existente e a que o povo chama *o castello*.

A guerra que se seguiu á acclamação de D. João IV, originando a necessidade de prevêr á melhor defeza das terras fronteiriças, alargou a área da villa, abrangendo no recinto das suas novas muralhas abaluartadas a colina do norte, conhecida então pelo nome de *alto da Pedisqueira*, formando-se d'esse modo o bairro da Lapa e a bella rua de Santo Antonio, ou *rua-estrada Antunes Guerreiro*, uma das melhores de Chaves, edificada exactamente no fundo e ao longo da depressão ou ravina que as duas colinas separava. No alto da Pedisqueira, aonde em 1640 existia já um convento de frades franciscanos, foi construido um forte (cidadella da praça) que primeiro se chamou *forte do Rozario* e que, por causa do convento, passou depois a denominar-se forte de S. Francisco.

Tal é a *terra de Chaves* pelo que respeita á sua situação, orographia e aspecto.

* * *

Sob o ponto de vista geologico não pode a minha incompetencia fazer larga e profunda descripção da *terra de Chaves*.

CHAVES—Jardim Publico

Limitar-me-hei, por isso, a dizer que nos terrenos contiguos á eminencia em que a villa assenta, apparece, tanto a nascente como a poente, o contacto do granito com o schisto quartzo-micaceo, estendendo-se esta constituição do solo até bastantes kilometros para o sul, nas duas margens do Tamega.

A constituição identica dos terrenos a leste e oeste do valle faz suppor que alli se deu em epocas geologicas remotas, uma fractura, sendo as alturas, de um e outro lado, as duas metades do bloco fracturado.

Para a linha da fractura arrastaram as aguas, no decorrer dos annos, os sedimentos que hoje constituem os ferteis terrenos da *veiga*.

Na constituição interna d'estes terrenos notam-se as argilas e as areias.

As primeiras, com uma espessura de 4 a 5 metros, assentam sobre as segundas, e estas marcam o nivel de um lençol

de agua que por toda a parte se encontra quando se abrem poços d'aquella profundidade.

As argillas são, de longa data, empregadas no fabríco de telha, e em algumas povoações do sopé do Brunheiro existe tambem, antiquissima, a industria ceramica, fabricando-se alli, por processos primitivos variados objectos do uso caseiro, a alguns dos quaes não falta uma certa elegancia de fórmas.

Em alguns pontos das proximidades da villa, como em São Fraústo, Cando e Curalha, a argila é carbonosa, tingindo os dedos quando entre elles a friccionamos.

Nos terrenos em que assenta a villa e nos que lhe ficam adjacentes, de N. para E, ha tambem um filão silicioso, de uns 12 metros de espessura, que tem varios afloramentos e que hoje se mostra em toda a evidencia nas escavações da alameda da Lapa, por debaixo da capella do mesmo nome.

A este filão me referi já em outro artigo, citando a hypothese de elle corresponder ao curso das aguas thermaes que no campo do Tablado actualmente emergem.

O estudo detalhado do solo sobre que assenta Chaves foi feito ha annos pelo fallecido engenheiro de minas snr. capitão Rego Lima. D'elle colhi pessoalmente os ligeiros esclarecimentos que grosseiramente deixo expostos, e para os trabalhos do mallogrado official remetto os estudiosos que a tal assumpto mais minuciosamente queiram dedicar-se.

* * *

Sob o ponto de vista agricola, a *terra de Chaves* póde considerar-se uma terra privilegiada.

O solo da veiga presta-se ás mais variadas culturas e sempre com abundantissima producção.

Apesar da grande deficiencia de adubação, a terra não dá signaes de esgotamento. Mal realisada uma colheita, logo o lavrador lança nova sementeira, sem aquelle intervallo de descanço que em outras terras, mesmo as consideradas ferteis, é exigido como indispensavel.

Os processos culturaes jazem em bastante atrazo, porque os governo, mantendo esta parte do paiz n'um lamentavel isolamento, não teem facultado a chegada do progresso até ás terras do lavrador trasmontano, trabalhador infatigavel, que do seu labor extenuante ainda não conseguiu colher o proveito compensador, capaz de animal-o a estudar e a progredir.

O arado com que se sulca a terra e a *cegonha* com que se extrae a agua dos poços são ainda hoje os mesmos toscos apparelhos que os romanos aqui deixaram.

As restantes alfaias agricolas são egualmente rudes e primitivas.

A *terra de Chaves* não dá, por isso, tudo o que da sua feracidade póde esperar-se.

Cultiva-se, em regra, o centeio, as batatas e as hortaliças (estas em limitadas especies) nos terrenos da veiga em que alguns pequenos ensaios de outras variadissimas culturas teem dado os mais promettedores resultados.

Não ha aqui ainda o amor á arvore. Todas as fructas são em Chaves deliciosas, mas escasseia a cultura dos pomares.

As serras que ladeiam o valle apresentam-se pela maior parte nuas de arborisação, que poderia ser uma fonte de riqueza muito importante.

O vinho e o azeite são ainda mal fabricados, por processos antiquados e erroneos.

Emfim, póde affirmar-se com verdade, e com tristeza tambem, que a riqueza da *terra de Chaves* está apenas demonstrada, mas de modo algum proficuamente explorada.

Toda a esperança da região está agora no caminho de ferro que para nós vae avançando, mas vagarosamente, quasi a passo de boi.

Quando a viação accelerada nos tiver ligado ao resto do paiz, de cujas terras civilisadas nos achamos agora mais afastados do que Lisboa de algumas capitaes estrangeiras, queremos crêr que o progresso chegará emfim até nós e que então será justamente conhecida e afamada a *terra de Chaves.*

* * *

Para finalisar, a descripção politica. A *terra de Chaves* faz parte do concelho do mesmo nome (45 freguezias—36:664 habitantes) e pertence ao districto de Villa-Real, provincia de Traz-os-Montes

Militarmente, é séde do commando da 11.ª brigada de infanteria, do districto de recrutamento e reserva n.º 19, dos regimentos de cavallaria 6 e infanteria 19, da 4.ª companhia da guarda fiscal e da 3.ª companhia de reformados. Tem carreira de tiro, hospital militar e succursal da manutenção militar.

CHAVES – Palacete Sotto-Maior e estrada para Villa Real

Pertence á 6.ª divisão militar, cuja séde é em Villa Real, e á grande circunscripção militar do norte, com séde no Porto.

Ecclesiasticamente a *terra de Chaves* constitue uma abbadia (1:521 fogos—6:388 habitantes), é séde de um vicariato com jurisdição em 59 freguezias e faz parte do arcebispado de Braga.

Em Chaves ha um lyceu nacional e duas escolas primarias centraes, uma para cada sexo e cada qual com quatro classes e outros tantos professores.

* * *

E exposto assim, muito á pressa e ao correr da penna, tudo o que me lembrou ácerca da *terra de Chaves,* fica satisfeita, mal, mas de boa vontade, a incumbencia com que inesperadamente, e sem tempo para estudo ou preparação, quiz honrar-me a *Illustração Trasmontana,* por intermedio do seu digno director.

Chaves, 6—3—909.

AUGUSTO DE CARVALHO.

A Agua

(Thermas de Chaves)

CHAVES Margens do rio proximo á ponte

As aguas minero-medicinaes de Chaves, alcalinas e muito semelhantes em composição ás de Vidago e Pedras Salgadas, teem a boa particularidade de brotar a elevada temperatura (45º a 70º C., conforme as nascentes e a estação) o que as torna as unicas da sua especie até hoje conhecidas em Portugal, sendo tambem como as melhores e mais abundantes entre as poucas que existem na Europa.

Tanto bastaria para que as *Caldas de Chaves* merecessem honrosa referencia em qualquer publicação nacional destinada a tornar conhecidas as riquezas do nosso solo.

Na *Illustração Trasmontana*, porém, cujo fim é tirar do olvido a nossa formosa provincia, ainda tão desconhecida para grande numero de portuguezes, imperdoavel erro seria que das notaveis thermas se não désse aos leitores, ao menos resumida noticia, chamando a attenção publica para esta grande riqueza natural até hoje inexplorada e improductiva, mercê do isolamento em que, por falta de vias de communicação, tem jazido o norte trasmontano, tão digno de melhor sorte.

Não tenho eu, infelizmente, a competencia necessaria para tratar com a devida auctoridade tão apreciado assumpto.

Soccorrer-me-hei, porém, ao que pessoas mais auctorisadas já sobre elle teem escripto, e assim, n'um trabalho quasi de simples compilação, poderei cobrir a insufficiencia propria com o merito real dos guias a que vou cingir-me.

* * *

As *Caldas de Chaves* brotam ao sul da villa do mesmo nome, apenas a 200 metros da muralha da antiga praça, outr'ora das mais fortes da fronteira – norte do reino.

São cinco as nascentes actuaes, tão proximas umas das outras que todas ellas estão comprehendidas na pequena área de 340 metros quadrados.

Estas nascentes estão localisadas na margem direita do regato de Rivellas, a uns 50 metros da sua confluencia com o rio Tamega, o qual, nas grandes cheias de alguns invernos tem chegado a cobril-as, innundando o vasto campo marginal, contiguo ás thermas, conhecido pelo nome de *Tabolado*, onde se realisam as feiras de gado e que a guarnição militar da villa aproveita para os seus exercicios.

Parece, porém, averiguado que nem sempre foram n'este local as nascentes thermaes, ou pelo menos que nem sempre as actuaes nascentes foram as unicas que houve em Chaves.

O fallecido engenheiro de minas snr. Rego Lima, que em 1891 foi encarregado de fazer o estudo das Caldas de Chaves, manifestou a opinão de que não é no local dos actuaes orificios de emergencia que as causas da mineralisação das aguas devem procurar-se, podendo succeder que essas causas estejam muito distantes e que a emergencia possa ter-se realisado, no passado, em outros lugares mais ou menos proximos.

A verdade é que hoje não existem os mais ligeiros vestigios de quaesquer outras nascentes thermaes em toda a área da villa.

Francisco da Fonseca Henriques, no *Aquilegio medicinal*, publicado em 1726, refere-se a um balneario romano que existia no mesmo local, ou nas proximidades, das actuaes nascentes, accrescentando que o conde de Mesquitella, sendo governador das armas de Traz-os-Montes, durante a guerra da Restauração, a mandou demolir por entender que ella embaraçava o fogo da praça.

E' certo que com este mesmo motivo o conde de Mesquitella mandou na mesma epocha demolir a capella de Santa Catharina que então existia no campo do Tabolado; mas essa capella foi reconstruida com os mesmos materiaes proximo ao largo do Anjo, no interior da villa, e ainda hoje alli existe, tendo sobre a porta uma lapide com inscripção indicativa da epocha e do motivo da transferencia.

Natural seria que o governador das armas não tivesse descaroavel procedimento para com o balneario romano, e que, a vêr-se obrigado a demolil-o, tambem, como á capella, o transferisse para outro local em que não estorvasse a defeza da praça. De tal transferencia, porém, nem ha noticia, nem existem vestigios; não sabemos, por isso, se deva acreditar-se que tivesse havido balneario no local designado por Fonseca Henriques, tanto mais que o padre D. Jeronymo Contador de Argote, nas *Memorias para a Historia do Arcebispado de Braga*, quer na 1.ª edição, de 1732, quer na 2.ª, publicada em 1738, não faz referencia alguma ao balneario do Tabolado, mas sim a outro, de que diz terem-se encontrado vestigios proximo ao convento da Conceição, quando se procedia á construcção do forte do Rosario, mais tarde e até nossos dias conhecido pelo nome de forte de S. Francisco.

Taes vestigios, segundo Contador de Argote, consistiam em um grande acqueducto construido no local em que hoje existe a rua de Santo Antonio, pois aquelle escriptor diz que corria de poente para nascente «entre as casas da rua da Cadeia que olham para a parte do Rosario e o convento das religiosas da Conceição».

Diz ainda Argote que n'este grande acqueducto vinham entroncar outros menores e que «no fim estava um tanque de tijolos de argamassa, de quarenta palmos em quadro, tudo muito perfeito e os tijolos de tal grandeza que passavam de ter dois palmos em quadro».

Ainda outro tanque, diz Argote, foi descoberto junto á cortina do forte do Rosario, e que esse era de «cantaria lavrada á escôda, com escada de seis degraus e alli vinha ter agua môrna».

D'estes tanques e acqueductos não ha hoje qualquer vestigio. Ha porém motivos para dar credito á informação de Argote, não só porque muito proximo dos locaes citados afflora o filão silicioso que atravessa a villa de norte a sul, e ao qual, segundo a opinião do citado engenheiro snr. Rego Lima, póde corresponder a passagem das aguas thermaes, mas tambem porque frequentemente, em varios pontos da localidade, teem apparecido estas aguas em poças abertas para irrigação, as quaes, por tal motivo, tiveram de ser novamente obstruidas.

* * *

O que parece ser ponto assente é que os romanos, durante o seu dominio n'esta parte da peninsula, foram os primeiros que conheceram as propriedades medicinaes das nossas thermas e as tornaram afamadas, a ponto de em pouco tempo se fundar junto ás nascentes uma povoação que successivamente se desenvolveu, chegando a ser uma importante cidade.

Chamava-se *Aquæ Flaviæ* essa cidade, e se a primeira palavra da designação é claramente indicativa de serem as *aguas* que davam importancia á povoação, a segunda palavra mostra bem a que subido grau chegára essa importancia, para

que o proprio imperador, *Flavio* se honrasse em dar á cidade o seu nome.

Da antiga designação *Aquæ Flaviæ* deriva o nome de *flavienses* porque ainda hoje são conhecidos os habitantes de Chaves.

Sobre a etymologia da nova denominação, que não se sabe bem quando começou a usar-se, não são concordes as opiniões dos que o assumpto teem estudado.

Pretendem alguns escriptores antigos, e entre elles o padre Antonio Carvalho da Costa, na sua *Chorographia portugueza,* publicada em 1706, que a cidade de *Aquæ Flaviæ* veiu mais tarde a ser conhecida pelo nome de *Aquæ Calidæ* e que, corrompendo-se, no decorrer dos seculos a palavra *calidæ,* veio assim a transformar-se, primeiro em *Clavis* e por fim na actual denominação *Chaves.*

E' possivel que a antiga cidade romana tivesse a designação de *Aquæ Calidæ* depois ou na mesma epocha em que se chamou *Aquæ Flaviæ.*

CHAVES—Aquæ Flaviæ

As successivas transformações da palavra *calidæ,* referidas na chorographia de 1706 não são, porém, muito de aceitar, assim como não parece acceitavel a explicação que outros encontram da palavra Chaves, querendo que ella signifique o facto de ser a antiga praça forte uma das melhores *chaves* da defeza do paiz, pelo lado do norte.

O distincto archeologo e philologo snr. dr. Leite de Vasconcellos encontrou uma filiação aceitavel da palavra Chaves na antiga denominação *Aquæ Flaviæ,* mostrando que Chaves póde ter derivado do ablativo *Flaviis,* como Sagres derivou do ablativo *Sacriis.*

No nosso caso ter-se-ia dado a transformação do *fl* latino em *ch,* o que, aliás, se deu em outras palavras da mesma origem, como, por exemplo, *flamma,* que se transformou em *chamma,* e *chôr* que passou para *flór,* sendo ainda hoje empregada com a primitiva fórma em algumas aldeias de Traz-os-Montes para designar especialmente a flôr dos castanheiros.

Mas, terminando esta divagação, o que eu quero dizer é que desde a dominação romana até aos principios do seculo XIX nem ha noticias nem se encontram vestigios de quaesquer obras para exploração ou aproveitamento das aguas thermaes de Chaves.

No anno de 1807 foi uma das nascentes, a mais afastada do leito do regato de Rivellas, mandada recolher em um tanque de pedra de cantaria, o qual foi coberto com cupula tambem de pedra, formando uma camara em cuja frente, sobre a porta, se lê a seguinte inscripção:

MILIT. XENODOCH. USUI. UTILIT.
O. PUBLIC. JOAN. PRINC. REG.
O. P. P. — AN. MDCCCVII.

As restantes nascentes ficaram por muitos annos em completo abandono, e portanto sem manterem o conveniente estado de asseio, de modo a poderem sem perigo ser empregadas para tratamento de doentes em uso interno.

Foi só em 1890 ou 91 que a camara municipal mandou cobrir a nascente principal com uma grade de ferro que apenas permitte a passagem de pequenas vasilhas, e por essa occasião foi tambem a mesma nascente cercada por um pequeno muro de pedra com gradeamento de ferro, obstando-se por modo a que as aguas sejam inquinadas.

Desde então nada mais se fez ainda no sentido de valorisar aquella enorme riqueza que alli jaz quasi improductiva.

Não ha em Chaves o mais insignificante balneario, que tal nome mereça.

As thermas são muito frequentadas por pessoas pouco abastadas das aldeias do concelho e dos concelhos visinhos, podendo calcular-se em mais de 1:000 o numero de doentes que nos mezes de maio a setembro de cada anno vem a Chaves fazer uso das afamadas aguas.

Mas as condições de alojamento e de hygiene em que varias pessoas, em pessimas casas das proximidades das thermas, exploram a industria dos banhos, são tudo o que ha de mais primitivo e inconveniente, o que faz com que sómente os doentes pobres se resolvam a fazer um tal tratamento.

* * *

Por muito tempo se suppoz que as Caldas de Chaves eram sulfurosas, e isto decerto em vista da sua elevada temperatura, pois não se sabia que tambem assim houvesse aguas alcalinas.

De facto, como já disse, as aguas de Chaves são as unicas alcalinas quentes que se conhecem em Portugal. Isto explica e desculpa o erro de classificação que ainda hoje commettem as pessoas pouco illustradas, erro que outr'ora foi geral, pois que o regulamento de saude do exercito, decretado em 1852, inclue as Caldas de Chaves na tabella das aguas sulfurosas de que podiam fazer uso os militares do norte do paiz, equiparando-as ás caldas de Vizella.

A analyse feita em 1865 pelo dr. Agostinho Vicente Lourenço, lente da Escola Polytechnica de Lisboa, tirou todas as duvidas a tal respeito, pois que em resultado d'ella se ficou sabendo que as aguas teem a seguinte composição chimica:

Sulfato de soda	0,064
Chloreto de sodio	0,015
Chloreto de potassio	0,068
Bicarbonato de soda.	1,440

Carbonato de soda	0,404
Bicarbonato de cal	0,138
Bicarbonato de maqueira	0,048
Silica	0,096
Oxido de ferro	Vestigios
Alumina	Vestigios
Materias organicas	Vestigios
Acido carbonico livre	0,481
Residuo solido	1,792

Pelo que se vê, não só as aguas são sulfurosas, mas até o enxofre só em pequenissima quantidade n'ellas existe – apenas em cada mil grammas de agua 22 milligrammas de acido sulfurico, no estado de sulfato de soda.

O cheiro caracteristico que se nota nas proximidades das nascentes e que o vulgo attribue ao enxofre, não é mais do que o cheiro proprio da lexivia de soda.

A quantidade de acido carbonico livre revelada na analyse é muito inferior á que na verdade conteem as aguas, o que se explica por não ter o dr. Lourenço feito os seus estudos em Chaves, mas sim em Lisboa, com as aguas que do local lhe enviaram e que decerto não foram colhidas com os devidos cuidados.

De resto, o acido carbonico denuncia-se em grande quantidade no consideravel numero de bolhas que se formam constantemente á superficie da agua nas nascentes, sendo até por isso que o vulgo suppõe e diz que as aguas estão a *ferver*.

O caudal, comquanto não tenha sido ainda rigorosamente medido, é abundantissimo superior a 300 metros cubicos em 24 horas quasi egual, portanto, ao das de Vichy e de Bourbone-les-Bains, que são as que na Europa se conhecem como mais abundantes.

A agua é limpida e transparente, com um cheiro apenas sensivel e sabor um pouco salobro e alcalino.

Em garrafas bem rolhadas conserva-se longo tempo sem alteração, podendo assim ser transportadas a grandes distancias sem perder as suas qualidades.

Exposta, porém, ao ar livre, ou abandonada muito tempo em garrafas mal fechadas, a agua turva-se, depondo um precipitado de carbonato de cal.

Durante o verão, o solo, nas proximidades das nascentes, cobre-se de affiurescencias salinas, com todas as propriedades do carbonato de soda.

As aguas das caldas de Chaves são largamente empregadas pela população da villa nos usos domesticos, taes como lavagem de roupa, barrelas, lavagem de casas, etc.

No uso therapeutico, além dos banhos para pessoas rheumaticas, em que tem havido curas maravilhosas, são tambem largamente empregadas com magnifico exito na cura das diversas fórmas de dispepsias, obstrucção do figado e das visceras abdominaes, diversas affecções chronicas de membranas mucosas dos systemas digestivo, urinario e respiratorio e em alguns casos de gotta e de lithiasis.

* * *

Por esta resumida noticia se ficará fazendo ideia do enorme valor das Caldas de Chaves, cuja existencia, todavia, uma grande parte da população do paiz completamente ignora.

O aproveitamento regular d'estas magnificas thermas está por isso claramente indicado e constitue ha muitos annos a maior aspiração de todos os flavienses.

Infelizmente, porém, a exploração conveniente das aguas exige dispendiosas obras que o municipio não póde custear e que a riqueza particular, aliás pouco avultada, mas sobretudo pouco ousada, não tem tido forças nem coragem para emprehender.

Torna-se necessario que capitaes estranhos á localidade, quer do paiz, quer do extrangeiro, venham valorisar esta grande riqueza natural e colher os lucros certos e avultados que da sua exploração hão de fatalmente resultar.

Até agora o afastamento em que dos grandes centros tem vivido o concelho de Chaves, não tanto pela distancia como pela falta de commodos e rapidos meios de communicação, não permittiam que se chamassem esses capitaes para uma empreza que, por justos motivos, devia considerar-se de resultados incertos.

Com effeito a concorrencia ás estancias de aguas conta-se principalmente entre as pessoas abastadas.

Não são sómente um lugar de cura, são tambem um lugar de prazer. E esta condição não estava no caso de ser preenchida por uma estancia á qual só podia chegar-se após trabalhosa e longa jornada, em vehiculos pouco confortaveis, solavaqueando temerosamente pelas estradas mal conservadas.

As circumstancias actuaes tendem, porém, a melhorar as condições de qualquer empreza que á exploração das Caldas de Chaves queira applicar os seus capitaes.

Dentro de poucos mezes o caminho de ferro chegará a Vidago e não tardará muito que vença tambem os 18 kilometros que aquella estancia dista de Chaves.

As Caldas de Chaves ficarão depois apenas a umas 8 ou 9 horas do Porto e a 15 ou 16 horas de Lisboa.

A localisação das nascentes não póde ser mais propria para uma estancia de luxo e prazer. A formosissima veiga que se estende para o sul presta-se admiravelmente para um grande parque, povoado de chalets, de casinos, de theatros, de vastos campos para todos os generos desportivos.

O rio Tamega, serpeando n'esse admiravel parque, dar-lhe-ia condições de belleza e de recreio que não são faceis de reunir em outra estancia de aguas.

Juntando a isto a excellencia comprovada d'estas thermas, unicas em todo o paiz, e tão raras na Europa, não poderá tomar-se á conta de simples sonho a aspiração de vêr transformadas as Caldas de Chaves não só na primeira estancia de aguas de Traz-os-Montes, mas tambem, segundo as opiniões de pessoas entendidas, em uma das primeiras de Portugal e da Europa.

E' tempo, pois, de tentar este emprehendimento de tão grande alcance para o concelho de Chaves e para toda a nossa sempre tão abandonada provincia de Traz-os-Montes.

O municipio acha-se já ha tempos habilitado com um magnifico projecto, feito pelo distincto engenheiro snr. Terra Vianna, para o devido aproveitamento das excellentes thermas.

Comprehende esse projecto a captagem das nascentes, para o que será desviado o curso do regato de Rivellas; a construcção de um balneario com todos os mais modernos aperfeiçoamentos, taes como banhos de immersão, duches, inhalações, pulverisações, banhos de vapor, etc.; a construcção de um esplendido hotel annexo ao balneario, offerecendo as condições de commodidade e conforto dos melhores estabelecimentos d'este genero, e tendo adjunto o respectivo casino; a construcção de um caes no rio Tamega, pondo as nascentes ao abrigo das maiores cheias; o ajardinamento de todo o vasto campo do Tabolado, contiguo ao balneario; a abertura de largas avenidas ligando a villa com o estabelecimento balnear, etc., etc.

A actual vereação, animada do maior desejo de quanto antes realisar este grande melhoramento local, nomeou ultimamente uma commissão de representantes das classes que na localidade predominam, para formular as condições em que o municipio concederá a exploração das Caldas á empreza que para tal fim venha a constituir-se.

Muito brevemente, por isso, será aberto o concurso para esta grande obra; e animada das melhores esperanças de que os concorrentes não faltarão a um emprehendimento a que tão prospero futuro póde vaticinar-se, eu sentir-me-hei feliz se esta pequena noticia que ahi deixo mal traçada, ao correr da penna, puder contribuir para tirar do esquecimento e valorisar devidamente tão consideravel riqueza da nossa querida provincia.

Augusto de Carvalho.

A respeito da Flora de Chaves

Dois allemães illustres, o conde de Hoffmansegg e o professor Link, vieram em fins de 1797 ao nosso paiz, percorrendo-o minuciosamente no anno seguinte, em estudos e explorações botanicas sobre que deveria basear-se a sua luxuosa e monumental FLORA PORTUGAISE, de que apenas se publicou uma limitada parte. Chamado, porém, ao exercicio das suas funcções docentes na universidade de Rostock, Link foi obrigado a regressar á patria, antes que os doutos naturalistas houvessem visitado a provincia de Traz-dos-Montes, cuja vegetação era completamente desconhecida nos dominios scientificos e cujo chão o grande Tournefort não conseguira pisar, tambem, nas suas largas viagens pela terra portugueza.

Ficara-lhes em claro, portanto, uma região interessante e vasta do nosso solo, sobre a flora da qual nem o proprio Feliz Brotero, por elles consultado em Coimbra, lhes pôde fornecer qualquer indicação de maior valor. Resolveu-se, por isso, o conde de Hoffmansegg a percorrer isoladamente as terras de Traz-dos-Montes, partindo do Gerez para Salamonde em março de 1800, para subir depois a Montalegre, d'onde alcançou Chaves, na margem direita do Tamega. Occupando-se d'esta povoação, onde recolheu algumas plantas curiosas e raras, diz-nos elle no 3.º volume da preciosa obra VIAGEM EM PORTUGAL, publicada pelo professor Link:

«Fica-se surprehendido por se encontrar n'esta região de montanhas uma planicie consideravel e bem cultivada. O Tamega, cuja largura alcança vinte a trinta passos, é atravessado por uma ponte de pedra que liga o forte de Santa Maria Magdalena á villa. Do outro lado do rio a planicie estende-se meia legua para éste, até junto de alguns montes pouco elevados; mas segue o curso do rio durante tres leguas e adquire uma maior extensão penetrando na Galiza, que fica a duas leguas de distancia. Portugal é de tal modo entrecortado de collinas e montanhas, que o aspecto de uma planicie produz ahi uma sensação agradabilissima.

Chaves, villa bastante importante, á cinco leguas de Montalegre, faz parte da comarca de Bragança; o Corregedor Ouvidor reside lá habitualmente. Uma villa situada como esta n'uma planicie — coisa muito rara nas fronteiras elevadas de Portugal — que se estende até Hespanha, teria de ser bem fortificada. Só d'este modo mereceria o seu renome e as suas armas (duas chaves em cruz), porque tornar-se-hia a chave do norte de Portugal e da Galiza. Tem uma numerosa guarnição, que se compõe de dois regimentos de cavallaria, um regimento de infanteria e um destacamento de artilheria do Porto. As fortificações estão em mau estado; foram em parte destruidas pelo inverno chuvoso de 1799 a 1800. Na guerra de 1762, Chaves cahiu em poder dos hespanhoes por surpreza, o que deu motivo a que *Pombal*, feita a paz, lhe mandasse accrescentar algumas obras exteriores. Não haveria o direito de censurar, tanto em Portugal como no estrangeiro, a conducta da guarnição de Chaves se esta praça, que é contada no numero das fortalezas, tivesse promptamente capitulado na ultima guerra? Mas não serão dignos de compaixão soldados obrigados a resistir n'uma praça cujas fortificações ficaram arruinadas por um inverno rigoroso?

A pouca distancia da villa, na direcção S. O., encontram-se muitas nascentes de agua quente, de que o povo faz uso; não são affamadas. Eram conhecidas no tempo dos romanos, que chamaram a povoação situada proximo d'ellas *Aquæ flaviæ*. Este nome apparece em alguns restos de antiguidades que se teem descoberto em Chaves. Pretende-se que a ponte, sobre o Tamega, foi egualmente construida pelos romanos no tempo de Trajano.

O termo de Chaves, com vinte e oito leguas quadradas de extensão, comprehende cento e oitenta e seis aldeias, sete mil e setenta e oito fogos, e trinta e tres mil e oitocentas almas — o que dá mil duzentos e sete habitantes por legua quadrada, população bastante consideravel. A villa contém seiscentas e oitenta casas, e tres mil seiscentas e cincoenta almas. A industria e o commercio estão pouco florescentes. Os dois quintos da comarca são cobertos de castanheiros e de algumas outras arvores; um quinto está inculto e dois quintos são agriculturados. Cultiva-se muito centeio, colhe-se milho maez, trigo e batatas, mas pouco vinho e azeite, e quasi nenhuma seda. As outras producções consistem em linho, de que se recolhe annualmente seis mil arrobas (a arroba tem vinte e oito libras); em lã, quatro mil arrobas por anno; e em cera duzentas arrobas. Emprega-se uma charrua especial, cuja relha é curva e abre sulcos pouco profundos e afastados uns dos outros deseseis pollegadas; como o sulco da relha não tem mais de quatro pollegadas de largura, fica entre cada rego um espaço inculto de dez a doze pollegadas. Este methodo, usado em muitas provincias de Portugal, é sem duvida uma das causas principaes do pouco rendimento das terras. Não se estrumam os campos, porque se imagina que é inutil. Lavra-se quatro vezes e estorroa-se ou grada-se outras tantas as grades são semelhantes ás nossas, mas os seus dentes são feitos de pau. O desterroador não está em uso, porque se julga que é demasiadamente trabalhoso o leval'o todos os dias para o campo e tornal'o a trazer. Ainda que o lavrador

Rubus transmontanus, Samp.

portuguez não goste do trabalho, entrega-se no entanto a uma operação fatigante, que repete duas vezes por anno, a de sachar a terra em volta do milho e outros cereaes. N'estes sitios as espigas são batidas ou malhadas, ao passo que nas provincias meridionaes são debulhadas pelo gado. Como a população não é consideravel, os camponezes ajudam-se mutuamente para recolher os cereaes. Acontece muitas vezes que nos logares onde ha agua inundam os campos para os deixar em seguida quatro ou cinco annos incultos. Comprehende-se facilmente como um paiz secco possa ser forçado, por assim dizer, a produzir por este modo.

Não se criam gados n'esta região; compram-se ordinariamente na Galiza. Os lanigeros são da peior raça; pretende-se, mesmo, que os que para lá se transportam degeneram. Deve-se attribuir isto aos maus pastos, que são constituidos pelos baldios ou communidades incultas. A divisão d'estes baldios, ordenada pelo Governo, foi tão mal vista, que os habitantes n'uma noite destruiram não só os vedamentos mas até os cereaes que cobriam os campos.

As memorias da Academia Real de Lisboa, tomo II, pag. 351, encerram uma dissertação agronomica relativa ao termo de Chaves, de José Ignacio da Costa, que eu tenho muitas vezes consultado. O auctor, ainda que inteiramente convencido das vantagens da pratica sobre a theoria, não trata o seu assumpto senão theoricamente. Parece muito instruido; mas, como muitos escriptores portuguezes, crê por algumas observações novas e pouco conhecidas poder resolver todas as questões».

Depois do conde de Hoffmansegg, homem generosissimo que consumiu toda a sua enorme fortuna ao serviço da sciencia, creio que nenhum outro botanico estrangeiro voltou a estudar a flora do valle de Chaves. Quanto a portuguezes, sei apenas que ha alguns annos foi a região explorada pelo snr. Adolpho Moller, inspector do Jardim Botanico de Coimbra, o qual recolheu ali diversos especimens para o herbario da Universidade, hoje o primeiro e o mais importante do paiz.

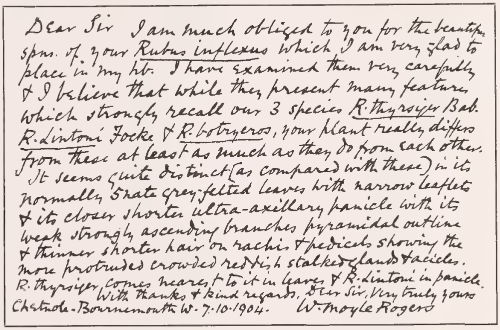
Pelo meu lado, visitei esses logares, n'um rapido reconhecimento da sua vegetação, nos primeiros dias de setembro de 1904, percorrendo os arredores da villa, uma parte da veiga do Tamega e a serra do Brunheiro, d'onde se descobre uma vista extensa e bella. A flora é caracteristicamente trasmontana, sem apresentar, comtudo, os typos que mais particularmente distinguem a vegetação expontanea da chamada Terra quente, no Alto Douro. Como especies mais curiosas d'estes sitios poderei citar a pequena *Veronica triphyllus* Lin., só conhecida no nosso paiz em mais duas localidades, o *Salix triandra* Lin., salgueiro vimeiro que apparece nas margens do Tamega, a montante da povoação, e que entre nós apenas fôra encontrado, ha annos, nas margens do rio Minho, e o *Rubus transmontanus* Samp. silva da secção das glandulosas que descobri na serra do Brunheiro e que, até hoje, não appareceu em outro logar qualquer, mas que se ha de encontrar, certamente, para as bandas da Galiza.

E', pois, esta ultima uma planta que se deve considerar por óra como privativa da flora de Chaves. O seu estudo, feito poucos dias depois do meu regresso a esta cidade, revelou-me uma especie inteiramente nova, embora proxima dos *R. Lintoni* e *R. botryeros*, que se encontram na Inglaterra; porisso, dando-lhe o nome de *R. inflexus*, com que a descrevi na minha monographia RUBUS PORTUGUEZES, enviei alguns exemplares ao notavel rubulogista d'aquelle paiz snr. Moyle Rogers, pedindo-lhe a sua valiosa opinião sobre a curiosa planta do Brunheiro. O sabio auctor do HANDBOOK OF BRITSH RUBI respondeu-me confirmando a validade da nova especie, em postal que é reproduzido agora pela photogravura e pelo qual se poderá vêr o modo de pensar do distincto especialista inglez relativamente á silva em questão.

Mas, como mais tarde pude verificar, o binome com que então designei a planta fôra anteriormente empregado por Boulay para indicar outra especie; porisso, em harmonia com as leis da nomenclatura botanica, mudo-lh'o agora no de *Rubus transmontanus* Samp. com que ficará definitivamente inscripta no quadro das fórmas vegetaes scientificamente conhecidas.

Academia Polytechnica do Porto,
março de 1909.

GONÇALO SAMPAIO.


Dear Sir I am much obliged to you for the beautif
spns. of your Rubus inflexus which I am very glad to
place in my hb. I have examined them very carefully
& I believe that while they present many features
which strongly recall our 3 species R. thyrsiger Bab.
R. Lintoni Focke & R. botryeros, your plant really differs
from these at least as much as they do from each other.
It seems quite distinct (as compared with these) in its
normally 5nate grey-felted leaves with narrow leaflets
& its closer shorter ultra-axillary panicle with its
weak strongly ascending branches pyramidal outline
& thinner shorter hair on rachis & pedicels showing the
more protruded crowded reddish stalked glands & acicles.
R. thyrsiger comes nearest to it in leaves & R. Lintoni in panicle.
With thanks & kind regards, Dear Sir, Very truly yours
Chatnole-Bournemouth W. 7.10.1904. W. Moyle Rogers

Fac-simile do notavel rubulogista inglez Moyle Rogers, relativo ao **Rubus transmontanus,** SAMP., de Chaves. (1)

(1) TRADUCÇÃO. – Caro Senhor: Estou-lhe muito reconhecido pelos bellos exemplares do seu ***Rubus inflexus,*** e tenho um grande prazer em collocal-os no meu herbario. Examinei-os com todo o cuidado e creio que, embora elles apresentem bastantes caracteres que fazem lembrar as nossas tres especies ***R. thyrsiger*** Bab. ***R. Lintoni*** Focke e ***R. botryeros,*** a sua planta differe realmente d'estes pelo menos tanto como elles differem entre si. Parece inteiramente distincta (comparada com elles) pelas folhas cinzento-villosas e normalmente 5-folioladas, assim como pela panicula ultraxilar contrahida e curta, de perfil pyramidal e com pediculos debeis, francamente ascendentes, tendo pêllos muito finos e curtos, como o eixo, e numerosas aciculas e glandulas pediculadas vermelhas. Do R. thyrsiger aproxima-se muito pelas folhas e do R. Lintoni pela panicula.

De V., etc.

Chatnole - Bournemouth W. 7-10-1904.

W. MOYLE ROGERS

NOTA DA REDACÇÃO.

O Homem de Traz-os-Montes

CHAVES — Tumulo do 1.º Duque de Bragança na egreja de S. Francisco

Nos tempos mais recuados da pre-historia, adentro ainda do periodo glaciario, e quando toda a Europa septentrional jazia sepultada sob uma espessa crosta de gello, é que o aborigene da terra iberica parece ter apégado á gleba peninsular. Confirma esta hypothese, geralmente admittida, a existencia de numerosos productos da industria do homem da idade paleolitica, no solo das cavernas ou no fundo das antas, tambem chamadas dolmens. Machados de pedra, pontas de flechas lascadas do silex, agulhas e punhaes de osso, raspadores de pedras tosca, de envolta com outros utensilios ou armas, tudo isto, trazido á luz do dia, nos revella a historia do homem nas epochas recuadas do mundo.

Entre as provincias portuguezas que maior contingente têm dado para os muzeus archeologicos, figura Traz-os-Montes em primeira plana. Ahi as antas, tão numerosas que parecem indicar uma população primitiva bastante densa, contam-se por muitas dezenas, tendo só o abbade de S. Martinho de Bornes, de parceria com um outro sacerdote, descoberto mais de 30, umas já exploradas, outras ainda intactas.

N'essas epochas remotas, que se podem talvez contar por dezenas de milhares de annos, o homem era um selvagem na mais lata acepção da palavra, e se uns escassos despojos seus, aqui e além descobertos, nos permittem a sua reconstituição estructural, era este apenas um ser na ultima escala morphologica do homem, um como typo de transição entre o *anthropopithecus allalus* e o *homo sapiens*. Era dolichocephalo e pertencente á familia kamita. O seu typo, quando attingida a perfeição, devia ser como os povos d'essa familia são: estatura mediana, pernas curtas, côr trigueira, cabellos e olhos negros, e fallava uma lingua aglutinante. Era oriundo da Asia e precedeu na Europa em muitos milenios o arya, que hoje em quasi toda a Europa predomina. Vivia de ordinario em cavernas, nutria-se da caça, cobria-se de pelles e usava armas de pedra tosca. Desconhecia a agricultura e não creava rebanhos. A historia designa-o por *ibero, berber, siluro* e *euskaro*, e sabios ha que o identificam com os *pelargos, etrincos, berberes* e outros povos do tronco turaniano.

CHAVES — Camara Municipal

Quando 9 ou 10:000 annos antes de Christo, os atlantidas, povo ao parecer da mesma raça, e vindos não se sabe bem de donde, — d'um paiz situado em pleno Atlantico e hoje imerso no fundo do oceano, segundo uns, da costa de Marrocos a oeste do Atlas segundo outros, — abordou ás praias occidentaes, o habitante da peninsula jazia ainda na mais extrema barbarie, em plena idade paleolitica, começos da neolitica quando muito, e o invasor escassamente o lobrigava no fundo lobrego das suas cavernas, ou nos atalhos invios dos montes inaccessiveis.

Não assim o adventicio, n'um estado de civilisação relativamente adiantada. Conhecia já o bronze, e as suas armas, como os seus utensilios, com esse metal se fabricavam. E acaso a elles, mais do que ao proprio indigena, se deve o alto

grau da civilisação que a peninsula attingiu, muitissimo antes dos phenicios aqui aportarem.

Povo guerreiro, ao que parece, pois que fundou um vasto imperio que se estendia ao Thyrreu na Europa e ao Egypto na Africa septentrional, não tinha comtudo laços intimos que o mantivessem, e as invasões, dos ligurios primeiro, e cujo chefe, Italus devia dar o seu nome á Italia, dos aryas

CHAVES – Egreja da Misericordia

depois, em breve o fraccionaram e destruiram para além dos Pyreneus, reduzindo o seu dominio á peninsula hispanica sómente. – E seria caso de perguntar agora, se a estes invasores, mais do que ao primitivo habitante do occidente iberico, se não deve a origem da Lusitania, e a raça que mais intimamente a povoou.

Os povos que depois vieram, e por successivas e lentas infiltrações se mesclaram com o lusitano – fenicios, gregos, carthaginezes, etc. – só mediocremente actuaram no seu modo de ser etnico; mas já o mesmo não succedeu com a invasão devastadora que alguns seculos antes de Christo desabou como um diluvio sobre a costa occidental da peninsula, cobrindo tudo de norte a sul com as suas ondas revoltas, e trasbordando ainda para além das fronteiras da velha Lusitania, como um rio que enche de mais. Eram os celtas, povos guerreiros de raça arya, de longa data installados na Gallia, e attrahidos á peninsula pelas sugestões da cubiça e o amor das aventuras.

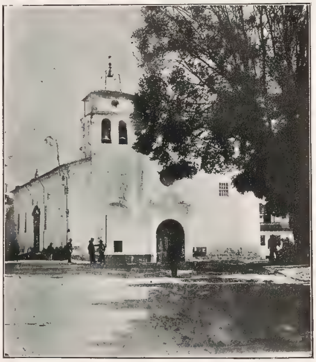
Eram barbaros e ferozes, e, embora mais atrazados em civilisação que os lusitanos, facilmente os levaram de vencida, operando como operavam em massas profundas e compactas contra um povo disperso e fraccionado em tribus. Sob os golpes dos seus machados homicidas, desabaram muralhas de homens. Foi uma chacina horrivel, e o indigena que conseguiu escapar ao morticinio, só o conseguiu a troco da escravidão a mais dura.

Tresentos annos talvez, durou o predominio celta, e é crivel que durante este lapso de tempo, as relações entre vencidos e vencedores, adoptadas pelo attricto da convivencia, e talvez tambem por insensiveis infiltrações que iniciassem a fusão, dessem logar a que, vencido por sua vez o celta pelo cartaginez, as distincções entre celtas e pre-celtas cessassem, de modo que o romano, quando por sua vez appareceu, já só encontrou em terras da Lusitania um povo unanime na resistencia, obstinado na lucta, ao contrario do que ao cartaginez succedera, que só celtas viu diante de si a disputar-lhe o dominio da terra.

O que parece é que o lusitano, fugindo á invasão, se houvesse concentrado mais para o interior, Traz-os-Montes e Beira Baixa, onde as condições orographicas do terreno semeado de cumiadas lhe offerecia maior probabilidade de resistencia, entanto que o celta se aglomerava no littoral, d'onde depois estendeu o seu dominio assimilador sobre o vencido, mesclando-se com elle aos poucos. Isto explicaria pelo menos as differenças etnicas notadas entre o minhoto e o alto beirão de um lado, e o trasmontano e o baixo beirão do outro.

Mas nem por isso o celta, em Traz-os-Montes deixou de fundar colonias numerosas. O vasto triangulo que tem por balisas Bragança, Cala (Montalegre) e Murça, terras ao que se presume fundadas por elle e de que Chaves é o centro, parece ter sido densamente provoado pelos aryas.

Por sua vez o romano, que tantos vestigios deixou do seu dominio na terra trasmontana, e, mais do que em nenhuma outra, em Chaves, infiltrou-se tambem na população, por fórma a modificar mais o typo primitivo; é da fusão d'estes tres elementos tão oppostos, – chamitas, celtas, latinos,



CHAVES – Egreja Matriz, Santa Maria Maior

– que provém o habitante da orla occidental de Traz-os-Montes, em que a visinhança da Galliza e Minho constantemente influem por meio da sua emigração.

A par d'estas influencias etnicas, infileiram-se tambem as influencias mesologicas e historicas, dando mais consistencia á caracteristica etnica, accentuando mais o typo predominante, que não é mesmamente o do puro trasmontano ou do puro minhoto, de quem se distanceia um pouco.

CHAVES—Hospital da Misericordia

N'este cantão onde a agua thermal, a um grau elevado, dá á flora local proporções agigantadas, o homem não póde ser o mesmo que nas regiões onde esse elemento falta. A influencia do meio, tão activo no animal como no vegetal, havia de necessariamente modificar o habitante, na estructura e na indole, mesmo que outras causas já apontadas ou a apontar não concorressem para essa alteração.

Por outro lado, a sua condição de fronteira, identificando o homem com a lucta inherente ao habitante das praças de guerra, fez d'elle um typo *sui-generis*, atrevido e bravo, emprehendedor e ousado. O homem que, de geração em geração, viveu nas rudezas do combate, nas agitações da guerra e nas estreitezas dos assedios, adquire sempre por herança de paes ou atavismo de avós, uma tempera rija de luctador que no habitante d'outras regiões, menos sacudidas pelas violencias da lucta, se não encontra. Assim o montegrino, servio de origem, sempre com as armas na mão, acabou por constituir uma raça valente e indomita, emtanto que seus irmãos os servios, amolentados na escravidão ao turco, continuam hoje ainda a formar um povo frouxo e tibio.

Por este motivo foi sempre e em todos os tempos o flaviense um soldado audacioso e valente, e os seus dragões, celebres tanto pela sua fidelidade como pela sua bravura, crearam fama imperecedoura. O dragão de Chaves e o caçador de Bragança, – outro povo com eguaes afinidades etnicas, mesma origem, egual caldeamento das mesmas raças – constituiram sempre *elite* no exercito portuguez, e d'elles se póde dizer o que Nery dizia do soldado lusitano ao serviço da França: «que quem fosse no rasto d'elles, ia sempre no rasto da victoria». E é assim que o historiographo Soriano na sua ¡vasta obra sobre as nossas contendas civis, póde dizer com uma sinceridade cheia de admiração, que os trasmontanos que tomaram parte na guerra civil de 32, fossem por D. Pedro ou D. Miguel se extremaram sempre pela mais ardente lealdade.

Este testemunho insuspeito d'um homem que não é trasmontano e que a muitos trasmontanos do partido adverso combateu com as suas armas na mão, tem, aqui mais do que em parte alguma, um logar adequado.

Salgueiral da Regoa,
2 – 3 – 909.

VIEIRA DA COSTA.

CHAVES NA GUERRA PENINSULAR

Á MEMORIA SAUDOSA DE MEU PAE
ALEXANDRE JOSÉ MALHEIRO MADEIRA

O DESESPERADO grito de revolta soltado no Porto em 6 de junho de 1808, encontrando a sua primeira repercussão em Chaves e successivamente n'outros pontos da nossa provincia trasmontana, contra a odiosa oppressão estrangeira, marca verdadeiramente o inicio do brilhante papel que a esta villa coube n'essa memoravel guerra, chamada da peninsula, em que o nosso glorioso exercito, não querendo desmentir as heroicas tradições que lhe vinham d'Aljubarrota e Montes Claros, conseguiu, á custa de milhares de preciosas vidas, n'uma lucta desegual, mas persistente, sem desfalecimentos nem hesitações, contra um inimigo aguerrido e forte, firmar bem solidamente essa frondosa arvore da nossa independencia, levando de vencida um audaz, invasor, que a insaciavel cubiça de Napoleão havia doidamente impellido para os nossos dominios.

Não nos permittem os estreitos limites d'este modesto artigo dar ao assumpto que lhe serve de epigraphe, o desenvolvimento reclamado pelo actual momento historico, em que, por todo o paiz, se está celebrando o primeiro centenario da nossa guerra peninsular, vendo-me assim forçado a resumir o que, muito ligeiramente respiguei d'algumas obras dos nossos historiadores, relativo não só áquella antiga praça de guerra, como ás diversas acções em que, fóra d'ali, sempre briosa e heroicamente, houveram que operar as suas famosas guarnições.

1809

O plano d'invasão audazmente concebido n'este anno, por Bonaparte contra Portugal, confiando a Soult um effectivo de 23:500 homens, determinava-lhe a sua penetração n'este reino, pela fronteira da Galiza, d'onde deveria seguir depois, pelo litoral, para o Porto, e d'esta cidade para a de Lisboa. Inteiramente, porém, frustradas as suas tentativas d'invasão pelo Minho, onde se lhe deparou uma tenaz resistencia, por parte das tropas de Bernardim Freire, deliberou em Orense, depois de uma accidentadissima marcha, em escaramuças varias com os hespanhoes, e por um tempo chuvoso, que lhe originou umas 500 baixas, realisar a penetração no nosso paiz, por Traz-os-Montes.

Orense — Guinzo — Villa de Rey — Monterey e todo o valle do Tamega até Chaves, foi o itinerario escolhido por Soult, o qual, de resto, lhe permittiria depois seguir por Villa Pouca d'Aguiar e Villa Real para o Porto, ou mesmo por Braga para aquella cidade.

Era, assim, a praça de Chaves o principal obstaculo que interceptava ao invasor a sua linha de mar-

cha; todavia não seriam muito grandes os receios que ella lhe inspirava, visto que, tendo sido, ao que lhe constava das suas informações, bastante desmantelada pelos hespanhoes, em 1762, nnnca mais fôra restaurada, até então, podendo, portanto, considerar-se de somenos importancia a resistencia que uma tal fortificação lhe poderia offerecer.

Pela nossa parte, as forças da defeza que guarneciam a provincia de Traz-os-Montes, eram commandadas pelo brigadeiro Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, o heroico militar que tão brilhantemente deixou o seu nome ligado a essa epocha gloriosa da nossa historia patria [1].

Dispunha elle dos regimentos d'infanteria n.os 12 e 24 (doze e dobra), na força de 2:800 homens; de cinco regimentos de milicianos, dos quaes apenas 2:500 homens se achavam armados; 50 cavallos e alguma artilharia, constituindo um total, aliás diminuto, de 5:000 homens, approximadamente.

Pondo-se, todavia Silveira em communicações com o marquez de La Romana, general hespanhol que, á frente de 16:000 homens, conseguira desviar-se dos francezes e entrar em Portugal, contava o valoroso defensor de Traz-os-Montes, com mais este punhado d'homens, dos quaes, por signal, apenas tambem metade se achavam armados, e se haviam já estabelecido na margem direita do rio Tamega, desde Monterey até á praça de Chaves, passando-se depois para a margem esquerda d'aquelle rio, desde Tamaguellos a Lamadarcos.

Esta disposição das forças hespanholas, tinha por fim prolongar a direita das portuguezas do brigadeiro Silveira, que se havia estabelecido desde a ponte de Villaça até Villarinho.

Marechal Silveira Conde d'Amarante — (Reproducção de uma gravura antiga)

Eram, no entanto, muito superiores as forças de Soult, cujo effectivo de 23:500 homens, 19:500 d'infanteria e 4:000 de cavallaria, se achavam distribuidos pelas seguintes unidades:

INFANTERIA

1.a divisão, com 4 regimentos sob o commando do general Merle, perto de 6:000 homens.

2.a divisão, com 3 regimentos e 3 batalhões suissos, sob o commando de Mernet, 4:800 homens.

3.a divisão, com 3 regimentos, sob o commando de Delaborde perto de 5:000 homens.

4.a divisão, com 5 regimentos de pequeno effectivo, sob o commando de Heudelot 3:700 homens.

CAVALLARIA

Uma divisão de cavallaria de Dragões, sob o commando de La Hussaye, e composta de duas brigadas: Marissy e Caulaincourt, cada uma a dois regimentos, n'um total de 1:900 cavallos.

Outra divisão de cavallaria do commando do general Franceschy, composta das brigadas Lorges e Fournier, cada uma com dois regimentos, n'um total de 1:300 cavallos.

A brigada Vialames, com dois regimentos e 1:000 cavallos, dois destacamentos de sapadores e alguma artilharia.

* * *

Escolhida que foi a sua linha de marcha, o invasor, tendo destacado na direcção de Guinzo, Villa de Rey, Monterey uma vanguarda composta da cavallaria Franceschy e infanteria Heudelot, ordenou o avanço das restantes forças n'esta mesma direcção até Alariz, tendo, porém, o cuidado de mandar a cavallaria de Lorges para La Gironda, afim de lhe vigiar o flanco direito.

No dia 4 de março marchou Soult para Alariz, ordenando novo avanço das suas forças d'Alariz para Guinzo, ficando em 5 o quartel general em Villa de Rey.

No dia 6 os Dragões de Hussaye foram occupar Monterey, vigiando o seu flanco esquerdo; e a divisão Merle que Soult tinha deixado á rectaguarda para conservar as communicações com Orense, foi estabelecer-se em Guinzo.

N'este mesmo dia, ás 8 horas da manhã, Franceschy, tendo transposto a serra de Larouco e passado Verim, encontrou-se com as forças de La Romana, de cuja presença avisou o general Heudetot que para aquelle ponto fez logo destacar um regimento.

Foram então os hespanhoes batidos, de frente pela infanteria, e sobre os flancos pela cavallaria, do que lhes resultou serem derrotados e postos em retirada, por Villa Franca, para as Asturias, depois de terem perdido tres bandeiras e soffrido 1:600 baixas, com 1:200 mortos e 400 feridos.

Estava, d'est'arte, consideravelmente enfraquecido o flanco direito das forças portuguezas de Silveira, cuja vanguarda, do effectivo de 2:500 homens, com 4 peças, sob o commando do tenente coronel d'infanteria 12, Francisco Homem de Magalhães Pizarro se adiantára para junto da ponte de Villaça e Atalaya, a cerca de tres leguas além da fronteira.

Foi então que, tendo ao inimigo sido ordenado um reconhecimento offensivo na margem esquerda do Tamega, um esquadrão de Dragões e um regi-

[1] Mais tarde, Conde d'Amarante.

mento d'infanteria se dirigiram até um pouco abaixo de Tamaguellos, onde, dentro em pouco, as forças de Pizarro se viram quasi completamente cercadas, rompendo, todavia, o fogo contra o inimigo, em que, segundo Silveira, produziram umas 80 baixas.

Perante, porém, a superioridade numerica dos francezes, viu-se Pizarro obrigado a retirar, com perda apenas d'uma peça, vindo occupar Villarelho da Raia e a Portella do Avado, depois d'um combate que durou desde o meio dia até á noite.

* * *

Pela sua parte os francezes, tendo conseguido separar os defensores portuguezes e hespanhoes, repelindo-os em direcções oppostas, estabeleceram o seu quartel general em Verim, transformando o convento de Monterey em hospital.

CHAVES Quartel de Cavallaria

No dia immediato as forças invasoras, passando-se já para territorio portuguez, vinham bivacar em S. Cypriano, em frente de Villarelho.

Algum tempo se conservára ainda Pizarro com as suas forças na fronteira, vigiando o inimigo; mas recebera, por fim, ás 8 horas da noite, ordem de retirada para Chaves, onde se encontrava Silveira que muito bem entendeu não dever prolongar uma resistencia insustentavel, depois da retirada dos hespanhoes, e em face mesmo de não dispôr da sufficiente cavallaria, para combater a do inimigo que, em grande numero dispunha d'esta arma, demais a mais em terreno sobremodo apropriado ás suas evoluções.

Na manhã do dia immediato, como as tropas de La Romana estivessem já afastadas umas 7 leguas de Chaves, reconhecendo-se Silveira incapaz de defender, não só a extensa veiga, como tambem a sua desmantelada praça, ordenou então que esta fosse evacuada, retirando elle com o seu pequeno exercito para Santa Barbara, á excepção da vanguarda que deixou postada em Villarelho, para observar os movimentos do inimigo, estabelecendo assim esta alguns postos em Outeiro Jusão e S. Pedro d'Augustem.

Na praça de Chaves, então governada pelo coronel João de Souza Ribeiro da Silveira Magalhães, ficaram apenas os melicianos, não tardando que egualmente alli se recolhesse o tenente-coronel Pizarro, bem contra os desejos ou opinião de Silveira.

No dia 8 foi o proprio brigadeiro reconhecer o inimigo, cuja infanteria avistou bivacando na margem direita do Tamega, entre Oimbra e Villarelho, achando-se a sua cavallaria em Tamaguellos.

Approximaram-se n'este dia, de Chaves, as avançadas francezas, chegando mesmo á vista da praça, onde Silveira foi para convencer os que alli estavam do êrro que commettiam, pretendendo defendel-a, no misero estado em que ella se achava.

Nada, porém, conseguiu, voltando alli em 10 para convocar um conselho de officiaes superiores, em que a praça foi considerada indefensavel, sem que, porém, chegassem os votos a ser escriptos, por se ter ouvido, de repente tocar a rebate.

Foi então que um tal José Maria, capitão de Engenheiros, conseguiu amotinar as tropas e o povo, procurando convencer uns e outros de que a praça, ao contrario das declarações de Silveira, tinha ainda defeza, indo elle proprio tirar o armamento ao arsenal, para logo o distribuir por todos quantos se lhe apresentassem para o receber.

Não conseguiu Silveira, nem tampouco o coronel Magalhães, que estes factos ambos presencearam, evitar semelhante loucura, não ousando mesmo desapprovar esta resolução, com o receio de cahirem no desagrado dos patriotas, que, sem duvida lhes teriam lançado o feio labeu de traidores, podendo mesmo assassinal-os.

E, assim, até uma companhia do 12, entrando em Chaves, sem que isso lhe fosse ordenado, se recusou a obedecer aos superiores que a mandavam sahir da praça, declarando terminantemente os seus soldados que alli esperariam o inimigo.

Egualmente procedeu o tenente-coronel Pizarro que desde logo assumiu o governo interino da praça, emquanto que Silveira recolhia ao seu acampamento em Santa Barbara.

* * *

Segundo alguns historiadores, não déra Silveira, no momento da sua retirada, uma ordem positiva

para a evacuação da praça, tendo-se limitado apenas a manifestar a sua opinião, mais do que uma vez, sobre tal assumpto, e com ella foi, de resto, conforme a deliberação do conselho de officiaes.

Foi porisso que Pizarro, não tendo recebido uma ordem escripta ou verbal de Silveira se deixou ficar na praça.

No dia 10 mandou Soult um emissario ao brigadeiro Silveira intimando-o a que entregasse Chaves, e propondo-lhe ao mesmo tempo o governo da provincia de Traz-os-Montes, que lhe offerecia da parte de Napoleão. Silveira, porém, respondeu-

CHAVES A Praça d'Armas

lhe que, quanto á rendição da praça, apenas ao seu governador competia responder por ella; e, pelo que dizia respeito ao offerecimento que lhe fazia, ***não podia ouvir taes proposições quem tinha a honra de commandar portuguezes.***

Na noite de 10 para 11 bivacou o inimigo nas proximidades de Bostello, d'onde na manhã de 11, Soult enviou uma intimação á praça para que se rendesse, afim de evitar-se uma grande effusão de sangue.

Não se encontrando então na praça o seu governador (coronel Magalhães) enviou Pizarro um official ao brigadeiro Silveira, communicando-lhe a intimação de Soult e perguntando-lhe o que, em tal conjunctura, elle deveria fazer, ao que Silveira lhe respondeu que procedesse como entendesse visto que *a seu arbitrio tomára a defeza da praça.*

Apezar d'esta resposta, Silveira mandou dizer aos officiaes que, n'essa mesma noite, abandonassem a praça, para o que elle lhes protegeria a retirada, mandando avançar uma certa força sobre Outeiro Jusão. No entanto, ninguem a abandonou.

Posto isto, o inimigo, destacando, como vanguarda, a cavallaria do general Marissy da divisão de Dragões, marchou por Feces, na margem esquerda do Tamega, com uma columna cujo grosso era constituido pela cavallaria de Franceschy e infanteria de Heudelot. Sobre a direita marchava a cavallaria Larges.

Em 11, de manhã, as divisões La Hussaye e Delaborde fizeram um movimento envolvente, com que completaram o investimento da praça, desenvolvendo ao mesmo tempo uma extensa linha de infanteria que as forças da defeza receberam a fogo.

Pizarro, porém, que sabia não poder contar com qualquer auxilio de Silveira, resolveu então capitular, fazendo-o em 11 á noite, para em, 12 de manhã, darem os francezes entrada na praça.

Era de 500 homens de tropa de linha a sua guarnição, além de 2:000 milicianos, 1:200 ordenanças e 50 praças d'artilheria, na sua maior parte incapazes de combater.

Soult, na impossibilidade de poder guardar tão elevado numero de prisioneiros, mandou em paz as ordenanças e os milicianos, depois de lhes ter feito jurar que jámais pegariam em armas contra os francezes. Quanto ás restantes forças da 1.ª linha, procurou aproveitar-lhes os seus serviços, convidando-as para se alistarem ao serviço da França, no que ellas, em geral, fingiram convir, para, na primeira opportunidade desertarem, o que effectivamente se não fez esperar muito.

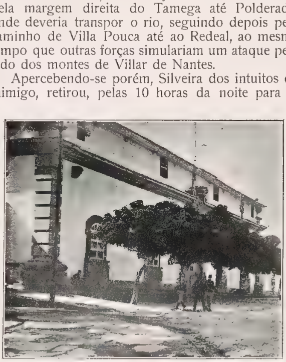
* * *

Após a tomada de Chaves dotára Soult esta praça com uma forte guarnição, sob o commando do chefe de batalhão Messager, que immediatamente ordenou o inicio da restauração das suas muralhas, serviço este que confiou ás tropas d'artilheria e engenheria. Transferiu para alli o hospital de Monterrey, d'onde vieram 1:300 doentes, dos quaes uma parte foi para S. Francisco e outra para o hospital civil, recebendo o ordenador em chefe uma ordem para alli acceitar mantimentos para 6 mezes destinados a 2:000 homens e 500 cavallos.

Seguidamente o invasor fez uma proclamação, e em ordem do dia dirigida ao exercito, tomou logo o titulo de governador geral de Portugal.

Restava-lhe agora atacar o campo de Santa Barbara, em que se achavam estabelecidas as forças de Silveira. Para isso, fez avançar uma forte columna pela margem direita do Tamega até Polderado, onde deveria transpor o rio, seguindo depois pelo caminho de Villa Pouca até ao Redeal, ao mesmo tempo que outras forças simulariam um ataque pelo lado dos montes de Villar de Nantes.

Apercebendo-se porém, Silveira dos intuitos do inimigo, retirou, pelas 10 horas da noite para as



CHAVES – Quartel d'Infanteria 19

montanhas d'Oura e Reigaz, vindo, na manhã de 13, occupar uma nova posição proximo de Villa Pouca, por fórma a poder cobrir a estrada de Villa Real.

Depois de varias considerações feitas pelo invasor, sobre o itinerario que lhe conviria seguir na sua marcha sobre o Porto, e as quaes não veem a proposito para o assumpto especial d'este artigo, resolveu Soult preferir o cominho de Chaves, Ruivães, Braga que lhe permittiria manter umas certas communicações com Tuy.

Não iniciou, porém, a marcha sem que préviamente tivesse procurado illudir Silveira sobre o itinerario que escolhêra, para o que mandou que a cavallaria de Lorges marchasse em 14 pela estrada de Oura, Villa Real, com ordem para enviar sobre Villa Pouca um forte reconhecimento que ahi fizesse importantes requisições para todo o exercito, seguindo depois de cumprida esta missão, e só em 17, a marchas forçadas, sobre a estrada de Braga, afim de reunir-se ás forças invasoras.

Foram cumpridas as ordens de Soult pelo general Lorges que não passou de Oura, d'onde iniciou um reconhecimento sobre Villa Pouca, estabelecendo os seus postos em Villa Verde, para os abandonar em 17, dia este em que, segundo as instrucções recebidas, foi reunir-se a Soult na estrada de Braga.

Este movimento foi coberto por um destacamento enviado sobre Villa Pouca, o qual foi avistado pelos postos avançados de Silveira, sendo o seu effectivo avaliado em 200 a 300 cavallos e 400 homens apeados.

Pela sua vez, ordenou tambem Silveira, em 18, um reconhecimento, enviando 800 homens que chegaram a Soutelinho, a 20 kilometros de Chaves, sem encontrarem força alguma do inimigo.

No dia 19 tendo o proprio Silveira ido reunir-se a este destacamento, avançou então até Santa Barbara, sendo logo seguido pelas restantes forças do seu exercito.

N'este dia apenas avistou uns vinte homens de cavallaria, que nem sequer se lhe approximaram.

Durante a noite de 20 para 21 conservou-se o brigadeiro em Santa Barbara, apparecendo-lhe na manhã de 31 uma forte patrulha, proveniente de Chaves. Só então Silveira tomou a resolução de avançar sobre a villa, visto ter a certeza de que a praça se achava apenas reduzida á sua guarnição, por haver o restante exercito de Soult marchado já sobre Braga.

As suas forças constituidas pelos regimentos de infanteria 12 e 24, pelos regimentos de milicias de Lamego, Bragança, Miranda, Villa Real e Moncorvo e pelo batalhão de caçadores de Montalegre, foram dispostas por Silveira por fórma que a praça fosse atacada, desde o *Cavalleiro da Amoreira* até á brecha dos Açougues.

O inimigo viu-se forçado a abandonar Chaves, depois de uma perda de 300 mortos e 200 prisioneiros, recolhendo-se ao forte de S. Francisco, onde estava o hospital e mais recursos.

Sustentaram as nossas forças um intenso fogo contra o forte durante os dias 21, 22, 23 e 24 de março, resolvendo Silveira, por fim, realisar um ataque á escalada, no dia 25, para cujo emprehendimento foram as forças distribuidas da seguinte fórma: Infanteria 12 effectuaria a escalada pelo lado do Picadeiro de cavallaria n.º 6; infanteria 24 pelas Portas; os milicianos de Moncorvo e Miranda pela Senhora da Lapa.

Silveira intimou o governador para que se rendesse, no que este ainda hesitou, pretendendo fazel-o com todas as honras da guerra, e por fórma a ser-lhe permittido o ir reunir-se, com armas e bagagens, ao exercito de Soult.

E' claro que não accedeu Silveira a semelhante exigencia de Messager, vendo-se este official obrigado a entregar-se á discreção, rendendo-se o forte no dia 25, do que nos resultaram 1:400 prisioneiros francezes, sendo 25 officiaes, 13 cirurgiões, 23 empregados civis e cêrca de 1:300 praças de pret com 12 canhões e 50 cavallos.

CHAVES — Ponte

Os prisioneiros entregaram as suas armas e munições, sendo aos officiaes permittido entregarem as suas espadas apenas depois de terem deixado a villa. Ao commandante Messager foi-lhe permittido conservar a sua (1).

A capitulação foi assignada pelo quartel-mestre Diogo José Martins, em nome do brigadeiro Silveira, o qual logo fez conduzir para Villa Real os prisioneiros que se lhe afigurou poderem effectuar a marcha, devendo d'esta villa ser posteriormente enviados para Lisboa. Alguns, porém, foram mortos pelo caminho.

* * *

Não foi, porém, só em volta de Chaves que as forças d'esta villa principalmente se notabilisaram.

(1) Assim procedeu Silveira para com os officiaes francezes, em attenção á fórma heroica como elles haviam operado a defeza.

Muitas foram as acções em que os seus regimentos obraram verdadeiros prodigios de bravura, durante essas sangrentas campanhas que, desde 1808, se travaram em Portugal, Hespanha e sul da França, até ao anno de 1814.

Assim, entraram as tropas flavienses nos combates da Roliça e Vimieiro; na defeza da ponte de Amarante, em que o regimento d'infanteria n.º 12 de Chaves mereceu especial louvor, pela inexcedivel ordem e firmeza com que protegeu, na marcha, a rectaguarda das forças de Silveira, cobrindo o seu movimento. Na do Bussaco e nos combates de Valverde, em que os regimentos d'infanteria 12, 24 e granadeiros caçadores de Traz-os-Montes, sob o commando de Silveira, mereceram fartos louvores de Beresford. Nas batalhas dos Pyreneus e nas de Nivelle, além de immensas outras, tomaram tambem parte as tropas flavienses, conduzindo-se sempre com a sua já conhecida correcção; sendo, porém, na batalha de Tolouse, ao finalisar d'esta guerra verdadeiramente colossal, que os nossos bravos se assignalaram por uma fórma tão brilhante, que ao marechal Beresford mereceu a sua conducta o mais calorôso louvor, como consta da collecção das suas ordens do dia de 1814, onde, a paginas 62 e 63 se póde lêr o seguinte:

«Sua Ex.ª julga do seu dever mencionar a conducta que a 7.ª brigada (4.ª divisão) composta dos regimentos d'infanteria n.os 8 e 12 (Chaves) e batalhão de caçadores 9, teve n'este dia. As circumstancias deram bem occasião a estes corpos a mostrarem a sua disciplina, firmeza e valor; e elles aproveitaram tanto d'ella que merecem louvores os mais particulares do snr. marechal. Sua Ex.ª dá os seus agradecimentos ao snr. coronel Diogo Donglas, ao tenente coronel Guilherme Beatty, aos majores Ignacio Luiz Madeira, Benjamim Sullivan e Luiz Evaristo de Figueiredo, aos mais officiaes e officiaes inferiores e soldados da brigada.

Para se avaliar da mortandade produzida nas fileiras do exercito francez pelas nossas tropas, bastará lêr o que alguns escriptores francezes declararam, dando as suas perdas como attingindo o numero de 3:000 homens entre mortos e feridos.

CHAVES — Entrada do Forte de S. Francisco

Segundo, porém, melhores informações esse numero excedeu mesmo 4:000.

Tambem foram grandes as nossas perdas n'esta memoravel batalha, tendo, n'ella morrido desasseis officiaes inglezes e cinco portuguezes, além de dezenove que tivemos feridos, e entre os quaes figuram o major do 12 Ignacio Luiz Madeira e alferes do mesmo corpo Manoel Antonio Teixeira.

Não foram, porém olvidados por Beresford os feitos heroicos dos nossos officiaes, como tambem póde vêr-se das mencionadas ordens do dia d'aquelle marechal, que, a paginas 64 e 66, publicam, em termos os mais honrosos, uma relação de nomes de diversos officiaes promovidos por distincção a varios postos «*pelo singular valor com que se haviam distinguido na batalha de Tolouse e em anteriores acções*».

Ahi nos apparece de novo o regimento d'infanteria n.º 12, do qual são promovidos: a major, Ignacio Luiz Madeira, filho de Chaves e (permitta-se-nos esta justificada vaidade, bisavô paterno do humillissimo e obscuro auctor d'estas linhas) que assim foi graduado no posto de tenente-coronel; o alferes Antonio Guedes, graduado em tenente, e o sargento Antonio Manoel Varejão, graduado em alferes.

Foram ainda condecorados varios officiaes com as cruzes commemorativas da Guerra Peninsular, por decreto regio, assignado no palacio do Rio de Janeiro, em 28 de junho de 1816.

Entre os nomes d'esses officiaes figuram os de muitos trasmontanos, como os marechaes Manoel da Silveira Pinto da Fonseca, Francisco Homem de Magalhães Quevêdo Pizarro, tenente-coronel Ignacio Luiz Madeira e muitos outros que tão bem souberam honrar o nome portuguez, derramando heroicamente o seu sangue pela patria, n'essa guerra colossal que presentemente se commemora, e que, ha cem annos, causou o assombro de toda a Europa, como sendo uma verdadeira e admiravel synthese do valor humano.

Porto, 7—3—09.

ALEXANDRE MALHEIRO.

Representantes das Commissões das Festas Commemorativas do cêrco e tomada de Chaves

D. Candida da Conceição Lobo

D. Ermelinda Quintanilha Dias

D. Lorinda de Mesquita Soares

D. Lucina Figueiredo Fernandes

Dr. Abrahão de Carvalho
Director d'*A Voz de Chaves*

P.e Adelino Augusto de Miranda
Capellão de Cavallaria 6

Annibal de Souza Pinto de Barros
Presidente da Camara

Capitão Antonio Gualberto da Fonseca Antunes

Coronel Antonio José Antunes

Antonio Manuel Fernandes
Presid.te do *Grupo Musical Flaviense*

Antonio Teixeira Chaves
Director d'*A Aurora*

Capitão Augusto Cesar Ribeiro de Carvalho

Domingos G. de Moraes Sarmento
Administrador do Concelho

Filippe Leite de Barros Moura
Director do *Noticias de Chaves*

Francisco Marcellino da Fontana
Vice-presidente da Camara

João Baptista de Medeiros
Presidente da Sociedade Artistica de Soccorros Mutuos

João Carlos Pinto
Maestro de Infanteria 19

João Eloy Nunes Cardozo
Professor do Lyceu

Joaquim Fernandes Ferreira
Reitor do Lyceu de Chaves

José Antonio Dias
Presidente da Associação Commercial de Chaves

José Correia dos Santos Junior
(do Banco de Chaves)

Dr. Manuel José de Souza Morato

P.e Manuel José Teixeira Barrozo
Abbade de Chaves

Cliché de A. A. Corrêa

PROCISSÃO DOS RAMOS EM ALIJÓ

A INDUSTRIA DAS SEDAS EM TRAZ-OS-MONTES

D'ENTRE todas as manifestações de actividade que distinguem, com um traço bem accentuado, na terra portugueza, os filhos de Traz-os-Montes, é digna de archivar-se e justo que se ponha em destaque a sua predilecção pela cultura da amoreira e, consequentemente, a sua dedicação e o seu gosto, o seu cuidado meticuloso na creação do bicho da seda, e ainda, como conclusão effectiva, o brilho que deram á fabricação das sedas, em epochas remotas, quando ainda ninguem no paiz sabia tirar d'esta grande industria os grandissimos resultados estheticos e economicos que d'ella impendem.

E' mais uma prova de que a gente trasmontana é apta para todas as evoluções do progresso, quer se prendam com a exploração da vinha, que é, nas suas encostas accidentadas, a sua cultura especial e privilegiada, quer n'outras ramificações de trabalho, em que sempre se demonstraram activos, practicos, cheios de tenacidade e de amor pelo desenvolvimento e glorificação da patria.

E' um facto incontestavel este: que em Portugal foram os trasmontanos os primeiros que fabricaram sedas; que as tingiram; que apresentaram diversos padrões em velludos, fitas largas e estreitas á moda da epocha; os primeiros que descobriram o systema do tôrno para as torcer, e os que mais luctaram contra todas as difficuldades, atravez de todas as crises, sustentando a sua industria nas epochas mais difficeis, se não com um certo brilho de vencedores, ao menos com a constancia do seu trabalho e a inalteravel actividade da sua intelligencia e do seu esforço patriotico.

De longes epochas, e sem querer fazer um inventario da historia da industria das sedas, — que não caberia nos limites d'um artigo da *Illustração*, datam as primeiras fabricas de seda na Europa. As primeiras, segundo os historiadores francezes, foram as de Tours, no anno de 1470, reinado de Luiz XI.

Pois, muito antes, se cultivavam já as amoreiras, se creava e manufacturava a seda em Portugal, na provincia trasmontana.

Edificio da Estação de Sericultura de Mirandella

Demonstra-o e prova-o á evidencia o foral de D. Sancho II, no anno de 1223 (perto de duzentos annos antes) lavrado a favor do arcebispo de Braga D. Silvestre Godinho, estando em Chaves, respectivamente aos moradores do Couto de Ervededo. N'elle se ordenava «que as folhas das amoreiras se

Abertura dos saccos cellulares e extracção de azas, pernas e antennas das borboletas para esmagamento nos almofarizes

não vendessem para fóra do Couto», designando as propriedades que lhe deviam pagar fôro, e estabelecendo, entre outras muitas cousas, «que do sirgo, que se creasse, lhe pagarião a sua parte em casulos» ([1]).

«Com effeito, havia esta creação, e lavra, principalmente em Lamego e Traz-os-Montes» ([2]).

A industria das sedas vem da China. D'aqui passou á Bucharia ou Turkestan, á India e á Persia. «Os phenicios, sem saber d'onde vinham aquelles preciosos estofos, fizeram o commercio das sedas pelas suas caravanas. De Asia chegavam a Roma as sedas por tal preço que a libra de seda se vendia a libra d'ouro; e diz-se, a proposito, que o imperador Aureliano, que muito amava sua esposa, se viu forçado a não satisfazer-lhe o desejo que ella lhe manifestou de comprar uma rica chlamide de seda que lhe offereciam, por achar exaggeradissimo o seu preço» ([3]).

Quem a trouxe, esta industria de luxo, para a Europa?

Dois monges gregos, da ordem de S. Basilio Magno, no seculo VI da era christã, dentro de bordões de bambu, trouxeram as sementes d'amoreira branca para Constantinopla. D'aqui, estendeu-se a novidade da cultura á Grecia e ao Peloponeso.

Os arabes, finalmente, «trouxeram a industria para Hespanha, onde tomou grande incremento em Granada e na Luzitania, *ao que parece, na provincia de Traz-os-Montes*» ([4]).

E' incontestavel, pois, que os trasmontanos, já desde o seculo VI, se interessavam pela cultura das amoreiras e se dedicavam incipientemente, é certo, á industria das sedas.

No reinado de D. Affonso V expediam-se ordens para as comarcas determinando que «todos os visinhos, e moradores d'ellas plantassem cada hum vinte pez de amoreiras, ou as enxertassem em figueiras, para assim se abrir caminho a huma avultada producção, e lavra dese da, sendo de tão grande vantagem para o reino» ([5]).

Era o interesse pelo progredimento da industria, mas em bases falsas. Nem a enxertia dava resultado nas figueiras, nem era justo que indistinctamente, ao grande como ao pequeno proprietario, se mandasse plantar um egual numero de pés de amoreiras.

Veio a regencia de D. Pedro II. Tinham acabado as guerras. Devia entrar-se, com a paz, em laborações industriaes. E assim foi.

«Com a regencia do Senhor D. Pedro II começou huma nova ordem de cousas... e as primeiras fabricas que se propoz a estabelecer foram as de sedas e lanificios» ([6]).

No paiz não havia mestres. E' certo. Tiveram de pedir-se ao estrangeiro.

No entanto, apezar dos annos de lucta e guerras que antecederam o periodo de paz da regencia de D. Pedro II, — «na provincia de Traz-os-Montes sempre se tinham conservado algumas fabricas de seda, principalmente na comarca de Moncorvo, onde os velludos chegarão a obter alguma reputação» ([7]).

Começava o Estado a cuidar verdadeiramente de desenvolver esta industria magnifica que tão vantajosos resultados economicos podia trazer ao paiz.

Desde o anno de 1766 foi que começaram a apparecer ordens mais positivas para animar este trafico. Taes foram a *Resolução* de 6 de setembro, e a *Provisão do Conselho da Fazenda* de 6 de ou-

Lavagem de sementes

tubro d'aquelle anno, pela qual se taxou a 500 réis o preço da folha de cada amoreira...» ([8]).

Taxar um preço certo a cada folha tinha tambem inconvenientes: desanimar os cultores do sirgo pela careza do alimento.

Em 1768 veio a primeira ordem official mandando fazer plantações de amoreiras em todo o paiz, e no anno seguinte estabelecia-se em Lisboa a primeira fabrica de sedas, nas portas de Santa Catharina.

Tarde, e com poucos resultados. E dizemos tarde por «que o nosso paiz seja um dos mais proprios para a producção das sedas é uma verdade demonstrada pela experiencia, que ninguem ousará negar. Não cede nem mesmo ao Piemonte, como reconhecem os proprios Piemontezes intelligentes n'este genero de industria, que se tem vindo estabelecer em Portugal; e a alguns d'elles tenho eu ouvido dar os maiores elogios ás nossas sedas, preferindo-as até ás melhores da Italia, pela firmeza do fio» ([9]).

Ainda assim, a fabrica de Santa Catharina, para onde, por impulso do conde da Ericeira, tinham vindo peritos italianos no preparo e torse, tornou conhecidos alguns productos, d'entre os quaes se assignalaram os velludos, setins, gorgorões, tellas, organsins e tafetás.

Com a morte de D. Pedro II desappareceram porém as fabricas de sedas e manufacturas que ao seu esforço se deviam.

O sul, a parte principal do reino, a capital onde ha sempre maior trafico de commercio, dava uma prova de fraqueza.

E Traz-os-Montes?

Dil-o José Accurcio das Neves, na obra já citada: «Desappareceu pois a fabrica das sedas de Lisboa com as de todos os mais generos de manufacturas; e nas provincias do norte, sendo as mais pobres, *e principalmente na de Traz-os-Montes, he que se continuarão sempre algumas creações do sirgo, e alguma laboração das sedas*, assim como na Beira Alta».

D'esta fabrica surgiu mais tarde uma companhia, montando outra na Fonte Santa, passando, depois, para S. Bento e por ultimo para o Rato. E' como fabrica do Rato que é mais conhecida, tendo-se devido a sua grande importancia ao marquez de Pombal que proseguiu a obra do conde da Ericeira.

A fabrica, depois de fallir por má administração, a companhia que a fundára passou a ser administrada pelo Estado. Para ella se destinaram 3:000 pés de amoreira branca; vieram do Piemonte sementes e homens practicos; multiplicaram-se os filatorios; apostolou-se de terra em terra a maravilha da industria... E o que fazia Traz-os-Montes? E' uma honra assignalal-o. Continuava na sua faina laboriosa e, com tanto amor, que as suas tinturarias e os seus torces não soffriam competencia.

Salão de selecção microscopica de sementes

«Que nas provincias do norte se conservou sempre o trato, e laboração das sedas, he attestado por muitas familias existentes, nas quaes desde tempos mui antigos se tem perpetuado de pais a filhos esta industria.

«As fabricas, e *principalmente as tinturarias de Bragança* tiverão sempre alguma reputação, de sorte que ainda *muito tempo depois de estabelecida, e administrada por conta da Real Fazenda a fabrica do Rato em Lisboa, se mandavão sedas d'esta cidade á de Bragança, para ahi se tingirem.* E no tempo, em que a mesma fabrica do Rato passou da companhia sua fundadora para a administração de Vasco Lourenço Vellozo, este novo administrador, para dar principio á sua administração, mandou comprar 18 mil cruzados de sedas á feira de Vizeu pelo fabricante Francez Luiz Terrier, e o incumbiu de as ir fazer torcer na cidade de Bragança em pellos, e tramas das qualidades proprias para a laboração da mesma fabrica; *porque somente alli haviam tornos para se fazer esta operação*, posto que imperfeitamente» ([10]).

Pois não era cousa tão facil o ter n'aquelle tempo um torno de torcer seda. Vasco Lourenço mandou fazer um para a fabrica do Rato, e importou-lhe em 1:095$250 réis.

Do que se póde concluir que as fabricas trasmontanas, que os tinham, estavam, n'essa epocha, n'uma relativa prosperidade.

Bem se desenvolvia em todo o paiz a cultura da amoreira e a industria das sedas, se vingasse o largo plano do marquez de Pombal. Não faltavam já estrangeiros a querer explorar esta industria entre nós. Ao francez Roberto Godin foi concedido, pela *Resolução* de 13 de fevereiro de 1734, privilegio para levantar fabricas de lavrar sedas com ouro, prata e matizes e de outras differentes qualidades, durante 20 annos.

Uma especie de monopolio; mas resalvando-se direitos adquiridos e impondo condições que davam garantias e elementos de vida para a industria portugueza já creada e para a do futuro. Entre outras condições do contracto, Godin ficava com o privilegio de mais ninguem poder, sem sua auctorisação, levantar novas fabricas, «com declaração porém, que esta prohibição não comprehenderá as fabricas, que já ha estabelecidas presentemente, ás quaes ficarão permittidas, e salvos quaesquer privilegios, que lhes fossem concedidos, *especialmente ás fabricas de Bragança*, com tanto que n'ellas se não levantem teares de novo, para se lavrarem outras qualidades de sedas *differentes das que até agora se lavravão* ...».

Mas o grande espirito do marquez de Pombal previu ainda mais: impoz ao concessionario que o sabão gasto na fabrica seria todo nacional; que todos os que servissem nas fabricas não poderiam ser obrigados para soldados, «estando matriculados e assistindo com effeito n'ellas; e que introduziria apprendizes, a maior parte portuguezes».

O marquez de Pombal, só para elle, e para com o seu exemplo animar os particulares, mandára vir de fóra 5:000 pés de amoreiras. E para a quinta da casa de Alorna, em Almeirim, que devia servir de viveiro, «a primeira remessa, espedida de Avinhão pelo porto de Marselha, chegada a Lisboa em 27 de março de 1771, foi de 49:996 pés, tendo importado, com todos os gastos, em 5:742$616 réis».

Mas na madrugada do dia 24 de fevereiro de 1779 falleceu D. José «e bem sabidas são as mudanças, que se seguiram no Ministerio e no systema de administração publica».

«O deploravel reinado de D. Maria I assistiu á declinação d'este movimento sem tino e sem homens de excepcional envergadura».

«A fabrica de Chacim e os filatorios de Lebução, S. Fins, Valle Passos, Villarelhos e outras iniciaram-se por esta epocha; mas a breve trecho liquidaram, ou pouco menos».

Era mais uma crise. No entanto a provincia trasmontana não desanimava.

A fabrica de Chacim, povoação a 10 legoas de distancia de Bragança, fôra montada pela familia Arnaud, do Piemonte, na epocha em que o piemontez Biffiguandi era em Portugal o inspector dos serviços de sericultura. Este serviço se deve ao ministro de D. Maria I, Martinho de Mello, instigado por D. Rodrigo de Souza Coutinho, nosso embaixador em Turim.

«D. Rodrigo de Souza Coutinho, já então conde de Linhares, diz um escriptor, fez esforços para elevar esta industria ao seu apogêo; mas a invasão franceza paralisou-lhe todos os trabalhos».

Selecção microscopica de sementes

No entanto, a constancia e a tenacidade dos trasmontanos ainda ia de encontro a esta «debacle» quasi final da sericultura portugueza.

No manuscripto de Columbano Pinto Ribeiro de Castro, que a *Illustração Trasmontana* anda a publicar, e que tem a data d'esta epocha, 1798, *Descripção da Provincia de Traz-os-Montes*, lê-se:

«A seda dá grande conveniencia e se cria muito principalmente nas comarcas de Miranda, Moncorvo e Bragança, quasi toda nutrida de folhas de amoreiras pretas, porque das brancas ha poucas e não são tão proprias no paiz por ser secco. Este devia ser o negocio em que se devia cuidar mais na provincia, por ser serviço feito por mulheres, que se conclue em pouco tempo, tendo prompta a venda e transporte. *Ha fabricas de preparar e tecer sedas de toda a qualidade, não só as nossas, mas as que vem de fóra...*» ([11]).

E na curiosa e interessante *Carta Corographica da população das cidades e villas da comarca*

de Moncorvo, apresenta, na sua estatistica, em Vinhaes, 34 fabricantes de seda.

Mas ha mais. Segundo este meticuloso trabalho de estudo economico da provincia trasmontana, vemos ainda que em Chacim havia n'essa epocha 54 fabricantes de seda; em Bragança 407, e muitos n'outras povoações.

Depois da invasão das tropas de Napoleão, os francezes começam a bater todos os centros sericolas portuguezes. Em Traz-os-Montes e na Beira Alta, escreve um agronomo distincto, a procura activou a cultura e a ponto tal que só em 1860 a semente produzida excedeu 1:000 kilogr. Com a qualidade ninguem se preoccupava; olhava-se só á quantidade.

scientificas a estação sericola de Mirandella, que vem, com largo esforço, desenvolvendo de novo em Traz-os-Montes a creação do bicho da seda e, consequentemente, a industria correlativa.

E' interessante esta nota, extrahida dum relatorio official:

Possuindo a região trasmontana, a despeito de devastações conhecidas, cêrca de 90:000 amoreiras, capazes de criar grosso modo, 9:000 onças de semente, observa-se que ainda temos meios de produzir, com os limitados recursos existentes, 270:000 kg. de casulo. A um preço approximado do médio francez, 3 francos, isto é, computando o valor de um kilogramma de casulo em 600, o país ainda póde obter, com esta simplissima industria rural, um producto valorisado em 162 contos de réis.

Verifica-se, em face de taes numeros, o que representaria a sericultura portuguêsa, se a replantação da amoreira e o rejuvenescimento parallelo de uma industria abatida tivessem attingido a prosperidade desejavel».

Selecção de casulo

O casulo, que se vendera a 160 réis o arratel, sobe a 300. Nas feiras trasmontanas, como na de Moncorvo, por exemplo, vendem-se os casulos aos milhares de arrateis; o que custava d'antes 1$200 réis passa a valer 3$000 réis,—o de terceira qualidade sobe a libra!

A febre da producção faz com que o numero dos bichos da seda cresça n'uma irreflectida e criminosa desproporção com o alimento: nem ar, nem luz, nem espaço, nem asseio, nem cuidado e prudente selecção dos productores.

O descredito chega a França, e o preço baixa n'uma epocha, pouco mais ou menos, em que o valor da semente e do casulo produzidos em Vizeu, na Guarda e em Bragança ainda attinge 1:400 contos de réis.

O governo, então, e algumas corporações administrativas interveem. Realisam-se enormes compras de amoreiras; começa a plantação dos baldios; em 1860 realisa-se a Exposição de sericultura no Palacio de Crystal do Porto; mas já não concorrem, entre outros, os districtos de Villa Real e Bragança. E' a agonia da industria, que tanta fama deu a Traz-os-Montes. Até a molestia veio, com notavel intensidade, tolher a maioria das creações.

Em 1889, porém, Emygdio Navarro, que tinha um grande amor á terra trasmontana, cria em bases

As transacções effectuadas no districto de Bragança, em 1893, attingiram a importancia de 40 a 50 contos, só com o casulo obtido no districto.

Do que se infere quanto a estação de Mirandella póde concorrer para uma nova phase de progredimento da industria sericola, a que a terra trasmontana tem todo o legitimo e indiscutivel direito.

Abril, 1909.

SILVA ESTEVES.

(1) JOSÉ ACCURCIO DAS NEVES – *Noções historicas, economicas e administrativas sobre a producção, e manufactura das sedas em Portugal,* pag. 3.
(2) *Ibidem.*
(3) ALFREDO V. V. CORRÊA DE BARROS.
(4) *Ibidem*
(5) JOSÉ ACCURCIO DAS NEVES.—*Obra citada.*
(6) *Ibidem.*
(7) *Ibidem.*
(8) *Ibidem.*
(9) ACCURCIO DAS NEVES - *Obra citada.*
(10) ACCURCIO DAS NEVES. —*Obra citada.*
(11) COLUMBANO PINTO RIBEIRO DE CASTRO. – *Descripção da Provincia de Traz-os-Montes.*

MONCORVO

Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana.

(Continuação).

CORAÇÃO DE JESUS

Na casa Carneiro Vasconcellos, representada actualmente por Emilio Augusto Carneiro Gusmão Vasconcellos. Esta casa fica situada no recinto formado pela antiga muralha, hoje canto esconso, devido ás exigencias da vida moderna que na sua evolução vae successivamente tornando de somenos valor elementos que outr'ora constituiam criterio imprescindivel na localização dos povoados. Apezar de muito descurada conserva ainda vestigios inconfundiveis da sua primitiva importancia e antiguidade.

São notaveis os frescos que ornamentam uma das suas salas, a capella e sacristia, devidos sem duvida á influencia das pinturas muraes de Pompeia, tão generalizadas depois das descobertas das ruinas d'aquella importante cidade no meiado do seculo XVIII.

A capella, notavel pela elegancia da sua talha dourada em alto relevo, no gosto das atraz mencionadas, ostenta pendentes das paredes grandes quadros em tela e madeira representando diversos passos religiosos, sendo notavel um pela rigorosa expressão das personagens. Trata evidentemente do prestito funebre n'uma execução de alta justiça. Disseram-me ser um auto de fé passado em Moncorvo, bem póde ser, excluida está claro a terra da scena, pois só em Coimbra, Evora e Lisboa ha memoria d'ellas no continente do reino. Seriam naturaes d'esta villa alguns dos Justiçados, de muitos dos quaes por judaismo nos conservam os nomes as Listas inquisitoriaes, e a dos condemnados no auto de fé de 8 de julho de 1742, em Coimbra menciona seis naturaes de Carção, bispado de Bragança, por tirarem «da Igreja do dito lugar alguns retratos de pessoas que forão relaxadas á justiça secular e nella estavam postos por ordem do Santo Officio».

MONCORVO – Cascata gelada na quinta das Avelleiras

E' sem duvida esta a capella mais elegante de Moncorvo e a mais rica pelas preciosas alfaias do culto que ainda conserva. E' brazonada.

No *Diario do Governo* n.º 68 correspondente a 27 de março de 1874 encontra-se um bem elaborado relatorio assignado pelos engenheiros de minas João Ferreira Braga e Pedro Victor da Costa Sequeira sobre as minas de ferro da serra de Roboredo, denominadas: Fragas dos Apriscos, Alto do Chapeo, Barro Vermelho e Sobralhal, na freguezia e concelho de Moncorvo, e da mina do Cabeço da Mira na freguezia do Felgar do mesmo concelho.

Segundo esse relatorio os depositos ferriferos começam de encontrar-se nas cristas da serra do

Roboredo, 1 kil. ao sul da villa, na encosta da serra cuja altitude acima do nivel do mar é de 818 metros.

Nos locaes acima citados affloram as massas de schisto impregnadas de oxidos de ferro e esta impregnação toma proporções gigantescas e attinge a maxima perfeição, a ponto de em algumas partes desapparecer completamente o schisto cedendo o logar a minerio puro.

As duas variedades de oxidos de ferro que se encontram n'estas minas são: ferro elegistico e ferro magnetico. A proporção do ferro metallico chega a ser de 56,6 por cento, regulando a média por 45 %.

Com quanto não possa determinar-se a quantidade de minerio, só nos pontos constantes do Relatorio póde ella avaliar-se em 16.500:000 toneladas, existindo, além d'isso, varios outros depositos que constituem uma verdadeira riqueza, tudo nas melhores condições de exploração attenta a forte inclinação do terreno, sendo apenas a falta de um caminho de ferro que dê facil transporte ao minerio a maior difficuldade para a sua laboração.

Os *Diarios do Governo* n.os 41, 42, 87, 146 e 233 de 1876; n.o 139 de 1877; n.os 141, 142 e 254 de 1878; n.os 54, 55, 56 e 57 de 1880 trazem as concessões feitas a diversos individuos das minas de ferro de Moncorvo.

O *Diario do Governo* de 12 de outubro de 1900 traz noticias respeitantes a varias transacções sobre estas minas e o mesmo *Diario* de 9 de novembro de 1893 e 24 de setembro de 1902 a relação do quantum, bem como as mais existentes no districto ellas pagam de contribuição ao estado; por este ultimo vemos que os registados no monte Roboredo são em numero de 33, montando annualmente a sua contribuição a 855$273 réis ([1]).

Nas *Memorias Parochiaes* de 1758 ([2]) tratando-se de Carviçaes, freguezia do concelho de Moncorvo, junto a esta villa lê-se: «cousas dignas de memoria n'esta povoação; o fabricar-se ferro bravo e por outro nome çatico (sic) sem para isso ser necessario aos fabricadores comprar a pedra de que se faz por se achar no Cabeço da Alva, nem cepa para o carvão, e ha duas fabricas d'elle».

Sousa Viterbo ([3]) trata das minas de ferro de Moncorvo já muito antigas e transcreve documentos do tempo d'el-rei D. Duarte referentes á sua laboração e isenções concedidas aos mineiros d'ellas; igualmente transcreve a carta de D. João II de 28 de agosto de 1486 respeitante aos privilegios dos ferrarios de Bragança e a de 22 de fevereiro de 1525 na qual D. João III nomeia fundidor dos metaes e estanho das feitorias da comarca de Traz-os-Montes e entre Douro e Minho, assim como o fôra Gaspar Gomes, cujo officio renunciára, a Manuel Fernandes.

Fallando da abundancia de ferro n'esta região diz Barros ([4]) «As mulheres (de Mós, concelho de Moncorvo) estão dobando e fiando e tangem com os pés os folles em que os maridos fazem o ferro».

BIBLIOGRAPHIA REFERENTE A MONCORVO

Além dos auctores já citados temos mais conhecimento dos seguintes:

O Archeologo Portuguez, 1.o, pag. 107 e 175; 2.o, n.os 4 a 7; 7.o, pag. 149 e 283; 8.o, pag. 218.
O Primeiro de Janeiro, n.o 57, 1903.
Historia da Administração publica em Portugal pelo dr. Gama Barros.
Minas e Mineiros pelo dr. Sousa Viterbo.
A Casa Portug., por R. Peixoto (*Serões,* 2.a série, n.o 3).
Portugalia, tom. 2.o, pag. 287 e 479.
A Arte e a Natureza em Portugal, fasciculo 78, por Manuel Monteiro.
Relatorio ácerca dos edificios que devem ser classificados monumentos nacionaes.
Les Arts en Portugal por Raczinski, pag. 332.
Memoire de l'archeologie sur le veritable signification des signes gravés sur les ancienes monuments du Portugal.
Opusculos de Alexandre Herculano, tom. 2, Monumentos patrios, 1873, pag. 46.
As Cidades e Villas por Vilhena Barbosa.
Descripção economica da Torre de Moncorvo por José Antonio de Sá (*Mem. Econom. da Acad.* tom. 3).
Cousas leves e pesadas por C. Castello Branco, pag. 69.
A Terra Portug. por R. Peixoto, pag. 54, 217, 218 e 289.
Die Bankunst der Renaisance in Portugal por Hanpt, vol. 2.
Indice Parlamentar, de A. T. d'Albuquerque, pag. 100 ([5]).,
Portugal Pittoresco ou Descripção Historica deste reino por M. Fernando Diniz, 1847, vol. 4.o, pag. 234.
Historia dos Estabelecimentos Scientificos, litterarios, etc., por Silvestre Ribeiro, 1.o, pag. 126.
Sericultura Portugueza por João Ignacio Teixeira de Menezes Pimentel, 1902, pag. 97.
Memorial Biographico de um militar illustre por Julio Maximo de Oliveira Pimentel, 1884, pag. 5 e seg.
Sanctuario Mariano, tom. 4, titul. 31, pag. 130, onde a proposito de tratar da imagem de N. S. da Vela que se venera na matriz de Moncorvo refere varias antiguidades d'esta villa. *Ibidem* pag. 133 onde trata da imagem de N. S. da Riba Cavada.
Agiologio Lusitano por Jorge Cardoso, tom. 2.o, pag. 295.
Nobiliarchia Portugueza por Antonio de Villas Boas e Sampaio, pag. 269.
Archivo Heraldico Genealogico por Sanches de Baena, part. 2.a, artigo Corvo.
Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, Prova n.o 58 do livro 4; *ibidem,* prova n.o 62.
Dissertações Philosophico-Politicas sobre o tratado das sedas na comarca de Moncorvo, dedicadas á soberana magestade da muito alta rainha de Portugal nossa senhora, pelo dr. José Antonio de Sá, Lisboa, 1787.
Memoria dos abusos das camaras e provimentos dados pelo auctor quando corregedor de Moncorvo, pelo dr. José Antonio de Sá. Manuscripto existente na Bibliotheca Municipal do Porto.
Memorias da Litteratura Portugueza, tom. 1, pag. 55.
Poblacion General de España, por Rodrigo Mendes da Silva, 1645, pag. 185.
Descripção de Portugal, apontamentos e notas da sua historia antiga e moderna, ecclesiastica, civil e militar, anonymo, 1788, pag. 204.
Duarte Nunez, descrevendo a Portugal, pag. 5.
Faria, part. 4, cap. 5.
Provisão de 14 de abril de 1888, do bispo de Bragança D. José Alves de Mariz, onde se encontra outra do mesmo prelado do dia 7 do mesmo mez e anno que supprime o Vicariato de Moncorvo.
Manifestação e adhesão do clero da diocese de Bragança ao seu prelado Excellentissimo e Reverendissimo senhor D. José Alves de Mariz bispo de Bragança e Miranda, pela medida acertadissima da extincção do vicariato de Moncorvo, 1889.

(Segue).

P.e FRANCISCO MANUEL ALVES.

([1]) Vêr sobre estes minerios, *A Terra Portugueza* (Chronica Scientifica) por Rocha Peixoto, 1887, pag. 217 e tambem *A Propaganda sobre o Caminho de Ferro do Pocinho a Miranda do Douro,* 1902, pag. 92.
([2]) In *O Archeologo Portuguez,* vol. 3, pag. 153.
([3]) *Artes e Industrias em Portugal, Minas e Mineiros,* 1904, pag. 29 e seg.
([4]) *Breve Summa da Geographia,* etc.
([5]) Até aqui extrahimos esta resenha das Noticias archeologicas do *Portugal Antigo e Moderno* de Pinho Leal, com algumas notas e indicações bibliographicas por Eduardo da Rocha Dias, 1908.

O ORPHÃO

Ás Excellentissimas Senhoras
que constituem a Commissão de soccorro
aos orphãos de Sediellos

Cliché de Antonio A. Corrêa.

Serve de thema a esta poesia a carta de appêllo da Commissão das benemeritas Senhoras transmontanas, a favor dos orphãos de Sediellos.

Senhor! que enorme desgraça
Paira nesta região,
Qual abutre que esvoaça
E espreita a preza, — a afflicção!
Já não vale o vão lamento
Que, da dor no desalento,
Solta o triste em seu tormento,
Pedindo trabalho e pão...

A noite que lhe vae n'alma
É como funerea voz,
Não tem repoiso, nem calma,
É um phantasma, um algoz!
Assim vive o proletario,
Acorrentado ao fadario,
Que, qual punhal de sicario,
Lhe inflige um martyrio atroz!

A vida assim não é vida,
É um eculeo cruel!
É ver a fé já perdida,
O nectar tornado em fel...
Negados os bens da terra,
A Fome, que assombra e aterra,
Trava, alfim, bem crua guerra
E mette a pique o baixel!...

Mas, se não fôra bastante
Tanta miseria, afinal,
Outra bem mais cruciante
Vem inda aggravar o mal! —
Horrorosa epidemia,
Qual espectro da Agonia,
Em Sediellos caía,
Para assentar arraial...

Foi grande, calamitosa,
A sua obra, Senhor!
Foi cruel, foi temerosa! —
Contal-a infunde pavor...
Roubando amor e ternura,
Sepultava em noite escura
Muito lar, já sem ventura,
Sem braço trabalhador.

Noventa e oito creanças
Ficam privadas de pão,
O porvir já sem esp'ranças,
E o luto no coração...
É bem triste essa orphandade
Quando não tem, por piedade,
Na esmola, na caridade,
De estranhos a protecção...

Ser orphão!... Nem um carinho,
Nem um afago de mãe!
Ver sempre em treva o caminho,
Sem o arrimo de ninguem...
Não ter sequer quem lhe diga,
Numa voz doce e amiga,
Oração que a Deus bemdiga
E o ensine a rezar tambem...

Não ter quem lhe ampare os passos,
E, da manhã ao alvor,
Lhe chame, estendendo os braços,
O seu filho, o seu amor...
Não sentir calor d'um seio,
Nem conhecer o enleio
D'um sorriso, se o receio
Lhe empanna o brilho, o candor...

Coitado do pobresito,
D'esse humilde, esse infeliz,
Que vive como o precito,
Sem ter um dia feliz!...
Vive como a creatura
Ao vacuo da desventura
Rejeitada em noite escura,
E que o destino maldiz...

É como o pó dos caminhos,
Sem ter nunca onde poisar;
Quaes ortigas nos maninhos,
Sem o afago d'um olhar...
Ser orphão! Meu pensamento
Não concebe, num momento,
Desgraça, ou maior tormento! —
Nem que se possa egualar...

Mas vós, excelsas Senhoras,
Com rara dedicação,
Dos orphãos as protectoras,
Buscaes não lhes falte pão.
A vossa acção generosa
Merece á alma bondosa
Veneração respeitosa,
Como nobre e bella acção!

E, nessa atroz soledade,
Pensaes em lhes construir
Um ninho de caridade
Contra os baldões do porvir.
Assim, no adusto deserto,
Virente oasis, por certo,
Lhes mostrareis já bem perto,
Que lhes desperte o sorrir.

Ó coração, que agasalhas
Terno e ledo amor de mãe,
Faze das tuas migalhas
O pão que o orphão não tem!
E vós todas que, ditosas,
Caroaveis, generosas,
Do Bem desfolhaes as rosas,
Dae vossa esmola tambem!

Oh! como é santa essa esmola
Quando se dá por prazer,
Quando a nossa alma consola,
Certa de bem proceder!
Ó almas puras, de arminho,
Não afrouxeis em carinho,
Para dar ao orphãosinho
O pão que elle ha de comer!

Oxalá o vosso appêllo
Colha almejados tropheus!
E que sôbre o vosso anhelo
Chovam as bençãos dos ceus,
Pois que a vossa obra conquista,
Numa corrente altruista,
O melhor jus a ser vista
Como inspirada por Deus!

Abril — 1909.

Ernesto Vianna.

— INQUERITO —

(CONTINUAÇÃO)

Comarca de Bragança

Tem esta Comarca huma Cidade, onze Villas, sete Honras, dous Coutos, duzentas setenta e quatro freguezias, vinte e um mil oito centos trinta e sete fogos, e oitenta e quatro mil, e nove Almas, hẽ a mais montuosa da Provinçia, e se extende muito em comprimento, mas pouco em Largura, confina com os Reinos de Castella e Galliza, e vai findar na Serra do Gerez Provinçia do Minho; por isso algumas das Villas de que se compoem lhe ficão em grande distancia. Seu Clima hẽ summamente frio, não so porque asua situação fica muito elevada, mas pelas asperas Serras que a cercão, porem nos sitios baixos, e abrigados em que o Clima hẽ temperado produs toda a qualidade de fructos, tendo para isso terras proprias como são agrande Veiga de Chaves, que fica nas margens do Rio Tamaga, e o Ramo de Lampaça nas do Sabor, tem grande Commerçio de sedas, abundançia de gados e boas Laãs.

Cidade de Bragança

Na margem do Rio Fervença setenta e cinco Legoas distante da Capital do Reino, fica esta cidade huma das mais antigas, e unica Episcopal da Provinçia foi fundada por Brigo 4.º Rei de Hespanha em 1096 – de seu fundador tomou o nome de Brigançia corrupto oje em Bragança, padeceo grandes infortunios nas irrupções, e Ruinas dos Barbaros, e ultimamente a mandou povoar de novo ElRei o Senhor D. Sancho 1.º em 1187 – e suposto que está muito diminuta ã proporção da extenção, e população que teve, contudo hẽ a melhor, maior, e mais rica da Provinçia, por ser a de maior Commerçio, Nella rezide o Governo das Armas, tem Governador da Praça, que tambem serve de Capitão Mor, e dous Regimentos hum de Cavallaria e outro de Infantaria, hẽ Cabeça de hum Regimento de Miliçias, tem Sargento Mor de Ordenanças, e trinta e oito Capitães que lhe pertençem, ali assiste o Bispo, e Cabido desde a suppressão, e união do Bispado de Miranda ã este de Bragança.

A Cathedral hẽ na freguezia de S. João, que foi convento dos P.es da Companhia, donde tambem está o Seminario, tem uma collegiada denominada Santa Maria do Sardão, fundada no anno de 1140 – que se compoem de Prior, e tres Beneficiados da apresentação do Bispo, tem dous Conventos de Freiras, hum da Ordem de S. Bento erecto em 1590 – outro de Santa Clara Frančiscanas de que a camara hẽ Padroeira instituido em 1569, – hum de Religiosos Franciscanos da Provinçia de Portugal fundado segundo a tradição por S. Francisco em 1214, e hum Hospital de S. João de D.s para cura dos Soldados, tem casa de Misericordia com a renda de 300000, – e ordem 3.ª de Franciscanos com o rendimento de – 42700 – ».

Tem Alcaidaria Mor com casas proprias no Castello dentro da Praça – ».

As justiças existentes são Corregedor, Juis de Fora, Juis de Orfãos Leigo, Juis de Alfandega, Juis de Almoxarifado, Vigario geral, – e os seus officiaes competentes. Entram nesta Comarca, tres Provedores, o de Miranda, – o de Moncorvo, e o de Guimarães, o foral da cidade hẽ de ElRei o Senhor D. Manoel, – de 1514 – .

Carta Corografica da actual População da Cidade de Bragança. Villas Coutos, e Honras de que esta Comarca se compoem

Distancia á cabeça da Comarca		Fogos	Almas	Homens	Mulheres	Ecclesiasticos Seculares	Ecclesiasticos Regulares	Freiras	Seculares	Pessoas Literarias	Sem occupação	Negoçiantes	Cirurgiões	Barbeiros	Boticarios
	Bragança. . .	7663	29971	15293	14678	387	26	132	43	21	1094	22	11	65	7
14	Chaves	7638	27840	13480	14360	164	17	30		14	1172	17	40	50	16
19	Dornellas . . .	92	413	201	212	4					9	»		2	
15	Ervededo . .	267	910	470	440	5					9	»		1	
6	Frvedosa. . . .	106	444	217	227	5					5	»	1	2	
17	Gralhas . .	72	252	108	144	2					6	»			
1	Guites. . . .	52	202	108	91	4						»		2	
177	Meichedo .	30	145	65	80	1					2	»			
18	Montealegre	3609	1554	7112	8434	177				21	262	»	1	12	
6	Nuzellos. . .	160	569	298	271	7				3	11	»	1	2	
3	Oiteiro . . .	1068	3631	1818	1813	31				3	74	»	3	4	2
17	Padroso . . .	51	190	81	109	1					2	»			
177	Padronellos. .	46	252	116	136	2					4	»			
1	Rebordãos .	176	555	300	255	3					10	»		1	
22	Ruivães	260	1161	523	638	7				2	12	»	2	2	
16	Tourem . . .	100	380	194	186	4					6	»		2	
3	Val de Nogueira .	35	147	74	73	1						»			
5	Val de Prados .	94	248	127	121	2				1	3	»			
4	Villafranca .	34	153	83	70	1						»			
16	Villar de perdizes	284	1000	433	567	7					6	»			
	Somma.	21837	84009	41101	42908	815	43	162	43	65	2687	139	59	145	25

	Cabeleireiros	Lavradores	Jornaleiros	Fabricantes de seda	Torcedores de seda	Fabricantes de Lãa	Fabricantes de Courama	Alfaiates	Sapateiros	Carpinteiros	Pedreiros	Ferreiros	Ferradores	Ourives
Bragança	2	2983	1635	407	11			195	215	137	77	65	8	2
Chaves	5	2951	708					191	116	89	71	48	22	
Dornellas		44	3					1	1	1	1	2		
Ervededo		98	26					2	3	4		2		
Frvedosa		95	14					3	6	5	1			
Gralhas		60	3					2				1		
Guites		28	15					1	1	1	1			
Meichedo		28												
Montealegre		2521	370					100	45	53	13	21		
Nuzellos		75	42					7	4	2				
Oiteiro		470	161				240	25	30	6	7	14	4	
Padroso		40	2					1	1					
Padronellos		32	3					2						
Rebordãos		110	18			1		4	1	4		1	1	
Ruivães		142	30					11	3	10		3	1	
Tourem		89	7					3	3			1		1
Val de Nogueira		34	20					1	3	2	1	1	1	
Val de Prados		27	11					5	5	3		2	2	
Villafranca		14	4					1		1	1			
Villar de perdizes		260	8					3	3	2		2		
Somma	7	10101	3140	407	11	1	240	558	440	320	126	163	41	2

	Selleiros	Tintureiros	Molleiros	Padeiros	Favaçeiros	Cerieiros	Chapeleiros	Serralheiros	Cardadores	Almocreves	Louçeiros	Pastores	Creados	Creadas
Bragança	2	24	20	43	25	2	16	2	13				869	53
Chaves	8		79			10	4	7		81	52	24	478	26
Dornellas													7	4
Ervededo													13	7
Frvedosa													2	8
Gralhas													4	
Guites												1	7	5
Meichedo													1	1
Montealegre													281	291
Nuzellos												17	35	38
Oiteiro			2									32	33	34
Padroso														
Padronellos														3
Rebordãos													11	9
Ruivães													22	22
Tourem														3
Val de Nogueira												2	4	3
Val de Prados												3	4	4
Villafranca												2	3	2
Villar de perdizes													8	5
Somma	10	24	99	43	25	12	20	9	13	81	52	87	1792	1918

Relação das Pessoas nasçidas e falleçidas em toda a Comarca nos annos indicados com declaração dos que não chegarão á idade de Communhão e do accrescimo da população.

Annos	Nasçidos		Falleçidos		Sem id.e de Com.am		Aug.mta a pop.am	
1768 1769	Homens	3924	Homens	2420	Meninos	515	—»—	—»—
1770	Ao todo	—»		»		»	1290	
1771 1772	Mulheres	3707	Mulheres	2813	Meninas	593	—»—	—»—
»	Somma	7631	—»—	5233	»—	1108	»	

Annos	Nasçidos		Falleçidos		Sem id.e de Com.am		Aug.mta a pop.am	
1788 1789	Homens	4560	Homens	2320	Meninos	853	—»—	—»—
	Ao todo	—»		»		»	2117	
1790 1791	Mulheres	4331	Mulheres	2765	Meninas	836	—»—	—»—
1792	Somma	8891	—»—	5085	—»—	1689	»	

DIZIMOS

Renderão os dizimos de toda a Comarca em 1792 . . . . 92:931115
E o total rendimento em toda a Comarca — 929:311150

Relação dos Conventos de Freiras da Comarca de Bragança, suas ordens, fundações, rendimentos, e o numero de Almas de que se compoem—

Nome das Terras	Conventos	Ordens	Fundações	Padroeiros	Religiosas	Leigas	Seculares	Moças da Communid.e	Moças da Particulares	Rendas	Dotes	Meios dotes
Bragança	S. Bento	Benediti-nas	1590	—»—	56	—»—	29	16	13	400000	500000	—»
Bragança	St.a Clara	Franciscanas	1569	a Camara	76	1	14	12	16	460000	600000	400000
Chaves	N. Snr.a da Conçeição	Capuchas reformadas	1716	—»—	24	6	—»	3	—»—	2:160000	600000	300000
Somma	—»—»—	—»—»—	—»—	—»—	156	7	43	36	29	3:020000	—»—	—»—

Dos Religiosos na forma sobredita

Terras	Conventos	Ordens	Fundações	Padroeiros	Religiosos	Leigos	Donatos	Moços	Renda certa	Renda incerta
Bragança	Franciscanos	Prov.a de Portugal	1214	—»—	14	9	1	4	—»—	1:200000
Bragança	S. João de Deus	—»—	—»—	—»—	13	—»—	1	—»—	—»—	—»—
Chaves	S. Franc.o	Capuchos	1635	A Serinissima Casa de Bragança	13	2	4	4	58500	900000
Chaves	Hospital	S. João de Deus	—»—	—»—	4	—»—	—»—	5	—»—	—»—
Nantes	S. Franc.o	Hospicio d' Capuchos	1677	—»—	os enfermos	—»	—»—	—»—	—»—	—»—
Somma	—»—	—»—	—»—	—»—	34	11	6	13	»—	2:100000

Comarca de Villa Real

Tem esta Comarca dezenove Villas, cinco Conçelhos, tres Coutos, huma Honra, cento quarenta, e nove freguezias, trinta e dous mil oito centos setenta e nove fogos, e oitenta e seis mil quatro centas, cincoenta e seis Almas, está bem situada, e hẽ composta de terras muito productivas em todos os fructos, e os mais saborosos da Provincia, porem o mais Proprio e o de maior vantagem hẽ ovinho tanto de Feitoria, como de ramo, este hẽ o genero que a fas superior em riqueza a todas as comarcas, como se ve importançia dos Dizimos, ainda com exçesso.

O clima hẽ benigno, porem como tem algumas Villas muito distantes da Capital, montes e serras elevadas, por isso tem situações asperas, frias, e dezabridas, as quaes pouco mais produzem do que pão centeio, e castanhas, hẽ cortada de varios Rios sendo os principaes o Tamaga, o Douro, e o Sabor, os quaes lhe servem de muita utilidade sendo o da maior o Douro para a exportação dos fructos do Pais, e importação dos que necesçitão de fora. A agricultura está florescente, oseu maior commercio, e industria consiste em vinhos, e hẽ em que fazem hum vantajoso Lucro, tem bastantes Fabricas, muitas Lojas de mercadoria, e artifices de todos os officios.

Villa Real

Cincoenta e nove Leguas distante da Capital do Reino, quatorze da cidade do Porto, treze da de Braga, e quatro de Lamego, fica esta Villa, que hẽ da Serenissima casa do Infantado, denominada a Corte de Tras os Montes pela sua grandeza, riqueza, e formozura, pois ainda que Bragança lhe exceda pelo que respeita ã população da Cidade, e commerçio de sedas, tem esta muita superioridade por ter melhor Clima, passagem frequente para toda a Provinçia, e pelo rico, e extençissimo termo de que se compoem.

Está fundada nas margens do Rio Corgo, distante duas legoas do Rio Douro, e outro tanto do Tamaga, confina pelo occidente com a Provinçia do Minho donde servem de divisão as serras do Marão, tem seu Castello antigo, mandado edificar por ElRei o Senhor D. Diniz do qual hẽ Alcaide Mor o Marques de Tancos, tem Corregedor, Juis de Fora, Juis de Orfãos Leigo, Juis de Almoxarifado, e Vigario geral, nomeação do Arcebispo de Braga, aonde pertence pelo Ecclesiastico.

Entrão nesta Comarca quatro Provedores, o de Lamego, o de Guimarães, o de Moncorvo, e o de Miranda, tem duas freguezias S. Dionizio, e S. Pedro, tres Conventos, hum de Religiosos Capuchos da Provinçia da Conceição fundado em 1573 - outro de Dominicos de 1424 –, e o terceiro de Religiosas Claras erecto em 1603; tem um Recolhimento denominado da Snr.a das Dores da Real protecção instituido em 1754 – huma Collegiada da Invocação de Santa Anna da qual hẽ Padroeiro, José Botelho Guedes edificada em 1748 por Jeronimo Corr.a Guedes, Ouvidor que foi do Paraiba, compoem-se de cinco Beneficiados da nomeação do Padroeiro, e Collação Ordinaria, dos quaes hum hẽ Prioste, tem casa de Mizericordia de pouco rendimento, duas Ordens terceiras a de S. Francisco instituida em 1670 que tem de rendimento – 3:942600 – a de N. Snr.a do Carmo – em 1782 - com o fundo de 80000 – hẽ cabeça de hum Regimento de Miliçias, e tem Capitão Mor, Sargento Mor, e vinte e seis Companhias de Ordenança, seu Foral hẽ do Senhor D. Manoel de 22 de Junho de 1515.

Relação das Pessoas nasçidas, e falleçidas em toda a Comarca nos annos indicados, com declaração dos que não chegarão aidade de Communhão e do accresçimo que teve a população.

Annos	Nasçidos	—	Falleçidos	—	Sem id.e de Com.am	—	Aug.mta a pop.am	
1768 1769	Homens	6007	Homens	4025	Meninos	1588	» —	— »
1770 Ao todo	— » —	— » —	- » —	»	— »	— » —		852
1771 1772	Mulheres	5959	Mulheres	4045	Meninas	1456	— » —	— » —
Somma	11960	— » —	8070	— » —	3044	— »	— » —	

Annos	Nasçidos	—	Falleçidos	—	Sem id.e de Com.am	—	Aug.mta a pop.am	
1788 1789	Homens	6737	Homens	3861	Meninos	1054	— » —	— » —
1790 Ao todo	» —	— » —	— » —	— » —	- » —	— » —		2521
1791 1792	Mulheres	6720	Mulheres	3968	Meninas	1553	— » —	— »
Somma	13457	— »	7829	— » —	3017	— » —	— » —	

Dizimos

Renderam os dizimos de toda a Comarca no anno de 1792 em que se fes o calculo ——— 209:419450

E o total rendimento da Comarca — » — 2:094:419500 —

Conventos de Frades da Comarca de Villa Real

Terras	Conventos	Ordens	Padroeiros	Fundações	Religiosos	Leigos	Donatos	Moços	Renda certa	Incerta
Villa Real. . .	S. Domingos	dos Prégadores	— » —	1424	21	» —	- » —	10	1:900000	— » —
Villa Real. . .	S. Francisco	Capuchos	Sereniss. Casa d'Infantado	1573	29	4	3	2	84000	1:800000
Mezão frio . .	Seminario de N. Snr.a da Piedade	Franz.cos	Ant.o Perfeito	1737	13	11	3	2	210000	2:000000
Somma. . . .	— » —	— .» —	— » —	- » -	63	15	6	14	2:194000	3:800000

O Varre-Canêlhas

NOVELLA TRASMONTANA

POR

JOAQUIM LEITÃO

PRIMEIRA PARTE

III

Ao definhar da tarde, Angelo chegou com o rebanho a uns bens da Riba Tua que o Carrancho queria acurralados.

Cheio de aturar a peste dos pastores, o Carrancho desfizera-se das sessenta e tantas cabeças que viéra a contar, preferindo sujeitar-se a dar aos rebanhos alheios tantos dias de pastagem quantas as noites que precisasse do «curral» e a sustentar o pastor, o paquete e até os cães.

«Ora! ao menos estou livre de coimas e sempre em paz com o Juiz da dicta»—explicava, elle, experiente.

E emquanto Angelo cravava estacas para dispor o «curral-de-fio», dentro do qual o gado pernoitaria e fertilisaria o chão, o Carrancho ia-o acompanhando e conversando em volta do reducto:

—Continúas satisfeito em casa do *seu* Reitor?

—Até o dia de hoje...

—Elle não é máo sujeito, tem a sua telha mas isso...

—Commigo não se póde dar melhor!

—Mesmo assim já vae fazer... quantos mezes que tu lá estás, Angelo?

—Anda em seis.

—Vá que és dos que teem parado mais! Tambem quem se não der comtigo...

Era por todo o concelho este bom rastro, tão opposto ao dos cabreiros da Estrella e do Marão

que pelos valles do Tua e do Tamega hybernam e desolam as ceáras, pondo o gado a rilhar os pampanos e a grama dos centeios, e, ainda por cima, enterrando, nas covas abertas pelas unhas das ovelhas, quem proteste contra a devastação, sem attentar que no surrão do pegureiro cabe bem a avêna arcadica e o cano ferrugento d'uma garrucha.

Angelo não saía dos maninhos, só entrava em chãos de dôno se o chamavam para lá ir armar o bardo, pisando apenas a britada dos carreiros e a terra a acurralar.

... Accommodado o rebanho, chamaram Angelo para a ceia; e, encontrado o fundo ao prato côvo das batatas e á pichorrita da agua-pé, dada uma ultima vista d'olhos ao «curral», laçada uma malha da rêde por onde o focinhito d'uma ovelha mansa questionava a liberdade, recommendou vigilancia aos prestaveis lebreus e foi para o canto da «loja», que abria para o «quintal» aninhar-se tambem.

Mas em vez de acampar logo, encostou-se ao batente da porteira, absorto na clareira de paz com que o valle do Tua ameigava a ferocidade tragica do país trasmontano.

Levava mezes de Traz-os-Montes, e o seu peito ainda não sabia respirar dentro d'aquella oppressão escarvoada de montados que algemavam o horizonte.

Afóra algum sombrear de mata, raro outro arvoredo onde a vista bebesse uma goláda d'alegria. Uma vegetação bravia e rasteira desgrenhada pela rocha, e farripas de vinha, coifando as terras alisadas como riscas calculadas de pente que lida com geias quasi calvas, mal apaziguavam aquelles trovões de pedra.

Arrimádo ao báculo de guardador, Angelo pastoreava o gado e inquiria a paisagem. Extenuava-se a descer e a escalar calvarios, na linha quebrada da esperança, desfazia e refazia promontorios, afundava-se com o redil na borda dos algares, e emergia, horas passadas, nas prêsas altivas do schisto. Olhava, e o horizonte reapparecia perseguidoramente o mesmo, os mesmos cabêços de monte agachando-se e alteando no primeiro plano, alteando e agachando-se no segundo, fechando um colyseu de muros barrentos para lá do que a vista não logrará galgar por mais que faça e adentro dos quaes a perspectiva e a côr persistem tenazmente, como as pupillas de certas imagens que nos seguem sempre para d'onde quer que as vamos focar.

Emquanto tres torrentes, o Pinhão, o Tua, o Douro, enfaxando a peninsula alijoense lhe fecundam os sopés n'uma abundancia de cheia, os altos do calvario apenas frúem uns fios d'agua que pranteiam pelas rugas da terra atormentada e nem a sêde d'uma ovelha apagariam.

A mesma vaga côr, de fraga lavrada pela unhada do tempo, rebóca môrros e casaria, n'um bisonho mimetismo de martyrio. Freguezias inteiras, onde não branqueja uma pedra, reflectem uma tonalidade pardacenta de cividade. E a propria construcção summaria, de lapas engrenadas sem nenhuma argamássa a cimenta-las e que alojam seculos, aprendeu com certeza na habitação pre-romana ou no milagroso equilibrio pre-historico das tres penhas dos dolmens.

Ao bater do sol n'aquelles serros calcinados, a melancolia de Angelo ainda desafogava no semblante espairecido dos cabêços que a luz lapida; mas quando o crepusculo encinzeirava as leiras, uma tristeza de orphanato o inquietava.

E o que mais o feria era aquella sequidão de païsagem, aquella catadura torva que revestiam os schistos em lhes fugindo as primeiras intensidades da luz, hora aziaga em que o monte desola e alembra uma duna de cinzas ou corôa de montado após uma queimada.

Angelo, succumbido e desenganado da inflexibilidade da região, atirou comsigo para a palha da cama.

Mas o cérebro impressionavel e presto de creança refractava-lhe a insistencia do martyrio trasmontano, com os seus escadorios auguados e os seus ceus de louza.

A esse tempo já a luz havia perdido de todo as forças e um pantano de treva estagnava o horizonte, tranzido d'um silencio de vácuo, feição para um gigante sonhar a concepção de universos...

Cliché de Antonio A. Corrêa

Nem astros nem seres.

As manchas da terra jaziam pesadamente no pégo brenhoso da noite, como quando na symphonia da génesis geologica o mundo solido escabujava o fundo dos redondos oceanos.

Um torpôr de gestação enlanguecia tudo.

D'onde a onde a treva parecia revolver-se n'um fluxo de maré batida pela brensêda, e móles de escuridão se deslocavam somnolentas...

No lameiro infinito, materia e movimento altercavam alteradas o primeiro alar da vida, a materia indifferente clamando por um somno eterno, a força provocando-a, irando-a, destapando-lhe um vulcão debaixo de cada atomo, amordaçando-lhe cada arranco com o furacão d'um oceano.

N'uma lucta cosmica de prometheus endoudecidos por uma canceira de creadores, tontos do debate da génesis, n'um lapso de eternidade, lôdos e aguas bulharam, venceram, e submetteram-se na sanha de brigões bebedos d'um ponche d'astros.

A noite persistia lenta, somnolenta... Sentia-se o tempo tactear medrosamente a treva.

O gladio do cansaço, separando os contendores, restaurára o undoso silencio de deserto.

Logo as revôltas aguas outra vez borbotaram e abateram; até que do seu seio barrento, trabalhado por um fervor de tições, acúmes lodosos irrompem e a pouco e pouco uma região tormentosa, empolada das queimaduras do fôgo gerador, esfaqueada de futuros valles, surge. E por entre as corcovas das penhas, recennatas e já derreadas de velhice, como pelos gilvazes d'essas colinas que as sombras presagas arrugaram antes da urze, escôam-se nascentes que rugem como cólo arfante de liquido apunhalado por uma tenaz em brasa.

O ceu cinzento e baixo tende-se sobre as asperezas, como a lona hospitaleira d'uma caravana que repousa da marcha pelas areias sedentas da Asia.

Mas os acalantos da manhã vão calmando os pesadêlos que sobresaltaram o somno da Terra; palpitam os horizontes n'uma festividade sensual; apagam-se as ultimas cinzas, a côr pastosa dos primeiros lôdos surgidos vae cedendo a um verde de lirio que fertiliza o espaço; e com a aspersão macia da luz que purifica pedras e seres, Angelo resurge do trabalhado somno, qual estatua pagã, seculos sepulta, que o cioso amor d'um artista exhuma ao segredo d'umas ruinas.

E saíu, assomado, para a candura das madrugadas rusticas...

O mesmo esfumado de fragura turvejava o ar limpido.

Mas no regaço d'essa escarpada severa uma tregua verdejava d'onde a onde, compenetrada d'uma quietação, d'uma paz tão triste que, sem se saber porquê, o panorama da Palestina lembrava.

Scenario para emboscar bandidos, evocava elevação e concordia.

Havia pedacinhos meigos por onde a vista procurava algum rebanho dormindo sob o pallio das tamareiras; uma compuncção de terra calcada pela dôr d'um Deus; oliveiras tristes prégando a reconciliação; vinhas temerarias escalonando abysmos; laranjaes copados a prometter grinaldas; e o rôxo silencio, que envolve Jerusalem, aquietando a paisagem n'uma immobilidade de estampa.

A cada pacificação do fragarêdo, um recanto da Terra Santa desabrocha, a ponto que o olhar se firma no vulto de mulher que além perpassa de grande bilha de folha ao hombro, na illusão de que caminha para nós a doce Samaritana.

E do fundo da inacção em que tudo dormitava e tão grato era permanecer, Angelo julgou surpresar, longinquo e indistincto como a reminiscencia d'um sonho, o queixume d'um cantico de quebrada, lastimando-se do pêso impiedoso d'uma pedreira.

Trespassado da abandonada tristeza d'esse som amortecido, Angelo prazia-se na resignada cadencia, que desfallecia deleitosamente como uma vida que se escôa dos pulsos golpeados dentro d'um banho môrno.

De simples tessitura como as obras dos mestres e o trovar do povo, o canto, mixto de frauta de pastor e queixa d'ave, parecia procurar o ouvido

condoido de Angelo para n'elle verter toda a razão da sua mágua.

Insensivelmente ergueu-se, á espera da revelação d'essa pacificante melodia que lhe perfumava a alma de harmonias nataes.

Era uma simples vibração; e todavia aos olhos de Angelo afloravam lagrimas, o coração nunca se debruçára tanto do pendor da nostalgia. Mas assim que elle retinha a respiração para se desenganar, a plangencia, levada pela aragem, estacava, como nympha ao presentir rumor de frondes. Angelo ia a desinteressar-se da illusão, e outra vez aquella recriminante cadencia voltava, subia na nevoa da distancia, approximando-se mais e mais magoada ainda.

E assim se prolongou a eternidade das indecisões...

O som, porém, clareava, e a sua dolente desolação, sem se alterar, era, comtudo, mais nitida, como um coração que secretamente bate poisado sobre o nosso.

De caminho, avultavam na bruma troncos humanos, confusamente, como modêlos informes que querem emergir do barro.

A mágoa do canto era pouco a pouco menos resignada; e cada vez mais se pregueava e franzia a distancia entre Angelo e aquelle grupo de homens,—baixo-relêvo que a neblina deformava como as linhagens humidas com que os estatuarios velam os esbóços, impregnando o atelier d'um mysterio e d'um frio de necroterio.

Arripiado das macerações da manhã e do prantear da melodia, Angelo cravava o olhar ancioso na nevoa sphyngica, na tensão dolorosa d'uma commoção que—como aos ceus as trovoadas de maio,—suffoca a alma e a esmaga antes de se desfiar em lagrimas.

—*Ché,* pastor! *La leche!*

Angelo estremeceu, arrebatado a um sonho por um novo sonho: deante d'elle, embrulhados em mantas, uma duzia de homens, de boina ou de chapeirões de palmeira, insurreccionavam, na lingua patria dos *taxolèros,* o silencio dos montados.

Era uma ranchada de hespanhoes que vinha para as cavas, annunciando a marcha ao compasso lento dos pifanos.

—São hespanhoes...?—estranhou Angelo, commovido como se lhe acabassem de desfraldar o pendão de Castella.

—Como não? E tu, pelo falar...

—Tambem sou filho de Hespanha, tambem: nasci em Lugos.

—De S. Thiago?

—E' como diz.

—O teu nome?

—Angelo.

—E o apellido de familia?

—Basterra.

—Basterra?!

—Sim, senhor.

—Pois... saberás que tambem trazemos com nós outros um Basterra—e, chamando para traz, para um grupo que se quedára encostado, a acalentar-se na dolencia dos pifanos que não cessavam de lastimar-se—Luiz, ó Luiz! Escuta, aqui.

Angelo repetiu, como um echo pobre:

—Lu...iz! Era o nome do meu irmão mais velho!...

No mesmo instante, em frente d'Angelo plantou-se um rapagão forte, de larga fronte, olhos somnolentos de hespanhol:

—Que me queres, homem?

—Conheces este Basterra? Diz que se chama Angelo Basterra e que é de Lugos...

O outro respondeu, sem alvorôço:

—Talvez seja meu irmão...

E em frente um do outro, os dois irmãos, de braços cahidos, tentavam reconhecer-se, sem commoção, sem ternura, sem que uma onda d'amor os envolvesse no mesmo abraço de vide velha.

Angelo, o mais tenro de coração, foi ainda quem procurou a mão do irmão, quem primeiro se sentiu attrahido para aquelles outros homens, seus irmãos tambem, que, se não provinham do mesmo berço, falavam a mesma lingua e arrastavam o bordão do mesmo exodo.

Os cães haviam acabado o comer; Angelo recolheu precipitadamente a rêde do curral, para acompanhar por li para baixo a tribu dos cavadores.

E desenfadando a marcha com o soluçar nostalgico dos pifanos, a ranchada proseguiu o descendimento da colina, seguida das crias brancas e felpudas do rebanho de Angelo, resurgindo na transparencia da manhã a suavidade d'uma pastoral biblica.

Cliché de Carlos Pereira Cardoso

POR ONDE ANDARÁ O MEU NETO?...

UM TRECHO DA FAUNA PECUÁRIA TRASMONTANA

Boi Mirandez

A PROVINCIA de Traz-os-Montes póde ufanar-se de possuir tres dos melhores bois do paiz: o *barrozão* e o *maronez*, no districto de Villa Real, e o *mirandez*, no districto de Bragança.

O boi barrozão, que segundo os professores S. Bernardo Lima (1) e Paula Nogueira (2) constitue uma raça independente, e na opinião do chefe de serviço do Instituto de Agronomia e Veterinaria, snr. Miranda do Valle (3), é antes uma sub-raça do boi maronez destaca-se das demais raças bovinas e não tem similar nas raças bovinas estrangeiras.

Filiado por Sanson, na ultima edição da sua Zootechnia, (4) do *Bos taurus asiaticus*, em absoluto desaccordo com o snr. Miranda do Valle, que propõe a sua filiação do *Bos taurus atlanticus*, apresenta os seguintes caractéres morphologicos: — Corpulencia regular. Côr da pelage geralmente melada (5), inclinando-se n'alguns casos para o castanho escuro ou claro, a côr primitiva. Pelle pouco espessa com pellos macios. Cabeça curta e larga, de fronte deprimida ao centro. Protuberancia frontal proeminente de vertices approximados da linha média. Marrafa ou poupa direita. Chifres de inserção alta, extraordinariamente desenvolvidos, de secção eliptica, brancos na base e negros nas pontas, lançados primeiro para a frente, depois para cima, com as pontas voltadas para fóra e distanciadas entre si por vezes mais de um metro, tomando a fórma de lyra de plano quasi vertical. Orelhas largas, de alta inserção. Arcadas orbitarias muito salientes e olhos tambem salientes, grandes, circulados muitas vezes de pellos claros. Inserção amartelada da fronte com o chanfro, dando um perfil concavo. Chanfro recto, curto, terminando n'um focinho grosso, preto, orlado de pellos brancos. Faces curtas e quadradas, deprimidas no ponto de juncção com o chanfro. Supranasaes soldados em abobada circular. Pescoço curto, grosso, de bordo superior concavo. Farta barbela ou papada, saíndo um pouco atraz do labio inferior, estreitando-se n'uma curva após a larga fauce, para se expandir em seguida e caír em farta préga ao nivel do largo peito, indo por fim desfazer-se entre os membros anteriores, perto da região de cilhadoiro. Cernelha baixa e larga. Linha dorso-lombar ligeiramente enselada, quasi recta. Comprida cauda, de alta inserção. Garupa direita, de comprimento regular, larga e bem musculada. Espaduas e braços de boa musculatura. Costado não muito comprido, alto, arqueado, e ventre pouco volumoso. Ancas e coxas bem musculadas. Nadegas grossas, compridas e convexas. Membros curtos, bem aprumados, de joelhos e curvilhões pouco espessos, terminando por umas unhas regulares. A fémea apresenta geralmente mammas pouco desenvolvidas e signaes leiteiros pouco accentuados.

O boi barrozão tira o seu nome da região montanhosa de Barrozo, tendo o seu centro de producção nos concelhos de Montalegre e Boticas.

D'ahi irradia pela vertente sul e léste da terra do Gerez, estendendo a sua área de dispersão por quasi toda a provincia do Minho, fóra da beira-mar, e por parte do districto do Porto.

N'esta raça ou sub-raça tendem a equilibrar-se, quanto possivel, as tres vocações ou aptidões zootechnicas: a *masculina, dynamophora* ou de producção de trabalho, a *feminina, galactophora* ou de producção de leite, e a *neutra, kréatophora* ou de producção de carne.

Assim é que o boi barrozão se recommenda muito pela sua aptidão para o trabalho. Muito sóbrio, muito rustico, de grande agilidade e energia, é muito explorado n'esta funcção na provincia do Minho e na parte septentrional do Douro até aos 4 e 6 annos geralmente.

A vacca barrozã tambem se recommenda bastante pela aptidão galactophora, se não pela quanti-

dade do leite—que na força da lactação não excede 12 litros diarios, dando uma média annual de 1:200 litros—pela sua boa qualidade, accusando a percentagem butyroza de 5 a 6 %, o que não succede com outras vaccas do paiz, se exceptuarmos a arouqueza e a jarmellista. Se não póde competir com a nossa vacca leiteira por excellencia—a turina, a vacca dos grandes centros, onde se tem sómente em vista o consumo do leite em natureza, e, por isso, se attende antes á quantidade que á qualidade, em compensação dá um leite tão butyroso que d'elle bastam 18 litros para a producção de 1 kilo de manteiga, ao passo que para a mesma quantidade de manteiga são precisos 23 a 24 litros de leite da vacca turina.

O valor da vacca barrozã como productora de um leite muito manteigoso está sobejamente comprovado na generalisação do fabríco de manteiga no districto de Vianna do Castello, principalmente em Ancora e Paredes de Coura. E' hoje em Lisboa muito conhecida e largamente consumida manteiga d'essa proveniencia.

A principal vocação, porém, aquella que, acima de todas, torna recommendavel o boi barrozão é a producção de carne. De uma notavel precocidade e facilidade de engorda, dá esta raça rezes ao talho com o pezo vivo médio de 780 kilos e o rendimento de 67 % de carne limpa, sendo esta saborosissima, de grande digestibilidade e muitissimo nutritiva.

Novilho Mirandez

A qualidade inexcedivel, para não dizer inegualavel, da sua carne, explica a grande exportação que até ha poucos annos tiveram os bois barrozãos para Inglaterra ([6]), e que ainda hoje teem para o Havre, Hamburgo, Marselha, Gibraltar, etc.

Os creadores da região de Barrozo dedicam um especial cuidado á producção do seu gado bovino esmerando-se em manterem a pureza do mesmo pela escolha do toiro reproductor, adquirido e sustentado em sociedade.

Uma grande parte das crias são por elles vendidas antes dos 6 mezes para irem ser recreadas nas provincias do Minho e Douro. Nas feiras da Maia, perto do Porto, são vendidas em larga escala rezes d'essa proveniencia, conhecidas pelo nome de *maianas*.

Das crias que não são vendidas para aquellas provincias, umas—os machos ao anno e meio, e uma parte das femeas aos tres annos—são utilisadas no trabalho geralmente até aos 4 e 6 annos, as outras as femeas restantes—são exclusivamente destinadas á producção de leite, quer para consumo em natureza, quer para o fabríco de manteiga e queijo.

Em 1871 calculava-se o leite que sobejava da alimentação das crias na região de Barrozo em 4.600:000 litros ([7]), dos quaes 3.220:000 eram consumidos em natureza pelos habitantes da região, e os restantes 1.380:000 empregados em lacticinios.

Hoje, dada a maior facilidade de communicações pela introducção da viação accelarada no districto de Villa Real, e a maior afluencia de forasteiros ás thermas do Vidago e Pedras Salgadas, naturalissimo é que a producção de leite tenha augmentado com uma exploração mais intensiva.

* * *

O boi maronez é considerado uma sub-raça do barrozão por S. B. Lima, uma raça mestiça, resultante do cruzamento do barrozão pelo mirandez, pelo snr. Paula Nogueira, e uma raça autonoma pelo snr. Miranda do Valle.

Apresenta os mesmos caractéres do boi barrozão, distinguindo-se tão sómente por ter uma cabeça menos curta e menos larga, chifres menos grossos e menos compridos, e côr da pelage castanha escura.

Este boi tira o seu nome da serra do Marão e espalha-se pelos concelhos de Villa Real, Villa Pouca de Aguiar, Mondim de Basto, Ribeira de Pena e Ribeira da Serra.

As suas principaes vocações ou aptidões são: a masculina ou de trabalho, bem affirmada na tracção de pesados carretos nos accidentadissimos caminhos das margens do Douro, e a da engorda, fornecendo ao talho excellentes rezes com o peso vivo médio de 565 kilos e o rendimento de 63 p. c. de carne limpa, a rivalisar na sua qualidade superior com a do gado barrozão.

Quanto á vocação galactophora, é a vacca maroneza inferior á barrozã. Não póde, comtudo, considerar-se absolutamente má leiteira, tudo levando a crer que a sua fraca aptidão femenina se levantaria com a gimnastica funccional, com a superfuncção mammária, se condições economicas aconselhassem de preferencia a exploração do leite.

* * *

A raça mirandeza tira o seu nome da região de Miranda do Douro, seu solar, onde existem os typos mais caracteristicos da raça.

Este boi, filiado do *Bos taurus aquitanicus* por Sanson ([8]), e do *Bos taurus ibericus* pelo snr. Miranda do Valle, é o boi mais espalhado em Portugal, encontrando-se em toda a região ao norte do Tejo, com exclusão da provincia do Minho, ao sul do Tejo, e ainda no districto de Portalegre, nos concelhos de Niza e Gavião.

Assim, irradiando de Miranda, estende a área de dispersão para oeste, penetrando no districto de Villa Real, e para o Sul, espalhando-se por quasi toda a Beira Baixa e parte da Beira Alta; reapparece mais longe na parte maritima do districto de Aveiro e, passando dos campos do Vouga aos do Mondego, dispersa-se nos tres districtos da Extremadura, Leiria, Santarem e Lisboa ([9]) até á foz do Tejo ([10]).

Dada a grande área de dispersão d'esta raça, não podia ella deixar de ser influenciada por condições muito differentes do meio.

D'ahi a sua divisão nas duas sub-raças; *trasmontana* e *beirôa* ([11]).

A raça mirandeza distingue-se pelos seguintes caractéres morphologicos: Corpulencia variavel. Esqueleto regularmente musculado. Pelage preta ou castanha escura. Pelle espessa, com pellos asperos. Cabeça relativamente pequena, de craneo curto. Protuberancia frontal larga, saliente, de vertices afastados da linha média. Marrafa farta assentando na nuca. Chifres um tanto finos, medianos, de secção eliptica, brancos com excepção das pontas, um tanto derrubados ao principio, depois lançados lateralmente e em seguida para a frente e para cima, com as pontas reviradas para fóra. Orelhas largas, horisontaes, de inserção alta, com tufos de compridos pellos na face interna denominados *pendorelhas*, *pelicanos* ou *campainhas*. Fronte rectilinea, curta e de bossas muito desenvolvidas. Arcadas orbitarias pouco salientes. Olhos vivos, circundados de pellos claros. Faces compridas, triangulares, deprimidas nos lacrimaes. Cana nasal ou chanfro comprido e estreito, terminando n'um focinho curto e largo, orlado de uma estreita zona de pellos brancos. Perfil ordinariamente recto, por vezes convexo. Pescoço curto, grosso, de bordo superior rectilineo. Barbela regularmente desenvolvida no macho, pouco na femea excepto no peitoral, saíndo atraz do labio inferior, passando sobre a estreita fauce, estreitando-se no pescoço e seguindo até ao peitoral. Linha dorso lombar ordinariamente curva, enselada, e frequentemente mais aberta de côr do que o resto da pelage. Cauda fina, de alta inserção. Garupa direita, mais alta do que a cernelha, e bem musculada. Costado alto, comprido e um tanto arqueado, e ventre regular. Ancas altas e ossudas. Nadegas rectilineas, compridas e regularmente musculadas. Membros altos, ossudos, de articulações reforçadas, os posteriores bem aprumados, os anteriores ordinariamente desaprumados, terminando por umas unhas curtas, largas e rijas. A femea apresenta mammas e signaes leiteiros pouco desenvolvidos. A vocação principal, d'esta raça é a dynamophora, a masculina, na qual é inexcedivel. Ella aguenta os mais rudes trabalhos, quer lavrando os campos, quer tirando pezadissimos carretos no campo ou nos grandes centros.

Quanto á aptidão kreatophora concordam todos os auctores que se esta raça fosse opportunamente submettida á ceva, ella daria boas rezes ao talho. Tal, porém, não succede: só depois de bem explorada, de esgotada na sua principal aptidão e, quando pela avançada idade, já não póde attingir um perfeito estado de engorda, é que ella é remettida ao talho, d'ahi resultando ficar, no ponto de vista da producção e qualidade da carne, em um plano muito inferior. Ainda assim, como supplemento do seu valioso prestimo em funcção de trabalho, dá rezes com o pezo vivo médio de 640 kilos e o rendimento de 63 °/₀ de carne limpa, metendo no bolso dos proprietarios uns centos de mil réis a mais.

A vacca mirandeza, que para trabalho não fica atraz do boi, passa geralmente por má leiteira. Ha, porém, exemplos a mostrarem que ella é susceptivel, como qualquer outra, de adquirir a vocação feminina, e tendentes a justificarem a lei formulada pelo snr. Miranda do Valle ([12]) de que «não ha vaccas leiteiras, mas simplesmente individuos de aptidão leiteira cultivada» ou o que vale o mesmo, que «a vocação feminina não é caracteristica ethnica, mas o resultado de condições hygienicas e operações zootechnicas».

Boi Barrozão

E' assim que subindo até não remotos tempos vemos que a raça mirandeza creada em Cintra fornecia o leite preciso para a industria caseira de lacticinios consumidos em Lisboa; e se então a população da capital era menor, tambem parallelamente os productos eram fabricados por processos muito rudimentares de desnatação, dando um menor rendimento, e consequentemente grande devia ser a quantidade de leite produzido para manter tal negocio.

Temos tambem o exemplo da vacca jarmellista, supposto tratar-se, não de uma raça distincta como alguns pretendem, mas de uma variedade da sub-raça mirandeza beirôa, como opina a maioria, tendo á sua frente os professores S. Bernardo Lima, Paula Nogueira e Antonio Augusto dos Santos. Esta vacca, que tem o seu *habitat* na região montanhosa do Jarmello, entre as cidades da Guarda e Pinhel, mesmo trabalhando e amamentando as suas crias dá

uma média de 8 litros de leite por dia durante 8 mezes, com a percentagem butyrosa do leite da vacca barrozã.

Temos finalmente outro exemplo — e este é de casa — nas vaccas da freguezia de Travanca no concelho de Vinhaes, pertencentes ao grupo que o professor S. Bernardo Lima denominava sub-raça *braganceza*, as quaes desde muito longe veem fornecendo manteiga para todo o norte do districto de Bragança.

Diante de taes exemplos não devem subsistir duvidas sobre a possibilidade de levantar e generalizar a aptidão galactophora d'esta raça, quando condições economicas a isso convidem e condições de meio lhe sejam favoraveis. Sobretudo se a intervenção official vier collaborar com a iniciativa particular.

A este respeito apresenta o snr. Miranda do Valle um alvitre, aproveitavel tambem á região do Jarmello, que deveria dar bons resultados.

Consiste elle em o governo montar na região de Vinhaes um posto de cobrição com selectos reproductores mirandezes, onde as vaccas dos proprietarios das regiões limitrophes seriam cobertas gratuitamente e inscriptas, as que se julgassem nas devidas condições, ou simplesmente mencionadas n'um livro genealogico — o *herd-book*. Junto do posto haveria uma fabrica de lacticineos que receberia todo o leite que os proprietarios quizessem vender-lhe, pago, não pela quantidade de litros, mas pela percentagem butyrosa, com preferencia do das vaccas inscriptas ou mencionadas no *herd-book*, o qual tambem seria pago por melhor preço.

Resultaria d'estas medidas os seguintes beneficios para a região: aliviar os proprietarios do encargo da acquisição e sustento dos toiros reproductores; obrigar os particulares á selecção dos productos na mira de lhes serem inscriptos no *herd-book* e das vantagens correlativas; finalmente, dar um grande impulso á industria pecuaria da região pela saída remuneradora dos seus productos.

Vacca Brigantina

Vacca Barrozã

Atermando aqui, fechamos o nosso modesto artigo com as mesmas palavras com que o abrimos: a provincia de Traz-os-Montes póde orgulhar-se de possuir tres dos melhores bois das raças bovinas portuguêsas.

ALVES TÓRGO.

(1) *Considerações geraes e analyticas ácerca do Recenseamento geral dos gados* de 1870.

(2) *Le Portugal au point de vue agricole* - 1900.

(3) *Bovideos portuguêses*, por Miranda do Valle.

(4) Nas primeiras edições filiava-o do *Bos taurus ibericus*.

(5) Nas descripções feitas pelos prof. S. Bernardo Lima e Paula Nogueira figura o castanho escuro ou claro, indo até o melado ou alourado. O snr. Miranda do Valle, porém, dá como côr dominante, actualmente, a melada, obtida ha poucos annos por selecção, em virtude do preconceito de que os animaes de côr amarella sáem com melhor aptidão cevatriz.

(6) Das 30:000 rezes que annualmente eram exportadas pela barra do Douro com aquelle destino entravam pela maior parte as barrozãs.

(7) *Vaccas leiteiras*, por Annes Baganha.

(8) O snr. João Tierno, director da Estação Zootechnica de Lisboa, grupa este boi na raça por elle denominada *raça fusca do planalto superior castelhano*.

(9) Em Lisboa e em geral em toda a Extremadura os bois mirandezes são conhecidos pelo nome de *ratinhos*.

(10) A raça mirandeza tambem se encontra em Hespanha, na provincia de Leão, com a qual o nosso paiz mantem um activo commercio de importação e exportação do gado bovino. Os bois hespanhoes do typo mirandez, são no nosso paiz conhecidos pelo nome de *cabeceiros*.

(11) O prof. S. Bernardo Lima dividiu-a em tres sub-raças: *mirandeza propriamente dita*, tendo por centro os concelhos de Miranda do Douro, Mogadoiro e Vimioso; *braganceza*, constituida pelo gado dos concelhos de Bragança e Vinhaes; e *beirôa*. Preferimos-lhe a divisão do snr. Miranda do Valle acima indicada, na qual a sub-raça trasmontana, equivalente da *braganceza* ou brigantina, comprehende tambem o gado de Miranda do Douro e Vimioso, ou seja a sub-raça mirandeza, propriamente dita de Bernardo Lima.

(12) Excursões Zootechnicas — *Revista de Medicina Veterinaria*, vol. v.

INQUERITO

(CONTINUAÇÃO)

Descripção Corografica da existente População das Villas,

Distancia ã cabeça da Comarca		Fogos	Almas	Homens	Mulheres	Ecclesiasticos: Seculares	Ecclesiasticos: Regulares	Freiras	Seculares	Recolhidas	Pessoas Literarias	Sem occupação	Negoçiantes	Cirurgiões	Barbeiros	Boticarios	Cabeleireiros	Lavradores	Jornaleiros
	Villa Real	17808	31897	15471	16426	416	54	37	7	31	66	1087	187	43	52	18	6	3441	2707
8	Abreiro	217	648	308	340	8					1	12	1			1		108	73
5	Alfarella de Jalles	688	2581	1299	1282	29					2	57		3				364	114
4	Alijó	813	2883	1455	1428	28					1	56		2	9			229	248
4	Athei	220	1106	495	611	8					4	22	6	1	2	1		87	111
4	Barqueiros	395	1295	646	649	7					3	43	1	2	2			25	7
3	Canellas	173	545	280	265	10					1	15	3	1	2			70	41
4	Favaios	293	993	490	503	7					1	12	1		5	2		15	43
2	Fontes	468	1472	712	760	20						17		2		1		88	123
8	Freixiel	319	938	468	470	4						37	2					129	92
1	Gallegos	41	167	80	87	11												86	3
5	Godim	317	1096	481	615	14					2	13	12	3	2	1		108	90
3	Goivães	207	753	379	374	8					3	30	10		1			25	87
2	Hermello	483	1441	687	754	12					1	71		2	9			268	19
8	Lamas de Orelhão	913	2828	1387	1441	44					2	114		2	3			242	238
1/2	Lordello	155	647	339	308	2					»			2				13	22
4	Mezãofrio	865	2921	1357	1564	36	24				7	92	5	5	6	2		144	340
4	Mondim	724	2303	1045	1258	33					7	66		1	4	1		196	164
5	Murça de Panoia	1029	3381	1673	1708	27		25	8		3	142	24	6	2	1		573	206
2	Parada de Pinhão	124	513	272	241	2					»	11		1	1			16	47
3	Provezende	211	850	394	456	13					4	13	3		3	2		9	78
5	Ribeira de Penna	540	2701	1151	1550	20					2	52		2	1	2		288	170
2	Santa Martha de Penaguião	2670	9817	4859	4958	121					36	180	68	19	16	12		1356	143
5	Serva	570	2728	1271	1457	19					1	84	4	3	1	1		225	102
5	S. Mamede de Riba Tua	292	1028	466	562	7					3	15		1	3	1		12	5
4	Teixeira	147	648	333	315	10					2	21			2			67	19
5	Villa Pouca de Aguiar	1711	6357	3004	3353	100					6	247	19	7	10	1		864	140
20	Vimioso	446	1911	925	994	9					1	31	5		3			173	22
	Somma	32879	86456	41727	44729	1025	78	62	15	31	159	2540	351	108	139	47	6	9221	5954

Relação dos Conventos de Freiras da Comarca de Villa Real, suas Ordens, fundações, rendimentos, e o numero de Almas de que se compoem

Terras	Conventos	Ordens	Fundações	Padroeiros	N.o de Freiras	Seculares	Dotes	Moças: Da Communidade	Moças: Particulares	Renda
Villa Real	St.a Clara	Franciscanas	1603	Morgada de duas Igrejas	38	7	1:200000	9	28	2:162000
Murça	Espirito St.o	S. Bento	1587	o Snr. de Murça	25	8	800000	6	9	692600
Somma	— »	— » —	— » —	— » —	63	15	— » —	15	37	2:854600

Recolhimento

Terras	Recolhimentos	Fundação	Protectora	Recolhidas	Moças	Renda
Villa Real	N. Snr.a das Dores	1754	Real Coroa	29	3	15000

Conçelhos, Coutos, e Honras da Comarca de Villa Real

Fabricantes de seda	Torcedores de seda	Fabricantes de Lãa	Alfaiates	Sapateiros	Carpinteiros	Pedreiros	Ferreiros	Ferradores	Espingardeiros	Serralheiros	Tintoreiros	Surradores	Fabricantes de Courama	Molleiros	Selleiros	Pintores	Odreiros	Cayadores	Enxambradores	Latoeiros	Ourives	Coronheiros	Chapeleiros	Louçeiros	Tanoeiros	Cardadores	Almocreves	Mineiros	Barqueiros arraes	Marinheiros	Soqueiros	Pastores	Creados	Creadas
			387	218	259	95	71	25	3	18	3	2		56	12	9	4	5	5	4	2						151						856	929
			8	3	4			1						3																		6	8	8
			29	10	28	11	12	1						5													3					36	41	36
			19	21	9		8	1																			16						47	39
			14	3	8	3	1	1																			4						37	38
			5	2	1																								54	293			21	19
			5	3	3																												20	22
			11	5	5		4																										20	15
			8	6	12	8	2	2																			16						14	16
			7	8	10									7																			19	21
			1	1	1	2																											4	5
			8	12	6									2											4		2						20	25
			4	4	1		1																										13	27
			18	2	24	6	3																				2						25	18
			20	19	27	9	2	4																								28	75	79
			8	3	3									2										8			14						20	6
			34	30	18	13	8	4						13		3											3						113	163
			28	5	9	2	3	1					50														2						47	52
3			28	13	18	5	8	4														2										171	68	45
	8		4	1	4	1	1																				2						10	6
			9	8	3	5	4	2																			3						32	50
			22	12	18	7	5	2										1									9	2					52	57
			93	84	42	13	16	6						8											13		17						744	579
			28	12	23	1	5	1								1											2						84	51
			2	3	1	3	3	1						6													11						23	25
			7	5	7	8	1																										15	20
			68	23	52	6	20	5						30									1				7				11		187	147
		3	16	25	6	3	10	1						6												126							22	20
3	8	3	891	541	602	201	188	62	3	18	3	2	50	138	12	13	4	6	5	4	2	2	1	8	17	126	264	2	54	293	11	241	2637	1618

Alcaidarias Mores que hã na Provincia com declaração das que se achão providas, e vagas

Terras	Alcaides Mores	— » —
Algozo	D. Veriss.o d'Lancastre	»
Bragança	D. Luis Ant.o de Souza	— » —
Carrazeda d'Anciães	a Camara	— »
Ervededo	Gaspar da Costa Cout.o	»
Miranda.	Conde de Sampaio	— » —
Moncorvo	o mesmo	— »
Monforte	— Vaga	»
Oiteiro	D. José Maria d'Oliv.a	— » —
Penna Roias . . .	— Vaga	— » —
Tourem.	Vaga	»
Viliapouca. . . .	José Filippe de Souza	— » —
Villa Real	Marq.es de Tancos	— » —
Vimioso	Diogo Alv Cabral	»

Rios mais notaveis que hã na Provinçia seus nasçimentos, occasos e direcções

Comarcas a que pertençem		Comarcas a que pertençem		Comarcas a que pertençem		Comarcas a que pertençem	
Miranda	Angueira	Bragança	Baçeiro	Bragança	Riotorto	Villa Real	Corgo
»	Douro	»	Beça	»	Ruivães	»	Oçeiro
»	Fresno	»	Cavado	»	Sabor	»	Pinhão
»	Mente	»	Fervença	»	Tamaga	»	Sermenha
»	Rabaçal	»	Maçans	»	Tuella	»	Tinhella
				»	Villariça	»	Zezere

MONCORVO

Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana.

(Continuação).

PAPEIS E DOCUMENTOS VARIOS, TOPOGRAPHIA, QUINTA DA TARINCHA, BESTEIROS DO COUTO, JUDIARIA, ARMEIRO

Em 30 de outubro de 1458, por carta dada na cidade de Ceuta, el-rei D. Affonso v, querendo fazer graça e mercê a Alvaro Pires Machado, escudeiro, em remuneração dos serviços que lhe prestou na armada e tomada de Alcacer Quibir, contou-lhe a terra e casaes que o mesmo possuia no logar chamado Tarincha, termo da villa de Moncorvo, desde o vallado que fica abaixo das casas de Margarida Pires até á serra e d'ahi pela estrada de Villa Flor para cima pela serra até á pedra de Matança. Ficando prohibido apascentar gado no sobredito terreno sob as seguintes penas: gado miudo e porcos cinco reaes brancos, vaccum e cavallar dez reaes brancos de coima por cabeça respectivamente, cujo producto pertenceria ao dito Alvaro Pires (1).

MONCORVO Antigo Solar dos Viscondes do Banho e da Torre de Moncorvo

Em 16 de março de 1475, por carta dada em Evora, confirmou D. Affonso v a Vasco Lourenço, escudeiro e almoxarife de Moncorvo o foro de umas casas que foram de Luiz Anes de Lobão, almoxarife da mesma villa, as quaes estavam situadas dentro da villa junto á porta do postigo e o de uma courella de terreno na ribeira, em tres vidas, por 280 réis brancos da moeda ora corrente de 35 libras por real, cada anno (2).

Em 3 de junho de 1442 concedeu D. Affonso v, por «autorydade do Senhor Iffante Dom Pero regedor» carta de privilegios e liberdades aos besteiros do couto da Torre de Moncorvo e seu termo, (3) que depois renovou por outra dada em Evora aos 8 de fevereiro de 1452 (4).

Em 14 de janeiro de 1502, por carta dada em Lisboa, fez el-rei D. Manoel graça e mercê a João Esteves, seu reposteiro, de umas casas em Moncorvo, que haviam pertencido a Luiz da Horta, na rua Direita da villa, as quaes confrontavam de um lado com Maria Vaz a Crespa e do outro com Pedro Gonçalves e pelas trazeiras sobre a *Judiaria* (5).

Por carta dada em Lisboa a 1 de novembro de 1531, declara el-rei D. Manoel, que tendo ordenado por seu serviço que em alguns lugares do reino houvesse armeiros que soubessem fazer couraças e limpar armas brancas por ser cousa de muito ennobrecimento dos ditos lugares, com que o povo recebia muito proveito, os quaes armeiros ordenara com certas tenças para que tivessem suas officinas abertas e que gosavam tambem de certos privilegios, como os seus espingardeiros, e como a villa da Torre de Moncorvo nunca teve armeiro e porque Affonso Pires, couraceiro e bom official e pessoa que sempre tem vivido na dita villa e nella quer continuar a viver, determina que vivendo elle na mesma villa e tendo sua loja ou officina aberta tenha e aja cada anno a quantia de 8000 reaes de tença de ordenado, com a obrigação de ter loja aberta e abastecida de couraças e engenhos de limpar armas brancas e ter tambem um ajudante ou aprendiz.

Para a dita tença concorreriam as rendas do concelho com cinco mil reaes, sendo os restantes tres mil por conta da real fazenda (6).

Da consideração havida por este genero de artistas proviria o nome á povoação de Valle d'Armeiro, no concelho de Vinhaes.

SYNOPSE DE DOCUMENTOS MAIS INTERESSANTES DE CARACTER LOCAL QUE SE ENCONTRAM REGISTADOS NOS LIVROS DO REGISTO DA CAMARA DE MONCORVO, SEGUNDO AS MEMORIAS DA TORRE DE MONCORVO, MANUSCRIPTO EXISTENTE NA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA, FOL. 128 DO CODICE A-6-8 N.º 222 ESCRIPTO EM 1721 POR ANTONIO VELLOSO DE CARVALHO

MEDICO E BOTICARIO

Provisão de 30 de agosto de 1600 para os officiaes da Camara dispenderem com um medico e boticario 40000 rs. cada anno das rendas do concelho.

Alvará de 21 de janeiro de 1558 para se darem mais 50000 rs. a um medico e 2000 rs. a um boticario.

MONCORVO—Egreja Matriz

Provisão de 20 de fevereiro de 1654 para se darem 60000 rs. a um cirurgião, cada anno.

Provisão de 12 de julho de 1673 para se darem aos boticarios na siza mais 50000 rs.

Alvará de 4 de janeiro de 1701, que manda acrescentar mais 50000 rs. ao medico do partido.

Alvará de 17 de agosto de 1711 para se darem mais dez mil reis do concelho a segundo boticario.

Alvará de 31 de janeiro de 1711 para se darem 20000 rs. de partido ao cirurgião Antonio Varejão de Gamboa, pagos nas sizas.

PROPINAS DOS OFFICIAES DA CAMARA NAS FESTAS DESTA

Alvará de 2 de maio de 1617 para os officiaes da Camara levarem cada um de propina nas festas desta 800 rs. Sobre o mesmo assumpto ha outro de 8 de janeiro de 1616.

Provisão de 22 de outubro de 1672 relativa ás propinas que concede aos vereadores da Camara em dia de Paschoa.

Provisão de 18 de agosto de 1695 para que dia de N. Senhora da Assumpção se faça festa pela Camara na igreja e se leve propina.

PESCA

Alvará de 25 de maio de 1568, para se poder pescar nos rios desta villa todo o anno.

MATTAS — SUA PROTECÇÃO

Alvará de 20 de abril de 1610 para que os julgadores da villa e Camara não mondem as matas do concelho sob pena de culpa.

Alvará de 7 de outubro de 1655 para que o juiz de fóra tenha muito cuidado nas matas sob pena de culpa.

AMOREIRAS

Decreto de 28 de maio de 1693 para que se não prantem mais amoreiras.

FESTAS DE S. JOÃO BAPTISTA

Alvará de 21 de janeiro de 1558 para que os officiaes da Camara fassam, em cada um anno, despender das rendas do concelho até dez cruzados com os cavalleiros que em dia de S. João Baptista acompanharem a bandeira.

AFERIMENTO DAS MEDIDAS

Alvará de 23 de janeiro de 1517 para que os moradores do termo da villa não afiram as suas medidas mais que uma vez no anno e os da villa duas.

MATTAR LOBOS

Provisão de 3 de setembro de 1650 para que se mattem lobos pagando-se certa quantia a quem os mattar.

CHARAMELLEIRO, ORGÃO

Alvará de 20 de fevereiro de 1612 para se darem 15000 rs. a um charamelleiro.

Provisão de 29 de novembro de 1653 para que se reparta ao mestre de solfa dez mil reis no cabeção da siza.

Provisão de 23 de março de 1655 para se darem por conta do concelho 12000 rs., a quem tocar os orgãos.

MESTRE DE LATIM

Provisão de 4 de fevereiro de 1708 para que a Camara possa contratar um mestre de latim por dose mil réis pagos no cabeção da siza.

(Segue).

P.e Francisco Manuel Alves.

[1] *Alem Douro — Livro 3.º* fol. 29 v.
[2] *D. Affonso V. — Livro 3.º*, fol. 136 v.
[3] *D. Affonso V. – Livro 27*, fol. 104 v.
[4] Idem, *Livro 3.º*, fol. 12.
[5] *Alem Douro – Livro 1.º*, fol. 17 v. e *D. Manoel – Livro 4.º*, fol. 13 v.
[6] *D. Manoel — Livro 18*, fol. 61 v.

ROCHA PEIXOTO

CONHECI-O ha vinte annos em Lisboa, apresentado pelo sabio Choffat. Era então um rapaz quasi imberbe, loiro e franzino, a que um nitido e profundo olhar dava a poderosa nota de uma energia superior. Segui-o depois do canto da minha aldeia como se segue a marcha de uma evolução rapida que nos deslumbra.

Nas minhas raras visitas ao Porto contava-me elle as suas aspirações, os seus projectos de estudo num enthusiasmo vibrante, cheio de fogo.

Sciente e quasi mudo preparou-se para a lucta scientifica, unica que dá a gloria duradoira e justa, para a lucta da vida, donde pode surgir a victoria que traz o bem estar, o descanço intimo da familia, e do coração, a todos os que, como Rocha Peixoto, tem a ancia do saber e teem de luctar pelo pão.

Rapidamente, vejo-o surgir na lucta scientifica, na lucta pelo equilibrio do homem que seja sciente e justo, vejo-o entrar na liça como um crente, como um guerreiro medieval, bordada no escudo a divisa fulgente — *pelo homem — pela patria*, vejo-o de viseira levantada, montante d'aço rijo, chispante á luz da verdade, guante de ferro pesado, audaz, superior, esmagando conveniencias e mentiras. Vejo-o aquecido pelo enthusiasmo da mocidade, dominado pela ancia do verdadeiro — derrubando a convenção que brutalisa e esmaga.

Cercado de valorosos e sabios companheiros, cujos cerebros dominava uma commum aspiração companheiros como Ricardo Severo, João Barreira, Fonseca Cardoso, Xavier Pinheiro, elle, dominante e glorioso, capitaneava a soberba pleiade de insobordinados e impenitentes, sendo Ricardo Severo o quebra mar a repetidas ondas de ousadia.

Como pretendida realisação de um sonhado ideal, fundou esse grupo a *Sociedade Carlos Ribeiro* (1888), e como consequencia o boletim dessa sociedade — *Revista de sciencias naturaes e sociaes* de que sahiram cinco volumes (1889-1898) (1).

Define-se por este tempo o caracter de Rocha Peixoto como combatente. Lança a violentissima luva: - *As deficiencias de trabalho na Academia Polytechnica do Porto*, que dá origem á celebrada questão academica, e de que resulta longa serie de factos curiosos e picarescos com sopapos á mistura. Se mais não houvesse, bastaria esse folheto e a *Resposta ao «Desforço»* . . . para conferirem a Rocha Peixoto o diploma de valente polemista. Mas ha muito mais.

A sua critica, o seu valor scientifico accentua-se e demonstra-se nos seus dois trabalhos: — *O museu municipal do Porto* e *A probidade scientifica do snr. João Bonança. Capitulo para o inquerito da «Historia da luzitania e da Iberia»* (1890).

A historia do seu trabalho *O museu municipal do Porto,* que tão extranhos casos produziu, conta-a elle no ultimo volume da *Revista de sciencias naturaes e sociaes,* com um pittoresco inexcedivel. E é o caso que julgando a camara portuense feito o folheto por um sabio lente da universidade se apressa a orçamentar 40 contos para organisação do seu museu. Mas . . . ao saber que esse Rocha Peixoto não era o lente, mas o rebelde tantas vezes accusado, dilue a verba noutras applicações esquecendo a velha philosophia popular: — *mais corre uma lebre de um anno, que um burro de vinte.*

Durante estes fortuitos incidentes preparava-se elle com os mais serios methodos de estudo, de que só a sua organisação era capaz, para nos apparecer rapidamente o grande ethnographo que foi.

Esmagado por encargos de familia, porque não era rico, queria ser apesar de tudo o exemplo modelar do homem que trabalha por ella, do homem independente e honesto que não quer sahir e que não sae alem dos seus recursos materiaes. E creança, e luctador consegue-o gloriosamente, na superioridade de um precioso exemplo, infelizmente só conhecido dos intimos.

Familia, sciencia, patria, era a trindade que lhe enchia a alma. Para a familia o esteio previdente e carinhoso, abençoado, feliz; — para a sciencia o grande trabalhador que queimava nos seus altares a propria vida; para a patria o soberbo defensor — pela espada se preciso fosse — mas caracteristicamente pelo culto, pelo saber, pelo exemplo. Patria que elle via despenhar-se no abysmo de immoralidades e devassidões, mas cultuando ainda no coração a doce e suave esperança de um rejuvenescimento, de uma renascença fulgurante. E era essa esperança que o animava, foi esta esperança que fez de Rocha Peixoto um trabalhador exemplar e sabio.

E que mais seria preciso para a renascença de um povo do que seguir o impeccavel exemplo de Rocha Peixoto e dos seus companheiros de trabalho?

Dissolvida a *Sociedade Carlos Ribeiro,* mais ampla orientação domina os que restavam do glorioso grupo fundador.

Como ultima aspiração patriotica, audaz pela independencia, soberba pela isenção, religiosa pelo culto que documenta, surge a PORTUGALIA.

Em casa, havia sciencia; no paiz havia trabalhos. Cortam-se as tres grandes secções: — *anthropologia* — *archeologia* e *ethnographia*, de que se encarregam respectivamente Fonseca Cardoso, Ricardo Severo e Rocha Peixoto. Que mais era preciso para iniciar a nova publicação? Vontade e elemento de estudo havia-os em excesso. Os meios materiaes seriam fornecidos pelo mais abastado dos tres: — Ricardo Severo. Mãos á obra, e ahi surge o primeiro numero (1899) com o fulgor scientifico e artistico não visto em publicações desta ordem.

O programma da PORTUGALIA esboça-o Severo nestas significativas palavras: «Propor-se-ha o renascimento da verdadeira alma popular — inicia-se com patriotismo e esperança obra tradicionalista de reivindicação pela grey portugueza.

«Obedeçam a este intuito os que no paiz pensam e estu-

(1) Para a historia desta sociedade veja-se o precioso capitulo — *A Sociedade Carlos Ribeiro, notula historica,* vol. v pg. 178 e seg. da Revista.

dam. Abrir-se-ha um novo periodo de RENASCENÇA dentro da propria nacionalidade, que será tambem a renascença de um velho povo.

«Contamos seguir ao fim o caminho traçado, que collaborarão na benemerita obra todos os estudiosos do paiz, nada esperamos do publico, e, não obstante, proseguiremos».

Nada mais patriotico, nada mais bello! Orientados por essa luz: – a renascença do velho Portugal - trabalham os tres heroes como herculeos spartanos.

Cercam-nos e acarinham-nos os que lhes conhecem a alma, os que se sentem vibrar perante obra tão meritoria e tão querida. E de todo o paiz, se não surgem auxilios materiaes, surge o que não é menos raro, mas que é mais consolador – a veneração dos que pensam.

Vae a PORTUGALIA com um *deficit* de oito contos ao cofre do seu director Ricardo Severo, mas como ella não veio á ganancia commercial, mas se levanta apenas como concretação de um culto intimo, como um monumento erguido á patria pelo coração, proseguirá altiva, na sua missão gloriosa.

E foi na PORTUGALIA que Rocha Peixoto, o ardente polemista, o valente luctador, ao levantar do piedoso monumento á patria, que vê morrer espesinhada, se transformou no assombroso homem de sciencia, no mais sabio e no mais investigador ethnographo.

E ao achar quasi a extinguirem-se formas caracteristicas do nosso viver regional elle vae numa ingente piedade conferir, estudar, registar esses arrancos da patria agonisante.

Mas esses registos não são inventarios de meirinho inconsciente. São estudos amplos, modelares de um sabio, por que Rocha Peixoto não foi ainda egualado na minudencia e na probidade dos seus estudos de ethnographia portugueza; não foi, e creio que difficilmente o será.

Veja-se essa formosissima serie de trabalhos na PORTUGALIA: *Olarias do Prado – Palheiros do littoral Iconographia popular de azulejos – Illuminação popular — Traje serrano Cataventos Filigranas,* etc., e reconhecer-se-á o que affirmo: – minudencia e probidade não attingidas no nosso meio scientifico.

ROCHA PEIXOTO

Tudo que nos legou é uma parte diminuta dos seus estudos. Resta a riqueza das suas pastas que mão amiga um dia, talvez, traga a lume. Falta-nos o seu livro sobre a sua querida Povoa, que devia ser o mais raro, o mais modelar e o mais valioso monumento.

Aos 43 annos Rocha Peixoto morreu. Morreu quando do seu largo campo de estudo brotavam as primeiras flores, tão ricas e tão bellas, morreu quando o seu espirito, tão completamente educado, poderia produzir os mais valiosos fructos.

Veste de luto a PORTUGALIA com o seu sequito de collaboradores. Chora e chorará sempre esse querido morto.

Tomou luto o Porto, cobriu-se de largos crepes a Povoa de Varzim.

O que esse homem era para o Porto e para a Povoa vi eu na minha piedosa homenagem.

A Povoa que o viu nascer, praticou o mais bello e patriotico acto; a Povoa que, cheia d'orgulho, via nelle o mais glorioso filho, ao ter conhecimento da sua morte, corre a Mattosinhos, representada por todas as suas classes sociaes, corre a pedir á familia que lhe confie a ella, a extremosa mãe, os restos mortaes de um filho que era a sua gloria.

E o cadaver do sabio, do illustre póveiro atravessou, em terna e dolorosa apotheose, as ruas da sua terra entre as lagrimas dos seus dez mil habitantes que eram seus dez mil amigos.

Ditosa patria que tal filho teve».

Alcobaça, 22 Maio.

M. VIEIRA NATIVIDADE.

Paysagem

O CAMINHO DA ALDEIA

Por entre o campo vasto e ondulante
serpeia a lisa estrada,
e a vista, enfeitiçada,
já d'ella enxerga além, a meia altura
d'uma suave encosta, não distante,
a aldeia que se aninha entre verdura.

. . . .

Aqui e além ha hortas, vinhas, leiras,
uma quinta, um pomar...
e lá d'entre a verdura as brancas eiras
abrem doces clareiras
que nos lembram as manchas do luar...

. . . .

Cliché de Carlos Pereira Cardoso

Emquanto a estrada sobe, desce um rio
profundo e bemfazejo;
su'alma tão subida,
tão cheia de piedade e luz e graça,
por onde quer que passa,
deixa um verde lampejo
em que recresce a vida...

Por isso n'um tropel, n'um desalinho,
descendo a ribanceira,
vão as ramas sem conto,
a procurar o ponto
d'onde o vejam correr mais de pertinho...

Nas margens os salgueiros
curvam a fronte, como que a pedir
ao rio que pare um instante e que, parando,
augmente, suba, cresça e seja dado
ao infinito bando
das suas verdes folhas amorosas,
beijar-lhe um dia as aguas luminosas
que são a sua vida e os seus amores...
E os choupos sonhadores
já logo á flor da terra se lhe abeiram,
em alas se afileiram
e, tocados da limpida clareza
d'essas aguas tão puras,
vão n'um isento sonho de Belleza
quasi a tocar no ceu, pelas alturas...

. . . .

Junto ao caminho são vivas barreiras
as tristes oliveiras
pallidas sempre e dando um negro fructo;
mas, n'essa pallidez
da macerada tez,
que mystica expressão! e n'esse luto
das suas bagas, tristes como o pranto
(bem negras na verdade...)
ha de sahir no entanto
a doce claridade
da lucida candeia
com que ha de alumiar-se tanta aldeia!...

. . . .

CANDIDA AYRES DE MAGALHÃES.

O Varre-Canêlhas

NOVELLA TRASMONTANA

POR

JOAQUIM LEITÃO

PRIMEIRA PARTE

IV

A snr.ª Margarida rodava pela varanda a deitar de comer ao perdigão, quando o portêlo do quintal rangeu e uma cabeça de mulher espiou, firmou para cima os socegados olhos d'aldeã:

—Dá licença, *tia* Margarida?

—Entre quem é.—E voltando-se de inspeccionar a taboa dos queijos—Ai, é a *tia* Zefa!

—P'r'á incommodar; pois ao que houvera de vir? Queria-me ir *amanhê* á Alijó, e, como inda não tive modo de comprar albardão p'r'á cria...

—Vem por um á nossa casa. Eu não sei se ainda estará por ahi o velho... o novo tenho a certeza que não: o meu Zé anda p'ró lameiro e deitou-o á «Princeza». Mas eu já pergunto ao moço... Oh! ahi vem elle.

Effectivamente, uma voz de homem, no habito de communicar a distancia, commum á gente dos campos e aos maritimos, pronunciou de longe, sem gritar, naturalmente:

—O patrão deixou alguma ordem p'ra um azeite que diz que ficára de emprestar...

O' do casal do *Antonho?* Traz elle onde o leve?...

—'Bô! Melhor fôra, ainda por cima ir de cá *envasilha*. Dado e *arromangado!*...

—Pois se traz, péga da chave e chega lá medil-o, é meio cant'ro; de caminho procura o albardão velho e entrega-o aqui á *tia* Zefa.

—Deus lhe pague tantas obrigações que lhe devo! Até já me acanho, mas quando faz preciso onde ha-de a gente ir pedil-o cá no Populo? A casa do *seu* José Bernardo onde ha tudo menos nãos, já se sabe.

—Só se nega o que não está na nossa mão, e o que se faz de boa mente é feito. Pêna ser pouco!

—Queria mais? Que havia de ser da pobreza em lhe faltando esta casa...

Na verdade, o celleiro da pequena communa era a casa do «Bernardo do Populo». Todavia quem não conhecesse os recuados limites dos seus lameiros e das suas mattas, não diria, entrando-lhe na cosinha ou na sala do jantar, penetrando-lhe o viver, que estava no casal mais rico do Populo; como, vendo-o a pé com a manhã e, vestido de jaquêta, desgravatado e córado, a girar com o sol pelas terras, o não differençaria do mais necessitado dos seus obreiros.

Ainda n'esse dia elle abalára a rondar os «predios» e, como o costume quando trazia trabalhadores, apparecêra sem ser esperado ao pé do João da Maria.

Chegou e teve logo que ralhar:

—O' João! Quantas vezes te tenho dito que me caves essa terra ao cima?...

O João da Maria, sem responder, inclinou um pouco o corpo, attendendo a ordem de má mente.

—O' homem! não rapes a terra de cima p'ra baixo, quando mal te precatares tens a espinha da geia á mostra!—E emphrenesiando-se—Deixem vêr d'ahi uma enxada *rôsa*...

Deram-lhe a alfaia rasa que pedia. E elle mesmo, com mão pratica d'obreiro, demonstrou como se deviam compôr aquelles terrenos declivosos e pouco fundos, com dois palmos de terra, se tanto, a cobrir a fraga: começando a cavar do lado d'onde a terra é menos, estendendo-a por egual em todo o taboleiro, em vez de a juntar n'um triangulo da leira e deixar o osso do schisto ao léo no resto do socalco.

—Vês como é? Ora agora continua..., e não hajas mêdo que a terra falte ao baixo: p'r'á puxar, bastam as aguas da réga.

O João da Maria imitou o amánho do amo, mas d'ahi a pouco, fugindo ao pêso do serviço e suppondo-o distrahido, voltou á antiga; e como o José Bernardo, de olho n'elle, o reprehendesse, retorquiu:

—Ora! no tempo de seu sogro, que Deus tenha, toda a vida se cavou assim, e nem por isso a terra deu menos ceâra!

—Deixa os defunctos que não são cá chamados p'ra nada e faz como te mandam—que manda quem póde. Tu puxas p'ra baixo, eu puxo p'ra cima, sempre quero vêr quem tem mais força!

—Se vamos a forças...—resmungou o João, tomando á letra a fala do Zé Bernardo.

—Ah! tu és de brigas? Ora vae *laidrar* lá p'ra fóra, anda! E já, se não queres que te *amolache* [1] as ventas...—e, não se contendo, deitou-lhe a mão ao bicipide que lhe fez correr o sangue pelo punho abaixo, como se no musculo do homem tivessem mordido dois «anjinhos» ou pelo bordo da massa muscular houvesse passado rente um raspador.

[1] Amolgar.

O João da Maria ficou-se a esfregar o braço e a apanhar a jaquêta, para se ir. Nenhum dos trabalhadores pugnou por elle. O João não era do Populo: apparecêra um dia a pedir trabalho e, como era de Murça, ficou sendo conhecido pelo João-de-Murça e abreviadamente por «O Murça». Mais tarde, casando com a Maria Forneira, formosura notavel do Populo, passou a chamar-se o João da Maria, acabando quasi por esquecer a sua primeira alcunha. Tinha, pois, contra elle essa desconfiança hostil que espera sempre nos agrupamentos ruraes os que mudam de concelho, muito mais estranhos do que ás cidades os que mudam de Patria.

José Bernardo era tambem uma ave de arribação, para o Populo trazida pelo casamento. Os obreiros vendo-o tomar conta da casa do sogro, fiavam da sua condição de «patrão-novo» que passariam de andar ao mando de um homem doente e alquebrado para o de um inexperiente com as faceis complacencias e desleixos d'um herdeiro. Essa competencia agricola e essa monomania do trabalho que iam fazendo da casa de José Bernardo o modêlo das cavas e das sementeiras do concelho, mais fundamentavam contra elle as surdas antypathias que a aldeia arreganha p'r'os de fóra.

Mas a valentia, o predominio physico é ainda, para o mundo rural, o que era para o mundo antigo: o dote excelso que impera nas admirações dos homens e no amor das mulheres.

De modo que quando José Bernardo abalou desgostoso de se ter excedido, um murmurio lhe acclamou a valentia.

E sobre o João, amassado como um trapo humano, é que cairam as recriminações e as censuras.

«Fizera mal. Quem anda ó ganho, não anda ó gosto! deve ouvir o que os patrões lhe dizem».

«E p'ra mais, se elle fosse um valente com'ó patrão-novo!...—dizia outro, a amofinal-o aquillo é que é: um belliscão d'elle n'uma rocha faz logo *esmichar* (1) a agua!»—entravam já a exaggerar, mas exaggerando inconscientemente, naturalmente, com a paixão de homens fortes.

A bondade do José Bernardo, sempre solidaria com as afflicções e as necessidades dos outros, já começava a tecer-lhe influencia e respeito. Aquella mostra de valentia era a ultima acclamação para chefe d'uma tribu de gentes altivas, e valentes tambem, que assim arvoravam em soberano um da sua egualha. E nunca lavrador nem patrão foi tão egual aos seus servos, como o Zé Bernardo que, desde a sua pessoa ás pessoas da sua familia, era um alegre e diligente obreiro. Porque se elle matava o corpo pelas terras e pelas feiras, a snr.ª Margarida, essa moirejava como uma negra, não conhecendo outro mimo senão o grande amor que o seu José lhe botava, revisto n'ella como se fosse Nossa Senhora do Populo que, vestidinha de chita, muito lavada e muito fresca, lhe apparecesse em pessoa.

Tudo quanto uma boa dona de casa póde fazer de portas adentro, a snr.ª Margarida tomava á sua conta: a creação, o comer, os trapos dos filhos, tudo.

Estava justamente a coser o bacalhau para a assorda da ceia, quando ao cunhal da porta da cosinha se encostou o vulto d'um homem alto, magro, de calça de burel prêsa com uma faxa preta descahida no ventre, a jaquêta pelos hombros desvendando o panno crú das mangas da camisa. O homem empurrou a porta com o punho da foice desencabada que trazia na mão esquerda, descançou uma perna na soleira, e levando dois dêdos á aba do chapeu, preguntou:

—O patrão, *tia* Margarida?

—Anda por fóra, João.

—Cuidei que já houvesse *vortado*... tardará muito?—insistiu o João da Maria.

—Se queres que te diga... em trazendo obreiros não se póde contar com elle, não avisa se vae, se fica. Quem tem de olhar p'lo que é seu, senão fôr a fazer assim, e o pessoal sabe quando o amo vae ou quando não vae, bem póde desfazer-se dos «bens». Mas tu querias-lhe alguma coisa?

—Querer qu'ria, mas vocemecê não me remedeia... Oh! Eu torno por 'hi logo, adeus.

—Como te fizer geito...,—rematou a snr.ª Margarida, quebrando no joelho uns guissos de lenha.

Assim que o marido chegou, a snr.ª Margarida deu-lhe relação do passado na sua ausencia: do albardão que a *tia* Zefa lá fôra pedir, do azeite que elle ordenára de emprestar, d'umas laranjas que o Francisco lhe trouxera do Tua...

—P'ra que demonio mandou elle cá a *fruita?*... Já sabes que de offerecer gosto, agora de aceitar só a salvação!

—O' homem! mas eu que lhe havia de fazer? Havia de dizer ao rapaz: ponha-se-me lá fóra, tire-me d'ahi essa porcaria? não! uma pessoa, embora o seu genio não seja de receber favores, tambem não ha remedio senão mostrar que teve creação.

—*Fiszestes* bem, *fiszestes* bem!

—Sabes agora tu quem tambem havia de vir cá hoje?

—Inda m'o não *dissestes*...

—O Angelo!

—Qual Angelo?

—O hespanholito que esteve de moço, no *seu* Reitor d'Álijó!...

—Ah!... Elle já não está em casa do Reitor?

—Pois já não. Saíu para ir p'r'á companhia d'um irmão mais velho que veiu p'r'ás cavas, e, ao cabo, o pequeno, que era o paquete da ranchada em que estava o irmão, um bello dia escorrega, cáe pela fraga abaixo e entorna-se-lhe o comer. Creanças, já se sabe, em vez de ir por outro jantar, não, senhor: toma-se de mêdo e em todo o resto do dia não appareceu mais. A' noite, por mais que protestasse que não tivera culpa, que fôra sem querer, que caira, qu'inté se magoára, o irmão, que pelos modos não é lá de muito bons figados, acho que malhou n'elle como mangueira em milhão. O rapasinho não quiz mais estar co'o irmão, e das suas economias...

—Lá economico diz' que é elle.

—... das suas economias, sortiu uma canastrinha e por 'hi anda a vender agulhas e alfinêtes. Até lhe comprei uma carta d'agulhas, á uma porque se me iam a acabar, á outra porque vende muito em conta...

—Cada um anda ás suas conveniencias: em como seja mais barato...

—Está claro.

—Mas onde pára o Zezito?

(1) Espichar.

— P'r'ahi, a serandar...

— O' Zezito! Zezito!

O pequeno correu da varanda, desiquilibrado nas pernitas fracas dos dois annos, palrando:

— Pá... pá... pá...—, com a carita suja de terra, o fôlho do vestido molhado e um cavaco na mão a marcar compasso.

Então, José Bernardo dobrou em dois o corpanzil de roble, e o hercules teve a sua hora de ternura, ao pousar na cinta do filho as manapolas de gigante, com as unhas rôxas de pisaduras e os dêdos callósos do serviço, gretados de lanhos do podão:

— Coitadinho do meu Zezinho! Coitadinho do Zezinho!

E reparando na cara do pequeno:

— Tu vens todo *enfurretado* [1], Zezinho! O que foi isto, Zezinho?...

O pequeno voltou-se no collo do pae, apontando com o cavaco para o matto que cobria a entrada do quintal, repetindo:

— I'to!... I'to!...

— Vamos lavar a cara, Zezinho...

— Deixa estar que eu já cuido d'elle para o adormecer. Trata tu mas é de comer que o pequeno, *bo'* tempo tem. E um castigo, tanto faz laval-o como nada...

— Tens razão, fica tu *encarregue* d'elle, que eu inda quero ir vêr a tourinha.

— E' verdade!... — recordou-se, emquanto punha a mesa, a *tia* Margarida, fiel chronista do dia caseiro — tambem ahi esteve o João.

— Qual João?

— O João da Maria, o «Murça»!

— Elle que queria?

— Falar-te, mas lá afim de quê...

— Que appareça!

— Assim lhe disse. — E alisando a toalha, com a mão — Ora agora diz' lá: o que has-de querer comer? Tens ahi uma perna de cabrito, assorda, bôla...

[1] *Enfurretado, enfurretar*, «não brinques com *furretes*» (no carnaval), «estás todo enfurretado» (de mascárras do lume) que tanto corre no conc. de Alijó, tão empregado na conversa familiar que lhe dá fóros do vocabulo popular na região, é talvez uma corruptéla de *ferretear*, e o *furrete* não será bem assim outro senão o *ferrete*.

— Deixa cá vêr um bocado de bôla... e uma pinga.

E pousando o filho, deitou á bocca dois pedaços de bôla, bebeu um copo do consumo e, botando a mão ao chapéo, saiu quélha acima, voltou á direita para cortar á porteira do curral, rente ao Cruzeiro do Populo. Esse Cruzeiro, de tão suggestivo mysticismo, era simplesmente isto: á frente da lata que alpendra a entrada, uma penha inteiriça, ora aciculando arestas aggressivas, inchando em cotovellões orgulhosos, ora humilhando-se em depressões d'onde a onde tracejadas de fendas que lagrimas houvessem cortado; cravadas n'essa fraga a columna do Cruzeiro e uma estaca de ramada, imagem do monismo, da fonte egualitaria das coisas, a videira bacchante e a cruz ermada especadas na mesma ára fraternal, acolhidos na aba do mesmo granito uma expressão pagã e um symbolo christão.

Clichè de Antonio A. Corrêa

Mulheres, creanças e homens coalhados em grupos por sobre as lapas, esperando as Ave-Marias, semi-ergueram-se para saudar o snr. José Bernardo.

Ao encontro d'elle, corria o João da Maria que a companheira da sua miseria e do seu amor não conseguíra reter nos braços afflictos.

Sem palmo de terra de seu, obreiros de condição, levavam vida honrada e pauperrima n'uma d'essas casas de côlmo que dão, á freguezia do Populo, seu prenuncio de primeiros *habitades* montanhezes.

Parêdes mal nascidas do solo em pedra miuda, uma sobre outra, prolongam o casebre taboas de pinho, e tóros verdes de pinheiro inda com rama, das quaes resvála o cume de colmo, prolongado em beiral, ao modo da região, até telhar a varanda, summario alçado de pranchas de prumo vêsgo, com balaustres de pinho, deixando entre si rasgões por entre que o habitante olhará o exterior e a luz molhará o interior da lura.

Chão de terra, esburacado pelo pêso dos aprestos e o arrastar dos troncos d'arvores que ha lá por dentro, pelo delir das poucas alfaias de ferro da cosinha, pelos proprios pés, flammeja á direita a brazeira, separada da parede fundeira pelo proprio encosto primitivo e grosseiro de duas taboas que arremédam o *escano*.

Dois barrotes á esquerda, dois troncos d'arvore sem cortex, fazem de patamar d'onde sobe uma escada d'alçapão, escada a pique de tóros de pinheiro, ainda encascados, ao longo, e tres achas mal pregadas ao travez, formando os degraus.

A modo de andar, troncos atravessados, trabéculas grosseiras, irregulares e desnivelladas em que nunca pousou sôlho—esquelêto de sobrado que houvesse derruido n'um incendio, ficando á mostra a trama do travejamento.

Ao de cima, caixas de pinho, catres com enxergas de cães, mantas enroladas, trapos, miseria, instabilidade peor que a da rua.

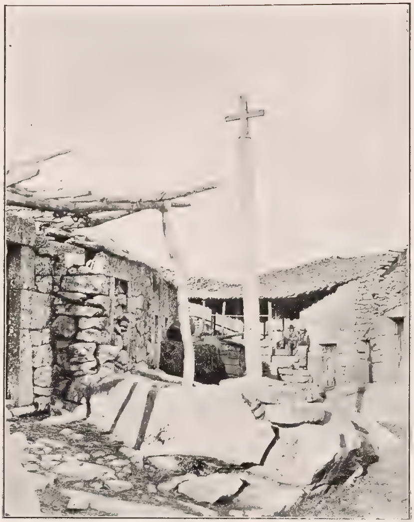
Em baixo o canéco da agua com um pucaro furado pousado sobre a tampa—um prato de barro, mólhos de agulhas de pinheiro e torgos sêccos para o lume.

Vista de fóra, quando o fôgo da cosinha ruboreja a porta, parece a chamma sanguinha d'um penetral de forja; apagada, lembra a boccárra d'uma mina d'animal de selva.

Pois assim mesmo, n'esse esconso de ninho de cães, n'essa inhospitabilidade de *segrédo* colonial, segreda desejos a especie, multiplica-se a vida, floresce o amor.

E apesar d'aquelles ataques da Maria que iam fazendo d'ella uma velhinha com os cabellos prêtos, o João todos os annos presenteava a parochia com mais um freguez.

Não havia farrapos bastantes, não havia sequer tantas malgas quantas as boccas, não havia muito com que encher a pichorra, mas havia beijos e havia forças.



Cliché de Antonio A. Corrêa

João da Maria, mal comêra a codea do centeio, erguera-se:

—Onde vaes, João?

—Á procura do *seu* José Bernardo.

—P'ra quê, homem! tu não vês que quem é pobre é que tem de se ficar? isso não se faz caso: elle é teu amigo, a estas horas já ha-de estar arrependido, chega-te ao pé d'elle, e verás que te fala como se nada fosse.

—Quem te diz menos d'isso? deixa-me cá com a minha vida que eu, se o não tópo hoje, acho que rebento.

—Senhora do Populo valei-me!... — evocou a pobre mulher esmagada de afflicção, limpando os olhos á baêta que embrulhava os oito dias do ultimo filho.

—Onde está o «Villa Real [1]»?

A pobre balanceou os hombros, como quem já está desinteressada do que vae succeder: mas o João deu com o podão pendurado n'um prégo, ageitou-o no bolso da jaquêta e, cortando a estrada, lá metteu logar abaixo.

Quando de mãos bamboleantes, mãos rijas e polpudas como de luxação, José Bernardo passava para a portélla do seu curral, a sombra do José da Maria contorcionou-se nas irregularidades da lapa do Cruzeiro.

José Bernardo, sentindo passos calcarem a mattugem, voltou-se; e os dois homens, patrão e obreiro, ficaram frente a frente, debaixo da mesma bençam do braço do Cruzeiro...

[1] Chamam ao podão o «Villa-Real» por ser lá que primitivamente a provincia ia se sortir d'esse ferro.

Cliché de Carlos Pereira Cardoso

COSTUMES TRASMONTANOS

Terras de Murça

No regaço de dois santos transfigurados em montes — S. Thiago, ao nascente, S. Sebastião a poente —, repousa o fecundo valle de Murça, murado de accidentados sêrros e colinas sobpostas n'um colyseu de grandiosidade escadeado de terras ferteis.

Para a sua união d'affectos e de interesses, Murça levou a belleza dos seus chãos, e o Tinhéla (1), enamorado rio que beija os torrões onde ella põe os pés, levou a actividade do seu braço d'agua, forte, máscula ajuda do companheiro que accrescenta os bens e alarga o casal.

Aos escoadouros que pranteiam os pendores e se subfiltram pelo valle devem as terras de Murça o serem na sêcca região trasmontana um feliz privilegio de exuberancia, topando-se agua á flôr do sub-solo, bondando desaterrar seis metros para que ella borbulhe na olheira d'um poço, desedentando-se a vista onde quer até se affogar no farto manancial da *Fonte da Rainha*.

A Porca de Murça

Consoante a posição das colinas e do valle de Murça, vão differindo as altitudes dos terrenos.

A bacia da Portela-do-Seixo, contigua ao valle onde Murça demora, conta 520 metros (2); o monte de S. Sebastião, fronteiriço ao de S. Domingos, mas muito mais baixo, 570^{m}.

No acúme d'este monte postou o general Cardoso, belligerante miguelista, a artilharia para cortar o passo ás forças do Duque da Terceira e assim lhe cerrar as portas de Murça; variou, porém, de plano, arripiou carreira, saíndo com as suas tropas, sem queimar uma escorva, franqueando o caminho da gloria ao exercito liberal que, duas horas depois de desimpedido o campo por Cardoso, descançava em Murça, para chegar fresco a Asseiceira, premiada fortuna do genio guerreiro do Duque.

Os seus cem metros sobranceiros ao valle sobram para da grimpa se avistar e invejar aquelle nascente e sul panoramicos.

A nascente, vem primeiro na frente, com tres leguas apenas de permeio, a Serra de Garraia em cujo tôpo branquêja a ermidinha onde o sol de agosto festeja Santa-Comba que a lenda abrigou ali da perseguição libidinosa do Rei d'Orelhão.

N'outro plano, mais para leste, empardece o horizonte a serra de Bornes no Monte Mello, já districto de Bragança e em que não toca com um dêdo quem saír de Murça senão depois de ter vencido os seus bons cincoenta kilometros, para mais que não para menos.

O sueste flanqueia-o o pincaro serrano donde óra N. Senhora d'Assumpção e que, apesar d'uma separação de trinta kilometros, não desampara da sua dupla, milagrenta vista os gratos crentes de Murça.

Para o poente, a vista decáe melancolica nas duas pontes do Tinhéla e nos pinheiraes e soutos que estadeiam pela ouréla direita do rio.

A padrasto da villa de Murça, entre norte e nascente, cintando d'essa banda o horizonte, ergue-se a alta catadura do Monte de S. Domingos, observatorio natural d'um ousado e vasto lanço d'olhos que póde perscrutar, no revolvimento d'aquellas

(1) O rio Tinhéla decorre a um kilometro de Murça, (que se debruça na margem esquerda da estrada liquida) e a 100 metros de declive, guardando sobre o mar a respeitosa superioridade de uma altitude de 360^{m}.

(2) Todas estas altitudes são referidas ao nivel do mar.

MURÇA—Rua Marquez de Valflor

fragas, as grandes convulsões que exagitaram o globo até á conformação d'aquelles valles e serranias que por ali embiocam a paisagem.

A parte oriental é uma extensão de contemplativo horizonte a que põe termo a Serra do Cabreiro—ramificação da Serra de Preza que corta sagitalmente as povoações de Pinhousel, Quinta, Raiz do Monte, etc., arredada cinco leguas do Monte de S. Domingos. A Preza e o Cabreiro, rodeando o norte, vão aliançar-se á Serra da Palhaça, raiz directa do Monte de S. Domingos, de que dista dez kilometros, e que é o melhor avistadouro do soberbo valle accidentado e franjado de vinhas, encabellado de oliveiras, povoado de pomares, entre terrenos dados á cultura mixta onde não falta o trigo, o milho, a batata nem os lameiros para bons pastos.

E' em Sobrado, que visinha com Padrella, uma das povoações dominadas por esta Serra da Palhaça, que tem origem uma das nascentes do Rio Tinhéla, emquanto a outra, a principal provém da Serra da Preza e povoação de Tinhéla, que dá o nome ao rio alentado pelas aguas depostas em todos estes sêrros.

Esse Monte de S. Domingos—posto que a sua eremida, desmerecida dos devotos, já não queira interceder junto da Providencia pelas boas messes—, é, de seu natural, o melhor protector do valle de Murça, pois que pelo norte e nascente se condensam ahi as chuvas e as aguas donde brotam os ribeiros que serpeiam pela planicie de Murça a Noura, sendo o maior de todos o da Escavada, que á vista de Ponte Nova se despenha no Tinhéla.

E depois de ser o accumulador das descargas pluviaes, S. Domingos—cujo sul deita para o monte de N. Senhora da Cunha, cêrca de S. Mamede do Tua, boas cinco leguas d'aqui—, é tambem um pára-raios onde as trovoadas escoam as faiscas que, sem esta protecção, queimariam o valle que assim fica devendo a bondade da sua vinha, a opulencia dos seus olivaes, o verdor das suas hortas, ao monte d'aspero e pouco amigo aspeito.

MURÇA—Moinho no Tinhéla

Os ribeiros derivados do Monte de S. Domingos transitam por terrenos assaz arborisados, salvante o da Escavada, pelo que não alagam os campos, como sóe succeder ás nascentes que em chão escalvado, a nascente e norte de S. Domingos, engrossam a ribeira de Noura, que ás vezes leva uma verdadeira corrente, á mingua d'arvoredo que lhe represe a furia da cheia e retenha e súma no sólo a brusquidão da queda d'agua.

E como, tirante julho e agosto, taes ribeiros não sabem o que é uma sécca, por aquelle alternar de valles e colinas, de arvores das encostas com o pégo dos nateiros, de vinhas e olivaes, de figueiras e freixos e negrilhos e os choupaes das margens, por tudo aquillo vae uma fecundidade abençoada.

Tal encadenamento de

montes, de colinas, ora trepando esbaforidas a planaltos altaneiros, ora se espraiando em socegados valles, garante a esta região adaptabilidade para culturas diversas; e ainda as terras que nortejam S. Domingos se resentem da falta d'arborisação, entrecortada apenas por castanheiros rareados e pinheiraes pouco extensos que não chegam a dar ás serras que povoam outro prestimo além d'um mesquinho pascigo cabril.

Não é só differenciação orologica é mesmo incompatibilidade estructural, a determinar a diversidade do cultivo.

No monte de S. Domingos predomina o schisto pelos amigos Romanos, gente que apreciava como ninguem o valor da agua e os vapores do vinho.

O vinhêdo e a arborescencia que alpendram de luxuria as encostas de S. Domingos provam que as aguas não arrastam desde remota antiguidade a muita terra que por ali cobre o schisto, o que léga a estes terrenos uma riqueza inapreciavel para a cultura, especialmente de vinha.

A' vista de Murça p'ró norte—que é como um oasis no seio de tanta e tam aspera serrania—expira a vinha, morre a oliveira, a figueira, a amendoeira, o sôbro. E rompe, então, d'ahi a região affecta ao castanheiro e ao pinheiro tão desprezados por éstas

Ponte Velha de Murça

negro; proximo á Ponte Nova, o terreno granitico; no valle que mura S. Thiago pelo sul, impéra o terreno d'aluvião; para o Gueirinho o argiloso e o calcareo.

D'ahi, polycultura e arborisação vária: a vinha e a oliveira, o pecegueiro e as arvores de fructo das encostas contrastando nos valles, á borda dos regatos, com o freixo, o choupo e o negrilho. No emtanto, a videira dá-se aqui bem com todos os terrenos, como se aqui fosse a sua patria. E se é averiguado que a *vitis vinifera* L. existiu no sul da Europa quando o elefante e o urso das cavernas a passeavam, se é tambem originária de Hespanha e do sul de França, porque não havia de pujar expontaneamente aqui?

Velha decerto é a vinha por cá e mais recente a sua cultura que nos deve de ter sido ensinada serras desensombradas e a cultura dos quaes chegaria para as enriquecer.

Lastimosamente, Murça jurou guerra de morte ao castanheiro, para em vez d'elle acclamar a soberania da vinha, como se tivesse de ser sempre uma mercadoria mais remuneradora e privilegiada.

Soutos, com mais d'um seculo, foram arrazados para dar a comer o terreno á vinha.

De modo que, salvante o vinhal, a minha Murça está reduzida a viver das culturas intercalares da batata, do trigo, da cevada, do centeio, do linho, da fava, da ervilha e do grão de bico que bem prosperam na fertilidade variada de terrenos que cercam o concelho.

Foi-se, com o advento do Jacquart, a honesta industria caseira, a tessitura do linho que Murça cultivou; sobre a invasão do industrialismo mecha-

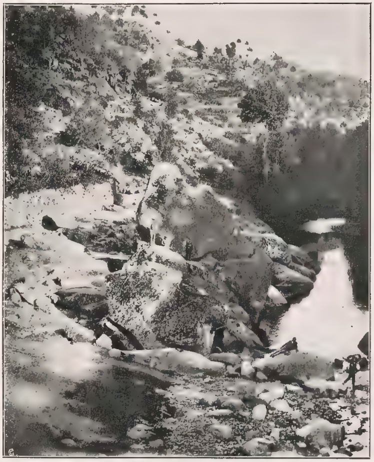
nico, a molestia do sirgo fez descrer o agricultor da valía das amoreiras que elle erguia entre a vinha, e assim morreram, na adolescencia do seculo XIX, duas culturas tão typicas, tão tradiccionaes e tão rendosas.

Todo o chão e todo o cuidado vão de preferencia para a vinha ingrata, embora se vão desenvolvendo tambem os olivaes e florescendo a amendoeira.

E, regala dize-lo, se o «consumo» branco e tinto de Murça é um nectar, a amendoa é requestada pelos confeiteiros do Porto e até já pela exportação, e o azeite é oiro em fio, apesar do uso brutal do varejo, (que raro é o lavrador que faz a apanha da azeitona á mão) e a espremedura medieval.

E se assim mesmo, o azeite saído das ceiras é saboroso e limpido, o que faria se se abandonasse por processos mais adeantados essa espremedura com a vara do lagar á romana!

Mas a carencia de escolas agricolas e a escassez do capital, trazem assim desaproveitado este sólo tocado d'um favor divino. E apezar do seu exuberante chão, Murça tem muita pobreza, aggravada por familias d'operarios que debandam das povoações nataes para adoptar Murça onde lhes custa menos a vida que a frequente rapina pelos campos mais facilita.


Rio Tinhéla em Murça

Ha um codigo penal, ha, mas falta a policia rural que o applique, aliviando assim o lavrador d'essa forçada contribuição, e das mais pesadas! que é o assalto ao fructo e á matta, aconselhado pela miseria, consentido pela ausencia de educação moral.

Infelizmente só este anno da graça de 1905 conseguiu concluir o edificio da escola-mixta, que aquartela uma população escolar de 97 rapazes e 66 raparigas, á frente das quaes estão o snr. José Lobo e a snr.ª D. Maria Joaquina Gonçalves d'Oliveira, dois abençoados inimigos do analphabetismo.

O problema da instrucção não se reduz apenas á maior ou menor prosperidade agricola, entra tambem como factor decisivo nas derrotas que os filhos de Murça soffrem nas campanhas da emigração, donde nem um por mil volta triumphante.

Tirante Luiz Tavares Guerra que no seculo passado grangeou no Rio de Janeiro uma fortuna de sete mil contos (moeda brasileira), e o snr. Conde de Valflôr que a poder de actividade, de talento e de pertinacia conseguiu ser em S. Thomé o maior proprietario colonial da actualidade, raros são os que, partindo pobres de Murça, á sua ridente villa cheia de luz e graça hão voltado remedeados.

O que pode esperar quem aos combates da emigração mal sáe apetrechado com as primeiras letras e uma curta aprendisagem nos officios de carpinteiro, d'alfaiate, de ferrador, de serralheiro, tendo de defrontar-se com uma concorrencia que cada dia é mais densa e uma competencia que de hora para hora exige mais especialisação?

Ao menos aqui sempre vão empregando os braços nos trabalhos da vinha, cujos processos e culturas são muito communs á região duriense, e o seu grau alcoolico o das encostas e o das margens do Tinhéla,—e a sua maturação tão chegados ao do Douro que n'algumas colheitas attingem a finura dos sumos das privilegiadas fragas.

D'estes queixumes sobre o atrazo da instrucção não vá inferir-se que Murça não haja dado bons e notaveis cerebros: seria preciso primeiro destruir os archivos da Universidade de que foi lente de philosophia o nosso illustre conterraneo dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo, que a morte levou ha annos; seria preciso esquecer Basilio Cabral Teixeira de Queiroz, um dos 7:500 do Mindêlo, e que foi Presidente do Supremo Tribunal de Justiça; e deslembrar o Cardeal Patriarcha D. Ignacio de Moraes Cardoso.

Não sômos só nós a nos queixar do abandono da instrucção, nem é só n'esse capitulo do progresso que os poderes publicos veem accumulando um forte passivo, dos cuidados e carinhos que, como a boa terra portugueza, a Murça devem.

Pelo Estado não tem vindo o bem ao mundo de Murça.

Deu-nos uma estrada que liga Villa-Real a Mirandella e cujo debrum de arvoredo atravessa pelo meio da villa. Se quizemos um córte de estrada para Carrazêdo de Monte-Negro, pedimol-a ao municipio que ha 16 annos a traçou, deixando por construir os 5 ou 6 k. que a ligariam á de Chaves a Murça.

A magnanimidade do Estado revelou-se ainda n'uma das pontes—a Ponte Nova a 2 k. da Velha

—no Tinhéla, levantada em 1871 e que não passa afinal d'um traço de união da estrada de Villa Real a Mirandella.

Temos duas pontes, é certo, mas a outra—a Ponte Velha—é uma «recordação» dos Filippes, a primeira que teve o Tinhéla, e que a mão hespanhola construiu feia e forte como quem tencionasse pisal-a pelos seculos afóra. A' entrada da avenida, lado norte, tem insculpidas, em uma pedra, as cinco quinas em cruz e sete castellos em volta; e o nascente assignalado por uma esphera, emquanto uma cruz abençoa o poente. Ao lado da esphera pude descobrir estas letras, entalhadas na pedra: O. L. C. O. T.

Outras letras, mal as póde a vista transcrever—M. O. M. A. S. B. S. M.

Rodando para o poente, duas letras—R. V.—, um pedaço de pedra mutilada e, proximo, uma data—1841, presumivelmente éra de qualquer restauro.

Fitando o mesmo ponto cardeal, ahi a cêrca de 25 metros da ponte—que tem tres metros de largura no passadiço, doze e meio de comprido e cinco d'altura,—um marco de granito, com meio metro d'alto e datado de 1818, aponta para o sul a estrada de Villa-Real, Porto e Douro, e a quem passa para o poente guia para Villa-Pouca e Braga.

Pelos vistos, muito pequena é a obra dos homens, comparada com a do Creador.

Ha grandes e productivos melhoramentos a trazer a Murça, e na cabeça do rol anda o aproveitamento das aguas do Tinhéla que, por passar n'um apertado valle, apenas presta serviços a umas azenhas.

Que lindas messes essas aguas, intelligentemente derivadas e colhidas por embolos, promettem ás terras baixas de Murça onde a vida vinicola e cerealifera está muito longe de raiar pela supercultura!

Quantos carros de pão, quantos toneis de consumo, quantos bragaes se não teem ido á barra, durante esse desperdiçamento das aguas do Tinhéla que ha milhares d'annos offerece os seus prestimos, sem que se lhe aproveite a fecundidade latente!

Um dia virá esse sonho, trasmudado em facto. E, então, a feira dos 13 e os dois mercados semanaes de Murça metterão tulhas de pão, esbanjarão toda uma riqueza horticola, terão linho para dar á pobreza e vender a rastros de barato aos remedeados, e os dois contos de réis por que andam os seguros de dinheiro no correio de Murça, passarão de mensaes a ser o pão nosso de cada dia.

Até lá contentar-nos-hemos em beber o generoso sumo que por esse Tua acima traz a sua alegria pagã, para esmorecer e acabar a zona dos vinhos finos d'aqui a uma legua no já frouxo esbracejar dos bardos das Carvas, e resignar-nos-hemos a não ter a nomear á penhora dos archeologos e ethnographos, tirante a Porca de Murça, nem pitorescos usos nem excentricidades de traje.

Trazemos—como dizia o saboroso Gaspar Corrêa nossas nudezas e vergonhas cobertas, e viva Deus!

Murça, 19 de julho de 1905.

Basilio Constantino d'Almeida Sampaio.

MURÇA—Casas de habitação na Rua dos Fornos

A paga d'uma ceia

Sete kilometros ao norte da villa de Alijó estendem-se, em quasi uniforme tracto de terreno, bastantes veigas onde as ceáras e as hortas vegetam n'uma exuberancia de vida, como a agradecer a mão cuidadosa que desveladamente olha por ellas e o aturado trabalho do camponez que sabe de cór a sentença: — da terra vim para a terra volvo, mas emquanto não volvo da terra cômo! No meio d'essas veigas fertilisadas está a povoação da Chã, agrupamento de casas pequenas, na sua maioria; bastantes palheiros, com bairros e arribanas para o gado. Pouca vinha no logar da planicie; mas nas quebradas, terminadas abruptamente no ribeiro do Velal, em socalcos sobrepostos em cavalletes ha espessa vinha de cêpas, da grossura de uma perna, largos ramos no entralaçamento de varas compridas, de cachos tentadores, onde as abelhas gulosas se saciam com a ancia de quem se farta no mel de Hymetto ou nas passas de Corintho.

A' distancia de dois kilometros avulta Villa Chã, cabeça da freguezia, com a sua Egreja bem limpa e caiada, o tecto forrado d'anjinhos bochechudos e vermelhos como as cerejas, a sahir de nuvens d'algodão, e muitos varões da Egreja d'amplas capas, mitras, baculos e cruzes indicando a sua santidade. São como duas irmãs gemeas, Chã e Villa Chã. O cantar dos gallos ouve-se de uma para outra; e o balido dos rebanhos, melancolico e pacifico por noite velha, estridulo e inquieto em madrugadas de verão, eccôa simultaneamente nos povoados de Chã e Villa Chã. Esta com 400 habitantes e aquella com 300, vivem na communidade d'uma boa familia, porque o fel das paixões humanas nunca lhes entrou no coração. Toda a freguezia bem lavada dos ventos, não pega lá a peste; d'inverno a serra do Cabreiro e a da Senabria — posto que muito distantes, cortando esta Portugal e Hespanha, com a sua espinha colossal, como elephante de phantasticas proporções, de nuvens grossas e negras condensadas nos seus cêrros — assopram golfadas de aguaceiro para cima das aldeias, tornando verdadeiro caudal o ribeiro da Lagôa cheio de moinhos protegidos contra a furia da corrente pelas sinuosidades da penedia, donde nascem os cubos conductores da agua que faz andar os velhos engenhos de moer o grão.

Quando por muito tempo a braveza da invernia não tem intermittencias, a Lagôa da Chã, a montante da aldeia, converte-se em grande lago e dura crosta, se as neves entram por março fóra.

N'essa quadra em que de Lagôa nem se avistam as pontas dos salgueiros que abordam, nem os juncos compridos e bastos de espessos tufos, fica interrompïda a communicação directa com algumas povoações visto como é desconhecida a patinagem n'esta região trasmontana.

* * *

Pela Patuleia, o padre Luiz Pinto Furtado, de 36 annos de idade, era parocho da sua freguezia, residindo na sua casa da Chã onde nascera. Alto, enxuto de carnes, direito, são e rijo como pau cortado em boa lua, raro n'aquella cara, barbeada com cuidado, transparecia qualquer contracção acusando sentimentos exaltados e insoffridos.

Era fleugmatico como um inglez.

Caçador emerito, onde punha o olho acertava o tiro.

As fragas do Caneiro conhecia-as como os seus dedos; sabia o nome de todas as palas e luras onde afuroava coelhos, e nos reconcavos d'aquelle logar penhascoso a sua voz timbrada e dura, como o som de cascaveis metallicos, resoava de canto em canto durante as lides venatorias.

Vivia no seu prebysterio satisfeito em crestar as

suas colmeias; em ter as queijeiras cheias de pilhas de queijos e as terras fertilisadas pelos rebanhos, atulhando-lhe, de anno a anno, as arcas de gradura.

Na comarca de Alijó, as pessoas de maior consideração e respeito, selectas e dignas em teres e posição social, que muitas havia n'esse tempo, quasi veneravam o padre Luiz.

Vinha a meudo a Alijó, imparceirar-se ao voltarête com Antonio de Castro Corrêa de Lacerda e seu irmão José de Castro, dr. Narciso Gomes Ribeiro, José Maria Leitão, Francisco José de Souza Cabral e o escrivão Mansilha, todo elle a respirar bonhomia, simplicidade e honradez.

Na festa de Sant'Iago, oraculo da sua freguezia, eil-o dias antes batendo á porta dos seus amigos:

—Que lhe fossem comer o caldo!—e a rir-se e a apoucar-se, repetia:

—Mas olhem que é só caldo!—quando a sua meza vergava ao pezo dos leitões, cordeiros e mais iguarias, porque não ia feito só *com a vacca e riso do Santo Arcebispo.*

briosos impetos, de encendrado patriotismo dos heroicos e soberbos Passos em favor do paìs, cuja alma se agitou tremenda e vigorosa contra o governo dos Cabraes.

O bacamarte que o seu collega minhoto, padre Casimiro, terçava no albardão do macho; as foices roçadoiras, chuços, espingardas caçadeiras e até os forcalhos da lavoura, foram para o padre Luiz outros tantos symbolos redemptores do povo queimado com tributos. Fez-se patuleia, contrariando a sua velha creada Engracia que o trouxera ao cólo e se fazia de fel e vinagre com o procedimento guerrilheiro do seu filho, porque lhe queria como se filho fosse.

«Pois podia lá ser?! Uma sucia de maltrapilhos, homens e mulheres sem eira nem beira, sem ter onde atar umas pedras de sal, estirados ao soalheiro ou accocorados nos fornos de coser o pão, a dizer mal da rainha!

«Uma coisa assim! Nem em terra de herejes! E então um padre Casimiro! andar a desencaminhar o povo do seu socego! Melhor fôra aconselhar os homens a que cavassem a terra para as sementeiras e as mulheres a tratarem das crias e a rezarem o terço pelos que andam perdidos sobre as aguas do mar! Mas de bacamarte! E quando Deus quer, quantos enfermos terá deixado á hora da morte sem sacramentos, e quantas raparigas puras como as estrellas não terá perdido no confessionario! Quantas? Sabe Deus quantas!»

VILLA CHÃ—Vista geral — Cliché de Arthur Botelho

Sem recorrer aos assentos e livros da Egreja, sabia de cór todos os nomes dos seus freguezes, e a muitos punha alcunhas que lhe ficavam a matar.

Aqui, a uma rapariga enfezada e anemica, nada devendo aos seus vinte annos já feitos, chamava cara de maçaroca, rêpas de cabra morrinhenta; além, um rapaz desbarrigado das pernas e de canellas bem á vista era conhecido pelo calças de couro e estripa torrões. Ainda a um outro, de rosto amarellento e atufado, dizia:—Então cara de lua cheia sem luar, não te largam as maleitas? Toma um cosimento de fel da terra, cascas verdes de nozes e macella, mas não comas leite que se te apega um sarro ás tripas que nem pez ás mãos de sapateiro!

Um tiroteio de chufas innocentes a que punha remate uma ordem para a criada:

—Andar! Que nos dê de comer a todos! Hoje é dia de festa. E que não fosse!... Coitados dos pobresinhos!

Do seu mister de clerigo, exercicios de caça e distracções de voltarête, vieram tiral-o um dia os

A velha Engracia por uma noite do mez de novembro de 1847, em que a chuva vergastava como lategos as janellas do presbyterio da Chã, monologava d'esta arte, e o padre Luiz sentado no escano á beira do lar onde ardiam toros de lenha grossa, esperava pela ceia, demorada por a creada estar amassando uma sacca de pão, não podendo esperar o forno por estar quente de mais. N'isto, e d'um salto, arremette contra a porta do quinteiro trancada por causa dos lobos que não viessem assaltar o gado, o cão suecco de pellos duros como os d'um porco espinho.

—E' caso, exclamou o padre! Vê lá quem é ó

Cypriano,—exclamou, chamando d'uma janella o pastor, o qual abrindo o portão deu passagem e conduziu á cosinha dois homens encharcados d'agua, botas cambadas, fardas e capotes militares á cavallaria.

A fogueira era de convidar, porque sem se fazerem rogados os desconhecidos depressa se assentaram a ella, intrigando o padre Luiz que mirava e remirava os hospedes, fitando com interesse o mais alto, manêta d'um braço, e no capote largo galão dourado indicando que o seu dono tinha subida patente militar. Depois de quentes e enxutos, aprompptaram-se para seguir caminho porque tinham muito que andar, e por isso, agradecido o agasalho de tão boa vontade feito, disse o manêta:

—Vamos!

—Por uma noite d'estas?!...—atalhou o padre Luiz em tom de quem dá uma ordem—Ninguem sae d'aqui. Ó Engracia, a ceia na meza e já! Ó pichel tanto leva dois como tres quartilhos de vinho. Ainda ha salpicões, presunto e ovos para uma fritada, trigo e mel para rabanadas e castanhas assadas no borralho. Em casa do reitor de Villa Chã ha muito que se coma, e com a ajuda de Deus vive-se!

No meio da refeição não se conteve o padre Luiz sem interrogar os hospedes.

Porque aberta embora a sua casa para todos que n'aquellas redondezas lhe batiam á porta, alguns reparos lhe suscitava no espirito a presença de dois forasteiros que nunca vira, demais a mais n'aquelle tempo em que as tropas da rainha andavam já pelas alturas de Chaves, e o Conde de Casal jurára fazer em postas os patuleias.

—Desculpem se sou intromettido, mas é que... eu precisava...

·Saber quem sômos? Nada mais natural, muito natural, senhor padre Luiz Pinto Furtado, disse o mutilado do braço, já de pé e hombro com hombro com o padre que, ao vêr-se chamado por o seu nome e por um desconhecido, sentiu um abalo formidavel, suppondo-se espionado por algum emissario dos Cabraes, podendo muito bem ser aquelle militar de cavallaria.

Depressa sahiu do embaraço.

O supposto espião em tom firme accrescentou:

—N'uma aldeia perto d'aqui disseram-me o seu nome e indicaram-me a sua casa, onde eu e o meu camarada podiamos descançar um pouco. Temos pressa em partir para o Pinhão e de lá, em barco ou d'outra fórma, seguirmos para o Porto. Entrámos aqui mortos de fome, de frio e alagados, podendo ter-nos acontecido coisa bem peor: algumas balas no corpo se as pontarias em Valpassos, donde vimos fugidos, fossem tão certeiras como diante da Serra do Pilar. Olhe a prova bem á vista, e desembuçando-se mostrou a falta d'um braço. Sou o Marquez de Sá da Bandeira...

—Marquez! O senhor Marquez em minha casa!

—Que podia receber um rei! Nada de atrapalhações padre Luiz, precisamos partir!

—Com tal noite, escura como um breu! Embora!... N'esse caso eu vou dispôr tudo, disse o padre, sahindo, e voltando passados momentos acompanhado de dois homens vestidos de burel, largos chapeus braguezes e foices roçadoiras.

—Compadre Fortunato e tu afilhado Ricardo, ides acompanhar estes senhores até o Pinhão. Levai o lampeão bem temperado que chegue para o caminho; queijo, pão e vinho e mais estes dois pintos. Sempre é bom ir-se prevenido.

—Presto-lhe para alguma coisa, senhor padre Luiz?

—Eu desejava...

—Fale francamente, faça de conta que somos velhos amigos.

—Fui frade da ordem dos Congregados e estive no convento de Freixo de Espada-á-Cinta. Todos ou quasi todos os meus collegas estão a receber subsidio do governo, não se poderia arranjar para mim qualquer coisa?

—A situação é melindrosa. De Valpassos onde dois regimentos se passaram para os nossos inimigos venho corrido a tiro; ora isto tem de mudar e mudando para melhor tem ao seu dispôr o Marquez de Sá da Bandeira que se honra em lhe dar um abraço.

—Que Deus os guie! Vão com Deus. Ó com-

LOGAR DA CHÃ Cliché de Arthur Botelho

padre, ó afilhado, não vos enganeis no caminho! O senhor Marquez póde montar na egua á vontade. É segura como os alicerces d'um convento e foge a uma bala.

Fechadas e trancadas todas as portas, a Engracia, em brazas durante a conversa dos tres em que não pôde metter bico, e esquecida do pão que deixou fazer n'um torresmo, expectorou n'uma sanha de colera mal soffrida:

—Arranjou-a boa! Qualquer dia ahi tem pela prôa as tropas da senhora D. Maria II a pedir-lhe contas de dar pousada e fazer favores a patuleias!

—E a ti ninguem pedirá contas de fazeres de uma sacca de pão de milhão uma sacca de carvões? redarguiu o padre.

*
* *

Em 1856, no dia 17 de abril, n'uma manhã clara em que as margaças dos prados, rociadas pelo orvalho matutino, abriam as coróllas estrelladas, e as cotovias em canóros desafios e em aturados vôos subiam e desciam nas planicies da Chã, o padre Luiz diz á Engracia:

—Amanhã parto para Lisboa.

A velha benze-se tres vezes com uma cara em que se pinta a duvida, o pasmo e o soffrimento, exclamando de mãos postas:

—Nossa Senhora do Populo venha em auxilio de quem perdeu o juizo! Para Lisboa?! Esta só lembra... Então o senhor reitor não sabe que já passa dos cincoenta? E o caminho? Para Lisboa! E os pedreiros livres? Os inimigos da santa religião? Deixe essas folias para quem está menino e moço.

—Deixo isso para mim que tenho de ir. Não posso mandar substituto. O senhor Marquez de Sá da Bandeira, que foi nomeado ministro da marinha, manda-me ir. Amanhã de madrugada, até Pinhão, de lá, Douro abaixo, ao Porto, n'um barco rabello e depois no vapor da carreira para a capital. E' preciso que os pastores olhem bem pelo gado; lavrar as terras para as sementeiras, vae o tempo alto e o sol já pica. Que não esqueça o caldo e o pão dos pobres, bem basta que lhes falte quando eu morrer. O senhor reitor de Pegarinhos cá virá dizer missa, e o mais que fôr preciso e que Santa Madre Egreja ordenar. Engracia, até á vista, até breve, Lisboa não é no cabo do mundo. Nem palavra.

A Engracia, bagadas como punhos pelas faces sumidas, quedou-se sem poder despegar-se do sitio onde estava, a resar o responso de Santo Antonio para que levasse seu filho a porto de salvamento.

Casa do padre Luiz, na Chã—Cliché de Arthur Botelho

*
* *

Na rua de Valle de Pereira, em Lisboa, em casa do Marquez, sentados á meza d'um jantar á portugueza, em que não eram conhecidos os *menus* d'agora, verdadeiros algozes das algibeiras e dos estomagos, estavam o titular da pasta da marinha, um dos seus secretarios, alguns militares de patente superior e o padre Luiz, de casaco comprido de briche lustroso, limpo como um palmito, cabeção e volta alvos de neve.

—Ainda tem os mesmos nervos e musculos de aço bem temperado, como ha dez annos, meu amigo, como na noite de novembro em que me regalei de ovos fritos com salpicão, presunto, castanhas assadas e vinho puro. Ainda é o mesmo homem, padre Luiz. Apresento-lhes este parocho d'uma freguezia sertaneja que só pensa em fazer bem, e a mim fez-me tamanho bem, que não ha paga que o compense—disse o Marquez para os seus convivas.

—Favores que não mereço. Um padre tem obrigação de seguir á risca as maximas do Evangelho. Demais, que fiz eu? Nem falar em tal! Oxalá, outra vez, muitas vezes a minha casa fosse honrada por V. Ex.ª

—Não póde ser. Conservo de tudo isso gratas recordações. O jantar se não foi tão bom como a ceia, que ha dez annos lhe comi na sua casa da Chã, foi dado com a mesma boa vontade—e levantando-se, continuou—Aqui tem a sobremeza: é uma ordem de quatro libras mensaes com que o governo de Sua Magestade o subsidía durante a sua vida. E' pouco...

—Ó senhor Marquez! Como pagarei?!

—Com a sua inexcedivel amisade como até aqui. E agora até quando, padre Luiz?

—Eu sei lá! Pão maduro quer ceitoira, estou á bicca.

—Longe vá o agouro. Adeus!

—Adeus!

Estas duas palavras sentimentaes, sahidas quasi simultaneamente do peito d'aquelles dois homens, quasi da mesma altura e da mesma idade, d'aquelles dois portuguezes velhos, puzeram termo á entrevista, a ultima que não mais se tornaram a vêr.

*
* *

O padre Luiz Pinto Furtado, ao ter conhecimento da morte do Marquez de Sá da Bandeira,

em 6 de janeiro de 1876, mandou rezar uma missa pelo seu eterno descanço, na parochial da sua freguezia; e aos concorrentes a essa funebre solemnidade que foram numerosos, disse em voz bem clara, e com a convicção d'um verdadeiro amigo que pranteia outro amigo:

—Morreu o nobre Marquez de Sá da Bandeira, o Bayard portuguez, o soldado de Ninive e de Nivél, tão honrado e valente como a sua espada. O raio da guerra, defronte da Serra do Pilar lascou os frisos d'aquella columna, mais solida, mais firme e mais alevantada que as columnas do templo de Salomão, porque foi a columna do templo da patria portugueza!

* * *

No pequeno e aceado cemiterio de Villa Chã, jaz sepultado o padre Luiz Pinto Furtado, fallecido em 7 de setembro de 1893.

Alijó—abril, 1909.

CASIMIRO C. S. CABRAL.

Cemiterio da Chã Cliché de Arthur Botelho

INQUERITO

(CONTINUAÇÃO)

Angueira

Nasçe em Hespanha junto ã Villa de Alcaniças entra neste Reino no Lugar de S. Martinho termo da Cidade de Miranda, passa no Lugar de Angueira, depois junto ão Lugar de Serapiquinhos, dahi pelo meio do Lugar de S. Joanico, donde hã uma ponte, continua até o termo da Villa de Algozo donde hã outra ponte, e se mete no Rio Maçans tendo andado seis Legoas.

Baçeiro

Nasçe em Hespanha na serra do Ladario termo de Senabria, corre pelo Conçelho de Bragança, e sem ter ponte alguma, se mete no Tuella com pouca extenção.

Beça

Nasçe no Lugar do Pedruiro termo de Montealegre, mete-se no Tamaga no sitio de Duivões asima da ponte de Cabes.

Cavado

Nasçe na Serra de Laroco, passa junto ã Villa de Montealegre, vai discorrendo até o Conçelho de Ruivães, entra neste Rio o do gerez, e Mizarella.

Corgo

Nasçe debaixo do Cruzeiro que fica no meio de Villapoucã, discorre pelo Valle da dita Villa, passa em Pficães donde tem huma ponte, corre junto ã Villa Real donde tem outra, vai ã Albações do Corgo, mete-se no Douro junto ã quinta da Vacaria tendo corrido oito Legoas.

Douro

Nasçe em Castella nas montanhas de Cantabria junto ã Serra de Orbion, em huma grande Lagoa, entra neste Reino em a Cidade de Miranda divide os dous Reinos até o Rio Agda, continua a dividir a Provincia de Traz os Montes da da Beira até Barbeiros, e depois a mesma da do Minho até se meter no mar junto a S. João da Fos, não tem ponte alguma desde que entra neste Reino.

Fervença

Nasçe na Serrã do Ladario termo de Bragança passa pelo meio desta cidade donde tem tres pontes, e se mete no Sabor tendo girado tres Legoas.

Fresno

Nasçe no Lugar de Constantim termo da Cidade de Miranda, passa nos Lugares de Ifanes, e Povoa, e se mete no Douro junto ã dita Cidade.

Maçans

Nasçe em duas ribeiras, huma no Lugar de Rio d'Onor, termo de Bragança, outra que vem de Pedralva Reino de Hespanha, e juntando-se ambas hẽ que formão o Rio Maçans cujo nome toma por passar pelo Lugar de Maçans do dito Reino, divide este Rio os dous Reinos até o Lugar da Petisqueira, continua dividindo os districtos de Bragança, e Oiteiro, passa por Pinello, e Arcozello donde hã huma ponte, divide os termos de Oiteiro, e Vimioso donde está outra ponte, continua até o termo da Villa d'Algozo donde se lhe mete o Rio Angueira, e dezemboca no Sabor.

Mente

Nasçe junto ã Serra secca em galliza, divide o Conçelho de Villar secco de Lomba do dito Reino, e do Conçelho da Villa de Monforte, mete-se no Rabaçal.

Oçeira

Nasçe na fonte do Lugar de Rãoalde, freguezia de S. Martinho d'Auta, discorre entre goiães, e gouvinhas mete-se no Douro.

Pinhão

Nasçe no Lugar da Rais do monte Conçelho de Alfarella de Jalles na fonte de S. João, passa junto ã quintãm donde tem huma ponte, discorre junto ã Honra de Parada de Pinhão, donde tem outra ponte, passa proximo ãos Lugares de Val de mendis, e Selleiros dondc hã outra ponte, mete-se no Douro na fos do Pinhão tendo corrido seis Legoas.

Rabaçal

Nasçe junto ã-Raia da galliza no sitio da Bargia termo da Villa de Godinha, divide os districtos das Villas de Vinhaes, e Villar secco de Lomba, tem tres pontes, a de Engraçia, Gestoza, e Santa Rufina, mette-se no Tuella.

Rio Torto

Nasçe no Conçelho da Villa de Chaves, e se mete no Tuella, asima da Villa de Mirandella.

Ruivães

Nasçe no marco de Maçam, termo do Conçelho da Villa de Ruivães, corre junto ãdita Villa tem duas pontes huma na Calçada de Ruivães, outra no sitio de entre os Rios, mete-se no Cavado.

Sabor

Nasçe em Hespanha no Lugar da Teixeira, entra neste Reino no Lugar de Montezinho termo de Bragança, passa junto ã dita Cidade donde hã uma ponte, vem ao Lugar dos Villares donde tem outra, depois ã Parada donde hã outra, e dahi ã Izeda donde tem outra, divide nestes sitios os termos de Bragança e Oiteiro, continua dividindo os termos de Bragança, e Algozo, depois os de Crasto Vicente, e Mogadouro, donde tem outra ponte chamada Remondes, divide depois os Conçelhos de Alfandega da fé, e Moncorvo, tem neste sitio outra ponte chamada Portella, passa pela Vellariça donde se lhe mette o Rio d'este nome, dezemboca no Douro tendo corrido 16 Legoas.

Sermenha

Nasçe na Serra do Marão, divide em parte os termos das Villas de Mezãofrio, e St.ª Martha, e se mete no Douro com pouca distancia.

Tamaga

Nasçe em Galliza, toma seu nome do Lugar de Tamagellos do dito Reino por onde passa, entra em Portugal no Lugar de Villarinho, ãonde serve de divisão ã estes dous Reinos, tem cinco pontes a de Chaves, – Cabes, – Mondim, – Amarante, e Canavezes, mete-se no Douro no sitio d'entre os Rios, sete Legoas distante da Cidade do Porto.

Tinhella

Tem dous nascentes, hum no Lugar de Tinhella termo de Villapouca, outro em Vallugas, divide os termos da Villa de Alfarella de Jalles, e Villapouca até odireito de Guilhade, passa junto ã Villa de Murça, donde tem huma ponte, continua junto ã Carlão donde hã outra, divide os termos de Murça, e Alijo, mete-se no Rio Tua, perto do Lugar da Sobreira, tendo corridõ quatro Legoas.

O Varre-Canêlhas

NOVELLA TRASMONTANA

POR

JOAQUIM LEITÃO

SEGUNDA PARTE

I

Baptisterio da Egreja de Alijó

Angelo ia a repetir o seu pregão: «Quem compra pentes, agulhas, dedaes...?» quando ao rodear os arvorêdos do Senhor do Andôr, quasi ao entrar a Praça d'Alijó, ouviu que o chamavam:

—Olha o snr. Reitor! E o snr. Bispo de Vizeu!...

—Então, o negocio corre? preguntou com amistado interesse o Reitor Magalhães.

—Vae-se grangeando para o pão nosso de cada dia, snr. Reitor!

—'Stás aqui, 'stas a derrotar os «farrapeiros».

—Tomára eu que elles me deixem viver a mim! que elle, graças a Deus, ha logar para todos!...

—Mas ou é surdez minha ou parece-me que já ouço menos o «Farrapo! Farrapo» d'esses espertalhões que por um kilo de trapo dão ás vezes um alfinête.

—Que quer Vossa Senhoria? o povo é assim!... Eu limito-me muito nos ganhos, vendo coisas boas, e ainda assim não imagina como me tem custado a entrar com a freguezia. O povo está acostumado a comprar aos farrapeiros sem dar moeda e lá diz com isso que não lhe custa dinheiro.

—E' a permuta dos primitivos: mercadoria por mercadoria. E tudo iria dar ao mesmo sitio se o povo soubesse o valor do trapo que dá e o valor das agulhas ferrugentas que recebe em tróca.

—Agora lá vae abrindo os olhos, mas para a montanha ainda se está muito cégo!

—Donde vens tu, agora?

—De S. Mamede.

—Que ha por lá de novo?

—Que ha-de haver, snr. Reitor? queixumes, a mesma desgraça do derredor.

—Então já lá chegou?—quiz saber tambem o Bispo que, do seu predilecto banco de pedra do jardim publico, ouvia Angelo e ouvia o Reitor, sem mexer o dorso inflexivel, as mãos esquecidas no bastão.

—A molestia? Vinha sã, nem raça! Um amigo meu, aqui o snr. Reitor deve de conhecer... o Sarmento...

—Eu posso lá conhecer todos os teus amigos? Tu tens-los em todo o orbe terraqueo!...—atalhou o Reitor.

—Os homens, entendo eu, devem ser dispostos como as videiras, uns aqui outros além.—desculpou-se das sympathias que merecia, o Angelo Basterra—Mas, como ia dizendo, nos predios d'esse meu amigo Sarmento, um lavrador importante, podem-se contar as vinhas em que ainda não désse o mal.

—Ponha os olhos n'isto, vossa excellencia, senhor Bispo de Vizeu!

Não sei ouvir com os olhos.

—Pois ouça com o que quizer, comtanto que considere o abysmo em que vamos, snr. Dr. Alves Martins, o abysmo! Eu quero vêr o que é que se ha-de comer n'estas terras que tão fartas e tão ricas eram! Isto é praga dos politicos.

—Hom'essa, Reitor!—exclamou o Bispo, aliviando a fronte morêna da sombrosa aba do seu chapéo prelaticio.—Então você tambem attribue aos politicos o mal das vinhas?

—E donde veio, donde veio, faz favor de me dizer? Ou vossa excellencia quer-me negar que a molestia começou em Sabrosa, n'uns bens do Lopo Vaz?

—O peor foi para elle que teve esse prejuizo; por vontade d'elle ia jurar que não foi...

Fosse que não fosse da vontade d'elle, o certo é que o mal de lá veio e se communicou a todo o vinhal do concelho e da provincia. O que é isto, senão a prova provada, provada, Senhor Bispo de Vizeu!—clamava, excedido, o Reitor Antonio de Magalhães—de que todo o mal d'este paìs nasce dos politicos?

A cruz pastoral tilintou no grilhão d'ouro de que pendia no peito athletico do Bispo, com a gargalhada em que saboreou o symbolo furibundo do parocho.

—Isto é um paìs á garra!—continuou o Reitor—os maus exemplos cáem lá do alto...

—N'isso estamos d'accordo. Está tudo a pedir moralidade e marmeleiro.

—D'accordo?! Pois parece-me que não, porque eu cá não quero mel para uns e uma... ponta para outros. Sou padre, mas por isso mesmo sempre prompto a condemnar os êrros do clero! Se o meu irmão fosse um máu sacerdote, era eu o primeiro a ir-lhe á mão, sem se me dar da sua hierarchia de Arcebispo de Metylene. Felizmente o meu irmão é

exemplarissimo, não se parece com o snr. Padre Dionisio que para vossa excellencia caber na residencia do Castêdo tem elle primeiro de mandar sair a toda a pressa a ninhada de filhos que lá alberga!—terminou, congestionado o «Varre Canêlhas».

—Homem! sabe que mais? Repito-lhe o mesmo que já disse ao proprio Padre Dionisio: maior vergonha é desprezal-os do que fazel-os.

ALIJÓ—O Senhor do Andor (Antigo passeio publico de 1808)—Cliché de Antonio A. Corrêa)

E como reparasse que Angelo estava ali ainda a presencear os excessos do Reitor, para o não despedir, pôs freio á conversa com uma palmada batida no calção e levantou-se, convidando o Padre Antonio:

—Venha d'ahi até á Granja, Reitor.

—Eu hei-de ir á Granja quando v. ex.ª vier visitar o pardieiro onde móra um parocho sertanejo.

—Lá está você com os seus destempêros! Você bem sabe que eu não passo d'aqui d'um d'estes bancos do Senhor do Andôr: quantas vezes me vê você pisar a soleira dos Pintos ou a dos Barbozas?

—Tem razão.

—Então ande d'ahi—concluiu o Bispo enfiando-lhe a mão no braço direito.—Adeus, Angelo, vae-te a descançar.

—Senhor Bispo! adeus, snr. Reitor!

—Adeus, rapaz! foge-me dos politicos!...

—Foge das vinhas! recommendou-lhe o Bispo.

Os dois sacerdotes metteram á estrada, direitos á Granja, interrompidos a cada passada pelo rapazio e por mulheres que ajoelhavam, chegando a boquita suja dos filhos á amethista do grande pastor.

Angelo dobrou para a Praça d'Alijó e entrou, duas casas antes da Cadeia, na porta do seu patricio Lucio Sanches, *a dinheiro o mais barateiro,* como se cognominava nas letras pinceládas sobre a cal da testada.

Ao balcão, Rosina escripturava na sua lenta calligraphia o poly-commercio de fazendas, de ferragens, de sombreiros, de calçado cardado, do velho Sanches que só da filha, uma tentação de dezeseis annos, confiava a guarda dos seus livros e da sua caixa.

—O primo escreveu hoje!—annunciou a pequena, a meia-voz, sem perder tempo em cumprimentos, mal Angelo surdiu.

-A ti ou ao Pae?

—A mim e, pelo costume, acho que tambem ao Pae.

—E...?

—Começa a querer apressar, fala em vir casar breve.

—Não tem duvida: dá cá a carta, eu respondo e tu copías.

—Porque não fálas já á Mãe?—propôs Rosina, entregando-lhe o pautado do primo.

—Falarei, chegada a occasião.

—Ora, ella é tão tua amiga! decerto pedia ao Pae...

—E', é... emquanto não fôr minha inimiga; eu tenho bons modos, mas maus cabedaes. O teu Pae porque te quer dar ao primo de Hespanha? Pela riqueza, *no mas!*

Um gesto de Rosina, impôs silencio e logo se ouviu:

—Rosina!

—Mãe?

—Quem está ahi? teu Pae?

—Não! Angelo!

Ah! que suba.

Angelo deixou ficar os olhos nos olhos de Rosina e, descarregado da canastra, subiu:

—A feira, boa? interessou-se a mãe Rosaria.

—Assim, assim... E Miguel?

—Muito zangado com o rheumatico.

—Tem mêdo qu'eu lhe tire a freguezia?

—Mas que ella lhe fuja, talvez.

—O essencial é não deixar fugir a saude.

—Isso, isso!—concordou Rosaria, acabando de encher a celha da lavagem p'r'ós leitões.

—Deixe, que eu vou chegal-a aos suinos—offereceu-se Angelo, tirando a celha da mão de Rosaria que toda se revia no genio prestimoso do rapaz, companheiro do seu Miguel nas feiras, quasi da mesma edade, da mesma patria, da mesma estatura e a quem ella queria quasi como filho.

—Obrigado, Angelito! disse segunda vez, quando elle voltou á cosinha.

Angelo espreitou o cantaro, menos de meio, deitou a agua n'uma caldeira de ferro e saiu ao quintal a dar ao baraço para tirar duas baldadas.

—Isto é qu'é um rapaz forte como uma peça! —louvou a snr.ª Rosaria para o marido e para o

filho, já presentes. Olhem que não me deixou levar a lavagem á creação e agora foi-me por aquelle cantaro d'agua. Nem parece que já hoje fez uma feira!...

—Se eu tivesse a saude d'elle!...—desfez Miguel, desconfiado de tanto prestimo.

—E a respeito de ceia?—interpellou o velho Lucio.

—E' já! Chama a filha e vamos p'rá meza.

E abancaram todos de seguida, menos Rosaria que costumava ficar de pé até haver servido os mais.

A conversa foram os negocios e a molhadéla de Miguel que já o impossibilitára de ir a duas feiras:

—Se temos vindo p'ra casa, mal acabou a feira!...—condicionou Angelo.

—Ora, apanhava-nos no caminho. Aquillo era lá chuva que désse tempo a nada!

—O melhor é comprar-se um machito, rapaz, sempre foges mais depressa ao tempo e até podes levar mais fazenda.

—Em o pae querendo...

—Pois não vês que é preciso?

—Lá isso é!

—Mas depois o Angelo não te póde acompanhar!...—lembrou Rosina entre despeitada e receosa de que Angelo perdesse aquella camaradagem do Miguel que lhe proporcionava a familiaridade com os paes.

—Não tem duvida: comprarei tambem um para mim—annunciou Angelo, baixando modestamente os olhos.

—Então a comprar-se ha-de ser já...—disse Miguel, a vêr se fazia recuar o hombrear de Angelo.

—Quando tu quizeres!...—respondeu o companheiro, firmemente.

—Parece que bateram...?—desconcentrou-se Sanches.

—Nada!...—dissuadiu Miguel.

—*Ha-den* ser as campainhas do rebanho do snr. Reitor—aventou Rosina.

—Falei hoje com elle, no Senhor do Andôr, a mais ao Bispo; chamaram-me quando eu passava e lá me prendi um grande boccado a ouvir o Reitor, todo zangado com a molestia das vinhas, com as politicas, com tudo e com todos!

—E' genio d'elle—desculpou Rosaria.

—Mas se visse hoje: nem queria ir com o snr. Bispo, disse-lhe que tão longe era de Alijó á Granja, como da Granja cá, mas o Bispo, sempre com paciencia, lá o foi levando...

—E' por ahi para falarem p'r'ámor da comarca! lembrou Lucio.

—Hum! O Bispo vae agora abrir-se com o espalha-brazas do nosso Reitor...—desdenhou Miguel.

—Falar não occupa logar—admittiu Angelo.

—Occupa-me a mim que ainda vou marcar uma fazenda que me chegou do Porto. Queres tu vir d'ahi ajudar, Angelo?

—Então, não!... snr. Lucio?

Deram-se as graças, e desceram os dois, com Rosina, que ia registando a fazenda á maneira que o Pae e Angelo a marcavam e enlotavam, serviço leve para Rosina e Angelo que, emquanto Sanches media os tecidos e mergulhava nas facturas, descançavam nos olhos um do outro.

Ardia ainda a torcida do serão, quando a barriga do Reitor empurrou a porta apenas encostada e invadiu a loja:

—O' *seu* Sanches! vocemecê que gosta d'ellas bôas, quer ouvir duas do Bispo?

—Vamos lá a isso! aceitou Sanches, pousando logo umas peças de fazenda que tinha nos braços.

—A primeira é d'aqui!—affirmou, abanando o lobulo da orelha—estavamos a jogar quando appareceu o parocho de Favaios; o Bispo ao bater com os nós dos dêdos na tabaqueira, offereceu-a ao padre que recusou: «Muito obrigado, não tenho esse vicio». Responde-lhe logo o Bispo: «Não é vicio, senão você tinha-o!» Hein?—saboreava o «Varre-Canêlhas», a rir-se

ALIJÓ—Cliché de Antonio A. Corrêa

S. Mamede de Tua—Cliché de Carlos Lopes

ainda da carga dada no collega.—E a segunda? A segunda é de se lhe tirar o chapéo! O *seu* Sanches sabe que o Bispo nasceu na Granja e veiu a baptisar aqui a Alijó.

—Sei, sim, snr. Reitor.

—E tambem deve estar farto de saber que tem custado a resolver qual das duas comarcas ha-de engulir a outra: se Favaios, se Alijó.

—Tambem, sei. E ainda agora disse lá cima, á ceia, que vossas excellencias naturalmente tinham ido tratar d'isso.

—De proposito, não fui. Mas como isso viesse á baila, o Bispo abriu-se e deu a noticia n'estes termos: «Então querem saber onde fica a séde da Comarca?» Já está decidido, D. Antonio? perguntamos nós. «Já. Fui eu quem cortou o nó gordio. Em Lisboa fizeram o favor de me consultar e eu respondi:—Foi na pia de Alijó que me metteram o... assento, seja lá a Comarca!»

Sanches commentou com tres gargalhadas repinicadas que lhe abalaram como tres terremotos a barriga.

—E ainda elle não disse assento—informou o Reitor.—Foi mesmo em bom portuguez. Aquillo é que é um homem, *seu* Sanches, aquillo é que elle é! Ainda o havemos de vêr ministro. Está ali um segundo Pombal!

—Falta-lhe... falta-lhe...—notou Sanches, chegando-se para o Reitor, como quem não quer que a distancia lhe disperse a opinião, ou como quem procura ageitar mentalmente as palavras.

—O que é que o *seu* Sanches acha que falta ao Bispo de Vizeu para ser um segundo Pombal?—exigiu logo que lh'o confessasse, o Reitor, já alterado.

E o outro, muito vagaroso:

—Falta-lhe...

—Mas ponha para aqui esses senões: o que é que lhe falta?—berrava o Reitor, prazendo-se na polemica.

—No meu fraco entendimento, snr. Reitor, falta-lhe... um segundo D. José!

FAVAIOS -Cliché de Carlos Lopes

Cliché de Carlos Pereira Cardoso

MIRANDELLA: Um dos arcos da ponte romana sobre o Tua

Ácerca de João de Lemos

(CARTA A JOAQUIM LEITÃO)

Meu amigo

Brilhantemente prosegue a esplendida revista que o meu amigo dirige no caminho que inicialmente se propôs de tornar conhecida a fecunda, pittoresca e tão caracteristica terra trasmontana, assim nos seus inconfundiveis aspectos exteriores — os seus montes, os seus valles, os seus rios, as suas paisagens, como na physionomia, usos, costumes, fórmas de actividade, alma e vida dos seus homens. E d'estes, os que se destacaram por accentuadas qualidades de coração, d'intelligencia ou de vontade — santos, artistas, sabios ou heroes—evoca-lhes o perfil e perpetua-o nas suas paginas, como de individualidades representativas que constituem o orgulho do povo em que nasceram e cuja existencia é um exemplo a imitar.

Entre os homens illustres de Traz-os-Montes occupa um logar d'alto destaque o regoense João de Lemos; e desejando o meu caro amigo prestar-lhe na *Illustração* a justa homenagem devida á sua memoria, intima-me a traçar a toda a pressa, já, já, para o proximo numero que o prélo está reclamando, o seu complexo perfil de poeta, de jornalista, de pensador e de politico.

Como poderei eu, d'improviso, escrever qualquer coisa de geito ácerca d'uma figura já tão distante de nós e cuja obra completa nem sequer tenho á mão?

João de Lemos Seixas Castello Branco

E no emtanto, definindo-lhe a personalidade e analysando-lhe a obra, que interessantissimo estudo se poderia fazer d'essa Coimbra, em cujo ambiente desabrochou a flor da poesia na sua alma, e d'esse grupo de romanticos troveiros que o coroaram como seu principe e seu chefe supremo e indiscutivel.

Coimbra é a cidade portugueza poetica por excellencia: n'ella se casam, n'uma harmonia indissoluvel e perfeita, a historia e a lenda, a natureza e a arte. Pela encosta da sua collina verde, desce a casaria medieval com os seus velhos telhados, d'entre os quaes irrompem fragmentos de torres coroadas d'ameias, d'antigos templos de pedra morena, florindo em rosaceas, em ogivas, em estatuas ingenuas de santos, em mil divinas maravilhas d'esculptura; nas ruas ingremes e estreitas abre subitamente na fachada d'um antigo palacio um medalhão, uma renda de pedra, a curva suave d'uma arcada; n'uma janella arruinada, um vulto pallido e triste costura em silencio, entre craveiros; á tarde regressam da fonte as raparigas, trazendo á cabeça os cantaros de barro, com esse andar rythmico e pausado que deveria ter a biblica Samaritana; na frontaria de um templo, esvoaçam pombas, em roda da estatua carcomida d'um apostolo de pedra; sobre a agua do rio, morta e polida como um espelho, os barcos passam leves como a visão d'um sonho; e em toda a roda é uma paisagem terna e macia, suave e melancholica, con-

vidando insensivelmente ao recolhimento e parecendo ter uma alma que a pouco e pouco communica com a nossa por intermedio de mysteriosos fluidos.

E nada que ali não falle d'uma doce figura de outr'ora – um rei batalhador, uma rainha santa, o phantasma alvacento e choroso d'Ignez assassinada, um vulto lastimoso de monja, um moço cavalleiro amoroso e destemido, o olhar sonhador d'um poeta morto de ha muito. E é por todas estas multiplices suggestões de poesia e pela sua Universidade, foco de cultura e ponto d'attracção dos mais bellos espiritos do paiz, que, como o observa Theophilo, Coimbra é desde a Renascença o Centro activo do nosso lyrismo.

Ali recebeu João de Lemos as primeiras emoções a cujo influxo floresceu a sua alma lyrica. Por isso, atravez da vida e mesmo na velhice, a encantadora cidade do Mondego lhe accudia sempre saudosa ao pensamento:

> Aureos tempos saudosos da risonha
> Minha bella Coimbra! Como é doce
> Por teu nome a lembrança espreguiçar-se!

E n'outro lance:

> Sou quasi teu filho;...

João de Lemos, logo no anno seguinte áquelle em que se matriculou na Universidade, foi como que o grande planeta em derredor do qual os outros poetas de Coimbra gravitavam como pequenos e humildes satellites. Foi o *Trovador*, jornal exclusivamente de versos, o orgão da pleiade, de que faziam parte José Freire de Serpa, Augusto Lima, Couto Monteiro, Francisco Palha, Henrique O'Neill, Evaristo Basto, Gonçalves Dias, Pereira da Cunha, Castro Freire, Luiz Carreira Caldeira e Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.

Quasi todos estes poetas se esterelisaram na cultura d'uma fórma litteraria que era uma degenerescencia do Romantismo, voltada para a idealisação d'uma falsa edade media, para a cultura d'emoções sem realidade, effectivando-se plasticamente em versos occamente sonoros, ridiculamente emphaticos, sem belleza, sem calor, sem originalidade, sem vida.

João de Lemos, não. Se muitas das suas composições reflectem esta mediocridade geral, outras, como diz Rodrigues Cordeiro, «possuem o arrojo, a inspiração, o calor da imagem, a expontaneidade e o colorido».

E' que o poeta se voltou para as legitimas fontes da idealisação: o seu tempo, a sua terra, o intimo thesouro das suas crenças e emoções, aquillo que profundamente sentiu, pensou e viveu. Elle proprio define a sua maneira poetica, invocando o *Archanjo da poesia*, a quem diz que

> . . . . . . enjeita
> As cançadas ficções da Velha Grecia,
> Quebra numes d'Ascreu, Musas despreza,
> Renega antigas leis, descrê do Olympo,
> Deixa Elyseos, Parnasos Hippocrenes,
> Bebe do patrio amor nas patrias fontes,
> Ama o sol da sua terra, os montes d'ella,
> E por musa te quer, por crença o Eterno,
> O mundo por altar, os ceus por templo».

A sua terra ninguem a amou com mais entranhado amor; e por isso cantou as suas divinas paīsagens, que não se lhe apagavam da retina mesmo quando percorria as grandes cidades europeias; por isso idealisou os costumes, as crenças e as lendas do nosso povo; por isso chorou a decadencia presente da patria e a incitou a reviver as suas glorias passadas; por isso, como na poesia a *Lord Byron*, respondia com justo insulto ao insulto injusto do estrangeiro.

Este contacto tão intimo com a nossa terra e com a nossa gente levou-o a vasar grande parte das suas poesias em metros e fórmas estrophicas muito semelhantes ás do lyrismo popular, no que foi talvez um precursor de João de Deus. E as affinidades que algumas das suas poesias teem com as d'este poeta são tantas que, se não me atraiçoa a memoria, Theophilo Braga chegou a incluir uma das composições de João de Lemos, attribuindo-a a João de Deus, na primeira edição do *Campo de Flores*.

Mas prosigamos analysando outros aspectos da physionomia do poeta: era uma personalidade forte, original, activa, vivendo a vida sob todas as fórmas, e por isso a sua lyra tinha todas as cordas. Exemplificando: Era um poeta d'amor, platonico, romantico e melancholico; mas era tambem uma alma varonil, arremessando o seu desdem e o seu orgulho á face da mulher que o despede n'um riso:

Vista da Regoa, tirada por Antonio de Souza Vasconcellos, em 1817

Painel do altar-mór da egreja de S. Faustino, pintado por P. Alexandrino

Salvaste-me inda a tempo! ia perder-me!
«Cego, louco, do encanto fascinado
Resvalavam-me já de sobre as bordas
Do temeroso abysmo os pés mal firmes;
Sentia já baldado o ultimo esforço,
Inclinando-me atraz, abrindo os braços,
Na fugida razão fugido centro
Por instincto a buscar; já me impellia
Da fatal attracção a lei severa;
Ia todo a cahir . . . quando risonha,
Debruçando-te um pouco, me estendeste
Do teu *alamo* um ramo onde apegar-me!

Oh! bem hajas, mulher, foi inda a tempo!
Salvaste-me da queda; achei soccorro
Na propria mão que á queda me levava,
D'onde me veio o mal veio o remedio,
Embora amargo, embora; esse teu ramo
Da arvore da inconstancia suspendeu-me
Já nos ares do abysmo! . . . ai! Deus t'o pague;
Fizeste o que a razão fazer devia!

Mas não sabes o amor com que eu te amava!
Hei-de agora dizer-t'o, e ri se queres;
Que eu já rio tambem;
Se deixo ver-te o coração que engeitas,
E' porque d'esse amor que elle antes tinha
Já hoje nada tem.

Na vaidosa inconstancia atraiçoaste
Uma alma nobre, que, já morta ha muito,
Reviveu para ti;
D'homem — sepulchro levantaste vida,
Mas se outra vez lhe entregas frias cinzas
Não se erguem mais d'ali!

Não, caprichosa, não, que sempre ao lado
Do morto affecto, cada vez mais vivo,
O orgulho me ficou;
O orgulho, a minha força, arvore eterna,
Que, ou do bem ou do mal, em pé, soberba,
Nunca o raio a tombou».

. . . .

E' um lyrico admiravel, plasticisando as mais suaves, melancholicas e elegiacas emoções nas mais rythmicas e embaladoras combinações metricas. Leia-se-lhe a poesia *Que saudades*, cuja primeira estrophe transcrevo:

«Eramos ambos pequenos,
N'aquelles dias serenos,
N'aquella doce manhã
Do alvorecer da existencia,
N'esse tempo d'innocencia,
Não te lembras, minha irmã?
A nossa casa sorria . . .
Que vida ali se vivia!»

A Flor e o Lago, é um delicioso capricho de pintor; é uma leve, clara, luminosa paisagem, traçada por um japonez phantasista sobre uma porcellana fragil e translucida:

«Era uma vez um cristalino lago
E d'elle á beira debruçada flor;
Que linda flor de namorado afago!
Que lago aquelle d'encantado amor!

Ella mirava-se estampada n'agua,
Elle entranhava a retratada flor;
Ella por dar-se, nem sonhava magua,
Elle por tel-a, só sonhava amor.

Nem folha solta, nem travessa aragem,
Toldando o lago, balouçando a flor,
Nada ali vinha desfazer a imagem,
Quebrar o espelho, perturbar o amor.

Assim viviam; mas foi breve o espaço
Que um vento rijo despregára a flor,
E sobre o lago, que par'cia d'aço,
Ergueu-lhe as aguas de baldado amor.

Ai! vida minha, cristalino lago,
Ai! tu que lhe eras debruçada flor,
De vós só resta em namorado afago,
Doce memoria d'encantado amor!

Em certas poesias, como o *Festim de Balthazar*, o *Tumulo de Nero*, em tantas outras, perpassa um sopro epico e revela-se um raro poder d'evocar as figuras da historia sagrada ou profana; em certas outras ha uma pujança de descriptivo, uma riqueza de colorido, que nenhum dos poetas do tempo excedeu e difficilmente egualou; e n'outras ainda, como a *Noite do Coliseu*, patenteia-se uma rara força de visão, um amplo vôo imaginativo. Recordo-me d'uma poesia sua que distilla um estranho

e amargo sabor de mysterioso e de phantastico e que suggere certas balladas do Heine—é a *Capella do Ermo:* Quando a noite desce e a lua surje espiritualisando os montes, as arvores e a natureza inteira, dois phantasmas sahem da capella. São a condessa e o cavalleiro Roberto, seu amante, surprehendidos nos braços um do outro pelo conde que os mata, arrastando-os pelas ruas presos á cauda de um cavallo. Mas a morte não pôde separal-os. Á noite sahem da sepultura, vestidos de branco, olham os astros, beijam-se, enlaçam-se, sem se importarem do mundo nem do conde.

«Nem na capella teem medo!
Que apagam do altar a luz!
E vão-se á cova em segredo
Sempre a beijar-se... Jesus!
Amor que nem vê a cruz,
Nem na capella tem medo».

João de Lemos era ainda um poeta d'ideias, fazendo nos seus versos a propaganda d'uma philosophia moral e religiosa e d'um principio politico. Deus, a patria e o rei são a Trindade Santissima a que constantemente se eleva a sua alma crente, o ideal em cuja defeza embraça e empunha o seu escudo e a sua espada de cavalleiro. Deus inspira-lhe alguns dos seus mais bellos versos, em que um alto vôo d'inspiração e uma fé profunda e robusta se fundem n'uma fórma rigida e sonora como o bronze. A maior parte d'esses versos não soariam falso, porventura incluidos n'essa prophetica e abrazada *Harpa do Crente.* Ao seu amor da patria já ha pouco me referi. Restar-me-hia, pois, fallar do seu amor ao rei. Bastará, porém, dizer que era tão sincera e firme a sua dedicação a esse pobre D. Miguel decahido, proscripto, que mesmo ao exilio vae pessoalmente ou por intermedio dos seus versos affirmar-lhe a sua fidelidade inquebrantavel e constantemente na patria pugna pela sua legitimidade, pelo seu direito á corôa.

Este culto por Deus, pela patria, e pelo rei, herdou-o elle de seus paes, aprendeu-o no berço, e por isso jura, e cumpre-o, permanecer-lhe fiel a vida inteira.

E não que esse culto revista n'elle por isso uma fórma cega e inconsciente; pelo contrario: raciocina-o, discute-o, bate-o com as acquisições positivas do seu tempo, e de cada vez mais dentro de si o revigora e radica. Que a sua cultura mental era vasta e que as suas crenças assentavam n'uma base racional provam-no os seus artigos de combate, de polemica, de propaganda, muitos dos quaes estão reunidos em livro. João de Lemos parece ter chegado a estas conclusões de Maurice Barrès: «a verdadeira ethica consiste em recebermos o impulso, não do mundo exterior ou d'uma vontade estranha, mas do nosso mundo intimo, e compormo-nos segundo as agitações da nossa alma». «Cada um dos nossos actos que desminta a nossa terra e os nossos mortos mergulha-nos n'uma mentira que nos esterilisa».

João de Lemos era um catholico convicto, um patriota ferrenho e um legitimista fiel; mas não se julgue que era um intolerante e um partidario da força bruta e tyrannica. Por mais d'uma vez cantou a liberdade e é d'elle a phrase seguinte: «Negar a auctoridade da consciencia publica é pôr em questão todas as crenças, arruinar toda a certeza humana».

Em 1850 escreve na *Nação* uma série d'artigos defendendo a liberdade d'imprensa, contra o projecto de lei do ministerio de Costa Cabral, que a restringia, e que o parlamento sanccionou. Por occasião da morte de D. Maria II, elle, o partidario dedicado de D. Miguel, escreve a poesia intitulada *O Funeral e a Pomba,* em que se associa ao pranto e á dôr dos seus adversarios e em que ha estrophes como esta:

«Soldados que ha vinte annos,
Com esforços sobre humanos
Batalhaes por vossa fé,
Soldados, eia de pé!
Respeitem-se aquellas maguas,
E do nosso pranto as aguas
Lavem d'odio o coração.
Não ha odios d'este lado,
Nem se deshonra um soldado
Quando abraça seu irmão».

Ainda um traço que serve para completar a physionomia do homem e do poeta: nunca a sua

Senhor da Agonia do Padrão da Regoa

lyra soube o que era adulação; e se accaso se atreve a cantar o seu rei é porque o vê desterrado e sem poderio, e d'elle não espera honras nem recompensas:

«Neto de D. Affonso, eis-te proscripto!
Não tens nada, senhor, agora póde
Cantar-te afoito o trovador humilde!»

O que ahi fica parece-me sufficiente para se fazer uma pequena ideia d'esse homem que era uma personalidade forte e um caracter rigido e inteiriço, á antiga, e d'esse poeta que, se não era um genio, possuia comtudo um verdadeiro temperamento lyrico e incontestavel vigor e belleza d'estylo, conseguindo ser o primeiro da sua geração de Coimbra.

João de Lemos é hoje pouco lido, por isso que depois d'elle outras gerações vieram com novos sentimentos, novas ideias e novas fórmas d'expressão, que se impuzeram ao gosto geral; todavia não é um mediocre esse poeta que inspirou a Gonçalves Crespo, o insaciado artista, este soneto impeccavel:

«Na cidade gentil do austero estudo
Sobranceira ao Mondego socegado,
Em cuja riba o sinceiral folhudo
De rouxinoes suspira gorgeiado,

Fôste erguido no concavo do escudo
Pelos moços d'outrora, e celebrado
Trovador, cavalleiro, e namorado...
Tempo de glorias! Como passa tudo!

No emtanto ás vezes, na provincia, quando
A um dôce, honesto e feminino bando
Digo a *Lua de Londres*, de repente

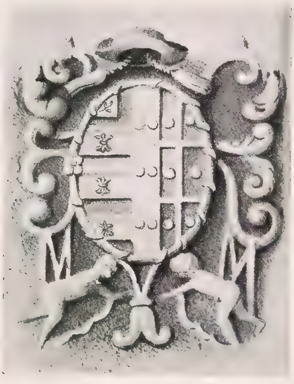
Da infancia volvo á candida simpleza,
E ondulam na minh'alma vagamente
Tremulas notas de fugaz tristeza».

Meu caro Joaquim Leitão: se vir que estas descosidas notas prestam para alguma coisa, publique-as na *Illustração Trasmontana*. Em tão breve espaço e sem livros, não poderia escrever mais nem melhor.

Seu amigo inutil

Porto, 13/7/909.

Rodrigo Solano.



Brazão da portaria da propriedade onde existiu a capella da Senhora da Boa-Morte

MONCORVO

Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana.

(Continuação).

POVOADORES, DONATARIOS, ALCAIDES-MORES DE MONCORVO

1293-1031

João Pires. Por carta datada do Areal de Portalegre e 2 de julho da era de 1331 (ann. Christ. 1293) confirmou el-rei D. Dinis ao Mestre Julião, seu sobre-juiz as herdades que lhe doou João Pires, povoador do mesmo rei, nos concelhos de Moncorvo, Villa Nova e Urros, nas suas villas e termos demarcados, com obrigação de pagar foros como os seus visinhos, e que nenhum dos povoadores lh'as embargue sob pena de 500 soldos da peita ([1]).

Outra do mesmo rei dada em Coimbra a 30 de dezembro da era de 1339 (ann. Christ. 1301), mandando ao dito João Pires que dê a esse mesmo Mestre Julião os montes e herdades na Torre de Moncorvo e Urros que estão a par da aldeia de Gavião e outra que está a par da estrada e que ponham marcos a dividila ([2]).

MONCORVO Antigo solar dos Pimenteis

1376

D. Joham Affonso. Por carta de 15 de abril da era de 1414 (ann. Christ. 1376) dada em Santarem mandou el-rei D. Fernando, entregar ao almirante D. João Affonso em paga de serviços e para o servir com certas lanças, as seguintes terras: terra da Bemposta e de Penas Royas com seus tabellionatos; os foros do Mogadouro; os foros de Paradella e Vimieiro com os respectivos almoxarifados e tabellionatos; as herdades de Crastellos e o terço de Nysinho (sic) e um Chouso (sic) no dito lugar; Freixo de Espada á Cinta com o seu tabellionato; a *Torre de Moncorvo* tambem com o seu tabellionato e uma azenha e os bens de Mecia Fernandes; Mirandella e Lamas no almoxarifado d'Alem dos Montes ([3]).

5 DE JANEIRO DE 1881

Fernando Affonso. Por carta del-rei D. Fernando dada em Lisboa a 5 de janeiro da era de 1419 (ann. Christ. 1381), tendo em attenção os muito bons serviços que recebeu de Fernando Affonso, senhor de Valença, lhe faz graça e mercê por si e por sua mulher a rainha D. Leonor, de juro e herdade para todo sempre para elle e seus filhos legitimos herdeiros seus descendentes por linha directa, dos lugares da Torre de Moncorvo e Freixo de Espada á Cinta, Alfandega e Villa Nova de Fozcôa, Cernancelhe, S. João da Pesqueira, e terra de S. Salvador com a portaria dessa terra, e terra de Monção, e terra de Nespereira Alta, terra de Sul, e terra de Quiraz, terra de Sattam, Armamar, Fonte Arcada, o prestimo de Samodães, prestimo do julgado de terras de Lamego, os quaes lhe outorga com todos os seus direitos, fructos, rendas, com todas as suas entradas, saídas, pertenças em plena posse.

Declarando que por morte do dito Fernando Affonso passariam a seu filho legitimo herdeiro, e, não tendo filhos voltariam á corôa. Mais declara

que a doação começaria a vigorar desde março seguinte, sem embargo de quaesquer doações anteriores e das ordenações do reino ([4]).

3 DE SETEMBRO DE 1381-1385

Vasco Pirez ou Vasco Pires de Sampaio. Por carta de 3 de setembro da era de 1419 (ann. Christ. 1381) dada em Lisboa deu el-rei D. Fernando em prestimo em quanto fosse sua mercê a Vasco Pirez todollos fóros, portagens, pescarias, tabalionados, casas, herdades e todollos outros direitos que elle ha na *Torre de Meencorvo* em preço b^c (500) libras ([5]).

Em 1 de maio da era de 1422 (ann. Christ. 1384) deu el-rei D. João 1.º de juro e herdade a Vasco Pirez de Sampaio, com todos os direitos, rendas, fóros e portagens, as villas de Anciães, Villarinho da Castanheira, Villa Flor, *Torre de Moncorvo* e Mós lugares acastellados, com todos os seus termos e Villas Boas com todo seu termo ([6]).

Logo a 22 de fevereiro do anno seguinte o mesmo rei lhe fez doação, para elle e seus herdeiros de metade da aldeia de Quintella de Lampaça ([7]).

Como Vasco Pirez, umas vezes apparece só assim mencionado e outras ajuntando a este nome o appellido de Sampaio, ignoro se se referirá a elle a carta de afforamento da herdade da serra de Valle Bemfeita, concedida a Soeiro Mendes e Vasco Pires, monteiros, em 21 de junho da era de 1344 (ann. Christ. 1306) por el-rei D. Diniz com a condição de darem cada anno um quinto do pão, vinho e linho ahi produzido; não podendo os mesmos vender, dar, nem alhear a dita herdade a cavalleiro, dona, escudeiro, clerigo nem a pessoa religiosa, senão sómente a quem se obrigue a pagar o dito foro. Concedendo-lhe tambem que tenham juizes e mordomos como os teem no reguendo de Obidos ([8]). E' porém pouco provavel attenta a differença de annos.

MONCORVO — Interior da Egreja Matriz

1395-1434

Fernan Vaasquez de Sam Payo, filho de Vasco Pirez de Sampaio.

Em 28 de julho da era de 1433 (ann. Christ. 1395) confirmou D. João 1.º a Fernão Vasques todos os foros, rendas, direitos, pertenças e pastagens da Villa de Moncorvo e seu termo, conforme os tivera seu pae. Nas mesmas condições lhe confirmou dois annos depois a doação da villa de Mós e seu termo e a 1 de março da era de 1441 (ann. Christ. 1403) fez-lhe igual confirmação relativamente a Villa Flor, Villa Boa e a metade de Quintella de Lampaças. D. Duarte por carta dada em Santarem a 26 de maio de 1434 confirmou todas estas doações ([9]).

1464

Vasco Fernandes de Sampaio. Por carta datada de Evora aos 20 de fevereiro de 1464 fez el-rei D. Affonso v mercê a D. Mecia de Sousa, mulher de Vasco Fernandes de Sampaio, fidalgo da sua casa, de todos os seus moveis e de raiz, confiscados a Vasco Affonso, mercador e morador em Moncorvo, por haver comprado espadins falsos a algumas pessoas que os faziam para os passar como boa moeda ([10]).

Parece que este não foi donatario das villas.

1497

Fernan Vas de Sampayo, moço fidalgo da Casa Real, filho de Vasco Fernandes de Sampaio, tambem moço fidalgo.

Em 29 de outubro de 1497 por carta dada em Evora, confirmou el-rei D. Manoel as doações feitas por seus antecessores, das rendas, direitos, foros e pastagens das villas de Anciães, Villarinho da Castanheira, Villa Flor, *Moncorvo*, Mós e de Villas Boas e seu termo e metade da aldeia de Quintella de Lampaças a Fernan Vas de Sampayo, conforme as possuiram seu pae e avô ([11]).

1538

Manoel de Sampayo, filho maior de Fernan Vas de Sampayo. Por sua carta dada em Lisboa a 15 de janeiro de 1538, confirmou el-rei D. João 3.º a Manoel de Sampayo, por ser já fallecido seu pae, as cartas confirmatorias de D. Manoel, D. Affonso e D. Duarte que dera de juro e herdade a Vasco Pires de Sampayo todas as rendas, direitos, foros e portagens das villas de Anciães, Villarinho da Castanheira, Villa Flor, *Moncorvo* e seus respectivos termos ([12]).

(Segue).

P.e FRANCISCO MANUEL ALVES.

(1) *D. Diniz — Livro 3.º*, fol. 7 v.
(2) Idem, fol. 14 v.
(3) *D. Fernando — Livro 1.º*, fol. 192.
(4) *D Fernando — Livro 2.º*, fol. 89.
(5) *D. Fernando - Livro 2.º*, fol. 85 v.
(6) *D. Duarte - Livro 1.º*, fol. 98 v.
(7) *Ibidem.*
(8) *Livro 4.º del-rei D. Diniz*, fol. 37.
(9) *D. Duarte — Livro 1º*, fol. 98 v. *D. João 1.º — Livro 2.º*, fol. 114.
(10) *D. Affonso V, Livro 8.º*, fol. 60 v.
(11) *Alem Douro — Livro 3.º* fol. 195 e tambem na *Chancellaria de D. Manoel — Livro 28*, fol. 4 v.
(12) *D. João 3.º — Livro 49*, fol. 55.

INQUERITO

(CONCLUSÃO)

Tualle

Nasçe na Galliza na serra de Sennabria em o Lugar dos Chãos, entra neste Reino no Lugar de Moimenta, divide as jurisdicções de Bragança, e Vinhaes, conserva este nome até se juntar com o Rio Rabaçal no Lugar de Chellas, e dalli para baixo se fica chamando Tua, passa na Villa de Mirandella donde tem uma ponte, divide neste sitio os Concelhos desta Villa da de Lamas de Orelhão, passa junto ã Villa de Abreiro donde tem outra ponte, vai dividindo os Conçelhos desta Villa da de Lamas de Orelhão, Villas boas, Abreiro, e Freixiel, e se mete no Douro no sitio de Fostua.

Velariça

Nasçe no alto da Serra da Burga termo de Bragança divide o Conçelho de Mirandella de Alfandega da fé até o Lugar de Villar, e Trindade, depois divide o de Villaflor do dito de Alfandega, depois a mesma do de Sampaio, e se mete no Sabor, tendo corrido quatro Legoas.

Zezere

Nasçe na Serra de Chão de Arca, junto aos Padrões da Teixeira, discorre quasi em Linha recta em direitura ão Rio Douro com pouca distancia.

Resumo da nova Demarcação e Regulação das Comarcas e Districtos da Provinçia de Tras os Montes

Compunha-se esta Provinçia de quatro comarcas, como fica espendido, mas fica melhor creando-se mais huma de novo na Villa de Chaves, separando-se da de Braganca ãonde pertencia em distancia de quatorze legoas, vindo a ficar com cinco as quaes para melhor commodidade dos Povos se podem regular, e arredondar na forma seguinte:

Mappa das Cidades, e Villas com que fica a Provinçia de Tras os Mantes na nova regulação das Comarcas seus fogos e Almas

Cidades, e Villas	Fogos	Almas
Agoa Reves	2077	7876
Alfandega da Fé	2278	8575
Algozo	835	3112
Alijó.	1630	5604
Bemposta	467	1525
Bragança	4330	18106
Carrazeda de Ançiães	1752	6299
Chaves	6533	23518
Freixo de espada á Cinta.	1059	3922
Lamas de Orelhão	1411	4448
Mezão frio.	1526	6272
Miranda	1913	6789
Mirandella.	2241	7312
Mogadouro.	2131	7665
Moncorvo	2361	8509
Mondim	2147	7784
Monforte	1994	6641
Monte alegre	3283	14112
Murça	1705	5920
Oiteiro	962	3537
Provezende	418	1603
Ribeira de Penna	555	2771
Ruivães	583	2600
Santa Martha	3276	10977
Torre de Donna Chama	1511	5673
Val de prados o grande	3222	11086
Villaflor	1856	6727
Villa pouca de Aguiar	1711	6357
Villa Real.	18009	33069
Villar secco de Lomba	709	3122
Vimioso	1015	3591
Vinhaes	1520	6201
Sommão os fogos e Almas.	77020	251253

Mappa total da existente População das Cidades, Villas,

Distancias á capital do Reino		Fogos	Almas	Homens	Mulheres	Ecclesiasticos Seculares	Ecclesiasticos Regulares	Freiras	Seculares	Recolhidas	Pessoas litterarias	Sem occupação	Negociantes	Cirurgiões	Barbeiros	Boticarios	Cabeleireiros	Lavradores	Jornaleiros	Torcedores de seda	Fabricantes de seda	Fabricantes de Lãa	Fabricantes de Ferro	Fabricantes de Courama	Alfaiates	Sapateiros
65	Abreiro	217	648	308	340	8					1	12	1			1		108	73						8	2
68	Agoa Reves	135	550	281	269	6						5		1				75	30						5	3
65	Alfandega da Fé	1236	4687	2275	2412	56					3	64	25	2	6	3		369	306			217			30	33
64	Alfarela de Jales	688	2581	1299	1282	29					2	57		3				364	114						29	10
70	Algozo	880	3261	1660	1601	42	4				5	33	13		5			490	159			38			10	41
61	Alijó	813	2883	1455	1428	28					1	56		2	9			229	248						19	21
62	Athei	320	1106	495	611	8					4	22	6	1	2	1		87	111						14	3
68	Azinhoso	80	243	117	126	4					1	7	4	2				32	13						2	5
57	Barqueiros	395	1295	646	649	7					3	43	1	2	2			25	7						5	2
70	Bemposta	467	1525	818	707	6						7		3	1			292	64						2	14
75	Bragança	7663	29971	15293	14678	387	26	132	43		21	1094	22	11	65	7	2	2983	1635	11	407				195	215
65	Canellas	173	545	280	265	10					1	15	3	1	2			70	41						5	3
64	Carrazeda de Anciães	1692	6172	2921	3251	44					10	188	11	3	9	1		731	738						45	32
68	Chacim	220	849	439	410	10	20				4	5			2	1		39	25						9	11
74	Chaves	7638	27840	13480	14360	164	17	30			14	1172	117	40	50	16	5	2951	168						191	116
68	Cortiços	141	540	299	241	5						3		1	1			46	19						1	7
67	Crasto Vicente	823	3047	1513	1534	47					4	41		6				232	209						25	24
70	Dornellas	92	413	201	212	4						9			2			44	3						1	1
71	Ervededo	267	910	470	440	5						9			1			38	26						2	3
69	Ervedosa	106	444	217	227	5						5		1	2			95	14						3	6
72	Failde e Carocedo	55	183	97	86	6									1			19	11						2	2
61	Favaios	293	993	490	503	7					1	12	1		5	2		15	43						11	5
57	Fontes	408	1472	712	760	20						17		2		1		88	123						8	6
66	Frexa	131	427	224	203	3					1	3	2	1	2			26	24						3	5
64	Freixiel	319	938	468	470	4						37	2					129	92						7	8
62	Freixo de Espada á Cinta	943	3267	1602	1665	17	20				4	29	4	3	2	2		258	221						26	29
73	Frieira	23	94	46	48	1						2						20	2							
64	Gallegos	41	167	80	87													86	3						1	1
56	Godim	317	1096	481	615	14					3	13	12	3	2	1		108	90						1	124
60	Goivães	207	753	379	374	8					2	30	10		1			25	87						4	
71	Gralhas	72	252	108	144	2						6						60	3						4	
72	Guites	52	202	108	94	4									2			28	15						1	1
74	Hermello	483	1441	687	754	12					1	71		2	9			268	19						18	2
66	Lamas d'Orelhão	913	2828	1387	1441	44					2	114		2	3			242	238						20	19
66	Lordello	155	647	339	308	2								2				13	22						8	3
71	Meixedo	30	145	65	80	1						2						28								
57	Mezão frio	865	2921	1357	1564	36	24				7	92	5	5	6	2		144	340						34	30
74	Miranda	2040	7259	3606	3653	72	14				8	146	8	8		2		1194	218		80				68	64
67	Mirandella	1888	6081	3075	3006	54	16				12	124	8	8	10	4		454	383						46	35
67	Mogadouro	1630	5641	2761	2880	51	12				3	41		7	8	1		621	367					11	40	77
61	Moncorvo	1755	6530	3228	3302	59	19			15	8	72	12	5	20	3		773	485						40	55
63	Mondim	724	2303	1045	1259	33					7	66		1	4	1		196	104					50	28	5
74	Monforte de Rio Livre	2145	7191	3504	3687	62					6	185	4	12	17	3		1447	264						81	35
72	Monte alegre	3609	15546	7112	8434	177					21	262		1	12			2521	370						100	45
63	Moz	334	1325	651	674	10					2	3	3		4			107	57				2		5	7
62	Murça d'Panoia	1029	3381	1673	1708	27		25	8		3	142	24	6	2	1		173	206	8	3				28	13
69	Nuzellos	160	569	298	271	7					3	11		1	2			75	42						7	4
70	Oiteiro	1068	3631	1818	1813	31					3	74		3	4	2		470	161					240	25	30
76	Paçó	252	1027	496	531	6					2	30		2	3			75	43						1	2
71	Padrosa	51	190	81	109	1						2						40	2						9	1
71½	Padronellos	46	252	116	136	2						4						32	3						2	
60	Parada do Pinhão	124	513	272	241	2						11			1			16	47						4	1
68	Pena Roia	421	1781	850	931	17					1	15						259	96						15	19
70	Pinho velho	21	71	35	36	1						2						4	3						1	1
60	Provezende	211	850	394	456	13					4	13	3	1	3	2		9	78						9	8
72	Rebordãos	176	555	300	255	3						10			1			110	18			1			4	1
71	Rebordainhos	50	276	137	139	2												34	8						1	2
64	Ribeira de penna	540	2701	1151	1550	20					2	52		2	1	2		288	170						22	12
60	Ruivães	260	1161	523	638	7					2	12		2	2			142	30						11	3
64	Sampaio	98	325	151	174	5						7			1			40	30						2	1
57	S.ta Marta de Penaguião	2670	9817	4859	4958	121					36	180	68	19	16	12		1356	643						93	84
73	Sançens	30	136	66	70	1												24	1						1	2
63	Serra	570	2728	1271	1457	19					1	84	4	3	1	1		225	162						28	12
70	Sezulfe	60	164	94	70	1	16								2			2	25						2	2
60	S. Mamede de Riba Tua	292	1028	466	562	7					3	15		1	3	1		12	5						2	3
58	Teixeira	147	648	333	315	10					2	21			2			67	19						7	5
71	Torre de Dona Chama	712	2680	1391	1289	17					3	41	6	4	4	2		290	140						24	20
70	Tourem	100	380	194	186	4						6			2			89	7						3	3
68	Valdasnos	97	362	170	192	1						6						25	6						1	2
70	Val de Nogueira	35	147	74	73	1												34	20						1	3
68	Val de prados	94	248	127	121	2					1	3						27	11						5	5
65	Villas bôas	234	934	483	451	8						13		1	1	1		92	144						7	5
64	Villaflor	854	3083	1588	1495	38	2				6	53	51	3	6	3		232	222						29	30
71	Villa franca	34	153	83	70	1												14	4						1	
71	Villa pouca de Aguiar	1711	6357	3004	3353	100					6	247	19	7	10	1		864	140						68	23
59	Villa Real	17808	31897	15471	16126	416	54	37	7	31	66	1087	187	43	52	18	6	3441	2707						387	218
70	Villar de Perdizes	284	10000	433	567	7						6						260	8						3	3
80	Villar Seco de Lomba	542	2146	1013	1133	20					3	31		5				335	209						16	16
63	Villarinho da Castanheira	927	3326	1760	1566	19	8				8	66	17	5	3	1		113	509						29	21
73	Vimiozo	446	1919	925	944	9					1	31	5		3			173	22			3			16	25
75	Vinhaes	1422	5873	2787	3086	69	23	31	9		5	148	12	5	3	3		594	373		34	4			38	29
	Somma	77054	251521	122966	128555	2577	275	255	67	46	323	6579	694	254	394	102	13	28783	14498	19	498	343	2	301	2064	1611

Conçelhos, Coutos, e Honras da Provincia de Tras os Montes

Carpinteiros	Pedreiros	Ferreiros	Ferradores	Serralheiros	Espingardeiros	Latoeiros	Caldeireiros	Tintureiros	Surradores	Molleiros	Selleiros	Cerieiros	Cordoeiros	Pintores	Odreiros	Cayadores	Penteiros	Enchambladores	Padeiros	Favaçeiros	Ourives	Chapeleiros	Louçeiros	Tanoeiros	Cardadores	Almocreves	Mineiros	Barqueiros Arraes	Marinheiros	Soqueiros	Coronheiros	Pastores	Creados	Creadas	Distançia á cabeça da comarca
4			1							3																						6	8	8	8
7																										3						7	6	10	9
15	8	11	4																						77							36	146	68	4
28	11	12	1							5															4	3						36	41	36	5
14	5	19								11																						36	61	70	4
9		8	1																							16							47	39	4
8	3	1	1																							4							37	38	4
3										2																5							4	6	7
1																												54	293				21	19	4
	9	8																				33											31	12	5
137	77	65	8	2				24		20	2	2							43	25	2	16			13								869	953	5
3																																	20	22	3
10	14	4	7																						14							169	157	92	4
7	2	5	1																							3						6	31	18	7
89	21	48	22	7						79	8	10										4	52			81						24	478	526	14
		1																															27	9	7
17	4	13	1							27															34	5						21	77	23	6
1	1	2																															7	4	19
4		2																															13	7	15
5	1																																12	8	6
2																																5	7	7	7
5		4																															20	15	4
12	8	2	2																							16							14	16	2
5		1								4																	1				12	10	9	5
10										7																							19	21	8
8		13	2														11				16												48	42	5
																									1						2	2	3	7
1	2																																4	5	1
6										2																2							20	25	3
1		1																															13	27	3
		1																															4		17
1	1																															7	7	5	1
24	6	3																								2							25	18	2
27	9	2	4																													28	75	79	8
3										2												8			14							20	6	½
																																	1	1	17½
18	13	8	4							13				3											3							113	163	4
42	8	31	8																												90	138	123	4
17	2	9	7							12	2	6		1																	152	133	123	6
45	10	18	3																						33						78	121	99	7
24	24	20	9							43			8	1									20										96	73	»
9	2	3	1																						2							47	52	4
49	2	20	3							7													2			10				24		48	80	74	13
53	13	21	2																														281	291	18
3	1	2	1							2															7	8						56	7	5	2
18	5	8	4																													171	68	45	5
2																															2	17	35	38	6
6	7	14	4																													32	33	34	3
1		2												1																			24	38	13
																																			17
																																		3	17½
4	1	1																							2							10	6	2
16	5	12																			2										37	42	37	6
1	1																														1	3	2	9
3	5	4	2																						3							32	50	3
4		1	1																														11	9	1
1	1																															2	5	6	9
18	7	5	2													1										9	2						52	57	5
10		3	1																														22	22	22
1		1																														7	7	8	3
42	13	16	9							8														13		17							744	579	2
																																1	1	2	7
13	1	5	1											1												2							84	51	5
1	1						1																		2								16	4	9
1	3	3	1							6																11							23	25	5
7	8	1																															15	20	4
7	14	4	5																			1				7							56	47	9
		1																																3	16
1		1																															4	2	7
2	1	1	1																													2	4	3	3
3		2	2																													3	4	4	5
4		3								2																							37	16	4
3		5	5							6		2		1																	25	134	87	3
1	4																															2	3	2	4
52	6	20	5							30												1				7				11			187	147	5
259	95	71	25	18	3	4		3	2	56	12			9	4	5		5			2					151							856	929	»
2		2																															8	5	16
28	10	2								8																						44	60	53	18
24	14	6	3							2				1																			50	35	3
6	3	10	1							6															126								22	20	20
33	14	13	6							2																						60	85	116	13
1311	476	1250	168	27	3	4	1	27	2	365	24	20	8	18	4	6	11	5	43	25	4	40	115	17	277	420	2	55	293	35	2	1250	6141	5755	—

Extracto do arranjamento das Comarcas da Provinçia de Tras os Montes, suas Cidades, e Villas, distançias em que ficão ás Capitaes, as Povoações que a cada huma pertençem seus Fogos, e Almas

Galiza . . . . . Hespanha

Serra do Gerez divide as mesmas provinçias

Rio Douro dividindo os dous Reinos até o Rio Agda

Rio Tamega divide a Provinçia de Tras os Montes da do Minho

Zezere

Continua o Rio Douro dividindo a Provinçia de Tras os Montes da de Beira até o Rio

Chaves

Monte alegre — D. 5. P. 112 F 3283 A. 14112

Chaves — P. 149. F. 6533. A. 23518

Agoa reves — D. 4. P. 54. A. 8576

Villa pouca — D. 5. P. 59. F. 1711. A. 6357

Ruivães — D 9. P. 36. F. 583. A. 2600

Povoações de toda a comarca, 466. F. 16181. Almas 61804.

Bragança

Bragança — P. 83. F. 4310 A. 18106

Vinhaes — D. 4. P. 48. F. 1520. A. 6201

Val de prados — D. 57. P. 67. F. 3222. A. 11086

Torre de Dona Chama — D. 6. P. 47. F. 1511. A. 5663

Villar secco da Lomba — D. 7. P. 23. F. 709. A. 3122

Povoações de toda a comarca 268 F. 11292. Almas 44178.

Miranda do Douro

Miranda do Douro — P. 23 F. 1913. Almas 6789

Vimioso — D. 4. P. 8. F. 1015 A. 3591

Algozo — D. 4. P 18. F. 835 A 3112

Oteiro

Bem-posta — D. 6. P 17. F. 962. A. 3531

Mogadouro — D. 7. P. 41. F. 2131. A. 7665

Povoações de toda a comarca 112 Fogos 7323. Almas 26219

Villa Real

Murça — D. 5. P. 50. F. 1705. A. 5920

Ribeira de Pena — D. 5. P. 3. freg.as F. 333. A. 2.71

Alijó — D. 4. P. 16 F. 1630. A. 5604

Villa Real — P. 225. F. 1800. A. 33069

Santa Marta — D. 2. P 13 freg.as F 3276 A 10977

Provezende — D. 3 P 5 F 418 A 1603

Mezão frio — D. 4. P. 68. F. 1526. A. 6272

Povoações de toda a Comarca 437. Fogos 29266 Almas 74000.

Moncorvo

Alfandega da Fé — D. 4. P. 33. F. 2278. A. 8575

Moncorvo — P. 18 F. 2361. A. 8575

Villaflor — D. 3. P. 29. F. 1856. A. 6727

Carrazeda — D. 4. P. 36 F. 1752 A. 6299

Freixo de espada á cinta — D. 5 P. 5. F. 1059. A. 3922

Lamas de Orelhão — D 6. P. 34. F. 1411. A. 4448

Mirandella — D 6 P 49 E. 2241. A. 45792 (1)

Povoações de toda a Comarca 204. Fogos 12958. Almas 45792

Explicação dos signaes notados no presente extracto

- Cidade Episcopal
- Cidade
- Cabeça de Comarca
- Villa

D Dist.as á cabeça de Comarca
P — Povoações
F Fogos
A — Almas

Sommam as Povoações de toda a Provinçia 1487 Fogos 77020 — Almas 251293.

(1) É este o numero que se encontra nos Manuscriptos.; mas houve engano do A., porque este n.º é o do total de toda a comarca, como se vê a seguir.

Egreja de N. S. do Populo—(Cliché de A. A. Corrêa)

O Varre-Canêlhas

NOVELLA TRASMONTANA

POR

JOAQUIM LEITÃO

SEGUNDA PARTE

II

—Vinhamos nós á ponte de Carlão, quando um toque de clarim arrebitou as orelhas do macho... —narrava Angelo, a Rosaria e á filha, emquanto desaparelhava a cavalgadura—olhamos, era o João da Maria já no meio da escolta.

—Então sempre era certo o que o povo dizia de ter elle abalado para Carlão!—observou a snr.ª Rosaria como quem evidenceia uma opinião contestada.

—Tambem podéra ter-se escondido no Tua que é para onde se escapulem os que andam fugidos ás justiças. E a mãe bem sabe que o povo tanto o fazia em Carlão como no Tua—redarguiu Rosina, doída da indirecta.

—Eu cá sempre ouvi dizer que elle mal matára o *prove* do homem desapparecêra do Populo e se mettêra em Carlão—insistiu Rosaria.

—Lá como os soldados deram com elle naquellas fragas é que eu estou p'ra saber...!—admirou-se Angelo.

—Mas tu vistel-o?

—Com estes! vinha algemado, no meio da força.

—Algemado?!

—Ai, não! pois um diabo d'aquelles póde mesmo vir por ahi fóra sem ser algemado. Então a snr.ª Rosaria não sabe de que raça elle é? Não se lembra como elle matou o carcereiro? Um criminoso que, só pelo infeliz lhe ir lá intimar a mulher p'ra uma coima que não prestava p'ra nada, dá logo a matar...!—é para vir até atado como quem traz uns fustes de lenha!

—Valha-nos N.ª S.ª da Cunha!—suspirou a snr.ª Rosaria, erguendo os olhos para o devoto monte, e desandando para a sua faina de cosinheira.

—O Miguel?—perguntou Rosina, como quem quer assegurar-se de que póde falar sem perigo de surpreza.

—Ficou a dar contas ao velho—tranquillisou-a Angelo—Porque?!

—E' porque, isto... isto não póde continuar! Vê se falas aos velhos: o pae diz que vamos a Hespanha, que quer vêr a terra e, de caminho, que se faz lá o casamento. Eu não posso mais, não posso, não posso!

«—Leva esses dois homens para a Residencia . . .» (Cliché de A. A. Corrêa)

—Bom, bom! descança que eu falo-lhes, e é hoje. Vae lá p'ra dentro que vem ahi o Miguel—e travando, a disfarçar, conversa com Miguel—Então já se ouve a escolta?

—Não é nestas tres horas, que ella cá chega! Por muito que os militares andem, não é para comparar com a andadura dos nossos machos. Antes da noite...

—Tambem me parece.

—Sabes quem passou agora ahi? o Sarmento, de S. Mamede!...

—Passou? E para que lado seguiu?—interessou-se Angelo, animadamente.

—Para a Arcã. Diz que traz p'ra lá uma obrita.

—Ah! sim, sim, eu sei.

E coberto o macho com a manta e arraçoado, Angelo encaminhou-se para o velho, pittoresco bairro da Arcã:

—Ainda bem que *vinhestes!*—exclamou Sarmento, um rapagão tostado como um mineiro.—Como adivinhaste qu'eu 'stava p'ra cá? Ah! já sei, foi o Miguel.

—Tal e qual. E bom foi encontral-o em Alijó, porque a assim não ser tinha-me hoje em S. Mamede.

—Então?!

—E' a rapariga: o pae metteu p'rá ali a cabeça e parece que tem mêdo que lhe fuja o primo...

—Ha-de ser mas é mêdo que a rapariga lhe fuja!—corrigiu Sarmento, entre-sorrindo-se.

—Seja o que fôr, o caso agora já entra a tornar-se sério. O velho diz que vae a Hespanha matar saudades e casar a filha. A rapariga chora que se fina, e eu prometti-lhe que hoje mesmo falava aos paes. Ora eu quero-me aconselhar...

—Aconselhar?!...

—Sim.

—Commigo?!

—Comsigo...

—Escuta, Angelo: todo o homem que pede um conselho a um amigo é para encobertamente pedir a esse amigo que concorde com elle, nem tu queres outra coisa. E, mesmo que eu te dissesse mal do casamento, tu casavas da mesma maneira. Por isso, homem, casa quanto antes com a tua Rosina, e se precisares d'um esteio em minha casa o tens, que agora com a morte das vinhas o que mais ha é esteios disponiveis—ajuntou graciosamente Sarmento, encobrindo n'esse dolorido *calembour* o rasgado offerecimento ao amigo.

Angelo não teve uma palavra: abraçou-se n'elle, commovido com a resposta que era a cumplicidade que lhe faltava, com o appoio que era um alento, com a expansão que era um reconfortante para o seu coração sempre amarfanhado naquelle genio sêcco, desconfiado e pouco communicativo.

Sarmento, com menos razões para se commover do que o amoroso, foi quem atalhou:

—Então quando vaes vêr as minhas plantações?

—Passada a feira dos 11.

—Se eu poder apparêço-te na feira; não será muito certo que tenho muito que fazer, trabalho de dia e de noute, sem descanço, mas d'aqui até que eu veja as terras repovoadas!... Que tristeza, Angelo, que luto uma terra que nós conhecemos, des'que abrimos os olhos, povoada de vinha que carregava como poucas e cuja casta era um nectar requestado, vel-a de repente definhar, definhar, amarelecer até tombar morta! E' como se uma pessoa muito querida nos fugisse dos braços roubada d'um momento para outro pela tysica. Ambos nós estamos sós no mundo: tu, Angelo, sem familia; eu sem um bardo—que eram como que a minha familia tambem. Tu vaes casar, fundar uma familia, povoar a tua casa, e para isso trabalhas já, com denodo; eu vou replantar, banir aquelle halito de morte que o philoxera deixou, levantar de novo a minha vinha, defender-me da pobreza, reconquistar a minha fortuna. Tudo é crear, tudo é um destino, tudo é ter um fito n'esta vida!

—A vida é o trabalho.

—E o amor, Angelo, e o amor! Só o concurso do trabalho e do amor asseguram a continuidade da vida. Tu vaes criar homens: eu vou prepararlhes as cearas d'oiro que hão-de alimentar os teus filhos, as messes fartas que hão-de nutrir a geração, engrinaldar de esperanças e de alegrias a raça de amanhã.

—Faz bem á gente falar comsigo, amigo! Sáe-se, de ao pé de si, mais cheio de coragem.

—Como, mais?! Isso não se diz, isso é confessar

que tens horas de menos coragem, e o homem não tem direito a esmorecimentos. Não me vês a mim? Todos os lavradores do Douro clamam a sua desgraça, apregoando a sua miseria: eu estou tanto ou mais pobre do que elles. Pois bem, emquanto elles passam o tempo a choramigar, eu tenho a bravura de arrancar vinhas seculares que me parecem contagiadas e lanço-me denodadamente no replantio. Não ha outro remedio! E' a minha salvação e é o meu dever.

—Não que nem todos teem a sua fortaleza d'animo...

—O que queriam? Que a vinha nunca cançasse, nunca envelhecesse, e perpetuamente se desentranhasse em fructos para o lavrador se gozar? O vinhateiro exige que a vinha trabalhe eternamente e não quer elle augmentar, num lapso de geração, o trabalho que lhe dá a fortuna de muitas gerações. E' um symbolo da lei da vida: o trabalho é o fim, o amor o meio de adoçar e applicar esse trabalho. Colher perpetuamente o sumo do mesmo bardo era uma fraude d'essa lei, a expressão da existencia preguiçosa que tudo espera do maná!

—Quem me dera ser assim!

—E imaginas que és d'outro modo? Pois, então, dize cá: tu vives hoje e esperas viver amanhã e sempre á custa dos pannos que compraste hontem? Não semeias diariamente o pão que comes? Os agricultores conhecem bem essa verdade: os vinhateiros é que queriam insurgir-se a essa lei. E' o phyloxera um prejuizo, para a provincia, para o paiz? E'; mas o remedio não é o côro de desesperos que para ahi vae, o remedio é replantar, recomeçar, confiadamente, tenazmente.

—Eu não sei dizer essas coisas, porque não tive os seus estudos, mas do meu motu proprio, realmente, não me farto de trabalhar.

—Tu és um homem, um forte, aprendeste no grande livro da adversidade, Angelo! E se tiveres filhos, este conselho t'o dou eu sem m'o pedires, não os cries na fidalguice. Os grandes homens não nascem geralmente em berços d'ouro: Jesus Christo nasceu numas palhas.

Com o olhar febril dos convertidos, Angelo estendeu-lhe a mão.

—Já?!

—Vou-me a falar aos Sanches.

—Parabens! E, passada a dos 11, lá te espero, hein?

—Promettido!

E partiu, estugado, ancioso de praticar a determinação tomada.

Quando, porém, chegou ao centro da villa, toda Alijó, e os Sanches na conta, ennegrecia as suas calçadas, interpellando-se e debatendo a chegada da força que o administrador reclamára de Villa Real para ir prender o autôr do crime do Populo, a Carlão.

Terra desguarnecida, uma visita de soldados era já um acontecimento: a entrada de uma força que era preciso aboletar, então, quasi espalhava os sustos d'uma invasão.

D'essa feita, o caso mais falado era o furibundo protesto do Reitor que se recusára terminantemente a aboletar as duas praças do *Caçadores* de Chaves, a quem fôra destinada a Residencia, e ainda por cima viera para a rua, barafustar:

—Pouca vergonha! Darem-me a aboletar um

—Vinhamos nós á ponte de Carlão... —(Cliché de Alfrêdo Guerra)

cabo quarteleiro e um cornêta! A minha casa é de patente de banda! D'alferes para cima!

—O' snr. Reitor! Mas nós não temos culpa, nós somos mandados! Vossa Senhoria não nos deve recusar pousada ...—advogavam as praças.

—Já disse o que tinha a dizer: desconsiderações, não admitto a ninguem, a ninguem! A minha casa é de patente superior á vossa. Quem quer mangar, que vá mangar co'a tropa!

—A gente, então, onde ha-de ficar?

—Onde lhes aprouver, nanja na minha casa.

O cabo, mais ladino, jogou-lhe esta estocada:

—Diziam-me que p'r'aqui os trasmontanos eram tão hospitaleiros...

Foi golpe certeiro:

—Ah! lá se são vocemecês, simples ovelhas humanas, que pedem hospitalidade a um pastor trasmontano, *transeo!* agora, unidades militares que veem escalonadas para eu aboletar em minha casa, e são de patente inferior á que compete ás minhas telhas, isso *et nunca!*—E, chamando o creado que andava por ali ás vozes:

—Ó Zé Diogo! Zé Diogo!

—Snr. Reitor!

—Leva esses dois homens para a Residencia e dá-lhes umas sôpas e uma enxerga.—E voltando-se para as praças—A casa d'um trasmontano nunca recusou hospitalidade fosse a quem fosse.

O Zé Diogo lá rebocou o cabo e o cornêta que, tanto ou mais precisados de repouso do que de alimento, d'ali a uma hora resonavam como soldados que acabassem o seu quarto de sentinella.

Sobre elles, entrou em casa o Reitor:

—Ó Zé Diogo!

—Prompto, patrão!

—Então, esse fôrno?

—Estou a aquecel-o, snr. Reitor.

—Falta muito?

—Um cibinho.

—Bom, bom. Eu já venho.—E indo embrulhar-se num capote de romeira, voltou á cosinha.

—Deixa vêr d'ahi um *capão de vides!*

—O snr. Reitor faz favor de esperar um instante.

—Não espero nada que o frio tambem não espera; já te disse, traz para aqui um *capão* que eu cá ateio o fôgo!—E, a subitas, outra ordem:

—Ouve: vae lá cima e diz áquelles dois galuchos que se ponham a pé e que venham p'ra aqui ajudar.

—E s'elles me ferram com o *armamento?*...

—Qual ferram! Tu serás cavalgadura, serás, mas elles não teem o tronco á mão.

Zé Diogo, molestado, lá foi com pouca vontade, chegou ao corredor, chamou de mansinho e volveu:

—Engalharam no somno até *amanhê* por estas horas, snr. Reitor!...

—Volta lá, abana com elles e traz-m'os vivos ou mortos.

—N'essa não cáe o Zé Diogo, snr. Reitor. Abanal-os? quem quizer que vá lá! não que elles não são nenhumas oliveiras p'ra se deixarem varejar...

—Ai elle é isso? Traz cá o lampeão.

Zé Diogo foi pelo lampeão, pachorrentamente, como quem não tem pressa de ir buscar a morte.

—Isso não tem fim?—Interpellou o Reitor, gasto da demora—Eu espevito-te a torcida, se é preciso.

Zé Diogo, que se arreceava do amo como de armas de fôgo, bateu lesto a porta do lampeão.

Entraram ao quarto que aboletava as duas praças: uma cama em cada extremo; no centro uma mesa de pinho, á qual haviam encostado a espingarda, pousado os cinturões, o clarim e as barretinas.

—Leva, arriba!—gritou o Reitor.

Os rapazes sentaram-se estremunhados:

—Arriba e rua! Aqui não é albergue de vadios! Já dormiram de sobra.

—Ora, snr. Reitor, deixe dormir a gente...

—Ai não ides ao bem? Ireis ao mal!—E voltando-se para o moço— Zé Diogo, o «Varre-Canêlhas»!

O creado hesitou:

—Tu ouves ou não ouves, patife? dá-me o «Varre-Canêlhas»!...

Zé Diogo não replicou: foi ao quarto do Reitor e voltou com o bacamarte a que Padre Antonio de Magalhães deitou logo a mão, informando-se simultaneamente:

—Está carregado?—E olhando pela bocarra da arma—Chega para mandar dois teimosos p'ro inferno! Pschiu! ó amigos! a pé!...

Os rapazes ainda procuraram com os olhos as suas munições, mas da cama ao ponto onde as deixaram, a mão não as alcançava, e quanto a mexerem-se já o não consentia o Reitor que de bacamarte ao hombro descrevia a parabola do peito d'um ao peito do outro, como caçador que acompanha com o cano da escopêta o vôo d'um bando de perdizes.

—Pelas suas alminhas, snr. Reitor! gritaram os dois, de joelhos, em cima da cama, puchando as mantas para a cinta, com medo de se desnudarem.

—Já a pé!

—Nós vamos, snr. Reitor, nós vamos já para fóra da sua casa, mas deixe-nos ao menos vestir para não sermos castigados, snr. Reitor!

—A pé!—intimou sem despegar do hombro a coronha do bacamarte.

O pobre cabo e o pobre cornêta, tremendo de frio e de medo que ou o diabo por desastre ou o Reitor, n'um accesso, desfechasse o bacamarte, lá desceram do leito e, agachados, se foram vestir e fardar. Mal os viu rendidos, o Reitor atirou com desprezo o bacamarte para o corredor, e, exclamou, cruzando os braços:

—Ora aqui estão os dragões a quem a Patria se confia!... Sim, senhor, estaes uns homens p'rá guerra! Poltrões! Não tendes vergonha! Nem sequer ao menos vos alentou a esperança de que fosse, como é, uma partida? Raios vos partam! Então, eu, o Reitor de Alijó, Antonio de Magalhães, um trasmontano, vinha agora acordar-vos para vos pôr no meio da rua! Fortes bestas!... Eu mando-vos chamar para virdes ajudar a comer um bolo de carne que se está a coser: é claro que tambem ajudareis a fazel-o, como eu vos hei-de ajudar a regal-o com o meu consumo. Sabei, corja de poltrões: em Traz-os-Montes só se matam hospedes com indigestões de cabrito?

E, como os dois estivessem vestidos:

—Zé Diogo! Empunha o lampeão e anda lá adeante, faz de clarim. Soldados! p'rá meza do escano, ordinario, marche!...

Cliché de Carlos Pereira Cardoso

PEDRAS SALGADAS: RIO AVELLAMES

As Thermas Trasmontanas

A PROVINCIA de Traz-os-Montes, especialmente o districto de Villa Real, é d'uma riqueza d'aguas medicinaes unica talvez na Europa. Desde as planicies fronteiriças da Galliza á corda convulsionada e tragica do Douro, as nascentes succedem-se, n'uma variedade contínua de utilidades therapeuticas que nos fazem pensar que a *panacêa*, ha tanto tempo procurada nos mysterios das retortas, nos ensinamentos dos laboratorios, brota da fecundidade d'esse solo, pacifica ou inquieta, agitada, fresca e limpida ou escaldante e açafroada, offerecendo a saude, a alegria e a força em troca do sacrificio de lhe receber as virtudes junto do local em que sahe á flôr da terra. Não ha doenças nem doentes deante de tantas propriedades reconstituintes. O figado, o coração, o estomago, os pulmões, a pelle que se arripia em erupções escamosas, encontram n'essas aguas redemptoras a regularidade de funcções, a pureza primitiva e desejada.

E ao mesmo tempo que pensamos nas curas realisadas pelas aguas alcalinas, ferruginosas, carbonetadas e sulfurosas, não podemos furtar-nos a meditar na abundancia de minerio, desde o oiro ao chumbo, que permanece, ignorado e bemfazejo, no seio granitico ou schistoso d'essa vasta região. Não se denuncia por vestigios estranhos ás nascentes medicinaes. Mas esssas nascentes, tão accentuadamente mineralisadas, deixam perceber, para lá das rochas que as protegem das sêdes insaciaveis das hortas ou das vinhas, largos filões d'oiro e prata, abundantes jazigos de ferro e estanho, densas camadas de substancias calcareas. Se fosse possivel seguir em todas as suas curvas e infiltrações o fio d'agua feliz que se insinua atravez d'essas riquezas occultas roubando-lhes o sufficiente para se tornar rico e appetecido, effectuariamos os sonhos opulentos das *Mil e uma noites*, surprehendendo no silencio e na treva em que repousam magnificencias incalculaveis.

CHAVES – Aquæ Flaviæ

E porque se não ha-de tentar essa violação de thesouros egoisticamente furtados ao movimento productivo das grandes riquezas? Ora . . . porque se não ha-de tentar, perguntamos nós. Por nossa causa, por causa dos nossos parentes, dos nossos amigos, dos nossos visinhos. Vale mais um figado a funccionar com a certeza d'um bom relogio que muitos contos de réis n'um cofre forte. Sem contos de réis é toleravel a vida, ora risonha, ora chorosa, sempre na esperança em dias de melhor colheita. Com um mau figado, acordando fóra d'horas para o exercicio das suas funcções, executando essas fun-

cções com descaroavel desleixo, não ha labios que riam n'uma expansão de franca e consolada alegria.

Por isso, arrancar á região d'entre Chaves e Douro os metaes que dormem nas entranhas dos seus montes e dos seus valles, constituiria um mal maior do que reduzir um homem, dôno de riquezas fabulosas á situação d'um homem sem pão e sem agasalho. E era maior, porque correspondia a extorquir a milhões d'homens o unico bem absolutamente satisfactorio—pelo menos era extorquir-lhes o alivio de aspirar a esse bem.

PEDRAS SALGADAS - Ponte Romana sob a qual nasce a Fonte Romana

Villarenhos, Chaves, Vidago, Sabroso, Pedras Salgadas, Molêdo, Arêgos não serão, pois, centros mineiros activos e febris, mas terão sempre para nós a carinhosa promessa d'um conforto em momentos de derramamento de bilis ou de dilatação de estomago. Depois, mesmo pelo lado do gôso dos sentidos, aquillo, como está, prodigalisa-nos toda a doçura capaz de caber dentro d'uma boa sensação. Não encontramos o mineiro sombrio e macilento, magoando-nos o olhar e o sentimento; não nos offende os ouvidos o ruido aspero dos guindantes, que maculam a belleza contemplativa da paisagem com as suas fórmas angulosas e aggressivas. Nada d'isso perturba o encanto innocente d'esses sitios de santa paz campesina. E como se fosse pouco a ausencia de impressões desagradaveis, todo esse solo generoso se desdobra em caricias, em epicas attitudes de gigante no desafio das inclemencias do tempo.

As nascentes de Chaves e dos arredores d'esta linda villa trasmontana—aquellas conservando ainda notaveis vestigios do seu aproveitamento pelos romanos—veem á luz entre as affaveis verduras de extensas veigas em que o olhar se perde consolado e feliz.

A seguir encontramos as aguas de Vidago, com as suas quatro nascentes, borbulhando de rijos fraguêdos que emergem do meio de vinhas e de pomares, flanqueadas a nascente e poente por montanhas revestidas d'urze e de pinheiro bravo.

As qualidades efficazes das nascentes de Vidago pertencem á cathegoria dos factos indiscutiveis. No reconhecimento dos que lhes supplicavam alivios, nos registos da sciencia ellas enfileiram á vanguarda dos dogmas reconhecidos. Não ha meio de destruir a verdade conciliar de que o Pápa é infallivel. Constitue uma certeza imperturbavel a Conceição de Maria. As thermas de Vidago estão como a infallibilidade papal e a Immaculada ao abrigo de argumentos e de controversias. Depois de mil e mil curas operadas anno a anno, ha dezenas d'annos, a sua intervenção milagrosa nos destinos das visceras quebrantadas collocou-se acima do juizo contingente dos homens.

PEDRAS SALGADAS - Lago

Se eu tivesse de escrever o seu panegyrico, diria sóbria e acertadamente: «ellas são a saude, o vigôr, o brilho dos olhos, a coloração fresca da pelle, o elixir que restitue a graça e a mocidade».

Subindo o Reigaz, um monte coberto de espessa vegetação, temos á vista Sabroso—e invade-nos o desejo de saciar eternas sêdes na fonte limpida que, d'entre todas, mais lisonjeia as exigencias do nosso paladar—emquanto a ancia de belleza, que reside em cada um de nós, percorre o valle extenso, em que se succedem os povoados, em que os rebanhos e as manadas de bois pachorrentos retouçam socegadamente os pastos d'uma frescura perpetua.

E logo adeante, no mesmo valle, d'entre a mesma frescura, avulta a estancia sorridente das Pedras Salgadas, com as suas fontes em *chalets* de banal recorte, mas com parques, avenidas, arvores compactas e frondosas, evocando trechos

edenicos de regiões tropicaes. Se as *aguas* do Penêdo ou de D. Maria não retemperassem os orgãos derrancados que á sua influencia se confiam, retempera-los-iam sem duvida a atmosphera acariciadora d'esse país de altitude média, o ar tonico e leve que da pureza das serras, coado pelas ramagens do arvorêdo, desce á planicie amenisando o clima, dilatando e refrescando os pulmões.

As Pedras Salgadas, no meu entender favoravel ou desfavoravel a certos modernismos, conforme o logar e a occasião, limpas dos exaggêros citadinos de *toilettes* e de bailes ceremoniosos, sem descuidos de hospitalidade e com agua no «Avellames» constituiria o ultimo requinte dos balnearios portuguêses. Sob este ponto de vista, porém, o Vidago, com a regularidade burgueza da sua vida de familia, serena e repousada, traduz mais fielmente as predilecções dos que fogem do rumor e da actividade, em busca da placidez inalteravel d'um recanto provinciano.

A região das nascentes medicinaes tem nas Pedras-Salgadas uma quebra brusca, uma longa solução de continuidade que se estende até Carlão, no concelho de Alijó, muito perto do rio Douro. Pouca gente conhece as aguas sulphurosas de Carlão. E no entanto, aquelles que a ellas têm recorrido como remedio para doenças tantas vezes consideradas incuraveis, dão-lhes em agradecidas lembranças o que só os devotos conferem aos santos de quem receberam milagres. O progresso não lhes dispensou até hoje uma unica das suas attenções. Ali nem ha a amenidade de perspectivas a atrahir o olhar, nem a molleza convidativa do confôrto a consolar o corpo. Em compensação não se conhece peçonha que abra chagas na pelle, ureia que tolha os movimentos, resistencias á sua acção medicinal.

Caldas de Carlão

Mas deixemos Carlão, em que a dureza do solo, a despeito das curas da *agua*, nos fatiga e nos magoa, e caminhemos mais para sudoeste, até ao Douro, a descançar nas installações civilisadas do Molêdo.

O Molêdo, sim, é já uma povoação, uma pequena e limpa aldeia em que se ouve a chilreada dos pardaes e o cantico matutino das raparigas. E se cada uma das raparigas do logar tivesse na garganta as melodias lyricas dos rouxinoes, com a mesma doçura crystallina e sonora, seria tão natural como o possuirem muitas joias n'um país em que as joias nas-

cessem d'entre a areia—visto que é no Molêdo que se restauram gargantas destemperadas por enfermidades adquiridas ou herdadas.

No Molêdo as *aguas* e a estructura geologica de terreno apresentam caracteristicas que muito as differenciam das estancias balneares a que fiz fugitivas referencias. As *aguas* saem das nascentes em plena ebullição, como se fornalhas invisiveis lhes elevassem a temperatura. E toda a extensão de terra em volta, aos socalcos, d'onde a onde pontuados pelo vulto escuro de grandes blocos de schisto, desde os cimos elevados dos montes ás margens contorcidas do Douro nos apparecem plantadas de vinhas e laranjaes. E cremos bem que sem a verdura protectora d'essas vinhas, d'esses laranjaes os exigem quando um e outro se encontram combalidos pelo excesso de *bilis,* ou pelas recordações physiologicas dos achaques dos nossos paes.

*

* *

Ahi ficam apontadas, á escôlha dos que gemem colicas na bexiga, dispepsias ou arthritismos, as fontes d'onde mana a saude e a ventura em terras de Traz-os-Montes. E, como vêdes, ellas são tantas e applicaveis a tão vasto numero de enfermidades que a gente, ao saber d'uma creatura com dôres,

Vidago

pobres gottosos e rheumaticos não poderiam recorrer á benignidade das celebradas *caldas* durante os mezes de maior calor. Despido da frescura das folhas verdes, principalmente nas horas em que o sol fulgura no alto céo pardacento, em que o proprio rio, d'uma côr baça de cobre velho, irradia como um espelho a luz esbrazeante que lhe cae a prumo, esse rincão trasmontano seria inhabitavel, á semelhança dos mares d'areia do norte d'Africa.

E, sob este aspecto, como ainda, mais ou menos, quanto á qualidade dos mananciaes therapeuticos, a estancia de Arêgos, abaixo d'aquella uns kilometros, até á do Molêdo se assemelha na proximidade da corrente turva do Douro. Apenas em Arêgos, mais desprezada pelos beneficios da sorte, se faz sentir, ao contrario do Molêdo, a falta de condições de vida commoda e facil que o corpo e o espirito n'este torrão da peninsula, n'um departamento da França, ou n'uma cidade remota do Colorado só se espanta de que essa creatura se não mêtta a caminho em direcção a Arêgos ou a Vidago para afogar os seus males na *panacêa* liquida da provincia de Portugal mais fertil em panacêas—e que o diga o vinho velho do Tua ou do Roncão.

Naturalmente ignoram-na, á falta de noticias seguras que lhe garantam a efficacia.

Antes do noticiario febril do jornal, emquanto a audacia do guloso de sensações ineditas não penetrou os segrêdos de certas regiões inexploradas, chamando para ellas os seus irmãos em gulodice, ninguem sequer suspeitava que entre as fetidas cubatas dos negros da Zambezia, por exemplo, a Natureza houvesse collocado o contraste d'uma das mais expressivas manifestações da sua belleza impo-

VIDAGO - Campilho

nente. As cataractas do Zambeze, com os seus vapores irizados, com os ruidos que se estendem por um espaço de leguas, com as vegetações luxuriantes que lhes cingem as margens, apagando com as pontas dos ramos colossaes a espuma eterna das aguas agitadas, só depois do réclamo, do descriptivo minucioso e enthusiasta dos que primeiro as admiraram, attrahiram á communhão das suas maravilhas a concorrencia dos ricos, dos insaciaveis, dos neurasthenicos. Foi preciso que a creatura impressionista, fixando no papel os contornos estranhos da região, lhe espalhasse a fama com o ardor de todo o seu enthusiasmo. Sem isso, ella ficaria ignorada como antes da descoberta do caminho para a India.

Mas as thermas trasmontanas, no orgulho da sua valorosa nobreza, desprezam o plebeismo do réclamo de gazeta. São uma panacêa que se não sente bem, acotovelada pelos filhos bastardos da terra e do homem que se chamam *Pilulas Pink, Calicida immortal* ou *Marmelada glubosa*. A sua origem mantém a tradição rígida da ascendencia fidalga sem desvios compromettedores. E' filha legitima da terra e dos seus minerios, não accusando mais ligações com o homem do que as indispensaveis para que o homem a bêba, sôffrego, d'um copo de crystal illustrado, ou a estanque na banheira em que lhe pacifica o côrpo.

E é assim que eu, sem procuração, estimulado sómente pelo desejo humanissimo da justiça satisfeita, venho darlhe estas paginas em que o réclamo não contunde as susceptibilidades da sua aristocracia provada. E estou convencido de que, d'hoje em deante, se a *Illustração Trasmontana* abrisse as suas paginas perante a curiosidade de todos os homens, em todos os povos, de pólo a pólo, a medicina deixaria fatalmente de registar más digestões ou desarranjos do figado.

Que, de resto, as thermas trasmontanas não teem apenas o seu poder hydro-medicinal para curar.

Ellas dispõem antes e acima de tudo d'uma panoramica suggestão de opulencia e de vigôr que levantará desde logo o espirito mais deprimido.

Ora a hygiene da alma não é uma palavra vã.

Os nossos peores soffrimentos como as nossas mais negras horas e as nossas mais dramaticas contrariedades são um producto da nossa imaginação.

Dentro de cada e de todo homem ha um delirio de perseguição.

Uns suppõem-se perseguidos por imaginarios inimigos que lhes querem mal não lhes fazendo mal algum, dizem-se malquistos pelo bairro que respiram, pela cidade onde habitam, pelo proprio país na sua expressão anonyma e indifferente.

E tudo é o «maldito país», tudo é esta «infame cidade», tudo é este «bairro infecto», de doenças e de visinhos que os torturam, que os infelicitam, que os desgraçam.

Outros, receiam a perseguição da tuberculose, miram e remiram as mãos, desconfiam d'elles proprios todas as manhãs ao verem-se ao espelho do lavatorio, temem os hoteis, as poeiras, as escadas, os cansaços, os ajuntamentos.

São os doentes-imaginarios, onde se recruta a maior parte dos doentes-authenticos que tanta vez começam por ser apenas imaginarios.

D'onde vem esse mal, essa doença, esta *scie* de infortunios?

E d'onde vem, tambem, essa depressão que géra esse mal-estar, que é a sua fonte e sua madrasta?

Da vida das cidades, essas pedreiras affeiçoadas em quarteis, exterminadoras das arvores, dos longos avistadouros que suggestionam grandêsas, idêas de longa vida e de liberdade.

Ah! quando a creatura humana assim adoece, é porque dentro d'elle o sentimento pantheista reclama a satisfação das suas aspirações, e o instincto, sobrevivente em todo o homem, da vida salubre do campo pede, exige um refugio em qualquer pe-

VIDAGO — Largo da Igreja

daço de ravina ou desafogo de valle. Para mim, é ponto de fé que o que melhor faz a um doente que procura as Pedras Salgadas ou o Molêdo não é o hydro-reagente: mas o remanso reparador d'esses vinte dias, em que o trabalho esquece, em que o corpo descança e o espirito é continuamente solicitado por uma naturêsa que lhe patenteia viço, dominio, boas suggestões de triumpho.

E Traz-os-Montes, por toda essa linha hydrologica que traçámos, estão cheios da therapeutica panoramica.

Um homem enfraquecido e submettido á sua doença, ao olhar o mundo do alto d'uma fraga trasmontana que arreganha o dente ao Corgo e desafia a coléra em que elle se lhe remessa espumejando de sanha, de odio, de decisão, ha por força de sentir renascer em si novos impulsos de valor, de coragem, de força, de energia para desafiar e vencer o proprio espirito que o afflige.

Nenhumas thermas como as trasmontanas dispõem d'um meio tão proprio para despertar energias.

Qualquer que ella seja, a therma trasmontana rodeia-se de imponencia, de grandêsa.

Mesmo que a fonte da sua agua santa seccasse, lá estava, e bondava, a sua paisagem bravia, altaneira, onde o olhar do homem não póde pensar em nada que o amesquinhe — nem doenças nem derrotas —, e o pigmeu sentirá as vehemencias d'um creador de mundos.

É uma naturêsa para crear heroes.

E um heroe pensará em tudo, menos em que tem um mau estomago ou que póde morrer d'uma biliosa.

O que póde succeder ao aquista que requeira Carlão, o Vidago, as Pedras, as Aguas Flavias, o Molêdo ou Arêgos, é fazer uma funda dos elasticos das botas e, sentindo-se David, querer arrazar as nuvens com um bombardeio de schistos.

Agosto, 1909.

SOUSA COSTA.

VIDAGO — Entrada do parque de Campilho

FOLK-LORE TRASMONTANO

A LAVADEIRA

Bem cantava a lavadeira,
Ao som da sua barrella;
Ella cantando dizia:
Oh! que meada tão bella!

Os pannos que ella lavava
Eram do rei de Castella;
O sabão que lhe deitava
Viera da Inglaterra;
A lenha que ella queimava
Era cravo e canella;
Lavava-os em tanque d'ouro,
Estendia-os na primavera.

Carviçaes, 28-I-909.

(Nozedo)

ABBADF TAVARES.

Philologia Trasmontana

III

UM DIALECTO TRASMONTANO

O RIO D'ONORENSE

Houbo goii um acontecimento que nun le gostaba al salir da scoela. Alguns rapaces apenas aparecerun no campo de San Obidio empeçaram a atirar com caxas de laranxas e piedras uns aos outros. Habia moita xente pelos passeios. Um gritou:

—Cuidao cum esso rapaces.

E n'essa occassion ouiu-se um grito lixeiro e biu-se canbaiar um bieio a quiem le caieu al sombreiro e tapou a cara com as máos.

—Acudi-me axí!

Biene moita xente a correr de todos os láos. Al bieio viene friu com una piedra n'un oio. Todos los rapaces scaparam, scapando lixeiros.

Iou staba en frente n'uma corte onde habia entrau mieu pãe. Bi escapar a correr moitos dos mieus companheiros que se xuntaban cum os outros al pié de mi, scapando e mirando pás cortes.

Staba al Miranda cum no pan na faltriqueira, al Goubeia e al Gaspar al dos stampilhas. Emtanto a xente juntabasse al redor dal bieio e alguns policias scapaban d'um sitio par outro, amenaçando e preguntando:

—Quei ié esto: Quien foi? Fusta tu? Dize-me tu quien foi.

Gaspar staba al meu láo e tembraba moito e tenha a color pasmada cum un moêrto.

—Que foi? Quién foi? continuaba a perguntar toda axente; n'esto ouhi al Miranda decir al Gaspar:

—Anda apresenta-te, quieres ços outros quedem cun nas culpas.

—Mas ico nun no fice pur querer, respondeu al Gaspar, tembrando como ua bara berde.

—Nada me importa, cumpre cum lo tou deber, respondeu al Miranda.

-Mas... ieu nun tengo curaxe.

—Quei esso? nun tienes curaxe! Ieu acompanho-te.

E os policias e todos los demás corrien gritando:

Quien foi? Quien foi? Ficieram-lhe entrar al bidro dos antiogos pulo oeio a dentro! Quedou ciego d'aquelle oeio! Tratantes! Ieu cuidei cal Gaspar se desmaaba.

—Bien dende,—dixo-lhe francamente al Miranda; iou defendo-te.

E, agarrando-al por um braço, dou-le um empurron para lantre, amparando-se al mismo tempo como um que estava malo. Al pueblo biu e entendeu todo e alguns correram sobre elle com os punhos levantáos. Mas al Miranda pussesse no meio, gritando:

—Quei quier diseir esto? Diez homens contra um rapaz! Ellos, entou, detubieran-se e al policia agarrou al Gaspar por un a mão e, abriu-lhe al caminho por entre al pueblo, e lebouao para un comercio aonde se acolheu o ferino.

Reconheci lougo no bieio al empregau que bibe no escriptorio em frente do noessa cassa, com um sobrinho. Staba sentáo n'um tamborete cum pano sobre os oeios.

Non foi por querer,—dissia, suspirando, al Gaspar, meio muerto de susto...—Non foi por querer...

Duas ou tres pessoas al emporrarem par dentro da corte, gritando:—De rodiellas! Pide perdon!

E deitorun por tierra al pobre Gaspar.

E logo brevemente, dous braços fuertes al alevantarun e algum, cum voze fuerte, dixo:

—No, senhores!—dixo—al noestro director ca labiebisto todo... Ha que tubo a curaxe de apresentar-se, ningun tiena el direito de desprecialo.

Todos quedarun caláos.

—Pide perdom!—dixol-e al director al Gaspar.

Gaspar n'un planto abundante, agarrou as rodellas d'al bieio, e este, buscandol-e com a mão a cabeça esfregoul-e os pellos.

Entón dixieran todos: Bai-te rapaze... bai-te para tua cassa—E mieu pãe tirou-me d'aquelle barulho e dixo-me pelo caminho:—Tua Alberto em tal causso, tinies a coraxe de cumprir al tou dever e vinhir a confessar á tua culpa?

Respondi-le que si, e elle accrescentou:

—Dame á tua palavra de home de biem cal farias...

Doibos a mia palabra, mieu pãe.

VERSÃO

Houve hoje um acontecimento desagradavel ao sahirmos da escola. Alguns rapazes, apenas desembocaram no Campo de Santo Ovidio, principiaram a atirar com cascas de laranjas e pedrinhas uns aos outros. Havia muita gente pelos passeios. Um sujeito gritou:

—Alto lá, garotos.

E, justamente n'essa occasião, ouviu-se um grito agudo e viu-se cambalear um velho, a quem cahira o chapeu, cobrindo o rosto com as mãos.

—Soccorro! Soccorro!

Correu gente de todos os lados. O velho tinha sido ferido com uma pedra n'um olho.

Todos os rapazes dispersaram, fugindo como settas.

Eu estava defronte, em uma loja onde tinha entrado meu pae, e vi chegar a correr muitos dos meus companheiros, que se misturavam com os outros ao pé de mim, fingindo olhar muito socegados para as vitrinas. Estava o Miranda com o seu costumado pão na algibeira, o Gouvêa, o Trolhita e Gaspar, o das estampilhas. No entretanto, tinha-se agglomerado povo em volta do velho e alguns policias corriam d'uma parte para outra, ameaçando e perguntando:

—Que é isto? Quem foi? Foste tu? Dize quem foi.

Gaspar estava a meu lado e notei que tremia todo e se tornára palido, como um defuncto.

—Que foi? Quem foi? continuava a perguntar toda a gente.

N'isto ouvi o Miranda dizer baixo ao Gaspar:

—Anda, apresenta-te; queres que fiquem outros com as culpas?

—Mas é que eu não o fiz por querer, respondeu Gaspar, tremendo como varas verdes.

—Não importa, cumpre o teu dever, repetiu o Miranda.

—Mas... eu, não tenho coragem...

—Qual, não tens coragem! Eu acompanho-te.

E os policias e todos os outros continuavam gritando:

—Quem foi? Quem foi? Enterraram-lhe um vidro dos oculos pelos olhos dentro! Cegaram-no! Tratantes!

Eu cuidei que o Gaspar desmaiava.

—Vem d'ahi, disse-lhe resolutamente o Miranda; eu defendo-te.

E, agarrando-o por um braço, deu-lhe um empurrão para deante, amparando-o ao mesmo tempo, como a um doente.

O povo viu e percebeu tudo, e alguns correram sobre elle com os punhos levantados. Mas o Miranda metteu-se ao meio, gritando:

Que quer isto dizer? Dez homens contra um rapaz!

Elles, então, contiveram-se e um policia agarrou o Gaspar por uma mão e, abrindo caminho por entre o povo, conduziu-o a uma mercearia, onde se tinha recolhido o ferido. Reconheci logo no velho o empregado que móra n'um escriptorio, defronte da nossa casa, com um sobrinho. Estava assentado n'uma cadeira, com o lenço sobre os olhos.

—Não foi por querer,—dizia, soluçando, o Gaspar, meio morto de susto.—Não foi por querer...

Duas ou tres pessoas o empurraram, violentamente para dentro da loja, gritando:

—De joelhos! Pede perdão!

E deitaram por terra o pobre Gaspar. Immediatamente, dois braços vigorosos o erguêram, e alguem, com voz resoluta, disse:

«Não, senhores!» disse o nosso director que tinha visto tudo...—Já que teve a coragem de apresentar-se, ninguem tem o direito de o humilhar. Todos se calaram.

—Pede perdão!—disse o director a Gaspar.

Gaspar, n'um pranto copioso, abraçou-se aos joelhos do velho, e este, procurando-lhe com a mão a cabeça, afagou-lhe os cabellos.

Então, disseram todos: «Vae, rapaz... vae para casa».

E meu pae tirou-me da multidão e disse-me pelo caminho:—Alberto! tu, em caso semilhante, terias a coragem de cumprir o teu dever e de ir confessar a tua culpa?

Respondi-lhe que sim, e elle accrescentou:

—Dá-me a tua palavra de honra que o farias...

—Dou-lhe a minha palavra, meu pae.

EM CASA DO FERIDO

Iou habia acabáo de studiar a licion dal historia e miu pãe dixo-me:

Bamos acolá em frente a ber se al nosso bicinho se sta mior dal oeio feriu.

Entremos n'um quarto, quasse escuro, a onde stava al bieio na cama, sentáo, e amparáo com duas almofadas; á cabeceira sentou-se a suia muier e a um cantou stava brincando al sobrinho Al bieio tinha al oeio bendáo. Quedou moito satisfeito por vêr meu pãe; mandou-mos sentar e dixo que se sentia mior, cal oeio nom stava perdiu e que depriessa estaria curáo.

Foi uma disgraça, e tengo pena dal susto que sufriu aquelle rapaze, dixo elle.

Despueis, falou-nos dal medico, que non dibiê tardar moito para fazerle al curativo. N'este instante, bateran ã puerta:—Hade sêr al medico, dixo a senhora. Abre-se a puerta e quei beio ion? Al Gaspar com o suio casacão largo, sim tener curaxe de entrar.

—Quien é! perguntou al malo.

—Ié al rapaze que atirou coina piedra, dixo meu pãe.

E al bieio exclamou:

—Ah! pobre rapaze! Entra. Enton bienes a bissitar al feriu, non iê berdá. Bai mior, quedas sossegáo, bai mior, estoi quasse bom... Entra, bien a cá.

Gaspar confuso, que nem nos bie, chegou-se

al pie da cama, esforçando-se por non chorar, e al bieio principiou a acaricial-o, mas elle nom podia falar.

—Moito contente, dixo al bieio: Dizele a tou pãe e a tua mae, que todo bai bien, que non tengan cuidáo.

Mas al Gaspar nom se mobié; entendia, portanto, que tenia gã de le dissir alguna cousa que non se atrebia a dissir.

—Quiei tienes tu que dissir? Quiei queres tu?

—Ieu, nada.

—Biem, enton adiós asté lá bista: bae e lieba al coraçon sossegáo.

Al Gaspar foi stá puerta: mas eili parou, tornando-se despois pal sobrinho dal bieio, cal seguia e miraba cum coriossidá.

De repente, puxou debaixo dal cassacom um obxete e mettei-lo nas mãos del nino, diando-lhe:

—Ié para ti.

E marchou-se, como um alustro.

Al nino lebou al obxete al tio. Tinha escripto em riba: *Fago-te regalo desto.*

Baiasse a bêr...

Heral disclamacion d'espanto! Éra al famoso albun com a colecion de selhos, cal pobre Gaspar habia trahio; a colecion de quel falaba siempre, sobre a qual habia fundáo todas as esperanças, e que le custara tantas fatigas; iéra al sou thessouro, pobre rapaze! Iéra al la metad dal sou sangre, que elle daba em troca dal sou perdon.

VERSÃO

Eu tinha acabado de estudar a lição de historia e meu pae disse-me:

—Vamos acolá defronte vêr se o nosso visinho está melhor do ôlho ferido.

Entramos em um quarto, quasi escuro, onde estava o velho sentado na cama, e amparado por duas almofadas; á cabeceira, sentára-se sua mulher e a um canto estava o sobrinho, brincando.

O velho tinha um ôlho vendado. Ficou muito satisfeito por vêr meu pae; mandou-nos sentar e disse que se sentia melhor, que o ôlho, não estava perdido e que brevemente estaria curado.

—Foi uma desgraça, e lamento o susto que devia ter tido aquelle pobre rapaz, disse elle.

Depois falou-nos do medico, que não devia tardar para fazer o curativo.

N'este momento, bateram á porta.—Ha-de ser o medico, disse a senhora.—Abre-se a porta e que vejo eu? Gaspar, com o seu casacão comprido, sem ter coragem de entrar.

—Quem é? perguntou o doente.

—E' o rapaz que atirou a pedra, disse meu pae.

E o velho exclamou:

—Oh! Pobre rapaz! Entra. Então, vens visitar o ferido, não é verdade? Vae melhor, fica socegado, vae melhor, estou quasi bom... Entra, vem cá.

Gaspar, confuso que nem nos via, approximou-se do leito, esforçando-se por não chorar, e o velho começou a acaricial-o, mas elle não podia falar.

—Muito obrigado, disse o velho. Dize a teu pae e a tua mãe que tudo vae indo bem, que não tenham cuidado.

Mas Gaspar não se movia; percebia-se, porém, que tinha vontade de dizer alguma cousa que não ousava dizer.

—Que tens tu que dizer? Que queres tu?

—Eu, nada.

—Bem, então, adeus até á vista: vae e leva o coração socegado.

Gaspar foi até á porta; mas uma vez ali parou, voltando-se depois para o sobrinho do doente, que o seguia e olhava com curiosidade.

De repente, tira debaixo do casacão um objecto e mette-o nas mãos do pequeno, dizendo-lhe:

—E' para ti.

E desappareceu, como um relampago.

O pequeno levou o objecto ao tio. Tinha escripto em cima: *Faço-te presente d'isto.*

Vae-se a vêr... Geral exclamação de espanto! Era o famoso album com a collecção de sêllos, o que o pobre Gaspar levára, a collecção de que elle falava sempre, sobre a qual fundava todas as suas esperanças e que tantas fadigas lhe custára: era o thesouro do pobre rapaz! Era a metade do seu sangue, que elle dava em troca do seu obtido perdão!

DANIEL RODRIGUES.

MONCORVO

Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana.

(Continuação).

Este documento dá a Manoel de Sampaio os titulos de fidalgo da Casa Real, seu camareiro e guarda roupa.

1718-1721

Francisco Joseph de Sampayo e Mello. Era o senhor de Villa Flor, alcaide-mór de Moncorvo a quem pagava cada morador da villa e termo, cada anno dois alqueires de cevada e seis reis em dinheiro, em 1721, quando Antonio Velloso de Carvalho organisou as *Memorias da Torre de Moncorvo* que se conservam manuscriptas na Bibliotheca Nacional de Lisboa (Codice A—6—8 numero 222) fol. 128, e legitimo descendente e successor como dignatario de Vasco Pires de Sampaio, já memorado, fundador dessa grande casa.

Referente a Francisco Joseph de Sampayo de Mello e Castro, senhor de Villa Flor, que suppomos ser o mesmo acima, encontra-se exarada nos livros do Registo da Camara de Moncorvo a Provisão real de 31 de dezembro de 1718 para que se guardem as suas doações.

Ignoro se respeitará a este ou a outro dignatario seu antecessor nos senhorios o Alvará, tambem registado nos mesmos livros de Moncorvo, de 2 de agosto de 1696, para que Francisco Joseph de Sampayo e Castro possa, por tempo de um anno, usar de suas doações.

Não é nosso proposito dar a série dos alcaides-móres de Moncorvo que até 1706 se encontra em Carvalho da Costa ([1]) e muito bem, pelo que toca á familia Sampaio, seus dignatarios de juro e herdade, em Carneiro de Fontoura ([2]) e tão sómente apontar relativamente a alguns d'elles factos e datas, nervo imprescidivel da historia, tão omisso n'aquelles escriptores.

1746-1803

Antonio de Sampaio Mello e Castro Moniz Torres de Lusignano, primeiro conde de Sampaio, 14.º senhor de Villa Flôr, Sampaio, etc., alcaide-mór da Torre de Moncorvo, e de Miranda do Douro, fronteiro-mór de Freixo de Espada á Cinta, conselheiro de guerra, governador das armas de Traz-os-Montes, governador da Torre de Sutão.

Succedeu nos senhorios e na casa a seu pae a 13 de julho de 1746 e morreu a 26 de novembro de 1803 ([3]).

1803

Manuel Antonio de Sampaio Mello e Castro Moniz Torres de Lusignano, primeiro marquez e segundo conde de Sampaio; XV senhor de Villa Flôr, Sampaio, etc., alcaide-mór de Moncorvo e de Miranda do Douro, fronteiro-mór de Freixo de Espada á Cinta, par do reino, mordomo-mór de S. Magestade, tenente general conselheiro de estado, deputado ás côrtes em 1826. Succedeu nos senhorios a seu pae em 1803 e foi o ultimo alcaide-mór de Moncorvo ([4]).

(Segue).

P.e FRANCISCO MANUEL ALVES.

([1]) *Corographia Portugueza,* tom. 1, pag. 470 da 1.a edição.
([2]) Manoel de Queiroga Correia Carneiro de Fontoura, *Memoria Genealogica ou Apparato para o Tratado das Genealogias de Tras-os-Montes,* fol. 165 e seg. ms. existentes na Bibliotheca Municipal do Porto.
([3]) *Resenha das Familias Titulares do Reino de Portugal.* Lisboa, 1838, pag. 203.
([4]) *Resenha, etc.,* pag. 203.

O Varre-Canêlhas

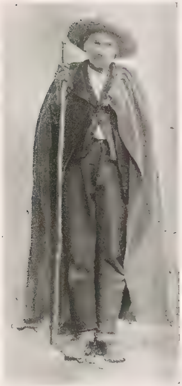
NOVELLA TRASMONTANA

POR

JOAQUIM LEITÃO

SEGUNDA PARTE

III



Um homem de «avental» — (Cliché de A. Botelho)

Pelo outro dia, ao arraiar da manhã, das primeiras pessoas com quem o Reitor cruzou foi o José Bernardo, do Populo, a descavalgar perto ás grades da cadeia d'Alijó:

— Então vem deitar a capa da misericordia ao João da Maria?...

— Que remedio!... E' meu obreiro, baptiseilhe um filho...

— Sim, sim, e como neste mundo quanto mais ruim melhor, não falta ao assassino do Bento carcereiro quem n'o proteja... E lembrar-me eu que o matador me acolytou ao santo sacrificio da missa lá no Populo!...

— Desgraças, snr. Reitor! ninguem está livre de trabalhos emquanto anda cá por esta vida!...

— Homem, sabe que mais seu Bernardo? Desgraçado de quem marchou d'esta p'r'á melhor, que o João da Maria, esse está aqui está na rua! Basta ter a apadrinhal-o o snr. Bernardo do Populo...

— Deus o ouça, snr. Reitor! — respondeu, fazendo-se desentendido, Zé Bernardo. E despedindo-se do parocho d'Alijó, dirigiu-se a uma praça que estava sentada nas escaleiras de pedra que levam ao edificio dos Paços do Concelho, cujas lojas servem de cadeia.

— O' camarada, póde-se falar com o preso que hontem veio de Carlão?

— Não, senhor, não póde, que está *incommunicable*, ás ordens do snr. administrador.

— E elle, o administrador, não está ahi?

— A estas horas, ainda deve estar a fazer meia-noite. Isto de mandões... — depôs o soldado, visto nos horarios das repartições publicas.

Zé Bernardo, contrariado, cortou á Arcã, direito á casa dos Barbozas.

— Está cá o conselheiro?

— Saíu hontem p'ra Villa Real — desenganou-o logo um moço.

— Diabo, faz-me desarranjo!... E quando o teremos por cá?

— Tanto como isso, não sei.

— Mas iria com demora?

— Ouvi *dezer* que não.

— Bem, eu vou-me ao Pinhão e na *passaije* torno a *préguntar*. Adeus!

E chouteou, pelo caminho velho, serra do Pinhão abaixo, desenrolando a espiral em que os caminhos envolviam aquelle escadorio de vinhas, hora descobrindo-se-lhe os valles amplos, em que a flôr rôxa da alfazema desmonotonisava o verde magoado das oliveiras e das parras, hora rodeando por gargantas estreitas o dorso do amphiteatro.

Ao cabo d'umas tres horas, Zé Bernardo passára Villarinho de Cottas, via os primeiros casebres do Pinhão, abrangia as manchas das casas das quintas do Pinhão, a do Roncão, a do Sibio, a da Romaneira, ouvia rugir as aguas dos pégos, que os barcos salvavam de margem a margem, transportando fraternalmente homens e animaes, governados pela ponderosa espadella, longa e abarbatanada como a cauda d'um cetáceo.

Levavam-no negocios, mas, mesmo por entre os que-fazeres do dia, Zé Bernardo scismava na sorte do João da Maria; e o seu desejo era largar tudo para ir ouvir um doutor de leis. Mal se desembaraçou dos interesses, informou-se com o dono da estrebaria onde deixára a cavalgadura:

— O dr. Albergaria estará por casa?

— Isto deve ir numas duas horas... — calculou o interpellado, consultando a altura do sol — Nada, já jantou, e depois de jantar ninguem mais o apanha debaixo de telha.

— Mas onde diabo vae elle?

— P'r'as quintas, estender as pernas!...

— Então, não anda por longe, sempre está no que é d'elle.

— Ah! lá isso...

— Pois vou-me lá ter com elle.

— Olhe que se é p'ra se aconselhar, o dr. Soares d'Albergaria depois do jantar não consulta.

— E' o mesmo: a mim, que sou de longe e não faço questão de paga, sempre me ha-de ouvir. Demais, breve é o que quero d'elle.

— Só se fôr isso, que pelo costume...

— Vamos a vêr!... — exclamou Zé Bernardo, dirigindo-se para o solar dos Albergarias.

— O fidalgo anda p'r'ás vinhas — annunciou-lhe a governanta que accorrêra ao portão.

— E não poderei ir aonde a elle? — perguntou, desmontando e prendendo a egua a uma argola da casa.

—Poder, póde ...—e abrindo-lhe a porta de espessas almofadas, pintadas de verde, guiou-o para o campo onde o dr. Soares d'Albergaria passeava, com o seu tradiccional chapéo de sêda por sobre o lenço vermelho atado em solidéo, a sua quinzena azul de botões amarellos, a sua bota alta, o seu bastão encastoado em prata, atravessado pela correia que pendia em duas pontas franjadas.

—O fidalgo perdoará, mas eu tive de vir hoje ao Pinhão e, como succedeu uma desgraça a um obreiro meu, queria aconselhar-me ...

—Ah! agora não! Depois de jantar, nem um papel rasgar!

—Mas, ó snr. Doutor, eu ainda tenho de ir p'r'ó Populo ...

—Hoje?! Ora deixe-se d'isso. Vae amanhã, pela manhã que é mais seguro.—E sem lhe dar tempo, a mais indecisões, ordenou para um creado:—Dá pousada ao cavalleiro, recolhe a cavalgadura na cavallariça, bota de comer a ambos e amanhã falaremos. Depois de jantar nem um papel rasgar!—rematou, repetindo a sua phrase favorita.

Na manhã seguinte, sobre o almoço, José Bernardo foi chamado ao gabinete do dr. Albergaria, a quem um homem do povo se estava queixando de o senhorio o despedir.

—Mas tu já assignaste a intimação?

—Saiba Vossa Senhoria que assignei.

—Então não tens remedio senão sair da casa.

—Tambem ... dizem que a justiça tem mangas para uns e manguitos p'ra outros, só p'ra mim não ha-de ter mangas nem manguitos!

—Ah! tu queres pleitear? ...

—Eu o que quero é não sair da casa.

—Então vae buscar meia folha de papel sellado.

O homem ia deitar a correr, mas o advogado chamou-o:

—Olha, olha cá! tu sabes os mandamentos da Justiça?

—Eu não sei, não, senhor.

—São tres: pé leve, bolsa aberta e bocca fechada. Vae buscar o papel sellado, anda, depressa!

E voltando-se para o José Bernardo:

—Ora agora vamos cá nós! conte-me o seu caso.

—Um obreiro meu, chamado João da Maria, é casado e pae de sete filhos: eu, como compadre e como patrão, faço-lhe o que posso, mas a familia é muita e os ganhos podem bem com elles, que é só o homem a grangeal-o; vae a mulher, apanhou uns guissos de lenha num campo lá d'um visinho que, mais por vingança do que pelo prejuizo, deu queixa contra ella. O carcereiro de Alijó, que tambem fazia de official de diligencias, foi lá intimar a *provesinha*, que vendo o beleguim caiu com um mal que costuma a lhe dar. João da Maria chegou, deu com aquelle espectaculo e, palavra pucha palavra, descarregou uma pancada na cabeça do carcereiro. Em tão má hora que o homem acabou ali.

—Que especie de homem é esse João da Maria? E' de rixas, já respondeu alguma vez?

—Olhe, snr. doutor: é um dos homens mais accommodados que lá trago. Commigo o provou elle; estava eu de fresco á testa da minha casa, quando por uma *rezão* de serviço tive de lhe apertar um braço: o sangue correu-lhe em fio pelo pulso abaixo, e mais só lhe finquei estes dois dêdos—e mostrava o pollegar e o indicador—Sahi incommodado do «predio» e quando cheguei a casa, a minha Margarida disse-me que o João da Maria me fôra perguntar. Nada lhe disse, á minha patrôa, p'ra môr d'ella se não affligir, mas futurei que o João da Maria andasse em cata de desforra. A' bocca da noite, passava eu p'r'ó curral a vêr uma tourinha que lá trazia, quando senti passos atraz de mim: voltei-me, era o João. Eu não sou homem p'ra sustos, mas verdade, verdade o que me lembrou logo foi que iamos ter funçanata. Sabe o que elle queria, snr. Doutor? Que eu lhe perdoasse os modos atrevidos com que me falára de *manhê* e lhe baptisasse um filho que tinha oito dias. Desde essa hora fiquei amigo do rapaz: amigo de todos os *proves* sou eu e ólho por toda aquella gente lá do Populo como se foram meus filhos, mas áquelle dei-lhe cá um logar melhorsito no coração! confessou o herculeo Zé Bernardo, com os olhos alagados.

—Segue-se que é um homem ordeiro o accusado—concluiu Soares d'Albergaria.

—Doido pelos filhos e não vendo outra coisa senão a sua Maria,—confirmou José Bernardo.

—Bem, tudo o favorece: bons precedentes, a attenuante de não haver premeditação, o seu testemunho...

—Lá quanto a testemunhas de defeza, trago-lhe o Populo em pêso.

—Não é preciso.

—O snr. Doutor não se quer encarregar da defeza...?

—Tomára eu defender a minha saude! Não lhe faltam lá bons advogados: vá ter com o Barboza, e se poder arranje umas cunhitas para o julgamento, cunha do alto, de politico, não sei se me entende...

—Vamos a vêr, um homem sempre ha-de ter amigos!... mas o snr. Doutor é de parecer que o crime não é para o rapaz levar com a carga toda?

—Eu sou: é um homicidio involuntario e dadas as attenuantes, o bom comportamento anterior... Agora, a sentença depende de muitas circumstancias; boa defeza, seriedade dos jurados, emfim, uma justiça direitinha. E isso é o que é mais para temer, porque eu sempre ouvi dizer que Alijó endireita quem lá chêga tôrto, e entorta a quem vae direito.

—Obrigado, snr. Doutor. Tirou-me um peso do coração; apesar do caminho d'aqui para lá ser ao cimo, acho que vou mais depressa para Alijó do que vim para cá. E quanto devo?

—Doze vintens.

—Doze vintens?!

—Acha muito?

—Eu acho pouco: comi, bebi, dormi...

—Não sou estalajadeiro, sou advogado. Toda a minha vida as minhas consultas custaram doze vintens e até me desprezava se levasse de mais ou de menos.

José Bernardo pagou, e ia a despedir-se quando o dr. Soares d'Albergaria o reteve:

—Não se vae embora sem provar o meu vinho tratado.

—Fica p'ra *oitro* dia, que venha com mais descanço, snr. Doutor. E mesmo eu quem me tira o «consumo»...

—Tambem tem «consumo», mas ha-de provar o meu «tratado»—e brandindo a campainha de metal amarello que o tinteiro e o areeiro ladeavam no

prato oval, mandou servir o peregrino extracto das suas cêpas.

—Este bem se vê que ouviu ranger a espadella!—gabou José Bernardo, nos termos consagrados para acclamar o summo da zona generosa.

—Não é mausito, não! condescendeu Soares d'Albergaria.

—E o «mal» tem-lhe levado muita vinha, snr. Doutor?

—Vae-a levando a eito.

—Mas vossa senhoria replanta-a, já se vê?

—Nem replanto a que morre nem lhe faço nada á que me resta! Andam por ahi a apregoar umas mésinhas, e um tal sulfureto, não sei se já tem ouvido falar, mas eu não deixo cá entrar semelhante coisa. Vinho, com drógas, á minha bocca não vae!

—Mas por esse andar, o snr. Doutor está aqui está sem um cacho d'uvas...

Homem! emquanto o Roncão der uma pipa de vinho, p'ra mim chega!—e sacudiu desdenhoso os bofes da camisa.

Trocaram impressões sobre a «molestia» do vinhal; por fim, as despedidas definitivas de Zé Bernardo:

A feira dos suinos (Clichés de A. A. Corrêa)

ALIJÓ—Recantos da feira dos 11: Uma barraca de ourives

—Quando ha-de ir até ó Populo, snr. Doutor?

—Nunca! isto é tronco que já não póde vêr outras terras do que estas em que deitou as raizes!...

—Qual! vossa senhoria ainda está ahi mais forte do que muitos môços. É resolver-se; vossa senhoria avisa-me para eu vir esperal-o ao caminho, e mesmo para estarmos prevenidos... O snr. Doutor sabe que aquillo p'ra lá é um viver de montanha: umas batatas, um bocado de porco, é o que dá a «santa». Quando vae alguem é preciso sermos avisados p'ra mandar ao «córte».

—Por minha causa, nunca lá tem de mandar.

—Sinto, snr. Doutor, sinto porque sempre queria que provasse o meu «consumo» e me désse occasião a mostrar-lhe como vou grato á casa dos fidalgos Albergarias. Emfim, lá tem no Populo um creado e um amigo, snr. Doutor!

—Obrigado, José Bernardo, obrigado! Faça boa jornada!

—Obrigado, mas é ao snr. Doutor! Com sua licença...—e pondo o chapeirão, picou a egua, decidido a só parar em Alijó, para consultar com o conselheiro. Como o venerando jurisconsulto ainda estivesse para Villa Real, Zé Bernardo resolveu voltar depois. Na vespera da feira dos 11, preveniu a mulher:

—Amanhã vou-me á'lijó.

—Vêr o João da Maria?

—E tratar-lhe do processo: quero falar com o conselheiro. Como lá diz o dr. Albergaria, um dos mandamentos da Justiça é «bolsa aberta», nós não temos dinheiro, mas graças a Deus carrega-se ahi umas saccas de trigo e é só chegar com ellas á feira que não falta comprador. O nosso trigo, mulher, conhece-se: é limpo e sempre com quebras por cima da medida! Em constando na feira que ha trigo do Bernardo do Populo, só me perguntam o preço e antes querem o meu por mais alguma coisa do que mercar *oitro* qualquer que por lá appareça mais barato e mais mal medido.

No outro dia, por cêdo, ainda os môchos não haviam provado do somno, já José Bernardo ia á Chã, caminho d'Alijó, com um moço á sóga da carrada.

Quando chegou á Praça d'Alijó a villa estava tomada pelos feirantes, atravancada das tendas de fazendas, negra de gente das freguezias convisinhas, da Granja, de Cheires, de Sanfins, de S. Mamede, de Prezandães, apinhada de gado, sortida com a abundancia de um emporio de mercadores: as peças de pannos crús e das baetas, a saragoça, os lenços, as chitas e os riscados, cabeçadas de bestas e corações de filagrana, os taboleiros de ferragens com as competentes ceiras de taxas, o calçado e o chapéo braguez, as alfaias agricolas e as canastras

de louça de ferro, de barro e de folha, os taleigos do feijão, os montinhos de hortaliças, os cestos das typicas candeias com o longo bico da região saindo do reservatorio em fórma de barril, ou, então, de prato com a tampa em concha, os espelhinhos redondos encastoados em folhêta, os nastros, as ligas e os botões, o moreno mas saboroso trigo de Favaios, patria de padeiras, e as laranjas famosas de S. Mamede.

Decorria março, batido pelo leal vento do Villarelho.

Homens e mulheres duplicavam as meias de lã e não largavam das costas o avental que agazalha a região.

As brazeiras ardiam sem descanço e o fôgo do lar confraternisava amos e servos.

Ruborejavam as vides dos capões na cosinha do conselheiro Barboza, quando José Bernardo foi dar com elle, sentado ao escano, embrulhado n'um capote, o temporal descançado no punho esquerdo, e o respectivo cotovello segurando a folha de papel em que escrevia.

Ao convite do compadre do João da Maria para advogado do réo, o conselheiro redarguiu:

—Eu não posso encarregar-me d'essa defêza. Acaba de sair d'aqui alguem que me informou de que o meu Reitor anda aventando que eu já estou «alugado» para pôr na rua esse réo. Por isso, tenha paciencia, snr. José Bernardo, mas não lhe posso prestar os meus serviços profissionaes. Prefiro offerecer-lhe outro advogado que desde já me comprometto a que não lhe apresentará conta.

—Bem se diz: *prove* de quem é *prove!* Então o João da Maria em ser um triste obreiro não encontrará quem se condôa da sua triste sorte!...

—Condoio-me eu, mas...

—Ora, o snr. conselheiro todo o mundo sabe que não vende a sua consciencia... faça-me essa esmola! a quem hei-de ir eu falar para defender o infeliz do meu compadre?

—Só se fôr com uma condição—cedeu o conselheiro.

—Com todas as condições que sua senhoria quizer—aceitou José Bernardo.

—Com uma condição: é que não acceito cinco réis.

—E' desfeita, snr. doutor!

—Não é desfeita, é a maneira de ficar em paz com a minha consciencia e de lhe prestar esse serviço por que o snr. Bernardo se empenha.

José Bernardo saiu com o alvoriço de haver conquistado, para o seu compadre, o melhor advogado da provincia; e ao passar na Residencia atravessou, por entre o povo, para feirar e para não parar com o Reitor que á beira da casa falava com Angelo Basterra:

—Mas o snr. Reitor demora-se em Braga?

—Sei lá! sua excellencia o snr. Arcebispo é que o ha-de dizer...

—E não suspeita do que se trata?

—Nada ouvi rosnar, mas eu para beber não preciso que me assobiem: ou eu me engano muito ou aqui anda caveira de burro, intriga, denuncia ou coisa que o valha. Se é, está bem aviado o snr. Arcebispo se vem para cá com reprehensões; prégo-lhe uma desanda, tão certo como eu chamar-me Antonio de Magalhães!...

—Ora esta, logo agora, por sorte é que o snr. Reitor sáe!...

—Socega, rapaz, que Alijó não ha-de ficar sem parocho, se não fôr eu alguem te ha-de casar.

—Caso-te eu! — gracejou uma voz, por traz d'elles.

—Olha quem elle é! exclamou o «Varre-Canêlhas».

—Viva o amigo Sarmento! saudou Angelo.

—Pois, então, case-o, case-o que eu por minha vontade já não casava mais nenhum. Estou farto d'esta vida! adeus, deixa-me ir ao caldo: são servidos?

—Agradecido, snr. Reitor.

—Agradecido.

E emquanto o Reitor empurrava com a ponteira do sombreiro a porta da Residencia, Angelo e Sarmento isolavam-se para a Arcã, a confidenciar:

—Falei-lhe ante-hontem.

—E depois...?

—Primeiro ladearam: que era muito nova, que tinha tempo, que haviamos de vêr. Eu teimei que queria o caso resolvido, o velho chamou a rapariga, ella confirmou, e o Sanches foi aos ares: que se lembrasse de que tinha o casamento meio tratado com o primo, que então quem não queria que não lhe escrevesse cartas amorosas, accrescentava o velho, para me intrigar com a rapariga, na supposição de que eu ignorava uma correspondencia que o «primo» sustentava com... commigo! A Rosina atalhou: «pois ou ha-de ser com Angelo, ou não será com nenhum!» E saiu, sem dar logar a mais discussões. O velho, então, voltou-se para mim e disse-me: «Assim o quer assim o tenha. A minha filha quando quizer casar que case, na certeza de que sáe d'aqui só com a roupa do corpo». «Não tem duvida, snr. Sanches, eu não visto saias».

—Isso é que foi responder-lhe a tempo e horas. E agora quando é esse casorio? Olha, casa tens aqui a minha: está caiada de novo, não é um palacio mas não é das peores cá da terra e, por emquanto, para ti e para a tua mulher chega. Só te falta uma coisa...

—O que é?! perguntou assustado o Angelo.

—Marcar o dia do casamento.

—Ah! isso é breve: já encommendei a roupa de velludo.

—De velludo, Angelo?!

—E' o uso, na minha terra: quando um se casa, manda fazer um fato de velludo que serve para o casamento, para o baptisado dos filhos e para mortalha.

—Ah! é verdade, eu ás vezes nem me lembro que tu és da Galliza... que tu já és meio trasmontano, tens bebido muita agua do Villarelho...

—E algum vinho da Terra Quente,—ajuntou Angelo.—E por falar em vinho: ha-de arranjar-me algumas garrafas de vinho tratado, para a bôda.

—Isso ha tempo, ainda tu não sabes o dia...

—O dia é o alfaiate que o marca: logo que elle me dê a roupa, caso!...

Cliché de Carlos Pereira Cardoso

UM BARCO RABELLO

A Vinha do Senhor

A POPULAÇÃO estoica da terra ingrata e calcinada do Douro, onde a miseria vive e a fome instalou arraiaes, ainda cultiva a vinha numa sobrehumana emprêsa, mas com um esforço inglorio e vão. Como um garrote fatal, a videira que era a esperança, plantada num sólo rebelde, ingreme e quasi indomavel de schisto, enlaça, num sacrificio intraduzivel por palavras, o pescoço que foi herculeo do rude trabalhador. A videira que povôa a região eleita do vinho fino, com seus pampanos falázes, estrangúla á semelhança d'essas serpentes vigorosas dos mattos virgens que fatalmente anniquilam quem se lhes approxima.

Maior sacrificio jámais alguem conheceu! Resurgir da terra morta a seiva e a planta, e, hoje, que a vide se apresentava em triumpho, numa ambição unica e suprema, derrubar o heroe que, para a plantar, revolveu o flanco pedregoso dos montes aridos e o ventre dos vales estreitos que vão em declive tocarem os labios humidos do rio impetuoso!...

O enxertador e o seu ajudante

A golpe de ferros com que legiões de homens vigorosos desbravavam «surribando» o «roço» nas plantações ou a tiros de polvora desfazendo as fragas rijas dos «tezos», gastando uma fortuna por cada milheiro entregue á terra deserta,—foi uma azáfama immensa, gloriosa e patriotica.

O Vinho do Porto é ainda hoje a maior riqueza nacional. E' preciso restaurar essa fonte que não se deve deixar morrer... A tarefa árdua do viticultor duriense é necessario encaral-a como uma cruzada fecunda e envolvel-a de regalias especiaes como em tempo fez Pombal, o grande. Mas, desvairada, a Fraude medrou no commercio e a Sophisticação creou raizes quasi invenciveis!

Eis, nestes tempos de calamidade, no Douro a ruina implacavel destruindo todas as casas e ameaçando, sem remedio, de morte á mingua, os cultivadores desfallecidos, muitos dos quaes já emigraram em busca de pão... para longes terras.

Visitar o Douro nesta quadra funesta é um supplicio! A fé obstinada das vinhas foi sacudida profundamente. Como aos santos da crença ingenua, á qual os durienses pediam a saude ou a prosperidade, assim já hoje, desconfiados, amaldiçoam a hora em que plantaram os «leiros», sacrificando-se, empenhando-se até aos gorgomillos. Por vezes, como marinheiros, pilhados mar-alto pela tempestade subita, que praguejam e invectivam o proprio Deus, — assim os lavradores, quando os filhos lhe pedem um «naco» de borôa negra de centeio *para desunirem as paredes do estomago e ninguem lh'o fia*—a indomita coragem d'uma raça altaneira ferve-lhe convulsa e invectivam as divindades explodindo em ameaças... E' só num martyrio que vão cuidar das suas terras, já sem a fé que illumina e sem o antigo amor. Se o vinho se não vende a não ser ao desbarato! E ninguem dá nada pelas propriedades...

Os preciosos vinhêdos do Douro, emoldurados bucolicamente de oliveiras que são arvores de paz

—tornaram-se agora locaes estranhos de tortura onde vae morrendo uma corajosa população. A derradeira vindima deu ainda, num fogo fatuo, a segurança fingida de algum valor, pela excellencia da colheita de nomeada. Mas, logo que recolhido o fructo sem rival no mundo, no vasto manto de verdura assetinada da vinha começou a lêr-se um funesto horoscopo pela carregada chromofilia com que o outomno manchou as folhas que a geada engaranhava e fazia morrer.

Logo ás primeiras chuvadas após a vindima, as parras chromatisaram-se com uma tal magica que dir-se-ia reproduzirem o colorido firme de Goya ou as tonalidades intensas de Ribera. O vento frio de novembro abalou em seguida, nos peciolos sem vigor, os ultimos trajes da vinha e espalhou-os, para fertilisar a terra, já rôtos e desfeitos quasi. As cêpas, então orphãs de cachos, transformadas em ambrosia inegualavel, ficaram núas como aquella princeza da lenda que foi mandada expôr ao temporal, por ter dado á luz uma linda creança loira.

Podando

* * *

Antes de ficarem desamparadas e á livre inclemencia do tempo, pelo demorado inverno frigido, eis que ranchos de mulheres, cantando em toadas dolentes, invadem as terras, a «desvincilhar» as videiras dos paus onde prendiam os braços e os apoiavam para não beijarem a terra, fazendo grandes mólhos com a «madeira» para a encostarem, depois de enfeixada, ás paredes dos «calços» como se fossem braçados de espingardas em descanço, num intervalo da guerra, por entre reductos e despinhadeiros ferida.

Fazendo capões

Algum tempo ficam as terras inertes e quêdas recebendo, nas «escavas» ao pé dos troncos das vides, a misericordia da agua do ceu e fugidios beijos do sol que, num grande amor, derrete a geada a sintillar na fimbria da relva humilde. Um ou outro anno, quando o inverno vae «rijo» e o frio aperta, a neve em flocos d'espuma cahe ao de leve sobre a encosta, mas demora-se mais no fundo dos «avesseiros» onde a custo o calor chega.

Os vinhos entretanto dormem nos «toneis». Com elles, a esperança, a unica fé do lavrador, luz messianica que o não abandona, de melhores dias que não chegam mais.

Pelos dias bons, vae abrindo pequenos valados nas terras mais aptas para semear favas ou ervilhas ou mesmo batatas para ter no cêdo com que enganar a fome que o depaupéra. Já depois de passadas as noites em que o luar é fino, de prata, e nos dias o sol é apetecido nas varandas expostas ao sul—o enxertador vae pelos bacellos e vinhas procurar o «cavallo» americano onde mette «garfos» de tourigo ou d'outra «casta» de boa qualidade e, ligando-os com «rafia», deixa que o «achegador» os cubra de terra num monticulo feito carinhosamente por causa do frio d'enregelar.

Logo nos primeiros inicios da primavera, as vides, quasi todas em socêgo até ali, são amputadas por brigadas de «podadôres» que lhes reduzem as «váras», deixando-lhes quatro ou cinco «olhos», descortiçando e limpando-lhes o tronco com os «podões» e aformoseando-as para as erupções vivas da seiva nova. E as vides choram então lagrimas que se adensam, cahindo por vezes em fio dos golpes violentos e crueis. Parecem mães que perdessem os filhos esquartejados na peleja . . .

Mas pouco tempo os ramos ficam

Abrindo valados

pelo chão—bandos de mulheres, logo os apanham e, juntando-os, liaçam-nos em «capões» que levam á cabeça para as «casótas» e para as «mêdas» erguidas pelos socalcos ao pé das paredes mais abrigadas. Os «capões» de vides são o alimento das lareiras, são o fôgo do inverno aquecedor junto aos escanos onde se come o caldo emquanto o nordeste sopra e a chuva desaba impiedosa.

Ao rebentarem os gomos das vides, brigadas de «cavadôres» apossam-se das terras com enxadas de gachos compridos, revolvem-nas, arejam-nas, enterrando os escalrachos e outras hervas damninhas que assolam os vinhêdos.

Chega depois como no palco d'um theatro, o grupo dos erguedôres de mólhos de junco prêsos á cinta como se trouxessem a aljava de archeiros medievos. Os mesmos páus que tinham dormido o inverno encostados ás paredes, vão servir de tutores aos rebentos-moços; as varas são «gemidas» d'encontro a elles e as extremidades agudas da «madeira», se as mais grossas se metem na terra, as mais finas desafiam o espaço livre. Dir-se-hia um exercito em ar de guerra, de baioneta em riste, abrigado nas muralhas sotopostas dos montes a defender os rebentos novos onde se concentram as actividades, numa exuberancia formidavel da seiva creadora.

Mas é defeza que não basta tão armada e aguerrida... E' necessario, como ás creanças na primeira infancia, que o pó impalpavel do enxofre cubra os pampanos e pelas folhas se derramem e fixem em pulverisação, preparados de côr celeste a impedirem por vezes o traiçoeiro e morbido ataque que uma mudança brusca de temperatura promove e causa.

Maio decorre em dias alegres; a floração mysteriosa e invisivel presente-se só no perfume subtil, delicioso e brando que, nas tardes suaves, os vinhêdos exalam. Ainda perfumista algum captou e liquifez essa essencia nova que vale mais que todas as creações já feitas!

Pelo S. João, que rondas macabras celebram por baixo de ceiras a arder de noite no cimo de pinheiros altos, num culto paganista, e se fazem grandes fogueiras de «bellas luzes» que rapazes e raparigas «salvam» cantado, os cachos ficam como grãos de chumbo e prognosticam a colheita. Outr'ora esse tempo era esperado numa desmedida ancia. Representava melhores dias na certeza da venda remuneradora. Agora, quanto mais vinho, mais encargos, mais contrariedades, peores tempos e de maior desassocego e de maior ruina.

Olhar para uma vinha feita, pujante, rica e forte é um cruel desgosto.

De que valeu tanta canceira estiolante, tanto afinco devotado em povoar desertos cascalhentos, tanto orgulho e tanto amor pela terra! Se ainda o lavrador repára pela vinha é com desmazelo, é com desafecto. Proprietarios ha que já nem «redram» e tem havido alguns que deixaram os predios ao abandôno. Para quê, recolher e cuidar do que nada vale? Oh, miseria das miserias e tormento atroz! Nada mais ter, nem possuir senão uns «torrões» productores de vinho fino, o melhor do universo, e ser arrastado num caminho sem sahida, hypothecada a casa e sem credito algum! Pelo S. Thiago, nos bagos já crescidos e cheios apparece o «pintor» e, se até ahi teem tido labuta extenuante, os cultivadores olham desgostosos para os cachos que se definem e aprimoram, negros uns de puro azeviche, doirados outros e transparentes como cêra.

Erguendo

As uvas, nos mezes ultimos do esbrazeado estio do Douro, enriquecem-se e sublimam-se, servindo até de alimento e alimento de grande valor.

O sol é argelino então. Logo desde manhã incide, a arder, sobre os vinhêdos que mal defendem, com a pouca folhagem, os cachos das suas iras. A atmosphera é de fôgo, todo o dia. As tremulinas reverberam dos montes, chamejando como se fosse a terra a queimar-se. Quasi nem se respira! Nasce o dia e morre a luz; o mesmo calor extenua, opprime e cança. Só alta madrugada é que Douro arriba, vem uma aragem apaziguante. E' um ambiente de estufa natural onde os bagos dos cachos, enchendo-se de saes, concentrando-se em assucar, estão totalmente mergulhados. Doiram-se as uvas brancas. Retingem-se as negras. O sol dardêja pelas vinhas e reflecte-se pelas paredes dos socalcos, tornando quasi inhabitavel a região inteira.

E chega a epocha do córte das uvas de «pendura». Vão os caseiros, com duas ou tres mulheres, pelas vinhas todas, em procura da «trincadeira» de bagos rijos, do «alicante» que é saborosissimo, da «ferral» que dura muito e do «moscatel de Jesus» aloirado, delicioso!...

Em casa, atam-se-lhe «guitas» aos pés. E, dois a dois, os cachos, erguidos com uma canna que tem entalhes numa extremidade, vão prender-se nos altos tectos das salas artesoadas e nos compridos corredores das velhas casas de quinta, caiadas de branco, postas aqui e além, por todo esse infeliz Douro.

O jantar dos trabalhadores

E' o preludio das vindimas—para que o «rancho» não as vá cortar de preferencia para comer, quando anda na vinha.

E que singular aspecto não têm as casas do Douro, por essa epocha, com doceis de cachos, polychromados, onde se alterna a vermelhidão, o tinto, e a brancura dos bagos, formando longas fiadas caprichosas, de novas estalactites, que pelo anno a diante se vão tirando. As «cambadas» das uvas são de estimar como os «rosarios» de figos, as «pintas» sêcas e as «cascas» de pêcego—reservas caseiras, para o tempo em que não ha fructa.

Em todas as casas ninguem deixa de ter pelo menos duas ou tres «redeas» de gouveios—fechados como um punho, semelhando lagrimas de gigantes prezas ás varas cortadas das cepas.

Quando o lavrador mette um bago á bocca, ao escano, nas noites de lareira, sente como ninguem ser o sangue proprio que bebe, num autophagismo cruel e torturante de que se não libertará...

Lavam-se os «cestos»; limpam-se os lagares; arranjam-se os «cardenhos; põe-se colmo nas tarimas para deitar a «gente»... Escreve-se ao «rogador», fixando-lhe a data da vindima e quantas pessoas deve trazer, na «ranchada».

Por todo o Douro vae um grande movimento. De toda a parte convergem para as quintas, bandos e bandos exoticos de lagareiros e vindimadoras com as suas esturdias selvagens de ferrinhos e bombos com os seus costumes estranhos de capas e sóccos, vindos com tres e quatro dias de viagem—sejam os barrosanos de trajes typicos, ou os beirões esforçados.

E' uma invasão—donde outr'ora vinham buscar muito mas donde agora levam o resto do casal empenhado, as ultimas pratas vendidas, a derradeira esperança morta. Os cantares, porém, esquecem os males e a desdita. E o pobre duriense, atira-se ainda com fé á sua unica colheita, se nada mais tem! Que triste vida!

Tudo então se prepara para as colheitas, a unica recompensa de tanta labuta improductiva, de tanta hora de amargura...

Cultivar a vinha, trabalho inglorio, é desespero que extenúa, algêma que deprime, esforço que avilta. Uma ave sinistra e negra—a Miseria—paira sobre todo o País Vinhateiro estendendo anniquiladora a sua aza amaldiçoada por sobre a ruina de muitos e o desassocêgo de todos.

A vinha é machina que acorrenta na mesma e torturante engrenagem uma população inteira, já definhada, cachetica e famelica! Se não dá pão e tratar d'ella é trabalho continuo, inglorio, improductivo, tragico até!... Desolado e lugubre, o lavrador não vive já—é uma sombra. Mas donde vem o mal? Se força teve para revolver as duras terras num cyclopico afinco, não pôde esmagar a cabeça á vibora—a «Fraude», que as leis actuaes não vencem e que só o «Exclusivismo do fabríco dos vinhos generosos» destruirá de vez. Vencer a terra, domal-a com victoria, estender a cultura como se se espalhassem mancheias de esmeraldas por montes e vales, foi facil tarefa. Agora só resta viver das pedras dos caminhos, até findar...

E' que a vinha não é do Senhor.

A vinha no Douro é da Morte.

AMILCAR DE SOUZA.

(Photographias do ex.mo snr. A. Pimentel, distincto amador duriense).

AS VINDIMAS

NÃO obstante a tristeza que assoberba o Douro, um clarão d'alegria, pallida sobrevivencia do contentamento rural e divino da antiguidade, banha as suas accidentadas encostas por occasião da colheita da uva.

N'essas horas fugidias os altares e amphiteatros de vinha das montanhas durienses dão a illusão d'uma alta ventura que morreu, porque essa multidão de *vindimeatores*, esquecendo a amargura da sua miseria, accorda e enche o silencio grandioso da paisagem singular com a jovialidade do seu riso e das suas canções.

Desafôgo rapido no giro annual do infortunio!...

O S. Lourenço já vae longe, findam as ardencias d'agosto e os *provadores* das grandes *quintas* sobem até ao país do vinho sem rival para observar o estado geral dos vinhedos, que lhes estão respectivamente confiados, e fixar a epocha da vindima que é sempre variavel, conforme a natureza do solo, as condições de situação, as vicissitudes metereologicas e outros factores que influem na maturação.

E vá de examinar os vidonhos e provar então através de cêpas baixas e bardos os cachos pequenos do *Tinto-cão*, os grandes da *Carvalha*, as finas qualidades da *Malvazia*, do *Sousão*, do *Alvarelhão*, da *Tinta Francisca* e da *Touriga*, o *Moscatel branco* da côr da esmeralda, o *Mourisco tinto* violaceo, a *Codega* com tons de topazio...

Feito o exame e concluida a prova, bem minuciosa, bem mastigada e bem saboreada, determina-se o dia para a tarefa, ruralmente, inegualavel, que se não antecede, porém, ao termo da primeira quinzena de Setembro, nem se dilata muito para além do S. Miguel.

Entretanto por armazens e lagares corre uma azafama inaudita de varrimentas, esfregações e lavagens e um barulho martellado de tanoaria em aduelar e tampar as vasilhas, reforçar os arcos, calçar os toneis...

A caminho da vindima

No dia fixado pelo *provador* ou pelo proprie-

tario, senão já de vespera, apparece o pessoal vindimeiro, que préviamente se havia contractado, por intermedio do engajador — o *rogador* -, e vem de longe, dos recessos das provincias beirãs e trasmontana, quando não do Minho.

A risonha faina, que, mais que nenhuma outra, se faz com prazer, inicia-se ainda nas frescuras matinaes, se é possivel, pelos sitios onde mais tarde a soalheira deve atormentar, dispondo-se as mulheres e rapazes á cabeceira das linhas ou testada da vinha para marcharem a eito e em direcção ao lado opposto.

De começo, a malta, já pelo encontro, face a face, com patrões ou camaradagens desconhecidas, já pela inevitavel recordação, que o momento evoca saudosamente, dos que emigraram ou partiram em definitivo para o além, ataca o trabalho silenciosa e encolhida. Mas, pouco e pouco, tristezas passam, o rastilho da palestra incendeia-se pelos mais audazes, a lingua desencaixa-se, frecham-se dictos que sibilam, risadas troam no ar, soltam-se cantigas ao vento. Evohé! Evohé!

O sol, o delicioso sol do equinocio, sobe no azul maguado e fino do ceu dos principios d'outomno, a animação cresce.

É então summamente impressionante e profundamente suggestivo, sob as sonoridades dithyrambicas, o espectaculo da vindima.

Por entre os vinhedos já polychromados pelos primeiros desfallecimentos das seivas, mas cujo fundo verde ainda prevalece, agita-se o magote de vestuarios multicolores do rapazio e das vindimadeiras, que sob a vigia dos *feitores*, esmiuçam as cêpas, colhem os cachos que separam da vide com uma navalha, *fazem a escolha* ou extracção das uvas verdes, affectadas ou pôdres, e lançam-n'os seguidamente no cestinho asado que, uma vez cheio, se despeja nos grandes gigos vindimos em fórma de tronco de pyramide quadrangular invertida.

Enchendo o balaio

Do balaio para o gigo

Estes, logo que sejam repletos são conduzidos para os lagares pelos adultos — os *carregadores*.

Nas grandes vindimas o transporte é um dos episodios mais bellos, quando os carregadores, em grande numero, com as cabeças cobertas por uns saccos que lhes descem para as espaduas e os gigos ao alto das costas, marcham em fila, ao longo d'um caminho ou d'um *calço*, silenciosos e em passo cadenciado, como sacerdotes que em austera gravidade religiosa levam as offerendas para a ara do sacrificio; no rythmo dos seus movimentos, na elegancia e no vigor das suas attitudes dão, por vezes, a ideia d'um friso, cujo baixo relevo milagrosamente se vivificasse, e, destacando-se do bloco em que havia sido gestado e talhado, exhibisse ante os nossos olhos assombrados a ceremonia liturgica d'um desconhecido culto.

A turba vindimeira entretanto avança ruidosa, esfusiante, expansiva, deixando, após si, os gigos vindimos atufados e denunciados, entre a vinha já viuva dos fructos, por altas varas enramalhadas de parras, como os thyrsos classicos.

A chamma solar abraza, as gargantas reclamam lubrificação, os proprietarios em dia de festa são generosos, respira-se uma atmosphera de volupia e os abraços dos pampanos provocam o enlaçamento de cinturas e a caricia dos labios, como se occultos satyros andassem excitando as energias do prazer.

Durante a refeição — quem pensa em comer? — a festa dyonisiaca não cessa, mostrando-se em certos convivas a face grotesca e maliciosa de Sileno cortando com gritos e exclamações estridentes a musica barbara d'uma instrumentação primitiva. Evohé! Evohé!

Pela tarde mais se escandece a reinação, proseguindo a tarefa, como folguedo, até depois de Vesper se mostrar fulgindo, serena e olympica, no ceu afogueado do crepusculo.

E pela treva continúa o festival em honra de Bacho, o brejeiro filho de Zeus e Semelé... Evohé! Evohé!

E outro e outro dia se succedem n'esta folgança rural ainda cheia de reminiscencias pagãs.

Eis em rapidos traços como se faz a colheita das uvas no nosso Douro, que não diverge na essencia da que fez o remoto Egypto, a India mysteriosa, a esplendida Hellade, Roma a soberana, e ainda a Edade Média tal qual nos esclarecem o celebre capitel da cathedral de Reims, os frescos do florentino Benozzo Gozzoli, no Campo Santo de Pisa, e o ingenuo capitel da grande nave da igreja de S. Domingos em Villa Real.

Setembro, 1909.

MANUEL MONTEIRO.

Cortando os cachos

Numa porta se põe o ramo...

SORTEADO para vender o vinho, da incumbencia me agradei julgando que fôra facil receber a mercadoria da mão do viticultor, chegar á praça e *toma lá dá cá* como os garotos.

Bem pensado, eu não devêra inspirar confiança quanto a talentos de negociador, se se fosse olhar ao mal que vendo os meus livros. No meu trafico com essa especie de negreiros chamados editores, eu reproduzo nem mais nem menos do que o rapaz dos pombos.

O rapaz dos pombos era um pequeno de boa familia, dos seus quatorze annos, a quem uma camada de bexigas ensandeceu. Tinha elle um casal de pombos, côr de café-com-leite, aos quaes estremecia com esse paterno carinho inherente á posse. Nunca se deitava sem os deixar deitados, o mangedouro atochadinho de milho e o bebedouro razo d'agua. Mal se levantou das maleitas e que teve licença de andar pela casa toda, foi vêr os pombos; e sem mais nem p'ra quê passou-os da gaióla para o cesto das compras que a creada pendurava d'um prégo na cosinha, carregou á cabeça e foi para o *Bolhão* enfileirar-se no arruamento dos vendedores de animaes.

Passou uma mulher de idade com a sua capa-chale que lhe perguntou:

—O' menino! quanto valem os pombos?

A Bachante

—Vocemecê é que me ha-de dizer quanto elles valem . . .

—Quer sete vintens?

—Não, senhora.

—Dou-lhe sete e meio . . .

—Nem sete quanto mais sete e meio! dou-lh'os por um tostão, serve-lhe? eu estou aqui p'ra perder, não estou p'ra ganhar.

Ora é assim que, sem jámais ter tido bexigas, procêdo com os editores, fatalidade por que pendo a crer que as bexigas deram commigo antes de eu nascer.

De resto, não conheço nada mais difficil do que vender; superior só sei da difficuldade que ha em comprar quando se tem os grandes ganhos que frúe o escriptor português.

E' a minha experiencia que fala. Toda a vida ouvi dizer que um revólver era um traste que valia sempre dinheiro e que, sendo bom, até em segunda-mão era caro.

Um dia deram-me um revólver. O dador era homem rico, bom calção e atirador ao alvo o que é raro em monteiro vesado nas chumbadas certeiras ás perdizes e aos coelhos pelos oiteiros da Estrella. Affiançou-me o morgado o seu presente, arrazoando que nem ruim arma me daria porque se havia perigo no tiro d'uma arma fraca era para quem disparava e não para a pessoa contra quem era apontado.

Fiquei contentissimo. Era a idade do cigarro, de quando a sombra entra a fazer-nos tropeçar.

— Pesa mais do que o meu dinheiro . , .
— E menos que o coração d'um homem . . .

Veiu a primeira necessidade d'um masso de *Ferreirinhas*, e eu, coherente e terrivel, disposto a matar redondamente a falta de dinheiro d'um mez, zás! disparei o revolver p'ra casa d'um armeiro que me deu por elle duas meia-corôas!

O espectro da penuria foi apenas ferido de raspão e ao fim de tres dias andava outra vez a metter-se-me á cara, a olhar-me atrevidamente, tanto mais affoito quanto já me presentia desarmado para repetir a descarga.

Outra passagem da minha negregada experiencia. Comprei um relogio. Garantiram-m'o por um anno, com um bilhetinho do relojoeiro.

Dois mezes depois, o relogio importunava-me a contar as horas transcorridas a pensar na falta de dinheiro. Em vez da companhia, como dizem que é um relogio, o meu saíu-me ao pouco tempo um importuno descaroavel. Fui ao homem que m'o vendêra e, pelo rebuço de lhe amostrar arruinado o freguês que sessenta e dois dias antes impára na acquisição da joia, nem lhe levei o bilhête que garantia o relogio nem me dei por conhecido.

O negociante abriu as caixas com a lamina d'um canivête, pôs a lente do officio, mirou a fabrica, tornou a fechar as tampas, em silencio, e com desdém pegando-lhe nas pontas dos dêdos como quem péga num trapo infecto, sentenciou:

—«Não vale um chavo gallêgo!»

D'ahi entrei a respeitar o commercio, desde o homem das limonadas ao importador de algodões e de bacalhau.

Negociar é comprar por um chavo e vender por duas libras, e eu só me reconhêço o talento de adquirir por duas *loiras* e desfazer-me do objecto por um chavo.

Negociar é um dom que não tenho. Comtudo sou o contrario dos que se imaginam aptos a entender de tudo . . . o que nunca estudaram. E quando os ouço a alardear desprezo pela funcção do commerciante, a dispender a commiseração de quem lida com assumptos nobres pela subalterna occupação do intermediario,—rio-me e penso naquelle Carvalho, continuo do Lyceu da Victoria, o unico philosopho que eu conheci até hoje em carne e osso, mais osso do que carne porque elle era magricella até á ethica que o matou.

Costumava o Carvalho jogar o bilhar, num café de estudantes que já expirou. Mas o costume não lhe deu grandes qualidades de taco, e em se lhe *fallando á bola* era carrada certa e carambola perdida. O Carvalho, enfiado, vingava-se em dar jiz na anta do taco, e, quando se via muito agoniado de raiva, a dizer para o parceiro:

—«Jogue, jogue e deixe-os falar que a ignorancia é muito atrevida!»

Aqui declaro á puridade que todos os professores do Lyceu me não ensinaram todos elles juntos, em todo o curso de preparatorios, outra verdade tão profunda para aparelhar com esta que o continuo que contava as faltas e lhes servia os copos d'agua me incutiu, sem me levar dinheiro, na matricula do seu curso.

Nada ha mais atrevido do que a ignorancia, nada! E, se assim não fosse, não se via por ahi a ensinar mathematicas quem, quando estudante, decorou as demonstrações dos theoremas, nem a ensinar francês quem ao chegar a Handaya, de regresso de França, exclama:

—Ora graças a Deus que vou comer?

—Então v. ex.ª . . . ?!

—Pudéra! eu entendo-me lá com francêses, ou elles commigo! . . .—apostrafava o «terrivel» examinador do francês preparatoriano.

E' essa ignorancia atrevidissima que cuida que o ser commerciante é trocar riscado por aguardente e polvorinhos por pontas de elephante.

Eu, graças a Deus, ouvi em boa idade a phrase do malogrado Carvalho do Lyceu, e sempre que me perguntam:

—Você porque não lecciona? Olhe que dá muito...

Eu contesto:

—Não me sinto habilitado para ensinar sequer primeiras letras. E admiro muito mais um homem que, sem autoridade, se arroja a sentar-se numa cadeira professoral, do que um aeronauta ou um domador de leões.

Até hoje, ao cabo de muitos annos de estudo, só consegui saber que não sei escrever, unica coisa que ambicionava saber e á qual sacrifiquei todas as vans commodidades e facilidades d'esta veloz passagem pela vida.

Neste compenetrado respeito pela profissão alheia, respeito de que tenho usufruido a incalcu-

lavel fortuna d'uma absoluta harmonia com a minha consciencia, eu entendo que mesmo a vender agua chilra se póde acumular grandes cabedaes, com tanto que se saiba colher a agua chilra. Não me sinto vendedor de vinhos, mas cuido comprehender os requisitos d'um vendedor notavel.

Para vender vinho, a primeira coisa que eu presúmo que seja preciso possuir é um conhecimento completo do que é um casco de vinho. Um comprador é afinal de contas o primeiro julgador do producto que ámanhã ha-de querer negociar. E o melhor vendedor de vinhos por força será aquelle que melhor destrinçar as zonas privilegiadas no mappa de Forester, aquelle mais capaz de prophetisar o futuro d'uma cêpa ao entrar d'ella no valado, de proclamar, pelo olphato ou pela enxaguadêla nas mucosas buccaes, a patria d'uma amostra, as virtudes atavicas, os defeitos adquiridos nas más companhias d'uma lotação ou no ambiente d'um tonel onde, por exemplo, haja cahido inadvertidamente uma moeda de metal.

E' a fórma de se garantir a si, comprando productos de confiança, e de garantir o seu comprador que se acreditará no mercado, acreditando o exportador e a adega, firmando-se assim os successivos clientes que uma gotta de vinho percorre até chegar ao copo do consumidor.

A par d'esse profundo conhecimento œnologico, requer-se uma, embora succinta, consciencia do estado dos mercados, das influencias prejudiciaes ao repontar d'ellas, as tendencias, os *stockes*, as preferencias, as concorrencias: geographia, economia-politica, calculo e instincto.

E o que mais se vê são miniaturas d'estas: dois homens associam-se para explorar a exportação vinicola—um é do officio, outro é capitalista. O primeiro vae procurar mercado; o segundo fica agarrado á burra. Parece que estando o «socio industrial» a tratar com os freguezes e o homem dinheiroso a tratar com o dinheiro, as coisas estavam sabiamente no seu logar. Pois não estavam. O homem do capital era tão abastado de vaidade como de haveres. O vendedor, manhoso e psycologo á força, não tardou a lhe notar e explorar a vaidade de alardear dinheiro, e o capitalista desatou a comprar quanto vinho lhe apparecia. O socio communicava-lhe de lá: «Vendas paralisadas»; e recommendava-lhe: «não compre vinho». Mas mal o homem de cá ia a querer parar, o offertante dava a entender por entre dentes que desconfiava do pouco animo da caixa. O vinho subia damnadamente. E a intelligencia do capitalista, como se lhe fosse facil mandar vender ámanhã esse vinho mal elle subisse mais tres pontos, especulando a sabida jogatina do «algodão-papel», ia de remessão na compra, comprando, comprando até que o socio lhe entrou pela porta dentro com as mãos na cabeça.

A firma além do necessario havia immobilisado cêrca de vinte contos em vinhos que não implicavam apenas o prejuizo do empate—já consideravel no jiro dos negocios—mas o prejuizo certo da baixa do genero adquirido numa maré de despropositada alta que a primeira colheita despenharia para uma desvalorisação prevista e annunciada por qualquer taberneiro.

O capitalista nessa altura arrepiou carreira, recusando-se a fornecer mais capital, e ainda por

—As mãos vindimam, as cabeças tecem...

cima desatou a gritar que estava desgraçado, que o socio o havia arruinado. O outro, arruinado na verdade, não gritou coisa nenhuma, chamou a casa a si, hypothecou quanto tinha e a estas horas vae a caminho de esquecer o prejuizo, signal de que pouco lhe falta para se refazer do pesadêlo do capitalista.

Nossa Senhora do Amparo livre os meus inimigos—que são todos os homens mais ou menos problematicamente ricos approvados por empênhos no exame de instrucção primaria—de socios capitalistas que orçam quasi todos por este!...

O que o negocio, qualquer que elle seja, mesmo o de cascas d'alhos, requer, é quem saiba lidar com elle.

Coisa bem commum é bifurcar-se um homem no lombo d'um cavallo e todavia até tratar com burros tem que se lhe diga! quanto mais com um genero como o vinho que só tem o chá para o exceder em sensibilidade exquisita, perturbando-se com o menor cheiro, sentindo-se do menor mau geito.

Eu vi Batalha Reis, na casa da Granja, em Barcellos, provar um vinho ao almoço, tomar-lhe bem o gosto, confirmar-se com o olfacto, e dizer:

—Parece ter sido lotado com vinho de tal quinta (propriedade arredada).

Era certo. Isto é que é entender!

Ora eu, de vinho, entendo nada. Os vinhos de pasto todos me sabem a vinagre, e a respeito de vinhos generosos só os respeito quando elles teem a idade em que se beija as mãos ás senhoras.

Um contra-regra chamava, para lhe dar ordens a uma corista d'uma peça em que entravam principes e populares:

—«O' *coisa!* O' homem! Você como se chama?

—«Eu sou povo!

Assim, nesta tragedia vinicola: eu sou povo.

E como o povo que perante a obra d'arte não attinge a subtileza d'um *calembour*, e goza e entende e aponta as grandes obras primas, expressas sejam ellas numa téla ou num bloco de marmore, a mim escapa-me o valor d'um vinho intermédio, os palhêtes, os vinhos brancos, os tintos de estimação, mas presinto a leguas a lagrima generosa chorada durante meio seculo no encarceramento d'uma adéga.

Não é esse o vinho que eu venho vender á praça do Porto: é o «consumo», o «tratado» averiguadamente durienses e averiguadamente vinhos, mas «novidade» a que falta o prestigio da teia d'aranha para encontrar prompto mercado nesta negra maré de crise.

Em todo o caso eu não irei traduzir o meu paladar, dizer a ninguem que é vinagre o vinho que pretendo collocar.

Mas posso pender a exaggerar como Newton que, sendo questionado por certo empregado aduaneiro sobre o valor que attribuia a um telescopio que, á falta de tarifa regulamentadora, tinha de ser tributado *ad valorem*, respondeu:

—O valor d'este instrumento? incalculavel!...
—e, como ao pobre Newton, sobrecarregarem-me de direitos, a me não permittirem metter o vinho dentro de barreiras.

Tão inconfessadamente incompetente, o mais acertado é darem-me as duas garrafinhas da amostra e eu ir bater matto por essa *Praça Infante D. Henrique* e pelas congostas de Gaya a vêr se ha uma boa alma ingleza, nem que seja protestante, que creia em Deus e no Douro.

Eu fio que alguma haverá e que a Vinha do Senhor... Amilcar de Souza, redrada, erguida, podada e enxofrada por elle, e vindimada, sem chuvas, pelo phebo Manuel Monteiro,—terá comprador.

Mas isto, hoje em dia o tratado da chimica das falsificações é já muito mais volumoso do que o tratado da chimica verdadeira, e eu não quero méças em que mais dia menos dia Jehovah encontre difficuldade em collocar no mercado ar atmospherico authentico, embora lhe pônha na etiquêta: *trade mark.*

* *

Se não receasse a accusação de plagiario ou me não acanhasse a lembrança de que uma das tres maneiras por que Julio Cesar Machado explicou a furia das citações foi como uma ostentação de erudição da parte de quem cita,—eu chegava-me ao pé do Dr. Assis e pedia vénia para lhe transcrever a exhumação da sua evolução historica do Imposto: «O Imposto em Roma começou por não existir».

Transportaria para aqui a phrase com os cuidados de que o snr. Conselheiro José Fortes acompanharia a mudança d'uma sepultura pre-historica, d'uma mó manuária ou mais um almejado milliario da via romana, e entoaria a retrospecção:

—«A Crise no Douro,—com licença do Dr. Assis,—começou por não existir!»

Ha um quarto de seculo, o lavrador não saía de casa com a amostrinha do vinho, embrulhada num papel de jornaes, para descer as costeiras do Porto e subir as escadinhas do escriptorio inglês, de chapéo na mão, a offerecer a adéga.

O inglês, ha vinte e cinco annos, ainda se dava ao trabalho de ir ao Douro, comprar.

Entrava ahi como em terra conquistada, de chapéo na cabeça e chicote debaixo do braço, mas co'os diabos! era elle que procurava não o lavrador que offerecia. Vaccas gordas que eu já não vi mugir, quem descreve conscienciosamente e brilhantemente esse quadro de costumes é Ramalho Ortigão com a fidedignidade de contemporaneo e o seu vigor de mestre:

«Antigamente, quando os meios de transporte eram longos e difficeis; quan-

Na vinha: Tanto é elle na adega que nem valia a pêna vindima lo

do os meios de transporte eram longos e difficeis; quando se gastavam quatro, seis ou oito dias, para vir embarcado do Porto á Regoa, trazendo-se toda uma estalagem fluctuante no barco rabelo, com colchões na chilreira e debaixo da apégada, e com munições de bocca, carneiros, cabritos, leitões e gallinhas, para ir matando e comendo pelo caminho,—o inglez ficava em casa, e as compras eram feitas pelos commissarios residentes na Regoa.

Hoje, o commissario acabou. O correspondente da Regoa acha-se reduzido a uma especie de factotum, encarregado quasi exclusivamente de ir esperar o inglez á estação do caminho de ferro, de lhe proporcionar carruagens ou cavallos de aluguer, ou de o seguir a pé de quinta em quinta como pagem de lança ou como escudeiro, levando ao tiracollo o sacco de viagem, ou sobraçada a maleta cylindrica de afivelar á sella, dentro da qual o inglez transporta de vinha para vinha um par de piugas, as suas chinellas, a sua camisa de dormir, uma navalha de barba, um sabão Windsor, o ultimo numero do *Punch*, e um saca-rolhas.

Vestido de *gentleman-farmer* ou de *country—gentleman*, de grossos sapatos com esporas, *Knickerbocker* ou calças de equitação forradas de camurça e abotoadas justas á perna do joelho para baixo, jaquetão escocez, luvas de governar, cabo de chicote debaixo do braço, camisa de flanela ou de foulard, faces rubicundas, chapéo molle ou panamá sobre o ôlho, cercado das attenções e dos respeitos de todo o mundo, o inglez tem o aspecto pittoresco e feliz de ser propriamente elle o dono de tudo isto.

Dirieis um conde da mais nobre e velha linhagem da Inglaterra ou da Escocia passeando em correição pelas casas dos seus vassalos. O mesmo principe de Galles, em digressão de recreio pelos *cottages* dos seus rendeiros, não tem um ar mais nobre, nem mais dominador, nem mais senhoril, que o de qualquer d'estas calças de couro emigrados do trato mercantil das docas de Liverpool ou de Southampton.

Seguem, precedem ou acompanham estes viajantes, de pouso em pouso, de estação em estação, grandes e appetitosos cestos merendeiros, pesados de viveres e de drogas: latas e terrinas de conservas de perdiz, de gallinhola, de lebre, de figados de pato, de salmão; massos de chá preto; frascos de soda e de sulfato de quinino, capsulas de oleo de ricino; e numerosas garrafas de vinho velho do Porto, de *soda-water*, de *potass-water*, de *forbach-water*, e de *cognac*.

Os magros proprietarios de pequenas colheitas, de oito a dez pipas apenas, de vinhos pobres e frios, improprios para a lotação e para a baldroca do armazem, apenas potaveis,—individuos para quem o inglez nem se digna de olhar, para não azedar a vista e a digestão—, vêem-o passar nas ruas da Regoa, onde elles vagueiam envergonhados ao farisco de um comprador, e seguem com os olhos avidos e famelicos esses cabazes de pingues munições, symbolos ambulantes de fartura como cornucopias de viagem.

Chegado ás grandes quintas conhecidas, o inglez manda o commissario, a correr, chamar o proprietario, e espera-o na vinha. Ahi prova a uva, ouve o calculo feito sobre o computo da lagarada, e ajusta o preço do vinho segundo a cotação do anno. Depois de fixada a importancia da compra, por cada pipa em mosto, o inglez penetra na casa do agricultor. Antes d'isso nunca! O negocio trata-se na vinha, em pé, de chapéo na cabeça. O proprietario, de ôlho investigativo, as mãos nos bolsos, torcendo nervosamente o fundo das algibeiras, affectando serenidade e indifferença. O inglez, cuspindo para o ar a casca dos bagos mastigados, passeando, dandinando entre as cêpas, chicoteando as parras, falando com pronuncia saxonia um portuguez d'alfandega, em estylo composito de tanoeiro, de arraes, de moço de armazem, de troquilha e de mariola, dando invariavelmente o tratamento de *vocemecê*, a qualquer que seja a pessoa com quem fale.

Metade dos ares de importancia e das figuras de rhetorica usadas pelo viajante britannico em o discurso d'essas transacções bastariam para que o proprietario, se fôsse assim tratado por um portuguez, o corresse a pontapés pelo parreiral, ou o mandasse pôr, suspenso das orelhas, ao fundo da quinta, por um guarda das uveiras.

O inglez é respeitosamente convidado a repousar e a tomar um refresco na habitação do viticultor. Na casa de jantar, sentado á mesa, tendo sido

P'r'o lagar

apresentado á senhora que a preside, o negociante recolhe-se, e faz o que póde para pôr em evidencia o *gentleman*. E' grave, é ameno, é discreto, e digna-se até por vezes de falar em amisade a nobre lingua dos dramas de Shakespeare e das notas do banco de Inglaterra. E' depois d'esta refeição sacramental, no momento de sahir um pouco mais rubro do que entrára que o inglez fecha a compra do genero. De que modo? Tomando um apontamento em cifra na sua carteira de viagem, e dando ao dono da mercadoria... um *shake-hands*. Por meio d'esta simples formalidade, tão commovente quanto destituida de toda a especie de garantia, se acha fechada a transacção.

Quando muito bem lhe apraz, no regresso da sua excursão, o inglez reapparece, deixa um signal em dinheiro, e almoça. Chegado ao Porto, envia a aguardente com que deseja temperado o vinho no casco, e no mez de março manda recolher a compra ao armazem em Villa Nova de Gaya. O pagamento é feito do seguinte modo: um terço á carregação em março, abatendo-se então a importancia do signal recebido; um terço pelo S. João; o terço restante pelo S. Miguel, isto é, onze mezes depois de effectuada a compra, quando o genero tem tido tempo e retempo de estar revendido e pago ao prazo de tres mezes em Inglaterra. Com um capital de cem ou duzentas libras para o pagamento do signal unicamente, ou do signal e da primeira prestação,—capital facil de levantar sobre a garantia da transacção feita,—o negociante de vinhos entra de chapa em pequenos negocios de varios contos de réis por anno. E' um dos mais lindos modos de vida que eu conhêço».

Tem razão, Ramalho. Mas esses tempos bons eram, porque aonde se punha o ramo ahi se vendia o vinho, e, por muito tarde que o lavrador apurasse o dinheiro, bem compensado era em vender o vinho antes de vindimado. Quant'é agora juntam-se duas colheitas, sem estar uma vendida.

E é preciso ir requerer longe o freguez. Os retalhistas de vinho não compram um almude e Deus sabe onde elles vão se sortir de vinho e que vinho ali se bebe! No cunhal do estabelecimento um ramo de louros symbolo do thyrso bachico, annuncía a cheia de Noé, mas numa porta se põe o ramo, noutra se vende o vinho. E onde elle se vende bom e de confiança—nos Armazens de Gaya—, natural é que ahi o comprem.

Inutil vasculhar a praça Infante D. Henrique com a nossa anciedade precisada: o inglês apenas estaciona por 'li á hora de saír do escriptorio, por essas cinco horas da tarde para tomar o seu whyski no «Manuel dos lanches» ou no *Shores*. Ha que procural-o em Villa Nova. Depois das oito horas, elle lá está infallivel e attento com a sua barba feita, e o seu banho frio tomado. E' transpôr o pateo que foi outr'ora récio de vivenda fidalga, e que o inglês, grato ao país do sol, amorosamente povoou de canteiros onde ha moitas de resedas, subir a breve escadaria de pedra, e annunciar-se. O inglês atravessa a quadra do escriptorio socegada como bibliotheca de mosteiro, encosta-se ao seu balcão e ouve.

Geralmente conhece a quinta que lhe offerece vinho, e senão, conhece a zona: aceita a amostra, pergunta o numero de cascos, e se o vinho lhe agrada fixa o seu preço tão inexoravelmente como uma taxa cambial. Pagador é tão bom como a Providencia que jámais deixa de pagar.

Foi a um d'esses emporios, tão idoso que as invasões francezas já lhe queimaram o archivo, que eu fui bater. E foi lá que eu ouvi:

—Esta casa tem mais de dois seculos de existencia. Pois posso provar-lhe que nunca, desde que esta casa é casa, nós estivemos como agora estamos ha quinze dias sem receber uma encommenda de Londres! O vinhateiro queixa-se e com razão: mas como podêmos nós comprar, se não vendêmos!

—Mas nem caro nem barato?

—Nem caro nem barato! Se eu lhe disser que nos leilões semanaes se tem este anno vendido vinho do Porto em Londres a 4 libras o casco!... Nem dá p'r'o transporte e direitos!

—Mas isto será a condemnação do genero? Ou apenas a tendencia da vida moderna para o genero barato, embora ordinario?

—Ambas as coisas: a segunda favorecida pela invasão do vinho do sul que nós temos aqui por 7 ou 8 mil reis o casco. Mas a primeira é que é o grave indice d'esta paralysação no mercado vinicola. O vinho está sendo cada vez mais excommungado pelas *Sociedades de Temperança* que já se tornaram moda em Inglaterra e que vão contaminando o resto da Europa das suas theorias malfazejas do vinhêdo e dos viticultores. Para mal dos nossos peccados tornou-se moda, e ha *clubs* em Londres de que é expulso quem fôr surprehendido a tomar um calice de Porto. E como se isto não fosse uma corrente assustadora, Chamberlain veio trazer á guerra ao vinho o temivel contingente da sua suggestiva e admirada palavra. Imagine que o famoso ministro da *Rainha Victoria* percorreu a Irlanda, prégando, num ardor de guerra santa, a guerra ao vinho! Ajunte a isto tudo, a fraude dentro e fóra do país, a fraude dos hespanhoes, a concorrencia feroz dos italianos, o augmento da vinha em Portugal, e veja que horizonte! De tudo isso, porém, se podia triumphar; o grande espectro é a propaganda das sociedades de temperança, o desuso em que vae caindo o vinho.

Descendo a *Calçada das Freiras*, lamacenta e escorregadía, verdadeiro calvario dos corretores de vinhos, das mulheres que dos armazens levam as caixas de vinho do Porto para as barcaças que as vão embarcar aos *steamers* de Leixões, dos carros de bois que ainda a transitam com cascos entrados pelas Devezas, eu pensava entre mim, neste pobre e tardio povo: antes de os outros paizes saberem fabricar o vinho, elle não produzia o bastante para emborrachar um *club* britanico; hoje a fraude provocou-lhe uma super-producção!

Tem teares de mais, tem medicos de mais, tem bachareis de mais, tem cêpas de mais e, desgraçadamente, não tardará a ter homens de mais.

Portugal parece ter nascido á sexta feira no mundo dos negocios, o que lhe dá direito a clamar como aquelle pessimista: «Se eu fabricasse chapéos as creanças nasciam todas sem cabeça!»

Ah! Se a *Rosa Bebeda* fosse viva, só ella era capaz numa semana de dar vazão ás cincoenta mil pipas que sobrecarregam as adegas do Douro! Neste mundo até os bebedos fazem falta!

JOAQUIM LEITÃO.

A CRISE DO DOURO

SUAS CAUSAS

E SEUS REMEDIOS

Vindimadores : avergados sob o trabalho e sob as apprehensões da crise

A CRISE DO DOURO mantem-se, hoje como hontem, no mesmo periodo agudo, intenso, com tendencias para aggravar-se. E faz pena que assim seja. Causa dó vêr assim a famosa *região do vinho* estiolar-se, n'uma lucta tenaz, constante mas desesperadora, sem esperança de melhores dias.

A alcantilada região vae resistindo ainda.

A energia dos seus filhos, posta a tão dura prova, ameaça despedaçar-se, em frente do infortunio impenitente. A lucta gigante que por largos annos vem sustentando quebrantou-lhe as energias combativas ou denorou-lh'as o caciquismo dominante, ainda, nas quebradas do valle do Douro, onde seria mister, para bem dos seus interesses, que só imperasse o espirito trabalhador e fidalgo d'outras eras, que o tornaram grande.

As lições da sua, por vezes, atribulada historia, não lhe aproveitaram.

A altivez do seu caracter resistiu á hecatombe do phyloxera, mas não soube repellir as blandicias e suggestões dos politicos que lhe amortecêrem as energias e despedaçaram o seu admiravel espirito combativo.

Por sobre a sua cabeça descuidada e ignorante passaram as modernas conquistas da sciencia agricola, da chimica e da mechanica.

Os modernos processos de vinificação apanharam-no incredulo, senão sobranceiro e desdenhoso, confiando demasiado na excellencia dos seus productos.

O movimento associativo que lá fóra, na Allemanha e outros paizes, dava o admiravel exemplo do que póde o esforço conjuncto, foi recebido no Douro como coisa inutil, por luxuosa e impertinente.

Sopravam-lhe os politicos isto ou contrariavam-lhe todas as tentativas, das poucas que, n'esse genero, se fizeram.

E se assombra o esforço gigante da reconstituição dos vinhedos do Douro, faz lastima a incuria, o desleixo e a inconsciencia com que se deixou resvalar para uma situação insustentavel, a actual!

Não viu a lucta da concorrencia que se desenhava e se accentuou poderosamente nos ultimos annos; não procurou modificar nem aperfeiçoar os seus processos de vinificação e, mais do que isso, não pensou em associar-se e montar o credito agricola, que o habilitaria a resistir á tormenta que, necessariamente, se manifestaria por um abaixamento de preço e enfraquecimento na procura, como se a usura não fosse sempre a lepra que corroe o Douro.

* * *

O desenvolvimento intensivo da cultura da vinha em outras regiões, até ahi estranhas a ella, não o preoccupou e só reparou em tal quando, surprezo, reconheceu que em toda a parte se fabricava o *vinho* e o seu ficava sem compradores.

Por outro lado, a par da incuria do Douro, corre a incuria dos governos.

O paiz, arrastado para um proteccionismo feroz, pelas fortes individualidades que foram Marianno de Carvalho e Oliveira Martins, denunciou todas as convenções commerciaes com as diversas nações, fazendo começar a vigorar a pauta de 92, que, arrancada ao parlamento com o duplo fim de crear receita e estabelecer uma industria que não tinhamos, nem temos, nem jámais podemos possuir, nos collocou em completo isolamento economico, o que nos levou á ruina e á fallencia.

Os nossos vinhos, as nossas fructas, e a nossa cortiça foram fortemente tributados em todos os paizes, perdendo todos os mercados onde o nosso commercio não se tinha podido firmar ainda e reduzindo-se n'aquelles onde tinhamos um tal ou qual predominio.

Pelo decorrer do tempo, reconheceu-se que a pauta de 92 era inefficaz. As importações continua-

ram a fazer-se sempre progressivamente e as industrias, fortemente protegidas por essa pauta, morreram ao nascer, umas, e vivem para ahi vida tormentosa, outras.

O aperfeiçoamento do fabríco, a cultura intensiva e barata, congregada com a crise economica que esmaga toda a Europa, por causas conhecidas e que não vêm para aqui, terminaram por nos levar á situação presente.

Eis as causas da crise, fóra outras que, facilmente, se suppõem.

* * *

Manifestado o mal, as reclamações surgiram.

Foi uma surpreza para todos o problema que se apresentava e para resolver o qual ninguem se encontrou apto.

Pediram-se leis de excepção que, postas em pratica, não deram os resultados appetecidos, por tardiamente decretadas e sophismadas nos seus effeitos.

Reclamaram-se tratados de commercio, que ninguem tinha coragem de negociar, por mêdo ao industrialismo.

Mas a corrente avolumou-se e uma forte pressão moral se estabeleceu junto dos governos. D'ahi resultou a lei das sobre-taxas. levada ao parlamento pelo snr. conselheiro Wenceslau de Lima e em poucos dias tornada lei do paiz.

Era o inicio. A arma capaz de obrigar os governos dos diversos paizes a tentar equilibrar os dois pratos da nossa balança commercial.

O tratado negociado com a Allemanha é o primeiro fructo da moderna orientação politico-commercial. O que é esse tratado e o que d'elle ha a esperar sabem-no os nossos leitores sobejamente e temol-o dito nós na imprensa periodica, onde temos logar, se bem que modesto.

Esse é o caminho a seguir. Não ha outro. A superabundancia de vinho não existe rigorosamente.

A prova está na subida de preços em annos de colheita escassa.

Negociados tratados de commercio de modo a os nossos vinhos não ficarem em condições de inferioridade por differença de tratamento pautal, a superioridade manifesta da sua qualidade é o bastante para não temer a lucta, quando da nossa parte seja sustentada honesta e intelligentemente.

Tres poderosos paizes, não productores de vinho, Allemanha, Inglaterra e Brazil e com os quaes temos fortes ligações commerciaes, bastariam para, de sobra, consumirem toda a nossa producção actual e futura quando, com estes dois ultimos paizes, tenhamos convenções commerciaes como a que acaba de ser negociada e approvada com o primeiro.

—Outr'ora carregava um gigo d'oiro, hoje carrégo um gigo d'afflicções.

Bastará. Mas é de exigir que a viticultura e o commercio façam por manter-se no mesmo plano de aperfeiçoamento em que se encontra a viticultura e commercio de Hespanha, Italia e França.

Reduzidas ou terminadas as causas que, na primeira parte d'este artigo, apontamos como provocadoras da *Crise do Douro*, e em geral da crise da viticultura portugueza, negociados os tratados de commercio com os paizes acima apontados, principalmente, e estabelecidas fortemente as industrias derivadas da uva, como exportação em verde e em *passa* e ainda em compota, como, intensivamente, estão fazendo os paizes viticolas acima referidos, julgamos a crise resolvida, devendo a viticultura poder esperar melhores dias. Esta a nossa opinião, aliás sobejamente conhecida, por demasiadamente exposta na imprensa periodica do paiz.

Setembro, 1909.

AMANDIO SILVA.

Cliché de Correa & Moreira

Cercanias de Bragança: Um arco do convento de Avellãs

O Conde d'Ariães

(Legenda inedita)

A PEQUENA distancia da cidade de Bragança estende-se, sombreado de castanheiros seculares, o Castro de Avellãs, hoje humilde povoado, e em outras eras muito notavel pelo seu convento.

O viajante ainda hoje vê ali algumas arcarias de tijolo, restos do antigo mosteiro, fundado em 711 por S. Fructuoso (1).

A ordem de frades bentos, ali estabelecida, era das mais ricas do país e os monographistas dizem-nos viverem no mosteiro mais de 900 frades (2).

A actual igreja de Avellãs era a capella-mór da igreja do convento, que tinha duas torres de vinte e quatro metros d'altura.

Muito ricos em haveres, pois eram quasi senhores das terras que hoje occupam os concelhos de Bragança, Vinhaes e Macedo de Cavalleiros, os frades viviam vida folgada e tratavam as populações com bastante despotismo.

Atravessa a povoação o Fervença, ribeiro com margens muito arborisadas, com extensos prados, espessos bosques de carvalhos, o que a torna uma povoação fresca e agradavel.

Os arabes tinham invadido a peninsula hispanica e estenderam o seu dominio até á serra de Nogueira, onde edificaram um castello, cujas ruinas ainda hoje existem, e onde têm sido encontrados varios objectos mouriscos, existentes no museu de Bragança.

Ali estabelecidos exerciam sobre os povos christãos as maiores vilanias e as mais crueis humilhações. Faziam incursões pelo territorio christão, roubando gados, saqueando casas, destruindo as colheitas.

O convento de Castro foi varias vezes atacado, mas resistiu aos crentes de Islam, pois o convento, segundo os investigadores das fontes historicas (3) era protegido d'uma muralha. O mesmo não succedia com a população do Castro que era roubada e posta frequentes vezes a saque, pela sua proximidade da residencia mourisca.

Entre o castello dos mouros e o Castro de Avellãs corria a linha divisoria de duas raças inimigas que se odiavam pela fé e pelas crenças religiosas.

No Castro adorava-se o Messias.

Em Nogueira prestava-se culto ao Propheta.

Uns e outros não se toleravam.

A população christã oppunha fraca resistencia. O Conde d'Ariães que tinha um solar no Castro de Avellãs, attrahido pelo espirito que dominava os cavalleiros do seu tempo, partira para as cruzadas do Oriente, onde estava praticando feitos heroicos contra os turcos.

Ás investidas dos sarracenos escapava apenas um ou outro ermitão, vivendo anachoretamente no silencio dos bosques e da sua ermida.

Islam havia triumphado.

Cada povoação, segundo um decreto do wali Azaraat, era obrigada ao tributo annual de sete virgens, para o serralho do castello de Nogueira. Não havia nada que tanto offendesse o ideal christão, como esta exigencia, que era a suprema affronta ao espirito dos cavalleiros christãos. Os arabes haviam introduzido no castello de Nogueira todos os requintes da luxuria e dissolução oriental.

Os frades bentos, por outro lado, sobrecarregavam os povos de tributos e castigos: as populações não os odiavam menos do que odiavam os mouros.

Algumas correrias arabes foram, porém, de noute, surprehendidas pelos companheiros do ermitão Claudio, residente em Formil.

O numero de homens d'armas era tão pequeno, que elles em pouco contrariavam as investidas dos sarracenos.

* * *

O povo suspirava pela vinda do Cavalleiro d'Ariães. Muitos paes tinham visto deshonrar as filhas diante dos seus proprios olhos. Outros viam-se

(1) *Portugal Antigo e Moderno.*
(2) *Instituto*, de Coimbra. *Os Castros de Avellãs*, por Francisco Manuel Alves.
(3) *Portugal Antigo e Moderno.*

reduzidos a extrema miseria, todos os seus haveres destruidos, chegados á ultima penuria, o seu orgulho dominado.

Era no mez d'outubro, ao entardecer. O sol já tinha a côr pallida d'outomno, e áquella hora batia só no alto das torres da igreja. Os frades, na cêrca do convento, cabeceavam somnolentos, sentados em bancos de pedra. Outros liam o breviario e alguns passeavam vagarosamente, como sentindo ainda o cansaço da digestão d'uma refeição abundante.

A aldeia estava silenciosa, mesmo triste. Uma ou outra figura, passava pelas ruas, receiosa, sumida de medo.

Do lado do sul repentinamente soou uma buzina. Era o signal de que algum cavalleiro amigo ou inimigo se approximava: todos os corações bateram fortemente, todos ficaram sobresaltados. Os frades recolheram-se ao mosteiro a prepararem-se para a defeza. As mães chamavam pelos filhos. Alguns fugiam desordenadamente, doudamente para fóra da povoação.

Os frades, no convento, avistaram os cavalleiros já perto da povoação. Viram que eram cavalleiros christãos e no manto d'um cavalleiro reconheceram a cruz e o escudo da casa d'Ariães.

Ruinas do convento

A noticia espalhou-se rapidamente. A alegria contrastou em todas as almas. Os sinos do convento tocavam festivamente. As mulheres com os filhos nos braços, dando gritos loucos d'alegria, vinham á espera do Cavalleiro d'Ariães. Sentiam todos renascer uma vida nova, viam no Cavalleiro a sua liberdade e a sua vingança. Era a esperança a renascer. O Cavalleiro tinha trinta annos. Alto e louro, era a mais bella figura que apparecêra no Oriente. No castello o Cavalleiro era esperado por sua mãe, uma velha fidalga, de cabellos brancos, D. Ausenda, cujas lagrimas d'alegria molhavam suas faces rugosas e sulcadas do tempo.

* * *

Volvêra um mez. O Cavalleiro d'Ariães descansára durante este tempo da fadiga da jornada ao Oriente. Todos os vassalos o vieram saúdar, e alguns chefes militares, entre os quaes se contava o já mencionado anachoreta de Formil, Claudio (1), incitando todos os cavalleiros a luctar contra os arabes. Esse incitamento era já desnecessario: o Conde d'Ariães, chegado ao solar, foi informado de tudo, e o seu genio de cavalleiro não podia supportar taes affrontas. Estava muito resolvido á lucta.

A volta do Conde d'Ariães fez reunir em redor d'elle muitos homens, e alguns cavalleiros vieram auxilial-o na sua cruzada contra os mouros.

Houve varios encontros, em que a lucta foi encarniçada. Quer no campo christão, quer no campo dos sarracenos, os estragos haviam sido grandes, mas em nada decisivos. Estas luctas haviam imposto respeito aos arabes, as incursões tinham cessado; os arabes já não atravessavam a linha com a mesma facilidade com que o faziam na ausencia do fidalgo do Castro. Ia-se restabelecendo a ordem, o respeito assignalava-se mutuamente em ambos os campos, mas as virgens christãs lá continuavam profanadas e prostituidas no castello de Azaraat, em Nogueira. Os esforços dos cavalleiros christãos tinham sido baldados: fôra completamente impossivel resgatal-as.

O castello dos mouros era construido sobre um rochedo, em logar muito elevado, com declive muito rapido sobre uma ribeira da serra, inacessivel: a sua situação era optima para uma boa defeza. Os cavalleiros christãos tinham tentado escalal-o, mas em vão.

O Conde d'Ariães e os cavalleiros christãos, reunidos em conciliabulo, assentaram em que não convinha á sua honra continuar a deixar na posse d'um cavalleiro inimigo, de raça e religião inimiga, as christãs por elles raptadas. Resolveram desafiar o wali Azaraat para um duello, encontro que tinha de dar-se fatalmente, ou o cavalleiro arabe seria desqualificado. O Conde d'Ariães não consentiu que outro cavalleiro se batesse com o mouro: elle proprio queria defronta-lo. Assim o resolvia e assim o queria cumprir.

O cavalleiro Ranemiro foi encarregado da missão de ir ao castello da serra desafiar wali Azaraat, numa noute tempestuosa, em que os relampagos fuzilavam nos céos e os carvalhos da serra de Nogueira gemiam e dobravam os ramos ás rajadas do norte. O rugir dos leões na jaula do castello indicou ao cavalleiro, no escuro da noute, a direcção em que se encontrava o castello.

(1) Na aldeia de Formil, perto de Bragança, existe hoje uma ermida, erigida a Claudio, que mais tarde foi santificada pelos serviços prestados á religião christã.

O cavalleiro tocou a buzina. As atalayas, nas ameias, bradaram, no silencio da noute: Ah-d'Allah!! Ah-d'Allah!!

Os arabes estavam no banquête. Os cavalleiros arabes e as odaliscas, já numa alegria ebria, beijavam-se lubricamente e algumas christãs descansavam sobre os joelhos dos sarracenos.

Azaraat mandou entrar o cavalleiro dizendo-lhe:

—«O arabe nunca recusou hospedagem a ninguem, numa noute como esta. Senta-te á minha meza e come».

—Obrigado, wali. Nunca o cavalleiro christão teve receio de noutes tempestuosas. Dormimos, muitas vezes, ao pé do tronco d'um castanheiro e não receiamos os perigos da noute. O mui nobre Conde d'Ariães, offendido na sua honra de cavalleiro, precisa defrontar-se comvosco. Sabemos que a honra dos cavalleiros do Islam não será manchada d'esta vez, e que vós aceitareis este recontro e levantando o braço atirou-lhe com uma luva.

O wali ergueu-se e disse:

—Serei presente, no Couto de Nogueira; contae comigo.

O festim arabe continuou até alta noute.

A' sahida do castello, uma serviçal, vestida de preto, em segredo, como uma bruxa mysteriosa, disse em voz baixa a Ranemiro:—«Chamo-me Flora, odeio o wali, estou convertida ao christianismo. Quando este castello maldito, que é o inferno da minha vida, fôr por vós atacado, contae comigo: eu darei signal para os guerreiros avançarem. Contae comigo!»

O Cavalleiro fez signal de approvação com a cabeça e desappareceu na escuridão da noute.

* * *

Entre o Castro de Avellãs e a serra de Nogueira estende-se um valle, cercado de soutos de castanheiros e matagaes. Ao romper do sol já se via muita gente, christãos e arabes, naquelle local. Aquelle dia ia decidir da sorte dos dous povos. A anciedade chamava áquelle lugar uns e outros, todos movidos por egual sentimento. A lucta entre o Cavalleiro d'Ariães e o wali de Azaraat devia realizar-se naquelle dia. O combate devia travar-se, segundo o que se combinára, primeiro a cavallo, depois de pé, á cimatarra, se o primeiro não fosse decisivo. O segundo combate duraria até que um dos combatentes cahisse no campo. Não era um desafio vulgar: era um desafio de morte.

O Conde d'Ariães, cercado d'um brilhante grupo de cavalleiros, montando um cavallo ajaezado acabava de chegar ao campo, como dera signal o toque d'uma buzina.

Os christãos saudaram-no delirantemente.

Passado pouco tempo, montando um cavallo arabe, cercado de cavalleiros sarracenos, Azaraat entrava no campo.

Os arabes receberam-no enthusiasticamente.

—Viva o nosso wali! Allah prolongue o seu reinado,!—ouvia-se de todos os lados.

Os dous cavalleiros occuparam cada um as extremidades da liça. Fitavam-se, já de viseiras baixas, raivosamente. A um toque de buzina, aquellas duas maças de bronze, como que attrahidas por uma força desconhecida, precipitaram-se para o meio da liça. Encontro formidavel! O bronze das couraças, rugiu estrepitosamente, como se se pulverisassem no choque. A couraça do wali resistira á lança do cavalleiro, mas tendo-se desiquilibrado, rolou no pó do chão.

Gritos d'alegria, saudações, soaram estrondosamente da parte dos christãos.

A lucta agora devia ser a braço.

(Segue).

DANIEL RODRIGUES.

O Castro de Avellãs, aspecto geral

Os Pelourinhos de Traz-os-Montes

O illustre director da *Illustração Trasmontana* proseguindo nos intuitos de archivar, nas paginas dessa bella publicação que tão proficientemente dirige, tudo quanto diga respeito á historia da provincia de Traz-os-Montes — desejou que tambem ficasse archivada nesta revista a historia dos pelourinhos da referida provincia.

D'ahi a amabilidade de convidar-me a escrever ácerca de tal assumpto, visto ha muitos annos colleccionar apontamentos, estampas, etc., com destino á publicação d'um livro, prestes a entrar no prélo, em que será tratada a historia em geral e feita a descripção especial d'esses monumentos do passado, tão preciosos para o estudo da architectura e da archeologia entre nós.

Para corresponder á gentileza do convite, do livro em via de conclusão extrahimos o que vae ler-se.

* * *

Os pelourinhos tiveram a sua origem em Roma, sendo uma imitação da columna Moenia, que se erguia no Forum, na propriedade de um tal Moenus, que mandára construir uma columna de pedra de dois metros de alto, e sobre ella fizera collocar uma especie de mirante para vêr as sumptuosas festas publicas e os cortejos que ali se davam pelos magistrados (triumviros) instituidas 290 annos antes de Jesus Christo e no de 463 da fundação de Roma.

Mais tarde foram constituidas columnas eguaes nos Forums de outras cidades do imperio romano. O seu uso passou ás Gallias, tendo diversa applicação. Eram erguidas nas encruzilhadas dos caminhos, indicando a jurisdicção de um municipio e tambem o emblema do poder feudal d'esses tempos.

Tinham estas columnas egualmente nas terras dos seus senhorios, os bispos, cabidos e alguns mosteiros, sendo em regra levantados em frente da residencia dos privilegiados.

Em Paris, nos principios do seculo XIII, já havia muitos pelourinhos, e entre elles o do bispo, que estava proximo da cathedral, o do cabido da mesma Sé, junto á porta de S. Londry; o dos templarios, o do priorado de S. Martinho dos Campos, o da abbadia de S. Germano dos Prados e o da Camara Municipal, na praça do mercado, em fórma de uma torre octogna com oito arcos cobertos por um telhado de fórma conica.

A referida columna Moenia de Roma em que tiveram origem os pelourinhos, que em França tanto se vulgarisaram, jámais serviu para nelle serem expostos os cadaveres dos condemnados mas foram destinados á exposição de criminosos vivos.

Quanto á epoca da introducção das picotas ou pelourinhos na Lusitania não se sabe ao certo qual fosse; presume-se no entanto que na de Sertorio pelos annos de Christo porque aquelle guerreiro fez adoptar na Lusitania todas as leis, usos, costumes e religião dos romanos.

Estas columnas foram no nosso país conhecidas primitivamente pela designação de picotas e assim se lê em documentos antigos e nas Ordenações do Reino, sendo esse nome tirado do proprio feitio das primitivas columnas, que eram uns postes ponteagudos.

Ainda hoje se encontram alguns largos e ruas em terras da provincia com a referida designação de Picota.

Nem todos os pelourinhos têm um ferro no tôpo, e varões de ferro, em fórma de ganchos, tendo na extremidade uma argola mas sómente uma argola na columna, e isto mesmo nem sempre. Muitos existem ainda em que se não encontra o menor vestigio de haverem possuido algum d'esses objectos de ferro, decerto por nunca terem tido picotas.

Muitos ha ainda que em logar de ganchos de ferro têm no tôpo uma pequena casa em fórma de guarita muito parecida com uma gaiola, e que de *gaiola* se chamam (1).

Os pelourinhos tanto em Roma onde tiveram origem, como em França e Portugal, nunca serviram de patibulo como no povo existe falsa crença, e

(1) Este genero de pelourinhos predomina sómente, ou em maior numero, nas duas Beiras.

tanto isto é assim que nas principaes serras havia forcas devidamente montadas, e noutras terras eram improvisadas quando se tornavam necessarias, apezar de não estarem desprovidas de pelourinhos. Serviram sómente para serem expostos diversos criminosos, conforme a sentença determinava.

Nos pelourinhos que não tinham a tal gaiola, eram os criminosos amarrados á columna, e algumas vezes suspensos por baixo dos braços ás argolas, ficando alguns palmos acima dos degraus e assim expostos á vergonha e irrisão publica.

Varía o numero e o feitio dos degraus em cada pelourinho, porisso que os houve, e ha, tendo desde um a sete degraus, quadrados, oitavados e redondos.

Em o numero de degraus predominam os de tres, e no feitio os quadrados.

Ha quem julgue que o maior ou menor numero de degraus nos pelourinhos significava maior ou menor importancia das povoações que os possuiam.

Não temos conhecimento de documentos ou noticias que próvem similhante asserção.

Só no seculo XVII é que se principiaram a chamar pelourinhos em vez de picotas, e desde então foram destinados principalmente a servir como symbolo da autonomia das povoações.

Os pelourinhos que em Portugal, de ordinario, se levantavam em frente da casa da camara, ou do donatario da terra eram, em regra, obedientes a um principio de unidade na sua configuração, destacando-se entretanto singularissimamente um dos outros pela belleza da architectura.

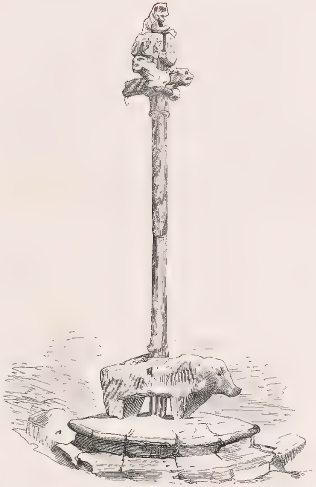
De importancia, pois, bem valiosa para o estudo da architectura em Portugal e da archeologia em geral, são estes monumentos do passado.

Pena é que algumas camaras municipaes não tenham dispensado a estes curiosos e interessantes monumentos as attenções disvelladas, que seriam para desejar, porque se algumas ha que os têm restaurado e procurado conservar, outras não têm querido comprehender a importancia de taes monumentos.

I

PELOURINHO DE BRAGANÇA

Encontram-se em Bragança e suas immediações diversas reliquias archeologicas, entre ellas o respectivo pelourinho (como em tempos longinquos era de uso haver nas cidades, villas e coutos) que a inclemencia do tempo até hoje não pôde destruir ou a selvegeria dos menos illustrados tem felizmente poupado, no que tem sido muito mais feliz do que tantos outros de que já não resta o menor vestigio, como enfadonho seria innumerar. E muito mais é isso de assombrar em razão de se não encontrar o pelourinho no seu primitivo local, que fôra na Praça do Castello em frente dos antigos paços municipaes, de onde foi mudado haverá cincoenta annos, para onde hoje se encontra que é no Largo de S. Tiago.



O Pelourinho de Bragança

Como a gravura bem o demostra, o pelourinho de Bragança é um dos mais curiosos monumentos no seu genero e dos ainda existentes em Portugal.

A sua architectura é completamente medieva mas já gothica, dando uma impressão immediata da grandeza do poderio que representava nessas epochas afastadas da historia, em que os municipios eram os verdadeiros baluartes dos direitos populares.

E' todo o pelourinho de granito grosseiro, formado por uma columna cylindrica e lisa de cêrca de 5 metros de alto e 30 centimetros de diametro, d'uma pedra que serve de base a columna toscamente trabalhada aparentando ser uma porca, nome que o proprio vulgo mesmo dá a essa pedra dizendo muito se parecer com ella, e que certos investigadores querem que fosse um idolo da idade prehistorica. Do dorso d'essa rude esculptura zoomorpha é que sae a columna.

Tem por capitel uma pedra em fórma de cruz cujos braços são rematados por dois cachorros com cabeças de animaes, tendo nos intervallos uma série de baixos relevos representando rosêtas e figuras muito caracteristicas que parecem figurar scenas de castigo, allusivas a algum facto importante. No alto d'esta, assenta outra pedra de fórma hexagonal toscamente trabalhada representando um *sileno*, que parece querer segurar com as garras um escudo com as armas da cidade.

Das fauces dos referidos animaes sahiam outr'ora, quando no primitivo local, os ferros das *picotas* para o supplicio dos criminosos.

Em nenhum dos diversos livros que consultamos ácerca da antiquissima cidade de Bragança, podémos apurar a epocha a que remonta o seu pelourinho.

Lisboa, 1 de setembro 1909.

SILVA LEAL.

MONCORVO

Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana.

(Continuação).

DOCUMENTOS

DOCUMENTO N.º 1

17 de novembro de 1295

Que as terças das egrejas de Villa Flôr se appliquem para a construcção da fortaleza de Moncorvo

Dom Deniz pela graça de Deos rey de Portugal e do Algarve. Avos Joham Fernandes Tabelliom e meu pobrador de vila frol saude.

Sabede que eu a reqrimento do do concelho dessa vila frol sitar fiz perante mym o Concelho da Torre de meen corvo, por razom da fortaleza que mandei faser em essa vila da Torre de meen corvo, e porque eu mandey que metesedes as terças das eigrejas de vila frol primeyramente, e depois que er metesedes as terças da Torre de meen corvo na fortaleza de vila frol, os quaes parecerom perante mym a dya que lhys foy posto por avram martinz procurador da Torre de meen corvo, e por migueel martinz procurador de vila frol, e eu ouvi as partes, e tivy por bem e mando, que porque e mays fronteyra a Torre de meen corvo, e logar que se desse mays aguardar, que se faza antom essa fortaleza que a de vila frol ata que seia feita, que metades y as terças das eigrejas de vila frol ata que essa fortaleza será ensimada, ca entendo que sera a meu serviço mays e aproveitamento da terra, e depois que for feita, er mando outro sy que as terças das eigrejas de Torre de meen corvo que as metam en essa fortaleza de vila frol ata que será feita, e assy mando a voz Tabelliom e pobrador, que façades comprir esta carta asy como eela e conteudo se non a vos me tomarey . . . . . Em testemunho desto dey a esse Concelho da Torre de meen corvo esta carta.

Dante em Beja dez e sete dyas de novembro. El rey o mandou . . . . . era de mil trezentos trinta e tres anos.

Copiado d'um pergaminho existente no Archivo de Moncorvo.

Viterbo tirou d'este documento elementos para os artigos: *Castellatico e Pobrador d'el-rey.*

DOCUMENTO N.º 2

11 de junho de 1337

Instrumento lavrado por tabellião publico em Moncorvo, no qual os mestres João Perez e Pero Perez se obrigam a construir uma portada na muralha da villa

Sabham todos quantos este stormento birem como eu Lourenço eanes procurador do concelho da torre de meen corvo obrigo todolos beens do dito concelho a dar e pagar a vos Joham Perez e pero perez meestres moradores na dita vila vynte e duas libras de dinheiros pretos so tal condyçom que vos ffacades huum portado de pedra na baroacãa asu a porta do castelo segundo he urdenado portal guisa que seia bem feita a vista domeens bos e darvos eu procurador a pedra que pera ele comfrir e darvola carretada e cal outro soy e vos pagardes vos ao outro custo dela e eu darvos os ditos dinheiros como os fordes merecendo por tal guisa que seiades pagados de todo seendo o lavor acabado e nan erguerdes dela mão ata que seia toda acabada. E qualquer que do nos partes que desto falecea pecte aa parte rrancurosa dez libras de pretos e todavya seer a avença fyrme e stavel. Fecta ffoy na vila da torre aa porta do castelo onze dias de junho era de mil e trezentos e setenta e cinquo anos.

Copiado d'um pergaminho existente no Archivo de Moncorvo.

DOCUMENTO N.º 3

1361

Tributos reaes que os de Moncorvo eram obrigados a pagar. Canadela. Unificação das medidas de solidos

Dom Pedro pela graça de Deos Rey de Portugal e do Algarve a vos Lourenço durãao meu almoxeriffe na Torre de meen corvo saude sabe que os juizes e vereadores e homes boons do concelho dessa vila minviarom dizer que El Rey Dom Deniz meu avoo a quem deos perdoe deu foro a essa vila em o qual dizem que antre as outras cousas he contheudo que el querendo fazer graça e merce aos moradores dessa vila e do seu termho mandou que cada hum vizinho lhe desse em cada hum anno huma oytava decevada e dous paaes e hum dinheiro e sendolhes esto assy outorgado que os homens boons que eno dito tempo moravam ua dita vila e seu termho, husarom com o dito Rey dar cada vizinho em cada hum ano por foro a dita oitava de cevada, que se fazem duas *canadelas* da medida que corria na dita vila por os ditos paaes e hum dinheiro husarom despois de lhy dar quatro dinheiros velhos. E depois a morte El Rey Dom Affonso meu padre lhes deu carta porque lhes outorgou e confirmou o dito foro que lhes assy fora dado e todolos boons husos e costumes que sempre ouverom, e que por esta guysa husou e costumou o dito concelho com el rei e com aquelles que os seus dereitos por el tiravam e recebyam, em lhy darem em cada hum ano as ditas duas canadelas de cevada e quatro dinheiros e sempre os pagarom por esta guysa ata o tempo da morte do dito meu padre.

E que eu outro sy depoys que comecey de reynar lhes dey minha carta porque lhes outorguey e confirmey o dito foro e todolas outras condicoões e bõos husos e costumes que sempre ouverom em tempo dos reys que ante mim forom.

E sendolhes assy todo por my outorgado porem o dito concelho começou dusar conosco e com os meus mordomos

em meu nome que os meus foros e direitos tyravam e recebyam em essa vila de pagarem de foro cada ano e cada visinho as ditas duas canadelas de cevada e quatro dinheiros velhos e husando desto e pagando assy que pugi por lei por todo o meu senhorio mandando que non medissem per outra medida pam nenhum nem cevada senon pela medida de Santarem que mandey aver em cada huma vila e logar a qual dizem que he muyto mayor que a dita canadela que soia daver em essa vila da Torre de meem corvo. E que por esta razom defendestes aos meus mordomos que non recebessem os meus direitos e foros senon pelo dito alqueyre.

Assy que por duas canadelas que soyam de pagar pagam ora dous alqueyres que fazem duas canadelas e meya ou mui pouco maes. E que por esta rezom recebiam grande agravamento por nos e por esses mordomos, o que dizem que se a mim non torna em serviço como non rendem porem mays esses foros e direitos do que soyam de render, nem achardes quem por eles mays de que o que dava quem pagava a dita canadela.

E pedindome por merce que lhes esguardasse o dito foro no huso que sempre ouverom e vos mandasse que os non costranguessedes que pagassem para mym esse foro senon pela medida que sempre pagarom ata o tempo que mandey por meu senhorio aver a medida de Santarem.

E eu vendo o que me esses juizes e vereadores e homens boons envyarom dizer, mandamos que veiades o foro dessa vila e se esse concelho husou sempre com os reys que ante mym foram como dizem, mandado medir o dito alqueyre com essa medida por que dizem soyam a pagar o dito foro. E quanto achardes que esse alqueyre he mayor que a dita canadela, tanto lhes fazedes descontar, assy que non seiam costrangidos que mays paguem que aquelo que sempre pagarom e non recebam em elo agravo sem razom. En al non façades.

Dante em Evora 28 dias de setembro. El Rey o mandou por Pedro Affonso seu vassalo. Era de 1399.

Copiado de um pergaminho doArchivo de Moncorvo.

Viterbo tirou deste documento elementos para o artigo *Canadela* do seu *Elucidario.*

DOCUMENTO N.º 4

1366

Os moradores de Urros e Peredo são obrigados a trabalhos nos muros de Moncorvo

Saibam quantos este estromento virem que na era de myl e quatro centos e quatro annos desassete dias de mayo em na Torre de meen corvo pareceu ffernandaffom Tabalyom duros [Urros] e Joham ffom juyz do predo e Joham anes procurador do dito loogo do predo e disserom que eles como agravados em huma ssentença que contra eles deu Joham esteves corregedor por el rey em esta comarca em que lhes mandou que sservissem e ajudassem a ffazer homuro da dita vyla da torre e aa barbacaa e ajudassem aalympar a carcova da dita vyla da torre ssegundo mais compridamente era contendo en a dita ssentença do corregedor.

E que eles com prema e mandado do dito corregedor ffilharom apartadamente huma peça do dito muro convem a ssaber des ho cubo novo ataa cubo da porta do castelo com a barbacaa que esta a par de o cubo novo de ribada por esto que eles am de ffazer os do dito logo duros e de predo em ssa quadrela pero lourenço juyz em logo de Gonçalo darz e meendo anes procurador, e joham lourenço e joham perez moradores da dita vyla da Torre e outros omeens boos da dita vyla da Torre ffilharom por quadrelas todolos outros logares em que ora o dito castelo avya mester desse ffazer e reparar em aqueles logares que sse ora parece que a mester desse ffazer ssegoondo ffoy visto pelos ditos juizes e moradores do dito logo da torre e duros e de predo e que outro ssy reparem e ffaçam adubar a barvacaa que ora esta ffeita e que alympem a carvo (sic) que ora esta ffeita com este entyndimento que sse nosso Senhor el Rey os daquela ssentença non desagravar e ffor compridoyro ao dito concelho da Torre de ffazer outros lavores novos ffora destes que o dito concelho duros e do predo lhos ajudem a ffazer como pelo dito corregedor he mandado.

E os ssobreditos ffernanda ffom e Joham martins e Joham ffom e Joham anes disserom em nome dos ditos concelhos que eles filhavam a dita parte do castelo por esta gissa (sic) que servissem em el dous dias da domaa cadia dia com vynte omeens com esta prestaçom que sse ffosse merce de nosso senhor el rey de os desagravar da dita sentença e mandado do dito corregedor he eles tovessem por ffazer alguma cousa ao dito castelo que eles nom ffossem tendos de ffazer em elo mais nem esta quadrela non ffezesse nenhum prejuizo aos do dito logo duros e do predo.

E o dito meendo anes procurador da dita vyla da Torre e Joham Lourenço e Joham perez moradores disserom que lhes prazia das coussas ssobreditas e que deziam que prestavam em nome do dito concelho da dita vyla da Torre que sse el rey non desagravasse os moradores do dito logo duros e do predo que eles veessem ajudar a ffazer os lavores do dito castelo que hy ouvessem de ffazer ssegundo mandado era pelo dito corregedor.

E os ditos ffernandaffom e Joham martinz e Joham ffom e Joham anes protestarom do direito do concelho duros e de predo e pedirom este estromento. E o dito meendo anes procurador da dita vyla da Torre protestoo pelo direito do dito concelho contra os ssobreditos e as ditas partes outorgarom esto e pedirom ssenhos estormentos testemunhas pero ffranco lourenço rodrigues affons anes tabalyom tome anes joham da greija domingos dejz carnyceyro andres dejz andador joham pyres do larinho e outros.

E eu Aires canes Tabalyom del rey na dita vyla da Torre que a esto presente ffoy e esto escrevy e dei ende huum estromento ao dito ffernandaffoms e joham martins procurador duros e aqui meu ssynal screpui que tal he. Non pagou dreito porque he do concelho da Torre.

Copiado de um pergaminho do Archivo de Moncorvo.

Viterbo tirou d'este documento elementos para os artigos: *Doma e Quadrella* do seu *Elucidario.*

(Segue).

P.e Francisco Manuel Alves.

A LENDA DO CASTELLO DE BRAGANÇA

I

Dizem que nessa torre magestosa
do Castello fronteiro, uma princeza
viu correr longos dias de tristeza
n'uma prizão estreita e silenciosa.

De certo foi amada e foi formosa!
e a roubou, com tão barbara crueza,
ás alegrias sãs da Natureza
uma paixão fatal e desditosa!

Dirão: — foi desgraçada!... E no entretanto,
sabe Deus quanta paz, que doce encanto
a solidão guardava para ella...

Vive-se mais da intima ventura,
e ama-se bem melhor, com mais ternura,
na sublime tristeza d'uma cella!

II

Na cella adora o monge a Deus, sem medo
de que vão perturbar-lhe a sua crença,
A nossa propria alma é cella immensa
que ás vezes é o cazulo d'um segredo.

Dae-nos no lance mais cruel e trêdo
o ente de quem nossa alma está suspensa,
e vereis como é doce recompensa
a solidão, o carcere, o degredo!

Ó princeza gentil, ditosa e bella,
timbre e realce d'um padrão guerreiro,
padrão d'amor, mais bello, é a tua cella.

Criam-te morta em vida, humilde escrava...
e tu eras feliz! e o mundo inteiro
dentro em ti, na tua alma palpitava!

III

Não te alcançam, nas tragicas alturas
da torre de menagem que te encerra,
nem soalheiros da paz, nem sons de guerra,
nem d'almas vis hervadas amarguras.

As tuas intenções, santas e puras,
não as conspurcam viboras da terra;
teu sereno pensar libra-se, e erra
d'um ceu ideal nas lympidas planuras.

Quando a tua alma, no seu manto pulchro,
d'um sepulchro sahiu, e outro sepulchro
recebeu o teu corpo inanimado,

não te fez alas pompa fementida...
Outra vida morreu com tua vida...
E eil-o, no eterno azul, o teu noivado!...

Bragança 1893.

CHRISTOVAM AYRES.

Alijó: Regresso da Ladainha a S. Domingos—(Cliché de Anthero Botelho)

Tempo de festas

PELOS valados, terras fundas e brejos começam já a avistar-se as campánulas dos lirios rôxos e amarellos, e os junquilhos, em florída seara bem alinhada, dando a ideia d'um parque ajardinado, cuidado a capricho por mão de fidalgo rico ou seu mordomo, com veia de floricultor. Os myosotis, mal-me-queres e as papoulas, tintas de côr porpurina, alastram-se pela varzea.

Pelos montes onde a terra é dura, e dá pouca nutrição aos muitos arbustos que a povoam, e que nalguns sitios pouco se levantam da aspera superficie na quadra da expansão da vida vegetal, por lá floresce a carqueja, o tôjo, a giesta e o rosmaninho, cujo perfume acre e balsamico as brisas espalham pela atmosphera.

Chegou a primavera! Os ulmeiros, freixos e salgueiros vestem-se de verdes camadas vegetaes, que a natureza provida e creadora lhes atirou por cima da arvore sêcca.

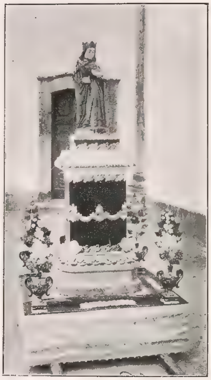
A espessa folhagem leva a sombra por toda a orla dos rios, ribeiros e regatos, e dá apetitoso abrigo á immensa passarada.

A carriça de minusculas proporções, vôo rapido como séta despedida de tenso arco, por entre os picos das silvas e as asperezas dos cardos, é a primeira a dar-nos as boas festas, e a saudar as manhãs claras, e tardes de manso e calmo socego.

Vem depois o melro farçante, de cantigas trocistas lembrando risadas de provocantes zombarias contra o pobre do inverno, a quem se desfez o ultimo abrigo de gelo, indo refugiar-se sob o tecto palhiço da cabana montesinha.

Os passaros, noite e dia, vivem em accesa briga de trinados, gorgeios, arrulhos, assobios e gritos, porque a primavera toucada de mirtos, vestida de açucenas, o regaço coalhado de flores, as mãos enramalhetadas chegou, e com ella as festas!

Começa a ceifa dos pyrotechnicos, dos padres e dos musicos. As velhas bandas, algumas ainda com serpentões e trompas de rodilha, de cujo frio metal por vezes sahiram as notas d'aquelle hymno fatal do—*Rei chegou*—dão-se ao trabalho de limpar a ferramenta que nos arraiaes e procissões entretem o Zé do Varapau, o chapeu de borlas, o burguez de bandas á *Directorio*, collete de ramos de palmeira, e as raparigas com cara de despedir pretendentes, entaladas no peito e hombros, nas varas do espartilho, e de velha solteirona, que, das raras melenas, escapadas ao pente, no seu trabalho de compôr toucado á moda, súa a tinta do cosmetico!



Favaios: Andor de Santa Luzia—(Cl. de S. Arião)

O padre prégador, com a mira em pingues receitas, porque são muitos os sermões; o padre prégador,—sem tempo a geito para consultar as brilhantissimas paginas, onde a oratoria d'Alves Mendes, Alves Matheus e Antonio Candido fulgurou com o intenso clarão da maior eloquencia sagrada que ninguem egualou,—lembra do pulpito os horrores do inferno e as bemaventuranças do ceu, á tumba contricta, boquejando ahs! e ohs!, emquanto a tragica descripção do reverendo não termina pelos Padre-Nossos e Avè-Marias sacramentaes.

Os pyrotechnicos não dão vazão ás encommendas. Os mixtos inflamaveis entram em acção, e as pilhas dos foguetes, a choverem lagrimas pelos arraiaes, não poucas vezes deixam a officina em cinzas, e como sinistro apanagio do incendio fica a orfandade mutilada a verter lagrimas d'outra natureza!

Mas... chegou o tempo das festas e a mordo-

mia de Favaios e Sanfins anda numa roda viva de quem apresentará procissão mais vistosa, foguetes que mais alto subam e mais estourem até ensurdecer a gente.

Os santos com duas e mais andadas de roupagens, tunicas e mantos recamados de lentejoulas, nos altares das igrejas e capellas esperam pelos andores, para se mostrarem ao publico devoto que não poupa louvores ás beatas cheias de fé no cumprimento das suas promessas porque a muitos os santos e santas da sua devoção as livraram das más tenções dos tocadores de viola e harmonium, uns braganaus á espera de tirar o numero para irem para a tropa, e ao mesmo tempo as teve naquelle *engano d'alma lêdo e cego* que espera do Brasil o antigo namoro de papagaio na mão e cobres no bolso.

A outras o santo fez o milagre de livrar o gado da peste, e d'atirar com as trovoadas para as profundas do inferno.

Os beneficios compartilhados pelo povo são aos milheiros, e porisso de mistura com os cordões de ouro de bom quilate, se vêem no interior dos sanctuarios e nas fachas dos retabulos, as pernas e os braços de cera e tantas outras offertas, grato tributo da crença popular!!

. . . .

Sete, oito e nove de agosto de 1909.

Dias quentes, de quebrantrar musculos e nervos; membros lassos a pedir a cama. Mas com a volta da tarde, que traz um vento fresco, dá vontade á gente de fazer uma caminhada até Sanfins e Favaios, e passar por lá uns bocados de tempo.

Nossa Senhora da Piedade em Sanfins—(Cliché de Anthero Botelho)

Não se cabe nos caminhos atulhados de povo, que das terras baixas e montanhosas do concelho d'Alijó, se reparte pelas duas freguezias, em festa nos mesmos dias.

Em Sanfins, monte acima, em zig-zags, as differentes capellas com as suas imagens distraem e deleitam os romeiros, extasiados e commovidos na contemplação da maior capella do Sanctuario, onde a Senhora da Piedade, com o Christo morto nos braços, o seu filho, na desolação do maior soffrimento que ainda teve o coração de mãe, de todas as mães, está ali relembrando o complemento doloroso da pavorosa scena do calvario, do qual a acção dos velhos e quasi immemoraveis tempos não pôde apagar. Ó *Stabat Mater Dolorosa justa crucem lacrimosa Dunc pendebat Filius ejus!!*

Em dez leguas em redondo, não ha santa de maior veneração do que a Senhora da Piedade, e de tal fama gosa, que nem o proprio Sebastião moleiro, esse justo que em vida soube levar a agua ao seu moinho, lh'a pôde ofuscar ou desmerecer!...

. . . .

Ao ar livre arma-se o theatro, para se representar o drama «Marquez de Torres Novas» escripto por Camillo Castello Branco, no tempo em que a audaciosa aguia, que depois se remontou pelos astros da literatura portuguêsa, estava ainda no ôvo!

Tudo á altura! Festa d'igreja, arraial e comedia cujos papeis foram bem desempenhados, e os seus interpretes justa e freneticamente victoriados.

Sómente uma vez, um dos lances mais patheticos do drama teve da plateia o seu complemento de risadas porque a snr.ª Escolastica Raposo não pôde vêr com boa cara os tregeitos e momices de azougadas raparigas por uns biscainhos lhes estarem defronte fazendo ferver o sangue!

Estas moscas varejeiras do diabo, em sentindo os moscardos, são uns raios d'uns *barzabuns* que era dar-lhes uma sangria para não andarem a metter-se pelas pernas á gente!—Da bocca da snr.ª Escolastica, beata entre beatas, sairam reprimendas taes, e mais azedas, entrecortadas com duas benzedelas, e uma oração á Senhora da Piedade, porque emfim, no dia da sua festa, dizer mal era peccar.

. . . .

A festa de Favaios, em honra do Senhor Jesus do Outeiro, de longe annunciada com réclamos de excellente pyrotechnico, boa musica, procissões e andores esplendorosos, satisfez por completo os forasteiros e deixou bem pagos do seu trabalho os mordomos e gente da terra.

Um grupo de amadores, alguns dos quaes com merecimento d'actores consumados, representaram o «Drama do Povo», de Pinheiro Chagas, o genial polygrapho, que infileirou em logar de honra do theatro português a sua assombrosa producção...

Nos cantos d'essas epopeias do povo, que descreveu as suas paixões, nas multiplices fórmas, que commovem, que nos fazem mêdo e dão alegria, as camadas sociaes, nobres e plebeus, têm a vida especial com que a linguagem romanesca de Pinheiro Chagas as animou!

O cabreiro Jeronymo, d'indole bravia e montesinha, como a serra por onde se creou e fez homem, atira de cabeça cega contra as hostes de Napoleão!

Em casa da condessa d'Ega, a leviana que trocou a sua patria pelos abraços de Junot, saem-lhe

Alijó: Ladainha em S. Domingos—(Cliché de Anthero Botelho)

da bocca, contra o seductor de sua filha, apostrophes que queimam como ferro em brasa! A' cortezã, á coya devassa que come á farta, em quanto o povo morre de fome e de balas, vibra motejos crueis em linguagem d'indignado, quasi a murro, proclama quem é o povo e quem são os fidalgos!

O caçador Paulo, foragido e errante, sempre a monte, alma a trasbordar de patriotismo e valor, a cada passo scisma na poetica Joanna victima do bruto fidalgo Fernando.

Paulo foi o paladino dos seus compatriotas. Arcou bem de frente, e braço a braço, com os invasores francêses, esmagou-os, e nas diversas cambiantes da sua accidentada vida, sempre nobre, altivo e cheio de abnegações, leva-as até ao sacrificio de casar com a amante do fidalgo, adoptando-lhe o filho.

A Joanninha, gentil serrana, que pelas selvas cantava ao desafio com os rouxinoes, a martyr no seu abandono de mãe, com o filho nos braços, fugindo pelos caminhos, coberta d'apupos da plebe inconsciente e desvairada! Olhos enxutos, porque a febre intensa lhe queimou as lagrimas! Eil-a a debater-se contra a sorte cruel que tanto a feriu no que uma mulher tem mais caro: Na honra! E assim vive até que uma bala a mata, quando seu pae, Paulo e os valentes guerilheiros da serra da Estrella fitaram radiosos d'alegria o sol da liberdade!

O velho marquez de Villa Garcia representa aquella nobreza com todas as prerogativas de não dar o logar de honra a ninguem! Em breves palavras, que são um conselho e uma ordem, observa ao sobrinho o que tem a fazer:

—Se o sangue do nobre não se deslustra ao misturar-se com sangue de plebeia, de quem houve um filho, ao fidalgo não vem desdouro de fazer sua legitima mulher a plebeia e chamar filho ao que é d'ambos!...

A sympathica figura de Luiz, desdenhoso e ironico ao repellir do pae o seu perdão, porque Paulo devia morrer na forca, é de molde a emocionar o espirito dos que conhecem a monumental peça de Pinheiro Chagas.

O generoso coração do rapaz quasi salta do peito fóra deante de tão affrontosa proposta. Abandonar Paulo!? Se não teve, não conheceu outro pae!...

Separar-se de quem atravez de tantas vicissitudes e calamidades, lhe ensinou a balbuciar—dever, honra, patria e liberdade!? Não! Isso nunca.

A Joanninha, gentil serrana, que pelas selvas cantava calamidades, lhe ensinou a balbuciar—dever, honra, patria e liberdade!? Não! Isso nunca.

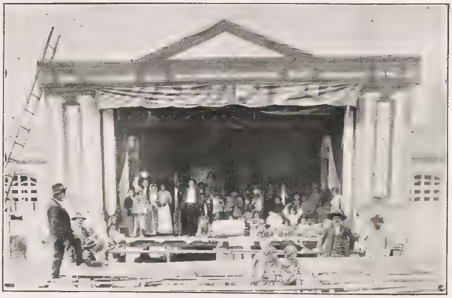
O povo, o povo trasmontano sentindo, como o de nenhuma outra provincia, os arrebatamentos da liberdade, acclama os cómicos, envolvendo sem o saber no mesmo estrepito de applausos o modesto e pequeno tributo de gratidão que este pobre escripto encerra á memoria de quem foi tão grande de talento, e tão rico de qualidades civicas; á memoria de Manuel Pinheiro Chagas, *que se não descobriu mundos e mares* descobriu os mais bellos segredos da lingua portuguêsa da qual foi um notavel ornamento.

E ao deixar as taboas da tosca platêa, que evoca o primitivo theatro dos autos, com a natureza por scenario, o povo deixa os votos por que para o proximo tempo de festas, as «comedias» lhe tornem a falar apaixonado o vocabulario da liberdade.

Ao menos as «comedias»!...

Alijó, agosto de 1908.

CASIMIRO E. S. CABRAL.



Theatro em Favaios onde se representou o «Drama do Povo»—(Cliché de S. Arião)

O jantar d'uma ranchada

O Varre-Canêlhas

NOVELLA TRASMONTANA

POR

JOAQUIM LEITÃO

SEGUNDA PARTE

IV

—*Antão,* até onde é a jornada, Angelo?

—Até S. Mamede, aqui com a minha patrôa—e apontou Rosina.—E o snr. José Bernardo?

—Eu vou-me a casa dos Barbosas.

—Se é o conselheiro que pregunta, não o encontra.

—Bem sei, está p'ra Villa Real... e estará! Emquanto o démo do governo não cair, o conselheiro não deixa o Governo Civil de Villa Real. Bem differença me faz.... olha agora a minha vida, tanto trabalho me deu a convencel-o para defender o João da Maria, ao cabo o homem abala p'ra Villa Real e cá estou eu sem advogado! Inté lá ia buscar uns papeis...

—E as coisas vão-se dispondo...? Ha esperanças?

—Do João sair livre? Eu ainda não nas perdi. Fui ter com o nosso deputado, o dr. Silva, de Sanfins, conhece...?

—Conhecer, conheço, de vista; a gente todos se conhece...

—Pois fui-me aonde a elle e falei-lhe num processo em que eu estava muito empenhado, e vae elle pôs-me a mão no hombro, assim, como se fosse um amigo velho, de tu, e sabe o que me disse? Diz...: «Esteja descançado snr. José Bernardo! o que eu sinto é que não seja caso de morte...»—Eu fiquei entupido, e preguntei-lhe: «Porquê, snr. Doutor?»—«Porque queria mostrar-lhe a minha influencia, pondo-lhe o seu obreiro na rua...» Mas é que é mesmo caso de morte, snr. Doutor, expliquei eu, cobrando *coraije.* «Ah! é? tanto melhor. Ao menos a fazer-se um favor que seja por coisa que merêça a pena».

—Tem o homem, na rua, snr. José Bernardo!

—Eu terei, mas tambem no Populo ninguem leva um voto que não seja para o dr. Silva: nem que eu tenha de prender aquella gente toda na minha adega... tão certo como nós estarmos d'aqui a vêr a *Laija!*—e apontou para a Lage da Arcã, a *eira grande,* eira communista onde o povo alijoense

vae malhar o seu trigo, á vez, amalhoando a *eira* com umas palheiras entalladas em seu baixo murito de pedras ([1]).

Angelo, reflectindo, entretinha o olhar no meigo *Ribeiro da Laija*, marginado por matta e pela lage donde o primitivo nucleo d'Alijó escalva a fraga, em pequenas casotas de pedra sobre pedra, com as padieiras feitas d'um só bloco tosco tal qual saiu da pedreira, portêlhos tarrecos e quadrados, do tamanho de qualquer janelorio de casa pobre moderna, portêlho que gira no seu coucinho de madeira, sem janellas nem mais respiradouro ou disfructo, bairro onde sobrevivem longes de habitação pre-romana, no quebrado dos angulos das esquinas, a rua bombeando em barriga para voltear de alinhamento, na pouca altura do *habitad* e na resignada estreiteza.

—Ora deixa-me lá ir—cortou, José Bernardo, embaraçado com o silencio retrahido de Angelo—que ainda hei-de dar uma fugida a Favaios e quero chegar ao Populo com dia. Adeus, snr.ª Rosina! adeus Angelo!...

—Snr. José Bernardo!...

E Angelo e Rosina, mais do que como recem-casados, como dois noivos, cortaram para o caminho de S. Mamede do Tua, d'olhos um no outro, falando entre si, alheios á terra, alheios ao céo, levando guardado no coração de cada qual todo o seu thesouro, resumindo no seu amor e nas suas vidas toda a vida dos mundos, transportando, com elles, como jangada d'um Deus presta a garrar da ilha fabulosa, todas as recordações e toda a terra.

Chegados que foram a S. Mamede e que Rosina se entreteve com a mãe de Sarmento, Angelo contou logo ao amigo o encontro com o Bernardo do Populo e o dito do dr. Silva.

—E tu espantas-te? Pois eu não. O Silva está no comêço da carreira mas, senão morrer, ha-de ir até o fim d'ella, ha-de ser conselheiro, ha-de ser ministro e ha-de ser rico. Tambem, nesse tempo que longe venha! é fugir do concelho de Alijó: por este andar, os homens de bem irão parar aos degrêdos d'Africa, e os assassinos hão-de andar á solta, para ir votar no Silva.

—Isso tambem agora, amigo Sarmento, são sustos de progressista...

—Ah! são? pois tu verás. Olha que lindo exemplo, um legislador a lamentar que *o crime não seja de morte!*

—Palanfrorio!

—'Tás enganado, não é palanfrorio, é a verdade: o juiz é d'elle, e quantos crimes fizerem d'aqui para o futuro correligionarios do Silva quantos veem p'rá rua. Tambem te prophetiso uma coisa: que se o Barbosa sabe que o Zé Bernardo se foi agarrar á casaca do Silva, não é elle quem lhe defende o João da Maria.

—O Zé Bernardo estava agora a queixar-se de que elle lhe fazia falta, mas não é por isso é por se ter ausentado lá para Villa Real.

—Ah! então, ahi tens. Isso são historias! a verdadeira razão ha-de ser esta que eu acabo de te apresentar e mais olha que ninguem m'o disse. O conselheiro é português á antiga, onde houver escuridade não entra! Gosta de andar de cabeça levantada, e nos recintos escuros, mesmo que sejam muito altos, Angelo, a gente insensivelmente dobra o pescoço, para tactear o caminho. Olhem quem, cavar na mesma vinha do Silva, olhem quem, o conselheiro! que não póde vêr nem encarar o outro. E eu dou-lhe razão, que elle até de figura é embirrento. Tu conhecel-o?...

—Elle deixa lá que a gente o não conheça!—atalhou Angelo—Elle por mais sujo que um homem ande, é meu amigo para a direita, meu amigo para a esquerda, e abraços, e mão no hombro, que só falta beijar os eleitores.

—Bons modos tem elle... emquanto precisar; a cara é que o não ajuda: pançudo, a cabeça quasi chata, sobrancelhas de salteador, cara e mãos gordurentas de magarefe, e o nariz? um nariz pequeno, sumido nas bochechas, um espevitador mal collado debaixo dos olhos, nariz arrebitado de palhaço, nariz vermelho de bebedo!

—Lá isso podia ser feio e boa pessoa!...—attenuou Angelo.

—Mas não é! Tu nunca reparaste para o olhar d'elle? E' um olhar de raposa, olhar baixo, de padre, de mula de physico. Começa porque elle, mesmo quando está a conversar que deita a mão ao hombro do parceiro, não se colloca deante d'elle: é de lado para olhar em frente, fingindo-se todo ouvidos para quem lhe está a falar mas na realidade p'ra não prestar a menor attenção e para os olhos lhe não denunciarem a velhacaria; nunca reparaste?

—Eu, pelas falas que tenho tido com elle...

Uma casa de S. Mamede do Tua—(Cliché de Carlos Lopes)

([1]) É talvez d'aqui que vem a phrase popular: *dei-lhe na malhoada,* que por Traz-os-Montes se diz: *dei-lhe na amalhoada.*

A mesa paterna

—Não perdes nada, aquillo é má fôrma... E' filho de padre, e bonda! Homem! elle é tão ruim que parece que até a terra onde elle nasceu se despreza de lhe ter sido berço. Já alguem te soube dizer ao certo a freguezia onde elle nasceu? Eu tudo lhe perdoava menos valer-se dos altos casos de justiça para arranjar votos. Só com um varre-canêlhas, Angelo, como dizia o teu antigo patrão.

—Por falar nisso: ha noticias d'elle, o Reitor?

—Ha, por intermedio do meu condiscipulo de Braga.

—E então? Boas?

—Então, más. O homem sempre vae desterrado para Santa Maria d'Emes, lá p'ró Minho. A brincadeira com o cabo e o corneta, a que elle deu bolêto, saiu-lhe cára: pelos modos, os homens, ou envergonhados pela cobardia com que se portaram quando elle lhes aperrou o bacamarte ou pela valentia de contarem peripecias de viagens maravilhosas, foram para o Corpo gabar-se de terem escapado de ser assassinados pelo Reitor d'Alijó. O commandante interrogou-os, as praças, com mêdo do castigo, confirmaram o caso e ahi se põe o coronel a officiar. O Arcebispo foi por isso que chamou o Reitor.

—Razão tinha elle, pelos geitos, de suspeitar intriga.

—D'essa se livrára elle bem e, se não faz nada menos de duas partidas lá mesmo debaixo dos olhos do Arcebispo, a coisa arranja-se...

—Sim?!

—Uma foi mesmo com o Arcebispo: logo na primeira audiencia, o Reitor não foi lá muito p'ra que digamos, e em vez de ouvir a reprehensão do Arcebispo foi elle quem reprehendeu o Prelado. Dias depois, vendo entrar o Arcebispo numa kermesse de caridade, rompeu em voz alta: «Olha que macaco aquelle! Olha que estafermo! S'elle me torna a levantar a grimpa, arrebento-o!» Imagina tu, o escandalo, isto em Braga, em Braga!

—E a outra diabrura?

—A outra tem graça, palavra que tem, e nunca os pés lhe doam! porque foi com os pés que elle a fez. Foi o caso que indo o Reitor a um baile de mascaras, o que é que havia de lá encontrar? Um homem mascarado de Camões, de corôa de louros na cabeça, a gola de rendas, o gibão com mangas tufadas, calção, e um livro de papelão debaixo do braço, a fingir que eram os *Lusiadas*. Diz' que o Reitor não déra uma palavra: que se pozera na frente do mascara, a miral-o d'alto a baixo; o homem muito compromettido, voltou costas, e ainda bem o desgraçado não tinha rodado já sentia no trazeiro um formidavel pontapé, dado com aquella bota de couro do Reitor. Isto correu, uns achavam graça, outros reprovavam, chegou aos ouvidos do Arcebispo e ahi tens o homem deportado para o Minho sem mais remissão nem aggravo.

—Afinal, por nada!

—Que queres? neste mundo não basta sêl-o é preciso parecêl-o. O Reitor é uma boa creatura...

—Como poucas!

—Mas o feitio compromette-o... depois a politica aproveita-se de tudo, e o Silva emquanto não tiver um parocho lá da côr não descança. E o Prelado, como minhôto, não póde tragar o caracter independente do nosso Reitor, que afinal elle é mas é um trasmontano com todas as suas virtudes e todos os seus defeitos. Nós, os trasmontanos, somos com'ás nossas fragas que quanto mais á beira do despenhadeiro estão mais aguçam os dentes. Ao português d'outras provincias custa-lhe a habituar-se cá ao nosso sênho...

—Até a mim que nasci entre sêrros, me custou! Ah! quando eu cheguei a Alijó os primeiros tempos, amigo Sarmento, parecia que tinha uma pedra em cima do peito. As vinhas pareciam-me ethicas...

—E estavam.

—Bem, mas eu não me refiro ao «mal» que as roia, mas cá ao baque de tristeza que ellas me davam, com os bardos todos torcidos.

E Angelo seguiu, lastimando a difficuldade da primeira adaptação a esse meio cyclopico onde tudo é gigante: a fraga, a caudal, o homem, a propria desgraça.

Sensação inhospita que a terra mais hospitaleira de Portugal exhala das fendas dos seus schistos, com o espinhaço da cordilheira, desnudado ao menor pêso da geira, a apparecer além sombrio e auguado, sensação que aterra o pigmeu creado a patinhar nos lamaçaes do Minho e a mesma audacia do extremenho costumado á facil planura do Ribatejo.

Ha que appellar para o tempo, esperar que elle nos leve pela mão de monte em monte, de horizonte em horizonte, apresentando-nos a novos môrros e novos valles, para que aquelle scenario de poucas falas,—sem a tagalerice intromettida das paisagens abastadas de riachos, que nos não estendia os braços amaveis como a louçania minhôta,—passe de indifferente e neutra aos panoramas queridos da retina.

—Mas agora...—avançou Sarmento.

—Agora, estou a querer a Traz-os-Montes como se fosse a minha terra natal. Foi como com o nosso Reitor: quando lhe falei a primeira vez, á porta da Igreja do Populo, que elle me ensinou o que era um *varre-canêlhas* e se pôs para ali a berregar commigo, cuidei de estar a tractar com um doido ou com um assassino. Eu era rapazote, creança, e os primeiros tempos não ganhei para sustos. Depois habituei-me ao genio d'elle e demo-nos como Deus com os anjos.

—Ouve lá! tu vieste a S. Mamede p'ra vêr a

minha vinha ou foi para estarmos aqui a dar á lingua? Anda d'ahi, homem, senão anoitece sem pôrmos o pé numa propriedade.

—D'aqui até á noite, não me dôa a mim a cabeça!

—Mas se te deixasse, tornava a nascer o dia e tu a falar: Deus te perdôe, bem se vê que és trasmontano de torna viagem!... O trasmontano não é de ditos, é de obras!

Atravessaram a povoação, tortuosa como amesendado medievo, as suas casinhas de pedra sobre pedra, á moda da região, summárias e desambiciosas, e, a não ser na praça separados pelo rapazio que brincava nos degraus, em bolachas, do Pelourinho,—um monolitho cravado em quatro ou cinco pedras redondas como mós—, mesmo pelo caminho continuaram a dialogar, agora noutro thema:

—E o teu sogro, e teu cunhado?

—Bem: se nos vêmos, falamos, se não nos vêmos não nos vêmos, e assim não nos podemos dar mal.

—Não que é o melhor! intimidades não dão resultado.

—O que elles se ralam, todos, o meu cunhado principalmente, é por não saberem donde me vem a minha força. Ah! que de Deus que é o Sarmento de S. Mamede que me abona o capital...

—Eu?! Tomára-o eu para enterrar ahi nesses schistos. Não digo que se te visse precisado de dous centos de libras não fosse capaz de t'as arranjar, mas dinheiro para ser banqueiro de negociante, toda a gente sabe que não tenho. E demais agora com a molestia das vinhas: isto é peor que ter tysicos em casa, vae-se tudo na botica!

—Pois 'stá visto! mas como elles me vêem a morar na sua casa da Arcã e eu, depois que casei, nunca mais lhes fui lá pedir dinheiro nem credito para me fornecer do Porto, elles dizem lá na sua: «Quem diabo abonará o capital ao Angelo, que não arreia?...». Escusam de se cançar que tarde ou nunca o saberão.

—Não são só elles...

—E' tambem o povo, bem sei. Chegaram a levantar que fôra a minha mulher que, como lidou com o estabelecimento, fizera pé de meia... mas nesse ponto, o meu cunhado portou-se bem e disse a verdade affirmando que a minha Rosina era incapaz de desviar cinco réis e que o pae olhava por tudo, nunca tendo dado por um engano, engano que fosse, no balanço.

—O povo tem sempre que dizer...—e como tivessem chegado á vinha:

—Então, que me dizes a isto? Trabalha-se ou não se trabalha?—e num gesto de creador, abrangia o «quintal» (¹), com valas abertas para o plantio, ranchadas de espanhoes e portuguêses sentados pela beira da geia ou á sombra d'um cômo—Ein?

—E' semear, é semear para colher...

—Hei-de vir a ser o maior vinhateiro de Traz-os-Montes, Angelo! Só se Deus me não der vida e saude!... O vinho é oiro, e nenhuma cêpa d'este mundo e do outro vale a do Douro! Ahi vem a tua Rosina.

(¹) Para a grandiosidade trasmontana, o que seria no Minho ou no Algarve uma *quinta*, um *monte*, não passa modestamente de um «quintal».

—E a sua mãe!

—Fica tu ahi um cibo com ellas, que eu vou-me ao pé dos obreiros.

Os homens mal deram pelo patrão, pozeram-se ao trabalho.

Os paquetes carregavam já os cestos do jantar e a lucta recomeçou entre o homem e a fraga, terrivel, pertinaz, aquelle recuando para crear novas forças, esta immovel, estatica, soltando apenas um rugido ou despedindo uma lasca de pedra quando a cunha a feria mais fundo.

Por fim, os ferros lá brocavam o schisto, os homens obturavam-o com polvora e dynamite, e, de mecha na mão, abafada a «mina» com ramos de arvore, gritavam o seu aviso.

Sarmento correu para a mãe, e afastou-se com Angelo e Rosina, para uma eira dominante.

O tiro partiu, medonho como voz de terremoto, e, com os ramos de arvore projectados sobre os telhados, pedaços de schistos bateram numa parede.

E, como a rez morta, o jugo de bois entrou na vala revolvida tirando o zôrro (¹); dois obreiros carregaram o de pesados blocos de schisto, que os animaes, aturdidos pelo tiro, iam, numa tristeza de feretro, deitar longe d'ali, a um aterro começado.

—Que tal, ein? Isto é que é força!—exclamou Angelo.

—Tambem só a dynamite! Imagina tu como fica cara uma vinha: quantos homens e quantos dias para romper dez metros de vala!

—E cada vez mais exigentes!—corroborou a mãe de Sarmento, com a sua experiencia de dona de casa—Só querem ser tratados a batatas, tres refeições, e a merenda no verão...

-E oito a doze vintens, de jornal... mas deixe lá, minha mãe, d'aqui a dois annos têmos ahi vinho com fartura, e como o vinho cada vez é menos e os vinhateiros se não resolvem a plantar, havemos de vendel-o pelo que quizermos.

—Não desejo o meu bem á custa do mal dos outros!

—Isto não é desejar mal a ninguem, é prever o que vae acontecer. E sabes, Angelo, já este anno temos a novidade dos primeiros plantios...

—Pois quando a sua uva pintar, amigo Sarmento, já na minha casa haverá novidade...

—Pa... lavra?!—exclamou Sarmento, alegre da noticia, relanceando o olhar pela cinta deformada de Rosina que baixou os olhos, ruborisada—E eu sem ter dado ainda por tal!... Parabens, comadrinha, parabens!...

—Deixe lá, menina, não faça caso...—defendeu-a a snr.ª Anninhas, já ao corrente—tambem vós não *tindes* vergonha nenhuma!

—Ó mãe, se ter filhos fosse alguma vergonha, vocemecê que é uma santa...

—Cala-te, cala-te, meu fistor...

—Pois, compadre e comadre, o primeiro vinho das videiras novas é p'ró baptisado do meu afilhado...

E, quanto mais Rosina se encobria com o corpo da snr.ª Anninhas mais nos olhos de Angelo brilhava a suprema alegria do homem, grato á companheira que lhe vae dar a certeza de que tambem no homem ha a força misteriosa de creador.

(¹) Corruptela de zôrra, prov. trasmontano.

Cliché de Carlos Pereira Cardoso

ERMIDA (Douro)—Porta de Traz-os-Montes

O Conde d'Ariães

(Legenda inedita)

(Continuação)

Deram-se varios golpes sem resultado. Os dous contendores batiam-se heroicamente, parecendo interminavel a lucta. Por ultimo o peitoral do Conde d'Ariães cedeu a um formidavel golpe de cimitarra, rompeu, e o Conde d'Ariães, ferido, tombou.

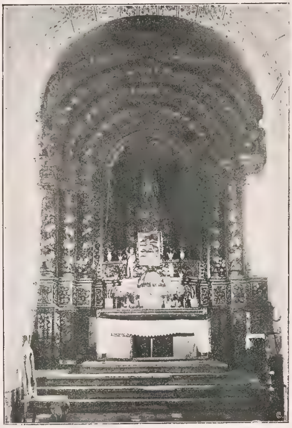
Azaraat, faiscando raiva, pôs-lhe um pé no pescoço, gritando:

— «Poupo-te a vida, pêrro, porque quero que vivas, porque a vida ha-de te ser mais amarga do que a morte!»

Os arabes retumbaram d'alegria, e os christãos, abatidos, deixaram o valle.

O sol lançava os ultimos raios por entre os penhascos mais altos da serra de Nogueira. Desapparecia, e com elle desapparecia a esperança de muitas almas.

As aves, temendo o frio da noute, procuravam os bosques. Os espectadores escoavam-se, e a arena ficou, pouco a pouco, deserta.



O altar da capella-mór da igreja do convento

As sombras da noute vinham tombando sobre o valle. Lá ao longe, para os lados da serra de Nogueira, ouvia-se ainda o alarido dos arabes, como som que se perde para lá dos outeiros.

N'aquelle local ficára só o Conde d'Ariães. Abatido, profundamente abatido, meditava. Ainda nem notára que a noute chegára.

Levantou-se e disse:

— «Como este local é triste! Tenho medo, sinto medo. Medo..., é a primeira vês que sinto medo!»

O Fervença, murmurando, segredava-lhe aos ouvidos como que uma area funebre.

Os carvalhos e os castanheiros, dobrando-se ás rajadas do norte, pareciam-lhe phantasmas.

Pensou em suicidar-se. Lembrou-lhe Alcina, a sua amada dama do castello d'Outeiro, por quem elle praticára actos heroicos no Oriente, e ficou dissuadido. Desesperado, pôs-se a caminho do Castro d'Avellãs.

* * *

— Como vens triste, Fernão! — dizia-lhe a condessa, sua mãe, pretendendo beija-lo e consola-lo.

Elle lançava-lhe olhares de indifferença, d'aquelles olhares de vencido, aos quaes ninguem na terra póde dar allivio.

— Meu pobre filho, como és infeliz! — dizia a mãe, indo para abraça-lo. — O renegado venceu-te! Que dôr, meu Deus! Custa-me vêr-te tão infeliz, tão desgraçado! O scelerado wali, não contente em te envergonhar, vencendo-te diante d'arabes e christãos, escalou na escuridão da noute o castello d'Outeiro e roubou Alcina para o seu harem.

A physionomia apagada de Fernão Mendes acendeu-se como um relampago. Aquelle rosto perturbou-se d'assombro pelo que ouvira. Os olhos faiscavam raiva. Tinha todo o aspecto d'um tresloucado.

— «Que dizes, mãe? Repete o que dizes! Anda, fala depressa, muito depressa, repete já o que dizes, mulher!»

— Mettes-me medo! Não me apertes, magoas-me...

—«Repete o que dizes. Alcina roubada! O quê? Ah..., mãe ingrata, para que me creaste?»

—Enlouqueceste!...

—«Para que me creaste? para que me creaste? dizia elle, agarrando-a pela cintura, como quem vae dar execução a uma ideia subita e funesta».

—«Para que me creaste?—continuou gritando, enfurecido, arrastando-a pelos corredores do castello».

—«Para que me creaste?—gritou pela ultima vez, abrindo a porta da jaula dos leões e arremessando a mãe para dentro, como quem atira com um objecto inutil e desprezivel».

Desmaiado, perdeu o equilibrio sobre as pernas e cahiu no mosaico do corredor.

Os leões, de guellas escancaradas, formaram o salto sobre a victima. De jubas eriçadas, dilataram as narinas, formaram o salto:

—O' Fernão, acode-me, Fernão!

Este grito mais serviu para os acirrar.

A patada d'um esmigalhou-lhe o craneo, outra abriu-lhe os peitos, pondo-lhe á mostra o coração e os pulmões, lançando urros atroadores.

Retalharam a prêsa e cada um com sua peça, aos saltos, procurou um canto da jaula.

Lá dentro os ossos da mãe estalejavam nas fauces dos leões: cá fóra o filho continuava sem sentidos, estendido no pavimento.

Passado algum tempo começou a abrir os olhos; esfregou ligeiramente a fronte, como quem acorda d'um somno de febre.

—«Onde estou? Mas eu... eu... que fiz eu? Que tenho? Falha-me a memoria... Espera!..., minha mãe... minha mãe?..., onde está minha mãe???... Sim... Aquella porta... Eu abri aquella porta... Ah!!! Que fiz!! Que fiz, meu Deus! A minha lança!! A minha lança!! Minha mãe!! O' minha mãe, quero salvar-te!!»

Entrou na jaula.

O corpo de D. Ausenda estava retalhado no pavimento. Aqui uma mão, ali um pé, mais adiante uma peça do craneo.

O cavalleiro entrou na jaula, rugindo como um leão.

Os leões, exacerbados com o cheiro do sangue, esperavam nova presa. Não tardaram a formar o salto, mas não tiveram tempo.

Uma lançada entre as espaduas prostrou um immediatamente no lagedo, exausto: o outro, estando já de pé, recebeu tambem sua lançada entre as costellas, sendo subitamente prostrado.

—Minha mãe, perdoa-me, minha mãe!

Sentiu faltarem-lhe de novo as forças. Cambaleou e cahiu desmaiado, ensanguentando os cabellos no sangue da mãe.

O Tribunal Ecclesiastico havia condemnado o Conde:

—«Assim como elle matára quem o creára, devia crear quem o matasse a elle. Devia ir ao campo, procurar uma cobra e crea-la, até que se tornasse em serpente».

Os nobres, entre outros previlegios, tinham o da homenagem, em virtude do qual não eram presos em cadeia publica, mas em sua casa, no castello ou em toda a cidade ou villa [1].

[1] Ord. liv. V, tit. LXX.

O Conde d'Ariães errava pelos campos.

Os camponezes, ao romper do dia, viam-no sahir dos bosques, magro, abatido, desolhado, recolhendo ao castello, como quem entra num tumulo.

Fôra vencido pelo seu inimigo, matára sua mãe, tinham-lhe roubado a sua dama...

Nos bosques, em noutes escuras, a ideia que Alcina, a sua castellã, o esquecêra, aterrava-o.

Lembrava-se de que ella se devia sentir feliz nas delicias e alegrias do alcaçar. Quando o somno o prostrou, sonhava, via o wali que a beijava e ella que lhe sorria. Acordava. Erguia-se. Dava alguns passos. Queria afastar aquella ideia sempre patente ao seu espirito: não o conseguia. Procurava allivio, não o encontrava. Lembravam-lhe os carinhos da mãe, queria confortar-se com elles, mas essa ideia surgia-lhe negra no espirito e mais ainda o aterrava.

Via a jaula, os membros da mãe espalhados por ella, sentia nauseas, corria como enlouquecido, parava, sentava-se, levantava-se, passava assim noutes inteiras, diabolicas.

A namorada do Conde continuava prêsa no Castello de Nogueira. O wali do alcaçar tentou viola-la. Alcina resistiu sempre. Um dia que o wali a queria seduzir, Alcina tirou um punhal e disse para o arabe:

—Se avanças mais um passo, vês-me cahir aqui morta a teus pés.

Azaraat mandou-a encerrar na prisão do castello, até que ella cedesse.

A vida n'aquelle antro era horrivel. Alcina definhava. O seu rosto bello, falto de luz, murchava dia a dia. Azaraat sentia prazer em vê-la impallidecer. Tinha febres, delirava. Os eunucos, quando a noute corria alta, ouviam-na no delirio da febre, pronunciar o nome de Fernão. Chamava-o, acariciava-o, acordando fatigada, ao vêr-se n'aquelle mesmo logar. Assim passavam dias e dias, sem esperança, entre as ameaças de deshonra e a morte inevitavel.

* * *

Pouco havia que a lua nascera. As torres tisnadas do castello de Roboredo já se desenhavam claramente ao luar. A noute estava silenciosa; nos céos nem uma nuvem. O silencio era geral. A voz do *muezin*, de vez em quando, quebrava o monotôno murmurio da ribeira da serra, que espirrava entre os rochedos da crista e passava raivosa diante do castello. O piar agourado dos mochos nos troncos dos carvalhos musgosos contrastava com as estridentes gargalhadas femininas que sahiam do harem do castello e se iam perder na solidão da noute.

Das ogivas e janellas em ferradura dos torreões sahia uma luz feerica, empallidecida, que deixava vêr bem o rosto das odaliscas que chegavam a ellas e se retiravam absorvidas, na contemplação d'uma bellissima noute luarenta.

A favorita do wali estava agora á ogiva.

Ouviu gemer lá baixo um alaúde. O piar dos mochos tornava as notas mais dolentes. Esse som fê-la suspirar. A principio era necessario applicar attentamente o ouvido, para perceber as notas, mas o som ia successivamente augmentando, tornava-se mais claro. Uma voz muito sentida, casada com a do alaúde, traduzia magoas, transpirava queixumes,

respirava amor. A voz subia lenta, gradualmente. As ogivas, pouco e pouco, na mansidão da noute, enchiam-se de formosas mulheres, attrahidas por aquelle canto vindo do céo.

As sentinellas das muralhas e do eirado, encostadas ás guaritas, escutavam tambem. A figura de Azaraat, de turbante branco e barbas negras, assomou a uma janella em ferradura.

—Que voz celestial é aquella? E' mais maviosa do que a de Horando!

Os dous trovadores avisinhavam-se do castello.

A voz continuava chorando uma balada antiga:

N'aquella serrinha alta
N'aquella mais alta serra,
Móra uma serrana
Formosa ingrata era.

A voz em requebros dolentes d'amor estendia-se, dilatava-se, perdia-se. As odaliscas suspiravam. Azaraat estava commovido, encantado.

Os leões da lenda

Alcina, no delirio da febre, ergueu a cabeça e escutou aquella aria tão querida e aquella voz tão meiga. Pareceu-lhe conhece-la. Debaixo do balcão do seu castello já ella fôra cantada.

O trovador continuava:

Sua arma traz ao hombro
A' moda de caçadeira.

O alaúde gemia, o trovador chorava, as odaliscas suspiravam.

Calára-se.

—Senhor wali,—dizia a favorita, juntando a sua voz ás companheiras do harem,—mandai entrar os menetreis! Nunca ouvimos uma voz tão magoada. Não nos priveis do prazer de ouvir mais aquelle cantor.

Azaraat estava tambem desejoso de ouvir mais. A musica e o canto tinham-no disposto bem. Deu ordem d'entrada aos trovadores.

Ao transporem a porta principal da fortaleza uma serviçal apressadamente acendeu uma vela que deixou arder n'uma esplanada do lado poente do castello ([1]).

O wali recebeu os trovadores na sala mais rica do harem. A meio da escadaria o alaúde começou a gemer e o trovador a chorar.

Azaraat occupava uma rica cadeira d'ebano com guarnições d'ouro.

As mulheres, reclinadas em coxins, enleadas em devaneios, o seu espirito parecia adejar em regiões mysteriosas e phantasticas.

A entrada dos trovadores demandou a attenção das odaliscas. Curvando-se reverentemente, os trovadores foram prestar homenagem ao Senhor do Castello, e ajoelharam diante do wali.

Ao levantar-se, o mais corpulento arrancou um punhal e cravou-o no peito do wali, exclamando:

—Á senhora dos meus pensamentos jurei vingar o Conde de Ariães. Antes de morreres quero que me conheças. Olha bem para mim. Sou Ranemiro!

—«Assassino!»—bradou o wali, arrancando o punhal do peito.

Quiz luctar, as forças faltaram-lhe. O sangue jorrava. Cahiu sem forças no sobrado.

—Morto!! Morto!!—gritavam as mulheres do harem.

Silencio!!—bradou Ranemiro.—Nem uma palavra! Ouviram? Nem palavra!

(Conclue no proximo numero).

DANIEL RODRIGUES.

([1]) Perto das ruinas do castello ainda hoje existe a chamada pelo povo «Lameira da Vela Accesa».

O Vinho do Porto

Sob o ponto de vista da enxertia nas americanas

AINDA se está muito longe de se haverem feito observações rigorosas, na região dos Portos (Alto Douro), sob o ponto de vista da acção dos diversos cavallos sobre a qualidade do producto, pois que estes trabalhos requerem cuidados minuciosos de prova, ao mesmo tempo que estudos conscienciosos de laboratorio, completando-se os dous reciprocamente.

Por outro lado, a reconstituição dos vinhedos, no Alto Douro, não principiou d'uma fórma séria e a valer senão ha uns desoito annos, pois que, até ali, Portugal conhecia insufficientemente as diversas cepas do Novo Mundo: plantava-se a torto e a direito, ás apalpadellas, em mistura, tudo que era fornecido pelos horticultores e viveiristas que, naquella epocha, elles proprios não distinguiam uma *Riparia* d'uma *Rupestris* ou d'uma *Cordifolia*.

Assim se começou sem guias pelos *Jacquez*, *York Madeira*, *Cunningham*, *Taylor*, *Elvira*, *Vialla* e muitas outras cepas que só deram maus resultados e que desde longo tempo foram abandonadas.

Mais tarde vieram as *Solonis*, as *Aramon* × *Rupestris*, as *Mourvedre* × *Rupestris*, uma mistura composta de *Rupestris* e de *Riparias*, mais ou menos más, até ao momento em que se introduziu da França a *Gloire de Montpellier*, a *Grand Glabre*, a *Rupestris du Lot* e, ultimamente, as *Riparia* × *Rupestris* 3309 e 3306.

Assim o Douro, é necessario confessal-o com toda a sinceridade, está altamente reconhecido aos que trabalham em França pois que é a elles que unicamente deve—*exclusivamente* é a expressão—a repovoação das suas altas colinas, durante muitos annos abandonadas á vegetação espontanea e tornadas um vasto deserto.

Venda d'uvas

E dizer-se que num certo momento se chegou, á falta de recursos, a fabricar vinho do Porto, com a *Jacquez* e a *York Madeira*—proh pudor!—este vinho encontrando compradores que o pagavam muito generosamente porque provinha do Douro!

O commercio dos vinhos do Porto, como o de Bordeus, que veio procurar aqui a materia prima para fazer face ás suas necessidades, foi heroico.

Quando o vinhedo português do Douro estava perdido, desapparecido sob a acção destruidora do *Phylloxera vastatrix*, sustentava tambem os seus algarismos d'exportações em escala ascendente!

Reflectindo um instante, comprehender-se-ha qual deveria ser o

valor d'esse producto... Mas todos os recursos estavam exgotados, pois que o *Phylloxera* havia tudo destruido na sua marcha accelerada.

Uma vindima em Vidago -(Cliché de Carlos Pereira Cardoso)

Comprehende-se, certamente, que não é em vinhedos novamente reconstituidos que vinhos de *élite*, como são os do Porto, podem ser facilmente estudados, sobretudo porque estes vinhos, ao contrario de muitos outros, não adquirem todas as suas qualidades preciosas senão dez ou quinze annos depois.

Todavia, é evidente que, fazendo-se a maturação mais difficilmente nas plantas enxertadas do que nas plantas indigenas *(Vitis vinijera)*, resulta logicamente uma diminuição d'assucar ou d'alcool, sem augmento de glycerina e d'ethers que modificam o velho typo caracteristico do Porto, não obstante certas correcções œnologicas.

Dorna para conduzir as uvas ao lagar

Esta questão da glycerina nos Portos é das mais importantes, pois que é ella que, dentro de certos limites, lhe dá o xaroposo e unctuoso, um caracter dos mais preciosos dos vinhos do Alto Douro. Assim, segundo as pesquizas conscienciosas que o sabio chimico, conselheiro Ferreira da Silva, na qualidade de director do Laboratorio Municipal do Porto, teve a amabilidade de me fornecer, feitas com vinhos da mesma procedencia—uma questão de nome—mas de colheitas afastadas, vêr-se-ha, com effeito, uma differença notavel na dosagem da glycerina. Eis o que o sabio professor registrou:

Colheita de 1870. . . .	0,941
Colheita de 1904. . . .	0,580

Como se vê, segundo as analyses, a colheita de 1904 perdeu, em comparação com a de 1870, cêrca de 50 % de glycerina, um ponto capital que não deve ser perdido de vista para a boa constituição dos Portos provenientes das quintas de fama.

A vegetação das plantas é hoje muito differente, pois que as raizes ainda não tiveram o tempo sufficiente de se apoderarem do terreno e introduzir-se profundamente entre as aberturas dos schistos argillosos ou cambrianos, ficando assim ao abrigo dos calores torridos e da sécca d'este Senegal lusitano, sendo, além d'isso, bem mais sensiveis á falta de chuvas de que as nossas antigas cepas que, no momento da colheita, apresentavam o cango completamente lenhificado sendo a doçura dos fructos de tal modo extraordinaria (15° a 16° Baumé) que, para obter a marcha regular da fermentação, impunha-se juntar ao lagar uva proveniente de sitios mais altos, que não tivessem ainda attingido a supermaturação.

Nos vinhos do Douro falta, actualmente, mais do que nunca, o tanino, o engaço não podendo produzil-o por não se lenhificar, accusando, ao mesmo tempo, um certo verdor, muito natural.

Comprehende-se isso e, portanto, o desengace impõe-se e emquanto não se faça inteiramente ou pelo menos parcialmente, os vinhos do Douro accusarão sempre um gosto herbaceo desagradavel e de que o commercio justamente se vem queixando, desconhecendo entre tanto a causa, e que tão fortemente prejudica a qualidade.

A par e passo que a idade das reconstituições fôr augmentando, a qualidade dos vinhos do Alto Douro deve ganhar sensivelmente de valor e, certamente, quando os vinhos fabricados hoje sejam provados na sua idade conveniente, encontrar-se-lhes-ha fineza, o corpo unctuoso, o bouquet delicado, exquisito e harmonioso que são os caracteristicos principaes dos velhos vinhos do Porto.

E' sobejamente conhecido como os cavallos representam um papel primordial sobre a qualidade dos vinhos e consequentemente, quando se recorrer francamente ás *Reparia* × *Rupestris*, preferindo, pelo seu geotropismo a 3309, ou ainda quando se plantar a *Berlandieri* × *Riparia* 420-A, ficar-se-ha convencido que o problema da qualidade ficará completamente resolvido e sem restarem duvidas. E' necessario sobretudo abandonar o mais breve possivel a perniciosa mistura dos cavallos que existe e entrar numa vida nova, um pouco mais de harmonia com os progressos da sciencia.

O homem dos ôdres

Emfim, e é este o ponto principal, julgo que adoptando os cavallos que se apropriem bem aos terrenos schistosos e seccos da nossa região de vinhos licorosos; enxertando sómente as antigas e afamadas variedades que foram a gloria dos nossos antepassados; excluindo até um certo ponto e racional proporção as de cachos grandes e decorativos, conhecidas sob o nome generico de *Tintas grossas* que produzem abundantemente, mas sempre mau vinho; dando ao vinhedo de tres em tres annos uma adubação (phosphatos, gesso, potassa, nitrato de soda) em doses convenientes; desengaçando entre $^1/_2$ a $^3/_4$; submergindo a manta durante a fermentação para que se extraia o maximo da œnocyamina; estabelecendo como regra geral bem fixa elevar sempre os mostos, acusando apenas entre 4 a 5 grammas expressas em acidez total, pelo menos a 7 ou 8 grammas para que consequentemente os vinhos sejam melhor constituidos, mas sobretudo para se obter a sua bella côr d'um vivo vermelho rubi; empregando para a alcoolisação, ou elevação de grau alcoolico, agua ardente de primeira qualidade — sobre tudo a que se produz pela distillação dos vinhos do Norte (Traz-os-Montes, sendo o ideal); em summa repetil-o-hei, o vinho do Porto, o celebre *Port wine* ficará sempre no primeiro plano sem que qualquer das suas antigas qualidades organolepticas se perdesse, não obstante a grande metamorphose pela qual a cultura da vinha haja passado, desde a invasão phylloxerica em 1870, seguida pela ruina dos mais ricos e poderosos viticultores do país.

Entretanto uma nova éra parece surgir, graças, principalmente, aos esforços, aos trabalhos quasi que sobrehumanos de Planchon e Lichstentein que fôram os primeiros a annunciar aos viticultores do mundo inteiro o perigo ameaçador que o surprehenderia como se fôra um raio; e seguidamente a homens cujos nomes celebres nunca se apagarão da memoria dos viticultores honestos taes como Laliman, Millardet, Pulliat. Gaston Bazille, Foëx, etc., etc,

Eis aqui em resumo o que penso dos vinhos do Porto: houve um curto momento em que o seu valor vacilára — para que ter a ingenuidade de occultal-o quando todos o sabem? — mas, hoje reconquistaram as mesmas qualidades das epochas longiquas se não os sacrificarem ás más e ambiciosas lotações e se se lhes consagrar todos os paternaes carinhos de que carecem.

Estes vinhos do Alto Douro — o *Port wine* — é necessario amimal-os para os tornar preciosos, desde o momento em que as Videiras começarem a florir, isto é antes que elles tenham chegado ao mundo — *ab ovo* — até ao momento em que se servem á meza, então muito singulares, muito sensiveis, muito nobres.

Deveriam ser sempre bebidos de joelhos!

Porto.

DUARTE D'OLIVEIRA.

Os Pelourinhos de Traz-os-Montes

II

PELOURINHO DE MURÇA (¹)

Pelourinho de Murça

Na principal praça d'esta antiquissima villa encontra-se o respectivo Pelourinho, ignorado por muitos, em frente dos paços do concelho e do celebre monumento conhecido pela denominação de Porca de Murça (²), que alguns escriptores designam com o nome de Pelourinho por ignorarem a existencia d'aquelle e por se não quererem incommodar com investigações, trabalho por demais arduo, e acharem de ordinario mais commoda a simples transcripção sem mais preambulos.

Assim tem succedido com o Pelourinho de Murça, pois desde que o primeiro escriptor tal ignorancia demonstrou todos os mais o seguiram, ignorando a existencia do verdadeiro Pelourinho, de que me ufano de publicar a respectiva photogravura por onde se vê o monumento ser mui diverso, e como melhor refutação a todos os escriptos que se teem occupado erradamente d'elle.

Lembrarei que apezar de, por mais d'uma vez, se achar associado o mostrengo a Pelourinhos, nada absolutamente tem com elles: os nossos Pelourinhos, são uns da idade-média outros posteriores, ao passo que os monumentos da natureza do de Murça, datam do tempo pre-romano e relacionaram-se com as ideias religiosas dos antigos habitantes da Peninsula Iberica, por cuja area na religião septentrional, se encontram bastantes monumentos semelhantes.

O Pelourinho de Murça que é em estylo gothico, como bem indica o feitio em cordão da sua columna, assim como o dos tres remates que se vêem sobre o capitel, a qual assenta quatro degraus quadrados.

As armas reaes que se encontram em uma das faces do capitel são as de D. Manuel I.

A feira de Murça

Attendendo á sua antiguidade encontra-se o Pelourinho, em relativo estado de conservação, sendo porém para lastimar que a camara municipal não tenha mandado arrancar algumas ervas que especialmente *ornamentam* os intervallos dos remates do capitel.

Lisboa, novembro, 1909.

SILVA LEAL.

(¹) Em todos os foraes, que teve se chama *Murça* de Panoyas e não Murça, como ha bastantes annos é conhecida.

(²) Depois de termos concluido os nossos estudos sobre os Pelourinhos de Traz-os-Montes, havemos de occupar-nos d'estes celebres monumentos do passado.

MONCORVO

Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana.

(Continuação).

DOCUMENTO N.º 5

(7 de maio de 1370)

Dá D. Fernundo a Moncorvo os julgados de Urros e Peredo e as aldeias de Souto da Velha, Castedo e Lousa Importancia do porto que Moncorvo tem no Douro.

Dom fernando pela graça de deos rey de portugal e do algarve. A quantos esta carta virem faço saber, que o concelho e homeens boons da minha villa da Torre de meen corvo, me enbiarom dizer, que ao tempo que a dita vila foy primeiramente edificada e pobrada, que lhy forom dadas e outorgadas grandes termhos e que avya grande peça de campanha e que os da dita vila porquanto eram muytos fezerom a cerca e muro da dita vila grande.

E que depoys foy merce del Rey Dom Diniz meu bisavoo a quem deos perdoe, que fez a vila de vila frol no termho da dita vila da Torre de meen corvo e lhy deu grande parte do seu termho, e das gentes e vizinhos dela, pola qual razom a dita vila da Torre ficou menguada de gentes e companhas, estando esta em gram perigo de se perder e despobrar. Tambem por razom da guerra como outros grandes encarregos que a.

Outro sy me embyarom dizer que teem hum porto no rio Douro e barcas en el, a huma legua da dita vila no seu termho e se a dita vila da Torre fosse perdida ou gaanhada dos inimigos, o que Deos non queira; embargarssia o dito porto por tal guisa que nestas fronteyras non poderyam por aquel porto aver passagem para myranda, nem para Samora nem para outras partes do meu senhorio, e que a my e aos meos sogeitos seria mui dapnoso.

E embyarome pedir por merce que a quantos logares que estavam arredor da dita vila da Torre de meen corvo, desse por termho da dita vila, e lhys desse sobre eles jurisdiçom, e os fezesse sogeytos da dita vila da Torre de meen corvo e eu veendo o que me embyarom dizer e pedir, porque a my prestam alguas daquelas cousas que metem em acovrimento, [?] mayormente daqueles porque se pode seguir grande honra do meu senhorio e prol grande dos meus sogeytos, e porque podem seer alongados de grande dapnos, do meu poder absoluto porque o hey por meu serviço, dou por termho da dita vila da Torre de meen corvo, os julgados durros, do predo com seus termhos, a aldeya de Souto da velha, que ata este tempo foy te.mho da vila de anceōs com seu termho, de que os da dita aldeya ataa qui husarom, a que aa dita aldeya pertence.

E outro sy lhy dou a aldeya do casteendo, e de lousa que ata estes tempos dera que forom aldeyas da vila de vilarynho de castanheyra com seus termhos e pertenças de que ata quy husarom e lhes pertencem, reservando em cada hum dos ditos logares os meus direitos que hy avya e hey, porem mando daqui em deante, o concelho da dita vila da Torre de meen corvo huse dos ditos julgados e seus termhos e das aldeyas com seus termhos e devisões dos ditos logares que ataa qui ouverom, de todo jurydicom como termho da dita vila da Torre de meen corvo, non enbargando direitos, cartas, foros, ou privilegios que demy ou dos outros reys que ante my foram tenham gaanhado esas vilas e julgados suso ditos, ou ganharem sobresta razom que a esto podessem contrayrar e embargar que non vallesse esta doaçom. . . . .

. . . .

Dante em Santarem sete dias de mayo. El rey a mandou por Joham martins e Rodrigo esteves seus vassallos. vaasque anes a fez era de mil e quatro centos e oyto annos.

Copiado de um pergaminho do Archivo de Moncorvo.

DOCUMENTO N.º 6

(6 de março de 1376)

Os de Moncorvo são escusados de pagar para as fortificações de Freixo de Espada á Cinta. Importancia do posto que teem no Douro

Dom fernando pella graça de deos rey de Portugal e do Algarve a vos Joham rrodrigues posto carreyro meyrinho moaz por nos na comarca correiçom de traz os montes... quaesquer meyrinhos ou corregedores que hy depois vos vierem aa dita comarca saude.

Sabede que os juizes concelho e homees boons da Torre de meen corvo nos vierom dizer que vos dito meyrinho lhe mandastes da nossa parte que todollos moradores da dita vylla da Torre e de seu termho que ouvessem de seu quanthia de cem libras pagassem cada ano quarenta soldos e ho que ouvesse de seu conthia de cynquenta libras que pagasse em cada anno vynte soldos e que este fosse para hum apartamento de alcacere que nos mandamos ffazer em ffreixo despada cynta polla qual razom dizem que se lhe seguem grandes perdas e dapno em pagarem na dita adua porque dizem que pello aazo da dita adua a dita vylla da Torre sse pode despobrar, e que o dito alcacere que mandamos ffazer na dita vylla de ffreixo despada cynta see pode bem ffazer sem nossa. . . . . . e sem dapno de nossa parte porque nos avemos cada ano a terça parte de quanto rendem as egrejas do dito logo de ffreixo as quaes dizem que vallem em cada um ano de renda des quinhentas atea sseis centas libras as quaes dizem que fforam de ssempre despezas nos lavores do castello da dita vylla de ffreixo, e que nunca aos do dito logo custou nenhuma cousa e que sse os do dito logo de ffreixo derem adua para o dito alcaçar que pella dita adua e pello que as ditas terças rendem sse pode bem fazer o dito alcacere . . . . como nos mandamos ffazer e demays dizem que a dita vylla da Torre ha sua cerca que ffezerom a ssua custas em que sempre ahy sse acolherom e deffenderom elles e os outros das comarcas da redor, e que outro ssy ham hum porto de passagem no ryo doiro a huma leugua da dita villa da Torre e a tres leuguas de Castella que sempre foy guardado e deffeso pello concelho da dita vylla da Torre e porque he sseu.

O qual porto he o melhor e mais chaão e seguro. . . . ou-

tro nenhum que aia no dito ryo des a nossa cidade do porto ataa vylla de myranda que he em cabo do nosso reyno, e que o dito porto he tall que cada quer nossa merce . . . . . poderemos aver por elle passagem para a dita comarca de tras os montes assy em tempo de guerra como de paz para acorrymento e deffensom da dita comarca em quanto a dita vylla da Torre ffor pobrada e mantyuda como ora he, e que ssendo a dita vylla da torre despobrada ou guanhada dos inymiguos cousa que deos non queyra que o dito porto sse embarga por tall guysa que non poderemos por elle aver passagem para accorrer aas outras villas da dita comarca.

E que ainda que o dito logo de ffreixo despada cynta e mogadoiro e penas royas e bragança e myranda estivessem por nos seendo cercadas dos ennymiguos que sse poderiam perder sse pelo dito porto e vylla nom ffossem accorridas e que posto que as outras vyllas sobreditas ffossem perdidas ou cercadas sse o dito logo da torre e o dito porto estivessem por nos que por ellas poderiamos guanhar as outras que perdidas ffossem e que non ha outro porto nem vylla na dita comarca per que esto podessemos ffazer, e porem sse he pella dita vylla da torre (1).

E que outro ssy diogo gill nosso ouvydor que nos mandamos aa dita comarca chegou aa dita vylla da torre e vyo a dita cerca do castello e outro ssy hum poçom que esta dentro na cerca da dita vylla e porque byo que a dita vylla era grande e bem pobrada e de boas gentes e que esta em tall logar que he muyto nosso serviço de sseer manteuda que o dito diogo gill lhes assynou e mandou que ffezessem en ella oyto cubos mays dos que tynham em logares certos que lhes para ello assynou, e embiarom pedir por mercee que pois a dita vylla he tão boa e esta em tall logar que he tão compridoyro ao nosso servyço qne os escusassemos da dita adua de ffreixo despada cynta, e que mandassemos que non fossem costrangidos que pagassem em nenhuma cousa . . . . . dito alcacere do dito logo de ffreyxo e que aquello que allo avyam de despender que o despendessem nos oyto cubos que lhe o dito diogo gill mandou que ffezessem arredor da dita cerca para affortellezamento da dita vylla que per hy ssera mays fforte e melhor esguardada do que he, e que elles fassam a dita fortaleza de pedra e call ou de canto talhado sse comprir a bem vista de vos dito meyrinho ou doutro quallquer a quem nossa mercee fosse de ho mandarmos veer e que esto poderam bemffazer contanto que elles non fossem subjeitos para servyrem no dito logo de ffreixo, e que ffazendo nos esto que a dita vylla da torre sseera mays fforte e melhor e a elles ffariamos mercee.

E nos veendo o que nos pedyr embyarom e porque nosso talento he de fazermos muytas mercees aos nossos naturaaes toda que nolla pedyrem com agrado (?) e querendolhes ffazer graça e mercee aos do dito logo da torre de meencorvo teemos por bem e mandamos qne elles sseiam escusados de pagarem os ditos dinheiros e de servyrem por nenhuma outra guyza no dito lavor que nos mandamos ffazer no dito logo e ffreixo despada cynta, com entendymento que esses moradores da Torre de meen corvo a quem a dita vylla de muro e de pedra e de caal e esto sse ffaça com a mayor aguça que sse ffazer poder sem outra mallicia e engano um, ali non façades.

Dante en Salvaterra de magos seis dias de março el rey o mandou por ffernam martins seu vassall . . . . Era de myll e quatrocentos e quatorze annos.

Copiado de um pergaminho do Archivo de Moncorvo. D este documento tirou Viterbo elementos para os artigos: *Acovrimento, Adua, Afortellezamento, Aguça, Alcacer II, Allo, Apartamento I, Compridoiro, Despezo, Fortaleza e Toste do seu Elucidario.*

DOCUMENTO N.º 7

(15 de julho de 1377)

Que os de Villa Flor, Villa Nova de Fôs Côa, Urros e Maçares prestem adua nas fortificações de Moncorvo

Dom ffernando pella graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve a vos Joham rrodrigues porto carreyro nosso meirinho em tras os montes, e a outros quaesquer que hy depois vierem por meirinhos ou corregedores saude ssabede que homens bõos e concelho da torre de meem corvo nos dizer enviarom por ssa carta que nos mandamos tener (?) a dita vylla de pedra canto e de call, e que vos meirinho mandades hy fazer grandes lavores en essa obra, e dizem que elles non avyam renda tamanha pera essa obra porque se acabar podesse ataa gram tempo, e pediamnos por mercee que olhassemos en ello en tal maneyra que podessem sobportar tan grande encarrêgo porque sse fazer e acabar podesse a dita obra mais toste.

E nos veendo o que nos dizer e pedir enbiarom e vista a resposta da carta que sobre esta rrazon mandamos a vos en que avyades esto por nosso serviço e proll dessa terra, e querendo nos fazer graça e merce ao dito concelho, temos por bem, e damos lhy por ajuda para a obra dessa villa vera mays toste acabamento, as aduas destes logares que sse seguem, primeyramente villa froll com todo seu termho, non enbargando que fosse por nos mandado que servissem e pagassem para as obras de Crasto vicente.

Outro sy vylla nova de ffazcoa que he na correyçom da beyra nom embargando que fosse mandado por nos que servyssem e pagassem para as obras de Trancoso.

E outro sy mandamos que as aldeias de hurros e de mazares que ssom termho da dita vyllada Torre de meen corvo que ssyrvham e ajudem daqui en diante en nas ditas obras da dita vylla e non en nas de ffreixeo despada cinta onde foy mandado por nos que servissem ataa ora.

Porem que vos mandamos que costrangades e ffaçades costranger todollos moradores e vezinhos dos ditos logares da dita vossa correyçon que daqui en deante paguem e dem a adua que a dita obra da dita vyla da Torre de meen corvo assy e pela gisa que lhy era mandado por nos, como pagavam para os logares de Crasto vicente e de ffreyxeo despada cinta, e avedeos por escusados de servirem nos ditos logares onde ante servyam, e sirvam e pagem no dito logo da Torre de meencorvo pela gisa que dito he.

E outro sy mandamos aos juizes e justiças do dito logo de vylla nova de fozcoa que costrangam e façam costranger todollos moradores e vezinhos da dita vylla nova e seu termho que paguem e dem a adua pera a obra da dita vyllda Torre de meencorvo assy e pella gisa que pagaram oa moradores da dita vylla da Torre e como serviram esses ous tros logares que lhy demos por ajuda, e havedeos por escusados de pagarem e servirem no dito logo de Trancoso. E fazede tirar e apanhar esses direitos en cada huum ano aos que os devem, e entregar esses direitos ao veedor da dita obra da Torre de meencorvo que sserá escrivan delles. . . . . Dante etc. quinze dias de julho El Rey o mandou por Joham gonçalles sseu vassallo e veedor dessa fazenda. . . . era de myll e quatro centos e quinze anos.

Copiado de um pergaminho do Archivo de Moncorvo. Viterbo no seu *Elucidario*, artigo *Adua* refere-se a este documento.

DOCUMENTO N.º 8

1379

Privilegios concedidos por el-rei D. Fernando aos habitantes intra-muros de Moncorvo

Dom fernando pella graça de deos rey de portugal e do algarve a quantos esta carta virem fazemos saber que nós querendo fazer graça e merce aos moradores de dentro da cerca da torre de meencorvo porque entendemos que he nosso serviço desa cerca seer milhor porborada. Temos por bem e mandamos que aquelles que hi forem moradores em a dita cerca e em ella morarem continuadamente sejas escusados daquy em diante dos officios do concelho dese loguo convem a saber que os sobreditos non vão com presos nem com dinheiro de uma vylla aa outra nem guardem presos em egrejas (?) nem sejam costrangidos para titores nem curadores nem jurados nem paguem dividas aquelles que ora alli forem morar que fezerem daqui em diante e outro si que já dantes allo som moradores se non por seus nomes ficandolhes . . . seus mantimentos porque se possam por ellos manter.

E outro sy mandamos aquelles que morarem dentro na dita cerca ajam os oficios do concelho e os de fora non. E que outro sy os mancebos e serviçaes sejam dados primeiramente aos que morem dentro da dita cerca para fazerem seus serviços primeiro que os do arrabalde.

Outro si mandamos e defendemos que non seja nenhum tam housado asy da nossa merce como (sic) da rainha e dos infantes nossos irmaãos nem outro nenhum por poderoso que

(1) A proposito d'esta passagem no Douro, vêr Viterbo, *Elucidario*, artigo Navagem.

sejam que pouse dentro na dita cerca com os moradores della nem lhes roupa nem lhes tomem galinhas salvo quando nos ou os infantes ahi formos ou por nosso especial mandado.

E outro sy mandamos que todollos serviçaes baãs aa praça de dentro da dita cerca. Outro sy vaão todallas bendas que dito loguo de Torre de men corvo byerem a vender asy dos moradores da dilla vylla como dos de fora della vaão todos aa dita praça de dentro da dita cerca. E hy os vendam. E mandamos que nenhum non seja tam ousado que lhes comtra esto vaa. E aquelle que contra esto for nos lho estranharemos como aquelle que vay contra o mandado de seu rey.

Em testemunho desto mandamos dar aos ditos moradores esta nossa carta. Dante em leyrea XX dias de novembro el rey o mandou por fernan martys seu vasallo afonso pirez a fez. Era de mil e quatrocentos e X7 anos.

Copiado de um pergaminho do Archivo de Moncorvo. Vem este documento transcripto numa carta de confirmação dos privilegios nelle contidos por D. Affonso V em 1456. D. Duarte por carta de 4 de outubro de 1433 (*Alem Douro Livro 4.º* fol. 252 v. e *Livro 1.º de D. Duarte* fol. 4 v.) confirmou aos de Moncorvo todos os privilegios que gosaram até á morte de seu pae. No *Livro 28 de el-rei D. Manuel*, fol. 87 encontra-se para os effeitos da confirmação transcripta na essencia o documento, acima, de D. Fernando.

DOCUMENTO N.º 9

(24 de dezembro de 1381)

Sugeita D. Fernando os de Villarinho da Castanheira e Móz a Moncorvo por se não terem defendido corajosamente nas guerras contra Castella

Dom fernando pela graça de deos Rey de Portugal e do algarve. A quantos esta carta virem, fazemos saber que o concelho e homeës boõs da nossa vila da torre de meem corvo nos enviarom dizer que quando a dita vila foy pobrada logo de começo porque as companhas eram muytas que foy hedificada huma gram comarca por termho, e que despois foy merce dos Reys que ante nos foram dados alguns deses logares por julgados por ssy e deles a outros alguns logares por terhmo em gisa tal que por minga desas companhas que he desfaleçuda se teme de receber alguuns dapnos dos nossos ymigos a tempo de mester porque estam acerca do regno de castella, e que ora quando chegarom os nossos imigos a essa comarca forom cercados e combatidos de muytas companhas dos ditos nossos imigos e lhe forom queimada gram parte dos aravaldes e termhos que avyam e lhes forom roubados os gaados e feito outros muitos grandes dapnos, de que ficaron muy dapnados e defendendo eles a dita vila e poendo os corpos e averes em nosso serviço ata que os ditos imigos se alçarom de sobre eles e que outro sy moos e vilarinho de castanheira que som acerca delles fezerom contra nos e contra nosso serviço o que non devyam em como sse o dito logo de vilarinho entregarom aos ditos nossos imigos sem serem combatidos, e o dito logo de moos se emprazarom e derom a refenas non seendo cercados nem combatydos non o fazendo esses logares primeiro saber a nos non seendo emprazados a tempo que lhes podessemos acorrer e que com os mantimentos que desses logares cobrarom ouverom os ditos nossos imigos espaço de tempo para combaterem a dita vila da torre de meem corvo em tanto que ouveram de ser perdudos se se non defenderom com essa pouca de companha que hy avya como dito he.

Embiaronos pedir por merce que lhes dessemos e outorgasemos os ditos logares de vilarinho e de moos por termho da dita vila da torre de meem corvo para tempo de mester ser melhor pobrada para defensom e guarda de nosso regno e para poder soportar os encarregos que ha a que som tendo do nosso serviço:

E nos veendo o que nos dizer e pedir envyarom, e porque a nos pertence de olhar em aquelas cousas que fazem mais em prol e onrra dos nossos regnos e guarda de nosso serviço e porque a dita vila da torre de meem corvo he huma das melhores vilas que avemos na comarca de tralos montes, e a que nos somos theudos de fazer grandes merces por os muytos e boõs serviços que os nossos antecessores e nos deles sempre recebemos e especialmente em esta guerra que ora avemos.

E outro ssy entendemos de receber ao deante como de nossos naturaes e vassallos bos e leaaes que som.

E outro sy em como os ditos logares de vilarinho e de moos non son taaes que se defendam nem possam defender por ssy e por o grande deserviço que deles recebemos em esta guerra como dito he. Porem querendo fazer graça e merce ao dito concelho e vila da torre de meem corvo de nosso poder asobluto e por onrra da dita vila e moradores e pobradores dela, teemos por bem e damos-lhes e outorgamos-lhes os ditos logares de villarinho e de moos com todos seus termhos e lemytes por a gisa que ata ora forom e som devisados por seu termho e lemite da dita vila da torre de meem corvo.

Porem mandamos, que a dita vila da torre de meem corvo husse dos ditos logos de villarinho e de moos e de seus termhos como da sua jurdiçom e termhos e lemites como sempre husarom e husam de todolos outros logares que antes desto forom e som seus termhos e lemites resalvando pera nos alguuns deles e rendas reaes em esses logares avemos ende dar avemos daver por qualquer gissa que seia. Porem mandamos aos abades e vigarios, e a outras quasquer pessoas ecclegiasticas . . . . e justiças dos ditos logos de vilarinho e de moos e a quaesquer outros que esto ouverem de veer que seiam obedientes aa dita vila da torre de meen corvo como a sua jordinhaçom e como seus sojeitos.

E outro ssy mandamos aos moradores e pobradores e juizes da dita vila da torre de meem corvo que husem dos ditos logos de vilarinho e de moos e dos seus termhos e lemites e de toda a jordiçom civil e crime e de qualquer outra jordiçom que seia assy e pela gisa que husarom e devem de husar de todos (?) os da dita vila da torre de meem corvo, sem outro nenhum embargo e mandamos que todolos bezinhos e moradores e pobradores dos ditos logos de vilarinho e de moos e de seu termhos vaam as audeencias civees e crimees da dita vila da torre de meem corvo por a gisa que melhor e mais compridamente se husou e acustumou nos outros logares que sempre seu themho forom.

E esto queremos e mandamos non enbargando cartas nem pervilegios nem graças nem merces que os logares de vilarinho e de moos ou outras algumas pessoas a que esses logares fossem dados tenham de nos ou dos Reys que ante nos forom em contrairo desto.

E outro ssy non enbargando quaesquer direitos civees ou canonicos ou foros ou leys ou costumes ou outras quaesquer rasoes se as hy ha que esto enbargar posam porque todo o avemos aqui em este pervilegio por repetido e espreso e tiramos e anulamos todo aquelo que em contrario deste pervilegio posa ser porque nossa merce he que este pervilegio tenha e valha e seia firme e estavel para todo sempre.

E mandamos e defendemos que neuhum por poderoso que seia tem ousado que lhes contra esto vaa, em parte nem em todo. E qualquer que lhes contra esto for que lhes seia estranhado gravemente nos corpos e averes como aaquelles que pasam mandado a seu Rey e Senhor. E al non façades em testemunho desto lhe mandamos dar esta carta dante em a cidade de lixboa vynte e quatro dyas de dezembro. El Rey o mandou por dom Jhuda seu secretario a que esto mandou lavrar afonso fernandez a fez. Era de mil e quatro centos e dez e nove anos.

Copiado de um pergaminho do Archivo de Moncorvo. Este documento forneceu a Viterbo elementos para o artigo – *Desfaleçudo* e *Emprazar* – do seu *Elucidario* onde lhe dá erradamente a data de 1372. O engano talvez proviesse de que no original a era de 1410, que corresponde áquelle anno termina *dez e nove annos* – ficando-se por isso na primeira parte. Encontra-se tambem este documento no *Livro 2.º de D. Feernado*, fl. 95, e no *Livro 3.º* fl. 25v. Depois a 12 de junho da era de 1422 (ann. Christ. 1384) fez el-rei D. João 1.º a Anciães, doação de Villarinho da Castanheira e seu termo (Livro I, de D. João 1.º fl. 15 v.) por seguir o partido de Castella.

DOCUMENTO N.º 10

(23 de fevereiro de 1385)

Manda el-rei que os de Alfandega da Fé, Castro Vicente Moogadouro, Bemposta e Penas Roias prestem adua nos muros de Moncorvo

Dom Joham pola graça de deus ffilho do muy nobre rey dom pero mestre da cavalarya da ordem davyz regente e defensor dos regnos de portugal e do algarve a vos nossos

meyrinhos e corregedores da comarca de trallos montes e a todallas outras justiças a quem esta carta for mostrada, saude sabede que nós querendo ffazer graça e merce ao concelho e homes boons da nossa vila da torre de meencorvo e ao muyto serviço que delles recebemos e entendemos receber ao diante e outro sy veendo e consyrando em como se a dita vila podesse mylhor afortalezar e repairar em aquella maneira que milhor seer por serviço nosso e proll e honra e defensom da dita vila e da terra da redor della teemos por bem e damoslhe por adua para ffazer e repairar a cerca da dita villa, os lugares dalfandega e de crasto vicente e o mogadouro e a bemposta e pena royas com todos seus termos. Aos quaes nos mandamos que ajudem a fazer e repayrar a dita cerca da dita villa da torre de meemcorvo pellos tempos que durar a dita obra, e mandamos a vos e aos juizes dos ditos logares que costrangades e façades costranger os vesinhos e moradores delles que ajudem a fazer e repairar a dita cerca em quanto a obra del durar como dito he.

E outro sy vos mandamos que lhes alvydrees os tempos que ouverem de pagar e quanto ouverem de pagar, segundo os bens que ouverem cada huum em tal guisa que possam por elles soportar os encarregos da dita obra.

E que outro sy ponhaes todos os oficiaes na dita obra quaaes virdes que para elo parecerem que recebem os dismos (?) da dita obra adua, e os despendam em aquella maneyra que compra a prol della. E lhes alvydres seus mantimentos que para ello ouverem daver em guisa que a dita obra sse sse (sic) faça como compre e nos non achemos hy al depois non embargando cartas nem privilegios que tenham em contrayro.

Em al non façades dante em leyrea vinte e tres dias de fevereiro, o mestre o mandou por joham afonso bacharell em degredos e do seu desembargo diogo alvarez a fez era de myl e quatro centos e vinte e tres annos.

No mesmo archivo ha outro pergaminho que contém a confirmação dos privilegios concedidos a Moncorvo por D. Fernando, feita por D. João I aos 26 de novembro da era de 1423 (ann. Christ.) 1385). Viterbo tirou d'este documento elementos para o artigo – Adua – do seu *Elucidario*. No Livro 1.º de D. João I fol. 24 e fol. 145 e no *Livro 2.º Alem Douro*, fol. 119 v. encontram-se cartas do mesmo rei sobre a confirmação dos privilegios de Moncorvo. E no *Livro 1.º de D. Fernando*, fol. 40 v. encontra-se a sua carta dada em Lisboa a 25 de outubro da era de 1406 (ann. Christ. 1378) em que confirma aos de Moncorvo «Todollos privillegios, liberdades, foros e custumes que sempre ouverom.»

DOCUMENTO N.º 11

(22 de novembro de 1387)

Que nenhum visinho de Moncorvo seja escusado das velas c roldas

Dom Joham pella graça de deus rey de portugal e do algarve. A vos juizes da Torre de meencorvo e a todallas outras nossas justiças a quem esta carta for mostrada, saude Sabede que o concelho e homees boons dessa villa nos enviaron dizer que a rogo dalguns da nossa merce de nos cartas de liberdades a alguãs pessoas moradores e bezinhos da dita villa porque fossem escusados e perviligiados de pagarem fintas e talhas e peytas e em outros encargos que os desse concelho lancem antre si nem de bellar e roldal com os do dito concelho, e que estes que asi som escusados e pervilligiados pellas ditas cartas som os mays mantehudos da dita villa e demays que nos non servirom nem servem (?) em esta guerra e que os pobres pagam nas fintas e talhas e peytas e outros encargos que os do dito concelho lançam antre si e elles som escusados por a qual razom muytos moradores e bezinhos da dita villa e termho della se querem hir no que elles dizem que recebem agravo em huns averem de pagar e outros averem de ser escusados e pediromnos que a esto lhes ouvessemos algum remedio e que os igualdassemos todos nos veendo o que nos pediam teemos por bem e mandamos que quanto he na parte das fintas e talhas e peytas e outros encargos que os desse concelho lançarem antre sy que se guarde aquillo que por nos hora he mandado nos artigos (?) geeraes.

E quanto he na parte de roldal e vella que nenhum bezinho e morador dessa villa e termo della non seia escusado de roldal e vella com os desse concelho porquanto nossa merce he dello non seerem escusados salvo aquelles que sempre andarom em esta guerra em nosso serviço e outro sy andam porem vos mandamos que os constranguades que vellem e roldem com os desse concelho nom embargando quaesquer cartas ou alvaraas que de nos sobrello tenham em contrayro salvo os sobreditos que queremos e mandamos que sejam dello escusados em al non façades dante em a cidade de Braga XXIJ dias de novembro. El rey o mandou por martim da maya seu vassallo e veedor da sua fazenda Joham masso a fez era de mill e quatro centos e XXV anos.

Copiado de um pergaminho do Archivo de Moncorvo.

(Segue).

P.e FRANCISCO MANUEL ALVES.

ALIJÓ Uma casa no bairro da Arcã

ALIJÓ – A malhada na *laija* da Arcã – (Cliché de A. Botelho)

O Varre-Canêlhas

NOVELLA TRASMONTANA

POR

JOAQUIM LEITÃO

TERCEIRA PARTE

I

Por um triumphal dia de julho, ao nascer do sol, nascia o filho de Angelo e Rosina.

—Um rapaz! Um rapaz! E forte, lindo! é a creança mais linda que eu tenho visto!—exclamava Angelo—Os recemnascidos não têm feições, são todos parecidos: mas este, não, este é o meu retrato! E' o meu nariz, os meus olhos, só a côr é que é da minha Rosina!

E, pela primeira vez em vida sua, Angelo se deslembrava de trabalhar, a correr a toda a hora para o berço do filho, a beijal-o, a embalal-o com um inquieto carinho que só agora nelle despertava.

—Ó homem! O nascimento do pequeno subiu-te á cabeça! Nem quando casamos te vi tão contente!...

—Que queres, Rosina? Parece que acabo de nascer com elle!...

Era, com effeito, a primeira vez que os olhos de Angelo distinguiam a verdadeira côr da vida.

A revelação para a mulher é o noivado, para o homem o nascimento do primeiro filho, cujo abrir de palpebras desvenda ao pae o profundo sentido da vida, o sentido do amor, o sentido do trabalho e o segrêdo da finalidade.

Foi, na verdade, uma revolução moral muito maior do que a que no espirito e no coração de Angelo proclamára o casamento.

O casamento para o homem, é o egoismo; o filho, para o homem é a abnegação, o sacrificio, miniatura da solidariedade humana, unico e verdadeiro fim da vida!

Como que presentindo-o, ao beijar o filho, que era o sacrificio, Angelo sentia n'alma estuadas de serêna e alegre felicidade, emquanto que ao beijar pela primeira vez a mulher, que era o egoismo, pelos seus labios afflorou o crepe de uma vaga melancolia.

E, a espaços, curtos espaços, Angelo accorria para o berço do seu filho, deslumbrado no imprevisto goso de quem se debruça da varanda da vida para se embeber da absoluta e plena felicidade que vae em considerar a torrente de sacrificios que a banham!

Mas o trabalhador ressaiu d'esses primeiros dias de doce vagabundagem caseira ao redor do berço do filho e do leito da mãe, ainda mais forte, ainda mais audaz, ainda mais ambicioso.

E toda a sua actividade habitual se reaffirmou,

embrenhando-o no negocio, na lucta, travada agora com a mesma alegria de quem tem por que luctar, de quem tem por quem viver.

Mal Rosina se ergueu e que pôde olhar pela loja, Angelo deu um salto ao Porto.

—Já sabes: segunda-feira, cá estou!

Mas no sabbado, a diligencia restituia-o a Alijó.

—Não contava cá comtigo hoje?! Grande seria a novidade!—exclamou Rosina.

Angelo atirou-se aos beijos ao filho, sem lhe responder, sem a beijar, sem a vêr; e ella, enternecida, nem sequer teve um assomo de inveja para o recriminar, bem sabendo que n'aquelles beijos ella era tambem muito beijada e amada.

—Mas o que foi isto? porque vieste antes do dia marcado? o que houve?—insistiu Rosina, emquanto arrumava os volumes da bagagem pelo balcão da loja.

—O que foi?—confirmou Angelo, abraçando-a, então, com o sagrado carinho em que trasmudára o seu egoismo de noivo—Por que tive saudades d'este cinco reis de gente! E como se mettia o domingo que era um dia perdido, apressei as minhas voltas e cá estou!

—Bem, bem, antes assim! E como te correu por lá?

—Como de usual!

Na', parece que dizes isso contrafeito...

Tambem a ti não se te póde esconder nada!

Eu conheço-te como a mim mesma... meu amigo! nem é p'ra admirar! mas que é que tu me estavas a escurecer?...

—Ó, porcarias! As proezas de teu irmão.

—Mandou por ahi dizer mal de ti, lá p'r'o Porto...?

—Não mandou, foi. O caso passou-se assim: eu estava a batalhar com o armazenista para me dar umas fazendas mais baratas. E elle, então, disse-me: «Snr. Angelo! O freguez que regula os preços d'esta casa é o senhor! Tanto que lhe vou dizer uma coisa, que nem sei se deva contar, mas conto porque emfim sempre é bom que um homem saiba com quem lida. Esteve ahi o seu cunhado, e, tambem por uma differença de nada, levou tempos esquecidos a marralhar commigo; eu para encurtar razões, respondi-lhe: é o ultimo preço, creia, foi o preço por que vendi esta fazenda a seu cunhado». Diz que lhe dissera o Miguel: «Pois, sim, mas eu compro a dinheiro e o meu cunhado, não sei se...» —«Alto lá, snr. Sanches! O seu cunhado é tão honrado como o senhor!» e foi-lhe buscar as facturas que a gente tem pago e tapou-lhe a bocca com ellas!

—Ora! Eu esperava outra coisa! E é por isso que te affliges? Até te deves gloriar de que o meu irmão dê occasião a fazerem-te d'essas ausencias.

—Pois, sim, sim, mas a intenção do Miguel é que incommoda: eu não me metto com a vida de ninguem, não digo mal d'elle... Tem mais do qu'eu? Que o côma de dia e de noite!

—Deixa lá, homem, que até ao lavar dos cestos é vindima!... Passando d'uma coisa a outra: adivinhas quem te veio hontem cá visitar?

—O compadre.

—Não! O nosso antigo Reitor, o «Varre-Canêlhas!»

—E' boa! Pois tenho pena de o não vêr.

—Elle ficou de voltar p'rá feira.

—Então sempre arranjou a vir p'r'a Cumieira?

—Arranjou. E agora diz que ha-de vir por aqui, que lhe fica perto.

—Muito perto, muito perto não fica! mas, emfim, sempre é melhor estar cá por Traz-os-Montes, embora não seja mesmo no nosso concelho, do que lá para esses desterros do Minho, em Santa Maria d'Emes... E' na mesma, ein?

—Não tão nutrido...

Coitado! tambem tem-as passado boas, e ellas não matam...

—Mas móem! Que elle de genio está na mesma: berra como antigamente. Não sei quem lhe contou ahi na loja que o João da Maria fôra absolvido, e se tu queres ouvir o bom e o bonito...? foi ahi um dia de juizo! Que Deus o livre de tornar p'r'Alijó! E assassinos para cima, e assassinos abaixo, e que o dr. Silva era mas era um chefe de quadrilha, que não chefe politico, e que o que elle precisava era...

—Com um varre-canêlhas? Já cá faltava o Reitor! Pois se elle não vier p'r'a feira, em calhando voltar ao Porto, desço na Regoa e vou-me lá! Isto a gente quanto mais vae indo p'ra velho, mais se vae agarrando ao passado, e eu não posso esquecer que foi o nosso Reitor que me trouxe p'r'Alijó.

—Escusas de te estar a fazer velho!...

—Ai, não! Pae d'um filho de trinta e oito dias!

E de novo tomou o filho, como quem toma a eucharistia: num fervor e numa commoção feliz:

—Arthurinho!... Filho!... Riquezas!...

—Deixa, que m'o accordas, e depois não sou senhora de te ir fazer a ceia.

—Tens tempo, que eu tenho que fazer na loja, e ainda quero ir ao quarto do meu irmão. Como está elle?

—P'r'a ali!... Vae-te dispondo p'ra mais dia menos dia teres um desgosto: ou eu me engano muito ou não deita o anno fóra!... Aquillo foi muita necessidade que elle passou!...

—O que se faz ao tarde, faça-se ao cêdo! Eu tanto o recebia agora, como antes. Ir buscal-o por um braço, não porque eu nem sequer sabia se elle era vivo ou morto!...

—Ninguem te diz menos d'isso, Angelo! Eu o que tenho pena é que elle não viesse p'r'a nossa companhia a tempo de se salvar, nada mais!

—Mas elle já está assim tão mal?

—P'ra que te hei-de enganar: está, está muito mal.

—Coitado! Vou-me lá vê-lo...

—Vae, que eu entretanto deito o pequeno.

Angelo seguiu para o quarto do irmão. Custou-lhe a distinguir o vulto do enfermo, tão pouco volume elle fazia no leito; voltou a candeia e chamou de manso:

—Luiz!

—Angelo!

—Então, estás melhor?

—Isto...—murmurou o enfermo—E tu... fizeste... boa... jor... na... da?

—Fiz, sim. Não fales que te canças! Eu vou-te buscar uma *sustancia*... (1).

—Não, não... enjôa-me!

(1) Caldo de gallinha.

—Então, leite.

—Não.

—Mas é preciso alimentares-te. Eu vou pelo leite...

E, abalou, com os olhos vidrados de lagrimas.

—Que é isso, Angelo? A gente ás vezes cuida que anda bem, e esbarra-se, antes te eu não houvera dito nada!

—Que queres? Sempre é irmão!

—Sim, só te censurava se te alegrasses com as peoras d'elle, mas tambem não vamos a entregar-nos aos desgostos. E' ordem do mundo! Veem uns e vão outros!... Anda comer alguma coisa!

—Primeiro, tratamos do Luiz, sim?

E só quando o enfermo os tranquillisára com um recôbro de forças, os dois bem-casados começaram a cear.

Era tarde.

Alijó áquella hora já se erguia de dar as graças; e algum lar que ficava de róda das taboas da meza, era por aproveitar a luz a que as mulheres e as môças serandavam, ou por se prazer nalgum dobar de conversa mais enredada.

Era um d'esses falatorios que prendêra nessa noite os Sanches á meza da ceia.

—Amigo Vicente! —clamava Miguel — o meu cunhado, por mais que me digam, ou achou thesouro ou lhe saiu a *gorda* de Espanha!

—Sim, quem cabritos vende e cabras não tem... d'alguma parte lhe vem! -concordou o velho Sanches.

—Isto mal parece a gente estar a falar da familia—interveiu a snr.ª Rosaria—Mas o snr. Vicente é como se fosse da familia, já nos conhece ha muitos annos, cóme aqui comnosco ha um *bô* par de mezes, e por isso pode-se pôr as cartas na meza. Então diga-me cá: ha que tempos está estabelecido o meu genro? Haverá assim tanto tempo que já possa haver ganho para todas essas folestrias? Não que elle não cáe das telhas!

—Mas elle é *inquenomico!*

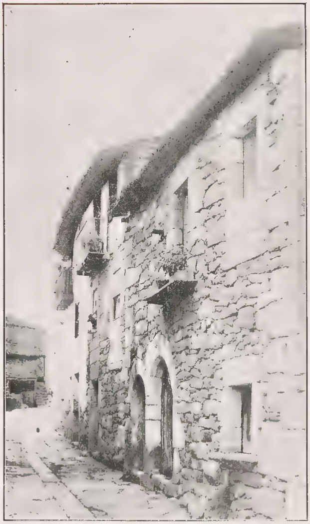
—Ninguem lhe diz que não seja poupado!—interveiu Miguel, mais para atacar o cunhado, do que para defender a mãe—mas só a poupar não é que elle se ganha! Eu, senão fosse o meu pae já ter um comêço de vida, não podia chegar onde chêgo. Ora o amigo Vicente bem sabe que o Angelo não teve deixa nenhuma!

—Tem-se feito elle, tem! -concordou ironicamente Vicente.

—Já vê! pois eu só quero que me diga como é que um rapaz que começou *quand'a mim* com sua canastrinha por essas montanhas, póde em meia-duzia d'annos amealhar para comprar terrenos.

—Quem cabritos vende...—cantarolava o pae Sanches, de escarninho, acompanhando-se com um tamborilar de dedos sobre a taboa da meza.

—E se visse a prôa d'elle quando fomos apalavrar o terreno. Já eu tinha comprado o campo da frente que é o maior, e elle outro egual, e foi, quando o dono me disse: por mais uns tres ou quatro centos de mil réis *ficaveis* vós com este pedacito que pega com os dois campos. Eu, por mim, declarei, que não me affoitava a tomal-o sósinho; e o Angelo, com aquelle ar barregão, respondeu: eu faço o que o mano fizer, querendo tomar metade, eu fico com a outra metade.



Casa com sobrevivencias medievaes numa rua de Alijó

—Tudo é não se querer ficar atraz!—explicou a snr.ª Rosaria.

—Viemos para fóra e eu perguntei-lhe: e agora, a casa? «Quando você quizer, começamos!» disse elle muito prompto. E eu disse-lhe assim: Eu começo já. «Pois eu, tornou o snr. Angelo, quando você começar começo tambem, quando parar páro: as casas hão-de se começar e acabar no mesmo dia».

—Até ahi está bem!—desculpou Vicente.

—Qual bem! é o mesmo arreganho de quando foi da compra do macho. O meu pae porque eu tinha apanhado uma molhadela falou em se comprar animal, logo o Angelo se metteu em cavallarias altas. A vaidade é que o ha-de perder!

—Olhe que elle não se perde! -fez vêr Vicente —O macho valeu-lhe desenvolver o negocio: por isso, mesmo que começasse por uma vaidade, acabou por ser uma boa medida administrativa. Quanto á casa, o que havia de dar ao senhorio em vinte annos de renda, emprega-o no predio, que deixará fôrro aos herdeiros.

—Sim, senhor, diz bem, amigo Vicente!—apoiou o velho Sanches, com o seu criterio commercial; e com o mesmo criterio commercial:—o peor é que o dinheiro do predio mettido no negocio dava-lhe vinte ou vinte e cinco por cento, emquanto que o

aluguer de casa aqui em Alijó não representa mais do que 1 ou 2 por cento, e esse dinheiro parado desde já no comêço da vida póde fazer-lhe per der muito bons negocios e desencastellar-lhe a igrejinha. A um commerciante todo o dinheiro é preciso! as despezas são como os trabalhos: levantam-se debaixo dos pés!

—Só este anno, já a familia lhe dobrou os pés com a cabeça: o filho, e ainda o lesma do irmão, ali a gastar dinheiro em botica e uma pessoa para o servir. O Angelo puchou sempre p'rós ingratos. P'rá gente não se chêga elle, agora o irmão que o espancou por elle ter cahido com o caldo p'r'a ranchada, que o deixou em Lugos sósinho com a avó *emprégada* [1] e nunca mais quiz saber d'elle, tem tudo quanto quizer do seu querido Angelo.

—Isso não é de censurar!—reprehendeu a snr.ª Rosaria—E' seu irmão, bom ou mau, appareceu-lhe com a morte na garganta, recolheu-o, mostra que tem amor de familia. Tambem elle pouco pão lhe comerá, está a despennar! Aquillo ao caír da folha...

Ainda resistiu ao caír da folha, ainda viu mais uma vez a desolação outomniça desvestir a natureza, mas ao entrar o verão de S. Martinho, por um rosado amanhecer em que a alma do tysico punha toda a esperança de ainda ser aquecido por esse dia de sol, Luiz cahia morto nos braços do irmão.

E sobre o arrepio lobrego que foi, para a sua natureza de rustico e de crente, o ter morte em casa, Angelo ainda se viu apunhalado pelas censuras dos parentes por haver dado ao cadaver do irmão o derradeiro gazalhado.

—Ora veja, amigo Vicente! Nem os meus mortos deixam em paz!

—Que mais faz, Angelo? Nesse mesmo caso do teu Luiz tens tu o espelho do mundo: elle abandonou-vos, a ti uma creança, e á tua avó, uma velhinha; encontraes-vos depois em Alijó, e elle espanca-te; e afinal, és tu quem lhe dás uma enxerga para elle expirar, e os sete palmos de terra da sepultura! Segue sempre o teu caminho, Angelo, segue sempre a direito, que os que te mordem talvez um dia venham a lamentar o tempo que perderam a dizer mal de ti!

—Ah! que de Deus que fiz um enterro de luxo ao meu irmão! O snr. Vicente viu: teve apenas decencia...

—Não faças caso!

—Mas olhe que custa! que mal fiz eu aos meus sogros e ao meu cunhado? Não lhes vou lá pedir nem uma sêde d'agoa, nunca os incommodei para coisissima nenhuma!...

—Pois ahi está o que elles te não perdoam. Se a vida te não corresse, não te tinham elles atravessado na garganta!...

—O diabo foi a casa: o meu cunhado não poude levar á paciencia que eu levantasse aquellas parêdes ao mesmo tempo que as d'elle.

—Não te deixes ficar atraz, Angelo! Quando precisares de dinheiro, tens-lo ahi, serve-te d'elle, que o dinheiro não se fez senão para ser manejado!

—O snr. Vicente ainda não me assignou o balanço d'este mez, e já não sáe agora d'aqui sem m'o assignar.

—Tu não terás juiso, rapaz? Se eu não te tivesse cá numa certa conta, cuidas que eu tinha a minha caixa nas tuas mãos?...

—Mas o snr. Vicente bem sabe que não é por si...

—Ah! é pelos outros? Estás-me sempre a agourar a morte! Não te levo a mal. Effectivamente ha viver e morrer, e eu não quero que quando eu cá não estiver p'ra te defender, alguma calumnia te enxovalhe: deixa lá vêr a canêta... O areeiro... Prompto, ahi tens.

—Muito obrigado, snr. Vicente!

—Obrigado de quê? Eu é que te agradeço o gozo que me dás. Então achas mau eu assistir lá em casa dos teus aos tractos que elles se dão para descobrir donde te vem o dinheiro, e rir-me, rir-me cá por dentro a vê-los suar de inveja e intrigados com o mysterio? Eu faço côro com elles, mas ás vezes não estou p'r'a coisa e sinto subir por mim acima umas ganas de lhe dizer: «vós sois estupidos! Pois não vereis que não ha homem sem homem? Quem trepa, nalgum torresmo finca o pé! Se não sois quem ajudaes o Angelo, deitae conta aos que vos cercam, a elle e a vós, e ponde lá o sentido em quem possa ser!...»

—A mim ninguem me tira da cabeça que elles desconfiam que é o snr. Vicente que me faz forte, e que dizem tudo isso deante de si para vêr se tiram do amigo!

—Qual desconfiam, nem meio desconfiam!... isto é tal e qual como os doutores que andam p'ra ahi á testilha para saber donde lhes vem a vida e donde não vem, e quem lhes deu a alma e quem não,—que foi Deus!—teem-no no meio d'elles e não o vêem. Os homens são assim catracégos, em tudo! E é por isto que nesta terra quem tem um olho é rei!

[1] *Entrevada.*

Cliché de Carlos Pereira Cardoso

«Na agoa do rio, reflectindo-se nella como num espelho, passa devagar, levado na corrente, um grande barco esguio, da côr da madeira por pintar, um pouco dourado pela luz . . .»

RAMALHO ORTIGÃO.

MARGENS DO RIO DOURO

Bio-Bibliographia Trasmontana

BERNARDO TEIXEIRA DE MORAES LEITE VELHO, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, onde concluiu o curso em 24 de outubro de 1846, nasceu no Mogadouro, districto de Bragança, a 25 de julho de 1824. E' filho legitimo de Joaquim José Teixeira, commandante da Companhia de Voluntarios do Mogadouro que muito se assignalou por serviços á causa liberal, derrotando em maio de 1834 a guerrilha do Cachapuz que infestava o logar da Lagoaça e impedindo-o de invadir a villa do Mogadouro.

Em 13 de setembro de 1846 foi Leite Velho eleito vereador da camara municipal do Mogadouro e administrador do mesmo concelho em 26 de novembro do anno seguinte, em cujo cargo se conservou até 1851, sendo notavel o superior discernimento, prudencia e zelo com que exerceu esta commissão de serviço publico que lhe mereceu por duas vezes a nomeação de eleitor da Provincia ao Collegio Eleitoral de Villa Real e ainda o convite do dr. Eusebio Dias Poças Falcão, natural de Argosello, concelho de Vimioso, deputado pelo districto de Bragança em 1848 e governador civil da Madeira, para Secretario Geral d'esse governo, offerta que declinou.

Entretanto, nas luctas cabralistas, em portaria de 16 de setembro de 1846 havia sido nomeado, juntamente com Luiz Antonio de Azevedo, ajudante do Batalhão da Guarda Nacional de Moncorvo, de que João Francisco Guerra era major, e a 17 de novembro d'esse anno a Junta Governativa do Districto de Bragança elegia-o capitão da 2.ª Companhia do Batalhão de Segurança Publica do Mogadouro. Não entrou, porém, em effectivo serviço e, desgostado com as convulsões politicas que agitavam a patria, resolveu-se a prestar ouvidos ás repetidas instancias do seu conterraneo Antonio Manuel Cordeiro, de Villar Chão, que na Relação e Supremo Tribunal do Rio de Janeiro era um dos solicitadores de maior clientella, partindo a 28 de janeiro de 1853 para o Brasil, onde aportou a 2 do março seguinte.

A vida mansa das boas letras, anhelo constante de suas aspirações, levou-o em 1870, num regresso á Europa, a regeitar o consulado do Governo Civil de Bragança e, seguidamente, uma candidatura a deputado pelo Mogadouro, após a Revolução de maio d'esse anno.

A vasta illustração de Leite Velho, o profundo conhecimento dos assumptos juridicos grangearam-lhe desde logo, logar de destaque no fôro fluminense e numerosa clientella, sendo o seu escriptorio um dos mais procurados até pela colonia ingleza, cuja lingua estudou aos 32 annos de idade, facto que por si só basta para mostrar a ancia do seu espirito em mais e mais se illustrar. Com elle praticaram durante annos incipientes advogados que depois conquistaram o primeiro logar entre os jurisconsultos abalizados.

Ao mesmo tempo abria-se largo horizonte no campo da imprensa com a «*Chronica do Fôro*», revista de larga orientação, ainda hoje citada em questões forenses, de que foi proprietario e redactor unico, e o *Instituto dos Advogados* abria-lhe de par em par as portas admittindo-o em outubro de 1860 como membro effectivo.

Regressando ao Brasil em 1874 da Europa onde se demorára desde julho de 1866, quando já a sua grande fortuna lhe permittia folgados ocios, dedicou-se amplamente ás locubrações do seu espirito dando á sciencia opimos fructos de bem sazonado labor de que «*Traz-os-Montes — Estudo Estatistico*», Lisboa, Typogr. Lisbonense, 1869, 8.º de 34 pag., sua primeira obra, era segura garantia quanto a fidelidade de consciente investigação.

Em 1885 cahia do prélo a sua interessante «*Monographia das Execuções de Sentença em processo civil*», seguida em 1889 das «*Addições á Monographia das Execuções, contendo as reformas da Lei de 5 de outubro de 1885 e Decreto de 25 de janeiro de 1886, e a Synopse em fórma de Codigo, de todo*

o processo das execuções hypothecarias e pignatoricias». Rio de Janeiro, Typogr. Universal de Laemert & C.ª, 8.º pequeno.

Esta obra, grandemente elogiada pela imprensa, teve um successo enorme de livraria, exgotando-se rapidamente a edição, sendo algum exemplar, que por acaso apparece á venda, adquirido por alto preço—já teem chegado a cem mil réis! ·gosa de fóros de obra classica na especialidade, vendo-se frequentemente citada nos tribunaes e nos preambulos das propostas de lei apresentadas nos Estados da Republica Brasileira.

Os louros colhidos, abrindo-lhe as portas de varias corporações scientificas, orgulhosas de contarem em seu seio tão prestante cidadão, não lhe adormeceram as energias de intellectual priviligiado antes mais e mais o estimularam affirmando-se no «*Estudo Historico das Relações Diplomaticas e Politicas entre a França e Portugal desde a constituição da monarchia portugueza até á queda de Napoleão Bonaparte*». Lisboa, Typogr. da Companhia Nacional Editora, 1896, 8.º de 454 pag. e 1 innumerada de erratas.

Esta obra, de profunda e criteriosa investigação historica, condensa em notavel fórma methodica o fructo de aturados estudos inculcadores de superior erudição. A imprensa portugueza e brasileira memorou condignamente a producção do illustrado trasmontano, e Luciano Cordeiro, outro nosso conterraneo distincto, dizia ao autôr: «admiro a sua grande actividade intellectual e a multiplicidade dos seus conhecimentos e aptidões».

Em 1902 dava á luz no Rio de Janeiro o opusculo: «*Hespanha e Portugal, 1640-1668, a Revolução e a Paz*» 8.º de 32 pag. No *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, março de 1904, pag. 117, encontra-se uma apreciação d'este trabalho.

Excede a medida das nossas forças a analyse da obra litterario-scientifica de Leite Velho, nem mesmo esse é o nosso proposito limitado simplesmente a resenhar singelamente os elementos para uma bio-bibliographia trasmontana. Pelas condecorações que as corporações scientificas lhe têm votado ajuizarão os leitores do seu merecimento real.

Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho

Na Exposição Internacional de Trabalhos Juridicos do Rio de Janeiro á qual concorreram trabalhos das republicas americanas do sul, além dos do Brasil, foi distinguido pelo Jury com medalha e menção honrosa.

Socio da Sociedade de Geographia de Lisboa desde 1881, foi proclamado por unanimidade de votos na assembléa de 25 de junho de 1886 redactor da «*Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Brasil*».

O «*Retiro Litterario Português*» no Brasil, o mais antigo instituto da especialidade n'estes estudos, creação do bragançano dr. Rocha Cabral, dos Olmos, concelho de Macedo de Cavalleiros, muitas vezes se tem honrado elegendo o dr. Moraes Leite Velho para seu presidente.

Em 1893 foi proposto para membro effectivo do «*Instituto Historico e Geographico Brasileiro*» de que tomou posse na sessão de 22 de maio de 1903. Esta corporação, considerada justamente como o mais alto centro da mentalidade brasileira, tem distinguido o nosso conterraneo nomeando-o para as commissões de maior responsabilidade onde muitas vezes figuram, como consocios, vultos de relevo maximo na intellectualidade e posição social como foram em julho de 1904 o visconde de Ouro Preto e o dr. Alfredo do Nascimento escolhidos juntamente com Leite Velho para elaborar o regulamento do concurso sobre a monographia relativa ao governo do Principe Regente, depois rei D. João VI no Brasil. Cinco contos de réis era o premio da classificada em primeiro logar.

Quanta seja a grandiosidade da obra litteraria de Leite Velho bem o deixa vêr o seguinte periodo que destacamos do discurso do presidente do «*Instituto Historico e Geographico Brasileiro*», conselheiro Aquino e Castro, na sessão de ingresso do nosso conterraneo. Dizia elle:

«*O Instituto Historico e Geographico Brasileiro,* a cujo gremio com muito prazer sois hoje admittido, conhece e devidamente aprecia as vossas habilitações litterarias, bem provadas nos excellentes trabalhos que, sobre jurisprudencia e historia, haveis publicado, espera, pois, que o concurso de

vossa cultivada intelligencia e actividade seja muito proveitoso aos patrioticos intuitos d'esta associação, que tanto mais se eleva quanto mais se distingue o merito dos seus dignos consocios. Apresentando-vos aos nossos companheiros de trabalho com elles me congratulo pela nossa auspiciosa admissão».

Ainda na mesma sessão o desembargador Sousa Pitanga, respondendo ao brilhante discurso de Leite Velho, teve d'estes conceitos: «Na officina em que se elabora o edificio do direito, o vosso nome já se tornava altamente apreciado pela solidez dos vossos trabalhos juridicos, pela precisão technica do vosso estylo forense, que fazem lembrar as obras notaveis dos doutos reiniculos que da velha Coimbra ensinaram letras juridicas aos nossos maiores. Esse titulo era sufficiente para justificar a vossa idoneidade para ser admittido a este gremio de trabalho, porque o direito e a historia são caudaes parellelos que correm no mesmo leito até confluirem para o oceano da sciencia. O vosso trabalho, porém, sobre um largo periodo da vida diplomatica de duas nações importantes, positivamente justifica a vossa admissão n'esta outra officina em que se elabora o edificio da historia».

Na sessão de 15 de janeiro de 1909 o *Instituto Historico do Estado do Ceará* conferiu a Leite Velho o diploma de socio correspondente. Muitas associações portuguezas espalhadas pelo Brasil teem conferido ao illustre mogadourense os diplomas de socio honorario e benemerito.

Tornar-se-ia demasiado longo o nosso trabalho se pretendessemos resenhar a collaboração de Leite Velho na imprensa jornalistica, bastando lembrar que todos os periodicos portuguezes publicados no Brasil teem inserto trabalhos seus, solicitados com muito empenho e n'elle alguns teem encontrado o seu melhor amparo; destacaremos simplesmente as «*Reminiscencias*» na «*Revista do Instituto Hist. e Geogr. Brasileiro*», tom. 71, part. 2.ª 1908, e, pelo intuito patriotico, a série de artigos anti-ibericos publicada em 1890 no «*Jornal do Commercio*» em reputação dos que Latino Coelho por esse tempo fazia estampar no «*Paiz*».

Em a «*União Portugueza*» correspondente a 3 de janeiro de 1897 encontra-se o retrato do nosso biographado acompanhado de elogiosas referencias ás suas qualidades de intellecto e inteireza de caracter, cimentando estas o solido pedestal onde estriba a estima e consideração de quantos o conhecem e umas e outras o virente florão de trasmontano illustre, lidimo português de boa lei, que em longinquas paragens dá lustre ao torrão natal, votando-lhe generoso as melhores energias da sua possante cerebração.

Ao amigo Accacio Vidal, ligado por parentesco ao nosso biographado, agradecemos a fineza de alguns elementos para este trabalho e juntamente, bem como á familia do Mogadouro, damos os parabens por contarem no seu seio um membro que tanto a nobilita.

Baçal, dezembro de 1909.

P.e Francisco Manuel Alves.

MOGADOURO Uma nevada

Trecho do rio da Telheira

A TELHEIRA

DE

PARADA DE CUNHOS

VASCULHAR na poeirada dos tempos as origens e o aparecimento da telha entre os diversos materiaes de construção, nas diferentes eras, é obra assás dificil para homens de toda a casta d'erudição. E' claro que ela tem sido substituida em todas as idades da antropologia pre e protohistorica, até á atualidade, por materiais que o progresso cerebral escolheu, aperfeiçoando-se, desde os tempos remotos em que o homem só conhecia a luz dos astros e pirilampos até á lampada de Edison e ao bico Auer.

Refugiado e abrigado pelos covís nos tempos subsequentes ao da emancipação humana do resto da zoologia, que muitos dizem irracional, abruptamente, por um refinado egoismo tolo e antiscientifico, o homem tinha por tecto as paredes das cavernas. Aí vivia naturalmente, peludo, selvagem. Depois vem o periodo lacustre. Nas suas habitaçõis encontramos a turfa, formando o telhado futuro. Em seguida, marchando para os nossos dias, vemos habitaçõis cobertas, conforme os tempos, os logares e o dinheiro, por ervas secas, colmo, taboa, lousa, telha, zinco, etc.

Mas agora me lembro eu que não quero fazer a descrição evolutiva deste artigo a modos de dis-

Parada de Cunhos vista da Telheira

Ponte de Machados sobre o rio da Telheira

sertação. E por isso omito tudo, que afinal era bem pouco, o que poderia dizer sobre a primitiva industria, sobre a telha grosseira, telha vidrada, telha de fundição, inovada em 1759 pelo arquiteto Sanfflot, que teve sucesso na Inglaterra, telha faiança, telha marselheza, telha de vidro, etc.

Com certeza que gastaria muito tempo e por tanta *telha* da minha parte faria, naturalmente, para mim a aquisição pouco agradavel d'algum epiteto triste.

E para acabar esta especie de prologo direi como o outro, mas com mais *espirito* que *distração*, — que a telha nas habitaçõis começou por não existir.

* *

Quem pelas estradas da Regoa ou de Amarante vem a Vila Real, encontra no ponto em que estas vias se unem, a meia hora da vila, o sitio mais agradavel de Parada de Cunhos, o sitio das Arvores.

Olhando d'aqui para NO, neste momento em que os campos estão cobertos de milho e videiras verdejantes, e as ramificaçõis do Marão cobertas de mato e pinheiros verdes, vê-se uma larga bacia de verdura em cujas paredes se dispoem, em anfiteatro, varias povoaçõis: Almodena, Barbella, Lordello, Quintella, Parada com o logar de Machados.

Pelos campos, poucos aldeãos se veem dispersos. Em compensação, ao fundo, onde é a Telheira, o trabalho exige mais braços que suam aí desde o sol de julho até ao dos fins de setembro. Parece um formigueiro. Vamos até lá, ver aquelas barracas, os fornos com fumo espesso e escuro em altas colunas, as lides d'aquela gente que não repousa um momento. Depois deitar-nos-emos um pouco sobre a relva fresca entre os amieiros todos vestidos de folhagem, ao longo do rio Machados.

Por qualquer sitio que desçamos temos caminhos tortuosos. De passagem encontramos cerradas de giestas para a combustão dos fornos, com grande cantoria dos eixos de vidoeiro. Chega-se ao fundo. E' uma planicie não muito extensa. Aqui é a Telheira industrial sem alavancas, sem correntes sem fim, sem engrenagens rumorosas, sem caldeiras de pressão. E' tudo rotineiro, é tudo o que se encontrava aqui antes da nossa monarquia (¹). Diz-se que uma empresa vilarealense vai explorar por processos fabrís esta industria. Todavia emquanto o barulho impertinente da mecanica não vem encobrir o coaxar das rãs, frescas, consoladas entre os juncos dos charcos, cantando ao sol ardente, vou dizer sumariamente da tecnica adótada.

* *

Nos fins da primavera, geralmente, procede-se á extração do barro, abrindo poços — *os barreiros*. As primeiras camadas da terra são improprias porque a argila tem pouca liga. Ha sitios porém em que o barro está á flor. Depois de estar cortado á picareta

(¹) Os romanos já por aqui exerciam a sua industria d'umas excavaçõis que se fizeram nos Cabeços e a que assistiu o dr. Henrique Botelho, o melhor arqueologo que teve Vila Real, e d'uns valados abertos na quinta de Manoel Botelho foram extraídas telhas e cacos que o clinico classificou de romanas.

Refeição dos telheiros sobre o pavimento d'uma sova

Eira, casulo e barraca. Fazendo a estada

Carros de bois carregados de mato

Eiras e barracas

é transportado em cestos proprios — *cestos de barro*, ás costas d'homens e rapazes que o vão lançar em mêdas. Depois d'isto é necessario preparal-o convenientemente para ser lançado ás fôrmas. Reduz-se com agua a uma massa irregular, passando todos os blocos a fio de sachola *pica-se*. Consegue-se depois uma homogeneidade parcial que se aperfeiçoa a pouco e pouco com o sovar dos bois. Esta operação consiste em introduzir estes animais nas sovas, cheias de barro amolecido como fica dito. As sovas são covas largas e pouco altas formadas de pedra. Servem de lagar em que a junta de bois tem de pisar o barro durante um dia. Feito isto cobre-se com fetos para evitar a evaporação depois de o ter varrido em um monte, ao centro da *sova*. Temos a materia prima apta a ser lançada ás fôrmas. Vamos ao resto.

Por aqui e por ali veem-se barracas provisorias formadas de pinheiros atravessados e ramos de amieiros para dar sombra aos que trabalham. Debaixo ha um balcão de pedra com *bolos* de barro. Horisontalmente ha uma taboa larga que recebe a grade-caixilho de madeira trapeziforme que se enche de barro. Um arco de madeira cuja corda é um fio tenso de arame amarelo serve para cortar o barro que trasborda da grade. A superficie da secção é alisada com uma cortiça polida e humedecida. Para que não haja aderencia á tabua deita-se areia fina sobre ela, areia que as raparigas peneiram pelas margens das estradas.

A lamina de barro que a *grade* contém é lançada sobre a superficie conica e convexa do *formal* sobre a qual se encurva. Imediatamente é posta ao sol, na eira. Assim temos uma telha que pelos seus bordos laterais se une a outras que secam juntamente na eira. A união é direta ou por intermeio de cacos de telha feita — *remates*. A eira é refrescada e varrida antes de receber a telha verde — faz-se *a estada*. Sêca a telha guarda-se em casulos, pequenos alpendres, até chegar para um forno. N'este dispõe-se aos andares-*adagues*, sobre um assento de barro com buracos largos — *crivo do forno*. Deita-se-lhe o fogo queimando unicamente giestas secas, uns trinta carros. A temperatura é modificada amiudadas vezes. Tem minimos, intervalos e maximos que são as caldeiradas d'agosto, queimando-se um carro d'uma vez.

O forno, ardendo, traz muitas canceiras para o proprietario da telha. E' uma operação muito melindrosa e muito sugeita aos impulsos da sorte. O dirigente anda em volta do forno, sósinho, calado, escutando. Agora manda apertar com o fogo, logo abrandar n'esta ou n'aquela direção. Depois escuta: — se já ouve os estalidos metalicos da telha incandecente; se já deu o ponto; se as chamas sáem altas, livres, multicolores, uniformemente distribuidas por entre as telhas: — se *lava as barbas*. Dada a prova, tapa-se a porta e por cima lança-se carvão, terraço e cacos miudos para — *abafar*. Está assim dois dias. Depois a telha arrefece e passados seis dias desenforna-se e coloca-se em pilhas, em casulas ou ao ar livre. Conforme a qualidade de resistencia, a telha é classificada de: fina, entre-fina, alaranjada. E' entregue então ao comercio, fazendo-se o transporte em carros de bois ou em cangalhas ao dorso de bestas.

Um fôrno pronto a arder. Sobre o ultimo «adaque» tijolos e têstos

* * *

Agora fujamos do meio d'estes pobres homens descalços, com codeas de barro nas ceroulas, em camisa, que só os estorvamos com a nossa presença e a da maquina fotografica que lhes abre curiosidades sobre as noçõis tão sensiveis dos sais de prata.

Vamos até aos Amieiros.

Era um dos meus melhores retiros n'esta aldeia. E' um passeio aprazivel saír á tardinha depois do sol se esconder para traz dos espinhaços do Marão, passar pelo adro, falar do caminho ao abade, respeitavel pela rotundidade obesa a rebentar-lhe as ceroulas, suando em bica n'um duplo emprego de ler o breviario e guardar pepinos, descer até á margem esquerda do rio, entrar nos Amieiros.

Entremos nós agora tambem. Oh! Que bem se está, que frescura! Tiremos o chapeu e deitemo-nos sobre a relva fresca. Ha melros, rãs a coaxar, um rouxinol, borboletas, libelulas. Que bela é esta conjugação das forças naturais! Ha desejos de abraçar os vegetais, de beijar a terra humida, exuberante, a receber as raizes, pacata, mansa, grande!

Parada de Cunhos, julho 1909.

LUIZ ESTEVES D'AGUIAR.

Clichés de *Fausto Montenegro.*

Burricos carregados de telha

O Conde d'Ariães

(Legenda inedita)

(Conclusão)

Os eunucos atravessando o corredor informaram-se do acontecido e correram a avisar as sentinellas. Estas foram mandadas guardar os seus postos afim de que os assassinos não podessem escapar.

Ranemiro e Claudio estavam irremediavelmente perdidos.

Em frente ao Castello, do lado de lá da ribeira, existia um espesso carvalhal. N'elle se tinham internado as tropas de Claudio com todos os seus melhores archeiros. Quando avistaram a vella acesa começaram logo a marchar sobre o Castello.

Era o signal para avançar.

Passados poucos momentos, nova grita se levantou. Claudio encontrava-se com o seu exercito, destruindo a golpe de machado a estacaria, atacando a porta falsa das muralhas.

As sentinellas bradaram, as businas e trompetas soaram, as settas crusavam-se entre sitiantes e sitiados, alluviões de pedras e traves de madeira se despenhavam das muralhas.

Os arabes assustados da surpreza pensaram só na defeza do Castello.

Os sheiks davam ordens, as sentinellas das torres de vigia gritavam, acendiam-se e apagavam-se luzes, as mulheres choravam, uma enorme confusão reinava no Castello.

A morte de Azaraat desorientava os cavalleiros serracenos.

—Os leões! soltem os leões! gritava um sheik enfurecido. Soltem os leões!

Na desorientação geral ninguem cumpria as suas ordens. Nas forças do Castello reinava a maior confusão. Então elle mesmo se dirigiu á jaula.

Estava fechada!!!

Flora, logo que acendeu a vella, fechou os leões e levou a chave. Faltava, pois, um poderoso elemento de defeza para o Castello.

D. Alcina, atrahida pelo tumulto, assistia á refrega atravez das grades da prisão.

Entre os cavalleiros e bésteiros reconheceu as melhores lanças e settas do Castello de seu pae.

Tremia de susto: estava anciosa. Aquella hora era para ella decisiva: aquella hora ou a encarcerava eternamente ou lhe dava a liberdade. Não desejava deixar a prisão só por que ella era infecta e insalubre: mas porque restituirem-lhe a liberdade era restituirem-lhe o seu cavalleiro.

Olhava para fóra com curiosidade.

—«Espera, os arabes fogem, a porta da muralha foi arrombada!»

Toda a multidão d'assaltantes está já diante da torre de menagem.

–«Bravo, bravo, valentes cavalleiros!»

A lucta era agora mais acesa e não menos difficil. Uma chuva de pedras e settas cahia sobre os assaltantes. Havia, porém, entre os sitiantes, os archeiros de Claudio de Formil, habituados á caça do veado. Tombavam um agareno de cada setta que despediam.

Só lhe resistiam os sheiks e cavalleiros por causa da espessura das suas armaduras de Toledo.

A lucta parecia indecisa.

Por fim a porta do castello abriu-se.

Claudio e Ranemiro tinham vestido as ricas e resistentes armaduras de Azaraat que a propria Flora lhe proporcionára e já estavam vestidos quando deram por elles.

Tiveram de sustentar vigorosa lucta dentro do proprio castello, para abrir passagem que lhe era disputada pelos sheiks sarracenos.

Luctando como heroes, deixaram estendidos no caminho todos os cavalleiros que nelle se atravessavam conseguindo chegar até á porta principal do Castello que abriram.

Os assaltantes precipitaram-se sobre a porta do castello como uma onda impetuosa. Chegára a hora de vingar tantas affrontas. Os sitiados foram passados a ferros; apenas alguns cavalleiros arabes, muito conhecedores do terreno, vendo o Castello tomado, fugiram a cavallo, pelo silencio da noite, sem destino conhecido.

—Está salva, senhora, está salva!—gritava Flora ao entrar na prisão de D. Alcina. Vamos, o Castello já está tomado.

–Salva? E o wali,—perguntou D. Alcina com muito medo.

—O wali está morto. Matou-o Ranemiro. Vamos, vamos, senhora, estaes salva. O Castello é nosso!

* * *

Era na semana santa. Tudo parecia enlutado. O sol, ao entardecer, tinha uma côr pungida. Os ha-

bitantes do Castro vestiam de luto. Lá ao longe, do campo, vinham os sons plangentes dos romances sacros que o povo canta só n'esta quadra. A torre do mosteiro tocava ás Trindades. Parecia o dobrar melancholico das torres em dia de finados. Em volta do adro da igreja o povo resava, em côro, a via-sacra. Á luz amarallecida das tochas, o geral da Ordem do Convento orava diante do altar.

Na ampla nave entrou um homem desfigurado, com aspecto phantastico, e dirigiu-se ao frade.

—É hoje que quero cumprir a minha sentença, Padre. É hoje...

—«Cumpra-se a vontade do Senhor, replicou o monge.—A morte de vossa mãe...»

—Calae-vos, senhor,—interrompeu apressadamente o Conde. A vossa religião obriga-vos a ser

Ponte romana de Ariães

misericordioso para com os infelizes e a minha infelicidade não vos dá direito a fazer sangrar mais as minhas feridas. Mas o que? Que disse eu? As minhas feridas! Não sangram ellas sempre, sempre!! Padre! Sou muito infeliz. N'este mundo que me cerca a vida, n'este momento, procurei uma affeição: não a encontrei! Queria dizer adeus a alguem, abraçar pessoa amiga. Ninguem, ninguem! Amei, amei, como se póde amar na terra. Amei uma mulher. Fui ao Oriente por amor da nossa religião e por amor d'ella. Ella era a deusa dos meus pensamentos. Chamava-me á vida, e eu quiz viver, ser feliz, emquanto lhe podia chamar minha. Roubaram-m'a e com ella roubaram-me a coragem, o animo, a alma!!!

—Como sois infeliz, Conde!

—Ninguem ha ahi mais infeliz! Saberia supportar tudo n'este mundo. Assim m'o manda o voto de cavalleiro! Mas lembrar-me que um malvado beijou aquelles labios, que um sanguinario roubou aquelle coração tão sentido, é dôr com que não posso. Não, Padre, quero morrer. Sinto abafado este ar da igreja. Vamos para o portal.

Era já noute escura. Os cães uivavam nos portaes. D'uma casa proxima sahia a monotona toada da corôa que os aldeões somnolentos rezam, na lareira, depois de ceia.

—Vae triste a noute!—e fitou os céos, lançando-lhes um sorriso de desdem.

—«Conde, disse o frade, acalmae, cahis em verdadeiro desespero. Nunca faltou lenitivo para as dôres humanas... Curam-se com balsamo do céo!

—Do céo?... E o céo? Ó quem me dera acreditar no céo! Mas a duvida, a incerteza, a conjectura, a Ma... teria... Esperae, Padre. Poderei encontrar Alcina no céo? No céo? Agora vejo bem, ainda fala no céo aquelle que já está no inferno. Minha mãe, ó minha mãe!

—Senhor Conde, quem sabe se Alcina ainda vos tem amor?

—Amor? Ainda d'esta morada levaria alguma saudade. Mas duvido, duvido. Uma prova... A serpente já está no tumulo... D'aqui a alguns instantes estarei com ella.

-Senhor, Deus é infinitamente bom, tudo perdôa!

—Cala-te, Padre! Não me obrigues a dizer blasphemias... Não fales em Deus. Temos uma comprehensão demasiado limitada para o abranger. Tu sabes o que é o infinito, o incommensuravel, o espaço, o tempo? Não sabes, pois não? Então cala-te, Padre, cala-te! E tu conheces-me, Padre, repara bem, conheces-me? Que sou, dize? Consulta a tua consciencia, escuta o que ella te diz. Que vês em mim? Propriedades, qualidades, modos de vêr...

Quem te disse que isso é a realidade? E o mundo é realidade? Affirma-o, Padre, affirma-o... Poucos momentos me restam para viver. Na torre devem estar a soar as doze badaladas. Que importa? É um corpo que morre... um espirito que se esváe...

—Senhor Conde, o espirito, a alma...

—Não, Padre, morre um, morre o outro. Ella é propriedade d'elle.

Da casa proxima ouvia-se ainda a toada da oração dos camponezes somnolentos.

Morro e admiro a crença. A crença! Porque não creio eu tambem?!...

Na torre do mosteiro bateram doze badaladas.

Fernão Mendes sentiu arrepios.

Os frades, vagarosos, compassados, rodearam o altar. Na igreja havia uma luz baça que vagamente esboçava as figuras.

Os crentes entravam, a rezar.

Um silencio funebre gelou a nave.

O Conde tremia, tinha todo o aspecto d'um alucinado. Estava em frente do tumulo, onde colleava a serpente. Aquella parte da igreja estava num campo mais escuro. As mulheres resavam e choravam. Por toda a nave resoavam soluços e corriam lagrimas.

Levantou a voz e disse:

—Espectro, sombra ou imagem que me não largas! Amo-te... e odeio-te. Sombra querida, para que me atormentas? Vejo-te em sonhos, sempre, sempre, para que me roubas a tranquillidade... quem a poderá ter? Sobreviver á deshonra! Como não te desejo, monstro! Só tu pódes tirar-me este soffrimento. Soffrimento! Mas se eu gozo com este soffrimento... O mundo... O homem... Illusões... A verdade é o tumulo. A mulher... mentira! O amor... Interesse! Extinguiu-se o amor, fugiu a esperança, apagou-se a vida! E eu vivo...! Vivo...! Porque não me mataste? Não me mataste d'uma vez... para me matar assim! Matar! A morte é allivio? Allivio... e o crime? Quem me chama á vida? Que frio me gela a alma? E vós, sombras da vida, que vindes aqui fazer? Gosar a minha dôr! Estimaes antes o meu soffrer do que o vosso goso... É então isso ao que chamaes alma humana!!! Que frio me gela a alma! Mas ella, ella, lá está!!! Sorri, consola-me, perdoa-me, reprehende-me, insulta-me. Parece vinda do céo e do inferno. E eu... eu... já beijei aquelles labios! E elles cospem-me. Foge, sombra negra, foge!! Minha mãe...!! Minha mãe...!!

Os sinos da torre dobravam a finados. O povo orava e chorava. Toda a ordem dos frades entoava um solemne

De profundis clamavi
Ad te, Domine.

Cerrára-se o tumulo.

....

....

Com os cabellos pelas costas, pallida, arquejante, aos gritos, entrou na nave uma mulher pallida, vestida de branco.

·Fernão, ó Fernão. Onde está o meu Fernão?

Um frade apontou-lhe solemnemente o tumulo.

—Ó Fernão, Fernão, gritava ella doudamente—lançando-se sobre o tumulo. Abram! Quero vêr o meu Fernão!!

O povo fitava-a com espanto e commoção.

Al... ci... na...! és... tu..., Al... ci... na...?—respondeu, de dentro do tumulo, a voz do Conde, quasi abafada pela serpente.

—Sou eu, sim, sou eu! Amo-te, Fernão! sempre te amei!

—O... bri... ga... do..., Al... ci... na! Mo... rro... fe...

Não pôde pronunciar mais.

—Fernão! Fernão!—soaram dois gritos agudos, estridentes, por toda a nave que fizeram arrepiar os circumstantes.

Aquella martyrisada sombra de mulher cahira morta sobre o tumulo.

FIM

DANIEL RODRIGUES.

O Tumulo do Cande d'Ariães

MONCORVO

Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana.

(Continuação).

Ao Comcelho da Torre de Mem corvo privillegio per que lhe foy dado por aldea e termo e jurdiçam Villa Nova de Fozcoa e etc.

26 de novembro de 1385

Dom Joham per graça de Deus Rey de Portugall e do Allgarve a quantos esta carta virem fazemos saber que o comcelho e homeens boõs da Torre de Meem corvo nos mostrarom huũa nossa carta em que lhes fezemos merce e lhes deramos par aldea e termo e jurdiçam villa nova de Foscoa com todo seu termo e jurdiçam segumdo mais compridamente na dita carta era comtheudo.

E por quanto lhe foy dada em tempo que nos eramos *meestre* e aviamos o rregimento destes rregnos que sse temiam de lhes nom seer por ello guardada. E pediam nos por mercee que lha confirmassemos. E nos veendo o que nos pediam. E querendo lhes fazer graça e mercee teemos por bem o comfirmamos lhes a sobredita nossa carta.

E mandamos que lha cumpraades e guardades e façaades comprir e guardar pella guisa que em ella he comtheudo. E lhe nom vaades comtra ella em todo nem parte nem consentaades a outro nehuũ que lhe comtra ella vaa ca nossa merce he de lhe seer comprida e guardada polla guisa ssuso dita como dito he.

E em testemunho desto lhes mandamos dar esta nossa carta. Dante em Villa Rreal xx^b j dias de novembro. El Rey o mandou per Joham Affomsso bacharell em degredos e por Joham Affomsso escollar em leis seus vassallos e do seu desembarguo Gill Vaasquez a fez era de myl iiij^c xxiij anos.

Alem Douro Livro 2.º fol. 126. Tambem se encontra no *Livro 1.º de D. João 1.º* fol. 164 v. N'este mesmo Livro fol. 189 vem outro de D. João 1.º dado em Torres Vedras em 1384 em que «deu por termo e jurdiçam aldea de villa Nova de Fozcoa aa sua villa da Torre de Meem corvo. E que husse com os moradores da dita aldea o seu termo assy na jurdiçam como nas outras cousas como husa com os outros dos seus termos».

Capitulos especiaes dados a Moncorvo por D. Affonso V. Fortificações. Excesso de cultura de linho em detrimento da cerealifica e vinicola; effeitos anti-hygienicos d'aquella cultura. Moncorvo ponto de convergencia dos passageiros. Pescaria na ribeira da Villariça. Abusos dos corregedores. Metallurgia do ferro. Privilegios e auctorisação para montar estalagens por conta do concelho ou de outras quaesquer pessoas. Respostas d'el-rei a cada um dos capitulos

Outro sy Senhor fazem saber aa vossa mercee que o muro da dita villa da Torre ha muyto danificado e rrecaydo e aportellado per muytos lugares e gramde parte dos cubos em terra. Em tall guisa que sse alguũa guerra vier podesse rrecrecer gramde perygo e dampno de vossa terra. E para esto seer rremediado e corregido compre que nos façaaes mercee destas cousas que sse adiante seguem.

Senhor pidimos vos por mercee que nos dees aduas dos lugares darredor em ajuda pera fazer o dito muro e torres a saber o termo de Mós e da Castinheyra e danaciaães. Outro ssy que nos façaaes mercee dos dinheiros dos rresydoos que forom tirados per Louremce anes dEvora quando hi foy Corregedor e per Estevam de Pomte que entom foy procurador delles. E esso mesmo dos outros que sse agora hi ham de tirar pera ajuda das ditas obras. Os quaaes sobreditos dinheyros que tirou o dito corregedor estam em maão de Joham Esteves mercador morador no dito logo. E em esto nos fazees gramde mercee e sera a vos gramde serviço.

Quanto a adua, mandamos que a façam dos moradores desta villa e termo e doutros nom. E na parte dos dinheyros do rresydos que hi estam tirados que per mandado do contador da comarca sse paguem os meestres doobra e veedor della sse pera outrem nom ssam deputados.

Outro ssy Senhor a dita villa tem tam pequeno termo e pouca gemte pera ajudarem a serventia que ao dito comcelho pertence hi ha muytos scusados per alguũas pessoas poderosas que os querem escusar ssem teemdo pera ello tall privillegio per que sejam escusados por que vos pedem por mercee que taaes pessoas nom sejam scusadas per que nemhuũa pessoa salvo aquelles que vossos privillegios spiciaaes teverem e se guardem segumdo em ellos he comtheudo e mays. E em esto lhes fazees gramde mercee.

Pedem bem e mandamos que nom seja desto nemhuũ scusado por acostado que seja a pessoa poderosa salvo sse tever e mostrar spiciall privillegio.

Outro ssy em esta villa ha huũa rribeyra que chamam a Vallariça na quall os homeẽs lavram muytos linhos alcanaves aalem do rrazoado em tall guisa que per aazo do dito linho lavrarem tanto veem a adoecer e morrem amte tempo. Outro ssy per esto aazo do dito linho leixam morrer as vinhas e leixam de lavrar ho pam e a terra vaysse a monte. Por que vos pidimos por mercee que lhes mandees poer penna que quallquer que lavrar nem semear mays que ataa dez alqueires de linhaça que pague aquella penna que a vossa mercee mandar. E em esto nos fazees gramde mercee.

Vos meesmos poderees amtre vos veer o que vos será milhor e assy o poderees poer em obra.

Outro ssy Senhor este lugar he muyto caminhante e em que portam muytos estramgeyros e rrequerem muytos mantymentos assym pam como cevada e hi nom ho ha por myngua dos lavradores que hi nom lavram por quanto sse lamçam aa lavrar os sobreditos linhos e outras mercadorias. Pedem vos por mercee que mandaes poer penna a todollos moradores da dita villa que todos lavrem pam pouco ou muyto aquelle que lhes prouver. E em esto nos fazees gramde mercee e a terra será abastada.

(Segue).

P.e FRANCISCO MANUEL ALVES.

O Varre-Canêlhas

NOVELLA TRASMONTANA

POR

JOAQUIM LEITÃO

TERCEIRA PARTE

II

Vinte annos se passaram.

E durante esses vint'annos, as vinhas de Sarmento cresceram, e cresceu a par o filho de Angelo e Rosina.

Videiro e honrado como o pae, o sangue de emigrante que irrigava o coração de Arthur cêdo lhe leu a sua sentença, condemnando-o a desterro voluntario no norte do Brasil.

Não houve rogos maternos nem razões do experiente Angelo, lastimando-se de lhe fugir o continuador da sua casa, o successor da sua firma; Arthur aferrou-se á idea fixa de embarcar, com uma teimosia de illuminado que persegue o rastro d'um grande sonho.

—Pois, vae, rapaz, vae, já que é essa a tua estrella! . . . —, acedeu Angelo, rompendo para a loja, p'rá mulher e o filho lhe não testemunharem as lagrimas.

Arthur, com o serêno modo d'essa idade que não se commove com as lagrimas que faz chorar, abeirou-se de Rosina:

—O' 'nha mãe!

Rosina ergueu os hombros.

—'Nha mãe!—tornou Arthur, num frouxo de voz.

Sobresaltada com a ternura d'aquella invocação, Rosina olhou-o inquieta, esquecendo já a sua angustia de mãe.

— Vossemecê faz-me uma coisa?

— Se eu poder!...

— Póde, póde...

O que é?...

— E' vir a mais eu, a Presandães.

— Afim de quê?

De nada... é a ultima coisa que lhe peço!

— Mas que queres tu de Presandães, filho?

— Lá verá...

— Eu até ia ao cabo do mundo se tu me promettesses que não embarcavas para o Brasil!

— Peça-me tudo, mãe, tudo, menos isso!

— Ruim coisa se te meteu na cabeça, Arthur!

— Que quer, mãe? faça de conta que é cá o meu destino!... Diga: vae pela *manhê*?... a Presandães...? commigo...?

— Irei...— prometteu Rosina, num suspiro.

E não diz nada ao pae?

Rosina, num d'esses tristes presentimentos de mãe, trespassou com o olhar a alma do filho.

Arthur baixou os olhos.

E não foi já Arthur, nem o pedido d'elle que nessa manhã levou Rosina a Presandães, mas a sua curiosidade de virgem-mãe, velando pela felicidade do filho, aprehensiva, assustada, abordoada ao cajado do seu instincto maternal como uma céguinha levada pelo tino do seu amor.

Pelo caminho, Angelo falou, falou para não ouvir falar o coração.

Mas quando entraram o povoado, elle mesmo se calou e tomou adeante, pelas ruas estreitas calçadas de mattugem que os lavradores estendem pelas lages e pela terra dos caminhos para que os passos da pequena communa amaciem o alimento da terra num symbolo de instinctiva solidariedade de communismo remoto.

No dobrar d'uma quelha, Arthur parou, enlevado a olhar para debaixo d'um alpendre onde a boa sr.ª Conceição e a prestavel sr.ª Marianna ensinavam a carreira do A á geração nova de Presandães e industriavam nos mysterios da liga e da meia de agulha as futuras companheiras dos homensinhos de quatro e cinco annos, lanzudos e cieirentos, que sentavam extremes na terra os calções remendados, presos por uma alça cruzada, como banda de condecoração, sobre o peito da camisinha de riscado,— miniaturas de trabalhadores familiarisados com os frios hostis da região.

A sr.ª Conceição afastou a dobadoura que tinha na frente, para cumprimentar Rosina; e emquanto as mestras davam a salvação á mãe, Arthur pegou num dos rapazinhos e levando-o para dentro de casa, chamou:

— O 'nha mãe! 'nha mãe!

— Lá vou.

E assim que Rosina entrou a lage da porta, Arthur preguntou-lhe:

— Diga lá: com quem se parece este...?— e não pôde acabar.

Rosina fitou a creança, que coçava, desconfiada, o cabello cortado em chinó, pegou-lhe na mão, pôs o pequeno a favor da luz, firmou um pouco a vista, inclinando-se para a carita da creança assustadinha e, erguendo-se num lampejo de cerebro que recupera a razão, exclamou virada para Arthur:

— E'...?

— E', sim, 'nha mãe, é seu neto!...—, e num desfalecimento de nervos, rendendo-se ao fim de uma lucta que durava annos e que crescêra na contendedora hesitação de dizer ou não á mãe, na hora sagrada da partida, o seu segrêdo, o filho de Rosina caiu a soluçar no cólo da mãe, como quando ella lhe ralhava em pequenino...

— Não chores, não chores, anda cá!— dizia Rosina, estendendo um braço ao pequenito que choramigava de vêr chorar os mais, emquanto amparava tambem a commoção desfeita do filho.

E, tomando a creança, num mesmo abraço apertou filho e neto contra o seio.

— Porque só m'o *dixestes* agora, Arthur?

— Eu tenho vinte annos, 'nha mãe, o pequeno vae em tres...

— Eras uma creança, eras! E a mãe?

— Tem-m'a lá Deus!

— Vamos leval-o para Alijó.

— Não, não, 'nha mãe!— recusou, rogou Arthur, afastando essa idea com os braços estendidos numa apavorada supplica de quem repelle pesadêlos— Quando eu voltar, quando eu voltar, que já seja alguem, então, pedirei ao pae que abençoe o meu... o meu filho.

— Sáes ao teu pae, Arthur! Em vós combinando uma coisa lá com a vossa cabeça, é como castanheiro em criando raizes: ninguem vos move. Mas não ha mal, não faz *minga* leval-o para casa, para eu olhar pelo meu neto. As pernas é que m'o pagam, que hão-de andar num rodopio de Alijó para Presandães e de Presandães para Alijó.

E quando, na manhã seguinte, se despediu do filho, á hora de passar a diligencia que no entender da sua saudade lh'o arrebatava para o Brasil, Rosina no derradeiro abraço segredou-lhe:

— Cá me fica o teu filho para me ajudar a puxar por ti!...

E, como Angelo, Rosina não deu mais palavra nesse dia da partida de Arthur, que foi um verdadeiro dia de mortorio em casa dos Basterras.

Rosina vingava-se em ir a Presandães, rever no rosto do neto o rosto do seu filho; e emquanto ella para lá estava a regalar-se de chorar, agarrada á cabecita do neto, o pobre Angelo corria para S. Mamede, a casa do Sarmento, a fornecer-se de energia e de coragem na animosa conversa do compadre.

O bom Sarmento desviava-o do mar quanto podia, e mal Angelo norteava para o Pará, atordoava-o com as menudencias do grangeio, com os receios da geada, com as sarrafuscas da politica.

Nessa tarde, quem pagou as despezas da conversa foram as eleições, a lucta com os Barbozas, lucta que ia ser renhida e que Sarmento lhe explanou abundantemente.

Angelo desinteressava-se, e Sarmento levou-o então até á vinha.

—Vê se aprendes aqui a ter coragem, Angelo!

—Não que é mesmo de dar *coraije* o definhar da sua vinha!...

— E' p'ra que saibas! Está toda perdida, o philoxera levou-me a vinha velha, eu replantei-a e a maldita «molestia» voltou e lá m'a vae levando a eito como fez á outra.

— E agora?

— Agora?!

— Sim, que pensa fazer?

—Que queres tu qu'eu faça? Que me enforque com'o nosso Reitor?...

—Pobre «Varre-canêlhas»!...

—Nada! esse gosto não dou eu aos meus inimigos. Quem tiver pressa que vá andando que eu ainda cá tenho muito que fazer!... o baraço não se fiou para o meu gasganête!...

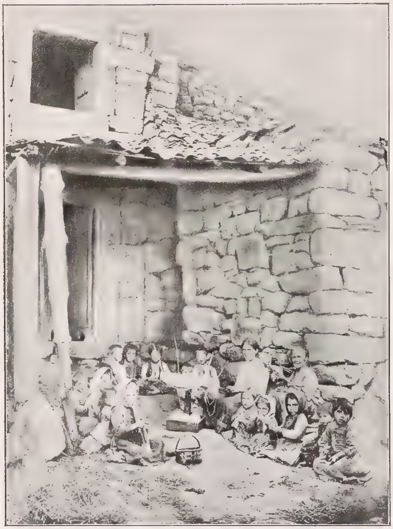
—Cale-se, cale-se, compadre, que parece que estou a ouvir,—como se fosse hoje—o povo contar como o triste do Reitor Magalhães foi encontrado ao dependuro, com a lingua de fóra, os olhos espantados!

Sarmento tambem não foi superior á evocação do suicidio do homem forte que todo o concelho de Alijó conhecêra a desafiar homens e elementos, a aperrar imaginarios bacamartes, a ameaçar com «varres-canêlhas» que nunca chegava a disparar.

—Até custa a crer que um sacerdote caisse em semelhante sacrilegio de attentar contra a propria vida!

—Nada custa a crer, Angelo! Em o diabo teimando, Deus não vence!... Se o diabo não tivesse voz activa cá neste val' de lagrimas, não estava eu aqui a chorar a minha vinha pela segunda vez.

—Bem diz o compadre que aprenda comsigo a cobrar *coraije*. Eu não sei como póde falar nessas coisas assim como se nada fosse!



. Debaixo d'um alpendre a sr.ª Marianna ensinava a carreira do A á geração nova de Presandães . . .»

—Pudéra! Isto é como dizia o Marquez de Pombal: enterrar os mortos e cuidar dos vivos. O que ha a fazer é replantar, sem ser ás cégas como da outra vez. O meu mal foi a ambição que é quem mata os homens e... as vinhas! Se eu em vez de me deixar levar pela ambição de querer uma vinha toda da nossa cêpa, ouço os avisos dos sabios, e planto «americano» para *ódespois* o enxertar com «garfos» da videira velha, já *antão* isto me não *assucedia!*... Mas a todo o tempo é tempo.

—Isso agora nem p'rós netos!

—Estás enganado. O «americano» em dois annos está ahi a dar vinho com toda a força! ainda havemos de beber muito vinho das minhas videiras. Mas p'rós netos que fosse, não era por isso que me havias de vêr cruzar os braços. A gente não trabalha só para si: um homem é uma grande coisa e não é coisa nenhuma. Uma familia já é coisa maior e uma nação maior é ainda! O nosso dever é trabalhar p'ró país, como se trabalhassemos para nós mesmos.

—O compadre dava mas era um prégador! A gente começa a ouvi-lo, triste como uma tumba, e acaba alegre como um rapaz de escóla.

—Ora assim é que eu te quero, Angelo, assim é que é!

—Se soubesse, trazia a minha Rosina para a animar, que ella, coitadita, ha dois mezes que lhe embarcou o filho contam-se as falas que tem dado. Nem se póde vêr em casa!...

—Já dois mezes! —admirou-se Sarmento.

—Fê-los *trasantonte!* —confirmou Angelo com a segurança de quem traz um desgosto bem contado.

—Deveis estar a ter noticias...

—Tomára-as eu cá! mas até agora só tive carta do caminho.

—Quando menos te precatares vaes a entrar em casa e tens lá carta do meu afilhado.

—Hoje fosse o dia!

Effectivamente, aquelle foi o dia em que Angelo ao chegar a Alijó recebeu das mãos do carteiro, mesmo na rua, uma carta para cujo sobrescripto, timbrado com uma firma commercial, negra de carimbos postaes, elle mal olhou, dizendo entre si:

—E' da casa p'ra onde foi o meu Arthur!...

E sem reparar que não era do punho do filho a letra que a endereçava, guardou a carta na algibeira para ler em casa, á sua vontade.

O caixeiro e os freguezes que estavam pela loja, viram-o romper o sobrescripto, desdobrar a folha de papel commercial, pousal-a sobre a escrevaninha, alisal-a com as costas da mão, bifurcar a luneta no nariz, e, quasi immediatamente a elle mergulhar na leitura, sahir aos gritos, para o interior da casa, as mãos na cabeça, ás ancias d'um afogado que se debate.

Correram a soccorrel-o, a requerer-lhe a causa

da afflição, e em resposta só ouviam o coração do pobre velho gemer, gemer, como uma creancinha, como um louco a quem tivessem espancado e que se fosse metter na cama, enroscadinho, a tremer de frio e de mêdo.

Alguem se lembrou de ir vêr á escrevaninha se lá estava a carta, e encontrou, então, e foi, então, portador da dôr que rachára de meio a meio, como corisco um roble de velha matta, o coração de Angelo.

E d'ali a minutos, Alijó em pêso clamava num dobrar de finados:

—«Morreu o filho dos Basterras! morreu de febre amarella, logo ao chegar ao Pará!...»

Angelo não falava, insensivel e alheado da vida exterior. De dia e de noite gemia, com os joelhos á bocca, sempre ás tremuras, os olhos fixos no vago, meio-idiota.

Rosina mimava-o como a uma creança, implorava, zangava-se, ralhava, falava-lhe nos negocios a incitar-lhe coragem e interesse pela vida, acusava-o de preguiça, tornava a implorar-lhe que olhasse por si, que olhasse por ella, pela sua mulher tão amiga, sosinha no mundo se elle lhe faltasse, recorria aos visinhos, aos amigos, mandava a S. Mamede do Tua pelo compadre—e Angelo a tudo e a todos olhava com a indifferença parada d'um semilouco, respondendo com gemidos aos que se lhe aproximavam, como se tivesse o corpo cheio de feridas em que mãos estranhas tocassem brutalmente.

As unicas palavras que o calmavam eram as de Rosina, quando lhe dizia:

—O nosso filho não morreu, Angelo! Tu estás enganado, elle não morreu, elle vem ahi, vem ahi o nosso filho!

Como os dias se fossem interpondo naquelle marasmo de corpo e alma, Rosina uma manhã deixou-o entregue a uma visinha, pôs o chaile, e, achegando-se do leito, socegou-o mais uma vez com o seu doce calmante:

—Angelo! velhito! arriba, homem, que vem ahi o nosso filho!

E saiu porta fóra.

Rompia fevereiro geado e agreste.

Oito dias atraz já se não apinhavam os dêdos, com o frio. As gargantas dos morros estavam entaladas de nevoa que planificava e reduzia o horizonte com a sua cadeia plumbea.

Nessa manhã, era um domingo, o frio molhava as carnes, tirando-lhes os restos de sensibilidade.

E quando Rosina desembocava de casa, uma farfalha branca começou de cair como pennas que um vento de ciclone tivesse arrancado á plumagem d'um cysne branco.

Primeiro o olhar via um farrapo aqui, outro além; depois, mais, e mais juntos, e mais frequentes, e mais ligeiros, até que uma lhama continua, que mal coava a luz, cobriu os campos, cobriu as casas, cobriu os caminhos, purificando tudo da sua brancura immaculada.

Era uma nevada.

A menor saliencia ficava logo sublinhada pelos fiapos brancos.

As arvores pareciam esses ramos de azinheiro que as garrafas de aniz trazem no fundo, bordadas pelos crystaes do assucar.

Os arames das vinhas lembravam fios de contas por polir, enfiadas em hastes da grossura d'um marmeleiro.

Um homem que se abrigava contra uma casa, semelhava-se a um d'esses mônos de gêlo que a pequenada dos paizes frios modélam com a neve; e os bigodes, a propria cadeia do relogio, grossa como corda, dir-se-iam traços d'um caricaturista tosco que desenhasse com pedras de gêlo, por aparar.

Rosina salvava o caminho numa ancia de foragida.

E quem, parando a contemplar a nevada, a tivesse visto passar e voltar tão presta, não quereria crer que aquelle pobre esquelêto, em que dera a filha dos Sanches, já viesse de regresso de Presandães, demais a mais carregada com uma creança.

A nevada embranquecêra-lhe de todo os cabellos, espiritualisára-lhe a pelle do rosto com uma brancura de marfim, e a mesma ponta do chaile negro que o vento arrancára do corpo da creança, era um nimbo de arminho indicando o rastro d'um anjo...

Chegada a casa, Rosina pousou a bocca do neto na cara enregelada de Angelo, e só lhe disse:

—Aqui tens o teu filho! Vês, eu não te dizia que o teu filho estava vivo? não te dizia? aqui o tens, beija-o, beija-o!...

E só, então, o pobre Angelo pôde chorar e pôde articular uma palavra que o fez reaprender a fala, uma palavra só que contém todo o divino verbo:

—Filho!

OS NOSSOS COLLABORADORES

Abbade Tavares
Collaborador litterario

Affonso Lopes Vieira
Poeta
Collaborador litterario

Alexandre Malheiro
Capitão de infanteria
Collaborador litterario

Alfredo Guerra Junior
Collaborador Photographico

José Maria Alves Torgo
Lente do Instituto de Agronomia
Collaborador litterario

Dr. Amilcar de Souza
Medico e publicista
Collaborador litterario

Anthero Botelho
Collaborador Photographico

Antonio Augusto Corrêa
Collaborador Photographico

Arthur Botelho
Collaborador Photographico

Augusto de Carvalho
Capitão de infanteria
Collaborador litterario

Carlos Lopes
Collaborador Photographico

Carlos Pereira Cardoso
Collaborador Photographico

Christiano de Carvalho
Collaborador artistico

Christovão Ayres
Lente da Escola do Exercito
Collaborador litterario

Dr. Daniel Rodrigues
Professor do Lyceu de Bragança
Collaborador litterario

Ernesto Vianna
Collaborador litterario

P.e Francisco Manuel Alves
Abbade do Baçal
Collaborador litterario

Joaquim Leitão
Escriptor publico e Director da *Illustração Trasmontana*

José Duarte d'Oliveira
Publicista e viticultor
Collaborador litterario

Luiz Esteves d'Aguiar
Collaborador litterario

Rodrigo Solano
Jornalista
Collaborador litterario

Dr. Manuel Monteiro
Advogado e Archeologo
Collaborador litterario

Silva Esteves
Publicista
Collaborador litterario

Sebastião da Silva Leal
Bibliophilo, archeologo e jornalista
Collaborador litterario

Dr. Souza Costa
Bacharel em Direito e Romancista
Collaborador litterario

Torquato Luiz de Magalhães
Collaborador litterario

Vieira da Costa
Romancista
Collaborador litterario

INDICE DO 2.º VOLUME

1909

PAG.

A varanda trasmontana, *Manuel Monteiro,* clichés de *Carlos Pereira Cardoso* 1

Inquerito da Provincia de Traz-os-Montes em 1796 pelo Juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro. *Continuação.* 6

Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana). *Continuação. P.e Francisco Manuel Alves* 8

Actualidades: — O incendio da Fazenda de Alijó. Clichés de *Antonio Augusto Corrêa* . . 12

O Varre-Canêlhas. — Novella trasmontana, *Joaquim Leitão,* illustrações de *Christiano de Carvalho* . . . . 13 a 16

A Torre de Quintella. — Cliché de *Carlos Pereira Cardoso* 17

A ultima corrida de gallos em Alijó. — *Torquato Luiz de Magalhães,* clichés de *Arthur Botelho,* illustrações de *Christiano de Carvalho.* . . 18

Inquerito da Provincia de Traz-os-Montes em 1796 pelo Juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro. *Continuação* 22

Philologia Trasmontana, Um Dialecto Trasmontano: O Rio d'Onorense. — *Daniel Rodrigues* 25

Folk-Lore trasmontano. - D. João, o Galfeiro — *Abbade Tavares* 28

O Varre-Canêlhas. Novella trasmontana. *Continuação. Joaquim Leitão,* illustrações de *Christiano de Carvalho,* clichés de *Antonio Augusto Corrêa* . . . . 29 e 32

As Bandeiras da Terra (Sobre a Bandeira de Chaves) poesia social, *Affonso Lopes-Vieira,* illustração de *Christiano de Carvalho.* 33

Aquæ Flaviæ. — *José Fortes* 34

A Terra de Chaves, *Capitão Augusto de Carvalho* 36

A Agua (Thermas de Chaves), *Augusto de Carvalho* 38

A proposito da Flora de Chaves. — *Gonçalo Sampaio.* 41

O Homem de Traz-os-Montes. *Vieira da Costa* 43

Chaves na Guerra Peninsular. — *Capitão Alexandre Malheiro,* clichés de *Carlos Pereira Cardoso* 45

Procissão dos Ramos em Alijó. - Cliché de *Antonio Augusto Corrêa* 53

A industria das sedas em Traz-os-Montes. — *Silva Esteves* 54

Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana). *Continuação — P.e Francisco Manuel Alves* 59

O Orphão. — Poesia de *Ernesto Vianna,* cliché de *Antonio Augusto Corrêa* 61

Inquerito da Provincia de Traz-os-Montes em 1796 pelo Juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro. *Continuação* 62

O Varre-Canêlhas. — Novella trasmontana. *Continuação. Joaquim Leitão,* clichés de *Antonio Augusto Corrêa* . . . . 65 a 68

Por onde andará o meu neto? - Cliché de *Carlos Pereira Cardoso.* 69

Um Trecho da Fauna Pecuária Trasmontana. — por *Alves Tórgo* 70

Inquerito da Provincia de Traz-os-Montes em 1796 pelo Juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro. *Continuação* 74

Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana). *Continuação — P.e Francisco Manuel Alves* 76

Rocha Peixoto, por *M. Vieira Natividade* . . . 78

Paysagem, *A caminho da aldeia* — Poesia - *D. Candida Ayres de Magalhães,* cliché de *Carlos Pereira Cardoso.* 80

O Varre-Canêlhas Novella trasmontana. *Continuação. Joaquim Leitão,* clichés de *Antonio A. Corrêa* . . . . 81 a 84

Costumes trasmontanos. Cliché de *Carlos Pereira Cardoso* 85

Terras de Murça. — *Basilio Constantino d'Almeida Sampaio,* Photographias cedidas, por *José Duarte d'Oliveira* 86

A paga d'uma ceia. — *Casimiro E. S. Cabral,* clichés de *Arthur Botelho* 91

Inquerito da Provincia de Traz-os-Montes em 1796 pelo Juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro. *Continuação* 96

O Varre-Canêlhas - Novella trasmontana. *Continuação. Joaquim Leitão,* clichés de *Antonio A. Corrêa* e *Carlos Lopes* . . . . 97 a 100

Mirandella Um dos arcos da ponte romana sobre o Tua, cliché de *Carlos Pereira Cardoso* . 101

Ácerca do poeta João de Lemos, (Carta a *Joaquim Leitão)* por *Rodrigo Solano* 102

Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa tras-

PAG.

montana). *Continuação - P.e Francisco Manuel Alves* 106
Inquerito da Provincia de Traz-os-Montes em 1796 pelo Juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro. *Conclusão* 108
O Varre-Canêlhas - Novella trasmontana. *Continuação. Joaquim Leitão,* clichés de *Antonio Augusto Corrêa* e *Alfredo Guerra Junior* . . . 113 a 116
Pedras Salgadas: Rio Avellames. - Cliché de *Carlos Pereira Cardoso* 117
As Thermas trasmontanas, *Sousa Costa,* clichés de *Carlos Pereira Cardoso* e *Alfredo Guerra Junior.* 118
Folk-Lore trasmontano: A Lavadeira. *Abbade Tavares,* desenho de *Christiano de Carvalho.* 124
Philologia Trasmontana: O Rio d'Onorense. *Daniel Rodrigues,* desenho de *Christiano de Carvalho* 125
Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana). *Continuação - P.e Francisco Manuel Alves* 127
O Varre-Canêlhas - Novella trasmontana. *Continuação. Joaquim Leitão,* clichés de *Antonio Augusto Corrêa e A. Botelho* . . . . . . 129 a 132
Um Barco Rabello. - Cliché de *Carlos Pereira Cardoso* 133
A Vinha do Senhor, por *Amilcar de Souza,* clichés de *A. Pimentel* 134
As Vindimas, por *Manuel Monteiro,* Photographias do Album do viticultor *José Duarte de Oliveira* 138
Numa porta se põe o ramo . . . , *Joaquim Leitão* 141
A crise do Douro: Suas causas e seus remedios. *Amandio Silva.* 147
Cercanias de Bragança: Um arco do convento de Avellãs. Cliché de *Corrêa & Moreira* . . 149
O Conde d'Ariães (Legenda inedita) *Daniel Rodrigues.* Clichés de *Corrêa & Moreira* 150
Os Pelourinhos de Traz-os-Montes (Bragança) - *Silva Leal* 153
Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana). *Continuação - P.e Francisco Manuel Alves* 155
A lenda do Castello de Bragança (Poesia) *Christovão Ayres,* desenho de *Christiano de Carvalho* 157
Tempo de festas, por *Casimiro E. S. Cabral.* Clichés de *Sampaio Arião* e *Anthero Botelho* . . . 158
O Varre-Canêlhas - Novella trasmontana. *Continuação. Joaquim Leitão,* cliché de *Carlos Lopes* . . . . 161 a 164
Ermida: (Douro) as portas de Traz-os-Montes, cliché de *Carlos Pereira Cardoso.* 165
O Conde d'Ariães (Legenda inedita) *Daniel Rodrigues Continuação.* Clichés de *Corrêa & Moreira* 166
O Vinho do Porto. - Sob o ponto de vista da enxertia nas americanas, por *José Duarte d'Oliveira,* photographias do Album do autôr e de *Carlos Pereira Cardoso* 169
Os Pelourinhos de Traz-os-Montes (Murça), *Silva Leal* 172
Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana). *Continuação - P.e Francisco Manuel Alves* 173
O Varre-Canêlhas. - Novella trasmontana. *Continuação. Joaquim Leitão.* Cliché de *Arthur Botelho* . . . . 177 a 180
Margens do Rio Douro. - Cliché de *Carlos Pereira Cardoso* 181
Bio-Bibliographia Trasmontana. - *P.e Francisco Manuel Alves* 182
A Telheira, *Luiz Esteves d'Aguiar.* Clichés de *Fausto Montenegro* 185
O Conde d'Ariães. *Conclusão* (Legenda inedita) *Daniel Rodrigues.* Clichés de *Corrêa & Moreira* 189
Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana). *Continuação. - P.e Francisco Manuel Alves* 192
O Varre-Canêlhas - Novella trasmontana. *Continuação. Joaquim Leitão,* desenho de *Christiano de Carvalho* . . . . 193 a 196
Os nossos collaboradores. 197

... GOVERNAM OS QUE CÁ ESTÃO

DIRECTOR

JOAQUIM LEITÃO

EMPREZA

ANTONIO AUGUSTO CORRÊA
ANTONIO TERRIO
JOAQUIM DA COSTA CARREGAL

PRIMEIRO ANNO · TIRAGEM DE 5.000 EXEMPLARES · JANEIRO DE 1908

9209 / 1020

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

28 A 36 PAGINAS, GRANDE FORMATO

Publica-se nos dias 15 a 30 de cada mez

DIRECTOR

CARLOS DE MAGALHÃES

ARCHIVO PITTORESCO, LITTERARIO, ARTISTICO E SCIENTIFICO DAS TERRAS TRASMONTANAS

COLLABORAÇÃO LITTERARIA, SCIENTIFICA OU ARTISTICA DOS EX.mos SNRS.

Dr. ABILIO GUERRA JUNQUEIRO · ADELINO SAMARDÃ · Dr. AFFONSO CORDEIRO · ALBINO LOPO Dr. AMILCAR DE SOUZA · Dr. ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO · ANTONIO CARNEIRO AUGUSTO CEZAR RIBEIRO DE CARVALHO · Dr. CARLOS ALVES · CHRISTIANO DE CARVALHO Coronel DOMINGOS CORRÊA · ERNESTO DE VASCONCELLOS · Dr. HENRIQUE FERREIRA BOTELHO JOÃO AUGUSTO RIBEIRO · JOÃO IGNACIO DE MENEZES PIMENTEL · JOAQUIM DE VASCONCELLOS P.e JOSÉ AUGUSTO TAVARES · JOSÉ MARIA ALVES TORGO · JOSÉ MAXIMIANO CORRÊA DE BARROS Dr. JOSÉ MOURÃO · Dr. MANOEL DA COSTA ROCHA · MANOEL DUARTE D'ALMEIDA · Dr. MANOEL MONTEIRO · ROCHA PEIXOTO · Dr. TRINDADE COELHO · VIEIRA DA COSTA · Etc. etc.

PROPRIETARIOS E EDITORES

FRANCISCO COIMBRA & C.A

ADMINISTRADOR

ARNALDO SOARES DA SILVA

TELEPHONE N.º 660

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DO ROSARIO, 239—1.º PORTO

END. TELEGR.- EFFECE

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias	2$500
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

PAGAMENTO ADEANTADO

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de desconto

Photogravuras das officinas de Christiano de Carvalho rua de Cedofeita, 95 – Porto.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Comp. e imp. na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna rua da Fabrica, 80 - Porto.

A Illustração Trasmontana

GRAVAR de uma maneira indelevel no espirito de todos o que é e o que vale a provincia trasmontana, descrevel-a sob todos os aspectos, desenhal-a em todos os seus caprichosos detalhes, pintal-a em tudo o que de bello e encantador possue; desvendar-lhe todas as riquezas naturaes e expol-a, tal como é, manancial perenne da mais variada e encantadora paizagem e inapreciavel thesouro de riquezas,— tem sido de ha muito a nossa constante preoccupação, bem justificada pelo acrisolado affecto que lhe dedicamos, como filhos extremosos, e pelos intimos laços de familia e amisade que a ella nos ligam.

Sem ares de propheta, nem offuscados por excessivo patriotismo, previmos sempre para a nossa provincia um futuro ridente e desafogado, caminhando na vanguarda das restantes provincias do paiz, porque a isso tem incontestavel direito pela nobreza de caracter dos seus habitantes, naturalmente intelligentes e laboriosos, e porque as condições especiaes da região, a natureza do solo e as riquezas que em si contem, a tal a hão de conduzir.

Fomentár, estimular, divulgar e chamar a si a attenção geral, é o que se torna indispensavel para que semelhante previsão se torne effectiva. E nenhum processo mais pratico, mais viavel, nem mais attinente com a moderna fórma de vêr se nos affigura exequivel como a organisação e manutenção de uma revista exclusivamente regional, executada pelos moldes das mais recentes publicações artisticas, capaz de despertar interesse ainda aos mais indifferentes.

Commettimentos d'esta ordem carecem realmente de qualidades excepcionaes — actividade, perseverança e arrojo capazes de arrostarem com os attritos e obstaculos que se anteponham á realisação de tão vasto programma; mas, para supprir qualquer deficiencia, ao corrente da nobreza e patriotismo do bom povo trasmontano, ás vezes rude, mas sempre leal e amante da sua patria, adivinhamos que com elle poderemos contar nas situações mais difficeis.

Todos sentimos a mesma necessidade, todos reconhecemos a utilidade da tentativa, e só faltava quem se resolvesse a dar-lhe fórma, a imprimir-lhe movimento, a incutir-lhe vida. Este primeiro passo, bem ou mal dirigido está dado; todo o delineamento está esboçado; e a floresta mais espessa de difficuldades está desbravada pelo arrojo e coragem da empreza editora da *Illustração Trasmontana*.

A replenagem e aformoseamento virão em seguida com a adhesão dos bons e infatigaveis cooperadores; e bons cooperadores podem todos sel-o com as suas assignaturas, com a sua collaboração, com o seu reclamo.

E, não sendo a *Illustração Trasmontana* uma simples revista industrial, nem uma empreza mercantil que sómente busque interesses e compensação economica para o seu producto; mas principalmente uma publicação patriotica, destinada á vulgarisação dos encantos e riquezas das terras trasmontanas, a sentinella vigilante dos seus interesses, e orgão continuamente votado ao progresso da região que se propõe fazer prosperar; cooperar na *Illustração Trasmontana* é concorrer directamente para o desenvolvimento da nossa provincia e de nós proprios. Se não temos interesses materiaes a participar do bem estar da nossa terra, teremos, como bons trasmontanos, a satisfação intima de assistirmos ao seu progresso, e o natural e justo orgulho de para elle havermos contribuido.

Carlos de Magalhães.

A Divisa da Illustração Trasmontana define, com o maximo vigor artistico d'intenção e numa frase concisa, o grande valor cohesivo regional, deixando evolar, da synthese breve com que foi urdida, o grande desejo de independencia dum altivo e hospitaleiro povo. Serve de legenda ao desenho propositado a ultima parte da celebre phrase — «*Para dquem do Marão . . . governam os que cá estão*» dirigida por um nosso illustre compatriota a um fallecido chefe politico, nessa epocha presidente de conselho, como resposta incisiva a uma prepotencia governativa que se não cumpriu.

Oxalá a vitalidade trasmontana saiba honrar sempre a inscripção profundamente symbolica que serve de insignia a esta publicação patrioticamente orientada.

Alves Roçadas Num rasgo vibrante de enthusiasmo intensivamente repercutido do sul ao norte, o paiz inteiro exalça o nosso illustre e notavel compatricio que deve a gloria que o involve, na aureola carinhosa e viva dos seus destemidos companheiros de armas, á educação consciente da força de vontade que lhe insuflaram os ares finos e vigorosos do inhospito Marão. Essa rija tempera d'esforçados, cahida num terreno sadio onde vibra uma intelligencia clara num cerebro lucido, converteu um applicado num resoluto que se transmudou num heroe. Foi a energia do temperamento que lhe entregou os laureis da victoria.

O nosso comprovinciano nunca desfalleceu; é que só triumpha quem tem a força moral da tenacidade cimentada numa bem orientada disciplina.

Pausadamente, e com a luz serena da perseverança a determinal-o num plano maduramente tecido, sem a louca audacia dos temerarios, ao cabo de muitas operações bellicas (guiadas por essa insinuante figura do gigante negro «Calipalula») pode fazer desfraldar, ao vento do sertão, a gloriosa bandeira nacional num recanto do mysterioso continente onde, havia tres annos, o sangue de portuguezes aventureiros tinha cahido!

Só vence quem alcança instruir e ensinar a vontade. E esse dom tem de se ir buscar ao seio rejuvenescedor das provincias, nas quaes ainda se abrigam, sem mancha, os puros sentimentos do dever e da honra.

O berço do heroi foi este retalho alcantilado do reino, o esquecido Traz-os-Montes, onde melhores se encontram as qualidades vigorosas da raça lusitana, resguardadas ainda do contacto dissolvente da civilisação que se tem amedrontado na sua conquista, pelo circulo ondulado das serranias onde se guardam, intangiveis nos povoados biblicos, as velhas táras heroicas que fizeram Portugal outrora rei dos mares e avassalador do mundo!

Basta vel-o — o gesto incisivo e firme, o olhar agudo e insinuante, num todo modesto e bom, para o dizer um homem de acção. Semelha-se até a um desses pequenos e activos militares japonezes, ageis e destemidos, que esmagaram o preconceito orgulhoso da Russia dos Czares, altiva e absolutista.

As terras trasmontanas enchem-se de jubilo pelo feito d'armas memoravel e Villa Real cobrirá de flores, nascidas nos quintaes onde brincou na mocidade, o heroi insigne e aclamado.

Em Lisboa, nas festas estrondosas da chegada, o importante Club Trasmontano involveu, nas incisivas palavras da sua legenda: «Um por todos e todos por um», os louros da victoria ganha.

Do Porto, capital do norte, que acolheu em delirio o feito ingente, a *Illustração Trasmontana* sauda com o mais rasgado louvor e franco arrebatamento onde perdura, limpidissimo, intenso regionalismo, o celebre «general» que, quando a liberdade foge da patria, amesquinhada no seu valoroso passado, soube trazer, no intimo do seu coração magnanimo e na alma encorajada dos seus dedicados companheiros, o echo da epopeia que ainda se ouvia pela Africa dos Gamas, dos Dias e dos Cunhas que herois trasmontanos já em tempo colheram tambem noutras jornadas felizes!...

Club Trasmontano do Porto

Se a tradicional solidariedade da provincia marca engrandecimento real e verdadeiro — como nunca os trasmontanos juntam-se e congregam-se sob a égide gloriosa da terra onde nasceram. Os sentimentos de amor á patria intensificam-se e sublimam-se, pela ausencia delongada, na saudade sempre renascida; assim, na mesma directriz que levou os trasmontanos a fundarem em Lisboa um Club por todos os motivos notavel, — nesta invicta cidade onde habitam mais de 30:000, trata-se, com toda a dedicação e actividade, de instituir uma Associação congenere.

Esta revista põe o seu prestimo, de todas as maneiras, ao dispor dos organisadores do novo Club que servirá para fortalecer a ligação d'affinidades trasmontanas, na defeza de interesses collectivos.

Vias de communicação

Estradas ordinarias e caminhos de ferro trasmontanos

FACIL é vêr-se pela carta chorographica distribuida com este numero, como a quantidade de estradas ordinarias interiores da provincia e das que a ligam com as provincias limitrophes, é em numero insufficientissimo, e, o peor ainda, na quasi sua totalidade, em pessimo estado de conservação, quasi intransitaveis para qualquer especie de vehiculos, e muito principalmente para automoveis.

Muitas d'estas, de utilidade incontestavel, como a das Alturas de Barroso, que deve ligar Braga a Chaves, servindo uma região fertil e interessantissima, incurtando longos percursos e valorisando importantes regiões naturalmente ricas; e a de Chaves a Vinhaes destinada a ligar pelo nordeste da provincia os dois districtos administrativos que a compõem, estão por concluir ha longos annos, ha uns quarenta approximadamente.

A origem d'este mau estado de viação não é exclusivo da provincia; o mal sente-se, ainda que em muito menor intensidade, em quasi todo o resto do paiz desde que, por uma mal pensada medida de economia administrativa, foi eliminada ou muito reduzida a verba destinada á conservação e conclusão de estradas. Hoje, a actual situação tentou remedear o mal restabelecendo a verba supprimida; mas, para supprir a falta dos annos passados, é insufficientissima, e até nulla, se em breve ella não fôr consideravelmente augmentada.

E, não será decerto difficil semelhante beneficio desde que, como se diz, tenham desapparecido da administração geral do paiz os sorvedouros sem fundo que consumiam a maioria dos rendimentos do estado.

Um terço das despezas effectuadas nos ultimos vinte annos em obras de luxo, estereis, e em apparentosas grandezas de exclusivo interesse particular, seria sufficiente para dotar a provincia trasmontana, que trabalha, que produz e que póde contribuir com o seu esforço e com a sua riqueza beneficamente para o estado economico do paiz, com uma rede completa de boas estradas, e mantida em excellente estado de conservação.

Do interesse e zelo dos primeiros magistrados a quem está incumbida hoje a direcção dos districtos trasmontanos não nos é por emquanto licito duvidar, especialmente d'aquelle que mais de perto conhecemos, o illustre governador civil de Villa Real, que, n'uma solicitada entrevista que teve a amabilidade de nos conceder, a traços largos nos pintou o seu utilissimo e importante programma de melhoramentos e obras a realisar em breve.

Como inicio figura a conclusão da estrada das Alturas; seguir-se-ha a construcção da tão reclamada e indispensavel estrada que, partindo de Mondim de Basto, por Villa Real, vá ter a sua testa em Covellinhas. Atravessará assim tres importantes concelhos: o de Mondim, Villa Real e Sabrosa; os dois ultimos notados pela sua riqueza agricola, e aquelle não só pela agricultura como pela sua industria extractiva, hoje quasi desconhecida, mas que depois de construidas boas estradas e o caminho de ferro do Valle do Tamega, tomará largo incremento, especialmente pelos excellentes jazigos de ardozia, em qualidade talvez superiores aos de Vallongo.

Em seguida, occupar-se-ha de restaurações diversas e construcções menos dispendiosas, mas de apreciavel alcance economico, como, por exemplo, da estrada e ponte que devem ligar a povoação da Cumieira com a estação ferro-viaria das Avelledas, ficando assim aquella zona esquerda do Córgo servida pela linha ferrea, remedeando talvez um melhor traçado, embora mais dispendioso, da linha do Valle do Córgo.

E, n'este caminhar, talvez no curto praso do anno que corre, se possa avaliar bem o que tenha sido a administração e direcção d'aquelle funccionario.

Pela nossa parte e da parte de todos os trasmontanos, não se lhe regatearão applausos, como se não regatearão a quaesquer outras pessoas, entidades officiaes ou governativas, que, ao contrario do que tem succedido até hoje, olhem com a attenção e com o zelo que a região, pelo seu incontestavel valor, reclama.

No districto de Bragança, de área muito mais extensa, é tambem deploravel a escacez quasi completa de estradas em alguns dos seus importantes e riquissimos concelhos!

A linha ferrea, que de Mirandella vae por Macedo de Cavalleiros a Bragança, poucas mais povoações utilisa do que estas que se nomeiam, porque das suas *gares* não irradiam estradas transitaveis para as povoações mais importantes dos concelhos adjacentes á via.

Em Bragança, como em Villa Real, o desleixo pela viação chegou ao inverosimil; a maioria dos politicos, quasi sempre estranhos á região, investidos da suprema direcção dos districtos, tendo em pouca conta os interesses regionaes, e só aspirando á ascenção a espheras superiores, preoccupavam-se sómente com os velhos manejos eleitoraes, de molde a crearem jús a superiores benesses.

E, satisfeita a aspiração, lá vinha novo politico que, obedecendo á mesma razão, funccionava de identica fórma, e assim tem vivido ha longos annos a malfadada provincia, sempre posta de parte como coisa inutil e arrédia!

Os seus representantes, os seus deputados ás côrtes, bem ou mal escolhidos pelo governo, perdão, pelo povo, já não têm conseguido pouco do estado, porque, realmente, no alto criterio dos governos o que tem sido Traz-os-Montes?

Um cúmulo de exigencias: estradas, caminhos de ferro, pontes, escolas!

Mas, que lucrariam politicamente os governos attendendo a tanta impertinencia?

A votação não augmentaria, a machina eleitoral estaria sempre bem montada... O circulo de tal era de Fulano, o outro além de Cicrano, etc.; portanto não valia a pena perder tempo com essas afastadas terras. Seria preferivel olhar pelas que ficavam mais ao pé da porta...

A imprensa provincial, debilitada pela miseria que a circumda e pela pouca edade que conta, não consegue fazer-se ouvir além dos limites dos seus concelhos!

A imprensa diaria do paiz, essa... tem outras coisas a tratar.

E', pois, devido á insufficiencia de elementos de reclamação e protesto, que esta revista se propõe, em artigos futuros, confiados a pessoas de mais competencia e saber, pugnar pelo desenvolvimento regional, em todos os seus aspectos, e mormente da viação publica, de molde a fazer derivar para ella uma parcella sequer da actividade dos governos, convencendo-os de que a provincia trasmontana faz parte integrante da Patria Portugueza.

Para este fim, e n'esta secção, a *Illustração Trasmontana* põe as suas columnas ao dispôr dos patricios e amigos que, com conhecimentos precisos e dados valiosos, pretendam aqui tratar proficientemente tão importantes assumptos.

E, se este appello calar bem fundo no espirito dos competentes e d'aquelles que verdadeiramente se interessam pelo progresso das suas terras, em breve se apreciarão os fructos de tão sympathica e patriotica campanha.

Instrucção popular

A PAR da viação publica, a instrucção popular na provincia trasmontana merecerá a esta revista muito especial attenção, fazendo derivar para ella o maior numero possivel de elementos valiosos que originem, no menor tempo possivel, o indispensavel desenvolvimento de ensino. Para isto, como para a execução de todo o patriotico programma da *Illustração Trasmontana*, indispensavel se torna, evidentemente, o concurso de todos os prestantes trasmontanos, de que nunca duvidamos; e, n'esta convicção, como inicio de trabalhos, em breve se publicarão as bases de um inquerito que servirá de assento a toda a iniciativa e esforços futuros.

N'este inquerito cooperarão, além das entidades officiaes, devidamente auctorisadas pelas estações superiores, como os senhores inspectores, sub-inspectores e professores primarios da provincia, todo o professorado livre da região, os reverendos parochos e finalmente todas as pessoas a quem o humanitario emprehendimento possa interessar.

De tal trabalho que deverá resultar absolutamente exacto e completo, para se não tornar inutil pela deficiencia, como succede a inqueritos officiaes

d'esta natureza, virá o conhecimento seguro da enorme percentagem do analphabetismo na população trasmontana; a densidade da frequencia escolar constante; o grau de aproveitamento na frequencia actual; qualidades e natureza do professorado; áreas não providas de escolas; recursos para subsidiar a população escolar que d'elles careça; commissões locaes de beneficencia escolar, se existem ou não e seu funccionamento; escolas de iniciativa particular; tendencias e aptidões em cada região, e quaes as industrias ou profissões mais adaptaveis a cada localidade; etc., etc.

E, conhecidos todos estes e outros principios que nos deem nitidamente o estado actual da instrucção popular e industrial ou profissional na provincia; a *Illustração Trasmontana*, secundada e auxiliada pelo agrupamento de todos os trasmontanos que se queiram aggregar para tão benefica obra, estudará os meios de combater os males, de supprir as faltas, de pôr em pratica todas as medidas attinentes a levantar o nivel intellectual da região, compativeis com os recursos proprios, ou a solicital-os, com o direito que lhe assiste, de quem tem o dever de attender.

E' claro que, para chegar a taes resultados, immenso haverá que luctar sem desfallecimentos; serão necessarias commissões locaes que, com acrisolado empenho, se votem a esta santa cruzada de diffundir instrucção, e, realizando-se conferencias e até pequenos congressos nos centros mais populosos, irradiarão novas ideias e dedicados trabalhadores na ancia indomavel de combater o grande mal — a falta de instrucção — que conserva agrilhoado, ao improductivel e rude trabalho, o grande e laborioso povo trasmontano.

Pela nossa parte, e desde já, encetaremos a campanha, havendo obtido da Associação das Escolas Moveis do methodo de leitura de João de Deus, uma missão que funccionará seis mezes n'uma localidade da provincia por nós indicada, e que será onde se nos affigure de momento mais util e proveitosa.

E, para este, como para quaesquer outros assumptos de capital importancia para a nossa terra, a *Illustração Trasmontana*, põe incondicionalmente as suas columnas ao dispôr dos seus assignantes e patricios que a favor de tão meritoria campanha queiram pôr toda a sua boa vontade e esforço.

Mappa chorographico das terras trasmontanas

Em separata, e como extraordinario, com o 1.º numero da *Illustração Trasmontana* é distribuido, a titulo de brinde excellente, por todos os assignantes d'esta revista, uma carta chorographica da provincia trasmontana, o mais detalhada e exacta que foi possivel organisar-se em face dos minguados e incompletos elementos que se poderam colligir.

Não estava no animo da empreza publicar semelhante carta assim incompleta, como não podia d'outra fórma ser agora; mas, o intimo desejo de, logo de inicio, manifestar incontestavelmente a vontade de que está animada e o nenhum receio de se abalançar a sacrificios de toda a ordem para assim corresponder á acceitação franca e absoluta que o povo trasmontano lhe vae dispensar, não se furtou á satisfação de apresentar o primeiro numero d'esta revista tão completo e attrahente quanto lh'o auctorisaram os elementos que poude reunir.

De futuro, em numeros subsequentes, cartas parciaes de regiões e concelhos serão dadas á estampa, com todos os detalhes indispensaveis a este genero de trabalhos, seguidas de interessantes graphicos estatisticos, de molde a obter-se um trabalho completo e exacto sobre a chorographia e estatistica trasmontana.

Para tal realisação, é claro, como para tudo o que diz respeito ao programma da *Illustração Trasmontana*, é indispensavel o concurso de todos os comprovincianos a quem semelhante trabalho possa interessar, com o qual, mais uma vez o affirmamos, contamos em absoluto.

Os nossos concursos

O automovel da *Illustração Trasmontana*
no qual se deve effectuar o passeio offerecido aos seus assignantes

Não é este nosso primeiro concurso aquelle que inicia a serie dos que em mente temos estudado como um dos mais interessantes e proveitosos serviços que esta revista projecta levar a effeito, com o fim exclusivo de incitar ao engrandecimento da nossa terra. Não era praticavel no primeiro numero de uma revista assaz complexa, entrar com passo firme e seguro em tantos campos, quando, cada assumpto em si carece de grande capital de esforço e de tempo sufficiente para fazer derivar, a um unico centro de actividade, tanta energia dispersa.

O presente concurso, pallida idêa do que poderão ser os que se lhe devem seguir em indeterminados periodos, não é mais do que uma ligeira prova de reconhecimento, que desde já sentimos necessidade de manifestar, perante a agglomeração valiosissima de boas vontades que expontaneamente temos encontrado a nosso lado, e que, sem duvida, de futuro, se elevarão n'uma progressão constante e animadora.

A restricção do assumpto da *Illustração Trasmontana* não nos dá ensejo a organisarmos concursos de que possam resultar fabulosos premios ou base de pequenas e grandes fortunas, hoje tão raras.

Este concurso, como muitos outros na sua esteira, procura apenas passatempos agradaveis e

gratuitos para todos os nossos cooperadores e assignantes, e assim se explica a razão porque escolhemos como premio unico para agora

Um interessante passeio em automovel

ás terras trasmontanas, absolutamente gratuito, não só no que diz respeito a locomoção, como tambem hospedagem nos melhores hoteis das localidades a visitar.

A realisação d'este passeio será por todo o mez de junho ou julho proximos, e n'elle poderá tomar parte aquelle dos nossos assignantes que, no recibo da sua assignatura, tenha o numero designado pelo sorteio a realisar-se em maio futuro, com as formalidades legaes, previamente annunciado.

O assignante assim contemplado tem não só direito ao passeio referido, **absolutamente gratuito para si e para uma outra pessoa de sua familia ou relações**, mas tambem poderá optar por outro itinerario, mesmo fóra das barreiras trasmontanas, estabelecido de accordo com a empreza da *Illustração, mas sempre de fórma que o tempo a mediar entre a partida e chegada ao Porto, séde da empreza, não vá além de* **10 dias.**

E, na possibilidade de que o assignante favorecido pela sorte resida em localidade tal que não possa aproveitar-se do premio, pela sua natureza, a empreza d'esta revista faculta ainda a opção pelo premio de 60$000 réis em 6 titulos da divida publica de 3 %, que, a seu turno, ficam interessados nos sorteios semestraes garantidos pelo governo, podendo assim alcançar um dos seus muitos premios, entre os quaes figura um de **cinco contos de réis.**

E, dentro da modestia que tomamos para norma e em face do pouco espavento do nosso concurso, que não passa de um brinde interesante, a *Illustração Trasmontana* poderá ainda directa ou indirectamente proporcionar um premio apreciavel de **cinco contos de réis**, que nenhuma razão haveria para desprezar!

Quaesquer esclarecimentos ou indicações sobre os serviços de concursos serão prestadas pelas pessoas encarregadas da angariação de assignaturas ou n'esta revista, na secção competente, sob o titulo de *Correspondencia.*

Concurso photographico

A par dos concursos annunciados, em que toda a gente póde interessar, outros, de caracter mais restricto, mas nem por isto menos captivantes, constituirão tambem uma secção que merecerá franco applauso da parte, não só das pessoas directamente interessadas, mas tambem de todo o publico que nos lê e a quem não é indifferente o desenvolvimento da nossa provincia, no tocante a artes, industria, litteratura, etc.

De principio afigura-se-nos, pela sua relativa simplicidade, em primeiro logar, a realisação d'um concurso de photographia regional a que só poderão concorrer assignantes da *Illustração Trasmontana* tratando os seus clichés assumptos provinciaes. A seguir, sob um plano bizarro e original, organisaremos outro concurso que terá como base a poesia e a musica populares.

Occupar-nos-hemos depois da pintura, do desenho, da poesia, da architectura regionaes, etc., e sobre tudo em que possa manifestar-se o temperamento artistico e litterario do grande povo trasmontano, se bordarão combinações estranhas e interessantes capazes de derivarem em verdadeiros successos.

Por agora vão seguir-se o plano e bases do

Concurso photographico trasmontano

1.ª Este concurso conservar-se-ha aberto pelo espaço de **seis mezes**, que termina a 30 de junho proximo, e n'elle poderão interessar todas as pessoas, assignantes da *Illustração Trasmontana* ou aquellas que desde já sejam consideradas collaboradoras effectivas d'esta revista.

2.ª O assumpto dos clichés, destinados ao concurso, só póde ser relativo á provincia de Traz-os-Montes.

3.ª Cada concorrente deverá enviar á direcção da *Illustração Trasmontana*, secção dos concursos, pelo menos **3** provas photographicas dos seus clichés, tiradas em duplicado em papel Aristo, e *viradas ao tom sépia*, sendo facultativa a sua collagem em cartão.

4.ª Os clichés admittidos deverão ser 18 × 24, 13 × 18 ou 9 × 12, segundo a natureza dos assumptos; e estes deverão de preferencia versar sobre paizagem, monumentos e costumes.

5.ª Para o effeito de classificação haverá um jury constituido por tres pessoas escolhidas entre as reputadas como altamente entendidas em assumptos photographicos, a que presidirá, com voto consultivo e de desempate, o director d'esta revista.

6.ª As provas admittidas para o concurso dão immediatamente direito a um premio de 1$000 réis em productos photographicos, pagavel desde a data da admissão.

7.ª Todos os mezes funccionará o jury de apreciação para admittir ou regeitar as provas que se vão recebendo.

8.ª Para a apreciação final, que se realisará no mez de julho proximo, haverá tres premios, a saber:

a) 100$000 réis em titulos de divida publica, pagos pela *Illustração Trasmontana;*

b) Um apparelho photographico completo, typo classico, de camara e tripé, formato 13 × 18, com objectiva, obturador e 3 chassis duplos e bem assim todos os accessorios para seu immediato funccionamento, premio offerecido pela **Agencia Geral de Photographia**, a importante e conhecida empreza de propaganda e vulgarisação photographica, com séde na rua da Fabrica, 55, d'esta cidade.

c) Finalmente 10$000 réis em productos ou apparelhos photographicos, premio offerecido pela **Photo-Revista**, publicação mensal exclusivamente dedicada a assumptos photographicos, editada pela **Agencia Geral de Photographia.**

O primeiro premio será conferido ao concorrente que maior e melhor quantidade e qualidade de provas tiver enviado; o segundo compete ao concorrente que tiver apresentado melhor e maior quantidade de clichés ou provas photographicas immediatamente inferior ao primeiro classificado; o terceiro pertencerá aquelle que tiver o melhor e maior conjuncto de provas photographicas de costumes trasmontanos.

Aos restantes concorrentes, segundo a classificação, serão conferidos diplomas de honra, de merito e mensões honrosas.

*

Para o effeito dos premios de admissão, a cada concorrente será enviado um cartão bonus do valor de 1$000 réis que será recebido em pagamento no Photo-Bazar, rua da Fabrica, 43, deposito de productos da Agencia Geral de Photographia, para compra de productos photographicos.

*

Os trabalhos classificados para os primeiros tres premios serão publicados em seguida n'esta *Illustração*, bem como os retratos dos concorrentes premiados.

*

As provas photographicas admittidas ou primeiramente classificadas ficarão sendo propriedade da *Illustração Trasmontana* que d'ellas poderá dispôr e publicar, ficando todavia a propriedade dos clichés pertencendo aos concorrentes.

*

Nos futuros numeros da *Illustração Trasmontana* ir-se-ha dando conta do movimento d'este concurso, bem como lá se responderá a quaesquer interrogações feitas sobre tal serviço.

Aos senhores assignantes e colleccionadores A *Illustração Trasmontana*, como facilmente se verifica pelo presente numero, compõe-se de duas partes por assim dizer bem distinctas: a primeira, impressa em papel *couché*, de 16 paginas, occupa-se exclusivamente de assumptos artisticos, litterarios ou scientificos; a segunda, como que um supplemento, de numero variavel de paginas, em papel inferior, trata dos interesses regionaes, fomento, casos de occasião, indicações uteis, concursos, etc. Será, com mais propriedade, classificada *O Jornal do Mez*, onde se tratará de tudo que não seja sómente arte, litteratura ou sciencia.

São impressas em papeis de differentes qualidades e formatos, e por isto só a primeira parte, em papel *couché*, se destina, no fim de cada serie de 12 numeros, a formar volume para encadernar. Todavia os snrs. colleccionadores que assim o desejem podem incluir as duas partes n'um só volume visto ser approximada em ambas a medida da composição.

*

Sendo natural que o patriotismo de muitos dos nossos patricios e amigos os leve a estranhar que esta revista, inteiramente regional, não seja executada em quaesquer das cidades ou villas trasmontanas, parece-nos opportuno illucidal-os que a séde da empreza no Porto se justifica plenamente, não só por n'esta cidade residirem os seus proprietarios e iniciador, mas tambem porque aqui mais facilmente se obtêm os elementos indispensaveis para a organisação e manutenção de uma revista d'este genero.

De resto, nunca poderia ser esta circumstancia origem de desagrado, desde que o Porto está natural e justamente indicado como capital das terras do norte do paiz.

Aos senhores assignantes do Brazil Como é vulgar o extravio de correspondencias e publicações destinadas aos Estados Unidos do Brazil, a empreza da *Illustração Trasmontana* fará a distribuição d'esta revista aos seus assignantes d'alem mar só por intermedio dos seus agentes, para quem as remessas serão feitas sob registo.

Chronica do bem Até nós chegou ha dias uma infeliz creatura, cujo viver, depois da morte do pae, o nosso patricio snr. Gaspar Ferreira do Pôço, da freguezia de Mouçós, tem sido uma serie constante de privações, uma ou outra vez minoradas pela generosidade dos nossos patricios. Receosa talvez que esse pouco bem se extinguisse, lançou-se afoita a esses caminhos, e eil-a ahi na doce illusão de que poderia viver tranquilla a troco do humilde trabalho de serviçal, sem se recordar que taes trabalhos carecem aptidão e robustez que não possuia. Em breve veio a desillusão que a trouxe até nós; e, como nos não fosse possivel obter-lhe o trabalho que procurava, fornecemos-lhe os recursos necessarios para voltar para a nossa provincia onde, decerto os nossos patricios, sempre generosos e bons, lhe dispensarão o auxilio que ella em terras estranhas não poderia encontrar.

Collaboram n'este **numero 1.º** os ex.^{mos} snrs.:

VIEIRA DA COSTA — *Traz-os-Montes* — Monographia da provincia trasmontana.

DR. TRINDADE COELHO — *Abre-te ziombre* — Conto popular.

DR. AMILCAR DE SOUZA — *A Paizagem Duriense.*

MANOEL DUARTE D'ALMEIDA — *Carta.*

Summario do "Supplemento" — *Illustração Trasmontana*, por CARLOS DE MAGALHÃES.

INTERESSES REGIONAES: — *Estradas e caminhos de ferro trasmontanos* e *Instrucção popular.*

Alves Roçadas, pelo DR. AMILCAR DE SOUZA.

DIVERSOS: — *Carta chorographica das Terras Trasmontanas; Os nossos concursos; Aviso importante; Expediente; Annuncios*, etc.

Illustração — *Capa artistica a côres*, por CHRISTIANO DE CARVALHO E CARLOS DE MAGALHÃES.

Illustração do conto popular *Abre-te ziombre*, por CHRISTIANO DE CARVALHO.

Mappa chorographico das Terras Trasmontanas, por CARLOS DE MAGALHÃES.

Encadrements e *letras ornamentaes*, por CARLOS DE MAGALHÃES e EDUARDO SIMAS.

Collaboração photographica — Honram este numero com primorosas photographias, os ex.^{mos} snrs. Sampaio Areão, Antonio Lopes Martins, Dr. Amilcar de Souza, Antonio Syndulpho Carneiro, Antonio Pinheiro d'Azevedo Leite e José Alves Barreto.

Aviso importante No intuito de corresponder aos serviços que todos os nossos presados conterraneos e amigos nos vão, evidentemente, prestar, angariando-nos apreciavel numero de assignaturas, unica fórma de vingar o nosso patriotico emprehendimento, fica desde já assente que, para tão prestimosas pessoas, o preço da sua assignatura deixa de ser o que n'outro logar vae indicado, para ser o que a tabella seguinte estabelece, variavel e em relação com o numero de assignaturas pagas que cada uma possa obter.

Quantidade de assignaturas angariadas e pagas	Preço da assignatura para o angariador
1	2$250
2	2$000
3	1$750
4	1$500
5	1$250
6	1$000
7	750
8	500
9	250
10	**Gratis**

Nota: **— Na contagem das assignaturas obtidas não póde ser incluida a da pessoa encarregada da angariação.**

A Empreza.

EXPEDIENTE

A *Illustração Trasmontana*, devido ao seu custo elevado, não póde ser distribuida, sem apreciavel prejuizo para a Empreza, senão mediante a respectiva requisição, que póde ser feita em simples bilhete postal. N'estas condições será enviado apenas o primeiro numero como amostra; mas a respectiva inscripção de assignatura só será feita depois de confirmada com a remessa da devida importancia.

Até nova medida administrativa as assignaturas só podem ser tomadas ás séries de 12 numeros, a contar desde o primeiro inclusivé.

Nas livrarias principaes do Porto e Lisboa, e nos centros de assignaturas, estará á venda, excepcionalmente, o primeiro numero, á razão de 200 réis cada exemplar podendo depois esta importancia ser deduzida da assignatura, mediante a apresentação da senha que cada exemplar conterá para este effeito.

É, pois, principio assente, que se não modificará, para regular andamento dos negocios da Empreza, que as assignaturas a pagar no fim da série ou no decorrer da publicação, não poderão ser attendidas, nem mesmo as que se offereçam a pagar no acto da entrega.

Como facilmente se subintenderia, a Empreza da *Illustração Trasmontana*, que gira sob a firma commercial de *Francisco Coimbra & C.ª* assume inteira responsabilidade pelas importancias que lhe sejam entregues ou pela regular publicação da revista que agora inicia.

Arnaldo Soares da Silva,
Administrador.

CAFÉ E GRANDE HOTEL «TOCAIO»
VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario — *Adriano Rocha.*

SUPPLEMENTO

á

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

= 28 A 36 PAGINAS, GRANDE FORMATO =

Publica-se nos dias 15 a 30 de cada mez

DIRECTOR
CARLOS DE MAGALHÃES

ARCHIVO PITTORESCO, LITTERARIO, ARTISTICO E SCIENTIFICO DAS TERRAS TRASMONTANAS

COLLABORAÇÃO LITTERARIA, SCIENTIFICA OU ARTISTICA DOS EX.MOS SNRS.

Dr. ABILIO GUERRA JUNQUEIRO · ADELINO SAMARDÃ · Dr. AFFONSO CORDEIRO · ALBINO LOPO Dr. AMILCAR DE SOUZA · Dr. ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO · ANTONIO CARNEIRO AUGUSTO CEZAR RIBEIRO DE CARVALHO · Dr. CARLOS ALVES · CHRISTIANO DE CARVALHO DR. DANIEL RODRIGUES · Coronel DOMINGOS CORRÊA · ERNESTO DE VASCONCELLOS · GONÇALO SAMPAIO · Dr. HENRIQUE FERREIRA BOTELHO · JOÃO AUGUSTO RIBEIRO · JOÃO IGNACIO DE MENEZES PIMENTEL · JOAQUIM DE VASCONCELLOS · P.e JOSÉ AUGUSTO TAVARES · JOSÉ MARIA ALVES TORGO · JOSÉ MAXIMIANO CORRÊA DE BARROS · Dr. JOSÉ MOURÃO · JULIO BRANDÃO Dr. MANOEL DA COSTA ROCHA · MANOEL DUARTE D'ALMEIDA · Dr. MANOEL MONTEIRO · ROCHA PEIXOTO · Dr. TRINDADE COELHO · VIEIRA DA COSTA · Etc., etc.

PROPRIETARIOS E EDITORES
FRANCISCO COIMBRA & C.A

ADMINISTRADOR
FRANCISCO COIMBRA

TELEPHONE N.º 660

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DO ROSARIO, 239, 1.º — PORTO

END. TELEGR. – EFFECE

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias	2$500
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

·· PAGAMENTO ADEANTADO ··

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

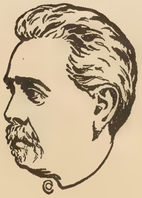
Repetições, 20 p. c. de desconto

∴ Photogravuras das officinas de Christiano de Carvalho rua de Cedofeita, 95 – Porto.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Comp. e imp. na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna rua da Fabrica, 80 – Porto. ∴

DR. THEOPHILO BRAGA



Muito alem de toda a espectativa, o acolhimento dispensado ao primeiro numero d'esta revista tem sido o que de mais animador é possivel calcular-se. Confessamo-nos realmente desvanecidos e orgulhosos com o pleno exito do nosso patriotico emprehendimento, que nos vem encher de enthusiasmo e vontade inquebrantavel, para proseguirmos cheios de fé no caminho encetado.

Os applausos que de continuo recebemos, como recompensa bastante aos nossos esforços, veem crear, em bases solidas, uma tenacidade constante, capaz de vencer todos os sacrificios para que, de momento a momento, se aperfeiçoem e purifiquem os meios que em mente temos de nos transportar á victoria final — o resurgimento da nossa encantadora e incomparavel provincia.

Como haviamos previsto, o apoio e cooperação espontaneas dos nossos patricios, onde a *Illustração* já conseguiu chegar, são-nos gentil e amorosamente postas a nosso lado; e as pessoas alheias á provincia, mas a quem este genero de publicações sempre interessa, animam-nos em absoluto dispensando-nos os mais rasgados elogios e as mais carinhosas e sympathicas palavras de louvor.

Registar aqui, como seria o nosso intenso desejo, toda a correspondencia comprovativa do que vimos afirmando, constituiria materia mais que sufficiente para organisar varios numeros da *Illustração Trasmontana;* sem preferencias, porém, iremos no decorrer da publicação inserindo aquella que, com mais enthusiasmo, nos anima, e proseguiremos sem desfallecimentos na campanha iniciada.

Por agora é-nos gratissimo abrir uma excepção, para nós altamente honrosa, reproduzindo aqui, na integra, a carta ha dias recebida, do eminente philosopho, mundialmente conhecido, Dr. Theophilo Braga, notavel a todos os respeitos, d'um destaque que nos maravilha pelo sentencioso, pelo brilho da fórma e sobretudo pela maneira carinhosa e captivante como é tratada a nossa provincia.

Lisboa, 5 de fevereiro, de 1905.

Ex.mo Snr. e presado amigo

Toca-me em extremo a homenagem da offerta da Revista mensal *Illustração Trasmontana*, que V. Ex.ª tão bem armado emprehende: tem amor á sua fecunda e interessante provincia, vontade para vencer todas as difficuldades, recursos artisticos com que representar a realidade impressionante, e por tanto o exito será alcançado. Se tivessemos para cada Provincia de Portugal um espirito votado ao seu estudo, avançavamos para o conhecimento e para o amor d'esta nossa patria, que subsiste mais pelo sentimento nacional, do que por qualquer força material. Traz-os-Montes é um mundo cheio de grandes tradições primitivas, de uma ethnologia reveladora da nossa raça, de costumes muito peculiares e de uma resistente energia lusitana. E' pouco conhecida dos estudiosos, pela sua situação de isolamento; a *Illustração Trasmontana* vem abrir-nos essa região maravilhosa. Pode essa publicação ser um Album artistico, e um Archivo scientifico, porque apresenta um valente corpo de collaboração. O campo de exploração é vasto: *retratos* que fixem o typo anthropologico; *costumes* domesticos revelando persistencias primitivas da familia; *linguagem* dialectal, que nos aproximem das origens da lingua portugueza; *Canções* populares com a transcripção musical das suas Melodias trasmontanas; *Contos, Dictados, Anexins, Lendas* historicas e religiosas; Arraiaes, Romarias, Feiras, Productos agricolas e fabris da Industria local: os aspectos da natureza physica, que tanto influem na evolução psychica e moral da collectividade humana, tudo isso interessa tanto o que estuda scientificamente como o curioso que se informa e quer impressões pittorescas. Acho mesmo que vale a pena consagrar a vida a um estudo d'estes; pelo grande interesse que sempre me inspirou a Provincia de Traz-os-Montes, que o bello Mappa me fez nitidamente abranger, todos os meus louvores são pouco para o que uma tal Empreza merece. Creio nos grandes resultados que ella trará á sciencia e á nossa historia nacional e felicito o corajoso espirito que a inicia com tanto amor, confessando-me seu

sempre admirador, etc.

T. S. Gertrudes, 70.

THEOPHILO BRAGA.

E no natural desejo de informarmos os nossos assignantes do caloroso enthusiasmo que a nossa revista tem creado, por todas essas famosas Terras Trasmontanas, alguns trechos, sómente, para não fatigar, aqui reproduzimos de duas cartas de patricios amigos que tanto á alma de patriotas trasmontanos nos fallam:

Ex.mo Snr.:

. . . .

Depois de um minucioso exame ao seu jornal, n'um transporte de vivo enthusiasmo, exclamei, radiante de intensa alegria: Eis uma revista ha muito desejada! Honra ao seu benemerito e illustrado fundador — um lidimo defensor das olvidadas glorias trasmontanas! Seria uma injustiça eu deixar passar esta occasião sem vir muito sincera e effusivamente felicitar calorosamente V. Ex.ª pela sua arrojada publicação.

Esta desgraçada provincia, desde sempre votada ao mais cruel ostracismo, ser-lhe-ha devedora d'um profundo e eterno reconhecimento.

Devido aos louvaveis e presistentes esforços de V. Ex.ª, serão plenamente conhecidas e apreciadas, dentro em breve, todas as suas surprehendentes bellezas naturaes, todas as suas multiplas e interessantes maravilhas archeologicas, artisticas, ethnographicas, etc.

Desde ha muito que se sentia a imperiosa necessidade d'uma revista d'este genero; V. Ex.ª, dominado por um encendrado patriotismo, realisou maravilhosamente este acariciador *desideratum*.

. . . .

Carviçaes — Moncorvo, 1-12-908.

Abbade JOSÉ AUGUSTO TAVARES.

Ex.mo Snr.

. . . .

A *Illustração Trasmontana* vae de certo concentrar os esforços de todos os trasmontanos, para o levantamento da nossa provincia. Digne-se por isso V. Ex.ª acceitar as minhas calorosas e enthusiasticas felicitações pela grandiosa ideia que soube pôr em execução, com supremo brilho; podendo V. Ex.ª contar com a minha boa vontade e com o meu esforço, embora diminutos.

. . . .

Mirandella, 29-1-908.

JOÃO IGNACIO PIMENTEL.

E, para concluir, por hoje, este notavel registo, vamos reproduzir alguns trechos das obsequiosas apreciações que a illustrada imprensa diaria do Porto nos quiz dispensar, pelo que nos confessamos deveras penhorados, reservando para numeros futuros as transcripções que nos não é agora possivel inserir.

Do *Jornal de Noticias:*

. . . .

Este primeiro numero é muito bello. Além de assumptos de interesse regional, que são proficientemente tractados em paginas separadas, e nas quaes vemos uma explendida mascara do capitão Roçadas, realisada com extrema felicidade por Christiano de Carvalho, o nosso talentoso collaborador artistico, — vemos nada menos de 16 grandes paginas em papel *couché*, admiravelmente impressas, todas ornadas com lindas gravuras representando diversos pontos de Traz-os-Montes.

Insere um artigo primoroso, escripto por um trasmontano de grande talento, o snr. Vieira da Costa, auctor do romance *Entre Montanhas*. Intitula-se esse artigo «Monographia das terras trasmontanas». E' um admiravel trecho litterario.

Depois insere um celebre conto popular trasmontano, do dr. Trindade Coelho, com o titulo *Abre-te Ziombre*, e que é uma obra prima. Segue-se *Paizagem duriense*, pelo snr. dr. Amilcar de Souza, que está escripto com amor; e, por fim, uma *Carta* do distincto poeta Manuel Duarte d'Almeida.

Todos estes artigos estão illustrados com a maior perfeição, n'um conjuncto artistico muito de louvar.

Publica ainda um bello mappa, a côres, da terra trasmontana.

Por este primeiro numero se vê, pois, que a nova revista está á altura do nome da provincia de que tracta; e se a provincia de Traz-os-Montes é, por todos os titulos, gloriosa, a nova revista saberá ser o interprete dos sentimentos dos seus filhos.

Do *Diario da Tarde:*

«Illustração Trasmontana» — E' este o titulo d'uma revista mensal illustrada — archivo pittoresco, litterario, artistico e scientifico das terras trasmontanas — que principiou a publicar-se n'esta cidade. O primeiro numero insere uma excellente collaboração e differentes gravuras muito nitidas. A empreza d'esta magnifica revista projecta descrever toda a linda e encantadora provincia de Traz-os-Montes, revelando-lhes os primores naturaes e as riquezas do seu solo.

A obra é de grande alcance social. A provincia de Traz-os-Montes, que comprehende lindas cidades e aldeias cheias de pittoresco, não é tão conhecida como devia sel-o. Realmente nada mais bello do que uma digressão em caminho de ferro da Regoa até Pedras Salgadas e d'ahi em carro até Chaves, a terra da celebre Veiga tão formosa e tão abundante. Terra de velhos palacios e de venerandas ruinas historicas de cujo solo se teem recolhido preciosas reliquias archeologicas, Traz-os-Montes é realmente uma das mais formosas provincias do paiz, encerrando bellezas que rivalisam com as mais apregoadas do estrangeiro. Revelar, pela descripção e pela gravura, essas bellezas é um grande acto de patriotismo e de educação nacional.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

Do *Norte:*

«Illustração Trasmontana» — Appareceu ha dias pelos logares de affixação de annuncios, um flamante cartaz, genero Rembrandt, com o distico «...Governam os que cá estão».

Inquiriu-se do que seria, e depressa correu que esse artistico cartaz, firmado pelas iniciaes do brilhante e talentoso caricaturista Christiano de Carvalho, vinha annunciar uma revista a surgir brevemente.

Assim era, na verdade; entrando-nos hontem pela redacção dentro o primeiro numero d'essa magnifica revista mensal que traz o sub-titulo de «Archivo pittoresco litterario e scientifico das terras trasmontanas».

Não entraremos agora na apreciação detalhada do exemplar que temos presente. Diremos, apenas, que a *Illustração Trasmontana* é uma das melhores revistas que no paiz se publicam.

A capa, além do cartaz já mencionado que reproduz na parte posterior, insere na frente uma bella allegoria de Christiano de Carvalho. No interior, além de 8 paginas complementares contendo varias noticias, as condições de venda e de assignatura e a lista dos collaboradores, contém 16 paginas de bom papel couché, com um artigo de Vieira da Costa, sobre Traz-os-Montes, um conto de Trindade Coelho, artigo de Amilcar de Souza sobre *A paizagem Duriense* e uma carta de M. Duarte d'Almeida.

Tanto o primeiro como o terceiro artigos são entremeados de nitidas photogravuras, envolvidas todas por interssantes *encadrements*

O conto é acompanhado de admiraveis desenhos de Christiano de Carvalho.

Completa o numero uma carta chorographica das terras trasmontanas, a côres e traçada a primor pelo snr. Carlos de Magalhães, que é tambem o director da revista e o confeccionador das cercaduras e lettras ornamentaes.

Do *Commercio do Porto:*

O primeiro numero apresenta-se com todas as galas artisticas e litterarias, patenteando perfeitamente que se está na presença de uma revista em que a arte e a sciencia se conjugam de um modo suggestivo. São numerosas as gravuras que estampa e todas relativas á importante provincia de Traz-os-Montes, cujo mappa apresenta, com os dous districtos e os concelhos a elles pertencentes.

E' uma publicação digna da provincia a que é dedicada. Mais scintilante e mais artistica com certeza que não se poderia apresentar. A capa é um trabalho valioso e original.

Do *Primeiro de Janeiro:*

Temos presente o 1.º numero d'esta interessante e luxuosissima publicação que no proximo sabbado deve ser distribuida pelos seus assignantes.

Como pelo titulo se depreende, é ella inteiramente votada ao progresso da região trasmontana; e consegue-o d'uma maneira scintilante, não só no que diz respeito á sua feição litteraria e scientifica, como á sua elaboração artistica.

E' sob todos os pontos de vista uma illustração modelar, a par, se não além, de muitas das melhores revistas estrangeiras . . . .

Do *Diario Nacional:*

«Illustração Trasmontana» — Acabamos de lêr o primeiro numero da *Illustração Trasmontana*, uma publicação de valor inestimavel, tanto pela sua parte litteraria e artistica, como pelo seu luxo de edição, que póde sem receio pedir confrontos com tudo quanto de melhor, no genero, possa publicar-se além fronteiras.

. . . .

Esta publicação vem prestar, pois, um valiosissimo serviço visto que tão pouco ha escripto sobre o nosso paiz, quer no que respeita ás suas bellezas naturaes quer no que respeita ás suas tradições, á sua historia, aos seus recursos; e o exemplo dado pelo snr. Carlos de Magalhães, emprehendendo esta grande obra, um verdadeiro archivo pittoresco, litterario, artistico e scientifico das terras trasmontanas, muito para louvar seria que outros o imitassem, revelando-nos as demais provincias de Portugal.

O primeiro numero da *Illustração Trasmontana* é um primor. Insere um longo artigo do illustre escriptor Vieira da Costa, descrevendo o territorio trasmontano e os variados accidentes da sua população atravez dos tempos. E' uma soberba monographia, tanto pela somma de informações que nos fornece como pela linguagem lapidar em que está escripta.

Trindade Coelho firma um conto popular *A Conta do Abre-te ziombre*, delicioso como tudo quanto sae da penna privilegiada do illustre escriptor.

Amilcar de Souza dá-nos uma bella chronica, na qual nos evoca toda a alma da paisagem do Douro. E Manoel Duarte de Almeida, um dos nossos maiores joalheiros do verso, publica uma extensa e deliciosa carta, verdadeiro modelo do genero epistolar.

O texto é illustrado com numerosas e nitidas photogravuras.

Em separata, publica a *Illustração Trasmontana* 8 paginas, tratando varios assumptos de interesse regional, e uma carta chorographica da provincia de Traz-os-Montes, bellamente impressa a côres, e organisada pelo snr. Carlos de Magalhães.

Tudo n'esta publicação é supremamente artistico, desde as photogravuras que completam o texto até ao magnifico trabalho de impressão e á capa que Christiano de Carvalho illustra com um bello desenho decorativo.

O professor Manoel Buiça

A TRAGEDIA DE 1 DE FEVEREIRO

Não está na indole nem no programma d'esta revista, exclusivamente lançada á publicidade como um elemento do futuro progresso da nossa provincia, promiscuar-se ou envolver-se, ainda que levemente, nas altas questões de politica geral.

E', porém, tal a magnitude e extraordinaria a importancia de tão lastimavel epilogo levado a effeito por um nosso patricio, que se nos impõe a necessidade imperiosa, indispensavel para defesa do elevado caracter do grande povo trasmontano, de duas palavras, não para legitimarem um crime previsto nas leis geraes dos povos cultos, mas para esclarecerem, até onde é possivel, um acto que leis humanas poderiam acceitar.

Não nos preocupa, nem procuramos saber, que ordem de derivadas determinaram essa atmosphera asfixiante de receios e mal estar em que havia mezes viviam, não diremos o povo portuguez, mas todos os agrupamentos politicos adversos á situação governamental; não conhecemos, e seria para nós questão secundaria, a hoste politica em que militava o protogonista da tragedia.

O que pretendemos esclarecer, sómente, e é o que determina estas linhas, é que o professor Manoel Buiça, o indicado regicida, nunca foi um tarado, nem de si deu indicios seguros de um criminoso innato. Todos os seus actos, até ao fatal momento, revelavam-no um caracter perfeitamente equilibrado e honesto, vivendo todo votado á profissão que cultivava como verdadeiro sacerdocio, e á familia que adorava com entranhado affecto.

D'estas qualidades, que todos lhe reconheciam, não podia derivar um assassino consciente, ou o executor repugnante de odios alheios.

Este acto, que foi, sem duvida, executado impulsivamente, cedendo o seu espirito naturalmente opprimido por contrariedades de ordem intima, que devemos respeitar, á influencia de uma propaganda desenfreada e á visão dos alvores de uma revolução que nitidamente se lhe desenhava no horisonte, não póde constituir, para nós trasmontanos, para a sua patria, um ferrete de ignominia nem um motivo justo para nos occultarmos seus comprovincianos.

Factos d'esta ordem, se não nobilitam, como não podem nobilitar os communs assassinatos, carecem pelo menos de uma tempera d'aço e de uma energia e coragem nada vulgares, que só se podem constatar nos grandes povos.

Manoel Buiça, trasmontano de origem, commetteu um crime, um grande crime como é um regicidio; mas praticou-o com o conhecimento antecipado de que lhe custaria a vida e na fé segura de que assim daria um passo gigantesco para a conquista da Liberdade!

E, se o não conseguiu, nem por isso o seu arrojo deixou de ser uma lição para ponderar, e da qual, para de futuro, se poderão deduzir praticas conclusões.

C. M.

P'ra cá do Marão

P'ra cá do Marão, governam os que cá estão.

Eis a divisa com que, arrogantemente, os nossos velhos agricultores trasmontanos passaram, desvanecidos, a sua vida inteira, no convencimento ingenuo de que governavam e sabiam governar.

Tenazmente agarrados á cultura esgotante, absorvidos tão sómente pela suprema aspiração de *ter a casa cheia,* nunca se importaram com o que se passava para além do Marão.

E, comtudo, para além do Marão, vivia um grande povo, que conseguiu realisar uma das mais perfeitas regiões do mundo, que póde servir de modelo para a constituição da propriedade rural.

Os casaes, sem glebas dispersas, onde habita o cultivador, familia, serviçaes e gados, encontram-se disseminados por toda aquella região, realisando assim a concentração de cuidados no casal, sempre perto e á vista, não se perdendo, por isso, nem tempo, nem dinheiro, em deslocações de jornaleiros, gados e alfaias agricolas.

A cultura intensiva dos vales e a arborisação das encostas representam o aproveitamento do terreno segundo as suas aptidões naturaes, e, bem assim, a beneficiação do clima e a regularisação das chuvas, que resultam do proprio regime agricola e florestal, estabelecido alli.

A exploração e aproveitamento cuidadoso das aguas subterraneas, a sua respectiva derivação para regas, trouxe a regularidade das colheitas, sem alternativas assustadôras de escassez: d'aqui o bem estar, o augmento crescente da população.

E, sobejando os braços para a cultura dos campos, cuidou-se da sua applicação nas industrias domesticas, essas modestas industrias que, espalhadas por todos os lares, consolidam a familia agricola no casal.

Mas os enxames d'esta forte colmeira saíram ainda para regiões longinquas, onde souberam aproveitar o nectar e fabricar esse mel exotico, o dinheiro do Brazil, que acabou de transformar a provincia do Minho em um surprehendente jardim agricola.

E' bem verdade que o Minho pertence á grande região climaterica occidental, com as suas temperaturas eguaes, a sua humidade constante e o céo brumôso, mas ainda assim collocado na sua extremidade meridional, como o Algarve no extremo da região mediterranea.

*

Em Portugal véem tocar-se tres enormes regiões climatericas, de caracteres distinctos e mesmo oppostos:

a) A dos elevados planaltos da parte central da Peninsula Iberica;

b) A da costa oeste da Europa, que vae desde o Minho até á Irlanda;

c) A da bacia mediterranea, que se estende desde o cabo de S. Vicente até á Palestina.

Ao longo da sua fronteira leste, Portugal toca no planalto central da Peninsula Iberica: e Traz-os-Montes faz parte d'estas terras altas.

O clima aqui é continental e excessivo; faz muito frio no inverno e faz muito calôr no verão; o ar é sêcco, porque os ventos, vindo dos mares circumvisinhos, depõem a sua humidade sobre as vertentes das montanhas que circumdam o planalto.

A terra é sêcca, amarellada, d'um amarello de barro, cosida no estio por um sol implacavel.

As aldeias, amarelladas tambem, mal se distinguem do solo em que assentam.

Mas, apesar d'esta aridez, ou por causa mesmo d'esta aridez, a paizagem é encantadora, com grandes linhas simples, muito nobres, ou mesmo heroicas.

Comprehende-se, diz o Conde de Ficalho, que o Cid se tenha batido n'estes planaltos; comprehende-se que Cervantes tenha tambem n'elles collocado o seu Dom Quixote, a passeiar a sua generosa e suave maluqueira.

*

P'ra cá do Marão, governam os que cá estão.

Cervantes traçou bem a indole dos habitadores dos elevados planaltos da parte central da Peninsula Iberica.

A quixotesca divisa que os nossos velhos agricultores trasmontanos adoptaram para ornar os seus brazões serve apenas para nos cobrir a todos de tristeza.

A herança está á vista, no estupendo panorama que se desenrola para cá do Marão.

Populações ruraes, horrorosamente agrupadas; as casas, desmoronadas; caminhos, intransitaveis; fontes, palustres; rios e ribeiros, serpenteando á vontade, e por vezes em medonhas torrentes, estagnados ou sêccos grande parte do anno; montes, escalvados; valles, desaproveitados ou incultos; industrias domesticas. .

Que tristeza! não sabemos o que são industrias domesticas. Instrucção profissional...

Que profunda tristeza! não temos escolas profissionaes.

Comtudo, para cá do Marão, podem-se produzir fructas deliciosas, excellentes hortaliças e legumes, tuberculos e raizes alimentares, trigo, milho, vinhos, azeites finos, lãs, leite, manteiga, castanheiros, azinheiras, carvalhos, pinheiros, tudo emfim quanto de bom e optimo póde obter se nas zonas *quente, fria* e *temperada*.

A zona *quente* do Douro, revolvendo titanicamente estes formidaveis alcantis, construindo palacios e muralhas, soube crear um producto, *o vinho do Porto*, cuja reputação não soube conservar.

Que tremendo e irreparavel desastre nacional!

*

A historia do passado trasmontano deixa-nos a impressão de que, para cá do Marão, nunca houve um ideal definido e absorvente, tendo vivido este pôvo apenas pulverisado n'um egoismo individualista, que lhe não permitte formular um grande interesse publico, nem formar uma corrente de opinião dominadôra e dirigente.

Um pôvo que nunca governou e que não pensa em governar.

Mas oxalá que, de futuro, a conjugação dos esforços trasmontanos consiga saber governar, de modo a poder-se nobilitar a divisa com que a *Illustração Trasmontana* procura synthetisar o ardente desejo de vêr prosperar esta provincia, pelo proprio esforço regional.

Mirandella.

João Ignacio T. de Menezes Pimentel.

Club Trasmontano do Porto

N'um jornal d'esta cidade e n'um telegramma que correspondente mal informado enviou á *Lucta*, de Lisboa, afirma-se, de uma maneira absoluta, que o projectado Club Trasmontano do Porto, não é mais do que uma encapotada agremiação politica, garantindo-se que o mais enthusiastico promotor tem sido o snr. João Saraiva, ex-governador civil do Porto.

A *Illustração Trasmontana*, embora não conheça, porque isso ainda não veio a publico, os nomes das pessoas que tomaram a iniciativa d'esta associação, de bom grado offereceu, no primeiro numero, toda a sua boa coadjuvação para tal emprehendimento, partisse elle d'onde partisse, porque viu no intento apenas uma manifestação patriotica, muito louvavel, e porque attendeu, como ainda hoje attende, a que os iniciadores são simplesmente... trasmontanos.

E nem esta revista devia nem podia encarar o futuro Club sob outro aspecto.

E como até ao momento de redigirmos estas linhas não tivesse apparecido nenhuma contestação da parte de quem devia fazel-o, demo-nos ao trabalho de inquirir o que de verdade haveria, chegando-se á conclusão de que não passava semelhante noticia de uma *blague* de mau gosto, só fundada em meras casualidades, ou velhacas supposições. O ex-governador civil do Porto, que não é trasmontano, nunca deu um passo, foi-nos garantido, para a organisação do Club, e apenas accedeu a ser incluido o seu nome na lista dos futuros socios, para assim ser agradavel aos cavalheiros que o solicitaram.

O Club Trasmontano do Porto, não é nem póde ser uma agremiação politica; e quando o fosse, encapotada ou abertamente, a *Illustração Trasmontana* retirar-lhe-hia toda a sua approvação, e enveredaria por caminho bem differente.

Parecem-nos bem necessarias estas explicações não só para que, de uma vez para sempre, se fique sabendo que a *Illustração Trasmontana* não serve nenhum ideal politico, como tambem para mostrar que não é d'ella a iniciativa da fundação do Club. Sel-o-hia, se outros a não tomassem mais cêdo.

De resto, todas as duvidas desapparecem, desde que se attente no que decorreu na primeira reunião preparatoria, effectuada no passado dia 16 do corrente, nos salões do Centro Commercial do Porto, generosamente cedidos para este fim.

N'esta reunião, a que presidiu o snr. dr. Pessanha, apóz varios alvitres judiciosos, foi nomeada uma commissão composta dos snrs. Carlos Affonso, P.^e^ Miguel Rodrigues e Dr. Veiga e Souza, para elaborar o projecto dos estatutos, sob um ponto de vista utilitario, economico e altruista regional, deixando tambem margem para a parte recreativa; e que deve ser apresentado a uma proxima reunião magna.

Entretanto, todos os individuos que tomaram parte n'esta reunião inicial, ficaram encarregados de obter novos socios, dirigindo os livretes, que foram distribuidos ao snr. Carlos Affonso, para o Centro Commercial do Porto.

Foi esta uma reunião enthusiastica, e em todos os oradores havia o desejo intenso e bem patente de que o plano do Club deveria simplesmente discutir-se para um fim regional de protecção e auxilio.

A discussão foi demorada e interessante, tomando a palavra os snrs. Carlos Affonso, P.^e^ Miguel Rodrigues, Dr. Aleixo Guerra, Dr. Veiga e Souza e Dr. Pessanha.

Trabalha-se, pois, com afinco n'uma obra a que a *Illustração Trasmontana* dá o seu apoio, fazendo votos para que, no mais breve espaço de tempo, esteja fundada essa tão prestimosa Associação, definida n'um grande campo de collectivismo profundamente justo e altamente cohesivo, para mais se avigorarem as qualidades intimas do afinco que illustram os filhos da nossa provincia querida.

Ernesto de Vasconcellos

Este notavel entre os mais illustres officiaes da armada portugueza, e nosso apreciavel collaborador, foi escolhido, pelo senhor presidente do conselho, para desempenhar o alto cargo de chefe do seu gabinete.

A profunda cultura do seu espirito e o excellente caracter que possue, são elementos sufficientes para justificarem tão honrosa distincção.

Ao illustre geographo e eminente professor os nossos cumprimentos de felicitação.

Industria trasmontana

Os nossos certamens Estando esta revista no firme proposito de realisar, no mais curto espaço de tempo possivel, como consequencia pratica do seu programma, a realisação do primeiro certamen industrial trasmontano; desde já, com o maior empenho solicita de todos os patricios e principalmente das pessoas a quem directamente o commettimento mais deve interessar, o favor de lhe dispensarem toda a sua valiosa cooperação e auxilio que simplesmente poderá consistir em informes sobre a natureza e qualidades de doces e pastellaria que é uso fabricar-se em cada uma das terras trasmontanas, e que, desde tempos, constituam especialidades apreciaveis e interessantes.

O nosso primeiro certamen, que se effectuará no Porto, constará sómente d'estes dois productos industriaes: *doçaria* e *pastellaria*; e, como annexo, vinhos generosos ou finos de exclusiva procedencia trasmontana.

Será, a todos os respeitos, uma exposição interessantissima e de largos resultados economicos para esta importante industria.

A par das indicações solicitadas completariam a informação o nome dos fabricantes ou doceiras, as epochas especiaes do fabríco, os preços correntes por pequenas e grandes quantidades e quaes as melhores vias de transporte. E' um serviço relevante, que todo o trasmontano póde prestar á sua terra, com a insignificante despeza de um simples bilhete postal.

Para a realisação d'este certamen a *Illustração Trasmontana* está organisando um *comité* de patricios residentes no Porto, de cujos membros, no proximo numero, serão publicados os nomes. Toda a correspondencia relativa a este certamen deve ser dirigida ao Secretario do Comité das Exposições Industriaes Trasmontanas, ou á direcção d'esta revista.

D. Antonio Alves Martins A camara municipal de Alijó, segundo nos informam, está na patriotica disposição de levar a effeito, n'aquella villa trasmontana, a construcção, ainda que modesta, de um monumento que perpetue, atravez dos tempos, a memoria de um dos seus mais illustres filhos, o grande estadista D. Antonio Alves Martins, bispo de Vizeu.

A *Illustração Trasmontana* para tal fim, como dever civico indeclinavel, põe o seu franco, embora pequeno auxilio, inteiramente ao dispôr da municipalidade em referencia.

Os nossos concursos

Um interessante passeio em automovel

ás terras trasmontanas, absolutamente gratuito, não só no que diz respeito a locomoção, como tambem hospedagem nos melhores hoteis das localidades a visitar.

A realisação d'este passeio será por todo o mez de junho ou julho proximos, e n'elle poderá tomar parte aquelle dos nossos assignantes que, no recibo da sua assignatura, tenha o numero designado pelo sorteio a realisar-se em maio futuro, com as formalidades legaes, previamente annunciado.

O assignante assim contemplado tem não só direito ào passeio referido, **absolutamente gratuito para si e para uma outra pessoa de sua familia ou relações,** mas tambem poderá optar por outro itinerario, mesmo fóra das barreiras trasmontanas, estabelecido de accordo com a empreza da *Illustração, mas sempre de fórma que o tempo a mediar entre a partida e a chegada ao Porto, séde da empreza, não vá além de* **10 dias.**

E, na possibilidade de que o assignante favorecido pela sorte resida em localidade tal que não possa aproveitar-se do premio, pela sua natureza, a empreza d'esta revista faculta ainda a opção pelo premio de 60$000 réis em 6 titulos da divida publica de 3 %, que, a seu turno, ficam interessados nos sorteios semestraes garantidos pelo governo, podendo assim alcançar um dos seus muitos premios, entre os quaes figura um de **cinco contos de réis.**

E, dentro da modestia que tomamos para norma e em face do pouco espavento do nosso concurso, que não passa de um brinde interessante, a *Illustração Trasmontana* poderá ainda directa ou indirectamente proporcionar um premio apreciavel de **cinco contos de réis**, que nenhuma razão haveria para desprezar!

Quaesquer esclarecimentos ou indicações sobre os serviços de concursos serão prestadas pelas pessoas encarregadas da angariação de assignaturas ou n'esta revista, na secção competente, sob o titulo de *Correspondencia*.

Concurso photographico trasmontano

CONDIÇÕES

1.ª Este concurso conservar-se-ha aberto pelo espaço de **seis mezes**, que termina a 30 de junho proximo, e n'elle poderão interessar todas as pessoas, assignantes da *Illustração Trasmontana* ou aquellas que desde já sejam consideradas collaboradoras effectivas d'esta revista.

2.ª O assumpto dos clichés destinados ao concurso, só póde ser relativo á provincia de Traz-os-Montes.

3.ª Cada concorrente deverá enviar á direcção da *Illustração Trasmontana*, secção dos concursos, pelo menos **3** provas photographicas dos seus clichés, tirados em duplicado em papel Aristo, e *viradas ao tom sépia*, sendo facultativa a sua collagem em cartão.

4.ª Os clichés admittidos deverão ser 18×24, 13×18 ou 9×12, segundo a natureza dos assumptos; e estes deverão de preferencia versar sobre paizagem, monumentos e costumes.

5.ª Para o effeito de classificação haverá um juri constituido por tres pessoas escolhidas entre as reputadas como altamente entendidas em assumptos photographicos, a que presidirá, com voto consultivo e de desempate, o director d'esta revista.

6.ª As provas admittidas para o concurso dão immediatamente direito a um premio de 1$000 réis em productos photographicos, pagavel desde a data da admissão.

7.ª Todos os mezes funccionará o jury de apreciação para admittir ou regeitar as provas que se vão recebendo.

8.ª Para a apreciação final, que se realisará no mez de julho proximo, haverá tres premios, a saber:

a) 100$000 réis em titulos de divida publica, pagos pela *Illustração Trasmontana;*

b) Um apparelho photographico completo, ty-

po classico, de camara e tripé formato 13×18, com objectiva, obturador e 3 chassis duplus e bem assim todos os accessorios para seu immediato funccionamento, premio offerecido pela **Agencia Geral de Photographia**, a importante e conhecida empreza de propaganda e vulgarisação photographica, com séde na rua da Fabrica, 55, d'esta cidade.

c) Finalmente 10$000 réis em productos ou apparelhos photographicos, premio offerecido pela **Photo-Revista**, publicação mensal exclusivamente dedicada a assumptos photographicos, editada pela **Agencia Geral de Photographia.**

O primeiro premio será conferido ao concorrente que maior e melhor quantidade e qualidade de provas tiver enviado; o segundo compete ao concorrente que tiver apresentado melhor e maior quantidade de clichés ou provas photographicas immediatamente inferior ao primeiro classificado; o terceiro pertencerá áquelle que tiver o melhor e maior conjuncto de provas photographicas de costumes trasmontanos.

Aos restantes concorrentes, segundo a classificação, serão conferidos diplomas de honra, de merito e mensões honrosas.

Aviso

Com os ultimos fasciculos do 1.º anno da *Illustração Trasmontana* serão distribuidos, pelos nossos assignantes, o frontispicio e indice illustrado, d'esta revista, impresso no mesmo papel que se emprega na parte artistica do jornal; isto é, em papel *couché*.

Tambem ao finalisar o anno serão postas á venda, por preço convidativo, artisticas capas para o respectivo empaste, de forma a tornar cada volume digno de figurar nas melhores bibliothecas.

Estradas

Diz-se, e é natural que assim succeda, porque quasi sempre as más novas se confirmam, que do governo baixarão ordens aos snrs: Directores das Obras Publicas, para que sejam sustadas quaesquer obras que por determinação do anterior governo se tenham iniciado, ou que se não dê principio ás que já estavam auctorisadas.

Com tal medida, que nunca se nos afiguraria conveniente, uma das provincias mais sacrificadas vae de certo ser a de Traz-os-Montes, não só porque vão assim ser lançadas a um absoluto abandono as poucas estradas, que atravez dos tempos logrou conseguir, mas tambem porque tal medida vem prejudicar e tornar mais afflictiva a já desesperada situação economica da numerosa classe trabalhadora, não se iniciando as projectadas obras de viação.

Dentro em pouco, porém, terão os nossos patricios azada occasião de dizerem da sua justiça, e mal lhes irá para de futuro se não souberem ou não quizerem defender-se do entranhado e quasi chronico abandono a que as nossas famosas terras costumam ser lançadas, como coisa inutil.

Dr. Jeronymo Barbosa

Está felizmente restabelecido este nosso presado comprovinciano e illustre vulto politico trasmontano, que ha semanas ia sendo victima de um deploravel desastre quando descia de um carro electrico, n'esta cidade.

Por tal motivo apresentamos a s. ex.ª os nossos cumprimentos de felicitação.

Correspondencia

A. — Com esta unica assignatura recebemos uma obsequiosa carta em que nos são indicados os nomes de varios cavalheiros dos concelhos de Bragança e Vinhaes, que decerto honrarão esta revista com as suas assignaturas. Agradecemos o favor do serviço prestado, que nos vae ser utilissimo na proxima viagem de propaganda a realizar-se brevemente na provincia trasmontana.

Dr. Adolpho Pimentel

Para a alta chefia do districto administrativo do Porto foi ha pouco, pela nova situação politica, escolhido o nosso illustre e intelligente comprovinciano Dr. Adolpho Pimentel, da nobre casa da Calçada, Provezende, uma das figuras mais insinuantes e de destaque no agrupamento da regeneração.

A *Illustração Trasmontana* cumprimentando o nobre politico, felicita o districto do Porto por ter á testa da sua administração tão respeitavel magistrado.

Collaboraram n'este **numero 2** os ex.mos snrs.:

J. Pereira de Sampaio (Bruno)—*D. Antonio Alves Martins.*

Abbade Tavares — *Romeira* — romance popular. *Folk-lore* trasmontano.

Joaquim de Vasconcellos — *Pelas vias da Arte e das Industrias trasmontanas.*

Dr. Manoel Monteiro — *A riba-Tua.* Descripção pittoresca da região do Tua.

Illustrações—*Retrato do Bispo de Vizeu*, D. Antonio Alves Martins. Primorosa sanguinia do notabilissimo pintor Antonio Carneiro, expressamente executada para a *Illustração Trasmontana.*

Romeira — Magistral composição artistica do eminente illustrador Christiano de Carvalho.

Encadrements — Composições originaes de Carlos de Magalhães e Eduardo Simas.

Collaboração photographicas — Illustram este numero, com excellentes photographias, os ex.mos snrs.: Antonio Lopes Martins, Simão Guimarães, Sampaio Arião, J. Cardoso, M. Abreu e Antonio Augusto Corrêa.

Instrucção popular

Como já dissemos no primeiro numero d'esta revista e sob o mesmo titulo, a benemerita **Associação das Escolas Moveis pelo Methodo de João de Deus**, accedeu da melhor vontade á nossa solicitação, pondo ao dispôr d'esta empreza uma das suas missões, que poderá funccionar seis mezes na provincia trasmontana, em localidade que se nos afigure mais proveitosa. Aos nossos patricios e assignantes, a quem o caso possa interessar, vimos solicitar-lhe o seu parecer fundamentado, indicando-nos, a seu vêr, a terra que primeiramente deve ser favorecida com tão relevante serviço. E, para não descurar este importantissimo assumpto, estamos reunindo elementos valiosissimos, que nos habilitarão, muito em breve, a mandarmos varias missões ou escolas moveis para a nossa provincia, onde se conservarão, em differentes pontos, por prazos largos, tentando assim debelar a horrorosa crise de instrucção popular que estão atravessando as nossas terras, e que é origem incontestavel de tão grandes males.

A esta obra, de verdadeira benemerencia e acrisolado amor patrio, não é extranha a benefica acção das importantes e muito consideradas colonias trasmontanas do Porto, Lisboa e Brazil, a quem, por tão justificado motivo, os povos trasmontanos ficam devedores dos mais altos e assignalados serviços.

Para Traz-os-Montes

Por todo o mez de março proximo, em viagem de propaganda e estudo, acompanhados do seu photographo, partirão, no automovel da *Illustração Trasmontana*, para Traz-os-Montes, o socio d'esta empreza snr. Francisco Coimbra, e o director da revista snr. Carlos de Magalhães. Será, ao mesmo tempo, uma viagem de reconhecimento, para, com mais segurança, se realisar o offerecido passeio ás «Terras Trasmontanas», como brinde aos nossos assignantes, já annunciado no primeiro numero d'esta illustração.

Dr. Albino Moreira

Foi nomeado governador civil do districto de Villa Real este nosso presado amigo e comprovinciano, em quem, dadas as reconhecidas qualidades de um espirito activo e altamente emprehendedor, a *Illustração Trasmontana* deposita a mais bem fundada esperança de n'elle encontrar um aberto e enthusiastico cooperador para a patriotica empreza do resurgimento da nossa provincia.

Acalmados os animos, que ainda vibram sob a commoção inesperada dos ultimos acontecimentos, que tão profundamente agitaram a politica portugueza, é de crêr que o nosso illustre patricio se entregue exclusivamente á ardua tarefa de pugnar pelo que se torna indispensavel para urgente beneficio das nossas terras, pondo de parte, quanto seja possivel, as ingratas e estereis questões puramente politicas. E, realmente, poucos ensejos se proporcionarão melhores para tal fim, como agora, sob o regimen de um governo em que todas as hostes politicas aguerridas se enfileiram á sombra do mesmo pavilhão — a bandeira da patria.

N'esta ordem de idêas, a *Illustração Trasmontana*, que nunca poderá recusar ao novo magistrado o mais vehemente applauso e sincera cooperação, felicita o illustre funccionario endereçando-lhe affectuosos cumprimentos.

Dr. Armando de Vasconcellos

No dia 21 do corrente, victima da terrivel tuberculose, falleceu no Porto este nosso amigo e estimavel comprovinciano, um caracter honestissimo e todo cheio de bondade, que aliava á sua intelligencia robusta uma cultura solida, nada vulgares.

O illustre extincto exercia, com competencia e extraordinario zelo, o logar de professor no lyceu da segunda zona, do Porto.

A' familia enlutada endereçamos os nossos cumprimentos de profunda condolencia.

ERRATA

Não obstante todo o cuidado e zelo empregados para evitar a semsaboria das *gralhas* typographicas, não é isso muito facil em publicações periodicas, como só bem é comprehendido pelas pessoas que labutam n'este genero de trabalhos. Assim se explicam algumas que passaram no 1.º numero da *Illustração Trasmontana*, como devem ter passado n'este que facilmente serão corrigidas pelos nossos estimaveis leitores.

Assim, por exemplo, na legenda da ultima gravura do artigo do snr. dr. Manoel Monteiro, onde se tinha escripto *vindimas*, foi composto *vendimas*, e assim passou uma boa parte da edição.

De resto, pequenas faltas, que os leitores saberão desculpar e que nós procuraremos evitar.

EXPEDIENTE

Por conveniencia particular da empreza d'esta revista deixou de ser administrador da «Illustração Trasmontana» o socio snr. *Arnaldo Soares da Silva*, passando estas funcções a ser exercidas pelo co-proprietario snr. *Francisco Coimbra*, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia relativa ao serviço exclusivo da administração. Como até aqui, a correspondencia que diga respeito á direcção e gerencia, deve ser endereçada ao director snr. *Carlos de Magalhães*.

CAFÉ E GRANDE HOTEL «TOCAIO»

VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario — *Adriano Rocha*.

SUPPLEMENTO

ao n.º 3 da

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

28 A 36 PAGINAS, GRANDE FORMATO

Publica-se nos dias 15 a 30 de cada mez

DIRECTOR
CARLOS DE MAGALHÃES

ARCHIVO PITTORESCO, LITTERARIO, ARTISTICO E SCIENTIFICO DAS TERRAS TRASMONTANAS

COLLABORAÇÃO LITTERARIA, SCIENTIFICA OU ARTISTICA DOS EX.MOS SNRS.

Dr. ABILIO GUERRA JUNQUEIRO · ADELINO SAMARDÃ · Dr. AFFONSO CORDEIRO · ALBINO LOPO Dr. AMILCAR DE SOUZA · Dr. ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO · ANTONIO CARNEIRO AUGUSTO CEZAR RIBEIRO DE CARVALHO · AUGUSTO NOBRE · BASILIO TELLES · Dr. CARLOS ALVES CHRISTIANO DE CARVALHO · DR. DANIEL RODRIGUES · Coronel DOMINGOS CORRÊA · ERNESTO DE VASCONCELLOS · GONÇALO SAMPAIO · Dr. HENRIQUE FERREIRA BOTELHO · JOÃO AUGUSTO RIBEIRO · JOÃO IGNACIO DE MENEZES PIMENTEL · JOAQUIM DE VASCONCELLOS · P.e JOSÉ AUGUSTO TAVARES · JOSÉ MARIA ALVES TORGO · JOSÉ MAXIMIANO CORRÊA DE BARROS · Dr. JOSÉ MOURÃO · JULIO BRANDÃO · Dr. MANOEL DA COSTA ROCHA · MANOEL DUARTE D'ALMEIDA Dr. MANOEL LARANJEIRA · Dr. MANOEL MONTEIRO · ROCHA PEIXOTO · Dr. TRINDADE COELHO VIEIRA DA COSTA · Etc., etc.

PROPRIETARIOS E EDITORES
FRANCISCO COIMBRA & C.ª

ADMINISTRADOR
FRANCISCO COIMBRA

TELEPHONE N.º 660

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DO ROSARIO, 239, 1.º — PORTO

END. TELEGR. – EFFECE

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias	2$500
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

·· PAGAMENTO ADEANTADO ··

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de desconto

∴ Photogravuras das officinas de Christiano de Carvalho rua de Cedofeita, 95 — Porto.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Comp. e imp. na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna rua da Fabrica, 80 — Porto. ∴

Illustração Trasmontana

Applausos e adhesões

É n'um crescente deveras enthusiastico que de todos os pontos do paiz nos chegam, de continuo, provas e documentos valiosissimos, manifestando-nos, de uma maneira irrefragavel, não só a acceitação franca que esta revista conseguiu captar, mas tambem o grau de assombro que o brilhantismo da illustração tem produzido, como ainda, até hoje, o não conseguiu nenhuma outra publicação sahida de prelos portuguezes.

Realmente, e sem receio de que nos taxem de immodestos, foi sempre nosso proposito, desde que pensamos na organisação d'esta obra, conseguirmos uma publicação altamente artistica, sem paridade com tudo o que até hoje se tem feito e de molde a marcar epoca no progresso da industria editorial portugueza.

E parece-nos que conseguimos o nosso intento, porque assim nol-o confirmam os applausos recebidos, as adhesões que abertamente se põem a nosso lado, e a fórma captivante como toda a imprensa do paiz nos anima com phrases cheias de enthusiasmo e claramente repassadas de sinceridade!

O nosso programma, nitidamente detalhado e impresso n'uma artistica folha reclame, um verdadeiro mimo typographico, não era ainda conhecido á data da publicação do primeiro numero da *Illustração Trasmontana;* e isto justifica, na quasi sua totalidade, as sensatas e judiciosas observações que na amavel carta, que adeante segue, nos foram concedidas pelo notabilissimo litterato Dr. Fialho d'Almeida.

Cuba, Alemtejo, 14 de fevereiro de 1908.

Snr. C. de Magalhães:

Quanto V. Ex.ª expõe sobre o plano da sua *Illustração* me parece justo e capaz de levar o periodico a um papel de brilho relevante na obra da civilisação trasmontana e portugueza.

Por este numero mal faço ideia de como V. Ex.ª levará a cabo o seu emprehendimento. E' um numero d'apresentação e d'ensaio, sem duvida bello, mas aonde V. Ex.ª terá pouco a pouco d'introduzir melhorias e reformas.

A collaboração é escolbida e interessante: pouca. Tem V. Ex.ª de introduzir no jornal mais leitura e variedade, leitura sobretudo de factos e observações regionalistas; e ganhar esforço, supprimindo as molduras das estampas, que se dispensam e dão margem a mais composição, e mesmo diminuindo um pouco o typo da impressão, por fórma a tornar as columnas mais cerradas e permittir a publicação d'outras secções.

No capitulo illustrações, acho que o jornal ganharia augmentando o formato das estampas, não digo todas, mas de grande numero, tornando as gravuras mais nitidas, e não esquecendo a parte pittoresca e monumental da provincia que se propõe divulgar e esclarecer . . .

Castellos, pelourinhos, egrejas, casas solarengas—parte prehistorica, panoramas, costumes, typos, culturas agricolas, typos de construcção, de vestuario, secções de folk-lore, investigações e rebuscas quanto ao glossario regional, que me parece dos mais ricos da provincia portugueza, etc.: tudo isto são coisas sobre que V. Ex.ª póde exercer a sua força dirigente, e não lhe faltará na provincia trasmontana quem seja capaz de desenvolver e tratar d'estes assumptos.

Oxalá que V. Ex.ª saiba triunfar dos escolhos que necessariamente encontram jornaes da indole da *Illustração* em paizes barbaros quasi e virgens de cultura, e aqui fico para o applaudir nas suas tentativas civilisadoras.

Servo e Confrade,

FIALHO D'ALMEIDA.

Não menos interessante é, sem duvida, a captivante carta do nosso presadissimo amigo e conterraneo, um dos mais illustres collaboradores d'esta revista, Manoel Duarte d'Almeida, que, em phrase primorosamente burilada, e onde se sente um coração de verdadeiro trasmontano, amantissimo da sua patria, nos tece os mais rasgados elogios que só se podem justificar pelo intenso desejo de vêr fructificar tão patriotico emprehendimento, para honra, gloria e proveito da nossa incomparavel provincia.

Ex.mo e meu presado amigo:

Não estou nada indisposto, como julga, nem tinha motivos para o estar, pois nunca attribui o seu silencio a intuitos menos primorosos ou por qualquer maneira incorrectos. O que estou, infelizmente, é atravessando uma phase grave da minha doença e tão grave que não sei como terminará, não faltando momentos em que desespéro intimamente de a poder dominar. O cançaço chegou a tal extremo, que só por um verdadeiro milagre da vontade posso ainda colligir forças para lhe escrever estas breves linhas.

Quanto á impressão que me fez o primeiro numero da sua *Revista*, digo-lhe francamente que não podia ser melhor. Confesso que não esperava tanto. Póde hombrear, sem favor, com o que, no genero, se publica de melhor no estrangeiro. Faz incontestavelmente grande honra a quem, pelo seu esforço e tenacidade, servidos magnificamente por uma lucida intelligencia, por um bom gosto artistico, que tão brilhantemente se patenteia em tudo, e robustecido e alentado por uma grande fé no exito, sem a qual não ha obra prestavel que vingue, alcançou, sem a menor duvida, um triumpho, bem raro e bem difficil entre nós para emprezas d'esta ordem, e de que legitimamente se pode ufanar.

Calcúlo perfeitamente a somma collossal do trabalho, as difficuldades de toda a sorte, com que teve de luctar, para levar a bom termo a sua arrojada e patriotica empreza. Não descoroçoe o meu amigo no seu benemerito empenho, que certamente, como desejo e espero, ha de vêr galardoado pela recompensa a que tem jus. Mas, ainda na hypothese contraria, o que Deus não permitta, ninguem lhe roubará a gloria da penosa iniciativa, a que tão dedicada e nobremente se consagrou. Muito espontanea e muito calorosamente o haveria felicitado logo, apenas me chegou á mão a *Revista*, pela primorosa realização do seu *desideratum*, se a isso não se tivesse opposto, inexoravelmente a razão de falta de saude, a que acima alludi. Creia-me sempre

Fevereiro, 15-908.

De V. Ex.ª

admirador e obr.º am.º,

M. DUARTE D'ALMEIDA.

E, como remate por hoje, d'este archivo glorioso, que por si só bastaria para recompensar todas as nossas fadigas, não nos podemos furtar ao prazer de aqui reproduzir as notas bibliographicas, que dois nossos collegas diarios, *O Norte* e *O Correio do Norte* publicaram em suas paginas, relativas á *Illustração Trasmontana*.

Do *Norte:*

«Illustração Trasmontana»—Com o numero dois d'esta revista, agora publicado, mais se radica o valor extraordinario de tão patriotica iniciativa.

Não é só a perfeita contextura material que, n'um conjuncto sob todos os pontos de vista agradavel, nos encanta a vista. E' tambem a excellente collaboração, seleccionada com superior criterio e expressa sob uma fórma brilhante, que nos deleita o espirito e nos convence da possibilidade de se competir vantajosamente com as afamadas publicações do estrangeiro.

E' certo, que uma ou outra vez surge no mercado revista nova, com espaventosos reclamos e desproporcionados encomios, mas nem mesmo quando a realidade se lhes approxima, a publicação segue, por falta de protecção ou enfraquecimento de impulso. D'ahi, a justificada reserva com que se recebem promessas de longos programmas e longa vida; e, consequentemente, a descrença dos leitores, que de tudo desconfiam e em tudo lavram duvidas.

Não aconteceu, porém, assim com a *Illustração Trasmontana.* Mal ella sahiu, apenas o primeiro numero começou a andar de mão em mão, que logo accorreu a certeza de se haver revista com vida larga e curso triumphal. Já pelo assumpto repleto de bellezas e seducções, já pelo apparato luxuoso e captivante.

Começa o n.º 2 da *Illustração Trasmontana*, com uma admiravel sanguinea do notavel pintor Antonio Carneiro, representando o Bispo de Vizeu e cercada por um desenho de moldura esplendidamente traçado. A seguir, artigo do illustre escriptor José Sampaio, sobre o Bispo, e, a intermear, além de duas caricaturas do nosso talentoso collaborador artistico, Christiano de Carvalho, outras photogravuras representativas do consagrado e de logares que com a sua memoria se prendem.

Vem depois uma pagina com o distico *Folk-Lore Trasmontano,* a designação—*Romanceiro* e o titulo—*A Romeira.* Ao cimo, um bello desenho de Christiano; em baixo expressiva poesia do Abbade Tavares.

Collaboram mais os distinctos escriptores Joaquim de Vasconcellos e Manoel Monteiro. O primeiro com um erudito artigo chamado—*Pelas Vias da Arte e das Industrias trasmontanas,* 1); o segundo, fazendo a descripção pittoresca da região de Riba-Tua. A par, photogravuras esplendidas, elucidativas dos assumptos versados.

A folha supplementar inicia-se com elogiativas referencias a Theophilo Braga, uma carta e uma mascara d'esse eminente sabio, seguindo-se-lhe transcripções de referencias á revista, prosa com os titulos *O Professor Manoel Buiça, P'ra cá do Marão, Club Trasmontano,* etc.

Do *Correio do Norte:*

«Illustração Trasmontana»—Acaba de sahir o 2.º numero de esta interessante e primorosa publicação, destinada a vulgarisar as bellezas naturaes, as obras d'arte e os recursos economicos da nossa provincia de Traz-os-Montes. Este 2.º numero confirma os créditos obtidos pelo 1.º, tanto na parte litteraria, como na parte artistica.

Abre com um magnifico artigo de José Pereira de Sampaio, (Bruno) sobre o Bispo de Vizeu, D. Antonio Alves Martins, profusamente illustrado com magnificas phototypias; um outro artigo do eminente publicista, snr. Joaquim de Vasconcellos, occupa-se com proficiencia da arte e das industrias trasmontanas; um terceiro artigo do snr. Manuel Monteiro, descreve com penna elegante e sabedora a região de Riba Tua; finalmente, o abbade Tavares publica um lindo romance popular em verso, e linguagem local, colhido do folk-lore de Vimioso, sob o titulo de *A Romeira.*

Todos estes escriptos são, como o primeiro, abundantemente illustrados com explendidos *clichés.*

O supplemento que acompanha este numero insere muitas noticias de interesse regional e esboços biographicos de trasmontanos illustres, além de uma honrosa carta de felicitação á Empreza da *Illustração Trasmontana,* do incançavel escriptor Theophilo Braga.

E' uma publicação distinctissima que merece o applauso de todos os bons portuguezes.

Tem, para nós, tambem sido motivo de justificado reconhecimento e natural orgulho, as provas de deferencia, consideração e cooperação espontanea que nos têm dispensado varios cavalheiros, na sua quasi totalidade de origem trasmontana, não só proporcionando-nos directa ou indirectamente, estimaveis elementos de propaganda, como prestando-nos indicações preciosas de toda a ordem ou concedendo-nos a subida fineza da sua visita n'esta redacção.

Estão n'este numero, entre outros, os ex.^{mos} snrs:

P.^{e} Miguel Rodrigues, Dr. Amilcar de Souza, Antonio Augusto Corrêa, Antonio Pinheiro d'Azevedo Leite, Antonio Sampaio Pimentel, Terrio & Irmão, João Augusto Ribeiro, Affonso Dias, Antonio Alves Pinto da Rocha, Dr. Jeronymo Barbosa, Conselheiro Alves Martins, José Duarte d'Oliveira, Bento Gomes de Moraes Sarmento, Dr. Eugenio Guedes d'Andrade, Joaquim da Silva Barbosa, Joaquim Baptista, etc., etc.

E, como complemento necessario, é-nos gratissimo tambem aqui registar mais dois nomes de cooperadores assiduos e dedicados, que tão de perto e intelligentemente têm contribuido para o brilhantismo e invejavel successo d'esta publicação—Christiano de Carvalho e Joaquim Carregal—aquelle habilissimo caricaturista e illustrador e este intelligente e competentissimo director das officinas typographicas.

A todos aqui deixamos consignado o nosso indelevel reconhecimento.

Celebridades trasmontanas

Varios patricios, que decerto não conhecem o nosso programma, têm-nos escripto lembrando-nos a grande conveniencia de, n'esta revista, fazermos reviver, sob o titulo que epigrapha estas linhas, os vultos trasmontanos que, atravez da historia, tanto têm nobilitado o nome d'esta região pelo seu saber, pela sua heroicidade ou pelo seu talento.

Esta galeria, interessantissima, está, porém, já iniciada no segundo numero da *Illustração Trasmontana* com a personalidade, bem em destaque, do grande tribuno D. Antonio Alves Martins.

Essa pleiade de illustres trasmontanos perpassará pelos numeros d'esta revista, em série quasi ininterrupta, artisticamente tratada pelo genial pintor Antonio Carneiro Junior, com as suas famosas sanguineas; e, litterariamente, pelos escriptores e publicistas de maior nome nas letras patrias, como Theophilo Braga, J. Pereira Sampaio (Bruno), Basilio Telles, José Caldas, Manoel Laranjeira, etc., etc.

E, para que de uma fórma mais intensa e duradoura se perpetue, atravez dos tempos, a memoria gloriosa d'essa constellação talentosa de trasmontanos, esta revista editará, em separata, essas artisticas sanguineas, em grande formato, proprias para emmoldurar, e nitidamente impressas em superior cartão *couché.*

De cada retrato ou sanguinea será tirado numero limitado de provas, que serão vendidas, francas de porte, convenientemente acondicionadas, ao preço de 500 réis.

Está no prelo a sanguinea do grande estadista D. Antonio Alves Martins, bispo de Vizeu; seguir-se-ha a do eminente poeta Guerra Junqueiro, e depois, por ordem ainda não determinada, Fernão

de Magalhães, Barão da Ribeira de Sabrosa, Camillo Castello Branco, Lopo Vaz, Diogo Cam, General Claudino, etc.

Estas separatas constituirão uma galeria deveras valiosa, não só pela grandeza dos retratados, como tambem pela natureza do trabalho artistico —producção do grande pintor Antonio Carneiro —uma verdadeira gloria nacional que ninguem, com regular criterio, ousará contestar. A venda avulsa d'estas separatas, unica fórma de se obterem, faz-se não só na administração da *Illustração Trasmontana* como nas principaes livrarias de Lisboa e Porto.

Gremio dos trasmontanos Proseguem, com a desejada actividade os trabalhos da instituição legal d'esta futura e importantissima agremiação, só composta de trasmontanos residentes no Porto.

Não recebemos ainda o projecto de estatutos que deve reger esta nova sociedade, e, por isso, seria extemporaneo manifestar a nossa opinião sobre o futuro de tão util quanto desejada collectividade.

O que, porém, desde já podemos affirmar é que um porvir grandioso a aguarda, se, de inicio, todos os esforços proprios, bem conjugados com todos os dispersos elementos de força, se irmanarem para a conquista do resurgimento economico da nossa provincia.

Se tal se tiver em vista, se essa é a fórma de vêr da commissão redactora dos estatutos, não ha que pôr em duvida o brilho e valor da sua obra, altamente patriotica e salutar. Se se pensa apenas na organisação de um club recreativo ou pouco mais, todos os esforços resultarão estereis, e, em breve, se apagará o enthusiasmo patriotico dos mais devotados.

A agremiação dos trasmontanos, com toda a sua força, que póde ser extraordinaria, deverá sómente ou principalmente, pelo menos, pugnar com cuidado, com amor e com solicitude por tudo aquillo que possa concorrer para o engrandecimento da nossa terra.

Estes é que devem ser os fins da nova associação. Tudo o mais, serão coisas muito secundarias, que não merecerão as honras de uma leve referencia.

Vida Duriense N'um bem elaborado artigo subordinado a este titulo, e publicado no *Primeiro de Janeiro* do dia 8 do corrente, dispensa-nos, incidentemente, o seu auctor elogiosas referencias que muito nos penhoram, acceitando como justas aquellas que exclusivamente dizem respeito ao interesse e amor com que batalhamos para o engrandecimento e riqueza da famosa região duriense, como integrante da provincia trasmontana.

Nos seus principios, com um mal esboçado programma ainda, a *Illustração Trasmontana* não tem folha apreciavel de serviços prestados á causa do resurgimento das Terras Trasmontanas; e só constata, pelos seus numeros publicados, que não carece de mais fé, actividade e perseverança para levar a cabo tão nobre tarefa.

Assim o comprehende já o illustre articulista, nosso presado comprovinciano, e assim nos aponta aos povos durienses, de quem é dedicado defensor, como futuro elemento ponderavel de força que podem aproveitar para o *desideratum* dos seus problemas economico e agricola.

Ao nosso amigo lhe endereçamos cordeaes felicitações pela sua nobre e desinteressada campanha a favor da desolada região vinhateira, e os nossos agradecimentos pelas phrases attenciosas e amaveis que nos quiz dispensar.

*

Tambem no *Seculo*, de ha dias, um nosso illustre comprovinciano, regoense, iniciou uma série de artigos em que se propõe tratar com largueza a situação desgraçada do Douro, apresentando judiciosas considerações para o seu melhoramento e fazendo derivar para alli a attenção das pessoas a quem tão calamitosa vida de miseria deve interessar. Oxalá que esta iniciativa de tratar dos interesses geraes da região se alastre, e que todos se convençam de que pela insistencia e persistencia de reclamar se obterão as medidas necessarias.

E, apoz a imprensa ou a par d'ella, o que se torna absolutamente indispensavel, para termos a força, é a organisação das commissões locaes, que já temos lembrado, de que poderá resultar muito facil e praticamente a formação da Liga dos Interesses Trasmontanos.

Pela nossa parte e com o auxilio dos nossos amigos, todos os meios empregaremos para, no menor espaço de tempo possivel, se conseguir este fagueiro resultado.

O FUTURO DAS «TERRAS TRASMONTANAS»

O que convirá fazer para o seu desenvolvimento? Que ordem de medidas haverá a pôr em pratica, como serviço inicial. Quaes serão as collectividades, de iniciativa particular, que mais poderão contribuir para a resolução d'este complexo problema? Qual a intervenção benefica do Estado para se conseguir este desideratum *e quaes os processos de acção mais convenientes?*

Eis aqui varias interrogações que a *Illustração Trasmontana* formúla aos seus assignantes e a todos os patricios, na esperança de que cada um, conforme o sua maneira de vêr, nos transmitta a sua opinião sobre tão complexo e difficil problema, que carece de ampla e sabia solução.

Ficam, pois, para este effeito, as columnas do jornal ao seu dispôr, onde se publicarão, pela ordem conveniente, quaesquer communicações que nos sejam dirigidas.

Por hoje, e muito a proposito, é-nos summamente agradavel aqui inserir uma interessante communicação que o nosso prestante comprovinciano e amigo, snr. padre Miguel Rodrigues, illustre professor d'um dos lyceus do Porto, teve a amabilidade de nos dirigir, e que, em sua grande parte responde, de certa fórma, ao questionario formulado.

O gremio dos trasmontanos

O SEU PRINCIPIO E FIM

Está-se organisando no Porto uma associação de Trasmontanos que já conta numerosas e enthusiasticas adhesões. Depois da primeira assemblêa geral, a commissão, por ella eleita, tem tido as suas reuniões para tratar, com afinco, dos trabalhos que lhe foram confiados, podendo em breve apresentar o seu plano completo de organisação.

Pensa-se em dar á collectividade em referencia um fim recreativo e ao mesmo tempo utilitario. Para conseguir este ultimo seria bom que se conjugassem os esforços da nascente associação com os do Club de Lisboa e que ambos elles se conduzissem de molde a realisar tudo o que fosse preciso para tirar á nossa terra o epitheto com que a teem designado e que eu não me atreverei a reproduzir aqui.

Esta tentativa deveria assentar nas bases d'um estudo feito sobre a região; faculdades de riqueza futura, vantagens que poderia offerecer aos viajantes, estudo das condições climatericas, raças animaes e castas vegetaes, producções do solo, vias de communicação, utilisação das quedas d'agua para a industria futura, riqueza mineralogica, etc. E, antes de tudo, o primeiro problema, cuja satisfação se impõe com uma evidencia esmagadora é o da arborisação. A provincia está desolada, parece que um tufão passou por aquellas serras, derribando tudo e deixando os montes escabrados.

O contraste entre as regiões do littoral, bellamente arborisadas e as nossas serras e valles desprovidos de vegetação é medonho, e não ha que occultal-o — vergonhoso para nós, e indispõe logo á primeira vista o viajante que por alli passar.

Quem tenha percorrido aquella região, dispensa-me certamente de carregar as côres d'este medonho quadro e, sem mesmo possuir mais ornamento nenhum, podemos dizer desde já, que para a região ser bella e rica, só lhe falta arvoredo. Já não quero fallar nos progressos da agricultura, taes como existem na região média do paiz; já não fallo das obras collossaes para reprezamento das aguas e seus reservatorios para o tempo secco; já não fallo nas machinas a vapor applicadas á agricultura e no tratamento e selecção das especies, nem fallo em exposições agricolas, construcção de pontes e escolas, desenvolvimento da viação, etc., etc., porque tudo isso exige grandes capitaes e suppõe já um elevado grau de perfeição na cultura agricola.

Não. Não digo que se comece pelo fim; eu digo esta verdade simples e chã, que todos comprehendem e reconhecem, digo que se comece pelo principio, e o principo é arborisar os campos e montanhas, se queremos fazer de Traz-os-Montes a provincia mais bella de Portugal, pelo contraste dos seus valles e serras.

Explorar as riquezas mineralogicas do sub-solo... Nem pensar n'isso.

Pensar em caminhos de ferro no sentido oriente poente, ainda menos; transformar as nossas aldeias aconchegadas ás fraldas das serras em bellas vivendas alvejantes — isso seria querer fazer de Traz-os-Montes uma região comparavel á Suissa.

Pois é isso exactamente o que póde ser um dia a região trasmontana; mas a condição é esta — a arborisação dos campos. Tornar-se-ha menos fria no inverno, mais fresca no verão, evitará a perda continua de terras erosivas, e será uma fonte de riqueza para a sustentação de gados e producção de fructos que são os melhores do paiz.

Poder-se-ha pensar em outros melhoramentos; mas este é o primeiro que se impõe e, pela acção combinada dos dois gremios, não é isso difficil e tudo se reduz a pouco mais do que a viveiros de plantas e educação dos homens por meio de conferencias, que os mesmos socios podem fazer, no tempo que lá passam, algumas semanas de descanço.

Pouco importa que tenha monumentos e estradas, se a região não fôr arborisada, porque nunca passará d'uma região deserta e arida, como qualquer terra d'Africa.

Se os dois gremios quizerem pugnar pelo engrandecimento da sua terra têm de começar por aqui — isto é, por onde ainda não se começou.

P.e MIGUEL RODRIGUES.

Dr. Amilcar de Souza — Em breves semanas deve partir para Paris, em objecto de estudo, este nosso prezadissimo amigo e collaborador, medico distinctissimo e escriptor muito apreciavel.

Feliz viagem e regresso rapido ao convivio dos seus amigos é o que do coração lhe desejamos.

Douro Agricola — Recebemos os dois primeiros numeros, 6.ª série, d'esta interessante publicação, propriedade e orgão da benemerita Liga dos Lavradores do Douro, com séde n'esta cidade, rua de Entreparedes, 45.

Insere collaboração escolhida e aprimorada, procurando com todo o afinco, contribuir beneficamente para o desenvolvimento economico e agricola do famoso paiz do Vinho, que faz parte integrante da nossa querida e abandonada provincia trasmontana.

Os nossos agradecimentos pela amavel visita, que vamos retribuir.

Correspondencia — *A. A. A.* — *Bragança.* Interpreta V. Ex.ª mal o nosso pequeno artigo, e, decerto, muito menos o nosso programma.

Não se fez uma apologia; relatou-se o facto praticado por um trasmontano e expozeram-se as razões que, no espirito d'elle, deviam ter influido para a sua realisação. É mais nada. A apreciação moral da occorrencia póde ser feita ao sabor de cada um, e não seremos nós quem sob qualquer principio, applauda, como decerto V. Ex.ª não applaudirá em sua consciencia, centenas ou milhares de crimes, d'este genero, já praticados, como necessarios ao ideal que V. Ex.ª tão nobremente defende.

De resto agradecemos penhorados a amabilidade das phrases elogiosas que nos dispensa, como excellente patriota, e continuamos na boa esperança de que esta revista lhe será sempre devedora da sua valiosa cooperação.

A. P. — Espinho. — Tem V. Ex.ª razão. O serviço postal n'este paiz é intoleravel no que diz respeito a jornaes e publicações periodicas. Não ha involucros que resistam á ferocidade dos distribuidores! No emtanto vamos providenciar e é de crer que em breve essa falta gravissima deixará de se commetter.

NECROLOGIA TRASMONTANA

No dia 3 de março corrente falleceu o nosso estimavel comprovinciano snr. dr. Henrique Guedes Pereira Leite, integerrimo juiz de Alfandega da Fé, onde contava um sem numero de amigos dedicados, que tanto lhe apreciavam as suas excellentes qualidades de caracter e coração. O illustre extincto, irmão do nosso patricio snr. Rodrigo Guedes Pereira Leite, de Prezegueda, e cunhado do snr. Gustavo Adolpho Burmester, d'esta cidade, exerceu distinctamente a magistratura como delegado nas comarcas de Mação, Villa Nova de Ourem e Arcos de Val-de-Vez, e como juiz na ilha do Pico, Açôres.

—Em Chaves, com 53 annos de edade, falleceu no dia 6 do corrente o tenente-coronel de engenharia snr. Augusto Xavier Teixeira, tambem nosso comprovinciano, natural das Boticas, e que exercia actualmente o logar de inspector de engenharia na sexta divisão militar. Muito considerado e apreciado entre as classes civil e militar, pelas suas qualidades de caracter e de intelligencia, a morte do illustre official, resultante de uma anemia cerebral, foi justamente sentida, não só n'aquella villa, como por todas as pessoas que tiveram ensejo de com elle travar relações.

Teve uma passagem quasi momentanea pela politica, sendo deputado, por Montalegre, na legislatura de 1880, e era agraciado com varias condecorações, entre ellas as de official e cavalleiro de S. Bento de Aviz.

Era casado com uma filha do fallecido José Homem Pinto Pizarro e neta do notavel escriptor Ignacio Pizarro; portanto ligado, por casamento, á illustre casa de Bóbeda.

—No mesmo dia, e na sumptuosa residencia da Ameixoeira, Regoa, fallecceu o nosso respeitavel patricio, dr. Manoel da Costa Pinto, natural de Nogueira (Villa Real), mas que na Regoa exercia ha muito a advocacia, na qual conquistou reputação eminente. Gosava de geraes sympathias e extraordinaria consideração não só pelo seu saber e competencia profissional, como pelo seu bellissimo caracter e extraordinaria afabilidade de que era dotado. Militando na politica, com extraordinario vigor, sabia ser um leal adversario e um dedicadissimo correligionario, perdendo n'elle, como elemento valiosissimo, um verdadeiro amigo pessoal e politico, o nosso comprovinciano snr. conselheiro José d'Alpoim.

—Tambem em Villa Real, nos ultimos dias de fevereiro passado, falleceu a Ex.[ma] Snr.[a] D. Anna Machado Sampaio, filha estremecida do nosso prezado amigo e patricio, snr. José Pereira Sampaio, illustre director dos serviços telegrapho-postaes do districto de Villa Real.

Ás familias enlutadas aqui registamos a expressão sincera do nosso profundo pezar.

—No sabbado passado, 14 de março, anniversario do fallecimento do nosso comprovinciano snr. Augusto Sarmento, que foi conservador na India Portugueza, e irmão do nosso estimado amigo snr. Bento de Moraes Sarmento, rezou-se, na egreja da ordem do Carmo, d'esta cidade, uma missa suffragando a memoria do illustre extincto, assistindo a este acto piedoso, selecta concorrencia das relações de familia.

Os nossos concursos

Um interessante passeio em automovel

ás terras trasmontanas, absolutamente gratuito, não só no que diz respeito a locomoção, como tambem hospedagem nos melhores hoteis das localidades a visitar.

A realisação d'este passeio será por todo o mez de junho ou julho proximos, e n'elle poderá tomar parte aquelle dos nossos assignantes que, no recibo da sua assignatura, tenha o numero designado pelo sorteio a realisar-se em maio futuro, com as formalidades legaes, previamente annunciado.

O assignante assim contemplado tem não só direito ao passeio referido, **absolutamente gratuito para si e para uma outra pessoa de sua familia ou relações**, mas tambem poderá optar por outro itinerario, mesmo fóra das barreiras trasmontanas, estabelecido de accordo com a empreza da *Illustração, mas sempre de fórma que o tempo a mediar entre a partida e a chegada ao Porto, séde da empreza, não vá além de* **10 dias.**

E, na possibilidade de que o assignante favorecido pela sorte resida em localidade tal que não possa aproveitar-se do premio, pela sua natureza, a empreza d'esta revista faculta ainda a opção pelo premio de 60$000 réis em 6 titulos da divida publica de 3 °/₀, que, a seu turno, ficam interessados nos sorteios semestraes garantidos pelo governo, podendo assim alcançar um dos seus muitos premios, entre os quaes figura um de **cinco contos de réis.**

E, dentro da modestia que tomamos para norma e em face do pouco espavento do nosso concurso, que não passa de um brinde interessante, a *Illustração Trasmontana* poderá ainda directa ou indirectamente proporcionar um premio apreciavel de **cinco contos de réis**, que nenhuma razão haveria para desprezar!

Quaesquer esclarecimentos ou indicações sobre os serviços de concursos serão prestadas pelas pessoas encarregadas da angariação de assignaturas ou n'esta revista, na secção competente, sob o titulo de *Correspondencia.*

Concurso photographico trasmontano

CONDIÇÕES

1.ª Este concurso conservar-se-ha aberto pelo espaço de **seis mezes**, que termina a 30 de junho proximo, e n'elle poderão interessar todas as pessoas, assignantes da *Illustração Trasmontana* ou aquellas que desde já sejam consideradas collaboradoras effectivas d'esta revista.

2.ª O assumpto dos clichés destinados ao concurso, só póde ser relativo á provincia de Traz-os-Montes.

3.ª Cada concorrente deverá enviar á direcção da *Illustração Trasmontana*, secção dos concursos, pelo menos **3** provas

photographicas dos seus clichés, tirados em duplicado em papel Aristo, e *viradas ao tom sépia*, sendo facultativa a sua collagem em cartão.

4.ª Os clichés admittidos deverão ser 18 × 24, 13 × 18 ou 9 × 12, segundo a natureza dos assumptos; e estes deverão de preferencia versar sobre paizagem, monumentos e costumes.

5.ª Para o effeito de classificação haverá um juri constituido por tres pessoas escolhidas entre as reputadas como altamente entendidas em assumptos photographicos, a que presidirá, com voto consultivo e de desempate, o director d'esta revista.

6.ª As provas admittidas para o concurso dão immediatamente direito a um premio de 1$000 réis em productos photographicos, pagavel desde a data da admissão.

7.ª Todos os mezes funccionará o jury de apreciação para admittir ou regeitar as provas que se vão recebendo.

8.ª Para a apreciação final, que se realisará no mez de julho proximo, haverá tres premios, a saber:

a) 100$000 réis em titulos de divida publica, pagos pela *Illustração Trasmontana;*

b) Um apparelho photographico completo, typo classico, de camara e tripé formato 13 × 18, com objectiva, obturador e 3 chassis duplus e bem assim todos os accessorios para seu immediato funccionamento, premio offerecido pela **Agencia Geral de Photographia**, a importante e conhecida empreza de propaganda e vulgarisação photographica, com séde na rua da Fabrica, 55, d'esta cidade.

c) Finalmente 10$000 réis em productos ou apparelhos photographicos, premio offerecido pela **Photo-Revista**, publicação mensal exclusivamente dedicada a assumptos photographicos, editada pela **Agencia Geral de Photographia.**

O primeiro premio será conferido ao concorrente que maior e melhor quantidade e qualidade de provas tiver enviado; o segundo compete ao concorrente que tiver apresentado melhor e maior quantidade de clichés ou provas photographicas immediatamente inferior ao primeiro classificado; o terceiro pertencerá áquelle que tiver o melhor e maior conjuncto de provas photographicas de costumes trasmontanos.

Aos restantes concorrentes, segundo a classificação, serão conferidos diplomas de honra, de merito e mensões honrosas.

Associação dos viticultores do Douro

Para defender o nome secular dos Vinhos do Douro e zelar os legitimos interesses da Região, — um grupo de durienses propõe-se instituir n'esta cidade uma **aggremiação** cujo objectivo principal seja **promover a venda**, por preços equitativos, **dos vinhos dos seus associados.**

Perante o estado verdadeiramente calamitoso da crise duriense, só pelo **colletivismo é que se podem vencer os males** com que o Douro ha tantos annos, sem resultado, se debate impotente.

Pretende fundar-se uma **Associação de Classe** para a qual se solicitam as adhesões dos interessados, moradas e numero de pipas em deposito e de colheita annual media, adhesões que podem ser endereçadas a esta redacção ao *Comité de Defeza dos Interesses Durienses.*

Collaboração

Collaboram n'este **numero 3** os ex.mos snrs.;

Dr. Manuel Laranjeira — *Guerra Junqueiro.*

Dr. Daniel Rodrigues — *D. João* — romance. *Folk-lore* trasmontano.

Joaquim de Vasconcellos — *Pelas vias da Arte e das Industrias trasmontanas.* II.

Dr. Amilcar de Souza — *As miserias e explendores do «Douro».*

P.e Miguel José Rodrigues — *O gremio dos trasmontanos.*

Illustrações — *Retrato de Guerra Junqueiro*, primorosa sanguinea do pintor Antonio Carneiro, um dos mais bellos desenhos do eminente artista, feito expressamente para a *Illustração Trasmontana.*

Encadrement impresso a sanguinea, original de Antonio Carneiro, emmoldurando o retrato de Guerra Junqueiro, reproducção do maravilhoso retrato a oleo executado pelo mesmo artista.

O *cavador*, composição artistica de Christiano de Carvalho, illustrando uma poesia de Guerra Junqueiro, dos «Simples».

D. João, composição artistica do mesmo reputado illustrador, guarnecendo um romance, Folk-lore trasmontano, inedito do dr. Daniel Rodrigues.

Collaboração photographica — Illustram este numero com artisticas photographias os snrs. Simão Guimarães, Antonio Lopes Martins, Antonio Pinheiro d'Azevedo Leite e José Victorino Pinto.

Exposição Industrial Trasmontana

Pastellaria, doces e vinhos generosos da região Trasmontana

Só no proximo numero poderemos tratar desenvolvidamente deste importantissimo emprehendimento, se até então tivermos colhido somma bastante de informações que temos solicitado a todos os nossos patricios

---

Interesses regionaes

Deputados trasmontanos

Ao tempo de se distribuir este jornal estarão os novos propostos a deputados por esta sempre esquecida região, em vesperas de verem confirmados os mandatos que lhe são concedidos pelo suffragio d'estes povos.

Assim deveriamos dizer em vesperas de eleições, se, realmente, ao acto, correspondesse, como infelizmente não corresponde, um espirito abertamente liberal, uma orientação perfeitamente moldada nas necessidades mais urgentes, e, sobre-tudo, uma consciencia absoluta nos eleitores.

Mas nada d'isto existe; a politica, a vergonhosa politica reinante, o peor mal entre os males que affectam esta região, medra com a ignorancia ou com o indifferentismo do trasmontano.

Este povo, na sua grande maioria, honesta e humildemente aferrado ao seu esgotante trabalho de lavoura, quasi sempre tão pouco remuneradora, não se preoccupa com os altos interesses da communidade, porque os não comprehende; e só segue, acorrentado, como reconhecido, por favores de toda a ordem, obsequios pessoaes e dependencias economicas, aquelles que o ministerio do reino de qualquer situação lhe apresenta e impõe como mercadoria de alta estima.

E ninguem se lembra de solicitar dos candidatos a exposição do seu programma, e muito menos de lhe exigir qualquer coisa de util.

Assim, na certeza de nenhum compromisso nem de nenhum dever, estamos vendo os novos deputados, regeneradores, progressistas ou dissidentes, profundamente preoccupados com a organisação e estudo das propostas que devem apresentar ao parlamento, no intuito de levantar o nivel economico, agricola e industrial da nossa provincia!

Tudo será previsto, louvado Deus! Ironia!

A instrucção receberá largo impulso: as novas estradas cortarão, em todos os sentidos, a nossa uberrima provincia; a magna questão economica do Douro, terá já estudadas varias soluções; o desenvolvimento da industria das sedas, que, em tempos idos, produzia annualmente a bagatella de uns mil contos, só para o districto de Bragança, vae resurgir cheio de vida; a arborisação e repovoamento das nossas mattas é já questão assente nas notas dos mais espevitados cooperadores; os caminhos de ferro dos valles do Sabor e do Tamega, serão apresentados como base de largar iniciativas industriaes e especulações das riquezas do sub-solo!

Tudo isto se ventilará na proxima legislatura, e Traz-os-Montes rejubilará pelo futuro incremento que tão devotados representantes em côrtes vão desenvolver com a sua dedicação, com o seu estudo e apreciavel talento!

E talento realmente possuem, e muito apreciavel, mas só a favor da causa a que se dedicam; mas nunca a favor d'esta nossa provincia!

Já os conhecemos, pela experiencia, que é mestra da vida. N'esta ou n'outra qualquer situação; progressista, regeneradora ou dissidente; franquista, nacionalista ou republicana, os figurantes, pouco mais ou menos, serão os mesmos, e semelhantes serão os processos de se elevarem ás culminancias do mando.

Não ha ideaes — ha interesses. Não ha vontades — ha necessidades, e necessidades imperiosas, que é preciso satisfazer. Agora, como em tempos passados, como sempre, dentro do regimen, monarchico ou republicano, que de tudo enferma, o futuro da nossa provincia, como de resto, o de todo o paiz, depende apenas do grau de instrucção do povo e da comprehensão dos seus deveres e direitos. Para que esta provincia possa attingir o explendor a que tem direito, por todas as razões, o que é indispensavel é instrucção e sempre instrucção, como base principal para uma nova era de felicidade e progresso.

Sem ella não poderemos libertar-nos de caciques eleiçoeiros, indifferentemente ás ordens d'uns ou d'outros politicos; sem ella não nos é possivel seleccionar competencias e avaliar aptidões; como ainda sem ella não sentimos capacidade para intervir, com o direito do nosso voto livre, no difficil problema da governação, fazendo eleger, sem imposições de vontade alheia, quem, em nossa opinião, deva ser investido de tão complexa e melindrosa missão.

Assim, por votação inconsciente, por mera aquiescencia obsequiosa ou forçada, a provincia trasmontana continuará abandonada e indefeza, porque os seus representantes no parlamento, filiados em qualquer grey politica, não terão por ella o minimo interesse, não conhecendo as suas necessidades inadiaveis, e não sendo sequer conhecidos dos seus eleitores.

Temos pelos cavalheiros agora propostos a mais subida consideração, que nos é imposta pela sua intelligencia e probidade; mas nada ha que justifique a fé que n'elles deveriamos ter, se, realmente, a sua *nomeação* fosse a resultante de um suffragio authentico. Por esta fórma, não. O tempo justificará o nosso pessimismo.

C. M.

BIBLIOGRAPHIA

A *Illustração Trasmontana*, dada a sua indole puramente regional, não tem registo bibliographico senão para as publicações que directamente digam respeito ou interessem á Provincia de Traz-os-Montes; e não estabelece permuta senão com publicações estrangeiras ou com jornaes trasmontanos.

EXPEDIENTE

Por conveniencia particular da empreza d'esta revista deixou de ser administrador da «Illustração Trasmontana» o socio snr. *Arnaldo Soares da Silva,* passando estas funcções a ser exercidas pelo co-proprietario snr. *Francisco Coimbra,* a quem deve ser dirigida toda a correspondencia relativa ao serviço exclusivo da administração. Como até aqui, a correspondencia que diga respeito á direcção e gerencia, deve ser endereçada ao director snr. *Carlos de Magalhães.*

CAFÉ E GRANDE HOTEL «TOCAIO»

VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario — *Adriano Rocha.*

SUPPLEMENTO

ao n.º 4 da

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

28 A 36 PAGINAS, GRANDE FORMATO

Publica-se nos dias 15 a 30 de cada mez

DIRECTOR
CARLOS DE MAGALHÃES

ARCHIVO PITTORESCO, LITTERARIO, ARTISTICO E SCIENTIFICO DAS TERRAS TRASMONTANAS

COLLABORAÇÃO LITTERARIA, SCIENTIFICA OU ARTISTICA DOS EX.MOS SNRS.

Dr. ABILIO GUERRA JUNQUEIRO · ADELINO SAMARDÃ · Dr. AFFONSO CORDEIRO · ALBINO LOPO Dr. AMILCAR DE SOUZA · Dr. ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO · ANTONIO CARNEIRO AUGUSTO CEZAR RIBEIRO DE CARVALHO · AUGUSTO NOBRE · BASILIO TELLES · Dr. CARLOS ALVES CHRISTIANO DE CARVALHO · DR. DANIEL RODRIGUES · Coronel DOMINGOS CORRÊA · ERNESTO DE VASCONCELLOS · GONÇALO SAMPAIO · Dr. HENRIQUE FERREIRA BOTELHO · JOÃO AUGUSTO RIBEIRO · JOÃO IGNACIO DE MENEZES PIMENTEL · JOAQUIM DE VASCONCELLOS · P.e JOSÉ AUGUSTO TAVARES · JOSÉ MARIA ALVES TORGO · JOSÉ MAXIMIANO CORRÊA DE BARROS · Dr. JOSÉ MOURÃO · JULIO BRANDÃO · Dr. MANOEL DA COSTA ROCHA · MANOEL DUARTE D'ALMEIDA Dr. MANOEL LARANJEIRA · Dr. MANOEL MONTEIRO · ROCHA PEIXOTO · Dr. TRINDADE COELHO VIEIRA DA COSTA · Etc., etc.

PROPRIETARIOS E EDITORES
FRANCISCO COIMBRA & C.ª

ADMINISTRADOR
FRANCISCO COIMBRA

TELEPHONE N.º 660

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DO ROSARIO, 239, 1.º — PORTO

END. TELEGR. — EFFECE

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias	2$500
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

·· PAGAMENTO ADEANTADO ··

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de desconto

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

∴ Photogravuras das officinas de CHRISTIANO DE CARVALHO rua de Cedofeita, 95 — Porto.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Comp. e imp. na Typ. Occidental de PIMENTA, LOPES & VIANNA rua da Fabrica, 80 — Porto.

Ao publico

Aviso importante

Desejando a Empreza da *Illustração Transmontana*, corresponder amavelmente ás diarias solicitações que lhe tem sido feitas para que se estabeleça a venda avulsa d'esta revista, como processo mais commodo para a sua acquisição, ainda mesmo por preço superior ao da respectiva assignatura; fica, desde esta data, estabelecido o preço de **250** réis cada numero, pagos no acto da entrega, mas só unicamente nas cidades do Porto e Lisboa, effectuando-se esta venda na administração da revista e nas livrarias.

Para este effeito é destinado, apenas, restricto numero de exemplares e, por tal motivo, a Empreza não póde tomar o compromisso de servir todas as requisições que lhe sejam feitas para este fim, ao contrario do que succede para o serviço da assignatura.

Os numeros já publicados vão agora ser postos á venda; e no proprio interesse do publico muito convirá não demorar os pedidos para evitar que elles sejam feitos depois de se haver esgotada a edição destinada a este serviço especial de venda avulsa. O expediente de assignaturas, porém, continúa como até agora; isto é, só se tomam inscripções para toda a série, desde o 1.º numero inclusivé.

Illustração Trasmontana

Applausos d'além-mar

O proverbial e acendrado patriotismo, que caracterisa, de uma fórma bem definida e inconfundivel, o temperamento regionalista do trasmontano innato, radica-se e explue em lava ardente de acrisolado enthusiasmo, quando, em paragens longinquas do seu rincão querido, ouve ou lê referencias que amoravelmente lhe trazem evocações repassadas de saudade infinda — a patria incomparavel, a familia idolatrada, — que atravez do tempo e da distancia aprecia ainda como no doce aconchego da familia trasmontana. Assim nol-o revela a ultima correspondencia recebida dos nossos patricios d'alem-mar, que, na florescente Republica Brazileira, manifestam, pelo trabalho e pelo talento, a rija tempera d'este grande povo.

Alli, na importantissima colonia trasmontana, que é, evidentemente, entre toda a calonia portugueza, a que mais se salienta pela pratica de tudo o quê é nobre e grandioso, a *Illustração Trasmontana* obteve uma recepção brilhantissima e um acolhimento tão enthusiastico, que o echo festivo de tão invejaveis applausos se veio repercutir nas columnas dos mais conceituados confrades da grande Republica.

Numerosa e interessantissima é essa correspondencia, que nos deleita e envaidece, não só pela espontaneidade dos seus louvores, mas principalmente pelo amor e sinceridade com que n'ella é tratada a provincia querida, que em taes filhos dilectos deposita as suas mais bem fundadas e justificadas esperanças, como cooperadores infatigaveis e valorosos para a grande obra do desenvolvimento regional a que todos os trasmontanos estão votados.

Reproduzir aqui, na integra, tão valiosos documentos, seria para nós satisfação immensa, se, de tal facto não resultasse carencia de espaço para outros assumptos de momentosa opportunidade.

No entanto, como a todo o trasmontano será gratissimo conhecer como lá fóra são apreciadas as coisas que lhe digam respeito, ou sejam filhas da sua iniciativa, não podemos fugir ao ensejo propicio de aqui se transcrever um excellente artigo bibliographico, que, nas columnas da pagina d'honra d'um dos mais conceituados jornaes brazileiros, a *Folha do Norte*, do Pará, vem publicado no seu numero 3:726 de 15 de março corrente:

«Illustração Trasmontana». — Eis uma publicação que se apresenta como promessa auspiciosissima, dada a sua feição moral e graphica, esta, de rematado cunho artistico, aquella, eminentemente patriotica e social.

Primeira no seu genero, pela caracteristica da regionalidade em Portugal, chronologicamente, é tambem sem favor a primeira, pela indole, entre as modernas revistas portuguezas, graças ao bom gosto que presidiu á sua preparação technica e ao alto criterio da sua orientação espiritual, apresentando-se na arena da publicidade perfeitamente apparelhada para disputar honrosa e saliente posição entre as suas irmãs mais velhas de nome glorioso, garrida na sumptuosa armadura e aguerrida heroicamente para as pelejas pacificas da civilisação e da perfectibilidade humana, nas pugnas do pensamento constructor de prosperidade e progresso.

Trata-se de um *magazine* illustrado, mensal, em quarto grande, dividido em duas partes, uma impressa em papel *couché*, 16 paginas com bellissimas photogravuras engrinaldadas de cercaduras decorativas originaes, documentando optimo e proficiente texto litterario, scientifico e pittoresco, todo relativo á feraz e gigantesca região trasmontana, e a outra, como supplemento, ou *Jornal do mez*, com desenhos e gravuras, em papel inferior ao da primeira, em numero de paginas variavel, para o registo de acontecimentos occorridos na mesma provincia, em relação aos seus homens e factos, o todo protegido por elegantes capas, decoradas por desenhos symbolicos e suggestivos, de feliz concepção.

E' seu escopo capital pugnar tenazmente pela maior elevação moral, intellectual, politica e economica das terras trasmontanas, tão ferteis e ricas, tão bellas e productivas, quanto infelizes pelo despreso systematico a que as votam os governos imprevidentes e dissipadores, na feroz centralisação do regimen anachronico, esquecendo-as, pela distancia remota, para as beneficiar, e tão sómente as lembrando para o imposto minaz, que as tem levado á ruina, embora concorram para o orçamento com a maior cifra da producção nacional.

Terra de heróes, descobridores, artistas, litteratos, poetas, estadistas, dos maiores da peninsula, em tempos recuados e presentes, e, dos mais activos e indefessos trabalhadores da gleba, Traz-os-Montes, que no dizer conceituoso de Theophilo Braga, é um mundo cheio de grandes tradições primitivas, de uma ethno-

graphia reveladora da nossa raça, de costumes muito peculiares e de uma resistente energia lusitana, precisava de um arauto valoroso para o pregão das suas necessidades, senão tambem para o de fazer lembrar as suas virtudes e forças e o positivo merito dos seus filhos resolutos e obstinados, acostumados a vencer por todos os meios nobres, na conquista dos seus ideaes, e d'ahi a *Illustração Trasmontana.* Luminosa e benemerente idéa, agora que ella está corporificada, graças á arrojada iniciativa dos srs. Francisco Coimbra & C.ª, do Porto, seus editores e proprietarios, ella fructificará, estamos certos, amparada por todos os trasmontanos espalhados pela superficie do globo, mas conservando pela terra do berço o mesmo entranhado e inapagavel affecto dos que ao seu seio vivem acolhidos.

São do seu illustre director, Carlos de Magalhães, um artista e escriptor estimabilissimo, estas formosas palavras iniciaes de apresentação:

«Gravar de maneira indelevel no espirito de todos o que é e o que vale a provincia trasmontana, descrevel-a sob todos os aspectos, desenhal-a em todos os seus caprichosos detalhes, pintal-a em tudo o que de bello e encantador possue; desvendar-lhe todas as riquezas naturaes e expol-a, tal como é, manancial perenne da mais variada e encantadora paysagem e inapreciavel thesouro de riquezas — tal é a nossa constante preoccupação».

. . . .

«Fomentar, estimular, divulgar e chamar a si a attenção geral. E nenhum processo pratico, mais viavel, nem mais attinente com a moderna fórma de vêr se nos afigura exequivel como a organisação e manutenção de uma revista exclusivamente regional, executada pelos moldes das mais recentes publicações artisticas, capaz de despertar interesse ainda aos mais indifferentes».

Para o exito sem precedentes da ousada e patriotica tentativa da nova e scintillante revista, conta esta com a collaboração effectiva de artistas como João Augusto Ribeiro e Antonio Carneiro, pintores insignes; Christiano de Carvalho, desenhista original e emotivo e gravador consummado; Carlos de Magalhães, decorador imaginoso e delicado; sabios e scientistas, como Joaquim de Vasconcellos, Rocha Peixoto, Gonçalo Sampaio, Ernesto de Vasconcellos, coronel Domingos Corrêa, dr. Amilcar de Souza, Alves Torgo; litteratos e pensadores, como Guerra Junqueiro, Trindade Coelho, dr. Manoel Monteiro, M. Duarte de Almeida, Vieira da Costa, etc.

A respectiva assignatura, accessivel a todos, pela exigua subscripção annual de 4$000 réis fortes, que interessa particularmente aos filhos da heroica provincia trasmontana e a todos os portuguezes, em geral, acha-se nesta capital a cargo dos srs. J. B. dos Santos & C.ª, da Livraria Classica, á rua de João Alfredo, n. 59, seus agentes effectivos, e ahi encontrarão os respectivos pretendentes, além dos prospectos, programmas e cartazes artisticos, alguns exemplares do 1.º numero, relativo a janeiro findo, para a inscripção competente».

O FUTURO DAS «TERRAS TRASMONTANAS»

Como resposta ao questionario estabelecido no n.º 3 d'esta revista, alguns nossos estimaveis comprovincianos tem-nos honrado com as suas apreciaveis opiniões, que, na integra, iremos publicando, conforme o espaço que nos seja possivel dispôr. Por hoje vão duas interessantes communicações que se nos afiguram realmente muito dignas de ponderação.

Snr. redactor:

Não tento impor-lhe a minha opinião segura sobre a fórma como se deve proceder ao desenvolvimento da nossa provincia, como v. solicita no seu interessante questionario publicado no n.º 3 da *Illustração Trasmontana*, porque o problema é assás complexo para assim se resolver de duas pennadas.

Todas as fontes de riqueza, todos os ramos de actividade aqui adaptaveis — agricultura, industrias fabris, industria extractiva, commercio, etc., carecem da moderna orientação, que só se obtem atravez d'uma propaganda e fomento intensissimos, e que geralmente só fructificam n'um meio rasoavelmente intelligente e educado.

Ora, em Traz-os-Montes, como de resto em todo o paiz, o analphabetismo aterrador, na sua colossal percentagem, é a primeira barreira formidavel que se interpõe entre este povo e aquelles que pretendem esclarecel-o e guial-o para a prosperidade d'estas terras.

D'aqui a conclusão logica e natural de que os primeiros esforços a empregar devem ser orientados no sentido de diffundir instrucção, como base solida, em que deve assentar toda a architectura d'esta obra redemptora.

E' claro que solicitando instrucção não me reporto ao ensino elementarissimo de lêr, escrever e contar; isso não representa nada, absolutamente nada, para as exigencias da vida hodierna, se se pensa sahir victorioso da formidavel campanha. A instrucção a que me refiro é essa, como principio imprescindivel, e aquella que deve ser ministrada, SEGUNDO METHODOLOGIA ABSOLUTAMENTE PRATICA nas escolas profissionaes, agricolas ou commerciaes, conforme as aptidões de cada região.

Esta é a parte que, no pelouro instrucção, em absoluto compete ao Estado e ás commissões administrativas locaes — ás camaras.

Como o Estado e essas collectividades officiaes deveriam proceder, é assumpto para largas discussões, mas que se me afigura facil concretisar: substituição de escolas ou lyceus de preparatorios para cursos superiores, por escolas profissionaes modelarmente organisadas, de fórma a garantirem seguro futuro a quem as frequentasse.

Assim julgo que, para a carreira burocratica, seria sufficientissimo um unico estabelecimento para cursos preparatorios aos cursos superiores. Podia ser um lyceu central, naturalmente indicado para Villa Real.

Os restantes lyceus, de Bragança, de Chaves e de Mondim deviam ser substituidos por escolas profissionaes que tambem reputo indispensaveis em Mirandella, em Moncorvo, na Regoa, Valpassos, etc. N'estas escolas professar-se-hiam materias especialmente adaptaveis á região em que estavam installadas, e assim seriam objecto de estudo detalhado e necessario não só a agricultura em geral, como suas especialidades, mas tambem conhecimento de minas, artes applicadas, industrias fabris, como ceramica, olaria, tecelagem, sericicultura, viticultura, avicultura, etc. E como complemento d'esta instrucção podia crear-se, talvez em Bragança, uma escola principal de artes, officios e agricultura, ou antes um Instituto Agricola e Industrial. E assim teriamos com uma organisação de instrucção primaria completa, rasoavelmente organisado o serviço official de instrucção.

E não se assustem os orçamentologos com este plano; julgo até que o Estado não teria de augmentar extraordinariamente as suas despezas, se bem soubesse evitar as que hoje são estereis.

A par da instrucção official, a de iniciativa particular poderia exercer uma acção altamente beneficiosa, desde que bem orientada e amoravelmente dirigida. A questão é só de vontade. E querer é poder, e ninguem póde, quando quer, como o trasmontano.

E' teimoso e timbroso; e muito orgulho podia ter nestas qualidades quando ellas se manifestassem no serviço humanitario de instruir. E ha-de sel-o, creio bem, desde que haja quem o incite, como v. na sua *Illustração* vem fazendo.

A instrucção de iniciativa particular póde comprehender não só o ensino primario, exercido magistralmente por essas excellentes missões destacadas pela Associação das Escolas Moveis pelo methodo de João de Deus, mas tambem o ensino secundario e especial, não por meio das escolas fixas, de organisação normal, mas por via de prelecções e palestras gratuitas e publicas, realisadas periodicamente nos centros mais populosos, como em Villa Real, Bragança, Chaves, Mirandella, Valpassos, Mondim, etc., etc.

E não faltam n'estas terras pessoas com competencia para tal commettimento, e com o desinteresse indispensavel para tal serviço.

Falta só... resolução e energia!

Só isto!

Podia até indicar nomes, mas receio melindres...

—Vá, meus senhores, mãos á obra. Diffundamos instrucção; lancemos luz n'estas espessas trevas, e teremos o orgulho de iniciar o resurgimento d'esta nossa querida patria.

Urros-Moncorvo, 1908.

J. S.

Meu caro redactor:

Trasmontano de nascimento, e educado no meio d'aquellas encantadoras montanhas, que nunca esqueci, não posso, embora afastado da minha terra, deixar de aproveitar o ensejo agradavel que v. proporciona a todos os patricios, de se poderem manifes-

tar, segundo a sua maneira de vêr, sobre a fórma mais pratica de se conseguir o desenvolvimento da nossa provincia.

Não me preoccuparei com a fórma litteraria, porque não é esse o objecto do seu questionario, mas sómente com a viavilidade do projecto, da maneira a tornal-o acceitavel, pelo menos em alguns pontos.

A orientação geralmente seguida, se é que algum dia houve orientação ou programma para beneficiar as nossas coisas, tem sido o de explorar o solo trasmontano unicamente sob o ponto de vista agricola. Se não obedece esta pratica a uma orientação estudada, como creio, é filha sómente da rotina perniciosa, e dos habitos inveterados que successivamente vão passando de paes a filhos, de gerações a gerações. E n'isto está, a meu vêr, a origem dos grandes males que affligem esses povos, que por nenhuma fórma procuram remediar, não reconhecendo nem descubrindo outro remedio que não seja, em apuros extremos, a terrivel usura, peor mal do que aquelle que apparentemente remedeia.

A industria agricola, é, sem duvida, a grande industria, a industria mãe, de cujo desenvolvimento depende toda a vida activa de um povo; mas sómente quando exercida em paiz apropriado e onde sejam relativamente faceis as grandes culturas. E, Traz-os-Montes, na quasi sua totalidade, não é um paiz essencialmente agricola, não só pela sua variada climatologia como muito especialmente pelo accidentado do solo que torna o manejo das terras carissimo, e portanto os seus productos, embora de excellentes qualidades, absolutamente incompativeis commercialmente com os similares d'outras regiões.

A cultura intensiva, de grandes vantagens commerciaes e economicas, cómo lá fóra se constata, nas mãos de poderosas emprezas, nunca seria viavel em Traz-os-Montes, a não ser n'uma pequenissima parcella de terrenos, como aquelles que compõem os famosos campos da Villariça, ou a fertil veiga de Chaves.

O resto é um terreno caprichosamente accidentado, cortado de profundos corregos ou eriçado de ponteagudas agulhas, onde se foram conquistar, a preço de ouro, estreitas leiras, expostas a torrificantes temperaturas, onde só se consegue vingar a cêpa querida, que em tempos idas bem remunerava taes sacrificios.

Hoje, devido á crise irreparavel da viticultura duriense, porque é evidente á impossibilidade da concorrencia, *sejam quaes forem as medidas adoptadas*, tambem este ramo da agricultura tende a desapparecer ou a diminuir sensivelmente; e d'aqui, não muito longe, o futuro das terras trasmontanas será a miseria negra, que já agora a muitas portas vae batendo sinistramente!

A provincia trasmontana não tem nem póde ter fundado o seu futuro brilhante apenas na exploração agricola; mas tambem na criação das grandes mattas que constituirão o manancial perenne de madeiras e lenhas para o paiz e em adaptação facil dos seus cursos d'agua, como energia barata, para as grandes industrias manufactureiras. E, n'este sentido, santo Deus! o que haveria a fazer!...

Agricolamente, e economicamente apreciavel, ainda uma grande e extraordinaria obra haveria a pôr em pratica — a irrigação dos terrenos adjacentes ao rio Douro. Assim obter-se-hia uma zona extraordinariamente grande, adaptavel a toda a especie de cultura.

Esses terrenos, admiraveis, de uma producção phantastica, depois de convenientemente irrigados, constituiriam a região mais productiva do paiz, e uma das fontes da sua maior riqueza! Então sim, que a situação da provincia trasmontana seria invejavel: mattas formidaveis, enormes terrenos apropriados para as grandes culturas intensivas; grandes industrias fabris que ali se installariam aproveitanda a economica hulha branca; rede completa de estradas; um bem combinado serviço de linhas ferreas electricas, as unicas apropriadas para a região; industria extractiva, que podia ser importantissima; o resurgimento da industria das sedas, que foi uma das mais importantes do paiz, e por ultimo o estabelecimento de colonias agricolas, nos baldios que para tal fim podessem ser aproveitaveis.

E eis, a traços larguissimos, o que se me afigura possivel para o futuro da nossa provincia, se da parte dos competentes houvesse iniciativa e um pouco de amor pelas nossas coisas.

Lisboa, abril de 1908.

ACCACIO RODRIGUES.

Fomento economico

Os bancos trasmontanos

Entre a avalanche de males que affectam e entravam o desenvolvimento economico da provincia — a agricultura, a industria, o commercio — figura, em destaque bem apreciavel, a usura desenfreada que, no geral, o pequeno e grande capitalistas exploram com um desplante e atrocidade incalculaveis, movidos, na grande maioria, pela illimitada ganancia, ou pelo interesse de obterem, no juro fabuloso de dois ou tres annos, o capital inicial que lhes parece correr grave risco.

A circulação do capital em Traz-os-Montes não representa um negocio regular, como o de outra qualquer mercadoria, nem, no geral, é applicado a emprezas industriaes ou commerciaes; a circulação do capital faz-se, em pequenas parcellas, extraordinariamente pulverisado pelo pequeno lavrador, a troco de uma usura phantastica, exorbitantissima, asphyxiante, que traz sempre o triste epilogo da liquidação tragica do agricultor.

A *letra*, a terrivel *letra*, é sempre o meio preferivel, como mais commodo e simples processo de garantia; e, sempre prevista como insufficiente pelo capitalista, um juro criminoso de 10, 12, 15, 20 e até 30 % vem onerar terrivelmente a já desesperada situação do devedor, quando não paga mensalmente por cada libra, processo muito usado, cem, duzentos e quatrocentos réis, que representam um juro annual de 27 a 80 %!!

A hypotheca em pouco melhores condições proporciona capitaes, não só pela exigencia desmedida de avultado penhor, para essa garantia, como pela pouco modicidade do juro que e normalmente de 7, 8 ou 9 %, além de outras alcavallas e praxes ou exigencias da lei, que são sempre pagas por quem contrahe o emprestimo.

N'estas condições, com o capital por semelhante preço, sem uma lei regular e humana que facilite a circulação do capital entre particulares, e sem um banco rural ou agricola na região, modelarmente organisado, como poderá o pobre agricultor vingar de vida tão afflictiva e esgotante?

E' um problema que carece de prompta solução e que se nos afigura de relativa facilidade, se, realmente, quem o póde e deve fazer, tiver a iniciativa e energia bastantes.

O Estado poderia contribuir efficazmente se se resolvesse modificar o systema tributario, que tudo vae onerar, sem consideração alguma pelos interesses geraes, sem attender a que, de uma maneira incontestavel, cria obstaculos invenciveis ao desenvolvimento do commercio e da industria, difficultando todas as operações do capital entre particulares, lançando sobre ellas pesados tributos, com a denominada decima de juros, e creando e fazendo executar leis que parecem ter por fim difficultar tudo o que não seja converter fortunas em titulos da divida publica.

O Estado poderia contribuir efficazmente para melhorar esta desgraçada situação, não só modificando essas leis, mas até auxiliando instituições de credito, bancos agricolas, que podessem facilitar capitaes a premios rasoaveis, e com a mesma facilidade como se procede nos grandes centros, nas operações commerciaes.

Mas decerto que nada poderemos esperar d'elle, porque a experiencia nos demonstra que o Estado não é entidade capaz de grandes commettimentos nem de grandes pressas. A iniciativa particular,

com energia mais rapida, com processos mais praticos, é quem deve substituil-o, porque o póde fazer com vantagem, se encarar o problema com vistas largas.

O que temos na provincia, para este fim, de nada serve. Os bancos trasmontanos, embora figurem com os pomposos titulos de commerciaes, industriaes e agricolas, não passam ou não vão além da organisação de umas simples casas prestamistas!

Terão sido uteis, não ha duvida; mas é demasiado restricto o numero de beneficiados, que, no geral não são negociantes, nem industriaes e muito menos agricultores.

As suas operações são acanhadas e demasiado egoistas; não ha largueza de planos; não ha interesse de progredir; não ha emfim desejos de evolucionar, nem de fazer crescer a riqueza provincial, coadjuvando a!

Nada d'isto. A funcção dos nossos bancos limita-se á hypotheca que arruina ou ao emprestimo sobre valores! A casa de prego!

A organisação de um banco rural e agricola, modelar e criteriosamente montado, seria o primeiro passo para o desenvolvimento economico da provincia, e por isto se impõe e é necessario que se faça. E afigura-se-nos que, n'este momento, parta d'onde partir a iniciativa, o successo seria absoluto, porque é numeroso já o grupo de trasmontanos, possuidores de grossos capitaes, que estão patenteando inquebrantavel desejo de serem uteis á sua patria.

A idéa ahi fica. Oxalá que fructifique.

C. M.

Phenomeno de Radioactividade

A luz de Santa Cruz

(Vinhaes)

Envia-nos o nosso presado amigo e comprovinciano, snr. Padre Miguel José Rodrigues, o original da documentação interessante que possue, relativo ás suas curiosas investigações levadas a effeito em Vinhaes, documentação que o faz convencer de haver alli descoberto a existencia de aguas radioactivas.

Com todo o prazer lhe daremos publicidade no proximo numero, na convicção de que assim poderemos prestar algum serviço util, como seja o de se proporcionar azada occasião para aqui ser discutido tão curioso assumpto.

Para tal fim tem o nosso amigo as columnas d'esta revista ao seu dispor, bem como quaesquer dos nossos illustres collaboradores, entre os quaes se contam os mais notaveis homens de sciencia, alguns mundialmente conhecidos.

Por Traz-os-Montes

A *Illustração Trasmontana* veio, evidentemente, com a sua apparição, fixar, de uma maneira inconfundivel, a nova orientação das publicações similares, genero revista, que passam, com verdadeiro agrado do seu publico, a cultivar, com afinco, o assumpto regionolista.

E como nenhuma outra provincia tanto se presta para tal fim, como a nossa, em breve ella será alvo de interessantes referencias, com o que immenso terá a lucrar.

Uma revista nacional, de larga tiragem, que se prepara para collaborar comnosco na empreza de tornar conhecidos todos os encantos de Traz-os-Montes, tem já em preparação o seu material photographico e enviará á nossa provincia um dos seus collaboradores mais distinctos.

E assim, evidentemente, a obra de propaganda da *Illustração Trasmontana* se vae avolumando, pelo que, com supremo jubilo, felicitamos os nossos patricios.

Guerra Junqueiro

N'um dos seus proximos numeros a *Illustração Trasmontana* honrar-se-ha publicando um interessante e valioso inedito do grande poeta, pelo que, calorosamente, felicitamos os nossos estimaveis leitores.

Tambem, brevemente, honrarão as paginas d'esta revista os nomes de eminentes scientistas como são os dos nossos apreciaveis collaboradores snrs. Rocha Peixoto, José Fortes e Gonçalo Sampaio.

D'onde se conclue que a *Illustração Trasmontana* continuará a seguir a esteira brilhantissima de uma revista primorosa e sem egual no nosso paiz.

Sericicultura Portugueza

É o titulo de um interessante e valiosissimo livro que o seu auctor, nosso presado collaborador e illustre agronomo João Ignacio de Menezes Pimentel, nos vem de offertar.

E' um estudo valiosissimo sobre a importante e hoje decahida industria sericicola, e que muito deve contribuir para o seu resurgimento, se, da parte de quem se interessa por estas coisas, houver o bom criterio de pôr em pratica os processos no livro indicados.

A edição é de 1902; todavia, então como hoje, é utilissima a diffusão da obra, para que todos se capacitem da possibilidade de se reorganisar a velha industria, tão lucrativa e interessante, e que só uma má orientação de quem a exercia a deixou conduzir á tristissima situação em que se encontra.

Agradecendo a gentileza da offerta afigura-se-nos um rasoavel serviço que esta revista presta á população rural da nossa provincia, transcrevendo aqui uns trechos do capitulo do livro em referencia — Economia Sericicola — para que ella, se por acaso desconhece as vantagens d'esta industria, possa avaliar o grau de riqueza que para a communidade póde advir, sem prejuizo de outro genero de trabalhos:

«A sericicultura é uma industria que não permitte arranjar fortuna rapida, como tem acontecido com a cultura da vinha. E' uma occupação domestica, que ajuda a viver as populações ruraes. As creações domesticas de gallinhas, patos, perús, coe-

lhos ([1]), porcos, etc., tambem não enriquecem rapidamente os creadores, mas ajudam-os a viver.

Uma creação de 10 grammas de sementes seleccionadas, tratada devidamente em sirgaria desinfectada, deve dar pelo menos o seguinte producto bruto: 20 kilogrammas de casulos ao preço de 500 réis, ou 10$000 réis.

São 10$000 réis ganhos em 30 ou 40 dias, sem mais esforço do que a cultura de um vaso de flores, ou do que a alimentação e limpeza de passaritos em gaiolas, sem roubo do tempo aos outros trabalhos domesticos.

Estas pequeninas creações domesticas são a consolidação da sericicultura, pelos cuidados de limpeza, alimentação e hygiene, que mais facilmente podem dispensar-se-lhes do que as grandes creações; porque o casulo para a semente só póde tambem sahir d'estas pequeninas creações domesticas, pois quasi não necessita selecções. E, havendo actualmente no paiz aproximadamente 100:000 amoreiras pretas, ainda podem alimentar-se 10:000 onças de sementes de 25 grammas.

Estas 10:000 onças de sementes dando, como devem dar, 50 kilos de casulo por onça, produzirão a importante verba de 250:000$000 réis, calculando o casulo ao preço vulgar de 500 réis por kilogramma. E aquella quantia será dividida pelas familas pobres, na epoca mais critica do anno, quando os celleiros se encontram esgotados e as colheitas ainda permanecem nas terras.

. . . .

As mais importantes despezas na creação do sirgo são as da folha e da mão d'obra; quem souber reduzir taes despezas tirará lucros d'esta industria; quem não souber, está exposto a soffrer prejuizos, mesmo com uma bella colheita de casulos.

O preço da folha depende certamente da offerta e da procura; ao proprietario de amoreiras fica-lhe pelo preço de outras forragens das suas terras, o que é de enorme vantagem; se o proprietario de amoreiras gasta com uma creação do sirgo 100, por exemplo, quem comprar a folha gasta 200, isto é, o dobro, pelo menos.

A economia da mão d'obra é tambem muito importante; quem pagar jornaes para a creação de sirgo não póde contar com menos de 3$000 réis por onça de semente; ao passo que criando-se sirgo por proprias mãos, ou utilisando-se o auxilio de pessoas de familia e dos serviços domesticos, a mão d'obra é quasi sem valor, excepto nos quatro ou cinco ultimos dias de creação.

Quando os proprietarios de grandes plantações de amoreiras nas encostas disseminarem por entre os amoreiraes pequeninas e hygienicas sirgarias e se associarem com grande numero de creadores, a quem devem fornecer sementes, folha e sirgaria, retribuindo a mão d'obra com a terça parte do casulo colhido, a sericicultura terá attingido a sua mais segura e lucrativa exploração.

No paiz ha o tradiccional contracto de parceria, em que um parceiro dá a semente e a folha, ao passo que o outro dá o trabalho e a casa para a creação, sendo o casulo dividido em partes eguaes: é a unica fórma prática e economica da exploração do sirgo, nas circumstancias em que a sericicultura se encontra.

. . . .

A acção do Estado tem se manifestado por diversas fórmas, e de resto já ha fundamentos para se poder contar com ella para futuro, caso se torne indispensavel.

A acção dos creadores deverá manifestar-se por desinfecção das sirgarias, cuidados hygienicos nas creações, só de 5, 10 e 20 grammas de sementes, o maximo.

A acção dos proprietarios ruraes deverá manifestar-se por plantações de amoreiras nas encostas, construcções de pequenas sirgarias por entre os amoreiraes e por contractos de parcerias com os creadores.

A acção dos industriaes deverá manifestar-se por conservação do preço internacional dos casulos, por introducção de machinismos aperfeiçoados de fiação e torce de sedas, e por educação do pessoal na perfeição d'estas industrias.

Só assim poderemos debellar a crise sericicola que atravessamos ha muitos annos».

D'isto se conclue que o desenvolvimento da sericicultura depende hoje quasi exclusivamente da iniciativa particular, o que não será muito facil obter-se, visto que é apreciavel o numero de elementos dispersos que se torna indispensavel fazer convergir para um unico centro de acção.

Nós somos, systematicamente, apologistas das grandes emprezas, quando bem dirigidas technica e economicamente; e, na sericicultura trasmontana, e ainda na Beira trasmontana, quer-nos parecer que reside um futuro brilhantissimo para uma empreza que, economicamente quizesse explorar esta importante industria.

A fórma como tal empreza deveria encaminhar a sua exploração não seria estudo muito trascendente desde que, com ella collaborassem o Estado e o Municipio, cedendo terrenos apropriados para plantações e viveiros de amoreiras, isenções de contribuição por determinado tempo, tarifas especiaes de conducção nos caminhos de ferro, cedencia de sementes, etc., e a empreza construiria as pequenas sirgarias aconselhadas pelo distincto agronomo Menezes Pimentel, e pagaria a mão d'obra com uma quota parte da producção de cada pequeno estabelecimento.

Parece-nos, realmente, empreza de futuro largo, e de resultados praticos muito mais convidativos, do que os de tantas outras que todos os dias apparecem nos centros de mais actividade.

C. M.

Exposição do Rio de Janeiro

A *Illustração Trasmontana* far-se-ha representar n'este importantissimo certamen, não só expondo quantidade de exemplares dos numeros publicados, mas tambem uma interessante e valiosa collecção de quadros com originaes artisticos que serviram para a confecção d'esses numeros. N'elles figuram as incomparaveis *sanguineas* de Antonio Carneiro — *O Bispo de Vizeu*, *Guerra Junqueiro* e *Fernão de Magalhães;* carvões notaveis e desenhos á penna de Christiano de Carvalho — *O Cavador*, *D. João*, *A*

([1]) A **avicultura** e **cunicultura**, seriam tambem industrias importantissimas na nossa provincia, se se lhe desse o desenvolvimento preciso e se se pozessem em pratica os modernos processos indicados pela sciencia. Não seria a industria domestica ou caseira a preferivel; mas a grande industria, explorada por parcerias, emprezas ou companhias regularmente providas de todos os elementos indispensaveis para um exito seguro.

No paiz tem-se feito isoladas tentativas, sempre infructiferas, quando lá fóra tem dado excellentes resultados, porque no geral lhes tem faltado competencia technica e elementos de ordem economica. E, a proposito, ahi vae um exemplo: Ha tempos, pessoa dotada de regulares conhecimentos technicos propoz-se montar um estabelecimento avicola no Porto. Conseguiu socio capitalista que subscreveu com 400$000 réis; no fim de mezes o viveiro tinha uns centos de gallinhas, e, em incubação, uns centos de ovos.

Surgiu de repente uma pequena epidemia que victimou alguns bicos, uns 10 %. Foi o bastante para um prejuizo total e liquidação tragica do socio industrial. O capitalista apavorado, e porque não vira já triplicado o seu capital ao fim de seis mezes, desistiu em absoluto da empreza e mal disse a hora em que se metteu em tal negocio, porque foi explorado no seu rico dinheiro!

E é este o grande mal do nosso capitalista, que não sabe esperar, que não vê e que não tem o criterio necessario senão para observar que o melhor emprego de capital é em papeis de credito e na construcção de *ilhas* infectas para explorar ignobilmente o misero proletario!

A industria nacional não progride porque o capital lhe nega o seu concurso; e se alguma coisa se tem feito, é com o auxilio do capital de origem estrangeira!

(Nota da redacção).

Romeira, etc. Artisticos e originaes *encadremants* e um mappa da provincia trasmontana por Carlos de Magalhães, etc., etc.

Joaquim de Vasconcellos Interrompeu, temporariamente, a publicação dos seus interessantissimos artigos na *Illustração Trasmontana* este nosso prezado amigo e collaborador durante o periodo que, para serviços officiaes, que se ligam com a proxima exposição do Rio de Janeiro, lhe é absolutamemte indispensavel.

Aviso importante No intuito de corresponder aos serviços que todos os nossos presados conterraneos e amigos nos vão, evidentemente, prestar, angariando-nos apreciavel numero de assignaturas, unica fórma de vingar o nosso patriotico emprehendimento, fica desde já assente que, para tão prestimosas pessoas, o preço da sua assignatura deixa de ser o que n'outro logar vae indicado, para ser o que a tabella seguinte estabelece, variavel e em relação com o numero de assignaturas pagas que cada uma possa obter.

Quantidade de assignaturas angariadas e pagas	Preço da assignatura para o angariador
1	2$250
2	2$000
3	1$700
4	1$500
5	1$250
6	1$000
7	750
8	500
9	250
10	**Gratis**

Para que as assignaturas apresentadas pelas pessoas que desejam aproveitar-se do desconto acima indicado, sejam consideradas válidas, é indispensavel que o apresentante realize o respectivo pagamento na occasião de satifazer a sua assignatura.

A administração d'esta revista encarrega-se sómente da distribuição do jornal de taes assignantes, e nunca da respectiva cobrança.

Nota: — **Na contagem das assignaturas obtidas não póde ser incluida a da pessoa encarregada da angariação.**

A Empreza.

Collaboração

Collaboram n'este **numero 4** os ex^mos^ snrs.:
BASILIO TELLES—*Fernão de Magalhães.*
DANIEL RODRIGUES—*Folk-lore Trasmontano.*
DR. EUGENIO PIMENTEL—*Ignacio Pizarro.*
DR. MANOEL MONTEIRO—*O Corgo em Villa Real.*
J. SAMPAIO ARIÃO—*Favaios* (monographia).

Illustrações — FERNÃO DE MAGALHÃES, soberba sanguinea do nosso estimavel collaborador e eminente artista Antonio Carneiro.

Collaboração photographica — Illustram este numero, com excellentes photographias, os snrs. Sampaio Arião, Antonio Lopes Martins e Simão Guimarães.

Summario do supplemento

AO PUBLICO, aviso importante.

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA, applausos d'alemmar.

O FUTURO DAS TERRAS TRASMONTANAS, resposta ao questionario estabelecido no n.º 3 da *Illustração Trasmontana*; FOMENTO ECONOMICO, por *C. M.*; PHENOMENO DE RADIOACTIVIDADE EM VINHAES; SERICICULTURA PORTUGUEZA, por *C. M.*; Por Traz-os-Montes; Exposição do Rio de Janeiro; noticias diversas, etc.

Informação interessante A direcção d'esta revista na presumpção de que encontraria, nos quinhentos e tantos parochos que pastoreiam o grande rebanho das familias trasmontanas, apreciaveis cooperadores para a monumental obra do resurgimento da nossa provincia, tomou a resolução de se lhes dirigir singularmente, solicitando-lhe os seus valiosos serviços, que poderiam limitar-se a indicações uteis, conforme eram apontadas na circular que lhes remetteu.

Até hoje, dois, apenas, se dignaram responder; o que nos capacita que só dois comprehenderam o alcance economico e social da nossa tentativa, ou que todos os outros não poderam aida, sem prejuiso dos seus deveres profissionaes, dispor de alguns momentos para nos attender.

Como se vê, n'esta respeitavel classe, o proverbial amor patrio trasmontano, não deixa de se manifestar...

Viagem de propaganda Em substituição do director d'esta revista, que projectava pessoalmente dirigir os serviços de propaganda na provincia transmontana, deve seguir no proximo dia 15 de maio para a Regoa, para iniciar estes trabalhos, o snr. Carlos Pereira Cardoso, intelligente

collaborador photographico da *Illustração Trasmontana.*

Simultaneamente, este nosso amigo, tratará de assumptos relativos á sua profissão, que exerce com notavel brilho e destaque.

E' de esperar que todos os nossos conterraneos, amigos e comprovincianos lhe dispensem afavel acolhimento e a mais franca e valiosa coadjuvação.

EXPEDIENTE

Não obstante toda a boa vontade e esforços empregados pela administração d'esta revista para que ella seja publicada com regularidade dentro do praso previamente estabelecido para a sua distribuição, razões de ordem official o tem impedido, e a que não são estranhos o desleixo e a preguiça nacionaes de que enferma profundamente a nossa burocracia.

A *Illustração Trasmontana* é impressa em papel de fabrico inglez; e uma das remessas d'este producto, que nos devia ser entregue em principios de março, só foi possivel obter-se em 9 de maio, porque o ronceirismo alfandegario nos deteve illegalmente a remessa armazenada, sem sombra de consideração pelos prejuizos causados. E não ha para onde recorrer desde que a maldita *doença* já ataca toda a esphera burocratica.

Resta-nos, pois, solicitar dos nossos prezados amigos e assignantes obsequiosa desculpa de tão grave falta, que se procurará evitar de futuro, devendo, com o numero relativo ao mez de junho, ficar restabelecida a regularidade da distribuição.

Muitos assignantes tem-se queixado da falta de numeros da *Illustração*. Semelhante falta só póde ser atribuida ao pouco escrupulo com que é feito o serviço do correio, visto que, na administração, é sempre feito, com todo o cuidado, a respectiva remessa.

Para futuro, e já a contar d'este numero, devem terminar semelhantes abusos, porque o serviço de distribuição é feito collectivamente nas localidades onde se póde estabelecer tal serviço. N'estas condições, qualquer reclamação de numeros extraviados deve ser feita ao chefe da respectiva estação do correio.

CAFÉ E GRANDE HOTEL «TOCAIO»

VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario — *Adriano Rocha.*

SUPPLEMENTO

ao n.º 5 da

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

28 A 36 PAGINAS, GRANDE FORMATO

Publica-se nos dias 15 a 30 de cada mez

DIRECTOR

CARLOS DE MAGALHÃES

ARCHIVO PITTORESCO, LITTERARIO, ARTISTICO E SCIENTIFICO DAS TERRAS TRASMONTANAS

COLLABORAÇÃO LITTERARIA, SCIENTIFICA OU ARTISTICA DOS EX.MOS SNRS.

Dr. ABILIO GUERRA JUNQUEIRO · ADELINO SAMARDÃ · Dr. AFFONSO CORDEIRO · ALBINO LOPO Dr. AMILCAR DE SOUZA · Dr. ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO · ANTONIO CARNEIRO AUGUSTO CEZAR RIBEIRO DE CARVALHO · AUGUSTO NOBRE · BASILIO TELLES · Dr. CARLOS ALVES CHRISTIANO DE CARVALHO · DANIEL RODRIGUES · Coronel DOMINGOS CORRÊA · ERNESTO DE VASCONCELLOS · GONÇALO SAMPAIO · Dr. HENRIQUE FERREIRA BOTELHO · JOÃO AUGUSTO RIBEIRO · Dr. JOÃO AYRES D'AZEVEDO · Dr. JOÃO BARREIRA · JOÃO IGNACIO DE MENEZES PIMENTEL · JOAQUIM DE VASCONCELLOS · P.e JOSÉ AUGUSTO TAVARES · JOSÉ MARIA ALVES TORGO · JOSÉ MAXIMIANO CORRÊA DE BARROS · Dr. JOSÉ MOURÃO · JULIO BRANDÃO · Dr. MANUEL DA COSTA ROCHA · MANUEL DUARTE D'ALMEIDA · Dr. MANUEL LARANJEIRA · Dr. MANUEL MONTEIRO · P.e MIGUEL JOSÉ RODRIGUES · ROCHA PEIXOTO · Dr. TRINDADE COELHO · VIEIRA DA COSTA · Etc., etc.

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

ADMINISTRADOR

ANTONIO AUGUSTO CORRÊA

TELEPHONE N.º 942

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DE CEDOFEITA, 95, 1.º — PORTO

END. TELEGR. — EFFECE

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias	2$500
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

·· PAGAMENTO ADEANTADO ··

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de desconto

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

∴ Photogravuras das officinas de Christiano de Carvalho rua de Cedofeita, 95 — Porto

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Comp. e imp. na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna rua da Fabrica, 80 — Porto. ∴

Ao publico

Aviso importante

Desejando a Empreza da *Illustração Trasmontana* corresponder amavelmente ás diarias solicitações, que lhe tem sido feitas, para que se estabeleça a venda avulsa d'esta revista, como processo mais commodo para a sua acquisição, ainda mesmo por preço superior ao da respectiva assignatura, resolveu, desde o n.º 4, estabelecer o preço de **250** réis para cada numero, pagos no acto da entrega, mas só nas cidades do Porto e Lisboa, effectuando-se esta venda na administração da revista ou nas livrarias.

Para este effeito é destinado, apenas, restricto numero de exemplares; e, por tal motivo, a Empreza não póde tomar o compromisso de servir todas as requisições que lhe sejam feitas para este fim, ao contrario do que succede para o serviço da assignatura.

Os numeros já publicados foram, para este effeito, postos á venda; e no proprio interesse do publico muito convirá não demorar os pedidos para evitar que elles sejam feitos depois de se haver esgotada a edição destinada a este serviço especial de venda avulsa. O expediente de assignaturas, porém, continúa como até agora; isto e, só se tomam inscripções para toda a série, desde o 1.º numero inclusivé.

Aos senhores assignantes

Um esclarecimento indispensavel

Para quem bem conhece os entraves, as contrariedades e as peias de toda a ordem que é necessario vencer para a publicação regular de uma revista, que pretenda ir um pouco além da vulgaridade insipida, não são necessarios avisos ou prevenções que deem nota de qualquer irregularidade de distribuição.

Para quem conhece a technica complexa de uma publicação d'esta natureza, que depende de elementos tão dispersos e tão difficeis de reunir, será um facto, perfeitamente justificavel, semelhante falta, em boa verdade só prejudicial, porque lhe rouba a actualidade, a publicações noticiosas.

Todavia é sempre desagradavel, especialmente para quem não calcula o labor que demandam estas emprezas, a falta de pontualidade e o rigor da publicação nos periodos estabelecidos.

Não é este um facto isolado, porque é consequencia do meio doentio em que somos forçados a viver, e portanto sob a acção do nacionalissimo habito, profundamente inveterado, de deixar para amanhã tudo aquillo que se podia e devia fazer hoje; mas é uma irregularidade que muito convem evitar e que se vae evitar em breve, graças a novas medidas que a nossa actividade, persistencia e tenacidade farão vingar.

Não escaceiam applausos, não fenece a empreza á mingua de auxilio material, que de toda a parte lhe é abertamente facultado; mas rareou o que se torna indispensavel para a vida brilhante de uma revista — a pontual collaboração!

Este inconveniente, porém, póde julgar-se removido pela acção de medidas salutares que estão postas em pratica, e assim a normalidade da publicação fica garantida e a coberto de tão desagradaveis eventualidades.

Para este fim o plano inicial foi profundamente modificado, não só no que diz respeito á administração e direcção, como tambem na constituição da empreza, que passa a ser exclusivamente trasmontana, e com uma organisação tal que será mais um penhor seguro do exito da revista, como n'um dos proximos numeros se fará publico.

Por escriptura lavrada nas notas do tabellião Maia Mendes, d'esta cidade, foi dissolvida, de commum accordo a sociedade commercial que n'esta cidade girava sob a razão de FRANCISCO COIMBRA & C.ª, estabelecida na rua do Rosario, 239, 1.º, editora e proprietaria da revista «Illustração Trasmontana» ficando todo o activo da firma extincta a cargo do socio M. Carlos de Magalhães, que continuará a publicação da revista. Não figura n'esta escriptura nenhum passivo por o não accusar o respectivo balanço; e se algum apparecer, porém, ficará a cargo do ex-socio, snr. Francisco Coimbra, a sua liquidação.

Toda a correspondencia relativa á empreza da «Illustração Trasmontana» deve ser dirigida ao seu director Carlos de Magalhães — rua de Cedofeita, 95-1.º — Porto, para onde foram mudados os escriptorios da revista.

Carteira

Interrogam-nos alguns assignantes se esta revista poderá crear uma secção onde se registem casos e occorrencias de interesse mundano, como casamentos, anniversarios, festas sportivas, chronicas balneares, soirées, etc., etc.

Sim senhores, não ha duvida nenhuma em se abrir tal secção, no *Jornal do Mez*, sob o titulo que epigrapha esta noticia, desde que seja compativel com o espaço disponivel, e desde que o assumpto não tenha accentuado caracter commercial, porque então só poderá ter cabimento n'outra secção.

Podem, pois, os interessados enviar-nos, n'esta conformidade, as suas chronicas ou notas.

A região trasmontana no Parlamento

Na sessão de 25 de maio do corrente anno, da Camara dos senhores deputados, referiu-se o snr. dr. João Henrique Ulrich á nossa região, o que representa um valioso e alto favor, que nos cumpre agradecer.

As considerações do illustre deputado foram, em resumo, as seguintes:

1.ª Que a percentagem da população rural é de 78,7 %;

2.ª Que a percentagem de analphabetos é de 83,3 %;

3.ª Que a percentagem de terrenos incultos é de 64 % da superficie de todo o districto;

4.ª Que n'este districto o usurario chega a exigir 75 % de juro;

5.ª Que n'esta provincia, tão rica e fertilissima, ha muitas terras incultas, optimas para prados e para a cultura de cereaes, azeites, amendoas, etc.;

6.ª Que as condições dos trabalhadores são deploraveis e tendem a peorar e, por isso mesmo, por toda a parte ha falta de recursos, vendo-se esta pobre gente obrigada a emigrar.

Acceitando como exacta a percentagem da população rural, passando em claro sobre a percentagem de analphabetos, que é realmente de causar calafrios, detenhamo-nos um pouco sobre a percentagem dos terrenos incultos.

Segundo o illustre deputado em referencia, dois terços da terra trasmontana andam incultos, sendo apenas cultivada a terça parte.

O conselheiro Elvino de Brito, que, como toda a gente, poderia ter commettido erros, mas que, como pouca gente, prestou relevantes e perduraveis serviços á agricultura do seu paiz, tambem se impressionou com o estado da região trasmontana, a que procurou accudir com remedios, como se prova pelos decretos n.os 1, 2, 3 e 4 de 27 de outubro de 1898.

E se esses decretos não produziram o beneficio que d'elles havia a esperar, é porque n'este paiz só houve ainda sequencia no plano de reconstituição viticola.

No relatorio que precede os referidos decretos, é computada a superficie da região trasmontana em 1.111:556 hectares, contendo uma extensão inculta de cêrca de 700:000 hectares e uma area cultivada de perto de 400:000 hectares.

Estes dados condizem approximadamente com os do illustre deputado snr. dr. João Ulrich.

A respeito do districto de Brangança, importa porém entender-nos a respeito de terrenos cultivados e incultos.

Genericamente, ha a considerar a cultura agricola e a cultura sylvicola.

N'este districto, se ha a cultura agricola extensiva, falta a cultura florestal, o que é uma grande calamidade, ou a principal calamidade d'esta região.

Depois da crise phylloxerica, e principalmente desde a lei dos cereaes, todos esses mattos de estevas, giestas, arção, etc., que por ahi se veem pelas ladeiras do nosso districto, andam em cultura cerealifera, com poisio morto, de 3 a 8 annos, segundo a maior ou menor fertilidade das encostas e a menor ou maior escassez de estrumes.

No anno do poisio alqueivado é a terra *decruada*, o matto logo semi-arrancado pelo arado e pelado á mão, sendo queimado, depois de secco, na propria terra, que leva ainda a *entravessa* e a lavoura de sementeira, e nada mais.

Em regra, no terceiro anno, torna a terra a andar em poisio alqueivado, para produzir cereaes no quarto anno, sendo depois abandonada ao poisio morto.

E' pois a este poisio morto que se tem chamado terreno inculto?

Se estas ladeiras não andam todos os annos em cultura, é porque são de terra sêcca e magra e só podem produzir trigo, centeio, pardas, (garroba) e, pelos regatos, algum painço, de annos a annos, emquanto existe alguma materia organica, resultante da vegetação expontanea e dos restolhos.

Quando são estrumados a gado lanigero, ou caprino, alterna então o anno de colheita com o de poisio alqueivado e estrumado, cessando o poisio morto.

Se os annos correm favoraveis, ainda se tiram, de centeio, 6 a 7 sementes, ou 7,8 a 9 de trigo; mas quando, como este anno, essas ladeiras dão apenas 2 a 3 sementes de centeio, ou 4 a 5 de trigo, sobrecarregadas de mais a mais com o preço dos superphosphatos, como ha de prosperar a lavoura, como podem ser desafogadas as condições do trabalhador, a quem comtudo se não falta com o salario?!

A nosso vêr, os taes suppostos dois terços de terra inculta, que têm sido reputados como um grande mal para a região trasmontana, deveriam até ser considerados beneficos, se por ventura existissem, porque se aproveitariam os sobreiros, os zambujeiros, os mattos rasteiros que brotam pelas fragas da terra quente e andariam assim arborisadas as ladeiras, trazendo chuvas a esta região sêcca e ardente e regularisando-se os cursos d'agua, que poderiam ser melhor utilizados para regas.

Já então estes valles estreitos poderiam ser explorados em cultura intensiva e dar productos remuneradores, e até as encostas se desentranhariam em magnificos lameiros, arroteando os actuaes para batatas, beterraba, milho, feijões, couves, etc.

Mas, emquanto não houver leis que obriguem a deixar incultos os taes dois terços de terra trasmontana e a guardal-os rigorosamente do vandalismo indigena e d'essa alluvião de cabras, que, nos ultimos annos, invadiu a terra quente, não póde haver prosperidade n'esta agricultura.

Tal prosperidade só póde vir pela cultura intensiva das boas terras regadas, pela arborisação das encostas, por sabias leis, que se cumpram a valer, sobre regime de propriedade, pastoreação de gados, pela morigeração dos costumes, pelo amor ao trabalho e por uma judiciosa economia.

Quanto a dinheiro barato nas condições em que tudo isto se encontra, deveria ser primeiro que tudo applicado ao aproveitamento e derivação das

aguas dos rios, ribeiros e nascèntes, á drenagem dos lameiros e ainda á acquisição de adubos chimicos, porque uma agricultura sem agua comeria todo esse dinheiro e muito mais, entregando depois as chavasqueiras aos crédores, para que as cultivassem.

Cubram-se de vegetação essas encostas hoje desnudadas, aproveite-se pelo menos essa agua que anda á vista e digam-nos se calôr, agua e estrume não serão capazes de fazer agricultura prospera.

Todas essas courellas regadas e regularmente estrumadas, as *hortas*, esses pequenos oasis, esses jardins dos nossos lavradores, não produzem ellas feijões, aboboras, cebolas, tomates, pimentos, couve villã, couve troncha, couve-flôr, repolhos, melões, melancias, pepinos, linho, batatas e depois no inverno, nabiças, cevada, etc.?

E não ha exemplos de 30 sementes de trigo n'estas boas terras?

Não é vulgar dizer-se que uma horta equivale a uma arca de pão?

Pois bem: as arcas de pão podem augmentar muito em Traz-os-Montes, porque ainda ha muita terra para ser regada e muita que não deve ser agricultada, mas entregue ao regime florestal, porque d'outra fórma arruina o lavrador.

Até me parece que não póde haver duas opiniões em contrario, sobre o destino das terras trasmontanas.

Mirandella, maio de 1908.

João Ignacio T. de Menezes Pimentel
(Agronomo).

Crise duriense

Sobre este importante e momentoso assumpto temos recebido, de varios amigos e comprovincianos, diversos projectos de solução que a competencia ou phantasia de cada um lhes afigura viavel e pratica, mas que não publicamos n'esta revista por nos parecer trabalho inutil ou quasi nullo, desde que a imprensa diaria do paiz se tem occupado de tão magna questão.

De resto, estando aberto o parlamento, onde evidentemente se tratará o assumpto com todo o criterio e proficiencia, a ninguem, com mais proveito, deviam ser dirigidos esses projectos, senão a essa assembleia, certamente constituida pelos representantes do paiz, e de preferencia servindo de intermediarios os senhores deputados por Traz-os-Montes, que se devem interessar com amor e patriotismo por tão valiosa discussão.

E por estas razões, perfeitamente sensatas, como devem comprehender os nossos amigos, a *Illustração Trasmontana* querendo cooperar dentro das suas forças para o bom *desideratum* desejado pela maioria dos nossos patricios, solicitou telegraphicamente de alguns dos seus collaboradores, que são tambem homens publicos, eminentes na politica portugueza, toda a sua boa vontade a favor da causa de tamanha magnitude e de que depende o futuro economico, não só d'uma importante parte da nossa provincia, como de todo o paiz.

Não vae, decerto, pesar na solução da crise esta ligeira interferencia, mas serve para provar que a *Illustração Trasmontana* se interessa em absoluto por tudo o que diga respeito ao desenvolvimento e riqueza da nossa provincia.

O jogo

Alguns dos nossos presados assignantes e amigos solicitam a nossa intervenção, que se lhes afigura benefica, para se conseguirem as indispensaveis providencias que impeçam o uzo do jogo illegal que se patenteia em muitas povoações da provincia, especialmente em occasião de festas e feiras, e que tão lamentaveis occorrencias tem originado, até ao assassinato. O caso é grave, não ha duvida, ou antes bem lamentavel, porque justifica, primeiro que tudo, a fórma incorrecta como procede a auctoridade administrativa local.

Mas que poderemos nós fazer para que a lei lá se cumpra, se por cá, n'estes *civilisados* centros, onde a auctoridade dispõe de grande força policial, tambem a não póde fazer cumprir?

Melhor que nós, a imprensa local, *que não deve ir feita*, poderá conseguir as desejadas providencias.

Castellos de Chaves e Bragança

O nosso presado collaborador snr. Albino Lopo parece ter conseguido do governo verba precisa para as despezas de conservação dos castellos de Chaves e Bragança, ha muito lançados quasi a absoluto abandono.

E' realmente louvavel e meritoria a iniciativa do nosso amigo e tem jus a parabens por esta verdadeira lança mettida em Africa! Conseguir dos governos uma verba em beneficio de Traz-os-Montes, e para conservação de monumentos, não é empreza para qualquer! E que o digam os illustres magistrados que tem tido a seu cargo o governo superior dos districtos trasmontanos.

E' verdade que a solicitude d'estes funccionarios não tem ido ao extremo de olhar por estas frioleiras; todavia, de vez em quando, n'um descanço da faina politica, não lhes ficaria mal occuparem-se d'estes assumptos, chamando a attenção dos governos para que despertem essa chamada *Commissão de monumentos nacionaes* que, na nossa provincia, tem lançado ao abandono verdadeiras perolas artisticas.

Para exemplo lembramos ao dignissimo governador civil de Bragança esse mimo artistico e famosa obra do seculo XII, hoje absolutamente abandonada, — a egreja do Castello da Lavandeira, em Anciães.

Pela sua parte, a *Illustração Trasmontana*, vae proceder no sentido de arrancar essa preciosidade ao criminoso esquecimento; mas, a intervenção official, n'um paiz como este, todo cheio de formulas, é em absoluto indispensavel.

E cremos que com ella poderemos contar.

A luz de Santa Cruz
(Vinhaes)

Na revista portugueza *O Occidente* publiquei uma memoria sobre a radio-actividade da agua de Santa Cruz e duas provas photographicas obtidas pela acção da mesma agua com as chapas convenientemente resguardadas [1].

Na sessão de 24 de janeiro de 1906 foi apresentada pelo snr. Muñoz del Castillo uma memoria descriptiva do phenomeno luminoso de Vinhaes feita por mim e acompanhada de provas photographicas obtidas com o minerio de Santa Cruz. Na *Revista de Chimica Pura e Applicada* do snr. Conselheiro Ferreira da Silva a paginas 116 lê-se o seguinte: «Por alguns ensaios feitos no Laboratorio Municipal parece não admittir duvida que a substancia das ditas rochas é radio-activa». O auctor refere-se ás amostras das rochas enviadas por mim ao snr. Muñoz del Castillo.

Na revista *Anales de la Sociedad de Fisica e Quimica,* de Madrid, o snr. Muñoz del Castillo publica os seguintes resultados das suas experiencias sobre as amostras de rocha que lhe enviei:

Roca pulverisada (segundo envio).

4,33 voltios hora 100 gr., experimento del mes de Enero.

Trés trozos de magnetita (segundo envio).

I. Pulverisado: 17,18 voltios, hora, 100 grammos.

II. Pulverisado: 41,92 voltios, hora, 100 grammos.

III. Pulverisado: 9,92 voltios, hora, 100 grammos.

Jaspe negro con vetillas de quarzo e otras substancias (segundo envio).

Pulverisado: 10 voltios, hora, 100 grammos.

Consequencia: Si de tan escassos y deficientes datos pudiera sacar-se alguna, seria esta: que el terreno no és radio-activo, pero que en el existem dessiminadas una ó varias substancias que lo son.

Veja-se a mesma revista de fevereiro de 1906.

O snr. Muñoz del Castillo é director do Laboratorio da Universidade Central de Madrid e uma auctoridade competente.

Segue agora o parecer do snr. Marckwald, um dos mais notaveis sabios da Allemanha, director do Laboratorio da Escola Superior de Berlin:

«Die mir übersandten Radio—gramme lassen Reinen Zweifel dass Sie radio-active Gesteine aufgefunden haben».

Traducção:

Os radio-grammas que me enviou não deixam duvida nenhuma que V. achou rochas radio-activas.

(Carta de 21 de abril de 1906).

O mesmo illustre sabio em 20 de junho de 1906 escreve-me:

«Auch nach der Entfernung dieses Stoffes bleibt dem Wasser etwas zurück, was durch Pappe hindurch auf die photographische Platte wirkt».

Traducção:

Depois da eliminação d'esta substancia (acido sulfuroso) fica na agua qualquer cousa que actua na chapa photographica atravez de cartão.

E accrescenta:

«Vielleicht ist es Radium emanation»: provavelmente é emanação de Radium.

Esta carta foi-me enviada depois dos primeiros ensaios. Depois dos ultimos, a terceira remessa de agua, o snr. Marckwald envia-me esta carta que traduzo textualmente na integra:

Berlin W. 50 Pragerstrasse 5 Den 28 II 07.

Ex.mo Collega

A agua que me enviou chegou aqui a 21 de março.

Com um apparelho muito sensivel ainda não pude determinar que ella não contenha Radium, mas contém emanação de Radium. Como esta em quatro dias é reduzida a metade, pude eu calcular que a fonte é muito rica em emanação radio-activa, como muito poucas conhecidas, por exemplo: Gastein, Wiesbaden e Baden-Baden. Certamente não é a actividade da agua tão grande que se lhe possa attribuir o phenomeno luminoso. Parece-me propria a occasião para procurar rocha radio-activa na proximidade da fonte. O governo do seu paiz devia interessar-se por esta questão. Entretanto desejaria perguntar se a agua tem alguns effeitos medicinaes para a gotta e rheumatismo.

Com os mais cordeaes cumprimentos

Muito respeitador

W. Marckwald.

Publico esta carta por ser um documento scientifico que conservo e cujo texto posso reproduzir photographicamente.

Tambem depois d'esta affirmação tão cathegorica não investiguei mais nada, porque tambem mais nada necessitava para me segurar na minha convicção.

Aquella fonte tem valor, mas não para o nosso paiz onde só se trata de politica.

Por isso digo — *audite posteri...*

MIGUEL JOSÉ RODRIGUES.

---

(1) Veja-se *O Occidente* de 20 de abril de 1906.

Novos applausos

Não tem sido só do paiz, principalmente da nossa provincia trasmontana, e dos presados patricios que mourejam na florescente Republica Brazileira, que temos recebido as mais enthusiasticas saudações e as mais penhorantes provas de estima, que tanto nos animam e incitam a proseguir cheios de fé no futuro brilhante d'esta revista; são tambem os nossos amigos, filhos da nossa bella provincia que labutam nas inhospitas regiões coloniaes que nos dispensam o mais franco apoio e valiosissima cooperação, como se prova pela documentação epistolar interessante, ultimamente recebida.

E para que bem se avalie o grau de satisfação que anima os nossos patricios, afastados da patria querida, ao receberem a *Illustração Trasmontana*, não nos podemos esquivar ao prazer de aqui transcrever parte d'uma d'essas penhorantes cartas, uma verdadeira mensagem, que sobremodo nos captiva:

«Lourenço Marques, 2 de maio de 1908.

Ill.^mo *e Ex.*^mo *Snr. Carlos de Magalhães*, Porto:—A *Illustração Trasmontana* tem tido um acolhimento agradavel n'esta terra.

Todos os trasmontanos são unanimes em manifestar a V. Ex.ª o grande interesse que tal publicação lhes despertou. Bemdita cruzada esta a que V. Ex.ª se votou, afim de levantar a nossa terra do nivel rasteiro em que se encontrava, quando a comparavamos ás outras provincias!

Uma provincia tão rica de pittorescas paisagens, tão agradavel á vista nos seus desmesurados relevos e da qual ninguem até hoje fez caso algum! Quantas vezes, phantasiando, não tem sido o meu sonho doirado poder e saber manejar a penna para, em bellos alexandrinos, cantar bem alto os encantos da nossa terra!

Tenho, e todos nós, os que habitamos estas torridas paragens um desejo ardente do progresso da nossa provincia; por isso, em nome dos nossos conterraneos e patricios, saudo a V. Ex.ª por tão bella iniciativa e faço votos para que a *Illustração Trasmontana* tenha muitos annos de vida».

. . . .

Antonio da Costa Junior.

E como esta outras muitas cartas, devendo tambem especialisar-se as dos presados patricios snrs. Antonio Botelho de Carvalho, de Novo Redondo, e do snr. Luiz Botelho Junior, digno chefe do concelho do Ambriz.

A todos, o nosso reconhecimento e a expressão sincera da nossa alta estima.

O FUTURO DAS «TERRAS TRASMONTANAS»

Em resposta ao questionario formulado no n.º 3 da *Illustração Trasmontana*, sob o titulo que nos serve de epigraphe, temos recebido varias cartas, mais ou menos interessantes, todas dictadas com o patriotico fim do progresso da nossa provincia, é certo, mas nem todas de molde a poderem ser reproduzidas, já por demasiado extensas, já por abordarem assumptos que não teem bem relação com a doutrina do questionario.

Entre todas, porém, algumas ha de incontestavel valor, que a seu tempo serão aqui publicadas, registando apenas hoje uma parte, que ao assumpto diz respeito, da que recebemos do nosso illustre collaborador snr. Vieira da Costa:

«Tem-se discutido, e V. mais que ninguem, os meios de valorisar esta região; mas entre os muitos alvitres, tem esquecido dois principaes.

E' inutil contar com o capital: esse só para cousas de rendimento immediato. Apenas com o elemento popular, um pouco ajudado e instruido sobre o que deve fazer, se póde contar.

Mas para isso é preciso:

1.º O aforamento dos baldios em larga escala;

2.º A reducção, a um ou dois por cento, nos direitos de transmissão.

Actualmente, estes direitos, são de 9 ou 10 por %. Nas compras illude-se a lei por tal fórma que não ha ninguem que não leze o estado em, pelo menos, dois terços. No aforamento não póde illudir-se.

O emprazamento d'uma terra cedida por um conto de réis, exige de cizas, sellos, trabalho de escrivão e mais alcavalos 100 ou 120$000 réis,—e onde ha-de ir o pequeno agricultor buscal-os?

Um aforamento que isentasse de fôro por cinco annos as terras susceptiveis de lavra, e por dez os destinados a arborisação, poderia reter na provincia muitos que hoje vão procurar fortuna em longes terras. Mas estes precisam de auxilio,—e é isto que falta.

Não se esqueça V. de tratar da reducção das cizas, mostrando os inconveniente de um alto preço.

Na Inglaterra é de 2 a 2 ½ por cento; aqui é de 10, afóra o mais».

. . . .

Salgueiral da Regoa, maio de 1908

Vieira da Costa.

Os inconvenientes d'esta deshumana e barbara legislação são conhecidos por todos; não ha necessidade de aqui se registarem; mas o que falta aos dirigentes é crear receita capaz de substituir a importante verba que resulta d'esta organisação. O thesouro publico não a póde dispensar, como não póde dispensar a decima de juros exorbitantissima, como não póde dispensar a incomprehensivel contribuição da renda de casas e tantas outras iniquidades, desde que, sorvedouros insondaveis como pagodeiras officiaes, campanhas politicas e outros *adeantamentos* absorvem todos os rendimentos publicos.

Mas contra este estado de coisas não podemos nós, trasmontanos, oppôrmos forte resistencia: deve fazel-o todo o paiz, porque a todo o paiz a questão egualmente interessa e beneficia.

E esta resistencia só poderá tornar-se effectiva quando o parlamento fôr composto de representantes authenticos e directos da nação, e nunca por individuos nomeados pelo ministerio do reino; ou quando o paiz, por si, se julgue educado e com força para se impôr.

Por uma ou outra fórma a solução ainda vem longe; e em breve a *Illustração Trasmontana*, se o actual periodo legislativo se prolongar, provará o asserto, solicitando dos senhores deputados por Traz-os-Montes, os seus bons esforços para que alguns dos alvitres publicados no *Futuro das Terras Trasmontanas* e por signal bem interessantes e absolutamente praticos, sejam convertidos em projectos de lei a submetter a apreciação d'aquella assembleia parlamentar.

Melhoramentos publicos

Nova ponte

Dizem os jornaes que o governo, querendo attender ás solicitações do snr. governador civil do districto de Villa Real, vae auctorisar a construcção de uma ponte sobre o rio Valle de Perdizes, sómente para minorar as precarias circumstancias dos povos d'aquella região, do concelho de Montalegre, creadas pela violencia das trovoadas que ultimamente por alli se desencadearam.

Parece tambem que se pretende anniquilar as terriveis consequencias da crise duriense auctorisando varios remendos nas estradas publicas, do districto de Villa Real, no geral em absoluto intransitaveis.

Vê-se, por estas noticias, que não é só a influencia politica que obtem dos governos as concessões indispensaveis para os melhoramentos publicos da provincia trasmontana; é tambem a caridade governamental, muito louvavel e para agradecer, que dos corações empedernidos dos nossos ministros, souberam arrancar as solicitações lacrimosas do illustre chefe do districto em referencia.

Pelo menos as gazetas da provincia assim o annunciam para além Marão, como se realmente o povo trasmontano, sem direitos e sem ter as honras de contribuinte, não tenha outro recurso para obter o que carece dos poderes publicos, senão a humilde imploração de mendigo invalido! E vá que já não é pouco.

E' caso para se desejarem trovoadas diarias, desde que, cada uma, dê pelo menos uma ponte. E ao fim de um anno não haveria pontes de mais.

Os nossos concursos

Um passeio em automovel ás Terras Trasmontanas

Por nos ter sido pedido por muitos assignantes e pessoas que ainda não liquidaram as suas assignaturas, unica fórma de se poder tomar parte n'este interessante concurso, não se realisará em julho proximo o annunciado passeio em automovel, mas provavelmente em setembro, como a maior parte dos concorrentes deseja.

E não só por esta justificavel razão, como pela de estar por effectuar quasi todo o serviço de cobrança de assignatura, acquiesceu, da melhor vontade, a administração d'esta revista ao razoavel e attendivel pedido.

*

Mais uma vez prevenimos os snrs. assignantes da *Illustração Trasmontana* de que, para poderem tomar parte n'este concurso é indispensavel terem em seu poder o recibo por onde provem estar paga a sua assignatura relativa ao primeiro anno. As pessoas que pagam a revista no acto da entrega não podem ser incluidas no sorteio.

Veja-se as condições geraes e plano publicadas nos numeros 1, 2 e 3 d'esta revista.

Estradas

Pelo ministerio das obras publicas foi concedida uma verba para a reparação mais urgente das estradas do paiz e que deverá ser proporcionalmente dividida por todos os districtos do reino.

Aos de Bragança e Villa Real, que compõem a provincia trasmontana, não lhes cabe a tal proporção, porque para outros districtos mais pequenos, e com estradas em melhor estado de conservação foi-lhes arbitrada maior verba, naturalmente porque os influentes politicos, mais habeis que os trasmontanos, souberam tirar melhor partido, a favor dos seus conterraneos, em troca dos serviços prestados aos respectivos chefes. E fazem muito bem.

Se a carneirada eleiçoeira fosse convenientemente encaminhada veriam como Traz-os-Montes não era posta de parte e lançada ás feras.

Assim, emquanto os *caciques* se julgarem bem compensados com o favoritismo de secretarías, não haverá meio de chamar a attenção dos governos para a nossa malfadada provincia. E prégar no deserto, mas vae-se registando... para descargo de consciencia.

As Caldas de Carlão

A justa fama d'estas notaveis thermas do concelho de Alijó, por depoimentos incontestaveis, de effeitos therapeuticos superiores á maioria das nascentes sulphurosas do paiz, não vae muito além das raias do districto ou da provincia, porque a carencia de um salutar fomento expansivo as limita a tão acanhado ambito.

Falta a iniciativa particular, que tão apreciaveis interesses alli encontraria para os seus capitaes, e não ha auxilio official que beneficie e estimule o desenvolvimento economico da região.

Não ha alli, nem poderá haver tão cedo, **porque faltam vias de communicação,** um simples e modesto balneario, um hotel, pelo menos de segunda ordem, nem casas de relativa commodidade para alugar. Não ha nada. Ha apenas nascentes de aguas famosas, que valeriam uma fortuna, e que prestariam relevantes serviços á humanidade que soffre, se a natureza as houvesse collocado n'um paiz onde fosse costume olhar-se por estas coisas, e onde houvesse criterio e bom senso.

O estado, que tem restricto dever de olhar pelo progresso do paiz, não costuma preoccupar-se com estas coisas, se não ha o habitual estimulante politico.

As Caldas de Carlão não têm sequer uma estrada e ponte que as ligue á Brunheda, que é a estação ferro-viaria mais proxima, na linha de Mirandella; todavia, nas proximidades do Cachão construiu-se uma ponte, que não custou só alguns centos de mil réis, **exclusivamente destinada ao serviço particular d'um chefe politico, altamente cotado!**

Ora desde que é este, ao presente, o unico processo de se obterem do estado melhoramentos materiaes, não apparecerá, por Alijó, um influente politico que se imponha para que seja construida a ponte da Brunheda sobre o Tua, e a estrada

que a ligue a Carlão? E' de crer que os povos d'este concelho e de Anciães lhe ficariam deveras gratos, o que decerto não amorteceria o seu prestigio politico.

Seria uma obra de alcance economico para a provincia e que já deveria ter interessado os senhores deputados dos districtos de Villa Real e Bragança.

Voz de Santo Antonio Recebemos a visita d'esta excellente revista mensal illustrada que vê a luz na velha cidade dos arcebispos. Nos numeros presentes podemos avaliar da proficiencia com que os seus collaboradores tratam os variados assumptos ahi versados, bem como do apurado gosto com que se confecciona a parte artistica, muito interessante e educativa. A secção *Sciencia e Industria* constitue um repositorio de conhecimentos digno da attenção dos estudiosos.

Agradecemos a gentileza da offerta bem como a amavel referencia a nós feita e que não podemos deixar de transcrever:

«**Illustração Trasmontana**». — Recebemos os 4 primeiros numeros d'esta excellente publicação artistica, que tem em vista promover os interesses da sympathica provincia de Traz-os-Montes, tão rica em glorias na historia patria e um verdadeiro muzeu escondido de bellezas artisticas, que a *Illustração Trasmontana* se propõe tornar conhecidas. Como publicação artistica é do melhor que conheço em Portugal. Oxalá não deixem os portuguezes, pela sua apathia habitual, morrer logo no seu principio obra de tanto merito».

Lisboa Conforme ficou estabelecido desde o n.º 4 d'esta revista, a venda avulsa da *Illustração Trasmontana*, está auctorisada em Lisboa, sendo, para este effeito, nosso agente, na capital, a **Tabacaria Monaco**, onde o publico se póde dirigir.

Collaboração

Collaboram n'este **numero 5** os ex.^mos^ snrs.:

Dr. Manuel Laranjeira — *Camillo Castello Branco.*

J. Sampaio Arião — *Favaios* — Additamento á monographia publicada no n.º 4 da *Illustração Trasmontana.*

Vieira da Costa e Carlos de Magalhães — *Glossario Trasmontano.*

Rocha Peixoto — *Apódos tópicos.*

Illustrações — Camillo Castello Branco, soberba sanguinea do primoroso pintor Antonio Carneiro.

Collaboração photographica — Clichês do snr. Sampaio Arião e da *Portugalia.*

Summario do Supplemento

João Ignacio M. Pimentel — *A região trasmontana no Parlamento.*

P.^e^ Miguel José Rodrigues — *A luz de Santa Cruz (Vinhaes).*

Diversos. — Aviso importante — Aos senhores assignantes — Carteira — Crise Duriense — O jogo — Castellos de Chaves e Bragança — Novos applausos — «O Futuro das Terras Trasmontonas» — Melhoramentos publicos — Os nossos concursos — Estradas — As Caldas de Carlão, etc., etc.

Nos proximos numeros collaborarão, entre outros, os ex.^mos^ snrs. Dr. Abilio Guerra Junqueiro, Dr. Carlos Alves, Abbade Tavares, Vieira da Costa, Julio Brandão, P.^e^ Francisco Manuel Alves, Joaquim de Vasconcellos, e Conselheiro Antonio d'Azevedo Castello Branco.

Aviso importante No intuito de corresponder aos serviços que todos os nossos presados conterraneos e amigos nos vão, evidentemente, prestar, angariando-nos apreciavel numero de assignaturas, unica fórma de vingar o nosso patriotico emprehendimento, fica desde já assente que, para tão prestimosas pessoas, o preço da sua assignatura deixa de ser o que n'outro logar vae indicado, para ser o que a tabella seguinte estabelece, variavel e em relação com o numero de assignaturas pagas que cada uma possa obter.

Quantidade de assignaturas angariadas e pagas	Preço da assignatura para o angariador
1	2$250
2	2$000
3	1$700
4	1$500
5	1$250
6	1$000
7	750
8	500
9	250
10	**Gratis**

Para que as assignaturas apresentadas pelas pessoas que desejam aproveitar-se do desconto acima indicado, sejam consideradas válidas, é indispensavel que o apresentante realize o respectivo pagamento na occasião de satisfazer a sua assignatura.

A administração d'esta revista encarrega-se sómente da distribuição do jornal de taes assignantes, e nunca da respectiva cobrança.

Nota: — **Na contagem das assignaturas obtidas não póde ser incluida a da pessoa encarregada da angariação.**

A Empreza.

SUPPLEMENTO

ao n.º 6 da

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

— 28 A 36 PAGINAS, GRANDE FORMATO —

Publica-se nos dias 15 a 30 de cada mez

DIRECTOR
CARLOS DE MAGALHÃES

ARCHIVO PITTORESCO, LITTERARIO, ARTISTICO E SCIENTIFICO DAS TERRAS TRASMONTANAS

COLLABORAÇÃO LITTERARIA, SCIENTIFICA OU ARTISTICA DOS EX.MOS SNRS.

Dr. ABILIO GUERRA JUNQUEIRO · ADELINO SAMARDÃ · Dr. AFFONSO CORDEIRO · ALBINO LOPO Dr. AMILCAR DE SOUZA · Dr. ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO · ANTONIO CARNEIRO AUGUSTO CEZAR RIBEIRO DE CARVALHO · AUGUSTO NOBRE · BASILIO TELLES · Dr. CARLOS ALVES CHRISTIANO DE CARVALHO · DANIEL RODRIGUES · Coronel DOMINGOS CORRÊA · ERNESTO DE VASCONCELLOS · GONÇALO SAMPAIO · Dr. HENRIQUE FERREIRA BOTELHO · JOÃO AUGUSTO RIBEIRO · Dr. JOÃO AYRES D'AZEVEDO · Dr. JOÃO BARREIRA · JOÃO IGNACIO DE MENEZES PIMENTEL · JOAQUIM DE VASCONCELLOS · P.e JOSÉ AUGUSTO TAVARES · JOSÉ MARIA ALVES TORGO · JOSÉ MAXIMIANO CORRÊA DE BARROS · Dr. JOSÉ MOURÃO · JULIO BRANDÃO · Dr. MANUEL DA COSTA ROCHA · MANUEL DUARTE D'ALMEIDA · Dr. MANUEL LARANJEIRA · Dr. MANUEL MONTEIRO · P.e MIGUEL JOSÉ RODRIGUES · ROCHA PEIXOTO · Dr. TRINDADE COELHO · VIEIRA DA COSTA · Etc., etc.

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

ADMINISTRADOR
ANTONIO AUGUSTO CORRÊA

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE CEDOFEITA, 95, 1.º — PORTO

TELEPHONE N.º 942

END. TELEGR. — EFFECE

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias	2$500
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

·· PAGAMENTO ADEANTADO ··

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de desconto

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

Photogravuras das officinas de CHRISTIANO DE CARVALHO rua de Cedofeita, 95 — Porto

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Comp. e imp. na Typ. Occidental de PIMENTA, LOPES & VIANNA rua da Fabrica, 80—Porto.

Illustração Trasmontana

Como haviamos previsto e como já se tinha confirmado por correspondencia aqui reproduzida, em minima parcella, a primeira viagem de propaganda e de collaboração photographica, ultimamente realizada em Traz-os-Montes, excedeu muito a nossa previsão optimista, não só na acceitação franca e enthusiastica dispensada a esta revista, como no empenho e boa vontade que todos manifestaram em prestar serviços valiosos de informação ao nosso enviado, que regressou deveras grato e penhorado pela maneira captivante como foi recebido pelos nossos hospitaleiros e obsequiosos patricios da Regoa e Villa Real.

E, realmente, nenhuma outra fórma de proceder era de esperar desde que são incontestaveis, e já proverbiaes, a hospitalidade e generosidade dos trasmontanos, que assim mais uma vez se confirmaram.

No prestante serviço de informações foram de uma requintada amabilidade, para com o nosso collaborador photographico, os ex.mos snrs. tenente Mancellos Pereira de Sampaio, illustre official do exercito, espirito profundamente culto e um obserador de justificadissimo merecimento; dr. Agostinho da Costa Lobo, patricio muito devotado a investigações scientificas, que tanto interessam á nossa provincia, e o reverendo padre Fausto dos Santos Ribeiro, illustre professor em Villa Real, onde conta geraes sympathias bem merecidas pela sua apreciavel erudição, belleza de caracter, e trato affavel e insinuante.

E n'esta especialisação de relevantes serviços não devemos esquecer aquelles que tão amavelmente quiz dispensar-nos o nosso amigo, de Parada de Cunhos, snr. Manuel Botelho, em que se evidenciou a mais franca e desinteressada cooperação.

Representa aquelles nossos amigos a gravura que acompanha estas linhas de agradecimento, copia de um interessante cliché que o nosso photographo obteve no pittoresco logar da Bouça, a caminho da antiga egreja de Mouçós.

A elles, como a todas as restantes pessoas que tanto têm contribuido, por fórma tão captivante, para o desenvolvimento e progresso da *Illustração Trasmontana*, os nossos agradecimentos.

PRIMEIRA VIAGEM DE PROPAGANDA EM TRAZ-OS-MONTES.—NA BOUÇA.
Os nossos prestantes e obsequiosos cooperadores em Villa Real, snrs. tenente Mancellos, dr. A. da Costa Lobo e padre Fausto dos Santos Ribeiro

Fomento sericicola em Traz-os-Montes (1)

E' o titulo d'um capitulo que se encontra no livro do snr. Menezes Pimentel, digno Director da Estação Agricola de Mirandella.

Alli se registam os esforços empenhados pelo governo em restaurar a indùstria da seda, e por elle tambem se conclue que, apesar d'esses esforços, a industria em referencia está hoje na ultima decadencia, sem duvida justificada pelo desalento dos habitantes, e não pela falta de estimulo official.

---

(1) N'um dos numeros passados d'esta revista registamos, em ligeiras palavras, tratando do desenvolvimento sericicola de Traz-os-Montes, a grande conveniencia que resultaria para aquelles povos, se se constituisse uma solida companhia para a exploração d'esta industria.

Agora com prazer notamos que o auctor, nosso illustre patricio, é da mesma opinião, embora não estejamos de accordo na parte que diz respeito ao Estado.

O nosso amigo acha já bastante o que officialmente se tem feito em beneficio d'esta decahida industria; nós, pelo contrario, achamos que ainda se não fez o que se podia ter feito. Até aqui o Estado tem feito aquillo que só elle podia fazer; agora é preciso que faça o que a iniciativa particular tem receio de fazer. Elle reconhece que se trata de uma industria importante para o desenvolvimento economico da provincia e do paiz, e só assim se justifica o que tem gasto no fomento sericicola; pois agora é indispensavel que vá até ao fim para justificar essas despezas e confirmar a sua previsão, fomentando no sentido de se organisar a desejada companhia das sedas, garantindo-lhe sequer um pequeno juro ao capital empregado e participando consequentemente nos lucros, desde determinada importancia.

Feito isto, sim, que podemos dizer que o Estado se interessa pelo renascimento da grande industria sericicola.—*N. da R.*

Pode-se dizer que esta industria está quasi morta, porque os nossos proprietarios ruraes só querem vêr lucros grandes, desprezando os pequenos; isto é, aquelles que só se adquirem á custa de muito methodo e persistencia; e, entretanto, trata-se d'uma industria que está ao alcance de quasi todos os proprietarios ruraes, desde que se adquira n'este particular o methodo e sobre tudo o habito. Se ella não póde originar a grande industria, porque não póde ser feita em grande e intensivamente, póde entretanto promover a riqueza d'uma provincia, se todos ou quasi todos os seus habitantes a cultivarem. Vejamos, pois, quaes são as medidas de fomento e damos-lhes publicidade para que todos se aproveitem das suas vantagens.

O tratado de Methween foi a causa da ruina de muitas industrias que o conde de Ericeira fomentára, mâs ainda assim não paravam as creações de sirgo e a laboração de sedas em Traz-os-Montes e Beira; e as fabricas de Bragança, que tinham 108 teares e occupavam 1:500 operarios, eram afamadas. O balanço de 31 de dezembro de 1769 accusa de receita á Real Fabrica de Seda 1.208:448$878 réis. Foi o periodo aureo da nossa industria de seda. Hoje orça tambem por ahi a nossa importação.

A revolução de 12 d'agosto de 1773 concede ás fabricas de Bragança e seu districto o privilegio de isenção de direitos.

Em 1788 são confirmados os estatutos das escolas de fiação da seda em Traz-os-Montes e monta-se em Chacim a escola primaria com trinta e duas caldeiras de fiação, estabelece-se na mesma casa um filatorio, e criam-se as escolas secundarias em Valpassos, S. Fins, Villarelho e Lebução, ao passo que filatorios ambulantes percorriam as terras de Traz-os-Montes. Na fabrica de Chacim preparavam-se velludos, glacés, tafetás, nobrezas, setins e pellucias de perfeito acabamento; em Bragança havia, depois da invasão franceza, 400 teares sendo 300 dentro dos muros da cidadella. Passados poucos annos já só alli havia 60 teares, 3 tinturarias e 8 tornos; em Rebordello 9 teares, em Bornes 2, em Lebução 2, em Urrós 2, em Chacim 14, dando aviamento a 16:(00 arrateis de seda. Em 1836 Manuel da Silva Passos recommendou ás Camaras Municipaes o plantio de amoreiras e em 23 de setembro do mesmo anno promove a creação de associações para dar novo impulso a esta industria e estabelece inquerito ás fabricas de Traz-os-Montes. Por proposta do Barão da Ribeira de Sabrosa, as côrtes em sessão de 12 de janeiro de 1838 resolveram que o Governo entregasse a fabrica de Chacim, por arrendamento, a quem a quizesse utilisar. Em 1844 ainda Manuel Lopes dos Santos sustentava em Bragança 60 teares que teve de fechar pòr não poder luctar com a concorrencia estrangeira.

Em 1851 a producção da seda em Traz-os-Montes era de 126:665 kilos. Em 27 de outubro de 1856 o governador civil, Guilhermino de Barros, e o secretario geral Sampaio e Mello reclamam do Estado 100$000 réis para cada Camara Municipal do districto afim de plantar amoreiras nos terrenos incultos.

Em 1862 a exportação de seda de' Traz-os-Montes ficou reduzida a 1:428 kilos. Em 1864 houve um periodo aureo de sericicultura em que se exportaram 200:000 kilos de seda de Bragança. Manuel Guerra, de Freixo, e o Visconde de Villa Maior plantaram acima de 2:000 amoreiras. Em 1866 Eduardo Moser calcula a seda de Traz-os-Montes e Beira em 14.000:000 de kilos e 2:800 contos de valor.

Em 28 d'abril de 1866 apresenta Fontes Pereira de Mello, então ministro das Obras Publicas, uma proposta de lei á Camara dos Deputados para ser concedido pelo governo um subsidio de 5 contos de réis, durante 5 annos, a uma empreza que distribuisse amoreiras gratuitas, propagasse as raças apuradas e estabelecesse 30 sirgarias e 3 officinas de fiação, concedendo-lhe o edificio de Chacim.

A 19 de junho de 1866 Andrade Corvo ordena uma exposição de sedas no Porto. Em 20 de fevereiro de 1867 a Junta geral do Districto de Bragança fórma um contracto com Manuel Guerra Ten reiro para este fornecer 180:000 amoreiras bran cas, sendo vinte mil cada anno; e o Palacio de Crystal Portuense distribue tambem amoreiras por todo o paiz, e com este impulso elevou-se a producção a 1:500 contos. Em 1870 começaram a grassar as doenças do sirgo e desde então para cá esta cultura foi quasi abandonada, sendo ainda para louvar os esforços que o snr. Francisco Antonio Patricio empregou na Guarda, assim como a firma Cabral Paes & Filhos em Vizeu, e o proprio rei D. Luiz, em Queluz.

Em 1875 começa uma nova era, uma nova tentativa para estudar as doenças do sirgo, e o conselheiro Alfredo Lecoq, então agronomo em Bragança, foi o primeiro que as estudou pelo methodo de Pasteur e ao mesmo tempo propoz ao governo medidas tendentes a fomentar esta industria.

Em 1876, outro agronomo distincto D. Antonio Xavier Pereira Coutinho procedeu a um inquerito em todos os concelhos do districto de Bragança e foi então que se constatou a ruina da outr'ora florescente industria. O agronomo snr. Guilherme da Silveira já só encontrou as ruinas da sericicultura e reconhecendo talvez a difficuldade da sua restauração, voltou as suas vistas para o estudo das doenças da vinha que tanto se empenhou em restaurar e pelo que prestou relevantes serviços. Mas já pouco poderia fazer pela industria da seda. Estamos em 1887 e o ministro das Obras Publicas Emygdio Julio Navarro tenta um novo esforço com todo o ardor da sua mocidade, e por portaria de 18 de fevereiro de 1889 determina que o snr. João Ignacio Pimentel proceda em Mirandella a estudos sobre as doenças do sirgo e se encarregue de fornecer sementes seleccionadas pelo methodo microscopico e cujos trabalhos servissem de base para a fundação d'uma escola pratica de sericicultura. Desempenhou-se nobremente d'esta missão, de que publicou importantes relatorios. Em 29 de outubro de 1891, o ministro das Obras Publicas, snr. João Franco, creou a Estação de Sericicultura de Mirandella, dotando-a de recursos e ampliando as suas faculdades. Em 1892

os snrs. Malheiro Dias e Taveira de Carvalho propõem ao governo varias medidas tendentes a fomentar esta industria e apparece logo a questão das pautas—pedindo os cultores do sirgo que ellas sejam elevedas, e os industriaes que se abaixem os direitos de importação. Em 1893 eleva-se a 3:000$000 réis a dotação da Estação de Mirandella e a portaria de 6 d'outubro do mesmo anno concede a verba de 1.200$000 réis para compra de sementes na Guarda. O snr. dr. Francisco Miranda da Costa Lobo, illustre lente da Universidade, natural do concelho de Vinhaes, installou em Coimbra em 1893 uma sirgaria com sementes de França e pessoal operario de Mirandella e parece que este nobre exemplo não foi improficuo.

Em 27 de outubro de 1898 o ministro das Obras Pnblicas creou em Mirandella a Estação de Fomento agricola e adoptou medidas tendentes ao levantamento da industria sericicola.

Em 1900 publica o snr. Rocha Peixoto o seu exellente livro o *Bicho da seda* onde mostra as necessidades da sericicultura portugueza de que é ardente propugnador.

Em 9 de maio de 1901 o ministro das Obras Publicas, snr. Manuel Francisco Vargas ordena que se forneça gratis, inclusivé o porte, amoreiras a quem as requisitar ás estações agronomicas, apenas com a condição de as pagar, se não fossem plantadas.

Por ultimo a portaria de 22 de novembro de 1901 dá instrucção para a plantação de amoreiras e selecção do sirgo.

E' esta a ultima tentativa feita pelo Estado para accudir ao descalabro completo do precioso producto.

O snr. conselheiro Carlos Lecoq, Director Geral d'Agricultura tem sido incansavel em promover medidas de fomento sericicola e nada tem esquecido ao notavel propugnador para auxiliar esta industria.

Acabamos de passar em revista todas as medidas adoptadas desde o tempo do marquez de Pombal e podemos dizer que n'esta nobre campanha quem tem cumprido os seus deveres tem sido o Estado.

Pois apezar de todos os auxilios prestados, esta industria desappareceu, e com ella uma das mais bellas fontes de receita.

E' triste dizel-o; apezar de todos os recursos offerecidos pelo Estado, como estudo das doenças, meios de as debellar, fornecimento de amoreiras, isenção de direitos, subsidios, e creação de estações sericicolas, ella jaz no mais completo abandono.

Porque?

E' esta uma pergunta a que eu não posso dar resposta satisfactoria.

Por causa das doenças?

Talvez.

Pelo invasão de sedas estrangeiras?

Não sei.

Mas deixemos essa interrogação que pertence á historia e cuja resposta mais ou menos satisfactoria pouco adeanta para o restabelecimento d'esta industria.

Ella mal poderia hoje ficar entregue á iniciativa da classe agricola; só poderia restaurar-se, formando-se uma associação poderosa e muito numerosa que requeresse ao Estado a plantação de amoreiras nos terrenos baldios ou á beira das estradas, que tivesse agronomos e pessoal habilitado para fiscalisar os serviços e que promovesse em conjuncto um bom mercado para o casulo.

Seria necessario formar para tal fim uma Companhia de producção da seda, que ao mesmo tempo interessasse e estimulasse a classe agricola.

Miguel José Rodrigues.

Parlamento e interesses regionaes

Vae finda mais uma legislatura nas camaras representativas da nação, sem que do balanço dos seus trabalhos sequer resulte insignificante saldo positivo e valioso, a favor do resurgimento economico e da riqueza da provincia trasmontana.

Não é isto um reparo egoista pelo bem estar exclusivo da região: é o interesse pelo beneficio geral que nos leva a lembrar bem alto que a provincia trasmontana encerra, por explorar, valiosissimos e inexgotaveis thesouros, que, convenientemente aproveitados, muito deverão contribuir para o melhoramento economico da nação.

E até hoje, infelizmente, poucas tem sido as medidas que, dependentes da acção directa dos governos ou do poder legislativo, tenham sido postas em pratica, se exceptuarmos as que dizem respeito á chamada vital questão viticola ou, em tempos passados, ao fomento sericicola, ainda assim de frouxos resultados, beneficos e effectivos.

Outras questões, de alto e independente interesse, tem estado afastadas do superior e competente criterio dos supremos poderes do estado ou das differentes assembléas legislativas: a viação, a instrucção, o aproveitamento da energia barata para novas industrias, o fomento agricola, as irrigações, o repovoamento das mattas, a arborisação das estradas, as adaptações dos baldios, etc., são assumptos que, até agora, não mereceram as honras de uns momentos de reflexão a nenhum dos membros das camaras, tanto mais estranhavel quanto é certo que a maioria dos senhores deputados pelos circulos eleitoraes de Villa Real e Bragança bem devem conhecer as necessidades da região e o interesse geral que adviria para o paiz se se olhasse a serio para estas capitaes e importantissimas questões.

Não ha duvida que os cavalheiros investidos em tão honrosas funcções são homens dotados de rara inergia e incontestavel competencia, quando, isoladamente, como nós, reconhecem, e como toda a gente, que é necessario procurar vida nova, fazendo parlamentarismo moderno, e procurando fazer derivar toda a sua boa vontade e intelligencia em beneficio da nação, estudando e legislando sobre a melhor fórma de tornar uteis os extraordinarios elementos de riqueza que possuimos;

mas, uma vez enfileirados na sua confraria politica, toda a acção se annulla, toda a competencia se escôa para as estereis questões meramente partidarias e ahi fica negado o proverbio conhecido de que a união faz a força!

Passa a ser quasi axiomatica esta prova incontestavel: quem quizer vêr o que o homem de iniciativa faz, é fazel-o deputado!

Pelo menos no que diz respeito aos senhores deputados trasmontanos, a prova não póde ser mais concludente.

E o que nos causa maior dôr e mais profunda mágua é vermos que os representantes de outras regiões já principiam a comprehender a sua verdadeira missão, preparando projectos que tencionam apresentar ao parlamento sobre a irrigação do Alemtejo, aproveitamento das quedas d'agua na Beira Baixa, etc., emquanto que os nossos deputados, os que representam o povo trasmontano, evidentemente um dos mais activos, laboriosos e pacientes povos do paiz, não fizeram até agora absolutamente nada!

Nenhuma especie de má vontade, e muito menos desejo de desconsideração, nos move contra esses cavalheiros; como nenhuma sorte de intimidade nos levaria a occultarmos o nosso profundo desgosto por tão pernicioso estado de inacção. Em nós ha apenas o intimo desejo de assistirmos ao progresso da nossa terra e ao bem estar geral do paiz; e, para tal fim, não temos duvida em alienar todo o nosso esforço, toda a nossa boa vontade e todas as nossas considerações e interesses particulares, sem preoccupação de nenhuma especie pelas consequencias que possam advir.

E' natural que, se nos lerem, um superior encolhimento de hombros seja a unica resposta ao nosso justificadissimo brado de indignação; mas dia virá em que tal não succeda, e então a *Illustração Trasmontana* justificará a sua existencia como indispensavel e util ao progresso d'este pedaço uberrimo da nossa patria.

Já n'este periodo legislativo tencionavamos dirigir ao parlamento uma bem detalhada representação, solicitando-lhe a sua esclarecida competencia e appellando para o seu natural patriotismo, em beneficio do desenvolvimeuto das «Terras Trasmontanas»; mas, como semelhante documento deve ser baseado nas conclusões que se devem tirar do inquerito aberto n'esta revista, foi materialmente impossivel, e com pezar tivemos que addiar a resolução para a proxima legislatura.

A demora não é demasiado longa e parece-nos que em nada prejudicará o patriotico e util intento.

C. de Magalhães.

Em prol da silvicultura O nosso amigo e patricio snr. padre Miguel José Rodrigues, verdadeiramente empenhado pelo desenvolvimento e progresso agricola e portanto economico da provincia trasmontana, é incansavel na empreza a que se votou, publicando em varios jornaes da nossa provincia amiudados artigos, ora aconselhando medidas praticas e bem ponderadas, ora animando e incitando aquelles a quem o assumpto tanto deveria interessar pelo que tem de largueza no seu futuro.

Oxalá que o trabalho do nosso amigo fructifique, para o que pouco não deveria concorrer se tal propaganda se fizesse derivar para a imprensa popular e diaria. A propaganda intensa e persistente é, n'estes casos, a unica arma com que se póde vencer.

Pela nossa parte, e em harmonia com o nosso programma, não descuraremos o assumpto.

O FUTURO DAS «TERRAS TRASMONTANAS»

Uma industria nova que convem auxiliar

E' pecha muito nossa, muito portugueza, remedear tudo, mas remedeando mal, empregando palliativos de acção ligeira e de applicação provisoria sempre que se nos depare qualquer problema de economia ou administração publica a resolver. E n'isto se resumem o estudo ou a acção governativa dos nossos estadistas, porque é um processo commodo — commodo sobretudo, resolver assim de momento as mais intrincadas questões administrativas, ficando os interessados na esperança de que mais tarde o assumpto, depois de aturado estudo, ficará definitivamente resolvido.

Mas não fica. Ninguem mais pensa em tal: nem governo nem governados. Se mais tarde volta nova crise, novo palliativo se decreta; e assim, uma vida constante de remendos e de regimen provisorio e de occasião, vae proseguindo, ficando tudo na situação primitiva, senão peor.

Esta é a norma geral da nossa governação; e, é claro, para a provincia trasmontana não podia haver um regimen especial. E se o ha, se alguma distincção se nota, é precisamente na inferior quantidade e qualidade dos palliativos.

Para Traz-os-Montes todas as difficuldades economicas, todas as contrariedades, todas as vicissitudes ou calamidades, toda a deficiencia de expansão commercial, industrial ou agricola, são resolvidas sempre de momento com o sacramental palliativo do ministerio das obras publicas — reparação e conservação de estradas!

Agricultores, industriaes ou commerciantes que se encontrem a braços com alguma crise agricola, industrial ou commercial — estradas com elles!

Os governos não conhecem outras medidas e os governados, pelo costume, já não solicitam outro remedio para debellar o mal.

As cogitações dos nossos chefes districtaes, no sentido de melhorar qualquer situação critica, dão sempre o mesmo resultado — pedir reparações de estradas e proseguimento de obras, para valer á desesperada situação do povo, que morre de fome, e que já toca a rebate nos sinos da freguezia!

E com esta contínua applicação de palliativos, na resolução dos mais graves problemas, a situação geral da provincia peora dia a dia, sem que, de semelhante methodo, resulte qualquer beneficio, nem mesmo para a viação publica, que, como já vimos n'outros numeros, carece de largo incremento e sabia administração, até hoje não lograda. Falta de criterio, ausencia de ordem, escassez de methodo e minguado senso, são predicados que presidem a applicação dos palliativos, sem se seguir um methodo racional ou plano de obras criteriosa e moderadamente elaborado.

É isto, pelo menos, o que se conclue, á primeira vista, por este interessante quadro: A rede geral das estradas, ainda por construir, segundo as necessidades da região, na minima parcella de uma vigessima parte, encontra-se em tal estado de conservação que constitue, em grande parte temivel ratoeira de perigosos barrancos que põe em risco a vida dos viajantes desprevenidos. As povoações mais importantes, que poderiam progredir assombrosamente com as suas aptidões excepcionaes, agricolas, commerciaes ou de industria, estiolam-se e definham-se a olhos vistos porque não tem uma unica estrada que as ligue ás estradas centraes ou ás estações ferro-viarias mais proximas; o aproveitamento dos encantos e maravilhas d'esta região privilegiada que poderia fazer derivar para a provincia uma forte e proveitosa corrente de *touristes* e visitantes, desenvolvendo especialmente a nova e importantissima industria hoteleira, é em absoluto impraticavel por falta de commodas vias de communicação. Para os pontos mais notaveis e pittorescos da região não ha outros recursos nem commodidades além da incommoda alimaria ou do historico carro de bois, saltando de barranco em barranco! Só verdadeiros fanaticos pelo estudo e observação do bello se arriscam e abalançam a excursões de semelhante natureza. Os homens de gosto e de dinheiro derivam para outras paragens, decerto menos captivantes e formosas, mas com certeza mais commodas e com mais garantias de conforto, a que o homem de recursos dá preferencia.

Não explorar, pois, este filão riquissimo, de verdadeiro ouro, e ouro de lei, é um crime de lesa-patriotismo que convem evitar por todos os meios; e a primeira medida, o primeiro passo a dar para este fim é a construcção de boas estradas, ligando, para já, os pontos mais pittorescos da provincia com as vias ferreas mais proximas, estradas que devem ser incluidas no plano geral da rede que, sem perda de tempo, deve ser elaborado.

Como até agora, as velhas medidas, além de inuteis para os interesses geraes da região e do paiz, e tambem perniciosas ao thesouro porque derivam em despezas que nenhum beneficio justifica, devem ser inteiramente postas de parte.

E se assim lhes aprouver, ficam os governos habilitados a decretar *palliativos uteis* e a satisfazer, com vantagens, os seus compromissos e favores politicos, a que estão presos por conveniencias partidarias.

C. M.

Chronica do bem

Um innocente condemnado?

Esteve nas cadeias da Relação do Porto, e seguiu para a Penitenciaria de Lisboa, recebendo ahi o n.º 510, a cumprir pena, o condemnado José Leopoldo, da comarca de Macedo de Cavalleiros, onde respondeu, obtendo sentença que o obriga a 8 annos de prisão cellular, seguidos de 12 de degredo, e na alternativa a 25 annos de degredo.

Affirmou elle, e com visos de verdade, que se trata da condemnação de um innocente em absoluto, que justifica com a iniquidade do jury, em parte movido por más vontades ou por nenhum conhecimento da causa. Appellou para a imprensa diaria do Porto, que relatou o caso, como agora nós fazemos; mas não nos consta que coisa alguma se tenha feito no sentido de apurar razões que determinem a revisão do processo.

Não só por se tratar de um comprovinciano, mas principalmente por um acto de humanidade, que é sempre grato praticar, a *Illustração Trasmontana* vae envidar todos os esforços para que o caso se esclareça quanto antes.

E para este fim solicita a boa coadjuvação das pessoas que no assumpto, por officio, tem interferencia.

*

A *Illustração Trasmontana* teve conhecimento de que no logar da Povoação, freguesia da Ermida, concelho de Villa Real, vivia um pobre homem, casado, activo e laborioso, que humilde e honestamente ganhava dia a dia, pelo rude trabalho do campo, o minguado pão para seu sustento e da mulher, quasi prostrada por uma lesão cardiaca.

Ao excessivo trabalho e continua exposição ao sol ardente d'aquelles sitios deve elle agora uma congestão que lhe roubou a vista e assim, de repente, se vê obrigado a recorrer á caridade publica, como unico refugio.

Tentamos beneficial-o, com a melhor das esmolas — restituir-lhe a vista; mas foi impossivel, como o affirmam os clinicos que d'elle trataram no Hospital Geral de Santo Antonio, d'esta cidade, para onde veio sob a nossa protecção.

N'esta situação desesperada, sem pão e sem vista, vamos tentar minorar-lhe os soffrimentos, tanto quanto possivel, e para este fim caritativo contamos com a generosidade dos nossos patricios.

Agradecemos, em nome do infeliz, qualquer esmola que lhe póde ser entregue por nosso intermedio ou antes directamente a Luciano Rodrigues da Cruz, correio da Regoa — *Povoação*.

Pela nossa parte ahi fica aberta a subscripção:

Redacção da *Illustração Trasmontana*	5$000 réis
C. C.	500 »
A. Moura	500 »
F. C.	500 »
A transportar . . .	6$500 réis

Bibliographia Trasmontana

A. DE SOUZA COSTA: *O Fructo Prohibido*. Livraria Editora França Amado. Coimbra.

E' um grosso volume de 500 paginas, producto de um *novo* mas não d'um principiante, encarando um problema cheio de actualidade sob dois pontos de vista: o casamento de conveniencia e o divorcio, — um consequencia natural do outro.

Se pelo que se refere ao primeiro, o auctor nos offerece uma analyse ultra-conscienciosa dos personagens e do meio em que se desenvolvem; se os typos que alli se movem são flagrantes de verdade, o segundo, que alveja o casamento indissoluvel mantendo-se como um anachronismo no meio das sociedades contemporaneas, algumas fraquezas offerece ao exame da critica, não quanto ao valor intrinseco da obra, a todos os respeitos brilhante e cuidada, mas quanto ao protogonista principal.

Na genesis das grandes reformas religiosas, sociaes ou politicas, é indispensavel a lucta epica dos heroes ou o sangue vermelho das victimas, o valor dos combatentes ou os cadaveres palpitantes dos martyres, — Mahomet impondo com as armas na mão a sua reforma religiosa ás tribus recalcitrantes, ou Jesus marchando para o supplicio com a dedicação d'um apostolo e a resignação d'um santo.

Ora o protogonista do romance do snr. Souza Costa, não possue, quanto a mim, nenhum d'estes predicados. E' um frouxo e um tibio. Profunda e nobremente sympathico quando nos apparece desventurado e só, victima fatal d'um contracto odioso imposto por um pae despotico e sancionado por um padre venal, deixa em parte de ser uma cousa e outra — sympathico e victima — sem comtudo se tornar um heroe, desde que, entregue a si mesmo, ás suas paixões e aos seus instinctos, tão fraca conta dá dos seus actos.

O que elle então faz, é o que costumam fazer os maridos *blasées* ou casados por interesse: dar-se a novos amores, arranjar novas affeições.

Não disponho de espaço que me permitta ultrapassar determinados limites; mas assim mesmo resumirei o entrecho do livro para melhor comprehensão d'este rapido estudo.

Um rapaz, Rodrigo, casa contra vontade com uma creatura antipathica — beata e hysterica, mal humorada e má, — flor fanada e mystica que o padre cultiva e cuida. Em pouco rebenta a cizania entre ambos, e o rapaz, que não teve coragem de reagir contra a imposição do pae, não a tem egualmente para se insurgir contra a mulher e o padre. Limita-se a fugir, recurso supremo dos burguezes pacatos, inimigos de contendas. Foje para Coimbra, resolvido a doutorar-se. Uma vez ahi relaciona-se com uma familia onde ha duas meninas, por uma das quaes, Beatriz, se apaixona e é correspondido. Ella não sabe que elle é casado, porque Rodrigo esconde isso de todo o mundo; illudida cahe, — primeiro na deshonra, depois, após o lance romanesco d'um rapto, nas tristes alfurjas do amor clandestino. Um dia sabe que o homem por quem se perdeu é marido d'outra mulher — e morre de dôr e de vergonha.

Encarada superficialmente, a personalidade do protogonista póde parecer-nos profundamente odiosa; mas não é tal. E' antes, e mais rigorosamente, o producto fatal e dessorado d'um temperamento, d'um meio, d'uma situação, movendo-se sob o impulso das influencias alheias ou dos sentimentos proprios como uma ventoinha ao sabor dos ventos, — inconscientemente. Filho d'um pae tyranno e rispido e d'uma mãe amante e fraca, dois elementos por egual fataes, actuando, embora em sentidos oppostos, na compressão de todas as energias, na annullação de todos os incentivos, elle resultou assim o que devia ser — uma cousa molle, anodina, inconsistente, que a tudo se amolda, — á vontade dos outros ou ás suggestões de si mesmo. Sob uma ordem imperativa do pae, vae para o noivado sem protesto, resignadamente, como uma ovelha para o matadouro; sob o impulso das affeições proprias vae para o erro sem attentar nas consequencias. Elle não é, talvez, propriamente, uma victima do casamento indissoluvel; mas é, com certeza, a victima desgraçada d'um casamento ignobil, e, como producto vivo d'uma ligação interesseira e mercantil, uma lição instructiva a todos os paes e a todos os filhos que não veem no matrimonio senão uma transacção ganhanciosa, agindo no fundo d'um contracto esponsalicio como um veneno no fundo d'uma beberagem embriante, — e ainda um aviso salutar ás mães imprudentes que põem na intimidade de suas filhas individuos que se não sabe quem são nem donde vem, e que ainda na melhor das hypotheses podem commetter uma falta.

Confiar a um velhaco uma somma de dinheiro, póde ser talvez uma imprudencia; mas confiar a dignidade d'uma rapariga a um homem, mesmo honrado, é sempre um erro, porque o homem o mais digno, sob o impulso d'uma paixão, não raro procede como o ultimo dos mariolas.

Sob o ponto de vista litterario o livro do snr. Souza Costa, — um trasmontano com direitos, por isso, a ter cabida aqui, — é, quanto a mim, o documento o mais completo d'um bello talento que se revella.

E' novo ainda, fazendo as suas primeiras armas n'um romance de largo follego, o que bastaria a attenuar quaesquer *senões* que na sua these se revelassem. Mas nem isso se dá, quanto a mim.

Quanto ao estylo, é elegante, vivo, brilhante de fórma, por modo a captivar o seu leitor atravez das 500 e tantas paginas da sua obra.

A edição, elegante e nitida, constitue um triumpho a mais da, já hoje, tão acreditada casa Silva Amado.

Salgueiral da Regoa, junho de 1908.

VIEIRA DA COSTA.

Delação

Um nosso presado collega trasmontano, evidentemente na melhor boa-fé, insere, em quasi todos os seus numeros, um annuncio d'um agente da companhia monopolisadora dos phosphoros, em que se offerece certa quantia a quem delatar onde se fabrica clandestinamente aquelle producto.

Em nome da boa moral quasi nos resolvemos a solicitar do collega o favor de não continuar a auctorisar essa publicação, mesmo porque o *crime* da fabricação clandestina de phosphoros de pau está justificado pelo proceder da companhia monopolisadora que não observa o contracto pelo qual se obrigou a fabricar e *a pôr á venda* esta especie de accendalhas.

O povo trasmontano não vive em maré de rosas para se dar ao luxo de lumes de cera.

Caminhos de ferro

Vão proseguindo, com a morosidade habitual d'este bello paiz, os estudos do importante caminho de ferro do Pocinho a Miranda. Contamos em breve publicar o resumo chorographico da directriz da nova linha, que tão relevantes serviços deve vir prestar áquella região, tão rica sob o ponto de vista agricola como mineral.

E a proposito d'este assumpto e de todas as linhas ferreas trasmontanas, esta revista conta publicar interessantes artigos d'um notavel engenheiro, nosso collaborador.

Antonio d'Azevedo Castello Branco

Para felicitar este nosso prezadissimo collaborador e conterraneo, pela alta distincção que o chefe do Estado lhe quiz conceder, como reconhecimento das suas altas qualidades de caracter e de estadista, constellando-lhe o peito com mais uma nobilissima commenda, a da Torre e Espada, os nossos patricios vão enviar-lhe uma mensagem de congratulação que conterá as assignaturas dos seus principaes amigos politicos e admiradores trasmontanos.

Transcripção

O nosso estimavel confrade bragantino, *Gazeta de Bragança*, transcreve, n'um dos seus numeros, toda a nossa secção de *Folk-lore* publicada no n.º 4 da *Illustração Trasmontana*, original do collaborador d'esta revista, snr. Daniel Rodrigues, illustre professor do lyceu d'aquella cidade trasmontana.

E só casualmente podemos ter conhecimento de semelhante amabilidade, por não ser habitual a visita d'aquelle collega na nossa redacção.

Collaboram n'este **numero 6** os ex.^mos snrs.:

VIEIRA DA COSTA — *Rodrigo Pinto Pizarro d'Almeida Carvalhaes* (Barão da Ribeira de Sabrosa).

DR. CARLOS ALVES — *Os serões de inverno entre os Mirandezes.*

ABBADE TAVARES — *O Cavalheiro (Folk-lore trasmontano).*

CARLOS DE MAGALHÃES — *Provezende* (Monographia).

V. C. e C. M. — *Glossario Trasmontano.*

Illustram este numero com sua primorosa collaboração artistica os ex.^mos snrs:

ANTONIO CARNEIRO — *Barão da Ribeira de Sabrosa* (Sanguinea).

CHRISTIANO DE CARVALHO — *O Cavalheiro* (*Folklore trasmontano*).

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO — *Os serões de inverno entre os Mirandezes* (Duas illustrações).

Clichés photographicos dos snrs. Carlos Pereira Cardoso e Antonio Pinheiro d'Azevedo Leite.

Summario do Supplemento

P.^e MIGUEL JOSÉ RODRIGUES — *Fomento sericicola em Traz-os-Montes.*

C. DE MAGALHÃES — *Parlamento e interesses regionaes.*

VIEIRA DA COSTA — *Bibliographia Trasmontana.*

C. M. — *O Futuro das Terras Trasmontanas.*

Diversos. — Em prol da silvicultura — Chronica do bem — Delação — Caminhos de ferro — Antonio d'Azevedo Castello Branco — Transcripção, etc.

Pela patria trasmontana

Um grupo de patricios, intensamente votados ao resurgimento da nossa querida provincia, trabalha afanosamente no sentido de fazer erigir, em terras trasmontanas, o primeiro monumento, que conserve em memoria, um dos seus modernos e mais illustres filhos.

Em breve a *Illustração Trasmontana* dará nota detalhada d'esta sensacional noticia.

CAFÉ E GRANDE HOTEL «TOCAIO»

VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario — *Adriano Rocha.*

SUPPLEMENTO

ao n.º 7 da

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

28 A 36 PAGINAS, GRANDE FORMATO

Publica-se nos dias 15 a 30 de cada mez

DIRECTOR

CARLOS DE MAGALHÃES

ARCHIVO PITTORESCO, LITTERARIO, ARTISTICO E SCIENTIFICO DAS TERRAS TRASMONTANAS

COLLABORAÇÃO LITTERARIA, SCIENTIFICA OU ARTISTICA DOS EX.MOS SNRS.

Dr. ABILIO GUERRA JUNQUEIRO · ADELINO SAMARDÃ · Dr. AFFONSO CORDEIRO · ALBINO LOPO Dr. AMILCAR DE SOUZA · Dr. ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO · ANTONIO CARNEIRO AUGUSTO CEZAR RIBEIRO DE CARVALHO · AUGUSTO NOBRE · BASILIO TELLES · Dr. CARLOS ALVES CHRISTIANO DE CARVALHO · DANIEL RODRIGUES · Coronel DOMINGOS CORRÊA · ERNESTO DE VASCONCELLOS · GONÇALO SAMPAIO · Dr. HENRIQUE FERREIRA BOTELHO · JOÃO AUGUSTO RIBEIRO · Dr. JOÃO AYRES D'AZEVEDO · Dr. JOÃO BARREIRA · JOÃO IGNACIO DE MENEZES PIMENTEL · JOAQUIM LEITÃO · JOAQUIM DE VASCONCELLOS · P.e JOSÉ AUGUSTO TAVARES JOSÉ MARIA ALVES TORGO · JOSÉ MAXIMIANO CORRÊA DE BARROS · Dr. JOSÉ MOURÃO · JULIO BRANDÃO · Dr. MANUEL DA COSTA ROCHA · MANUEL DUARTE D'ALMEIDA · Dr. MANUEL LARANJEIRA · Dr. MANUEL MONTEIRO · P.e MIGUEL JOSÉ RODRIGUES · ROCHA PEIXOTO · Dr. SOUZA COSTA · Dr. TRINDADE COELHO · VIEIRA DA COSTA · Etc., etc.

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

ADMINISTRADOR

ANTONIO AUGUSTO CORRÊA

TELEPHONE N.º 942

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DE CEDOFEITA, 95, 1.º — PORTO

END. TELEGR. — EFFECE

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias	2$500
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

·· PAGAMENTO ADEANTADO ··

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de desconto

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

∴ Photogravuras das officinas de Christiano de Carvalho rua de Cedofeita, 95 — Porto

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Comp. e imp. na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna rua da Fabrica, 80 — Porto. ∴

Illustração Trasmontana

Com este numero entra a *Illustração Trasmontana* no segundo semestre de publicação o que representa, sem duvida, um successo de natureza pouco vulgar n'este genero de emprezas nacionaes, a que não estamos demasiado habituados, como de resto nos surprehende o exito de todas as emprezas que demandam energia e capital, sem juro garantido ao fim dos primeiros seis mezes.

O capital na nossa terra, rotineiro e desconfiado, á mercê de illustração restricta, na sua grande parte, não se alia facilmente á iniciativa fecunda e bem orientada, e só com manifesta repugnancia se abalança a sementeira de colheita serodia, embora abundante e remuneradora.

Ás emprezas que demandam tempo para formar e sasonar seus fructos largamente compensadores, prefere, quasi sempre, com risco evidente, os negocios de occasião, mal estudados, a uzura nefasta e perigosa ou a quietude paciente na papelada do estado, nada renumeradora, que um excesso de precaução egoista e tola aconselha... até um dia!

A *Illustração Trasmontana*, porém, que, como já se disse em numeros passados, não busca para seus sacrificios e dispendios outra compensação que não seja a satisfação intima de devotado patriota, de haver contribuido directa ou indirectamente para o resurgimento e riqueza da nossa provincia, caminhará avante, sem preoccupações de qualquer natureza ou receios, e assim póde antever-se-lhe futuro desafogado e livre, mantendo sempre a inicial linha de conducta em observancia constante ao seu programma.

Tem sido e continuará ainda a ser escabroso o caminho para tão longa jornada; multiplicar-se-hão ainda difficuldades e estorvos á marcha victoriosa; mas, de dia a dia, de momento a momento, a nossa vontade inquebrantavel e a nossa coragem bem patente não desfallecerão cimentadas no enthusiasmo e applausos com que esta revista tem sido acolhida por toda a parte, especialmente onde existe elemento trasmontano.

Assim identificados o nosso esforço e o acolhimento lisongeiro e cooperação valiosa dos nossos patricios nada nos intimidará, e a *Illustração Trasmontana* vingará, repleta de vida, para exclusivo interesse, honra e gloria das nossas queridas terras d'além Marão.

Serviço do correio. E' simplesmente extraordinario o que se está passando com o serviço da distribuição d'esta revista, que é confiado e pago ao correio, e que podia e devia ser exemplar se, da parte de quem superiormente manda n'este ramo de serviço publico, houvesse boa vontade de ser util. Copiam-se leis, vae-se ao estrangeiro tomar parte em estudos e conferencias sobre trabalhos telegraphicos ou postaes, que custam algumas dezenas de contos ao thesouro; gastam-se sommas extraordinarias em coisas inuteis; absorvem-se grossas quantias para mostrar, recebendo delegados estrangeiros, que somos um paiz pobre mas perdulario; e de tudo isto nada resulta de util, de pratico, ou de adaptavel ao nosso meio, constatando se o mesmo atrazo e irregularidades de serviço de que nos queixavamos ha 10 ou 20 annos!

Macaqueia-se tudo sem se attender ao meio e á natureza do pessoal que ha-de executar as imitações. O que lá fóra se faz com proveito incontestavel e interesse do publico, porque é executado por empregados activos, intelligentes e conscios dos seus deveres, pretende-se aqui pôr em execução com pessoal absolutamente desprovido de instrucção e de competencia profissional!

O carteiro, no nosso paiz, com excepções, evidentemente, mas raras, como ninguem contesta, é, no geral, muito boa pessoa, e nada mais.

Ao passo que para os logares de aspirantes, com ridiculos proventos, se exigem habilitações geraes que se approximam da formatura de qualquer bacharel, além das provas de competencia profissional, para os carteiros, que, pelo menos, precisam provar que sabem ler, escrever e contar regularmente, nenhuma habilitação se lhe exige, de fórma que é frequente deparar-se com um carteiro... analphabeto.

Ora com pessoal analphabeto, pessimamente pago, e muitas vezes com os seus ordenados em atrazo, que bom serviço se lhes póde exigir?

Viu-se que lá fóra, nas nações onde se attende aos interesses do publico, se estabeleceu a distribuição collectiva de publicações periodicas, por

mais economica para as emprezas editoras e de mais garantia para os assignantes, porque recebem assim as suas revistas, os seus jornaes e os seus livros em melhor estado, sem dobras, sem carimbos do correio, sem indicações escriptas; macaqueou-se a innovação; imprimiram-se leis; distribuiram-se ordens e circulares, mas não se cuidou do principal — do pessoal, que é analphabeto e que carece ser educado.

Consequencia logica — um lôgro para o publico, que fica mal servido, e um prejuizo avultado para as emprezas editoras que quasi tem de fazer duas distribuições do mesmo numero, como tem succedido a esta revista!

A *Illustração Trasmontana* é entregue ao correio em pacotes convenientemente feitos, garantindo-se o bom estado de conservação. Temos, portanto, todo o direito de lhe exigir que os exemplares n'elles contidos sejam entregues limpos e sem dobras aos respectivos assignantes, o que raras vezes succede, especialmente fóra do Porto.

Se o assignante muda de residencia, e o carteiro não está disposto ao trabalho de indagar a nova morada, é um exemplar absoluta e irremediavelmente perdido, quando volta, se é que volta, para a administração. E quando chega vem adornado com mil arabescos, mais ou menos caprichosos, e que deviam representar caracteres uzuaes, além de quebrado, amarrotado, e ás vezes envolvido n'um cordel de meio centimetro de diametro!

Isto, como principal prejuiso, não contando outras irregularidades que não sabemos bem explicar.

Lá fóra, é claro que não nos referimos a Marrocos nem á Turquia, lá fóra para o serviço de distribuição collectiva os carteiros tem umas pastas especiaes onde acondicionam amoravel e convenientemente as publicações a *distribuir* e acompanha-os uma nota ou talão de verbetes alphabetados com os nomes e moradas das pessoas que devem ser servidas com essas publicações.

Cá não; cá não se macaqueou esta parte importante do serviço; as publicações são postas a granel, como calha, dentro das malas de distribuição, sem nenhuma especie de respeito ou consideração pelos direitos alheios, e sem preoccupação pelo estado lastimoso em que chegam ás mãos dos destinatarios... quando chegam!

Quando chegam, não ha duvida, porque muitas vezes não chegam e outros succede serem entregues 6, 8 e 10 dias depois!

E', pelo menos isto o que se dá com a *Illustração Trasmontana* e que justifica estas palavras escriptas simplesmente como esclarecimento indispenasvel aos nossos presados assignantes, e nunca como justa reclamação de quem pensasse obter beneficio apreciavel.

Os senhores directores e inspectores dos correios, e ministro das obras publicas não costumam preoccupar-se com estas pequenas coisas.

Melhoramentos bragantinos. Appello aos clubs trasmontanos de Lisboa e Porto.

No numero passado d'esta revista, ou antes em todos os numeros publicados pela *Illustração Trasmontana* temos tentado provar a necessidade inadiavel de se olhar, com vontade de bem proceder, para o estado de abandono a que foram votadas as poucas estradas construidas em Traz-os-Montes, e para as obras que é indispensavel desde já levar a effeito para se construirem outras absolutamente precisas ao desenvolvimento economico da região; e já hoje voltamos a insistir sobre o mesmo assumpto não na sua generalidade, mas, sómente, n'um caso restricto que se nos afigura importantissimo, e de pequeno dispendio.

Os povos de Bragança, com a mais justificada razão, de ha muito que reclamam por todos os meios, particulares e officiaes, a construcção de uma estrada, que, a partir de Bragança, vá entroncar com a que de Zamora, por Hespanha, attinge, já concluida, a fronteira portugueza; mas sem nenhum resultado, certamente porque a estrada em referencia não vae interessar directamente as propriedades de algum cacique ou eleiçoeiro preponderante.

Particulares e até collectividades, como o municipio bragantino, tem impetrado do poder central uma pequenissima parcella da sua attenção para este grande melhoramento, mas sem resultado, embora de custo ridiculo, visto que o troço de estrada não vae além de oito kilometros!

E, com tão pouco, ficaria a capital do districto, e portanto toda aquella importante região do nordeste da provincia, ligada á populosa cidade de Zamora, estabelecendo-se immediatamente, entre as duas cidades, uma bem montada carreira de automoveis, commodo serviço da viação já assente por uma futura empreza, augmentando assim tambem extraordinariamente o trafico commercial.

Só quem conhece bem a região poderá calcular os beneficios que resultariam para o desenvolvimento economico e commercial da provincia; mas a nada o estado attende, nem mesmo ao pedido ou recommendação que o governo hespanhol sobre o assumpto fez ao governo portuguez!

Como contraste interessante, porém, o estado, sempre liberrimo, como já vimos no passado numero, dispendeu cifra muito maior do que a que se reclama para este effeito, de interesse absolutamente geral, na construcção de uma ponte, sem nenhuma especie de utilidade que não seja a de ser agradavel a um magnate politico que assim se aproveita dos recursos da nação e d'elles dispõe como coisa propria.

Pelo districto de Bragança, parece-nos, deveria haver no parlamento quem se podesse interessar pela immediata realisação d'este e outros melhoramentos; mas, infelizmente, todos se recolhem ao adoravel commodismo de constituirem uma anonyma maioria, peça integral e indispensavel do machinismo parlamentar, de funccionamento automatico, servindo só para abafaretes e ap-

poio incondicional e quiçá inconsciente de todo o aranzel governativo.

A nossa insistencia, porém, não desfallecerá; e é de crêr que ella acorde no espirito dos bons trasmontanos, toda a boa vontade e sacrificios indispensaveis ao serviço da causa do progresso regional. E afigura-se-nos que a ninguem mais justificadamente deveria ser commettida tão honrosa e patriotica tarefa, na melhor espectativa de pleno exito, como as duas importantissimas collectividades patricias — O Club Trasmontano de Lisboa, e a Agremiação dos Trasmontanos do Porto. Se estes dois nucleos respeitaveis de força não tomarem a peito, com todo o ardor e empenho, o resurgimento da nossa provincia, difficilmente ou nunca se obterá porque, evidentemente, nada ha a esperar dos governos nem dos deputados que o ministerio do reino impõe á provincia.

Irrigação agricola. Por varias vezes, e a proposito de varios assumptos, temos alludido, n'este jornal, á falta de aguas de irrigação que de fórma tão positiva e perniciosa se faz sentir em quasi toda a nossa provincia, entravando, de maneira invencivel, o desenvolvimento agricola da região.

Não ha duas opiniões em contrario ácêrca da natureza abençoada d'estas leiras, e da sua formidavel riqueza productiva quando convenientemente amanhadas e irrigadas. Mas ninguem, até hoje, se tem querido abalançar, não diremos já á exploração industrial de fornecer agua para irrigação, porque seria uma industria nova que não lograria exito n'este meio acanhado e tacanho, mas, pelo menos, á propaganda dos mais aconselhados processos a pôr em pratica para resolver o problema.

Não ha duvida sobre o exito agricola colossal das nossas terras, incomparavelmente mais productivas do que as de outro ponto qualquer do paiz, quando convenientemente irrigadas; e d'isto temos exemplos frisantes e incontestaveis n'essas hortas maravilhosas espalhadas em minima parcella pela provincia ou em algum fertil valle, onde a agua abunda, como na Villariça, ou em suas ribeiras priveligiadas, como a ribeira d'Oura e outras.

Torna-se, pois, inteiramente indispensavel obter a agua precisa e assim ficará resolvido um problema economico de capital importancia.

Para isto, é claro, são necessarios capitaes, ainda que não avultados; mas, como a questão sob este aspecto talvez fosse impraticavel, temos o excellente processo da organisação de syndicatos ou sociedades agricolas que bem podem supprir a escacez do numerario.

«A união faz a força» é dictado bem conhecido por todos, menos pelos agricultores e pequenos proprietarios agricolas trasmontanos.

As agremiações d'esta natureza em Traz-os-Montes não tem progredido senão para a viticultura e entre individuos remediados, ricos ou relativamente illustrados.

As outras classes, menos poderosas, mas com forças respeitaveis quando convenientemente congregadas, quietam-se irresolutas e timidas, incapazes de um esforço, d'um acto de rasgada actividade, unica fórma de se resolverem situações criticas e difficeis, que as arranquem da miseravel situação da gleba. As terras, hoje aridas, estereis e definhadas á mingua da agua e de adubos ou correctivos, seriam amanhã excellentes mananciaes de riqueza, verdadeiras fontes auriferas que poriam dique providencial á formidavel corrente emigrativa que deriva para as terras brazileiras em busca do que na patria abandona á falta de um menor esforço!

Os poços artezianos são incontestavelmente um recurso formidavel, senão unico, para a resolução do problema da irrigação no paiz trasmontano; e, em segundo logar, as represas ou cisternas artificiaes para deposito das aguas das chuvas completariam o processo que é realmente d'uma simplicidade extraordinaria.

Para os poços artezianos são precisas sondas e technicos que não possuimos; mas as primeiras seriam obtidas pelos syndicatos, que em breve salvariam o seu custo, e os segundos não seria difficil educal-os em prazo relativamente curto, attendendo á facilidade com que nos adaptamos a qualquer ramo de trabalho.

As represas ou cisternas artificiaes, não carecem de apparelhos privativos, sondagens ou technicos caros: dois simples muros de vedação, entre duas encostas, de preferencia em logar cujo solo seja pouco premeavel é o bastante para se obter um deposito de agua tanto mais formidavel e aproveitavel quanto maior fôr a altura dos muros e a distancia entre si.

Nada mais simples, pois, para se resolver problema de tal magnitude e de consequencias tão formidaveis.

O que resta saber — detalhes secundarios, minudencias technicas, apropriação dos terrenos, sondagens, investigações, etc., é assumpto para ser tratado por pessoas ou publicações especialmente dedicadas a estes trabalhos.

Nós lembramos, incitamos e aconselhamos; os outros completem a obra, se se lhe afigura proveitosa, aperfeiçoando e esclarecendo o que apenas em esboço deixamos apontado.

Instrucção popular Como já tivemos occasião de dizer em numeros passados d'esta revista, a instrucção popular em Traz-os-Montes carece de vigoroso impulso que não é licito esperar da exclusiva iniciativa governamental e ainda muito menos do concurso das camaras, dada a critica situação da maioria dos seus cofres.

Se a benefica e generosa intervenção particular não vier acudir com salutar cooperação a esta patriotica empreza; se a iniciativa e auxilio pecuniario dos trasmontanos patriotas não vierem supprir as deficiencias administrativas e difficuldades economicas do estado e dos municipios, tarde e mal se consiguirá, pela instrucção, o desejado progresso das terras trasmontanas.

Toda a felicidade e riqueza de um povo reside de inicio no seu grau de instrucção e educação e

d'elle depende principalmente. Tratar, pois, do desenvolvimento de Traz-os-Montes sem que primeiramente se cuide com desvello e sacrificio da instrucção dos seus habitantes é quasi trabalho baldado ou esteril, porque nullos quasi serão os fructos a colher.

Todos nos devemos, portanto, concertar no sentido de melhorar quanto possivel a desgraçada situação do ensino popular e assim teremos conseguido andar meio caminho para o alvejado fim.

A *Illustração Trasmontana*, como se disse no seu primeiro numero, contribuirá, quanto em si possa, para que esta campanha entre n'uma phase activa de propaganda, abandonando o esteril campo de declamação para se embrenhar no meio activo e concludente dos factos.

O inquerito do actual estado do ensino popular em Traz-os-Montes, pondo quasi de parte, por suspeitos ou mal cuidados, os trabalhos officiaes, impõe-se como base racional da campanha. Resta saber, mas cremos que não haverá duvidas sobre o exito, se dentro da provincia, em todos os concelhos e até em todas as freguezias poderemos contar com o auxilio de um dedicado pela sua terra, que nos dispense uns momentos para nos illucidar sobre o seguinte questionario que constitue o inquerito em referencia:

1.º — Quantas escolas officiaes primarias de ambos os sexos, ha n'essa freguezia?
2.º — E quantas de iniciativa particular?
3.º — Quaes são os logares mais importantes da freguezia que não tem escola, qual a sua população e a que distancia ficam da mais proxima?
4.ª — Qual é a população escolar da freguezia e qual a frequencia regular ou em media?
5.º — Qual a população geral aproximada da freguezia e qual a percentagem de analphabetos?
6.º — Ha ahi alguma commissão de beneficencia escolar?
7.º — No caso de se poder ahi mandar estabelecer uma missão escolar, haverá quem, por seis mezes, offereça casa propria para seu funccionamento?

A resposta aos quesitos deve ser enviada á direcção d'esta revista com a brevidade possivel, para, quanto antes, se iniciarem os trabalhos que convém pôr em pratica.

Liga de Interesses Trasmontanos.

Parece que se trata, n'esta cidade de reunir os indispensaveis elementos para a constituição de um agrupamento de trasmontanos dedicados, com o fim exclusivo e sympathico de promover, por todos os meios, o desenvolvimento e progresso da nossa provincia. Parece que ha n'este intento empenhada a melhor e desinteressada vontade e que desde já ha garantidas as mais apreciaveis dedicações.

Como base de trabalhos, que nos parece de grande acerto, pensam os promotores d'este verdadeiro acto de alto patriotismo, promover a creação e manter a regular existencia de varios jornaes periodicos na provincia, com sede nos mais importantes concelhos e comarcas.

E' realmente um serviço de relevantissimo prestimo sob todos os pontos de vista, como muito deve contribuir para o fim que o agrupamento em referencia busca, especialmente se, como está esboçado, essas publicações forem criteriosamente orientadas e tiverem, de fórma bem accentuada, o caracter do jornal moderno, que o publico que lê já não dispensa.

Oxalá que em breve se verifique a boa nova que nada tem de infundada, e que assim se confirme a existencia de uma viva corrente de interesse e de amor trasmontano, que á volta da provincia se vem estabelecendo, sem duvida assediando de fórma energica e decisiva o abandono enercia a que até hoje tem estado pacientemente submettida.

Exposição Industrial Trasmontana.

Algumas palavras de attenção devemos aos nossos assignantes e ao publico sobre esta patriotica tentativa iniciada pela antiga firma proprietaria da *Illustração Trasmontana*.

Ainda que careça, como todas as emprezas, de arrojo, persistencia e vontade inquebrantavel, o projecto, altamente patriotico, de incontestaveis resultados praticos para a região, merece todo o nosso auxilio, tanto quanto possivel, parecendonos inteiramente viavel se varias forças dispersas, por aqui e por lá, se congregaram para este effeito.

Isolada e separadamente, tal como tinha sido estudado o plano primitivo, não é praticavel porque, pela experiencia, vimos que na região trasmontana ninguem, certamente por ignorancia, se manifestou de molde a cooperar no projecto, nem mesmo os directamente interessados, os fabricantes, a quem foi dirigido appello.

Pela nossa parte, toda a boa vontade, todo o melhor esforço e auxilio ficarão inteiramente ao dispôr d'esta obra de reconhecida utilidade; mas, insufficientes para o bom exito, é indispensavel que cada um, dentro da sua esphera de acção, de maior ou menor raio, preste o seu concurso, que sempre será valioso por mais insignificante que pareça.

Ainda dentro da norma do primitivo projecto, o certamen de productos trasmontanos que em primeiro logar se impõe deve constar especialmente de doçaria, pastellaria e talvez vinhos generosos.

Muita gente conhece já as superiores especialidades que, n'este ramo bizarro de industria, se fabricam na provincia trasmontana; mas muita mais desconhece as incomparaveis guloseimas, para que não faltarão apreciadores nos centros populosos, desde que se tornem conhecidas, como as tradicionaes e famosas amendoas cobertas de Moncorvo; a rosca ou biscoito saboroso de Miranda; os delicados pasteis de folhado de Villa Real;

os primorosos pasteis de picado de Chaves; a cavaca de Mirandella; o famoso toucinho do céu de Murça, os doces de conserva e manjares de Lobrigos, etc.; sendo difficil constatar e justificar a fama d'estas iguarias porque nenhuma se encontra no mercado, senão imitações, e o comprador raras vezes se entrega ao trabalho da compra directa.

Tornar, pois, conhecidos estes e outros productos, crear lhes novos mercados e fomentar a sua venda, é realmente serviço de certa monta, que bem merece alguma attenção da parte de quem se interessa pelo desenvolvimento da sua terra e principalmente das pessoas que directamente mais têm a lucrar com o desenvolvimento da industria local.

A realisação d'este certamen, como principio basilar de propaganda, impõe-se em absoluto; mas só com o concurso de todos se poderá levar a effeito.

Cremos bem que com semelhante auxilio se poderá contar; e é n'esta previsão que vamos proceder a um inquerito relativo á industria em referencia, como trabalho preliminar.

Para o seu bom exito que, por si só, já constitue excellente propaganda, todos os nossos patricios résidentes na provincia podem contribuir, sem grande esforço, especialmente os nossos assignantes, collaboradores e agentes, que são, certamente, entre todos, os que mais se interessam pelo progresso regional.

Este questionario, cujo interesse e valor é absolutamente inconstestavel, resume-se no seguinte, a que se póde responder n'um simples bilhete postal:

Quaes são as especialidades relativas á pastellaria e doçaria que n'essa localidade se fabricam?

Quem são os principaes fabricantes?

Qual é a epoca do anno em que se fabricam?

Ha exportação, e para onde?

Qual é o preço medio, e a unidade de peso adoptada?

Qual a mais facil e economica via de transporte?

Podem obter-se preços excepcionaes para os productos destinados ao certamen, e em que quantidades?

As respostas a este questionario serão, á medida que forem recebidas, publicadas na *Illustração Trasmontana* e já isto constitue proveitoso réclame que, pelos interessados, não deve ser desprezado.

O exito e viabilidade do projecto depende, pois, unicamente da boa vontade e solicitude dos nossos patricios e por isso os incitamos a este pequeno esforço de que póde resultar apreciavel interesse para a communidade trasmontana.

Dr. Amilcar de Souza. Regressou de Pariz, passando a ter sua residencia em Mattosinhos, este nosso presado amigo e illustre collaborador, a quem jubilosamente cumprimentamos, retribuindo o favor da sua attenciosa visita.

Instrucção e beneficencia regionaes. A acção da politica local. Informam-nos de Bragança: Como sabem, dois benemeritos trasmontanos, ha annos fallecidos em Lisboa, legaram, para a creação e manutenção de uma escola secundaria n'este districto e para asylos de creanças abandonadas, a importantissima verba de 210 contos de réis, que o estado, é claro, como o peor dos administradores, tratou de guardar nos seus cofres ou de lhe dar o destino que lhe pareceu mais conveniente.

Os influentes politicos locaes lobrigaram logo azado ensejo para anichar afilhados, sem se preoccuparem com as leis que regem estes casos; e o governo, posto em cheque, porque não sabe como harmonisar os interesses dos contendores politicos, mas desejando ser simultaneamente agradavel a Deus e ao diabo, vae deixando de observar a lei, que é o mais lamentavel.

Tratando-se de politica, é evidente, aos nossos deputados já não falta loquacidade, e assim se explica a razão porque o deputado por Bragança, snr. Abilio Beça se dignou interpellar o governo sobre esta questão que o illustre trasmontano classificou de atropello á lei e de violação indecorosa á vontade dos benemeritos testadores.

Na fórma do costume, em semelhantes conjecturas, o governo, pela bocca do snr. ministro do reino, affirmou que procuraria regular o assumpto; mas tambem, pela fórma do costume, se alguma coisa se fizer, n'outra situação politica e com outros fundamentos não será para estranhar que o antagonista do snr. Abilio Beça venha interpellar o snr. ministro do reino sobre outros atropellos ou difficuldades que impeçam o anichamento de novos afilhados!

E andamos sempre n'isto, á mercê da reles politica local, sem uma exemplar administração economica e politica que nos garanta contra a perniciosa influencia dos mandões eleiçoeiros, que da lei só se servem quando lhes é favoravel.

E não haverá fórma de pôr côbro a estes desmandos rotativos, que têm já a caracteristica de doença grave e chronica?

Progresso trasmontano No fim do anno corrente deve já a villa da Regoa gosar o importante melhoramento de illuminação publica moderna, com energia fornecida pela Companhia Hydro-electrica do Varoza.

Por emquanto, em Traz-os-Montes, a energia electrica, como em Villa Real ou Chaves, é sómente aproveitada para illuminação, quando igualmente podia e devia ser applicada a outras industrias.

Tem-se esboçado varios projectos, que nunca passam de projectos, certamente porque os capitaes da região escaceiam e, porque falta iniciativa, mas principalmente porque os estranhos desconhecem a região tão propicia e adequada, pelas excellentes quedas d'agua do Tua, do Sabor e do Ta-

mega, além d'outras, para magnificas fontes de energia barata.

A viação a vapor, por exemplo, bastante cara pelo custo do combustivel podia, com incontestavel vantagem, ser substituida, na sua grande parte, pela viação electrica.

A industria manufactureira podia tambem na região receber largo desenvolvimento, sobretudo a preparação e tecelagem da lã, materia prima, que, em grande quantidade e quasi em bruto, d'alli é exportada para a Inglaterra; o fabríco de papel commum e cellulose, para o que, com vantagem e grande economia, se aproveitariam como materia prima os sarmentos das videiras,que hoje só se empregam para combustão, e muitos outros vegetaes. Era uma industria importante que viria valorisar productos até agora de insignificante valor.

E a par d'estas outras industrias, como a olaria, a ceramica, que dispõe de famosos jazigos de argilla que apenas carece de ligeira correcção; a industria extractiva que lucraria formidavel impulso, etc., etc.

E', como se vê, manancial de riqueza inexgotavel, para alli desvalorisado, entregue a criminoso abandono, sobre o qual vive ignorado e ignorante um povo naturalmente intelligente e laborioso, capaz de produzir, convenientemente orientado, de extraordinaria resistencia para o trabalho, mas que nasce, vive e morre sob a acção constante d'uma mizeria cheia de horrores.

Africa e Brazil

Das nossas colonias africanas, especialmente de Lourenço Marques e tambem do Pará, temos recebido varias reclamações sobre a falta do nosso jornal, que alli, até a esta data, não foi recebido além do n.º 3!

E' extraordinario, mas não temos a menor duvida sobre a veracidade das queixas. O mais curioso, porém, é que, para o Brazil, todas as remessas d'esta revista são feitas sob registo, quer em maços quer em distribuição singular; e, para Lourenço Marques, tambem os pacotes do nosso jornal vão registados.

Ha portanto roubos cujos auctores vamos tratar de descobrir.

O seu campo de manobras, limitado pelo nosso antigo encarregado de expedição e pelos distribuidores do correio, não será difficil de examinar.

Entretanto, aos nossos assignantes, ainda que com prejuizos apreciaveis, porque se trata de algumas dezenas de exemplares, foram feitas novas remessas, igualmente registadas.

Chronica do bem

Um innocente condemnado?

Não obstante todos os trabalhos preliminares a que temos procedido no intuito de se averiguar se realmente ha motivos que justifiquem a revisão do processo relativo a José Leopoldo, da comarca de Macedo de Cavalleiros, parece-nos, segundo as obsequiosas informações colhidas, que só em fins de outubro proximo se poderá conhecer se ha ou não razões que determinem o proseguimento d'esta humana acção de justiça.

Seja, porém, qual fôr o resultado d'estas investigações, e isso depende sómente da verdade com que o condemnado reclama, desde já nos confessamos deveras penhorados e agradecidos para com as pessoas a quem temos solicitado a sua influencia e justiça, pelas altas funcções que exerce, devendo especialisar-se entre ellas os snrs. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello Branco, nosso estimavel patricio e collaborador, e o illustrado e integerrimo agente do ministerio publico na comarca de Macedo de Cavalleiros.

Aguardemos, pois, aquella data, e até então continuemos a impetrar das pessoas que no caso podem ter interferencia, todo o seu auxilio e coadjuvação.

Collaboram n'este **numero 7** os snrs:

Carlos de Magalhães —*General Claudino, Antonio José Claudino d'Oliveira Pimentel.*

Abbade Tavares —*Folk-lore Trasmontano. Trovas Populares.*

Vieira da Costa—*Regoa—Monographia.*

P.e Francisco Manoel Alves—*Genealogia Trasmantana.*

Collaboração artistica

Antonio Carneiro—*Sanguinea* de Antonio José Claudino d'Oliveira Pimentel.

Collaboram no proximo n.º 8, os snrs.:

Joaquim Leitão, Sousa Costa, Carlos de Magalhães e Daniel Rodrigues.

Summario do «Jornal do Mez»

«Illustração Trasmontana»—Serviço do correio—Melhoramentos bragantinos—Irrigação agricola—Instrucção popular—Liga dos interesses trasmontanos—Exposição industrial trasmontana—Instrucção e beneficencia regionaes—Progresso trasmontano—Chronica do bem, etc.

Aviso importante No intuito de corresponder aos serviços que todos os nossos presados conterraneos e amigos nos vão, evidentemente, prestar, angariando-nos apreciavel numero de assignaturas, unica fórma de vingar o nosso patriotico emprehendimento, fica desde já assente que, para tão prestimosas pessoas, o preço da sua assignatura deixa de ser o que n'outro logar vae indicado, para ser o que a tabella seguinte estabelece, variavel e em relação com o numero de assignaturas pagas que cada uma possa obter.

Quantidade de assignaturas angariadas e pagas	Preço da assignatura para o angariador
1	2$250
2	2$000
3	1$700
4	1$500
5	1$250
6	1$000
7	750
8	500
9	250
10	**Gratis**

Para que as assignaturas apresentadas pelas pessoas que desejam aproveitar-se do desconto acima indicado, sejam consideradas válidas, é indispensavel que o apresentante realize o respectivo pagamento na occasião de satifazer a sua assignatura.

A administração d'esta revista encarrega-se sómente da distribuição do jornal de taes assignantes, e nunca da respectiva cobrança.

Nota: — **Na contagem das assignaturas obtidas não póde ser incluida a da pessoa encarregada da angariação.**

A Empreza.

Subscripção—Continúa aberta, n'esta redacção, a subscripção iniciada no n.º 6 d'este jornal a favor de Luciano da Cruz, residente na Povoação, correio da Regoa, que se encontra impossibilitado de poder ganhar pelo seu braço o sustento para si e d'aquelles que lhe são caros.

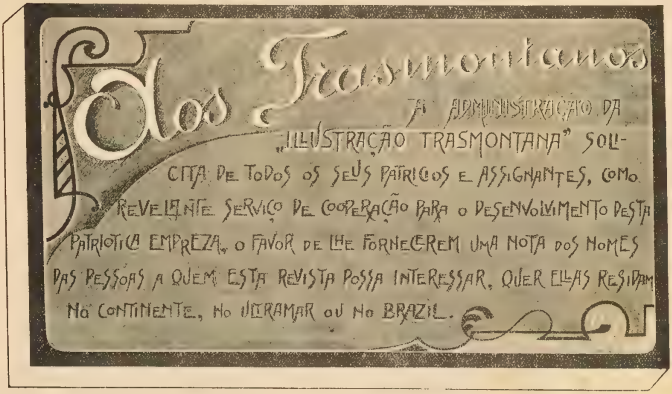
Mais uma vez ousamos appellar para as almas boas e generosas, crentes de que acorrerão pressurosas, em auxilio d'este infeliz enviando-lhe qualquer obulo para lhe minorar as agruras da vida.

Transporte.......... 6$500

CAFÉ E GRANDE HOTEL «TOCAIO»

VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario — *Adriano Rocha.*



SUPPLEMENTO

ao n.º 8 da

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

28 A 36 PAGINAS, GRANDE FORMATO

Publica-se nos dias 15 a 30 de cada mez

DIRECTOR
CARLOS DE MAGALHÃES

ARCHIVO PITTORESCO, LITTERARIO, ARTISTICO E SCIENTIFICO DAS TERRAS TRASMONTANAS

COLLABORAÇÃO LITTERARIA, SCIENTIFICA OU ARTISTICA DOS EX.MOS SNRS.

Dr. ABILIO GUERRA JUNQUEIRO · ADELINO SAMARDÃ · Dr. AFFONSO CORDEIRO · ALBINO LOPO Dr. AMILCAR DE SOUZA · Dr. ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO · ANTONIO CARNEIRO AUGUSTO CEZAR RIBEIRO DE CARVALHO · AUGUSTO NOBRE · BASILIO TELLES · Dr. CARLOS ALVES CHRISTIANO DE CARVALHO · DANIEL RODRIGUES · Coronel DOMINGOS CORRÊA · ERNESTO DE VASCONCELLOS · GONÇALO SAMPAIO · Dr. HENRIQUE FERREIRA BOTELHO · JOÃO AUGUSTO RIBEIRO · Dr. JOÃO AYRES D'AZEVEDO · Dr. JOÃO BARREIRA · JOÃO IGNACIO DE MENEZES PIMENTEL · JOAQUIM LEITÃO · JOAQUIM DE VASCONCELLOS · P.e JOSÉ AUGUSTO TAVARES JOSÉ MARIA ALVES TORGO · JOSÉ MAXIMIANO CORRÊA DE BARROS · Dr. JOSÉ MOURÃO · JULIO BRANDÃO · Dr. MANUEL DA COSTA ROCHA · MANUEL DUARTE D'ALMEIDA · Dr. MANUEL LARANJEIRA · Dr. MANUEL MONTEIRO · P.e MIGUEL JOSÉ RODRIGUES · ROCHA PEIXOTO · Dr. SOUZA COSTA · VIEIRA DA COSTA · Etc., etc.

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

ADMINISTRADOR
ANTONIO AUGUSTO CORRÊA

TELEPHONE N.º 942

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE CEDOFEITA, 95, 1.º — PORTO

END. TELEGR. EFFECE

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias	2$500
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

PAGAMENTO ADEANTADO

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de desconto

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

Photogravuras das officinas de CHRISTIANO DE CARVALHO rua de Cedofeita, 95 — Porto

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Comp. e imp. na Typ. Occidental de PIMENTA, LOPES & VIANNA rua da Fabrica, 80 — Porto.

Liga de trasmontanos

O futuro da provincia

Por varias vezes, n'este jornal, se tem dito, e é tambem frequentemente abordado o assumpto em palestras relativas ao desenvolvimento da nossa região, que a origem do estacionamento do nosso progresso provincial reside sómente na incuria d'aquelles que, pelos seus merecimentos ou arrojo, se tem elevado ao zenith da governação publica.

Em boa verdade está n'este desleixo official grande parte do mal que todos reconhecem; mas nem por isto mesmo se procura, cada um por iniciativa propria, corrigir o defeito, no que é possivel, e todos se limitam a verberar o procedimento dos outros, sem que bastantes appareçam com energia para dar salutar exemplo.

Aos governos cabe, não ha duvida, inteira responsabilidade em graves faltas e omissões indesculpaveis; mas não inferior responsabilidade é a nossa, a dos governados, porque nos deixamos assim conduzir, indifferentes e desinteressados pelo desenvolvimento da collectividade, o que, evidentemente, constitue um crime civico bem deploravel e lastimoso.

O trasmontano é, por indole e por temperamento, assaz laborioso e activo, economico e inteligente; possue qualidades apreciaveis de trabalho e resistencia, e facilmente esquece preconceitos tolos que o afastem do trabalho compensador.

Mas, para que se manifeste e para que evidencie estas excellentes qualidades, sufficientes para se ser feliz, é necessario que se expatrie, que abandone a sua patria e que busque meio onde se lhe patenteie a vida com todo esse côro infinito de contrariedades, que fazem crear o estimulo e a vontade de reagir.

Na terra, o trasmontano, victima do meio e da falta de educação apropriada, é todo indolencia, hesitação, e desconfiança; nada de emprehendimentos; nada de esforço pessoal para obter um relativo bem-estar; nada de dispendio de energia propria em favor da conquista do seu futuro limpo de difficuldades.

Nasce pobre e morre pobrissimo, entregue ao Deus dará, indifferente ás riquezas naturaes que o cercam, incapaz de uma audacia louvavel, vegetando uma vida aventurosa, sem calcular o que será o dia seguinte, só confiado na intervenção divina ou na influencia prestimosa do seu chefe politico, a cuja casaca, como parasita pernicioso, se agarra desesperadamente, aflictivamente!

E assim, o povo trasmontano, se quieta, n'uma situação degradante, miseravel e humilhante, sem vontade, sem orientação, sem independencia; creatura automatica, com movimentos derivados de cordelinhos, que o politico maneja á sua vontade, sem que se lhe opponha resistencia nobre e altiva, como de um povo livre e independente.

E uma situação ignara, de servilidade imbecil ou estupidamente egoista.

O chefe politico d'este povo é quem d'elle em absoluto dispõe, porque lhe dá, ou promette dar, os miseraveis recursos para não morrer de fome, mas os sufficientes para não precisar de trabalhar ou de luctar pela vida livre e desafogada.

Curva-se, roja-se, rasteja como ser inferior, a troco da promessa d'uns limitados elementos de vida, sem se preoccupar com os interesses geraes da região, de que lhe podia advir, incontestavelmente, nova e feliz vida, sendo-lhe indifferente que a vulgarisação das maravilhas da sua terra se faça, que o fomento agricola receba benéfico impulso, que a instrucção se diffunda, que a viação se desenvolva, que a industria das suas riquezas naturaes avance, que o povoamento florestal se effectue, que, emfim, o progresso material e intellectual da região se converta n'um facto!

A ambição do trasmontano limita-se ao emprego publico, por commodidade, por luxo ou por vaidade.

Não vae mais longe.

Pobre, remediado ou rico, não ambiciona outro futuro. A burocracia encanta-o.

A vida activa e laboriosa, que carece d'uma laboração cerebral constante, apavora-o, assusta-o.

Os capitaes da provincia não se franqueiam ás iniciativas que casualmente surjam; o trabalho, que não tenha por garantia o estado, descrente, por falta de criterio e educação, não coopera nas emprezas.

Fóra do torrão, porém, o trasmontano revela-se com vantagens manifestas sobre as restantes gentes do paiz: educa-se, trabalha, progride e vence.

E' apenas uma influencia do meio que urge, por todos os processos, modificar e beneficiar.

Para o resurgimento do futuro trasmontano não é de boa previsão contar com o auxilio unico d'aquelles que, a dentro de seus muros vivem; é indispensavel o concurso valioso — e unico, talvez — dos que mais afastados estão da patria, onde mais intensivamente se radica e anima o amor pelo progresso da sua terra.

Todo o problema, pois, fica patente para resolver pelas numerosas e importantissimas colonias trasmontanas; e, felizmente, observa-se já inconfundivel tendencia para a sua resolução pela iniciativa esboçada no nascente agrupamento dos trasmontanos no Porto que, decerto, não deixará de ser secundada pelo Club dos Trasmontanos de Lisboa, e mais tarde pelo concurso importantissimo dos nossos patricios que além, na Africa ou nas Americas, mourejam em conquista de uma posição brilhante e desafogada.

A Illustração Trasmontana, a dentro de seu programma, como o mais humilde dos obreiros d'esta grande obra patriotica, encaminhará todo o esforço para a união d'estes preponderantes elementos e assim terá a gloria de haver contribuido, de fórma bem patente, para o desejado fim.

N'este sentido estão entaboladas as melhores negociações e é de crer que, em prazo não muito longo, se inicie a colheita de fructos proveitosos, que justificadas esperanças desde já acolhem com bem fundado regosijo.

A proposito da agremiação dos trasmontanos no Porto

Quando fallamos dos males que affligem as Terras Trasmontanas, não queremos dizer que elles sejam privativos da região, e que só esta, á parte o resto do paiz, fórme um quadro especial de miserias e desconforto, que não é dado observar-se nas restantes provincias ou districtos.

Se a origem d'esses males assenta, evidentemente, na sua grande maioria, na falta de instrucção e na carencia absoluta de iniciativa propria, estas duas bases fundamentaes, instrucção e iniciativa, para o progresso e desenvolvimento de um povo, existem, incontestavelmente, em qualquer parte do paiz, desde Melgaço ao Cabo de Santa Maria.

O mal não está, infelizmente, circumscripto ás raias trasmontanas; toca em toda a linha fronteiriça, como doença nacional.

O povo trasmontano enferma, como todo o povo portuguez, do mesmo mal, do analphabetismo, resultante, sem duvida, da nossa má organisação politica e economica de que são exclusivos responsaveis os nossos homens publicos—politicos e economistas—no geral creaturas mediocres e aventureiras, que se limitam a imitar por incapazes de produzir coisa sua.

Mas, para diffundir instrucção e destruir o analphabetismo, não é sufficiente crear escolas e decretar o ensino obrigatorio, com penalidades severas para quem o não acate, como os nossos dirigentes pensam; é necessario capacitar e convencer o povo de que para se conquistar a carta d'alforria, que o liberte da situação servil em que se encontra e o salve da desesperada crise economica em que está envolvido, só o poderá fazer com uma base solida e segura de instrucção.

Crear, pois, ao povo, esta necessidade, a necessidade de se instruir, é sem duvida um dever que se impõe a todos que possuem instrucção, mormente aquelles que, pela sua situação especial, melhor o podem fazer.

N'este ponto a acção governativa e dirigente do estado é puramente secundaria.

Todo o esforço é de iniciativa particular, de energia propria, de vontade independente.

O povo trasmontano, melhor que o de outra região nacional, facilmente se adapta; sem difficuldades aprehende e assimila; só falta quem o eduque, quem o oriente e quem lhe mostre, com clareza, as vantagens da instrucção.

É um problema, pois, de relativa facilidade, que temos a resolver, nós, trasmontanos, que alguns principios de instrucções possuimos; e, com outros elementos apreciaveis de força, podermos vencer, desde que a acção da novel agremiação portuense dos trasmontanos se não limite, n'um egoismo bem sensuravel, a proporcionar recreio banal aos socios residentes no Porto, esquecendo os altos interesses da communidade trasmontana.

—Em Lourenço Marques, onde a maioria da população portugueza é de origem trasmontana, vae fundar-se, tal como em Lisboa e no Porto, uma agremiação de trasmontanos cujos fins principaes são tambem pugnar pelos interesses da nossa querida provincia.

Vê-se, pois, o sentimento regionalista, na util e justificada acepção da palavra, a tomar largo incremento, não sendo motivo de surpresa se dentro em breve assistirmos á acção combinada d'estes importantes nucleos de força que, por sua vez, provocarão novas agremiações como as que já estão mais ou menos delineadas em Loanda, Pará, Rio de Janeiro e S. Paulo.

Exposição Industrial Trasmontana

Continua sendo excellentemente recebido, pelos nossos comprovincianos, o patriotico projecto de uma exposição industrial de productos trasmontanos, que deverá realisar-se no Porto, sob a influencia e direcção d'esta revista, auxiliada pelo importantissimo concurso de um grupo de trasmontanos residentes n'esta cidade, inteiramente votado ao desenvolvimento da nossa provincia.

As pessoas directamente interessadas, especialmente os fabricantes ou productores, grande serviço prestariam aos seus interesses se, desde já, e como se lhes tem solicitado em numeros passados, nos indicassem as especialidades de seu fabrico, preços, producção, condições de venda, etc., etc.

Como evidentemente se conclue, a projectada exposição de productos de doçaria e pastellaria trasmontanas tem por fim unico a vulgarisação d'estas especialidades, nos principaes centros do paiz, dilatando-lhe assim a sua fabricação com um mercado mais amplo e compensador. Tudo, pois, que se faça no sentido de levar a effeito tão patriotico intento, é contribuir, de uma maneira positiva, para o desenvolvimento da riqueza regional.

Visitas

Muitos dos nossos patricios e amigos a quem, decerto, não é indifferente a obra colossal que esta revista se propõe levar a bom termo, tem-nos dispensado a maior somma possivel de attenções, provas de consideração e estima que muito nos penhora e anima no proseguimento da tarefa. Além de cartas, bilhetes postaes e cartões de felicitação, que seria, para o leitor, fastidioso enumerar, envaidece-nos a honra de muitas visitas pessoaes, que não devemos deixar de registar, junctamente com alguns dos primeiros, como prova de justo reconhecimento por tão alta deferencia, ou como agradecimento por tão valiosos serviços dispensados.

Assim, aqui retribuimos e agradecemos aos ex.mos snrs:

Manoel Duarte d'Almeida, Daniel Rodrigues, Dr. Amilcar de Souza, P.e Miguel José Rodrigues, Carlos Affonso, Bento de Moraes Sarmento, Estanislau C. de Mattos, Accacio Fonseca, Antonio Boaventura Pinheiro, A. Balbino Rego, João Augusto Ribeiro, Roque Augusto de Carvalho, etc., etc.

Caminhos de Ferro

Linha do Valle do Tamega

Vão tomando apreciavel incremento as obras da construcção d'esta importantissima linha, de incontestaveis vantagens para a nossa provincia, especialmente para os concelhos de Mondim de Basto, Ribeira de Pena, Boticas e Chaves, que assim, mais facil e economicamente, podem exportar os seus productos para os grandes centros.

Ainda que por explorar, precisamente por falta absoluta de vias de communicação, possuem estes concelhos formidaveis riquezas mineraes e agricolas que, decerto, agora irão experimentar apreciavel desenvolvimento e de que resultará importantissimo beneficio para a provincia e para o paiz.

Oxalá que esta actividade observada na construcção da linha em referencia, até Amarante, devida á inergia d'uma illustre personalidade local, não afrouxe no seguimento dos trabalhos, o que, pelo costume, se dará se, no assumpto, não intervier desde já a influencia pessoal e politica dos nossos mais importantes homens trasmontanos.

Aos povos, pois, d'aquelles concelhos, lembramos, para seu proprio interesse, que não levantem mão do assumpto, fazendo valer os seus direitos e justiça por intermedio dos seus legaes representantes.

A linha do Valle do Tamega, como é sabido, tem seu termo proximo de Vidago, em Cavez, fundindo-se alli com a outra do Valle do Corgo, que irá da Regoa a Chaves e já construida até ás Pedras Salgadas.

Fica assim a parte occidental da provincia rasoavelmente servida com linhas ferreas; resta, porém, importante e indispensavel serviço a fazer e que, desde já, deve iniciar-se, não só para commodidade e interesse da região, como para garantia da vida das proprias linhas—o estudo e execução de uma completa rede de estradas que ponha em communicação as principaes localidades e centros agricolas com a via ferrea. Sem este complemento, absolutamente indispensavel, o caminho de ferro só utilisará a muito restricto numero de povoações, especialmente quando os seus traçados, como o do Córgo, são feitos de molde a servirem o menor numero possivel de terras.

Assim, construidas as duas linhas, Valle do Córgo e Tamega, afiguram-se-nos urgentes as seguintes estradas, cujos terminus só poderão ser indicados em face dos respectivos traçados dos caminhos de ferro:

No Córgo: Santa Martha de Penaguião á estação mais proxima da linha, além Córgo; Cumieira ás Avellêdas; conclusão da estrada que de Villa Real vem a Folhadella, seguindo por Sabroso e terminando talvez em Carrazedo ou na Povoação, e proseguimento da que da Regoa vem a Alvações e que deveria ir entroncar na estrada que liga Villa Real a Sabrosa, talvez em S. Cibrão, e servindo as principaes freguezias como Nogueira, Abbaças, Andrães, etc.

Mondim de Basto a Villa Real é, sem duvida, a mais dispendiosa estrada a construir no concelho de Villa Real; mas é, evidentemente, uma das mais importantes e urgentes.

Conclusão da estrada que deve ligar Villa Pouca d'Aguiar a Murça e terminar o que falta entre Parada, no concelho de Mondim, e Cerva, no de Ribeira de Pena, para assim se ligarem estas duas cabeças de concelho. Conclusão do traçado de Villa Pouca a Valpassos e, em seguida, de Valpassos á Bouça, no concelho de Mirandella. Conclusão da que do Vidago se dirige ás Boticas; um novo ramal de Vidago ou Oura a Loivos, indo ligar á estrada que de Chaves se dirige a Murça, etc.

Como se vê a maioria das estradas convergentes ás linhas ferreas do Córgo e do Tamega dependem de simples conclusões, na sua maioria; e, se já não estão feitas, é apenas devido a esta circumstancia muito regional—a estrada vae só até onde póde chegar a influencia politica local—de lá por deante, fica para depois!

Mas agora, feitas as vias ferreas, não dependem estas obras da vontade de politicos; são impostas pela necessidade geral, e portanto hão-de ser feitas. A difficuldade principal a vencer, depois da economica, é a da directriz de cada estrada, de molde a servir a todos, não carecendo amanhã de novos ramaes, que originem novas reclamações e sacrificios.

Os nossos inqueritos

No passado numero d'esta revista, solicitamos dos nossos patricios, residentes em Traz-os-Montes, especialmente d'aquelles que, por circumstancias especiaes, melhores serviços nos poderiam prestar, todo o seu excellente auxilio, que de pouco esforço dependeria, para a realisação de um inquerito consciencioso e sensato, sobre o estado actual da instrucção publica e particular na nossa provincia.

De pouco nos tem servido semelhante appello; limitadissimo numero de pessoas se tem interessado por esta capital e interessante questão, que deveria servir de base a ulteriores trabalhos de grande importancia para o futuro da provincia.

D'entre as pessoas que, por deveres do officio, melhores indicações nos poderiam ser dispensadas—professores e parochos—duas apenas, dos segundos, se dignaram mostrar interesse pelo assumpto, fornecendo-nos aproveitaveis subsidios.

As restantes, se é que todas do appello tiveram conhecimento, recolheram-se a commodo silencio, como se se tratasse de questão de nenhum valor.

Muito desejariamos dar, como já dissemos, a este trabalho de investigação, um caracter accentuadamente particular, que bem representasse o que póde valer o esforço pessoal, independente da acção governativa; mas, em face de semelhante indifferença, bem lamentavel e em pouco contraste com o proverbial patriotismo trasmontano, sem desistirmos do nosso proposito, enveredaremos por outro caminho, semi-official, e assim, embora com

menos valor, conseguiremos aquillo que voluntariamente poderiamos obter.

N'um dos proximos numeros indicaremos o processo a seguir, para satisfação das pessoas que, devotada e desinteressadamente, acompanham o desenvolvimento da nossa provincia.

Trindade Coelho A' proposito do artigo que o escriptor snr. Joaquim Leitão, sobre Trindade Coelho, propôz a esta revista, para ser publicado no seu numero 8, julgamos opportuno declarar, em observancia ao nosso programma, que o facto da sua publicação, ou a de outro qualquer, de nenhuma fórma prova ou justifica a nossa solidariedade ou concordancia de ideias com o que os autores expõem.

Por esta razão generica, e porque esta revista não é mais do que um repositorio artistico, litterario ou scientifico das Terras Trasmontanas e nunca um registo, apaixonado ou independente, de opiniões politicas, a responsabilidade de tudo o que se leia em collaboração estranha, como no caso em referencia, pertence exclusiva e inteiramente aos respectivos auctores.

Hydrologia Trasmontana E' o titulo de uma nova e interessantissima secção que em breve a *Illustração Trasmontana* iniciará, occupando-se da descripção minuciosa de tudo o que, sob este ponto de vista, existe na nossa provincia.

Em nenhuma outra região do paiz se constata a abundancia de nascentes hydro-medicinaes como em Traz-os-Montes; e em poucas partes do globo se encontrarão riquezas d'esta natureza que se possam comparar a algumas das nascentes actualmente em exploração n'este abençoado naco de terra portugueza.

D'aqui, o interesse que deve despertar o curioso assumpto, cuidadosamente tratado sobre o ponto de vista therapeutico, por medicos de reconhecida competencia e aptidão, e o encanto de suas illustrações primorosas, reproduzindo não só aspectos regionaes de incomparavel e inconfundivel belleza, mas tambem de todos os estabelecimentos hydrologicos e suas dependencias, que bem dão idéa do desenvolvimento que até hoje se tem operado n'esta grande industria.

Parece averiguado que, de toda a provincia trasmontana, a região privilegiada n'estas riquezas é a que comprehende os concelhos de Villa Pouca d'Aguiar e Chaves; por ella, pois iniciaremos o relato, dando, como prologo d'este impotante trabalho, uma descripção pittoresca e impressionista da interessante região da Ribeira d'Oura, no concelho de Chaves, onde se encontram as famosas nascentes das aguas de Vidago, evidentemente, na sua ordem, as primeiras do paiz e umas das mais mundialmente afamadas.

Naturalmente, pela sua ordem principal de exploração, occupar-nos-hemos, em primeiro logar, do importante estabelecimento hydrologico de VIDAGO, o mais antigo da região, precedido de justificadissima fama devida á sabia administração e extraordinaria competencia e arrojo do organisador da primitiva empreza e seu gerente, Miguel Augusto de Carvalho; PEDRAS SALGADAS, o elegante e importantissimo estabelecimento que, a par da incontestavel riqueza das suas aguas, conseguiu, nos annos findos, nos seus pittorescos parques e jardins e nos seus confortaveis hoteis, reunir o que de maior importancia se conta na alta aristocracia portugueza, na grande industria, commercio e finança; CHAVES, pelo formidavel valor das suas aguas, alcalino-quentes, unicas na peninsula, e umas das poucas da Europa, que deverão, sem duvida, justificar, não muito longe, a existencia d'um balneario de primeira ordem; VIDAGO, *fonte Campilho*, notavel pelas suas aguas, já bem conhecidas no sul do paiz e no Brazil e pela sua installação luxuosa e elegante; *Sabroso, Oura, Villa Verde, Reigaz, Villarelho*, etc., etc., nascentes na sua grande parte, já em exploração pela empreza de Vidago, mas no geral pouco conhecidas, excepto a primeira.

E, abandonando os concelhos em referencia e a pittoresca Ribeira d'Oura, por outros pontos da provincia nos deteremos, não só relatando o que se encontra já em exploração commercial, mas tambem tornando conhecidas as nascentes que podem produzir uteis e ricos estabelecimentos hydrologicos e balnearios.

Assim, indefferentemente, nos occuparemos do MOLEDO, famosas caldas na parte meridional da provincia, no concelho da Regoa; CARLÃO, aguas, na sua escala, de primeira ordem, pouco conhecidas no paiz, situadas no concelho de Alijó; *Bemsaude*, no concelho de Villa Flor, etc., etc.

E n'esta secção conta esta revista prestar relevantes serviços, não só pela propaganda que desenvolverá a favor dos estabelecimentos já creados, mas tambem pela vulgarisação das riquezas quasi desconhecidas, que muito póde contribuir para o desenvolvimento economico da provincia.

Serviço dos correios Vá, por consideração sómente aos nossos estimaveis assignantes, mais este ultimo protesto aqui archivado, visto que nenhuma medida benefica será posta em pratica, por mais justas e bem deduzidas que sejam nossas reclamações.

Por melhor e mais bem acondicionado que seja o nosso jornal não ha meio de se conseguir que elle seja entregue ao assignante em estado rasoavel ou aproveitavel para se archivar. Exemplar que nos seja devolvido, por qualquer circumstancia, é exemplar absolutamente inutilisado pela maneira despresivel porque é tratado no transito postal. Só involucros de ferro seriam capazes de o proteger!

Pela gravura que acompanha esta noticia, me-

lhor do que por palavras, se póde avaliar o estado em que ás nossas mãos chegou um exemplar da *Illustração Trasmontana*. E como este alguns mais que, na maioria, nos são devolvidos por negligencia ou incompetencia de quem está encarregado da sua distribuição.

Por este testemunho, insuspeito, mais uma vez se confirma que o correio d'este paiz é o mais importante obstaculo que impede o desenvolvimento da industria editorial—serviço caro, demorado e horrivelmente feito.

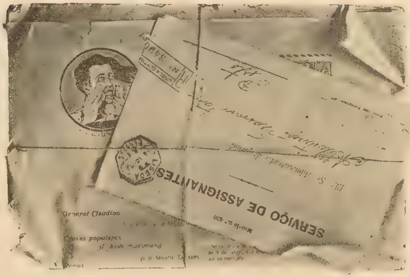
E não ha para onde recorrer.

As nossas reclamações directas responderam-nos com conselhos tolos:

«... para que a *Illustração Trasmontana* transite pelo correio sem receios de deterioração, é necessario que ella seja, como lá fóra, impressa em papel bastante consistente, de maneira que, depois de enrolada, opponha a precisa resistencia á marcação do correio e aos embates que deve soffrer, indo de mistura com outros objectos, nas respectivas malas...»

De fórma que o correio não procura processos ou condições seguras para os objectos e correspondencia que lhe são confiadas; o publico, os editores, os livreiros enfim, é que devem fazer os seus jornaes, os seus livros e as suas revistas, não como o seu criterio e orientação indicam, mas como o correio determina e aconselha!

É unico, não ha duvida; e como madureza de primeira agua merece aqui seu registo para gloria do serviço postal.



Testemunho insuspeito da fórma como o correio trata as publicações, que lhe são confiadas

Bibliographia Trasmontana

Agricultura Trasmontana. Orgão de propaganda, auxilio e defesa da agricultura regional.

Director: JOÃO IGNACIO TEIXEIRA DE MENEZES PIMENTEL—Mirandella.

Temos presentes os primeiros numeros d'esta utilissima e patriotica publicação, a todos os respeitos de grande e incontestavel interesse para a nossa provincia, que tanto carece de auxilio e direcção n'umas das suas principaes fontes de riqueza—a agricultura.

Abandonada por quasi todos aquelles que tinham por dever incontestavel olhar com amor pelo seu desenvolvimento, a agricultura trasmontana, que tanto deve pesar, pela sua expansão, no desenvolvimento economico da provincia, jaz sepultada no mais cruel ostracismo, ou entregue aos quasi infructiferos e rotineiros processos de ha quinhentos annos.

A missão, pois, nobilissima e generosa da nova publicação—educar e orientar o agricultor trasmontano, provocando-lhe iniciativa, incutindo-lhe novos alentos e preparando-o para a indispensavel lucta da agricultura moderna—é uma acção invulgar no acanhadissimo meio regional, que carece de extraordinario esforço e arrojo, só compativeis com temperamento energico e emprehendedor, como aquelle que se constata no nosso amigo e collaborador snr. João Ignacio de Menezes Pimentel, habilissimo agronomo, director da estação trasmontana de fomento agricola, em Mirandella, que superiormente dirige a revista em referencia.

Os nossos agradecimentos pela amabilidade da remessa.

VIEIRA DA COSTA. *A Familia Maldonado*. (Pathologia Social). Livraria Central Editora de Gomes de Carvalho. Lisboa.

Um grosso volume de cêrca de 500 paginas, gentilmente offertado pelo activo e arrojado editor lisbonense. Recebemos este novo trabalho do nosso prezado patricio e illustre colloborador snr. Vieira da Costa, nome evidentemente consagrado já no mundo das lettras, e ao qual, mais de espaço, nos referiremos depois de colhidas as impressões resultantes da leitura do seu livro.

Até então o nosso agradecimento pela gentileza da offerta e parabens sinceros ao infatigavel escriptor.

Allegação juridica. Comarca de Loanda, 1.ª vara. Em acção civil ordinaria do réu Francisco Pereira Batalha contra a auctora Maria P. dos Santos Vandunem.

Advogado, DR. ANTONIO ALEXANDRE DE MATTOS.

D'este nosso estimavel comprovinciano que, com extraordinario destaque, exerce em Loanda o logar de conservador e distinctissimo advogado,

recebemos, em brochura da Imprensa Nacional de Loanda, sob o titulo que epigrapha está noticia, uma bem deduzida allegação em que se revela incontestavel competencia profissional e litteraria, que muito honram o nome que a subscreve.

Na impossibilidade, porém, de desenvolvida apreciação no que directa e exclusivamente diz respeito á questão juridica, por incompetencia profissional, limitamo-nos a accusar a recepção do livro, agradecendo, muito penhorados, a amabilidade da offerta e delicada attenção.

Necrologia Trasmontana

Dr. Antonio Maria Pinto

Ainda que um pouco tardiamente, mas em absoluto justificado pelo atrazo d'esta revista, julgamos ainda opportuno não noticiar um facto, conhecido ha tempos pela imprensa diaria, mas prestar modesta homenagem á memoria d'um inteligente e activo trasmontano, que a fatalidade quiz varrer inesperadamente do numero dos vivos. Justamente estimado e considerado em todo o concelho de Sabrosa, pelas suas altas qualidades de caracter e de profissional, o doutor Antonio Maria Pinto, victimado por uma descarga electrica, em Provezende, d'onde era natural, no dia 4 de agosto findo, havia concluido, com distincção, o seu curso medico na Escola do Porto e alli foi exercer clinica, conquistando desde logo merecida fama. Dotado de extrema bondade e inteiramente votado ao desenvolvimento da terra, em breve póde conseguir a estima geral, que bem se accentuou pela consternação que em todo o concelho provocou a sua morte.

Associando-se a esta manifestação de sentimento, *A Illustração Trasmontana* apresenta á familia enlutada respeitosos cumprimentos de condolencia.

Collaboração

Collaboram n'este **numero 8** os ex.^{mos} snrs:

JOAQUIM LEITÃO — *Trindade Coelho.*

MANUEL DUARTE D'ALMEIDA—*Ceu Transmontano* (Soneto).

CARLOS DE MAGALHÃES — *Augusto Cezar* (Jornalistas trasmontanos).

SOUZA COSTA — *O Rio Córgo.*

P.e FRANCISCO MANOEL ALVES — *Genealogia Trasmontana.*

Illustram este numero, com primorosa collaboração artistica, os nossos prezados amigos snrs.:

ANTONIO CARNEIRO — *Sanguinea de Trindade Coelho.*

CHRISTIANO DE CARVALHO — *Encadrement* artistico do soneto — *Ceu Transmontano.*

Clichés photographicos do snr. Carlos Pereira Cardoso.

Summario do Supplemento

Liga de trasmontanos—O futuro da provincia—A proposito da agremiação dos trasmontanos no Porto—Exposição Industrial Trasmontana—Visitas—Caminhos de Ferro—Os nossos inqueritos—Trindade Coelho—Hydrologia Trasmontana—Serviço dos correios—Necrologia Trasmontana, etc., etc.

Aos nossos assignantes Devendo, até 31 de desembro proximo, ficar concluida a 1.ª serie ou volume da *Illustração Trasmontana*, julgamos conveniente prevenir os nossos assignantes de que estamos já tratando da confecção de capas artisticas para a sua encadernação, não nos poupando a esforços para que semelhante trabalho corresponda em absoluto á natureza luxuosa da revista.

Juntamente com as capas, e incluidos no mesmo preço, que será o mais rasoavel possivel, serão distribuidos os indispensaveis frontispicio e indice illustrado com os retratos da maioria dos collaboradores.

Aos senhores assignantes, como brinde, será, com o ultimo numero do anno, distribuida gratuitamente uma artistica capa para brochura.

O volume completo, com seu indice e frontispicio, convenientemente brochado, será vendido ao preço de 3$000 réis.

Bibliographia Trasmontana Mais uma secção, deveras valiosa e interessante, se prepara n'esta revista, e que relevantes serviços póde vir prestar aos estudiosos.

N'ella se registarão centenas de obras, opusculos, revistas, jornaes, etc., certamente desconhecidos dos bibliographos ou, pelo menos, não apontados até hoje, bem como, em gravuras, se dará a maior somma possivel de documentação.

Será sem duvida, um illucidario curioso e de valor, que, desde seu inicio, fica a cargo do nosso obsequioso e infatigavel collaborador o reverendo P.ᵉ Francisco Manuel Alves, digno reitor do Baçal.

Aviso importante No intuito de corresponder aos serviços que todos os nossos presados conterraneos e amigos nos vêm diariamente prestando, angariando-nos apreciavel numero de assignaturas, unica fórma de vingar o nosso patriotico emprehendimento, fica desde já assente que, para tão prestimosas pessoas, o preço da sua assignatura deixa de ser o que n'outro logar vae indicado, para ser o que a tabella seguinte estabelece, variavel e em relação com o numero de assignaturas pagas que cada uma possa obter.

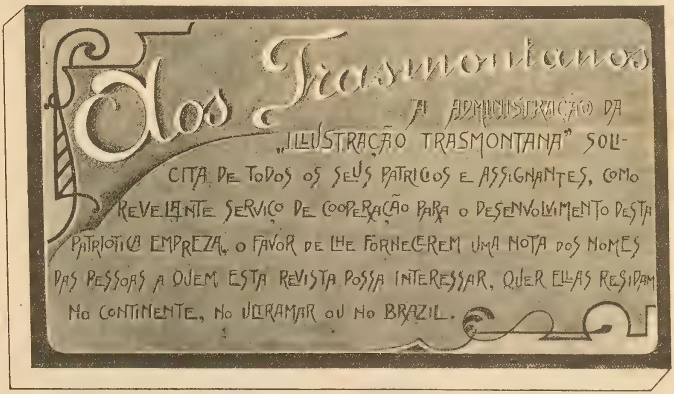
Quantidade de assignaturas angariadas e pagas	Preço da assignatura para o angariador
1	2$250
2	2$000
3	1$700
4	1$500
5	1$250
6	1$000
7	750
8	500
9	250
10	**Gratis**

Para que as assignaturas apresentadas pelas pessoas que desejam aproveitar-se do desconto acima indicado, sejam consideradas válidas, é indispensavel que o apresentante realize o respectivo pagamento na occasião de satisfazer a sua assignatura.

A administração d'esta revista encarrega-se sómente da distribuição do jornal de taes assignantes, e nunca da respectiva cobrança.

Nota: — **Na contagem das assignaturas obtidas não póde ser incluida a da pessoa encarregada da angariação.**

A Empreza.



SUPPLEMENTO

ao n.º 9 da

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

28 A 36 PAGINAS, GRANDE FORMATO

Publica-se nos dias 15 a 30 de cada mez

DIRECTOR
CARLOS DE MAGALHÃES

ARCHIVO PITTORESCO, LITTERARIO, ARTISTICO E SCIENTIFICO DAS TERRAS TRASMONTANAS

COLLABORAÇÃO LITTERARIA, SCIENTIFICA OU ARTISTICA DOS EX.MOS SNRS.

Dr. ABILIO GUERRA JUNQUEIRO · ADELINO SAMARDÃ · Dr. AFFONSO CORDEIRO · ALBINO LOPO Dr. AMILCAR DE SOUZA · Dr. ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO · ANTONIO CARNEIRO AUGUSTO CEZAR RIBEIRO DE CARVALHO · AUGUSTO NOBRE · BASILIO TELLES · Dr. CARLOS ALVES CHRISTIANO DE CARVALHO · DANIEL RODRIGUES · Coronel DOMINGOS CORRÊA · ERNESTO DE VASCONCELLOS · GONÇALO SAMPAIO · Dr. HENRIQUE FERREIRA BOTELHO · JOÃO AUGUSTO RIBEIRO · Dr. JOÃO AYRES D'AZEVEDO · Dr. JOÃO BARREIRA · JOÃO IGNACIO DE MENEZES PIMENTEL · JOAQUIM LEITÃO · JOAQUIM DE VASCONCELLOS · P.e JOSÉ AUGUSTO TAVARES JOSÉ MARIA ALVES TORGO · JOSÉ MAXIMIANO CORRÊA DE BARROS · Dr. JOSÉ MOURÃO · JULIO BRANDÃO · JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO (BRUNO) · Dr. MANUEL DA COSTA ROCHA · MANUEL DUARTE D'ALMEIDA · Dr. MANUEL LARANJEIRA · Dr. MANUEL MONTEIRO · Prof. MIGUEL JOSÉ RODRIGUES · ROCHA PEIXOTO · Dr. SOUZA COSTA · VIEIRA DA COSTA, Etc., etc.

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

ADMINISTRADOR
ANTONIO AUGUSTO CORRÊA

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º — PORTO

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias	2$500
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

·· PAGAMENTO ADEANTADO ··

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de desconto

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

Photogravuras das officinas de CHRISTIANO DE CARVALHO rua de Cedofeita, 95 — Porto

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Comp. e imp. na Typ. Occidental de PIMENTA, LOPES & VIANNA rua da Fabrica, 80 — Porto.

EM PROPAGANDA. UM PASSEIO AO TAMEGA, NAS PROXIMIDADES DE VIDAGO. UM GRUPO DE TRASMONTANOS. Entre outros os snrs. conselheiro Pimentel Pinto e Teixeira de Sousa, Alfredo Lello, doutor Azerêdo Antas, A. Campos, da firma Campos & Fonseca e Carlos de Magalhães, director da *Illustração Trasmontana*.

Viagem de propaganda

A *Illustração Trasmontana* fallando de si, do seu desenvolvimento e progresso, e da forma enthusiastica como é recebida em toda a parte, como precursora de novas e felizes eras para a região que defende, não o faz no intuito d'uma natural manifestação de vaidade e orgulho, mas sómente para registar a satisfação que a anima por verificar, com semelhante acolhimento, que todos os trasmontanos, sem excepção de classes, se sentem animados de manifesta vontade para contribuirem, na medida dos seus recursos, intellectuaes ou economicos, para o bom exito de campanha tão patriotica e proveitosa.

A ultima viagem de propaganda, recentemente realisada á provincia e que se limitou a dois unicos concelhos incompletos — Villa Pouca e Chaves — sem duvida nos confirmou o exito que, evidentemente, muito além vae do que primitivamente haviamos calculado.

Nas menos importantes aldeias, como nas mais ricas povoações d'estes concelhos, o triumpho foi absoluto, apparecendo, expontaneamente, a mais dedicada cooperação e boa vontade e offerecendo-se-nos o mais aberto e franco acolhimento, que deveras nos penhorou.

Especialisar nomes, seleccionar finezas e obsequios recebidos, ou registar agradecimentos especiaes, corresponderia, com pequena differença, á transcripção de um recenseamento da população, onde figurassem os nomes de todos os habitantes.

Na impossibilidade, porém, d'isto se fazer, é-nos gratissimo aqui indicar leve resenha das pessoas de quem primeiro e mais de perto recebemos penhorantes obsequios e amaveis attenções, patenteando-lhes, assim, o nosso intenso agradecimento e a mais justificavel gratidão.

N'este numero estão incluidos a Empreza das Aguas de Vidago, especialisando-se, dentro d'ella, o snr. conselheiro Teixeira de Souza, o nosso velho e dedicado amigo João d'Oliveira, gerente da Empreza, e o medico da estancia snr. dr. Azerêdo Antas; a direcção e chefe clinico da Companhia das Aguas das Pedras Salgadas; o presidente da Camara de Chaves, o coronel snr. Julio de Souza Machado, o snr. José Sarmento, de Chaves, um dos nossos incansaveis e mais prestimosos cooperadores; e os snrs. Abilio Machado e Manoel Costa, de Vidago, etc.

A todos, repetimos, o nosso agradecimento e a expressão sincera da nossa admiração.

C. M.

Policia rural

A provincia trasmontana, como todas as provincias que compõem este bello paiz, não obstante a *excellente indole d'este bom povo*, é, diariamente, victima das maiores atrocidades e selvagerias, impunemente praticadas, sem nenhum respeito pela propriedade alheia e sem consideração alguma pelos interesses geraes. E' o destroço de mattas, é o morticinio de castas de peixe e caça, é o roubo das colheitas, é a deterioração das sementeiras, sem que, por nenhum meio, o estado pense em remediar o mal, podendo só contar-se com a iniciativa e esforço pessoaes sempre impotentes.

A creação ou organisação de um corpo de policia rural, convenientemente distribuido, seria o unico processo de se evitar tão grandes malificios.

E a proposito, solicitando a devida auctorisação, transcrevemos um interessante artigo do nosso presado collega *Agricultura Trasmontana*, d'um seu illustre collaborador, snr. dr. Antonio Botelho Sarmento, onde, com excellente criterio e competencia, é tratado o momentoso assumpto:

Cartas d'Aldeia

«Lendo á sombra dos meus freixos, cogitei um dia que dois terços da população portugueza—os agricultôres—são antes os coefficientes das contribuições e dos deveres, do que famulos da nossa Carta Constitucional.

E' vêr.

Reclama-se uma policia rural, e o «*Seculo*», como custodia de tôdos os interesses, abre ha um lustro, larga campanha sobre essa medida inadiavel.

Que se fez? Nada: promessas semi-officiaes, jazentes no pó das secretarias; e os latrocinios das colheitas, as selvagerias de toda a natureza, tiros de dynamite nos rios, córtes d'arvores, vedações desfeitas, etc., continuam á luz do mesmo sol e progresso, que permitte ao rico ourives deixar as suas *montres*, opulentadas de joias, em estádio nocturno, para réclamo dos noctivagos ricassos, os quaes, bem compostos de suas pessoas, regressam ao lar, depois de ouvir a—Carré—ou jogar o seu *bridg*, acompanhado do *five ò clock tea*.

No entanto, o laborioso lavrador, deitando-se e erguendo-se com as gallinhas, em faina quotidiana e pouco lucrativa, tem de velar pelas suas coisas dispersas, se quizer vêr-se respeitado; e ir por vezes, até vias de facto, para o conseguir.

A imprensa aponta os processos, usados no estrangeiro, ao lar portuguez, vizado por ignorante celtibero; dão-se-lhes conselhos salutiferos e não se lhe assegura a tranquilidade campesina, em ordem a prevenir crimes e contravenções contra a propriedade.

Pois bem: a França, o facho da Europa, ha mais de um seculo tem a sua policia rural, nomeadamente a gendarmeria, guardas campestres, fluviaes, florestaes, etc., com attribuições protectoras dos afadigados cultivadores.

Outro tanto succede na visinha Hespanha, cuja policia é modelar.

Porque esperam em Portugal? Um despreso pelo *ilota*—o lavrador—, a quem se dizem umas boas palavras politicas em occasião apropriada, e fiscaliza-se...... o tabaco; paga-se bem e muito a quem fareje o cigarro, o tecido hespanhol; fervem multas, apprehensões, e tudo isto não dá a decima parte do dispendio.

Pergunto eu: porque motivo o Estado não alargará as attribuições d'este corpo policial, dando-lhe alcance para prender, multar e enviar aos tribunaes os amigos do... alheio, tal qual faz ao ignaro e depauperado fumador, que quer consolar o seu vicio economicamente?

Servem os mesmos impressos; onde se diz *tabaco*, pôr-se-á *furto*, e o resto vai perfeitamente o nome do delinquente, etc., etc.

Alargue-se tambem a competencia dos juizes de paz e os seus subordinados. Na França julgam, sem recurso, até prisão de 5 dias, ou multa de 15 francos. Conhecem de delictos fóra da sua área, quando o criminoso, ou contraventor, é estranho, ou as testemunhas. Conhecem mesmo d'alguns delictos fluviaes, ou florestaes, reservados ao Estado, em condições especiaes.

Deiam aos regedores mais alguma coisa do que a regedoria; deixem-os conhecer d'alguns casos tão taxativamente indicados.

Postas as coisas n'estes termos, as consequencias são obvias.

Dar-se-ha o mesmo que nas nações indicadas. Dadas as primeiras repressões, morreria o desafôro da selvageria, alargar-se-ia a cultura dos fructos, tão appetecidos da Allemanha e Inglaterra.

Alevantando o nivel moral da sociedade rural, caminhariamos uns para outros, na solidariedade dos fortes, impondo-se os syndicatos, associações cooperativas, etc., como illação fluente, e não seriamos já sómente o coefficiente dos tributos e deveres; teriamos a feição d'uma corporação.

Não se percebe como o Governo vem, desde 1837, protegendo pautalmente as industrias, nascidas e por nascer, e descure descaroavel e madrastamente a industria agricola, quiçá a mãe das outras, deixando-a á mercê do primeiro cavalheiro de... industria!!!

Não póde continuar-se assim.

Ao lado do incremento das manufacturas, sob a mão salutar do Estado, tenece o agricultor, na mão da... usura! Não é não.

Fiscalizem, é o seu dever, o suor do trabalho, probo, desalentado e descomunal do agricultor.

Em nome da esthetica, custeia o Estado, no estrangeiro, um genial cultor, do bello; pois faça o inverso, ensine e proteja *em sua casa* o lavrador, que é muito mais barato, util e imperativo.

E' melhor do que carregá-lo d'avisos, para antes e depois do pagamento das contribuições.

Este indifferentismo dos altos poderes revoltanos; somos bimános e queremos a fiscalisação rural, já que pagamos.

Depois das commoções de 1820, a agricultura, funestamente abalada, exhausta pelos dizimos e permicias, fortemente sacudida, convalescia; principiou a prosperar em 1830, sob o proteccionismo.

Venha o resto—a policia rural.

No entanto, vou gozando a sombra do meu freixo, porque está no.. quintal da minha casa.»

Antonio Botelho Sarmento.

Philologia Trasmontana Mais uma secção interessantissima e de incontestavel valor scientifico vae ser creada n'um dos proximos numeros d'esta revista e que deve ser recebida, com excellente agrado, pela maioria dos seus assignantes.

Inicia-a, com subida competencia, o nosso presado collaborador e comprovinciano Daniel Rodri-

gues, illustre professor do lyceu de Bragança, publicando uns trechos do curioso dialecto trasmontano — O Rio d'Onorense.

Instrucção popular

E' raro, vae para um anno, que, n'esta revista, em quasi todos os seus numeros, não tenhamos mostrado a necessidade inadiavel de se principiar alguma coisa, que, por qualquer forma, contribua para a vulgarisação do ensino popular na nossa provincia.

D'uma maneira singella e despretenciosa se tem indicado, e sem assombros de estylo, o quadro lastimoso que a nossa região offerece, n'uma percentagem aterradora de analphabetismo, que bem justifica o entorpecimento geral de quasi todas as faculdades de trabalho dos seus habitantes.

Demais, diariamente, se ouvem e observam lamentações de desanimo e azedas censuras aquelles que, do alto da governação publica, se não dignam lançar olhares misericordiosos para esta situação miseravel da nossa provincia; mas, contraste singular: lançada a base para uma campanha vigorosa e effectiva, em prol da instrucção na provincia; dado o signal de reunir, para que todos os elementos dispersos se congreguem e unifiquem para uma acção commum, são esses mesmos criticos — os que deploram a situação angustiosa da região, e censuram a negligencia dos outros — os primeiros que ligeiramente se escoam pela sombra do indifferentismo ou se mettem ao bom recato d'uma vida tranquilla, livre de maçadas!

Vae para um anno que esta revista, consciente de que, pela instrucção popular, deve ser iniciada toda a acção na campanha em que vem empenhada, os seus modestos serviços foram francamente postos á disposição d'aquelles que, com mais direito, se devem interessar pelo seu exito; mas semelhantes serviços, talvez pela sua pequenez e insignificancia, ainda não poderam ser utilisados!

A *Illustração Trasmontana* tem, á disposição da Provincia, uma ou duas missões das *Escolas Moveis de Leitura, pelo Methodo de João de Deus*, cujos resultados praticos é escusado encarecer, porque todo o paiz, onde ellas têm funccionado, os conhece de sobra.

Para que estas missões se instalem em Traz-os-Montes falta só que alguem offereça casa para a escola, durante *6 mezes*, e os recursos indispensaveis para o mobiliario, uns **10$000 réis!**

Todas as outras despezas — ordenados de professores, etc., correm por conta das «Escolas Moveis».

Pois não obstante tão pequeno sacrificio, que poderia ser pulverisado por varias pessoas, ainda, durante este anno de propaganda, ninguem se quiz aproveitar dos nossos offerecimentos, em apreciavel beneficio da região.

Se não fôra o empenho e ardôr, sem desfallecimento, com que nos votamos a esta audaciosa empreza, com tão esmagadoras provas de negligencia e desmazelo, que em si bem justificam todos os males da provincia, havia já de sobra motivos para desalento e revogação de todo o nosso programma.

Mas tal não succederá. N'este indifferentismo anti-patriotico reside toda a nossa gloria de vencer, toda a vontade extraordinaria de triumpho.

Será mais lenta a marcha, evidentemente; mas, embora sós, venceremos a jornada, sem participantes na satisfação que ante-gosamos de havermos contribuido para o desenvolvimento da nossa provincia.

E o tempo o demonstrará.

Sericicultura trasmontana

Não é demais insistir-se sobre assumptos de incontestavel importancia, como a sericicultura trasmontana, quando, da pratica de uma longa propaganda, é evidente a conquista de larga remuneração e proveito.

O decahimento d'esta formidavel industria, relativamente tão simples e proveitosa para os povos trasmontanos, especialmente para os concelhos de Alfandega da Fé, Bragança, Carrazeda, Freixo, Macedo, Miranda, Mirandella, Mogadouro, Moncorvo, Villa Flor, Vimioso e Vinhaes, não tem felizmente proseguido, e as causas principaes do seu quasi aniquilamento podem considerar-se extinctas, graças á intervenção official iniciada, com indiscutivel proveito, no tempo em que geria os negocios do ministerio das obras publicas o illustre estadista e brilhante parlamentar conselheiro Emygdio Navarro, um dos mais notaveis estadistas de origem trasmontana, e por quem, a provincia inteira, ainda hoje, por estas e outras medidas de fomento agricola, alimenta agradecidas recordações.

Como era natural, iniciou a sua intervenção, o illustre defensor da agricultura nacional, na crise sericicola, com a portaria de 19 de fevereiro de 1887, encarregando um talentoso agronomo, nosso estimavel collaborador, snr. João Ignacio de Menezes Pimentel, de proceder, n'esse mesmo anno, em terras trasmontanas, aos ensaios necessarios da creação do sirgo e producção de sementes sãs, pelos processos mais modernos aconselhados pela sciencia, e elaboração de um relatorio minucioso sobre a possibilidade do restabelecimento da siricicultura trasmontana.

Nos principios de 1891 estava concluido, brilhantemente, esse relatorio, que sobremodo põe em destaque a alta competencia do funccionario em referencia.

N'este mesmo anno, o conselheiro João Franco, então ministro das obras publicas, reformando os serviços agricolas officiaes, dando-lhe uma orientação accentuadamente pratica, transformava, por decreto de 29 de outubro, a Estação Chimico-Agricola de Mirandella n'uma Estação Siricicula, que comprehenderia:

a) Uma sirgaria onde se fizesse a creação do bicho da seda e a producção do casulo e sementes;

b) Um amoreiral com a latitude sufficiente para a producção de folha indispensavel á alimentação do sirgo;

c) Um viveiro de amoreiras destinado á producção d'estas plantas para fornecer aos sericicultores.

Além d'isto destinava-se este estabelecimento:

1.º Habilitar o pessoal nos serviços de incubação e creação do sirgo, na producção de casulo e semente, no conhecimento das doenças do bicho da seda e medidas para as evitar, e na plantação e cultura das amoreiras;

2.º Produzir semente sã e semente industrial, pelos methodos mais perfeitos, para serem vendidas por preços modicos aos sericicultores;

3.º Ensaiar e aperfeiçoar os processos sericiculas e os de cultura da amoreira, e promover o melhoramento das raças do bicho da seda pela selecção, tratamento, e methodo de creação;

4.º Prestar aos sericicultores as informações de que necessitem ou que requisitem ácerca dos assumptos sericicolas e da aptidão dos praticos, que tenham servido na Estação ou n'ella se tenham habilitado;

5.º Promover a replantação das amoreiras;

6.º Fazer a estatistica da sericicultura nacional.

E como se estas medidas não fossem sufficientes para o renascimento completo da importantissima industria sericicola, um novo decreto, de 9 de maio de 1901, subscripto pelo titular da pasta das obras publicas, o conselheiro snr. Manoel Francisco Vargas, no louvavel intuito de mais facilitar a producção e garantir a venda do producto, estabeleceu:

1.º Distribuição gratuita de amoreiras, com obrigação de serem plantadas, pagando-as quem as não plantar e as tiver requisitado;

2.º Todos os estabelecimentos officiaes, agricolas e silvicolas, são obrigados a ter viveiros de amoreiras;

3.º Transporte gratuito de amoreiras nos caminhos de ferro do estado, ou pelo estado pago em outras linhas ou via maritima;

4.º As estações das escolas officiaes crearão sirgo;

5.º Semente de sirgo, cedida gratuitamente de 1 a 20 grammas, a quem desejar fornecer casulo para sementagem á sirgaria de Mirandella, vendida a preço modico, para producção de seda;

6.º O Mercado Central de Productos Agricolas, fará transacções sobre casulo de sirgo e seda, em rama (1).

E, para conhecimento das pessoas interessadas, aqui se transcreve a summula d'estes decretos e portarias, o que, decerto, constitue um pequeno serviço que a «Illustração Trasmontana» julga prestar.

Distribuição gratuita de semente de sirgo e de plantas de amoreira

SEMENTE DE SIRGO

As requisições de semente de sirgo, seleccionada, devem ser feitas até ao dia 30 de outubro de cada anno.

Os requisitantes que desejarem obter semente de sirgo, concedida gratuitamente, deverão declarar:

a) O nome e residencia (localidade, freguesia, concelho e districto:

b) O numero de grammas de semente de sirgo que necessitam, até ao maximo de 20 grammas:

c) O numero de amoreiras de que podem dispôr:

d) Se as amoreiras lhes pertencem, ou se são de outrem, e qual a sua situação, afim de poder ser verificada a sua existencia.

A semente de sirgo só é concedida gratuitamente, em porções de 1 a 20 grammas, aos creadores que desejem produzir e fornecer casulo para as sirgarias officiaes.

Os preços porque as sirgarias officiaes comprarão o casulo obtido da semente cedida gratuitamente são os os seguintes:

a) 800 réis para o kilogramma de casulo, proveniente de creações não atacadas por doenças e que tiverem produzido mais de 2,5 kilogrammas de casulo por gramma de semente:

b) 600 réis para o kilogramma de casulo, proveniente de creações não atacadas por doenças e que tiverem produzido de 1,5 a 2,5 kilogrammas de casulo por gramma de semente.

As sirgarias officiaes não comprarão casulo atacado por doenças.

As sirgarias officiaes só comprarão casulo até á quantidade que fôr necessaria para sementagem e cuja importancia caiba nas forças da verba para esse fim disponivel.

PLANTAS DE AMOREIRA

As plantas de amoreira, produzidas nos viveiros do Estado, serão distribuidas gratuitamente aos agricultores que, até 30 de outubro de cada anno, as requisitarem para ser utilisadas na sericicultura.

Os requisitantes deverão declarar:

a) O nome e residencia (localidade, freguesia, concelho e districto):

b) O nome e a situação da propriedade (freguesia, concelho e districto) a que as amoreiras são destinadas:

c) A estação do caminho de ferro em que desejam receber as amoreiras.

E' gratuito o transporte das amoreiras até á estação do caminho de ferro, indicada pelo requisitante.

Os agricultores que não plantarem as amoreiras que tiverem requisitado, ficam obrigados ao pagamento do valor das plantas que houverem recebido, ao preço de 300 réis por cada planta.

* * *

As requisições de semente de sirgo e de plantas de amoreira devem ser dirigidas ou entregues aos seguintes funccionarios e entidades:

a) Administradores de concelho;

b) Presidentes das Camaras Municipaes;

c) Agronomos districtaes;

(1) Para melhor conhecimento do fomento sericicola, veja-se a *Sericicultura Portugueza* do agronomo snr. Menezes Pimentel.

d) Directores dos estabelecimentos de serviços agricolas;
e) Director da Estação Trasmontana de Fomento Agricola, em Mirandella.

E como recommendação final ás pessoas a quem esta transcripção interessar, reproduzimos, do nosso presado collega, *Agricultura Trasmontana*, estes judiciosos conselhos, que bem devem ser observados:

Os sericicultores devem ter em consideração que, de preferencia, convém plantar as amoreiras longe das habitações e das montureiras, ainda que em terras fracas, ficando estas assim bem aproveitadas e as plantas em condições de produzir folha mais salubre e menos aquosa, e, portanto, mais propria para as creações de sirgo.

A folha das amoreiras dos campos não está tão sujeita, como a folha das amoreiras proximas das habitações, a conter germes de doenças.

Com respeito ao numero de sementes a incubar, convem ainda lembrar que: *pequena criação, grande fiação.*

BIBLIOGRAPHIA

Quelques coléoptères nouveaux pour la faune du Portugal; par José Maximiano Corrêa de Barros.

D'este nosso presado comprovinciano e collaborador recebemos e agradecemos um exemplar do *Extrait du Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles*, onde o illustre entomologista aponta cerca de 150 novos exemplares de insectos d'esta especie, até hoje não incluidos no catalogo dos coleopteros de Portugal.

A *Illustração Trasmontana* conta, em futuro não muito afastado, iniciar a publicação da *Entomologia trasmontana*, nova e curiosissima secção, que será tratada, entre outros, por aquelle nosso illustre collaborador.

Boletim de agricultura, pecuaria e fomento, da provincia d'Angola.

Recebemos e agradecemos o primeiro numero d'esta publicação official, editada pela Imprensa Nacional, de Loanda, e dirigida pelos snrs. A. M. Pereira, Sousa Monteiro, A. Moraes e J. Gosswiler.

Apresenta-se excellentemente redigida e impressa e são incontestaveis os beneficios que tão util commetimento deve vir prestar ao futuro d'esta nossa rica colonia africana.

Guerra peninsular *Festas do centenario, em Chaves* — Sob o impulso alto e nobremente patriotico de solemnisar o 1.º centenario do cerco e tomada de Chaves, pelo general Silveira, que estava sob o dominio das tropas de Soult, organisou-se n'esta rica e formosa villa trasmontana, uma importante commissão para promover largas festas, presidida pelo general snr. Rodrigues da Costa.

Sem os recursos só compativeis com os grandes centros, a commissão em referencia, porém, dispõe á larga de iniciativa e vontade, que decerto supprirão a escacez d'aquelles, resultando de seus esforços uma consagração digna, evidentemente, do feito que commemora, e da terra que a leva a effeito.

Parece que todas as forças vivas da interessante villa se congregam, bem unidas, para que resulte completo o exito do intento, e assim veremos que os festejos revestirão um brilho extraordinario, que não é uso observar-se na nossa provincia.

A *Illustração Trasmontana* desejando cooperar, quanto seja possivel, n'esta justa consagração, põe incondicionalmente o seu prestimo ao dispôr da illustre commissão flaviense.

Pedras Salgadas e Vidago Parece que proseguem, com regularidade, as negociações entaboladas entre a direcção e corpos gerentes da Companhia das Aguas das Pedras Salgadas e a da Empreza das Aguas de Vidago, para esta tomar posse da administração d'aquelle estabelecimento hydrologico.

A realisar-se semelhante ligação, que deverá ser confirmada pela assemblêa geral dos accionistas das Pedras Salgadas, e que se effectuará, talvez, nos fins do corrente anno, a Empreza de Vidago será, dentro em pouco, a mais notavel empreza industrial de Traz-os-Montes e uma das importantes do paiz.

Riqueza mineralogica trasmontana Principiaram a ser exploradas em Cerva, no concelho de Ribeira de Pena, umas novas minas de *wolfram*, que podem constituir a base de grande progresso economico para aquella região.

As melhores minas d'esta substancia, de largo uso industrial para a preparação e tempéra do aço, pertencem tambem á região trasmontana. São as de Salto, no concelho das Boticas, já largamente exploradas por uma companhia estrangeira, que tem ali optimas e vastas installações.

A *Illustração Trasmontana*, d'umas e outras, fará desenvolvido relato, acompanhado da reproducção de boas photographias, logo que lhe seja possivel occupar-se d'este importante assumpto.

As minas de *wolfram* de Salto não são apenas as mais importantes do paiz; são talvez as mais notaveis da Europa, pela sua producção, havendo só na Austria outras que se lhe avantajem.

O problema trasmontano

Tem-se escripto nas linhas d'esta Revista, tem-se dito muitas vezes e ouve-se a cada passo, quasi sempre com pezar e quasi nunca com esperanças de melhores dias que a provincia de Traz-os-Montes está n'um deploravel estado de atrazo. O atraso é evidente, a penuria é real, e todavia os recursos abundam e superabundam mais do que em qualquer outra provincia.

Traz-os-Montes tem ou pode ter excellentes materias primas; não lhe falta o labor que aperfeiçoa nem a iniciativa que cria, só lhe falta pôr de parte uma cousa vã e inutil a que chamam politica e voltar as attenções para outra cousa séria e urgente que vem a ser a prosperidade da região. E' principio hoje assente que os individuos, como as nações, que não produzem, estacionam; se não andam, morrem, se o seu genio inventivo não cria recursos, a natureza por si, já lhe não basta. Para esse trabalho de engrandecimento, duas condições são necessarias: primeira a associação, segunda a divisão do trabalho. Sem estas duas condições o estacionamento ou a morte é inevitavel. Ora em Traz-os-Montes nada d'isso ha. Não ha associações agricolas e por isso qualquer esforço individual é perdido; não ha a divisão do trabalho e assim poucas contas são perfeitas. Se se diz que a propriedade está immensamente dividida e que assim produz pouco ou nada, ha um meio de a congregar, formando associações de producção, e associações de seguros de colheitas e gados; se se diz que ha falta de capitaes e que o credito agricola é difficil e pesado, digo que esse mesmo é improductivo por ser pouco illustrado, improductivo por ter uma esphera de acção muito limitada. Não é pois a maxima divisão da propriedade, nem a falta de capital que tem a nossa provincia no estacionamento — é a falta de associações de producção, que quando menos garantiriam a guarda dos fructos, as reservas e os recursos offerecidos ao pequeno proprietario, cousa que elle não pode ter. A associação pode fazer cousas que o pequeno proprietario nunca poderá fazer por si só, como são reservas, procura de mercados, e auxilios, melhoria de sementes e aperfeiçoamento de alfaias. E' a associação que produz a perfeição e a riqueza dos productos estrangeiros e tambem o preço modico dos mesmos. Entre nós não ha nada d'isso; o grande proprietario estacionou, e o pequeno está isolado e desarmado contra as especulações do negocio.

Setembro de 1908.

Prof. M. J. Rodrigues.

Collaboração

Collaboram n'este **numero 9**, os ex.mos snrs.:

José Pereira de Sampaio (Bruno)—*O general Sepulveda* (biographia).

P.e Manuel Francisco Alves—*Apódos tópicos* (Ethnographia trasmontana).

Accacio Fonseca—*Glossario Trasmontono.*

Dr. Alberto de Souza Costa—*Ribeira d'Oura* (monographia).

Prof. José Miguel Rodrigues—*José Henriques Pinheiro.*

Summario do Supplemento

Viagem de propaganda—Policia rural—Philologia trasmontana—Instrucção popular—Sericicultura trasmontana—Bibliographia—Guerra peninsular—Pedras Salgadas e Vidago—Riqueza mineralogica trasmontana—O problema trasmontano, etc., etc.

Aviso importante No intuito de corresponder aos serviços que todos os nossos presados conterraneos e amigos nos vêm diariamente prestando, angariando-nos apreciavel numero de assignaturas, unica fórma de vingar o nosso patriotico emprehendimento, fica desde já assente que, para tão prestimosas pessoas, o preço da sua assignatura deixa de ser o que n'outro logar vae indicado, para ser o que a tabella seguinte estabelece, variavel e em relação com o numero de assignaturas pagas que cada uma possa obter.

Quantidade de assignaturas angariadas e pagas	Preço da assignatura para o angariador
1	2$250
2	2$000
3	1$700
4	1$500
5	1$250
6	1$000
7	750
8	500
9	250
10	Gratis

Para que as assignaturas apresentadas pelas pessoas que desejam aproveitar-se do desconto acima indicado, sejam consideradas válidas, é indispensavel que o apresentante realize o respectivo pagamento na occasião de satisfazer a sua assignatura.

A administração d'esta revista encarrega-se sómente da distribuição do jornal de taes assignantes, e nunca da respectiva cobrança.

Nota: — **Na contagem das assignaturas obtidas não póde ser incluida a da pessoa encarregada da angariação.**

A Empreza.

CAFÉ E GRANDE HOTEL «TOCAIO»

VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario — *Adriano Rocha.*

Communicação

Com o presente n.º 9 termina a missão de director da *Illustração Trasmontana* o ex.mo snr. Carlos de Magalhães, assumindo esse cargo o illustre escriptor Joaquim Leitão.

Ao novo director e para a Rua dos Clerigos, 61—1.º—Porto (onde acabam de installar-se os escriptorios da *Illustração Trasmontana*) deve ser dirigida toda a correspondencia, collaboração litteraria e artistica, passando os illustres collaboradores d'esta revista a entender-se com o snr. Joaquim Leitão.

A despeito do consideravel atrazo em que está a publicação da *Illustração Trasmontana* o actual director conta assegurar-lhe a sua regularidade em janeiro proximo, publicando n'esse mez os tres numeros que faltam para completar o primeiro anno da revista e, se possivel fôr, o primeiro numero do segundo anno para o que está envidando os mais tenazes esforços.

A Empreza da — Illustração Trasmontana.

SUPPLEMENTO

ao n.º 10 da

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

28 A 36 PAGINAS, GRANDE FORMATO

Publica-se nos dias 15 a 30 de cada mez

DIRECTOR
JOAQUIM LEITÃO

ARCHIVO PITTORESCO, LITTERARIO, ARTISTICO E SCIENTIFICO DAS TERRAS TRASMONTANAS

COLLABORAÇÃO LITTERARIA, SCIENTIFICA OU ARTISTICA DOS EX.MOS SNRS.

Dr. ABILIO GUERRA JUNQUEIRO · ADELINO SAMARDÃ · Dr. AFFONSO CORDEIRO · ALBINO LOPO Dr. AMILCAR DE SOUZA · Dr. ANTÓNIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO · ANTONIO CARNEIRO AUGUSTO CEZAR RIBEIRO DE CARVALHO · AUGUSTO NOBRE · BASILIO TELLES · Dr. CARLOS ALVES CHRISTIANO DE CARVALHO · DANIEL RODRIGUES · Coronel DOMINGOS CORRÊA · ERNESTO DE VASCONCELLOS · P.e FRANCISCO MANOEL ALVES · GONÇALO SAMPAIO · Dr. HENRIQUE FERREIRA BOTELHO · JOÃO AUGUSTO RIBEIRO · Dr. JOÃO AYRES D'AZEVEDO · Dr. JOÃO BARREIRA · JOÃO IGNACIO DE MENEZES PIMENTEL · JOAQUIM LEITÃO · JOAQUIM DE VASCONCELLOS · P.e JOSÉ AUGUSTO TAVARES · JOSÉ MARIA ALVES TORGO · JOSÉ MAXIMIANO CORRÊA DE BARROS · Dr. JOSÉ MOURÃO · JULIO BRANDÃO · JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO (BRUNO) · Dr. MANUEL DA COSTA ROCHA · MANUEL DUARTE D'ALMEIDA · Dr. MANUEL LARANJEIRA · Dr. MANUEL MONTEIRO Prof. MIGUEL JOSÉ RODRIGUES · ROCHA PEIXOTO · Dr. SOUZA COSTA · VIEIRA DA COSTA, Etc., etc.

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

ADMINISTRADOR
ANTONIO CORRÊA

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º — PORTO

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias	2$500
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

·· PAGAMENTO ADEANTADO ··

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de desconto

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

Photogravuras das officinas de CHRISTIANO DE CARVALHO rua de Cedofeita, 95 — Porto

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Comp. e imp. na Typ. Occidental de PIMENTA, LOPES & VIANNA rua da Fabrica, 80—Porto.

O segundo anno da «Illustração Trasmontana»

Não fazemos programmas.

Os programmas, sejam de publicações como de partidos, foram feitos para não se cumprir.

Abstemo-nos pois de desenrolar a cauda do memorial dos programmas pomposos e restrinjimo-nos a annunciar aos nossos leitores algumas modificações que a *Illustração Trasmontana* já decidiu e adoptou.

Essas modificações reportam-se não só á *Illustração* propriamente dita como ao seu supplemento.

Podiamos precisar melhor em que consistem essas modificações, mas fieis ao nosso preceito adverso á programmomania, limitar-nos-hemos a affirmar ao publico que Traz-os-Montes continuará a ter na nossa revista um periodico trasmontano, orgão dos seus interesses, e estranho a outros quaesquer interesses moraes ou materiaes.

Nós estamos aqui a missionar; não vimos para enriquecer.

Nenhum dos proprietarios da *Illustração Trasmontana* foi para aqui attrahido, nem agora nem nunca, por codicicia ou por vangloria.

Chama-os e prende-os o mais entranhado amor á sua provincia, uma das mais bellas, das mais nobres, das mais fortes, das mais curiosas e das mais desgraçadas provincias de Portugal.

Estão a cumprir um voto de bons trasmontanos: pugnar e trabalhar pela felicidade futura de Traz-os-Montes.

Esse é o unico programma da *Illustração Trasmontana* que, atravez as suas modificações, — sempre no bem intencionado intuito de melhor corresponder ao favor publico —, conservará, fiel, e sempre, como um d'esses porta-bandeiras das eras epicas que, quando a arma branca dos inimigos os decepava, agarravam com os dentes o pendão glorioso e amado.

O 1.º numero, do 2.º anno da *Illustração Trasmontana*, será, já uma amostra dos sacrificios que estamos dispostos a fazer e da nossa preoccupação: melhorar a nossa revista, elevando-a até a majestade d'esses montes d'onde nossos olhos viram pela primeira vez a luz do sol.

Tanto esse 1.º numero como o 2.º numero do 2.º anno, correspondentes a janeiro e fevereiro de 1909, ficarão infalivelmente publicados dentro dos vinte e oito dias do proximo fevereiro.

Mais um esforço ainda, pelo qual podemos responder, porque á hora a que escrevemos ja temos em carteira não só o precioso original dos collaboradores que redigem esses primeiros numeros do 2.º anno da *Illustração Trasmontana*, mas ainda as respectivas e interessantes illustrações.

Como Zolá quando abriu a historia dos *Rougons*, nós ao abrirmos a serie do nosso 2.º anno, temos o plano de toda a serie, a arvore genealogica de todos os nossos assumptos, systhematicamente e racciocinadamente distribuidos pelos mezes do anno 1909.

A' medida que o formos executando, iremos expondo, e provando com a sua realisação parallela e simultanea, o plano.

Por agora, ao que nos propomos é dar os numeros 1 e 2 do anno 2.º da *Illustração Trasmontana* dentro do mez de fevereiro, para que o mez de março nos encontre já de posse da nossa apetecida pontualidade.

O resto... *au prochain numèro*, como stereotyparam os folhetinistas.

A nossa cobrança

Apesar de uma das nossas condições de assignatura ser o pagamento adeantado, a ninguem o temos exigido e de ninguem temos recebido adeantadamente a respectiva assignatura, senão aos que expontaneamente teem acompanhado o seu boletim do competente vale.

Dadas as transformações e transferencias porque passou a *Illustração Trasmontana*, e considerando tambem o atrazo da sua publicação (já herdado da Empreza Fundadora) atrazo que a actual Empreza apesar de não se poupar a sacrificios e nunca regatear despezas só agora conseguiu exterminar, pelo que está muito grata ao seu actual director, o reputado escriptor snr. Joaquim Leitão; — a actual Empreza da *Illustração Trasmontana* não quiz proceder á cobrança de assignaturas do 1.º anno emquanto não terminasse o seu primeiro volume, isto é, emquanto não completasse os doze numeros assignados, para assim provar aos seus assignantes a seriedade e estabilidade financeira d'esta Empreza.

Com o numero 12 é que serão enviados pelo correio os recibos da cobrança dos doze primeiros numeros, agradecendo desde já aos nossos assignantes o seu bom acolhimento.

Aos nossos collaboradores

Como já lhes fizemos constar pelo *Jornal do mez*, com o 12.º numero da *Illustração Trasmontana* será distribuido o frontispicio do 1.º volume — uma pagina de uma grande simplicidade mas, por isso mesmo, d'um grande bom gosto, — e o indice dos collaboradores do 1.º anno da nossa revista, illustrado com o maior numero possivel de retratos dos nossos collaboradores.

Temos-nos dirigido por escripto a todos os nossos collaboradores, tanto litterarios como artisticos ou fotograficos, rogando-lhes a suprema fineza de nos proporcionarem os seus retratos para esse fim.

Da maior parte temos já as respectivas fotografias, nem outra coisa seria de esperar da delicadeza amavel dos nossos collaboradores.

Alguns que, por modestia ou por extravio dos nossos pedidos, ainda não tenham remettido os seus retratos, aqui fica o pedido reinterado, para que a todo o tempo se não diga que não cumprimos o nosso dever de cortezia.

Os numeros 11 e 12 da "Illustração Trasmontana"

Quando o presente numero 10 chegar ás bon-

dosas mãos dos nossos assignantes e demais leitores, já o nosso pessoal estará a dobrar e a tratar da expedição do numero 11, que, como o publico verá, é um dos melhores numeros d'esta patriotica revista.

Entre outros assumptos que compõem esse numero 11, n'elle publicamos um interessante artigo intitulado *O rei dos floristas*, escripto pelo nosso collaborador snr. Silva Esteves, professor, e ex-redactor do *Seculo*. *O rei dos floristas* foi nada mais nada menos que um glorioso trasmontano, descendente natural dos Sampaios e Mellos, que a convenção de Evora-monte desterrou para a Italia e cujo talento artistico de florista fez reinar no coração d'esse grande povo artista que é a França, acclamar na mesma hora em que a flôr de liz ainda significava em Pàris mais alguma coisa do que um Passado, em que a Revolução de 48 ainda não atirára o throno pela janella das Tuillerias.

Para esse *Rei dos floristas* (Constantino de Sampaio e Mello) ou Constantino, *tout court*, como a fama o passeou por todas as côrtes da Europa, quando todos os cóllos galantes traçavam as grinaldas do famoso florista da Rue d'Antin, — desenhou o nosso querido amigo e illustre artista Christiano de Carvalho tres dos seus mais primorosos craiões.

N'essas tres paginas originaes, em que ha tudo, desde a nostalgia dos montes patrios, onde se embebeceu o olhar saudoso de Constantino, até á pagina movimentada e epica da Communa e á scena dos dois *bouquets*, um natural e outro artificial, encommendados pela mulher de Luiz Filippe, ao nosso conterraneo,— scena magistralmente desenhada em que as figuras são typos *à clef*, historicamente conhecidas,—n'essas tres grandes e sensacionaes illustrações deixa Christiano de Carvalho tres das mais bellas paginas do seu album de artista.

Um autographo muito curioso, authentico e authenticado do *Rei dos floristas*, cedido á Bibliotheca Municipal do Porto, pelo nosso illustre collaborador P.e Francisco Manoel Alves, abbade do Baçal — com a condição de ser publicado na *Illustração Trasmontana* — e um retrato do bom e glorioso Constantino completam as illustrações d'esse lindo artigo que é, ao mesmo tempo, um artigo de *magazzine*, leve, cheio de interesse, de enredo até, como trecho de folhetim que foi a propria vida d'esse grande trasmontano, e um capitulo da historia offerecido a investigadores.

E, para não desvirginisar mos de todo o inedito do numero 11, não transcrevemos aqui o seu summario completo.

O numero 12, sem vaidade e sem *bombo* — como chama a imprensa argentina ao reclamo — o annunciamos como um numero de sensação.

Todo organisado já da primeira á ultima pagina, é o rude traumatismo dos cylindros da rotativa sobre a macieza das suas delicadas paginas, o barulho que nos está interrompendo a redacção das ultimas linhas d'este despretencioso mensario.

Das nossas mãos está prompto e breve, dentro dos ultimos dias d'este frio janeiro prompto estará tambem a passar das mãos dos nossos impressores para as da administração que em dois ou tres dias entregarão o ultimo numero do nosso primeiro anno á sollicitude dos correios.

Foi um grande, um supremo mas consolador esforço este que devemos á boa collaboração e boa vontade de todo o nosso pessoal, mercê do que desde o fim de Dezembro de 1908, (em que a *Illustração Trasmontana* passou á actual direcção) se deu este colossal passo para a sua regular publicação: quatro numeros em um mez.

Este pesado acumulo de serviço, trabalho de quatro mezes vencido no curto lapso de trinta dias, será o nosso melhor escudo e o nosso melhor juramento para a regular periodicidade da *Illustração Trasmontana*.

Registo - Se nem sempre estas columnas, por falta de espaço, registam as boas palavras de incitamento e de louvor que á *Illustração Trasmontana* dirige a boa camaradagem da imprensa portugueza e especialmente trasmontana, o nosso coração é que nunca deixa de registar e de agradecer as animadoras referencias que os nossos collegas façam á nossa revista.

D'entre as que, ao nosso n.º 8 conhecemos, destacamos esta que devemos e agradecemos á illustre redacção do *Correio de Mirandella:*

«**Illustração Trasmontana.**—D'um primor inexcedivel, em correcção e esmero, temos deante de nós o ultimo numero d'esta excellente ou antes impeccavel revista mensal illustrada, que religiosamente se dedica a assumptos trasmontanos.

De numero para numero é o leitor surprezo de brilhantes illustrações acompanhadas de prosa adoravel que seduz e encanta, quer pelo burilado da phrase como pelo interesse que desperta nos diversos assumptos de que se occupa.

Entre as illustrações do presente numero destacam-se os bustos do eminente mas fallecido escriptor Trindade Coelho e o do nosso saudoso amigo Augusto Cesar redactor do *Trasmontano*, cuja publicação foi a primeira no genero iniciada em Villa Real em 1873, tomando parte como socio da empreza, n'essa occasião, o nosso dedicado amigo e ex-patrão snr. Estanislau Corrêa de Mattos, hoje redactor e proprietario do *Villarealense*.

A pagina do busto dedicada a Augusto Cesar, diz em poucas linhas muito do que elle foi, todavia factos houve na sua vida que constituiam um poema de amor, virtude e trabalho, quasi sempre eriçados de difficuldades que muito contribuiram para o estado melancholico em que viveu.

Occupa-se a *Illustração* tambem d'outros assumptos referentes a Villa Real, por isso mesmo que é digna da attenção dos leitores, principalmente dos nossos conterraneos.

Parabens á empreza».

Um lindo e util artigo

No *Echo do Douro*, semanario que vê a luz em Alijó e que por mais d'um motivo nos é extremamente sympathico—desde ser o orgão, sem-politica... por ora, d'uma terra que nos é familiarmente saudosa até ter na empreza figuras que nos são intimamente queridas como o seu jovem, intelligente e honesto administrador sr. Casimiro Cabral Junior, neto do poeta Cabral, o admirador de Bocage—, depara-se-nos este interessante artigo que, pelos intuitos intelligentes, pela fórma evocatoria e pelo vocabulario regionalista nos impressiona ao ponto de ao collega pedirmos venia para o transcrever:

«**A falta de arborisação.**—Um serão á lareira, ah! que delicia n'estas longas noites d'inverno em que o vento assobia pela trapeira, em que a chuva rufa nas vidraças e em que o Marão, toucado com uma coifa de neve, respira halitos agudos que, muitas vezes, se traduzem em pneumonias.

N'esse circulo humano em volta de uns cavacos a arder em cima do estrefogueiro, a que o fúmeiro fáz pingentes gulosos, que kaleidoscopio d'assumptos passam n'aquellas horas!

São os velhos que fallam com intensa saudade no passado, são os moços nas esperanças do porvir. Aquelles recordam factos notaveis da terra, que estes escutam attentamente, para, mais tarde repetirem e assim fazerem a tradição oral da localidade. Exprime-se a saudade dos entes queridos que morreram e d'aquelles que, bem longe, não podem vir consoar entre nós no proximo Natal; e, n'essa rememoração affectuosa, não raro apparece uma lagrima furtiva da mãe ou da esposa que tem o filho ou o marido a moirejar álem mar —na Africa ou no Brasil—e que ella estreitou nos braços por entre lagrimas na partida, e que espera outra vez, por entre risos, abraçar quando voltar.

Um serão na provincia é tudo isso e mais o sóco que se taca, mais o chaço que se deita na meia, mais o serviço agricola que se projecta, mais o fedelho que não deixa estar quêdos os tições, mais a lingua da comadre e mais tudo o que quizerem...

Póde existir o serão sem *torno* e sem *espêto* mas logo que falte a murra ou o guiço de lenha para a fogueira, é serão acabado.

E acabarão com a lenha, que vae rareando dia a dia e que já nos obriga a pensar em mandar vir carvão do Porto. No dia em que esse combustivel invada as nossas cosinhas, adeus lareiras, adeus caracteristicos serões provincianos. Em Alijó e Favaios já um carro de lenha custa os olhos da cara, e comtudo aquellas localidades e mais Sanfins e Granja e Presendães e Mondego, podiam ter uma riqueza florestal que lhes desse muita lenha para queimar, muitos matos para estrume, muita madeira para construcções e muita estaca para os vinhedos. Além d'isso o clima seria muito mais doce, porque o vento se quebraria na ramaria das arvores; as nascentes d'agua seriam mais abundantes porque não só as chuvas entrariam mais regularmente no chão mas porque os quentes calores de verão as não evaporariam da terra; a paisagem seria mais linda guarnecida de arvores, porque ellas para as montanhas, são um adorno como o cabello para as mulheres.

Quereis saber onde podiamos ter tudo isso? Alli a dois passos, entre nós todos, no Campo Meão e suas vertentes. Esse grande plató do Villarelho, hoje da quasi exclusiva fruição dos cabreiros, podia ter o maior pinhal do concelho. Esse baldio de zonas graniticas e argilosas, por vezes de terreno fundo, prestava-se muito bem á silvicultura.

Dividido esse plató em talhões regulares, e separados por largas ruas, como hoje se pratica, não só para serviço de transporte de lenhas, mas pará se atalharem incendios, esses talhões seriam, pouco a pouco, sementados de penisco conforme as posses de quem o semeasse. Os encargos que a sementeira trouxesse e a manutenção de um guarda, principiariam no fim de 3 annos á ser attenuados pelo producto da venda de milheiros de madeira para vinhas. O vinhateiro que precisa d'essa madeira é que sabe o que isso vae a dentro d'este concelho.

Mas quem faria tal sementeira?

A Camara Municipal, embora isso pédisse em cada anno, como contribuição braçal, dois dias de trabalho aos habitantes das referidas povoações. Se alguem menos avisado chamar a isso um sacrificio, abençoado sacrificio que fructificava em beneficios qual d'elles o maior. Só o augmento das nascentes que do Villarelho teem seu abastecimento, e que dia a dia vão diminuindo, só isso valeria maiores sacrificios.

Hoje por toda a parte se promove, entre as creanças, a festa da arvore para adicar no espirito dos pequeninos seres o culto por esses vegetaes de que a humanidade colhe innumeros beneficios.

A fazermos aquella sementeira teriamos exprimido pela fórma mais eloquente esse culto pela arvore e eu teria uma tabua para remendar o escano desconjuntado onde escrevo e um çavaco para a fogueira que se vae extingundo».

Approveitamento dos residuos do fabrico do azeite

Como se aproxima a feitoria do azete, julgamos de tod a opportunidade indicar que os seus residuos pódem ser aproveiados lucrativamente como adubos nas explorações ruraes.

Estes residuos são: o alpiche, o bagaço e as fundagens.

Hoje fallamos do *alpiche*, que éa agua de vegetação da azeitona e tambem o liquido espesso, escuro, carregado de principios soluveis escorrido das pastas durante o escaldão, quando este se pratica.

Pelos seus principios soluveis — phosphatos, materias azotadas e uma certa quantidade de potassa — constitue o alpiche, misturado com agua, na irrigação das arvores e principalmente das oliveiras, um excellente adubo; mas — nota importante — pela sua acidez, devido ao tanino, torna-se nocivo, sendo indispensavel neutralisal-o previamente, quer pela fermentação ao ar livre junto com estrumes até dar reacção francamente alcalina, quer addicionando-lhe cinzas ou gêsso, o que é preferivel, por ser de uma preparação mais rapida.

J. Moreira da Cunha.

Do nosso illustre e estimado collega *Correio de Mirandella.*

Como ellas são!...

(CONTO TRASMONTANO)

Vivia em Villa da Ponte, uma aldeia trasmontana, que faz parte do concelho de Mont'Alegre, um casal de velhotes celebrado em todo o districto de Villa Real pela sua mutua dedicação.

Eram o espelho do verdadeiro amor conjugal. Não podiam viver um sem o outro; e não era infundado o juizo corrente por lá, de que apenas um d'elles fechasse olho, o outro logo tomaria o mesmo rumo.

D'um sem o outro é que ninguem que os conhecesse ou que de seu acrisolado amor houvesse noticia podia comprehender a existencia. Unia-os um justo bem-querer ao entrarem na adolescencia na vida... não havia quem suppozesse a Morte capaz de os separar.

Hão de caír ao mesmo golpe da foice de Saturno. A hora negra que rodar com um d'elles, terá de acarretar com o outro mesmo frete — pensava-o toda a aldeia, — e a aldeia conhecia bem os velhotes, a sua vida e a permuta constante dos seus melhores desejos.

Como a vizinhança d'essa dama macabra que nos restitue á terra, como a approximação de D. Morte nunca deixa de expedir avisos ás almas boas que lhe temem o afago derradeiro, ou o estrafegão brutal da ultima hora, aconteceu um dia que o bom do marido deteve-se á tarde a contemplar a sua companheira e disse-lhe por fim:

— Mulher! parece-me que hoje virá por ahi a Morte, para levar um de nós.

— Um de nós?!... — repetiu a consorte em tom de protesto. Isso nunca. Eu posso lá ficar no mundo sem ti! Se ella te levar eu irei tambem; sem ti é que eu não fico.

— Então porque? — tornou o experimentado esposo. Não preciso eu, acaso, de quem ore por mim, em quanto o meu corpo se confunda com o torrão d'onde viemos! Fica, resigna-te, que as tuas orações são-me cá precisas pelo menos, durante o meu julgamento, lá, no outro mundo.

Mas a mulher carpiu, lamuriou, e convenceu o seu velho companheiro de que a vir a Morte, a quem devia levar era a ella, e só a ella.

Lançou-se-lhe ao pescoço por fim e, muito cariciosamente, sustou com esta supplica vehemente o dialogo apenas começado:

— Permitte-me a minha ultima prova de affecto por ti e de indifferença pela vida; se vier a Morte deixa que eu me entregue, que te salve! E' o ultimo pedido que te faz a tua...

Um diluvio de lagrimas innundou este — *tua* arrancado tão lá de dentro que até parecia um pedaço de coração.

O marido não annuiu, foi á capoeira, depenou um gallo vivo e deixou-o á solta no quintal. Emquanto a ave martyrisada procurava abrigo para a sua dôr tremenda, entrou o homem de novo em casa, e foi collocar-se ao pé da sua metade, simulando cada vez maior pavor e repetindo:

— Lá vem ella! Lá vem ella!... Olha, mulher, eu vou-me esconder no forno. A Morte é feia; tenho-lhe muito medo!

Quando havia desapparecido no forno, onde se quedou de maneira que podia espreitar e seguir os movimentos da mulher, logo appareceu o gallo depenado á porta da cosinha!

Com effeito, receioso e torturado, o gallo infundia terror.

A tarde já despedira os ultimos clarões do poente e n'um crepusculo de inverno a ave afflicta fazia tremer qualquer aldeão ingenuo, d'esses que em tudo crêem quanto mais uma velhinha a quem o marido assegurára que a Morte ia chegar.

Encolheu-se pois, a mulher e, muito ao canto da lareira. poz-se a apontar, como uma desesperada, para o forno onde o marido se mettera, indicando assim o esconderijo do seu companheiro ao depenado que então transpunha as primeiras lages da cozinha.

— Está ali! está ali! — e o seu dedo indicador, encarquilhado e secco cada vez incidia com maior precisão sobre o forno ao mesmo tempo que toda ella se acocorava e retrahia, reduzindo-se quanto possivel, para não merecer a attenção da ave dilacerada.

— Está ali! está ali! — insistia ella a meia voz, mas nem por isso a insistencia era menos pertinaz, nervosa, incisiva.

Está ali! está ali! e o dedo a picar no ar, como bico de ave esfomeado que se atira a grão imaginario, aguda, repetidamente na direcção do forno, com todas as investidas febris, as guinadas instantaneas da sua indicação sinistra.

Escusado será dizer, que o marido não levou muito tempo a saltar do forno e a descarregar sobre a sua metade uma dóse solemne de pancadaria, para corrigir, ao compasso do marmeleiro, a desconformidade entre o que ella dissera e obrara, entre as suas palavras doces de sacrificio e aquella damnada obra de esquivança.

Dom Thomaz de Noronha.

D. Garcia

Este interessante romance que na nossa secção do *Folk-lore trasmontano* tivemos a honra de publicar no nosso n.º 9, saiu sem a assignatura respectiva.

De quem quer que seja — dos nossos typographos ou dos nossos revisores, não vem para o caso — a falta foi involuntaria e nós aqui a resalvamos declaramos que a gloria da colheita do D. Garcia pertence ao illustre senhor abbade Tavares.

A Imprensa e a Illustração Trasmontana

Do nosso illustre collega *O Villarealense* transcrevemos a seguinte referencia ao nosso n.º 9, que agradecemos penhorados: «a *Illustração Trasmontana* com uma explendida «sanguinea» do general Sepulveda e outras illustrações de Traz-os-Montes, acompanhadas de artigos descriptivos, temos á vista o numero 9 d'aquella brilhante revista.

Como todos os que tem publicado, o presente numero em nada desmerece do primor e conceito que justamente grangeou».

Collaboração

Collaboram n'este **numero 10** os ex.mos snrs:

Joaquim Leitão — *Emygdio Navarro.*

Dr. Daniel Rodrigues — *Philologia trasmontana.*

P.e Francisco Manoel Alves — *Moncorvo* (*Monographia.*

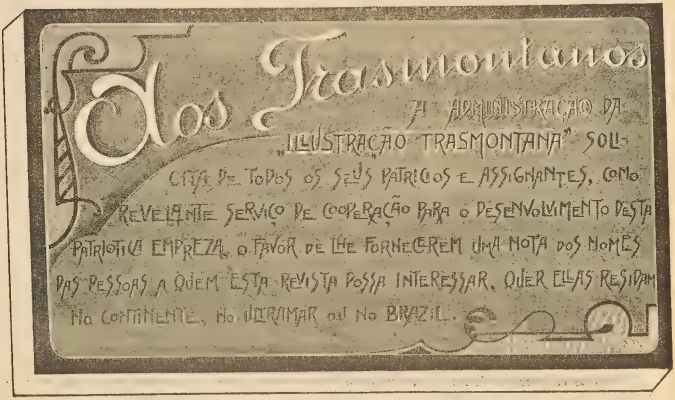
Illustram este numero, os snrs:

Antonio Carneiro — *Sanguinea de Emygdio Navarro*

Christiano de Carvalho — *Illustração do Dialecto Rio d'Onorense*

Summario do Supplemento

O segundo anno da «Illustração Trasmontana» — A nossa cobrança — Aos nossos collaboradores — Os numeros 11 e 12 da «Illustração Trasmontana» — Registo — «Illustração Trasmontana» — Um lindo e util artigo — A falta de arborisação — Aproveitamento dos residuos do fabrico do azeite, etc., etc.



GUIA ILLUSTRADO DE PORTUGAL

por Joaquim Leitão

Estão já publicados e á venda em todas livrarias do Porto e Lisboa os seguintes guias parciaes:

Guia Illustrado da Povoa de Varzim, com vinte e tantas illustrações . . . . 200 réis
Guia Illustrado de Vizella, vinte illustrações . . . . 120 »
Guia Illustrado da Foz, Mattosinhos, Leça e Lavadores, — cerca de setenta illustrações . . . . 300 »
Guia Illustrado de Barcellos, optimamente illustrada . . . . 300 »
Guia Illustrado de Espozende, com illustrações interessantissimas e d'um flagrante inedito . . . . 300 »

No prélo:

Guia Illustrado de Villa Nova de Gaya, 1 vol. de mais de 120 paginas, em papel couché, formato 4.º, estudo systhematico dos concelhos nos seus contrastantes aspectos, commercial, industrial, rural, ethnographico, artistico, com cêrca de cem illustrações e muitas ampelographias . . . . 500 »

Qualquer pedido feito á administração da *Illustração Trasmontana*, acompanhado da respectiva importancia, é immediatamente satisfeito.

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

DE

PIMENTA, LOPES & VIANNA

Rua da Fabrica, 80 — PORTO

Executam-se todos os trabalhos de typographia e impressão de musica.

O Livro d'Ouro

Da primeira viagem official de S. M. el-Rei D. Manoel II ao norte de Portugal

Chronica Photographica por CARLOS PEREIRA CARDOSO

Impresso em papel couché, será meticulosamente illustrado com cerca de mil photogravuras relativas á viagem regia; sendo algumas de pagina: retratos de individualidades que receberam o Chefe do Estado, reproducções de monumentos, costumes e paysagens das terras visitadas pelo Senhor D. Manoel II.

Annotará as bellezas pittorescas e typicas das mesmas localidades, archivando bem assim os trechos mais impressivos das mensagens com que o Porto e a provincia saudaram e representaram ao Soberano, seguidos de passagem das respectivas respostas.

A lista — o mais completa possivel — das pessoas que foram recebidas por El-Rei e que se inscreveram nos registos do Paço do Porto, terminará a documentação. Contendo approximadamente 200 paginas em papel couché in 4.º, o Livro d'Ouro apparecerá á venda em março proximo.

Condições de venda:

O preço do volume brochado: *(pagamento no acto da entrega)*

Por assignatura . . . . **2$000**
Avulso . . . . **2$500**

Consideram-se assignaturas os pedidos recebidos até 15 de março. D'essa data em deante, qualquer requisição já não poderá gosar o preço da assignatura.

Dirigir pedidos ao editor CARLOS PEREIRA CARDOSO — Praça de Cadouços, 5
Foz do Douro — PORTO

Opportunamente se annunciará o preço de capas especiaes e artisticas destinadas ao Livro d'Ouro.

Aviso importante No intuito de corresponder aos serviços que todos os nossos presados conterraneos e amigos nos vêm diariamente prestando, angariando-nos apreciavel numero de assignaturas, unica fórma de vingar o nosso patriotico emprehendimento, fica desde já assente que, para tão prestimosas pessoas, o preço da sua assignatura deixa de ser o que n'outro logar vae indicado, para ser o que a tabella seguinte estabelece, variavel e em relação com o numero de assignaturas pagas que cada uma possa obter.

Quantidade de assignaturas angariadas e pagas	Preço da assignatura para o angariador
1	2$250
2	2$000
3	1$700
4	1$500
5	1$250
6	1$000
7	750
8	500
9	250
10	Gratis

Para que as assignaturas apresentadas pelas pessoas que desejam aproveitar-se do desconto acima indicado, sejam consideradas válidas, é indispensavel que o apresentante realize o respectivo pagamento na occasião de satifazer a sua assignatura.

A administração d'esta revista encarrega-se da distribuição do jornal de taes assignantes e da respectiva cobrança, sendo porém responsaveis por ella os agenciadores ou apresentantes d'essas assignaturas.

Nota: — **Na contagem das assignaturas obtidas não póde ser incluida a da pessoa encarregada da angariação.**

A Empreza.

CAFÉ E GRANDE HOTEL «TOCAIO»

VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario — *Adriano Rocha.*

Communicação

Com o numero 9 terminou a missão de director da *Illustração Trasmontana* o ex.mo snr. Carlos de Magalhães, assumindo esse cargo o illustre escriptor Joaquim Leitão.

Ao novo director e para a Rua dos Clerigos, 61—1.º—Porto (onde acabam de installar-se os escriptorios da *Illustração Trasmontana*) deve ser dirigida toda a correspondencia, collaboração litteraria e artistica, passando os illustres collaboradores d'esta revista a entender-se com o snr. Joaquim Leitão.

A despeito do consideravel atrazo em que está a publicação da *Illustração Trasmontana*, o actual director conta assegurar-lhe a sua regularidade em janeiro de 1909, publicando n'esse mez os dois numeros que faltam para completar o primeiro anno da revista e, se possivel fôr, o primeiro numero do segundo anno para o que está envidando os mais tenazes esforços.

A Empreza da Illustração Trasmontana.

PRIMEIRO ANNO — *JORNAL DO MEZ* — *NOVEMBRO DE 1908*

SUPPLEMENTO

ao n.º 11 da

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

28 A 36 PAGINAS, GRANDE FORMATO

Publica-se nos dias 15 a 30 de cada mez

DIRECTOR
JOAQUIM LEITÃO

ARCHIVO PITTORESCO, LITTERARIO, ARTISTICO E SCIENTIFICO DAS TERRAS TRASMONTANAS

COLLABORAÇÃO LITTERARIA, SCIENTIFICA OU ARTISTICA DOS EX.MOS SNRS.

Dr. ABILIO GUERRA JUNQUEIRO · ADELINO SAMARDÃ · Dr. AFFONSO CORDEIRO · ALBINO LOPO Dr. AMILCAR DE SOUZA · Dr. ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO · ANTONIO CARNEIRO AUGUSTO CEZAR RIBEIRO DE CARVALHO · AUGUSTO NOBRE · BASILIO TELLES · Dr. CARLOS ALVES CHRISTIANO DE CARVALHO · DANIEL RODRIGUES · Coronel DOMINGOS CORRÊA · ERNESTO DE VASCONCELLOS · P.e FRANCISCO MANOEL ALVES · GONÇALO SAMPAIO · Dr. HENRIQUE FERREIRA BOTELHO · JOÃO AUGUSTO RIBEIRO · Dr. JOÃO AYRES D'AZEVEDO · Dr. JOÃO BARREIRA · JOÃO IGNACIO DE MENEZES PIMENTEL · JOAQUIM LEITÃO · JOAQUIM DE VASCONCELLOS · P.e JOSÉ AUGUSTO TAVARES · JOSÉ MARIA ALVES TORGO · JOSÉ MAXIMIANO CORRÊA DE BARROS · Dr. JOSÉ MOURÃO · JULIO BRANDÃO · JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO (BRUNO) · Dr. MANUEL DA COSTA ROCHA · MANUEL DUARTE D'ALMEIDA · Dr. MANUEL LARANJEIRA · Dr. MANUEL MONTEIRO Prof. MIGUEL JOSÉ RODRIGUES · ROCHA PEIXOTO · Dr. SOUZA COSTA · VIEIRA DA COSTA, Etc., etc.

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

ADMINISTRADOR
ANTONIO CORRÊA

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇAO

RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º — PORTO

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias	2$500
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

·· PAGAMENTO ADEANTADO ··

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de desconto

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

∴ Photogravuras das officinas de Christiano de Carvalho rua de Cedofeita, 95 — Porto

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Comp. e imp. na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna rua da Fabrica, 80—Porto.

Vi victa vis

E' um pendão, como tambem póde ser um toque de clarim.

Mas que seja pendão de luctadores, ou voz de alarme nos anaes da inercia, pouco importa; pois que pendão ou voz ha de exprimir sempre o mesmo pensamento e resultar no mesmo effeito.

Esse effeito, ainda o acreditamos, será, nem mais nem menos, que o despertar de vontades, um estimulo para o emprego dos melhores e dos mais bem orientados esforços em prol das regiões trasmontanas, no auge da sua decadencia civica e economica.

Ninguem o póde negar.

A provincia trasmontana jaz esquecida e abandonada, porque nunca soube impôr-se. E mais triste ainda e deprimente, porque jámais quiz reflectir nas causas da sua desgraça economica presente, nem tomar para exemplo a sua grandeza industrial, commercial e agricola passada.

Deixando apagar as suas tradições laboriosas, deixou tambem extinguir todos os sentimentos de independencia economica. E assim a rica e florescente região trasmontana d'outr'ora, acha-se hoje convertida n'uma região de descrentes do seu valor e ignorantes da sua força.

Pois ainda n'ella existem homens! E diga-se, com certo orgulho, que das provincias que constituem a nacionalidade portugueza, não é das que menor contingente tem dado para os serviços do estado e serviços da civilisação.

Assim o attestam na magistratura, no professorado, no exercito, no commercio e na industria nas artes e nas letras, no funccionalismo e em todos os ramos da actividade — os que as serviram e ainda servem; como egualmente se certificaria que, d'entre todos, poucos conservaram, no decorrer da existencia, a recordação do berço natal e, consequentemente, o sagrado empenho de trabalhar pelo engrandecimento moral e material da provincia mãe.

Derivados para as grandezas e deslumbramentos dos grandes centros; levados na torrente das conveniencias sociaes e politicas — todos ou quasi todos se alhearam dos interesses trasmontanos. E o alheamento teria sido absoluto, se não prodarisse tambem politicos!...

E' só nas occasiões em que se fazem as luctas politicas, que as celebridades trasmontanas se lembram da sua origem, e de que realmente existe o districto, o concelho ou a parochia rural que lhes acolheu o primeiro desejo, abrindo-lhes as portas do poder e do mando, e que tambem acreditou nas suas promessas de redemptor convicto.

E, todavia, foram promessas nunca cumpridas, embora periodicamente repetidas e protestadas.

E d'est'arte tem sido servido o licor inebriante das illusões, e se vem mantendo uma situação que deve acabar, que tem de acabar...

Vi victa vis.

Mas pendão ou toque de clarim, atravez do Marão ou áquem e além montes e valles trasmontanos, valerá sempre um esforço nascido do amor ao torrão natal, acalentado e fortalecido com a esperança de que ha de encontrar comprehensão e echo na vontade trasmontana: — que sómente carece de ser guiada para retomar o logar que as tradições lhe marcam na vida economica nacional e para impôr-se, tambem, na partilha dos beneficios dispensados ás outras provincias — quando sahidos do cofre commum das graças com que os governos usam firmar-se e affirmar-se.

* * *

Ora uma tal empreza, senão um tal empenho, está confiado ao *Gremio Trasmontano* — recentemente installado; e, pedindo venia á modestia, com decencia e conforto aprazíveis.

Tanto, dos ainda relativamente poucos, é já muito. E será mais, mórmente se os bons fados bafejarem, propiciamente, a obra dos iniciadores.

Estes deram um grande passo em frente... Agora é marchar... porque o mytho é uma realidade! Reunir os dispersos e convencer, pelo facto, os descridos — é o que resta fazer. Façam-no todos em a colonia trasmontana, no Porto, o seu *Gremio*, onde se reune e diverte em convivio frotano. Tem, portanto, a provincia de Traz-os-Montes o seu centro de operações para reivindicação dos direitos e progressos que lhe têm sido negados ou desconhecidos.

A razão da sua existencia, pois, será confirmada com as suas obras. E ellas em breve se evidenciarão; pois que no programma do Gremio se encontra a alliança do **agradavel** com o **util**: — o **recreio**, com todos os seus attractivos; o **trabalho** de propaganda para o rejuvenescimento da provincia trasmontana, com todas as suas utilidades.

Vi victa vis — não será unicamente uma phrase ou conceito, uma reminiscencia latinista. E' o que é.

Porto.

Carlos Affonso.

Caminho de ferro

Do nosso illustre collega *A Voz de Chaves*, um dos que melhor cumprem a sua missão de pugnadores dos interesses nacionaes em geral e dos trasmontanos em especial, transcrevemos o seguinte momentoso assumpto:

«No proximo anno ou pouco além d'elle a viação accelerada terá entrada nos limites d'este concelho.

Como n'outro lugar dizemos, a construcção do lanço do caminho de ferro de Pedras Salgadas a Vidago deve ser arrematado antes d'um mez, e n'um espaço approximadamente egual espera-se que sejam iniciados os trabalhos.

Nem sempre as noticias optimistas sobre este ambicionado melhoramento se teem confirmado. Todavia, cremos na confirmação d'esta, na parte que ella tem de mais importante.

Contamos, pois, que o caminho de ferro estará, n'um periodo relativamente curto, em exploração em terras do concelho de Chaves, mas ainda a 19 kilometros d'esta villa!

E quando serão vencidos esses 19 kilometros? Eis uma pergnnta a que não é facil responder.

O lanço de Pedras a Vidago, pelos planos feitos, já ha mezes devia estar concluido e ainda nem está principiado. O fundo dos caminhos de ferro não póde chegar para todas as linhas do Estado, em construcção. Algumas teem a soffrer e a nossa, se não tem sido das mais sacrificadas, tambem nos ultimos tempos não tem sido das mais felizes, apezar de nas modernas se considerar a de maior rendimento.

Temos de contar com outro compasso de espera na construcção do lanço de Vidago a Chaves. E' o mais provavel, e em encurtal-o é que devemos pensar, mas pensar desde já.

O lanço até Vidago que vae construir-se não é motivo para descançarmos.

Pelo contrario. Quando pedimos que se fizesse o caminho de ferro da Regua a esta villa, pediam tambem muitas localidades dos concelhos da Regua, de Villa Real, de Villa Pouca, que eram tão interessadas como nós. Essas já estão servidas, e Chaves não. E' certo que todos teem a lucrar com a extensão da linha e com a maior intensidade do trafego que augmentará o numero de comboios ficando aquellas melhor servidas. Este interesse, porém, é secundario. Attendem quasi exclusivamente ao facto de terem a sua ligação feita com os grandes centros.

Isto os satisfaz. Por isso é de boa pratica não esperar o auxilio dos que já se julgam servidos, e continuemos a cuidar de nós.

Os estudos de Vidago a Chaves pela margem esquerda do Tamega ainda não estão concluidos; se não fossem suspensos já estariam completos. Se teem de ser feitos outros, d'alguma variante pela margem direita para confronto e decisão fundamentada da directriz a adoptar, como se deu com os traçados por Loivos e pelo Reigaz, maiores demoras, mais tempo se precisa.

Os estudos, a sua approvação e mais formalidades a preencher antes de abrir a praça para a construcção, convem fazel-os e estarem promptos. E' caminho andado. Se se espera que nos fundos dos caminhos de ferro haja quantia disponivel para o lanço de Vidago a Chaves e só depois se trata dos estudos e formalidades, além da perda de tempo que evitaremos tendo tudo isso feito, corremos o risco das quantias disponiveis serem applicadas a outras linhas, o que não é caso novo. E então resultaria mais addiantamentos.

E' este um assumpto que se impõe a nós, flavienses. O lanço de Pedras a Vidago approxima a linha de Chaves mas não tão perto que nos não fique a 19 kilometros! Não é caso para descançarmos.

Quem não pede não é ouvido...»

Aos nossos collaboradores Como já lhes fizemos constar pelo *Jornal do mez*, com o 12.º numero da *Illustração Trasmontana* será distribuido o frontispicio do 1.º volume — uma pagina de uma grande simplicidade mas, por isso mesmo, d'um grande bom gosto, — e o indice dos collaboradores do 1.º anno da nossa revista, illustrado com o maior numero possivel de retratos dos nossos collaboradores.

Temos-nos dirigido por escripto a todos os nossos collaboradores, tanto litterarios como artisticos ou fotograficos, rogando-lhes a suprema fineza de nos proporcionarem os seus retratos para esse fim.

Da maior parte temos já as respectivas fotografias, nem outra coisa seria de esperar da delicadeza amavel dos nossos collaboradores.

Alguns que, por modestia ou por extravio dos nossos pedidos, ainda não tenham remettido os seus retratos, aqui fica o pedido reinterado, para que a todo o tempo se não diga que não cumprimos o nosso dever de cortezia.

A nossa cobrança

Apesar de uma das nossas condições de assignatura ser o pagamento adeantado, a ninguem o temos exigido e de ninguem temos recebido adeantadamente a respectiva assignatura, senão aos que expontaneamente teem acompanhado o seu boletim do competente vale.

Dadas as transformações e transferencias porque passou a *Illustração Trasmontana,* e considerando tambem o atrazo da sua publicação (já herdado da Empreza fundadora) atrazo que a actual Empreza apesar de não se poupar a sacrificios e nunca regatear despezas só agora conseguiu exterminar, pelo que está muito grata ao seu actual director, o reputado escriptor snr. Joaquim Leitão; — a actual Empreza da *Illustração Trasmontana* não quiz proceder á cobrança de assignaturas do 1.º anno emquanto não terminasse o seu primeiro volume, isto é, emquanto não completasse os doze numeros assignados, para assim provar aos seus assignantes a seriedade e estabilidade financeira d'esta Empreza.

Com o numero 12 é que serão enviados pelo correio os recibos da cobrança dos doze primeiros numeros, agradecendo desde já aos nossos assignantes o seu bom acolhimento.

REGISTO

A imprensa portugueza, pela voz dos seus mais importantes orgãos, continua fazendo justiça ao arrojo e tenacidade d'esta Empreza recebendo cada um dos numeros da *Illustração Trasmontana* com palavras calorosas e affeiçoadas.

Eis como o nosso n.º 9 está sendo apreciado pelos jornaes do Porto:

«**Illustração Trasmontana**» — Sahiu o n.º 9 da *Illustração Trasmontana*, magnifico archivo pitoresco, litterario, artistico e scientifico das terras trasmontanas, que sempre se tem apresentado com distincta collaboração de personalidades muito em evidencia nas lettras e nas sciencias.

Este numero da excellente publicação, que trata de assumptos deveras interessantes, abre pela inserção do retrato d'uma celebridade trasmontana, o general Sepulveda, em sanguinea do distincto pintor Antonio Carneiro, a qual é acompanhada de um extenso artigo biographico do illustre publicista José Pereira de Sampaio (Bruno).

A este artigo seguem-se numerosas e interessantes simili-gravuras, fechando este numero com o retrato do snr. José Henriques Pinheiro, que foi administrador do concelho de Moncorvo, com um artigo biographico do professor snr. Miguel José Rodrigues.

Com este numero, termina a missão do director da revista, snr. Carlos de Magalhães, assumindo esse cargo o distincto escriptor snr. Joaquim Leitão, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia, para a rua dos Clerigos, 61, d'esta cidade, onde estão intallados os escriptorios da *Illustração Trasmontana.*

Agradecemos o exemplar enviado».

(Do Jornal de Noticias).

* * *

«**Illustração Trasmontana**» — O n.º 9 d'esta esplendida revista abre por um retrato do general Sepulveda, sanguinea primorosa do talentoso artista snr. Antonio Carneiro. O artigo que acompanha o retrato do illustre trasmontano é do insigne publicista José Pereira de Sampaio (Bruno) e offerece um alto interesse de leitura para quantos se interessam pelas figuras notaveis da nossa terra.

Insere depois um artigo do snr. Sousa Costa sobre a Ribeira d'Oura, acompanhado de excellentes fotogravuras executadas sobre *clichés* do snr. Carlos Pereira Cardoso. Por ultimo, um retrato de José Henriques Pinheiro, com artigo biografico assignado pelo esclarecido professor snr. Miguel José Rodrigues.

O summario do supplemento é como segue: Viajem de propaganda; Policia rural; Filologia trasmontana; Instrucção popular; Sericicultura trasmontana; Bibliografia; Guerra peninsular; Pedras Salgadas e Vidago; Riqueza mineralogica trasmontana; O problema trasmontano.

Assumiu agora a direcção da *Illustração Trasmontana* o distinto escriptor snr. Joaquim Leitão, que conta regularisar o apparecimento da revista, um tanto atrazada.

(Do Primeiro de Janeiro).

Conto trasmontano

(Escripto para a *Illustração Trasmontana*)

N'uma noite de novembro de 1855, ao lume quente dos capões que ardiam na lareira—elevando chispas para a chaminé denegrida do fumo de longos annos, o José Domingues, depois de «deitadas» as orações, perguntava ao filho mais velho:

—Quanto darias tu, se agora nos entrasse pela porta dentro a Quiteria?

—Ah! A Quiteria... Era capaz de dar a minha cortinha do Pinhão...

—E eu ia abrir o meu piparão do canto, acrescentou o João Bernardo, velho amigo e visinho da casa.

A snr.ª Rosa, antiga criada, a quem tratavam como pessoa de familia poz-se a chorar...

—Bem, bem; não recordemos peccados velhos, rematou o José Domingues. Olha: apaga bem esse lume, que nós vamos-nos deitar.

O João Bernardo, ao despedir-se, no portal, inquiriu:

—Mas que lembrança foi essa agora, passados tantos annos, da Quiteria? Ella deve estar bem...

—Não está, não, respondeu-lhe o velhote, com os soluços a embargar-lhe a voz: está mal, diz-m'o o coração.

—Meu velho amigo: espalhe essas maguas. Eu bem sei que custa; mas tenha coragem. Confie em Deus... Ella hade voltar...

—Bem precisava, n'estes ultimos dias da vida. Bem sabe quanto tenho soffrido...

Os dois velhos abraçaram-se.

João Bernardo, no dia seguinte, foi a Villa Real. Ao passar em Santa Martha perguntou na venda do Miguel:

—Você diz-me o que é feito d'aquelle almocreve de Chaves, que em tempo foi criado dos Nogueiras de Sabrosa?

—O Constantino, bem me lembro... Olhe, senhor; ainda ante-hontem passou para o Porto. Deve estar aqui pela noite.

Na volta de Villa Real, João Bernardo parou na estalagem. Queria falar ao Constantino, saber noticias de Quiteria, que elle era homem esperto e de segredo para lhe descobrir tudo.

Não tardou o almocreve. Os machos vinham carregados, e, como de costume, fez alli poiso.

Ao desejo de João Bernardo respondeu logo:

—Sei muito bem da Quiteria, coitadita. Nos primeiros annos foi feliz; mas agora o valdevinos do dr., nanja que me engane, mas parece-me que lhe dá má vida. Eu vi-a ha dias na praça do peixe que nem parecia a mesma. E tão bonita era aquella moça, benza-a Deus...

—Quando volta ao Porto?

—D'aqui a tres dias.

—Bem. Sabe-me o que ha e diz-lhe que o pae a recebe em casa, se ella quizer voltar.

—E vou a sua casa dizer-lhe do resultado?

—Não. Eu espero-te aqui.

■

A Quiteria, filha unica do lavrador José Domingues, vivia na extrema penuria.

O dr. Alberto, que a seduzira e a fizera mãe, depois de dois annos de vida em commum abandonára-a, e ella, roida de vergonha e sem o amparo de ninguem, via-se a braços com a fome. Assediavam-n'a antigos amigos do dr. Alberto com propostas que a faziam córar; mas ella respondia a todos, com altivez e dignidade, que pertencera áquelle homem por um impulso do coração que não podera vencer; mas que a outro não pertenceria.

Sabia que a sua queda abreviara a vida de sua mãe; que seu pae a não queria vêr; que tinha de sujeitar-se a tudo, e a tudo se sujeitaria; mas que o seu coração morrera para o mundo, e mais homem nenhum queria, nem á face dos altares. Morreria de fome ao canto d'uma rua. Ser mulher perdida, pasto de vicio, ou divertimento d'alguem—nunca.

Fazia recados. Esfregava. Lavava. Ponteava meias. A sua ultima habitação era n'uma agua-furtada dos Guindaes.

Foi alli que o almocreve a descobriu e lhe deu a noticia do perdão do pae.

Quiteria abriu-se n'um largo chôro. Pela primeira vez, depois da queda, se sentiu feliz.

Poder outra vez abraçar os seus... sentar-se no «preguiceiro», cuidar da horta, ir pelos pomares, descer ás cortinhas...

Mas tinha muita vergonha. As suas amigas d'outrora despresal-a-hiam. Os rapazes rir-se-hiam ao vel-a passar. Na egreja todos lhe voltariam as costas. No adro, ao sahir da missa, daria occasião ao escarneo da multidão—que não perdôa...

—Mas venha commigo e deixe lá o resto, disse-lhe o almocreve. A menina fica em casa do João Bernardo uns dias, e, entretanto, as cousas hão de se arranjar de forma a que tudo corra bem.

—Irei. Mas, antes, leve-me este bilhete ao dr. Alberto. E escreveu: «Alberto: meu pae perdôa-me. Vou-me embora. Antes, porem, quero dizer-te que te deseja a felicidade esta que muito te amou e que tornaste infeliz—Quiteria.»

Na mesma tarde sahiram para Traz-os-Montes.

Ao chegarem á Regoa, um cavalleiro os seguia de perto.

Era o dr. Alberto.

—Não, lhe diz, se teu pae te perdôa, perdôa-me tu tambem. Não entrarás sosinha em casa d'elle. Ficamos aqui até se arranjarem os papeis do casamento, e, depois...

—Depois entram casados, isso é que é bonito, disse o almocreve.

*

Passaram-se quinze dias. Alberto voltou ao Porto, depois de chamar o caseiro da sua quinta de Provezende a quem deu ordem para fazer as obras necessarias na casa—porque se ia casar.

—Já sei, com a viscondessa do Peso?

—Não. Os casamentos fazem-se pelo coração. Caso com a filha do José Domingues, sabes?

Foi um acontecimento, o dia da bôda.

José Domingues parecia mais novo, de alegria, e João Bernardo abriu o piparão do canto, velho moscatel de 1830.

E, abraçando o seu velho amigo e visinho, dizia-lhe entre lagrimas:

—Então o que lhe dizia eu?

Nunca devemos desesperar. Deus lá está para nos dar a consolação quando vê que precisamos d'ella. O dr. Alberto passou, depois, a fazer clinica e a viver a maior parte do tempo em casa do sogro.

Quiteria tem hoje duas netas galantes que são o enlevo e o sonho dourado dos moços dos arredores de Provezende.

Novembro, 1908.

Z. Saramago.

DECLARAÇÃO

Antonio Augusto Corrêa, administrador e societario da Empreza da *Illustração Trasmontana* declara para os devidos effeitos que d'ora ávante firmará todos os documentos referentes á mesma com o nome de Antonio Corrêa reservando para os seus negocios particulares o seu nome individual.

Porto, 30 de novembro de 1908.

Antonio Augusto Corrêa.

O praso das contribuições

Está circulando pela imprensa trasmontana a seguinte noticia:

«O ministro da fazenda fez constar ás repartições competentes que no proximo anno não concederá prorogações do praso para a cobrança voluntaria das contribuições geraes do estado—predial, predial urbana, industrial, decima de juros, renda de casas e sumptuaria.

Sendo já velho costume a prorogação, é natural que os contribuintes contem poder pagar fóra dos respectivos prasos sem qualquer accrescimo, pelo que julgamos conveniente tornar bem publica aquella determinação.

A ser cumprida, passado o fim de janeiro pagar-se-ha algum juro de móra e addicionaes».

Dado o desespero economico da provincia, a violenta resolução do governo affigura-se-nos ser uma imprevidente provocação á resignação dos povos trasmontanos. Oxalá que não seja, quem deve suffocar tumultos e prever as crises, os que exactamente estejam a atear o incendio que sopita nas terras trasmontanas!...

Collaboram n'este **numero 11** os ex.^{mos} snrs:

Silva Esteves—*O Rei dos Floristas.*

M. Duarte d'Almeida—*Á Viola (poesia).*

P.e Francisco Manoel Alves—*Moncorvo (Monographia.*

A. Gomes Pereira—*Dona Silvana (Folk-Lore Trasmontano).*

Illustram este numero, os snrs:

Christiano de Carvalho—*Illustração do Rei dos Floristas* e *A' Viola.*

João Augusto Ribeiro—*Desenhos de Moncorvo.*

Summario do Supplemento

Vi victa vi—Caminho de ferro—Aos nossos collaboradores—A nossa cobrança—Registo—Conto trasmontano—Declaração—O praso das contribuições—Collaboração, etc., etc.

GUIA ILLUSTRADO DE PORTUGAL

por Joaquim Leitão

Estão já publicados e á venda em todas livrarias do Porto e Lisboa os seguintes guias parciaes:

Guia Illustrado da Povoa de Varzim, com vinte e tantas illustrações . . . . . . 200 réis
Guia Illustrado de Vizella, vinte illustrações . . . . 120 »
Guia Illustrado da Foz, Mattosinhos, Leça e Lavadores, — cerca de setenta illustrações . . . . 300 »
Guia Illustrado de Barcellos, optimamente illustrada . . . . 300 »
Guia Illustrado de Espozende, com illustrações interessantissimas e d'um flagrante inedito . . . . 300 »

No prélo:

Guia Illustrado de Villa Nova de Gaya, 1 vol. de mais de 120 paginas, em papel couché, formato 4.°, estudo systhematico dos concelhos nos seus contrastantes aspectos, commercial, industrial, rural, ethnographico, artistico, com cêrca de cem illustrações e muitas ampelographias. . . . . 500 »

Qualquer pedido feito á administração da *Illustração Trasmontana*, acompanhado da respectiva importancia, é immediatamente satisfeito.

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

DE

PIMENTA, LOPES & VIANNA

Rua da Fabriça, 80 — PORTO

Executam-se todos os trabalhos de typographia e impressão de musica.

O Livro d'Ouro

Da primeira viagem official de S. M. el-Rei D. Manoel II ao norte de Portugal

Chronica Photographica por CARLOS PEREIRA CARDOSO

Impresso em papel couché, será meticulosamente illustrado com cerca de mil photogravuras relativas á viagem regia, sendo algumas de pagina: retratos de individualidades que receberam o Chefe do Estado, reproducções de monumentos, costumes e paysagens das terras visitadas pelo Senhor D. Manoel II.

Annotará as bellezas pittorescas e typicas das mesmas localidades, archivando bem assim os trechos mais impressivos das mensagens com que o Porto e a provincia saudaram e representaram ao Soberano, seguidos de passagem das respectivas respostas.

A lista — o mais completa possivel — das pessoas que foram recebidas por El-Rei e que se inscreveram nos registos do Paço do Porto, terminará a documentação. Contendo approximadamente 200 paginas em papel couché in 4.°, o Livro d'Ouro apparecerá á venda em março proximo.

Condições de venda:

O preço do volume brochado: *(pagamento no acto da entrega)*

Por assignatura. . . . . **2$000**
Avulso. . . . . **2$500**

Consideram-se assignaturas os pedidos recebidos até 15 de março. D'essa data em deante, qualquer requisição já não poderá gosar o preço da assignatura.

**Dirigir pedidos ao editor CARLOS PEREIRA CARDOSO — Praça de Cadouços, 5
Foz do Douro — PORTO**

Opportunamente se annunciará o preço de capas especiaes e artisticas destinadas ao Livro d'Ouro.

Aviso importante No intuito de corresponder aos serviços que todos os nossos presados conterraneos e amigos nos vêm diariamente prestando, angariando-nos apreciavel numero de assignaturas, unica fórma de vingar o nosso patriotico emprehendimento, fica desde já assente que, para tão prestimosas pessoas, o preço da sua assignatura deixa de ser o que n'outro logar vae indicado, para ser o que a tabella seguinte estabelece, variavel e em relação com o numero de assignaturas pagas que cada uma possa obter.

Quantidade de assignaturas angariadas e pagas	Preço da assignatura para o angariador
1	2$250
2	2$000
3	1$700
4	1$500
5	1$250
6	1$000
7	750
8	500
9	250
10	**Gratis**

Para que as assignaturas apresentadas pelas pessoas que desejam aproveitar-se do desconto acima indicado, sejam consideradas válidas, é indispensavel que o apresentante realize o respectivo pagamento na occasião de satifazer a sua assignatura.

A administração d'esta revista encarrega-se da distribuição do jornal de taes assignantes e da respectiva cobrança, sendo porém responsaveis por ella os agenciadores ou apresentantes d'essas assignaturas.

Nota: **— Na contagem das assignaturas obtidas não póde ser incluida a da pessoa encarregada da angariação.**

A Empreza.

CAFÉ E GRANDE HOTEL «TOCAIO»
VILLA REAL
Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario — *Adriano Rocha.*

Communicação

Com o numero 9 terminou a missão de director da *Illustração Trasmontana* o ex.^mo^ snr. Carlos de Magalhães, assumindo esse cargo o illustre escriptor Joaquim Leitão.

Ao novo director e para a Rua dos Clerigos, 61—1.º—Porto (onde acabam de installar-se os escriptorios da *Illustração Trasmontana*) deve ser dirigida toda a correspondencia, collaboração litteraria e artistica, passando os illustres collaboradores d'esta revista a entender-se com o snr. Joaquim Leitão.

A despeito do consideravel atrazo em que está a publicação da *Illustração Trasmontana*, o actual director conta assegurar-lhe a sua regularidade em janeiro de 1909, publicando n'esse mez o numero doze; unico que falta para completar o primeiro anno da revista e, em fevereiro os dois primeiros numeros do segundo anno, para o que está envidando os mais tenazes esforços.

A Empreza da Illustração Trasmontana.

SUPPLEMENTO

ao n.º 12 da

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

28 A 36 PAGINAS, GRANDE FORMATO

Publica-se nos dias 15 a 30 de cada mez

DIRECTOR
JOAQUIM LEITÃO

ARCHIVO PITTORESCO, LITTERARIO, ARTISTICO E SCIENTIFICO DAS TERRAS TRASMONTANAS

COLLABORAÇÃO LITTERARIA, SCIENTIFICA OU ARTISTICA DOS EX.MOS SNRS.

Dr. ABILIO GUERRA JUNQUEIRO · ADELINO SAMARDÃ · Dr. AFFONSO CORDEIRO · ALBINO LOPO Dr. AMILCAR DE SOUZA · Dr. ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO · ANTONIO CARNEIRO AUGUSTO CEZAR RIBEIRO DE CARVALHO · AUGUSTO NOBRE · BASILIO TELLES · Dr. CARLOS ALVES CHRISTIANO DE CARVALHO · DANIEL RODRIGUES · Coronel DOMINGOS CORRÊA · ERNESTO DE VASCONCELLOS · P.e FRANCISCO MANOEL ALVES · GONÇALO SAMPAIO · Prof. P.e GOMES A. PEREIRA · JOÃO AUGUSTO RIBEIRO · Dr. JOÃO AYRES D'AZEVEDO · Dr. JOÃO BARREIRA · JOÃO IGNACIO DE MENEZES PIMENTEL · JOAQUIM LEITÃO · JOAQUIM DE VASCONCELLOS · P.e JOSÉ AUGUSTO TAVARES · JOSÉ MARIA ALVES TORGO · JOSÉ MAXIMIANO CORRÊA DE BARROS · Dr. JOSÉ MOURÃO · JULIO BRANDÃO · JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO (BRUNO) · Dr. MANUEL DA COSTA ROCHA · MANUEL DUARTE D'ALMEIDA · Dr. MANUEL LARANJEIRA · Dr. MANUEL MONTEIRO Prof. MIGUEL JOSÉ RODRIGUES · ROCHA PEIXOTO · Dr. SOUZA COSTA · VIEIRA DA COSTA, Etc., etc.

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

ADMINISTRADOR
ANTONIO CORRÊA

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º — PORTO

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias	2$500
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

·· PAGAMENTO ADEANTADO ··

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de desconto

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

∴ Photogravuras das officinas de Christiano de Carvalho rua de Cedofeita 95 — Porto

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Comp. e imp. na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna rua da Fabrica, 80—Porto.

Um benemerito

Legado de 20 contos para um asylo de abandonados em Chaves

«Deixo á Santa Casa da Misericordia de Chaves a quantia de vinte contos de réis, em moeda corrente por uma vez sómente, com a obrigação de instituir um asylo de desamparados e abandonados, que se governará quanto possivel pelo regimen interno da Casa Pia de Lisboa».

Do testamento do rev.º Joaquim Celestino da Silva, natural de Nantes, d'este concelho, fallecido na sua residencia em Lisboa, em 8 do corrente.

O periodo que abre estas linhas, na sua singelleza tão eloquente, não precisa de ser acompanhado de palavras nossas para encarecer a sua commovente e elevada significação. Diz o bastante da alma que em vida o dictou para se comprehender que sentimentos impregnavam essa alma.

O leitor, flaviense ou não, dispensa as apreciações do altruismo que encerra aquella disposição testamentaria do rev.º Joaquim Celestino da Silva.

Não podiamos, porém, abrir este numero da nossa folha — o primeiro que sahiu depois d'essa disposição ser conhecida — se não pela homenagem que é devida á memoria d'aquelle benemerito.

Nunca interpretamos melhor o sentir dos nossos conterraneos do que venerando o nome d'elle, dando hoje o primeiro logar a este preito, como julgamos do nosso dever.

* * *

O rev.º Joaquim Celestino da Silva, como dissemos, nascera em Nantes, freguezia de Villar, d'este concelho, e a 2 kilometros de Chaves. Era filho de Antonio Celestino da Silva e de D. Rosa Carneiro da Silva, proprietarios, d'aquella povoação.

Algum tempo depois de haver tomado ordens de presbytero embarcou para a Africa Occidental, havendo rezidido em Benguella, na provincia d'Angola. N'aquella clima mortifero se manteve durante largos annos, alcançando pela sua actividade e pertinacia ajuntar meios que lhe asseguravam uma vida livre de difficuldades.

Regressando a Portugal fixou residencia em Lisboa. Actualmente occupava uma magnifica vivenda, sua propriedade, em Telheiros, proximo do Lumiar, quasi só, como o pedia o seu temperamento. Ha muitissimo tempo que não vinha á sua terra. Apezar d'isso, não se esqueceu d'ella ao dispôr da sua fortuna que se calcula em 130 contos, quasi toda em escripturas hypothecarias e dinheiro depositado á ordem.

* * *

Por expressa determinação do fallecido, o seu testamento não deve ser publicado na integra podendo nós, por isso, só dar as seguintes passagens:

A' sua prima D. Maria do Carmo Chaves Celestino Queiroga, 1:000$000 réis em moeda corrente.

Deixou á sua primeira creada, D. Maria Luciana da Silva, a quantia de 3:000$000 réis, moeda corrente, por uma só vez, e todo o mobiliario existente na casa da sua residencia, não se entendendo por mobiliario a sua escripturação, escripturas de hypotheca, documentos comprovativos de propriedades immoveis e fóros, documentos fiduciarios nem dinheiro.

Para o testamenteiro que der cumprimento ao testamento, 1:000$000 réis, moeda corrente e por uma só vez.

Instituiu por universaes herdeiros de todo o seu casal aos seus sobrinhos João, inspector da companhia de seguros *L'Urbaine*, Purificação e Laura, filhos de sua fallecida irmã Izabel, e Julio, 1.º tenente d'Armada, Leopoldina, casada com o snr. José da Rocha Carvalho, socio da «Empreza de Electricidade de Chaves», e Maria, filhos de seu irmão José, e Julio Celestino, actualmente commerciante no Bihé (Angola), filho de seu fallecido irmão Antonio.

Determinou que a parte hereditaria de sua sobrinha Laura constitua para ella um dote antenupcial, sem communicação de bens com seu marido, quando haja de casar.

Para todo o seu casal será requerido inventario judicial, porque na actualidade o seu casal deve montar de cem a cento e vinte contos de réis, em boas hypothecas e propriedades immobiliarias, fóros, papeis, fiduciarios e dinheiro.

Declarou que o remanescente da sua herança será dividido em partes eguaes entre os sete seus instituidos herdeiros, seus sobrinhos.

Deixou á tambem sua segunda creada Maria da Silva, 500$000 réis, moeda corrente e por uma só vez.

Respeitando a vontade do extincto, procuremos todos nós, flavienses, interpretar os sentimentos que dictaram o acto do rev.º Joaquim Celestino, auxiliando, cada um nas suas posses, a meza da Santa Casa da Misericordia para que o melhor possivel corresponda aos intuitos de humanidade d'um grande benemerito da nossa terra.

* * *

O primeiro proposito do benemerito foi deixar os 20 contos á camara municipal para melhorar a instrucção na freguezia de Villar.

Modificou-o depois e por esta resolução vae, emfim, na nossa terra funccionar definitivamente uma instituição de tão meritorios fins, estando naturalmente indicado que, procurando-se satisfazer ás disposições legaes, se encorporem no legado os pequenos haveres destinados ao «Asylo d'infancia desvalida» visto tratar-se d'um estabelecimeuto identico.

Caminho de ferro

O assumpto tem importancia de mais para se deixar apenas com as referencias do nosso numero de 15 do corrente.

Não queremos, não podemos, não devemos abandonal-o. Isso equivaleria á abdicação dos nossos direitos, á falta de comprehensão do progresso, á indifferença pelos nossos interesses.

O caminho de ferro até Vidago será um facto dentro d'um anno.

Melhoramos? Sem duvida. A linha nas Pedras Salgadas mais nos convem do que em Villa Real; em Vidago mais do que nas Pedras.

Mas Chaves só poderá ter do caminho de ferro os beneficios maximos que elle póde trazer, quando seja prolongado até esta localidade.

Esse prolongamento não é possivel sem fundos para o custear, mas antes dos fundos são indispensaveis os estudos.

E' difficil a obtenção de fundos?

Talvez; já vimos, rapidamente, as difficuldades. Antes, porém, de se entrar propriamente n'esta parte da questão, principiemos por transpôr a primeira *étape*, sem o que não é possivel caminhar-se.

A construcção do lanço de Pedras a Vidago, a que vae proceder-se em breves semanas, nada complica com os estudos de Vidago a Chaves. São coisas inteiramente distinctas.

E é um dos casos em que havendo muito a lucrar com que os estudos se façam, nada ha a perder. Não se fazendo é que se póde perder.

Em virtude da divergencia que se accentuou n'esta villa sobre a localisação da estação—se no bairro de S. Bento, se no de Santo Amaro—é provavel, senão certo, que terão de fazer-se dois estudos, pelas margens esquerda e direita do rio Tamega, semelhantemente ao que se deu com os traçados de Pedras a Vidago, um por Loivos e outro pela montanha do Reigaz. Foi do confronto dos dois que resultou ser adoptado o do Reigaz.

Com a questão da estação de Chaves é de esperar que aconteça o mesmo. D'ahi, mais demoras, maiores dispendios de tempo. Vamos, pois, aproveital-o pedindo já que se proceda aos estudos de campo, emquanto ha bellos dias que os permittem.

A's entidades d'esta villa, que se consideram representantes de interesses geraes ou especiaes, cumpre fazer chegar ás repartições competentes os seus pedidos para que os estudos do caminho de ferro entre Vidago e Chaves não sejam postergados.

Para aquellas entidades appellamos. A sua inacção produzirá nas regiões officiaes respectivas um effeito muito prejudicial á nossa causa, á causa por que devemos luctar e temos necessidade de luctar sem descanço.

Centenario da guerra peninsular

As festas de março em Chaves

Começou já a distribuição do programma geral dos grandiosos festejos com que a nossa terra vae celebrar, de 20 a 25 do proximo mez de março, o 1.º centenario do cêrco e tomada de Chaves.

Como esse programma vae ser largamente espalhado por toda a população da villa e concelho, e ainda pelas dos concelhos visinhos, não se torna necessario que aqui demos d'elle mais detalhada noticia do que a que já publicamos no numero passado.

Queremos, porém, referir-nos aos meios de execução do programma, visto que no brilho dos festejos todos os flavienses devem interessar-se, não só por que assim o impõe a nossa devoção civica de povo civilisado, mas tambem por que em muito se acha agora empenhado o bom nome da nossa terra, que todos devemos presar e honrar, para que todos, por esse bom nome, dedicadamente trabalhamos.

Um tão largo programma nunca poderia projectar-se se não se contasse com o dedicado apoio de toda a população da villa, e sobretudo com o seu enthusiasmo, porque celebrações d'esta natureza perdem todo o valor quando sómente um frio cerimonial as reveste e não teem a aquecel-as as expansões da alma popular, com todo o calor de que ella é capaz, sempre que se recordam e commemoram as legitimas glorias da nossa terra e as brilhantes paginas da nossa historia.

O cêrco e tomada de Chaves pelas tropas do general Silveira foi apenas um episodio glorioso d'essa grande epopeia que as armas portuguezas escreveram n'uma lucta leonina contra os exercitos napoleonicos, dominadores da Europa inteira.

Mas esse simples episodio tem para nós o valor immenso de ser uma victoria bem nossa, sem o auxilio estrangeiro que n'outros feitos nos secundou, e em que soubemos mostrar ao mundo que este pequeno povo de ousados batalhadores, este povo que do seu reduzido torrão natal levou aos confins do globo a sua gloriosa bandeira, triumphante e dominadora, presa muito a sua independencia para que facilmente possam subjugal-o ainda os maiores collossos da Terra.

E os portuguezes d'hoje, sentindo ainda referver no peito os mesmos nobilissimos sentimentos de patriotismo com que os nossos antepassados tantas vezes assombraram o mundo, não poderiam deixar passar sem commemoração condigna o 1.º centenario dos feitos epicos da guerra peninsular, que tão brilhantemente esmaltam as paginas fulgentes da historia, honrando-nos e envaidecendo-nos como eterna e legitima gloria da nossa heroica raça.

Nós, os flavienses, temos n'estes feitos um particular motivo de nobre orgulho.

Foi Chaves a primeira terra do paiz em que, no glorioso dia 6 de junho de 1808, se levantou o grito de revolta contra o dominio francez em Por-

tugal, e esse grito de independencia logo se propagou por outras terras do reino, creando o heroico movimento de resistencia que em breve nos libertou do primeiro exercito invasor.

Foi Chaves tambem a primeira terra do paiz em que soldados aguerridos do maior capirão do seculo XIX sentiram os grilhões com que a valentia portugueza manietou os seus pulsos de indomaveis batalhadores e viram abatida pela bravura trasmontana a sua orgulhosa altivez de invenciveis conquistadores de tantos outros povos. E essa primeira derrota muito veio a influir no seguimento da lucta contra o segundo exercito invasor, obrigando-o quando abandonou o nosso territorio, a seguir o caminho mais difficil, deixando material e bagagens, n'uma retirada apressada e trabalhosa, que mais pareceu uma verdadeira fuga.

Motivos são estes, de sobra, para aquecer o enthusiasmo d'um povo que tem brio, e nós cremos bem que entre todos os flavienses não haverá nem um só que á patriotica commemoração que vamos celebrar deixe de dar todo o apoio que em suas forças caiba, para que ella seja digna não só dos feitos do passado, mas tambem do brioso povo d'hoje a quem taes feitos honram e illustram.

É uma divida de gratidão a que todos vamos pagar, cada qual na medida dos seus recursos, mas todos obedecendo ao mesmo irresistivel impulso d'um dever civico bem sentido e bem comprehendido.

* * *

As diversas commissões ultimamente nomeadas e cuja constituição publicamos no ultimo numero tiveram já quasi todas a sua primeira reunião de installação e sem perda de tempo vão começar os seus trabalhos, visto que apenas dispomos de pouco mais de dois mezes para dar inteiro cumprimento ao programma dos festejos.

Pelo ex.^mo^ general, commandante militar de Chaves foi já nomeada a commissão especial que hade realisar a *festa militar* do dia 21 de março.

Essa commissão ficou composta dos snrs, major de cavallaria 6, Ernesto Carlos Salgueiro, *presidente*, capitães: da guarda fiscal Antonio Gualberto da Fonseca Antunes, do estado maior de infanteria, Arthur Annibal Botelho e de infanteria 19 Lucinio Maria Ribeiro, *vogaes*, e tenente de cavallaria 6, João Antonio da Costa, *secretario*.

A corporação de Bombeiros Voluntarios tambem já organisou a sua commissão especial que ficou composta dos snrs. Luiz Lima Barreto, *presidente;* Adolpho Magalhães, *vice-presidente:* Alfredo Diniz Gomes, João Mesquita, José Augusto Corrêa, José Claro e Manoel da Silva Esteves, *vogaes;*

A Associação dos empregados do commercio, constituiu da seguinte fórma a sua commissão: Anselmo Dias, *presidente*; João José Geraldes, *thesoureiro*; Manoel Teixeira de Mello e Antonio Santos Silva, *vogaes*; Alfredo Vaz, *secretario*.

* * *

A commissão da subscripcão publica vae muito brevemente começar os seus trabalhos, para o que se dirigirá pessoalmente a todos os habitantes da villa e por carta aos das povoações do concelho, solicitando o seu auxilio para a realisação dos festejos.

Como é natural, não se fixa qualquer quota de subscripção. Cada qual contribuirá com mais ou menos, na medida das suas posses, e todas as dadivas se aceitarão por mais insignificantes que sejam, visto que a subscripção será tanto mais significativa do patriotismo dos flavienses quanto maior fôr o numero dos subscriptores.

N'estas condições é muito de esperar que a commissão que dedicadamente vae realisar tão grande trabalho, seja por todos os habitantes galhardamente recebida e que ninguem se recuse a contribuir com o pouco ou muito que puder para a realisação de um emprehendimento em que se acham empenhados o nosso bom nome e os altos iuteresses moraes e materiaes da nossa terra.

* * *

A commissão executiva dos festejos, que tem as suas reuniões em uma das salas da Sociedade Flaviense, já começou os seus trabalhos, tratando da acquisição da lapide commemorativa que hade ser collocada no forte de S. Francisco e dos projectos de decorações das ruas e largos, assim como de alguns dos carros allegoricos que hão de figurar no cortejo civico-militar do dia 25 de março.

A mesma commissão, que já mandou fazer uma grande edição do programma dos festejos para distribuir na villa e concelho, vae tambem tratar da publicação de uma noticia historica dos feitos que se commemoram, a qual será tambem distribuida aos habitantes, ás escolas, ás camaras municipaes dos concelhos limitrophes e aos principaes orgãos da imprensa do paiz.

* * *

Por motivo dos festejos vão brevemente ser feitos pela camara municipal alguns trabalhos de regularisação da alameda da Lapa, que passará a denominar-se *alameda do general Silveira* em seguida á festa escolar do dia 23 de março.

N'essa alameda será construida e devidamente ornamentada uma tribuna em que o jury e convidados tomarão lugar no dia da revista de gado, e em que no dia 25 de março será assignado o auto do descerramento do lapid e commemorativa.

A commissão executiva dos festejos convida os snrs. presidentes e mais membros das commissões especiaes já nomeadas a reunirem no salão da *Sociedade Flaviense* no dia 2 do proximo mez de janeiro, ás 7 horas da noite, afim de se tratarem assumptos importantes.

Sendo muito grande o numero de pessoas que fazem parte das commissões, o que tornaria muito trabalhoso o aviso individual, a convocação é feita sómente pela imprensa local, pedindo-se a todos

os cavalheiros commissionadas a fineza de não faltarem.

(Da *Voz de Chaves*).

DECLARAÇÃO

Antonio Augusto Corrêa, administrador e societario da Empreza da *Illustração Trasmontana* declara para os devidos effeitos que d'ora ávante firmará todos os documentos referentes á mesma com o nome de Antonio Corrêa reservando para os seus negocios particulares o nome individual.

Porto, 30 de novembro de 1908.

Antonio Augusto Corrêa.

A nossa cobrança

Apesar de uma das nossas condições de assignatura ser o pagamento adeantado, a ninguem o temos exigido e de ninguem temos recebido adeantadamente a respectiva assignatura, senão aos que expontaneamente teem acompanhado o seu boletim do competente vale.

Dadas as transformações e transferencias porque passou a *Illustração Trasmontana*, e considerando tambem o atrazo da sua publicação (já herdado da Empreza fundadora) atrazo que a actual Empreza apesar de não se poupar a sacrificios e nunca regatear despezas só agora conseguiu exterminar, pelo que está muito grata ao seu actual director, o reputado escriptor snr. Joaquim Leitão;— a actual Empreza da *Illustração Trasmontana* não quiz proceder á cobrança de assignaturas do 1.º anno emquanto não terminasse o seu primeiro volume, isto é, emquanto não completasse os doze numeros assignados, para assim provar aos seus assignantes a seriedade e estabilidade financeira d'esta Empreza.

Com o numero 12 é que são enviados pelo correio os recibos da cobrança dos doze primeiros numeros, agradecendo desde já aos nossos assignantes o seu bom acolhimento.

Tramway electrico entre Regoa e Lamego

O Conselho de administração dos Caminhos de Ferro do Estado, que foi mandado ouvir ácerca da utilidade publica de um «tramway» electrico entre a Regoa e Lamego, foi de parecer, que a concessão deve ser feita, ficando, porém, explicitamente affirmado o direito do Estado a construir, em qualquer epocha, a linha da Regoa a Villa Franca das Naves, sem que á empreza concessionaria assista qualquer direito a indemnisação. Deverá ainda o projecto ser elaborado, por fórma que não embarace a execução do caminho de ferro, nos pontos em que os traçados hajam de se cruzar.

(De *O Dissidente*).

REGISTO

Do *Echo do Douro:*

Illustração Trasmontana— Temos presente o numero 10 d'esta explendida revista, exclusivamente distinada a assumptos trasmontanos, de que é administrador o nosso estimado amigo e patricio, snr. Antonio Corrêa.

Este numero traz transcripto do nosso modesto semanario, o artigo ultimamente publicado sob o titulo — A falta de arborisação —, devido á penna de um nosso eminente collaborador, que antecede das seguintes palavras, que para nós são extremamente gratas».

E depois da transcripção das nossas muita sinceras palavras, termina:

«Esta revista, que dia a dia vai trazendo aos seus numerosos leitores, surpresas sobre surpresas, tanto nos assumptos que são estudados com toda a maestria, como nas gravuras de uma belleza e nitidez inexcediveis, impõe-se a todos os amadores do bom gosto pela irreprehensivel correcção com que se apresenta.

A' *Illustração Trasmontana* os nossos sinceros agradecimentos».

AS NOSSAS CAPAS

Conforme já annunciamos, elaboramos artisticas capas para encadernar o 1.º anno da *Illustração Trasmontana.*

No proximo numero dirêmos o preço por que as podemos fornecer aos nossos estimaveis assignantes, preço que, desde já o declaramos, será minimo.

As nossas capas, que completarão a riqueza artistica do nosso volume, são a extrema simplicidade alliada ao mais decidido bom gosto e novidade.

As minas de wolfram

(RECTIFICAÇÃO)

Um nosso estimabilissimo assignante, o ex.^mo^ snr. João Fernandes Lopes, dignissimo escrivão de fazenda de Grandola, em cujo peito pulsa um coração de verdadeiro trasmontano, que se interessa a valer pelas coisas trasmontanas e que se vê que muito préza o seu concelho, teve a amabilidade de nos prestar o seguinte esclarecimento:

«Agora permittam-me V. Ex.^as^ uma pequenina observação, para rectificação: — O n.º 9 da *Illustração*, sob a epigraphe «Riqueza mineralogica trasmontana», publica uma pequena inexactidão, dizendo que as minas de wolfram, de Salto, pertencem ao concelho de Boticas. A freguezia de Salto e as minas referidas pertencem ao concelho de Montalegre, e não de Boticas, que nenhumas minas possue».

Aqui fica, com muito gosto e segundo o nosso dever, a rectificação nos mesmos termos em que a recebemos, e que, — embora a responsabilidade d'essa inexactidão não pertença á actual direcção, que só com o n.º 10 assumiu o seu cargo, — muito agradecemos ao nosso respeitabilissimo assignante.

Collaboração

Collaboram n'este **numero 12** os ex.^mos^ snrs:

Silva Esteves — *Descripção da provincia de Traz-os-Montes, suas comarcas, e população, feita no anno de 1796.*

Dr. Daniel Rodrigues — *O cavalleiro e marivanes (Folk-lore trasmontano).*

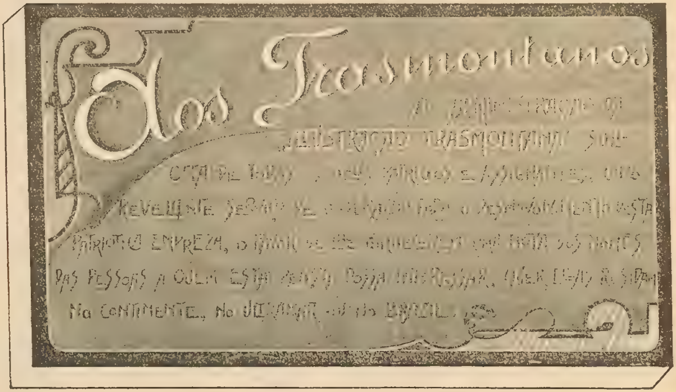
P.^e^ Francisco Manoel Alves — *Moncorvo (Monographia).*

Illustra este numero, o snr:

Christiano de Carvalho — *Descripção da provincia de Traz-os-Montes, suas comarcas, e população, feita no anno de 1796.*

Summario do Supplemento

Um benemerito — Caminho de ferro — Centenario da guerra peninsular — Declaração — A nossa cobrança — Tramway electrico entre Regoa e Lamego — Registo — As nossas capas — As minas de wolfram — Aviso importante, etc, etc.



GUIA ILLUSTRADO DE PORTUGAL

por Joaquim Leitão

Estão já publicados e á venda em todas livrarias do Porto e Lisboa os seguintes guias parciaes:

Guia Illustrado da Povoa de Varzim, com vinte e tantas illustrações . . . . . . 200 réis
Guia Illustrado de Vizella, vinte illustrações . . . . 120 »
Guia Illustrado da Foz, Mattosinhos, Leça e Lavadores, — cerca de setenta illustrações . . . . 300 »
Guia Illustrado de Barcellos, optimamente illustrada . . . . 300 »
Guia Illustrado de Espozende, com illustrações interessantissimas e d'um flagrante inedito. . . . . 300 »

No prélo:

Guia Illustrado de Villa Nova de Gaya, 1 vol. de mais de 120 paginas, em papel couché, formato 4.°, estudo systhematico dos concelhos nos seus contrastantes aspectos, commercial, industrial, rural, ethnographico, artistico, com cêrca de cem illustrações e muitas ampelographias. . . . . 500 »

Qualquer pedido feito á administração da *Illustração Trasmontana*, acompanhado da respectiva importancia, é immediatamente satisfeito.

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

DE

PIMENTA, LOPES & VIANNA

Rua da Fabrica, 80 — PORTO

Executam-se todos os trabalhos de typographia e impressão de musica.

O Livro d'Ouro

Da primeira viagem official de S. M. el-Rei D. Manoel II ao norte de Portugal

Chronica Photographica por CARLOS PEREIRA CARDOSO

Impresso em papel couché, será meticulosamente illustrado com cerca de mil photogravuras relativas á viagem regia, sendo algumas de pagina: retratos de individualidades que receberam o Chefe do Estado, reproducções de monumentos, costumes e paysagens das terras visitadas pelo Senhor D. Manoel II.

Annotará as bellezas pittorescas e typicas das mesmas localidades, archivando bem assim os trechos mais impressivos das mensagens com que o Porto e a provincia saudaram e representaram ao Soberano, seguidos de passagem das respectivas respostas.

A lista — o mais completa possivel — das pessoas que foram recebidas por El-Rei e que se inscreveram nos registos do Paço do Porto, terminará a documentação. Contendo approximadamente 200 paginas em papel couché in 4.°, o Livro d'Ouro apparecerá á venda em março proximo.

Condições de venda:

O preço do volume brochado: *(pagamento no acto da entrega)*

Por assignatura . . . . **2$000**
Avulso . . . . **2$500**

Consideram-se assignaturas os pedidos recebidos até 15 de março. D'essa data em deante, qualquer requisição já não poderá gosar o preço da assignatura.

Dirigir pedidos ao editor CARLOS PEREIRA CARDOSO — Praça de Cadouços, 5
Foz do Douro — PORTO

Opportunamente se annunciará o preço de capas especiaes e artisticas destinadas ao Livro d'Ouro.

Aviso importante No intuito de corresponder aos serviços que todos os nossos presados conterraneos e amigos nos vêm diariamente prestando, angariando-nos apreciavel numero de assignaturas, unica fórma de vingar o nosso patriotico emprehendimento, fica desde já assente que, para tão prestimosas pessoas, o preço da sua assignatura deixa de ser o que n'outro logar vae indicado, para ser o que a tabella seguinte estabelece, variavel e em relação com o numero de assignaturas pagas que cada uma possa obter.

Quantidade de assignaturas angariadas e pagas	Preço da assignatura para o angariador
1	2$250
2	2$000
3	1$700
4	1$500
5	1$250
6	1$000
7	750
8	500
9	250
10	Gratis

Para que as assignaturas apresentadas pelas pessoas que desejam aproveitar-se do desconto acima indicado, sejam consideradas válidas, é indispensavel que o apresentante realize o respectivo pagamento na occasião de satifazer a sua assignatura.

A administração d'esta revista encarrega-se da distribuição do jornal de taes assignantes e da respectiva cobrança, sendo porém responsaveis por ella os agenciadores ou apresentantes d'essas assignaturas.

Nota: — **Na contagem das assignaturas obtidas não póde ser incluida a da pessoa encarregada da angariação.**

A Empreza.

CAFÉ E GRANDE HOTEL «TOCAIO»
VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario — *Adriano Rocha*.

Communicação

Com o numero 9 terminou a missão de director da *Illustração Trasmontana* o ex.^mo^ snr. Carlos de Magalhães, assumindo esse cargo o illustre escriptor Joaquim Leitão.

Ao novo director e para a Rua dos Clerigos, 61—1.º—Porto (onde acabam de installar-se os escriptorios da *Illustração Trasmontana*) deve ser dirigida toda a correspondencia, collaboração litteraria e artistica, passando os illustres collaboradores d'esta revista a entender-se com o snr. Joaquim Leitão.

A despeito do consideravel atrazo em que estava a publicação da *Illustração Trasmontana*, o actual director ja deu um grande passo para lhe assegurar a sua regularidade pois que, completando com o presente numero doze o primeiro anno d'esta revista, espera dar em fevereiro os dois primeiros numeros do segundo anno, para o que está envidando os mais tenazes esforços.

A Empreza da Illustração Trasmontana.

2.º ANNO—JANEIRO, 1909

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA **Illustração Trasmontana** | ADMINISTRADORES **Antonio Corrêa e Antonio Terrio**

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º—PORTO

O TRASMONTANO

SUPPLEMENTO
AO N.º 13 DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

DIRECTOR JOAQUIM LEITÃO

Composto e impresso na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna, R. da Fabrica, 80—Porto

---

Summario do n.º 13, (1.º do II anno)
DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

	PAG.
A varanda trasmontana. — Manuel Monteiro, clichés de Carlos Pereira Cardoso	1
Inquerito (da Provincia de Traz-os-Montes em 1796 pelo Juiz Demarcante Pinto Ribeiro de Castro). *Continuação.* . . .	6
Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana). *Continuação.*— P.e Francisco Manuel Alves	8
Actualidades: —O incendio da Fazenda de Alijó. — Clichés de Antonio Augusto Corrêa	12
O Varre-Canêlhas. — Novella trasmontana, Joaquim Leitão, illustrações de Christiano de Carvalho . . . . . 13 a	16

EXPEDIENTE

A Empreza da ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA, no proposito de facilitar ás bolsas mais modestas a leitura d'esta patriotica revista, resolveu cobrar as assignaturas semestralmente. Só acceita, porém, assignaturas de anno.

Completo o 1.º anno com os n.os 11 e 12 é que se procedeu á cobrança do 1.º anno, para ir assim de encontro a quaesquer escrupulos baseados na irregularidade que a publicação soffreu nas mãos da primitiva empreza e direcção; com o nosso numero de março, que sairá dentro do respectivo mez, a ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA attingirá a sua perfeita regularidade, não havendo, pois, motivos para deixar de proceder-se á cobrança do 1.º semestre do 2.º anno em começos de abril, isto é, quando a revista, cujo pagamento é declaradamente adeantado, já vá no 4.º numero d'esse semestre.

Os hoteis, restaurantes e cafés que angariarem cinco assignaturas firmes, pelas quaes se responsabilisem, terão direito a um annuncio annual na ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA, annuncio que não poderá exceder o espaço que occupa n'este numero o da LOJA NOVA de Alijó.

O SEGUNDO ANNO
DA
Illustração Trasmontana

Com o presente numero entra no seu 2.º anno a *Illustração Trasmontana.*

Um anno na vida do Homem é nada; para a existencia d'uma publicação é já alguma coisa, sobretudo n'um paiz que, como Portugal, esteja acostumado a vêr morrer ao nascer os mais ardentes emprehendimentos da publicidade.

Apezar de, talvez, não ter faltado quem já nos tenha rezado por alma, nós aqui estamos, sãos como pêros, e dispostos a ir contando os annos, até lhes perdermos a cónta como os macrobios.

Confessamos que não é sem um grande amor á nossa angustiada provincia, um arreigado proposito de lhe prestar todo o appoio, tornando conhecidas as suas incomparaveis bellezas naturaes e as suas precisões anormalissimas, sem a coragem que vae até o sacrificio, — que estamos aqui.

Paiz pequeno, com a negra mancha do analphabetismo alastrando e reduzindo o mercado dos leitores, uma publicação luxuosa, como a *Illustração Trasmontana*, é um arrojo, nem sempre bem comprehendido.

Em boa hora o digamos, porém, a *Illustração Trasmontana* vae dia a dia encontrando mais carinho entre os nossos comprovincianos, e esse appoio anima-nos não só a proseguir na senda encetada mas mesmo a melhorar a nossa revista.

A nossa primeira preoccupação foi pôr em dia a *Illustração Trasmontana* que já herdamos com assustador atrazo da Empreza fundadora, e que só nas mãos da actual Empreza e da actual Direcção se tem encaminhado para uma garantida regularidade, com sacrificios de todos, desde o seu director aos nossos gravadores e aos nossos typographos.

Felizmente, a este numero de janeiro que agora parte para a publicidade não tardará a ir reunir-se o numero de fevereiro, que já fica a imprimir-se.

E o facto de que o nosso numero de março é consagrado á heroica cidade de Chaves e que ha-de com elle commemorar as festas brilhantissimas que os flavienses dedicam ao centenario da guerra Peninsular, de 20 a 25 de março, — é garantia de que com este mez de março de 1909, a *Illustração Trasmontana* ficará absolutamente em dia.

Simultaneamente fomos cuidando tambem de introduzir reformas e melhoramentos na nossa publicação, tornando-a cada vez mais interessante e mais farta em leitura.

Assim, com o 1.º numero do 2.º anno, transformámos o nosso *Supplemento*, que era até agora um repositorio de expediente, pouco mais, n'um jornalsinho cujas secções se irão de cada

vez e a pouco e pouco definindo-se, aperfeiçoando-se e completando-se.

Crentes de que já prestamos aos estudiosos alguns serviços, como a publicação do substancioso estudo monographico que sobre Moncorvo nos proporcionou o nosso illustre collaborador P.e Francisco Manuel Alves, venerado abbade do Baçal; como a reproducção do famoso inquerito feito á provincia de Traz-os-Montes, no seculo XVIII pelo Juiz Demarcante Pinto Ribeiro de Castro, que ainda hoje é um modelo no genero,—e que trazemos em publicação—, não nos temos poupado a nada para collocar a *Illustração Trasmontana* á altura d'uma grande illustração. Haja vista o artigo *O Rei dos Floristas* do nosso n.º 11, cujas illustrações, originaes do consagrado artista Christiano de Carvalho, são um primor e um luxo que se chamaria temeridade se não fosse o reflexo de agrado com que os leitores o receberam.

Junto ao nosso n.º 12, offerecemos aos assignantes o frontispicio do 1.º volume da *Illustração Trasmontana* e respectivo indice, com os retratos da maior parte dos nossos collaboradores.

O primeiro numero do 2.º anno começa a publicar uma novella trasmontana do nosso querido director, o illustre escriptor Joaquim Leitão, que, tendo feito no inverno e primavera de 1908 uma larga digressão de estudo por Traz-os-Montes, ha muitos mezes que nos lêra paginas d'essa novella inedita que, a calcular pela fidelidade da descriptiva trasmontana no seu artigo *Trindade Coelho*, deve ser um acontecimento do nosso anno litterario.

Tudo isto são outras tantas provas de que a Empreza da *Illustração Trasmontana* está decididamente disposta a dar o maior brilho e o maior interesse a esta publicação.

Poderiamos annunciar já aos nossos leitores algumas das paginas que temos preparadas para o segundo anno da *Illustração Trasmontana*, mas fieis ao nosso horror a tudo quanto seja «fazer programmas», preferimos nada prometter e muito realisar.

TROVAS POPULARES

Eu fui a mais triste filha
Que nasceu ao pé da vinha;
Nada se faz n'este mundo
Que a culpa não seja minha.

A Crise do Douro

I

Meus presados amigos:

Continuo a suppôr prejudicial, ou pelo menos inutil ao subido credito litterario d'essa revista, a minha collaboração, que v. solicitam certamente por mera cortezia. Esse convencimento impunha-me o dever de persistir na recusa, e n'ella me manteria hoje e sempre se não pedissem a minha opinião sobre a crise do Douro e causas que a determinaram. Ora eu, meus amigos, que dei ás reivindicações do Douro tudo quanto em mim havia de energia e de resistencia moral; que fiz minhas, para as lastimas e sentir, todas as suas desgraças e todas as suas augustias, não posso apagar do meu espirito recordações que nelle se gravaram indelevelmente, nem apartar do meu coração soffrimentos que ainda agora o confrangem e magoam.

Nós somos assim, ou pelo menos sou assim eu—prendo-me tanto mais ás cousas quanto mais me sacrifico por ellas. E o Douro custou-me muitos sacrificios, para me ser indifferente agora, na afflictiva situação em que se encontra, e *que elle aggravou com a sua continuada imprevidencia!*

Sublinho a phrase para lhe dar maior relevo, porque é necessario que esta verdade seja conhecida no Douro. A sua crise não é de hoje nem de hontem, como se tem affirmado frequentes vezes: é antiga e proveio dos erros de uns e dos crimes de outros. Não tem causas naturaes, mas sociaes: fêl-a o homem e aggravou-a o tempo, porque a propria duração das crises as augmenta e aggrava extraordinariamente. Uma crise duradoura é a miseria accumulada, e esta é a miseria extrema—já sem recursos e sem esperanças.

E' esta a miseria do Douro, e este é o estado actual da sua velha crise economica. Ha hoje mais fome do que havia hontem, porque hontem a crise não era tão velha como hoje, nem tão accumulada a sua miseria. Hontem era esta ainda relativa. Todos tinham que sacrificar habitos de luxo e conforto, mas vivia-se. Hoje é absoluta, porque a todos falta já o alimento indispensavel á satisfação das necessidades organicas. Hontem soffria-se—hoje morre-se!...

E morre-se pelos erros de uns, pelos crimes de outros... e tambem pela imprevidencia dos lavradores do Douro.

O commercio fraudulento provocou a crise, que os governos deixaram aggravar com o seu culposo desleixo e notoria incapacidade. Mas o Douro não está, infelizmente, isento de responsabilidades em parte, embora pequena, nas suas terriveis consequencias.

Esta região, constituida por uma successão de altas montanhas sobrepostas, é, de todas as do paiz, a que possue menor quantidade de terras ferteis e araveis. Talhadas quasi a prumo, essas montanhas são separadas por valles estreitos e profundos que no inverno se convertem no leito de outras tantas torrentes, e no verão se transformavam outr'ora em *olgas* de cereaes e legumes.

Era esse pelo menos o seu destino antes da invasão *phyloxerica*. Depois, tudo mudou. A vinha foi descendo das encostas para esses valles estreitos, e a economia do Douro, agora reduzida a uma cultura unica, accusou logo desequilibrios sensiveis ao espirito dos menos perspicazes. Antes do *phyloxera* o Douro tinha *deficits* cerealiferos, que o excesso da producção vinicola compensava. Depois da reconstituição das vinhas esse desequilibrio augmentou, porque o Douro era obrigado a comprar, *todos os annos*, a quasi *totalidade* dos generos que consumia. Se o vinho se vendia por alto preço, o equilibrio economico restabelecia-se. Mas, se não obtinha esse alto preço, o desequilibrio aggravava-se, e a vinha, em vez de ser um valor economico, era uma ruina!

Veiu desde ahi, a miseria d'essa região, que a natureza destinou a ser a mais rica do mundo, mas de que os homens fizeram talvez a mais pobre!... Os seus vinhos, affrontados pela concorrencia de todos os paizes, e depreciados pelas constantes falsificações do commercio, perderam o valor e os mercados, produzindo essa miseria extrema que tanto está impressionando o paiz inteiro e que não findará sem que o Douro modifique as condições da sua agricultura.

Eu sei que essa transformação será impossivel sem o auxilio efficaz dos governos. Exija-o, porém, o Douro e trate com urgencia de a operar, arrancando a vinha dos terrenos fundos, proprios de outras culturas e destinando-a para as encostas.

Augmentará assim a sua riqueza, valorisando estas, e valorisará tambem o seu producto principal, me-

lhorando-lhe a qualidade. Colherá talvez menos vinho de 2.ª ordem, mas com certeza fará mais dinheiro e terá menos fome.

Quererão os governos accudir-lhe?...

JERONYMO BARBOSA.

As repartições de Fazenda e Recebedoria queimadas pelo Povo

Tinha de ser!

As repartições de fazenda e recebedoria do concelho de Alijó, na noite de 10 do corrente mez foram totalmente destruidas por centenares de populares, que na sua ancia de destruição e represalias, depois de queimados todos os documentos e valores, reduziram a cavacos portas, janellas, vidraças e mobilias do predio onde aquellas repartições estavam installadas. A estes actos que classificamos de vandalismo, escapou o cofre. Não lhe tocaram.

Dentro dos sagrados e prestimosos deveres da imprensa jornalistica, protestamos contra todos os desmandos, contra as represalias e contra os excessos do povo, que, embora justificados, trazem sempre consequencias desgraçadas; mas tambem dentro d'aquelles mesmos deveres, levantamos um brado de indignação contra quem leva o povo a praticar actos revoltantes e censuraveis, instigando não poucas vezes, esse mesmo povo a sahir da lei para se collocar dentro da anarchia.

Portugal, cremos que se infileirou na classe de Nação com fóros de civilisação e progresso, e isto ha muito tempo, sem nunca prestar os cuidados necessarios ás questões economico-sociaes que mais de perto o deviam interessar, e só colhendo dos differentes estados, da Europa, ricos, os exemplos de gastar dinheiro e crear logares altamente remunerados como se o paiz tivesse á sua disposição todo o dinheiro do mundo.

Entre governadores e governados qualquer que seja a sua classe e hierarchia e posição social; nas familias, nas pequenas como nas grandes collectividades, os dirigentes teem o imprescindivel dever de prestar aos dirigidos tudo quanto seja necessario para attenuar a precaria situação em que vivem: abrindo creditos, modificando leis, fazendo-as de excepção para esta ou aquella região como ultimo recurso de evitar infortunios e calamidades.

Nada d'isto se cura entre nós, e no alto, nas regiões do poder, onde pullulam, fervilham e se acotovellam em cardumes os pretendentes de pingues logares, trata-se de remunerar até á saciedade os que menos trabalham em proveito do paiz, despresando-se o povo, só lembrado para pagar, e tantas vezes compellido a vender a camisa antes que o fisco lh'a atire a um leilão de farrapos.

Desde que esta malfadada, e votada ao ostracismo, região duriense iniciou um movimento de protesto, perante os governos, para que estes providenciassem no sentido de attenuar as calamidades, o infortunio, e a fome com todo o cortejo de males que se não descreve, os governos conservam-se e vivem n'aquella indifferença criminosa, n'aquelle idiotismo feroz, apanagio dos que teem como divisa das suas responsabilidades sómente isto; — **Nós, só nós e sempre nós!**

No concelho d'Alijó e outros da região do Douro varias vezes se pediu ao governo protecção para os seus vinhos, unica riqueza d'estes povos que, sem terem outra fonte de riqueza, se lançaram nos braços da sorte, expatriando-se como párias a quem faltou o lar e o pão.

Se alguma vez os queixumes do Douro foram ouvidos, se um brado de protesto deu rebate pelo paiz e fez perder o somno calmo e socegado dos que nos governam, foi de momentos o sobresalto, porque ao passo que o sul, provincia rica e feracissima em muitas culturas bem remuneradas, era e foi altamente enriquecida com a creação d'uma companhia vinicola de que o Estado é o primeiro obrigacionista, o Douro atira-se á margem, sendo no parlamento duramente coberto de doestos pelos deputados do sul, a quem os deputados das regiões avassaladas, e principalmente os dos districtos de Villa Real e Bragança, não tiverem a hombridade de replicar, quando o campo era magnifico, a materia vasta, a causa sympathica, por isso que se ligava intimamente com o que tão de perto interessa a vida dos povos na sua parte economica. Abunda na grande região do sul uma pleiade d'homens tão nobremente salientados pela sua illustração, pela sua dedicação, que empregando tão utilmente os seus esforços, mandaram ao parlamento outras tantas personalidades de valor e grande prestimo, cujos trabalhos se patentearam por beneficios extraordinarios.

Nós os do norte, devemos penitenciar-nos por termos mandado ao Parlamento, quem?

Aquelles sobre quem deve passar a esponja do esquecimento e o «parce sepultis» das coisas inuteis.

Se, como dizemos, os dirigentes cumprissem os seus deveres; se, ao povo que trabalha, que moureja, que arranca da terra dia a dia, hora a hora o pão de que vive, lhes não dessem com as portás na cara e outras tantas vezes lh'as fechassem as suas justas reclamações nunca as grandes valvulas da segurança social rebentariam da fórma estupenda e medonha como se viu em Alijó na noite de 10 corrente.

O tempo vae azedo para convulsões.

Na Italia os elementos, na sua furia inconsciente e devastadora, reduziram a cinzas uma provincia inteira; em Alijó reduziram tambem a cinzas a papelada das duas repartições.

Tinha de ser.

(Do *Echo do Douro*).

N.º 1 **FOLHETIM** Janeiro, 1909

D'Os meus Amores

Á Lareira

por Trindade Coelho

Louvado seja Deus, aquella casa da tia Maria Lorna era das mais remediadas lá da aldeia, e até das mais alegres. Tinha por fóra uma varanda de pedra para onde se subia por degraus tambem de pedra; em baixo as lojas, onde os larégos e uma burra se arrumavam; a tulha; uma despensa; e ao lado, arrumada a ella, a grande curralada dos bois, enorme, atulhada de feno e de palha nas sobrelojas, com uma quadra muito espaçosa para as ovelhas, quando as ovelhas não pernoitavam pelas terras, farta mangedoura p'r'as vaccas, e a um recanto, no chão, a cama onde ficava o moço. Na varanda, estava sempre o *Caramujo*, um demonio de cão pequeno muito assanhado, ruivo de côr, que levava os dias a ladrar muito enraivado, porque não havia ninguem que por ahi passasse que não tivesse que entender com o *Caramujo:*

—Eh, mal encarado! Eh, inimigo!

Lá por dentro, a casa da tia Maria Lorna podia-se vêr. Tudo arrumado, as coisas todas no seu logar.

A comadre Aniceta chamava-lhe até «um oratorio» e não se fartava de mirar tudo, de reparar com reverencia n'aquelle arranjo de todas as coisas, e se ia á despensa até se benzia:

—Nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo! Ora não ha! Assim, até parece que faz gosto a gente viver, só p'ra se regalar de vêr este asseio!

—Do meu corpo me sahe, comadre! Do meu corpo me sahe! — dizia-lhe muito enlevada a velhota. —Bem se lembra como a gente principiou — pobresinhos...

A snr.ª Aniceta começava a limpar os olhos com o mandil.

—Para o meu José mercar aos irmãos as duas sortes que tinham n'esta casa, — continuava a tia Maria, — sabe Deus, sabe Deus! Trabalhou muito, choramos ambos muita lagrima, p'ro ganhar...

Lagrimejava, a snr.ª Aniceta.

—E depois compôl-a, arranjal-a?

A comadre fazia que sim com a cabeça, de um modo que bem se via ponderar as difficuldades, as terriveis difficuldades da empreza...

—Começaram a vir os filhos...

—Ó Anna! Anna! — chamava ella lá para cima — traz' cá depressa o gato que parece que vi um leirão no meio das talhas.

Confessava a snr.ª comadre que os ratos eram uns inimigos: — «só o que elles roubavam á nossa bocca...»

—E depois feios?! — dizia a snr.ª Aniceta cheia de nojo, tirando a tampa á sua caixinha redonda de lata, onde trazia muito moidas as pontas das cigarrilhas do seu José. — Uma

Trasmontanos Illustres

General Antonio do Carvalhal

Á ultima assignatura regia foi o decreto promovendo a general de brigada o snr. Antonio do Carvalhal da Silveira Telles de Carvalho, commandante da 1.ª brigada de cavallaria, que durante annos commandou o regimento 6 aquartellado em Chaves.

E' o brioso militar um dos nossos mais distinctos conterraneos, e que pelas suas excepcionaes qualidades de caracter póde desmentir o aphorismo—ninguem é propheta na sua terra—porque poucas pessoas, exercendo ou não auctoridade, teem conseguido tão fundas sympathias e sincero respeito em Chaves.

Não ha nas nossas palavras lisonja, a que não somos atreitos, e todos os que nos leem reconhecem que ellas representam um acto de justiça, ao qual certamente se associam os nossos leitores, para a maioria dos quaes ellas até seriam desnecessarias.

Um conceituado collega referindo-se á promoção do nosso estimado conterraneo dá á publicidade dois trechos de documentos militares, que gostosamente trascrevemos, para acompanhar esta noticia rapida, como tem de ser, da promoção ao generalato do snr. Antonio Cavalhal, e que bem ficam a fechal-a.

General A. Carvalhal

Em 1903, o general inspector, disse no seu relatorio:

«O seu actual commandante, o coronel Antonio Carvalhal, em todos os seus actos revela um caracter de primeira ordem, quer seja apreciado debaixo do ponto de vista moral, quer militarmente considerado.

Activo, intelligente e desembaraçado, incute nos seus subordinados o amor pelo trabalho e a mais austera disciplina e, ao mesmo tempo, as bellas qualidades moraes e militares que tanto o distinguem, despertam pela sua lealdade, franqueza e inquebrantavel justiça, o mais acrisolado affecto e respeito de todos aquelles que servem sob as suas ordens. E' um official muito prestimoso».

Em documento official não se póde dizer mais e com tanta justiça.

E, no entretanto, de uma ordem de brigada, consta tambem o seguinte:

«O commandante de cavallaria 6, coronel Antonio Carvalhal, pela sua illustração, intelligencia, firmeza e zelo notavel em seis annos de commando, apenas interpollados por espaço de poucos mezes, tem procurado levantar e distinguir o seu regimento com uma honrada administração, desvelada instrucção e austera disciplina, o que o torna, como acto de justiça, digno de uma recompensa.

E assim, louvando o regimento de cavallaria n.º 6, e usando da faculdade que me confere o regulamento disciplinar, louvo o mencionado coronel Antonio Carvalhal da Silveira Telles de Carvalho, na presente ordem de brigada, pelos fundamentos acima expostos».

(De *A Voz de Chaves*).

---

pitada, minha comadrinha, sempre allivia as memorias—dizia ella offerecendo a caixa.

—...Mas começaram a vir os filhos: primeiro a Thereza, depois o José, logo pelo S. João do outro anno o Francisquinho que nos morreu, depois a Anna, e já se vê que não havia remedio senão ir augmentando o buraquinho...

—Ora viva a linda flor!—cumprimentou a rir a snr.ª Aniceta, festejando a filha da sua comadre, que chegava com o gato dependurado.

—Mette-o alli, anda—dizia-lhe a mãe.—Ahi não... entre essas duas talhas... mais adeante...

—Ó minha mãe!—replicou-lhe zangada a rapariga.—Vossemecê é melhor agarrar o leirão, e mettel-o aqui na bocca do gato.

Ria a snr.ª Aniceta emquanto a Anna desandava outra vez para o seu serviço, não olhando sequer para nenhuma d'ellas. Embirrava com a Aniceta;—foi dizer á irmã que estava lá em baixo a *enzoneira*.

—Pois já se não vae sem levar maquia!—acudia logo a Thereza.

E para empontar a creatura poz-se logo a chamar pela mãe:

—Ó minha mãe, minha mãe! olhe que se vão fazendo horas de mandar o jantar ao pae.

—Vou-me lá, vou-me lá, minha comadrinha! De mais a mais, trazemos obreiros, e inda não é tanto pelo meu José; mas o rapaz, se ouve tocar ao meio dia, e não vê lá a cesta do jantar, á noite ninguem o atura!

—Pois vá, vá!—fazia logo a outra, despedindo-se. E respondendo á conversa em que estavam, ainda rogou outra praga aos invejosos.

—Pois olhe que os tivemos, comadrinha! Essa curralada ahi fóra, olhe que nos está n'um ror de dinheiro,—concluiu, rodando a chave da despensa, a boa da tia Maria Lorna.

Escondeu a snr.ª Aniceta, debaixo do mandil, o pedaço do unto que já levava, embrulhado n'uma folha de couve, e lá se foi, rogando bençãos:

—Nosso Senhor lh'o augmente, minha comadrinha, mais aos seus filhos e ao seu homem!

—Adeus, comadre, adeus!—E ainda por cima desculpava-se:—E' pouco, mas de boa mente.

Quando subiu, não olhou para as filhas, que tambem não olharam p'ra ella. Tinham visto da janella sahir com as mãos debaixo do avental a «*comadrinha*».

Mas d'ahi por um instante, quando o argadilho já rangia porque a tia Maria se sentára a dobar, a Thereza, como mais velha das filhas, foi mettendo logo o seu remoque:

—Assim vale a pena! São duas avenças! O homem faz a barba e ganha a sua, que não é ella tão pequena...

—Tres alqueires medidos por mim,—confirmou a Anna,—e que por signal não foram rasoirados da ultima vez...

(Continua).

REVISTA AGRICOLA

Vinhas e Vinhos

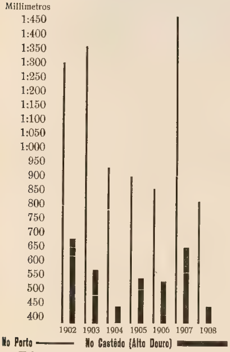
Inserimos hoje um graphico comparativo da pluviometria entre o Alto Douro e o Porto, trabalho que devemos ao esclarecido director gerente da Quinta dos Malvêdos (Costa do Castêdo), o snr. J. Yates, que, de passagem diremos, vem prestando valiosissimo serviço a todos que se occupam de viticultura, na região duriense.

Em cada anno que vai passando mais valor vão adquirindo os trabalhos que iniciou e que só applausos merecem, attendendo-se a que partem da iniciativa particular, quando em todo o mundo é aos estabelecimentos officiaes de agricultura que se acham confiados.

Com a imperfeitissima organisação que existe em Portugal para todos os serviços agricolas, não admira, porém, que não se creassem ainda observatorios meteorologicos nas differentes regiões do paiz, para elucidarem a lavoura, sendo assim a meteorologia agricola completamente desconhecida entre nós.

O mappa que segue, sob o ponto de vista pluviometrico, é muito elucidativo e ao mesmo tempo instructivo:

Mappa comparativo da chuva cahida na Costa do Castêdo (Alto Douro) e no Porto, nos annos de 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907 e 1908:



Vejamos agora qual foi a chuva registada, em millimetros, em cada um dos mezes do anno expirado:

	No Porto	No Castêdo
Janeiro	83,058	46,736
Fevereiro	6,350	254
Março	114,300	31,750
Abril	68,580	31,242
Maio	40,640	18,034
Junho	16,510	49,276
Julho	4,572	1,016
Agosto	53,340	36,830
Setembro	3,048	19,558
Outubro	100,076	43,942
Novembro	137,922	72,898
Dezembro	209,550	79,756
Total	837,946	431,292

Pelo que se dizia geralmente, fundado em bases apparentes e de que nos fizemos provavelmente écco n'estas palestras, em 1908 devia ter chovido mais no Douro do que em 1907; mas, procedendo-se no fim do anno ao balanço geral, averigua-se que 1908 figura no nosso graphico com um algarismo extremamente baixo e só comparavel a 1904.

Espaireçamos a vista por esses paus que se erguem e que quanto mais curtos forem mais se devem temer para o futuro duriense.

Que prophecias ha, pois, a fazer, desde já, para as vindimas de 1909?

E' sempre temerario formular vaticinios sobre o que serão as colheitas futuras, sobretudo no Alto Douro, pois que dependem de factores que não assentam sobre nenhuma base estavel. No entretanto, é certo que, lançando um volver de olhos sobre o graphico que precede, tudo parece preparar-se para uma colheita que deverá ser mais diminuta do que a anterior.

Com as reservas das chuvas de 1907, os vinhedos tomaram alento e, resistindo aos calores, deram-nos a *novidade* de 1908 que em quantidade, como sobretudo em qualidade, nada deixou a desejar, a não ser áquelles que fallam sempre por desfastio e que teem innata predisposição para de tudo desdenharem.

Ora, escasseando as aguas em 1908, é natural que a vegetação se definhe e d'ahi venha a resentir-se profundamente a producção de 1909, dando-nos uma colheita que fique longe das necessidades actuaes do commercio.

Vaticinios d'esta ordem são extremamente falliveis, como, de resto, todos sabem; no emtanto, não estaremos longe da verdade auspiciando um mau anno para o Alto Douro, no geral das suas colheitas de primeira necessidade e tambem na do vinho, no que diz respeito á quantidade.

Estamos, comtudo, em janeiro e os pluviometros ainda podem vir a dar-nos outras esperanças, nos mezes que seguem: em fevereiro e março, que são mezes de chuva, é possível haver diluvios que nos tragam melhores auspicios.

Todos que conhecem a fundo o Alto Douro sabem, porém, como as nuvens portadoras de agua se afastam de lá. Quando muito, chegam ao Baixo Corgo para alli tomarem outra direcção. Não só as correntes do vento, mas tambem a falta de vegetação arborea determinam o phenomeno e, toda a vez que se alvitra a plantação de arvoredo nas encostas do Douro, um riso mordaz se desprende dos labios dos habitantes da região duriense. Ha uma aversão manifesta contra todas as arvores, desconhecendo-se, por completo, os seus grandes beneficios. Dir-se-hia assim que os desditosos filhos do Douro, continuamente sob o peso do seu enorme fardo de responsabilidades e alquebrados pela lucta ingente contra successivas infelicidades, sem que lhes luza no horisonte da vida uma esperança fagueira, e habituados a olharem para as suas cêpas, que mal lhes chegam á cintura, se considerariam humilhados se houvessem de erguer a vista para enxergar a frondosa ramaria de uma *Wellingtonia* ou de um *Eucalyptus*, verdadeiros mastodontes do reino vegetal.

Não alvitrariamos agora que se formassem florestas com a *Wellingtonia gigantea* no Douro, porque receariamos bem que ella alli não prosperasse, como nunca prosperou n'outros pontos do paiz; mas o que afiançamos é que todos que creassem densos bosques com o *Eucalyptus globulus* nunca haveriam de arrepender-se.

Escrevemol-o com todo o enthusiasmo, ha cerca de quarenta annos, e hoje repetimol-o, cheios da mesma fervorosa fé: quantas fortunas não ha ainda a formar com esta preciosa arvore, em Portugal!

A *arvore do futuro* lhe chamavamos então, e grossa remuneração tem ella já trazido aos que nos seguiram; e, quando a plantação das arvores de alto fuste fôr augmentando progressivamente no Douro, os pluviometros certamente mudarão tambem de rumo: o regimen das aguas fatalmente será outro.

Convençamo-nos de que a plantação de arvores é indispensavel ao bem-estar da humanidade, porque, exercendo preponderante influencia no clima, na temperatura e sobre o grau de humidade, concorrem outro-sim poderosamente para a fertilidade do sólo.

Dizia o dr. Schacht, o antigo e considerado professor allemão da Universidade de Bonn (1860): «Da mesma fórma que o pára-raios vai buscar o fluido electrico ás nuvens tempestuosas, assim tambem a floresta attrahe sobre si a chuva das nuvens, a qual não vai só refrescar o bosque onde cahe, mas estende igualmente os seus beneficios até aos terrenos visinhos».

Arborisemos, portanto, o Douro, se quizermos modificar a aspereza do seu clima, regularisando ao mesmo tempo o seu regimen pluvioso, sendo certo que, desde que possâmos alterar os algarismos do nosso mappa pluviometrico, os vinhedos do Alto Douro entrarão em nova phase.

O caminho está indicado.

Não hesitem; mãos á obra!

Avante!

José Duarte d'Oliveira.

REGISTO ELEGANTE

Chegadas e partidas

Esteve no Porto, acompanhado de sua ex.ma esposa, o illustre director de *O Douro*, ex.mo snr. Gabriel Gouveia.

— A passar as festas do Natal, com seus filhos, vieram ao Porto o ex.mo snr. Angelo Terrio e sua ex.ma esposa, importantes proprietarios de Alijó, e sua filhinha Angelina. Infelizmente, a maior parte do tempo que aqui se demoraram, passaram-o mal de saude. Já regressaram a Alijó, onde lhes desejamos completo restabelecimento.

— Com pouca demora, estiveram no Porto e retiraram já para Alijó os nossos amigos José de Moraes Neves, Joaquim de Castro e Mourão, digno secretario da camara de Alijó.

— A tratar da sua saude, passou alguns dias no Porto o nosso estimado assignante e amigo José Duarte Magalhães, proprietario da *Loja Nova*, de Alijó.

— A tratar de negocios, foi a Traz-os-Montes o nosso amigo Manuel Terrio, socio da importante casa commercial d'esta cidade Terrio & Irmão.

*

Casamentos e baptisados

Consorciaram-se na egreja parochial de S. Pedro, de Villa-Real, a

filha mais velha do snr. Manuel José de Moraes Serrão, acreditado commerciante e industrial da localidade, com o snr. Manuel Joaquim David Guerra, empregado commercial.

Serviram de testemunhas no acto religioso, por parte da noiva, o snr. commendador Emygdio Ló Ferreira e esposa, e por parte do noivo, o ex.mo snr. Francisco Antunes de Mesquita, com sua esposa.

Ao jantar nupcial assistiram muitos amigos do snr. Moraes Serrão.

— Baptisou-se em Alijó o filhinho do nosso amigo dr. Evaristo Geral, medico do partido e sub-delegado de saude, em Alijó, e uma das vocações cirurgicas mais brilhantes que a Escola-Medica de Lisboa tem creado. O neophito recebeu o nome de Evaristo Delfim.

Necrologia

P.e Rodrigo de Campos Sanches

P.e Rodrigo de Campos Sanches, abbade de Villarelho da Raia
Fallecido em 24 de janeiro de 1909

No domingo soube-se n'esta villa que, na madrugada d'esse dia, havia fallecido na povoação de Villarelho da Raia, freguezia do mesmo nome, o rev.º padre Rodrigo de Campos Sanches, que ha muitos annos vinha sendo martyrisado por cruciantes soffrimentos rheumaticos que o impossibilitavam de sahir da cama, em largos periodos.

O *abbade de Villarelho* — como quasi sempre era designado o extincto — foi uma figura de destaque n'este concelho, quer encarado como sacerdote, quer como simples cidadão, quer como vulto politico.

Dizer que o seu passamento foi devéras sentido por todos que o conheciam e o respeitavam, — e o padre Rodrigo era conhecidissimo e respeitadissimo — seria cahirmos em pleonasmo perante os nossos leitores do concelho de Chaves.

O padre Rodrigo Sanches foi um sacerdote que na sua classe se elevou bem alto, pelos exemplos de virtude em toda a sua pureza, que elle conciliava com as influencias do meio e as ideias modernas, n'uma bem proporcionada tolerancia em que, não cedendo coisa alguma das suas crenças, punha, apezar d'isso, mais em fóco a sua bondade.

Homem illustrado e que estudava sempre, abordava todas as questões com modestia mas revelando conhecimentos invulgares sobre ramos diversos de sciencia. Se o amor á sua terra natal o não tem chamado para a abbadia de Villarelho, certamente que na carreira ecclesiastica teria subido onde o deviam levar o seu vasto saber, a sua lucida intelligencia, o seu fino criterio e a sua grande virtude.

Ainda assim, estas suas qualidades eram justamente consideradas pelos Prelados que dirigiram esta diocese no largo periodo de aproximadamente quarenta annos, em que o fallecido foi parocho, porque nas vezes que vagou o vicariato geral da comarca ecclesiastica de Chaves sempre lhe foi offerecido, honra que elle declinou com fundamento dos seus padecimentos.

Onde a intelligencia e o seu espirito culto se revelam d'uma maneira particular é na fórma como pastoreava os seus parochianos. Ahi ha muito que aprender. A influencia d'elle nos costumes d'aquella gente é notavel e benefica: os nomes dos seus parochianos não apparecem nos processos criminaes das justiças ordinarias e não é porque os crimes fiquem impunes mas porque rareiam os casos de desordem social e moral.

Ainda mais: na freguezia de Villarelho, embora com um professor illustrado, ha só uma escola masculina insufficientissima, mas é a que tem menor percentagem de analphabetos, n'este concelho!

E todos estes factos, que não teem passado desapercebidos, são effeito da obra evangelisadora d'esse sacerdote exemplarissimo, d'esse cidadão modelar, d'essa alma d'onde na vida sempre irradiou bondade, como um sol acariciador nunca empanado por qualquer nuvem de malquerença provocada!

* * *

O funeral do rev.º padre Rodrigo de Campos Sanches realisou-se na segunda-feira. O cadaver foi sepultado no cemiterio de Villarelho e até ali acompanhou-o uma multidão, uma grande massa de povo que correu áquella povoação, para prestar o seu preito de saudade, tão sentida e tão piedosa, que as lagrimas brotavam de todos os olhos.

Não tentamos nós descrever o que foi o funeral do santo que se finou, a que concorreu em numero consideravel o clero.

Todos, todos os assistentes choravam — eis uma descripção em linguagem melhor que a nossa.

(De *A Voz de Chaves*).

Á familia do venerando Pastor do Villarelho, aos seus parochianos e a *Chaves* que perdem n'elle uma pessoa de familia, os nossos dolorosos cumprimentos.

A Imprensa

E A

Illustração Trasmontana

«O artigo da «Illustração Trasmontana» — A *Illustração Trasmontana*, que é uma das publicações illustradas mais interessantes do paiz, pela escolha dos assumptos, pela nitidez das gravuras e pelos primores da collaboração, consagrou quasi todo o seu ultimo numero á memoria do extraordinario jornalista e grande homem de Estado que foi Emygdio Navarro, o nosso querido e sempre chorado director, cuja saudade vive n'esta casa como no dia em que elle para sempre, a abandonou, deixando a vida. Além de varias gravuras, reproducções e photographias de Emygdio Navarro e do autographo correspondente a um dos primeiros trabalhos litterarios d'aquelle formosissimo espirito, a *Illustração Trasmontana* insere um lar-

go e interessantissimo artigo de impressões, firmado por Joaquim Leitão, o illustre escriptor, cuja prosa cheia de esmalte e de imprevisto, raras vezes terá encontrado assumpto que mais a apaixonasse e a fizesse brilhar. D'esse artigo primoroso, que as *Novidades* agradecem, commovidamente, a quem o escreveu e o *sentiu*, reproduzimos, em seguida, a parte final, em que o perfil, por assim dizer, intimo de Emygdio Navarro, é exposto em traços de verdade flagrante».

(Das *Novidades*).

*

«**Illustração Trasmontana**» — Temos ha muitos dias o n.º 10 d'esta excellente publicação; mas, por falta de espaço, só hoje podemos accusar a sua vinda.

A *Illustração Trasmontana*, a que tantas vezes nos temos referido com o caloroso encarecimento de que ella é digna pelo seu valor litterario e artistico e pelo intelligente cuidado que dedica a todos os assumptos de interesse para a provincia a que exclusivamente se consagra, é actualmente dirigida pelo snr. Joaquim Leitão, intellectual que legitimamente occupa um logar de destaque no jornalismo nacional».

(De *O Dissidente*).

*

«**Illustração Trasmontana**» — Recebemos o numero 10 d'esta interessantissima publicação illustrada, respeitante ao mez de outubro findo.

Dia a dia vae esta revista melhorando as suas differentes secções, tornando-se, portanto, cada vez mais attrahente e procurada.

Insere o numero presente, uma esplendida sanguinea do extincto e eminente jornalista trasmontano e homem de Estado notabilissimo, Emygdio Navarro, acompanhada de curiosos dados biographicos, e uma succinta descripção da villa de Moncorvo.

Assumiu o cargo de director da *Illustração Trasmontana*, o illustre escriptor snr. Joaquim Leitão, em virtude da retirada do seu antigo director snr. Carlos de Magalhães».

(De *O Douro*).

*

«**Illustração Trasmontana**» — Temos á vista o numero 10 d'esta illustrada revista, respeitante ao mez de outubro findo, que tanto se tem occupado d'assumptos trasmontanos.

O presente numero publica uma brilhante sanguinea do extincto e eminente jornalista trasmontano e homem d'Estado notabilissimo, Emygdio Navarro, acompanhada de curiosos dados biographicos, e uma succinta descripção da villa de Moncorvo».

(De *O Villarealense*).

*

Não precisavamos de comparar o segundo periodo d'esta noticia, com o terceiro da noticia do *Douro*, para saber, que o nosso illustre collega *O Villarealense* se não dava sequer ao trabalho de abrir os numeros da *Illustração Trasmontana*. Fez, como os rapazes da Escola: copiou do companheiro sem saber se o original estava errado.

Não foi uma succinta descripção de Moncorvo o que a *Illustração Trasmontana* começou a publicar no seu n.º 10, mas uma muito *notavel, valiosa e profunda monographia de Moncorvo*, assignada por um nome illustre: o P.e Francisco Manuel Alves, um dos nossos mais distinctos e apreciados estudiosos, um investigador que aparceira com os da *Portugalia*, o grupo mais resistente e mais glorioso, no actual momento da ethnographia e archeologia portugueza.

A indole do trabalho do nosso illustre e consagrado collaborador não é mesmo a da *descripção*, *succinta* ou não. Basta olhar para essa bibliographia por sua excellencia citada, para se vêr que é um trabalho de estudo, de computo, de investigação e profundo, nada que se pareça com as febricidades *succintas*.

Não levantariamos este reparo, senão fosse o dever que nos cabe de não deixar amesquinhar os nossos collaboradores, e logo um dos nossos mais respeitaveis e mais illustres collaboradores como o é o snr. abbade do Baçal.

Presumimos que não houvesse da parte do *Villarealense* um proposito de nos desconsiderar; mas como tambem, por isso, não póde deduzir-se o proposito de *considerar* dignos de maior attenção os nossos n.os, fazemos a rectificação que nos merece o completissimo trabalho do snr. P.e Francisco Manuel Alves.

Bibliographia

«O Defensor de Chaves»

Mais um companheiro de lucta se levanta no angustiado torrão trasmontano.

Intitula-se o *Defensor de Chaves*, é um periodico semanario e, no seu 1.º n.º — que viu a luz com o 1.º de janeiro de 1909, resume assim o seu programma:

« . . . .

O nosso programma é bem simples, mas quiçá de difficil execução: — *propomo-nos apenas defender os interesses d'esta região e, por conseguinte, concorrer para o bom nome e desenvolvimento do Paiz*».

« . . . .

De politica partidaria, absolutamente não trataremos.

« . . . .

Não nos cançaremos, portanto, a discutir a boa ou má orientação de qualquer partido.

Analysaremos, segundo o nosso criterio, os actos de uns e de outros, sob o ponto de vista pratico e progressivo.

Sobretudo, o que queremos ser (e desejariamos que fossem todos os que nasceram e vivem n'este torrão) é — PORTUGUEZES.

Isto sim!

E não se diga que é esta uma exigencia superflua, porque — de *portuguezes* é que Portugal precisa.

Portanto, flavienses e mais trasmontanos, vós todos que ainda sentis amor por esta heroica terra, digna de melhor sorte, ajudae-nos: — trabalhemos todos pela regeneração e pelo progresso da nossa Patria. Avante!»

Com este programma — que é tambem o da *Illustração Trasmontana* —, póde o *Defensor de Chaves* contar absolutamente comnosco, para o bem de Traz-os-Montes e para o bem de Portugal.

E, para sellarmos a nossa alliança de soldados combatentes, um forte e leal aperto de mão, em que vão expressos tambem os nossos votos de esperança na causa e angurios por uma prospera existencia, ao collega.

*

Por falta de espaço retiramos uma longa critica ao romance do nosso illustre collaborador Vieira da Costa, *A Familia Maldonado*, editado pela *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho, da R. da Prata, Lisboa, um dos nossos mais arrojados, mais intelligentes e activos editores. Esperamos poder publica-la no proximo numero.

*

Prevenimos os escriptores e editores que a *Illustração Trasmontana* não se occupará de livros de que nos não sejam enviados dois exemplares: um ao director, encarregado d'esta secção, outro para o archivo da *Illustração Trasmontana*.

NOTICIARIO

O nosso folhetim

Começamos hoje a publicar em folhetim um conto do glorioso trasmontano e glorioso escriptor Trindade Coelho que a morte nos roubou ha mezes. Intitula-se A' LAREIRA e faz parte do volume OS MEUS AMORES. Cheio de caracter regional, com dialogos saborosos e justos, A' LAREIRA extrema-se dentre os outros contos que formam esse enternecido volume. Respeitadores do patrimonio que é a obra litteraria, dirijimo-nos ao nosso querido amigo Dr. Henrique Trindade Coelho rogando-lhe a necessaria auctorisação para esta transcripção; a acquiescencia mais amavel foi a resposta. Assim, graças ao coração do Dr. Henrique Trindade Coelho que em

tudo e a todos manifesta sempre a mais commovida e muito justa saudade filial, nós temos a honra de, ao transformar o nosso supplemento n'um hebdomadario com feitio de jornal, inaugurar o nosso folhetim com paginas de Trindade Coelho, um collaborador, que já nos não póde dar — como ha um anno para o nosso 1.º n.º — senão a cultual consolação das transcripções.

Ao Dr. Henrique Trindade Coelho os nossos publicos agradecimentos por nos ter permittido este enternecido preito a seu Pae, um escriptor tão portuguez, tão grande e tão infeliz.

Caminho de ferro. — Já começaram os trabalhos da construcção do lanço de Pedras Salgadas a Vidago, do caminho de ferro da Regoa a Chaves.

Na estação das Pedras Salgadas estão já muitas travessas para o assentamento da linha.

Tambem alli e na Regoa ha os carris sufficientes não só para a extensão até Vidago, mas ainda até Chaves. A brigada dos estudos de Vidago a Chaves anda em Bobeda, proximo da referida villa.

Sarro e borras de vinho.—São dois artigos que deveriam ficar no paiz, por constituirem materias primas de facil tratamento, e que dão margem a serem de cá exportados e a mais tarde importarmos o cremor tartaro e outros productos d'alli fabricados, com o addicionante lucro dos fabricantes, despezas de fabrico e de transportes de ida e volta.

O nosso paiz exportou, em 1907, 496:780 kilogrammas de sarro de vinho, no valor de 68:323$000 réis, contra 313:921 kilogrammas, no valor de 37:967$000 réis, em 1906.

Em borras de vinho, a exportação elevou-se a 2.578:837 kilogrammas, no valor de 105:427$000 réis, em 1907, contra 2.393:630 kilogrammas, no valor de 94:907$000 réis, em 1906.

Emigração. — No mez de dezembro ultimo, foram passados no governo civil do districto de Villa Real, 275 passaportes.

Feiras e mercados. — Os preços do dia 14, em Mirandella, foram:

Azeite, almude de 22,2 litros, réis 4$500; vinho, 25 litros, 800; aguardente, 25 litros, 2$400. Medida de 20 litros — Serodio, 1$150; trigo, 1$050; centeio nacional, 1$000; centeio estrangeiro, 760; milho, 1$000; painço, 800; feijão branco, 1$500; feijão fradinho, 900; grão de bico, 1$000; batatas, 550; castanhas, 400; tremoços, 300.

Mercado em Villa Pouca. — Milho branco, 520 réis; amarello, 510; Centeio, 700; Feijão branco, 900; vermelho, 800; rajado, 750; chicharo, 800; barbella, 700; Batatas graudas, 300; miudas, 200. Cada 25 lit.

Vinho tinto, 1$000; branco, 2$000; aguardente, 3$500; azeite, 7$200; vinagre, 1$200.

Dr. Henrique Trindade Coelho. — Foi nomeado contador da 2.ª vara de Lisboa, o nosso querido amigo Dr. Henrique Trindade Coelho, filho do mallogrado e illustre escriptor Trindade Coelho.

Este despacho foi com certeza lavrado por engano: nomear para cargos publicos um homem de talento?! Foi engano, com certeza, mas, felizmente, como palavra de rei não volta atraz, desde que o despacho está lavrado, por engano ou não, abraçamos affectuosamente o illustre despachado.

ANNUNCIOS

LOJA NOVA
DE
JOSÉ DUARTE MAGALHÃES
ALIJÓ

Escrupuloso sortido de mercearia e confeitaria, dos melhores fornecedores do Porto e Lisboa; generos de primeira qualidade. Fazendas brancas e casimiras, chapeus e calçados recebidos directamente de acreditadas fabricas do Porto e Braga. Candieiros, petroleo, artigos de molduras, de dourador e armador. Papel e artigos d'escriptorio. Encarrega-se de trabalhos de impressão.

A Illustração Trasmontana

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

DIRECTOR — *Joaquim Leitão*

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

ADMINISTRADORES
ANTONIO CORRÊA e ANTONIO TERRIO

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DOS CLERIGOS, 61-1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º — PORTO

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias (Pagamento annual)	2$500
» » » (semestral)	1$350
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

Pagamento adeantado.

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de abatimento

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

2.º ANNO—FEVEREIRO, 1909

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
Illustração Trasmontana

ADMINISTRADORES
Antonio Corrêa e Antonio Terrio

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º—PORTO

O TRASMONTANO

SUPPLEMENTO
AO N.º 14 DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

DIRECTOR—JOAQUIM LEITÃO

Composto e impresso na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna, R. da Fabrica, 80—Porto

Summario do n.º 14, (2.º do II anno)
DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

PAG.
A Torre de Qnintella 17
A ultima corrida de gallos em Alijó—Torquato Luiz de Magalhães, clichés de Arthur Botelho e de Antonio Augusto Corrêa, illustrações de Christiano de Carvalho. 18
Inquerito da Provincia de Traz-os-Montes em 1796 pelo Juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro, *Continuação*. . . . 22
Philologia Trasmontana, Um Dialecto Trasmontano: O Rio d'Onorense—Daniel Rodrigues 25
Folk-lore trasmontano—D. João, o Galfeiro—Abbade Tavares. 28
O Varre-Canêlhas.—Novella trasmontana, *Continuação*, Joaquim Leitão, illustrações de Christiano de Carvalho. 29 e 32

EXPEDIENTE

A Empreza da ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA, no proposito de facilitar ás bolsas mais modestas a leitura d'esta patriotica revista, resolveu cobrar as assignaturas semestralmente. Só acceita, porém, assignaturas de anno.

Completo o 1.º anno com os n.os 11 e 12 é que se procedeu á cobrança do 1.º anno, para ir assim de encontro a quaesquer escrupulos baseados na irregularidade que a publicação soffreu nas mãos da primitiva empreza e direcção; com o nosso numero de março, que sairá dentro do respectivo mez, a ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA attingirá a sua perfeita regularidade, não havendo, pois, motivos para deixar de proceder-se á cobrança do 1.º semestre do 2.º anno em começos de abril, isto é, quando a revista, cujo pagamento é declaradamente adeantado, já vá no 4.º numero d'esse semestre.

Os hoteis, restaurantes e cafés que angariarem cinco assignaturas firmes, pelas quaes se responsabilisem, terão direito a um annuncio annual na ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA, annuncio que não poderá exceder o espaço que occupa no numero 13 o da LOJA NOVA de Alijó.

A CRISE NO DOURO

Uma reunião no Gremio Trasmontano

Sob a presidencia do snr. dr. Ferreira Braga, secretariado pelos snrs. José Saraiva e Ribeiro Coelho, reuniu na noite de 17 do corrente mez de fevereiro no Gremio Trasmontano (do Porto), um crescido numero de trasmontanos e algumas pessoas a quem interessa a crise do Douro.

Levantou-se logo um incidente sobre a legalidade da reunião, pois que o socio do Gremio, snr. *Moraes Sarmento* era de opinião de que não devia reunir-se a assembleia por falta de numero, e o snr. *Carlos Affonso* opinou contra, com enthusiasticos applausos da assembleia.

Desfeito o incidente, tomou a palavra o snr. dr. *Carlos Lopes* que lamentou o levantamento de incidentes sem importancia quando se tratava d'uma causa grande e que interessa profundamente a provincia.

O snr. *Carlos Richter* disse que o incidente não tivera razão de ser, pois não se tratava d'uma reunião da assembleia geral do Gremio Trasmontano mas sim d'uma reunião de pessoas que se interessam pela causa do Douro.

Fallou, a seguir, o snr. dr. *Carlos Pinto* que exprimiu o seu interesse pela provincia de Traz-os-Montes, d'onde é natural, revoltando-se contra a onda de caridade que está a desdobrar-se sobre o Douro, como uma affronta maxima. Não se dão esmolas a homens validos; a esses dá-se trabalho. É o que ha a dar aos homens de Traz-os-Montes, não esmolas. (*Muitos applausos*).

O Douro, na sua opinião, terá de ficar pobre como está, visto as circumstancias em que se encontra aquella provincia. Deixando de lado outros motivos, a principal causa da pobreza do Douro é a falsificação dos vinhos, a falsificação feita pelos negociantes do Porto, os quaes foram procurar os vinhos do sul para mais ganharem. Mas nem falsificar souberam, porque na Hespanha e na França fazem melhores falsificações. Assim, não havendo meios de evitar as falsificações, a provincia do Douro está perdida sem remedio.

É verdade que os negociantes falsificadores tambem hão-de soffrer com as infamias que praticaram. Mas nem por isso o mal é menos para a provincia. E o remedio para isto? A antiga prosperidade não póde tornar. Mas combinada a acção do governo e a particular talvez se possa accudir um pouco á desgraça da provincia. Mas que deve o Douro pedir ao governo? Não esmolas mas trabalho. Ha muito para fazer, pois que n'aquella provincia nem ha estradas nem caminhos de ferro. Pela caridade não se póde sustentar uma provincia se-

não alguns dias. A iniciativa particular, porém, póde fazer muito, como fez na Allemanha e outros povos que teem passado por crises eguaes áquellas porque Portugal passa. Essa iniciativa, todavia, deve ter outra fórma e nunca a esteril caridade. (*Muitos applausos*).

O snr. *Carlos Richter* com um calor extraordinario e sob os applausos de toda a assembleia, disse que a desgraça do Douro se devia apenas á falsificação dos vinhos do Douro. A mais nada. No Douro produzem-se em média 80:000 pipas de vinho; pois de Villa Nova de Gaya saem todos os annos 120:000 pipas de vinho do Douro, isto além de 40:000 pipas que se consommem no Porto e 10 a 12 mil que se consommem no Douro. Eis aqui a verdade exacta. Os negociantes convenceram o governo de que havia sobre producção: é mentira. Esses negociantes são verdadeiros e puros ladrões. Esses homens roubaram o Douro e, graças á sua estupidez, estão a roubar as suas fomilias e o paiz. Não sabendo, sequer, fazer essas falsificações conseguiu esse ladrão ser tambem por sua vez roubado por falsificadores mais habeis estrangeiros.

Em todo o caso, esses ladrões ainda continuam a roubar o que podem. Agora mesmo estão sahindo de S. Martinho do Porto no sul, milhares de pipas, como vinho do Douro, vendidas por casas de Villa Nova.

Eis a desgraça do Douro, e mais nada. Por isso, é que elle, orador, ainda correndo o perigo de lhe chamarem exaltado, entende que a crise do Douro só se acaba quando os seus homens vierem armados a Villa Nova de Gaya e deitarem ao rio toda essa pisorga que alli enche os armazens.

Refere-se ainda aos vinhos do sul, dizendo que a ultima manobra da lei especial foi feita apenas para servir o sul e para enterrar mais e mais o Porto, o qual ha-de morrer fatalmente, pois em lhe faltando a provincia do Douro elle morrerá, conforme já vae estando em decadencia. Por isso, é preciso que o Porto consiga o exclusivo da fabricação dos vinhos finos, sem o que todas aquellas provincias morrerão inevitavelmente. Tudo quanto não seja isto, mas positivo e não falseado, não serve. *(Grandes e vivos applausos.)*

Falla a seguir o snr. dr. *Carlos Lopes* que pede que se chegue a um resultado pratico para resolver a questão do Douro, sem se perder tempo em considerações dispersivas.

Falla depois o snr. *Antonio Sampaio* que disse que a crise actual é perfeitamente analoga á que o Marquez de Pombal soube resolver. Pois é necessario, agora, que se faça o mesmo que fez o Marquez de Pombal, tanto mais que o mal n'esse tempo era infinitamente menor do que hoje. Tudo o resto são panaceias sem valor. A unica coisa util seria uma lei de prohibição das imitações. Como duriense, indigna-se e protesta contra as esmolas que mandam ao Douro, contra quem abre subscripções e promove bandos precatorios.

Vozes:—Isso é uma exploração!

E' que, continua o orador, ainda depois de roubarem e explorarem o Douro, querem humilhal-o. *(Palmas calorosas)*. O Douro o que deseja apenas é que lhe façam justiça, acabando com a verdadeira anarchia vinhateira que ha no paiz, pois que o Douro não póde produzir senão vinho, ao passo que as outras regiões podem fazer outras culturas.

Entende, emfim, que se deve pedir apenas que se dê a cada um o que lhe pertence, isto é que se deixe o Douro fabricar exclusivamente os seus vinhos. (*Grandes applausos*).

O snr. dr. *Carlos Pinto* disse discordar das partes violentas dos discursos dos snrs. Carlos Richeter e A. Sampaio, concordando com as outras.

Propõe, emfim, que a direcção do Gremio se dirigisse ás camaras de Bragança e Villa Real, para que estas digam o que precisam e o que querem, para o Gremio lhes dar toda a sua força, afim de se conseguir alguma coisa de pratico.

O snr. *Carlos Richter* explica que quando disse que os negociantes de Gaya eram os falsificadores, não quiz dizer que não houvesse excepções. Deve havel-as, e ha-as, mas para a maioria d'elles sustenta as suas palavras.

Com referencia ao motivo da reunião elle só deseja que o Gremio Trasmontano interesse o Porto num movimento energico a favor do Douro. (*Applausos*).

Elogia as referencias feitas pelo snr. Sampaio ao Marquez de Pombal para o qual tem palavras de caloroso louvor.

O snr. *Amandio Silva* diz, depois, que o Douro não precisa de esmolas, quer apenas vender o seu vinho, e desde que o venda não precisa de que tenham pena d'elle. A grande miseria do Douro não é do trabalhador é do pequeno lavrador.

Este não paga, effectivamente, mas apenas porque não vende o seu vinho. Façam-lhe vender o vinho e toda a miseria desapparecerá. Por isso, não é com esmolas que se ha-de debellar a crise, é com factos.

O que é preciso é proceder contra os falsificadores e evitar as falsificações, e para isso deve o Porto comprehender que os seus interesses são os do Douro e os do Douro são os do Porto.

O Porto, pois, que se imponha aos governos, de accordo com o Douro, e alguma coisa se conseguirá. Não crê, porém, que se faça alguma coisa; espera, apenas, pelo principio do verão, quando a miseria fôr sem remedio de especie alguma, para que o desespero extremo faça o que lhe dictar a fome. Então, póde ser que se satisfaça o Douro.

O snr. *Antonio Sampaio* disse ser sua opinião que o que o Gremio devia fazer era representar em favor do Douro, para que se acabe com os falsificadores de vinho do Porto.

O snr. dr. *Carlos Lopes* apresenta a seguinte moção:

«Considerando que a crise assustadora que o Douro está desde ha muito soffrendo, não o affecta só, mas sim a todo o paiz;

Considerando que tendo-se convocado esta assembleia para, dentro dos elevados fins do Gremio Trasmontano, este mais do que por um dever de humanidade, mas sim por um dever imposto a todo o portuguez pôr-se incondicionalmente, custe o que custar ao lado d'uma região tão forte, mas que parece não ser portugueza pelo desprezo a que os governos a teem votado;

Resolve repudiar com energia a esmola que com sarcasmo o governo consente que se lhe offereça, e nomear uma commissão d'entre os seus associados para, dentro do menor praso, mostrar ao governo que o Douro não póde nem quer receber esmolas, mas sim só quer que se lhe dê aquillo a que tem direito».

Approvada esta moção, o snr. dr. Carlos Lopes propõe para a commissão os snrs. Carlos Affonso, Antonio Sampaio, Clemente Meneres, Carlos Richter e Padre Miguel Rodrigues.

Foi approvado.

Seguidamente foi levantada a sessão, eram 11 $^1/_2$ horas da noite.

Pedido justo

O nosso estimavel e amabilissimo collega *O Dissidente* (da Regoa) publica no seu numero de 2 do corrente, a seguinte local:

«O snr. administrador d'este concelho, dr. Carlos Pimentel, dirigiu ao chefe do districto um telegramma indicando varias medidas que julga convenientes e necessarias para os povos que administra e a favor dos quaes está disposto a prestar todo o auxilio que as suas funcções officiaes lhe permittam. Resta vêr se os poderes publicos tomarão na devida conta, como seria de inteira justiça, as palavras do digno magistrado.

O theor do telegramma é o seguinte:

«Ex.^mo Governador Civil.

Produziu boa impressão fornecimento gratuito impressos declarações vinho, conseguido V. Ex.ª.

—Acho arriscadissima cobrança contribuições depois 5 Fevereiro. A unica solução que se impõe é sua annullação immediata.

—Rogo V. Ex.ª se digne interceder no sentido de não ser permittido emprego tareia usada fiscalisação vinhos armazenados. Tal processo além d'antigo e pouco seguro, é vexatorio, podendo prejudicar conservação vinhos. No estado afflictivo em que se encontra este concelho, tudo quanto seja vexar lavrador póde acarretar consequencias lamentaveis.

—Rogo ainda V. Ex.ª se digne interceder para começarem sem demora serviços publicos onde possam ser empregadas pessoas sem trabalho, e que freguezia Sediellos, além da crise geral, aggravada por terrivel epidemia, seja soccorrida poderes publicos, decretando-se tambem já para ella a restituição imposto real d'agua visto não se justificar ser unica freguezia d'este concelho excluida tal beneficio—Administrador concelho, *Carlos Pimentel*».

Reunião de viticultores

Com este titulo publica o nosso presado collega de Alijó *O Echo do Douro*, no seu n.º de 21 de fevereiro:

«No domingo passado, grande quantidade de viticultores d'este concelho, seguidos de enorme multidão, vieram a esta villa, perante o snr. administrador do concelho, pedir providencias contra a crise que nos assola.

Recebidos fidalgamente pelo snr. administrador, foi n'essa occasião nomeada uma commissão de vigilancia composta de quasi todos os cavalheiros presentes, como representantes de todas as freguezias sendo redigida e approvada a seguinte petição:

Considerando que os lavradores tem propriedade que o governo valorisa para lhe lançar as respectivas contribuições;

Considerando que um dos maiores males d'esta região, é a exploração usuraria;

Considerando que não é facil nem possivel obter dinheiro e que a nossa propriedade é desvalorisada pela falta de credito agricola e tem de ficar inculta ou cahir na mão do usurario por um preço vil que em geral não representa a decima parte do seu valor;

Considerando ainda que esta desvalorisação representa tambem uma outra que necessariamente envolve a nossa economia nacional;

Considerando que uma das causas que mais contribue para a crise em que esta região se debate, é aggravada pela falsificação continua e constante dos nossos vinhos em geral;

Considerando que no paiz funccionam

muitas fabricas de licorejos que por lei são prohibidas;

Considerando que essa falsificação nos traz a paralisação do commercio dos vinhos e o seu descredito em todo o paiz;

Os povos d'este concelho, reunidos em massa compacta, resolveram pedir instantemente ao governo:

1.º o credito agricola com um juro não superior a 3 %.

2.º que exerça rigorosa fiscalisação sobre todos os vinhos á venda no paiz.

3.º que mande fechar immediatamente as referidas fabricas de licorejos».

Commercio de vinhos

A Companhia velha reconsidera e falla

No dia 24 do corrente, soube-se na Regoa que a Companhia Geral d'Agricultura das Vinhas do Alto Douro resolvera pagar a 14$000 e 15$000 réis, segundo a qualidade, os vinhos da ultima novidade, não proporcionando aos vendedores o beneficio do bonus do real d'agua.

A noticia produziu alarme e desgosto, visto que os preços que havia no mercado eram de 13$000 e 13$500 réis, que com os 5$800 réis do bonus davam uma quantia muito superior á que a Companhia vinha lançar.

A Camara Municipal, procurada por dezenas de lavradores, tomou conhecimento do facto e resolveu, consoante consta do extracto da sua sessão, pedir ao governo a immediata regulamentação do credito agricola, afim de habilitar os interessados a resistir á depreciação dos preços dos vinhos.

Ao cahir da noute, tendo corrido a noticia de que no comboyo expresso chegaria do Porto o snr. Rodrigo Leite, digno commissario da Companhia, que vinha abrir a compra, o sino do Cruzeiro tocou a rebate e juntou-se muitissima gente, que se dirigiu para a estação onde pediu áquelle cavalheiro que não fizesse desde já a compra, afim de entretanto se diligenciar que a direcção d'aquella casa reconsiderasse sobre o mal que, com taes preços, vinha fazer aos viticultores.

O snr. Rodrigo Leite disse que trazia instrucções para aguardar ordens ácerca da compra.

Cêrca das 8 horas, foram espalhados na villa impressos em que a Companhia diz da sua justiça pela fórma seguinte:

Por ordem superior são por este prevenidos os senhores lavradores do Douro, que entregaram as suas amostras n'este escriptorio, do seguinte:

1.º—Que a Direcção da Companhia sente dizer aos senhores lavradores, que não podendo o vinho do Douro ser livremente lotado e aguardentado em armazens alfandegados, em Gaya, antes da sua entrada nas barreiras do Porto, está impossibilitada de abrir armazens alfandegados em Gaya, e, por este motivo, os senhores lavradores não tem direito á restituição do imposto do real d'agua do vinho da Companhia que entrar as barreiras do Porto: é para sentir que tudo se facilite aos vinhos licorosos e tudo se difficulte aos vinhos de consumo do Douro.

2.º—Que a concorrencia e barateza de vinhos, de consumo de outras regiões vendidos livremente no Porto, dentro e fóra de barreiras, impedem á Companhia a compra de vinho de consumo do Douro por preço vantajoso para os vendedores.

Escriptorio da Regoa, 18 de fevereiro de 1909.

Commercio de vinhos com a França

D'um relatorio enviado ao ministerio dos negocios estrangeiros pelo distincto consul geral de Portugal no Havre, snr. Demetrio Cinatti, extractamos as informações seguintes referentes ao nosso commercio de exportação de vinhos para os mercados francezes:

Segundo os dados estatisticos fornecidos por aquelle funccionario consular, o vinho ordinario consumido pela França foi no valor de 82:246:000 francos, o generoso 11:951:000 fran-

---

N.º 2 **FOLHETIM** Fevr.º, 1909

D'Os meus Amores

Á Lareira

por Trindade Coelho

—De mais a mais!—tornou logo a outra.—*A comadrinha* (e mettia no diminutivo um accento ironico), essa porque será a avença?

Houve um silencio; e porque a mãe não respondia, vinha logo a outra:

—Nosso Senhor me perdôe, mas o meu gosto, ha boccado, era atirar-lhe com o gato mesmo á cara! Só ella vale por seis leirões!

Exaggeravam. A tia Maria Lorna bem sabia o que fazia, e o que dava bem sabia porque o dava. As filhas, se eram poupadas, com a mãe tinham aprendido. Deixou-as fallar. Só quando se lhe acabou a meada, e se levantou para ir arrecadar o novello, disse ás filhas:

—Pois sim, sim! Mas eu sempre quero vêr em me eu morrendo com quem se vossemecês encontram p'ra uma doença...

Era a velha resposta. As duas riram-se.

—Olhe, minha mãe, mal por mal antes com o homem, antes com o ti' José Bernardo. Esse ao menos, quando foi da doença do Francisquinho...

—Diz', diz', vae dizendo!—pediu agora a mãe. E como as duas se calassem, compromettidas com a objecção, concluiu ella:

—Quando foi da doença do Francisquinho, levou ahi tres noites sem dormir, só para ajudar a morrer o anjinho; e quando morreu—vi-o chorar! Quem sabe lá se outros se riram!

Calaram-se. Com a cesta á cabeça, abalou a Thereza a levar o jantar ao pae mais ao irmão, e ao voltar veiu com este recado:

—Diz o pae que faça favor de mandar dizer ao ti' José Bernardo que se não esqueça de vir cá á noite.

—Elle teu pae está doente?!—perguntou assustada a Maria Lorna, porque o José Bernardo era o cirurgião do lavrador.

—Não senhora. Diz que é p'ra amor de lhe ser testemunha n'uma coima, porque foi elle, p'los modos, que enxotou uns porcos do nabal, não sei de quem eram.

—Uns porcos do nabal!—repetiu suspensa a tia Maria.

Tinha sido o caso, que passando, pouco antes de chegar a Thereza com o jantar, um rapaz pela cortinha onde lavravam, dissera-lhe elle cá do caminho:

—Ó snr. José! saberá que lhe andavam uns porcos no seu nabal, e lá lh'os botou fóra o ti' Zé Bernardo.

—Han, rapaz?! Tu que dizes?!

—Uns porcos no seu nabal.

—E de quem?—perguntou já zangado o José Lorna.

—Não sei,—tornou-lhe o rapaz, a

cos e as mistellas importaram em 5:337:000 francos.

A Argelia forneceu o grosso dos vinhos ordinarios e das mistellas, e a Hespanha mais de um terço dos vinhos generosos.

Importou o Havre para consumo 165 hectolitros de vinho ordinario de Portugal, mais 154 do que no anno de 1906.

Em vinhos generosos augmentára a importação para consumo, por este porto, de 1905 a 1906, tendo-se n'este ultimo anno despachado, em cascos e garrafas 67:373 hectolitros dos quaes 6:680 de Portugal.

Em 1907 o consumo pelo Havre baixou a 31:728 hectolitros, isto é, mais de 50 por cento, cabendo porém a Portugal 5:439, o que representa uma quebra sobre o anno anterior de 1:271, ou 20 por cento.

Não significa esta baixa de importação retrahimento actual no consumo de vinhos licorosos, mas desenvolvimento nacional da industria dos vinhos de imitação de gabinete protegido!

Deve-se porém notar que os nossos vinhos generosos resistiram mais á industria da fabricação franceza do que os concorrentes estrangeiros.

De facto, os vinhos licorosos, em que figuram Madeira e Porto, de falsas origens e de fabrico interno continuaram a ter valioso e importante consumo em toda a França.

O primeiro exame dos registos de importação e consumo accusa diminuição, mas tomadas em conta as mistellas, ainda mesmo sem considerar que ellas se desdobrem em vinhos licorosos, a importação para consumo é quasi regulada ha dez annos.

Os vinhos licorosos hespanhoes vêem-se seriamente guerreados pelos de imitação franceza, mas a superioridade dos nossos, Porto e Madeira, prevalece sobre todos.

Obtida a egualdade fiscal, com uma pequena propaganda, os nossos vinhos generosos certamente obtêem maior saída nos mercados de França, mas convem pensar em unificar os typos e reduzir os preços porque as imitações francezas, a baixo custo, são cada vez mais activas, e a politica economica da actualidade obriga os Estados a proteger tudo quanto seja localisar em seus territorios industrias de outros Estados.

O OBULO D'EL-REI

Da quantia de 500$000 réis, que sua magestade el-rei entregou ao snr. governador civil do districto de Villa Real para soccorro dos famintos do Douro, pertenceram ao concelho da Regoa 150$000 réis, que o digno administrador snr. dr. Carlos Pimentel já fez distribuir pelas dez freguezias que constituem o mesmo concelho.

O rateio foi feito assim: Regoa, 36$500; Sediellos, 15$000; Godim, 10$000; Loureiro, 18$500; Fontellas, 10$000; Mouramorta, 10$000; Villarinho dos Freires, 15$000; Covellinhas, 10$000; Poiares, 15$000; Gallafura, 10$000; total 150$000.

Pelo repovoamento do Tamega

Em clamoroso typo 14, e subordinado a este palpitante titulo, publica no seu n.º 9—26 do corrente de 1909, o nosso illustre collega *O Defensor de Chaves* o artigo que abaixo transcrevemos e ao serviço de cujo alto e patriotico assumpto pômos empenhadamente as columnas da *Illustração Trasmontana*:

«A resolução da camara municipal d'este concelho de representar, como fez, ao governo, pedindo a nomeação pelo menos de mais 2 cantoneiros dos rios, é digna de ser secundada.

Ninguem ignora como se destroe vandalicamente o peixe. Todos os processos de pesca servem para os desalmados, que não olham para o dia d'amanhã. As substancias explosivas e envenenadoras são usadas frequentemente e com um descaro inaudito. Põe-se a secco o leito dos ribeiros com uma impunidade que revolta.

Tudo isto porque o Estado não tem agentes para fazer cumprir as disposições do regulamento de pesca. Os cantões são

---

gritar.—Eu ia a passar cá no caminho, e não sei.

—Sejam muito boas testemunhas! —vociferou o lavrador para os obreiros, atordoado com a má nova, como se se tratasse d'um caso de morte.

—Mas testemunhas de quê, ó snr. José?—perguntára um dos obreiros, que ia sendo uma vez preso por jurar verdade.—Testemunhas de quê?!

—Em como diz aquelle rapaz que me andavam uns porcos no nabal!

—Ai, lá isso sim!—fizeram todos. —Isso ouvimos nós.

De modo que nem quasi jantou, o José Lorna, como a Thereza disse á mãe, e estava todo enfrenesiado,—jurando tambem o filho, o Antonio...

—Elle que jurou, esse inimigo?! —perguntou a mãe muito assustada, pondo a mão na testa p'ra se benzer.

—... que ainda havia de partir as pernas aos porcos, mais a quem os deixa andar a comer o que é dos outros, e ir d'alli para a cadeia, com umas algêmas!

—Crédo! Santo nome da Virgem! Nunca a gente ha-de estar socegada! —gritou a tia Maria Lorna, andando e desandando no meio da casa, desvairada de ouvir a ameaça.

E chegando á janella chamou a comadre que morava defronte:

—Elle está lá o seu homem, ó comadre?

—Não está, minha comadrinha, foi vêr o morgado a Villa d'Ala, que dizem que está com umas sezões e que deu uma queda da egua preta.

—Da egua preta?! Isso o morgado?! Olha o pobre! Mas elle ha-de vir hoje, e então faça favor de lhe dizer que se não deite sem cá vir.

—Ai, não deita! Eu digo-lh'o.

—Então faça favor, Até logo. Ora o pobre do morgado!...

E voltando a pegar na conversa:

—Mas, ó comadre, sabe se andavam alguns porcos no nosso nabal?

—Alguns porcos?! Não sei...—fez a outra muito extranha.

—E' que diz que foi hoje; e que foi até o compadre José Bernardo que os botou fóra, porque ia a passar não sei p'ra onde.

—Olhe! então havia de ser para Villa d'Ala! Pois não sei! Mas eu á noite mando-o lá a casa tão depressa chegue.

—Pois sim, pois sim. Ouve? E a comadre venha com elle, e póde vir tambem o afilhado. Ouve? Traga a meia, porque faz cá o serão.

—Pois sim, minha comadrinha. Tanto iremos que enfadaremos.

E até já as raparigas ficaram mortas que chegasse a noite, para saberem do ti' José Bernardo como fôra o trambolhão do morgado.

«Havia-de ser preciso mandar o paquete a Villa d'Ala, disse logo a velha; um dia não são dias, e as ovelhas podiam ficar na cortinha».—E' obrigação mandar saber do pobre rapaz.

—Sim, minha mãe,—concordou logo a Anna.—O snr. morgado tambem mandou saber de mim quando estive doente.

(Continua).

de tal modo extensos que os guardas não tomam a sério o que d'elles se exige. Não podem cumprir nem que queiram. Logo, tanto vale tel-os, como nada.

O remedio está em fazer uma nova divisão de cantões e dar-lhes uma extensão rasoavel. Em seguida se o empregado não se desempenha cabalmente da sua missão, rua com elle.

As Commissões Defensoras das Pescarias podem fazer muito, mas tem de passar no parlamento o projecto de lei apresentado pelo illustre deputado snr. Conde d'Azevedo.

Acertadamente procedeu, pois, a Junta Local secundando os esforços da camara municipal, representando tambem ao governo, representação que será appoiada pelo Concelho Geral da Liga.

E' assim, pedindo instantemente e pertinazmente que se ha de vir a conseguir um serviço mais perfeito e completo.

Era de toda a conveniencia que as outras camaras dos concelhos da bacia hydrographica do Tamega seguissem o exemplo da nossa.

Da união dos esforços do todos resultará uma força digna de respeito».

REGISTO ELEGANTE

Communicam-nos de Bragança, com data de 27 do corrente, ter o snr. dr. Antonio Pessanha do Lago e esposa, de Vinhaes, pedido a mão da snr.ª D. Ignez Pessoa, filha da snr.ª D. Antonia Vasconcellos Pessoa, para o snr. Francisco Mendes Alçada Alves Padez, recebedor d'aquelle concelho.

A noiva pertence a uma das principaes familias de Traz-os-Montes.

—No dia 27 do corrente passou o anniversario natalicio da ex.ᵐᵃ snr.ª D. Piedade Corrêa, dedicadissima esposa do nosso querido amigo e co-proprietario da *Illustração Trasmontana* Antonio Augusto Corrêa. Sua excellencia foi muito cumprimentada.

—Chegou a Villa Real e tomou posse do seu cargo, o snr. Paschoal Lino de Quintanilha e Mendonça, ultimamente nomeado delegado do thesouro interino da repartição de fazenda d'aquelle districto.

—Está em Villa Real em serviço do seu cargo, o nosso bom amigo dr. Joaquim d'Azevedo, official da inspecção geral do thesouro.

—Em visita a sua familia, encontra-se ha dias em Villa Real o ex.ᵐᵒ snr. Antonio Antunes de Lemos, vindo da ilha de S. Thomé, Africa Occidental, contando regressar áquella colonia em principios de maio.

—Regressou do Rio de Janeiro a Villa Real, o ex.ᵐᵒ snr. Manuel José Botelho, que tinha ido áquella capital visitar seu irmão, o commendador Antonio Botelho, co-proprietario do importante *Jornal do Commercio* d'aquella cidade.

Partidas e chegadas

(DE CHAVES)

Esteve n'esta villa o snr. José Borges, proprietario, de Corveira (Valpassos).

—Regressou do Porto a ex.ᵐᵃ esposa do snr. José Casimiro Martins, proprietario e vereador municipal.

—Com pequena demora esteve n'esta villa o snr. Luiz Claro da Fonseca, funccionario superior da fiscalisação dos tabacos com residencia em Valpassos.

—Regressou do Porto o snr. Augusto Barreira, considerado commerciante d'esta villa.

—E' esperado n'esta villa o snr. José da Rocha Carvalho, socio da Empreza de Electricidade que com sua ex.ᵐᵃ esposa se encontra em Lisboa.

—Encontram-se entre nós, vindo de Lisboa o nosso conterraneo snr. Augusto Falcão, capitalista, e sua ex.ᵐᵃ esposa. Veio tambem na sua companhia a ex.ᵐᵃ esposa de seu irmão, snr. Joaquim Falcão, commerciante lisbonense.

—Do Porto, onde foi em serviço, regressou o snr. Zeferino Falcão, capitão da administração militar.

—Regressou do Porto, onde foi tratar de negocios da sua importante casa, o snr. João Lopes Fernandes, proprietario da Relojoaria e Ourivesaria Fernandes.

—Em cobrança encontram-se n'esta villa os snrs. Antonio Pereira Guedes, da conhecida casa Lima Junior & C.ª, do Porto, e Sá Pessoa, da de Nunes Carvalho & C.ª, de Lisboa.

—Com curta demora esteve n'esta villa a ex.ᵐᵃ esposa do snr. Abilio Loureiro Dias, professor e abastado proprietario, de Mairos.

Casamentos e baptisados

Na igreja de S. Martinho, de Matheus, consorciaram-se a ex.ᵐᵃ snr.ª D. Margarida Graça da Costa Freixo, gentilissima filha do nosso velho amigo snr. Francisco Maria Freixo, honrado proprietario e commerciante de Villa Real, com o snr. Antonio Fernandes Varão, digno tenente d'infanteria 13.

Aos noivos desejamos-lhe muitas felicidades.

A «Illustração Trasmontana» em Alijó

Correspondencia de Alijó

30 de janeiro de 1909.

Meus queridos amigos: ao inaugurar esta modesta collaboração, cumpre-me fazer-lhes duas declarações—1.ª Que nunca fui jornalista, verdade que os meus amigos sabem mas de que convem informar os leitores, para desculparem o pobre correspondente que escreve cá dos fraguêdos do Villarelho;—2.ª Que não faço o menor sacrificio em respeitar a condição que os meus amigos tiraram de não fazer politica n'estas columnas. Nem n'estas, nem em nenhumas. Politica só a faria, por amor de Traz-os-Montes e de Portugal, n'essas columnas de fôgo, de bacamarte em punho. Só entendo essa politica... varredoura. Da de sinêta, de campanario ou de cordel, como lhe queiram chamar, nem entendo nem quero entender. Mas como os tempos não vão para aquell'outra politica, estejam descançados que não farei nenhuma.

Serei apenas um méro e imparcial informador.

* * *

Melhor do que eu o saberia dizer, aqui teem os leitores da *Illustração Trasmontana* como o orgão cá da terra, *O Ecco do Douro*, festejou a chegada da amiga Neve:

«Veio a nossa amiga, tão saudosamente esperada e ha tanto tempo fugida de nós.

Ao abrirmos de manhã a nossa janella, e não obstante os arrefecimentos de enthusiasmo que a neve produz, não nos contivemos que não saudassemos com alacridade a grande amiga do agricultor.

«Uma nevada é uma estrumada» dizem os lavradores.

A neve colhe da atmosphera quantidades de azote, como as plantas leguminosas, que vem depositar na terra. Uma nevada corresponde a uma adubação chimica com nitrato de sodio ou sulfato de ammoniaco, que tão caro fica ao lavrador.

Accrescentemos o beneficio de seu degêlo introduzido lentamente nas terras e a alimentação dos depositos naturaes que abastecem as nascentes.

E como nem só de pão vive o homem, quanto não vale a belleza do espectaculo?

Bem vinda seja ella».

—Chegou a Alijó o snr. Cassiano Dias d'Almeida, 2.º official da Inspecção Geral do Thesouro, que, por ordem do ministro da fazenda, foi mandado regularisar os serviços da repartição de fazenda e recebedoria do concelho, onde foram destruidos pelo incendio de 10 do corrente mez os documentos e papeis pertencentes ás indicadas repartições.

—Regressou do Porto, para onde tinha ido no domingo passado, o snr. José Rodrigues Teixeira de Barros.

—Fez annos, na quarta-feira passada, a ex.ᵐᵃ snr.ª D. Maria Augusta Mourão.

—Estiveram entre nós os snrs. Porphirio Teixeira Rebello, Carlos Alberto Villela de Sousa Boura e José Boura, de Sanfins, e João d'Oliveira Fragateiro, do Pinhão.

—Obteve prorogação da licença, para gosar no reino, o ex.ᵐᵒ snr. Maximino Mansilha, o que foi uma festiva noticia para os seus innumeros amigos, que muito folgam de vêr mais algum tempo n'esta terra pessoa tão digna da consideração e da estima que todos aqui lhe votamos.

—No 1.º dia do anno saiu, pela primeira vez, visitando as casas pricipaes d'esta villa e começando pela do nosso amigo Antonio Au-

gusto Corrêa, a banda musical «1.º de Janeiro», composta pelos rapazes mais distinctos d'aqui. Embora com poucos ensaios, pois pouco mais de tres mezes haverá que o professor snr. Custodio Figueira lhes deu a primeira lição, assim mesmo os rapazes não fizeram má figura. E honra lhes seja que, ao menos, Alijó parece despertar com os rapazes d'agora mais alegremente que com os que ha mais de meio seculo foram meninos e moços.

— Com escala pelo Porto, partiu para Hespanha, a visitar parentes e tratar de negocios, o nosso amigo e assignante da *Illustração Trasmontana* Secundino Cachaldora.

— Continua doente a filhinha do nosso collega do *Echo*, Reinaldo Nunes.

— Para essa cidade, partiu o nosso bom amigo snr. Luiz Antonio R. Botelho.

— Para Santa-Eugenia partiu a ex.ma snr.a D. Julia dos Santos Mello, esposa do snr. João de Castro Ferrão.

— De Lisboa regressou a esta villa, o ex.mo snr. Joaquim Montes Martins, digno administrador d'este concelho, que veio já restabelecido da sua doença.

— Na sua casa do Porto, esteve ausente d'esta villa o nosso amigo snr. Antonio Augusto Corrêa, co-proprietario e administrador da *Illustração Trasmontana*, acompanhado de sua ex.ma esposa, D. Piedade Corrêa.

E como para principiante já vae longa a lição, por aqui se fica hoje o vosso

Correspondente.

A Illustração Trasmontana em Chaves

AS FESTAS DE CHAVES

30 de janeiro de 1909.

As festas com que a heroica cidade de Chaves projecta commemorar o centenario da Guerra Peninsular, promettem ser brilhantissimas e dignas da gloriosa ephemeride que registam.

Os trabalhos das diversas commissões das festas, a que pertencem o que de mais notavel e mais illustre ha em Chaves, vão adeantadissimos, raro sendo o dia em que nos não chega a boa-nova da adhesão de mais um valioso elemento. Além dos numeros já conhecidos, como a parada agricola, a exposição de trabalhos escolares, etc., explanarêmos hoje os seguintes numeros do programma, noticias respigadas dos jornaes cá da terra:

Na noite do dia 25 de março, que o programma destina á festa popular, queimar-se-ha um lindissimo fogo de artificio de inteira novidade em Chaves, que a commissão executiva contractou com um habilissimo pyrotechnico de Vianna do Castello.

—O illustrado capitão de cavallaria 6, snr. Modesto Coelho Barreto, encontra-se ha dias em Lisboa, na qualidade de secretario da commissão executiva, para tratar junto da commissão official do centenario de varios assumptos relativos aos festejos d'esta villa, especialmente na parte respeitante á festa militar do dia 21 de março.

O ministerio da guerra já determinou que se realise n'esse dia a solemnidade do juramento dos recrutas dos dois corpos da guarnição d'esta villa, e é possivel que tambem n'esse dia se effectue, por occasião da missa campal, a benção da nova bandeira do regimento d'infantaria 19.

—A commissão de ecclesiasticos que zelosamente se occupa da festa religiosa do dia 20 de março, a qual promette ser brilhante e solemnissima, já convidou o snr. capellão de cavallaria 6, reverendo Miranda, para fazer a oração congratulatoria por occasião do *Te-Deum*.

O snr. padre Miranda é um sacerdote muito illustrado e por isso a sua oração será condigna da brilhante solemnidade com que vão iniciar-se os festejos commemorativos do mez de março.

—Os estudantes do nosso lyceu projectam a publicação de uma folha litteraria commemorativa das festas, para o que estão pedindo a collaboração dos principaes escriptores do paiz.

No sarau com que se encerra a festa escolar do dia 23 de março será conferente o illustrado professor snr. Elcy Cardoso, digno secretario do lyceu.

—Consta-nos estar já constituido o grupo de gentis damas e distinctos cavalheiros para a representação do drama *O Legionario*, no sarau de gala do dia 22 de março, dia destinado pelo programma á festa municipal.

Dizem-nos que muito brevemente começarão os ensaios.

Na parte litteraria do sarau encarrega-se de discursar sobre o alcance e importancia d'esta commemoração centenaria, o nosso illustrado conterraneo e amigo snr. dr. Manuel de Souza Morato.

Na organisação da parte musical, que será brilhantissima, está já trabalhando o distincto maestro e nosso amigo snr. João Carlos Pinto Ribeiro.

A lettra para o côro das senhoras foi pedida ao illustre poeta snr. Guerra Junqueiro, esperando-se com anciedade a sua resposta.

— Têm continuado com grande actividade os trabalhos de terraplenagem da alamêda da Lapa, devendo aquelle bello largo da villa ficar agora consideravelmente melhorado e supprimidos os focos de infecção que ali havia.

Do lado do nascente está sendo elevado o muro de supporte, o que permitte continuar ali o aterro e augmentar assim, de alguns metros, a extensão da avenida.

Para a construcção e ornamentação da tribuna projectada na alamêda, segundo o bonito desenho do nosso amigo snr. Syndulpho Carneiro, recebeu a commissão executiva dos festejos cinco propostas, sendo adjudicada a obra ao snr. João Mesquita.

— A commissão executiva vae tambem pôr brevemente a concurso a construcção de corêtos para bandas de musica nos largos de Camões, Anjo e Arrabalde, e de um amphiteatro na alamêda da Lapa, em que as creanças das escolas cantarão o hymno de Marcos Portugal no dia da festa da arvore.

Como já ha dias noticiamos, a festa escolar do dia 23 de março será augmentada com um numero muito interessante, a entrega de bandeiras nacionaes a duas escolas primarias, masculinas, do concelho que pelo snr. sub-inspector do circulo forem julgadas mais dignas d'essa distincção.

As bandeiras já foram concedidas pela Missão da Liga Naval em Vianna do Castello, segundo foi communicado á commissão executiva dos festejos pelo digno presidente d'aquella missão, o snr. Manuel Candido Loureiro.

— E para fechar com chave d'ouro, deixem-me dar-lhes a noticia de que o laureado poeta e dramaturgo snr. Julio Dantas acceitou o convite que lhe fez a commissão executiva dos festejos, por intermedio do ex.mo general Rodrigues da Costa, que tem sido um valiosissimo e incansavel auxiliar da nossa commemoração, para escrever a lettra do hymno patriotico de 1809, que as creanças das escolas vão cantar durante as festas de março, e que constitue um dos mais significativos e imponentes numeros do programma em execução.

Como vêem Chaves promette ser, de todo o paiz, a terra que mais brilhantemente commemora as glorias dos portuguezes na guerra da Peninsula.

* * *

MARCOS PORTUGAL

Não é bem conhecida a ascendencia de Marcos Portugal. Parece, porém, estar averiguado que elle nasceu em Lisboa no anno de 1763.

Os seus primeiros estudos de musica fel-os no seminario de Villa Viçosa, sob a direcção do padre Galão, que alli exercia o cargo de mestre de capella.

Aos 20 annos de edade já Marcos Portugal se tornára conhecido por algumas arias e cançonetas que escrevera para o theatro de Lisboa, as quaes tão apreciadas foram que, pouco tempo depois, lhe foi offerecido e acceitou o lugar de acompanhador de cravo na opera italiana de Madrid.

Era então embaixador de Portugal em Hespanha o marquez de Louriçal, que admirado da rara habilidade do joven musico lhe proporcionou generoso auxilio para ir completar em Italia a sua educação artistica.

Começou então a carreira gloriosa de Marcos Portugal.

Em 1788 cantou-se no theatro de Turin a sua primeira opera, que tinha por titulo *L'Eróe cinesi*, e ainda no mesmo anno se cantou no theatro de Genova a sua opera buffa, *Bachetta portentosa*, que foi enthusiasticamente applaudida.

Chamado a Portugal, aonde tinham tido echo na côrte os seus triumphos alcançados na Italia, o soberano agraciou-o com a nomeação de mestre da real capella.

Mas ao genio de Marcos Portugal fazia falta o campo apropriado que lhe proporcionava a patria das artes.

Voltou por isso a Italia, aonde aos theatros de Parma, Roma e Veneza fez ouvir com grande enthusiasmo dos espectadores tres novas operas.

Desde então, vindo repetidas vezes a Lisboa, quando alli o chamavam os deveres do seu cargo de mestre da real capella, logo regressava á Italia, aonde a fertilidade do seu engenho continuou a produzir numerosissimas composições, quer dramaticas, quer sacras, tendo todas o mais completo exito.

Quando a familia real portugueza, á approximação do exercito de Junot, embarcou na esquadra ingleza, dirigindo-se ao Rio de Janeiro, Marcos Portugal não acompanhou a côrte; ficando em Lisboa, foi elle quem regeu o solemne *Te-Deum* que se celebrou na egreja de S. Domingos commemorando as victorias alcançadas nos combates da Roliça e Vimeiro.

Foi tambem em Lisboa, no fim do anno de 1809 que o grande maestro compoz o *Hymno patriotico* que nas festas de Chaves vae ser cantado.

Em 1810 Marcos Portugal voltou á Italia e d'alli se dirigiu ao Brazil, aonde continuou a exercer o cargo de mestre da real capella, recebendo do principe regente, D. João, as maiores provas de estima e consideração.

Ainda uma vez voltou o maestro á Italia, em 1815 e ahi escreveu uma nova opera, *Adriano in Siria*, que foi cantada com applauso no theatro de Milão. Mas em breve regressou ao Rio de Janeiro, aonde fixou a residencia, não voltando mais á Europa, nem mesmo quando a familia real e a côrte se transferiram de novo para Lisboa.

Foi, pois, no Brazil que Marcos Portugal se finou, no anno de 1828 ou no de 1829, pois não está ainda bem averiguada a data precisa do seu fallecimento.

Como dissemos, a obra theatral do maestro foi vastissima, contando-se por dezenas as operas que compoz e que nos theatros de Italia, do Brazil e de Portugal foram cantadas.

As mais notaveis, segundo a opinião dos entendidos, foram, no genero dramatico, *Demofoonte*, composta em 1794, e *Fernando in Messico*, em 1798,—e no genero buffo *Il Principe de Spazzacamino*, que obteve em todos os theatros de Italia um verdadeiro triumpho.

No genero sacro tambem Marcos Portugal deixou numerosas producções, entre as quaes se tornou notavel o *Te-Deum* escripto por occasião do nascimento do principe D. Pedro, de quem depois foi professor.

E, como se sabe, o real discipulo (mais tarde o imperador D. Pedro IV) veio a tornar-se um musico distincto, sendo elle o auctor do *Hymno da Carta*, que hoje é o hymno nacional portuguez.

Ahi ficam, em ligeiro resumo, os traços biographicos do maestro portuguez Marcos Portugal, auctor do *hymno patriotico* cujas notas vão ouvir-se enthusiasticamente em Chaves durante as festas do proximo mez de março, cem annos decorridos sobre a epocha gloriosa em que elle foi escripto, sob a inspiração do amor á Patria e dos votos fervorosos pela sua completa libertação!

Correspondente.

Necrologia

Dr. Henrique Botelho

Dr. Henrique Botelho

O dr. Henrique Manuel Ferreira Botelho, filho de Bernardino da Conceição Martins Ferreira e de D. Maria Joaquina Ferreira Botelho, nasceu, no Condado, em Villa Pouca d'Aguiar, aos 17 de março de 1844.

Estudou primeiras letras e latim, em Villa Pouca d'Aguiar, e em outubro de 1860 foi para Coimbra onde fez os preparatorios do Lyceu e curso de medicina, formando-se em julho de 1870.

Por doença (hemoptises), perdeu o 4.º anno. Obteve nos primeiros annos do curso universitario as primeiras distincções e nos tres ultimos annos os primeiros *accessits*. Apóz a formatura, foi substituir em Goes, no partido medico, um seu intimo amigo e condiscipulo, regressando em fins d'outubro (1870) á sua terra natal, Villa Pouca d'Aguiar, onde exerceu a clinica, como medico municipal até 1882, epoca em que transferiu a sua residencia para Villa Real. Em 24 de dezembro d'aquelle anno—1882—foi nomeado medico do Hospital da Divina Providencia, logar que exerceu até á morte. Em outubro de 1883 foi nomeado professor interino do Lyceu e esteve n'este cargo até ao momento em que foi nomeado director da Escola de habilitação ao magisterio primario, em 1886, exercendo tambem este cargo até á data do fallecimento. Falleceu no dia 23 de janeiro de 1909, ás 6,5 horas da manhã, victimado por um ataque de grippe complicado com meningite, doença que o acometteu na madrugada do dia 20 do referido mez. Descobriu as nascentes mineraes de Pedras Salgadas, em 1869 sendo ainda estudante, e explorou-as de parceria com Saraiva sobre a denominação—Saraiva & Botelho—passando a propriedade d'essa parceria a Joaquim Ferreira Moutinho, que fundou e constituiu a Companhia das Aguas de Pedras Salgadas.

Em Villa Pouca d'Aguiar foi medico do partido municipal, substituto do Juiz de direito e procurador á junta geral do districto até 1882. Em Villa Real (como tambem fica dito) foi medico do Hospital, professor interino do Lyceu, director da Escola de habilitação ao magisterio, e além d'isso—vogal da commissão executiva delegada da mesma junta desde 1883 a 1886, servindo de presidente nos ultimos 3 annos. Foi tambem vogal da commissão distrital no trienio de 1896 a 1898 e 1902 a 1904. Foi governador civil substituto por decreto de 23 de março de 1906, e 18 de março de 1908, fallecendo como governador civil em exercicio e tendo no seu funeral as honras devidas a este cargo. Foi tambem medico do Monte-Pio Villarealense desde 1888.

Foi um apaixonado cultor de numismatica. Possuia collecções valiosissimas que perdeu n'um incendio occorrido em 29 de junho de 1906 e que lhe devorou a casa de habitação, propriedade sua com todo o mobiliario, incluindo as collecções de numismatica, de que salvou uns restos quasi carbonisados.

Como medico, tinha uma clientela enorme.

M. M.

* * *

Em Ribeira de Pena, finou-se, ha dias, o snr. José Joaquim Palmeira, irmão do snr. Francisco José Palmeira, aspirante da fazenda do concelho de Chaves e socio effectivo da corporação de bombeiros voluntarios.

—Em Villarelho, falleceu em 15 do corrente, a snr.ª D. Senhorinha Sanches, estremecida mãe do ex.mo snr. José dos Ramos Sanches, proprietario em Carrazedo de Montenegro.

—Na sua casa em Villaverde da Raia, do concelho de Chaves, e na avançada edade de 97 annos, falleceu, em 9 do corrente, a snr.ª D. Josefa Maria Rodrigues, tia do abastado proprietario snr. Bernardo José Branco.

O seu funeral foi muito concorrido, pois a finada era senhora de apreciaveis sentimentos de bondade e philanthropia.

—Falleceu em Villarinho de Samardã, aonde estava residindo, o dr. Candido Augusto Jacintho, que ha tempos havia enfermado com uma doença grave.

Ainda o anno passado tinha completado o curso da escola medica cirurgica do Porto, com muito lisongeiro aproveitamento.

—Em Lisboa, falleceu a ex.ma snr.ª D. Candida d'Almeida Louza, esposa do fallecido deputado Augusto Louza.

O cadaver veio n'uma urna funeraria para ser depositado no jazigo de familia existente no cemiterio de Casal de Loivos.

Á familia enlutada, os nossos pesames.

—Finou-se ha dias a mãe do snr. dr. Alfredo Annibal de Moraes Campilho, digno delegado do Procurador Regio na comarca da Regoa. Era senhora de grandes virtudes.

—Nova ainda, falleceu ha dias em S. João da Pesqueira, victima da terrivel tuberculose, a snr.ª D. Felismina Barbedo Pinto Mauricio, desvelada e amantissima esposa do illustre proprietario do *Defensor do Douro* o ex.mo snr. Adolpho Augusto Pereira Mauricio.

—Apoz uma congestão cerebral falleceu ultimamente na sua quinta da Seára, concelho da Regoa, o snr. dr. Joaquim José Augusto Monteiro, official do governo civil do districto de Villa Real.

—Quando já na convalescença d'um ataque de grippe, falleceu inesperadamente o snr. Corrêa Pereira, acreditado commerciante em Villa Real.

—Chega-nos a noticia tristissima de haver fallecido, repentinamente, na sua casa da Azinheira, freguezia d'Alvações do Côrgo, o snr. Rudezindo Pinto da Silva, lavrador abastado.

Filiado desde muito no partido regenerador, tinha prestigio na sua terra e exerceu, por vezes, dignamente, o cargo de vereador em Santa Martha de Penaguião.

Era homem honrado, activo, trabalhador e bondoso.

TROVAS POPULARES

(CANTADA PELAS TRICANAS DE COIMBRA)

Essa palavra «saudade»,
Aquelle que a inventou,
A primeira vez que a disse
Com certeza que chorou.

AFFONSO LOPES-VIEIRA.

NOTICIARIO

Commercio de vinhos.—Pela casa Valente Costa & Com.ta, de Villa Nova de Gaya, uma das mais importantes e mais serias firmas do nosso commercio de vinhos, teem sido compradas algumas pipas de vinho da ultima colheita nas povoações de Agarez, Quintella e Villa Marim, ao preço de 18$000 e 18$500 réis cada pipa.

A grande procura do azeite trasmontano.—Sob este titulo publica o nosso illustre collega *Agricultura Trasmontana*, de Mirandella, a seguinte e interessante local:

«Pullulam actualmente, pelas aldeias d'esta zona oleicola, chusmas de commissarios á procura d'azeite, e

nas feiras mensaes são mais os compradores do que os vendedores.

Qual a razão d'este inesperado acontecimento, visto que ultimamente quasi tinha faltado procura ao resto do azeite da ultima e escassissima colheita?

Seria a falta de producção nas outras regiões oleicolas do paiz?

A não ser no Algarve, parece que a colheita da azeitona, se não foi extraordinaria nas outras provincias oleicolas portuguezas, não foi comtudo escassa.

A razão não deverá ser porisso devida á falta de azeite no paiz.

Segundo vemos em uma revista agricola estrangeira, a producção de azeitona falhou este anno completamente na Italia e foi muito insignificante na Argelia.

Como por isto se vê, as nossas oliveiras não são peiores do que as estrangeiras.

Olhemos para ellas com o maior carinho, não só pelo valioso producto que dão, mas pelos salarios que, durante tres mezes, fornecem ás populações ruraes, que luctariam com sérias difficuldades nos mezes de dezembro e janeiro, se não fosse a azeitona.

É bom não imaginar que tudo quanto é estrangeiro é optimo e que o que é nosso não presta».

Novo administrador do concelho. — Foi nomeado administrador do concelho da Regoa, o illustre jurisconsulto snr. dr. Carlos Corrêa Pinto de Figueiredo Pimentel.

Sua ex.ª já tem exercido essas altas funcções por diversas vezes, desempenhando-se d'ellas com a correcção e energia que lhe são peculiares.

O Villarealense.—No dia 18 do corrente completou dezenove annos de existencia este nosso collega que entre a imprensa de Villa Real occupa um logar de destaque.

Ao seu director o ex.^mo snr. Estanislau Corrêa de Mattos as nossas felicitações e os nossos votos pela continuação das prosperidades do *Villarealense* a quem n'este momento nos é dado manifestar os protestos da nossa cordeal camaradagem.

Reitoria do lyceu de Chaves. — Foi nomeado reitor effectivo d'este lyceu o snr. Joaquim Fernandes Ferreira, que interinamente e com toda a competencia vinha exercendo o cargo ha mezes.

A camara, tomando conhecimento d'aquella nomeação, n'uma das suas ultimas sessões deliberou, como do extracto respectivo consta, congratular-se com o distincto professor e felicitar-se pela sua nomeação para o lugar de reitor effectivo do lyceu, fazendo votos por que o primeiro estabelecimento scientifico d'aquelle concelho continue a prosperar e a acreditar-se sob a zelosa superintendencia do seu digno reitor.

Tal manifestação exprime bem a consideração de que o novo reitor do lyceu de Chaves, goza entre os flavienses.

ANNUNCIOS

LOJA NOVA

DE

JOSÉ DUARTE MAGALHÃES

ALIJÓ

Escrupuloso sortido de mercearia e confeitaria, dos melhores fornecedores do Porto e Lisboa; generos de primeira qualidade. Fazendas brancas e casimiras, chapeus e calçados recebidos directamente de acreditadas fabricas do Porto e Braga. Candieiros, petroleo, artigos de molduras, de dourador e armador. Papel e artigos d'escriptorio. Encarrega-se de trabalhos de impressão.

CAFÉ

E

GRANDE HOTEL "TOCAIO,,

VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario — *Adriano Rocha.*

A Illustração Trasmontana

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

DIRECTOR — *Joaquim Leitão*

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA **ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA**

ADMINISTRADORES **ANTONIO CORRÊA e ANTONIO TERRIO**

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DOS CLERIGOS, 61-1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º—PORTO

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias (Pagamento annual)	2$500
» » » » (semestral)	1$350
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

Pagamento adeantado.

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de abatimento

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

2.º ANNO—MARÇO, 1909

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
Illustração Trasmontana

ADMINISTRADORES
Antonio Corrêa e Antonio Terrio

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º—PORTO

O TRASMONTANO

SUPPLEMENTO
AO N.º 15 DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

DIRECTOR—JOAQUIM LEITÃO

Composto e impresso na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna, R. da Fabrica, 80—Porto

Summario do n.º 15, (3.º do II anno)
DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

(Numero consagrado a Chaves que n'este mez de março commemora o centenario da Guerra da Peninsula)

PAG.
As Bandeiras da Terra (Sobre a Bandeira de Chaves) poesia social por Affonso Lopes-Vieira, illustração de Christiano de Carvalho 33
Aquæ Flaviæ—José Fortes 34
A Terra de Chaves, Capitão Augusto de Carvalho 36
A Agua (Thermas de Chaves), Augusto de Carvalho 38
A proposito da Flora de Chaves, Gonçalo Sampaio 41
O Homem de Traz-os-Montes, Vieira da Costa 43
Chaves na Guerra Peninsular—Capitão Alexandre Malheiro 45
Clichés de Carlos Pereira Cardoso.
As Festas do Centenario da Guerra Peninsular em Chaves (Retratos dos principaes vultos d'essas festas) 52

EXPEDIENTE

A Empreza da ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA, no proposito de facilitar ás bolsas mais modestas a leitura d'esta patriotica revista, resolveu cobrar as assignaturas semestralmente. Só acceita, porém, assignaturas de anno.

Completo o 1.º anno com os n.os 11 e 12 é que se procedeu á cobrança do 1.º anno, para ir assim de encontro a quaesquer escrupulos baseados na irregularidade que a publicação soffreu nas mãos da primitiva empreza e direcção; com o nosso numero de março, que sairá dentro do respectivo mez, a ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA attingirá a sua perfeita regularidade, não havendo, pois, motivos para deixar de proceder-se á cobrança do 1.º semestre do 2.º anno em começos de abril, isto é, quando a revista, cujo pagamento é declaradamente adeantado, já vá no 4.º numero d'esse semestre.

Os hoteis, restaurantes e cafés que angariarem cinco assignaturas firmes, pelas quaes se responsabilisem, terão direito a um annuncio annual na ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA, annuncio que não poderá exceder o espaço que occupa no numero 13 o da LOJA NOVA de Alijó.

O Centenario da Guerra da Peninsula

SUA COMMEMORAÇÃO EM CHAVES

Com a cooperação de commissões representantes de todas as classes e por iniciativa da sua Camara Municipal celebra, de 20 a 25 de março corrente, a gloriosa villa de Chaves o 1.º centenario do *Cêrco e Tomada de Chaves*, fasto que d'uma só vez immortalisou o general Silveira e as tropas do seu commando, na sua maioria compostas de valorosos trasmontanos.

Tendo merecido o appoio e auxilio da *commissão official do centenario da Guerra Peninsular*, as festas de Chaves são até agora a commemoração mais ruidosa e mais brilhante que á Guerra da Peninsula se tem feito em Portugal.

A *Illustração Trasmontana*, que ás alegrias e ás tristezas de Traz-os-Montes dedica a sua vida, não podia deixar de se associar a Chaves e de com os flavienses estar n'esses cinco enthusiasticos dias.

Assim, o presente *numero* de março é absolutamente consagrado a Chaves, tendo a *Illustração*

Trasmontana suspendido todas as suas secções em publicação e organisado estas paginas extraordinarias, em homenagem á heroica villa.

Como complemento ao nosso numero, de que se encarregou um grupo brilhante de collaboradores, numero vasto, que apesar de ser composto em typo corpo inferior ao nosso usual assim mesmo excedeu as 16 paginas que costumam formar as edições da *Illustração Trasmontana* — damos a seguir entre outras indicações, como a letra do hymno patriotico, original de Julio Dantas, o

PROGRAMMA DOS FESTEJOS COMMEMORATIVOS

DO

CÊRCO E TOMADA DE CHAVES

NOS DIAS DO SEU I.º CENTENARIO

20 A 25 DE MARÇO DE 1909

APPROVADO PELA COMMISSÃO OFFICIAL

DO

Centenario da Guerra Peninsular

1.º DIA

(SABBADO, 20 DE MARÇO

Festa religiosa

1.º — Alvorada pelas bandas regimentaes. Repiques festivos em todas as igrejas da villa. Salvas. — As bandas precorrerão as principaes ruas da villa executando o hymno nacional.

2.º — Sob a direcção e presidencia do reverendo abbade da freguezia de Chaves, cantar-se-ha na igreja matriz, á hora que opportunamente fôr fixada, um solemne *Te-Deum*, com acompanhamento de grande orchestra.

a) — O templo será devidamente ornamentado, para o que se solicitará o concurso de todas as confrarias erectas na matriz. A commissão executiva prestará ao reverendo abbade todo o auxilio de que elle carecer para o maior brilho d'essa solemnidade.

b) — Serão convidados para tomar parte no *Te-Deum* os reverendos parochos de todas as freguezias do concelho e todos os sacerdotes que n'ellas tiverem residencia.

c) — Serão tambem convidados a assistir a esta solemnidade as mezas administrativas de todas as confrarias do concelho, os representantes das sociedades e corporações locaes, as auctoridades militares e civis, o funccionalismo e as pessoas qualificadas da villa, ou que por essa occasião a visitem, dispondo-se no templo, em local adequado, as cadeiras necessarias para os convidados e para as damas que assistirem á festa.

d) — Um orador sagrado exporá do pulpito o facto glorioso cuja commemoração n'esta festividade se inicia.

e) — Assistirão ao acto, dentro do templo, contingentes dos corpos da guarnição, da guarda-fiscal, da companhia de reformados e dos regimentos de artilheria n.º 4, infanteria n.º 12 e infanteria n.º 24, estes ultimos como representantes dos corpos que em 1809 constituiram as forças regulares sob as ordens do general Silveira. No largo de Camões uma força de infanteria com banda de musica fará guarda d'honra durante o *Te-Deum*.

3.º — Na noite d'este dia serão illuminadas as fachadas dos quarteis, dos Paços do Concelho e da igreja matriz e realisar-se-ha um concerto de bandas regimentaes no largo de Camões.

2.º DIA

(DOMINGO, 21 DE MARÇO)

Festa Militar

1.º — Alvorada como no primeiro dia.

2.º — No campo do Tabolado, com auctorisação já concedida pelo Ministerio da Guerra, realizar-se-ha uma missa campal dos corpos da guarnição, seguida do juramento de bandeiras dos recrutas dos mesmos corpos.

3.º — Em local apropriado realisar-se-hão, promovidos pelos officiaes da guarnição, exercicios militares de volteio, equitação, gymnastica, esgrima e cyclismo, com assistencia de convidados e do publico.

4.º — Na noite d'este dia haverá illuminação, musica e todas as demonstrações de gala nos corpos da guarnição, e serão tambem illuminadas as fachadas dos Paços do Concelho e de todos os edificios publicos.

(O programma detalhado das festas d'este dia será elaborado por uma commissão de officiaes da guarnição e opportunamente publicado).

3.º DIA

(SEGUNDA-FEIRA, 22 DE MARÇO)

Festa Municipal

1.º — Alvorada como no primeiro dia, tocando as bandas regimentaes á porta dos Paços do Concelho.

2.º — A' hora que opportunamente fôr fixada, realisar-se-ha nos Paços do Concelho uma sessão solemne da vereação para receber em nome da população da villa as auctoridades superiores, militares e civis, que então a visitarem, os representantes da familia do general Silveira, os vereadores das camaras municipaes de Miranda, Moncorvo, Bragança, Villa Real e Montalegre que vierem a Chaves como representantes dos corpos de milicias d'aquellas localidades que no feito de 1809 pertenceram ás forças do mesmo general e os commandantes dos contingentes de artilheria n.º 4, infanteria n.º 12 e infanteria n.º 24.

a) — Serão convidados a assistir a esta solemnidade as auctoridades, officialidade, funccionalismo e representantes das corporações locaes, e a Camara offerecerá uma taça de champagne aos seus convidados, brindando á memoria dos heroes de 1809 cujos feitos n'estes festejos se commemoram.

b) — Uma força d'infanteria, com banda de musica, fará guarda d'honra durante a recepção, á porta dos Paços do Concelho.

3.º — Em seguida á recepção, a vereação e os seus convidados irão assistir á inauguração do novo quartel escola dos Bombeiros Voluntarios, realisando-se por essa occasião uma parada e exercicio da corporação no mesmo local.

4.º — Na noite d'este dia realisar-se-ha no theatro Flaviense um sarau de gala, constando de uma parte dramatica, uma parte musical e uma parte litteraria, sendo convidado um orador a fazer, n'esta ultima parte, uma conferencia sobre o facto historico que os festejos commemoram.

a) — A Camara destinará lugares especiaes no theatro a todos os convidados da villa e ás auctoridades locaes, e ainda a uma praça graduada de cada um dos contigentes de artilheria 4, infanteria 12 e infanteria 24.

b) - Os restantes lugares do theatro serão vendidos em hasta publica, sendo o pro-

ducto destinado, depois de satisfeitas as despezas do sarau, a soccorrer com esmolas os indigentes da villa, preferindo os velhos, as viuvas e os orphãos.

c)—O theatro será convenientemente ornamentado, e uma banda de musica tocará á porta durante a entrada dos convidados.

(O programma detalhado do sarau será elaborado pela respectiva commissão especial e opportunamente publicado).

4.º DIA

(Terça-feira, 23 de março)

Festa Escolar

1.º—Alvorada como no primeiro dia, tocando as bandas ás portas dos edificios do lyceu e das escolas centraes.

2.º—Por intermedio das commissões organisadas pelos snrs. Reitor do Lyceu e Sub-inspector do circulo escolar realisar-se-ha n'este dia, á hora que opportunamente se fixar, a solemne inauguração de uma exposição de trabalhos escolares dos alumnos e alumnas de todas as escolas primarias publicas e particulares do concelho, para o que será posto á disposição das referidas commissões o salão da casa-escola Conde Ferreira.

a)—Um jury composto de damas e cavalheiros estranhos ao professorado, sob a presidencia do snr. Reitor do lyceu, formulará o programma especial da exposição e classificará os concorrentes com direito a premio.

b)—A commissão executiva destinará a verba necessaria para premios aos melhores trabalhos, os quaes serão distribuidos livremente pelo jury dentro dos seguintes grupos:

1.º grupo

Provas calligraphicas e de desenho escolar: 8 premios, sendo 1 de 4$000 réis, 1 de 3$000 réis, 1 de 2$000 réis e 5 de 1$000 réis.

2.º grupo

Bordados de differentes especies; 6 premios, sendo 1 de 5$000 réis, 2 de 3$000 réis e 3 de 2$000 réis.

3.º grupo

Rendas de differentes especies: 4 premios, sendo 1 de 4$000 réis, 1 de 3$000 réis e 2 de 2$000 réis.

4.º grupo

Trabalhos infantis (costura, marca, meia etc.): 13 premios, sendo 1 de 3$000 réis, 5 de 2$000 réis, 1 de 1$500 réis, 1 de 1$000 réis e 5 de 500 réis.

c)—Os professores e professoras poderão expôr trabalhos seus, sem direito, porém, a premio.

d)—Será concedido um diploma d'honra a cada escola que tiver algum alumno premiado na exposição e n'esse diploma se designará o nome do professor ou professora, os nomes dos alumnos premiados e a especie de trabalhos em que obtiveram premios.

c)—Pelos cuidados das commissões a que se refere o n.º 2.º será devidamente ornamentada a casa em que se realisa a exposição e junto d'ella tocará uma banda de musica por occasião da inauguração.

d)—O programma especial da exposição baseado n'este programma geral, será distribuido com a devida antecedencia, por intermedio da sub-inspecção do circulo escolar, a todas as escolas primarias do concelho, tanto publicas como particulares, acompanhado de convite aos respectivos professores para promoverem a apresentação de trabalhos dos seus alumnos.

3.º—Terminada a inauguração da exposição, realisar-se-ha na alameda da Lapa uma *festa da arvore*, em que tomarão parte os alumnos e alumnas das escolas primarias.

a)—Cada escola plantará na referida alameda uma ou mais arvores, para o que a Camara Municipal terá mandado executar os trabalhos preparatorios e fornecerá as arvores que deverem ser plantadas.

b)—Em taboleta apropriada se manterá na alameda a data da festa da arvore, com designação das escolas que n'ella tomaram parte.

c)—A Camara confiará as arvores á guarda e cuidados das escolas que as tiverem plantado.

4.º—Em seguida á festa da arvore os alumnos e alumnas das escolas, cantarão em grande côro, com acompanhamento das bandas reunidas, o hymno patriotico escripto em 1809 pelo maestro portuguez Marcos Portugal, com lettra do illustre poeta snr. dr. Julio Dantas, apropriada ao feito que os festejos commemoram.

Distribuir-se-hão, em seguida, ás escolas as bandeiras para esse fim offerecidas pela *Liga Naval*.

A Camara Municipal deliberará que desde este dia a alameda da Lapa passe a denominar-se *Alameda do general Silveira*.

5.º—Convidar-se-hão os alumnos do lyceu a assistirem a todas as festas das escolas primarias e a promoverem para a noite d'este dia a realisação em local apropriado de um sarau litterario-musical, procurando-se conseguir que um dos professores faça aos estudantes uma conferencia tendo por assumpto o facto historico que se commemora.

O programma d'este sarau será formulado pela respectiva commissão especial.

Uma banda de musica tocará á porta do edificio em que se realisar o sarau, durante a entrada dos convidados.

6.º—Os edificios do lyceu e das escolas publicas e particulares da villa terão n'este dia as fachadas ornamentadas e á noite illuminadas, pelos cuidados dos respectivos professores e alumnos.

(Solicitar-se-ha o auxilio do corpo docente do lyceu para o melhor exito das festas escolares.)

5.º DIA

(Quarta-feira, 24 de março)

Festa agricola

1.º—Alvorada como no 1.º dia.

2.º—Realisar-se-ha n'este dia uma grande revista de gado de trabalho ou de creação, convidando-se a tomarem parte n'ella com o seu gado todos os lavradores do concelho.

a)—O jury especial elaborará com a devida antecedencia o programma e regulamento da revista e procederá á classificação para premio dos exemplares concorrentes. Do programma se dará conhecimento aos lavradores por intermedio dos reverendos parochos e dos snrs. professores de todas as freguezias do concelho.

b)—O gado que tomar parte na revista desfilará ordenadamente perante o jury, que occupará uma tribuna apropriada na alameda do general Silveira. Patrulhas de cavallaria farão a policia do local, indicando os logares de entrada e saida do gado no recinto da exposição.

c)—A commissão executiva dos festejos destinará a verba necessaria para serem concedidos os seguintes premios:

I—Um de 30$000 réis á melhor junta de bois ou vaccas de lavoura.

II—Um de 20$000 réis á melhor vacca leiteira.

III—Um de 15$000 réis á melhor egua de creação.

IV—Um de 10$000 réis á melhor junta de bezerros ou vitellas para lavoura.

V—Um de 10$000 réis ao melhor poldro ou poldra.

VI—Um de 9$000 réis ao melhor exemplar de gado bovino de engorda.

VII—Um de 6$000 réis ao melhor jumento ou jumenta.

Se faltarem concorrentes em qualquer d'estes grupos, o jury poderá destinar os respectivos premios aos exemplares de outros grupos que mais os mereçam.

d)—As bandas de musica tocarão no local durante a revista,

e)—Terminada a revista e emquanto o jury procede á classificação, as creanças das escolas cantarão pela 2.ª vez o Hymno patriotico de 1809.

f)—Proceder-se-ha em seguida á distribuição dos premios, durante a qual as bandas de musica executarão o hymno nacional.

3.º—Na noite d'este dia realisar-se-ha nos Paços do Concelho a sessão solemne de distribuição dos premios aos alumnos que os tiverem alcançado na exposição de trabalhos escolares.

4.º—Em seguida, no largo de Camões, devidamente ornamentado e illuminado, haverá um grande concerto das bandas regimentaes reunidas.

6.º DIA

(Quinta-feira 25 de março)

Festa civico-militar

1.º—Alvorada pelas bandas regimentaes no forte de S. Francisco, percorrendo depois as principaes ruas da villa e repetindo a alvorada á porta dos Paços do Concelho. —Repiques festivos em todas as igrejas da villa. Salvas.

2.º—A' hora que opportunamente fôr fixada, organisar-se-ha junto aos Paços do Concelho um cortejo civico-militar com o fim de ir descerrar, na entrada do forte de S. Francisco, uma lapide commemorativa do cêrco e tomada de Chaves, a qual a Camara alli terá mandado collocar, com a devida legenda, e que n'esse dia se achará coberta com a bandeira nacional.

a)—Serão convidados a tomar parte no cortejo todas as classes da população, como demonstração da solidariedade de todos os flavienses n'esta patriotica commemoração.

b)—O cortejo será constituido da seguinte fórma:

I—Batedores e escolta de cavallaria.

II—Charanga a cavallo, executando a marcha de guerra.

III—Carro allegorico da *Instrucção*, seguido por:

A—Alumnos das escolas primarias do sexo masculino, tantos officiaes como particulares, cada escola com a sua bandeira e acompanhada pelos respectivos professores.

B—Alumnas das escolas primarias do sexo femenino, tanto officiaes como parti-

culares, cada escola com o pendão e acompanhada pelas respectivas professoras.

C—Alumnos do Lyceu nacional de Chaves com a sua bandeira.

D—Corpo docente do lyceu sub-inspector do circulo escolar.

IV—Carros ornamentados do material dos Bombeiros Voluntarios, seguidos da respectiva corporação com banda de musica e bandeira.

V—Carro allegorico das *Artes e officios*, seguido de artistas, operarios e operarias da villa e da Direcção da respectiva associação de classe, com a sua bandeira.

VI—Banda regimental.

VII—Carro allegorico do *Commercio e industria*, seguido de:

A—Commerciantes e industriaes da villa e concelho.

B—Empregados do Commercio e Industria.

C—Associação dos empregados do commercio, com a sua bandeira.

D—Direcção da Associação Commercial, com a sua bandeira.

VIII—Carro allegorico da *Agricultura*, seguido de proprietarios agricolas, lavradores, trabalhadores e mulheres de campo.

XI—Escolta de sargentos de cavallaria, a cavallo.

X—Banda regimental.

XI—Carro allegorio do *Exercito* seguido de

A—Escolta de praças reformadas.

B—Bateria de artilheria 4 e contingentes de infanteria 12 e infanteria 24.

C—Escolta de sargentos de infanteria cyclistas.

XII—Arautos, a cavallo.

XIII—Carro allegorico da *Villa de Chaves*, seguido de

A—Commissões dos festejos.

B—Funccionalismo local.

C—Auctoridades ecclesiasticas, judiciaes e civis.

D—Auctoridades militares e officialidade.

E—Representantes da commissão official do centenario da guerra peninsular

F—Convidados da villa.

G—Camara municipal de Chaves com a sua bandeira.

XIV—Banda regimental.

XV—Regimento de cavallaria 6.

XVI—Regimento d'infanteria 19.

XVII—Escolta de cavallaria, a cavallo.

c)—O cortejo desfilará pelas ruas do Quartel, da Tulha, de Ignacio Pizarro, de Antunes Guerreiro, de D. Pedro IV, de D. Luiz I, até á alameda do general Silveira, aonde tomará a disposição que opportunamente fôr indicada, durante o acto do descerramento da lapide commemorativa.

d)—N'esse acto as tropas farão a continencia que for determinada, as bandas de musica executarão o hymno nacional, dar-se-ha uma salva de 21 tiros e haverá repiques festivos em todas as egrejas da villa.

e)—Proceder-se-ha em seguida á assignatura do auto no pavilhão da alameda do general Silveira, cantando os alumnos das escolas, pela 3.ª e ultima vez, o hymno patriotico de Marcos Portugal.

f)—O cortejo regressará depois, pela mesma ordem, seguindo pelas ruas do Olival, lado occidental do mercado do Arrabalde, rua Antunes Guerreiro, Terreiro de Cavallaria, rua do Anjo, largo Mousinho de Albuquerque, rua da Tulha e largo de Camões, onde dispersará.

3.º—A noite d'este dia será destinada á *festa popular*.

a)—Serão devidamente ornamentados e illuminados os differentes largos da villa, onde em corêtos tocarão as bandas de musica.

b)—Nas ruas principaes da villa serão ornamentadas e illuminadas as janellas de todas as casas, para o que a commissão executiva facultará os necessarios recursos aos habitantes que os não possuirem.

c)—Promover-se-ha a organisação de danças e descantes populares nos differentes largos da villa.

d)—Em differentes pontos da villa, e especialmente na alameda do general Silveira serão queimados durante a noite vistosos *bouquets* de fogo de artificio.

A' meia noite d'este dia considerar-se-hão officialmente terminados os festejos commemorativos do centenario do cêrco e tomada de Chaves, cujas demonstrações a camara mandará registar nos Annaes do Municipio para que o conhecimento d'esta patriotica celebração chegue ás gerações futuras.

Commissão official do Centenario da Guerra Peninsular, que approvou o programma da Commemoração do Cerco e tomada de Chaves e auxilia a sua realisação:

Presidente:—General de brigada, João Carlos Rodrigues da Costa.

Vogaes:—Coronel do serviço do estado maior, Alfredo Pereira Taveira de Magalhães; Coronel de artilheria, Jayme Leitão de Castro; Coronel de artilheria, Maximiliano Eugenio de Azevedo; Tenente coronel de cavallaria, Christovão Ayres de Magalhães Sepulveda; Major de engenheria, João Severo da Cunha; Major do quadro de reserva, Guilherme Luiz dos Santos Ferreira; Capitão d'infanteria, Luiz Henrique Pacheco Simões; Capitão de artilheria, José Justino Teixeira Botelho; Capitão de artilheria e do S. E. M., Amilcar de Castro Abreu e Motta.

Secretario:—Tenente da Administração militar, Adelino Augusto da Fonseca.

Commissões que promovem a realisação dos festejos commemorativos em Chaves:

COMMISSÃO EXECUTIVA

Presidente:—O presidente da Camara Municipal de Chaves, Annibal de Souza Pinto de Barros.

Vice-presidente:—Coronel do quadro de reserva, Antonio José Antunes.

Thesoureiro:—João Pereira Martins.

Vogaes:—Nicolau Mesquita e Alfredo Augusto Pereira.

Secretarios:—Capitão d'infanteria, Augusto Cesar Ribeiro de Carvalho; Capitão de cavallaria, Modesto Coelho Barreto.

COMMISSÃO DA SUBSCRIPÇÃO PUBLICA

Presidente:—O vice-presidente da Camara Municipal de Chaves, Francisco Marcellino da Fontoura.

Vice-presidente:—O presidente da Associação Commercial, José Antonio Dias.

Vogaes:—Adriano Alves da Cunha, vereador municipal; José da Rocha Carvalho, representante das Industrias locaes; Antonio Manuel Fernandes, presidente do Grupo Musical Flaviense; Sebastião Mesquita, pela Imprensa local; Adriano Ramos Padrão, pela Corporação dos Bombeiros Volntarios; Anselmo Dias, presidente da Associação dos Empregados do Commercio.

Thesoureiro:—José Correia dos Santos Junior, pelo Banco de Chaves.

Secretario:—João Baptista de Medeiros, presidente da Associação artistica.

COMMISSÃO ORGANISADORA DO SARAU DE GALA

Presidente:—Capitão d'infanteria, Antonio Gualberto da Fonseca Antunes.

Vice-presidente:—Dr. Antonio Augusto Lobo.

Vogaes:—Tenente, Jayme Mesquita Padrão; Maestro, João Carlos Pinto Ribeiro; Antonio Syndulpho Carneiro.

Thesoureiro:—Antonio Manuel Fernandes.

Secretario:—Capitão d'infanteria, João Maria Pereira.

JURYS

1.º—Para a exposição de trabalhos escolares:

Presidente:—Reitor do lyceu de Chaves, Joaquim Fernandes Ferreira.

Vice-presidente:—D. Ermelinda Quintanilha Dias.

Vogaes:—D. Lucina Figueiredo Fernandes; D. Candida da Conceição Lobo; D. Lorinda de Mesquita Soares.

Secretario:—Antonio de Moraes Soares, sub-inspector do Circulo escolar; João da Silva Bravo, antigo professor de desenho industrial.

2.º—Para a revista—exposição de gado:

Presidente:—O vice-presidente da Camara Municipal, Francisco Marcellino da Fontoura.

Vice-presidente:—Dr. Filippe de Barros Moura.

Vogal-perito:—Capitão-veterinario, Francisco Bernardino de Moraes Sarmento.

Vogaes agricolas:—Domingos Gomes de Moraes Sarmento e João Baptista Sotto-Maior.

Secretario:—Tenente de cavallaria, João Antonio da Costa.

COMMISSÕES DE CLASSE

Ecclesiastica:

Presidente:—Vigario geral, Padre Antonio Joaquim Calvão.

Vice-presidente:—Abbade de Chaves, Padre Manuel Teixeira Barroso.

Vogaes:—Padre Antonio José Serimonias e Padre Elias Antonio Alves.

Militar:

Presidente:—Major de cavallaria 6, Ernesto Carlos Salgueiro.

Vogaes:—Capitão da guarda fiscal, Antonio Gualberto da Fonseca Antunes; Capitão do Estado maior d'infanteria, Arthur Annibal Botelho; Capitão d'infanteria 19, Lucinio Maria Ribeiro.

Secretario:—Tenente de cavallaria 6, João Antonio da Costa.

Agricultura:

Presidente:—Administrador do concelho de Chaves, Domingos Gomes de Moraes Sarmento.

Vice-presidente:—Dr. Filippe de Barros Moura.

Vogaes:—João Antonio Pereira; João José Dias.

Thesoureiro:—Joaquim José Pereira Coelho.
Secretario:—João da Silva Bravo.

Commercio e Industria:

Presidente:—O presidente da Associação Commercial, José Antonio Dias.
Vogaes:—Antonio da Rocha Carvalho, Albano Fernando Bragança, Manuel Augusto Pinheiro e Luiz de Figueiredo.

Empregados do commercio:

Presidente:—O presidente da respectiva associação, Manuel Teixeira de Mello.
Thesoureiro:—João José Geraldes.
Vogal:—Antonio dos Santos Silva.
Secretario:—Alfredo Vaz.

Estudantes do Lyceu:

Presidente:—Armindo Morato, do 5.º anno.
Vice-presidente:—Adolpho Bravo, do 5.º anno.
Thesoureiro:—Antonio Padrão, do 5.º anno.
Vogaes:—Augusto Lopes, do 5.º anno; Aurelio Martins, do 5.º anno; Nicolau Mesquita, do 4.º anno; João Corrêa dos Santos, do 3.º anno; Raul Borges Delgado, do 3.º anno; Ernesto Castello Branco, do 3.º anno, Antonio Nogueira, do 2.º anno.
Secretarios:—Rodrigo Soares, do 5.º anno; Fernando Bravo, do 4.º anno.

Bombeiros Voluntarios:

Presidente:—Luiz Augusto de Lima Barreto.
Vice-presidente:—Adolpho Magalhães.
Vogaes:—Alfredo Diniz Gomes; João Mesquita; José Augusto Corrêa; José Claro; Manuel da Silva Esteves.

HYMNO PATRIOTICO

Prodigio da guerra
Valor sobre-humano:
Tres palmos de terra
Senhores do oceano!

Reluz cada lança
Ao sol immortal:
Que Deus te dê esp'rança
Meu bom Portugal!

Ah, sempre que fallas
P'la voz dos canhões,
A' falta de balas
Inda ha corações!

Leão que só acalma
Na lucta leal,
Que Deus te dê alma
Meu bom Portugal!

Se fosses calcada,
O' patria guerreira,
Nascia uma espada
De cada roseira!

A força perdida
Resurge, afinal:
Que Deus te dê vida,
Meu bom Portugal!

No horror das metralhas,
No meio do p'rigo,
Que o sol das batalhas
Caminhe comtigo!

Desfralda na Historia
A flammula real!
Que Deus te dê gloria,
Meu bom Portugal!

Letra de *Julio Dantas*.

Musica de *Marcos Portugal*.

NICOLAU MESQUITA

Das muitas e dedicadas pessoas que nos coadjuvaram na organisação do nosso presente numero, ha a destacar o nosso excellente e gentilissimo amigo snr. Nicolau Mesquita, que foi por assim dizer o consul da *Illustração Trasmontana* em Chaves, durante estes ultimos quarenta dias.

Homem activissimo, d'uma lucidez que transparece na menor linha que escreve, a elle devemos, entre outros originaes e documentação, a obtenção das fotografias dos representantes das commissões das festas que publicamos na nossa pagina n.º 52.

Quem trabalhou como elle trabalhou em Chaves por os memoraveis festejos de 20 a 25 de março de 1909, tinha todo o direito a que, sem lisonjas e mesmo fóra de gratidão, lhe publicassemos o retrato n'essa mesma pagina.

Pedimol-o com insistencia.

Recusou.

Dirigimo-nos a um amigo commum, o nosso respeitavel e valioso collaborador sr. capitão Augusto de Carvalho encarregando-o d'essa honrosa missão. Sua excellencia escreveu-nos, declarando que só a familia de Nicolau Mesquita possuia fotografias d'elle e que, sabedora do fim para que eram pedidas, se não affoitava a cedel-a porque sabia que elle se contrariava.

A essa isempção, e a modestia tão sincera e tão comprovada, a *Illustração Trasmontana* corresponde agradecendo aqui em publico ao seu amigo o snr. Nicolau Mesquita a sua cooperação n'este numero de março, cooperação que por ser anonyma nem por isso deixa de ser muito valiosa.

E aproveitamos o ensejo para lhe confessar todo o nosso agradecimento e toda a admiração pelo zêlo, pela actividade, pelo cuidado, pelo trabalho impertinente que comnosco teve, sempre de cara alegre e coração aberto.

Com caracteres assim não admira que Chaves seja até hoje quem melhor e mais brilhantemente soube escrever no seu escudo de honra a data da *Guerra da Peninsula*.

REGISTO ELEGANTE

Fez annos no dia 3 do corrente a menina Anna Teixeira de Barros, filha da snr.ª D. Maria Teixeira de Barros, capitalista, do logar de Presandães, e sobrinha do nosso assignante snr. José Rodrigues Teixeira de Barros.

—Devido aos seus afazeres deixou de ser administrador do *Echo do Douro* o snr. Casimiro Cabral Junior, sendo substituido pelo snr. Francisco Julio de Araujo Mansilha, escrivão de direito em Alijó, tio do nosso collaborador snr. Maximino Mansilha de Sampaio.

—Falleceu em Lisboa, onde estava em tratamento, o snr. Antonio Augusto Lopes Cardoso, medico, natural de Favaios.

—Em bicycleta e para passear estiveram em Murça e Mirandella, nos dias 14 e 15 do corrente uns rapazes de Alijó—Manuel Corrêa, Joaquim Castro, Antonio Mourão, filho, e Casimiro Cabral Junior.

—A doença que ha mezes persegue Eduardo Augusto Corrêa, secretario da administração d'este concelho, continúa a obrigal-o a estar de cama.

—Regressou com sua ex.ᵐᵃ familia da sua quinta de Terças (Vidago), para onde havia ido passar a semana do carnaval o nosso presado collega director da *Aurora do Corgo*, snr. Luiz de Sousa.

—No dia 4 do corrente, passou o anniversario natalicio do nosso querido amigo e co-proprietario da *Illustração Trasmontana*, snr. Antonio Augusto Corrêa. A' sua esplendida casa de Alijó—*Villa Piedade*—, onde actualmente se encontra, foram cumprimentar sua ex.ª muitos dos seus numerosos amigos, recebendo tambem n'esse dia muitos telegrammas e cartas de felicitações não só de outros pontos da provincia como do Porto, onde Antonio Corrêa, que sabe com quantas letras se escreve a palavra amisade, conta inumeras e dedicadas relações.

A Crise do Douro

CARTA ABERTA ÁS SENHORAS PORTUGUEZAS

A V. Ex.as se dirige, no cumprimento d'um dever d'humanidade, um grupo de mulheres trasmontanas, condoidas da situação afflictiva do operariado agricola da sua região a que tudo falta — o trabalho, o pão, o agasalho e até a esperança d'um dia melhor.

E como se fôra pequena desgraça a angustiosa tristeza d'este quadro, que põe medo e soffrimento ao coração mais preparado para as luctas da vida e para a escuridão tenebrosa das miserias sociaes, temos entre nós, n'uma freguesia visinha — Sediellos — 98 creanças a quem falta, em consequencia de uma epidemia de typho, o braço que lhes ganhava o pão de cada dia, muitas d'ellas sem ninguem, n'uma orphandade horrorosa que não tem comparação com nenhuma das desventuras humanas, miseria unica que não póde exprimir-se por nenhuma imagem.

Ser orphão! Não ter o carinho d'uma mãe, não ter um afago, quem lhe ensine a primeira oração, quem lhe ampare os primeiros passos, só, sempre só, caminhar sempre no escuro, sem a luz d'uma caricia, sem o calôr d'um peito amigo, arremessado ao vacuo, na eterna noute da sua desventura; ser orphão é ser menos que o pó dos caminhos e que as ortigas das terras incultas!

É preciso que a caridade, senhoras, ponha no caminho d'estes desventurados um oasis que lhes minore as agruras do deserto a que o acaso da sorte os condemnou; é preciso que o coração de nós todas as portuguezas faça das suas migalhas um pão para estes pequenos seres sem pai e sem protecção e que um pouco da nossa bondade lhes sirva de sol e lhes lembre a mãe que perderam.

A vós nos dirigimos, senhoras, certas de que nos ouvirá o vosso coração para que appellamos.

Pouco nos basta, o mais pequeno obulo nos contenta, ficando certas de que virão cooperar comnosco todas as senhoras a quem por esta fórma nos dirigimos. E bastaria que cada senhora que nos lêsse désse um tostão para obra tão meritoria, para estar assegurado o futuro d'estes desgraçados cuja sorte interessa a nós todas. Seria como que um ninho de caridade construido pelos sentimentos piedosos das mulheres portuguezas.

Alliai-vos, pois, comnosco para fazermos a protecção d'esses orphãosinhos — a obra bemdita da nossa ternura, da nossa caridade e do nosso dever.

Regoa, 7 de março de 1909.

Com a mais subida consideração, de V. Ex.as, criadas m.to att.as e ven.as,

Pela commissão de beneficencia: — Presidente, *Clotilde de Moraes Bernardes Pereira;* Vice-presidentes, *Anna Teixeira* e *Anna do Poço do Espirito Santo;* Secretarias, *Margarida Clotilde de Moraes Bernardes Pereira, Alice Claudino de Moraes, Adelaide Thalia Soares dos Santos* e *Noemia Vasques d'Almeida Coutinho;* Thesoureira, *Maria Pia da Silva Pereira Rolla.*

A FOME NO DOURO

A situação aggrava-se – A anarchia manifesta-se

Da *Palavra* de 6 do corrente:

Depois de Valpassos, Murça.

Agora á luz do dia, em plena feira queimam-se os ducumentos.

Em Allijó e Valpassos respeitaram-se os dinheiros publicos.

Em Murça desappareceram uns centos de mil réis.

Ha progresso, evidentemente. N'uma aldeia do concelho da Regoa, um bando de assalariados, de noite, armados, assaltaram casas e exigiram dinheiro.

Muitos proprietarios querem braços para os seus granjeios e não os encontram.

Querem antes esmola.

Dissemol-o aqui.

A esmola desmoralisa e perverte. Condemnamos, com toda a energia, a especulação que se fez, em certa imprensa, da miseria do Douro.

Não nos quizeram ouvir. As nossas palavras foram levadas á conta de caturrice.

Pois fizerem mal, como fazem mal todos aquelles que provocam a desorientação do Douro, que ameaça alastrar-se a ponto de tomar toda a região. Fazem muito mal, repetimos.

Andam despertando forças e desejos que para bem de todos, convinha manter em repouso.

E aquelles qne a essa tarefa se teem entregado, ultimamente, serão as primeiras victimas da onda que ameaça engrossar tão pavorosamente.

Esperem-lhe pela volta. Se porventura alguem houve ou ha que explore a situação angustiosa do Douro para fins occultos mal fazem para o Douro e para si que serão os primeiros a soffrer o embate da tempestade qne não tardará a desencadear-se.

E' um perigo chamar os povos á revolta, como se está fazendo desordenada e inconscientemente.

Symptomas ha de sobejo já que devem levar ao animo de muitos a inconveniencia de assim proceder.

Não valle a pena cital-os, mas convém lembral-os para que os mais exaltados meditem na gravidade do do passo.

Tal orientação sem nada remediar nem resolver, só tem o merito de arredar ao Douro, as sympathias que todo o paiz acaba de manifestar-lhe e lançar tudo num cahos que, difficilmente se porá a limpo.

Pensem bem todos na orientação que se está imprimindo ás reclamações do Douro. Diz-lh'o quem nem receia a lucta, nem nunca vacillou no ataque, mas vê perigos enormes na solução que se apresenta.

Para toda a lavoura, principalmente.

D'aqui aos antigos tempos omminosos das guerrilhas e dos assaltos á mão armada não vae muito.

A todos muita prudencia.

Aquelle para serenamente e cuidadosamente tentar dar remedio ao mal procurando, para isso todos os meios possiveis com o seu raio d'acção.

E áquella bastante serenidade para dentro da sua propria força exigir aquillo a que tem direito.

A entrada no Porto dos vinhos do Douro

A Companhia Vinicola expediu ao ministro da fazenda o seguinte officio:

«Ill.mo e Ex.mo Snr.—Pedimos licença a V. Ex.a para expor factos que se dão no negocio de vinhos d'esta Companhia, que nos prejudicam e a toda a região do Douro, com quem transaccionamos, a que V. Ex.a decerto quererá dar remedio, expedindo suas ordens. Ha obviamente má interpretação do disposto no decreto de 27 de novembro pelos agentes fiscaes.

São coisas assaz distinctas, a classificação dos vinhos, que teem e podem ter o nome de vinhos do Porto, e as disposições legaes sobre o imposto do real d'agua fóra do Porto. Estas não soffreram alteração alguma na nova legislação, mas os agentes fiscaes, por confusão, intendem o contrario.

Esta Companhia expede dos seus armazens, onde tem vinhos do Porto arrolados em conta corrente, segundo a lei, aquelles que lhe pedem os seus freguezes nas provincias, e dá mappa para o fisco d'essa exportação, e a communica á alfandega da cidade para ser creditada no seu manifesto.

O vinho do Porto vai para os seus freguezes como outros quaesquer vinhos. Teem esses freguezes as suas avenças, como a lei permitte, mas os agentes fiscaes não admittem que o vinho do Porto entre n'essas avenças, e exigem para elle um manifesto especial, que de facto vae annullar o contracto da avença, sujeitando o avençado a todos os inconvenientes que procurou evitar por aquella forma.

Resulta d'aqui que o revendedor prefere não comprar o vinho do Porto. Esta Companhia deixa de fazer negocio n'esse vinho, mas o Douro perde mais, porque não vende, e a crise, que é medonha, mais se aggrava. E por esta falsa interpretação dada a uma lei benefica para o Douro, essa mesma lei se torna prejudicial, e o governo responsavel por esse aggravamento, se não obrigar os agentes fiscaes a distinguir o que nitidamente é distincto na lei.

Obriga o fisco a manifestar, nos depositos dá venda, os vinhos do Porto, como se a isso fossem obrigados. Confunde o vinho do Porto com os vinhos generosos do paiz, que não sejam Porto, Madeira, Carcavellos e Moscatel de Setubal, e aos quaes é applicavel o disposto no artigo 43 do citado decreto e não aos d'estas procedencias, que estão isentos de tal manifesto.

Para todos os vinhos com excepção d'aquelles é obrigatorio o mauifesto, e só para elles, como é bem explicito no referido artigo, mas o fisco generalisa e faz incidir o preceito sobre aquillo mesmo, em que está vedada a sua applicação.

A combinação do artigo 4.º com o artigo 43.º mostra claramente que o manifesto para os vinhos do Porto não pode ser obrigatorio, e que nada auctorisa os agentes fiscaes a fazer uma exigencia que se torna prejudicialissima para a venda dos vinhos generosos do Douro em todo o paiz, o que seria impossivel em uma lei, feita de proposito para beneficiar esta região.

Por outro lado, a exigencia do manifesto, mesmo para os vinhos generosos do sul, só é obrigatoria ao norte do Valle do Vouga ou do porto de Aveiro, não obstante a denegação da avença se estar praticando ao sul d'aquelles limites, o que é tão illegal e irregular, para os vinhos do Porto como para quaesquer outros vinhos generosos do sul.

Vamos pois rogar a v. ex.a para que se digne expedir ordens terminantes sobre a verdadeira interpretação do decreto, facilitando assim a expansão dos vinhos da região, que temos a certeza merece a v. ex.a os mais desvellados cuidados.

Porto, 13 de março de 1909.

Pela Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, os directores, *Manuel Duarte Guimarães Pestana da Silva, e Luiz Ignacio Woodhouse.*

Um alvitre acertado

O Correspondente do *Primeiro de Janeiro*, em Alijó, no fim da sua secção de 12 do corrente, diz:

—«E' nossa opinião—que só agora apresentamos por conveniencia de facil explicação—de que essas esmolas pulverisadas por milhares de pessoas são de um effeito fugaz para combater a sua necessidade. Não somos apologistas da esmola directa, e d'esse capital que veio para o Douro, se se fizessem nucleos para futuros estabelecimentos de previdencia ou beneficencia não sómente crearia um permanente beneficio, como ajudaria á implantação, n'esta região, d'essas instituições de que tão pobre ella é.

Tão affectuoso movimento em favor do Douro deveria converter-se em fonte de perennes beneficios; assim, esmigalhado, é um capital desbaratado».

Sim, senhor. Para ahi tambem nós vamos, até vamos pedir donativos!... E tudo quanto não seja fazer isso é apenas um movimento inutilmente sympatico de senhoras caridosas; nunca de homens que vêem dois palmos adeante do nariz e que leram pelo menos o *abc* da sociologia.

Achamos que se deve insistir n'esse alvitre e canalisar para ahi esforços e donativos.

* * *

Para a commissão de viticultura do concelho d'Alijó, foram eleitos por unanimidade os respeitaveis cavalheiros snrs. Dr. Manuel de Castro Caiado Ferrão e Raul dos Santos Ribeiro de Sampaio, nossos assignantes.

Comicio agricola

Regoa, 4—Esteve concorridissimo, e por vezes excitado, o comicio agricola realisado hoje n'esta villa, em frente do paço municipal, a convite do Sindicato Agricola da Regoa.

Convidado para presidir o antigo deputado d'este districto e actual presidente da camara snr. dr. Julio de Carvalho Vasques, convidou s. ex.ª para secretarios o snr. Francisco Pereira Rebello, presidente da Associação Commercial de Lamego, e o proprietario snr. Antonio Francisco Junior.

O snr. presidente expoz á numerosa assistencia, alguns milhares de lavradores da região, que se comprimiam inquietos junto do coreto onde se installara a mesa da presidencia e dos oradores, o motivo da reunião, sendo, ao terminar, muito applaudido.

Falaram os snrs. Affonso de Mesquita Chaves, Aires Balsemão e dr. Antão Fernandes de Carvalho, que historiando as circunstancias da agricultura perante a crise, alvitaram a necessidade, de mais uma vez, representar aos poderes publicos sobre as varias medidas precisas á vida economica do povo agricola que chegou á ultima decadencia.

Foi votada a seguinte moção como corollarios dos varios alvitres apresentados:

—Secundar os trabalhos iniciados para procurar obter da Companhia Geral d'Agricultura das Vinhas do Alto Douro que ella modifique os preços com que pensara começar a compra, nomeando para isso uma commissão que fosse conferenciar com a direcção da Companhia e por-se d'accordo com ella nas justas reclamações a fazer ao governo sobre as difficuldades regulamentares que tornam difficil áquella Companhia a competencia com outras casas.

—Reclamar, á sombra da lei que organisou o credito agricola, que se proporcione ao Douro por uma especie de *warrantage* dos seus vinhos, resistencia economica legitima para que pela precipitação da offerta não resulte uma baixa desastrosa do preço.

—Reclamar modificação da lei que ordena a restituição do imposto do real d'agua, substituindo esta disposição pela entrada livre no Porto, sem pagamento d'esse imposto, aos vinhos provenientes da região duriense; e, visto que a acção indirecta da restituição do imposto do real d'agua se tem revelado impotente para fazer derivar do sul para norte as compras dos vinhos de pasto, reclamar do parlamento e dos poderes publicos que o problema seja visado directamente prohibindo a passagem de quaesquer vinhos para o norte áquem do rio Vouga.

A commissão que ficou com plenos poderes para em toda a parte e por todos os meios legitimos, tratar de obter que estas reclamações vinguem, é formada pelos snrs: dr. Julio Carvalho Vasques, dr. Antão Fernandes de Carvalho, Affonso de Mesquita Chaves, Antonio Francisco Ferreira, Francisco Pereira Rebello dr. Manuel Xavier Ribeiro Vaz de Carvalho, dr. Carlos de Figueiredo Pimentel e Antonio Pereira do Espirito Santo.

—Na mesa foi lido um telegramma de adesão do Sindicato agricola de Alijó.

—A força militar esteve de prevenção. O comicio dispersou na melhor ordem.

Commercio de vinhos

A Companhia velha

Diz o *Dissidente* nosso presado collega da Regoa:

«O snr. dr. Carlos Pimentel, digno administrador d'este concelho, tendo escripto á direcção da Companhia Geral d'Agricultura das Vinhas do Alto Douro, expondo-lhe nitidamente a triste situação dos lavradores e o mal que para estes resultava do facto de essa importante casa, reguladora de preços do mercado, abrir a compra de vinhos com preços baixos, recebeu do snr. Alberto Alvares Ribeiro, membro d'aquella direcção, uma carta em que se faz a affirmação de que a Companhia não tem repugnancia em alfandegar os seus armazens, para que os productores dos vinhos do Douro que ella comprar possam ter direito á restituição do imposto do real d'agua, mas, para isso, pretende ser autorisada a lotar e aguardentar esses vinhos, nos mesmos armazens, antes de entrarem nas barreiras do Porto, porque só assim poderá continuar a vender n'aquella cidade o seu typo tradicional de vinho de consumo.

Sabemos mais, que o snr. Alvares Ribeiro informou que a falta d'essa auctorisação é que tem obstado a que a Companhia fixe o preço e a quantidade do vinho de consumo a comprar, e suggeriu ao snr. administrador do concelho a conveniencia de instar, junto do governo, para que tal auctorisação seja concedida.

No intuito louvavel de ser prestavel aos lavradores, o snr. dr. Carlos Pimentel telegraphou immediatamente ao snr. governador civil, formulando o seguinte pedido:

Para interesse dos povos d'esta região, rogo a V. Ex.ª se digne interceder com urgencia junto do governo, para que á Companhia d'Agricultura das Vinhas do Alto Douro seja permittida a lotação e aguardentação de vinhos de consumo em armazens alfandegados, pois com isso lucrarão os lavradores, obtendo maior preço pela restituição do real d'agua, e a Companhia não ficará prejudicada no seu typo tradicional de vinhos. — *C. Pimentel*».

Trovas populares

Minha mãe, casae-me cêdo
Emquanto sou rapariga:
Que o milho sachado tarde
Não dá palha nem espiga.

A Illustração Trasmontana

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

DIRECTOR — *Joaquim Leitão*

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

ADMINISTRADORES
ANTONIO CORRÊA e ANTONIO TERRIO

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DOS CLERIGOS, 61-1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º—PORTO

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias (Pagamento annual)	2$500
» » » (semestral)	1$350
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

Pagamento adeantado.

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de abatimento

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

2.º ANNO—ABRIL, 1909

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA Illustração Trasmontana | ADMINISTRADÔRES Antonio Corrêa e Antonio Terrio

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º—PORTO

O TRASMONTANO

SUPPLEMENTO
AO N.º 16 DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

DIRECTOR—JOAQUIM LEITÃO

Composto e impresso na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna, R. da Fabrica, 80 Porto

Summario do n.º 16, (4 do II anno)

DA

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

PAG.

Procissão dos Ramos em Alijó—Cliché de Antonio Augusto Corrêa 53
A industria das sedas em Traz-os-Montes—Silva Esteves 54
Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana). *Continuação*—P.e Francisco Manuel Alves. 59
O Orphão—Poesia de Ernesto Vianna, cliché de Antonio Augusto Corrêa . . . 61
Inquerito da Provincia de Traz-os-Montes em 1796 pelo Juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro, *Continuação* 62
O Varre-Canêlhas—Novella trasmontana. *Continuação.* Joaquim Leitão, clichés de Antonio A. Corrêa . . . . 65 a 68

Antonio Maria de Moraes Pinto Sarmento

General de brigada de reserva

Acaba de deixar o commando das Guardas Municipaes do Porto, o illustre official do exercito Antonio Maria de Moraes Pinto Sarmento, destacante figura do album das glorias trasmontanas.

Em doze annos que governou o Quartel do Carmo, o general Sarmento nem um só dia nem uma só vez negou o seu bom sangue de trasmontano, na decisão com que dirigia, na bondade com que perdoava.

E' justamente n'essa sabia alliança do rigor e da indulgencia bem-entendida que reside o segredo da estima que, sem quebra d'um cabello, o antigo commandante da Municipal do

Antonio Maria de Moraes Pinto Sarmento

Porto encontrou até o ultimo dia, desde as praças aos officiaes.

Militar presado, o general Sarmento por pequenas faltas que directamente encontrasse poderia passar, perdoar; faltas que outrem lhe communicasse castigava-as inflexivelmente.

Assim assegurava a disciplina, a consideração dos seus officiaes que nunca tiveram um motivo de queixa ou de dissabor, garantindo de caminho a gratidão das praças que se foram habituando a venerar este homem que só dispunha do seu poder, da sua força e da sua auctoridade ou para ser justo e recto, sem rancor militarista, ou para ser injustamente... bom.

Máu, nunca!

E a bondade é a qualidade que fórma á direita de todas as outras!

A par d'esse ambiente de respeito e de affecto que o general Sarmento soube crear entre a sua classe e as forças do seu commando, acompanhou-o por toda a cidade, além da extrema consideração que á sua posição se devia, essa consideração de que só se gozam as pessoas ponderadas e de reconhecidas qualidades.

Sem rabugices nem caprichos, muito communs na profissão, melhor do que adjectivos define o seu caracter este facto authentico:

O Quartel do Carmo tem um manancial d'agua que lhe chega para dar e para vender; o Hospital do Carmo tem de menos o que o Quartel tem de mais.

Conforme o genio dos successivos commandantes da Guarda Municipal, assim o Quartel condescendia ou não em dar agua ao Hospital; estava um commandante máu, não se dava agua, succedia-lhe um commandante bom, abria-se a torneira do favor; depois d'este vinha outro ruim, nem gotta!

Quando o general Sarmento tomou o commando da Guarda Municipal estavam as coisas n'este pé; a agua cortada, e a tropa pouco disposta a ceder dos seus direitos.

O snr. Sarmento preguntou:

—Mas nós temos agua bastante?

—Lá ter, temos.

—Chega para todos os gastos do Quartel?

—E até sobra, mas é que é um máu precedente que mais tarde ou mais cêdo vem a justificar a posse...

—Pois se chega e se sobra, dê-se a agua ao Hospital do Carmo.

E o general Sarmento rematáva de este modo a narrativa d'esse incidente:

—«Assim acabei com esta testilha de visinhos; e os do Carmo ficaram

tão satisfeitos que me deram um *arreio completo de Carmelita*».

NOTAS BIOGRAPHICAS

Nasceu a 7 de março de 1845, em Valle Passos, filho de Antonio José de Moraes Pinto Sarmento e D. Luiza Maria de Moraes Sarmento. Assentou praça, como voluntario no regimento de cavallaria n.º 6, em 27 de agosto de 1866, sendo promovido: a alferes graduado para o mesmo regimento, por D. de 4 de janeiro de 1871 e a alferes por D. de 15 d'abril de 1874; a tenente para cavallaria n.º 1, Lanceiros de Victor Manoel, por D. de 18 d'outubro de 1876; a capitão para cavallaria n.º 9, por D. de 31 d'outubro de 1884; a major para o estado-maior de cavallaria, por D. de 9 de março de 1894; a 2.º commandante da escola pratica de cavallaria, pela O. do exercito n.º 6 de 10 de outubro. Exonerado pela O. do E. n.º 26 de 13 d'outubro; a tenente-coronel para cavallaria 8, por D. de 15 d'agosto de 1895; a coronel por D. de 7 de janeiro de 1902.

Foi nomeado 2.º commandante da Guarda Municipal do Porto por D. de 8 d'abril de 1897.

Collocado na situação de reserva por ter attingido o limite de idade, por D. de 11 de março de 1909.

Exerceu o cargo de director da Escola regimental, desde 2 de janeiro de 1880 a 2 d'abril de 1882 e de 31 d'outubro de 1886, a 4 d'agosto de 1893.

E' condecorado com a medalha Militar de prata de comportamento exemplar; e cavalleiro da Ordem Militar de S. B. d'Aviz; official da Real Ordem Militar de S. Bento de Aviz e commendador da mesma Ordem pela O. do exercito n.º 1 de 1903.

Trova popular

Aqui estou á tua porta,
Como o feixinho da lenha,
A' espera da resposta
Que dos teus olhos me venha.

Correspondencia de Alijó

Abril de 1909.

Aquelle viticultographo entendido e escutado que é o velho Batalha Reis dizia d'antes a quem o queria ouvir que Portugal era um paiz ideal porque, quando elle andava por Inglaterra a sybaritar e que deixava amontoar os massos dos jornaes que de Lisboa lhe mandavam para Londres, sem elle sequer lhes violar as cintas, ao regressar ao jardim da Europa, estava em dia com os acontecimentos como se tivesse saído, não ha dois mezes, mas ha dois dias.

—«Portugal é um paiz onde nunca acontece coisa nenhuma!»

E desde que descobrira isso, nunca mais deu ordem para lhe mandarem os jornaes portuguezes para o estrangeiro.

Occorre-me este exaggero humoristico do velho cronista, ao ter de lhes dizer para ahi que em Alijó *não aconteceu coisa nenhuma* este mez.

Sim, porque o que é um «acontecimento» para uma familia, para uma freguezia mesmo, como o meu nascimento, o meu baptisado, a minha morte, para o «jornal», ogre de novidades, não chega a ser coisissima nenhuma.

Mas para nós, o que lhes vou contar foram os factos mais notaveis do reinado d'este abril e como taes os passo a registar.

—Baptisou-se no dia 11 do corrente, na egreja parochial d'essa villa, um filhinho do nosso amigo e assignante snr. José Duarte Magalhães, proprietario do importante estabelecimento *A Loja Nova*.

A neophita recebeu o nome de Marilia Fernanda e os padrinhos foram seus tios a ex.ma snr.ª D. Laudemira Corrêa e Manoel Corrêa.

—Para ir a Montemór-o-Velho, passar a Paschoa com seus paes, auzentou-se alguns dias de Alijó, o ex.mo snr. dr. Evaristo Geral, medico do partido e sub-delegado de saude. Acompanhava-o sua esposa a ex.ma snr.ª D. Sara Magalhães.

—Esteve na Granja d'Alijó, a passar as ferias forenses da Paschoa e já regressou a essa cidade, o ex.mo snr. dr. Antonio Martins, illustre sobrinho do celebre Bispo de Vizeu e integerrimo juiz da Relação do Porto.

—Veiu passar alguns dias a Alijó acompanhado de sua ex.ma esposa snr.ª D. Maria Adelaide, o nosso conterraneo ex.mo snr. José Borges Teixeira de Barros, fundador e proprietario do *Regenerador*, semanario de Guimarães, onde sua ex.ª reside. O snr. José Borges foi cumprimentado pela Banda alijoense 1.º de janeiro.

—O nosso velho amigo snr. Manoel Alves Canellas e sua ex.ma esposa D. Angelina Lamas, estiveram em Moimenta da Beira pela Paschoa, de visita a seu sogro e pae, ex.mo snr. Clemente José Lamas, que ali é escrivão de direito.

—Por noticias da Regoa, sabe-se não ter passado bem de saude o nosso presado comprovinciano, amigo e assignante snr. Antonio Martins Junior, que ali é chefe dos impostos e entre toda a população regoense goza de uma geral e muito merecida consideração.

—De visita, a seu cunhado, o nosso muito particular amigo Monteiro, honradissimo e estimado pharmaceutico d'esta villa, esteve em Alijó o nosso assignante Antonio Augusto Regueiro que durante muito tempo foi commerciante em Mont'Alegre onde grangeou innumeras e dedicadas amisades.

—Estiveram entre nós, aonde se demoraram alguns dias, o ex.mo snr. Visconde de Alijó e sua ex.ma esposa.

Durante a estada de suas ex.as n'esta villa foram muito cumprimentados pelas pessoas mais gradas da terra.

Correspondente.

A Imprensa

E A

«Illustração Trasmontana»

Referindo-se aos nossos numeros 11 e 12, diz *O Villarealense* de 25 de março findo:

«Illustração Trasmontana»—Temos deante de nós os dois ultimos numeros publicados por esta benemerita Empreza, que, como sempre, vae empregando os melhores esforços para que a sua interessantissima revista não desmereça do prestigio e valor com que foi iniciada.

Os numeros que temos á vista não desmentem as palavras que ahi ficam.

Registramos os termos da referencia, e não os agradecemos para não macular a isempção que os redigiu.

* * *

Ao nosso querido e presado collega *O Commercio do Porto*, honra da imprensa portuense, a quem queremos o bem de irmão mais velho, temos a agradecer as seguintes palavras com que, no seu n.º de 14 de abril, acusou a recepção dos nossos n.os de janeiro, fevereiro e março d'este anno, o segundo da nossa publição:

«Illustração Trasmontana»—Temos presente tres numeros d'esta brilhante revista regional, unica no seu genero entre nós. São os numeros 13, 14 e 15, sendo este ultimo dedicado a Chaves, por motivo do primeiro centenario do cerco e tomada da povoação aos francezes pelo general Silveira e tropas do seu commando. E' variada a collaboração d'esta revista, tornando-a por esse motivo subidamente interessante. A notar: O inquerito da provincia de Traz-os-Montes em 1796, pelo juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro; o bello estudo sobre o dialecto trasmontano de Daniel Rodrigues; a curiosa e linda novella «O Varre-Canêlhas», de Joaquim Leitão, com illustrações de Christiano de Carvalho, etc.

A *Illustração Trasmontana* occupa, tanto artistica como litterariamente, um logar distincto».

* * *

O *Echo do Douro*, o jornal de Alijó, não se cança de nos colmar de gentilezas; ainda no seu n.º de 4 d'abril 1909, encimára a transcripção da poesia que do forte poeta Lopes-Vieira publicamos no nosso numero de março, com estas palavras: «Na primorosa revista, *Illustração Trasmontana* de que é director o distincto escriptor Joaquim Leitão, vem publicado esta magistral poesia, pendão de luz desfraldado perante a humanidade, que pedimos venia para transcrever».

E já no seu numero de 25 d'abril o *Echo do Douro* se nos refere n'estes captivantes termos que agradecemos.

«**A Illustração Trasmontana.** — Recebemos os n.os 13, 14 e 15 d'esta esplendida revista trasmontana, referentes aos primeiros 3 mezes do corrente anno.

Com a entrada no seu segundo anno, esta revista, para se tornar mais attrahente, substituiu o seu *Supplemento* por um jornal intitulado *O Trasmontano* que, a par da sua correcção material, insere artigos sobre assumptos palpitantes para a região trasmontana, varias noticias de interesse e um primoroso folhetim, original do chorado escriptor Trindade Coelho.

A *Illustração Trasmontana*, a quem o distincto escriptor, snr. Joaquim Leitão tem sabido imprimir um cunho distincto, collocando-a á altura das suas congeneres de todo o mundo, deve ter entrada em todas as casas trasmontanas, não só pelo mimo litterario que se fica possuindo, como tambem para favorecer o intuito altamente patriotico a que ella louvavelmente se destina.

Os n.os 13 e 14 deram-nos a honra da transcripção de alguns artigos publicados no nosso modesto semanario, facto que bastante nos envaidece e de que ficamos muito gratos.

O n.º 14 traz tambem um artigo intitulado *A ultima corrida de gallos em Alijó* original do nosso distincto collaborador, snr. Torquato de Magalhães.

A' *Illustração Trasmontana*, desejamos as maiores felicidades».

Glück dizia que o côro mais sublime, no seu caracter lugubre, que elle tinha ouvido, era o grito Pão! Pão! dado pela multidão em tempo de fome.

Novo assalto ás repartições de fazenda

Empregados ameaçados
Desapparecimento de dinheiro

Os diarios do passado março publicavam o seguinte telegramma que a falta de espaço com que luctamos no nosso n.º 15, todo consagrado a Chaves, nos obrigou a retirar já depois de composto:

Valpassos, 5, ás 4 e 22 da tarde.
A noite passada arrombaram a recebedoria e repartição de fazenda d'este concelho, queimando todos os conhecimentos em divida e a maior parte das matrizes. Os cofres da recebedoria ficaram intactos.—(C).

* * *

Dias depois, este:

Murça, 13, ás 3 e 30 da t.
Cêrca das 11 horas da manhã de hoje foram assaltadas as repartições de fazenda e a recebedoria do concelho. O pessoal, ameaçado, retirou-se immediatamente.
Foram queimados todos os documentos d'essas repartições, salvando-se apenas alguns valores sellados e dinheiro, guardados no cofre, que tentaram arrombar.
Calcula-se que o assalto foi motivado por se saber que vinha para aqui uma força de infanteria 13, como realmente veio, mas já depois da queima dos documentos.
Desappareceu importancia superior a 500$000 réis.

O melhor e mais imparcial commentario a fazer a estes telegrammas, da parte de quem como nós pretende manter-se neutral em acontecimentos tão complexos, é este apêllo telegraphico que os deputados pelo circulo de Villa Real receberam do presidente da camara municipal de Valpassos:

Valpassos, 8.
A camara da minha presidencia vem, perante V. Ex.ª, solicitar o seu valioso patrocinio a fim de remediar a sua situação angustiosa. Esta camara, que tinha contribuições a receber, que deve dois annos aos seus empregados e oito prestações do emprestimo ao Credito Predial, ficou, absolutamente, sem recursos, porque foram queimados todos os conhecimentos da contribuição directa, unica que esta camara recebia. Vem, pois, pedir a V. Ex.ª que solicite dos poderes do Estado um subsidio para poder occorrer ás despezas mais urgentes e inadiaveis, sem o que veremos paralysada a vida municipal d'este infeliz concelho. É egualmente indispensavel uma nova avaliação de predios para a confecção das matrizes, pois as que escaparam do incendio estão por tal fórma inexactas, que seria uma iniquidade ordenar que sejam postas em execução. Urgente é, tambem, abrir trabalhos publicos, sem o que insustentavel se torna a vida dos trabalhadores ruraes, victimas, hoje, da maior miseria.

O presidente da camara,
(a) *Luiz Pimentel.*

PENSAMENTO

Ha tres cousas que eu tenho amado e que nunca pude comprehender: a pintura, a musica e as mulheres. —*Fontenelle.*

N.º 3 **FOLHETIM** Abril, 1909

D'Os Meus Amores

Á Lareira

por Trindade Coelho

Sorriu-se a Thereza, que andava, como de costume, na jurisdição da casa; e a Anna, que fazia ao pé da janella uma camisa para o irmão, picou-se na agulha sem querer. A tia Maria Lorna, essa, accrescentou com muito carinho:

—Ha-de-se-lhe mandar dizer que já prometti uma novêna a Nossa Senhora, se melhorasse.

E a Thereza, a sorrir, mirando a irmã cabisbaixa:

—E eu outra...

* * *

Pouco depois do anoitecer, por conseguinte, quando já tinham tocado ás Trindades, e a tia Maria Lorna fôra em pessoa contar e recolher as gallinhas, seu desvelo muito particular, ouviu-se da rua a voz do filho do Lorna, do Antonio, dizendo para a irmã que estava ao lume, a ajudar a Thereza a acabar a ceia:

— O' Anna! Anna! Traz' cá baixo a lanterna.

—Lá vae! lá vae! — acudiu a mãe. —Anna, avia-te, leva a luz a teu irmão, e teu pae que venha p'ra cima. —Thereza, atiça bem esse lume, e chega as brazas cá p'ra fóra.

Mas o velho Lorna vinha já então a entrar a porta:

— Boas noites! — disse elle com a voz de bordão.—Inda não veio o José Bernardo?

— Ora deixa-te agora de José Bernardo, deixas? Elle virá. Agora tirame dos pés esses sapatos — Olha como veem esses sapatos! Toma lá os soccos, homem de Deus! — e chega-te alli p'r'ó pé do lume. —Thereza, estas batatas já estão cosidas, aviar! — disse ella beliscando uma batata na panella de ferro. — Aviar!

—E o caldo? — perguntou o José Lorna, que passaria sem tudo menos sem caldo.

— Bem esversadinho foi! — socegou-o a tia Maria.—P'las minhas mãos, e com a sua batatinha picada. Já a Thereza o está a lançar. Thereza, avia-te! Esse caldo p'ra teu pae!

E p'ra que não houvesse demoras, ella mesma foi á janella dizer aos debaixo que se aviassem tambem, a tempo que já a luz da lanterna, segura no ar pelo braço da Anna, alumiava na rua o grupo vivo, no meio das sombras que ondeavam: — as duas vaccas; o Antonio que as recolhia; e mais atraz, no meio das ovelhas silenciosas e dos cordeirinhos novos que as seguiam, aquelle batoque do José Redondo, ainda embrulhado na manta.

— Olha o que vens de frio! — ralhou de cima a tia Maria. — Depressa, Antonio, que vae o caldo p'r'á mesa. E' só recolher as vaccas, por-

Os Portuguezes no Brasil e Africa

Lembrarmo-nos dos irmãos que do outro lado do mar nunca deixam de se lembrar de nós, não é apenas justiça — é gratidão.

Os Portuguezes, que ainda hoje constituem a mais valiosa força viva dos Estados Unidos do Brasil, e que nas areias d'Africa amontoam a promessa de melhores futuros, multiplicando as reservas com que ambas hão-de valer á Patria, são os mais fortes, os mais dedicados e os mais patriotas.

E' uma lei social: «os povos mais fortes são os que emigram», e dentre estes os homens mais activos, mais trabalhadores, mais affectivos são os que n'uma manhã de esperanças saem do casal pé ante pé, para não se debaterem na falta de coragem p'ra despedida e sem forças para o ultimo beijo se exilam para o desterro dos trabalhadores.

A colonia portugueza no Brasil, como os actuaes colonisadores da Africa Portugueza são a exaltação do que melhor contém a raça de Viriato.

Quem mais aproveita a sua fortuna d'elles — fortuna, pão amassado com as migalhas d'um labor de meio seculo ás vezes —, é o proprio Brasil e a propria Africa que até hoje não viram florescer estado nem povoação em que não collaborasse a

Domingos Rufino

colonia e a raça portugueza; depois, a familia do emigrante, estrella para a qual elle tem voltados os olhos, razos d'agua, de dia e de noite.

E, generosos e prodigos de affectividade! o velho Portugal ainda recolhe enthusiasmos e condolencias, fraternidade e amor.

Jámais o pequenino reino lusitano sorriu ou chorou que nas plagas brasileiras e nos portos sul-africanos não se hasteasse tambem o pendão azul e branco arvorado no coração saudoso dos seus irmãos, os mais valentes portuguezes que estas oito provincias — que cabem no regaço d'um anjo — deitaram ao mundo e ao exilio.

Não sabemos de arco de triumpho para o qual os irmãos d'além-mar não tenham mandado um pedaço de marmore; não recordamos hora angustiosa da Patria que não fosse sinceramente lastimada pelos Portuguezes do Brasil e pelos Portuguezes d'Africa.

Ora de todas as provincias portuguezas a que mais emigra, a que mais tem povoado o Brasil e a nossa Africa, é, com o Minho, o filho de Traz-os-Montes, ou elle não fosse o mais forte d'este povo forte.

A *Illustração Trasmontana* cumpre, pois, um preito de gratidão e de justiça, uma simples e commovida retribuição de affectos, relembrando-se dos trasmontanos que a esta hora andam nos campos da emigração relembrando-se da querida provincia de Traz-os-Montes, evocando a magestade grandiosa das suas montanhas, as nobrezas dos seus despenhadeiros, a temeridade da sua agricultura, caminhando por alcantis, sem cuidar do que aos seus pés corre o barrocal, o suicidio, a morte.

Inauguramos esta secção que o mesmo é que abrir um album onde se collecionem physionomias queridas.

Não é para a escrever a tinta dos elogios: é para ser transcripta nas lagrimas d'uma saudade de irmãos.

---

que a mangedoura já está feita. — E para o José Redondo: — Olha tu lá, mandrião: as ovelhas ficam ahi?!

— O' minha mãe! — acudiu o Antonio já agastado, — mas o rapaz ha-de primeiro aguardar que entrem as vaccas! Vossemecê tambem, parece ás vezes que não vê as coisas!

— Deixa-os — avisou do lume o José Lorna. — Põe tu a mesa, e deixa-os lá.

Baixou a tia Maria a mesa de escâno, poz-lhe em cima a toalha de linho, muito lavada, ao mesmo tempo que a Anna, já de volta, tirava do secrinho e punha na mesa o pão centeio de sete arrateis. Abancou o José Lorna defronte da sua grande malga castelhana, e poz-se a partir as fatias. Tinha já na mão a sua tijela, a tia Maria; em frente do velho, sobre a mesa, fumegava a outra para o Antonio; estava em cima do murilho a do José Redondo, com o respectivo carôlo em cima; e junto do louceiro, muito desembaraçadas, as duas irmãs aviavam o resto: a Thereza debulhava as batatas, e a Anna repartia-as por tres grandes pratos em que previamente fizera o molho.

Entretanto, chegava o Antonio; logo atraz d'elle o José Redondo; e a ceia começava: o caldo desappareceu e a seguir ao caldo as batatas cosidas. Levantou-se o velho, e os outros tambem, e deram as graças:

> Caminhamos e andamos,
> Damos graças ao Senhor
> Em seu bemdito louvor:
> Assim como nos deu p'r' agora,
> Nos dê p'ra sempre a toda a hora
> Que o quizermos comer.

E benzeram-se todos:

— Em nome do Padre, do Filho, do Espirito Santo.

Os tres filhos, mais o paquete, pediram a benção aos velhos: — «Deus os abençôe, Deus os abençôe» — e o serão principiou, ao menos p'r'a tia Maria Lorna, que enfiou a roca e se poz a fiar.

Levantou a mesa a Anna; metteu a louça na caldeira que estava ao lume; e a Thereza, pegando-lhe p'la aza e levando-a, poz-se logo a lavar a louça, para fazer na agua a vianda para os leitões, que já na loja, por baixo da cosinha, grunhiam como desesperados.

— Lá vae! já lá vae! — gritava-lhes de cima a tia Maria.

— E' que os animaes teem fome! — insinuou o José Lorna. — Como não pastam no que é dos mais...

— Então passaste p'lo nabal? — quiz saber agora a snr.ª Maria.

— Lá passei p'lo nabal! Por onde atravessaram, parece mesmo que foi uma foice! Aquillo não eram dentes: era o diabo! Mas estou morto que venha o compadre; e se os porcos forem de quem eu penso, bem m'as paga o José da Loja.

— Pois caros lhe ficam os porcos, ao homem! — exclamou a snr.ª Maria. — Só o compadre Antonio Fagote já lh'os encoimou umas poucas de vezes.

(Continúa).

* * *

Com o nome respeitado e querido dos ex.mos snrs. Domingos Rufino, e João Pinto da Silva, inauguramos a galeria de *Os Portuguezes no Brasil e Africa*.

A coincidencia de ter sua ex.ª, o snr. Rufino, chegado a Lisboa, — a 18 de março — no *Lanfranc*, ao mesmo tempo que chegavam á typographia as linhas precedentes, aliadas á merecida consideração d'este bom portuguez, determinou a preferencia.

Veem ambos do Brasil e foram ambos para Traz-os-Montes, onde os espera, ao primeiro o lar paterno, alvoroçado de festas, ao segundo a hospitalidade gentilissima do seu dedicado amigo Antonio Augusto Corrêa.

Domingos Rufino, hoje chefe da respeitavel casa que, no Pará, corre sob a firma A. Mourão & C.ª, é um cavalheiro estimadissimo e um dos homens mais illustres que hoje representam o concelho de Alijó na cidade de Belem.

Tendo attingido a supremacia da sua honrada carreira commercial, nunca se recusa a incommodos para que o convoquem em nome da solidariedade patriotica, como jámais se deixou ficar para traz, esquecido ou retardatario quando se trata de cooperar com a bolsa.

Portuguez, grande amigo de portuguezes, o ex.mo snr. Domingos Rufino é um dos mais desinteressados e dedicados consules que Portugal tem no Brasil, d'esse corpo consular que, sem nomeação nem carta regia nem ordenados, vae defendendo os interesses de Portugal tanto ou mais do que os que só essa obrigação teem a desempenhar. Por isso, nunca um compatriota passou pelo Pará que não trouxesse escripto no coração o nome do snr. Domingos Rufino.

E, por isso tambem, a *Illustração Trasmontana* lhe escreve o nome honrado e prestimoso, n'esta pagina de honra, abraçando-o effusivamente pela sua visita a Portugal.

* * *

João Pinto da Silva: outro nome, querido e respeitado entre a colonia portugueza do Pará, outro cavalheiro a quem a *Illustração Trasmontana* cumprimenta, á chegada á Patria, onde o trouxe a carreira do mez passado.

João Pinto da Silva

Socio d'uma das mais acreditadas casas paraenses, o ex.mo snr. João Pinto da Silva, por muito que demore em Portugal, não estancará as saudades nos corações amigos que cá tem.

E nós, por muito espaço e muita palavra que lhe dedicassemos nunca acabariamos de dizer-lhe a muita consideração em que temos o seu nome, o seu caracter e as suas raras qualidades de trabalho e de probidade.

REGISTO ELEGANTE

Acompanhado de sua ex.ma esposa, D. Anna Botelho Mansilha e de suas gentilissimas filhas e de seu sobrinho, esteve alguns dias no Porto o nosso conterraneo, amigo e presado collaborador ex.mo snr. Maximino Mansilha, que seguiu para Lisboa a tomar a carreira da Africa Occidental de 7 de maio.

O snr. Maximino Mansilha regressa ao seu logar de chefe do concelho de Porto Alexandre, onde é estimadissimo e respeitadissimo.

Lamentamos a ausencia do amigo, mas como portuguezes estimamos vêr de novo no seu posto tão intelligente funccionario que tão bons serviços tem prestado a Portugal no Ultramar, graças ás suas qualidades intellectuaes e ás suas faculdades de trabalhador.

—Tivemos o prazer de abraçar o nosso respeitavel amigo ex.mo snr. Luiz Antonio Botelho, escrivão de direito na comarca d'Alijó, que veio ao Porto ao bota-fóra de sua filha, e genro Maximino Mansilha, e beijar mais uma vez os netinhos que são os encantos do seu grande coração, coração tão grande como o seu immaculado caracter.

—Com seu extremoso irmão e sobrinhos, passou no Porto o nosso estimado assignante ex.mo snr. José Teixeira Sarmento, de S. Lourenço de Riba Pinhão, concelho de Sabrosa. Suas ex.as vinham de fazer uma larga excursão no seu explendido automovel, regressando d'aqui á sua formosa vivenda de S. Lourenço.

Bibliographia

A FAMILIA MALDONADO

Romance

POR

Vieira da Costa

O editor
Gomes de Carvalho

Por 1900, vae em dez annos pois, a *Voz Publica* descobria um original portuguez para os seus folhetins.

Intitulava-se o romance *Entre Montanhas*, com este parenthesis em subtitulo — *Scenas da vida do Douro*, — e assignava-o um nome que eu lia pela primeira vez: Vieira da Costa.

O scenario era traçado com mãos familiares á região, e só n'isso já o novo romancista promettia haver-se honestamente na sua obra.

Effectivamente, o folhetim terminou, voltando a correr os fados da traducção dos folhetineiros francezes, mas o echo do nome de Vieira da Costa não esmoreceu com o ultimo rodapé em que veio impresso na gazeta portuense.

O enrêdo esquecêra, os typos mesmo baralhavam-se-me na memoria, não porque viessem pegados teratologicamente pelos ventres, mas porque nem enrêdo, nem typos, nem até vocabulario era o que inculcava o escriptor.

Tudo isso ficava esmagado debaixo da poderosa descriptiva das fragas do Douro, que a penna de Vieira da Costa trouxera para a litteratura tão monotonisada pelo feto singelo e tarréca do Minho e pelo seu bucolismo de gradil de casa burgueza.

Nunca mais tornei a ler linha assignada por Vieira da Costa: mas esse nome ficou gravado, como o nome de alguem.

Uma pessoalidade, a tender para insubordinações das meladas fórmulas do estylo cosmopòlita, prazendo-se antes em desgrenhar os periodos e as palavras pelas calcinações da païsagem duriense.

Quando encontrei sobre a mesa da redacção da *Illustração Trasmontana*, o romance *A Familia Maldonado* e li o nome do autôr—Vieira da Costa,—preguntei a um camarada que tem um caracter leal como uma espada e um santo coração de irmão:

—O' Corregedor da Fonseca! Aquelle Vieira da Costa que escreveu agora a *Familia Maldonado* é o mesmo que escreveu ha um par d'annos o *Entre Montanhas*, pois é?

—Exactamente.

Não foi preciso mais nada para que eu,—que me afiz a admirar o Douro até dar em o aprender,—me abraçasse ao volume e o trouxesse para casa.

A consideração pelo escriptor que é Vieira da Costa luctou com a avareza do tempo para ler, conscienciosamente, as 437 paginas, em desfaiado corpo 10, da *Familia Maldonado*.

O fio da penna de Vieira da Costa apurado no rebôlo d'uma gymnastica litteraria de dez annos, já não me surpresou.

O seu artigo *Traz-os-Montes* com que a *Illustração Trasmontana* preencheu as suas primeiras paginas, remoçava de poderoso vigor sobre os viris trechos do *Entre-Montanhas*.

E a surpreza de quando o li em folhetim, era rendida agora por um libar da forte architectura da descripção do scenario trasmontano que construia uma competencia de olhos que teem passado a vida a olhar por *Tralos-Montes*.

Não tem, porém, só o segredo da descriptiva natal este escriptor; dispõe tambem d'um poder de dialoguista que lhe assegura os triumphos que elle quizer de romancista.

Ora, como Vieira da Costa não é um bonaboia de amador que mostra a sua prenda de escrevinhador e todo se atriga se a gente lhe quer ensinar a dar um geito mais feliz ás reincidencias litterarias, como Vieira da Costa é uma figura, um escriptor, com talento e com qualidades admiraveis, é dever de leal camaradagem e mostra sincerissima de consideração dizer-lhe aqui abertamente, francamente as qualidades e os defeitos da *Familia Maldonado*.

Vamos primeiro aos defeitos, em voz alta, publico e razo, que o seu valor não tem de temer-se de que se lhe faça inquerito á obra.

Primeiro defeito: quatrocentas e trinta e sete paginas para mover apenas o vicio de uma Carolina Maldonado que se mecheia pela vida fóra com quantos *beaux-males* em disponibilidade a parvoice do marido lhe proporciona, acho espaço e talento de mais, derramado com um assumpto que cabia perfeitamente n'um livro que qualquer amanuense da policia de hygiene escreveria.

Quatrocentas e trinta e sete paginas e um vigor de romancista como o de Vieira da Costa gastam-se com a descendencia prolifera do Matheus e da Marianna, da *Fecundidade*, com as multidões sacrificadas do *Germinal*, com o sonho entrelaçado na colonia de Fourrier do *Trabalho*.

O Douro, hoje mais que nunca angustiado e entresachado de incognitas sociaes, está a requerer uma penna como a de Vieira da Costa que deve conhecer os homens e os assumptos da economia politica duriense tão bem como conhece o scenario grandioso que os determina.

Segundo defeito—O romancista e o romance perdem um bom cento de paginas a definir o estado d'alma de Filippe exacerbando, chocando a sua paixão de namorado d'Alice, aggravando-a e engolfando-se n'ella tanto mais quanto mais lhe fugia e della se distanciava, é um trabalho inglorio. Ao esgadanhar psychico d'uma unha de romancista na ferida d'uma personagem, são mil vezes preferiveis, por mais dramatica, mais litteraria e mais fiel traducção da vida humana, as consequencias da acção e a mó do dialogo. O Vieira da Costa tem mesmo um temperamento mais feito para as grandes marchas da acção e a largueza varredoura do dialogo, do que para essas ninharias da psychologia que todo o estudante de preparatorios e todo o segundo caixeiro conhece desde os dezesete annos: isolar um amoroso é deital-o aos pés da paixão fatal de que quer apartar-se. Vieira da Costa sente justamente que lhe é mais difficil o talhar esse terreno, e, por orgulho de escriptor, attribue ao avêsso da sua *maneira* a predilecção e elevação do genero.

O orgulho quer triumphar, e lá fica elle a sacrificar-se e a sacrificar a obra demorando-se n'isso.

Terceiro defeito—A busca de permutações que, por usadas de mestres como Eça, não deixam de ser excommungadas pela infallibilidade papal do snr. Candido de Figueirêdo: «Carros chegavam da Regoa».

Não que eu tirite ao tocar prosa de herejes, mas porque um homem que vive n'uma das mais typicas provincias de Portugal, que tão bem conhece a flora e o humus trasmontano, deve de imprimir á sua prosa um travo selvatico e pessoal que troveje como o schisto ao calor de julho e ascenda á bravega inconfundivel e grandiosa das penhas durienses.

Esses tres defeitos fundem-se n'um só: a vassalagem a livros e a escriptores consagrados.

Lembra-me este dicto d'um homem de espirito e de um grande bom senso—Sá d'Albergaria:

—Eu sou um admirador apaixonado de Camillo, dava uma perna ao diabo para escrever como elle, *mas antes d'elle ter escripto*, agora escrever como elle para me parecer, isso nunca!

Isto não quer dizer que Vieira da Costa *imite* ou *plagie*: de modo algum. Exprime tão sómente que embaraça Vieira da Costa *ainda* a falta de confiança na pessoalidade do seu talento e a condescente admiração do que os outros estabeleceram.

Ora para Vieira da Costa deixar uma obra inconfundivel basta manejar com premeditada orientação e intuitos sociologicos as suas qualidades—que são primacialmente duas a saber:—A maestria de descriptor do Douro que elle conhece a pontos de nos servir topographia, verdadeiras plantas para estrategia dos nossos olhos tomarem os encantos da païsagem. Não sei de escriptor que tão conscientemente descreva esse scenario que parece ser toscamente esculpido na dureza geologica pela navalha hespanhola d'algum Torquemada, tragico e negador.

A outra é o seu poder de dialoguista. Basta ler-se a embaixada do capitão Moreira Valente a casa do sorna André Sabrosa, homumculo esperto, com a maldade rural a luzir nos olhos garços.

Todo esse dialogo admiravel é simplesmente magistral.

Só por elle vale a pêna ler *A Familia Maldonado*.

A sornice campónia, com todas as suas habilidades de rábula acolhidas a um traiçoeiro aspecto de simplicidade desarmada de instrucção, mascarada com a humildade apparente do homem tôsco, mal entrajado, insignificante, é tocada d'um vigor de mestre. Se algum dia encontrar nas minhas digressões o velhaco do André Sabrosa reconhêço-o: de tal mo-

do o romancista o desenhou, flagrante de vida, em tamanho natural.

Quem desenha assim typos em quatro phrases d'um dialogo não precisa de desbaratar cem paginas com os estados d'alma d'um amorudo nem de alastrar por quatrocentas e trinta e sete adeante a historia d'uma Carolina Maldonado que os seus amores desordenados acabam por encalvecer e por pôr a xaropes de formula secreta.

Quero vêr o Vieira da Costa a luctar com os homens que se debatem na paisagem que elle tão pormenorisadamente conhece e a transcrevernos a vida regional, no que ella tem de typico e de pessoal, abandonando assim a batida tessitura do adulterio e as emoliencias do amor que não são bem a caracteristica da forte vida d'Alem-Tamega.

Vieira da Costa tem tudo de quanto carece para fazer uma obra portugueza, profundamente portugueza. E se eu não estivesse convencido de que o Vieira da Costa é alguem e de que as suas qualidades esmagam, arrazam os seus defeitos, não lh'os punha aqui em edital. O seu nome nada perde com a minha sinceridade que é consideração, que é admiração, que é estima intellectual e que não é perfidia do official do mesmo officio.

O litterato e a litteratura só lucram em ser tratados a sério e rebatidos em vez de incensados com a incondicional adjectivação sempre dada ao amador e ao furioso.

Vieira da Costa é na geração uma figura e a sua obra já hoje uma affirmação da sua grande força moral e intellectual...

Tudo tem, até um editor. Que Gomes de Carvalho é dentro da nossa livraria um dos homens com quem mais pode contar, para ir de braço dado para as contingencias e os sacrificios do triumpho, o escriptor.

Sempre o conheci disposto a romper a casca do anonymato aos pintainhos da litteratura; e se ha solidariedades n'este mundo, ellas existem no proprietario da *Livraria Central*. N'aquella portinha da Rua da Prata ha mais dedicações que em toda a Avenida da Liberdade, e se a um editor fosse dado escrever este poderia escrever a palavra gratidão, e bastava.

Arrojado, Gomes de Carvalho tem a paixão do *métier* até o vicio, e com quem a gente se deve querer n'este mundo é com aquelles que á sua profissão estão presos por mais alguma coisa do que pelos tristes dinheiros.

Teem obrigação, Vieira da Costa e Gomes de Carvalho, de enriquecer e glorificar, n'uma obra em que as suas qualidades se alliem, o derrancado catalogo da livraria portugueza.

Mas olhem, que teem: o autôr de dar um pontapé nos batidos assumptos da crápula ou do sentimentalismo amoroso, e de tudo quanto seja a gargalheira d'um mestre; o editor de abandonar os preços do livro portuguez — dez tostões, seis tostões — inacessiveis á multidão sedenta!

Necrologia

Em fins do passado março e na sua casa de S. Mamede de Riba-Tua, falleceu a esposa do ex.^mo^ snr. Carlos Richter, a ex.^ma^ snr.^a^ D. Anna de Almeida Richter.

Ao enterro da bondosa senhora concorreu quasi todo o elemento official de Alijó assim como muitas outras pessoas de distincção, tanto da villa como de outros pontos do concelho.

Foi, além d'uma homenagem muito sentida ás virtudes da veneranda senhora, uma manifestação de consideração, de sympathia e dos affectos que o snr. Richter conta entre os povos d'aquelle concelho.

De facto, embora as suas opiniões politicas o extremem de muita gente, as qualidades de intelligencia e de caracter do snr. Carlos Richter, tornando-o querido e estimado, approximando-o e ligando-o a quantos o conhecem.

Ainda não ha muitas semanas que o ouvimos discursar no salão do *Gremio Trasmontano* do Porto.

Debatia-se a crise no Douro, e entre as vozes mais convictas e mais competentes que lá se ergueram, alteou-se a de Carlos Richter que fallou com a convicção d'um conhecedor experimentado da materia e o ardor d'um apostolo.

Ouvir aquelle homem, discursar angustiado pela colera santa dos que mais amam o Douro e não podem conformar-se com a sua ruina, vêl-o pallido, jorrando torrente de eloquencia d'uma larynge que já era pequena para o grande coração e a voz, apesar de estridente, mais fraca ainda do que o seu fervor apostolisante, era respeital-o, consideral-o e estar com elle, em muita verdade que lhe golphou da bocca justiceira.

Conhecida uma vez a sua qualidade predominante — o seu bello coração e a sinceridade do seu caracter — avalia-se bem o quanto póde soffrer este homem ferido nos seus affectos, como agora o foi perdendo a suave companhia que lhe florescia a vida e lhe compensava muita hora de lucta.

Não sabemos como se escreve a palavra consolação.

A consolação é uma comedia ou uma palavra vã.

Nunca a escrevemos, para a ir endereçar agora a um homem que adoptou como divisa — a sinceridade.

A este homem de coração apenas podemos dizer-lhe que está com elle, n'esta má hora, o nosso coração.

— Falleceu no dia 30 de março de uma pneumonia a snr.^a^ D. Maria Amelia, virtuosa esposa do conceituado negociante snr. João Baptista Pereira.

Mãe amantissima e esposa dedicada, a falta é irreparavel.

Deixa cinco filhos, um de tres mezes, sendo a consternação geral.

A Crise do Douro

A epidemia de Sediellos. — Actos nobilissimos de phylantropia. — A carta-aberta das senhoras da Regoa — Commovedores exemplos de solidariedade humana.

O nosso numero de março foi um dos nossos maiores numeros: 28 paginas, em vez das costumadas 24, e em typo mais meudo que o usual.

Era todo consagrado a um grande assumpto, — a commemoração da gloria epica de Chaves na guerra da Peninsula, não tinha remedio senão ser um numero grande.

Não obstante, a falta de espaço nunca nos apoquentou tanto como n'esse numero.

E foi essa lucta do pouco espaço e da abundancia de assumpto que esmagou e sacrificou, entre outros, o registo da bella attitude que a Regoa com tão commovente simplicidade assumiu em frente d'este tragico aggravamento da crise duriense, que foi a epidemia de Sediellos.

Mas não nos permitte o coração nem o caracter calarmo-nos em face d'esse empolgante movimento de solidariedade humana.

E embora tardiamente devemos e queremos dar um resumo dos bellos gestos que o coração regoense, coração portuguez, praticou agora:

— No ultimo domingo de fevereiro reuniu nos paços do municipio da Regoa, a convite da commissão de beneficencia d'aquella villa, um distincto grupo de senhoras para constituir a commissão auxiliar de soccorros e para dirigir a sopa economica que desde logo se projectou distribuir a operarios sem trabalho, durante o periodo agudo da crise.

Compareceram as snr.^as^: D. Maria Pia Silva Pereira Rolla, D. Clotilde de Moraes

Bernardes Pereira, D. Margarida Baptista, D. Isaura Veiga Carcarejo, D. Maria da Conceição G. Bernardes Pereira, D. Amalia Adelaide Soares Carvalho, D. Thereza Gomes Guedes, D. Maria Bibiana da Silva Cunha, D. Adelaide Talia S. Santos, D. Noemia Vasques d'Almeida Coutinho, D. Anna Teixeira, D. Maria Augusta Pires, D. Alice Claudina de Moraes, D. Josefina Laura Soares Santos, D. Margarida Clotilde de Moraes Bernardes Pereira, D. Anna do Poço do Espirito Santo, D. Anna A. da Silva Carvalhaes, D. Branca Vasques Osorio, D. Maria do Carmo Saraiva, D. Maria Isabel Carvalhaes, D. Thereza Pereira Soares, D. Maria do Carmo Vaz Osorio, D. Amelia Xavier Pontes, D. Anna Xavier Vaz Osorio, e D. Maria Liberata Carvalhaes.

Ao constituir-se a sessão preparatoria, o snr. dr. Antão de Carvalho, n'um commovido improviso, cheio de sentimento e em frase larga de generosas ideias e de fórma brilhantissima, agradeceu a distincção do acolhimento dispensado ao convite feito ás senhoras presentes. Explanou o sacrificio que se lhe exigia e, ponderando a ideia que a camara tinha de asilar provisoriamente n'aquella villa os orfãos de pae e mãe, que existem desamparados em Sediellos, ousava contar que esta commissão lhes daria o seu auxilio beneficente e valioso, cuidando da direcção e ensino d'estes tristes engeitados da ventura a quem tudo falta, desde o pão até ao carinho. Após esta commovente allocução que foi muito applaudida, as senhoras procederam em seguida á constituição da nova commissão, elegendo, por unanimidade, presidente a snr.ª D. Clotilde de Moraes Bernardes Pereira, vice-presidentes as snr.ªs D. Anna do Paço Espirito Santo e D. Anna Teixeira; secretarias as snr.ªs D. Margarida C. de Moraes Bernardes Pereira, D. Alice Claudina de Moraes, D. Adelaide Talia Soares Santos e D. Noemia Vasques d'Almeida Coutinho; thesoureira a snr.ª D. Maria Pia da Silva Pereira Rolla.

Para os trabalhos d'administração da sopa aos operarios organisaram cinco grupos, de cinco senhoras cada um, constituidos pela ordem porque acima ralacionamos aquellas damas.

E digno de registrar aqui que a snr.ª D. Maria Bibiana da Silva Cunha, digna esposa do nosso amigo e considerado industrial d'aquella villa, snr. Manuel da Silva Cavallaria, se offereceu para tomar conta de dois d'aquelles orfãos e que egual offerecimento fez para um outro pequenino d'esses, o snr. Joaquim Cardoso Teixeira, rico proprietario de Barrô, residente na explendida quinta de Barqueiros.

D'esse generoso e expontaneo movimento nasceu a *Carta-aberta* que as senhoras da Regoa dirigiram ás senhoras portuguezas, rogando-lhe o padroado do seu amor piedoso para as 98 creancinhas que a epidemia de Sediellos orphanou.

Essa carta, que nós publicamos no nosso numero anterior, teve o écho que merecia tão sentido appêllo; e a subscripção que o grande coração de Sua Magestade a Rainha D. Amelia tão bem iniciára foi secundada por inumeras generosidades, desde a breve inicial anonyma que esconde christãmente a mão que faz o bem, até o movimento collectivo da sociedade elegante que, em festas, como o sarau de 18 de março no Theatro Constantino Nery, Mattosinhos, mais uma vez fez suas as dôres dos pobres.

Não podémos no numero passado chamar a attenção das nossas leitoras para a *Carta das Senhoras da Regoa*; e já agora não o faremos porque melhor do que os nossos tôscos commentarios da nossa pobre prosa, a enaltece no presente numero e a canta em versos inspirados no *Orphão* (de Sediellos) o nosso presado collaborador e respeitavel amigo ex.mo snr. Ernesto Vianna.

E' uma linda e muito justa homenagem a essa cruzada de amor que honra as Senhoras da Regoa e que as colloca, a ellas, ao par dos grandes e exemplares typos da Mulher Portugueza: D. Filippa de Vilhena e Rainha Santa Izabel.

Aos pés das Senhoras da Regoa, depõe a *Illustração Transmontana* o seu muito respeito, por este bello exemplo de fé na bondade humana que ao desanimo do homem portuguez a Mulher Portugueza acaba de dar, encarnada na linda alma das Senhoras regoenses.

NOTICIARIO

Arthur Botelho — A illustrar, a chromographia do ex.mo snr. Luiz Torquato de Magalhães — *A ultima corrida de gallos em Alijó* — publicámos no numero 14 da *Illustração Trasmontana*, além do croquis de Christiano de Carvalho, duas soberbas photocopias — uma photographia da velha escola de Alijó, outra a da actual escola de Alijó.

Na rubrica do primeiro saíu errado o nome do autôr do cliché, o nosso bom amigo e tambem enthusiasta amigo da *Illustração Trasmontana*, ex.mo snr. Arthur Botelho.

Na segunda, da *Escola Nova*, lê-se como autôr do cliché o nome querido de Antonio Augusto Corrêa.

Foi um involuntario engano que vimos expontaneamente resalvar, frisando que ambos os clichés são do snr. Arthur Botelho que, como seu irmão e tambem nosso estimado amigo Anthero Botelho, dia a dia se vae aftirmando um correcto amador photographico cujos clichés já por mais d'uma vez teem honrado a *Illustração Trasmontana*.

Aproveitamos o ensejo para agradecer aos irmãos Botelhos, dignos continuadores do caracter e primorosas qualidades de seu pae, o ex.mo snr. Luiz Antonio Botelho, todas as provas de solidariedade e dedicação que a *Illustração Trasmontana* tão desinteressadamente lhes vem ha muito merecendo.

O Dissidente. — A este nosso camarada um dos mais distinctos orgãos da imprensa da Regoa felicitamos — embora com a tardança a que a falta de espaço nos obrigou — muito cordealmente pelo seu 2.º anniversario desejando-lhe longa e prospera vida.

E aproveitamos o ensejo para lhe agradecer as amabilidades com que tem recebido os numeros da *Illustração Trasmontana*, e bem assim para lhe patentear aqui os protestos da nossa franca e leal camaradagem.

Afilamento — Foi designada a letra **E** para o afilamento de pesos e medidas desde abril de 1909 a março de 1910.

Tramway da Regoa a Lamego. — Foi determinado ulteriormente á commissão de verificação da resistencia de pontes que proceda, no mais curto praso, ás provas da Ponte da Regoa, na estrada de Vizeu a Villa Real, afim de se saber se póde ser aproveitada para o estabelecimento da linha de tramway electrica entre a Regoa e Lamego.

Nomeação do Director do Hospital de Villa Real. — Foi nomeado interinamente para exercer as melindrosas funcções de director clinico do hospital da Misericordia de Villa Real, o ex.mo snr. dr. José Leite dos Santos, abalisado facultativo que conta ali um bello nome como clinico e como homem.

ANNUNCIOS

LOJA NOVA
DE
JOSÉ DUARTE MAGALHÃES
ALIJÓ

Escrupuloso sortido de mercearia e confeitaria, dos melhores fornecedores do Porto e Lisboa; generos de primeira qualidade. Fazendas brancas e casimiras, chapeus e calçados recebidos directamente de acreditadas fabricas do Porto e Braga. Candieiros, petroleo, artigos de molduras, de dourador e armador. Papel e artigos d'escriptorio. Encarrega-se de trabalhos de impressão.

CAFÉ
E
GRANDE HOTEL "TOCAIO,,
VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario — *Adriano Rocha*.

2.º ANNO—MAIO, 1909

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
Illustração Trasmontana

ADMINISTRADORES
Antonio Corrêa e Antonio Terrio

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º—PORTO

O TRASMONTANO

SUPPLEMENTO
AO N.º 17 DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

DIRECTOR JOAQUIM LEITÃO

Composto e impresso na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna, R. da Fabrica, 80—Porto

Summario do n.º 17, (5 do II anno)
DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

PAG.
Por onde andará o meu neto? . . . 69
Um Trecho da Fauna Pecuária Trasmontana 70
Inquerito da Provincia de Traz-os-Montes em 1796 pelo Juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro. *Continuação* 74
Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana). *Continuação*—P.e Francisco Manuel Alves 76
Rocha Peixoto, por M. Vieira Natividade . 78
Paysagem, *A caminho da aldeia*—Poesia de Candida Ayres de Magalhães . . . 80
O Varre-Canêlhas—Novella trasmontana. *Continuação.* Joaquim Leitão, clichés de Antonio A. Corrêa . . . . 81 a 84

O actual commandante da Guarda Municipal do Porto

Aquelle formoso coração que o Porto não sei se chegaria bem a penetrar, por entre a touça de barbas grisalhas e a sombra do seu chapeirão de *bandolèro* que ficou na chapellaria portuense baptisado com o titulo de «Chapéo á Anselmo», como lhe perguntassemos um dia se elle—que se chamava Anselmo de Moraes Sarmento—, era parente já não recordamos agora de que certo Sarmento, elle respondeu com graça:

—«Parta d'este principio: todos os Moraes e todos os Sarmentos de Portugal são mais ou menos parentes!»

Coronel Francisco Ferreira Sarmento

E', pois, muito logico que o successor do snr. General Antonio Maria de Moraes Pinto Sarmento, no commando da Guarda Municipal do Porto—Coronel Francisco Ferreira Sarmento seja seu primo.

E é.

A Guarda Municipal tem, pois, a fortuna de ser commandada successivamente agora por uma dymnastia de Sarmentos, que continuam não só o mesmo sangue e o mesmo nome mas a mesma exemplar fôlha de serviços e a mesma distincção militar.

O Coronel Francisco Ferreira Sarmento, actual commandante da Municipal do Porto, um brilhante official de cavallaria, tem já ligado á Guarda uma das paginas mais sensacionaes da sua carreira: o obstar á adhesão do Corpo, a cuja officialidade elle pertencia n'essa era como capitão, ao 31 de janeiro.

Cargo de confiança, como são os dos commandos das Guardas Municipaes, para a do Porto não podia encontrar-se official mais leal, mais fiel e mais digno.

NOTAS BIOGRAPHICAS

Assentou praça no regimento de cavallaria 8, em 8 d'agosto de 1868, sendo promovido a alferes graduado por D. de 21 de janeiro de 1873; alferes, por D. de 27 d'outubro de 1875; tenente, por D. de 8 d'agosto de 1877; capitão, por D. de 17 de dezembro de 1884; major, por D. de 18 d'outubro de 1894; tenente-coronel, por D. de 20 de janeiro de 1898; coronel, por D. de 3 de novembro de 1903.—Foi governador do Forte da Graça—e é 2.º commandante da Guarda Municipal do Porto, por det. do M. do Reino de 23 de março de 1909.

Tem a medalha militar de prata da classe de comportamento exemplar, e é: cavalleiro da ordem militar de S. Bento d'Aviz; da ordem da Torre-Espada de valor, lealdade e merito: official da real ordem militar de S. Bento d'Aviz e commendador da mesma ordem.

Emparedados!

«A escola para os dois sexos da freguezia de Favaios, cujas obras começaram em 1903, está ainda por concluir, tendo os trabalhos cessado, ha tres annos.

D'aqui resulta que as portas estão a apodrecer; o pavimento já tem buracos profundos; os rebocos vão caíndo aos fragmentos. Emfim, dentro em breve os edificios serão apenas ruinarias. E sabem quanto o governo já gastou? 3 contos de réis.

Acontece o mesmo com a escola de Celleirós no concelho de Sabrosa e igual phenomeno se repete na escola de Sanfins do Douro, no concelho de Alijó. O recinto d'esta ultima escola, visto as obras não continuarem, serve hoje de sentina á maior parte da população.

E' assim que se tratam as coisas de instrucção no nosso paiz. Uma desgraça e uma miseria».

Deparou-se-nos esse brado quando nos dispunhamos a tratar n'este logar d'um assumpto de economia politica.

Mas, como em face da doença, d'um risco de vida, todas os demais interesses da vida humana são subalternos, em frente de tão grave assumpto e perigos como os que essa breve local enuncia tudo o mais é secundario e mesquinho.

Tratemos, pois, de accudir ao mais grave, ao mais capital.

A Instrucção é a determinante da riqueza nacional.

O Japão não venceu a Russia com os seus torpêdos; não foram os seus almirantes quem a arrazou, foram os mestre-escolas.

Por isso mesmo, é que alguem contou já que estando n'uma das praças principaes de Tokio, após a guerra Russo-Japonêza, vira passar um heroe da guerra, crivado de medalhas e ligado de galões: ninguem se pasmava, ninguem lhe rendia admirações.

Sobre os passos d'este, viu um velhinho d'oculos, coçado tecido a embrulhar-lhe os ossos — toda a população o cortejava, como a um vulto da Patria.

O viajante preguntou quem era:
— «Um professor de instrucção primaria!...»

O professor de instrucção primaria está para um paiz, como a mulher para a Familia: nas mãos de ambos está a felicidade, o progresso, o bem-estar, a riqueza, a honra da Patria e do Lar.

Ambos são tratados como escravos e ambos se resignam, com uma passividade não sabemos se de inconscientes, se de dementados a que a propria miseria roubou a luz da razão.

O facto é que pela veneração que lhes é devida, recebem o mais despejado dos desdens.

Do professor de instrucção primaria, o Estado passou a estender o seu desprezo á propria Instrucção, o que é mais do que logico n'uma terra em que a governança é analphabeta e as classes são tanto mais dominantes quanto mais incultas, mais estupidas, mais grosseiras, mais ignorantes.

A sornice e a esperteza aldeã do vencedor de eleições confundiu-se com a gravidade dos pensadores e o talento dos estadistas.

A patria do politico é a ambição, a sua obra uma «chapelada».

Mesmo quando accumúla os seus trinta logares — symbolo dos trinta dinheiros — com o saber ler, o politico portuguez, o estadista nacional não lê outra coisa além dos telegrammas em que os seus delegados lhe communicam o resultado da ficção do suffragio, no seu feudo.

Como os burguezes portuenses do seculo XVIII que preferiam vêr amortalhado n'um caixão o seu unico filho a deixal-o casar com uma «menina» que soubesse ler, o politico prefere ir para as camaras deitar syllabadas pela bocca fóra, como «modestía», «carácteres», a aprender a soletrar com os escriptores da sua lingua.

O homem de letras despreza o politico; o politico odeia o homem de letras.

E não se atrevendo a desprezar o escriptor, o homem das politicas despreza a Instrucção.

D'uma cajadada mata duas esperanças: a Creança e a Patria.

E' natural, por conseguinte, que os poderes publicos, recrutados n'esses politicos, deixem alluir as escolas que deviam aquartelar a Instrucção, abrigar a Creança, apetrechar de cerebros especialisados a Patria, armazenar o Futuro.

Já lá vae ha mais d'anno que vimos essa escola da freguezia de Favaios, que algumas semanas mais dois carpinteiros e um caiador concluiriam.

Desconhecemos a de Sanfins e a de Celleirós, mas fazemos idêa do que será essa desolação a calcular pela de Favaios.

E' inutil prégar, requerer, officiar, protestar.

Isto ha-de ir assim até o povo portuguez se substituir á Politica e despedir esses pessimos caseiros, passando a administrar por suas mãos.

Em todo o paiz as povoações se enchem de razão; conhecemos escolas onde chove como na rua, conhecemos escolas onde o soálho é um alçapão de magica, perigoso e traiçoeiro.

Vae por todo Portugal assim maltratada a Instrucção.

Para Traz-os-Montes essas escolas de Favaios, de Celleirós e de Sanfins são mais do que um abandono, — são um symbolo.

O politico nada faz pelo Douro: se da sua miseria se abeira não é para o amparar, mas ainda para sugar d'essa éthica uma ultima sugadéla de vaidade, em troca d'uma mal simulada protecção.

E para que o povo moribundo não possa representar, queixar-se ao Mundo, o que faz o Estado?

Não o deixa aprender a ler nem a escrever.

Presos, n'uma enxovia ou n'um *segrêdo* de inquisição, restam ainda as paredes ou o chão do carcere para escrever a equação d'este anathema:

Fome = Assassinos.

E' preferivel emparedal-os: nem sequer exprimirão a accusação eloquente da agonia as boccas dos enforcados.

O Douro não só é condemnado á morte pela Politica.

E' ainda prohibido de depôr sobre a sua propria desgraça.

Ha-de morrer, mas sem saber com quantas letras se escreve a palavra protesto.

Emparedados!

Trova popular

Toda a vida fui pastor
Toda a vida guardei gado;
Trago uma chaga no peito
De me encostar ao cajado.

— Em que se parece o castello de S. Jorge com qualquer sobrecasaca?
— Em ter canhões.

Rocha Peixoto

A Sciencia portugueza acaba de deitar luto inconsolavel pelo perdimento insubstituivel de Rocha Peixoto.

A *Illustração Trasmontana* perde n'elle mais do que um collaborador muito notavel, muito admirado e muito competente—perde n'elle um subsidiador que da velha familiaridade com a Terra Portugueza nos proporcionou muita vez documentação só d'elle conhecida, quando não só por elle colhida.

Ha n'esta *Illustração* quem chora n'elle uma amisade que amanheceu na infancia e que nada velou; quem se angustie com essa tragica condemnação d'um cerebro que tanto e tão honradamente estudou ser interrompido pela morte, antes de concluir a obra em que concentrára os seus amores e sua ambição unica.

Nós não saberiamos escrever n'este momento, sobre Rocha Peixoto, mais do que duas lagrimas.

A boa fortuna quiz que atravez o coração do nosso tão brilhante e proficiente collaborador conselheiro José Fortes, secretario da *Portugalia*— e que tem representado n'este paiz de cabotinos a mais honesta saudade pelo Rocha Peixoto—, uma pessoa bem illustre, e bem commovida tambem, a si tomasse as poucas palavras que todas as columnas litterarias ou scientificas devem ao morto. E' o snr. M. Vieira Natividade um mestre da archeologia portugueza, autôr das *Grutas d'Alcobaça*, do lindo estudo *As Rocas da Minha Terra*, (Alcobaça Ethnographica) collaborador da *Portugalia* e autôr de varias monographias e *separatas* que os colleccionadores da boa sciencia disputam.

Não podiamos, crêmos nós, render melhor preito a Peixoto do que conseguir que as duas paginas, que n'este numero representam o nosso luto, fossem escriptas e assignadas por «um dos da *Portugalia*», o maior e mais honrado monumento que o saber nacional ha cravado n'este malfadado solo.

Ao snr. M. Vieira Natividade, pela honra dada á *Trasmontana*, nos confessamos gratissimos, esperando vel-o aqui bastas vezes, carreando para a reconstituição futura da historia natural e social do homem os seus preciosos blócos de estudo, de observação, de saber e de inductiva e deductiva logica, seguras, magistraes.

—O que é menos supportavel para uma senhora?

—O estado de solteira.

—E para o homem?

—Umas botas apertadas.

REGISTO ELEGANTE

Esteve no Porto, com pouca demora, o nosso estimado assignante e comprovinciano ex.^mo snr. Armindo Teixeira de Castro, regressando á sua casa de Mirandella.

—Esteve em S. Mamede de Riba-Tua, o esculptor Antonio Teixeira Lopes.

—De passar uns dias em Alijó, regressou ao Porto o snr. Visconde d'Alijó, estimado director da Real Companhia Vinicola Portugueza.

Os Poetas Regoenses

E' uma sympathica cruzada a que o *Dissidente* está ferindo nas suas columnas, qual a de relembrar os seus poetas nataes. Ainda ha poucas semanas, fez um appêllo em nome do valor do romantico João de Lemos, para se não deixar deslembrar a memoria do vate illustre: e a *Illustração Trasmontana* tão solidaria é com os impulsos provinciaes e tanto se interneceu com essa delicadeza do *Dissidente*, bem rara em columnas politicas que pouco ou nada curam de bellas letras, que convidou um bom poeta a escrever um artigo sobre esse representante do Romantismo Portuguez.

N.º 4 **FOLHETIM** Maio, 1909

D'Os Meus Amores

Á Lareira

por Trindade Coelho

—Bem no merece, aquelle judeu! Veiu p'r'ahi a pão pedir, e agora não fia a um pobre cinco réis. Lá fez já a sua casa nova, lá vae apanhando á roda aquillo que póde—hoje augmenta um palmo a uma parede, amanhã augmenta outro, e não ha uma junta de parochia, uma camara, um diabo, que ponha côbro á ladroeira!

—São todos assim!—confirmou baixo o Antonio.—D'aqui a pouco tiram-nos os olhos; depois levam-nos a camisa; e como vão medrando como os tortulhos não ha-de tardar muito que se não vejam ahi senão judeus!

A um canto, o José Redondo tirava os seifões. O velho interrogou-o:

—Houve alguma novidade, ó José?

—Não houve, meu amo. Estive até ao meio-dia na cortinha de Milhares, e d'alli fui p'r'o Marmoniz.

—E esses cordeiros medram?

—Não tem duvida, meu amo, hoje fartaram-se bem. Vão uns rechelos de respeito!

—Pois então, voltas ámanhã p'r'o Marmoniz.

Levára a Thereza a vianda aos larégos; a Anna arrumára a cosinha; e já as duas vinham tambem para o lume a fazer serão:—uma a dobar meadas, e a outra, a mais nova, a fazer ao canhão as meias azues.

Quando sentiram bater á pórta...

—Ha-de ser o compadre!—disse logo o José Lorna.—Vae lá abrir, ó Anna. Avia-te.

A rapariga foi á janella:

—Quem é?

—Minhas freiras no teu pé!—respondeu da rua uma voz que não conheceu.

E como o Antonio corresse á janella:—«Espera ahi, ó malandro! Espera ahi, que eu te cóço as freiras!»—nem elle nem a irmã reconheceram o vulto que fugia, porque fazia escuro lá fóra.

—E o caso é que já uma vez me vi comida p'las frieiras, e inda hoje estou p'ra saber quem foi o Almanicha que m'as passou!—disse a velha muito fiada, a rir.—Isso o melhor, ó Anna, é escaldares os pés ao deitar da cama.

—Nada!—emendou de sorna o lavrador.—Pó de maio é que faz bem...

Mas não tardou muito que se não sentissem passos pela escada acima, e logo, empurrando a porta, aquella voz do José Bernardo:

—Licença, snr. compadre?

—Entre! Homem! pensei que não vinha hoje!

Entraram. Adeante o José Bernardo, e a reboque do José Bernardo, com o chale pela cabeça, a snr.ª Aniceta de roca na mão.

Esse escriptor aceitou e n'um dos proximos numeros a *Illustração Trasmontana* corresponderá, pois, ao appêllo do camarada regoense, preito a João de Lemos, preito á Regoa e prova da consideração em que temos o *Dissidente*.

N'um numero mais recente, o mesmo jornal regoense, publica este soneto de D. João de Castro, sobre o lyrico Hamilton, que a nossa infancia conheceu ainda e a quem nos não despedimos de prestar nas paginas d'esta *Illustração* a homenagem que o seu talento, tão limpido, e a sua sacrificada bondade, de bohemio bom, canduroso, merece:

Hamilton d'Araujo

(POETA REGOENSE)

Bohemio que cantou
As sensuaes Glyceras,
N'um riso que offuscou
A luz das primaveras!

Viveu, sorriu, sonhou
N'um berço de chimeras
Depois, depois... voou
As lucidas espheras!

E agora, quando a lua
No mar azul fluctua,
Entre clarões fugazes,

Parece que a sua alma
Se evola, branca e calma,
Do calix dos lilazes!

D. João de Castro.

A Imprensa

E A

«Illustração Trasmontana»

O n.º 852 do nosso presado collega *O Douro* referiu-se-nos assim:

«**Illustração Trasmontana**».—«Recebemos os n.ºs 13, 14 e 15 d'esta, cada vez mais interessante publicação, á qual mais detidamente nos referiremos n'um dos seguintes numeros de *O Douro*».

Cá temos estado á espera, sem até agora nos haver sido dado o prazer de ler mais detida referencia aos nossos numeros.

Não dispensamos o collega da promessa. Costuma-se a dizer: «a pobre não promêttas...»

* * *

O Dissidente, no seu n.º 111, escreveu:

«**Illustração Trasmontana**».—«Trouxe-nos hontem o correio os n.ºs 13, 14 e 15 d'esta primorosa e interessantissima revista. Para outro dia fica a apreciação do que elles são e valem, quer litteraria, quer artisticamente. Hoje não dispomos do espaço preciso para essa agradavel tarefa».

Repetimos ao collega, o que applicámos ao *Douro:* «A pobre...»

* * *

São sempre de nós muito presadas as referencias da imprensa trasmontana, e a prova é que, tendo-nos escapado esta referencia do proprio *Dissidente* aos 2 ultimos n.ºs do nosso 1.º anno, aqui a transcrevemos hoje com os nossos agradecimentos tardios porque só agora ella se nos deparou ao repassar a collecção dos jornaes da provincia:

«**Illustração Trasmontana**».—«O envio, que a respectiva empreza nos fez ha poucos dias, dos n.ºs 11 e 12 da *Illustração Trasmontana*, dá-nos ensejo para mais uma vez, recommendar essa revista aos nossos leitores, não só áquelles que aqui nasceram, como tambem a todos os que se acham presos por interesses ou sympathias a esta provincia typicamente pittoresca.

Não ha no paiz publicação que se lhe assemelhe, quer pela feição exclusivamente regionalista que ella mantém, quer pelo esmero litterario e artistico com que é feita.

Sobre ser d'uma grande e incontestavel utilidade para os povos de cujos interesses e historia se occupa, é muitissimo apreciavel pela opportunidade e valor de artigos, pela perfeição dos desenhos de que a enriquece o lapis inspirado de Christiano de Carvalho, pelos bellos retratos trabalhados pelo distincto pintor Antonio Carneiro, pela correcção typographica, pela qualidade do papel, e, em summa, pelo muito que de talento e arte se nos depara em todas as suas paginas.

Tendo terminado, com o n.º 12, o 1.º anno da sua existencia, a *Illustração* estampou o retrato de todos os seus collaboradores, e entre elles figura o do nosso illustre conterraneo snr. Vieira da Costa.

Felicitamos a direcção e a empreza da primorosa revista, desejando-lhe as prosperidades que merece».

—Licença p'ra dois, senhores compadres!

—Então o pequeno?—perguntou a tia Maria Lorna.

—Ficou alli; já vem. André, aviate!—chamou ella para a rua escura.

Foram os cumprimentos; entrou o André, que beijou a mão aos senhores padrinhos e ás senhoras madrinhas; e fechada a roda á volta do lume, ficando só á mesa o tio José Lorna, e da outra banda, sentado tambem no escâno, defronte d'elle, o seu compadre José Bernardo, rompeu a conversa, emquanto o José Redondo, que repartira o seu talho com o André, carregava de lenha sêcca o lume vivo.

—De quem eram os porcos, ó compadre?—desfechou logo José Lorna.

—Não sei, futuro só,—respondeu o barbeiro de velhaco.

—Hom'essa!—fez espantado o velho.

Ia a intervir a snr.ª Aniceta, mas preveniu-a logo o José Bernardo de que mulheres—«com licença das comadrinhas»—não tinham que vêr com aquellas coisas...

—Mas tenho eu!—impoz muito zangado o José Lorna.—Tenho eu! De quem eram os porcos, ó compadre? O' compadre, de quem eram os porcos?

O barbeiro ia propôr com gestos uma conciliação..

—Já sei! Eram do patife do José da Loja!—aventou o lavrador.

—Eram, ó compadre? Diga lá se eram d'esse cão!—rogou agora o Antonio Lorna.

—Já disse que não sabia, futuro só!—defendeu-se outra vez o barbeiro.—Amanhã é que hei-de saber, porque como ia de caminho p'ra Villa d'Ala, e só agora é que cheguei, não tive tempo de botar inculcas.

O lavrador já bufava!

—O' compadre! assim o Deus salve?!—intimou elle desconfiado.—De quem eram os porcos, ó compadre?

—E elle a dar-lhe!—formalisou-se todo o José Bernardo.—E elle a dar-lhe e a burra a fugir! O snr. compadre se não se quer acreditar em mim, o melhor é dizêl-o! Bem vê que n'estas coisas não se vae levantar um falso testemunho...

Admoestou a tia Maria Lorna—«que o snr. compadre tinha razão».

—Qual razão, nem qual diabo! elle conheceu os porcos!—teimou na sua o José Lorna.—E na mesma toada d'inda agora:—De quem eram os porcos, ó compadre?...

Ia já levantar-se o José Bernardo, para se ir embora, quando as tres mulheres de casa, mais o Antonio, intervieram todos nas mesmas pazes:

—Não senhor! Isso agora tambem é teima!—disseram todos para o José Lorna.—Deixa lá averiguar o compadre!—interveiu a tia Maria.—Amanhã já elle nos póde dizer de quem eram os porcos.

(Continúa).

«Noticias de Mirandella»

Com o primeiro de maio, appareceu mais um collega na brilhante e patriotica classe jornalistica trasmontana. Intitula-se *Noticias de Mirandella*, é dirigido pelo ex.mo snr. Francisco de Mello, é semanario e imparcial, e como tal define assim os seus propositos:

«Acceitando e seguindo este preceito, considerando o presente como uma consequencia do passado, sabendo que o futuro despontará em rigor como o determine o presente, nós circumscrevemos a acção d'este semanario á extrema condição da imparcialidade, considerando que todos os partidos politicos que servem as instituições vigentes estão sujeitos ao gume da critica, consoante o merito ou o demerito por que se nos apresentem na actividade das suas funcções.

Restricto a esta missão, o valor intrinseco do nosso jornal está na importancia caracteristica da attitude em que se esteia — de servir todas as causas que na esphera das suas acções mais se nos patenteiem em prol d'este concelho. N'estas circumstancias, elle vogará desassombradamente ao fazer-se ao mar tranquillo da independencia, e, vencendo vagas, salvando escolhos, alcançará o porto seguro e almejado.

Não é, pois, da politica nem para a politica o nosso jornal: a fim mais util se ergue, que é zelar e cuidar dos interesses geraes d'este concelho; muito diverso é o seu rumo, que o leva e dirige a bom caminho, emancipado completamente de faciosismos».

Boas-vindas!

Bibliographia

O Filho do Morgado

(Aventura d'um caloiro)

POR ALEXANDRE MALHEIRO

Os officiaes do exercito portuguez realçam pela sua distincção intellectual; quando são illutsrados, são muito mais illustrados do que os militares illustrados d'outro qualquer paiz.

A França prima em perpetuar o typo mavortico da epopêa napoleonica, com o Tonkin na folha de serviços e o Képi prussiano atravessado na garganta.

A Germania é um motu-continuo de antómatos fardados; a Inglaterra, uma grande companhia de guardas florestaes, de faca de matto á cinta e carabina á tiracólo, a guardar os seus productos e a defender a quinta.

Alexandre Malheiro

Portugal, não estando como a Italia, a França, a Allemanha ou a Russia guardada para trazer o mal da guerra ao mundo, produz no seu exercito de paz um nucleo de homens que, derivando para as carreiras administrativas, para as tarefas especulativas do saber ou para as solicitações tentadoras da arte, sobrelevam aos outros camaradas da Europa em saber, em brilho e em malleabilidade intellectual.

Para não sairmos da litteratura e da pintura, e para não peccarmos trazendo a apêllo individualidades que já eram pessoas illustres antes de sentarem praça, como o Dantas, lembrêmos apenas Abel Botelho e Sezinando Ribeiro Arthur.

Ao estado-maior dos nossos litteratos militares está já addido ha alguns annos o snr. capitão Alexandre Malheiro, que os leitores da *Illustração Trasmontana* leram no nosso n.º 15 (março de 909), n'um extenso artigo intitulado *Chaves na guerra Peninsular*.

Alexandre Malheiro estreou-se com as suas *Chronicas do Bihé* que, publicadas primeiro, despretenciosamente, n'um jornal de Lisboa, vieram depois a destacar-se n'uma formosa edição da Livraria Ferreira.

A's *Chronicas do Bihé*—talvez, o seu melhor livro até hoje, — seguiram-se obras de imaginação e de enrêdo — *A Fidalguinha do Juncal*, 1908, e agora *o Filho do Morgado* (Aventura d'um caloiro), cujo apparecimento a *Illustração Trasmontana* festeja, illustrando esta noticia com a publicação do retrato do seu querido collaborador.

Não criticamos *O Filho do Morgado:* somos parcialissimos amigos de Alexandre Malheiro.

E, portanto, conscios do acerto das palavras de Zola — «Não ha critica favoravel que imponha uma obra má; não ha critica acerba que destrúa uma obra boa», abstemo-nos de criticar a novella de Alexandre Malheiro, preenchendo o espaço, de tão inutil coisa como é uma critica, com um apertado abraço de agradecimento pelas gentilissimas palavras que nos endereçou na dedicatoria do seu livro.

* * *

PORTUGAL E BRASIL

Recebemos o n.º 9 do 1.º anno d'uma publicação mensal que, com este titulo, é dirigida pelo snr. A. C. Pimentel, e se publica em S. Paulo (Brasil).

Intitula-se orgão do «Centro Republicano Portuguez», é impresso sobre papel *couché*, tem 32 pag. contando com as de annuncios, capa cinzenta, traz collaboração em prosa e verso de varios autôres e illustram o numero retratos, em photogravura, de Theophilo Braga, Magalhães Lima e José Eugenio Ferreira.

Parte da collaboração tem o caracter litterario de revista, outra o retincto ardor da discussão partidaria republicana, o que dá ao *Portugal-Brasil* mais indole de jornal combativo do que de publicação artistica.

Agradecemos a deferencia do numero offerecido, primeiro e unico recebido até agora.

* * *

A TOMADA DE CHAVES

POESIA, POR

HUMBÊRTO BEÇA

Aspirante a official da administração militar. — Porto, 1909

Inspirado na tomada de Chaves ao exercito francez pelas forças do general Silveira, o snr. Humberto Beça escreveu, com o ardor d'um patriota uma poesia, expressamente para ser offerecida á commissão local organisadora dos festejos e distribuida na sessão solemne realisada no theatro de Chaves, por occasião da brilhante commemoração, que os flavienses celebraram no passado março, do 1.º centenario da guerra peninsular.

A *Tomada de Chaves* foi recitada

na referida noite pela menina Natalia Cruz.

Agradecemos ao autôr a offerta amavel.

* * *

Alvoradas

(Poesias)

POR ARTHUR MARIA AFFONSO

Com alguns versos que logo no titulo trazem inculcas regionalistas, como a poesia *Traz-os-Montes* que abre o livro, o sonêto *o Tamega*, a evocação de *Chaves*, e um que outro verso dos *Cantares*, por exemplo, as *Alvoradas* são o amanhecer d'um vate trasmontano.

Oxalá! que o snr. Arthur Maria Affonso dê um pontapé no diccionario de rimas e passe nas suas producções a medir os seus versos pela belleza e pela elevação do scenario trasmontano, acabando de caracterisar-se um cantor natal.

No scenario, nos costumes e no soffrimento da sua provincia encontra o snr. Arthur Maria amplos motivos de inspiração que, tratados e orchestrados, o estremarão desde logo da banalidade dos poetasinhos portuguezes que ladram á lua e chamam pela Morte, n'uma confissão de tysicos, emquanto o salpicão com ovos e o bom lombo de porco lhes rugem ameaças de congestões no cachaço plethorico.

Poetas, musicos, romancistas ou pintores, querem-se, primeiro que tudo, portuguezes, muito portuguezes!

E quanto mais regionalistas, mais rescenderão ao perfume da Patria; quanto mais trahirem a descendencia patria e mais amor por ella traduzirem, mais garantias darão de amar a humanidade.

As obras cyclicas que hoje figuram na bibliotheca universal são justamente aquellas que mais cunho nacional teem: os *Lusiadas*, *o D. Quixote*.

Nota:—Repetimos aos autôres e editores o nosso aviso já aqui feito — a *Illustração Trasmontana* não se occupará de obras de que lhe não sejam enviados dois exemplares: um ao seu director, outro á *Illustração*.

—Em que se parecem os Açores com um aguilhão?
—Em terem *Ponta-Delgada*.

Na extincção dos Morgadios

Que triste aquella é um nascer morgado,
rustego acaíjo sempre por seu mal.
Ser grande popietairo de que val;
Se elle probe d'esprito, o abastado?

Mal sabe ler, é stúpedo acabado:
e muitos cuma si tem sorte ugual.
E' ralo q'um morgado seja tal,
que se veja seu nome alumiado.

E' perca; pois s'é rico, dar devia
a seus irmões segundos da riqueza:
E Christo o dixe muita vez ao dia

Tenho ouvisto dezer (e é certeza),
q'o grande livro da Felosofia
considra uguaes os homes na Natreza.

E' possible, ó Angelca, que m'ausente
do teu samblante bello e pelingrino?!
possible que nos probes o destino
frabique sempre mal mais vihamente?!

Coitado do Manel, que, descontente,
teu rostro num verá mais de contino!
Ai! eu acaijo, acaijo que me fino,
q'ando n'isto considro attentamente.

Attolico me tem esta partida;
e julgo que n'um vivo esquereleto
me tornará da ausencia a dor crescida.

Mas indas que me dê o triste aujecto
de penas uma maniqa regida,
a vida perderei nanja o affecto.

MOKACYL.

Estes versos, cujo sabor de lyrismo popular e proposital graphia, os eleva a documentos do Povo, foram-nos proporcionados pelo ex.^{mo} snr. José Climaco da Veiga, cavalheiro de Favaios que ás suas respeitaveis qualidades de caracter alia a faculdade muito notavel de bem-tratar as musas.

«A Aurora do Corgo»

Este nosso collega de Villa Pouca d'Aguiar, no seu numero de 6 de maio, tendo passado a nova direcção — snr. P.^e^ José Raphael Rodrigues — apresenta o seu novo programma que aqui condensamos n'este final do seu artigo:

«Hoje se S. Paulo vivesse, far se-hia jornalista», disse um bispo allemão; é o melhor pulpito para a diffusão da boa doutrina.

Por isso a *Aurora do Corgo* põe-se francamente ao lado dos jornaes catholicos, e declara rasgadamente, integralmente, que não é só a meias, catholico o seu programma. Defenderá a Religião que nos fez grandes, combaterá a impiedade que nos espera e tenta riscar do quadro das nações, é um jornal que não tem pejo de se declarar religioso.

Em observancia do nosso programma, combateremos ideias e não pessoas, as pessoas, todas, mesmo as que divergem do nosso credo, nos merecem e lhes tributaremos toda a estima; com os erros, com as más doutrinas, somos intransigentes.

Cumprimentamos os nossos collegas que se dignarem comnosco permutar, especialmente os da provincia trasmontana, e d'um modo muito especial o nosso querido *Aguiarense*, aqui visinho da porta.

Com todos faremos por manter as melhores relações de cordealidade, o que nos não inhibe de os apreciar em face dos nossos principios politicos e religiosos, usando sempre de luva branca, como irmãos que se respeitam, embora algumas vezes, como adversarios que se combatem».

Não precisavamos d'esta declaração de cordealidade e de correcção, para saudarmos com respeito a nova orientação da *Aurora do Corgo* e recebermos com a mais desprevenida camaradagem o seu novo director o snr. P.^e^ José Raphael Rodrigues.

A imprensa catholica distingue-se sempre pela seriedade intellectual, pelo seu saber e pela sua compostura de vocabulario.

Nós não somos um jornal de idêas nem de politicas: mas nem que o fossemos, e que fossemos de idêas e politicas adversas á *Aurora do Corgo*, folgariamos de todas as maneiras em contar mais um jornal que, como os da sua esphera, ha-de, com effeito, primar por uma orientação alevantada.

A' *Aurora do Corgo*, pois, e ao seu competentissimo director, os nossos votos por uma carreira brilhante.

O concelho historico

Achamos no nosso presado camarada da Regoa, o *Dissidente*, de 11 do corrente, este interessante bosquejo sobre a freguezia de Villarinho dos Freires que ao amavel collega pedimos venia da transcripção:

Villarinho dos Freires

«E' uma das mais velhas freguezias d'este concelho.

A sua antiga importancia póde calcular-se pelo numero de casas brasonadas que ainda tem.

E' situada perto do rio Corgo e a cêrca de sete kilometros do rio Douro e da Regoa. A sua principal povoação é a Presegueda, onde se faz o seu principal commercio, e onde existem as suas principaes casas, que são actualmente as dos snrs. João Botelho Corrêa Guedes do Amaral, Rodrigo Guedes Pereira Leite, commendador Maximiano Pinto de Freitas Vaz e outras.

Villarinho dos Freires produz excellentes vinhos, e n'isto consiste a sua maior riqueza.

Ha na parochia um morro pittoresco, em fórma conica, denominado «Morro do Crasto», que segundo diz o povo foi castello dos mouros. E' natural que fosse romano, porque estes é que denominavam «Castrums», as suas fortificações. Como porém os arabes foram os ultimos dominadores estrangeiros, na memoria dos povos ficou o nome latino, e a recordação dos derradeiros despotas que os governaram.

Bem estudado, é de crêr que ainda remontasse mais longe este documento de antigos habitantes d'esta região, porque parece uma «mamoa» celtica gigantesca, isto é, um monte artificial.

A denominação da freguezia provém de haver pertencido aos templarios, da posse dos quaes passou aos cavalleiros de Malta, tambem denominados de Rhodes ou do Hospital, fundada na Palestina em 1104 e approvada pelo papa Paschoal, em 1113; admittiu-a em Portugal a rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques, entre 1112 e 1116.

D. Diniz, quando presentiu com perspicacia politica, rara para o seu tempo, que a ordem dos templarios seria condemnada a extincção pela guerra que lhe moviam o rei Filippe o «Bello», de França, e o papa, e temendo o confisco dos bens da ordem em favor do Pontificado, foi lançando os fundamentos da ordem de Christo para succeder na posse de aquelles bens, e passando desde logo alguns para as existentes, e assim quando foi decretada a extincção dos templarios já as commendas de Poiares e Villarinho pertenciam á ordem de Malta. Esta commenda era tão «insignificante» que em 1532 rendiam os seus dizimos 5:000 alqueires de pão, 4:000 de vinho, 300 de azeite, 800 de castanha, além dos foros!...»

Geo-hydrologia de Chaves

Como bons amigos de Chaves, tudo que lhe respeita nos interessando, reproduzimos do nosso estimavel collega o *Defensor de Chaves* de 14 do corrente esta transcripção e desde as palavras como o orgão flaviense a encima e pelas que, n'ellas acreditando piamente, nos convencemos da importancia do trabalho do ex.^mo^ snr. J. M. do Rego Lima, de que lamentamos não haver recebido um exemplar, cuja falta remediaremos com as copias do *Defensor*.

«Por ser um estudo interessante e de toda a opportunidade, começamos hoje a inserir no *Defensor de Chaves* os principaes capitulos do bem elaborado *Reconhecimento geo-hydrologico de Chaves*, pelo distincto engenheiro de minas, snr. J. M. do Rego Lima e publicado por ordem do ministerio das obras publicas, commercio e industria, em 1892:

Situação da villa de Chaves e condições geraes orographicas da região.

A villa de Chaves localisa-se na parte mais septentrional do continente portuguez, pois está sómente a cêrca de 12 kilometros da fronteira da provincia hespanhola de Orense, occupando ahi uma posição geographicamente privilegiada, porquanto, a uma altitude de 350 metros approximadamente, está sobre o valle do Tamega, vastissimo valle que se abre entre as alturas ou serras do Brunheiro (919 metros) pelo nascente e Paranhos e Bandeira (742 e 747 metros) pelo poente, formando estas ultimas um primeiro degrau ou contraforte das alturas de Barroso (serra de Leirouco). As vertentes d'estas serras correm rapidas para o valle, de modo a definirem uma larga faixa (de 7 a 8 kilometros) de terreno mui pouco accidentado, dirigido em grande extensão de nordeste a sudoeste. No centro d'essa faixa assenta a villa em perenne goso do magnifico panorama que em volta se desdobra, porquanto os pontos que pelo poente, norte e sudoeste e mais perto situados a dominam por sua superior altitude, como são as collinas da Serrinha 1.ª, Pinheiro, e Serrinha 2.ª, não são tão altos que lhe encurtem o horisonte.

Esta configuração orographica, que deveu ser a mesma, nos seus traços geraes, em epochas geologicas remotas, dispoz que, em tempo mais chegado a nós, as aguas, transportando sedimentos, pela diminuição de velocidade, determinada pelo alargamento do valle alli, em volta da eminencia onde se levanta a villa, se estagnassem, ao menos relativamente, de sorte a permittir a deposição d'aquelles sedimentos, que são hoje o feracissimo torrão onde se exerce pela maxima parte a actividade agricola da população, que recebe em troca bons e abundantes productos».

O Carteiro

«Quando vemos passar junto de nós um homem fardado de casaco azul, gola vermelha debruada de oiro, sobraçando um sacco de pelle, um turbilhão de sentimentos diversos nos acode á mente. Esse homem de aspecto placido e gelido é o fiel mensageiro da vida e da morte. Uns o esperam com alvoroço; outros com receio.

Todas as portas se lhe abrem, todas as mãos avidamente se lhe estendem, todos o desejam com as commoções mais fortes e com as mesmas o seguem.

O carteiro é uma esperança ambulante.

Este homem de physionomia serena, espalha nas familias, com a mesma insensibilidade, a tristeza e a alegria, os lutos e as galas. As donzellas umas com as lagrimas nos olhos suspiram pela sua vinda, outras com o sorriso nos labios e o rubor nas faces! Quantas mães afflictas com ancia lhe arrancam das mãos a carta do filho ou marido auzente, unico lenitivo das saudades que as consomem. A' maneira da fortuna o correio é cego, porque distribue com a mesma desigualdade os premios e os castigos, as prosperidades e as ruinas.

Impassivel, convida com egual indifferença tanto para o baile como para o cemiterio; e entrega com a mesma imperturbabilidade a innocente missiva affectuosa como a infame carta anonyma. Todas as coisas para elle teem egual peso; tão bem considera o singelo bilhete de visita ou a participação funebre, como a carta de ordens em que um banqueiro envia a outro uma avultada somma.

Na mala mysteriosa do correio não se conhecem categorias sociaes, nem odios, nem rivalidades; alli não ha logares distinctos para os sexos, nem para as edades; alli todas as linguas se falam e todos se entendem. Frequente é vêr n'aquella boceta irem na maior intimidade os mais irreconciliaveis inimigos; o plebeu collocado por cima do nobre ou formando d'elle estrado; damas rivaes pacificamente recostadas umas sobre as outras; a esposa ciumenta vê indifferentemente o esposo junto de outra dama sua rival, sem gemer o menor queixume.

Quem ha, emfim, que prestando os ouvidos da alma áquelle grosseiro e velhoso surrão, conduzido com tanta frieza e indifferença, não oiça lá dentro gemidos de saudade, gritos de dôr ou sorrisos de contentamento, ou exclamações de enthusiasmo! Oh! aquella bolsa symbolisa o cháos da vida; alegrias! tristezas! amores! ódios! esperanças! incertezas! desenganos! interesses! ruinas! tudo alli se acha envolvido e agglomerado na mais absoluta e inextrincavel confusão».

LATINO COELHO.

NOTICIARIO

Mais um grande beneficio deve Chaves ao seu dedicado amigo e incomparavel protector, ex.^mo^ snr. Candido Sotto Maior, a cuja alta influencia acaba de ser feita ao municipio, pelo ministerio da fazenda, a concessão das duas porções de terreno fronteiras ao antigo convento das Freiras, nos termos e para os fins da representação da camara municipal, de 16 de abril p. findo.

Parabens a Chaves e muitos cumprimentos ao ex.^mo^ snr. Candido Sotto Maior.

Sem resultado. — O delegado do procurador regio de Alijó officiou

ao snr. ministro da justiça, participando ter sido enviado pelo respectivo administrador, ao poder judicial, o auto de investigação referente ao crime de arrombamento e fogo posto da repartição de fazenda e recebedoria d'aquelle concelho, o qual nenhum esclarecimento novo fornece sobre quem possam ser os agentes de tal crime.

(Da imprensa portugueza, titulo e tudo)

Restituição aos viticultores.—O *Diario do Governo* de 15 do corrente publica um decreto, com data de 6 de maio, determinando que o praso de 2 annos, estabelecido para a restituição do imposto do real d'agua aos viticultores da região do Douro, comece a ser contado desde 7 de fevereiro de 1909, sendo o primeiro periodo da liquidação até se entrar no que termina em 31 de março, fazendo-se as liquidações posteriores trimestralmente, excepto a ultima, que findará em 6 de fevereiro de 1912.

—O *Diario do Governo* tambem publica hoje um decreto determinando a abertura d'um credito especial para restituição do imposto do real d'agua aos mesmos viticultores.

Exportação de baga de sabugueiro.—O snr. dr. Julio de Carvalho Vasques, illustre presidente do senado regoense, recebeu ha dias communicação do snr. Ministro das Obras Publicas, participando-lhe que não se podia prohibir a exportação da baga de sabugueiro.

Importação de milho.—O *Diario do Governo* publicou no dia 10 ultimo o decreto auctorisando a importação, até 31 de julho do corrente anno, de 23.000:000 kilogrammas de milho exotico, com exclusivo destino á alimentação do continente do reino, mediante o pagamento do direito de 1 real por kilogramma, sendo 20.000:000 kilogrammas destinados ao norte do paiz e, portanto, a despachar pela alfandega do Porto e 3.000:000 kilogrammas a importar pela alfandega de Lisboa.

O referido milho não poderá ser vendido por preço superior a 600 réis por duplo decalitro, sobre wagon, nas estações do caminho de ferro dos portos maritimos e nas da raia sêcca.

ANNUNCIOS

CAFÉ
E
GRANDE HOTEL "TOCAIO,,
VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario — *Adriano Rocha.*

LOJA NOVA
— DE —
JOSÉ DUARTE MAGALHÃES
ALIJÓ

Escrupuloso sortido de mercearia e confeitaria, dos melhores fornecedores do Porto e Lisboa; generos de primeira qualidade. Fazendas brancas e casimiras, chapeus e calçados recebidos directamente de acreditadas fabricas do Porto e Braga. Candieiros, petroleo, artigos de molduras, de dourador e armador. Papel e artigos d'escriptorio. Encarrega-se de trabalhos de impressão.

A Illustração Trasmontana

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

DIRECTOR — *Joaquim Leitão*

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

ADMINISTRADORES
ANTONIO CORRÊA e ANTONIO TERRIO

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DOS CLERIGOS, 61-1.° e RUA DE TRAZ, 64-1.°—PORTO

Assignaturas
ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias (Pagamento annual)	2$500
» » » (semestral)	1$350
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

Pagamento adeantado.

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de abatimento

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

2.º ANNO—JUNHO, 1909

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
Illustração Trasmontana

ADMINISTRADORES
Antonio Corrêa e Antonio Terrio

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º – PORTO

O TRASMONTANO

SUPPLEMENTO
AO N.º 18 DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

DIRECTOR—JOAQUIM LEITÃO

Composto e impresso na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna, R. da Fabrica, 80—Porto

Dr. José Maria Teixeira Alves Martins

Alijó 18—Falleceu hontem repentinamente, na sua casa de Favaios o snr. dr. José Maria Teixeira Alves Martins, conservador do registo predial n'esta comarça e irmão do desembargador snr. dr. Antonio Teixeira Alves Martins.

Como um castanheiro centenario que ao cahir abraçado aos seus ramos inda redivivos e moços, lanhado por temporal, ensombra de terror e de magoa o silencio da matta, a morte do Bispo de Vizeu, D. Antonio Alves Martins, o ministro de D. Maria, ainda hoje transe de saudade e de luto civico o coração da Patria.

E cada membro d'essa familia illustre que a morte arrebata é chorado como um homem de bem a menos, que tanta falta faz n'esta hora historica de derrancados caracteres.

Taes foram as considerações primeiras que entre nós fizemos, ao ler esse telegramma, publicando o passamento do dr. José Maria Teixeira Alves Martins, sobrinho de D. Antonio Alves Martins, o celebre Bispo de Vizeu cujo prestigio aboliu para sempre a successão d'essa Mitra, pois o Bispo de Vizeu é e será sempre D. Antonio Alves Martins.

Como o Bispo, os sobrinhos deram varões honrados, caracteres!

Este que agora vae embora da vida, era homem dos seus cincoenta e poucos annos, pois nasceu na Granja d'Alijó a 20 de dezembro de 1854. Formado em direito em 83, casado em primeiras nupcias em 22 de fevereiro de 1889, é despachado conservador em março d'esse mesmo anno, logar de que tomou posse em 4 d'abril.

D'esse primeiro matrimonio, ficou com tres lutos: o da esposa, D. Maria da Esperança Baptista, e o de dois filhos.

Do segundo matrimonio, celebrado em 18 de dezembro de 1894, não houve successão.

Quer como advogado, cuja becca vestiu e honrou até ser nomeado conservador da comarca de Alijó, quer como funccionario, o dr. José Maria Teixeira Alves Martins primou sempre e sempre foi considerado tanto pelo seu valor de jurisconsulto como pelo valor do seu caracter, — o brazão dos Martins.

Ultimamente, mais do que a edade, a doença sequestrou-o n'um isolamento voluntario no seu palacête do Outeiro (Favaios) onde a morte o foi visitar.

A toda a sua muito illustre familia, á desolada viuva, a seu irmão o nosso venerado amigo e integerrimo desembargador da Relação do Porto, dr. Alves Martins, o preito das nossas condolencias.

Ao povo do concelho de Alijó e a todo o povo portuguez os nossos pezames: perde-se com o dr. José Maria Teixeira Alves Martins, a par d'um homem de ponderado merecimento, um caracter, no sentido mais alevantado e mais lato da palavra.

Dr. José Maria Teixeira Alves Martins
(Photographia de 1883)

FAVAIOS—Palacête do Outeiro

Summario do n.º 18, (6.º do II anno)

DA

Illustração Trasmontana

PAG.
Costumes trasmontanos 85
Terras de Murça. — Basilio Constantino d'Almeida Sampaio 86
A paga d'uma ceia.—Casimiro C. S. Cabral. 91
Inquerito da Provincia de Traz-os-Montes em 1796 pelo Juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro, *Continuação* 96
O Varre-Canêlhas—Novella trasmontana. *Continuação.* Joaquim Leitão, clichés de Antonio A. Corrêa . . . . 97 a 100

Abusos no pastoreamento

Da *Agricultura Trasmontana*, extrahimos este artigo de grande interesse regional:

«As depredações nas sementeiras e nas plantações, contra que por toda a parte, na nossa região, se levantam queixas unisonas, e que são devidas ao pastoreamento de gados e animaes de toda a especie, produzem o desanimo e o desalento nos mais animosos agricultores, e vão afugentando do nosso campo os capitaes de exploração agricola.

Parece que estamos vivendo ainda em completo regimen pastoril, onde nem ao menos se respeita nos fructos das terras e nas plantas agricultadas o trabalho alheio. Os pastores e os zagaes julgam-se no direito de tudo invadir, de em toda a parte apascentarem seus animaes e seus rebanhos: de ceivarem as seáras, de esgalharem, senão mesmo deceparem, todas as arvores, de destruirem tudo sem que escapem os proprios muros de vedação, para melhor alimentarem os seus gados. E com os seus cães, e com as suas fouces, e com as armas de fogo, de que andam sempre munidos, obrigam o lavrador prejudicado a retirar-se para não ser maltratado, apisoado, mordido, ou, ainda, mal-ferido ou morto.

E será para nos ser assim assegurado o nosso direito de propriedade e o nosso trabalho, que estamos pagando tão pesados tributos?

O lucro do gado é grande, porque é sustentado á custa alheia; e por isso quem quer enriquecer sem se importar dos meios, ou quem não quer trabalhar e não tem com que sustentar-se, compra ovelhas, compra cabras ou compra bezerros, e sustenta-os pelo termo fóra, nos trigos, nos centeios, nos prados, nas plantas, nas ervagens, que são de seus visinhos e com que estes contavam para as necessidades da sua casa agricola.

No tempo em que o compascuo estava em vigor, alguns lavradores abastados tinham gados, que produziam os estrumes necessarios á cultura e lhes davam ainda rendimentos importantes em lã, no leite e nas creações. N'esse tempo era regulada a fruição do compascuo e era guardado, pelo receio das multas e pelo medo das indemnisações (pois tinham por onde pagar), o que era coutado. A lei acabou repentinamente com o compascuo, mas os lavradores não poderam privar-se tão repentinamente dos gados, cuja falta os affectava grandemente nas suas culturas e nos seus rendimentos, e d'aqui o primeiro abuso, que por virtude do antigo costume ninguem pensou em reprimir.

E como o primeiro passo dá principio á marcha, o primeiro abuso deu origem ao desaforo.

No regimen da nossa propriedade não ha lavrador, rico que seja, que possa sem o compascuo sustentar um rebanho de gado por pequeno. Se d'antes nos seus lameiros, nas ervagens de seus campos, nos restolhos das suas culturas, na rama que a vareja fazia cahir de suas oliveiras, na folha das suas vinhas, nos seus coutados emfim, podia encontrar alimentação mais farta a seus rebanhos, só no compascuo elle os podia apascentar durante largos dias do anno. Acabou este, e o lavrador rico tem tambem de aproveitar-se dos pastos, que não são seus, para os seus gados.

O exemplo foi pernicioso. Quem não tem a mais pequena leira de terra, compra gado para viver *honradamente* á custa alheia, como vive o grande proprietario-pastor; e quem não tem dinheiro, procura pelo mundo fóra quem queira accrescentar-se com a mesma *honradez* confiando-lhe um rebanho em parceria.

E assim se tem enchido de carneiros, de cabras, de bezerros, todos os termos das freguezias ruraes, e porque tudo hoje é egualmente coutado, tudo é tosado egualmente e nada escapa, pois nem de outro modo se poderiam crear e nutrir tamanhas multidões pecuarias.

E como obstar a tanta ladroagem, a tanto damno?

A guarda por parte do lavrador é impossivel. Dispersas por todo o termo as suas sementeiras, as suas plantações, os seus lameiros, as suas varias culturas, em pequenas glebas longemente distanciadas, nem póde vigiar sem perder o seu trabalho, nem póde vêr tudo ao mesmo tempo, nem se póde privar do somno para correr os campos durante a noite. E o ladrão sabe escolher a hora, em que possa mais a salvo commetter a defraudação, espreitando até, para o conseguir, o proprietario em seus affazeres.

E nem melhor vigilancia se obteria por meio de guardas particulares, menos zelosos por desinteressados que na dispersão dos predios encontram desculpa ao seu desleixo, que, como mercenarios, não querem indispor-se com os seus visinhos por causa do que é do amo, com quem dizem não hão-de viver sempre, e que, bastante conhecidos, serão ainda mais espreitados pelos pastores para *lhes pregarem um lôgro e rirem-se-lhes nas bochechas*, que é desculpa agora dos lapios.

Mas ainda que podessem ser *pilhados na ratada* esses pegureiros damninhos, nem haveria testemunhas para provarem a accusação em juizo, nem haveria força para lhes resistir a não ser a tiro, o que, além de repugnar ás consciencias honestas, levaria á prisão e até á penitenciaria pela defeza da propriedade, a qual por falta de testemunhas nem mesmo poderia provar-se em justificação.

E se testemunhas houvesse, teria na maior parte dos casos de haver accusação particular com todos os encargos das custas do processo, porque em geral os gados estão de parceria e o pensador nada tem de seu.

Poderiam ainda ser efficazes os serviços dos guardas campestres, cujos autos jurados, segundo a lei de 2 de julho de 1867, fazem fé em juizo até prova em contrario; mas são poucos os que correm atraz da incerteza e ninguem quer perder seu tempo sem remuneração. E por isso elles, que não têm vencimento certo, nem podem tê-lo porque é um encargo a mais com que já não póde a lavoira, preferem ir ganhar a geira, ficar descançados em casa, ou percorrerem os montes atraz da caça, que para poderem usar d'armas acceitaram a nomeação de guardas.

A unica guarda possivel consiste em não permittir gados, senão a quem tenha onde pastorea-los, e não consentir a guarda d'elles, senão a quem os precedentes façam presumir uma consciencia não depravada ainda.

Quem tem terras, onde apascentar seus gados, tem meios para indemnisar os prejuizos causados aos outros; e procurará tambem evitar esses prejuizos, para que não lh'os retribuam no que é seu, se de outra fórma não poderem haver reparação. Serão os donos do gado ou os seus pastores a guardarem-se uns aos outros. E quem tem alguma coisa de seu, não é um *perdido* no meio social, que não se importe de ser separado d'elle ou não seja attrahido para o sólo natal por aquella ignota doçura, de que falava o poeta latino.

E se não se consentir que os gados sejam pastoreados, senão por quem tenha limpo o seu registo criminal e não tenha sido ainda condemnado como reincidente por transgressões de posturas sobre a guarda da propriedade rural, este será cuidadoso em evitar responder por qualquer contravenção, e fugirá por consequencia de a commetter, para não ficar privado d'aquelle meio de vida, a que já se acostumou, e que não o deixou *trainar* nos duros trabalhos da lavoira, unicos a que, por suas nenhumas habilitações, poderia entregar-se na falta d'aquelle.

Têem reconhecido as camaras municipaes a necessidade de pôr côbro a tantos abusos e tantas depradações, de que a lavoira está sendo victima; e em algumas posturas tem-se estabelecido preceitos que, postos em execução, seriam garantia sufficiente para a agricultura regional. Mas a brandura dos nossos costumes, que importa o mesmo que a falta do cumprimento de nossas obrigações legaes, e a maldita politica, que só tem servido para desmoralisar o povo e para passar esponjas sobre os crimes, e a falta de guardas de policia rural remunerados e responsaveis pelos seus desleixos, tem deixado ficar esquecidas essas posturas no pó dos archivos.

O particular, ainda mesmo que quizesse arriscar-se ás despezas do processo de accusação, só póde legitimar-se como accusador nas transgressões que o prejudiquem, as quaes são de difficil comprovação; e a sua acção fica sempre inefficaz para compellir ao cumprimento das disposições preventivas e de garantia, as de mais proficuos resultados pela facilidade de prova, mas que não o interessam directamente para que possa ser parte legitima na accusação da coima. E assim, dada a enercia official, nada ha que possa obrigar ao cumprimento das posturas, que, para serem letra morta, melhor era não terem sido votadas, porque ao menos não haveria o desrespeito pela lei.

E se ao particular não se deve negar o direito de accusar a transgressão, quando ella lhe traga damno, não é conveniente sujeita-lo á necessidade de o fazer, porque infelizmente a depravação moral vae alas-

trando grandemente pelas infimas camadas, que não tem que perder, que não tem affectos que as prendam e que não tiveram quem lhes formasse a consciencia pelos preceitos da moral. Indispensavel é que a acção publica intervenha sempre, mas intervenha energicamente e nem tenha motivos nem pretextos para deixar de intervir; escogite-se o meio de consegui-lo, que a razão diz-nos não ser impossivel, e nenhuma difficuldade deixou ainda de ser vencida pela intelligencia humana, quando applicada de boa vontade.

Por nossa parte, e agora, lembramos apenas a simples introducção na lei penal de um artigo, que ponha á disposição do governo, para os effeitos do artigo 1.º da lei de 21 de abril de 1892, todo aquelle que fôr condemnado por furto ou damno dos campos, provando-se pela accusação que é *useiro e veseiro* na pratica de taes crimes, quer dizer, que os tenha praticado muitas vezes tornando-se um habito n'elle a sua pratica.

A disposição não seria mais dura do que a do n.º 4.º d'aquelle artigo 1.º da lei citada, porque, se não fôra tanta brandura, ou tanta indolencia, ou tanta falta de guarda, teriam os visados por ella sido condemnados bem mais vezes, que as cinco n'elle requeridas.

Seria uma limpeza nos campos; seria um desafogo para o lavrador; seria uma praga de menos para a agricultura e das mais prejudiciaes.

Alvaro de Mendonça Machado de Araujo.

Geo-hydrologia de Chaves

(continuação)

Condições geologicas geraes da região de Chaves

Por muito grande que fosse o interesse que eu teria em levar com detenção o meu exame a um ambito muito mais vasto, porque não estava isso na minha alçada cingi-o á area que julguei indispensavel conhecer para uma melhor comprehensão da questão especial a estudar. Abstrahindo por emquanto do estudo precisamente local das proximidades das nascentes thermaes de Chaves, darei em breves palavras uma idéa da constituição geologica dos arredores d'esta villa

Essa constituição no campo restricto que observei, é, na sua complexidade, de algum modo uniforme. Tanto pelo norte como pelo poente e junto á villa de Chaves se encontra o contacto do granito com o schisto quartzo-micaceo. Sahindo da villa e seguindo por alguns kilometros na direcção de sudoeste, reconhece-se que o limite ou contacto d'aquellas duas rochas segue proximo ao Tamega, deixando ao longo da margem direita d'este rio uma faixa muito irregular de schistos, de tal sorte que, sobre a estrada de Braga, que o acompanha, se vê alternadamente apparecer o granito e o schisto. Ao nordeste, nascente e sueste da villa estende-se a bacia terciaria a que acima fiz allusão, constituida por argilas e areias. As argilas, utilisadas no fabrico de telha, teem uma espessura de 4 a 5 metros, e assentam sobre as areias que fornecem um nivel de agua e que se reconhecem no fundo de poços destinados a irrigação. Atravessando essa bacia em rumo do nascente chega-se á falda da serra do Brunheiro e ahi se observa que o limite do granito com os schistos segue pelos logarejos de Val de Zilma ao sul, Villar de Nantes, Nantes, Quinta do Retiro e Quinta da Calçada ao norte, inflectindo-se d'ahi um pouco para o nordeste, desenvolvendo-se o granito para o nascente d'este limite, emquanto o terreno schistoso é tambem aqui representado por uma estreita faixa entre o granito e os depositos terciarios e modernos que se estendem para oeste. Aqui, d'este lado do valle, tambem o contacto das duas rochas não se traduz por uma simples linha mais ou menos sinuosa; poderá dizer-se que toda a estreita faixa de schisto apresenta a mistura das duas rochas, evidenciando a penetração do granito pelo schisto, reconhecendo-se inclusos nas massas ou apophyses de granito, que affloram, blocos de schisto, ás vezes em tão grande numero, que se diria uma brecha de gigantescos elementos, factos estes que testemunham das acções violentas que ali se passaram com a intrusão granitica.

A identidade evidente de estructura das duas zonas de contacto, a do flanco oriental e a do flanco occidental, n'esta parte do valle do Tamega, leva a reconhecer segundo este uma grande linha de fractura. Dir-se-hia com effeito, de um modo geral, que, sob o ponto de vista estructural, um dos flancos está para o outro como as superficies de separações das duas partes de um corpo.

Esta direcção de fractura não é unica, e para não invadir desde já o estudo que mais minuciosamente farei adiante, referirei que, sobre a nova estrada de Braga, em muitos pontos das trincheiras, se veem algumas venaculas e até verdadeiros filões de quartzo e ainda mais frequentemente aquelles nos quaes, com este mineral, se acha a mica branca em grandes lamellas, pois se colhem tendo 15 a 20 centimetros quadrados de superficie, e um kaolino misturado com fragmentos de mica amarellada. A direcção média d'estes filões é N. 48-50º O., sendo o pendor como a possança muito variaveis.

Os schistos são sempre mais ou menos crystallinos e sempre ou quasi sempre mui pouco coherentes. Algumas vezes os schistos apresentam-se franzidos, como se observa seguindo das *Casas dos Montes* para a *Granjinha* e proximo d'este ultimo logar, onde são antes chloriticos que micaceos. Sobre as trincheiras da estrada de Braga se vê tambem que os schistos conteem grande numero de pequenas massas lenticulares de quartzo; algumas vezes, porém, o quartzo acha-se distribuido em leitos extremamente delgados, e, n'um caso como n'outro, alternando com uma argilla carbonosa, tingindo os dedos, como a S. Frausto e entre Cando e Curalha. Independentemente da crystallinidade geral que acima notei para os schistos, parece que esta qualidade se accentua com a proximidade ao contacto com o granito. Em nenhum ponto logrei encontrar algum jazigo fossilifero; mas, os caracteres que deixo indicados, á falta de melhores, me levam a considerar os schistos como cambrianos.

Trova popular

O meu amor era Antonio
Mudei-o para João;
Tambem o vento se muda
Do norte para o suão.

REGISTO ELEGANTE

Chegadas e partidas

Com breve demora, passou no Porto o ex.mo snr. commendador Domingos Gonçalves Campos, importantissimo proprietario e capitalista, cujo nome ainda hoje é lembrado com respeito entre a colonia portuguesa do Brasil, da qual foi um dos mais estimados membros. S. Ex.a regressou á sua esplendida casa de Villa Real, onde conta, como no Porto, muitos e grandes amigos e admiradores das suas qualidades.

—Esteve no Porto, com demora d'alguns dias dando-nos a honra da sua visita, e regressando a Alijó, o nosso presado amigo snr. Casimiro Cabral Junior, filho do nosso provedor e pessoalissimo collaborador Casimiro Cabral, que, com a sua tersa prosa regionalista, enriquece o presente numero da *Illustração Trasmontana*.

—Vindo de Barca d'Alva, onde exerce clinica, visitou-nos o nosso antigo camarada e estimado amigo dr. Antonio de Mattos, cujo talento e cujo caracter as recentes gerações academicas do Porto tanto admiram e estimam; sentimos que a imperiosa vida pratica nos roube o seu convivio, desterrando-o para os montes martyres da Barca.

—A' sua casa do Porto, já regressou d'uma breve ausencia dos arredores da cidade, a veneranda sogra do nosso querido amigo e estimado administrador da *Illustração Trasmontana*, ex.mo snr. Antonio Terrio. A illustre senhora vem restabelecida dos incommodos de saude que a tiraram do Porto, por algumas semanas, e que felizmente não inspiram cuidados, pelo que damos os parabens a sua ex.ma filha a snr.a D. Balbina Terrio e a seu extremosissimo genro ex.mo snr. Antonio Terrio.

—De Bragança, onde o levou uma interessante e productiva excursão scientifica, que foi coroada do mais franco exito para a sciencia archeologica, como n'um já promettido estudo os leitores da *Illustração Trasmontana* terão occasião de vêr, regressou á sua residencia do Baçal, o nosso illustre e erudito collaborador P.e Francisco Manuel Alves.

—De visita a seus affeiçoados primos e nossos amigos Antonio e Manuel Terrio, esteve no Porto o nosso intelligente amigo Secundino Cachaldora, um dos rapazes mais estimados de Alijó.

—A tratar de negocios, vimos no Porto o nosso velho e presado amigo snr. João Cachaldora, importante negociante e proprietario em Alijó.

—Acompanhado de seu intelligentissimo filhinho Mario e dedicada esposa, snr.ª D. Piedade Corrêa, veio passar alguns dias ao Porto o nosso devotado amigo ex.mo snr. Antonio Augusto Corrêa, administrador e collaborador artistico da *Illustração Trasmontana.* Infelizmente as obras na sua importante vivenda «Villa Piedade» não lhe deram tanto tempo para estar no seio dos numerosos amigos que conta n'esta cidade como elles, e nós d'esse numero, desejariamos. Foram uns dez dias de alegria para nós todos, após o que o nosso activo e dedicado camarada regressou á sua casa de Alijó.

—Para Alijó voltou tambem o nosso assignante e amigo ex.mo snr. João Pinto, importante negociante no Pará.

Manuel Rufino

Uma vida humana é um capital.

Para a collectividade, é um capital economico; para a familia é um capital de affectos.

Os inglezes, na guerra do Transvale, avaliavam os horrôres da chacina, o luto das viuvas, o desamparo dos orphãos, a loucura das mães, o suicidio das noivas, as lagrimas dos paes, que viam partir os maridos, os paes, os filhos, os noivos e voltar apenas a noticia da morte na mólhada dos boletins officiaes, toda essa devastação de vidas, de esperanças, de amores, de amparos, a Inglaterra media n'uma balança de ourives.

Um soldado inglez valia em média dez libras; de maneira que ao abrir um telegramma da South-Africa, Chamberlain, esse sinistro Chamberlain, não lia: *morreram novecentos homens,* mas: *perderam-se nove mil esterlinas.*

Nós, os portuguezes, pòvo nascido do amor, creado no sentimentalismo, que é ainda uma grande e respeitavel força, não temos a noção d'esse prejuizo material que é a perda d'uma vida: choramos a perda d'uma alma que nos era ou a quem eram dedicados, e deante de nós não vêmos mais que o despedaçamento do coração, o desamparo em que a nossa alegria fica.

Manuel Rufino

Somos menos horrendos nas nossas contas e chegamos á mesma exactidão do balanço.

Todas essas vidas que nos ficam pelos campos de batalha da emigração, é oiro em barra!

Os povos mais fortes são os que emigram.

Os cidadãos de quem nós mais podemos esperar são esses que quanto mais longe da vista da Patria estão, mais perto do coração a teem.

Chorar um d'esses irmãos é, sem deitar conta, ao valor financial que era essa vida, avaliar em affecto, em estima a preciosidade d'essa vida querida.

Uma patria de economistas, como a Grã-Bretanha seguraria essa vida n'uma *Insurance Life* qualquer, receberia o premio e não pensaria mais n'esse grão d'areia da ambição.

Os portuguezes, não: podiam-lhe dar dez mundos por essa vida, que não na trocaria, nunca se sentiria compensado nem conformado com as leis da materia.

Pois quem ha de conformar-se com a morte, d'um moço, sympathico, intelligente, como era esse Manuel Rufino, partindo para o Pará em setembro ultimo, e cuja morte já do Pará nos chega agora a noticia?!

Nem os seus irmãos, Domingos, Antonio e José Rufino, nem seu pae o snr. Joaquim Rufino Pinto, nem os camaradas de trabalho do pobre e estimado rapaz que na importante casa A. Mourão & C.ª, do Pará, onde era activo empregado commercial, deixa o vácuo d'uma funda saudade, nem nós nos podemos conformar que assim nos arranquem do coração uma esperança em flôr!

A Imprensa

E A

«Illustração Trasmontana»

Ao nosso estimavel collega *O Douro,* um dos jornaes melhor redigidos da provincia, temos a agradecer a seguinte amistosa referencia, feita no seu numero de 11 de junho:

«**Illustração Trasmontana.**—Os numeros de janeiro, fevereiro e março, d'esta valiosissima publicação, que o snr. Joaquim Leitão está dirigindo carinhosamente, com toda a competencia do seu talento culto, são altamente interessantes, pela variedade e valor dos artigos e gravuras que inserem. O *Jornal do Mez*, que acompanha a illustração, foi completamente transformado, acompanhando, em prosa de leitura agradavel, todos os acontecimentos de Traz-os-Montes nos differentes ramos da vida e actividade locaes.

Além do seu merecimento litterario, a *Illustração Trasmontana* tem outros motivos para captar as sympathias e estima dos apreciadores de publicações d'esta natureza: a nitidez das suas photo-gravuras e os trabalhos typographicos e de impressão que, incontestavelmente, são dignos de elogioso registo.

No numero respeitante a janeiro veio um estudo muito apreciavel ácerca da *Varanda Trasmontana*, e o de março foi consagrado a Chaves, por ser n'esse mez que a formosa villa fronteiriça commemorou o centenario da sua tomada pelo heroico general Silveira.

Recommendamos enthusiasticamente aos nossos leitores, e em geral a todos os trasmontanos esta excellente publicação, que além de ser a unica no seu genero em Portugal tem incontestavel jus a ser adquirida e coadjuvada por quem souber comprehender a importancia da missão que ella desempenha e o muitissimo que vale, tanto sob o ponto de vista litterario, como pelo seu caracter artistico».

* * *

Ao nosso estimavel e bem redigido collega *Vida Nova,* semanario que em Lourenço Marques vê a publicidade, agradecemos a seguinte referencia:

«**Illustração Trasmontana**—Recebemos novamente a visita d'esta primorosa e bem redigida revista, que se publica na cidade do Porto.

De todas as publicações no genero, que conhecemos, e que se publicam na metropole é esta talvez a que deve merecer mais attenção ao publico e mormente aos trasmontanos a quem ella interessa directamente pois que unica e exclusivamente trata assumptos da provincia de Traz-os-Montes, descrevendo minuciosamente todos os costumes dos povos d'aquella até hoje tão esquecida parte do nosso Portugal. Não somos trasmontanos, mas permitta-nos o seu director snr. Joaquim Leitão que d'aqui de longe, lhe enviemos os nossos applausos por tão bella quão patriotica iniciativa».

Os Portuguezes no Brasil e Africa

O verão é a jubilosa hora em que o lar portuguez vê entrar ao batente da porta o amado filho que o destino conquistador d'um povo de nautas e de soldados arremessou á tomada do vélo d'ouro, para os confins da Amazonía ou para o balylonesco Rio de Janeiro.

Elle foi com sentido de voltar d'ahi a mezes, com o bastante para deshypothecar a herdade, desempenhar o casal, uma migalha que aliviasse o «velho» já estonteado de laborar.

Mas a emigração é um labyrintho: quem lá cae, enréda-se, desatina com as saídas, dá voltas sobre voltas para se desenredar da tráma de caminhos e atinar com a ansa redemptora que o restitua á liberdade — a Patria.

De modo que aos olhos lagrimosos d'uma mãe ou o coração paterno tufado da emoção repreza verem entrar pela porta dentro um filho que deixou um quarto vasio na casa, um cantinho da alma transida de saudade, o mesmo é que vêr resuscitar quem já se não contava beijar antes da «viagem derradeira».

Não é porque o Brasil ou a Africa sejam, para nós hoje, o que eram para os antigos — os Imperios da Morte.

Não; mas é que nem todos sáem d'aquelle labyrintho de negocios, de interesses, de trabalho, de actividade incomparavelmente febril e absorvente, a tempo de abraçarem vivos os que dispuzeram de todas as lagrimas que possuiam ao desabraçarem-se d'elles na hora negra do desterro.

A primavera e o verão, estes mezes quentes, os dias de sol, são a sazão em que nós temos a dita de reencontrar figuras de que já andavamos habituados a matar saudades só pelo retrato.

N'este mez, mais dois alegrões, mais duas visitas de compatriotas que o Brasil nos tinha por lá.

* * *

Do Pará, onde é estimadissimo como um dos membros mais patriotas da colonia portugueza e respeitado como um dos vultos mais eminentes da classe commercial, a que pertence como socio da importante firma Candido José Rodrigues & C.ª, chegou o nosso comprovinciano e assignante ex.mo snr. Candido José Rodrigues.

Filho de Carrazeda de Montenegro, concelho de Chaves, Sua Ex.ª

acha-se no Porto hospedado em casa de seu genro, o importante capitalista Manuel José Pereira Leite Junior.

* * *

Chegado do Pará, sabemos que está em Cheires, d'onde é natural, o ex.mo snr. João Antonio da Rocha, nosso presado assignante. Tral-o o estremado affecto a sua virtuosa Mãe que as saudades anceavam e que deve ter chorado as lagrimas irrepresaveis da alegria ao abraçar-se no filho querido. Conhecendo como conhecemos o excellente coração e exemplar amor filial de João Antonio da Rocha, cumprimentamol-o pela sua vinda que teve a maior das festas: o abraço commovido da mais dedicada das Mães. Sua Ex.ª após uma demora em Cheires, partiu para a estancia d'Entre-os-Rios.

Correspondentes

Aos nossos comprovincianos, a todos quantos estimam a querida e formosa parcella da Patria Portugueza que é Traz-os-Montes, fazemos constar o desejo que temos de conseguir correspondentes noticiosos para o TRASMONTANO e pedimos-lhes que prestem esse alto serviço á ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA.

Por emquanto só em Alijó temos correspondente fixo. Das demais povoações, como Chaves, Bragança, Villa Real, Villa Pouca, não podemos contar com a regulariade que é nosso intento dar a esta secção, tão interessante sobretudo para a colonia portugueza do Brasil e para os portuguezes que em Africa encontrariam assim condensadas as noticias da vida da sua terra, n'um mensario breve e sucinto que elles leriam sofregamente nas poucas horas que a intensa vida de trabalho n'aquellas paragens lhes permitte o repouso da leitura e que não chega para as irem respigar nas extensas informações dos grandes diarios.

Aceitamos desde já correspondentes em todas e quaesquer localidades trasmontanas, instando sobretudo pelas correspondencias das cabeças de comarca.

Esperando que dos muitos amigos que a ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA conta na provincia, espontaneamente nos venha a adhesão rogada. Uma unica recommendação e condição tiramos: que não nos forneçam texto politico — quer-se informação noticiosa, da vida do lar, da vida collectiva, desde o acontecimento affectivo ao facto scientifico e economico.

E para que caibam todas, a maior concisão possivel e a maior escolha, expurgando tudo quanto fôr de menos interesse geral. N'um bilhete postal escreve-se a historia d'um povo, quanto mais os factos mais notaveis da vida mensal d'um concelho.

Dirigir as adhesões ao director da ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA.

A "Illustração Trasmontana„ em Alijó

Junho, 1909.

N'estes fraguedos onde — em boa hora o digamos! — o Terramoto (como o olhar dos governos) não chega, estamos reduzidos a esse curto e commovido diario das mães serranas para quem os fastos se registam n'um cantinho do coração, hora escriptos á tinta rôxa da saudade. — «Faz oito annos que o mar me levou o meu Antónho» hora na inindelevel tinta da felicidade breve: — «Vem ahi o meu Antónho».

Uma lagrima, um sorriso, — é a cadeia de repetidos élos que abraçam o cyclo d'essas existencias agraciadas de simplicidade.

Assim, nós, nos hêmos de limitar ás inculcas de quem vae ou quem vem.

E, bem de agradecer é á Senhora da Cunha, que assim tenhamos de escrever sómente nomes amigos e datas alegres.

— A' sua casa de Alijó regressou o nosso presadissimo amigo, conterraneo e prestimoso assignante ex.mo snr. Domingos Rufino, vulto da colonia portugueza do Pará. sua ex.ª veiu acompanhado de seu venerado Pae e tambem nosso velho amigo snr. Joaquim Rufino Pinto, e de sua gentilissima irmã a ex.ma snr.ª D. Maria Rufino Pinto, uma das senhoras mais distinctas da sociedade alijoense.

— De visita a seu cunhado, o nosso velho amigo snr. Arthur Alves Canellas, escrivão notario d'esta comarca, estiveram n'esta villa o snr. Joaquim Gonçalves de Carvalho, e sua ex.ma esposa D. Aurora da Nobrega Pinto Pizarro de Carvalho, de Villa Real.

— Reentrou de Montemór-o-Velho a Ali-

jó, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa, o nosso amigo ex.^{mo} snr. dr. Evaristo Duarte Geral, medico do partido municipal de Alijó.

—Vindos do Porto, abraçamos os nossos amigos João Cachaldora e seu estremoso filho Secundino Cachaldora.

—Regressado do Porto, já vimos aqui o nosso presado assignante ex.^{mo} snr. José Ignácio Alves, importante capitalista de Favaios.

—Consorciou-se o nosso conterraneo snr. Adolpho Arthur Wenceslau, dignissimo escrivão de direito em Inhambane (Africa) com a gentilissima senhora D. Maria Teixeira de Barros, dama alijoense. Os nossos emboras.

—Partiu para Entre-os-Rios, a fazer uso das aguas da formosa estancia, o nosso chegado amigo Manuel Teixeira Corrêa, d'esta villa.

—Foi passar alguns dias ao Porto, a ex.^{ma} snr.^{a} D. Maria Teixeira de Barros, capitalista de Presendães.

—Por algum tempo, saíu de S. Mamede de Riba Tua o nosso muito presado amigo snr. Carlos Richter.

—Esteve entre nós o snr. Amadeu Tavares, activo e digno representante do Centro Commercial do Minho.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, na Regoa

Junho, 1909.

A direcção do *Commercio do Porto*, enviou ao seu illustre correspondente n'esta villa, snr. José Joaquim Pereira Soares Santos, a quantia de 200$000 réis para ser applicada da seguinte fórma: 100$000 réis para a sopa dos pobres da Regoa e Godim; 50$000 réis para os pobres de Barcos, e 50$000 réis para os de Santa Leocadia, do concelho de Taboaço.

A sopa dos pobres d'esta villa, estabelecida com esmolas d'*O Seculo* e d'*O Primeiro de Janeiro*, tem sido mantida sob o agradecimento mais intimo.

Bem haja a direcção do *Commercio do Porto!*

—O digno administrador d'este concelho, snr. dr. Carlos Pimentel, acaba de receber por intermedio do snr. governador civil do Porto as seguintes quantias:

Da Legião Azul .... 130$040
Do snr. commissario de policia de Evora .... 136$700

Conforme as indicações recebidas, foi distribuido este dinheiro pelas seguintes freguezias: para Sediellos 126$740; para Loureiro 70$000; e para Villarinho dos Freires 70$000 réis.

—Por despacho de 28 do passado, foi indeferido pela Repartição de Minas, o requerimento datado de 1 d'outubro de 1907 em que Souza Andrade & C.^{a}, Joaquim Marinho de Carvalho e Domingos Teixeira de Souza pediam o diploma de descobridores legaes da mina de Wolfram e outros metaes, do Seixo, na freguezia de Covellinhas, por lhes ser applicavel o disposto no artigo 30 do regulamento para o aproveitamento das substancias mineraes, de 5 de julho de 1894, ficando livre o campo para novos registos.

—No dia 6 do corrente e n'uma das salas do Paço do Concelho realisou-se uma reunião dos principaes commerciantes da Regoa, para accordarem na fundação d'uma *Associação Commercial* que a existir já bastante serviços teria prestado ao importante e honrado commercio d'esta villa. Foi nomeada uma commissão para elaborar os estatutos da Associação Commercial, que ficou composta dos snrs. Antonio José dos Anjos Borges, Antonio da Fonseca Oliveira, João da Silva Bonifacio, José Corrêa de Magalhães, Gaspar H. da Silva Monteiro, João Alves Barreto, Manuel J. Rodrigues Valente e José Antonio da Fonseca Oliveira.

—Continua a ser distribuida, com toda a regularidade, e sob a direcção da commissão de beneficencia local, a sopa instituida em beneficio dos operarios sem trabalho e dos desvalidos.

Com ella se gastaram, no mez de maio, 136$765 réis.

—O snr. José Rodrigues Teixeira, estimadissimo commerciante no Rio de Janeiro, levado pelos sentimentos da extrema generosidade, que muito o ennobrecem e o collocam ao lado dos grandes benemeritos portuguezes, que longe da sua querida patria nunca a olvidam e estão sempre promptos a praticar o bem, acaba de iniciar n'aquella cidade brasileira, entre os seus compatriotas, uma subscripção, com o fim de applicar o seu producto na construcção de um cemiterio em Sediellos, terra da naturalidade d'aquelle bondoso cavalheiro.

A subscripção já tem as assignaturas dos seguintes portuguezes:

José Rodrigues Teixeira, 80$000 réis;

Carneiro Teixeira & C.^{a} e José Teixeira Borges 50$000 réis cada um;

João Ribeiro da Fonseca Santos, 25$000 réis;

Agostinho Guimarães, José Pereira & C.^{a}, Moreira & Bastos, Manuel Ferreira & C.^{a}, José Silva & Dias, Joaquim Soares da Silveira, Antonio Gonçalves Moreira, Joaquim Pinto Nogueira, José Augusto Gonçalves, Canastra & Pimenta, A. Martins & C.^{a}, Antonio Barbosa, José de Oliveira (Trotte) e Antonio Soares Vinagre, 20$000 réis cada um;

Manuel Teixeira, José Vieira da Silva, Silva Ramos & C.^{a}, Antonio Nogueira da Costa, Bernardo Martins de Abreu, R. Antunes, Jesuina da Silva Gomes, José Fernandes Alves e Salvador Amendola & Irmão, 10$000 réis cada um;

José Montenegro Serra, Francisco Nascimento Angelino, Salvado Nesi, Rodrigues Gomes & C.^{a} e Rodrigues & Rocha, 5$000 réis cada um.

Total da subscripção 600$000 réis.

—O snr. dr. Antonio Alberto Teixeira Lobato, illustre advogado e professor em Villa Real e que hontem esteve na Regoa, foi portador da quantia de 10$000 réis, que o snr. commandante dos Bombeiros Voluntarios de Sacavem, mandou para a sopa dos pobres instituida n'esta localidade.

—Regressou da Suissa, onde esteve algum tempo tratando da sua saude, o acreditado negociante d'esta villa, snr. José Alves Barreto.

—Acha-se doente o snr. Adalberto da Silva Marinheira, filho do digno secretario da administração d'este concelho snr. Antonio Joaquim da Silva Marinheira.

—De visita a sua ex.^{ma} familia, acha-se n'esta villa, com sua ex.^{ma} esposa, o snr. Antonio Alfredo Ferreira de Carvalho.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Bragança

Junho, 1909.

Nos fins do passado mez, realisou-se a visita annunciada a Bragança de grande numero de socios da Associação dos Engenheiros Civis, de Lisboa, que andam fazendo uma excursão ás linhas ferreas de Traz-os-Montes.

Vinte e sete engenheiros civis chegaram no dia 20, ás 10 horas da noite, em comboyo especial, composto de duas carruagens salões e um *fourgon*, á estação de Bragança, que se achava embandeirada e illuminada.

Eram alli esperados por bastantes pessoas, entre as quaes nos recorda ter visto os snrs. coronel Bello, commandante da brigada de infanteria e governador militar de Bragança, director das Obras Publicas do districto snr. Silva Dias, presidente da camara snr. conselheiro Abilio Beça, vice-presidente engenheiro Olympio d'Oliveira Dias, delegado da comarca, dr. Arthur Camacho Lopes Cardoso, dr. Francisco Morgado, tenente medico militar, Daniel Rodrigues, tenente Antonio Teixeira, inspector dos impostos Antonio Beça, intendente de pecuaria Mendes Pereira, Accacio Vidal, Augusto Maria de Barros, Carolino Serrano, José Baptista da Cruz, etc.

A excursão faz-se sob a direcção do vice-presidente da Associação dos Engenheiros Civis, o snr. José Maria Cordeiro de Sousa, engenheiro chefe director dos Serviços Fluviaes e Maritimos do Ministerio das Obras Publicas e que é um funccionario distinctissimo e muito considerado.

D'entre os excursionistas alguns são oriundos do districto, como:

O snr. Lopes Monteiro, que foi director das Obras Publicas de Bragança e hoje está na direcção das Obras Publicas de Villa Real;

O snr. Cordeiro de Sousa, engenheiro distinctissimo da Direcção Geral do Ministerio das Obras Publicas, descendente da familia Cordeiro, d'Alfandega da Fé;

O snr. Alfredo da Veiga, nascido em Mirandella.

Outros já aqui estiveram em serviço publico, como:

O snr. Manuel Maria d'Oliveira Bello, distincto director da Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro e que nas linhas do Tua a Mirandella e de Bragança fez as honras da casa nas estações d'aquella villa e d'esta cidade aos seus collegas de engenharia;

E os snrs. Gabriel Ferraz Alberto Craveiro Lopes d'Oliveira, filho do general snr. Alberto d'Oliveira, e irmão do antigo deputado por Bragança snr. capitão João Craveiro d'Oliveira, Telles de Vasconcellos, Manuel Roldan, Almeida Soeiro, Paes de Faria, Soares Martins, Furtado de Mendonça, Moreira da Fonseca, Barahona Caldeira, Duro Sequeira, Gustavo Pinto Basto, José Tudela, Silva Brito, Paulo Raymundo Dias d'Oliveira, Mello Mattos, Leote Tavares, Ferreira Borges, Monteiro de Macedo e outros, cujos nomes não recordamos.

Os engenheiros excursionistas percorreram na manhã do dia 21 algumas das principaes ruas da cidade, visitaram o Museu Archeologico Municipal, onde foram recebidos pelo seu illustre director e conceituado archeologo snr. capitão Albino Pereira de Lopo, o castello de Bragança, quartel de infanteria 10, egrejas de Santa Maria e de S. Bento, Gremio Brigantino.

Foram acompanhados pelos snrs. briga-

deiro Bello, Silva Dias, Abilio Beça, Oympio Dias, e capitão Lopo.

Foi-lhes servido ao meio dia um excellente almoço no Grande Hotel Virginia, no fim do qual se levantaram brindes, fazendo o snr. engenheiro Cordeiro de Sousa um discurso em que brindou Bragança, na pessoa do presidente da camara, que não se achava no momento presente, e do vice-presidente snr. engenheiro Dias; exaltou os grandes meritos do saudoso filho de Bragança, o fallecido engenheiro José Beça, que fôra um dos socios dilectos da Associação dos Engenheiros Civis. O snr. brigadeiro Sousa Bello levantou um brinde a Sua Magestade El-Rei.

Durante o almoço tocou no pateo do hotel a excellente banda de infanteria 10.

A' uma hora e meia da tarde partiram os excursionistas em direcção á Regoa e Pedras Salgadas.

Na estação encontravam-se á despedida dos illustres hospedes as mesmas pessoas que haviam ido espera-los e muitas outras, como os snrs. major Castro, capitão Lopo, delegado do Thesouro Mattos Beja, etc.

Os excursionistas levaram, ao que parece, impressões de certo modo lisongeiras de Bragança.

—Do nosso illustre e muito presado collega a *Gazeta de Bragança* transcrevemos esta communicação scientifica que pelo valor do relato e pelo valor e prestigio do nome e renome do relator, o illustre collaborador da *Illustração Trasmontana*, P.e Francisco Manuel Alves, erudicto archeologo e estimado abbade do Baçal, é por demais digna d'uma transcripção nas belissimas columnas da *Trasmontana*.

Achado Precioso

Ao meu amigo José Benedicto Lageira actual abbade de Aguas Frias

A velha região Aquiflaviense figurava, já desde longa data, com larga e assombrosamente rica representação no campo archeologico; nada, porém, d'isso tocava ao extincto concelho de Monforte de Rio Livre hoje encorporado nella, até á data em que nós trouxemos á luz da publicidade o seu passado epigraphico, como póde vêr-se no *Corpus Inscript.* do grande allemão E. Hübner.

Ao já conhecido temos agora a accrescentar uma raridade verdadeiramente importante; trata-se nada menos do que de um deus lusitano até hoje desconhecido.

Foi indescriptivel a alegria que experimentamos quando, no dia 11 do corrente, em companhia do digno parocho de Rabal, José Miguel Machado, deparámos com o pobre relegado do pantheon archaico.

Eis o texto da lapide votiva que em breve lhe dará jus á consideração e respeito do mundo sabio, excluindo, está claro, alguns hyper-sapientissimos zoilos, que não comprehendem como taes, em seu intender, que bagatelas possam despertar tanto enthusiasmo, pela simplicissima razão de não alcançarem o motivo que leva a Allemanha a gastar centenas e centenas de contos de réis na investigação e publicação de documentos d'este genero, e as nações mais cultas da Europa a, seguindo-lhe o exemplo, manterem amplamente subsidiadas publicações que as archivam e tornam conhecidas.

Segue o texto

LAROCV
AMAPITIL
IFILIAEIBI
ANBAOVO
LVASRIITVLI
PROMARITOA

que vem a dizer: Larocua, filha de Mapitilio, levantou de boa vontade, segundo o voto que tinha feito pela saude de seu marido, este monumento ao deus cibianbaovio.

Ou então no proprio original:

Larocua Mapitili filia cibianbaovio I (ibens) v (otum) a (mimo) solvi) pro marito anima.

A nossa região, para em tudo affirmar o seu caracter ethnico peculiar, até n'este particular apresenta uma theogonia especial: Aerno em Castro de Avellãs e junto a Chacim onde lhe encontrei um monumento; Bandua em Cova de Lua; Arro em Sacoias e agora o Cibianbaovio. O que reservará o futuro aos que quizerem vêr? *messis quidem multa, operarii autem*....

P.e Francisco Manuel Alves.

A "Illustração Trasmontana,, em Mirandella

Junho, 1909.

Após uma prolongada demora, regressou de Lisboa, o nosso muito presado amigo ex.mo snr. José Antonio da Rocha Louza, illustre deputado da Nação.

Sua ex.a chegou de optima saude o que deveras estimamos.

—*Noticias de Mirandella.* Suspendeu a publicação este nosso prezado collega local.

—Promettem ser brilhantes este anno os festejos ao S. João, cuja festividade tem logar na Estação do Caminho de Ferro, d'esta villa.

Não nos consta, até á hora que escrevemos estas linhas que haja festejos ao S. João em outro qualquer ponto da villa.

Tanto no dia do arraial como no dia da festa estará a entrada livre, n'aquelle recinto, a todas as pessoas que alli queiram ir divertir-se.

—Já regressou a Lisboa, a tomar conta do honroso cargo de chefe do gabinete do actual ministro das Obras Publicas, o nosso presado amigo e illustre publicista, que tanto se tem notabilisado nos seus trabalhos sobre agronomia—o ex.mo snr. João Ignacio Pimentel.

—Destinado á Camara Municipal, para ser vendido n'esta villa ao preço de 750 réis cada 20 litros, foram despachados na estação de Campanhã cinco wagons de centeio.

A Camara tem á sua disposição a quantidade necessaria para garantir o preço até ás novas colheitas.

—Da sua excursão a Albergaria-a-Velha e outras localidades, regressaram os nossos amigos Carlos Augusto Guerra e Armindo Teixeira de Castro.

—Tendo como director o snr. dr. João Pedro de Souza e proprietario o snr. Augusto Fernandes Tender, nossos amigos e patricios, começou de publicar-se n'esta villa, no dia 27 do corrente, mais um semanario independente, intitulado *Aurora do Tua*.

—A Camara Municipal d'este concelho, reconhecendo o estado deploravel em que se encontravam as portas da Praça Nova, d'esta villa, acaba de mandal-as concertar e fazer outras obras de urgente necessidade que alli são necessarias.

—*Correio de Mirandella.* Não se publicou este semanario no mez ultimo, devido a alguns melhoramentos que acaba de fazer.

—Consta-nos que este anno tambem, como no anno passado, não será ministrada n'esta villa a competente instrucção ás segundas reservas, mas sim em Bragança.

A ser verdade, o que nos custa a crêr, é mais um importante prejuizo para esta villa, já de ha muito votada ao ostracismo, e, sem perda de tempo, convem reclamar de tal injustiça.

A nosso vêr o quartel está em condições de toda a segurança e com capacidade para alojar a *insignificante* quantidade de cento e tantas praças.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Chaves

Junho, 1909.

Com muito saudar,—no archaico e saborido dizer das Chronicas—enviamos hoje á *Illustração Trasmontana* estas poucas linhas, a que nos obrigamos emquanto a vossa esplendida revista, que tantos serviços vem prestando á nossa inditosa quão bella provincia, não haja encontrado quem melhor me substitua.

Começal-as-hei pelo commentario a este facto altamente sympathico e honroso para os flavienses.

A benemerita e philantropica corporação dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa, percorreu o mez passado esta villa, obtendo de donativos, a quantia de 202$000 réis para os sobreviventes do terramoto do Ribatejo. Foi depois entregue no commando da corporação, por differentes pessoas, a quantia de 5$000 réis e um fato de bom panno para homem. Foi tudo enviado ao nosso presado amigo snr. Candido Sotto Maior, para fazer chegar ao seu destino.

A quantia não é um cabedal consideravel, mas o gesto da heroica Chaves é digno de toda a admiração e do mais commovido registo.

E' um symbolo da solidariedade collectiva que esta generosa provincia trasmontana sempre ha mostrado em todos os transes nacionaes.

Com a affição em casa, o trasmontano ainda tem grandeza d'alma bastante para acudir ás affições alheias.

Com a miseria á porta, elle corre para as portas dos outros não para lhes pedir esmola, mas para lhes levar a simples consolação das suas lagrimas de irmão.

Orgulhamo-nos de ser filho de Chaves pelo seu passado glorioso e pela sua actualidade nobilitada pela comprehensão de que os feitos da vida contemporanea se alcançam a poder de amor e de solidariedade.

—A malaposta que a esta villa costumava chegar ás 9 horas da tarde, desde os fins do passado mez que chega uma hora mais cêdo, o que é de grande vantagem para o commercio local.

—Regressou das Taypas onde esteve em uso das aguas d'aquella estancia o nosso conterraneo snr. Alfredo Bastos Villa de Conde, acreditado commerciante da praça do Rio de Janeiro.

—Esteve n'esta villa o nosso presado amigo snr. Julio Monteiro Girão, digno inspector do sello.

—Acha-se completo o gymnasio da benemerita Associação Flaviense de Bombeiros Voluntarios, constando de um portico para argolas, trapesio simples e duplo e balanço; barra fixa; parallelas; cabo para subidas, alteres, etc.

—Comquanto nada esteja ainda officialmente resolvido—pois que só n'uma das proximas sessões camararias será devidamente apreciado esse assumpto—é porém desde já certo a camara tomar sobre si o encargo de promover n'esta villa e concelho uma subscripção publica com o fim de ser levantado n'esta villa, na avenida central do jardim publico, um busto ao illustre benemerito flaviense snr. Candido Sotto Maior.

—Começaram já os trabalhos para a edificação da estação do caminho de ferro de Vidago.

—Em Villa Pequena, concelho de Montalegre, falleceu a ex.^ma^ snr.^a^ D. Luiza Dias Pereira, mãe extremosa do nosso amigo e conceituado negociante d'esta praça, snr. Antonio José Dias Pereira, da firma Dias & Ferreira.

As nossas condolencias.

—Encontra-se quasi restabelecida a ex.^ma^ snr.^a^ D. Arminda Fajardo.

—Para Leiria, para onde foi transferido, partiu com sua familia o snr. capitão Oliveira, de infanteria 19.

—Já se encontram completamente restabelecidos os snrs. dr. José Montalvão e Silva e José da Rocha Carvalho.

—Já tomou posse da direcção da carreira de tiro o snr. capitão Almor Alpoim.

—Continuam acentuando se as melhoras da menina Rita, filha estremecida do nosso amigo, snr. Syndulpho Carneiro, continuando, porém, ainda bastante doente sua ex.^ma^ esposa D. Maria.

—Está quasi restabelecida a snr.^a^ D. Elvira Faria, esposa do snr. Antonio Pereira de Faria, acreditado negociante da nossa praça.

—A camara municipal d'este concelho, não realisou este anno por motivos plausiveis, a tradiccional procissão de *Corpus Christi*.

—Regressou de Lisboa o nosso amigo snr. João Pereira, digno director do Banco de Chaves.

—Do nosso illustre e muito querido collega o *Defensor de Chaves* de que é director o nosso amigo ex.^mo^ snr. Annibal Barros, pessoa muito de nós presada, transcrevemos os seguintes importantes informes sobre a conquista do ar, o problema do seculo xx:

«Tem despertado o mais vivo e justo enthusiasmo o invento do nosso particular amigo e sympathico conterraneo, snr. Accacio Lobo.

«Libertas»—é o nome que elle deu ao apparelho que ha 15 annos lhe prende a attenção e em que deposita cada vez mais fundadas esperanças.

Este aviador, autovoador, aeromovel, ou como melhor se lhe queira chamar, tem as fórmas de uma grande ave, em cujo interior se abrigam o machinismo e aeronautas.

As pernas são moveis, podendo collocarem-se horizontal ou verticalmente.

Promovem a ascenção e a propulsão por meio de helices, que funccionam nas extremidades.

Teem molas que diminuem o choque, nas descidas, e auxiliam a subida.

A cauda, movel e em fórma de leque, serve de leme e mantém a estabilidade, com as azas.

A cabeça, movel tambem, garante o perfeito equilibrio.

Um motor, relativamente pequeno, acciona as partes essenciaes do apparelho, que tem ainda pedaes que reforçam o motor e mesmo o substituem n'um caso de desarranjo.

O arranque é feito de um salto ou pulo de mais de 2 metros.

Emfim, o inventor parece não haver esquecido a menor das particularidades a dar ao apparelho todas as condições de segurança e viabilidade.

Justissimo, é, pois, que toda a protecção official, publica e particular se lhe dispense.

O *Defensor de Chaves* está inteiramente com aquelles que sejam d'esta opinião e mantém aberta a subscripção destinada a auxiliar a importante iniciativa.

Defensor de Chaves . . . . 4$000 réis

O *Intransigente*, orgão estimadissimo da imprensa flaviense tambem abriu nas suas columnas uma subscripção que nos principios do corrente junho estava em 18$000 réis.

—Maio fechou com uma desgraça para os registos d'este concelho. Na tarde de 20, no sitio da Troia, pertencente aos termos de Maires e Lama de Arcos, d'este concelho, formou-se uma medonha trovoada, dando dois fortissimos trovões, estendendo-se para Villarelho da Gaiola e Terras de Cima, povoações da Galliza. Foi grande a quantidade d'agua que affluiu aos ribeiros, desaguando no Tamega.

Os campos marginaes ficaram innundados, sobretudo em Lama d'Arcos, Villa Frade e povoações da Galliza.

As enormes correntes d'agua arrastaram arvores, destruindo tudo o que encontravam. Os prejuisos são calculados em centenas de contos de réis. Felizmente, não houve desgraças pessoaes.

O volume das aguas do Tamega cresceu á altura de dois metros! A ponte sobre o Tamega encheu-se completamente de pessoas de todas as classes a admirar a rapida e enorme corrente, vendo-se passar n'ella grande quantidade de destroços.

Pessoas competentes e que nos merecem completo credito, nos deram as tristes noticias que deixamos referidas, e nos disséram que o aspecto dos campos é desolador é os lamentos dos proprietarios commoventissimo!

E' indispensavel o soccorro do governo, para minorar tão grande desgraça.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana„ em Paradellinha

Junho, 1909.

A passar alguns dias na sua formosa quinta, estiveram em Paradellinha o nosso presado assignante e collaborador ex.^mo^ snr. Torquato Luiz de Magalhães e sua ex.^ma^ esposa snr.^a^ D. Augusta de Magalhães.

—Na egreja matriz d'esta freguezia realisou-se o enlace matrimonial do nosso amigo Julio Xavier d'Azevedo, empregado da agencia do Banco de Portugal, em Castello Branco, com a snr.^a^ D. Candida Rosa Serodio, filha gentil e carinhosa do snr. Manuel G. Serodio, importante proprietario e capitalista d'esta terra.

Paranympharam, por parte da noiva, seus paes, e por parte do noivo seu irmão Antonio Xavier e sua prima D. Helena Serodio.

Foi celebrante o rev. parocho d'esta freguezia.

Após a cerimonia, foi servido um lauto copo d'agua em casa dos paes da noiva.

Aos *toasts* fallaram muitos dos convidados.

Entre outros lembra-nos ter visto as senhoras D. Amelia Mergulhão, D. Carlota Mendonça, D. Augusta Xavier, D. Conceição Xavier, D. Sophia M. Mendonça, D. Helena Serodio e os snrs. Luiz Alves de Carvalho, Julião B. Mergulhão, Padre Antonio Arthur Serodio, Francisco Xavier, José Xavier e Antonio Xavier.

Depois do almoço seguiram os noivos acompanhados de alguns amigos em carruagem para a estação do Pinhão, com destino a Castello Branco onde vão passar a lua de mel.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana„ em Villa Pouca d'Aguiar

Junho, 1909.

O snr. José Maria Teixeira, nosso conterraneo, capitalista na Bahia, Estados Unidos do Brasil, e que chegou aqui ha dias de visita á sua estremosa familia, entregou á direcção do Club Aguiarense a quantia de 60:000 réis para ajuda da compra de um bilhar, que este ainda não possuia.

Generosa offerta foi esta que vem dotar o Club Aguiarense com um divertimento tão inoffensivo, como hygienico.

Nunca se arrependa o nosso conterraneo de praticar obras que como esta, tanto enaltecem quem as commette.

—Acompanhado de sua dedicada esposa regressou a esta localidade, o snr. Francisco d'Almeida e Silva Vasconcellos, muito digno escrivão de Fazenda d'este concelho.

O snr. Vasconcellos que tinha estado no Porto, afim de consultar ali especialistas medicos, vem bastante melhor de seus incommodos, pelo que sinceramente o felicitamos.

—Do Pará, chegou a esta villa, o nosso conterraneo snr. Manuel da Silva Bastos.

—Deu á luz, com a maior felicidade, uma robusta creança do sexo feminino a virtuosa esposa do snr. Alfredo Lopes Fernandes, camarista do nosso municipio, e abastado proprietario d'este concelho.

Dando-lhe os nossos parabens, estimamos que tanto a parturiente como a sua querida filhinha continuem bem.

—De visita a seus estimaveis tios Bento de Sousa Machado e irmãos, de Fontes, chegou o ex.^mo^ snr. Casimiro de Sousa Fontes, importante commerciante da praça do Porto, acompanhado de sua virtuosa esposa D. Maria Augusta de Sousa Fontes e seus queridos filhos Alvaro de Sousa Fontes e D. Maria Izabel de Sousa Fontes.

Consta-nos que o snr. Machado chegára muito encommodado de saude.

Fazemos votos pelo seu prompto restabelecimento.

—Já regressou do Porto, para onde havia partido ha dias, afim de fazer a acquisição de um bilhar para o Club Aguiarense, o snr. dr. Armando Chaves, habil e illustrado facultativo d'um dos partidos medicos do nosso concelho.

—Veio aqui, de visita a sua familia, o snr. Albano José de Saraiva Mello.

Correspondente.

2.º ANNO—JULHO, 1909

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
Illustração Trasmontana

ADMINISTRADORES
Antonio Corrêa e Antonio Terrio

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º—PORTO

O TRASMONTANO

SUPPLEMENTO
AO N.º 19 DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

Composto e impresso na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna, R. da Fabrica, 80—Porto

DIRECTOR—JOAQUIM LEITÃO

Summario do n.º 19, (7.º do II anno)

DA

Illustração Trasmontana

PAG
Mirandella—Um dos arcos da ponte romana sobre o Tua 101
Ácerca do poeta João de Lemos (Carta a Joaquim Leitão) por Rodrigo Solano . 102
Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana). *Continuação*—P.e Francisco Manuel Alves 106
Inquerito da Provincia de Traz os Montes em 1796 pelo Juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro, *Couclusão* 108
O Varre-Canêlhas—Novella trasmontana. *Continuação.* Joaquim Leitão, clichés de Antonio A. Corrêa . . . . . 113 a 116

Riqueza Thermal

Abriu o verão, com os seus esplendores do sol, a sua exuberancia thermica, a sua ridencia pagã que adoçará os môstos e irá embandeirar os adros das romagens, para o festejamento simplice dos seus santos.

E com esta victoria estival abriu Traz-os-Montes as portas dos seus hoteis thermaes, as piscinas das suas aguas, a nascente dos seus exorcismos liquidos desfechados contra as doenças e os mil males do homem.

E' Vidago reflorescendo e multiplicando a area dos seus immoveis, as Pedras Salgadas, caldas de Reis e salvadoras de principes da egreja, Arêgos, candida e recatada, o Moledo, as prota-historicas aquaæ-flaviæ que ainda hão de dar com Chaves millionaria e no galarim europeu, Bem-Saude, o Campilho, o Villarêlho da Raia,—uma fonte santa brotando de cada fraga.

E a essas, já afamadas, já invadidas d'uma povoação gozadora ou enferma, quantas obscuras e tão milagrentas como as que teem a folha corrida da analyse chimica, o attestado dos frequentadores e o *rataplan* das correspondencias elegantes, a dispersão e popularidade do postal illustrado, esse thrôno barato da celebridade para as aguas e para os homens!

Não vamos mais longe: ali a dois passos de Alijó, ahi temos Carlão, tambem nomeadas aguas de Favaios ou Caldas de Murça, que já por duas vezes foram cortejadas por pretendentes que lhe roeram a corda do casamento rico com emprezarios e companhias.

Nem peiores nem melhores do que Vidago, mais grandiosas de scenario do que as Pedras Salgadas, ali continuam a ermar a sua tristeza de velha donzella, no meio d'aquella brava magnificencia d'uma paysagem rara, capaz de só por si curar nevrastenías e desembotar tedios.

Canalisar para ali os *rastaquouéres* da pathologia elegante, toda essa gente que só tem doenças que reclamem thermas e praias quando avésam de dois contos de renda para cima, nunca havendo até então dado pelo senhorio d'um figado, d'um pancreas ou d'um estomago; *encampal-as* n'uma intelligente empreza, que não precisaria de ser muito rica, seria tirar da modorra de comarca de 3.ª a incomparavel villa d'Alijó, seria povoar, pelo menos nos mezes de calma ardente, esse trecho de *carretéra* do Pinhão e do Tua, com o *fom-fom* dos automoveis e os guizos das carruagens.

Mas para essas mesmas thermas trasmontanas já em exploração, quanto progresso ha ainda a desejar, quanto desenvolvimento a esperar, d'este *snobismo* portuguez que gasta só na viagem ao estrangeiro em demanda de Spa ou de Aix-les-Bains, etc., o triplo do que lhe custaria toda a estação n'uma estancia thermal de Traz-os-Montes!

Desditosa provincia esta que o creador quiz enriquecer dotando-a do nectario dos seus vinhos generosos e imcomparaveis e da sua riqueza thermal, tão abundante, tão profusa e tão especifica, e que os homens juraram desgraçar!

Decidamente, o portuguez não acredita nem no vinho nem na agua do seu paìs!

E indo comprar a zurrapa estrangeira e tomar semi-cupios na sujidade alheia, desacredita assim o seu vinho de Favaios e de Murça, da tira quente do Pinhão, e toda essa riqueza thermal que pelo Douro e Tua arriba offerece saude e milhões a quem intelligentemente a soubesse aproveitar.

Bibliographia

Um golpe na rotina

(Parecer da **Sociedade Protectora dos Animaes** sobre o limite das cargas, apresentado á Ex.ma Camara Municipal do Porto com a collaboração de illustres professores, engenheiros e medicos veterinarios)

Era uma vez dois amigos. Um chamava-se Eduardo e outro José, um era poeta, outro philosopho; emquanto Eduardo recitava Hugo e Soares dos Passos, José, o José Victorino, discutia Balmes e Stuart Mill.

Casaram. E quando se encontravam, aquelles dois espiritos entrenar-

ravam-se o poema de cada um — o Lar.

Ambos agraciados de felicidade, ambos elevados corações, ambos desejariam transmittir á humanidade, tão carecida das alegrias sãs, a integra alegria das suas vidas, legando a filhos o seu amor, segredo das suas ditas e chave dos seus triumphos.

José Victorino pôde rever-se em tres ou quatro filhos, que lhe foram herdando em vida a sua bondade, o seu talento, o seu coração e o seu cerebro, a sua melancolica conformação com os negrumes da vida.

Eduardo, sempre poeta e sempre noivo, confidenciava entre si a magoa do seu lar infecundo, quando n'uma manhã de sol um passarito entrou, quem sabe! se á procura d'algum filho prodigo que houvesse foragido da casa paterna.

A avesita entrou, sondou, pipiou e saiu sem que alguem a affrontasse nem a peasse.

No dia seguinte, o biquito do passaro enfiou pela fresta do *store*, sondou, deu dois pulitos pelas braçadas das avencas e, feitos os cumprimentos, partiu á vida.

E todas as manhãs a mesma ave ia cantar a alvorada áquelle quarto de noivos, todas as manhãs a visita se repetiu até tornar-se por habito, pessoa de familia, ser do mesmo lar, guardada pelas mesmas telhas.

Já não vinha de fóra com a plumagem pesada das gottas do rocio: agora eram dois passos, como visinhos fronteiros que atravessam a rua, mesmo em cabello, para se verem, de manhã, Eduardo abria-lhe a gaiola, e a avesita vinha beijar-lhe a fronte, pousar-lhe sobre o livro — *L'oiseau* de Michelet,—o seu volume querido, a sua biblia dilecta.

E, em homenagem, ao terno volume do grande amigo da ave e das mulheres, o filho adoptivo do elevado carinho de Eduardo, ficou-se chamando — «Michelet».

Se encontrava José Victorino, Eduardo falava-lhe do seu «Michelet» José Victorino contava o desabrochar da intelligencia do seu filhito, o primogenito, a quem elle estava a vêr que ia legar todo o thesouro do seu cerebro, n'um morgadio intellectual que as leis nunca saberão extinguir.

E era um divagar mais saboroso e mais sonhador que o de quando falavam das noivas.

Rodados uns mezes sem se verem, encontraram-se na Avenida das Tilias, ao empardecer da tarde; Eduardo passeava com a tristeza de quem espairece maguas fixes.

José Victorino, que ia pela millionessima vez travar entre si a discussão do materialismo, deitou-lhe as mãos aos hombros, n'um assomo de jubilo, gozando-se já das confidencias sentimentalistas que a sua alma de pae ia fazer á alma gemea da sua:

— Queres saber a ultima saida do meu rapaz?..—mas reparando, nos olhos turvados do Eduardo: — tu que tens? Estás doente? Ou é tristeza, rapaz?!

Eduardo affogado de commoção apenas pôde exprimir:

—Morreu-me o meu «Michelet»!...

José Victorino, o sentimental e mystico materialista que declarava: «discutir o dogma é admitti-lo», e que o não discutia, mas que ascendia cada dia mais para os páramos do espiritualismo, nas azas da belleza moral, José Victorino puchou-o a si, n'um abraço de magua solidaria, e consolou o seu amigo, chorando com elle, obrigando-o a reviver a agonia da avesita, n'esse deleite que á saudade é o revolver na dôr.

Elevaram ambos um monumento de admiração a Michelet, dentro do qual deram eterno descanço á avesita que no lar de Eduardo substituira a chilreada dos filhos e que emquanto espera, para acompanhar ao campo Santo, um dos dois, Eduardo ou Madame, dorme no seu delicado esquife que a elevação d'um cerebro perfundo com este epitaphio authentico: «Encerra este envólucro o cadaver de uma pequenina ave que soube amar um homem, e a saudade de um homem que soube comprehender todo esse amor tão puro e tão sentido».

Outros mezes se passaram. E dobados esses mezes, de novo Eduardo e José Victorino cruzaram na vida:

— Já sei, já sei, morreu-te o teu filho! — exclamou Eduardo, abraçando o seu amigo dos cafés, dos jornaes, da *Lucta* e dos sonhos.

José Victorino abraçou-se n'elle a chorar, escondeu n'esse abraço a sublime fraqueza das lagrimas e, mal pôde falar, condensou assim n'uma simplicidade de mestre do sentimento, a sua desolação:

— «Olha, Eduardo! soffri tanto com a morte do meu filho, tanto, tanto como tu quando te morreu o teu passarinho!»

* * *

Esse Eduardo, a quem José Victorino Ribeiro, mestre de philosophia e hoje director do *Correio do Norte* exprimia assim d'uma maneira tão elevada a sua dôr de pae, é o meu velho amigo Eduardo Lopes, antigo jornalista e poeta que das columnas exagitadas da *Voz do Povo* e da *Lucta* saiu para as responsabilidades officiaes da Secretaria da Academia Polytechnica do Porto e para a benemerencia nobilissima da *Sociedade Protectora dos Animaes.*

E' a Eduardo Lopes, seu relator, que se deve esse tremendo *Golpe na Rotina* por elle organisado e realisado, e dado á publicidade n'um volume de cerca de cem paginas, tão raramente fundamentado que nem parece trabalho de portuguezes.

E' bem natural que encontrêmos hoje, na idade em que a força se transforma em bondade e o sentimento, que na mocidade era egoistamente individualista, se transmuda em integro amor a toda a criação, é bem natural e de todo o ponto logico que a collaborar na empreza civilisadora da *Sociedade Protectora dos Animaes* se veja a figura querida de Eduardo Lopes, o admirador das bellissimas paginas de *l'Oiseau*, de Michelet, o homem que nunca se deitou sem cerrar a cortina da gaiola do seu canario e que nunca saudou o sol que não desse os bons dias á ave amiga, a poetisa dos pequeninos jardins onde a creança brinca e o velho repousa.

Um golpe na rotina nasceu da deliberação do Municipio do Porto ácerca da adopção d'uma postura visando a regulamentar o limite da carga para carros de tracção animal, no louvavel intuito de fazer cessar as violencias constantemente exercidas no gado pelos carreteiros.

Está na evidencia de todos os olhos e no bom instincto de todo o homem, que a tortura de uns pobres bois tirando um triplo excedente de carga assente sobre um tosco estrado de eixo movel — é uma barbaridade que vexa quem na vê e rebaixa quem na adopta e a consente.

A *Sociedade Protectora dos Animaes* tomou a si o maior risco da campanha que foi o documental-a, colhendo o parecer de technicos competentissimos e reconhecidos.

O volume insere esses pareceres prestados pelos ex.mos snrs. João Henrique Von Hafe, Justino Teixeira, João Fajardo, Luciano de Carvalho, Dr. Francisco de Paula Azeredo, professor da Polytechnica do Porto e actual ministro da Fazenda, Manoel Rodrigues Miranda Junior, Alberto da Cunha Leão Filho, Vasco Peixoto Taveira, capitão Armando Augusto Chaves de Lemos, relator do pare-

cer collectivo dos medicos veterinarios da Delegação da Fiscalisação dos productos agricolas, Pedro Teixeira, Joaquim Gaudencio Rodrigues Pacheco, Manoel da Terra Pereira Vianna, prof. da Academia do Porto e actual ministro das Obras Publicas, Casimiro Jeronymo de Faria, V. G. Florentini, João Evangelista Gomes Ribeiro, Julio Portela, Leonel Carmona, A. Roque da Silveira, Couto dos Santos, Francisco Perdigão, José Manoel Rodrigues, João Viegas Paula Nogueira.

Empregando a irrefragavel logica das mathematicas, exprimindo-se por formulas algebricas, todos chegam á mesma formal condemnação do carro de bois de eixo movel, e todos, *mutatis mutandis*, fixam o limite da carga em 1:000 kg. para cada junta de bois, ou 500 kg. para cada boi, e uma fracção de 500 kg. por cada animal de tiro, em geral.

O volume é muito curioso e de todo inedito em Portugal onde faz impressão vêr uma associação que a noção — embora raciocinada e superior — sentimentalista da vida integra congrega, abandonar o argumento da rethorica tão do temperamento e usança d'um povo de impulsivos que hoje reconhece o que hontem repellia, e amanhã readoptará o que banira, para se apresentar escudada na logica cerrada das sciencias exactas.

Este trabalho notabilissimo, por isto, e que por isto marca um stadio de adeantamento na publicidade portugueza, abre por um relato do nosso querido, valioso e illustre amigo Eduardo Lopes em que se faz a historia da campanha travada pela *Sociedade Protectora dos Animaes* e se expõe as observações do animo descaroavel do povo no tracto com o animal domestico.

São paginas interessantissimas e com periodos, por vezes, limpidos em que a penna de Eduardo Lopes prova que não se enferrujou no descanço de tantos annos.

As linhas (da pag. 12) em que elle traça o tormento agonico dos animaes tirando uma excedente brutal de carga por uma rampa de 16 % com uma tonelada de peso, são uma emocionante e viril descriptiva, tocada com o vigor impressionista d'um escriptor forte.

O trabalho é illustrado, entre outros clichés com o retrato da snr.ª D. Alice Hulsenbos, uma fundadora da Sociedade Protectora, e com a reproducção de quadros parietaes dos instrumentos de tortura apprehendidos aos carreteiros, e acompanhado com trechos da legislação que protege os animaes, com o esboço historico da *Sociedade*, com o preçario dos serviços clinicos a prestar a animaes, etc.

O producto da venda de *Um golpe na Rotina*, que custa cem reis o exemplar — destina-se a crear verba para a acquisição d'um carro ambulancia para transporte de animaes feridos ou doentes que a *Sociedade* offereceu á Camara Municipal do Porto e esta acceitou para collocar na estação central do Corpo de Salvação Publica, e sahir, tirado pelo gado d'aquelle serviço, quando chamado para soccorro.

E' um honroso padrão da alma humana este *Golpe na Rotina* e uma súmmula da bellissima obra da *Sociedade Protectora dos Animaes* que deve de honrar-se por ter comsigo um homem do alto valor moral de Eduardo Lopes, que ás suas raras, infelizmente raras! qualidades de sentimento ajunta as de um valor intellectual bastante para organisar em bases scientificas e irrespondiveis a mais bella das campanhas de amor.

Nós, que amámos integralmente a vida e para quem a dôr d'um cardo merece tanto respeito como o grito do Homem, para quem o homem que maltrata um animal é inferior, zoologicamente mesmo, inferior a esse animal, nós d'aqui applaudimos todos os lindos espiritos que collaboram na *Sociedade Protectora dos Animaes* e a essa honrosa, nobilitante aggremiação, aqui deixamos, no abraço de admiradores de Eduardo Lopes, expressa a nossa incondicional e desinteressada adhesão, como escriptores e como homens, a tudo e para tudo que a *Sociedade Protectora dos Animaes* entenda que possa servir-lhe o nosso obscuro e nullo prestimo.

Como portuenses, orgulhamo-nos da existencia da *Sociedade Protectora dos Animaes:* como homens desvanecemo-nos com esse symptoma de que a alma humana caminha para se desentrevar da sua barbaria; como escriptores, estamos, commovidos e enthusiastas, ao lado de todos quantos venham contribuir para a obra do amor universal, em face da qual os tres mundos valem o mesmo beijo redemptor!

J. L.

— Qual é o homem que póde ser filho de uma vacca?
— O *neto dos toiros*.

Correspondentes

Aos nossos comprovincianos, a todos quantos estimam a querida e formosa parcella da Patria Portugueza que é Traz-os-Montes, fazemos constar o desejo que temos de conseguir correspondentes noticiosoo para o TRASMONTANO e pedimos-lhes que prestem esse alto serviço á ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA.

Por emquanto só em Alijó temos correspondente fixo. Das demais povoações, como Chaves, Bragança, Villa Real, Villa Pouca, não podemos contar com a regularidade que é nosso intento dar a esta secção, tão interessante sobretudo para a colonia portugueza do Brazil e para os portuguezes que em Africa encontrariam assim condensadas as noticias da vida da sua terra, n'um mensario breve e sucinto que elles leriam sofregamente nas poucas horas que a intensa vida de trabalho n'aquellas paragens lhes permitte o repouso da leitura e que não chega para as irem respigar nas extensas informações dos grandes diarios.

Aceitamos desde já correspondentes em todas e quaesquer localidades trasmontanas, instando sobretudo pelas correspondencias das cabeças de comarca.

Esperando que dos muitos amigos que a ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA conta na provincia, expontaneamente nos venha a adhesão rogada. Uma unica recommendação e condição tiramos: que não nos forneçam texto politico quer-se informação noticiosa, da vida do lar, da vida collectiva, desde o acontecimento affectivo ao facto scientifico e economico.

E para que caibam todas, a maior concisão possivel e a maior escolha, expurgando tudo quanto fôr de menos interesse geral. N'um bilhete postal escreve-se a historia d'um povo, quanto mais os factos mais notaveis da vida mensal d'um concelho.

Dirigir as adhesões ao director da ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA.

A "Illustração Trasmontana,, em Santa Martha de Penaguião

Vae um simples bilhete postal, e para remedeio, porque nem esse simples postal poderei prometter-lhes com regularidade.

Tambem não tenho que lhes communicar senão o regresso, a esta villa, do nosso presado amigo e assignante da *Illustração Trasmontana*, snr. João Fernandes Maia, que ás Pedras Salgadas havia ido, em uso das aguas.

Correspondente.

José Duarte de Magalhães

No passado dia 21, um telegramma d'Alijó communicava-nos a desoladora noticia de haver ali fallecido o nosso querido amigo e negociante n'aquella villa snr. José Duarte de Magalhães, genro e cunhado dos nossos amigos Antonio Teixeira Corrêa, Antonio Augusto Corrêa e Manuel Corrêa.

Assaltado por um ataque cerebral, havia dias, e muito enfraquecido por uma doença que de longe o vinha martyrisando, apesar de o sabermos doente, tanto nos haviamos já habituado á sua enfermidade e á sua grandeza moral, que a noticia do fallecimento foi para nós tão dolorosa como se o não soubessemos sequer adoentado.

Moço ainda, d'uma actividade que era a vingança da sua doença, José Duarte de Magalhães era um dos homens a quem se não podia conhecer sem lhe querer bem; marido exemplar, pae estremoso, por sobre todas as suas comprovadas qualidades de caracter e de coração, realçava n'elle santamente exaggerada—a gratidão.

Tinha-se uma attenção com elle: e elle respondia com attenções sobre attenções, com favores, com dedicação, uma vez, outra, sempre, a vida inteira e sempre se julgando devedor.

Espirito emprehendedor, com a sua pontinha de arrôjo para um negociante de provincia, não havia horas de comer que o deslocassem da sua importante *Loja Nova*—o primeiro estabelecimento de Alijó—nem distancias que o demovessem de ir tratar d'um negocio a qualquer povoação cumvisinha, sendo frequente encontral-o a cavallo nas fragas de Carlão ou nos campos da Chã, para vender uma machina ou tomar a encommenda d'uma decoração.

Porque além das suas aptidões commerciaes, José Duarte de Magalhães era um homem cheio de multiplicas vocações: moldurador, decorador, conhecendo tão bem o emprêgo d'uma grinalda como o valôr d'uma casimira.

Em contacto com o grosso commercio do Porto, de generos alimenticios, com as fabricas de chapeus e de calçado de Braga, com os floristas, com as papelarias e livrarias, estava destinado a ser uma figura do nosso commercio trasmontano.

José Duarte de Magalhães

E, em contraste com as suas tendencias economicas e a sua rara tenacidade de «primeiro balcão», era encantadora a sua prodigalidade com a creançada da familia, que lhe podia levar toda a quinquilheria da *Loja Nova* que aquella bondade tudo achava pouco para offerecer ao sobrinho querido, como todo o banquête e todos os mimos lhe pareciam escassos para festejar um hospede.

Entre essa pertinacia no negocio e esse desinteresse na vida intima, José Duarte de Magalhães se ia guindando, creando dedicações, nome, influencia até.

Surprehendeu-o a morte no meio das canceiras, e se ha consolações para estas perdas e para estes transes, não nas tem ninguem melhor nem mais valorosas do que o sentimento geral com que o passamento de José Magalhães foi recebido por todo o concelho, sentimento que se manifestou na concorrencia excepcional ao seu funeral, onde compareceu o que de mais grado havia na villa e povoações visinhas, e que se manifestou na multidão de pessoas de todas as classes que á sua casa, immersa em lucto, occorreram a desanojar a desolada viuva e restante familia.

Nós não sabemos escrever a palavra pezames: não os dariamos, porque estamos mais nos casos de o receber, pois perdemos em José Duarte de Magalhães uma d'essas dedicações tacitas muito raras de encontrar na vida, senão considerassemos que antes e mais do que nós chora a sua perda a sua consternada viuva, ex.ma snr.a D. Maria dos Anjos Corrêa de Magalhães e seu dedicado cunhado e nosso dilecto amigo snr. Antonio Augusto Corrêa.

BOLETIM ELEGANTE

Na parochial egreja de Alijó, consorciaram-se no dia 14 do corrente, o nosso estimado amigo ex.mo snr. João Pinto da Silva, importante negociante no Pará, com a ex.ma snr.a D. Laudmira Corrêa, gentilissima filha do nosso respeitavel amigo snr. Antonio Teixeira Corrêa, proprietario em Alijó, e irmão do nosso muito particular amigo, e co-proprietario da *Illustração Trasmontana* snr. Antonio Augusto Corrêa.

A' ceremonia, que teve um caracter intimo, assistiram as pessoas da familia Corrêa, sendo testemunhas do religioso acto o nosso amigo snr. Antonio A. Corrêa e sua ex.ma esposa D. Maria da Piedade Corrêa.

Os nubentes partiram n'uma digressão pelo alto Minho, demorando-se alguns dias em Vianna do Castello e no Bom Jesus, seguindo depois para o Porto.

Trova popular

Meu amor na despedida
Nem uma fala me deu;
Deitou os olhos ao chão,
Ficou a chorar mais eu.

A "Illustração Trasmontana,, em Alijó

Para prehencher a vaga de conservador d'esta comarca, aberta pelo fallecimento do eminente e saudoso dr. José Maria Teixeira Alves Martins—foi para aqui transferido o nosso comprovinciano dr. José Maria Gomes Guerra, importante proprietario de Serapicos, que era conservador da comarca de Murça. Veio tomar posse no dia 19 assistindo a esse acto os seguintes cavalheiros de Alijó:

José Augusto Lopes Rufino, Antonio Rufino, dr. Antonio Sergio Carneiro, Juiz da comarca; dr. João Baptista da Silva, Delegado; dr. Lourenço de Mattos Cordeiro, Advogado; dr. Antonio Candido Barbosa Lima de Figueiredo, Advogado; Manuel Alves Canellas, Ajudante do conservador; dr. Porfirio Teixeira Rebello, Medico; José Pereira Martins, dr. Manuel de Castro Caiado Ferrão, Advogado; Adolpho Alves de Souza Mourão, Aspirante de Fazenda; Antonio Augusto Lopes Ferreira, João Teixeira Coelho, Arthur Alves Canellas, Escrivão-notario; Antonio Augusto Teixeira Lima, contador; Alvaro Arthur d'Almeida Mello, Torquato Luiz de Magalhães, Presidente da Camara; Antonio Alves de Souza Mourão, Secretario da Camara; Eduardo Augusto Corrêa, Secretario da administração; Antonio Mourão Junior, Torquato Ernesto de Magalhães, José de Moraes Neves, Delegado do the-

souro; Casimiro Eugenio de Souza Cabral, Recebedor; Edmundo da Rocha Souza, Manuel Teixeira Corrêa, José M. Rodrigues Martins, José Maria Pereira Rodrigues, Escrivão de fazenda; Antonio Pereira Necho Junior, dr. Evaristo Augusto Duarte Geral, Medico; Custodio Figueiras, Manuel Pereira de Gouvêa, Augusto de Moraes Neves, aspirante de fazenda; Joaquim Moraes de Castro, aspirante de fazenda.

De Murça: Justiniano Pinto, Annibal da Cruz, aspirante de fazenda; Antonio Ribeiro Tavares Guerra, Antonio Abel Carneiro Lopes, Amadeu Tavares, José Baptista Lobo, Manuel Corrêa da Fonseca, Secretario da Camara; P.e João Manuel Ribalonga, Presidente da Camara; Nicolau Pereira de Gouvêa, Secretario da administração; Antonio José Gaspar de Moraes, Antonio José da Costa, Manuel Joaquim da Costa, Antonio José Teixeira Borges, Bento Ayres, dr. Alberto Baptista, Medico; Antonio Alves Medeiros, Manuel Augusto Fernandes Chaves, José Ribeiro Tavares Guerra, Antonio Bernardo Saraiva, escrivão de fazenda; José Bernardino Teixeira Moutinho, Recebedor; Abilio Augusto Pacheco, Antonio Pereira, José Ribeiro Guerra, Pedro Carlos Proença, João Saraiva.

—No começo do mez corrente resou-se na egreja matriz d'esta villa a missa do 30.º dia por alma do estimado moço alijoense, fallecido no Pará, Manuel Rufino, irmão dos nossos correspondentes no referido estado brasileiro.

—Vae ser reconstituido, e erigido no logar a que a tradição lhe assignal-a, o pelourinho de Alijó, cujas obras já começaram.

Documento da jurisdição municipal, os pelourinhos são, a nosso vêr, um monumento que todos os concelhos devem primar em repôr e não deixar que a indifferença ou o vandalismo os destruam.

O pelourinho de Alijó é um monumento modesto, simples monolitho encimado por uma esphera e uma cruz ou um crescente —não estamos bem lembrados.

Tal qual é, queremos-lhe como uma sobrevivencia da nossa historia administrativa e não podemos deixar de applaudir a ideia da sua reconstituição.

Mal esteja erigido, daremos aos leitores do *Trasmontano* uma reproducção photographica do monumento.

—Esteve aqui com sua filha D. Arminda Teixeira Villela, o nosso conterraneo snr. Guilherme Teixeira Villela, escrivão de direito na Regoa. Veio assistir á uma missa, como costuma fazer todos os annos, mandada resar por alma de sua filha Judith que se acha sepultada no cemiterio d'esta villa.

—Encontram-se na Granja d'Alijó as ex.mas snr.as D. Luiza Pereira Necho e suas sobrinhas D. Aurora Pereira Dias e D. Sarah Pereira d'Aguiar.

—Estiveram aqui com pouca demora os nossos assignantes e presados amigos snrs. Bento Pinto da Veiga Queiroz, José de Souza Magalhães, Manuel Pinto Villela e Julio Girão, digno inspector dos impostos, em Villa Real.

—Tambem aqui esteve o snr. dr. Antão de Carvalho, advogado na Regoa.

—Encontra-se aqui a snr.a D. Laura de Sá Pinto Neves, prima do nosso illustre collaborador snr. dr. Amilcar de Souza.

—A assistir aos exames elementares esteve aqui durante alguns dias o nosso amigo snr. dr. Porfirio Teixeira Rebello, subinspector escolar.

—Já regressaram do Porto, onde tiveram curta demora, os nossos estimaveis amigos snrs. Luiz Antonio Ribeiro Botelho, Antonio Alves Pinto da Rocha e Joaquim Moraes de Castro.

—Encontra-se quasi restabelecido dos seus incommodos o nosso velho amigo snr. Eduardo Augusto Corrêa, secretario da administração d'este concelho.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Sanfins do Douro

De S. Thomé, onde foi tratar de negocios, regressou aqui o snr. João Rodrigues Ferreira, importante commerciante.

Ao Porto foi esperal-o, companhando-o até aqui, o monsenhor José Teixeira de Carvalho, estimado abbade d'esta freguezia onde, com toda a justiça, conta geraes sympathias e unanime respeito.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Villa Real

Como até agora não nos haja remettido a sua collaboração o nosso correspondente officioso de Villa Real, transcrevemos, com a devida venia, do nosso presado collega o *Primeiro de Janeiro*, a reportagem da importante excursão que áquella capital do districto fizeram os *Empregados do Commercio* da cidade do Porto:

«**A excursão a Villa Real.**—Após uma viagem morosa, que durou mais de quatro horas, no domingo, o comboyo excursionista que seguiu do Porto alcançou Villa Real.

A chegada fez-se ás 11,20. Ao ultimo silvo da machina unia-se o enthusiasmo da gente que ia e da multidão que a esperava, espalhada pela *gare*. Ao ar subiam foguetes e as saudações trocavam-se freneticamente, entre os empregados de commercio d'esta cidade e os d'aquella populosa e linda terra

---

N.º 5 **FOLHETIM** Julho, 1909

D'Os Meus Amores

Á Lareira

por Trindade Coelho

E o José Lorna sempre na sua:

—Ultima vez, ó compadre! Não me diz de quem eram os porcos?!

—Pois se o meu pae não sabe!—acudiu agora lá do canto, quasi a chorar, aquelle rapazelho do André.

—Ora vês ahi!—rematou a tia Maria.—Da bocca dos innocentes é que sahem as verdades.

O José Lorna amainou então:

—Pois bem, compadre! Sempre estou p'ra vêr se me não diz amanhã de quem eram os porcos!

—Hei-de fazer por isso,—disse o barbeiro fisgando a mulher.—E agora deixe-me aqui! que nem eu sei como trago a cabeça!

—E' verdade, o morgado...

—Pois é por via d'isso!

—O' compadre...—ia a dizer outra vez o José Lorna. Mas emendou:—Não! diga lá o que estava a dizer: o morgado...

—Que ficou como uma salada, o pobre rapaz!

—Ora! Ora!—exclamaram todos em côro.

—Se não é ter a sorte de cahir p'r'a esquerda, se cahe p'r'a direita em cima d'um montão de pedras, matava-se! Puz-lhe umas bichas na maçadura. Mas que bichas! Primeiro que as malditas pegassem, roguei mais pragas que o diabo! Ainda lhe disse que quem tinha em casa bichas d'aquellas tinha obrigação de não dar quedas!

—Mas assim coisa séria? Costella partida ou coisa que o valha?—perguntou a Thereza com muito interesse.

—Apalpei-o, hum! não me pareceu...—tranquilisou-as o barbeiro.

—E quem o trata?—Quiz também saber, mas arrependendo-se logo da pergunta, a Anninhas...

—Quem me trazia o vinagre e ensopava os parches, era aquella Maria do Outeiro, que foi ama do padre Seraphim, uma gorda...

—Olha que o José Redondo tem de ir ámanhã a Villa d'Ala—lembrou então a tia Maria.—Mal parece devendo-lhe a gente tantos favores, que nunca aqui passa que não entre, não mandarmos saber d'elle.

—Pois sim, concordou o velho.—E para o rapaz:—Abalas de manhasinha, e que vaes de nosso mando a saber se está melhor o snr. Morgado, e se precisa de nós p'r'alguma coisa.

Bateram á porta. D'esta vez foi o Antonio á janella, e ouviu o que lhe diziam da rua. Depois respondeu:

—Não. Só temos uma. Havemos de comprar outra na feira. Teu pae que desculpe.—Era o filho do Antonio Cabeço, a vêr se lhe emprestavamos uma engrideira,—explicou elle ao pae.

trasmontana, encantadora nos seus immensos declives verdejantes, cheios de plantações que descem a beijar o Corgo estreito e joelhudo, a correr por ali além.

Em fila, na estação, estendiam-se os bombeiros voluntarios e de salvação publica, as associações Commercial e dos Empregados no Commercio, com bandeiras e bandas de musica — fazendo uma recepção bizarra a todos os seus hospedes, n'uma manifestação de extremada sympathia e agrado pela visita.

Fóra da *gare*, depois, organisa-se o cortejo. E segue em bella disposição, ao som das bandas e da tuna da União dos Empregados do Commercio do Porto, até o edificio do governo civil, sendo continuas as acclamações e jogos de serpentinas. Iam á frente as corporações locaes e atraz os excursionistas, a quem o povo da terra dispensava affectuosamente o seu acolhimento, ovacionando-os grandemente. As senhoras villarealenses que se encontravam ás varandas, adornadas de colchas, dos predios que havia no percurso, despejavam mancheias de flores, n'uma viva alegria, agradecendo os portuenses com vivas que lhes erguiam.

Atravessando-se as ruas de S. João, Direita, Central, Serpa Pinto e Arco, a praça de Lopo Vaz e o largo do Conde de Amarante, chega-se á camara municipal, onde logo se ouvem foguetes e novos vivas, calorosos.

Os vereadores do municipio aguardam, ás varandas, a chegada dos visitantes e vão-lhes ao encontro do alto da escadaria, juntamente com algumas damas garridamente vestidas.

N'uma das salas dos paços do concelho faz-se então a sessão solemne de boas vindas, com a assistencia das associações Commercial e de Empregados do Commercio, imprensa local, representantes dos jornaes do Porto, bombeiros e bastante povo.

Em primeiro logar, falla o digno presidente da camara de Villa Real, snr. dr. Augusto Rua. Diz que, a convite da Associação Commercial de Villa Real, recebia na sala do municipio, com grande satisfação sua, os excursionistas da cidade do Porto. A visita que faziam era uma honra para a sua terra, e por isso a camara, que representava, não se fez rogada a tal convite. O que elle desejava era que os portuenses não fossem ali a primeira e unica vez. Está ha um anno como presidente da municipalidade, e nunca sentira tão grande satisfação, durante esse periodo, como agora, vendo n'aquella villa os empregados do commercio do Porto. Para elles estavam a sua inteira admiração e sympathia.

Depois de alludir á cidade do Porto e ao patriotismo do povo portuense, nas épocas marcadas pela Historia, accrescenta que a visita a Villa Real não é de cortezia, mas de confraternisação social, porque os dois povos são bem solidarios, como o demonstra excellentemente a festa espontanea em que se saudam os empregados do commercio do Porto, cidade que tem direito á amizade de todas as povoações que são as suas arterias, na vida commercial, como o é aquella villa de Traz-os Montes.

Manifestando o seu reconhecimento pela visita, affirma que os enthusiasmos dos villarealenses são sinceros. A sinceridade está no caracter de todos os trasmontanos, que tem um amor verdadeiro pela cidade Invicta, para a qual o Marão, decerto, não é barreira sufficiente.

Terminado o discurso do snr. dr. Augusto Ruas, ouviram-se ruidosas palmas e muitos vivas ao Porto, a Villa Real e aos empregados de commercio das duas terras.

Seguidamente, o snr. Adolpho Rodrigues, presidente da União, leu uma mensagem de saudação, de que fez entrega ao snr. presidente da camara, que a agradeceu.

O snr. Manuel Duarte tambem depois, em nome dos filhos de Villa Real que estão trabalhando no Porto, agradeceu a recepção feita aos portuenses, salientando o amor á sua terra. Concluiu o seu discurso affirmando que Villa Real, tanto nas horas das suas alegrias como nas de amargura, podia contar com o Porto a seu lado.

O presidende da Associação dos Empregados do Commercio de Chaves, snr. José Augusto dos Reis, em seguida, leu e fez entrega d'uma mensagem ao seu collega da União dos Empregados do Commercio do Porto, sendo vivamente saudado n'essa occasião.

O snr. Coelho Mourão, secretario geral servindo de governador civil, felicitou os excursionistas pelo povo do districto.

Em nome dos empregados de commercio de Villa Real, tambem discursou o snr. Albano Costa Lobo, presidente da respectiva associação, e pela Associação Commercial d'aquella villa o snr. Arthur Pedrosa.

A sessão solemne fechou com muitos vivas ás classes do Porto e Villa Real, executando a tuna da União um numero de musica — «Serenata» — na escadaria do edificio da camara, pelo que foi muito applaudida.

Durante a sessão de boas-vindas foram recebidos em Villa Real, os seguintes telegrammas:

«João Silva, membro commissão portuense — Governo civil Villa Real. — Collegas do Porto, abaixo assignados impossibilitados de vos acompanhar, saudam-vos com enthusiasmo, bem como collegas villarealenses. — Honorato. Arthur, Ogando, Soares, Bastos.»

«União Empregados Commercio Villa Real — Os empregados de Villa Flôr felicitam collegas.»

Depois da sessão, dirigiram-se os empregados do commercio ao hotel Tocaio, onde se effectuou o banquete official, a que assistiu a imprensa local e do Porto. Decorreu com a maior animação. Ao fim houve varios brindes, que foram encetados pelo snr. Adolpho Rodrigues ao caixeirato de Villa Real e imprensa de aquella terra. Entre esses brindes, ouviram-se alguns á imprensa

---

— Mas então, compadre, que ha de novo? — perguntou, já conciliado, o velho José Lorna.

— Não sei nada. Que está o céo escavado...

— «Céo escavado aos tres dias é molhado» — commentou o velho.

E puzeram-se os dois a fallar do tempo, e da sua provavel acção nos trabalhos agricolas, emquanto o Antonio, que os ouvia, arranjava para o André uma esparréla.

Já no grupo das mulheres, as velhas de uma banda, e da outra as raparigas, se estabelecera inteira concordia, ao menos por essa noite. A sr.ª Aniceta, que no fundo era dedicada á familia dos Lornas, e especialmente á sua comadre, tivera artes de segredar ao ouvido da Thereza, a proposito do morgado, certa coisa que a fez rir... A Anninhas desconfiou; e deixando passar um bocado, espevitou a candeia do velador, a cuja luz contava e tornava a contar as malhas da meia que ia fazendo, e perguntou á irmã muito em segredo:

— A comadre disse-te alguma coisa?...

A Thereza riu-se; mas a Aniceta, que percebera, piscou-lhe o olho para que se calasse:

— Sempre quero vêr agora se me diz os segredos. Ouviu, minha comadrinha?

A Anninhas baixou a cabeça para a não verem córada, e poz-se outra vez a contar as malhas...

— Credo, rapariga! — disse-lhe a mãe. — Bem digo eu! Toma lá a roca e dá-me cá a meia! Tu esta noite não fazes senão contar as malhas...

— Coitadinha! — desculpou a sr.ª Aniceta. — E' que talvez lhe falte a vista! — insinuou a rir...

Todos riram. A sr.ª Aniceta insistiu «que talvez fossem belidas», — e pôz-se-lhe de lá a fazer cruzes:

> Por aqui passou Santa Luzia,
> Tres novellos na mão trazia...

— O' comadre!... — rogou a Anninhas envergonhada.

Mas a outra, a um aceno da Thereza, continuou:

> Com um urdia, com outro tapava
> Com outro as belidas desfazia.

Agora foi a tia Maria Lorna que concluiu:

> Em louvor de Santa Luzia
> Padre nosso, Ave Maria.

Deu um guincho o André, porque o José Redondo, no *serobico, bico, bico,* beliscou-lhe com força uma das mãos.

— O' judeu! — reprehendeu o José Bernardo. — E como todos olhassem para o José Redondo, e o José Redondo olhasse para todos, o barbeiro mostrou a cara do rapaz:

— Olhem aquillo! P'ra levar a cesta dos prégos nas endoenças! Tem mesmo cara de quem é capaz de deixar um cão sem ceia! Bem se vê que és zôrro.

(Continúa).

do Porto, os quaes agradeceu o nosso collega snr. Antonio Caldeira, do «Commercio do Porto». em ligeiro mas quente discurso.

Logo que o almoço terminou, pouco mais das tres horas da tarde, os empregados de commercio do Porto visitaram as duas corporações de bombeiros de Villa Real, as associações Commercial e dos Empregados do Commercio, sendo feitos os cumprimentos pelo snr. Manuel Duarte, a quem responderam os presidentes d'aquellas aggremiações. Na Associação Commercial, usou da palavra o vice-presidente, snr. José de Barros Freire, que declarou estar sempre ao lado dos caixeiros nas suas reivindicações.

A's 7 e meia da noite, houve sarau de gala no theatro-salão, que estava elegantemente decorado com artigos de commercio, com lenços, chales, chapeus, bonets, havendo ao centro um grande lustre de guardasoes, a que se juntavam peças de fazenda que pendiam dos camarotes.

O theatro estava cheio de gente. No palco ficava a tuna da União dos Empregados do Commercio do Porto, que executou varios numeros de musica que foram muito applaudidos, discursando o snr. Arthur Pedrosa, de Villa Real, saudando os portuenses e patenteando-lhes a solidariedade de toda aquella villa, e disseram recitativos os snrs. Bandeira de Mello e Antonio Soares. Todo o programma foi executado, á excepção d'uma rapsodia de cantos populares, por falta de tempo. A comedia «Os dois mudos», que foi representada, causou geral agrado, obtendo os interpretes fartos applausos.

Findo o espectaculo, que foi cortado por um pequeno incidente n'um camarote, formou-se a marcha *aux flambeaux*, seguindo os excursionistas para a estação do caminho de ferro por entre vivas e palmas. Foi uma despedida brilhante.

—A procissão do Calvario não sahiu por ter chovido na occasião.

—Pela villa foram distribuidos muitos versos de saudação, bem como no theatro».

A Imprensa

E A

«Illustração Trasmontana»

«Illustração Trasmontana»—Contínúa a sahir com toda a regularidade esta brilhantissima revista illustrada, que insere notas muito curiosas sobre a vida e os costumes trasmontanos. Acabamos precisamente de receber dois numeros d'essa revista, que, além de outros artigos de alto valor, inserem uma deliciosa novella de Joaquim Leitão, intitulada «O Varre-Canêlhas» de um interesse consideravel de leitura. Essa novella é illustrada com desenhos de grande feição artistica. Agradecemos os exemplares que nos enviaram».

(De *O Primeiro de Janeiro*).

* * *

«Illustração Trasmontana»—Contínúa a visitar-nos esta magnifica revista, cada vez mais melhorada. Os numeros 11 e 12 com que esta revista prefaz um anno de existencia e que acabamos de receber, veem primorosamente redigidos com uma leitura amena, agradavel e de muito interesse.

São dignas de maiores encomios as bellas gravuras que a illustram, todas referentes á provincia de Traz-os-Montes.

Vê-se que os seus directores não se poupam a fadigas para apresentarem uma verdadeira obra d'arte como é a *Illustração Trasmontana*.

Quem desejar assignar esta revista póde fazel-o dirigindo-se ao snr. Antonio da Costa Junior, Caixa postal 233».

(Da *Vida Nova*, importante semanario de Lourenço Marques).

* * *

«Illustração Trasmontana»—D'entre as publicações illustradas que em Portugal e no estrangeiro se estão fazendo, a *Illustração Trasmontana* tem, sem favor nem lisonja, um logar de destaque brilhante. As gravuras são magnificas e todas originaes, feitas expressamente para a publicação; a impressão, em papel «couché», é acuradissima, e, finalmente, os assumptos tratados, ainda que pareçam regionaes, interessam a todos d'uma maneira geral.

D'esta publicação, que póde dizer-se de luxo, temos os ultimos numeros publicados.

No 13.º começa o seu director, o distincto escriptor snr. Joaquim Leitão, a publicação d'uma novella «O Varre-Canêlhas» em que o dialogo é conciso e a descripção bem feita.

O ultimo numero publicado, o 15, relativo ao mez de março, é todo dedicado ás festas de Chaves, da guerra peninsular, inserindo esplendidas gravuras e collaboração dos snrs. Affonso Lopes Vieira, José Fortes, Augusto de Carvalho, Gonçalo Sampaio, Vieira da Costa e Alexandre Malheiro.

E' um numero magnifico.

Esta publicação dá em supplemento a cada numero um jornal noticioso *O Trasmontano*, tambem illustrado e de oito paginas.

Assigna-se na rua dos Clerigos, 61-1.º, e na rua de Traz, 64-1.º, Porto.

(De *A Palavra*).

* * *

«Illustração Trasmontana»—Acaba de apparecer o n.º 18, 6.º do segundo anno da publicação d'esta magnifica revista, que é o mais completo repositorio de noticias sobre as terras de Traz-os-Montes, que ali são minuciosamente estudadas não só nos seus variados aspectos physicos mas tambem nas caracteristicas ethnicas, usos, costumes, crenças, actividade e vida historica dos seus homens.

N'este segundo anno da sua publicação realisou a esplendida revista importantissimos melhoramentos. E' verdadeiramente d'escolha a sua parte litteraria, dirigida por Joaquim Leitão, hoje uma das nossas mais robustas organisações de escriptor, que n'ella anda publicando um admiravel romance regional. A parte artistica tambem de dia para dia se aperfeiçoa, não havendo certamente no paiz outra publicação que se lhe avantaje no primôr de execução das suas photogravuras. A parte typographica, essa é irreprehensivel.

Não ha duvida que a *Illustração Trasmontana* é uma publicação admiravel como arte e litteratura e utilissima como processo de vulgarisação d'uma das mais ricas e typicas provincias do paiz. Pena é que para as outras provincias de Portugal se não emprehenda uma publicação identica a esta.

(Do *Diario da Tarde*, de 13 de julho de 1909).

* * *

Em supplemento ao n.º 18 d'esta valiosa publicação regionalista, dirigida pelo nosso amigo e distincto escriptor snr. Joaquim Leitão, continua a apparecer «O Trasmontano», que encerra variada e interessantissima collaboração e que insere numerosas gravuras.

O n.º 18 da «Illustração Trasmontana», a que vem junto o supplemento, continua mantendo os creditos firmados nos numeros anteriores, como se póde vêr do seu attrahente summario, que é o seguinte:

Costumes trasmontanos — Terras de Murça—A paga d'uma ceia—Inquerito da provincia de Tras-os-Montes em 1796 pelo juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro —O Varre-Canêlhas, novella trasmontana por Joaquim Leitão.

(Do *Jornal de Noticias*, julho 909.)

NOTICIARIO

Moncorvo. — As illustrações que acompanham n'este numero e seguintes o trecho da proficiente e valiosa monographia de Moncorvo, que a penna sabedora e reputada do nosso erudito, glorioso e respeitadissimo collaborador P.e Francisco Manuel Alves, reverendo abbade do Baçal, está publicando n'esta revista, são reproduzidas de clichés gentilmente cedidos pelo ex.mo snr. Alberto Ferreira, proprietario da importante Tabacaria e Casa Editora de Bilhetes Postaes Illustrados, estabelecida ás Ruas de Entreparedes 4 e Alexandre Herculano, 260, d'esta cidade.

Ao nosso presado amigo snr. Alberto Ferreira, não só pela gentileza da deferencia como pela fidalga promptidão com que accedeu ao nosso pedido, aqui deixamos o nosso agradecimento sinceramente lavrado.

A "Voz de Angola„ e a crise duriense. — Este nosso illustre collega, semanario de S. Paulo de Loanda, e brilhantemente dirigido pelo cerebro de Julio Lobato, que na imprensa portuense adestrou a sua penna, já em mensarios literarios e artisticos como *A Arte*, já em diarios de combate, de que foi tambem director; este nosso illustre collega, diziamos, convocou o espirito de solidarieda-

de dos portuguezes de S. Paulo de Loanda, n'um formoso artigo intitulado *A Fome no Douro* e publicado no n.º 61, do seu 2.º anno, março preterito.

Artigo de jornalista feito, em dia com o Facto Universal, é simultaneamente um lindo, generoso apêllo d'uma alma cheia de bondade ao coração nunca desmentido dos nossos irmãos que, como Julio Lobato, nos areaes d'Africa, na miragem quente do entardecer julgam vêr fluctuar no glauco esperançoso da agua a imagem transida da Patria tão longinqua e tão presente.

A essas tres columnas de prosa, a que o improviso da febre jornalistica não pôde tirar o calor oratorio do tribuno que as geraram, occorreram, subjugados pela eloquencia do publicista e a eloquencia das desgraças que elle narrou, os corações portuguezes d'além-mar.

E até o dia 13 de junho, a subscripção, para o qual o municipio de Loanda contribuiu com 100$000 réis, aberta pela *Voz de Angola* montava já a 2:265$970 réis, tendo já sido enviados 2:200$000 réis ao snr. presidente da direcção do *Club Trasmontano* de Lisboa, para fazer chegar essa quantia aos necessitados do Douro.

Não cumprimos apenas um dever de informadores, narrando estes factos: communicamol-o a Traz-os-Montes, com o desvanecimento de que os jornalistas portuguezes mesmo longe se não esquecem dos portuguezes seus irmãos, e com a satisfação de continuar a vêr Julio Lobato, sempre o mesmo paladino do amor e da bondade que conhecêmos á hora generosa da mocidade, pelos prélos do Porto.

Dr. Armando Chaves. — Uma tarde d'estas, com o alvoroço dos imprevistos e o regalo das surprezas agradaveis, abraçamos no Porto o nosso querido amigo e condiscipulo das chimicas, Dr. Armando Chaves. A mesma alegria á flor dos olhos como quando a sua voz estridente preenchia de collaboração com o insubordinado Trinta os claustros da Polytechnica do Porto e a mesma côr de saude dos vint'annos, nem que nelles, se ficasse como um calendario que deixou em meio o bloco, parado n'um dia feliz.

Conversamos, rimos, perguntamo-nos — como dois transatlanticos no mar alto — os nossos rumos, e assim que Armando Chaves me disse, «estou em Villa Pouca d'Aguiar, n'um partido medico», exclamámos:

— Mas tu és trasmontano?

— Da gemma!

— Então que tal tens achado a *Illustração Trasmontana?*

— Não conheço!...

— O quê?! Não conheces a *Illustração Trasmontana?* Tu, um homem illustrado, um trasmontano? ó Armando, isso é imperdoavel!...

Como lhe dissessemos o summario d'alguns mezes e lhe descrevessemos a indole da *Illustração*, deu-nos um abraço á antiga e asseverou:

— Já, já para a Livraria Moreira comprar a *Illustração Trasmontana*. E, então, eu que sou Trasmontano *de verdad*.

E lá entrou, com a sua alegria e o seu bom humor perpetuos, pela Livraria Moreira dentro.

ANNUNCIOS

CAFÉ

E

GRANDE HOTEL "TOCAIO,,

VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario — *Adriano Rocha*.

A Illustração Trasmontana

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

DIRECTOR — *Joaquim Leitão*

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

ADMINISTRADORES
ANTONIO CORRÊA e ANTONIO TERRIO

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DOS CLERIGOS, 61-1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º — PORTO

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias (Pagamento annual)	2$500
» » » (semestral)	1$350
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

Pagamento adeantado.

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de abatimento

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

2.º ANNO—AGOSTO, 1909

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA **Illustração Trasmontana** | ADMINISTRADORES **Antonio Corrêa e Antonio Terrio**

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º—PORTO

O TRASMONTANO

SUPPLEMENTO
AO N.º 20 DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

DIRECTOR—JOAQUIM LEITÃO

Composto e impresso na Typ. Occidental de Pimenta, Lopes & Vianna, R. da Fabrica, 80 — Porto

Summario do n.º 20, (8.º do II anno)

DA

Illustração Trasmontana

PAG

Pedras Salgadas: Rio Avellames 117
As Thermas trasmontanas, por Sousa Costa. 118
Folk-Lore trasmontano: A Lavadeira, pelo Abbade Tavares. 124
Philologia trasmontana: O Rio d'Onorense, por Daniel Rodrigues. 125
Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana). *Continuação* —P.e Francisco Manuel Alves 127
O Varre-Canêlhas—Novella trasmontana. *Continuação.* Joaquim Leitão, clichés de Antonio A. Corrêa e A. Botelho. 129 a 132

Concurso de monographias

Relatorio

Pelo ministerio das obras publicas foi publicado na folha official um decreto, com que se abre um concurso annual de «Monographias de freguezias ruraes», nas condições que o mesmo decreto indica.

Recordemos que já no tempo do marquez de Pombal se tentou melhoramento analogo, mas não passou dos primeiros ensaios.

As «Monographias de freguezias ruraes» poderão desempenhar papel importantissimo no conhecimento official das exactas condições topographicas, economicas e industriaes da nação; e aos cidadãos que deveras amam a sua terra assim se proporciona ensejo de bem a servirem, com evidente e larga utilidade.

E' pois uma iniciativa muito louvavel esta com que o snr. conselheiro Alfredo Barjona presta um bom serviço ao seu país como ministro da pasta das obras publicas.

Transcrevêmos na intrega as bases do concurso, para lhe dar toda a publicidade na provincia de Traz-os-Montes que muito lucraria em que os estudiosos e eruditos concorressem com monographias da região trasmontana.

Ha pela nossa provincia pessoas competentissimas e como ninguem conhecedoras e aptas para synthetisar o problema rural das suas sub-regiões.

E' nosso dever animal-as a irem ao concurso de monographias, tanto mais que é a melhor occasião e o melhor pulpito para prégarem os males do Douro e seus remedios.

Aquellas monographias de terras trasmontanas que, embora com valor absoluto fossem despremiadas no concurso, pelo valor relativo de outras,—a *Illustração Trasmontana* as inseriria nas suas columnas, illustrando o texto conforme usa em todos os seus artigos e publicando no seu supplemento o retrato dos autôres.

Claro que não nos compromettemos á publicar mais de uma monographia por cada localidade, escolhendo, no caso de haver mais de uma, a mais completa.

Parece-nos que pelo que respeita a Traz-os-Montes, o trabalho dos concorrentes não ficaria de todo perdido e a provincia teria ganho muito.

Está agora nas mãos dos conhecedores das terras trasmontanas, que tanto se queixam de andarem ignoradas as suas bellezas e as suas necessidades, o romper essa crôsta de anonymato e de silencio e de indifferença que sobre tantas das nossas villas péza ainda.

Lembrem-se que a monographia é o unico meio de estudar conscienciosamente um país, e é do conjuncto d'ellas que a Historia de Portugal póde e deve refazer-se com segurança, integrando-se o pequeno opusculo regional no grande tômo nacional, como as dispersas e modestas povoações se fundem na nação.

Senhor:—O estudo monographico das freguezias ruraes do paiz, e que tenho a honra de submetter á alta apreciação de Vossa Magestade, para o qual me inspirei no trabalho que ha annos proveitosamente vem levando a effeito a «Societé des Agriculteurs de France», sob a direcção do eminente economista M. Cheysson, é ao mesmo tempo o ensaio e o inicio do inquerito geral á vida economica da nação portugueza, cuja necessidade todos reconhecem.

Em circumscripções restrictas, que á sua propria pequenez torna quasi sempre homogeneas, é mais facil abranger, n'um golpe de vista, e por consequencia comprehender-lhes melhor a natural correlação, todos os aspectos da vida social que é indispensavel estudar e conhecer, para apreciar a capacidade economica actual e a possibilidade do desenvolvimento futuro de um povo.

A freguezia rural é, em Portugal, tambem um aggregado social historico, quasi immutavel em toda a vida da nação, a ponto de ser ainda hoje possivel em algumas freguezias do norte do paiz reconhecer o molde originario da «villa romana».

No sul, a longa dominação arabe e o dilatado periodo da conquista christã apagaram em muitos pontos o cunho romano e não deixaram subsistir a influencia mourisca. E' certo, porém, que, na sua maioria, as freguezias ruraes de hoje conservam aproximadamente os limites que lhes assignaram os primitivos povoadores portuguezes das regiões meridionaes do paiz.

Por toda a parte, pois, será possivel, por uma investigação historica, mesmo ligeira, descobrir a linha de evolução da unidade administrativa da nação; agrupamento social que fórma, por assim dizer, o apparelho capillar na circulação vital da sociedade portugueza e onde todos os accidentes da vida social devem ter deixado impresso algum vestigio.

Os investigadores a quem fôr confiado o inquerito geral, encontrarão nas monographias, cuja elaboração me proponho promover, a experiencia dos processos de investigação, decerto applicados a todo o paiz rural; e, nos resultados apurados nas monographias, publicadas ao tempo, pontos de referencia bem estudados, uma especie de vertices da rêde de geodesia economica, que abrangerá todo o continente portuguez e as ilhas adjacentes.

Ameudados estes estudos, permittirão elles ainda, por um lado, a determinação e a individuação das regiões e sub-regiões agricolas do paiz, e, por outro, o completo estudo monographico das diversas culturas.

Outra razão influiu ainda no meu espirito para adoptar o processo monographico para o estudo inicial do paiz, applicado á freguezia rural. Em Portugal, mais do que em qualquer outra parte, o predominio crescente da população urbana se está fazendo sentir nocivamente no empobrecimento da vida local, em gente e em riqueza, accentuando uma decadencia que não é, por fórma alguma, compensada pelo desenvolvimento industrial e commercial das cidades, quasi exclusivamente concentrado na capital.

Não parece ser a translação da gente dos campos para as cidades a causa principal do notado predominio da população urbana e das suas consequencias.

E' certo que augmentam relativamente, na classificação profissional da população portugueza activa, as cathegorias industriaes e commerciaes.

Parece, porém, ser a emigração a causa que mais empobrece a nossa vida local.

A emigração é, todavia, uma resultante cujas causas é indispensavel estudar na propria origem das populações validas a quem o mal estar local obriga a procurar a subsistencia em outras regiões, talvez menos seduzidas pelo sonho da fortuna do que obrigadas pela ameaça de miseria na sua terra.

E' na freguezia rural, principal viveiro da nossa emigração, que é preciso surprehender a causa que a determina e, por ventura, o fio de uma acção que a extinga ou a oriente por fórma mais util á nação.

Pareceu-me, por isto, de obvia necessidade ir começar o estudo do paiz, tanto quanto m'o permittem as faculdades do poder executivo, na origem mesmo onde provavelmente residem as condições determinantes do mal-estar nacional.

Ainda um outro motivo me levou a propôr o estudo local da vida portugueza. Em todos os paizes os estudos sociaes economicos e estatisticos são poderosamente auxiliados pelos estudiosos particulares, independentemente da acção do Estado. Em Portugal essa iniciativa particular, mais importante e numerosa do que geralmente se suppõe, anda dispersa e desconnexa, sem estimulos que a desenvolvam, sem objectivação que a utilise.

São muitos os estudos locaes que ha sobre varias regiões do paiz. Cada um, porém, obedece a seu ponto de vista: uns, quasi todos, são historicos, outros, muito poucos, de caracter economico, alguns ainda meramente pittorescos, bastantes referindo-se a factos ou cousas de caracter muito especial ou particular. Nem por isso attestam menos a competencia e a dedicação dos intelligentes estudiosos das coisas da sua terra, dispersos por esse paiz fóra.

Foi meu intuito appellar para esses estudiosos, já conhecidos uns, tantos outros ainda ignorados, que não recusarão decerto o seu concurso a um trabalho vantajoso para todos e que póde dar emprego á sua actividade tão escassamente aproveitada até agora.

A dispersão, porém, das pessoas para quem appello, impunha a necessidade d'um plano, que tornasse harmonico e convergente, para o fim determinado, o esforço de muitos trabalhando isoladamente, um quadro, em que se classifiquem os seus estudos, amparando-os, sem os escravisar.

Por esta fórma, a acção do Estado exercer-se-ha, não só indirectamente, pelo estimulo da publicidade e dos premios que concederá ás melhores monographias, no concurso em que tambem poderão tomar parte funccionarios da Direcção Geral de Agricultura, mas directamente, incumbindo estes independentemente do concurso, do estudo de determinadas freguezias ruraes, escolhidas d'entre as mais caracteristicas da vida e physionomia economica do paiz.

Taes são os motivos que ditaram o projecto decreto que tenho a honra de depôr nas mãos de Vossa Magestade.

Projecto de decreto

Attendendo ao que me representou o Ministro e Secretario de Estado dos Negocios das Obras Publicas, Commercio e Industria, hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º E' instituido no Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria um concurso annual de «Monographias de freguezias ruraes», segundo o programma que baixa assignado pelo Ministro e Secretario de Estado d'aquella secretaria e fica fazendo parte integrante d'este decreto.

Art. 2.º As memorias apresentadas deverão dar entrada na Direcção Geral de Agricultura até o dia 15 de novembro de cada anno, a começar em 1910, acompanhadas por um sobrescripto cerrado e lacrado, em cujo interior se contenha o nome do auctor, e tendo externamente os seguintes dizeres obrigatorios:

«A' Direcção Geral de Agricultura».

«Concurso de monographias de freguezias ruraes em 19... e uma legenda ou divisa á escolha do auctor».

Art. 3.º A capa da memoria conterá os seguintes dizeres obrigatorios:

«Concurso de monographias de freguezias ruraes em 19...»

«Monographia da freguezia de...»

e a mesma legenda ou divisa que se encontrar no sobrescripto.

Art. 4.º No dia 16 de novembro ou no immediato, se aquelle fôr feriado, reunir-se-ha o jury que, depois de tomar conta das memorias apresentadas, nomeará um relator geral e os mais que julgar necessarios para facilidade do seu trabalho.

§ unico. O jury será composto por: os directores geraes da Estatistica e dos Proprios Nacionaes, das Obras Publicas, da Agricultura e do Commercio e Industria, e director do Instituto de Agronomia e Veterinaria, os presidentes do conselho do Fomento Commercial dos Productos Agricolas e da direcção do Mercado Central dos Productos Agricolas, e por socios da Academia Real das Sciencias e de agremiações de caracter scientifico e economico, lentes ou professores de escolas ou institutos de ensino superior e funccionarios dos Ministerios das Obras Publicas, Commercio e Industria, de livre escolha do Ministro.

Art. 5.º Elaborados os relatorios parciaes sobre cada memoria ou cada grupo de memorias referentes á mesma freguezia, serão estes impressos é circularão, em provas, com a memoria ou memorias a que se refiram, por todos os membros do jury, que inscreverão na pagina interior da capa do seu «visto» e rubrica, até chegarem por ultimo á mão do presidente, o qual, recolhidos e vistos todos, convocará seguidamente as sessões necessarias para a sua discussão e apuramento final dos resultados.

Art. 6.º O jury disporá, além dos premios que lhe forem offerecidos por corporações administrativas, associações ou particulares, dos seguintes premios do governo para as melhores memorias:

Um premio de 200$000 réis;
Dois premios de 100$000 réis;
Dois premios de 50$000 réis;

dos quaes concederá todos ou parte, como julgar mais justo e conveniente; resolvendo tambem se os premios das corporações ou associações particulares devem ser attribuidos ás memorias laureadas com os premios do governo ou a outras que tambem mereçam recompensa.

Art. 7.º O jury recommendará ao governo as memorias que julgar dignas de serem publicadas no Boletim da Direcção Geral de Agricultura

Art. 8.º Terminados os trabalhos do jury, incluindo a assignatura do relatorio geral, proceder-se-ha em sessão especial á abertura dos sobrescriptos correspondentes ás memorias premiadas ou recommendadas para publicação. A acta d'esta sessão será publicada com o relatorio geral do jury n'um dos proximos numeros do *Diario do Governo* e reproduzidos no Boletim da Direcção Geral de Agricultura, em que poderão tambem ser publicados os relatorios parciaes.

Art. 9.º Os sobrescriptos restantes só serão abertos na Direcção Geral de Agricultura, para verificação de identidade, se os auctores reclamarem copia das suas memorias, o que lhe será permittido fazer dentro de um anno, sendo ao fim d'este praso inutilisados os demais sobrescriptos.

Art. 10.º O governo concederá aos auctores das memorias publicadas, além de 25 separatas gratuitas, as mais que elles desejarem pelo preço do custo do papel e impressão; devendo estes pedidos ser feitos dentro de um mez da data da publicação do relatorio no *Diario do Governo*.

Art. 11.º Comquanto convenha que as memorias tenham a maior possivel illustração documentar em desenhos, photographias, etc., o governo reserva-se o direito de publicar d'estas illustrações unicamente as que julgar indispensaveis.

Art. 12.º Por indicação do jury o governo combinará tambem com os auctores as reducções, alterações ou additamentos convenientes em determinadas partes do texto, para o effeito da publicação.

Art. 13.º Fica revogada a legislação em contrario.

Paço, em 17 de julho de 1909.

Programma para monographias de freguezias ruraes

I

Introducção

Esboço historico. Alterações na composição ethnica da população, nos limites do termo da freguezia, no regimen e extensão da propriedade, na variação das culturas, dos gados, das industrias e do commercio. Antigas relações sociaes e economicas com a região e com o paiz.

II

Estado actual da freguezia

1.º—Situação topographica

Serra, planalto, encosta, valle; altitude. Distancia (kilometrica, em tempo e em dinheiro) fórma de viação (por estradas ou caminhos, rios ou canaes) á mais proxima estação do caminho de ferro, ou porto de mar

e a mercados, para transportes de pessoas, gados, materiaes e productos.

2.º — Territorio e clima

Superficie da freguezia:

a) Inculta: mattos, charnecas, pastagens, poisios e baldios, rochas escalvadas;

b) Em cultura: hortense, arvence, pratense, arbustiva, pomicola, silvicola; superficie regada e superficie não regada, susceptivel ou não de irrigação.

Solo: rochas originarias e terras agricolas (soltas, fracas, fortes), de formação local ou de transporte.

Superficie da geira agricola. Plantas espontaneas caracteristicas das differentes terras.

Aguas: superficiaes (estagnadas, correntes torrenciaes), subterraneas (poços ordinarios e artesianos). Nascente, minas. Trabalhos de regularisação das torrentes. Açudes, albufeiras. Aguas inquinadas.

Clima: temperaturas extremas em cada estação; epoca e frequencia de chuvas, neves, geadas, nevoeiros, sincelos, orvalhos. Salubridade, aptidões agricolas.

3.º — População

Caracteres anthropologicos. Aspectos physicos e sociaes.

Estatistica da população: agrupada, dispersa, numero de fogos, população de facto, de residencia habitual.

Demographia: casamentos, nascimentos, obitos; repartição da população por edades, sexos, estado civil, profissões, nacionalidades.

Emigração organisada, ou não: dentro do paiz, para colonias e estrangeiro; constante, irregular e periodica: causas, destinos, effeitos; regresso e suas condições.

Immigração organisada, ou não: constante, irregular, periodica; causas e effeitos.

Serviço militar; estatistica de recrutamento; condições de regresso aos lares.

Colonias agricolas, industriaes e commerciaes.

Nosographia: epidemias, endemias, doenças esporadicas mais frequentes.

Esboço monographico dos typos de familia agricola, commercial, industrial e mixta.

4.º — Predios urbanos

Valor do terreno, valor venal, valor locativo.

Materias de construcção.

Dependencias urbanas e rusticas.

Fórmas de expansão das povoações.

Edificios publicos e edificios alugados a serviços publicos.

Monumentos e curiosidades.

Numero de predios: rez-do-chão (terreos, lageados ou ladrilhados e sobradados), um e mais andares.

Distribuição dos compartimentos das casas terreas. Numero e condições das janellas. Chaminés.

5.º — Predios agricolas

Divisão da propriedade: pequena, média, grande.

Bens communitarios.

Movimentos da propriedade: vendas, trocas, partilhas entre menores e maiores.

Numero e area dos predios agricolas pequenos, médios, grandes, communitarios.

Valor venal e locativo por hectare, segundo a area dos predios (pequena, média e grande propriedade) e a natureza do terreno.

Encargos: fóros (emphyteuse e subemphyteuse), quinhões, servidões, contribuições.

6.º — Agricultura

Monocultura ou polycultura. Pequena média ou grande cultura. Cultura intensiva ou extensiva.

Culturas: hortenses, arvenses, pratenses, arbustivas, arboreas. Jardinagem, ornamentação. Viveiros de plantas. Processos culturaes. Methodos e apparelhos de irrigação. Producções por hectare; determinação do custo de producção. Doenças.

Pinhaes, montados e outras mattas. Ordenamento e exploração florestal. Doenças.

Gados: bovino, cavallar, asinino, muar, ovino, caprino, suino. Processos zootechnicos. Transhumancia. Criações e explorações domesticas. Doenças.

Apicultura. Sericicultura.

Industrias agricolas: principaes, accessorias. Processos technologicos.

Caça, pesca. Regime e processos venatorios e piscicolas. Povoamento das aguas estagnadas e correntes.

Salinas: producto bruto e producto liquido.

Sociedades de producção.

7.º — Exploração agricola

A) Fórmas de exploração, como:

1.º Familiar, patronal:

a) Directa ou de residencia: só pela familia; pela familia á torna-geira; pela familia com criados assoldadados (permanentes, eventuaes), ou com criados e operarios; pelo patrão, com criados e operarios ou com feitores, criados e operarios, ou com administrador, feitores, criados e operarios;

b) Indirecta, de ausencia ou de absenteismo: pelo patrão, com feitor, criados e operarios ou administrador, feitores, criados e operarios.

2.º Por arrendamento: a longo, médio, curto praso;

3.º Por parceria: meação, terços, quinhões.

4.º Participação nos lucros.

Fórmas particulares de exploração.

Pessoal empregado em cada fórma de exploração.

Regime communitario.

B) Organisação da exploração:

Capital fundiario e de exploração (fixo

N.º 6 **FOLHETIM** Agosto, 1909

D'Os Meus Amores

Á Lareira

por Trindade Coelho

Era zôrro, com effeito, o José Redondo. Tinha sido exposto na Santa-Casa, medrára na roda, e quando chegára aos sete annos, fôra entregue ao José Lorna p'la justiça.

— E' bem boa rez, é! — concordou o velho Lorna, que afinal gostava do rapaz por ser obediente. — Vae-te á cama, rapaz! Vossemecês regalam-se de estar ao borralho, mas depois vem o dia, e põem-se p'r'ahi a dormir atraz de uma parede, e cá está quem paga as differenças...

Ia a levantar-se o José Redondo; mas como ficasse triste o André, a snr.ª Aniceta pediu que deixasse estar o rapaz mais um bocado — «porque uma noite não eram noites».

— De mais a mais — reforçou o José Bernardo — é preciso vêr qual de vocês dois encarreira melhor essa perlenda!

Os rapazes começaram-se a rir:

— Sou eu!

— Sou eu!

— Mas isso agora é o que nós vamos a vêr! — desafiou-os o compadre barbeiro. — Vá lá tu a das Meninas de Val de Sancha!

E os dois, ao mesmo tempo, atiraram-se logo á perlenda:

As meninas de Val da Sancha.
Engancha, engancha!
Teem meias amarellas,
Andarellas,
Que lh'as deram os pastores,
Andadores,
Por lh'mudar as cancellas
Andellas.

Foi uma risada.

— Disse melhor o André! — preferiram as mulheres.

— Disse melhor o José Redondo! — contestou o grupo dos homens.

— Outra! Outra! — meteu-os logo á bulha o José Bernardo. — Agora aquella de Roma!

E os rapazes atiraram-se logo, aqui cáio além me levanto, ambos muito desembaraçados, á perlenda que lhes pediam:

No meio de Roma está uma rua,
No meio da rua está uma casa,
No meio da casa está uma banca,
No meio da banca uma gaiola,
Na gaiola está um ninho,
Dentro do ninho um passarinho!

— Upa! rapazes! agora, agora! — desafiaram todos, — Agora é que são ellas!

E os rapazes atacaram o resto:

Passarinho no ninho,
Ninho á gaiola,
Gaiola á mesa,
Mesa á casa,
Casa á rua,
Rua a Roma!

e circulante); mobilia, dinheiro, gados, forragens, sementes, alfaias, adubos, insecticidas, fungicidas, etc.;

Systema de cultura. Combinações culturaes, florestaes, zootechnicas e technologicas. Afolhamentos, ordenamento, regime pecuario, florestal, piscicola e venatorio; processos technicos.

Combinações de trabalho de pessoal, gados e machinas;

Systemas de producção. Combinações economicas de producções culturaes, florestaes, zootechnicas e technologicas;

Influencias do fraccionamento predial na organisação e rendimento da exploração agricola.

Vantagem presumivel dos emparcellamentos.

Melhoramentos agricolas: edificações, muros, vedações, socalcos, exploração, aproveitamento e regularisação de aguas, colmatagens; drenagens, arroteias ou surribas, correctivos, caminhos internos dos predios;

Contribuições: geraes e locaes; congruas. Importancia em relação ao rendimento liquido; apreciação das matrizes;

Contabilidade.

Administração da exploração. Exemplos de typos de exploração na pequena, média e grande cultura.

8.º — Industria

Industrias extractivas.

Industrias fabris. Materias primas, sua origem.

Industrias de transportes.

Pequenas industrias domesticas, masculinas e femininas.

Artes e officios.

Sociedades de producção.

9.º — Commercio

Feiras, mercados, estabelecimentos permanentes de venda, commissões e commissarios, vendedores ambulantes; preços correntes de productos e gados. Pesos e medidas.

Generos commerciaes: origem, destino. Cooperativas de venda. Processos commerciaes.

10.º — Exploração conjuncta

Combinações economicas: agricolas, industriaes e commerciaes.

11.º — Capitaes

Abundantes, escassos. Taxas de juro. Processos de credito. Bancos, caixas economicas, misericordias, etc.

12.º — Trabalho

Mão de obra: abundante ou rara, local ou estranha, especialisada ou mixta.

Horas de trabalho, soldadas e salarios em generos, em dinheiro, mixto, segundo os sexos, edades, estações e serviços.

Empreitadas.

Aptidões physicas e profissionaes dos operarios. Instrumentos de trabalho.

Aluguer de gado e de machinas.

13.º — Consumo

Na alimentação de pessoas e gado; no vestuario; nas industrias; em construcções, etc.

Consumo dos productos da freguezia e de productos importados.

Comparação com as producções. Capitação dos consumos alimentares. Cooperativas de consumo.

14.º — Hygiene

Publica e particular: condições de habitação, vestuario, alimentação. Fontes publicas e particulares. Proximidade de pantanos, brejos ou paues. Lavadouros. Bebedouros do gado.

15.º — Instrucção

Ensino geral; escolas, numero, capacidade de frequencia e frequencia effectiva. Ensino agricola, industrial, commercial.

Influencia da acção particular e official, de publicações, conferencias e outros meios de propaganda. Campos de experiencias.

16.º — Previdencia

Syndicatos agricolas; associações de credito, de compra, de venda, de producção, de soccorros mutuos, de seguros, de selecção de sementes, plantas e gados; parcerias pecuarias.

Fórmas e importancia das economias ou pé de meia.

Uso de seguro.

17.º — Assistencia

Misericordias e confrarias, asylos, hospicios, hospitaes, creches. Partidos medicos e veterinarios, pharmacias.

18.º — Estado moral e social

Habitos moraes e sociaes. Condições economicas dos proprietarios agricolas e industriaes, commerciantes, rendeiros, parceiros, administradores, feitores, operarios ruraes e industriaes.

Relações entre as differentes classes sociaes. Festas, danças, canções populares, jogos recreativos e de azar.

Hypothecas, penhores, arresto.

Indigencia e caridade.

Criminalidade, roubos e depredações nos predios agricolas. A acção dos povos e gados sobre a arborisação. Policia rural, couteiros.

Tiveram uma ovação; e até o *Caramujo*, que sonhava detraz do murilho, levantou a cara para os ouvir.

D'esta vez, não foi preciso pedir-lhes:

— Lá vae outra!

E largaram ao desafio:

> Na ponte de Val d'Armeiro
> Vint'cinco cegos vão,
> Cada cego leva um moço,
> Cada moço leva um cão,
> Cada cão leva um gato,
> E cada gato o seu rato,
> Cada rato sua espiga,
> Cada espiga tem seu grão.

Ladrou o *Caramujo*, como se entendesse, e gostasse, tambem da brincadeira; mas de repente calaram-se, escutando...

— Parece que estão a bater... — disseram elles todos.

— Entre quem é! — disse o José Lorna.

Ouviu-se á porta uma voz de mulher, muito dorida:

> Esmola ao menino do fol',
> Que quer fallar e não póde!

Era um gaguincho. Talvez a Maria da Eufrazia, que tinha um pequeno preso da falla...

— Anna — disse a tia Maria Lorna — leva-lhe lá um chouriçinho.

Todos se calaram, muito doridos deante d'aquella desgraça. Ouvia-se a creança vagir, abafada pelo chale da madrinha. Tirou da estaca um chouriço, a Anna, e depois de o beijarem todos, — pela fisga, sem olhar, passou-o a quem estava de fóra, que era com effeito a comadre da Eufrazia.

— Tambem, foi bem infeliz, coitada! — reataram as mulheres. — Morre-lhe o primeiro afogado, e este depois vem-lhe assim, que parece mesmo que é parvinho!

— Eu assim o tenho! — abonou o barbeiro com auctoridade. — Mas isto do pequeno faz-nos lembrar agora o que talvez não saibam...

— O quê? O quê? — perguntaram todos muito curiosos.

— A historia do ti'João Beitão... — sondou, a vêr se sabiam, o José Bernardo.

Não sabiam. «O pobre do homem ninguem já ouvia fallar n'elle. Parecia mesmo que tinha morrido! Apanhou a filha bem casada; e como era surdo como uma porta, pediu-lhe uma cama p'ra se deitar, um caldo p'ra comer, e não quiz saber de mais nada!

Estava na cama havia uns poucos d'annos! Nem fallava nem ouvia fallar! E como o caldinho lhe ia ás horas, e o mais, comia e virava-se p'rá parede, até que chegasse o outro quartel». — Era a vida d'elle! — dizia o barbeiro.

— Mas elle então nem se levanta? — quizeram saber as mulheres.

— Qual levanta! Isso sim! — confirmou o José Bernardo. — Estás são como um pêro, é o que está; mas não perdeu ainda a balda, aquelle almanicha! Está sempre a rabujar: co'a filha, com as netas, co'a moça quando lhe leva o caldo, co'elle mesmo se não tem com quem! Uma ladainha pegada!

(Continúa).

19.º — Conclusões

Resumo da situação economica actual e futuro provavel da freguezia; prosperidade ou decadencia.

Paço, em 17 de julho de 1909.

BOLETIM ELEGANTE

Está no Porto, com pouca demora, de passagem para Espinho onde vae passar uns dias com o snr. Visconde d'Alijó, ali a banhos, o nosso illustre collaborador ex.mo snr. Torquato Luiz de Magalhães, dignissimo presidente da Camara Municipal do concelho d'Alijó.

— O illustre poeta snr. M. Duarte d'Almeida saíu de Lisboa para Entre-os-Rios, a procurar melhoras á sua incommoda bronchite. D'ali, seguirá para Vidago.

— Está em Villa Real, acompanhado de sua ex.ma esposa o snr. Commendador Santos, um dos homens a quem o *Club Trasmontano* de Lisboa mais solicitude e enthusiasmo deve, ou s. ex.a não fosse, como é, um trasmontano que tem o culto fervoroso da sua provincia. Desejamos-lhe uma aprazivel permanencia em Villa Real.

A Imprensa

E A

«Illustração Trasmontana»

O *Correio da Noite* foi d'entre os jornaes de Lisboa um dos que sempre se distinguiu por conter na sua redacção homens de letras e por aos homens de letras e suas obras prestar, mais e primeiro que nenhum collega, o preito da sua attenção. Por aquellas columnas passaram Trindade Coelho, Augusto de Castro, dos mais modernos, e actualmente lá estão ao lado do Santonillo e de Lourenço Cayola os temperamentos de Amadeu Cunha e Paulo Ozorio. Assim se explica a attenção que o *Correio da Noite* prestou á *Illustração Trasmontana*, á qual, no seu numero de 12 do corrente agosto, faz a seguinte lisongeira referencia que sinceramente agradecemos:

«**Illustração Trasmontana.**— Sobre a nossa banca de trabalho temos o n.º 19 da *Illustração Trasmontana*, uma luxuosissima revista que, sob a direcção do nosso amigo e brilhante publicista Joaquim Leitão, mensalmente se publica no Porto.

Conforme se infere do seu titulo, esta revista que honra a imprensa litteraria e artistica do nosso paiz, reune nas suas paginas tudo quanto interessa á provincia de Traz-os-Montes, estudando as suas individualidades insignes, a sua economia, a sua paysagem, a sua ethnographia, etc., etc., — trabalho que tem sido confiado a alguns dos nossos mais distinctos escriptores. Profusamente illustrada, cada uma das suas photogravuras constitue uma obra prima, revelando-se um artista de valor, o snr. Carlos Pereira Cardoso.

Na parte typographica e na impressão é tambem a *Illustração Trasmontana* um primôr, que póde pôr-se em confronto com os melhores trabalhos que, no genero, se executam na Allemanha.

O presente numero insere um interessantissimo estudo do nosso talentoso camarada portuense, Rodrigo Solano, sobre o grande poeta romantico João de Lemos, um capitulo da novella trasmontana de Joaquim Leitão, *O Varre Canêlhas*, e outros artigos, não menos dignos da leitura.

Recommendamos a *Illustração Trasmontana* a todos os nossos leitores, especialmente aos filhos de Traz-os-Montes, tão numerosos em Lisboa».

Geo-hydrologia de Chaves

(CONTINUAÇÃO)

Descripção detalhada do solo sobre que assenta a villa de Chaves

Como se vê da planta ou esboço topographico geologico, o sub-solo de Chaves compõe-se de duas manchas ou senos graniticos, de uma mancha de schistos quartzo micaceos e de uma parte (o campo do Tabolado) de terrenos modernos cobrindo o terciario lacustre [1], constituindo uma parte da bacia a que já acima fiz allusão.

Como accidentes interessando os schistos ha a mencionar um filão espesso de 12 metros, dirigido segundo N. 35º E. e pendendo para o nascente de 60 a 70 graus. Além d'este filão, que desempenha a mais interessante funcção nas causas de emergencia das aguas thermaes de Chaves, vê se ao poente da muralha, no sitio do Nicho, um pequeno affloramento de granulite, com porções de estructura pegmatoide, e que pelas circumstancias em que se apresenta se deve considerar de origem filoniana; finalmente, de sob a mesma muralha do forte, encimado por um cavalleiro de baluarte, a partir da qual afflora o filão primeiro indicado, destaca-se um outro pequeno affloramento tambem de granulite. Este affloramento fica ao sul do referido cavalleiro.

Graças a uma excavação praticada contra as fundações da ermida da Lapa, reconhece-se que o grande filão mencionado tambem ahi passa, tendo tambem encontrado o seu affloramento ao nordeste da villa, em ponto caíndo fóra da região levantada, accusando esta ultima porção, para se estabelecer a continuidade dos dois ultimos troços, uma flexão do filão do rumo indicado. Nos espaços comprehendidos entre os pontos mencionados, o filão esconde-se sob as construcções em uns, e sob o terreno vegetal n'outros. Do segundo filão não consegui verificar a continuação n'um ou n'outro sentido; emquanto ao terceiro, ainda que menos concludentemente que para o primeiro, fui tambem achar o seu prolongamento sob as fundações do forte de S. Francisco, tanto da frente voltada ao sul, como da opposta voltada ao norte. O grande filão silicioso, mui especialmente, parece, como já disse, interessar exclusivamente os schistos, supposição que é aliás comprovada pela condição do troço situado ao nordeste da villa, que se contém tambem em schistos, que foram com o filão rejeitados em bloco para nordeste, o que se traduz pela flexão acima indicada.

As relações de schistos e granito são porém, das mais interessantes. Assim como pelas condições em que se apresenta no vertice do seno, que faz a mancha principal de granito representada na planta, se presume que esta rocha teve por ahi passagem através dos schistos deslocados, attingindo a acção determinante d'este effeito dynamico ao grande filão, e occasionando a falha que o intercepta e rejeita, como indica a planta, em F, constituindo assim esse caminho como uma derivação relativamente áquelle que seguiu o magma granitico, que formou para o noroeste e norte da villa um extenso massiço, vemos, no caminho que vai das *Casas dos Montes* á estrada de Braga, o granito cobrir como um manto, de pequena espessura relativa, as testas das camadas de schisto. Adiante vai representada a trincheira do lado de poente d'esse caminho.

Ahi o schisto, sob o manto granitico, apresenta-se muito alterado; o granito é de duas micas; mas parece que só a mica branca é que existe no contacto com o schisto, definindo-se uma zona, que tambem se apresenta mais solida por menos alterada, ainda que o esteja profundamente, e os elementos da rocha são n'ella de maiores dimensões. Esta zona granitica que tem 6 a 8 centimetros de espessura, mas que em partes attinge 30 a 40, parece originar-se n'uma emissão que se effectuasse pelos filetes *ff*, que comprehendem entre si porções de schisto. Dizendo assim, apenas traduzo uma apparencia; não se trata realmente de uma emissão diversa da do granito; os factos indicados são em tudo similhantes aos que alguns observadores teem revelado de regiões onde se verifica a apposição do granito e schistos, factos que na auctorisada opinião do snr. Michel Lévy [1] são principalmente devidos á influencia dos *mineralisadores*, agentes cuja acção se accentuou particularmente na zona de contacto. O proprio granito tambem alli se apresenta atravessado por tenues filetes granuliticos e até pegmaticos. Ao poente do referido caminho, a denudação tem destruido o granito, pondo a descoberto pequenas manchas de schisto. Sob a frente abaluartada norte do forte de S. Francisco, tambem se vê o granito cobrindo o schisto, e, com grande frequencia, porções de schisto fragmentado no seio do granito.

Esta rocha, que todos os geologos admittem hoje ser de *profundidade*, mostra ainda aqui claros signaes da sua posterioridade aos schistos; deve, porém, acceitar-se que tambem é posterior á constituição do grande filão silicioso.

[1] Vide carta geologica de Portugal, pelos snrs. Carlos Ribeiro e Delgado, edição de 1876.

[1] Michel Lévy, *Structures et Classification des Roches Éruptives*, París, 1889, pag. 6.

A "Illustração Trasmontana,, em Alijó

Agosto, 1909.

Partiu para a Africa o nosso conterraneo snr. Amandio Barbosa, que vae encontrar-se com seu irmão e nosso particular amigo snr. dr. Cassiano Barbosa. Até Lisboa acompanhou-o seu irmão snr. dr. Antonio Candido Barbosa, nosso amigo e assignante da *Illustração Trasmontana*.

—O nosso dedicado collaborador dr. Amilcar de Souza encontra-se entre nós, acompanhado de sua ex.ma esposa. Depois d'uma temporada em Alijó, irá para as suas propriedades em Cheires.

—Para tratar da sua saude, um tanto abalada, conseguiu licença de 30 dias, que foi passar no Gerez, o nosso velho e prestimoso amigo snr. Luiz Antonio Ribeiro Botelho, escrivão de direito d'esta comarca e pae dos nossos incansaveis collaboradores snrs. Arthur Botelho e Antonio Botelho.

—O snr. dr. José Teixeira de Sampaio, que ha mais de 40 annos faz clinica n'este concelho onde é facultativo municipal, acaba de pedir á comarca a sua aposentação.

—Encontra-se no Molêdo, a fazer uso das aguas, o nosso assignante e presado amigo snr. Domingos Rufino.

—O nosso estimavel collaborador snr. Torquato Luiz de Magalhães está a desempenhar o cargo de administrador do concelho, na qualidade de presidente da Camara.

—Estão aqui, de visita a seus paes, a snr.a D. Maria Terrio e Guilhermino Terrio, irmãos do snr. Antonio Terrio, acreditado negociante no Porto e co-proprietario da *Illustração Trasmontana*.

—Tambem aqui esteve o snr. Delphim Magalhães, major de infantaria 13.

—De Macahé (Brasil), onde esteve alguns mezes, já regressou o nosso amigo snr. José Teixeira dos Reis Fontinha.

—Partiu para Lisboa o snr. dr. Evaristo Duarte Geral, competentissimo facultativo e nosso presado amigo.

—Estiveram no Porto, d'onde já regressaram, os nossos assignantes snrs. Antonio Regueiro e Casimiro Cabral Junior, acompanhado por sua irmã a snr.a D. Marianna Cabral.

—Tambem já regressou d'alli a snr.a D. Maria Teixeira de Barros, capitalista, de Presandães.

—Tivemos o praser de vêr ha dias, já um pouco melhor dos seus padecimentos, o nosso assignante snr. José Rodrigues Teixeira de Barros, do mesmo logar.

—O nosso assignante snr. Francisco Julio d'Araujo Mansilha Junior, dignissimo escrivão d'esta comarca e illustre director do *Echo do Douro*, partiu para Entre-os-Rios. Durante a sua ausencia ficou a substituil-o, no logar de escrivão notario, seu sobrinho o snr. Belizario Mansilha.

—Na egreja d'esta villa baptisou-se uma filhinha do nosso amigo e assignante da Granja, snr. José Maria Pereira Rodrigues, digno escrivão de fazenda. A' interessante neophyta foi dado o nome de Maria Angelica, servindo de padrinhos a ex.mo snr.a D. Angelica Pereira Martins e o snr. José Rodrigues Martins.

—Estiveram aqui com pouca demora os snrs. Porfirio Teixeira Rebello, aspirante da Alfandega do Porto, Francisco Bravo, de Celleirós, e José Baptista Lobo, de Murça.

—Falleceu o snr. Eduardo Braz Fernandes, cunhado do nosso presado assignante Antonio Regueiro, a quem endereçamos os nossos pezames. O finado era natural da Regoa e encontrava-se em Val Frechoso, concelho de Villa Flor.

—Regressou do Molêdo, onde foi visitar seu irmão e nosso estimado amigo Domingos Rufino, que ali está a fazer uso das caldas, o snr. Antonio Rufino. Tambem ali esteve com o mesmo fim o snr. José Augusto Lopes Rufino primo dos dois e bemquisto commerciante d'esta praça.

—Regressou da Povoa de Varzim o nosso conterraneo snr. Cesar Augusto Pereira, importante proprietario e capitalista.

—Por decreto ultimamente publicado, foram nomeados ajudantes do conservador d'esta comarca os nossos presados amigos snrs. dr. Manuel de Castro Caiado Ferrão e Manuel Alves Canellas.

—Tem estado ligeiramente incommodado o snr. José de Moraes Neves, muito digno delegado do thesouro.

—Esteve na Granja, de visita a seus paes, e já regressou á Regoa, onde com a maxima hombridade exerce o cargo de chefe dos impostos, o nosso sincero amigo snr. Antonio Martins Junior.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Favaios

Agosto, 1909.

No dia 9 do corrente passou o anniversario da menina D. Alda Sepulveda de Sampaio, filha do nosso amigo e assignante Raul de Sampaio.

—A' casa d'este nosso prestimoso amigo chegou, de visita, o estudioso menino Matheus de Sampaio.

—Com pouca demora, estiveram aqui os snrs. Ildefonso Monteiro, de Villar de Maçada, José Macedo, do Pinhão, Padre João Baptista Pires de Moraes, digno capellão de infanteria 9, e Antonio da Rocha Cardoso e ex.ma esposa.

—Com merecida distincção, fez exame do 2.º grau o menino João Silverio da Silva Monteiro, filho do snr. Ildefonso Monteiro.

—O nosso comprovinciano ex.mo snr. dr. Mario Malheiros, que este anno terminou com brilho a sua formatura, já regressou a esta terra, onde é, como merece, deveras estimado.

—Acaba de chegar aqui, vindo do Rio de Janeiro onde é mestre d'obras, o snr. Antonio Augusto d'Assumpção, que goza de geraes sympathias em Favaios. Felicitamos por isso os seus innumeros amigos.

—Fez annos o nosso assignante snr. Raul Sampaio, dignissimo inspector da Companhia dos Phosphoros. Parabens.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Sabrosa

Agosto, 1909.

Para o cargo de administrador d'este concelho foi nomeado, e já tomou posse, o abastado proprietario de Paços, snr. João Ignacio Tocaio.

—Chegou a Provezende, vindo do Porto, o snr. João Gouveia.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Villa Real

Agosto, 1909.

Reassumiu as funcções de governador civil d'este districto o snr. dr. Dias Ferrão, que ha pouco regressou de Lisboa.

—Chegou a esta villa o nosso comprovinciano e collaborador da *Illustração Trasmontana*, snr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello Branco.

—Falleceu a esposa do capitalista snr. Jeronymo Corrêa Rosas.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Santa Martha de Penaguião

Agosto, 1909.

Veio passar aqui alguns dias o snr. João Pinto de Souza Lello, importante e acreditado commerciante da praça do Porto.

—Das Pedras Salgadas, onde esteve a fazer uso das aguas, regressou á sua quinta de Lobrigos o commendador snr. Antonio Joaquim de Moraes.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, na Regoa

Agosto, 1909.

O nosso illustre collega regoense *O Douro* publica sobre vinhas o seguinte que, com a devida vénia transcrevemos, pela palpitante actualidade do assumpto: «Quem este anno seguiu os conselhos dos technicos, tem seguro o pouco vinho que as friagens deixaram; quem não as seguiu... aprenda, para fazer o que deve fazer. O «mildiw», em alguns sitios, appareceu com toda a força; por isso, arrasou as videiras que não tinham sido sulfatadas.

Quando os cachos estiverem muito escondidos pelas folhas da videira devem tirar-se algumas folhas; mas esse serviço deve fazer-se com cuidado para o sol não queimar os cachos.

Haja o cuidado de sulfurar com fumo de enxofre as vasilhas que não estiverem bem cheias, para evitar que com o calor os vinhos se estraguem.

Não haja descuido na limpeza de toda a adega, desde as paredes até aos lagares, balseiros, canecos, esmagadoras e desengaçadeiras, tudo emfim quanto deva ser molhado pelo vinho.

—Eis os preços por que se teem vendido nos ultimos dias, no nosso mercado, os seguintes generos:

Trigo gallego (20 litros), 920 réis; Trigo tremez, 1:200; Milho amarello, 700; Milho branco, 880; Milho miudo, 800; Milho painço, 800; Centeio, 700; Cevada. 550; Feijão branco, 1:300; Feijão amarello, 1:100; Feijão vermelho, 1:300; Feijão rajado, 1:000; Feijão frade, 1:100; Feijão chicharo, 1:100; Grão de bico, 1:400; Fava, 700; Vinho branco, 600; Vinho tinto, 550; Aguardente, 2:000;

Azeite, 4:200; Vinagre, 800; Sal, 80; Batatas (15 kilos), 450; Ovos (duzia), 120.

—No dia 12 do corrente, cêrca das 5 horas da tarde, pereceu afogado no rio Douro, proximo da fonte de Jugueiros, o snr. Domingos Teixeira Campos, representante na Regoa, da Companhia Manufactureira das Machinas Singer, com deposito á rua dos Camillos. O infortunado mancebo, que era um estimavel e laborioso cidadão, deixa viuva e filhos, sendo muito sentido o seu tristissimo passamento. Uns attribuem a morte do snr. Campos a imprevidencia de natação nas proximidades d'um baixio do Douro; outros attribuem-na, e talvez com mais visos de verdade, a um insulto congestivo occasionado pela entrada do pobre moço na agua, pouco após uma refeição. O cadaver appareceu no dia 14 de manhã, em frente do logar do Coval.

E' geral a consternação por tão luctuoso acontecimento.

—A abundancia de vinho de pasto de diversas regiões, fabricado para concorrer com o do Douro, obriga a Direcção da Companhia Geral d'Agricultura das Vinhas do Alto Douro, a lembrar aos senhores lavradores da região do Douro, a necessidade de, na proxima vindima, metterem nos lagares a gente precisa e darem as horas convenientes de fervura ao vinho para não ficar mal cozido, nem mal trabalhado para que tenha a duração propria de vinho do Douro bem fabricado.

O grau alcoolico d'este vinho não deverá ser inferior a 11 $^1/_2$; o seu preço dependerá da qualidade, da respectiva graduação alcoolica, de não ser feito de uva branca misturada com preta por perder a côr e ferver facilmente, de não ter baga que prejudica o gosto e duração do vinho, de não ter crystaes, colla, etc.

—Regressou de Guimarães, onde foi assistir aos deslumbrantes festejos gualterianos, o conceituado commerciante d'esta praça e nosso dilecto amigo, snr. José Corrêa de Magalhães, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e gentil filhinha.

—Partiu para a Foz do Douro, contando demorar-se cêrca de 2 mezes n'aquella ridente praia, o illustrado viticultor e proprietario duriense, snr. Antonio Francisco Ferreira.

—Partiram para a attrahente estancia hydrotherapica das Pedras Salgadas, aonde vão fazer a sua «saison d'eaux», o digno vice-consul de Hespanha na Regoa, snr. Antonio Baptista e sua ex.^{ma} esposa snr.^{a} D. Margarida de Moraes Baptista.

—Esteve no Porto, tendo já regressado a esta localidade, o distinctissimo e considerado facultativo municipal snr. dr. Maximiano Bernardes Pereira, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa.

—Depois de longos e cruciantes soffrimentos, finou-se no dia 7 do corrente, ás 2 horas da madrugada, na casa de Pedro-Couto, immediações d'esta villa, o snr. Antonio Augusto de Souza, filho do conceituado proprietario snr. José Augusto de Souza e cunhado dos nossos prezados amigos snrs. dr. Antonio Cascarejo, João Cascarejo e José Cascarejo, a todos os quaes endereçamos a expressão da nossa condolencia.

—Partiu no dia 4 do corrente, para Leça de Palmeira, a distinctissima professora official, ex.^{ma} snr.^{a} D. Antonia Victoria Pinto de Mesquita.

Vae acompanhada da menina Marilia, sua gentil sobrinha, e tenciona demorar-se n'aquella praia até o fim das férias escolares.

—Estiveram no dia 2 do corrente n'esta villa o snr. dr. João Monteiro Guedes e seu intelligente filho Amadeu, da Casa da Boa-Vista de Godim.

—Cumprimentamos n'esta localidade, os nossos amigos, snrs. Manuel Baptista Vicente Ferreira, de Sediellos, e Ignacio Monteiro Guedes, de Mouramorta.

—Partiu na ultima terça-feira para o Gerez, o importante viticultor duriense, snr. Antonio Pereira do Espirito Santo, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa.

—Regressou no dia 11 a esta localidade, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e galantes filhinhos, o nosso obsequioso amigo e prestante regoense, snr. Alberto Corrêa Pinto Rolla.

—Depois de uma demorada digressão, voltaram a esta villa o snr. Commendador Antonio Alfredo Ferreira de Carvalho e sua ex.^{ma} esposa.

—Vimos na Regoa, e seguiu já para a risonha hydratica estancia das Pedras Salgadas, o nosso illustre amigo snr. Adriano Vieira Pinto.

—Encontra-se na Regoa, ha dias, o nosso particular amigo, snr. Joaquim Baptista, ha longo tempo residente com sua ex.^{ma} familia na praia de Espinho.

—Deu á luz uma menina, a ex.^{ma} esposa do nosso sympathico amigo snr. Manoel Vaz Pinto Guedes, socio da acreditada casa commercial Joaquim Ribeiro Pereira & Sobrinho.

—Tem estado nas proximas thermas do Molêdo, o nosso estimado amigo snr. Amadeu Eulalio Pauman, considerado commerciante na capital do Norte e filho do nosso saudoso amigo e extincto vice-consul de Hespanha na Regoa, snr. Adolpho Eulalio Pauman.

—Em goso de férias, acha-se ha dias n'esta villa o intelligente alumno da Escola Polytechnica do Porto, snr. José Xavier Vaz Osorio, filho do digno recebedor d'este concelho, snr. José Vaz Osorio.

—Teve a sua «délivrance», dando á luz uma menina, a ex.^{ma} snr.^{a} D. Adelaide Rocha Pereira da Silva, esposa do snr. Abilio Pereira da Silva, e filha do conceituado commerciante d'esta villa, snr. Manuel Antonio Teixeira da Rocha.

—Partiu no dia 1 para a praia da Povoa de Varzim, de visita a seu filho snr. Camillo de Moraes, a respeitavel dama regoense, ex.^{ma} snr.^{a} D. Alexandrina Claudino de Moraes.

—Com alguma demora, encontra-se desde o ultimo sabbado n'esta villa o importante e intelligente viticultor duriense, snr. Luiz Carlos Gomes.

—Chegou a esta localidade, regressando já a Vianna do Castello, o nosso presado amigo e importante commerciante e proprietario, snr. Manuel Martins Xavier.

—Foram passar uma longa temporada para a sua magnifica quinta em Loureiro, suburbios d'esta villa, a ex.^{ma} esposa e filhos do nosso considerado amigo e bemquisto negociante, snr. Bernardo Lopes Vasques Osorio.

—Está em Lisboa o snr. dr. Julio de Carvalho Vasques.

A sua ida á capital, relaciona-se com a installação e serviço da Commissão de viticultura duriense, da qual s. ex.^{a} é presidente.

(Correspondente).

— Quantas *pás* figuraram na morte dos sete castelhanos em Aljubarrota?
— Duas a *pá* do forno e a *pá d'eira*.

A "Illustração Trasmontana,, em Chaves

Agosto, 1909.

Já chegou a Villa Real ordem de pagamento da importancia de 6:331$415 réis para satisfazer as rendas das casas das escolas primarias d'este districto do 2.° semestre de 1908 e 1.° de 1909.

—Foi concedida auctorisação ao snr. Joaquim Fernandes Ferreira, professor e reitor do lyceu d'esta villa, para frequentar no corrente mez e em setembro, em paizes estrangeiros, os cursos de férias, alli existentes, aperfeiçoando-se assim no ensino da lingua de que é professor, e a visitar escolas cuja organisação lhe convenha conhecer, para melhor exercicio das funcções dos seus cargos.

—*Emigração.* Foram passados no governo civil d'este districto durante o mez de julho ultimo 88 passaportes.

—Está melhor dos incommodos de saude que ultimamente soffreu o nosso amigo snr. Alberto Fernandes Bandeira, digno 2.° aspirante da fazenda.

—Encontra-se n'esta villa, onde vem passar algumas semanas junto de sua familia, o nosso illustre conterraneo snr. dr. João Barreira, distincto litterato e professor da Academia das Bellas Artes de Lisboa.

—Regressou da Povoa de Varzim, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e filhos, o tenente de infanteria 19, snr. Tito Barreira.

—Regressou de Vidago o nosso amigo snr. Eugenio Carvalhal.

—Vimos n'esta villa o major aposentado, snr. Joaquim Maria Evangelista Carvalhal, de Vidago.

—Com sua familia retirou para o Porto, onde vae tratar da construcção do seu aviador «Libertas», o nosso amigo snr. Accacio Lobo, que alli se demorará até fins de setembro

—Regressou de Verin, onde esteve a fazer uso das aguas medicinaes, o snr. conselheiro Lino Teixeira Pinto.

—Seguiram para a Povoa de Varzim os snrs. capitão Antonio Antunes e familia; João Pereira Martins e esposa; Antonio Pereira de Faria e familia; Manuel da Rocha e Silva.

—Accentuam-se as melhoras do snr. Almor Alpoim, capitão d'infanteria 19 e director da carreira de tiro.

—Está quasi restabelecido do forte ataque de rheumatismo que o retem em casa ha alguns dias o nosso querido amigo e collega n'esta redacção snr. Adrião Igrejas.

—Parte por estes dias para a Povoa de Varzim, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e gentis cunhadas o nosso amigo snr. Luiz Mariz, pharmaceutico d'esta villa.

—Está completamente restabelecido do ligeiro incommodo que soffreu o nosso amigo snr. José Braga.

—Esteve em Chaves o snr. dr. Azeredo Antas, de Vidago.

—Tem estado doente no seu solar das Casas Novas, achando-se todavia melhor, a ex.^{ma} snr.^{a} viscondessa do Rosario (D. Maria Clementina Saraiva).

—Já se encontra entre nós, em goso de férias, o nosso bom amigo snr. Leopoldo Coelho, intelligente terceiranista de medicina.

—Está melhor o snr. João Lopes Fernandes.

—Seguiu para a Povoa de Varzim o snr. Antonio Joaquim Gonçalves, pharmaceutico d'esta villa.

—Tem estado doente na sua casa do Cando o nosso amigo snr. João Bernardino da Cruz, amanuense da camara municipal.

—Está n'esta villa, onde vem fazer serviço por algumas semanas em cavallaria 6, o snr. Mario Saraiva, intelligente quintanista do Instituto de Agronomia e Veterinaria.

—Está n'esta villa o snr. dr. Aleixo Guerra, clinico portuense.

—Retirou na sexta-feira ultima para o Porto, onde vae fixar residencia, a familia do fallecido coronel reformado Antonio Teixeira.

—Encontra-se n'esta villa o snr. Joaquim Falcão.

—Vimos aqui, o nosso amigo snr. padre Pedro Freitas, digno administrador em Boticas.

—Está melhor o nosso amigo snr. João Elias, proprietario do conhecido «Café Central», d'esta villa.

—Partiu para Entre-os-Rios, acompanhado de sua ex.ma esposa e filhinha, o snr. dr. Antonio Pereira da Silva, intelligente advogado.

—Partiram para a Povoa de Varzim, na noite de sabbado, os snrs. dr. Adelino Fernandes, cunhada e esposa; dr. João Vieira, e familia e a snr.ª D. Gloria Felix Alves; José Martins e familia; na noite de sexta-feira D. Agueda Borges, capitão Sapuriti Machado, esposa e filhos.

—Afim de presidir aos exames de 5.ª classe no lyceu de Bragança, seguiu para alli o snr. dr. Bernardo Madureira, lente de theologia da Universidade.

—Tem passado incommodado o nosso amigo e abastado capitalista, snr. Bernardino Jacintho de Moraes

—Regressou da capital o capitão d'infanteria 19, snr. Lucinio Ribeiro.

—Acha-se completamente restabelecido o snr. dr. Annibal Paulino Teixeira, distincto medico municipal.

—Tem estado doente o abastado capitalista de Loivos, snr. José Maria Lage Saraiva.

—Tem passado bastante incommodado de saude, não tendo sahido de casa n'estes ultimos dias, o nosso amigo snr. José Gomes da Silva Braga, digno director do Banco de Chaves. Fazemos votos pelo prompto restabelecimento de sua ex.ª.

—Vem a caminho de Lisboa, bastante doente, o snr. dr. Antonio Albino Gomes Saraiva, antigo professor e reitor do lyceu d'esta villa, e actualmente collocado em Ponta Delgada (Açores) S. ex.ª passará as férias em Villa Real.

—Vimos ha dias n'esta villa o nosso amigo snr. Antonio Luiz Gomes de Moraes Sarmento, intelligente filho do dignissimo administrador d'este concelho, snr. Domingos Sarmento, que no ultimo anno lectivo fez com uma distincção e *accessit* o primeiro anno da faculdade de medicina, obtendo ainda o premio «Barão Castello de Paiva» em trabalhos praticos.

—Seguiu para a Povoa de Varzim, como costuma todos os annos, acompanhado de sua filha D. Albertina, o snr. dr. Filippe Leite de Magalhães, juiz aposentado.

—Na egreja matriz, effectuou-se em 1 do corrente, pelas 10 horas da noute, o casamento da ex.ma snr.ª D. Maria José Pereira da Silva, filha do acreditado commerciante, snr. Segisnando Pereira da Silva, com o snr. Macario Coelho, tambem commerciante e socio d'aquelle nosso amigo na firma d'esta praça Segisnando Pereira da Silva & Coelho.

—Partiram no dia 6 do corrente para a sua casa de Fontes, onde tencionam passar o verão, o nosso amigo Antonio Cardozo da Fonseca Mirandella, sua ex.ma esposa e filha.

—De regresso de Santiago de Compostella, chegaram ante-hontem ao Porto, devendo voltar brevemente para esta villa, o snr. commendador Antonio Alfredo Ferreira de Carvalho e sua ex.ma esposa.

—Partiu para a Povoa de Varzim a ex.ma snr.ª D. Alexandrina Claudino de Moraes, indo hospedar-se em casa do seu filho e nosso estimado conterraneo, snr. Camillo Claudino de Moraes, capitalista residente n'aquella praia.

—Do Porto, para onde partira ha dias, regressou o snr. Manuel Antonio Teixeira da Rocha, honrado commerciante e viticultor.

—Apoz a sua *délivrance*, dando á luz uma creança do sexo masculino, falleceu a ex.ma snr.ª D. Maria Amelia de Vasconcellos de Moraes Sarmento, estremecida esposa do snr. João Sarmento, digno secretario interino da camara municipal e filha querida do ex.mo snr. Domingos Gomes de Moraes Sarmento, digno secretario effectivo da camara e administrador interino d'este concelho.

A desventurada senhora, que contava 29 annos de idade, foi victimada por um grave e irremediavel accidente consecutivo ao parto, o que deveras contristou todas as pessoas que a conheciam e muito apreciavam os seus primorosos dotes de espirito e coração.

O seu funeral realisou-se no dia 15 na egreja matriz da povoação de Santo Estevam, onde residia, sendo muitissimo concorrido.

A' illustre familia enlutada apresentamos a expressão das nossas sinceras condolencias.

—Tambem falleceu na povoação de Bustello o nonagenario snr. Francisco Madeira, que era geralmente muito estimado. Os nossos pesames á familia em luto.

—Tem feito muito calor: os dias 13 e 14 foram verdadeiramente asfixiantes.

Correspondente.

Moncorvo, 9.—Continuam os preparativos para festejar a Senhora d'Assumpção, padroeira da villa, e de grande devoção entre o nosso bom povo. A commissão dos festejos, composta de excellentes e sympathicos rapazes, não se poupa a trabalhos.

Teremos o prazer de ouvir um notavel orador sagrado, e o arraial promette ser brilhantissimo.

Bella illuminação, lindo fogo de artificio, a banda de infanteria 13 e a Philarmonica Moncorvense. Isto satisfaz e alegra o povo.

Já não acontece o mesmo com a demorada permanencia n'esta villa de um destacamento de 11 soldados, sob o commando de um sargento, porque o anno agricola é mau, e, obrigando o povo a aboletar esta gente durante tanto tempo, é um grande sacrificio para a maioria dos cidadãos.

(Do *Diario de Noticias).*

—O que deseja um casado parvo?
—Ter muitos filhos.
—E um rapaz estroina casado com uma velha rica o que deseja?
—Ser viuvo.

Trova popular

Mandei fazer um relogio
Das pernas de um caranguejo,
Para contar os minutos
Do tempo que te não vejo.

NOTICIARIO

Dr. Manuel de Carvalho.—Honra-se hoje a *Illustração Trasmontana* em agradecer a visita do seu assignante e amigo, snr. dr. Manuel de Carvalho, illustre medico do exercito, actualmente residente em Lisboa.

O snr. dr. Manuel de Carvalho, filho de Villa Real, que é um reconhecido temperamento litterario, para breve promette aos nossos leitores a sua collaboração.

D. Carlos I.—Por alma do fallecido monarcha e para commemorar o 4.º anniversario da sua visita a S. Martinho de Bornes, foi resada no dia 28 de julho findo, pelas 9 horas da manhã, na egreja parochial d'aquella localidade e pelo seu rev. abbade, uma missa de suffragio.

A este acto religioso, da iniciativa do nosso amigo Eduardo Barreto, assistiram, entre outros, estes distinctos membros da colonia aquista das Pedras Salgadas: Condes de Restello, condes de Vinhós e Almedina, conde de Castro, Carlos Silva, Pinto Bastos, contra-almirante Botto, tenente d'armada Taborda, dr. Ricardo Bartol, Prior do Louriçal, commendador Antonio Joaquim de Moraes, representante da Companhia das Aguas das Pedras Salgadas, Ernesto Canavarro, representante das Aguas da Ponte Romana.

ANNUNCIO

CAFÉ
E
GRANDE HOTEL "TOCAIO,,
VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario—*Adriano Rocha.*

2.º ANNO—SETEMBRO, 1909

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA Illustração Trasmontana | ADMINISTRADORES Antonio Corrêa e Antonio Terrio

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º— PORTO

O TRASMONTANO

SUPPLEMENTO
AO N.º 21 DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

DIRECTOR—JOAQUIM LEITÃO

Composto e impresso na Typ. Occidental, de Pimenta, Lopes & Vianna, R. da Fabrica, 80 – Porto

Summario do n.º 21, (9.º do II anno)
DA
Illustração Trasmontana

	PAG
Um Barco Rabello	133
A Vinha do Senhor, por Amilcar de Souza	134
As Vindimas, por Manuel Monteiro	138
N'uma porta se põe o ramo..., por Joaquim Leitão	141
A crise do Douro: Suas causas e seus remedios, por Amandio Silva	147

O Douro regressa á pobreza primitiva

Chêga a vindima.

Nos tempos idos, era a alegria que chegava.

Tanto que de todos os trabalhos agricolas, esse era o unico feito a cantar, n'um ritual pagão, de festa e de fartura.

Era a Messe, a cheia d'um Rio de Ouro que innundava as fragas cobrindo-as de riqueza, de embriaguez, de festejamento.

E o vinhateiro esperava pela sua vindima, como pela jangada da abundancia, provinda d'uma ilha de deuses.

Depois..., o «mal» entrou, empobreceu uns, arruinou outros, desolou a região, estremeceu-a.

Mas a tenacidade trasmontana costumada a semear em fragarêdos, venceu tambem a dureza do revés: e o Douro refloreciá, e de novo os córos da colheita alegraram o seu mysantropo céo, de novo as fôlhas de vide toucaram a fronte da paisagem, n'uma indumentaria de jubilos e de sensualidade.

Mais adeante... outro «mal» maior: a crise, tão complexa, de tão multiplas responsabilidades, de tão remotas causas.

Ha dez annos que as vinhas erguem ao país os braços contorcidos, clamando salvação: e ninguem as quís ouvir.

Quando se debruçaram, a pobre região debatia-se já n'uma agonia de afogada, quasi tragada pelo redemoinhar do pégo.

Quizeram ou fingiram quererem valer-lhe.

E um anno depois de o Douro haver denunciado o auge da sua crise, um anno depois de se haver sentido um arrepio de revolta, nada, pela palavra nada se fez.

Em 1908, o vasilhame já não chegava para o vinho que a crise estancava n'uma estagnação de dóca abandonada.

E outra vindima chêga.

O que trará ella? A esperança no verde dos seus pampanos?

O sangue do desespero, no summo dos seus bagos?

Quem sabe?!...

Quem sabe?!...

A região, porém, não se inclina para o optimismo e a sua mesma imprensa se adeanta a preconisar calamidades e miserias.

Senão, leiam este artigo que a seguir transcrevemos do nosso estimado collega o *Echo do Douro* e que, com o titulo que encima estas nossas linhas preambulares, saíu á lúz do desespêro n'um dos seus ultimos numeros.

....

«O país do Douro nem sempre foi uma região de riqueza como ainda ha bem pouco era considerada.

Até ao seculo 17 essas terras eram tidas como as mais pobres do reino, e no tomo 3.º das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, isso ahi se confirma.

Esse Douro rico que fazia nascer no meio de cada vinha um palacete e em cada proprietario um nababo; esse Douro que dava á cidade do Porto o maior elemento de movimento commercial e ao país a maior colheita de ouro do estrangeiro—esse Douro só no seculo 18, depois do tratado de Methwen (1703), é que começou a ter essa feição de riqueza.

Com relação a esse tratado diz Oliveira Martins: «O tratado de Methwen tornou-nos feitores da Inglaterra, e fez do país uma *fazenda*, uma *vinha* da Gran-Bretanha no Meio Dia. Os vinhos portuguêses pagariam em Inglaterra um terço menos do que os francezes, e Portugal preferiria os productos fabris inglezes.

As exportações subiram no primeiro anno a treze milhões de cruzados, e os vinhos attingiram no país o preço de 60$000 réis a pipa. A expeculação folgava: mas em 1750 era tanta a producção que o vinho baixára a 10$000 réis. O inglez, dando largas ao seu vicio querido, podia embriagar-se por pouco dinheiro, e enriquecer vestindo-nos e dando-nos de comer por bom preço —porque Portugal não produzia pão».

Pelo que diz Oliveira Martins, a expansão cultural da vinha veio com aquelle tratado, que tirou o nome do estadista inglez que o fez.

Antes d'elle a exportação de vinho do Porto era pequena.

Na alfandega do Porto o primeiro registo que se encontra d'essa exportação é referente ao anno de 1678, e por elle se vê que n'esse anno ella foi de 408 pipas. Nos 10 annos seguintes, isto é até 1688, ou 15 annos antes do tratado de Methwen, ella não passou em média de mais de 573 pipas em cada anno.

Até ao fim, pois, d'esse seculo 17 o Douro era pobre, colhendo uma diminuta quantidade de vinho, como deve presumir-se pelos registos d'exportação: até alli colhia centeio e sumagre, e a sua diminuta população vivia em parte de apascentar rebanhos. Quasi todo o terreno era uma brenha de matto onde a caça grossa se acoutava.

Devido áquelle tratado é que o Douro principiou, da Regoa para cima, a desbravar-se, cedendo a selva lugar á vinha. Foi então que as grandes quintas principiaram

a fazer-se. Consultem-se as datas de suas edificações, que a maior parte conservam, e ver-se-ha que todas ellas são posteriores a 1700.

Essa progressão cultural só mais tarde se estendeu ao Alto-Douro, onde o nosso concelho se encontra, estacionando durante bastante tempo pela barreira que lhe oppunha ao transporte fluvial o Cachão da Valeira, que o padre Camelio, da Pesqueira, no tempo de D. Maria 1.ª, fôra encarregado de demolir.

No nosso concelho ainda haverá velhos que se lembrem de, em Villarinho de Cottas, haver pequenissima quantidade de vinhas e ser quasi exclusivamente habitada por cabreiros; e essa quinta de Roriz em frente a Cottas, tão conhecida e tão afamada, uma das primeiras feitas no Alto-Douro, quando nas cercanias da Regoa já surgiam as primeiras quintas palacios, ainda ella era uma estação de caça, que o escocêz Robert Archibald alli tinha estabelecido pela abundancia do javali que passava nos estevaes em redôr. Depois é que os seus vastos terrenos foram aforados á commenda das Tres Minas (Villa Pouca) pertencente á Ordem de Christo. Só então a afamada quinta nasceu.

Para se avaliar o que seria o nosso concelho e os mais do Douro antes da cultura da vinha nos terrenos das margens dos rios e suas encostas em que outra cultura, economicamente não é facil—bastará dizer-se que nas Inquirições a que Affonso II mandou proceder no país, d'ellas se vê que ao rico-homem d'Alijó, n'este tempo—e não sabemos que prolongamento teve o uso—havia a obrigação de dar mãos de ursos, que pelo visto constituia saboroso pitéu, e lombos de veado.

No Castêdo ainda ha poucos annos havia a casa do Monteiro, que tinha até por distinctivo a armação de um veado e a cabeça de um javali. Em 1840 ainda nos canaes de Paradelinha era abatido um porco montez escapado a uma batida que se fazia nos montes de Ventozêllo e que hoje constituem mais uma grande e talvez infeliz propriedade no nosso Alto-Douro.

Com todos estes factos que vimos citando nós tentamos dar a impressão ás pessoas que nos lêrem—e que não serão muitas—que no Douro já o seu habitante viveu pobremente—talvez mais feliz!—tirando recursos da vida pastoril, calçando o sóco feito por elle ao serão, vestindo os safões da pelle das suas ovelhas, cultivando a vesga de horta que a resumida nascente d'agua lhe proporciona, vivendo seminú no verão e comendo o pão de centeio que o suor de seu rôsto e os callos de suas mãos lhe proporcionaram colher, á razão de 5 sementes, em tiras estreitas de terreno sobrepostas pelo pendôr de suas montanhas.

Se é esta a vida feliz e primitiva que o lavrador do Douro ambiciona, de preferencia a ser lavrador intelligente, sociavel, lutador, rico e garantia do bem estar dos que lhes são queridos—então em breve serão satisfeitas as suas ambições: se não emigrar do seu país em breve regressará á vida de pastor por não ter sabido sustentar a de lavrador que seus antecessôres lhe legaram.

Não acreditam n'essa regressão? Tambem nós que escrevemos estas linhas e que as sentimos, por vezes nos parece um sonho o poder-se pensar que haja uma mutação de scenario rapida (rapida não, porque já se lhe vem annunciando ha annos) e que nos passe da riqueza para a pobreza

A realidade, embora crua, tem de acceitar-se. O que nos annuncia essa miseria de preços, essa despedida de compradores, senão o abandono das vinhas?

E o que é o abandono das vinhas senão a fuga do Douro ou o viver em trapos, servo de gleba das quintas inglezas, que hão-de ficar pelo Douro fóra, para só ellas produzirem o vinho do Porto?

Quem viaja na linha ferrea do Douro, ponha os olhos n'essa grande e formosa quinta da Folgosa, que seu dono vae deixando invadir por todas as plantas más que afogarão seus vinhedos.

Elle é rico; mas preferiu abandonar uma exploração agricola que o empobreceria se a quizesse sustentar! Como essa quinta, outras e outras.

Continue a dormir vergonhosamente o lavrador do Douro, dando apenas ais pelas esquinas das ruas; continuem as camaras municipaes e syndicatos agricolas a viver (viver!...) na indifferença, sem estudarem com criterio e perseverança os meios de melhorar a situação do Douro; continue o eleitor do Douro a não exigir insistentemente dos pares e deputados que elle elevou, e pelos quaes muitas vezes se esfaqueou em volta das urnas, que esses pares e deputados sejam os porta-bandeiras e ao mesmo tempo paladinos das reivindicações do Douro—e este em breve chegará ao estado de miseria em que o seu habitante para andar calçado ha-de fazer sócos, porque nem 18 vintens terá para comprar uns de justes; e se quizer vestir-se ha-de tecêr o burel da lã de suas ovelhas ou acceitar como esmola, ao portão da quinta ingleza, a rabona ou as pantalonas que o seu proprietario—esse *beef* que o Douro enriqueceu—tiver deixado de seu uso na caça do javali, que ha-de voltar.

Tudo isto sentimos; tudo isto prevemos.

Oxalá que nos enganassemos; mas quem tiver um raciocinio claro ha-de ter a dôr de pensar como nós pensamos».

TRIGO TRASMONTANO

Uma grande producção—Graves prejuizos por falta de meios de transporte.

Foi este anno muito grande a producção de trigo na provincia de Traz-os-Montes. Os lavradores fizeram grandes sementeiras e, para melhor dispôr do producto, realisaram a venda do trigo, em grandes quantidades, a varias companhias de moagens de Lisboa e Porto.

Acontece porém, que tanto a Companhia nacional do caminho de ferro de Mirandella ao Tua, como a Companhia do Minho e Douro não teem material sufficiente para o transporte.

Em Barca d'Alva estavam no dia 9 do corrente esperando material da linha do Douro setenta wagons carregados d'esse cereal, a descoberto, sem ao menos ter um oleado a resguardal-o das chuvas dos ultimos dias, que o deterioram.

Na estação de Roças viam-se rimas enormes de saccaria, para se transportarem á Barca d'Alva. Alguns d'esses saccos, por não estarem egualmente abrigados, molharam-se, o trigo inchou, e os saccos arrombaram.

Na estação de Barca d'Alva ha além d'isto falta de pessoal para fazer a descarga, porque, como a linha do Tua é de via reduzida, é necesario na Barca d'Alva fazer-se a transferencia da ssaccaria para os wagons da Companhia do Minho e Douro.

Isto faz desanimar os lavradores que, tendo ainda as eiras cheias de trigo veem-se na contingencia de, por falta de meios de transporte, o cereal se estragar, causando-lhes enormes prejuizos.

Alguns sabemos nós que já para o anno não farão tanta sementeira de trigo, o que é gravissimo para a economia do país, porque quanto mais produzissemos menos teriamos de importar.

O assumpto merece todo o cuidado e protecção do governo. Garantimos a veracidade d'estas informações, que nos foram dadas por pessoa de toda a seriedade e respeitabilidade.

(Da *Palavra* de 16 de setembro).

* * *

Faltava-lhe esta desgraça ao lavrador do Douro!

E' accusado por todos os palradores de S. Bento e todos os economistas d'agua dôce de não plantar cereal, de só se dedicar á vinicultura.

Ah! que de Deus que sômos um país essencialmente agricola, e portanto devemos semear trigo, para obstar á exportação d'esses mil e tantos contos que os celleiros dos Estados Unidos nos levam annualmente.

O pobre do lavrador duriense mordia as mãos, objectava com a natureza especifica do terreno, com o seu capital prêso aos seus *stockes* vinicolas que já não permittiam novas tentativas.

—«Arranje-se, semeie trigo, é uma fortuna para si e uma riqueza para o País».

O lavrador faz das tripas coração, e semeou trigo.

Ahi está de que lhe valeu essa semeadura!

Redôbros de tentativas, de esperanças e de mystificação da parte do governo.

E' mais que sabido que o Douro poderia fazer um fortunão com mata e com pomar, se as tarifas d'essa *Minho-e-Douro* permittissem.

Mas as tarifas dos nossos ferrocarris não deixam.

E o Douro abandona, a apodrecer na arvore ou deita-a á barriga dos cevados, a sua preciosa fructa.

Essa phantastica tarifa n'uma companhia (do Estado!) que todos os annos vem impudicamente noticias nos jornaes que o augmento da sua receita dos mezes de tal a tal foi superior em tantos contos de réis a egual periodo do anno transacto, e que apesar d'essa prosperidade não auxilia nem desperta nem acompanha essa tendencia de augmentar do trafêgo—o que, se era um bem para

o publico, era um «optismo» para os cofres da companhia e portanto um lucro duplo para o Estado —; essa tarifa, que já prohibia lindas e tentadoras explorações mercantes com as madeiras e os fructos do Douro, vem agora escancarar o seu desgoverno e má vontade n'essa falta de material e de pessoal que vae destruindo o *élan* cerealifero dado este anno pelo Douro.

Que querem?

«Nós somos um país esseneialmente agricola!»

Não somos um país ferro-viario!...

Bibliographia

BEIJOS PERDIDOS

POR M. DUARTE D'ALMEIDA

(Da Acad. Real das Sciencias)

Lisboa—Parceria Antonio Maria Pereira, editora, 1909—fevereiro—16 pag. in-4.º

Manuel Duarte d'Almeida não precisava de assignar com o seu glorioso e admirado nome os *Beijos Perdidos:* a sua personalidade imprégna-lhe toda a sua arte, distingue-lhe a menor lasca do hemistichio d'oiro, evoca o som do seu nome a rima da mais humilde redondilha.

E' um poeta inconfundivel, entre os poetas portuguêses, e da concepção á factura tudo tem o seu sabor pessoal, o seu *cunho*, a sua garra.

Artista e meredional, M. Duarte tinha que ser um lyrico.

E é-o.

Mas esse lyrismo, esse perfume com que os poetas dão esthesia á Vida, encobre-o elle n'uma fórma muito sua e muito portuguêsa de *humour*, que lhe dá uns tons do naturalismo ingenuo e mui saboroso da poesia dos autos.

Lê-se uma pagina de verso de M. Duarte d'Almeida, sabe-se que é d'elle, e todavia na simplêsa elevada da expressão temos por vezes a impressão de que rezamos Antonio Prestes ou Gil Vicente.

Será exacta essa impressão?

Não sabemos.

Verdadeira, é.

E n'isto vae, de nós, o maior preito que podemos confessar a M. Duarte d'Almeida, e á sua lyra unica que—sem se degradar na audacia realista, sem se amesquinhar na cristalisação banal da idea mas tambem sem se evolar na ascensão desenfreada do sonho,—conserva a boa fórma da poesia portuguêsa, que neste poeta não anda sacrificada no deformador espartilho das escolas litterarias.

A tessitura dos seus versos tem a estructura dos melhores padrões da poesia nacional,—a lyra popular, com o recato da ironia a velar-lhe a malicia e o são, impressivo vocábulo português a formular o arroubo do lyrismo.

Em toda a obra de M. Duarte ha esta caracteristica que lhe garantiu o mais elevado thrôno a que póde aspirar o artista—a personalidade.

Não podia deixar de encontrar-se nos *Beijos Perdidos* que são uma originalissima these de avarento expressa no mais delicado dos *humours* e na mais portuguêsa das simplicidades:

Beijos de rutila aurora,
Lirios, cravos a espargir
No céo de alma, que se alvora
Desde o zenith ao nadir,

De boccas a palpitar
De frescura, de emoção,
Assim perdidos no ar...
Que pena! Que estragação!

Meu caro, M. Duarte d'Almeida! concêda, á admiração e intellectual e pessoal estima que lhe voto, a graça de lhe exprimir a minha opinião com a franqueza que os pastores das lendas falavam aos reis que, disfarçados de caçadores, encontravam pelas quebradas dos montes.

—Eu não acho que esses beijos de «boccas a palpitar» sejam perdidos! Os unicos «Beijos Perdidos» são os que o meu caro M. Duarte offereceu ao barbaças de papão do dr. Maximiano Lemos e os que deu

---

N.º 7 **FOLHETIM** Set. 1909

D'Os Meus Amores

Á Lareira

por Trindade Coelho

—Mas a historia? Mas então?—quizeram saber todos.

—Ora que inda não sabem a historia!—exclamou o José Bernardo.—Pois foi outro dia, quando foi do Senhor-aos-enfermos. A poder de muitos pedidos, de muitos gritos por uma coisa que lá teem que parece uma corneta, e que o genro lhe mandou vir do Porto, a filha lá o resolveu a confessar-se...

—Olha o João Beitão a confessar-se!—riram-se todos como se fosse um disparate.

—Aquillo foi uma cerimonia, bem entendido!—attenuou o barbeiro.—P'los modos elle não ouviu palavra. e roncava a tudo que sim. Mas quando foi depois o Nosso-Pae, que o pallio parou á porta e o snr. prior entrou com os mais para a communhão, isso então é que foram ellas!

—«Meu pae!» gritava-lhe a filha. O João Beitão—moita... Vinha a neta, que é lá a sua paixão:—«Meu avô!»—«Que é?» (O barbeiro dizia estas coisas imitando as vozes).—«O snr. padre Joaquim».—«Han?»—«Está aqui o snr. padre Joaquim!»—«Pois deixa-o estar!»—disse-lhe muito alto o João Beitão, sem se virar.

Aqui, foi já uma risota; os dois rapazes tudo era estarem aos pulos em cima do talho; suspendera o trabalho do canivete o Antonio Lorna; as mulheres haviam parado de trabalhar; e quanto ao velho lavrador, já os olhos se lhe queriam encher de lagrimas—de contente.

O barbeiro continuou:

—Mas esperem lá que não acaba aqui! Disse-lhe então a rapariga:—«Mas traz-lhe o Nosso-Pae!» E o João Beitão:—«Pois que o leve!»—concluiu já a rebentar de riso o José Bernardo, no meio dos mais que arrebentavam de riso.—«Pois que o leve!»

—Pois que o leve!—repetiam todos ás gargalhadas.—Pois que o leve!

Cuidaram de morrer a rir, e co'a sua roca fóra do cós, a tia Maria mais que os outros—benzendo-se e tornando-se a benzer com o cabo do fuso:

—Crédo, homem! que isso até é peccado! Abrenuncio! Santo Breve da Marca!

Mas n'isto, ouviu-se tocar ás almas; pozeram-se todos de pé, e começaram a rezar, de mãos postas, baixinho. Os rapazes inda fungaram a sua risada; mas a um olhar severo do José Lorna contiveram-se cheios de medo.

—Nosso Senhor as tenha em descanço!—rogou no fim o velho, benzendo-se.

—E á nós quando d'este mundo fôrmos!—responderam em côro os demais.

na cara-de-velha do Firmino Pereira. Crédo, que mão gosto!

«Que pena! Que estragação!
....
«E' crime sem remissão.
.... Peço perdão
«De... não poder perdoar».

CHILE-AMAZONAS, 1909, MANÁOS

E' uma polyanthéa publicada em honra do dr. Francisco José Herboso, Ministro plenipotenciario e enviado extraordinario do Chile, no Brasil, em honra de Madame Herboso e do secretario da legação D. Dario Ovalle de Castillo, por occasião da visita ao Estado do Amazonas, em Maio de 1909.

N'uma elegante edição, impressa a azul e oiro, com os chromo-retratos dos ministros do Chile, esta homenagem abre pela *Cancion Nacional de Chili* e fecha pela transcripção d'uma estancia do *Araucana*, de D. Alonzo de Ercila, poeta e guerreiro hespanhol do seculo XVI.

Entre esses dois fechos d'oiro, a saudação do corpo consular acreditado em Manáos, poesias de Th. Vaz, de Mathilde Areosa, de Jonas Silva, Ticho-Brahe e Theodoro Rodrigues, e prosa de Mello Rezende, J. Gonçalves Maia, Lyonel Garnier, Agnello Bittencourt, Saturnino Santa Cruz Oliveira, nosso illustre collega que dirige *A Noticia*, Gaspar Guimarães, Benjamim de Araujo Lima, Silva Ferraz, José Bucher y familia, e uma transcripção do brilhante collega o *Amazonas*.

Para maior brilho, apresenta a polyanthéa a penna dextra de Raul de Azevedo, o prosador do *Terra-A-Terra* (seu recente livro que ainda está nas mãos admiradas da critica) e de tantos outros volumes, cuja obra é uma scintillação da luz ardente dos tropicos batendo nas madeixas glaucas de uma espumosa cachoeira!

A Raul de Azevedo, um abraço de agradecimento e de admiração, pela encantadora offerta d'esse embrechado com que a prodiga e generosa Amazonia saudou o Chile amigo, em cuja côrdilheira o condôr adeja e em cujo clima só póde morar um grande, dominante sentimento—o Amor ou o Odio, e por onde jámais perpassa o baixo fingimento das mentiras convencionaes, onde se bebe o sangue do inimigo ou o vinho esmeraldino da hospitalidade passional e faceira.

Relatorio da Gerencia Municipal de Chaves desde 10 de agosto de 1905 até 30 de novembro de 1908 (Lido em sessão de 30 de novembro de 1908 e mandado publicar por ordem da Camara)

E' uma exposição desassombrada da critica aos actos da gerencia municipal do ex.^{mo} snr. Amilcar de Souza Pinto Barros, presidente da Camara de Chaves, que elle mesmo repete em alta voz no seio do senado concelhio, para os rebater com documentos e algarismos.

Pela orientação e pelo desassombro com que o proprio accusado se faz echo, alto e bom som, dos ataques que em surdina correm em volta dos seus actos e do seu nome, lembra o formidavel ataque do Costa Cabral formulando, n'um lampejo raro de tribuno, as accusações que os seus inimigos lhe lançam á bocca pequena.

Muito agradecidos pela gentileza da offerta.

J. L.

BOLETIM ELEGANTE

Partiu para Alijó, passar uns dias com o seu e nosso amigo snr. Antonio A. Corrêa, na sua encantadôra *Villa Piedade*, o nosso querido amigo Joaquim da Costa Carregal, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa a snr.^{a} D. Emilia da Costa Carregal e seus intelligentes filhinhos. Na estação de S. Bento teve Joaquim da Costa Carregal uma alegre e affectuosa despedida.

—O nosso illustre collaborador e comprovinciano capitão Alexandre Malheiro foi proposto para ajundante do general da 3.^{a} divisão militar.

E benzeram-se, tornando-se todos a sentar.

De uma pilheira na parede, a tia Maria Lorna sacou então do seu rosario de contas de pau, com sua cruz de osso no fim, e passou-o ao velho para que «contasse» a corôa. Logo os dois turnos se estremaram: faziam os homens o «bordão», e respondiam, em toada mais fina, as vozes das mulheres, cada uma no seu serviço, e, com as mulheres os dois rapazes.

—Padre Nosso, que estáes no ceu, santificado...

—O pão nosso de cada dia nos dae hoje...,

—Avè Maria chei'sois de graça, Senhor é convosco...

—Santa Maria, mãe de Deus, rogae por nós...

Até ao fim, á *Gloria Patri*, depois da qual se benzeram todos, para começarem, por meia hóra, as outras rezas de todas as noites, mas essas, agora, dirigidas pela tia Maria:—«A' Senhora Santa Luzia, p'ra que nos dê vista e claridade na alma e no corpo, Avè Maria». E por ahi fóra a todos os santos, cada qual segundo o seu valimento e intercessão: a S. Jeronymo e a Santa Barbara virgem, advogados das trovoadas; a S. Braz, que nos livre das dôres de garganta; a S. Sebastião, contra a fome, a peste e a guerra; contra o mal nos larégos a outro santo; a outro contra o mal das gallinhas; a um terceiro que protege as vaccas; a outro que livra do bicho as arvores do campo; e assim, até esconjurarem todos os males. Acodem depois as necessidades espirituaes dos que morreram: paes, irmãos, parentes e alguns amigos; os votos p'ra que Deus nos dê felicidade e nos preserve de todo o mal na alma e no corpo; pela Santa Egreja e pelo Vigario de Christo na terra; p'los nossos inimigos, aos quaes perdoamos p'ra que Deus nos perdôe; pelos herejes e infieis, que o Senhor os converta á sua divina graça; p'los que andam nas aguas do mar, p'ra que Deus os traga a porto salvo; p'los que andam em peccado mortal, p'ra que elles se convertam; p'las almas que estão no Purgatorio, p'ra que Deus as chame á eterna gloria para que foram creadas; pela alminha mais necessitada que houver nas penas do Purgatorio, que não tenha quem por ella peça, que Nosso Senhor a remedeie com a sua divina graça e ella peça ao Senhor por nós; pelo primeiro que de nós faltar, que Nosso Senhor nos ache em estado de graça e nos tome as contas com piedade, seja tudo p'lo amor de Deus; por aquelles que nos encommendam nas suas orações, para que os encommendemos nas nossas; p'los que andam em erro, p'ra que o Senhor os illumine co'a sua divina graça; por todos os santos e santas da côrte do céo, para que elles peçam e roguem ao Senhor por nós; emfim, p'las obrigações e penitencias mal cumpridas, e p'ra que á hora da nossa morte o Santissimo Sacramento nos visite. Amen, Jesus.

(Continúa).

Parabens ao ex.mo general Nogueira de Sá.

—Esteve alguns dias no Porto e seguiu já para a sua casa de Villa Flôr, o importante negociante de Catumbella o snr. Carlos J. da Silva Corrêa.

Nosso presado assignante, o convivio d'alguns dias fez d'elle um amigo a quem estimamos e consideramos muito, mercê do seu agradavel tracto, tendo-nos sido muito grato ouvir a sua experiencia e o seu bom senso expender-se em assumptos da Africa Portuguêsa, tão rica e por emquanto tão mal-aventurada.

O snr. Carlos Corrêa depois d'uma permanencia em Villa Flôr tenciona regressar a Catumbella no vapor de novembro, contando nós dar-lhe ainda um abraço antes do seu embarque.

A Imprensa

E A

«ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA»

«**Illustração Trasmontana.**—Mais um numero, o 19, acaba de sahir d'esta já hoje tão interessante publicação.

Em nada desmerece dos numeros anteriores e aos quaes já nos referimos ultimamente n'este jornal.

A parte litteraria e descriptiva continúa a ser muito cuidada e as gravuras que a illustram de uma perfeição admiravel.

O presente numero, além de gravuras referentes á villa da Regoa, Alijó e Moncorvo, é acompanhado de uma phototypia em côr, representando um dos arcos da ponte romana sobre o Tua, em Mirandella».

(De *O Villarealense*, de 2 de set. de 909).

Agradecendo ao collega as referencias com que de longe em longe nos honra, não podemos, porém, aceitar a riqueza da «phototypia» que attribue ao nosso numero. Todas as nossas paginas são illustradas por photo-gravuras, salvo raras zincografias: e essa illusão do collega, confundindo uma photo-gravura com uma phototypia não é mais do que ainda um elogio ás officinas dos snrs. Pimenta, Lopes & Vianna, Typographia Occidental, que tem realisado na impressão da *Illustração Trasmontana* verdadeiros successos para as artes graphicas portuenses, continuando assim a tradição d'essa enorme figura do seu fundador, o velho e saudoso Costa Carregal, de cuja perda só póde consolar-nos a amisade e o valor de seu filho, o nosso querido amigo Joaquim da Costa Carregal, director-gerente da Typographia Occidental.

Embora considerada um attributo de circumstancia—a phototypia—nós prescindimos de famas que não merecemos e por muito satisfeitos nos damos com em Portugal e no Porto se gravar e se imprimir a ponto de, pessoas que devem saber o que vêem e o que escrevem, se persuadirem de que as nossas ampliações são reproducções phototypicas.

Não é de estranhar, porém, que o illustre collega caisse n'essa confusão, tão sómente filha do incomparavel brilho que aos seus trabalhos dão as officinas de impressão da Typographia Occidental, porque essa illusão já não é a primeira vez que succede aos proprios profissionaes da gravura.

* * *

«**Illustração Trasmontana.**—Foi distribuido ha dias o n.º 19 d'esta brilhante revista, superiormente dirigida pelo snr. Joaquim Leitão.

Insere um magnifico estudo, firmado pelo snr. Rodrigo Solano ácerca de João de Lemos, estudo que vem acompanhado do retrato do illustre poeta regoense e de outras illustrações, entre as quaes figura uma reproducção d'uma vista da Regoa tirada em 1817.

A *Illustração Trasmontana* continúa a apresentar-se merecedora da estima do publico que com justiça sabe apercial-a no que ella vale quer litteraria, quer artisticamente.

Eis o summario do numero a que acima se allude e que é o respeitante ao mez de julho:

Mirandella—Um dos arcos da ponte romana sobre o Tua; Ácerca do poeta João de Lemos (Carta a Joaquim Leitão) por Rodrigo Solano; Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana) *Continuação*—P.e Francisco Manuel Alves; Inquerito da Provincia de Traz-os-Montes em 1796 pelo Juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro *Conclusão;* O Varre-Canêlhas—Novella trasmontana. *Continuação.* Joaquim Leitão, clichés de Antonio A. Corrêa».

(De *O Dissidente* de 7 de set. de 1909).

* * *

«**Illustração Trasmontana.**—Recebemos o numero 19 d'esta excellente illustração, dirigida pelo nosso presado amigo e distincto escriptor Joaquim Leitão.

Apresenta-se com valiosa e cuidada collaboração litteraria e graphica, firmando mais uma vez os seus creditos como uma das mais bellas publicações portuguezas. O summario é o seguinte:

Mirandella—Um dos arcos da ponte romana sobre o Tua—Ácerca do poeta João de Lemos (Carta a Joaquim Leitão) pelo snr. Rodrigo Solano—Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana) pelo P.e Francisco Manuel Alves—Inquerito da provincia de Traz-os-Montes em 1796 pelo Juiz demarcante Pinto Ribeiro de Castro—O Varre-Canêlhas, novella trasmontana, por Joaquim Leitão».

(Do *Jornal de Noticias* de 9 de set. de 1909).

A "Illustração Trasmontana,, em Bragança

Setembro, 1909.

Noticia desportiva—Festividade a N. S.ª das Graças—A estrada Bragança-Zamora—As riquezas do sub-solo trasmontano.

Nenhuma noticia de sensação tenho a dar n'este periodo de trinta dias.

Sob um ceu azul, o tempo passa com a caracteristica peculiar, d'uma terra em pleno verão, com os seus habitantes nas praias, thermas ou quintas.

—Uma nota desportiva temos no entanto a ferir:—Um torneio de tiro aos pombos, em honra de S. M. El-Rei D. Manuel, promovido pelo Club dos Caçadores de que S. M. é Presidente honorario. O campo destinado ao torneio achava-se bellamente ornamentado, sendo numerosa a assistencia de gentis damas e cavalheiros. O 1.º premio, 2 jarras de cristal e prata offerecidas por S. M. a Rainha, coube ao ex.mo snr. Miguel Costa que ficou tambem detentor do premio de S. M. El-Rei.

Obtiveram igualmente valiosos premios os ex.mos snrs:

Bastos Pereira, capitão Teixeira, Maximiano Vaz, dr. Faria, Antonio Pinto e Cardoso Pinto.

—Realisou-se com muitissimo brilho a festividade a N. S.ª das Graças.

Deslumbrante o arraial, não só pela profusão de luzes que se collocaram na rua da Misericordia, mas ainda pelo lindissimo effeito que produzia o fogo lançado ao ar pelos pyrotechnicos de Vianna e da Barca.

A procissão sahiu com muitissima ordem e decencia.

Felicitamos o juiz ex.mo snr. Albino Carvalho, por haver conseguido levantar a festividade de maior brilhantismo que costumava ter Bragança.

—Vae ser contemplada pelo ex.mo Ministro das Obras Publicas a estrada que liga Bragança com a ponte internacional sobre o Rio Maçãs para Além da Quintanilha. Esta importante via de communicação acha-se quasi a ligar com a estrada hespanhola que se dirige a Zamora faltando apenas, segundo nos informam, uns 10 kilometros para se ligar com a estrada zamorana.

Este facto, que representa um notavel melhoramento para Bragança e consequentemente para o districto, tem sido muito apreciado pelos nossos visinhos hespanhoes, que projectaram ha já dois annos, o estabelecimento d'uma carreira de automoveis entre Bragança e a bella cidade de Zamora, não podendo vêr já realisado o seu sonho, pela morosidade com que tudo o que é de importancia e util corre no nosso país.

—Bragança transforma-se, progride, a sua vida industrial anima-se, concorrendo grandemente para o seu desenvolvimento e prosperidade, a viação accelerada.

As riquezas do seu sub-solo são postas em evidencia por innumeros e distinctos

engenheiros nacionaes e estrangeiros. Varios capitalistas tentam a empreza de continuar com as pesquizas do ouro, na região de Montesinho (França), interrompidas por occasião das invasões hespanholas e francêsas e já bem conhecidas de outros povos antigos que a Portugal aportaram em demanda do valioso metal.

Então os tempos eram outros, e por isso os Romanos á falta de elementos deixaram de proseguir na obra de exploração que os snrs. Cardosos teem feito brilhantemente, a ponto de já lhe haverem mandado 500 contos pelas obras realisadas. Parabens aos nossos amigos, e oxalá que mais portuguêses como estes houvesse, que escusariamos de vêr, com magua, as riquezas d'este subsolo nas mãos dos estrangeiros.

Até outubro.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Alijó

Setembro, 1909.

Receberam no dia 12 as bençãos matrimoniaes na egreja matriz d'esta villa, a ex.ma snr.a D. Maria dos Anjos Teixeira de Barros e o snr. Casimiro Cabral Junior, filho do nosso estimado collaborador e amigo snr. Casimiro Eugenio de Souza Cabral. As optimas qualidades d'esse sympathico rapaz, que contamos no numero dos nossos bons amigos, são garantia segura para a felicidade do gentil casal.

Foram testemunhas do religioso acto os ex.mos snrs. Torquato Luiz de Magalhães, digno presidente da camara, e sua ex.ma esposa, representando por procuração o ex.mo snr. José Borges Teixeira de Barros, importante capitalista e proprietario do *Regenerador,* nosso collega de Guimarães, e sua ex.ma esposa. Mil venturas.

—Está entre nós o nosso estimavel amigo snr. Manuel Terrio, socio da importante casa d'essa cidade Terrio & Irmão, acompanhado do seu e tambem nosso amigo snr. Antonio José Pereira Guimarães e sua ex.ma esposa D. Laurentina Guimarães e cunhada D. Maria Flavia dos Santos Pereira.

—Esteve no Porto o snr. Reinaldo Nunes, proprietario do *Echo do Douro*, nosso illustre collega d'esta villa

—Veio aqui passar algum tempo acompanhado de sua ex.ma esposa e filho o ex.mo Visconde d'Alijó, abastado proprietario e capitalista.

—Partiu para a Figueira da Foz a encontrar-se com seu ex.mo esposo e nosso amigo snr. dr. Evaristo Duarte Geral a ex.ma snr.a D. Shara Magalhães, acompanhada de seu galante filhinho Evaristo.

—O nosso estimado assignante e illustre comprovinciano snr. Affonso Dias, representante no Porto da Empreza das Aguas de Vidago, encontra-se na Chã, sua terra natal, de visita a sua familia. Acompanha-o sua ex.ma esposa.

—O nosso dedicado amigo e estimado conterraneo Domingos Rufino já se encontra entre nós, vindo do Porto depois d'uma temporada de banhos nas Caldas de Molêdo.

—Partiram para o Gerez os nossos presados assignantes e amigos snrs. Luiz Antonio Ribeiro Botelho e José de Moraes Neves.

—Partiu para Entre-os-Rios a ex.ma snr.a D. Maria Luiza d'Azevedo Noura, professora official n'esta villa.

—Esteve entre nós o nosso dedicado e prestimoso amigo Thomé Coelho, habilissimo conductor d'Obras Publicas, de visita ao seu amigo Antonio Augusto Corrêa.

—Regressou do Porto, onde esteve com pouca demora, o nosso assignante snr. Arthur Alves Canellas, dignissimo escrivão notario e estimado correspondente do *Seculo.*

—Com sua ex.ma esposa, a snr.a D. Emilia Carregal, e seus filhos, encontra-se entre nós o nosso particular amigo Joaquim da Costa Carregal, gerente da Typographia Occidental do Porto e co-proprietario da *Illustração Trasmontana.* Hospede do seu affeiçoado amigo Antonio A. Corrêa, o snr. Costa Carregal vem passar quinze dias a Alijó, onde é geralmente bemquisto.

—Depois d'uma curta demora no Porto, regressou o nosso estimado amigo Antonio Rufino.

—De Lamêgo, onde esteve a assistir ás festas dos Remedios, regressou o snr. Augusto Neves, dignissimo aspirante da fazenda.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Vidago

Setembro, 1909.

Veio fazer uso das aguas, o snr. conselheiro Teixeira de Souza acompanhado de sua ex.ma esposa e filho.

—Esteve aqui o snr. dr. Luiz Antonio de Souza.

—Já se encontra entre nós a fazer o seu costumado tratamento o snr. conselheiro Pimentel Pinto.

—De Fontellas, chegou o snr. dr. Alfredo Lello.

—Foi transferida para a estação telegrapho-postal d'aqui a ex.ma snr.a D. Amelia Rodrigues Marques, que exercia o lugar de ajudante na estação de Castello Branco.

—Partiu para Fontellas o snr. Antonio Augusto Ferreira que aqui esteve fazendo o seu tratamento.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, na Regoa

Setembro, 1909.

Realisou-se na Escola Livre d'esta villa uma festa de caridade, organisada por um grupo de gentilissimas meninas, que muito honra as suas nobres qualidades de coração. Depois d'uma sessão em que os alumnos manifestaram o seu aproveitamento, houve um bodo aos que eram pobres, a quem foram dadas algumas roupas.

Muito de desejar seria que se repetissem taes actos de benemerencia que muito elevam quem os pratica e tão beneficos são a quem os recebe.

—Acompanhado de sua esposa e filho, regressou de Espinho o snr. Roberto Augusto Pinto.

—O intelligente empregado dos caminhos de ferro, snr. João Vasques de Carvalho tem estado gravemente doente.

—Regressou da Foz do Douro o snr. Antonio Francisco Ferreira.

—Esteve aqui, de passagem para Lamego, o notavel esculptor e nosso illustre comprovinciano, snr. Teixeira Lopes.

—Vindo do Porto, esteve n'esta villa o distincto engenheiro dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro, snr. Affonso Pereira Cabral.

—Encontra-se no seu solar da Rêde o ex.mo snr. conselheiro José d'Alpoim que inesperadamente voltou do estrangeiro.

—Esteve em Poiares o ex.mo e rev.mo snr. Arcebispo da Guarda, de visita a sua estremosa mãe.

—Ao nosso estimado collega e illustre correspondente do *Primeiro de Janeiro* snr. S. Santos foi entregue por um benemerito anonymo a quantia de 4$000 réis para a sopa aos pobres.

Abençoado coração!

—A snr.a D. Thereza Dias d'Oliveira, respeitavel proprietaria e commerciante, falleceu ha dias. Sentidos pezames á familia da extincta.

—O illustre vice-presidente da Camara, snr. dr. Antão Fernandes de Carvalho, partiu para a encantadora quinta de Miradouro, acompanhado de sua ex.ma familia.

Correspondente.

Creação d'uma nova comarca. Um protesto.—*Villa Real, 6*—Uma grande commissão composta de elementos de todos os partidos, procurou hoje o snr. presidente da camara municipal para que esta corporação, sem perda de tempo, represente a sua magestade contra a creação d'uma comarca, em Sabrosa.

Foi o snr. dr. Antonio Lobato que expôz ao snr. presidente da camara o fim que ali os levava, demonstrando o inconveniente do desmembramento d'esta comarca sem vantagem para Sabrosa.

A Associação Commercial telegraphou no mesmo sentido a S. M., ao snr. presidente do conselho e ao snr. ministro da justiça.

Consta que se o governo não responder satisfatoriamente, haverá em breve um importante comicio de protesto.

A ideia da creação d'uma comarca em Sabrosa causou grande excitação n'esta villa, apesar de muita gente não acreditar que tal facto, de tão perniciosas consequencias para esta villa, capital de provincia, se possa consumar.—(Part.)

(Do *Primeiro de Janeiro,* 7 de set.)

A creação d'uma comarca.—*Sabrosa, 8*—Em telegramma de Villa Real, publicado hontem no *Janeiro*, vimos, surprehendidos, a attitude dos villarealenses perante a creação de uma comarca n'esta villa. A noticia espalhou-se rapidamente produzindo mau effeito aquella attitude, tanto mais para admirar quanto a creação da comarca de Sabrosa se impõe pela justiça não inferior á que tem sido praticada n'outros concelhos de menor cathegoria.

Como aqui era dia de festa e a concorrencia de todo o concelho extraordinaria realisou-se uma reunião, a que assistiram mais de 2:000 pessoas, protestando contra o procedimento dos villarealenses que querem coarctar os nossos direitos. Appellou-se para a integridade e protecção da justiça de que o nosso concelho é digno.

E' falsa a presumpção do prejuizo para Villa Real, pois que Sabrosa é julgada municipal, e com as suas attribuições, poucos são os processos ali autoados. A reunião correu animadissima, sendo todavia mantida a ordem. — (C.)

(Do *Primeiro de Janeiro*, 9 de set.)

A "Illustração Trasmontana,, na Granja (Alijó)

Setembro, 1909.

O snr. dr. Antonio Teixeira Alves Martins, meretissimo juiz da Relação do Porto já veio, como de costume, passar as ferias á sua casa d'aqui, onde ainda se encontra.

—Foi acommettida d'uma syncope, a estremecida esposa do prestimoso e digno escrivão de fazenda, da comarca d'Alijó, o snr. José Maria Pereira Rodrigues. A' ex.ma snr.a, que felizmente se encontra melhor, desejamos prompto restabelecimento.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Fontellas

Setembro, 1909.

De visita ao snr. Antonio José de Carvalho Borges vieram aqui os snrs. Antonio da Fonseca Oliveira e João da Silva Bonifacio.

—No dia 2 do corrente, falleceu o abastado proprietario snr. Azevedo Carneiro Leal, cunhado do snr. Francisco d'Almeida Carmo. A sua ex.ma familia os nossos sentidos pezames.

—O illustre jornalista snr. José João Gomes esteve aqui na sua quinta de Sergude.

—Regressaram do Porto a ex.ma snr.a D. Herminia Freitas e o snr. José Pereira de Figueiredo.

—Partiu para Vidago o nosso amigo snr. dr. Alfredo Lello acompanhado de sua ex.ma esposa.

—O snr. Reynaldo Corrêa de Noronha, abastado proprietario em Castello de Paiva, e sua ex.ma esposa estiveram aqui de visita á familia Conceição Pinto.

—Da Povoa de Varzim regressaram a ex.ma esposa e filho do snr. Gabriel Gouveia, distincto jornalista.

—Tambem já regressou d'Espinho o laureado terceiranista de direito, snr. José Meirelles da Costa Pinto.

—Encontra-se na sua quinta de Penajoia, acompanhado de sua ex.ma familia, o nosso amigo snr. José Pereira Barboza Gama.

— Voltou da quinta da Empada (Rêde) o snr. Luiz da Conceição Pinto.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Sanfins do Douro

Setembro, 1909.

Esteve aqui o nosso presado conterraneo, digno escrivão de direito em Mirandella snr. Armindo Castro, acompanhado de sua ex.ma esposa e filhinhos.

—Regressou a Cheires o snr. João Antonio da Rocha, um dos bons amigos da *Illustração Trasmontana.*

—O snr. Alfredo do Muro e Silva, digno encarregado da estação telegrapho-postal de Vidago, foi transferido para a estação de Villar de Maçada.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Chaves

Setembro, 1909.

Para ser aberta ainda este anno á exploração vae começar-se o assentamento da linha ferrea entre Vidago e Pedras Salgadas.

Consta-nos que a seguir a esta se fará o prolongamento tão desejado até esta villa e que tantos beneficios nos trará.

Esperamos que o ministerio das obras publicas não continue a deixar a nossa importante villa sem tão indispensavel melhoramento, pois é tempo de nos approximarmos dos grandes centros do paiz, o que só o caminho de ferro póde realisar.

—Fixou residencia n'esta villa o ex.mo e rev.mo snr. dr. Manuel Alves da Cunha, illustre e virtuoso Vigario Capitular da Sé de Loanda, muito querido e estimado pelas suas elevadas qualidades de bondade e intelligencia. Consta-nos que sua ex.a rev.ma não voltará a occupar o seu elevado cargo em Africa.

—O ex.mo snr. Candido Sotto-Maior, benemerito illustre e dedicado amigo d'esta terra, é esperado brevemente, pelo que muito anceiam todos os flavienses que com a maxima justiça o estimam.

—O snr. tenente Arthur de Mesquita assumiu o commando do 4.º esquadrão de cavallaria 6, em virtude da licença concedida ao snr. capitão commandante Firmino Teixeira da Motta Guedes.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Santa Martha de Penaguião

Setembro, 1909.

Vindo do Porto chegou a sua casa o snr. Arthur Lello, acompanhado de sua ex.ma familia.

—O snr. commendador Antonio Joaquim de Moraes partiu da sua quinta de Lobrigos, acompanhado de suá ex.ma familia, para os Cortiços, onde foi passar uns dias no palacete do snr. dr. Alberto Charula, dignissimo deputado da nação.

—O nosso illustre e intelligente collega da *Palavra*, snr. Alexandrino Borges Manta, já se encontra entre nós a assistir ás vindimas nas suas propriedades.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Macedo de Cavalleiros

Setembro, 1909.

Partiu no dia 2 do corrente para Alfandega da Fé o snr. Antonio B. Saraiva, dignissimo escrivão de fazenda, acompanhado de sua ex.ma familia. Desejamos-lhe feliz viagem.

—Somos informados que brevemente irá a Grijó o snr. Abilio Soeiro, de visita ao seu dedicado amigo snr. José Manuel de Sá Miranda.

—Do Porto regressaram o snr. José Martins, agronomo, e o importante proprietario snr. dr. Luiz Pizarro.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Villa Real

Setembro, 1909.

O snr. conselheiro Luiz Lobato, nosso illustre conterraneo, já regressou da Povoa do Varzim.

—Partiu para as Caldas de Molêdo o distincto advogado snr. dr. Augusto Guilherme Botelho de Souza.

—Foi collocado temporariamente aqui o veterinario snr. João Corrêa Mourão, do quadro do ministerio das obras publicas.

—Esteve entre nós o snr. conselheiro Bernardino Machado.

—O snr. David Corrêa da Costa, 2.º aspirante dos correios, foi nomeado fiel dos serviços telegrapho-postaes de Villa Real.

—Ausentou-se com sua ex.ma esposa e filho o snr. Albano Eduardo da Costa Lobo dignissimo director do Banco de Villa Real.

—Falleceu o conceituado negociante snr. Alexandre Machado Miranda.

—Veio fazer-nos uma rapida visita o snr. Abel Barboza, proprietario em Alijó.

—Tambem aqui chegaram os sympathicos academicos. snrs. Antonio de Quadros Flores, Joaquim Augusto Ribeiro e Affonso May.

—Está entre nós o snr. commendador Alexandre Augusto Ribeiro, acompanhado de sua ex.ma esposa e filhos.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Molêdo (Regoa)

Setembro, 1909.

Vindo do Porto está aqui convalescendo d'uma grave doença, o illustre publicista snr. José Victorino Ribeiro.

—Depois de ter feito o seu tratamento n'estas Caldas, partiu para o Porto o conceituado commerciante do Pará snr. Domingos Rufino.

—O snr. dr. Malva do Valle, distincto medico de Coimbra, encontra-se n'estas thermas, a fazer uso das caldas.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Villa Flôr

Setembro, 1909.

Encontra-se, de visita a sua familia, em Sampaio, o nosso amigo snr. Antonio da Costa Trigo.

—Foram concedidos 30 dias de licença ao meretissimo juiz d'esta comarca, o ex.mo snr. Eleutherio d'Araujo e Gama.

—Está aqui, vindo do Porto o snr. Constantino Pegado.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, nas Pedras Salgadas

Setembro, 1909.

Seguiram para o Porto as ex.mas snr.as D. Palmyra Lobo d'Avila Lima, sua filha D. Bertha e seus filhos dr. José e Manuel Lobo d'Avila Lima.

—Para Lisboa partiu a ex.ma snr.a D. Carolina d'Eça d'Albuquerque.

—O illustre lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto, snr. dr. Thiago d'Almeida, veio visitar o importante estabelecimento da Empreza das Pedras Salgadas.

—Partiu para Lisboa o snr. Jorge Perry Pereira, illustre 1.º tenente da armada.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Favaios

Setembro, 1909.

O nosso estimado assignante e velho amigo snr. José Climaco da Veiga foi ha dias acommettido d'uma vertigem cahindo desamparadamente á porta da Pharmacia Monteiro. Felizmente já se encontra completamente restabelecido pelo que o felicitamos sinceramente.

—Os snrs. drs. Viriato Lima, Antonio Carvalho, Manuel Lopes Pereira Moutinho e Eduardo Margarido já regressaram das Caldas de Moledo onde foram fazer uso das aguas.

—No dia 7 do corrente foi muito cumprimentado em virtude do seu anniversario natalicio o snr. Ildefonso Alfredo da Silva Monteiro, bemquisto cavalheiro e habil pharmaceutico d'aqui. Parabens.

—O snr. dr. Seraphim de Barros está substituindo o snr. dr. Evaristo Duarte Geral, medico do partido Municipal d'Alijó que está fazendo uso de banhos de mar na Figueira da Foz.

—A 13 do corrente passou o anniversario natalicio da ex.ma snr.a D. Francisca de Sepulveda Sampaio, gentilissima esposa do nosso bom amigo snr. Raul dos Santos Ribeiro de Sampaio.

Os nossos parabens.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Carrazeda de Anciães

Setembro, 1909.

O digno escrivão de direito d'esta comarca, nosso amigo snr. José Joaquim Baptista Lamas esteve durante algum tempo bastante doente, encontrando-se já um pouco melhorado.

E'-nos grato registrar essas melhoras, porque d'ellas dependia a conclusão da tão desejada monographia d'esta nossa terra, gentilmente promettida por este nosso dedicado amigo, para ser publicada nas columnas da *Illustração Trasmontana*, excellente e primorosa revista de que tanto orgulho devem ter todos os nossos comprovincianos.

—De passagem para Alijó, sua terra natal, tivemos o prazer de abraçar o nosso querido amigo snr. José Teixeira dos Reis Fontinha, ha pouco tempo chegado de Macahé.

—Chegou a Linhares o rev.mo snr. Luiz Americo Rodrigues Praça.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Freixo de Espada-á-Cinta

Setembro, 1909.

E' aqui esperado o distincto poeta e nosso comprovinciano snr. dr. Abilio Guerra Junqueiro.

—Foi para Vidago fazer uso das aguas, o snr. dr. Francisco Augusto Fernandes Massa.

—Chegou de Moncorvo o snr. Diocleciano Trigo, dignissimo escrivão de fazenda.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em S. Mamede de Riba Tua

Setembro, 1909.

Realisou-se nos dias 4 e 5 d'este mez a costumada festividade a Santa Eufemia que, como sempre, foi concorridissima, vendo-se aqui durante esses dias quasi toda a população das povoações circumvisinhas.

—Tivemos o prazer de vêr aqui, vinda do Porto, onde reside o nosso estimado conterraneo snr. Manuel Lopes Agrellos, proprietario e capitalista.

—Regressou da capital do norte o nosso presado amigo e assignante da *Illustração Trasmontana*, snr. Carlos Richter.

—Vindo do Porto, está entre nós o snr. Raul Cutello, sobrinho dos nossos amigos snrs. Carlos Richter e Manuel Lopes Agrellos.

Correspondente.

NOTICIARIO

«O Echo do Douro».—Este nosso collega, que tão honesta e dedicadamente representa a instituição da Imprensa em Alijó, e que suspendera a sua publicação, resurgiu agora.

Foi para nós uma grande satisfação a reapparição do *Echo do Douro* que póde e deve prestar grandes serviços ao concelho de Alijó e aos altos interesses do Douro. Ponto está que se compenetre bem de que o messianismo salvador de Portugal não póde vir já agora da intervenção d'um homem, fosse elle Pombal ou D. João II, e de que hoje é a alma collectiva da nação que substitue o grande estadista dos idos tempos.

Aos proprietario e administrador do *Echo do Douro* Reynaldo Nunes e Mansilha Junior reinteramos os nossos protestos de camaradagem.

Informações viticolas.—Do nosso collega *A Palavra* transcrevemos o seguinte:

«Vae mal o tempo para a viticultura. A prolongada estiagem e os ultimos calores teem prejudicado muitissimo a maturação das uvas. E porque a presente colheita se apresenta serodia e muito se receia que as proximas vindimas sejam molhadas, o mercado de vinhos apresenta-se completamente paralysado.

Por outro lado, o commercio, tendo feito largas compras da colheita ultima, julga-se dispensado de adquirir vinhos que se lhe afiguram verdes e aguados.

Tudo leva a suppôr, pois, que os vinhos da presente colheita não terão procura. Pelo menos não se nota animação alguma e o mercado de aguardentes apresenta-se frouxo.

As grandes e pequenas casas exportadoras despediram a maior parte dos lavradores, sendo o numero dos que vendem reduzissimo. Isto é sabido no Douro. E isso tem influido no mercado de vinhos de consumo agora abundante em offertas a preços baixissimos postos nas estações do caminho de ferro, devido á urgencia de desoccupar o vasilhame.

O preço d'este mercado regula entre 10 e 12 mil réis posto na estação e o «bonus» para o negociante. Uma verdadeira miseria.

Consta que se tem feito pequenas transacções no Baixo-Corgo em vinhos brancos entre 12 e 15$000 réis.

Em Cima-Corgo têm-se firmado um pouco os vinhos de pasto, mas para consumo local e pela saída para os altos da provincia de Traz-os-Montes, de bastante vinho.

O proximo anno, pois, sem azeite, apresenta-se desolador para o pobre viticultor.

Mas quando se compenetrará o Douro da sua miserrima situação?»

Restituição d'imposto.—Do *Echo do Douro* que se publica em Alijó, retiramos o seguinte:

«Aos lavradores d'este concelho está a ser restituido o imposto que os vinhos entrados na cidade do Porto e provenientes da região do Douro alli dêvem pagar.

Paga-se nas recebedorias de harmonia com o regulamento de 31 de dezembro de 1908.

Para a miseravel situação do lavrador ainda isto é um allivio para aquelles que poderam conseguir para si esse bonus».

2.º ANNO—OUTUBRO, 1909

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA Illustração Trasmontana | ADMINISTRADORES Antonio Corrêa e Antonio Terrio

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º—PORTO

O TRASMONTANO

SUPPLEMENTO

AO N.º 22 DA

ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

DIRECTOR—JOAQUIM LEITÃO

Composto e impresso na Typ. Occidental, de Pimenta, Lopes & Vianna, R. da Fabrica, 80 — Porto

Summario do n.º 22, (10.º do II anno)

DA

Illustração Trasmontana

PAG.

Cercanias de Bragança: Um arco do convento de Avellãs. 149

O Conde d'Arlães (Legenda inedita), por Daniel Rodrigues 150

Os Pelourinhos de Traz-os-Montes, por Silva Leal 153

Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana). *Continuação*—P.e Francisco Manuel Alves 155

A lenda do Castello de Bragança (Poesia), por Christovam Ayres 157

Tempo de festas, por Casimiro E. S. Cabral. 158

O Varre-Canêlhas—Novella trasmontana. *Continuação*. Joaquim Leitão, cliché de Carlos Lopes . . . . 161 e 164

A «Novidade» 1909

No «Douro» Como se poderá dizer agora das qualidades e merecimentos do vinho que mal ainda teve tempo de se aclimatar ás paredes dos toneis onde se conserva? O prognostico, neste caso, para se não errar, não póde de modo algum ser traçado com justeza e claridade sufficiente, parallelamente a outros juizos, sem entrar em conjugação com os antecedentes climatericos que actuaram sobre as uvas emquanto se formavam pelos vinhedos.

O anno foi irregular. O inverno anterior não tinha dado á terra a «sessão» intensa e necessaria para promover em seu tempo o avanço da fructificação. O anno foi «serodio». E, as vindimas tiveram de se iniciar fóra da sua quadra. Quando as colheitas deviam terminar, deu-se-lhe comêço.

Esta condição, por si não basta para destruir o conceito que se faça, antecipado, tendente a menosprezar e definir, pois que não é a unica para marcar o quilate.

E' de temer, porém, a acção da chuva nessa altura. E, de facto, o outomno fez cahir as primeiras aguas, não em abundancia desmedida, mas sufficientes para promoverem nas «castas» menos finas uma certa «podridão» que se circunscreveu de preferencia aos «altos» onde a trovoada tinha devastado e reduzido a «crescença», assim com os «frios» do S. João, extemporaneos e funestos. Depois, a chuva susteve-se.

Um sol vivificante veio promover, a par d'um alivio para os desesperados viticultores, uma maior intensidade gleucometrica no sumo do fructo. E, assim é que o padrão do assucar foi subindo para quem delongou a vindima... De 12º B. attingiu a 14º B. e 15º B. como na colheita passada.

Foi um beneficio e grande, a chuva que cahiu no Douro. Sem ella, a «novidade» seria d'uma inferioridade manifesta nos «sitios-finos» para só ter algum prestimo nas «meias-ribeiras» onde podesse haver ainda alguma humidade no solo. Mais uma vez se accentuam estas verdades: No Douro, só se devem «enxertar» variedades ampelograficas que os «mycelios» do bolor não ataquem, o que, num periodo decenal, dá maior rendimento. E, mais uma vez, se mostra o quanto seria o valor d'uma «irrigação» intelligente, pulverisando as videiras, com cuidado e esmero, como se tratam nas estufas as plantas raras.

D'essa fórma, no terreno schistoso da verdadeira «zona» duriense, pela acção do clima, as uvas escolhidas, sujeitas á vontade intelligente do cultivador que as trataria como joias delicadas, tornar-se-iam sempre em ricos favos d'assucar, excipiando melhor á terra os saes caracteristicos que mais tarde tornam inconfundivel o «Vinho do Porto». Mas, para tal fazer, seria necessario que o viticultor fosse recompensado d'esse trabalho e d'essa escassa productividade d'uma fórma bem differente da que actualmente é.

Para se não abastardar o real merito do Vinho do Douro que vae decahindo assustadoramente, só por garantias especiaes que não permittissem a fraude, dia a dia maior!

Como julgar então da «Novidade» 1909? Sem se tornar celebre como a anterior, em verdade ha muitos annos sem similar aproximavel, a novidade colhida, depois de dias pluviosos, é tanto melhor quanto mais tardiamente o foi. Não é bastante a consideração gleucometrica mas é de peso, para o Douro do vinho licoroso. Porêm poucos foram os lavradores que «benificiaram» se, com as adegas cheias, já não teem modo de em tal empreza se aventurarem! Ficaram centenas de pipas em consumo e é bem possivel que mais valha, pois no norte do país a colheita é por metade evidentemente do que se dizia.

A «Novidade» fina de 1909 é um intermedio entre 1907 e 1908 e seria bem remunerada, se Portugal se não estendesse num vinhedo pegado e se por toda a parte, se não fizesse «Vinho do Porto», de fancaria que se exporta de Lisbôa — a pipa — por 20$000 réis!!

AMILCAR DE SOUZA.

Origem etymologica humoristica do nome de «Pedras Salgadas» por Camillo Castello Branco

LIVRO

Obulo ás creanças, por Camillo Castello Branco e Francisco Martins Sarmento, edição de 1887, da Imprensa Portugueza, Rua do Bomjardim, 181, Porto. Prosa de Camillo a folhas 50

No fim do seculo IX ou principio do X, existiam perto do montado que hoje tem aquella denominação, na aldeia de Rebordochão (palavra corrupta de robur, carvalho, e *chao*, terreno, «terra de carvalhos» ou carvalhal) duas irmãs velhas e ricas chamadas as Salgadas.

Eram filhas d'um clerigo de raça gothica, grande lidador enriquecido nas estorções que fizera aos vandalos; e assignava-se Salgado, porque Jesus Christo havia dito aos padres que elles eram o *sal com que se curtem os toicinhos d'este grande porco chamado Terra.*

As filhas do clerigo, como eu vinha contando, eram muito ricas, muito agarradas ao dinheiro, e viviam aferrolhadas n'uma casa acastellada em sitio que ainda hoje se chama o Crasto.

Uma noite foi a casa assaltada por uma quadrilha de salteadores mozarabes que se alapardaram nas ruinas do castello suevo do Pontido.

A casa foi arrasada com catapultas, as riquezas foram saqueadas e as duas velhas desappareceram, como se as levassem todos os diabos.

Alguem suppoz que effectivamente Satanaz levára as Salgadas para a companhia do pae, condemnado ás pennas eternas, pelos latrocinios com que locupletara as filhas avarentas.

Passados dias, um pastorinho que guardava o seu rebanho no monte, agachando-se para levantar uma pedra com o fim de regeital-a a uma ovelha, pareceu-lhe vêr á flôr da terra uma unha.

Começou a escravatar á volta da unha, e descobriu um dedo. Continua a escarafunchar já assustado e descobriu dois dedos. Transido de pavor, desatou a berrar pela serra fóra em cata d'outros pegureiros. Uns almocreves que iam passando ali perto, na estrada de Chaves, accudiram aos gritos do pastor, informados do motivo, foram ao sitio dos dois dedos exhumados; e, continuando as excavações, descobriram primeiro um pé, depois dois pés, depois tres, e por fim quatro pés perfeitos, mas sem as pernas respectivas.

Avisado o alcaide de Villa Pouca, e percorrida a serra, entre uns sargaçaes espessos, descobriu-se a terra remexida de fresco; e, cavando-se n'esses pontos suspeitos, desenterraram-se duas cabeças que toda a gente reconheceu serem das irmãs Salgadas.

Desde esse dia em diante ao monte onde appareceram os pés deu-se o nome de Monte dos Pés das Salgadas; mas a lingua do povo, que todas as origens corrompe, com o rodar dos seculos, e perdida a tradicção do caso, em vez de pés dizia pedras, e d'ahi a corrompida denominação de Pedras Salgadas. Alguem suppoz que as pedras, impregnadas do mineral das aguas, tinham sabor salino.

A chimica não permitte esta hypothese safardana; e a verdade é isso que ahi fica referido.

Quem quizer fallar etymologicamente correcto, diga: «Vou beber a agua dos *Pés das Salgadas*».

Nota da Redacção: — Esta espirituosa versão, que publicamos a titulo de transcrever um pedaço de prosa do grande mestre, é uma das muitas invenções que o genio de Camillo produziu para se rir e intrigar os eruditos (?) do seu tempo.

Nem elle, decerto, teve em mira amesquinhar nem nós muito menos nos serviriamos do seu nome admirado para ser desagradavel a qualquer terra trasmontana. Fazemos no entanto esta declaração, para prevenir presumpções desfavoraveis. De resto o titulo — *Origem etymologica* **humoristica** —, que o proprio Camillo lhe deu, explica tudo.

Trova popular

Amas a Nosso Senhor
Que morreu por toda a gente,
E a mim não me tens amor
Que morro por ti sómente.

(Do poeta Augusto Gil e adoptada pela alma nacional).

Geo-hydrologia de Chaves

(CONTINUAÇÃO)

O granito, que fornece um nivel de agua aproveitada na irrigação das hortas, acha-se profundamente alterado, de sorte que a preparação de laminas delgadas para o exame microscopico d'esta rocha é extremamente difficil. O granito observado em todos os pontos indicados apresenta-se com a mesma definição petrographica. É uma rocha de grão médio, passando a fino, de tom geral acinzentado, reconhecendo-se á simples vista o quartzo, o deldspatho, do qual uma parte está kaolinisada e se apresenta amarellada, e outra parte branca, a qual é mais coherente, e duas micas, a negra e a branca, sendo esta de um brilho entre argentifero e nacarado. A disposição d'estes dois ultimos elementos obedece a uma certa uniformidade, tendendo a imprimir á rocha o aspecto gneissico. Ao microscopio reconhece-se que este granito é constituido por:

I Zircão, apatite, mica negra, oligoclase, orthoclase, quartzo; e

III Mica branca e hematite.

O zircão e a apatite existem no estado de inclusões na mica negra, sendo os pequenos grãos do primeiro d'aquelles elementos cercados por uma aureola fortemente dichroica; a mica negra tambem o é consideravelmente. Algumas secções d'esta mica estão epigenisadas pela mica branca, restando intactos pequenos retalhos; é o que me leva a collocar a mica branca entre os elementos de alteração. Além das inclusões já referidas, algumas secções de mica negra conteem outras aciculares e transparentes. O feldspatho orthose apresenta a macla de Carlsbad e o oligoclase é caracterisado pelos pequenos angulos de extincção relativamente ás linhas de macla, segundo a lei da albite. Estes elementos, especialmente o oligoclase, apresentam-se alterados, perdendo da sua limpidez pelas granulações de côr amarello-avermelhado que contém, e que attribuo a hematite, havendo tambem partes epigenisadas pela mica branca. O quartzo, empastando os elementos primordiaes da rocha, apresenta fiadas, ligeiramente flexuosas, de cavidades, contendo liquido e bolha gazosa, e algumas das suas secções são formadas de partes irregulares, de differente orientação optica.

O schisto é, além de pouco coherente, como já disse, pouco fissil. A sua côr na região levantada é de um tom geral amarellado, que lhe imprime a mica; em outros pontos vê-se, além d'esta mica de côr clara, a negra. A proporção d'este elemento é muito desigual: muito abundante em alguns pontos, como na quinta da viuva do Feleciano, em outros diminue de tal modo, que a rocha é quasi exclusivamente constituida por quartzo. Além do lascado principal do schisto, o qual coincide com a estratificação, notam-se diaclases em duas direcções principaes, o que occasiona a fragmentação do schisto em porções parallelipipedas. Ao microscopio o schisto apresenta-se constituido quasi exclusivamente por quartzo. Discriminam-se, porém, desde logo, as grandes secções de quartzo de contornos sinuosos, adaptando-se perfeitamente ao contorno de um grão os contornos dos grãos adjacentes, como se, em seguida a um amollecimento em determinado grau, houvesse uma compressão, sem destruir inteiramente a disposição phylladica, se não contribuindo para ella; e seguidamente se

observam pequenos grãos de secção regularmente oval, cujo eixo maior se dispõe parallelamente á schistosidade. Segundo os contornos das grandes secções de quartzo se observa um induto de substancia ferruginosa de côr amarellada, que levemente diminue a transparencia d'aquelle elemento. A mica, na lamina que consegui preparar, é em pequena quantidade, sendo ainda a menor parte a de mica negra; este elemento acha-se disposto segundo a schistosidade. Ha grãos negros e opacos de magnetite e talvez tambem de ferro titanado, pois que ha productos attribuiveis a leucoxene. O estado em que se apresenta o quartzo é attribuivel ao metamorphismo exercido pelo granito e o exame microscopico vem assim confirmar a origem clastica ou detritica dos schistos, que suppuz, quando acima os considerei cambrianos (1).

No caminho para as *Casas dos Montes*, no sitio a que já acima me referi, o schisto apresenta uma grande concentração de mica bronzea e, na trincheira fronteira áquella que ficou figurada, os schistos, muitissimo pouco coherentes, conteem em grande quantidade crystaes de granado de todas as dimensões até 6 ou 7 millimetros, imprimindo á rocha um aspecto noduloso. Muitos d'esses crystaes merecem o nome de crystaes envolucros; pois que se acham reduzidos a uma pellicula peripherica encerrando substancias micaceas, alteradas; em alguns até aquella pellicula desappareceu e só estas substancias existem, conservando a fórma exterior da granada; a substancia de outros d'aquelles crystaes de granada está inteiramente reduzida a oxydos de ferro e substancias micaceas, o que me faz suppôr que se trata de granada melanite; encontram-se, porém, alguns crystaes em que estas circumstancias não se dão e em que o dodecaedro rhomboidal b^1 (011), se reconhece sem a menor duvida.

A rocha filoniana, que dominei *granulite*, tambem se acha reduzida a um producto completamente incoherente, terroso, constituido por kaolino, grãos de quartzo e mica branca. É impossivel tentar o estudo d'esta rocha em laminas delgadas.

Para completar este rapido summario da petrographia de Chaves, resta-me dizer algumas palavras de uma rocha por extremo interessante — um *porphyro petrosilicioso* (*Felsophyro*). Infelizmente as condições em que se observa esta rocha não permittem que se verifiquem as suas relações com as rochas convizinhas. O unico ponto em que a encontrei foi em P. junto á porta da primeira casa da travessa que vae do Arrabalde á rua Nova. Sobre a rocha assenta a parede da casa, vendo-se o affloramento sobre alguns decimetros quadrados de superficie. A rocha lançava uma apophyse sobre o leito da calçada; mas, modernamente, esta foi regularisada e cortaram o mamilho de rocha segundo o paramento da casa, de que aquella constituem as fundações. Ainda um diligente funccionario das obras do municipio me mostrou os blocos d'alli arrancados, e d'estes como do proprio affloramento colhi os exemplares que estudei.

(Segue). J. M. do Rego Lima.

(1) Não foi sem grande satisfação que posteriormente a esta redacção encontrei no estudo do snr. Michel Lévy, *Sur l'Origine des Terrains Cristallins Primitifs*, *Bull. de la Soc. Géol. de France*, 3e Sie T. XVI, 1887-1888, pag. 107, a confirmação ou plausibilidade da minha attribuição. Conforme a exposição de tão eminente sabio o estado do quartzo no schisto de Chaves suppõe um grau adiantado de modificação metamorphica.

— Qual é o convento onde se come mais alface?

— No convento dos... *Grillos*.

A Imprensa

E A

«ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA»

«Illustração Trasmontana. — Temos presente os n.os 16 a 20 d'esta explendida revista, — devido á extrema amabilidade de um nosso presado amigo, co-proprietario d'aquella empreza, — que tinha deixado de nos ser enviada quando da suspensão do nosso jornal.

Encarecer a *Illustração Trasmontana* torna-se desnecessario, porque ella impõe-se a todos os amadores do bello, já pela correcção inexcedivel das suas gravuras, já pela proficiencia com que ali são estudados todos os assumptos que se prendem com a vida trasmontana, como pelos mimos litterarios com que ella nos delicia o espirito.

A uma publicação d'aquella natureza, todos os encomios são poucos, porque são justos.

Endereçando os nossos agradecimentos pela remessa dos numeros que nos faltavam, appetecemos-lhe um longo futuro cheio de felicidades.

*

O n.º 20 que só agora é distribuido aos seus assignantes soffreu atrazo na sua publicação devido á pouca presteza com que enviaram o papel de Inglaterra. E' porém de esperar, em virtude dos esforços empregados para isso, que para o futuro a publicação será feita com a maxima pontualidade».

(Do *Echo do Douro*, de 10 de outubro de 1909).

N.º 8 **FOLHETIM** Out. 1909

D'Os Meus Amores

Á Lareira

por Trindade Coelho

Foi então a vez de perguntar o José Lorna ao seu compadre se tinha trazido as cartas.

— Não trarei eu a cartilha! — acudiu logo o barbeiro sacando do estojo, e de dentro do estojo o baralho de cartas. — Mas cá sem o «ripanso» ninguem me apanha fóra de casa.

— Por mal dos meus peccados! — commentou do lado a snr.ª Aniceta, dando um suspiro...

— Mulheres! — exclamou o José Bernardo, encolhendo os hombros. — Como se a gente, por essas freguezias, não precisasse matar o tempo!

Baixára a Thereza a mesa do escâno, dependurára no escâno a candeia de ferro, e já o barbeiro baralhava. Cuspiu nas mãos, depostas as cartas com força, e voltou-se para o José Lorna:

— Parta lá, snr. compadre!

— Bom, ha-de ser á de tres, vamos a isto! Mas veja lá como dá! Isso agora, mestre, faça de conta que me não está a fazer a barba..

— Olhe, a barba que lh'eu faço é isto! — e cortou-lhe logo a primeira mão. — Repare vossemecê que trunfo é paus. Depois, não venha cá teimar que se esqueceu!

Agora, emquanto os dois jogavam, com o Antonio a fazer de mirone, pegára por banda das mulheres o bocadinho da má lingua.

— Mas se eu logo a avisei! — dizia a snr.ª Aniceta. — Quem vae agora entregar o fumeiro á Thereza das Patas! Só aquella desmazeladona da Antonia, que foi sempre uma desmazeladona! — continuava a mulher do barbeiro, batendo com a mão em cima do joelho. — Foi bem feito, e foi bem feito! e eu hei-de sempre dizer que foi bem feito! — insistia ella com acinte.

Pediram informações as raparigas: — «Mas então, como é que tinha ella estragado aquillo tudo?»

— Bôldreguices! — resumiu a tia Aniceta. — Bôldreguicess! Tinha-se lá por muito sabichona, e além dos temperos de toda a gente, ahi se põe a botar na massa, d'aqui uns alhos pisados, mais uns ourégos d'alli, d'acolá umas porcarias! Aquella burra!

— O' comadre, mas vossemecê ainda lá andou uns poucos de dias? — perguntou a Thereza. — Pois não andou?

— O' menina deixe-me aqui! — exclamou arrependida a snr.ª Aniceta. — Bem teimei, bem me ralei! Mas aquella canastra: «que não senhora; que se havia de fazer o que ella mandasse; que o fumeiro era ella que o fazia; e porque torna e porque deixa!» Alvorei! — Fica-te, c'os diabos, mais quem te atura! — Agora, dizia-me outro dia lá na egreja

A "Illustração Trasmontana,, em Alijó

Outubro, 1909.

Partiu para o Porto, o respeitabilissimo e provecto desembargador do Tribunal da Relação, e nosso illustre comprovinciano snr. dr. Antonio Teixeira Alves Martins que á sua casa da Granja viera passar alguns dias, em goso de ferias.

—Seguiu para a sua quinta de Romarigo (Regoa) o snr. Visconde de Alijó, acompanhado de sua excellentissima familia.

—Tivemos o prazer de vêr regressar a esta villa o snr. Casimiro Cabral Junior e sua bondosissima esposa que tinham partido para uma curta viagem de nupcias.

—Esteve aqui, infelizmente com pouca demora, o nosso bom amigo snr. Armindo Castro, muito digno escrivão de direito em Mirandella, onde gosa de geraes sympathias. Sua ex.ª, que vinha acompanhado de sua gentilissima filha ex.ma snr.ª D. Brigida Castro, já regressou a Mirandella.

—Esteve n'esta villa, sua terra natal, o nosso amigo snr. Antonio Teixeira Jacintho, habil primeiro aspirante de Fazenda do segundo bairro, no Porto.

—De passagem para Mirandella, tambem aqui esteve o snr. Manuel Pereira Soares, zeloso caixeiro viajante da acreditada casa Nunes Torrado & C.ª, do Porto.

—Acompanhado de sua ex.ma esposa foi passar as vindimas á sua quinta, em Paradellinha, o snr. Torquato Luiz de Magalhães, collaborador da *Illustração Trasmontana*.

—Regressaram do Porto, a ex.ma snr.ª D. Maria Teixeira de Barros, capitalista, de Presandães, e seu irmão o snr. José Rodrigues Teixeira de Barros, nosso presado assignante.

—Vinda da mesma cidade, chegou a ex.ma snr.ª D. Angelina Lamas, virtuosissima esposa do nosso velho amigo snr. Manuel Alves Canellas, muito digno e honesto solicitador n'este juizo.

—O nosso estimado conterraneo snr. Clemente José Lamas, competentissimo escrivão de direito em Moimenta da Beira, encontra-se aqui de visita a sua familia.

—Esteve ligeiramente incommodado o nosso amigo snr. José Lopes Rufino, bemquisto commerciante n'esta villa.

—O nosso affectuosissimo amigo snr. José Joaquim Baptista Lamas, digno escrivão de direito na Carrazeda d'Anciães, esteve aqui com sua ex.ma esposa e filhos. Breve, infelizmente, se furtou ao immenso prazer que sempre e desde ha muito nos dá a amistosa convivencia com que nos honra, pois já regressou áquella villa, onde, com inteira justiça, goza de grande e geral estima.

—Afim de visitar este nosso amigo veio aqui o snr. Cezar Martins, chefe do partido regenerador em Carrazeda.

—Tambem aqui esteve o nosso presado conterraneo e amigo snr. Gaspar da Rocha Diniz, muito digno escrivão de direito em Lamego, onde é muito considerado, havendo já regressado á comarca.

—Deixou-nos durante alguns dias o snr. José de Moraes Neves, muito habil delegado do thesouro no districto da Horta, por ter ido a Lobrigos (Regoa) visitar o seu intimo amigo snr. commendador Moraes. Acompanhou-o sua ex.ma filha a snr.ª D. Francisca Neves.

—Partiu para a Ilha da Madeira a ex.ma snr.ª D. Anna Teixeira de Barros, que vae encontrar-se com seu marido e nosso presado conterraneo snr. Jeronymo Teixeira de Barros que é alli escrivão de direito. A estimada senhora fez-se acompanhar por sua gentil filha.

Correspondente.

—Qual é o homem que póde viver debaixo de agua?

—E' *um marrã.*

A "Illustração Trasmontana,, em Sanfins do Douro

Outubro, 1909.

Depois d'uma curta demora no Vidago veio aqui passar alguns dias, na sua casa, tendo já regressado a Lisboa, o snr. dr. Antonio Teixeira de Souza, illustre conselheiro d'Estado. Acompanhava-o sua ex.ma esposa a snr.ª D. Emilia de Sampaio Teixeira de Souza.

—Na egreja d'esta freguezia realizou-se em principios d'este mez o baptisado d'um filhinho do snr. João Serodio, importante proprietario. Ao neophito foi dado o nome de Antonio José, sendo padrinhos da interessante criança, seus avós, o snr. conselheiro Teixeira de Souza e sua dignissima esposa.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Villa Real

Outubro, 1909.

Os trabalhos da rua-avenida de Peneda proseguem com regularidade, constando-nos que Madame Brouillard, a conhecida quiromante que dizem ser nossa comprovinciana, vae fazer edificar na mesma avenida um soberbo palacête.

—O lente da Universidade, snr. dr. Bernardo Madureira esteve n'esta villa, onde veio presidir aos exames singulares da 2.ª secção dos alumnos esperados.

—Regressou do Molêdo, a cujas caldas foi fazer tratamento, o snr. dr. Augusto Guilherme Botelho de Souza, digno professor do nosso lyceu.

---

aquella serêsma da Antonia, que aquillo é mesmo uma serêsma: — «Ai, snr.ª Aniceta, bem me dizia vossemecê!» — e porque assim e porque assado; e porque eram coisas que só lh'a ella aconteciam; e já não houve nome feio que lhe não chamasse, nem praga que lhe não rogasse! Ai, agora é que abres os olhos? — Pois regalei-me!

—E diz que inda lh'atirou tudo ao redor d'umas quatro moedas! — informou a tia Maria Lorna.

—Sim, sim, coitada! Mas antes isso que dal-o á botica! — adoçou a Anninhas.

—Algum deu tambem á botica! — augmentou a mulher do barbeiro. — Diz que o homem que lhe foi ás costas; e mais que elle não era capaz! Mas nunca as mãos lhe doam! E tantos anjos o acompanhem ao reino da gloria, como de bofetadas lhe pregou n'aquella cara! Muito bem feito!

E assim por ahi fóra, porque n'este ponto, já se vê, entrou a conversa a ramificar-se.

—Ora melhor fôra que ensinasseis a doutrina aos rapazes — dissera ainda o José Lorna, d'uma vez que dava cartas. — Trunfo é copas.

—Bem vejo. Deve tres, — lembrou o barbeiro lambendo os dedos.

—Dois! — contestou o José Lorna.

—Tres! — teimou mais alto o José Bernardo. — Não comece vossemecê, snr. José, porque quem joga não guarda cabras!

—Mas se lhe digo eu que são dois! — insistiu por sua banda o lavrador.

—O' meu pae, — interveiu o Antonio acalmando-o, com perdão de vossemecê, mas o tio José Bernardo tem razão...

—Vê? — argumentou o barbeiro.

—E' que vossemecê não conta o *capote*, — esclareceu o Antonio Lorna.

—Não conta! — disse a rir o José Bernardo. — Elle conta lá o capote! Lá lhe parece que por estarmos no inverno, os capotes não se contam... Mas cá vão tres bolinhas de centeio, que é para não tornar a haver mais enganos.

—Pois seja lá o que você quizer! — fechou zangado o lavrador. — Tenho esta! — E sem dever jogar, atirou p'r'á mesa uma carta, que lhe sahiu o sete de trunfo.

—E eu esta! — fez com rópia, pegando-lhe no erro e pregando-lhe em cima com o az, o José Bernardo.

—Não vale! Foi engano! Largue! Pensei que era um seis! — protestava muito alto o lavrador.

—Larga o quê?! Está jogada! Então isto é bisca de rapazes?! — defendia-se o mestre barbeiro. — Leve lá agora esse terno! Jogue-lhe!

Perdeu tambem esse jogo o lavrador; e emquanto não começava a desforra, disse ao filho que fosse á despensa por uma pinga. Deu um estalo com a lingua o José Bernardo; e como o Antonio, já de pichel na mão, offerecesse o bico da candeia ao gamão que a irmã accendera, o barbeiro alvitrou por graça:

—O' snr. Antonio, se vossemecê não quer, deixe que eu vou á cuba...

Riram-se os rapazes.

—Estiveram n'esta villa os snrs. conselheiro Manuel Espregueira, ex-ministro da fazenda e o deputado Rodrigues Nogueira.

—Esteve tambem aqui, com pouca demora, o snr. conselheiro Barjona de Freitas, ministro das obras publicas, acompanhado pelo distincto engenheiro snr. João Gualberto Povoas e outros engenheiros.

—Já principiaram as aulas no lyceu d'esta villa, tendo-se matriculado 165 alumnos, nas differentes classes. Para as vagas de professores existentes n'este estabelecimento d'ensino, foram propostos os snrs. dr. João Avelino Pereira da Rocha, dr. Antonio da Costa Sampaio, Antonio Apparicio Ferreira e padre Manuel José da Silva.

—Acaba de ser enriquecido o lyceu d'esta villa com importantes apparelhos de physica, esqueletos montados das varias especies zoologicas e uma magnifica collecção de mineraes e rochas.

—Partiu para Lisboa o muito nobre conde de Villa Real.

—Depois d'uma curta auzencia, regressou a esta villa o snr. Joaquim Augusto Ferreira, considerado negociante.

—Partiu d'aqui com destino a Lisboa o snr. Thomaz d'Almeida Garrett, lente da Escola Colonial e deputado da nação.

—Retomou o seu logar no *Collegio de Villa Real* o rev. José Maria da Silva que aqui conta numerosas relações e amigos.

—Da sua casa de Villa Real onde veio repousar das fadigas parlamentares, seguiu para Lisboa, o snr. Antonio d'Azevedo Castello Branco, nosso muito illustre comprovinciano.

—Falleceu na Povoa de Varzim a menina Maria José, adoravel filhinha do snr. José Pereira de Sampaio, dignissimo chefe dos serviços telegrapho-postaes d'este districto.

Os nossos pezames ao extremoso e consternado pae.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Favaios

Outubro, 1909.

Estão concluidas as vindimas n'estes sitios. A colheita foi escassa, não se tendo effectuado durante ellas nenhuma transacção de vinhos. Já nem mesmo o nosso afamado moscatel é procurado, embora elle seja, indiscutivelmente, o melhor do país. E para aggravar ainda as precarias condições financeiras em que se encontra o pequeno lavrador foi determinado, no principio do mez, pelo ministro da fazenda que em toda a região duriense se proceda já ao relaxe das contribuições relativas aos annos de 1906 a 1908.

—Muito folgamos em poder noticiar que o snr. João Baptista Pinto de Carvalho—que havia soffrido um desastre de que lhe resultou a fractura de duas costellas—, já se encontra em via de prompto restabelecimento.

—Regressou do Porto, onde tinha ido tratar de negocios, o nosso amigo snr. Luiz da Rocha Figueiredo.

—Por acharmos merecidas e justas as referencias que o *Echo do Douro* faz aos nossos conterraneos que se encontram no Rio de Janeiro, transcrevemos d'aquelle jornal, que tão affeiçoado é á *Illustração Trasmontana*, o seguinte:

«Começaram na segunda-feira os trabalhos do aformoseamento do largo onde está situada a capella do Senhor Jesus, obras que já ha muito estavam projectadas e que só agora tiveram vigorosa iniciativa devido aos bons desejos de todos os favaienses residentes no Brasil, que tomaram a seu cargo as despezas a fazer.

Em todos os melhoramentos que aquella freguezia tem recebido, tem-se sempre evidenciado o amor que a colonia residente no Brasil lhe dedica, pondo-se sempre a seu lado, pelo que são dignos dos mais sinceros elogios.

As obras foram adjudicadas ao snr. Manuel Corrêa, de Cambres, conhecido empreiteiro d'obras d'este genero».

—Esteve aqui, de visita, o nosso presado comprovinciano snr. dr. Bernardo Fragateiro, distincto professor da Escola Agronomica de Lisboa, a cuja cidade já regressou.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em S. Mamede de Riba Tua

Outubro, 1909.

Em digressão cinegetica, estiveram em Foz-Tua, os nossos estimados amigos, de Marco de Canavezes, snrs. dr. Adelino da Cunha Pinto, Antonio Crispiniano, José Gomes de Carvalho e João d'Almeida Peres.

—Falleceu em Villa Nova de Gaya a snr.ª D. Thereza Lopes Agrellos de Meirelles. A finada, que era natural d'aqui, foi uma senhora dotada de excellentes qualidades de coração, sendo estimada deveras por todas as pessoas que com ella tratavam de perto. A sua morte foi por isso muito sentida.

A' familia enluctada enviamos a expressão das nossas condolencias.

—Veio aqui, tratar de negocios, o nosso amigo snr. Antonio Taboada, estimado commerciante no Porto.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Villar de Maçada

Outubro, 1909.

Passou alguns dias na sua casa d'aqui regressando ha pouco a Lisboa o illustre

---

—Que estão vocês a rir?—perguntou, fingindo-se zangado, o José Bernardo.—Ora sempre quero saber qual de vocês, ouviram? qual de vocês dois ha-de encontrar este anno, p'la Paschoa, um ninho de perdiz.

—Aonde?—perguntou o André.

—Aonde?!—estranhou o José Bernardo.—Quem sabe lá! No domingo de Paschoa, inda de noite, o primeiro que fôr á torre e tocar o sino, encontra um ninho de perdiz.

—Ora!—disseram os dois, sem acreditar.

—Não é «ora», é isto mesmo!—confirmou o José Bernardo.

O José Lorna pôz-se a rir. Contou que no seu tempo, devia ter os seus doze annos, fôra elle quem tocára o sino...

—E achou o ninho, ó snr. José?—perguntou logo o filho do barbeiro.

—Já se vê que sim! O caso é procurál-o...

Os rapazes não perceberam...

E como chegasse o pichel do vinho, atraz do pichel as duas canecas, e começassem as libações, a conversa entrou a animar-se, porque tambem, n'um covilhete, deitaram as duas velhas a sua pinguinha—pondo-a ao lume a quebrar da friura...

—Com um bocadinho de mel, ó comadres!—dissera delambido o José Lorna.—Está o mundo perdido...

O José Bernardo que empinava a segunda caneca, espirrou sem querer uma fungadella.

—«Está o mundo perdido!»—repetiu elle a rir. Lembrou-me agora por isto o padre José da Saldônha, ó compadre, que principiava assim todos os sermões—«Está o mundo perdido!» Mas apostar que vossemecês inda não sabem o melhor do padre José?

—A sova que deu nos ciganos?—perguntou o Antonio Lorna.

—Qual! Aquella da Santa-Uncção... outro dia...

Não sabiam.—«Ora que não sabiam!»

—Pois esta inda é melhor que a do João Beitão!

—Conte lá, ó compadre, conte lá!—rogaram ao mesmo tempo a Maria Lorna mais as filhas.

—Ora imaginem vossemeeês,—começou o barbeiro molhando a palavra,—imaginem vossemecês, que outro dia deu lá um accidente a uma rapariga, á filha do Antonio Chiméco, uma que é picada das sardas. Perdeu os sentidos a moça, e zumba! cahe-te redonda no meio do chão! O pae despede-te logo não sei quem, a chamar á Saldônha o padre José:—«que viesse depressa com a Santa-Uncção, que tinha a filha a morrer-lhe». Abalou o padre por aquelles caminhos, a cavallo n'uma burra, com a saquinha dos Santos Oleos deante d'elle—pica-que-pica, pica-que-pica, por alli fóra, debaixo d'um nevão de rachar!

—Olha o pobre do velho!—fez compadecida a Maria Lorna.

—Mas espere! que ao chegar onde começam as hortas, quem ha-de o padre José encontrar! a filha do Chiméco, já muito lampeira!

homem publico snr. conselheiro José de Azevedo Castello Branco, nosso prestimoso comprovinciano e importante vulto politico.

— Tambem aqui veio de visita o nosso presado amigo snr. Julio Girão, digno inspector dos impostos n'este districto. Acompanhou-o sua ex.ma esposa, D. Margarida Botelho Girão.

— Por aqui, como em toda a região duriense, foi muito diminuta a colheita de vinho. A qualidade, porém, é boa, não se tendo effectuado vendas por falta de compradores.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Cheires

Outubro, 1909.

Regressou ao Porto o snr. dr. Amilcar de Souza, nosso presado amigo e illustre collaborador da *Illustração Trasmontana.*

—Encontram-se aqui os snrs. Manuel Villela e Maximino Villela, abastados proprietarios e capitalistas.

—Deixou esta terra, com destino ao Pará de onde tinha vindo ha poucos mezes para tratar da saude, o nosso sincero e estimadissimo amigo snr. João Antonio da Rocha. Que tenha uma viagem bonançosa e que a fortuna lhe sorria, são os nossos votos e certamente os de sua idolatrada mãe que ella desejaria vêr sempre junto a si.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Carrazedo de Montenegro

Outubro, 1909.

Em goso de licença, veio aqui estar alguns dias o digno tenente de infantaria 19, snr. Tito Livio Barreira. Mandou sua ex.a fazer reparos na capella da sua casa, que ha muitos annos estava fechada ao culto, procedendo em seguida á benção da mesma o rev. parocho d'esta freguezia. O brioso e caritativo official, finda a ceremonia, distribuiu esmolas aos pobres.

— No dia 10 do corrente realisou-se com a pompa do costume, a festa ao Sagrado Coração de Jesus. No bazar de prendas tocou a apreciada philarmonica de Carrazedo.

— A ex.ma esposa do nosso amigo snr. dr. José Antonio de Souza Machado esteve a fazer uso das caldas de Chaves, tirando magnificos resultados com o tratamento.

— Para o Rio de Janeiro, d'onde tinham vindo ha tempos, seguiram os nossos conterraneos snrs. João Lopes de Moraes e Joaquim Alberto Alves. Que a fortuna os não desampare são os nossos desejos.

— Estiveram aqui com pouca demora, os snrs. Firmino Soares, acreditado commerciante de Chaves, e A. de Carvalho, muito digno tenente de infantaria 19. Foram hospedes do snr. Francisco Antonio de Moraes, bemquisto negociante e nosso amigo.

— No dia primeiro do corrente desencadeou-se por estes sitios um forte vendaval que causou muitos prejuisos nos castanheiros, deitando-lhes abaixo muitos ouriços e até algumas pernadas.

— Partiu para Lisboa a ex.ma snr.a D. Emilia Torres.

— De visita a sua filhinha, que aqui tem a educar, esteve entre nós o snr. Antonio Adão, importante proprietario em Povoa do Lilla.

— Tambem aqui vimos o nosso amigo snr. João José de Souza, digno secretario da administração d'este concelho.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, na Regoa

Outubro, 1909.

Já se encontra, felizmente, melhor da sua grave doença o nosso dilecto amigo, de Fontellas, snr. Antonio José de Carvalho Borges.

— No dia 7 do corrente celebrou-se na egreja matriz d'esta villa, o auspicioso enlace da snr.a D. Maria Adelaide de Carvalho Vasques, nossa gentil conterranea, com o snr. João Verdades, conceituadissimo negociante na praça de Manaus, para cuja cidade partiram em seguida.

Desejamos-lhes ininterrupta lua de mel e uma viagem feliz.

—Depois de ter passado algum tempo em Santa Martha de Penaguião, regressou ao Porto o nosso estimado amigo snr. Arthur Lello.

— Passou por aqui, de regresso á sua casa de Fontellas, o snr. José Pereira de Figueiredo, acreditadissimo commissario de vinhos.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Chaves

Outubro, 1909.

A camara municipal d'esta villa, em sessão do dia 9 do corrente, deliberou mandar

---

—O' compadre!—interrompeu incrédulo o José Lorna,—essa agora é de sua casa!

—Não é, snr. compadre! assim me Deus salve como não é! Encontra o padre a rapariga, e fica-se muito espantado;—«Então para quem é a Uncção?!» pergunta-lhe elle muito estranho.

Começaram-se todos a rir.

—Esperem lá! mas esperem lá! —atalhou o José Bernardo.—«Era p'ra mim, snr. padre José... Foi uma coisa que me deu, mas agora já estou boa».

—E o padre? e o padre?—perguntaram todos muito curiosos.

—Desceu-se da burra com'um raio, e sem a largar, nem largar a saquita vermelha, filou por um braço a rapariga:—«Ah, grande desavergonhada! Pois já que cá vim, não te escapas sem os azeites. Rode já deante de mim!»

—Ia indo a casa abaixo, co'as gargalhadas!

E aos pulos no meio da cosinha, o José Bernardo declarou ás mulheres—«que a rapariga tinha apanhado os azeites. pois então!»

—«Cá te ficam p'r'a outra vez!» disse-lhe no fim o padre José, quando abalou na burra p'r'a Saldônha.

O André foi lá fóra, mais o José Redondo, e as mulheres puzeram-se a limpar os olhos com os aventaes, de tanto que haviam rido.

—Cale-se lá, ó compadre, cale-se lá!—rogava já afrontada a tia Maria Lorna, emquanto o velho, inda aos murros em cima da mesa, jurava que coisa assim nunca tinha ouvido: —Ai que até me escacho! ai que até me escacho!

—O' compadre, vá lá mais uma pinga!—disse o lavrador empinando-lhe na caneca o resto do pichel, até entornar por cima da mesa.—Quer você uma azeitona? Inda se bebe outro pichel! Vae lá por outro pichel, ó Antonio!—Ai, que diabo de historia! Ai, que diabo de historia!—repetia ás casquinadas o lavrador.—«Pois já que cá vim...», elle como é, ó compadre? «Pois já que cá vim... não te escapas sem os azeites!» Ora aquelle demonio do padre José, que ha-de ser sempre o mesmo homem! O demonio do padre José!

—Vam'lá á desforra, ó snr. compadre!—disse outra vez o barbeiro, porque emfim, sempre gostava de fazer jus ao novo pichel.

—Prompto!—annuiu o lavrador, inda a rir, limpando com as costas das mãos os olhos molhados.—Esta agora, continuou elle sempre aos frouxos, esta agora ha-de ser á de nove.—Ora o demonio do José! Aquillo é o demonio, que não é homem!

Já os rapazes tinham regressado, adeante do Antonio a rir-se...

—Não se envergonham, esses mariolas!—dizia elle para os denunciar. —Nem que trouxessem ainda cueiros, já não digo calçsa rachadas!...

(Continúa).

publicar as condições geraes em que projecta abrir concurso publico para a adjudicação da exploração das aguas minero-medicinaes de Chaves e de Villarelho da Raia, afim de que os municipes possam apresentar qualquer emenda, aditamento ou reclamação, no praso de 3o dias, a contar da data da publicação das mesmas condições.

E' digna de louvor a deliberação tomada pela camara. Por isso a felicitamos.

Igualmente deliberou representar, mais uma vez, ás estancias competentes, pedindo no mais curto praso a solução da sindicancia ha mezes effectuada aos serviços do lyceu d'esta villa afim de pôr termo aos prejudiciaes inconvenientes que resultam d'este estado de indecisão, visto que a camara está pagando integralmente aos dois professores que se acham suspensos do exercicio das suas funcções bem como a outros dois que os estão a substituir interinamente.

—Seguiu para Lisboa, com sua ex.ma esposa, o snr. coronel Cunha Vianna, commandante de cavallaria 6.

—Estiveram aqui, afim de cumprimentar o illustre benemerito d'este concelho, o snr. Candido Sotto Maior, os snrs. dr. Victor Branco, de Montalegre e rev. Pedro Freitas, de Boticas. Além d'estes dois cavalheiros, muitos outros teem vindo apresentar os seus respeitos a s. ex.ª.

—Ausentou-se d'aqui o snr. Antonio Bernardo Gomes, digno capitão da administração militar, que se encontrava n'esta villa a coadjuvar a inspecção ao hospital militar.

—Tambem se ausentaram os snrs. Antonio de Souza Maia e Antonio H. Nogueira, aspirantes a officiaes, que aqui tinham vindo fazer parte do jury nos exames para o posto de primeiro sargento para o ultramar.

—Regressou d'esta villa a Villarinho dos Paranheiros a distincta professora official ex.ma snr.ª D. Anna de Jesus Vieira.

—Com demora d'alguns dias encontram-se n'esta villa os snrs. dr. José Maria Gomes de Moraes Sarmento, meretissimo juiz auxiliar de instrucção criminal de Lisboa, acompanhado de sua ex.ma esposa; general Augusto Eugenio Alves; coroneis Antonio Julio de Sousa Machado e Sebastião Mesquita, este d'infantaria 8; Frederico Igrejas; Antonio Augusto de Sousa Machado, major de cavallaria 7; e dr. João de Barros Rodrigues, medico municipal de Barreiros.

Correspondente.

BOLETIM ELEGANTE

Já regressou á sua casa do Porto, o nosso estimado amigo e illustre collaborador dr. Amilcar de Sousa.

—A bordo do *Rio Negro* que saíu de Leixões, a 23 do corrente, partiu para Manáos o snr. Abilio de Freitas Azevedo, co-proprietario da livraria *Agencia Freitas* da capital amazonense, agente da *Illustração Trasmontana*.

NOTICIARIO

Uma evocação do José do Telhado. —Camillo Castello Branco, nas *Memorias do Carcere* em que ficaram desenhadas as figuras interessantes que o gigante observou na população da Relação do Porto, ao abrir da pagina de José do Telhado, diz que Portugal é um país tão mesquinho que não permitte grandes homens; nem sequer grandes salteadores.

Quando elles vão a medrar e a assumir grandeza, um denunciante, companheiro traidor ou mercenario de officio, arma-lhes a cilada e os cabos de policia manietam a notabilidade.

Foi o que succedeu a José do Telhado, victima da sua ascendencia de salteadores e da politica com que elle generosamente deu cabo da sua casa e que depois o abandonou á sanha dos adversarios a pontos de lhe metterem a faca aos peitos e de o executarem de surprêza, sem a piedade d'uma moratoria.

Já no desperdiçar dos seus cabedaes José do Telhado mostrou a sua grandeza d'alma: sustentando á sua custa os soldados seus camaradas a quem os chefes não pagavam o soldo, e pagando as suas despezas e da sua montada, armando-se á sua custa como os antigos cavalleiros da meia-idade.

Condecorado em plena refréga pelo Sá da Bandeira com a Torre e Espada que o marquez (então visconde) tirou do peito para galardoar José do Telhado que lhe salvou duas vezes, na mesma hora, a vida já fintada pela arma do inimigo, nunca d'esse homem se apagaram os sentimentos de pae e de esposo. Tanto que Camillo depõe que nunca o seu companheiro de carcere se referiu aos «seus meninos» sem que os olhos se lhe vidrassem de lagrimas.

Grande, sempre grande na sua vida de façanhas e de assaltos, José, interpellado por Camillo sobre a veracidade da accusação de ter roubado uns bois, repelliu indignado:

—O' senhor! isso é a ultima das infamias e a calumnia que mais me dóe! Eu roubar uns bois, eu que tanta junta de bois dei aos lavradores pobres dos meus sitios!... José do Telhado não se sujava num roubo d'esses!...

E elle que matára, que amordaçára, que saqueára, quando Camillo lhe communicou os seus bem fundados receios de haver na cadeia um bandido comprado para assassinar o romancista, tranquillisou-o assim:

—Nem falar n'isso é bom! se alguem lhe tocasse, não chegavam tres dias e tres noites para enterrar os mortos!...

De feito, uma noite em que Camillo Castello Branco transpunha um corredor lôbrego que dava accesso ao quarto de malta occupado pelo mestre, e que se lhe atravessou no caminho o tal faccinora, mal Camillo estacára encostado á parêde, deu com o vulto de José do Telhado já por traz do bandido, espiando-lhe os movimentos; o outro presentiu a sombra de José do Telhado, afastou-se e nunca mais José do Telhado e o outro deixaram de vigiar-se durante as horas de silencio, receosos d'um reciproco assalto, passando noites sem pregar ôlho, com os joelhos á bocca, a guardar-se.

Esta figura, que teve os seus lados de bondade intromettidos nas fendas do seu viver de bandoleiro, que esteve a salvo no Brasil e de lá tornou salteado por saudades da mulher e «dos meninos» e que pelo banditismo politico foi atirado para a vida de bandido, onde perdeu tudo menos o amor de sempre-noivo que á companheira amostrou ter á hora de partir na leva de degredados; este já lendario vulto de salteador, a que só a penna de Camillo soube traçar as virtudes, occorreu-nos agora ao ler nas correspondencias dos diarios portuenses esta prisão d'um criminoso que por terras trasmontanas andava a monte havia tempos, apparecendo a espaços nos povoados sem que o terror da sua fama lhe deixasse alguem deitar a mão.

CAPTURA DO ASSASSINO CARLOS TAVEIRA

Agarrado por dois amigos é entregue á policia
O capturado é ferido por um tiro

Foi preso em Villa Real o assassino Carlos Taveira, que ha mais de dois annos andava a monte,—e que assassinou o administrador de Sabrosa snr. Aragão.

Este caso produziu grande emoção em toda aquella parte de Traz-os-Montes que atravessa de Villa Real para o Pinhão.

Carlos Taveira é um homem de trinta annos, na força da vida, alto, dotado d'um caracter indomavel. Filho de boa familia, com bastantes meios, se não era do que se chama a boa sociedade, não era tambem do povo. Vivendo na companhia d'uma velha tia, unica familia que lhe restava, occupava-se da administração dos seus bens, em terras. Pertence á freguezia de Provezende.

O primeiro delicto

Ora, ha cêrca de tres annos, existia uma profunda rivalidade entre as povoações de

duas aldeias visinhas, Provezende e Celeirós. Habitante de Provezende que fosse apanhado em Celeirós, era certo que comia uma sóva a valer, e, por seu turno, habitante de Celeirós que fosse surprehendido em Provezende, tinha com certeza as costas transformadas em bombo de festa.

Por via d'este odio entre as duas risonhas povoações, eram frequentes as desordens, quer em Provezende quer em Celeirós. Mal que em Provezende surgia um de Celeirós, levantava-se um alarido, e o pobre diabo era perseguido como cão damnado. Um dia appareceu em Provezende um rapaz de Celeirós, de nome Amadeu, que era amigo de muitos annos de Carlos Taveira. Segundo o costume, os da terra, desataram á pancada no Amadeu; mas, Carlos Taveira, como amigo, oppôs-se a que se desse a sova. Armou-se, pois, uma desordem tremenda entre o Amadeu, o Taveira d'um lado, e os homens de Provezende, do outro. Houve muita cabeça partida, e Carlos Taveira, que é um admiravel atirador, no accesso da lucta, deu um tiro n'um calcanhar do regedor de Provezende. A bala atravessou-lhe o pé, não lhe ficando, de resto, ferimento muito grave. Mas, estava praticado o seu primeiro crime. D'elle devia vir, para esse homem arrebatado, toda a série das suas desgraças.

Conseguiu defender-se e fugir ás auctoridades, e pôs-se a monte. Andar a monte era cousa relativamente facil nos antigos tempos; hoje, porém, com a organisação militar e com os meios de que as autoridades dispõem, é extremamente difficil. Todavia, Carlos Taveira conseguiu-o durante mais de dois annos.

Passou noites na serra do Amado, viveu ao frio e á chuva, passou inclemencias, tudo para não se entregar ás autoridades. O administrador de Sabrosa, snr. Aragão, que era um distincto funccionario, sabendo que o fugitivo andava numa aldeia proxima, deliberou ir prendel-o sósinho, com o maior arrojo e valor. O Taveira supplicou que não o prendesse, e o snr. Aragão querendo cumprir o seu dever, apontou-lhe a arma para que se entregasse. Num movimento rapido o Taveira tirou-lhe a espingarda da mão, após uma lucta violenta, e desfechou-a no peito do administrador.

Outros crimes

O snr. Aragão cahiu redondo, de bruços, no pó da estrada. Ha ali a superstição de que não póde fugir o assassino, cuja victima cáia de bruços. Por isso, Carlos Taveira ficou preso alguns momentos ao chão, olhando o morto. Mas o tiro ouvira-se. Accudia gente de todos os lados. E, fazendo um esforço supremo, Carlos Taveira larga a fugir, dizendo ao cadaver:

«—Cahiste de bruços para te vingares, mas eu vou fugir!»

E desappareceu durante muitos mezes. Ninguem o tornou a vêr por ali. Organisaram-se batidas como a um lobo: aquellas povoações andavam cheias de soldados que todos os dias corriam as montanhas. Mas elle não apparecia. Mandára vender as suas propriedades e as da tia velha, para poder viver. Já se suppunha que Carlos Taveira se afastára de vez. Alguem chegou a dizer que elle embarcára para o Brasil.

Mas, certo dia, voltou. Taveira nunca se afastára. Com medo, não apparecêra apenas. A sua terra chamava-o, tinha saudades d'ella. Quem primeiro o viu foram umas mulheres que tinham ido á lenha, ao monte. Encontraram-o cheio de fome. E, condoidas d'elle, levaram-lhe de comer. Assim fizeram alguns dias.

Mas o caso soube-se em Provezende. E as autoridades d'ali, organisaram uma batida para o apanhar. Quando elle desceu á povoação, o regedor e mais outros tentaram agarral-o. Houve lucta, corpo a corpo. Mas eram muitos sobre elle; e a certa altura, o Taveira viu-se vencido.

Aproveitando um instante, metteu-se por entre as pernas de um e fugiu com a velocidade de um gamo. Correram sobre elle, indo á frente o regedor; vendo-se apanhado irremediavelmente, voltou-se para traz e queima um tiro sobre este. O regedor rola no chão, todos se acercam d'elle e Carlos Taveira foge.

A bala furára um quadril da autoridade, a qual veio tratar-se ao hospital da Misericordia do Porto.

E de novo Carlos Taveira fugiu para a montanha.

Muitos davam-lhe abrigo com medo. Chegavam-lhe a offerecer de dormir. Mas elle não acceitava senão de comer, pois tinha receio de ser apanhado durante o somno.

Em muitas outras scenas como estas Carlos Taveira foi o protagonista. A ultima foi em uma caçada que ha tempos lhe fizeram algumas autoridades de Villa Real. Combinára-se apanhal-o numa casa onde elle se encontrava. Esta estava já cercada pela policia armada. Mas um incidente deu o alarme a Taveira, que logo fugiu. Vendo um policia a perseguil-o, metteu a arma á cara e desfechou. Deixou-o moribundo.

A sua prisão, segundo nos informam, foi agora feita após uma denuncia. Sabendo-se que elle ia comer a determinada casa, de combinação com o dono d'ella, a policia cercou-a e apanhou-o, depois de lucta violentissima e de Taveira ficar ferido gravemente.

Não sabemos dos antecedentes de Carlos Taveira, nem se elle teve como José do Telhado a sua vida de salteador prefaciada por um passado heroico e affectuoso, de soldado, de português, de marido ou de noivo.

Apenas nos approximou as duas figuras, certas analogias da prisão e a impunidade d'alguns mezes em liberdade, garantida pelo terror das suas façanhas.

A Illustração Trasmontana

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

DIRECTOR — *Joaquim Leitão*

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA **ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA**

ADMINISTRADORES **ANTONIO CORRÊA e ANTONIO TERRIO**

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DOS CLERIGOS, 61-1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º—PORTO

Assignaturas

ANNO OU SERIE DE 12 NUMEROS

Portugal, Ilhas e Colonias (Pagamento annual)	2$500
» » » » (semestral)	1$350
Brazil	4$000
Paizes da União Postal	20 Frs.

Pagamento adeantado.

Annuncios

Pagina	6$000
Meia pagina	3$500
Um quarto de pagina	2$000
Um oitavo de pagina	1$200
Minimo	1$000

Repetições, 20 p. c. de abatimento

Numero avulso, só no Porto e Lisboa, **250** réis.

2.º ANNO—NOVEMBRO, 1909

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
Illustração Trasmontana

ADMINISTRADORES
Antonio Corrêa e Antonio Terrio

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º—PORTO

O TRASMONTANO

SUPPLEMENTO
AO N.º 23 DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

DIRECTOR—JOAQUIM LEITÃO

Composto e impresso na Typ. Occidental, de Pimenta, Lopes & Vianna, R. da Fabrica, 80—Porto

Summario do n.º 23, (11.º do II anno)
DA
Illustração Trasmontana

PAG.
Ermida (Douro) Porta de Traz-os-Montes . 165
O Conde d'Ariães (Legenda inedita), por Daniel Rodrigues (*Continuação*) . . . 166
O Vinho do Porto: sob o ponto de vista da enxertia nas americanas, por Duarte d'Oliveira. 169
Pelourinhos de Murça, por Silva Leal. . . 172
Moncorvo (Subsidios para a sua historia ou notas extrahidas de documentos ineditos, respeitantes a esta importante villa trasmontana). *Continuação*—P.e Francisco Manoel Alves 173
O Varre-Canêlhas—Novella trasmontana. *Continuação*. Joaquim Leitão, cliché de A. Botelho . . . . 177 e 180

BRAGANÇA

Cedemos hoje o logar de honra ao nosso estimavel amigo e competentissimo collaborador ex.mo snr. Silva Leal que, com tanta proficiencia, é hoje em Portugal o unico e amoroso especialista que temos sobre pelourinhos. Silva Leal que já no numero passado da *Illustração Trasmontana* encetou o estudo dos *Pelourinhos em Traz-os-Montes*, dá-nos hoje a honra de nos enviar este bosquejo historico que a abrir o *Trasmontano* publicamos. E tão importante elle é que, se já não houvessemos convidado outro collaborador a occupar-se de Bragança, numa série de artigos, publicariamos este trecho na propria *Illustração*.

Assim fica o *Trasmontano* enriquecido com esta collaboração de Silva Leal que nos veiu suggerir a idea de ir publicando nas paginas do *Trasmontano* resumos da historia das povoações trasmontanas, o que desde já fica annunciado e nos esforçaremos por cumprir.

A cidade de Bragança acha-se situada junto ás margens do pequeno rio Fervença, que lhe banha os muros e vae desaguar no Sabor, afluente do *Douro*.

Divide-se em duas partes: uma chamada a villa e outra a cidade. A villa é a mais antiga, estando n'ella o castello (1) com as suas muralhas arruinadas pela acção do tempo e das quaes uma parte foi demolida pelos hespanhoes em 1762. A cidade fica numa baixa onde está a Sé (2).

A sua historia, como a muitas terras succede, é difficil senão impossivel precisal-a por não haver bases solidas em que o historiador se possa bem firmar. D'ahi, á falta de melhor, os historiadores agarram-se á memoria de Rodrigo IV rei de Hespanha, que viveu pelos annos do mundo 2090 (1906) antes da era christã) dando-o como fundador da antiga Brigantia, que mais tarde daria origem ao nome Brigancia, cujas ruinas, perto da actual cidade já desappareceram devido aos seus despojos terem servido para edificação da historica Bragança. Sendo assim, tem Bragança quatro mil annos de existencia e poucas terras poderão competir com ella em antiguidade.

No tempo dos romanos foi povoação consideravel, pois Julio Cesar a tinha reedificado e a fez municipio do antigo direito latino, tendo o imperador Augusto Cesar seu sobrinho dado-lhe o nome de *Juliobriga* em homenagem ao notavel conquistador.

Quando veio a pertencer aos reis godos de Leão, estes restituiram á cidade o seu antigo nome depois de lhe haverem antes chamado Benquerença.

O facto é que já no tempo dos romanos Branquerença ou Juliobriga era um centro civico importante que continuou na idade média, devido á magnificencia dos seus senhores condes e feudatarios pertencentes ás principaes familias das Hespanhas, que só acceitavam os governos de cidades de importancia.

O primeiro conde de Bragança, assim galardoado por D. Affonso III de Leão, foi o celebre capitão D. Pelayo, apaixonado amante de Florinda, filha do conde D. Julião.

Succedendo as guerras dos christãos contra os mouros, estes tomaram-na muitas vezes, destruindo-a.

No anno de 1030, D. Fernão Mendes, cunhado de D. Affonso Henriques e governador de Traz-os-Montes, encontrando-a quasi despovoada e não gostando do sitio em que fôra edificada, deu começo á construcção de uma povoação, a alguma distancia da primitiva, no actual local.

Chamava-se Benquerença a aldeia que existia no local da moderna cidade de Bragança, e foi Benquerença o primeiro nome da nova villa, á qual depois se deu a denominação da destruida cidade de Bragança.

(1) Attribue-se a sua construcção e da torre de menagem a D. Diniz, porém é incontestavel ter sido reedificada em 1390 em grande parte por D. João I cujas armas se vêem no castello.

(2) Quando aqui não havia bispos era orago S. João Baptista.

nosso amigo e estimado collaborador snr. Ernesto Vianna.

E' encantador este repto de... de dois velhos-novos, sobre o Beijo.

Como a geração d'elles era galanteadora! como ella sabia conversar os assumptos corredios da vida sem lhes desvendar as cruêzas e aljofrando-os sempre da divina pualha da fantasia e de trovadorismo que tudo eleva e dignifica!

Era uma geração de homens bem educados, másculos, de bigodeiras de carabineiros e pulsos cabelludos. E todavia como elles eram tão mais educados do que esses alfenins decadentes que por ahi andam sem bigode, effeminados, com o lenço de assoar mettido no punho da camisa, numa imitação do lenço de Chantilly que as damas escondem no decote!

Aquelles eram por fóra uns caserneiros: e por dentro uns menestreis, uns gladiadores dos tribunaes d'amor, gente que se suicidaria se o champanhe lhes tivesse arrancado uma phrase menos litteraria á *Manon Lescaut* ou á *Dama das Cametias* que fosse.

Estes de agora são de *biscuit* por fóra: e de duas solas por dentro.

Por isso, a admiração, a amisade, o amor, as mulheres são d'aquelles outros, e o proprio beijo foi arrematado por uma emprêsa galanteadora que se compõe de M. Duarte d'Almeida & Ernesto Vianna.

Comtudo uma dissidencia lavra entre os dois arrematantes do Beijo, d'esse

point rose qu'on met sur l'i du verbe aimer,

como lhe chamou Rostand.

M. Duarte d'Almeida é um dyspeptico, tem má bocca: e nem todos os beijos lhe servem.

Ernesto Vianna é um optimista, um accumulador: todos os beijos lhe servem. E' elle quem o diz:

«Eu, confesso, antes queria
Ficar co'a face carmim,
Cheia de pós; preferia
Tal semblante de arlequim,

A tèr de arcar, por meu pejo,
Com pavoroso *complot*
De não obter mais um beijo,
Nem mais um, nem mais um só».

Mas sempre *gentleman*, sempre lembrado do que a si deve, o poeta acode:

«Mas—perdão!—eu peço emenda:
Acaso lá geito tem
Que eu entre assim em contenda
De beijo vae, beijo vem?!

. . . .

Pode a dona dos meus beijos
Melindrar-se, e com razão;
E eu ver malograr desejos
De reconciliação...

Susta, ó penna, o teu ousio,
Não prosigas no estendal!
E, quanto a beijos... nem pio!
Caluda!... Ponto final!»

Tem todo o mimo d'um serão do romantismo, com o torneio de vates entre duas modinhas de cravo e uma renda de minuête!

Pena é que a modestia do snr. Ernesto Vianna não deixe entrar no mercado a sua tão elegante *plaquette* impressa com um preciosismo coherente ao assumpto e á inspiração galanteadora do verso.

O serão morreu com as mães d'essa geração! e hoje o homem português só conhece os torneios de *foot-ball*, que formam bellos musculos mas que nunca habilitarão os rapazes a servir-se d'esses musculos para entrar com graça numa sala.

E é por isto que os livros e as conversas dos velhos teem ainda hoje muito mais encanto e interessam muito mais que todas as festas desportivas d'esta actual geração desbigodada!

Hurrah! pelos velhos que são os ultimos abencerragens da galantaria do seculo XVIII! Hurrah!

—Porque razão os requerentes de empregos publicos, podem ser comparados com as creanças recemnascidas?

—Por serem muito *embalados*.

N.º 9 **FOLHETIM** Nov. 1909

D'Os Meus Amores

Á Lareira

por Trindade Coelho

Fizeram-lhe uma assuada as mulheres:—«se não tinham vergonha n'aquella cara?»—Mas elles, para disfarçar, pediram ás mulheres que lhes contassem uma conta...

—Isso queriam vocês, seus marotos!—disse a fingir-se zangada a tia Maria Lorna.—Não ha cá historias!—E lambicando o fio do linho, do segundo manêlo já d'essa noite, porque era muito desembaraçada a fiar, fechou p'ra lhes metter ferro:—E mais, ainda hontem me lembrou uma que é bem bonita!

—Conte, ó minha madrinha, conte!—rogava o André com muito bons modos.

—O' minha ama...—ia a arriscar tambem o José Redondo.

—Não ha cá historias, já disse!—teimou a velha para os arreliar.—Não está hoje o forno para rosquilhas! E se vos não calaes, olhae que vos mato! Andae lá!

E emquanto o José Lorna e o compadre proseguiam na bisca, mas esta muito mais ralhada do que a anterior, a tia Maria entrou a fallar em coisas de casa a proposito das gallinhas que trazia no chôco, intervindo d'esta vez tambem o Antonio, a quem o jôgo fazia somno. Demais, deante do pae e da mãe, nem que soubesse o Antonio pegaria nas cartas. Mas não sabia. No baralho só conhecia os valetes, de ter jogado com umas raparigas o *mafarrico*, n'uma noite de Natal, fazendo horas p'r'á missa do gallo.

Mas quando os rapazes menos o esperavam, em certa pausa que fez a conversa, a tia Maria começou:

—«Era de uma vez uma rapoza e um lobo...»

Grande attenção por banda dos rapazes, que principiaram logo a esfregar as mãos! A tia Maria continuou, sem tirar os olhos da róca:

—«Foram-se uma noite a um gado, estava o pastor a dormir, e furtaram um carneiro».

—O' minha madrinha, mas os cães?—interrompeu o André, muito interessado.

Ella fez que não ouviu; e sem despegar os olhos do manêlo de estôpa, e sem afrouxar no giro o fuso vivo, continuou:

—«Furtaram um carneiro, e o lobo, por agradecido, disse logo para o repartirem. Mas como era mais manhosa, a rapoza disse-lhe assim:—«Fica isso p'r'amanhã, ó compadre. Hoje tenho de ir a um baptisado, um rapozinho que nasceu p'r'ahi p'ra baixo, e então póde ficar isso p'r'amanhã».—O lobo disse que sim:—«Pois sim, comadre, fica então isso p'r'amanhã».—«Enterra-se o carneiro?» disse-lhe a rapoza. O lobo respondeu que sim, e que se lhe deixa-

D. Maria Alice Pereira Domingos Rufino

Na igreja da pinturesca freguezia de Santa Eulalia de Tenões (Braga) consorciou-se, no dia 23 do passado outubro, o nosso estimado amigo ex.mo snr. Domingos Rufino, com sua gentilissima prima ex.ma snr.a D. Maria Alice Pereira.

A noiva, natural d'Alijó, é uma senhora cuja educação e primores de coração asseguram uma boa esposa. Domingos Rufino é um homem emprehendedor e activo, socio da importante firma paraense A. Mourão & C.a, e que tanto em Alijó, sua terra natal, como no Pará, conta innumeras sympathias e dispõe de todas as qualidades para um exemplar chefe de familia.

O snr. Domingos Rufino, a quem apresentamos os nossos emboras pelo seu consorcio, partiu no vapor de 29, para o Pará, acompanhado de sua ex.ma Esposa, onde o chamam os negocios da sua casa commercial.

Sentimos a ausencia do nosso querido amigo, esperando, porém, que elle se não esqueça lá longe de continuar a prestar á *Illustração Trasmontana* o appoio da sua sympathia valiosa, em que elle vê um symbolo da provincia querida, um mensageiro da pequenina mas bem amada villa de Alijó, a quem Domingos Rufino nada sabe negar.

Porque com effeito o seu amor, o seu interesse, a sua solidariedade pelas coisas de Alijó tem elle patenteado sempre, de uma inequivoca maneira.

Lembra-nos que contribuiu com o importante donativo de cem mil reis, para a mudança da *capella do Senhor do Andor*, e não nos lembra de que jámais o não encontrasse prompto e prestimoso qualquer coisa que seja para engrandecimento da sua terra. E' um trasmontano de gemma com todas as virtudes dos nossos comprovincianos.

Ao snr. Domingos Rufino e a sua ex.ma Esposa uma feliz viagem e um breve regresso.

Geo-hydrologia de Chaves

(CONTINUAÇÃO)

Á simples vista a rocha, de um tom geral cinzento claro, deixa vêr o feldspatho branco, o quartzo e palhetas de mica branca, elementos que se destacam do seio de uma pasta abundante que os cimenta. Nota-se um grande numero de pequenas cavidades, muitas das quaes conteem um deposito ferruginoso de côr amarello-alaranjado. Ao microscopio reconhece-se:

I Zircão, orthoclase, quartzo, mica branca;

II Magma petrosilicioso;

III Quartzo granuloso, chlorite, hematite.

O zircão existe como inclusões na mica branca que apresenta uma aureola dichroica em volta dos pequeninos grãos d'aquelle elemento. O orthoclase, em grandes crystaes, apresenta-se ora limpido, ou sómente com granulações que desenham as linhas de lascado, ora fosco, quando estas granulações se estendem por toda a secção, em parte da qual se observam productos chloriticos de alteração. O feldspatho é destituido de maclas segundo a lei da albite, reconhecendo-se tão sómente a macla de Carlsbad, e as extincções na zona de alongamento, fazem-se sob angulos não excedendo 5°. O quartzo é o elemento mais abundante. As secções d'este mineral com as do feldspatho imprimem á lamina, estando os *nicols* cruzados, uma apparencia brechiforme. Com frequencia se vêem secções de quartzo constituidas por partes de contornos sinuosos differentemente orientadas, como se o grão de quartzo fosse formado por muitos individuos penetrando-se irregularmente. Algumas d'essas grandes secções apresentam trichites visiveis já com um augmento de 80 diametros. Essas trichites destacam-se pela sua côr sombria,

---

va de fóra a ponta do rabo, p'ra saberem onde o tinham enterrado.

—Assim fizeram, e o lobo e a rapoza inda foram juntos o seu bocado, e depois separaram-se.

—Oh! oh!—entraram a rir-se os dois rapazes, prevendo já judiaria grossa...

—O' Anna, deita ahi azeite n'essa candeia, e atiça-a!—recommendou á filha a Maria Lorna.—Esse morrão a espirrar é signal de chuva.

—E depois, ó minha madrinha? Mas depois?

—E depois,—continuou a velha,—a rapoza foi-se ao carneiro onde elle estava, e desenterrou-o e comeu-lhe um bocado, mas deixou-lhe outra vez de fóra a ponta do rabo.

—Ai a matreira!—exclamou o José Redondo, muito interessado.

—No outro dia á noite,—proseguiu a tia Maria,—appareceu o lobo no mesmo sitio, e logo atraz a rapoza:—«Adeus, compadre!» diz a rapoza.—«Adeus, comadre!» disse-lhe o lobo.—«Vamos então a isto?»

—A rapoza fez uma cara de muita pena:—«que tinha de ficar p'r'o outro dia se lhe não custava, porque tinha ainda outro baptisado!»

Agora foi o André que interrompeu, de olhos muito esguichos:

—Ai a desavergonhada!

—Mas o lobo disse-lhe que sim,—continuou a velha.

—Esse diabo então andava farto!—acudiu de lá o José Bernardo.

—Disse-lhe que sim o lobo,—repetiu a Maria Lorna,—e perguntou então á comadre rapoza que nome é que tinha posto ao raposinho.

—«*Começóxe*»—respondeu a rapoza.

Os rapazes riram-se, mas não entenderam. A tia Maria explicou-lhes:

—O' tontos! *Começóxe*, porque a rapoza tinha *começado* a comer o carneiro! Vocês não entendem?!

Entenderam. Foi uma risota!

—Mas depois? Mas depois?

—Mas depois, a rapoza voltou lá, e comeu o carneiro até ao meio!

—Ai, a grande ladra!—disseram arregalando muito os olhos, os dois rapazes.

—Torna o lobo ás horas marcadas,—prosegue a tia Maria,—e já lá estava a rapoza, mas d'esta vez muito mais chorosa que das outras duas!—«Pois que tem, ó comadre?!» perguntou-lhe o lobo sem atinar.—«Que hei-de eu ter, compadre?! Deixe-me aqui! respondeu a rapoza muito consumida. Inda não podemos hoje comer o carneiro!»—«Outro baptisado, aposto?» perguntou o lobo muito fiado.—«Sim; mas este agora de circunstancia!» disse-lhe a rapoza já a chorar.—«Pois não se afflija! tornou-lhe o lobo. E o afilhado d'hoje, que nome lhe pôz?»—«*Meióxe*, respondeu a rapoza».—«Gosto mais!»,—ainda lhe disse o lobo muito satisfeito.

—Era bem bruto esse diabo!—commentou a rir o José Lorna, que acabara de recolher *mão*.—E todos desataram a rir, emquanto a Maria Lorna proseguia, não despegando de dar no fuso!

mas com um augmento mais forte (400 diametros) e fazendo variar a illuminação da lamina, reconhece-se que são dotadas de transparencia, sendo aquella coloração simples effeito da refrangencia forte da substancia de que são formadas as trichites, algumas das quaes são bastante longas para atravessarem inteiramente a secção do quartzo. Este elemento contém ainda grande quantidade de inclusões liquidas, a maior parte acompanhadas de bolha gazosa, encontrando-se, entre as de menores dimensões, muitas dotadas de mobilidade. As maiores das inclusões são visiveis com 80 diametros de augmento; emquanto á sua distribuição estão de preferencia dispostas em fiadas. Além das trichites e das inclusões liquidas parece-me não haver duvida emquanto á existencia de inclusões vitrosas, umas de contorno irregular, emquanto que outras por sua fórma merecem o nome de longulites. Pelo que respeita á pasta, já esta em luz natural se destaca dos elementos primordiaes pelo pigmento que contém e lhe dá um tom geral amarello-avermelhado claro, um pouco variavel de um ponto para outro da lamina. Em luz polarisada, com os *nicols* cruzados, a pasta apresenta pontos illuminados que se deslocam com a rotação da placa, passando a illuminação a outros, dando-se este facto sem que a illuminação geral da pasta seja modificada. Em partes a estructura concrecionada da calcedonia ainda melhor se caracterisa, porquanto, ao movimento giratorio da lamina corresponde o deslocamento ondulante da linha de separação da parte que se extingue e da que se illumina. Em pontos tambem, a tendencia da silica a individualisar-se accentua-se, porque as pequeninas plagas que se extinguem e illuminam successivamente são mais nitidamente observaveis, e finalmente em alguns pontos se reconhece a estructura fibrosa e radiada de modo a constituirem-se espherolithos de cruz negra, embora imperfeitos ou incompletos. O quartzo que denomino granuloso (*quartz grenu*, dos snrs. Fouqué e M. Lévy) (1) e que se admitte como provindo de acções secundarias immediatas, apresenta-se formando nodulos de secção: ou irregular, constituida por partes de orientação optica diversa, produzindo-se a extincção ondeante, ou grosseiramente circular, dividindo se em sectores, a cada um dos quaes corresponde uma extincção differente da dos outros. Este quartzo parece ter-se desenvolvido sobre o quartzo primordial, pois algumas das secções d'este se apresentam como orladas por aquelle. A chlorite, de origem secundaria, é de côr verde-espargo claro e apresenta polychroismo sensivel comquanto fraco; a sua estructura é fibrosa em pontos e a polarisação faz-se com côres vivas. A natureza petro-siliciosa da rocha conjunctamente com os outros caracteres que ficam mencionados não deixam duvida, me parece, emquanto á denominação que lhe attribui e pela estructura da sua pasta deve reconhecer-se-lhe grande analogia com o *Porphyro agatoide* de *Fréjus*, estudado pelo snr. Michel Lévy (2). Não ha ainda muito que os porphyros petrosiliciosos eram considerados, pelos geologos francezes e pelos que seguem a sua escola, como o typo bem caracterisado de uma rocha de determinada idade, fixando-se o seu apparecimento durante a ultima parte do periodo carbonifero e no decurso do permeano, como de resto está verificado que assim é em certas regiões.

Não havendo excepção a esta regra, a presença de uma tal rocha, na região de que me occupo, viria fixar plausivelmente um limite superior e relativamente recente aliás não denunciado por outro qualquer facto, da idade em que a mesma região era ainda o theatro d'essas manifestações de ordem interna do globo.

Actualmente, porém, ha excepções averiguadas áquella regra, tanto na Europa como no territorio norte-americano: na Europa as *rhyolites antigas* ou porphyros petrosiliciosos (*old rhyolites*, dos geologos inglezes) encontrados no cabriano, emquanto no *Lago Superior* está reconhecida a existencia dos mesmos porphyros de idade pre-cambriana (1).

Esta multiplicidade de manifestação de uma mesma rocha em idades geologicas tão differentes devia lançar uma certa perturbação nas ideias admittidas anteriormente, e, se pelo principio da *recorrencia* da crystallinidade se pretendesse explicar essas manifestações, importava isso para aquelle principio uma tal elasticidade que, sem deixar de estar de accordo com todos os casos, equivaleria elle a acceitar por um jogo de palavras a opinião da escola contraria. Assim diz o professor de geologia da escola de minas de París, o snr. Marcel Bertrand (2); mas, este distincto sabio resgata para a escola scientifica de que é um dos mais brilhantes representantes a veracidade do principio da recorrencia, sujeitando-o ao criterio da distribuição geographica das rochas. Nas memorias citadas, que abrem o espirito a novos e vastos horisontes e são de molde a revolucionarem concepções anteriores, define o snr. Bertrand a existencia de quatro grandes zonas ou cadeias, constituidas pelas plicaturas de

(1) *Minéralogie micrographique*, pagina 196.
(2) *Annales des mines*, 7e Sie, tomo VIII, pag. 364.

(1) *Ap.* Marcel Bertrand; *Sur la distribution géographique des roches éruptives en Europe, Bull. soc. géol. de Fr.*, 3e Sie, tomo XVI, pag. 573 e seguintes.
(2) *Ibid.* e: *La chaîne des Alpes, et la formation du continent européen, Bull. soc. géol. de Fr.*, 3e Sie, tomo XV, pag. 432 e seguintes.

—Vae essa tarde a rapoza, e come do carneiro o que faltava...

—Menos as pontas, ó comadre! Essas achei-as eu!—disse n'um aparte o José Bernardo.

—... Menos o rabo—continuou a rir a tia Maria—porque esse tornou outra vez a deixal-o de fóra, que era para se saber onde ficava a cova. Chega o lobo na terceira noite, e perguntou á rapoza: «E hoje, ó comadre?»—«Hoje é que sim!» disse-lhe a rapoza muito lampeira.—«Valha-nos Deus, que não ha amanhã outro baptisado!» tornou-lhe o lobo, já a delamber-se. «E o raposinho d'hoje, como é que se chama?» quiz elle saber.

—«*Acabóxe*», respondeu a raposa.—«Mas vamos então a isto?»—disse o lobo.—«Vam'lá!»—respondeu a comadre. «Puxe lá p'lo rabo, o snr. compadre!»—«Não! Ha-de ser a minha comadre!»—offereceu o lobo.—E ceremonia d'aqui, ceremonia p'r'alli... continuou a tia Maria.

—Ceremonia p'r'a direita, ceremonia p'r'a esquerda... repetiu o José Bernardo.—Jogue, compadre! que este tam'em *acabóxe*, com'a conta de outro!

—Mais um cumprimento d'aqui, mais um cumprimento d'alli,—continuou a velha,—sempre foi o lobo, que está de ver que tinha mais fome, quem se resolveu a puxar p'lo rabo. Esgueirou-se logo a raposa, aos pulinhos, e foi-se a pôr em cima d'uma fraga, por traz d'um sobreiro, e o bruto do lobo nem sequer deu fé.

—E depois? E depois?—perguntaram muito vivos os dois rapazes.

—E depois... E depois... morreram-se as vaccas e ficaram os bois!—disse o José Bernardo, que pregára no José Lorna outro *capote*.

—Depois,—rematou a velha—como o lobo puxou com gana, deu p'ra traz uma grande queda, e ficou-lhe na bocca só o rabo; e a raposa, lá cima, tudo era rir como uma perdida, e afinal botou a fugir!

Foi uma galhofa para os rapazes!

—Ai a matreira! Ai a matreira!—diziam elles a sapatear.

—Prompto, seu compadre, como a historia da minha comadre! Mas aqui foi vossemecê que fez de lobo, não é por o offender!—disse o barbeiro que tornára a ganhar.—Vamos á pinga! Vamos á pinga!—dizia elle esfregando as mãos—que esta bem ganha foi!

—Com muita sucia de trampolinice!—tornou-lhe o José Lorna.—Mas eu cá me hei-de vingar quando lhe medir a avença, deixe você estar!

Riram. E para que a conversa não esmorecesse, logo que empinou a primeira caneca diz o barbeiro para os rapazes:

—Queremos saber agora, quantos pães é que fartam a barriga depois da barriga cheia?

Os rapazes não sabiam...

(Continúa).

periodos respectivamente diversos da idade do globo e demonstra que todas as erupções do mesmo periodo se grupam em torno da cadeia correspondente. Estas zonas, constituindo divisões naturaes para a historia do globo, são, no hemispherio boreal, na ordem da sua antiguidade decrescente e a partir do norte para o sul: a cadeia *huroniana*, a cadeia *caledonian*, a cadeia *hercyniana*, e a cadeia *alpina*. Segundo esta maneira de vêr, a maior parte de Portugal e quasi toda a Hespanha representam um extenso fragmento (um *Horst*, na expressão do geologo austriaco Suess) da cadeia hercyniana e, por pouco que se conheça a estructura geral do nosso país, não se póde deixar de ficar profundamente impressionado com a harmonia que se dá na ordenação geral dos phenomenos orographicos do nosso territorio com os delineamentos de tão levantada theoria, cuja exposição não cabe n'este trabalho. As erupções, que, para cada periodo, obedecem a uma attenuação da crystallinidade, teem como limite superior de idade na cadeia hercyniana o trias, sendo o limite inferior menos facil de fixar-se. Ter-se-hia, pois, por ahi, mais uma probalidade para attribuição ao periodo permo-carbonifero da emissão do nosso porphyro petrosilicioso; mas, não se achando os estudos dos nossos terrenos antigos sufficientemente adiantados para se poder negar a existencia de um retalho de uma cadeia mais antiga, e não possuindo pessoalmente elementos para corroborar a applicação da theoria á região norte do nosso país, tão local e restricto foi o campo em que assentei a minha observação, a presumpção mencionada é tão sómente plausivel; mas, a importancia da questão não deixa por isso de destacar-se e a consideração que merece o snr. Marcel Bertrand está de tal modo consagrada, que não se tomarão como extemporaneas as palavras que ahi ficam registadas com o respeito que a este illustre professor consagra quem teve a boa fortuna de o ter por mestre. Comprehende-se tambem o interesse da rocha de que acima tratei, a primeira d'este typo descripta de Portugal.

(Segue).

J. M. do Rego Lima.

Necrologia

Dr. Candido Augusto d'Oliveira

A galeria trasmontana acaba de perder mais um dos seus muito illustres nomes — o dr. Candido Augusto d'Oliveira, meretissimo juiz da Relação do Porto, que no passado dia 20 de novembro falleceu no pavilhão *D. Manuel II* do Hospital da Misericordia do Porto, para onde fôra conduzido após um lamentavel accidente de que ninguem póde ser accusado como culpado.

Um automovel do conhecido capitalista portuense snr. Moreira, voltava do largo dos Loyos para os Clerigos: o dr. Candido d'Oliveira quiz desviar-se, atrapalhou-se, e cahiu tão desastradamente que fracturou a lamina vitrea. O automovel não o atropellou, e apenas lhe tocou com o guarda-lamas e isto mais por culpa da victima que do *chauffeur*.

E tanto que o snr. dr. Candido d'Oliveira assim que pôde falar recommendou que pozessem o *chauffeur* em liberdade reconhecendo assim a inculpabilidade d'elle. O *chauffeur* só no dia 23 foi posto em liberdade, mediante fiança de 100$000 reis cuja pequena importancia já declára a pouca ou nenhuma responsabilidade de que é arguido.

O illustre magistrado, que gosava da mais invejavel reputação e era muito estimado pelas suas superiores qualidades, passadas algumas horas depois da sua entrada naquelle estabelecimento hospitalar, manteve-se em estado animador, conversando com relativo socego até ás 2 horas da madrugada. Havia desapparecido a hypothese de qualquer lesão craneana interna, de cuja existencia a principio se presumira.

Porém, após aquella hora, o doente principiou a sentir-se peor, accentuando-se o aggravamento ás 9 horas da manhã. Em vista d'isso, foi convocada uma conferencia medica composta dos snrs. drs. Tito Fontes, Alberto Ribeiro, Moraes Caldas e Souza Oliveira. Descobriram a existencia d'um derrame cerebral que foi augmentando progressivamente de fórma a provocar compressões no cerebro que, apesar da extracção feita de abundante porção de liquido cephalo-rachidiano, determinou a morte. O liquido extrahido, pronunciadamente sanguinolento, mostrava copioso derrame.

O illustre extincto tinha 62 annos d'edade e era natural de Santa Comba de Villariça (Traz-os-Montes). A sua vida de magistrado começou-a como delegado do Ministerio Publico em Santo Thyrso, estando depois n'outras comarcas do país, entre as quaes a do Porto. Foi juiz em Caminha, Louzada, Alijó, e Penafiel d'onde veio para o Porto, sendo d'uma das varas civeis da nossa comarca que elle foi promovido no anno findo para a Relação dos Açores. Ha cêrca d'um mez veio d'ali transferido para a Relação do Porto.

Foi o primeiro juiz que funccionou na 4.ª vara d'esta cidade, pois foi elle quem a installou em 18 de janeiro de 1900.

Além de varias commissões de serviço publico o dr. Candido de Oliveira, logo em seguida á sua posse como juiz da 4.ª vara, foi nomeado pelo Conselho Disciplinar da Magistratura Judicial para proceder a uma syndicancia aos actos do então juiz de direito de Ponte da Barca, diligencia a que procedeu de 1 a 20 de março d'aquelle anno, tendo como secretario o snr. Almeida Dias, escrivão da sua vara.

O distincto magistrado era casado com a snr.ª D. Adelina Gomes dos Santos Oliveira, irmã do commerciante snr. Julio Gomes dos Santos e parenta do snr. Antonio Gomes dos Santos, consul de Nicaragua.

O snr. dr. Candido Oliveira era tio dos snrs. drs. Alvaro Gomes Ferreira Pimenta, Adriano Gomes Ferreira Pimenta e Manuel Gomes dos Santos, que tambem tomaram parte na conferencia medica, e parente do digno par snr. Antonio Caetano d'Oliveira.

Assistiram aos ultimos momentos do finado sua esposa e seus sobrinhos.

O cadaver foi levado do pavilhão para a capella do Hospital, sendo resados os responsos na egreja do Carmo.

Mal foi conhecida a morte do integerrimo magistrado, muitos cavalheiros da maior distincção foram ao hospital e á casa da rua da Boavista, 245, apresentar cumprimentos de pezames.

A' illustre familia enlutada as nossas condolencias.

A Imprensa

E A

«ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA»

«Illustração Trasmontana» — Recebemos o n.º 20 d'esta importante publicação, que não desmerece em nada dos anteriores numeros.

Illustram o presente numero photo-gravuras de varios pontos das thermas trasmontanas taes como Carlão, Chaves, Vidago, e Pedras Salgadas.

São todas d'uma nitidez irreprehensivel.

(De O *Villarealense* de 28 out. 909).

*

«Illustração Trasmontana». — Recebemos os n.os 17, 18, 19 e 20, correspondentes aos mezes de maio, junho, julho e agosto do anno presente, da esplendida revista regional, a *Illustração Trasmontana*.

Tinhamos deveras estranhado e oxclusão d'este hebdomadario, na honrosa galeria dos jornaes que se desvanecem com a leitura mensal da, cada vez mais, interessante publicação trasmontana.

Suppostas e talvez fundadas intercepções postaes originaram tão insolita demora.

Na antiga e habitual secção de *O Douro*, intitulada — *Os meus argumentos*, — foi, ha poucos dias ainda, feita uma referencia á curiosa revista citada.

No mesmo logar e na mesma secção, serão dadas as precisas explicações á interrupção prolongada que motivou as insurgentes mas inofensivas referencias citadas.

Quanto ao valor intrinseco, litterario e artistico, dos quatro numeros que nos foram remettidos e que penhorantemente agradecemos, pesa-nos não dispor hoje de espaço para lhes fazermos as devidas e elogiosas considerações que merecem, sem favor algum.

Ficarão para o numero immediato de *O Douro*, visto que a recepção dos magnifi-

cos numeros recentemente distribuidos da *Illustração Trasmontana*, chegaram-nos ás mãos, a deshoras de nos podermos detidamente referir ao seu texto, no jornal de hoje.

A illustrada Empreza que nos releve a falta, e a reincidencia, não deixando nós, entretanto, de recommendar desde já, como sempre, a todo o bom leitor trasmontano que ame este bello e alcandorado país, a acquisição preciosa de tão util quanto instructiva revista regional.

(De *O Douro*, de 3 de nov. 909)

A "Illustração Trasmontana,, em Alijó

Novembro, 1909.

A assistir ao casamento de seu filho, o nosso querido amigo Manuel Terrio, socio da importante casa de fazendas Terrio & Irmão, d'essa cidade, partiu para ahi o abastado proprietario de Alijó e nosso respeitavel amigo snr. Angelo Terrio, acompanhado de sua extremosa esposa D. Maria Cachaldora Terrio.

A ceremonia celebrou-se no dia 18 de novembro, na parochial igreja do Bomfim, d'essa cidade, sendo padrinhos do noivo seus paes; á noiva, a ex.ma snr.a D. Maria Flavia dos Santos Pereira, paranympharam seu tio o snr. Illysio Pereira do Valle, e sua irmã D. Laurentina Guimarães.

Após o religioso acto, que teve um caracter intimo, assistindo apenas as pessoas mais proximas das familias dos noivos, foi servido em casa da irmã da noiva a snr.a D. Laurentina Guimarães um delicado copo d'agua.

O caracter e altas qualidades de Manuel Terrio, um homem trabalhador e activissimo, e os dotes primorosos da noiva promettem aos dois conjuges uma perenne felicidade por que fazemos votos.

A Manuel Terrio, a seu querido Pae, e ao nosso particular amigo, irmão e socio do noivo, o snr. Antonio Terrio, muitos e muitos parabens.

—Está em Cheires não sabemos se com demora, o nosso estimado amigo e illustre collaborador da *Illustração Trasmontana*, snr. dr. Amilcar de Souza.

—Acompanhado de sua ex.ma esposa, regressou á sua casa de Favaios o nosso muito presado amigo snr. José Climaco da Veiga que fôra ao Porto visitar o seu parente e amigo dr. Joaquim Arantes Pereira, illustre bacteriologista e director do *Instituto Pasteur*, do Porto, que tem estado bastante doente, apresentando porém felizmente symptomas de completo restabelecimento.

—Para o Pará partiram os nossos amigos e assignantes snr. João Antonio da Rocha, da visinha freguezia de Cheires, e o snr. João Pinto da Silva, chefe da firma paraense P. da Silva & C.a.

Foram ao Porto tomar o *rapido* para Lisboa onde embarcaram no paquete allemão «Rhaetia», tendo na gare de S. Bento uma affectuosa e concorrida despedida composta de amigos e collegas dos estimados viajante.

Que regressem breve ao seio das suas saudosissimas familias e ao convivio dos seus muitos amigos, são os nossos melhores e mais sinceros votos.

—O nosso amigo José dos Santos Mello, da freguezia de Santa Eugenia, e digno recebedor em Boticas, partiu para o Porto com pouca demora no dia 29 do corrente.

—Seguiu para essa cidade o considerado proprietario em Cheires e nosso presado amigo snr. Anthero de Souza, irmão do illustre collaborador da *Illustração Trasmontana* snr. dr. Amilcar de Souza. O snr. Anthero de Souza conta demorar-se pouco no Porto.

—Do Porto, onde foi passar alguns dias, regressou o ex.mo snr. dr. Antonio Candido Barbosa de Abreu e Lima, nosso presado assignante.

—Acompanhado de sua ex.ma esposa regressou a Villa Real o nosso presadissimo amigo snr. Julio Girão, muito digno inspector dos impostos.

—Já regressaram do Porto os snrs. dr. João Baptista da Silva, digno delegado n'esta comarca; dr. Lourenço de Mattos Cordeiro, notario, e Francisco Julio d'Araujo Mansilha, escrivão de direito e administrador do nosso presadissimo collega o *Echo do Douro*.

—Esteve aqui com pouca demora, o nosso bom amigo snr. Antonio Manuel de Carvalho, zeloso representante da acreditada e importante casa Almeida Martins & C.a, de Braga.

—Revivesceu a ideia de se levantar nesta villa um monumento ao Bispo de Vizeu, uma das mais puras figuras do Constitucionalismo, D. Antonio Alves Martins, que das humildes terras da Granja (de Alijó) nasceu para as culminancias da igreja e do poder temporal

Do *Echo do Douro* que em artigo assignado pelo nosso collaborador snr. Torquato Magalhães, divulga as facilidades que agora se apresentam para a realisação d'essa homenagem:

«Por um acaso bem feliz para nós, a estatua em bronze que estava destinada ao pedestal que se levantou em Vizeu, no largo onde o então guerrilheiro devia ser espigardeado como execução de uma sentença,— essa estatua está ao dispôr de Alijó, no atelier do genial artista Teixeira Lopes.

O seu autôr, oriundo d'uma dynastia de artistas do nosso concelho, e que ao mesmo tempo é admirador d'esse vulto que elle esculpiu em bronze,—quer tambem concorrer para essa homenagem a prestar, cedendo essa obra prima de alto valor, apenas pelo custo do bronze empregado.

Para esses monumentos intentados em meios pequenos o grande obstaculo é, quasi sempre, o seu custo; mas com a gentileza de Teixeira Lopes esse obstaculo reduziu-se à proporções exiguas facilmente venciveis até por um pequeno numero de subscriptores. Em nosso entender, porém, essa subscripção deverá estender-se ao maior numero, para que todos se honrem com o seu concurso para o pagamento de um dever civico por parte do concelho d'Alijó. E sendo assim, deverá, a par de outras classes, figurar o professor primario com a sua pequenina lista colhida entre as creanças da sua aula; deverá figurar o parocho de cada freguezia com a sua colheita entre o pequeno e grande lavrador e o simples operario rural. D'esta fórma popular ao colher-se o obulo para o monumento, radicar-se-hia no espirito de cada um—como fórma educadora de civismo—o respeito que se deve ter pelos homens que honram no mais alto gráu a sua patria.

E quando esse monumento se erga do sólo (porque se erguerá) e algum dos subscriptores de agora passe pelá sua frente, elle poderá dizer com orgulho:—Eu concorri nas minhas forças para que com este monumento se prestasse uma justa homenagem a esse homem são, forte, honrado e bom, d'este concelho, e que tão alevantado culto teve pela Patria, pela Justiça e pela Liberdade!

Porque a honra d'essa realisação não deverá pertencer exclusivamente a esta ou áquella pessoa por ser de todo o concelho que, n'essa manifestação affectuosa ao Bispo, exteriorisa a sua alma n'um acto de caracter collectivo».

Consta que o snr. dr. Manuel de Castro, fará em breve a reunião de uma commissão central n'esta villa para dar principio á organisação de todos os serviços tendentes a realisar esse obra.

Oxalá que tão justo movimento de gratidão vá por deante, porque assim radicariamos á nossa crucificada terra duas glorias: a de vermos o perfil do Bispo de Vizeu a inspirar-nos a austeridade da sua figura, e a de termos entre estes torrões uma obra do nosso illustre conterraneo o consagrado esculptor Teixeira Lopes.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Sabrosa

Novembro, 4.

Duas bondadosas e virtuosas senhoras, vimos de perder: D. Anna Botelho Pimentel Sarmento e D. Maria de Jesus Vieira de Souza, ambas da freguezia de Celleirós, d'este concelho, a primeira, pertencente á illustre familia Botelho, de Celleirós e Villa Real, era, por isso, aparentada com as mais fidalgas e notaveis familias do país. Contava já a avançada e extraordinaria idade de 102 annos, succumbindo repentinamente a uma syncope cardiaca, para a qual já ha annos a predispunha a esclerose propria da velhice.

Conservou sempre a maior lucidez de espirito e esclarecido criterio, conversando com affabilidade e rememorando, com toda a clareza de datas e nomes, muitos episodios das campanhas da liberdade e da revolução da Maria da Fonte.

Dotada de excelsas qualidades de caracter e de coração e caridosa em extremo, deixou muitas saudades a toda a gente.

A' nobre familia enlutada, e especialmente ao nosso prezado amigo e distincto cavalheiro snr. José Augusto Botelho Pimentel Sarmento, sobrinho da extincta, os nossos pezames.

A outra extincta, a snr.a D. Maria Vieira de Souza, era viuva de José Silverio Vieira de Souza, grande viticultor e illustre cavalheiro, fallecido ha annos, e mãe dos snrs. drs. Antonio Eduardo Vieira de Souza, abalisado clinico; José Ermelindo Vieira de Souza, notavel engenheiro, chefe dos serviços hydraulicos, e da snr.a D. Maria Vieira de Souza, com quem vivia, e que a cercaram de desvellos e carinhos toda a vida.

Succumbiu a uma pneumonia, que não pôde ser dominada pelos cuidados e sciencia de seu filho e do abalisado medico municipal snr. dr. José Silvino da Silva, concorrendo para o fatal desenlace a já provecta idade de 80 annos que a saudosa morta contava.

Exercia com devoção a virtude da caridade, sempre com tanto recato e modestia, que mais aprimoravam essa virtude e a fizeram chorar dos povos d'esta região.

A seus filhos e nossos bons amigos sentidas condolencias.

—Foram auctorisados a exercer o logar de solicitadores d'este julgado municipal os snrs. Alvaro Teixeira Gomes e Francisco Teixeira Gomes, nossos amigos.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, na Regoa

Novembro, 1909.

No dia 15 do corrente estiveram aqui afim de vêr a quinta da Vaccaria, onde o governo pretende installar um posto agricola experimental, o illustre ministro das obras publicas e o distincto engenheiro snr. Souza Pinto. Acompanhou-os o governador civil do Porto.

—A camara municipal d'este concelho, representou ao governo pedindo que, como é justo, seja extensiva ás freguezias da região dos vinhos de pasto do Douro, a isempção de relaxe das contribuições da zona dos afamados vinhos licorosos, visto aquellas freguezias estarem em identica situação de crise.

—A distincta professora de Godim, ex.ma snr.a D. Josefina Amelia Martins, acaba de ser promovida a 1.a classe.

—No principio d'este mez casou em Espinho com uma formosa menina de Anta, o nosso presado conterraneo snr. Antonio Claudino de Moraes.

—Tambem se effectuou, n'esta villa, o casamento da snr.a D. Maria da Soledade Borges Aragão com o snr. Alexandre Aragão, estimado commerciante. Foram padrinhos o snr. José Affonso d'Oliveira Soeiro e sua ex.ma esposa.

—Muitos industriaes e empregados do commercio d'aqui reclamaram perante o administrador d'este concelho, contra o abuso da falta de observancia da lei do descanço semanal.

—Falleceu aqui o bemquisto filho d'esta terra e honrado commerciante, snr. Candido da Fonseca Oliveira.

—Na sua casa de Godim, tambem falleceu o snr. Antonio Joaquim Cardoso, considerado proprietario.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Ribeira de Pena

Novembro, 1909

Seguiu para a capital, aonde vae conferenciar com o snr. ministro da marinha, o snr. Antonio Armindo de Andrade, abalisado engenheiro civil e director do caminho de ferro de Malange.

Sobre este caminho de ferro acaba sua ex.a de publicar uma bem eloborada monographia, nitidamente impressa em papel *couché* e illustrada com diversos mappas e magnificas gravuras elucidativas do texto, onde se revela bem o aturado esforço e a intelligente direcção que o snr. Antonio Armindo de Andrade tem dispensado á importante via ferrea, cuja conclusão será o unico meio de podermos fomentar a riqueza da provincia de Angola e effectuar definitivamente a posse effectiva do districto da Lunda.

A testemunhar a competencia e o zêlo do intelligente funccionario ultramarino, estão as differentes portarias dimanadas do ministerio da marinha e a medalha de oiro com que sua ex.a foi ultimamente agraciado.

—Encontra-se gravemente doente o snr. Francisco Pereira de Abreu, aspirante da repartição de fazenda d'este concelho.

Que se restabeleça breve, são os nossos desejos.

—Está quasi terminada a colheita do milho, que este anno é muito abundante.

—Baptisou-se ha dias na egreja matriz d'esta villa um filhinho do snr. Antonio José Leite, importante capitalista d'este concelho, recebendo a creança o nome de José.

Paranympharam a ex.ma snr.a D. Maria da Piedade Leite e o snr. Silvino do Souto Leite, avó e tio do neophyto.

—Já se encontra no logar da Reboriça o snr. Francisco Penna.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Villa Real

Novembro, 1909.

O snr. dr. Augusto Guilherme Botelho de Souza, distinctissimo advogado n'esta villa e nosso querido conterraneo, regressou do Porto onde foi tratar de assumptos da advocacia.

—O Club Trasmontano de Lisboa acaba de enviar mais 1:500$000 réis para esta villa, afim de serem distribuidos por estabelecimentos de caridade e saneamento da fonte publica de S. Cibrão.

Actos d'estes são dignos de registar-se.

—Regressou do Porto o snr. Alberto Cabral, agente do Banco de Portugal n'esta villa.

—Tambem regressou d'aquella cidade o digno director do Banco de Villa Real.

—Igualmente d'alli regressou a esta villa o estimado facultativo snr. dr. José Leite.

—Apresentou-se no regimento de infantaria 13 o tenente-coronel snr. Macedo Pinto.

—A camara deliberou transferir para a Caixa Geral dos Depositos 10 p. c. do preço da adjudicação das contribuições indirectas, ultimamente feita por 16:500$500 réis.

—Vae ser collocado no districto de recrutamento e reserva n.º 7, o capitão de infantaria 13, snr. Sousa Dias.

—Depois d'uma curta auzencia já se encontram de novo n'esta villa o snr. Julio Monteiro Girão e sua digna esposa snr.a D. Margarida Botelho Girão.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Villa Flôr

Novembro, 1909.

—Realisou-se ha dias o consorcio do snr. Carlos Alfredo Pinto de Lemos com a ex.ma snr.a D. Thereza Lisboa Barradas, e seguiram em direcção a Lisboa para embarcar no paquete de 22 do corrente em direcção a Loanda, onde o recemcasado é funccionario distincto na repartição provincial de fazenda.

Paranympharam os noivos as ex.mas snr.as D. Lusitana Perdigão de Aragão, D. Maria Palmyra de Vasconcellos Pinto de Lemos, e os snrs. dr. Alexandre Alvares de Aragão, meretissimo juiz de direito, e Antonio de Lemos, todos parentes proximos dos nubentes, a quem desejamos affectuosamente as maiores felicidades.

—Este anno, como o passado, terá esta região grande abundancia de centeio, a avaliar pelo promettedor aspecto das veigas.

Correspondente.

—Porque é que o frade se devia constipar muito?

– Por estar sempre no convento *(Nu com vento).*

NOTICIARIO

A Vinha do Senhor.—O nosso estimado collega o *Echo do Douro* transcreveu, em artigo de honra, no seu n.º de 14 de novembro, a formosa pagina que o nosso querido collaborador e amigo muito de nós presado Dr. Amilcar de Souza, sob o lindo titulo *A Vinha do Senhor* publicou no numero de setembro da *Illustração Trasmontana.*

Muito desvanecidos pela honra, aliás tão justa, agradecemos no collega alijoense as palavras com que accusou a transcripção e damos os parabens ao Dr. Amilcar de Souza por mais esta prova de apreço que Traz-os-Montes patenteia pelos seus merecimentos.

ANNUNCIO

CAFÉ

E

GRANDE HOTEL "TOCAIO,,

VILLA REAL

Edificio construido para hotel. Serviço de primeira ordem. Cosinha regional. Aceio em todas as suas dependencias. Preços modicos. Proprietario—*Adriano Rocha.*

2.º ANNO—DEZEMBRO, 1909

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA
Illustração Trasmontana

ADMINISTRADORES
Antonio Corrêa e Antonio Terrio

ESCRIPTORIOS DA REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DOS CLERIGOS, 61, 1.º e RUA DE TRAZ, 64-1.º—PORTO

O TRASMONTANO

SUPPLEMENTO
AO N.º 24 DA
ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA

DIRECTOR—JOAQUIM LEITÃO

Composto e impresso na Typ. Occidental, de Pimenta, Lopes & Vianna, R. da Fabrica, 80—Porto

Summario do n.º 24, (12.º do II anno)

DA

Illustração Trasmontana"

PAG.

Margens do rio Douro 181
Bio-Bibliographia Trasmontana, pelo padre Francisco Manoel Alves 182
Telheira de Parada de Cunhos, por Luiz Esteves d'Aguiar 185
O Conde d'Ariães (Legenda inedita), por Daniel Rodrigues (*Conclusão*) 186
O Varre-Canêlhas—Novella trasmontana. *Continuação.* Joaquim Leitão . 193 e 196

*

Errata—Por lapso da revisão não sahiu em alguns exemplares a legenda da nossa ampliação—*Ermida (Douro) Porta de Traz-os-Montes.*

Donatarios de Villa Real

Villa Real deveu o seu primeiro foral ao Bolonhês (1272); D. Dinis ampliou-o (1289-1293) e D. Manuel reformou-o (1515).

Parece que D. Dinis concedêra á villa o privilegio de ser sempre da corôa, mas o certo é que a doou a Santa Izabel, e na extincta «Casa das Rainhas» se conservou até Leonor Telles, que a deu a João Rodrigues Portocarreiro.

João Portocarreiro, Senhor de Villa Real, e Anciães, deixou uma unica filha D. Maior de Villa Lobos Portocarreiro, casada com D. João Affonso Telles de Menezes, 1.º Conde de Vianna.

D'esse casamento foi primogenito, D. Pedro de Menezes, 2.º Conde de Vianna, 7.º Donatario de Villa Real, Almirante de Portugal pelo seu casamento com a herdeira dos Pessânhas (D. Genébra Pereira).

D. Pedro de Menezes estava em Ceuta, a cuja conquista assistiu e escusando-se a maioria dos cavalleiros de D. João I, a aceitar a capitania (governo) da praça, prevendo-se que logo depois da retirada da armada, o imperador de Marrocos a retomaria, com temerario arrojo se offereceu para ficar em Ceuta, mantendo a occupação.

O offerecimento do Senhor de Villa Real chegou até nós traduzido n'uma lenda, reflexo da tempera rija dos portuguêses antigos.

D. Pedro de Menezes com outros filhos de algo, da hoste de D. João I, jogava, no terreiro da Alcáçova de Ceuta, a *chóca*.

O jogo, singéllo, mas de fôrça e destrêsa, consistia em procurar de longe fazer entrar numa cóva uma pélla; ós jogadôres (4) muniam-se de pequenos bastões (allêos); 3 defendiam a cóva, o quarto arremessava a péllа com o allêo.

O rei presenciáva a partida, e, no grupo que o cercáva, discutia-se, uma vês mais, a escôlha do capitão de Ceuta.

D. Pedro de Menezes não lhe soffreu o animo uma tal manifestação de temôr, dos que tinham levado de assalto, dias antes e com o maior arrojo, o castello de Çala-bem-Çala.

Com o allêo em punho e de joelho em terra, bradou para D. João I:

—«Serei eu o capitão de Ceuta e basta-me este allêo, para com a ajuda de Deus, a defender e manter por vós».

D. Pedro de Menezes, 2.º conde de Vianna, 7.º Donatario e 1.º conde de Villa Real, almirante-mór do reino, 1.º capitão donatario de Ceuta, no al-gharb d'alem mar, governou a praça durante vinte e dois annos de luctas continuadas, heroicamente vencidas em plena confirmação das suas audazes palavras.

Para divisa do seu brazão, tomou uma espada e uma corôa de louro, orlando a letra ou «emprêsa» o *alléo.*

*

Na descendencia do nobre 1.º capitão de Ceuta, se conservou até 1641 o senhorio de Ceuta e o cargo de capitão fronteiro d'ella.

D. Luiz de Menezes, 7.º marquês de Villa Real, 6.º conde de Alcoutim, Senhor de Almeida, conde de Valença, neto materno do duque D. Theodosio de Bragança, casou na casa dos Menezes de Tarouca, uns parentes remotos.

Este e seu filho primogenito, D. Miguel de Norônha e Menezes, 2.º Duque de Caminha em 1641, herdeiro da casa de Villa-Real, foram degolados no rocio de Lisboa em 29 de agosto de 1641, por crime de alta traição contra D. João IV.

Os bens foram confiscados e constituiram a «casa do infantado» extincta por D. Pedro IV em 1834.

Assim se extinguiu a nobilissima e riquissima casa dos condes-marquezes de Villa Real, condes de Alcoutim e Valença, duques de Caminha, alcaides-móres de Leiria, capitães donatarios de Ceuta, Senhores de Almeida.

*

Os actuaes Condes de Villa Real

O morgado de Matheus, vinculo primordial e cabeça da casa dos actuaes «condes de Villa Real», foi instituido em 1643, pelo licenceado Antonio Alvarez Coelho Mourão.

Este casou com uma descendente do 1.º alcaide-mór de Villa Real

Affonso Botelho, e d'este casamento nasceu Antonio José Botelho Coelho Mourão, Fidalgo-cavalleiro, morgado de Matheus e tenente-coronel dos dragões de Chaves.

Antonio José casou na casa dos marquêses das Minas, e d'aqui vem aos morgados de Matheus, o tratamento de *Dom* e o apelido *Sousa*.

Dom José Maria de Sousa Botelho Mourão, 4.º morgado de Matheus, moço-fidalgo, bacharel em mathematica, embaixador na Russia, Noruega, Dinamarca, Vaticano, etc. foi o que fez a edição dos *Lusiadas* no começo do seculo XIX.

D'este é bis-neto, D. José Francisco de Sousa Coelho Botelho Mourão e Vasconcellos, 3.º e actual conde de Villa Real, Par do reino, official-mór da Casa Real, casado com a actual Senhora Condessa de Mello.

*

Os actuaes titulares de Villa Real nada têm portanto, nem de longe nem de perto, com os antigos marquêses-condes e donatarios de Villa Real de Trás-os-Montes.

M.

—Porque assevera o povo ser verdade tudo quanto está em letra redonda?

—Porque sabe que não se imprime nada sem *provas*.

Geo-hydrologia de Chaves

(CONTINUAÇÃO)

Situação das nascentes thermaes de Chaves (1)

As nascentes ou pontos de emergencia das aguas thermaes de Chaves são em numero de cinco e acham-se localisadas sobre a margem direita do Tamega, immediatamente a jusante da villa, a alguns metros sómente da confluencia do ribeiro de Rivellas com aquelle rio e concentradas n'um espaço de 17 por 20 metros. Uma das nascentes está protegida por uma camara de cantaria, fechada dos lados e superiormente, e dista do Rivellas 12,5 metros. Foi a referida camara construida em 1807, como se vê da inscripção gravada na face da mesma onde está praticada a abertura que permitte tirar agua:

MILIT. XENODOCH. USUI, UTILIT. O.
PUBLIC. JOAN. PRINC. REG. O. P. P.
AN. MDCCCVII

As quatro restantes nascentes brotam immediatamente junto ao Rivellas, sendo as mais importantes as duas de jusante, que se acham protegidas por camaras abertas, de cantaria, sobre uma das quaes ha uma grade, que só permitte que passem pequenas vasilhas, e está cercada por outra que limita um pequeno espaço em volta. A agua d'esta nascente é particularmente destinada a ser usada como bebida, servindo a das duas outras nascentes para banhos e usos domesticos. As duas pequenas nascentes de montante brotam de sob o lagedo que regularisa neste ponto a margem do Rivellas, e não teem por emquanto utilisação.

Cerca de dois mezes anteriormente á primeira visita que fiz a Chaves é que o gradeamento a que me referi fôra collocado. Até então só uma das ultimas camaras mencionadas existia, de tal sorte que, indo as lavandeiras da terra fazer as suas barrellas no local das nascentes, cuja agua empregam, este conservava-se menos asseiado e resultava tambem misturarem-se as aguas já servidas com as que emergiam de novo. A actual vereação do municipio de Chaves, pelas pessoas do seu presidente e vice-presidente (1) resolveu mandar executar as

(1) Não me incumbindo tratar n'este estudo das propriedades physicas e chimicas das aguas de Chaves, como simples elucidação transcreverei do: *Trabalhos preparatorios ácerca das aguas mineraes do reino*, Lisboa, imprensa nacional 1867, pag. 63 a 67, a analyse d'essas aguas feita, sobre amostras remettidas pela camara municipal do mesmo concelho, pelo snr. dr. Agostinho Vicente Lourenço:

Temperatura	50 a 56º C.
Densidade media a 11º	1,002066
Residuo solido de 1000 gr.	1,7655

Composição chimica

Solphato de soda	0,064296
Chloreto de soda	0,014608
Chloreto de potassa	0,067660
Bicarbonato de soda	1,439910
Carbonato de soda	0,404190
Bicarbonato de cal	0,138249
Bicarbonato de magnesia	0,048437
Silica	0,096000
Oxido de ferro, Alumina, Materias organicas	Vestigios

(1) Os snrs. José Homem de Sousa Pizarro e general Zeferino de Arrochella Vieira da Maia, a quem dever é testemunhar o meu reconhecimento pelo gracioso concurso que se dignaram prestar-me a fim de melhor me desempenhar do serviço de que estava escarregado.

N.º 10 **FOLHETIM** Dez. 1909

D'Os Meus Amores

Á Lareira

por Trindade Coelho

—Sois uns brutos! E esta: que é? que é? preto por fóra, amarello por dentro; pendura-se na parede e chama-se tacho?

—E' um tacho!—fizeram os dois rapazes ao mesmo tempo.

—Olha o milagre!—riram-se todos.

—E' de cobre e é redonda; tem um X no meio e é dez reis. E esta?—tornou a perguntar o José Bernardo.

—Ora! Essas não prestam!—disseram agastados os rapazes.

A tia Maria, então, fez-lhes a vontade:

—Que é? Que é?

Uma dama bem toucada,
Dois leões a estão estripando,
Ao tocar da castanhêta
As tripas lhe estão tirando.

Fartaram-se de disparatar os rapazes: cada um dizia sua coisa.

—Não é nada d'isso! Não é nada d'isso!—dizia, fazendo-se zangada, a tia Maria Lorna.—O que é está aqui ao pé de nós...

Tudo era pôrem-se os rapazes a esquadrinhar o que estava á roda, e os mais a rirem-se d'aquella faina.

—Nada, nada! Está mais perto!—ensinava o lavrador.

A tia Aniceta, muito disfarçada, apontou então para a tia Maria.

—E' vossemecê!—disseram logo os dois rapazes.

Foi uma risota.

—Vocês parecem parvos!—exclamou a Thereza para lhes chamar a attenção.—E n'um rapido movimento mostrou-lhes a roca onde tambem fiava.

—E' uma roca!—disse logo o José Redondo.

—Ai é!—contestou o filho do barbeiro.

—E' uma roca! sim senhor! acertou o José Redondo!—interveio a Anninhas.—«Uma dama bem toucada», a roca. «Dois leões a estão estripando», são os dedos, não vês?; «ao tocar na castanhêta», porque os dedos, olha, parece que estão a tocar castanheta. «As tripas lhe estão tirando», porque o manêlo vae-se fiando, e cá está no fuso a massaroca.

O José Bernardo, que estava agarrado a uma «paciencia», atirou esta sem despegar:

Tenho um brinco que brinca,
Que de brincar endoidece,
Quanto mais o brinco brinca
Mais a barriga lhe cresce.

Riram-se todos. Nem a tia Maria Lorna, nem o José, nem as filhas, sabiam aquella. O rapaz do barbeiro coçava a cabeça a vêr se se lembrava, porque o pae já lh'a tinha ensinado. A mãe fez-lhe um signal...

obras que indiquei, e que marcaram, assim o creio, o inicio de uma nova era para as thermas de Chaves, a cujos melhoramentos está ligado o futuro engrandecimento da formosa villa. Adiante se verá, porém, que a protecção das camaras é tão sómente apparente e não real, pois, não sendo estas verdadeiras camaras de captagem e sendo o terreno eminentemente permeavel, as aguas do ribeiro se misturam com as das nascentes (1).

(Segue) J. M. do Rego Lima.

A Imprensa

E A

«ILLUSTRAÇÃO TRASMONTANA»

Conforme a formal promessa, feita no seu n.º anterior, que aqui transcrevemos em novembro, o *Douro* no seu n.º de 10 do passado conclúe as suas explicações de bom camarada, publicando a correspondencia trocada entre o illustre director d'aquelle bi-semanario regoense e o obscuro director da *Illustração Trasmontana*. Como os leitores verão, a pendencia não passou das actas que o *Douro* desejou publicar e que aqui ficam transcriptas por nós, para não arrepiar as praxes nem truncar as amabilidades do collega:

«A Illustração Trasmontana.—A proposito d'uma prolongada demora que a magnifica *Illustração Trasmontana* teve para comnosco, o que muito nos contristava, porque a liamos sempre com singular aprazimento, fizemos ha dias uns commentarios jocosos, mas inoffensivos.

Touxe-nos essa contingencia, a troca de cartas entre o redactor principal d'este periodico e o distincto escriptor, snr. Joaquim Leitão, director do *magazine* tranmontano.

Mediante a devida auctorisação, vamos dar publicidade a essa correspondencia, justamente na secção onde os reparos se fizerem sentir.

Agradecendo á illustre empreza da *Illustração Trasmontana* a captivante amabilidade que para este jornal reservou, rejubilamos de ver progredir a interessante publicação, tanto quanto ella merece, pelo seu texto variado e selecto e pela sua nitida illustração, além do predicado excepcional de se consagrar d'alma e coração a esta alcandorada, bella mas infelicitada região trasmontana.

Eis as missivas trocadas:

Porto, 30—10—1909—... Snr. Director do jornal *O Douro* — Regoa — Como por um dos ultimos numeros do seu acreditado jornal, chegasse ao meu conhecimento que essa redacção não tem recebido a *Illustração Trasmontana*, desde o numero 16, chegando a augurar a morte d'esta publicação, procurei saber da respectiva administração se ella havia suspendido a permuta com o periodico de V. Ex.ª. Foi-me asseverado que a *Illustração Trasmontana* tem sido sempre enviada ao *Douro* e mais que tendo V. Ex.ª acusado a recepção até o numero 16, isto é, d'um numero pertencente já ao 2.º anno, e não sendo uso cortar-se a expedição de qualquer numero gratuito a meio do anno, isso prova implicitamente que se ha algum culpado d'esse extravio não é nem esta administração nem esta Empreza. Se essa suspensão houvesse sido resolvida pela Empreza da *Illustração Trasmontana* ella reservar-se-hia o direito de a manter, tanto mais que contando ella quatro assignantes ao todo na Regoa, offerece duas collecções: uma ao *Douro*, outra ao *Dissidente*, e portanto não seria para estranhar que o zêlo administrativo supprimisse uma das offertas; mas isso não se deu, e para prova a Empreza da *Illustração Trasmontana* encarrega-me de communicar a V. Ex.ª que por este correio seguem os numeros 17, inclusivé, a 20.

A *Illustração Trasmontana* timbra em manter cordealmente as relações com os seus collegas da imprensa, e tem-nas mantido com muitos, a despeito de emquanto publicações de menor vulto merecem referencias longas, nem todos os numeros d'essa *Illustração* teem a agradecer um simples registo de recepção nas columnas d'esses desmemoriados collegas.

Com o *Douro* directamente já eu, humilde director d'esta *Illustração*, estranhava a falta de referencia aos numeros ultimos. Só agora tive a explicação, embora de uma fórma inedita no jornalismo, que muito nos desvaneceu porque quando nem sempre deem pela nossa presença já é uma consolação darem pela nossa ausencia. Da parte da Empreza da *Illustração Trasmontana*—pessoas desinteressadas que não estão a fazer commercio, nem emprezas d'estas são tentadores negocios, porque só representam dedicação e sacrificio—aqui tem V. Ex.ª n'esta resposta a leal camaragem com que ella procede para com a imprensa, da qual tem distinguido *O Douro*, pois havendo cortado, no fim de 1908, a remessa da publicação a diarios lisbonenses, ella conservou a remessa para o jornal de V. Ex.ª.

Pela minha parte, ao transcrever as referencias d'*O Douro* e nas datas festivas d'*O Douro* tenho sido sempre mais do que correcto—affeiçoado.

Posto isto, esperamos que V. Ex.ª, que já nos rezou por alma, nos ressuscite agora aos olhos dos seus muitos leitores, como ousamos esperar que V. Ex.ª em vez de nos

(1) Isto era em 1892: hoje, 1909, a vereação flaviense, e especialmente o snr. A. Barros, seu prestimoso presidente, preoccupa-se, com todo o amor regionalista e a consciencia da sua missão, com o futuro das *Aguas Thermaes de Chaves.—Nota da Redacção.*

—E' um fuso! E' um fuso!—gritou elle.

—Ai, é!—disse agora o José Redondo.

E atiravam-se um ao outro, se não acode de lá o tio José Lorna:

Alto cavalleiro,
Abrem-se-lhe as bolsas
Cae-lhe o dinheiro.

—Essa, disse a Thereza, tambem é assim:

Pinglo-pinglo, está pingando
Funglo-funglo está fungando.

O tio José Lorna interrompeu a filha, fazendo que não com a cabeça:

—Não senhora, não senhora...

—Sim, meu pae, com perdão de vossemecê:

Se o pinglo-pinglo, não pingára
Funglo-funglo não fungára.

—Não!—insistiu o pae.—Essa é o porco debaixo do castanheiro:—funglo-funglo, pinglo-pinglo; porque o porco faz *fum*, e os ouriços *pingam* as castanhas.

A Thereza concordou:

—Pois é, é, sim senhor! Perdôe vossemecê.

—Mas a do snr. compadre—interveiu agora a tia Aniceta—é só o castanheiro quando se lhe abrem os ouriços.

—Ah!—fez a Thereza annuindo.

—Mas são verdes!—rematou o José Lorna, teimando sempre na sua.

E foi então a vez do Antonio.

—Que é? que é?

Pucarinhos, pucaretes,
O' que lindos ramilhetes!
Nem cosidos nem assados,
Nem mexidos com colhér.
Não adivinhas este anno
Nem p'ró outro que vier,
Só se t'o eu disser.

—Essa agora é que ha outra como ella! explicou o José Lorna:

Tenho casa de alicerce...

—Não! Não vale!—rogou a Thereza.—O' meu pae!

—Mas tanto monta!—insistiu o José Lorna.—Como são eguaes, deixal-as ir ambas.

—Então vae tambem a minha, porque eu inda sei outra que é tambem romã—disse de lá a tia Maria.

—O' minha mãe! vê?! Já disse o que era!—lastimou agora o Antonio no meio dos outros que se riam.—O que a mãe queria dizer começava assim:

Rica e bella fui eu...

—Era assim, era!—disse-lhe a mãe inda ás risadas.—Eu sempre sou muito tôla!

—Não é, senhora comadre—fez de velhaco o barbeiro.—A's vezes descuida-se...

—Mas então—proseguiu elle muito animado—lá vai tambem a minha! Mas esta agora ha-de ser ao ouvido da minha comadre! E agarrando-se á velha, como quem a beija, disse-lhe ao ouvido uma adivinha que todos ouviram...

Foi uma gargalhada geral.

deitar as pásadas de terra do estylo nos mande communicar o extravio n'um simples postal, que será tão promptamente e amplamente attaendido como agora

Desde já agrdeço em nome da Empreza da *Illustração* a rectificação do desapparecimento d'esta publicação, que a sua lealdade jornalistica não deixará de fazer no seu proximo numero, de maneira tão notoria como, pelo menos, o enterro.

E, dando assim por banido o incidente, conto com a solidariedade e camaradagem de V. Ex.ª e do seu estimado jornal a que crê saberá sempre corresponder, o collega obscuro e affeiçoado.—De V. Ex.ª—*Joaquim Leitão.*

*

Regoa, 1—11—909—..... Snr. Director da *Illustração Trasmontana*—Porto—Accuso a recepção da attenciosa carta de V, de 30 de outubro ultimo.

Acceito gostosamente, como me cumpre, as obsequiosas explicações de V. Quando n'uma das secções do modesto jornal que dirijo e que redijo, fiz as observações a que V. se reporta, impulsionou-me, tão sómente, a saudade pela costumada e mensal visita do apreciadissimo *magazine* regional.

Muito expressivamente diz V. que as phrases do *Douro,* consignando a ausencia da *Illustração,* traduziam o grato prazer que o mesmo jornal teria em noticiar a sua honrosa visita. Nada mais verdadeiro, effectivamente.

E' evidente, todavia, que uma revista da importancia litteraria e artistica da *Illustração Trasmontana* não póde estar a permutar com todos os jornaes.

Não sendo uma empreza commercial, mas simplesmente e muito para louvar, uma agglomeração desinteressada de boas-vontades, com o fito patriotico no levantamento material e intellectual da região do Douro, não póde tão generosa iniciativa prosperar, ou sómente, mesmo, sustentar-se, com remessas gratuitas que muito affectam os seus legitimos interesses.

Se *O Douro*, porém, despontou aziumado n'um dos seus ultimos numeros, creia V. que não foi com proposito deprimente, que seria descabido e incortez, mas exclusivamente por lastimar a suspensão da remessa d'uma publicação que, sob qualquer prisma por que seja encarada, é das mais apreciaveis, mais copiosa e ricamente collaboradas e mais nitidamente impressas revistas que havemos conhecido.—Se faz honra e enaltece sobremodo a região a que se dedica, não menos dignifica e illustra a arrojada iniciativa dos seus cooperadores, e o seu muito illustre director, snr. Joaquim Leitão.—E' possivel que as estancias postaes tenham quinhão em taes irregularidades. O certo é que a excellente *Illustração Trasmontana*, não havia sido enviada ao *Douro* até agora.—Pedindo licença para dar publicidade, n'um dos primeiros numeros de *O Douro,* á estimadissima carta de V. e á resposta que hoje a ella faço, assevero a V. que quer tanto no proximo numero de *O Douro,* como em todas as occasiões opportunas, não deixarei de fazer á *Illustração Trasmontana*, os merecidos encomios a que tem inquestionavel direito.

A «resurreição» da apreciavel revista, tão justamente reclamada por V. terá no obscuro bisemanario que dirijo, obsequios resurgidores bem mais retumbantes do que o phantasioso e agourento presagio do seu figurado passamento. Longe vá tal agouro!—Terminando, quasi superfluo será reiterar a V., não só os protestos da minha maior estima e consideração, como a certeza de que as columnas do periodico de que sou director, se illustrarão sobremaneira e se envaidecerão jubilosamente, quando se lhe depare ensejo de divulgar e apregoar os merecimentos artisticos e litterarios da *Illustração Trasmontana.*

De V.
att.º V.ºr e muito grato

Gabriel Gouveia,
Director de *O Douro.*

*

Registramos desvanecidamente as amabilidades recebidas, a que *O Douro* corresponderá galhardamente, como lhe cumpre.

Virgilio.»

* * *

«**A Illustração Trasmontana**.—Esta revista que dia a dia mais se impõe pelo seu bello conjuncto, não se cansa em nos colmar de gentilezas, que nos honram extraordinariamente.

Raro é o numero, em que,—taes são os bons olhos com que ella nos vê,—não recorte do nosso modesto semanario um artigo qualquer, pondo-o a par dos seus, para o fazer brilhar de fórma immerecida.

Assim agora, no seu numero 22, referente ao mez de setembro, ella transcreveu o artigo por nós publicado «O Douro regressa á pobreza primitiva» e na noticia do reapparecimento do *Echo do Douro* endereça-nos as seguintes palavras.»

«*E depois de transcrever o que com sinceridade aqui escrevemos, remata:*

«A palavras tão amaveis a nossa penna emmudece, ficando só a vibrar agradecida a nossa alma, pouco affeita a manifestações de sympathia.

Ao snr. Joaquim Leitão, illustrado director da *Illustração Trasmontana,* os mais sinceros protestos da nossa immensa gratidão».

De *O Echo do Douro* de 14 de novembro de 1909.

* * *

«**A Illustração Trasmontana**.—Cada vez nos convencemos mais de que esta excellente revista mensal é merecedora de ser adquirida não só por todas as pessoas que amam

---

—E' uma libra com tres tostões, bem sei, continuou o barbeiro.—São doze cruzados. Ponha lá que p'ra me dar p'ra esta jaqueta, p'ra uma saica barata p'rá mulher, e p'ra um fato p'ró rapaz, custou!

—Esse pouco!—admirou-se o José Lorna.—E' bem melhor que rapar queixos, e andar por esse mundo a receitar mésinhas. E o filho do Trasga, é verdade, como vae o pequeno?

—Mal. Aquillo se assim vae, o rapaz vira!

—Pois é pena! Pois é pena, que vinha a herdar uma boa casa!

—Mas eu é que não volto lá—declarou o barbeiro.—Foram-se os Cortiços p'lo doutor Albino, e agora que se arranjem...

N'esta altura, tinham os rapazes acertado com a adivinha, á custa de muitos signaes da tia Maria:

—E' uma carta!

—Pois já se vê!—disse-lhe a velha.—Pois o que é que leva o João Correio, quando passa ahi a cavallo no macho?

—Leva somno!—tornou a meter-se o José Bernardo, que embirrava com o João Correio.

—Pois digo-lhe eu que era bem melhor matar lobos que rapar queixos!—insistiu o José Lorna, pondo-se outra vez a apalpar a fazenda.

—Mas se ha mais bodes que lobos, ó snr. José?! A gente que lhe ha-de fazer?—E como se pozesse a teimar com o seu compadre, a ver se lhe entendia a «paciencia», foi em fim, para a linda Anninhas, a vez de propôr a adivinha:

—Que é? que?

Somos ambos dois irmãos
De diff'rente condição,
O meu irmão vae á missa,
Eu á missa não vou, não.
Para gostos e temperos,
A mim me convidarão,
Para mezas e banquetes
Falem lá com meu irmão?

—E' verdade! E essa?—perguntou aos rapazes a tia Maria Lorna.—Era eu bem pequenina quando minha mãe m'a ensinou; lembra-me bem que estavamos ao lume a assar castanhas,—recordou ella,—onde isso lá vae!

—Então não advinhaes?—perguntou a Anna já impaciente, com a agulha da meia encostada ao labio...

—E' agulha!—aventou o José Redondo.

—E' meia—affirmou o André.

—Nem agulha nem meia! E'...

—Não diga! Não diga, a ver se a gente advinhamos!—rogaram ambos juntos á Anninhas.

—Quem ensaiará este anno as lôas p'ra festa, ó comadre?—perguntou a tia Maria Lorna, que já lhe aborrecia de tanta adivinha.

—Isso ha-de ser lá a snr.ª Infancia, que p'ra essas coisas não ha como ella. Só aquelles lindos versos do outro anno, que nunca me hão-de esquecer! Fala o anjo embaixador:

Já chegamos á igreja
Com prazer e alegria,
Vamos offerecer o ramo
A' sempre Virgem Maria,

a rica e pittoresca região a que ella especialmente se consagra, como tambem pelas que mesmo estranhas á vida e interesses de Traz-os-Montes, gostam de enriquecer as suas bibliothecas com obras litterarias e artisticas de incontestavel valor.

Os leitores habituaes do nosso jornal hão-de recordar-se de que sempre aqui se fizeram as mais elogiosas referencias á *Illustração Trasmontana.*

Exercendo d'essa maneira a nossa critica, nós não tivemos, como não temos em vista realisar favores, que aliás pouca ou nenhuma influencia teriam na vida da primorosa revista. Moveu-nos sempre, como n'esta hora nos move, um irresistivel impulso de justiça, que nos leva a pôr a publicidade d'este jornal ao serviço de propaganda d'uma publicação que, representando um grande arrojo de iniciativa, e sendo o que é na excellencia dos artigos que insere, no merecimento das suas illustrações e no esmero da sua impressão, se tornou, desde principio, bem digna da estima publica, e constituindo um bisarro e legitimo titulo de honra quer para a empreza, quer para o publicista talentoso que a dirige.

O n.º 20, que ha dias nos foi remettido, é uma prova esplendida do que vimos de affirmar.

Insere uma bella photogravura de pagina reproduzindo o rio Avellames, nas Pedras Salgadas; um artigo, illustrado, de Souza Costa, ácerca das Thermas Trasmontanas; «A Lavadeira» folk-lore trasmontano, pelo abbade Tavares; «Philologia Trasmontana», de Daniel Rodrigues; «O Varre-Canelhas», novella por Joaquim Leitão; e, além d'isto, no supplemento *O Trasmontano*, artigos, folhetim, noticias, etc.

Mais uma vez recommendamos essa revista aos nossos leitores».

De *O Dissidente* de 16 de novembro de 1909.

* * *

«**Illustração Trasmontana.** — Póde dizer-se sem lisonja, que esta publicação mensal, pelo esmero litterario e perfeição artistica, é comparavel ás mais brilhantes revistas estrangeiras, não havendo nenhuma em Portugal da mesma feição e do mesmo genero.

Se bem que regionalista, os seus artigos interessam a todos, e as suas gravuras, as suas illustrações, as suas lendas, o seu folklore fazem parte d'esta hegemonia territorial e social que se chama a patria portugueza, em que o estudo, as tradições e os fastos de cada provincia synthetisom e exalçam a gloria commum, como dos ramos diversos d'uma planta — os que estão no alto e os que se approximam do solo — saem fructos saborosos e lindos com o mesmo aroma delicioso e a mesma apparencia encantadora.

Vae já no fim do segundo anno a *Illustração Trasmontana.* Os ultimos numeros que recebemos, relativos aos mezes de setembro e outubro, são do mesmo primor litterario e artistico dos anteriormente publicados. Ambos elles com muitas gravuras destacando-se, no ultimo, uma pagina esplendidamente illustrada onde scintilla o brilhante espirito de artista de Christiano de. Carvalho.

A impressão é tambem o que se póde exigir de mais perfeito.»

Assigna-se na rua dos Clerigos 61-1.º.

(De *A Palavra*).

* * *

«**Illustração Trasmontana.** — Temos presentes os n.os 21 e 22 d'esta primorosa revista mensal.

Tanto temos dito da *Illustração Trasmontana*, taes e tão calorosos são os elogios que a imprensa em geral lhe ha dispensado com inteira justiça, que nos julgamos desobrigados, n'esta occasião, de indicar ao leitor, que a não conheça, quaes dão os titulos porque ella tem incontestavel sireito a um logar distincto em todas as bibliotecas. Assim, limitar-nos-hemos a mencionar o summario dos exemplares recebidos.

Do n.º 21: — Um barco Rebello fotogravura de pagina; «A Vinha do Senhor», artigo de dr. Amilcar de Souza; «As vindimas», pelo dr. Manoel Monteiro; «N'uma porta se põe o ramo ..», por Joaquim Leitão; «A crise do Douro»: «Suas causas e seus remedios», por Amandio Silva.

Do n.º 22: — «Cercanias de Bragança»: «Um arco do convento de Avellãs», fotogravura de pagina. «O conde d'Ariães» (legenda inedita, pelo rev. Daniel Rodrigues); «Os Pelourinhos de Traz-os-Montes», por Silva Leal; «Moncorvo», monografia, continuação pelo rev. F. Manoel Alves; «A lenda do Castello de Bragança», poesia por Cristovam Ayres; «Tempo de festas», por Casimiro E. S. Cubral; «O Varre-Canêlhas», novella trasmontana, continuação, por Joaquim Leitão.

Profusamente illustrados, estes dous numeros da magnifica revista inserem artigos e noticias interessantes nos seus suppletos «O Trasmontano».

(De *O Dissidente*, 14 de dez. de 909).

A "Illustração Trasmontana" em Villa Real

Dezembro, 1909.

Acha-se entre nós o dignissimo juiz de direito da comarca de S. Thomé, snr. dr. Americo Guilherme Botelho de Souza.

Este nosso estimado amigo e conterraneo que intelligentemente exerceu o cargo de delegado do procurador da corôa e fazenda em Macau, acaba de ser louvado

---

—Ai este ladrão! Ai este ladrão! dizia a velha a bater-lhe com o fuso. — Va-se d'aqui! Vá-se vossemecê d'aqui! Olhe com o que elle cá vem!

—Outra, senhor compadre! — clamou o barbeiro, agarrando-se logo ao lavrador. — Arreda, arreda! — fazia o José Bernardo para os rapazes, que se queriam ambos intrometter no segredo. — Mas vossemecê é surdo, senhor compadre, o melhor é dizel-a alto:

> Pequeno como um tostão,
> Abre e fecha sem cordão.

Cuidaram de estoirar de riso, com a nova adivinha do José Bernardo!

— Essas são boas, ó compadre! Essas são boas! — dizia afogado de riso o lavrador. — Ai o diabo da lembrança!

Mas a Anninhas, purpurejada, deitou agua na fervura:

— Que é? que é?...

O barbeiro pegou-lhe na deixa!... — que passa na agua e não molha o pé?

—Um vitellinho na barriga da mãe! —adivinharam logo os dois rapazes.

—Mas diga lá a sua, ó minha ama, diga lá a sua! — pediu confiado, o José Bernardo.

Estava o José Bernardo agarrado outra vez ás cartas, e a Anninhas sempre conseguiu dizer a adivinha:

— Que é? que é?

> Em Inglaterra foi feita,
> Em Portugal foi vendida,
> Se me prendem estou salva
> Se me soltam estou perdida.

—E' que não sei como a comadre velha não disse já que era uma agulha! — tornou muito ronceiro o José Bernardo, estendendo outra paciencia.

A Anninhas zangou-se, quasi chorou.

— Tem termos, homem, tem termos! — admoestou a snr.ª Aniceta — Diga outra, ó minha comadrinha, diga outra, que os pequenos sabiam essa, ora sabieis?

—Sabiamos — disseram elles.

E para prova de que sabiam, disseram outra egual, ambos em côro:

> Anda de buraco em buraco
> Sempre co' as tripas de rasto.

A Thereza, para dar tempo a que a irmã se desagastasse, disse então esta:

> E' branca como a neve
> Preta como o pez,
> Fala e não tem bocca
> Anda e não tem pés?

— O' compadre, — disse o José Lorna para o barbeiro, depois de se lhe pôr a mirar a jaqueta com que fôra visitar o morgado, e que era a melhor da arca fateira. — Deixe que lhe não pintou nada mal a historia de matar o lobo! Deu-lhe a patente da Camara para essa jaqueta... e p'ra que mais, ó compadre?

— Ora! que é uma moeda? fez com desprezo o barbeiro.

— Que é uma moeda?! — repetiu, espantado com a pergunta, o lavrador.

em portaria, pelo zelo e boa vontade com que, a convite do governo, elaborou um regulamento de imposto do sello para a mesma provincia de Macau, onde grangeou numerosissimas sympathias.

Do coração nos associamos á justa homenagem recentemente prestada a tão querido amigo e illustre magistrado.

—Afim de angariar donativos para as victimas pobres das inundações d'este districto formou-se aqui uma commissão, quasi toda composta do elemento official, que, acompanhada de bombeiros e estudantes, percorreu esta villa, em bando precatorio, colhendo quinhentos mil reis que vão ser distribuidos.

—O nosso dilecto amigo e benemerito conterraneo snr. Joaquim Victorino d'Oliveira—que entre a numerosa colonia portugueza no Pará é, de ha muito, uma figura um destaque pelos seus continuos e mais d'uma vez comprovados rasgos de civismo—mandou aqui distribuir aos pobres na occasião do Natal a quantia de cem mil réis, divididos em esmolas de quinhentos reis, conforme tem feito nos annos anteriores.

E'-nos grato registrar que aquelle bondoso amigo nem mesmo longe da patria querida, e apesar das suas multiplas occupações commercias, se esquece dos infelizes pobresinhos. Bem haja.

—Partiu para Lisboa, onde foi tratar de assumptos politicos, o nobre conde de Villa Real, devendo talvez regressar ao seu palacio de Matheus antes do fim do mez.

—O illustre commandante do regimento de infanteria 13, snr. José Augusto Pinto Machado, já se encontra, felizmente, restabelecido dos seus incommodos, o que sinceramente estimamos.

—Ha dias esteve n'esta villa o nosso amigo snr. Abilio d'Almeida, de Villa Pouca d'Aguiar.

—Tambem aqui esteve o nosso estimado conterraneo snr. padre Luiz Alves Pereira, dignissimo professor do lyceu de Ponte do Lima, para cuja villa já seguiu.

—Depois de realisados, no Porto, os seus esponsaes, regressou a esta villa, acompanhado de sua gentilissima esposa, o nosso dilecto amigo snr. dr. Agostinho da Costa Lobo, muito digno official do governo civil d'este districto.

—Os nossos conterraneos snrs. Sebastião da Nobrega Pinto Pizarro e Agostinho da Costa Lobo, acabam de ser promovidos ao posto de alferes e collocados no regimento de infanteria aquartelado n'esta villa.

Parabens.

—Falleceu a veneranda mãe do nosso amigo e benemerito conterraneo snr. Arthur dos Anjos Marinho que actualmente se encontra no Amazonas (Brazil).

—Estão completamente restabelecidas, o que para nós é motivo de regosijo, as galantes filhas do ex.mo snr. conselheiro Luiz Lobato, que, no principio d'outubro, foram atacadas de febre typhoide.

—Tivemos o prazer de vêr entre nós o snr. dr. Joaquim d'Azevedo, zeloso delegado do thesouro na Guarda.

—Foi definitivamente nomeado intendente de pecuaria n'este districto o nosso amigo snr. João Botelho Corrêa Mourão.

—A briosa e humanitaria corporação de bombeiros voluntarios d'esta villa, tenciona festejar, como nos annos anteriores, o anniversario da sua utilissima installação. A essa festa, que se realisará no proximo dia primeiro de janeiro, vem assistir o snr. José Augusto de Vasconcellos, secretario do commando dos bombeiros voluntarios do Porto.

—Está aqui sendo organisada uma empreza destinada á fabricação de telha, modelo Marselha e outros artigos de olaria, explorando os grandes jazigos de argilla que abundam perto d'esta villa.

—Durante o mez findo foram passados pelo governo civil d'este districto 201 passaportes.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Alijó

Dezembro, 1909

Regressaram de Valpassos, aonde foram assistir ao casamento de uma filha do snr. José Maria Pinto Leite, capitalista d'aquella villa, o nosso bom amigo snr. José de Moraes Neves e sua ex.ma filha D. Francisca de Moraes Neves.

—Da sua casa de Paradellinha, no visinho concelho de Sabrosa, aonde esteve alguns dias, já regressou o nosso amigo e estimado collaborador da *Illustração Trasmontana*, snr. Torquato Luiz de Magalhães, digno presidente da camara municipal d'este concelho.

—O nosso affectuoso amigo snr. Casimiro Cabral Junior regressou do Porto aonde, com sua ex.ma esposa, foi passar alguns dias.

—Tambem voltaram d'alli o snr. Manuel Corrêa e sua mana D. Maria Corrêa, proprietarios do acreditado e conhecido estabelecimento d'esta villa denominado **Loja Nova**, onde se encontra tudo o que ha de melhor, pois é de facto um estabelecimento que honra a nossa terra.

—Encontram-se entre nós o snr. Guilhermino Terrio e sua mana a menina Maria Terrio que aqui vieram passar o natal com seus paes.

Os nossos cumprimentos.

—Depois d'uma curta ausencia, regressou a esta villa o nosso estimado amigo snr. Luiz Antonio Ribeiro Botelho, dignissimo escrivão de direito d'esta comarca.

—Egualmente regressou a esta villa o nosso presado amigo e conterraneo snr. Antonio Alves Pinto da Rocha, importante proprietario.

—Tambem já aqui se encontra, depois d'uma estada d'alguns dias no Porto, o nosso prestimoso amigo snr. Augusto Neves, primeiro aspirante de fazenda d'este conce-

---

Por sorte me pertenceu,
D'entre as nobres gerarchias,
Ser eu o participante
Das presentes alegrias

—O ultimo é que era bonito!—fez por se lembrar o Antonio.—Quando o anjo embaixador se ia embora, e deixava na capella as raparigas. Elle como é?

—Essa tambem me não lembra...—confessou com pena a mulher do barbeiro.

—Pois era assim!—recordou-se o filho do Lorna:

Tende, pois, em quanto volto
As alampadas ardentes,
Porque ha differença nas virgens
Entre as loucas e as prudentes...

—Pois era assim, era!—confirmou a snr.a Aniceta.—E dizia muito bem as lôas, e ia muito guapo, aquelle filho do João Caseiro!

—Elle haverá entremez este anno?—perguntaram muito curiosos os dois rapazes, não se importando já com a adivinha.

—E' vinho e vinagre!—ensinára-lhes por fim a Anninhas.—Não advinharam! Surriada, que não advinharam!

—Ai, é vinho e vinagre...—repetiram indifferentes os dois rapazes.—Mas elle este anno haverá entremez?—insistiam elles e tambem as mulheres.

—Ali o meu José é que ha-de saber—disse a tia Aniceta.—O' José, sabes se sempre haverá entremez na festa?

—Agora esta carta, já vê, muda-se p'r'alli...—proseguia o barbeiro.

—Mas olhe o que lhe perguntam—avisou o José Lorna.

—Não sei! Eu sei lá se haverá entremez! Já ouvi dizer que só *pauliteiros*, e que vem tambem o ti'João-tambor, e dois gaiteiros d'além-do-rio.

—Pois vamos lá, que já não é pouco!

—Qual não é pouco! Festa como a que mandou fazer o Antonio Fagote, é que já ahi não torna outra!—exclamou o José Bernardo. Foi deventas! Deixou a vara ensilveirada p'ra um par d'annos, sou eu que o digo! Eh, caramba! só aquelle sermão?

—E o macaco de fogo, ó snr. José?!—lembrou o paquete muito admirado.

—O que disse d'aquelle pulpito abaixo, aquella alminha!—continuava abysmado o barbeiro.—E depois, bom homem! por lhe fazer a corôa deu-me um pinto:—«Mestre, ahi vae para as amendoas.» Aquillo sim!—Tambem eu—gabou-se o José Bernardo—fiz-lhe um favor! apresentei-lhe no pulpito uma limonada, que era de se lhe tirar o chapeu tres vezes!

—O que elle disse a Nossa Senhora!—rememoravam ainda pasmadas as mulheres.—O que elle disse voltado p'r'aquella divina imagem!

—«O' Virgem!...—rompeu a declamar o barbeiro, imitando o prégador.

—Ha-de perdoar, compadre, mas vamos lá ás cartas!—interrompeu o

lho e que n'esta terra é geralmente estimado.

—De regresso das Caldas d'Aregos, onde esteve a uso d'aguas, já se encontra n'esta villa o capitalista snr. Cezar Augusto Pereira.

—Depois d'uma curta demora no Porto, voltou de novo á sua casa em Santa Eugenia o snr. José dos Santos Mello, abastado proprietario

—Na recebedoria d'este concelho acha-se em pagamento o bonus de 50 % pela entrada de vinhos nas barreiras do Porto, correspondente ao terceiro trimestre do anno corrente.

—A 19 d'este mez fizeram annos os nossos prestimosissimos amigos snrs. Arthur Botelho e Anthero Botelho, incansaveis collaboradores artisticos da *Illustração Trasmontana* e que ao serviço d'esta interessante e patriotica publicação têm prestado, como bons trasmontanos que são, todo o auxilio da sua actividade valiosa.

Parabens a tão dedicados amigos.

—Consta que os commerciantes d'esta villa vão reunir afim de requererem á camara para que estude a maneira de contribuir os vendedores ambulantes e negociantes adventicios que, sem para este municipio pagarem contribuições algumas, veem fazer concorrencia ao commercio local que com ellas está sobrecarregado. A camara por certo tomará em consideração esse pedido, tão rasoavel e justo elle se nos affigura.

— Seguiram para o Porto os snrs. José Rodrigues Teixeira de Barros e Jeronymo Rodrigues Teixeira de Barros, nossos presados amigos e assignantes da *Illustração Trasmontana*.

Correspondente.

A «Illustração Trasmontana» em Valpassos

Dezembro, 1909.

Um dos episodios tragicos da aspera série de desastres e encomodos que saltearam os passageiros do rapido Porto-Medina, na tormentosa noite de 23 do corrente, foi a morte d'um estudante muito estimado.

Havendo parado o comboio entre o Ferrão e Covellinhas, envolto pela noite tempestuosa e lobrega, resolveram os viajantes abandonal-o e ganhar a estação mais proxima.

A certa altura d'esta marcha, na treva e pela escarpa em cuja base rolava a impetuosa corrente do rio Douro, um grito d'angustia vibra. E impotentente, o rancho de passageiros assiste ao sinistro desapparecimento d'um estudante na massa das aguas. Não se apurou então a identidade ao desventurado e depois correu ser um seminarista.

Agora apura-se ser o quintanista da Escola Medica do Porto, Felix Farinhote, d'este concelho, a infeliz creatura tão brutalmente roubada á vida.

A' desventurada familia os nossos pesames

—Falleceu na sua casa de S. Cypriano, d'este concelho, o rev. padre Jacintho da Costa Barreira, abastado proprietario. Era um excellente caracter e um amigo e protector desvellado de todos os infelizes, sendo por isso muito chorada a sua morte.

A' familia enlutada a expressão dos nossos sentidos pezames.

—Na madrugada de 18 do corrente a população d'esta villa sobresaltada por gritos de soccorro devido a um incendio que ia destruindo o palacete que serve de paços municipaes e onde funccionam todas as repartições publicas do concelho e o tribunal judicial da comarca. Havendo-se dado na madrugada de 5 de março d'este anno a propositada queima dos papeis da repartição de fazenda e recebedoria facil é imaginar a sensação causada por um incendio no mesmo edificio, tanto mais que se dizia, ao saber-se d'esse fogo, que elle tinha sido posto. Até já havia quem affirmasse ter visto n'uma das repartições um homem com uma candeia, quem tivesse sentido explosões de bombas de dynamite e quem tivesse ouvido tiros de rewolver. Felizmente taes boatos não passavam de simples phantasia porque o incendio foi só motivado por uma brazeira que a camara costumava ter na secretaria e que por descuido ficou mal apagada ao fechar-se a repartição.

Os prejuizos foram calculados em quinhentos mil réis.

—De visita ao seu e nosso amigo snr. José Maria Pinte Leite, esteve aqui, acompanhado de sua ex.ma filha, o snr. José de Moraes Neves, dignissimo delegado do thesouro no districto da Horta.

—No dia 15 do corrente realisou-se aqui o casamento da ex.ma snr.a D. Emilia Leite, com o nosso amigo snr. Mariano de Castro Medeiros.

Muitas e muitas felicidades.

—Esteve entre nós o snr. dr. Fernando de Castro Medeiros, digno revedor da relação do Porto.

—Tambem aqui esteve o snr. Alipio Guimarães, escrivão de direito na comarca de Famalicão.

—Chegou aqui o nosso presadissimo amigo e estimado conterraneo snr. Francisco A. Pereira da Guerra Lage, capitalista e importante proprietario n'este concelho. Demorar-se-ha durante a apanha da azeitona, regressando depois ao Porto onde a educação dos filhos queridos o obriga a residir.

Os nossos cumprimentos.

Correspondente.

José Lorna.—Com santos não se brinca...

—Nem isto é brincar, snr. compadre! observou com sinceridade o José Bernardo.

—Bem sei!—confirmou o lavrador. —Vossemecê não era capaz, mas os santos é que podem entender que é brincadeira. N'estas coisas, é bom acautelar. Vá lá: muda-se então p'r'alli esta carta...—E para o filho: —Dá-me ahi com as tenazes n'esse tição, e esperta-me esse lume.

Abriu a bocca a tia Maria, e perguntou, já por demais, arredando-se do lume esperto:

—E como estará do erysipelão a Maria Hespanhola?

—Mal! P'los modos inda lá vai a benzedeira, mas aquillo está muito mal, coitada! E depois aquella carga de filhos! A Monica sabe benzer, isso sabe. Mas vão lá saber se a mulher anda em graça de Deus...

—A mulher, qual mulher?—perguntou o barbeiro.

—Não é da tua conta!—respondeu-lhe a Aniceta.—Metta-se lá no que está a fazer, e deixe conversar os mais á vontade.

—Bem ouvi... a Maria Hespanhola... Essa está mas é na graça do grande diabo que a carregue! E' outra que tal como aquelle do Balsemão, que diz que tem uma cruz no céo da bocca. Eu já uma noite, no arraial, lhe pedi que mostrasse a cruz, mas elle não cahiu n'essa...

—Pudera! se é a «virtude»!—desculparam-no as mulheres.

—Ao menos os dentes! inda lh'eu disse. Quero ver quantos annos tem!

—O' snr. José Bernardo!...—reprehendeu-o a tia Maria Lorna.

—O' minha comadre!...—retrocou-lhe o barbeiro no mesmo tom.—Se não houvesse tolos não havia aldrabões.

—O' Antonio—interveio o velho Lorna—vae lá vêr que tal está a noite; e se estiver amanhã capaz, has-de chegar ao Picão do Corvo, p'ra vêr lá isso da alvaneira.

—Está a nevar,—disse da janella o filho do Lorna.

—Melhor! Melhor—tornou o lavrador—«P'r'o anno ser de pão, sete neves e um nevão». Tu, olá, já sabes—continou elle a dar as ordens—De manhãzinha, rodas-me a saber do snr. morgado: que lhe mandamos todos muitos recados e saber se está melhor. Passas á vinda por Valle de Ferreiros, e cortas uma carga de lenha, que ha-de ser preciso alguma fornada.

—Elle inda ahi ha pão...—disse, mas condescendendo, a tia Maria.

—Inda ahi ha, inda ahi ha, mas com tempo é que se aviam as coisas, e o rapaz aproveita caminho!—teimou o Lorna pondo-se de pé.

—Está bem de vêr—concordou o barbeiro já a abrir a bocca.—E nós vam'lá com Deus, que isto já hão-de ser horas. André—gritou elle ao filho,—arriba! Estás a dormir, grande maroto? Olha que

Lenha verde mal accende,
Quem muito dorme pouco aprende.

A "Illustração Trasmontana,, na Regoa

Dezembro, 1909.

Da sua casa de Nogueiras retiraram para o Porto as snr.as D. Antonia Adelaide Ferreira Lima, ex.ma esposa do snr. conselheiro Wenceslau de Lima, e sua gentilissima filha snr.a D. Maria Isabel.

—Vimos n'esta villa os nossos amigos snrs. Joaquim Baptista, Adelino Vasques Guimarães e Antonio Baptista que é aqui consul de Hespanha.

—Felizmente já se encontra restabelecido dos seus incommodos o snr. dr. Carlos Pimentel.

—Estiveram aqui, com pouca demora, os snrs. Arthur Gonçalves Guerra, distincto alferes de infanteria 13, e Ricardo Guilherme de Macedo, digno escrivão-notario na comarca de Armamar.

—Na visinha povoação de Fontellas realisou-se, no dia 8 do corrente, o enlace matrimonial da snr.a D. Antonia de Jesus Barros com o nosso amigo snr. José Freitas de Carvalho.

—Da sua linda quinta do Miradouro, em Baião, regressaram a esta villa o snr. dr. Antão de Carvalho, illustre advogado, e sua ex.ma esposa.

—O nosso estimado conterraneo snr. Alberto Alves da Motta, acreditado e conhecido commerciante da praça do Pará, (Brazil) de onde chegou ha pouco, encontra-se n'esta villa, tendo-o acompanhado sua ex.ma esposa.

Os nossos cumprimentos.

—No dia 15 do corrente teve logar o casamento do conceituado negociante d'esta villa, snr. Manuel Antonio Teixeira da Rocha com a snr.a D. Francisca da Costa Amaral.

Mil venturas.

—Estiveram aqui o snr. Antonio Fernandes de Carvalho e sua ex.ma esposa, retirando já para Villa Secca de Poiares.

—Regressou de Amarante o nosso amigo snr. Accacio Martins Carvalhaes, digno escrivão-notario d'esta comarca.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Sabrosa

Dezembro, 909.

Em Fermentões falleceu a snr.a D. Benedicta Serodio, mãe do snrs. conde de Sabrosa, padre Manuel Serodio e João Gonçalves Serodio.

A' consternada familia enviamos sentidos pesames.

—Até que emfim foram dadas ordens para que se recomcem os trabalhos de construcção do edificio escolar de Celleiroz e que ha bastante tempo estavam suspensos.

Correspondente.

A "Illustração Trasmontana,, em Favaios

Dezembro, 1909.

Em principios do mez corrente teve aqui logar a tradicional festividade a N. S. da Conceição, levada a effeito pelas meninas d'esta terra. Constou de missa cantada, sermão pelo rev. padre Maximino Barreiros, communhão das crianças e procissão. Foi uma festa simples mas cheia de encantos e que nos deixou no espirito uma impressão muito agradavel.

—No dia 14 do corrente passou o primeiro anniversario da interessante creancinha, Arabella, filha extremosa do snr. Reinaldo Nunes, director e proprietario do *Echo do Douro.*

—O nosso amigo snr. dr. Viriato d'Almeida Lima foi passar alguns dias ao Porto.

—Partiu para o Rio de Janeiro o snr. José Ignacio Alves, a quem desejamos boa viagem.

—Passou, no dia 4 do corrente, o anniversario natalicio do nosso estimadissimo amigo snr. Antonio Augusto d'Assumpção, por cujo motivo foi muito cumprimentado, pois conta aqui um grande numero de amigos devotadissimos que sabem fazer justiça ás excellentes qualidades de caracter, por mais d'uma vez comprovadas, d'aquelle nosso presado conterraneo.

Os nossos parabens.

—Esteve aqui, de regresso para a sua casa de Cheires, vindo do Porto, o snr. Anthero de Souza.

Correspondente.

A «Illustração Trasmontana» em Montalegre

Dezembro, 1909.

Os snrs. Antonio José de Carvalho Borges, da Regoa, Teixeira Costa, do Moledo, Manuel Gomes Junior e Frank Gordon, de Gaya, estiveram n'esta villa, dirigindo-se em excursão venatoria para Pitões onde demoraram uns dias, sendo alli bem recebidos pelos caçadores da terra, se bem que estes não gostem de taes excursões que lhe dizimam a caça.

—O tempo aqui está frigidissimo, vendo-se a serra do Gerez coberta de neve.

Correspondente.

—Basta que saia ao snr. seu pae! —disse, inda despeitada, a Anninhas, enrolando com o fio as agulhas da meia.

—Mau! ó minha comadrinha! Mas o que eu não quero é que fique zangada commigo!—rogou o José Bernardo, pondo-se de pé no meio dos outros todos, já levantados. — Fica zangada, minha comadrinha?

—E era bem feito que ficasse — reprehendeu-o a senhora snr.a Aniceta.

—E eu não lhe dançava na boda! —fez o barbeiro dando-se por pago, e acendendo na braza o cigarro brégeiro.

—Olhem agora a grande desgraça! — tornou-lhe com desprezo a Anninhas.—Deixe estar que ninguem o convida! — concluiu ella já a sorrir.

Acendêra a sua luz o velho José Lorna, e todas se davam já as boas noites.

—Agora não se constipe, ó comadre! — recommendou a Maria Lorna.—Como está a nevar, ponha bem o chale p'la cabeça, e cautela com as escadas.

—Não tem duvida, snr.a comadre, muito boa noite; e muito boa noite minhas comadrinhas! Anda lá adeante, André! Esperta, olha não caias, André! Adeus snr. compadre, com bem passem, e muito obrigado por este bocadinho.

— Adeus.

— Adeus.

— Não traga cá a luz, snr. Antonio, a gente já está avezada co'as escaleiras. Muito boa noite todos, muito boa noite! Adeus.

—Adeus, adeus, embrulhem-se!

E como o José Lorna fosse tambem á janella para alumiar, ouviu-se-lhe a voz de bordão, dizendo para o outro que ia descendo:

—E olhe lá isso dos porcos, ó compadre! Sempre quero saber de quem eram os porcos!

—Safa! que ella cae a valer, ó snr. José! — exclamou debaixo da nevada o José Bernardo, — Cerre a janella, cerre a janella, que um catarrhal como quer se apanha! — recommendava elle já do meio da rua, que era á luz das casas um lençol.

—Mas olhe-me lá isso dos porcos, compadre! — teimava ainda o lavrador.—Eu quero saber de quem eram os porcos!

Rangeu a porta do José Bernardo, quasi fronteira; e já encafuado dentro em casa, diz-lhe o barbeiro por uma frincha:

— O' snr. compadre!

Voltou atraz o lavrador.

— Que é?

— Ora sempre lhe quero dizer... que eram meus os raios dos porcos!

— O que?! O' seu alma-do diabo! Que diz você—atacou furioso o José Lorna, atirando os braços a um pau de lodão, em quanto as filhas o seguravam.

— Mas não tem duvida, — tornou-lhe de lá o barbeiro, atirando-lhe uma gargalhada: — *Matam-se!*

FIM.

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00618 7088